

KEN FOLLETT



OS PILARES DA TERRA





OS PILARES
DA
TERRA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KEN
FOLLETT



OS PILARES
DA
TERRA



Título original: *The Pillars of the Earth*

Copyright © 1989 por Ken Follett
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Lucas Bandeira

revisão: Flávia Midori e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Garry Walton/ Meiklejohn

ilustração de miolo: Petra Rohr-Rouendaal

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724p

Follett, Ken

Os pilares da terra [recurso eletrônico]/ Ken Follett; tradução de Fernanda
Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: The Pillars of Earth

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-533-9 (recurso eletrônico)

1. Catedrais – Projetos e construção – Ficção. 2. Grã-Bretanha – História –
Stephen, 1135-1154 – Ficção. 3. Ficção inglesa. 4. Livros eletrônicos. I. Abreu,
Fernanda. II. Título.

16-31101

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Marie-Claire,
a menina dos meus olhos

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO BRASILEIRA

Os pilares da terra foi publicado em 1989 e já vendeu 25 milhões de exemplares. Ainda acho um milagre os leitores ficarem tão fascinados e comovidos por uma história sobre a construção de uma catedral medieval, tema incomum para um romance popular.

Lembro que primeiro fiquei intrigado, depois assombrado e, por fim, um pouco atordoado quando o livro permaneceu na lista de mais vendidos da Alemanha durante um ano inteiro, em seguida dois, e depois seis anos. A primeira editora espanhola o recusou por ser longo demais, mas outra o quis e ele se tornou a obra mais popular de todos os tempos no país. Leitores de mais de trinta idiomas se empolgaram com o livro e o indicaram aos amigos.

Achei que a história pudesse virar uma longa série de TV, mas os produtores queriam ter a opção de fazer algo mais curto, e duas baterias de negociações esbarraram nessa questão. Apareceu então Ridley Scott, que concordou comigo: a série deveria durar oito horas. Ian McShane foi escolhido para o papel do odioso bispo Waleran e um jovem ator chamado Eddie Redmayne, com a carreira em franca ascensão, interpretou Jack. O resultado foi uma série realmente empolgante e cheia de vida, que levou minha história a milhões de pessoas mundo afora.

Foi um grande momento quando peguei o telefone e ouvi uma voz dizer: “Alô, Ken, aqui é a Oprah Winfrey.” Com sua energia e entusiasmo característicos, a apresentadora falou sobre Tom Builder, Aliena e o cruel William Hamleigh como se fossem pessoas que tivesse de fato conhecido, e não personagens de ficção. Um amigo lhe recomendara *Os pilares da terra* e ela gostara tanto que o escolhera para seu clube do livro.

Depois de pensar muito, resolvi escrever uma continuação. *Mundo sem fim* é um romance sobre a Peste Negra que se passa em Kingsbridge duzentos anos após a construção da catedral. Mais uma vez, não tive

certeza de como o livro seria recebido. Mais uma vez, o entusiasmo dos leitores superou minhas expectativas. E agora estou trabalhando em uma terceira obra ambientada na mesma cidade outros duzentos anos à frente.

Já me perguntaram muitas vezes por que *Pilares* teve tamanho impacto. Não existe resposta simples, pois um romance é algo muito complexo. Mas não consigo parar de pensar nas pessoas que construíram as catedrais. Pelos padrões modernos, esses homens e mulheres eram pobres e ignorantes. Viviam em casebres de madeira e dormiam no chão. Mesmo assim, criaram as edificações mais lindas e espantosas que o mundo já conheceu.

Os seres humanos possuem a capacidade de superar as circunstâncias terrenas e tocar a eternidade. É sobre isso que *Os pilares da terra* fala e acho que, no final das contas, talvez por esse motivo o livro tenha tocado tão profundamente o coração de tantos leitores por tantos anos.

KEN FOLLETT
Stevenage, janeiro de 2016

INTRODUÇÃO

Nada acontece do jeito que planejamos.

Muita gente se surpreendeu com *Os pilares da terra*, a começar por mim. Eu era conhecido como autor de suspense. No mercado editorial, quando você publica um sucesso, o caminho mais inteligente a seguir é passar o resto da vida escrevendo o mesmo tipo de coisa uma vez por ano. Palhaços não deveriam tentar interpretar Hamlet; astros da música pop não deveriam compor sinfonias. Eu não deveria ter arriscado minha reputação escrevendo algo atípico e excessivamente ambicioso.

Além do mais, não acredito em Deus. Não sou o que se poderia chamar de uma pessoa espiritual. Segundo meu agente, meu maior problema como escritor é não ter a alma torturada. A última coisa que poderiam esperar de mim era uma história sobre a construção de uma igreja.

Portanto, era improvável que eu escrevesse um livro como *Os pilares*. E, de fato, quase não o escrevi. Comecei, desisti e passei dez anos sem olhar para ele.

Mas o que aconteceu foi o seguinte.

Quando eu era garoto, minha família inteira fazia parte de um grupo puritano chamado Irmãos de Plymouth. Para nós, a igreja era um cômodo simples, com cadeiras enfileiradas ao redor de uma mesa central. Quadros, estátuas e adornos de qualquer tipo eram proibidos. A seita também desaconselhava seus membros a visitarem igrejas rivais. Assim, fui criado em grande parte ignorando os tesouros da arquitetura religiosa europeia.

Comecei a tentar escrever romances aos 20 e poucos anos, enquanto trabalhava como repórter no jornal londrino *Evening News*. Dei-me conta, então, de que nunca tinha me interessado muito pela paisagem urbana ao meu redor e que não dominava o vocabulário necessário para descrever os prédios nos quais meus personagens viviam suas aventuras. Assim, comprei *An Outline of European Architecture* (“Esboço da arquitetura

européia”), de Nikolaus Pevsner. Esse livro me abriu os olhos para os edifícios em geral, especificamente as igrejas. Pevsner escrevia com grande arrebatamento sobre as catedrais góticas. A invenção do arco ogival, afirmava ele, tinha sido um acontecimento histórico raro, no qual a solução de um problema técnico – como construir uma igreja mais alta – havia produzido também uma beleza sublime.

Pouco depois que li o livro de Pevsner, o jornal me despachou para a cidade de Peterborough, na Ânglia Oriental. Já esqueci faz tempo a matéria que estava escrevendo, mas sempre vou saber o que fiz depois de entregá-la. Tive de esperar uma hora até pegar um trem de volta para Londres e lembrei-me das fascinantes e arrebatadas descrições que Pevsner fazia da arquitetura medieval. Então, fui visitar a catedral de Peterborough.

Foi um daqueles momentos reveladores.

A fachada oeste da catedral tem três arcos góticos colossais, que parecem portas feitas para um gigante passar. O interior é mais antigo do que a fachada, com arcos normandos redondos convencionais que formam uma imponente procissão ao longo da nave. Como todas as igrejas grandiosas, é um espaço ao mesmo tempo belo e sereno. Mas não era só isso. Graças ao livro de Pevsner, eu agora fazia alguma ideia do trabalho envolvido naquela construção. Conhecia a história do esforço da humanidade para erguer igrejas cada vez mais altas e mais belas. Entendia o lugar que aquele edifício ocupava na história, na *minha* história.

Fiquei fascinado pela catedral de Peterborough.

Visitar catedrais virou um hobby para mim. De tantos em tantos meses, eu pegava o carro, ia até uma das antigas cidades da Inglaterra, deixava as malas em um hotel e saía para visitar igrejas. Assim conheci Canterbury, Salisbury, Winchester, Gloucester e Lincoln, todas igrejas únicas, todas com uma história intrigante para contar. A maioria das pessoas leva uma hora ou duas para “ver” uma catedral, mas eu gosto de passar uns dois dias fazendo isso.

As próprias pedras revelam a história da construção: interrupções e recomeços, danos e reconstruções, acréscimos em tempos de prosperidade e vitrais em homenagem aos ricos que costumavam pagar as contas. O local em que a igreja está situada conta outra história. A de Lincoln fica bem em frente ao castelo do outro lado da rua, o poder religioso e o militar

frente a frente. A de Winchester tem ruas muito bem ordenadas em um padrão quadriculado, projetadas por um bispo medieval com vocação para o urbanismo. A de Salisbury transferiu-se, no século XIII, de uma posição defensiva no alto de um morro – onde as ruínas da antiga catedral ainda podem ser vistas – para um campo aberto, demonstrando a chegada da paz permanente.

Durante todo esse tempo, entretanto, uma pergunta não parava de me importunar: por que essas igrejas eram construídas?

Existem respostas simples – para glorificar a Deus, por causa da vaidade dos bispos e assim por diante –, mas nenhuma delas foi suficiente para mim. A construção das catedrais medievais é um fenômeno europeu espantoso. Os construtores não tinham máquinas adequadas, não conheciam a matemática do cálculo estrutural e eram pobres: o mais rico dos príncipes não vivia tão bem quanto, digamos, um detento em uma prisão na Inglaterra de hoje. Mesmo assim, eles construíram os edifícios mais lindos já vistos, e o fizeram tão bem que eles continuam lá, centenas de anos depois, para serem estudados e admirados.

Comecei a ler sobre essas igrejas, mas achei a escrita insatisfatória. Havia muito palavrório estético sobre as fachadas, mas pouco sobre a vida das edificações. Foi então que encontrei o livro *The Cathedral Builders* (“Construtores de catedrais”, em tradução livre), de Jean Gimpel. Ovelha negra de uma família de marchands franceses, Gimpel tinha tão pouca paciência quanto eu para saber se um clerestório “funcionava” esteticamente. Seu livro era sobre os miseráveis que viviam em casebres e que de fato ergueram aquelas fabulosas construções. Ele havia estudado os registros das folhas de pagamento dos mosteiros franceses e se interessado por quem eram os construtores e quanto dinheiro ganhavam. Foi o primeiro a perceber, por exemplo, que havia uma minoria significativa de nomes femininos. Apesar de a Igreja medieval ser machista, mulheres também participavam da construção das catedrais, não apenas os homens.

Outra obra de Gimpel, *The Medieval Machine* (“A máquina medieval”), me ensinou que a Idade Média foi uma época de rápida inovação tecnológica, durante a qual a força gerada pelos moinhos d’água foi aproveitada para uma grande variedade de aplicações industriais. Logo comecei a me interessar pela vida medieval de forma geral. Aos poucos fui entendendo como a construção das grandes catedrais deve ter parecido

a coisa certa a fazer para as pessoas daquela época.

A explicação não é simples. É como tentar entender por que os indivíduos do século XX gastaram tanto dinheiro explorando o espaço sideral. Nos dois casos, todo um conjunto de influências estava em jogo: curiosidade científica, interesses comerciais, rivalidades políticas e aspirações espirituais de reles mortais. Pareceu-me haver apenas uma forma de mapear esse conjunto: escrevendo um romance.

Em algum momento de 1976, rascunhei um esboço e uns quatro capítulos. Mandeí-os para meu agente, Al Zuckerman, que respondeu: “Você criou a tapeçaria. Agora precisa de uma série de melodramas interligados.”

Pensando bem, vejo hoje que, aos 27 anos, eu não era capaz de escrever um romance assim. Era como um aprendiz de aquarelista planejando pintar um quadro a óleo de dimensões imensas. Para fazer jus ao tema, o livro teria de ser muito longo, abarcar um período de várias décadas e dar vida à grande diversidade da Europa medieval. As obras que eu escrevia eram bem menos ambiciosas, e mesmo assim eu ainda não havia dominado plenamente o ofício.

Desisti do livro da catedral e tive outra ideia: um suspense sobre um espião alemão na Inglaterra durante a Segunda Guerra. Por sorte, esse projeto estava dentro das minhas capacidades e *O buraco da agulha* se transformou no meu primeiro sucesso de vendas.

Passei a década seguinte escrevendo suspenses, mas segui visitando catedrais, e a ideia do meu livro sobre esse assunto nunca desapareceu. Ressuscitei-a em janeiro de 1986, após terminar meu sexto romance, *Na toca do leão*.

Meus editores ficaram nervosos. Eles queriam outra história de espionagem. Meus amigos também estavam apreensivos. Eles sabem que gosto do sucesso. Não sou o tipo de escritor capaz de lidar com um fracasso dizendo que o livro era bom, mas os leitores, inadequados. Eu escrevo para entreter e sou feliz com isso. Um fracasso me deixaria arrasado. Ninguém tentou me convencer a desistir do projeto, mas várias pessoas expressaram reservas e ansiedade.

Minha intenção, porém, não era escrever um romance “difícil”. Eu criaria uma história de aventura, cheia de personagens cativantes que fossem ambiciosos, maus, sedutores, heroicos e inteligentes. Queria que os

leitores comuns ficassem tão fascinados quanto eu pelo romance das catedrais medievais.

Àquela altura, já havia desenvolvido o método de trabalho que uso até hoje. Começo escrevendo um esboço da história, em que delineio o que acontece em cada capítulo e os traços gerais de cada personagem. Só que esse livro não era como os outros. O início veio fácil, mas, à medida que a trama foi se desdobrando ao longo das décadas e os personagens deixaram de ser jovens para entrar na maturidade, ficou cada vez mais difícil inventar novas reviravoltas e acontecimentos em suas vidas. Percebi que um livro longo é um desafio bem maior do que três curtos.

O herói da história precisava ser algum tipo de homem de Deus. Isso para mim era uma dificuldade. Eu achava complicado – e muitos leitores também achariam – me interessar por um personagem cujo foco fosse a vida eterna. Para aumentar a identificação dos leitores com o prior Philip, dei a ele uma crença religiosa muito prática, pé no chão, e uma preocupação com a alma das pessoas aqui embaixo, não só no céu.

A sexualidade de Philip era outro problema. Na Idade Média, todos os monges e padres teoricamente levavam uma vida celibatária. O conflito óbvio seria o de um homem travando uma terrível batalha contra os próprios desejos, mas não consegui me entusiasmar com esse tema. Cresci nos anos 1960, e meu coração está sempre com aqueles que lidam com a tentação cedendo a ela. No fim das contas, acabei transformando o personagem em uma daquelas raras pessoas para quem o sexo não é tão importante assim. Ele é o único personagem que criei que vive seu celibato com alegria.

Entrei em contato com Jean Gimpel, que havia me inspirado uma década antes, e descobri com assombro que ele não apenas morava em Londres, como ainda por cima na minha rua. Contratei-o como consultor e viramos amigos e adversários no pingue-pongue até ele morrer.

Em março do ano seguinte, 1987, eu havia esboçado apenas os primeiros dois terços do livro. Decidi que isso teria de bastar. Comecei a escrever.

Em dezembro, tinha umas duzentas páginas.

Foi um desastre completo. Eu estava trabalhando no romance havia dois anos e tudo o que tinha era um esboço incompleto e uns poucos capítulos. Não podia passar o resto da vida naquele livro. Mas o que eu

poderia fazer? Bem, poderia largá-lo e inventar outro thriller. Ou poderia trabalhar com mais afinco. Na época, eu costumava escrever de segunda a sexta, e no sábado de manhã cuidava da minha correspondência profissional. Mais ou menos a partir de janeiro de 1988, comecei a escrever de segunda a sábado e a cuidar das cartas no domingo. Minha produção aumentou de forma vertiginosa, em parte devido ao dia extra, mas principalmente por causa da energia que eu agora dedicava ao trabalho. O problema do desfecho do livro, que eu ainda não havia esboçado, resolveu-se em um lampejo de inspiração quando tive a ideia de envolver os principais personagens no célebre assassinato verídico de Tomás Becket.

Pelo que me lembro, terminei uma primeira versão mais ou menos na metade daquele ano. Um misto de animação e impaciência me levou a trabalhar mais duro ainda na segunda versão, e passei a escrever sete dias por semana. Minha correspondência ficou de lado, mas terminei o livro em março de 1989, três anos e três meses depois de começar.

Embora exausto, estava feliz. Tinha a sensação de ter escrito algo especial, não apenas mais um best-seller, mas quem sabe um grande romance popular.

Poucas pessoas acreditaram nisso.

A editora americana que publicou a edição de capa dura, William Morrow & Co., rodou quase a mesma quantidade de exemplares de *Na toca do leão*, e ficou satisfeita quando atingiu o mesmo número de vendas. Já minha editora londrina se mostrou bem mais animada, e *Os pilares da terra* vendeu melhor do que qualquer outro título anterior meu publicado na casa. A reação inicial entre os editores mundo afora, porém, foi um suspiro de alívio por Follett ter concluído seu projeto maluco e conseguido se dar bem. O livro não ganhou nenhum prêmio; não foi sequer indicado. Alguns críticos adoraram, mas a maioria não se entusiasmou. Ele chegou ao primeiro lugar na lista dos mais vendidos da Itália, onde os leitores sempre se mostraram dedicados comigo. A edição em brochura passou uma semana no topo da lista inglesa.

Comecei a pensar que tinha me enganado. Talvez o livro fosse só mais um romance de leitura fácil, nada de mais.

Uma pessoa, porém, acreditou apaixonadamente que a obra era especial. Meu editor alemão, Walter Fritzsche, da Gustav Luebbe Verlag,

vinha sonhando havia tempos em publicar um romance sobre a construção de uma catedral. Chegara a mencionar a ideia a alguns de seus autores, mas não dera em nada. De modo que ficou muito animado com o que eu estava escrevendo e, quando o manuscrito chegou, sentiu que suas esperanças tinham se concretizado.

Até então, meus trabalhos só haviam alcançado um sucesso modesto na Alemanha. (Como os vilões dos meus livros muitas vezes eram alemães, eu nem podia reclamar.) Fritzsche ficou tão animado que pensou que *Os pilares* talvez pudesse ser um divisor de águas, um livro que me transformaria no autor mais popular do país.

Nem eu acreditei.

Mas ele estava certo.

A Luebbe publicou o livro de forma brilhante. Contratou um jovem artista chamado Achim Kiel para fazer a capa, mas ele insistiu em diagramar a obra toda, tratando-a como um objeto de arte, e a Luebbe teve a coragem de abraçar a ideia. Apesar de caro, o artista conseguiu comunicar aos compradores a sensação que Fritzsche tivera, de que aquele livro tinha algo de especial. (Kiel seria responsável por todas as minhas edições alemãs durante muitos anos, criando um visual que a Luebbe usaria repetidamente.)

O primeiro indício que tive de que os *leitores* viam o livro como algo especial foi quando a editora fez um anúncio para comemorar 100 mil exemplares vendidos. Eu nunca tinha vendido tantos livros de capa dura assim em nenhum outro país fora dos Estados Unidos (que têm uma população três vezes maior do que a da Alemanha).

Alguns anos depois, após ter feito cerca de oitenta aparições na lista de mais vendidos da Alemanha, *Os pilares* começou a entrar nas listas dos long-sellers, livros de venda contínua. O tempo passou e ele acabou ficando. (Até hoje, apareceu em listas semanais mais de trezentas vezes.)

Um dia, eu estava verificando a prestação de contas da New American Library, que publica minha edição em brochura nos Estados Unidos. Essas prestações são cuidadosamente pensadas para impedir que o autor saiba o que de fato está acontecendo com seu livro, mas, após décadas de insistência, eu aprendi a interpretá-las. E reparei que *Os pilares* vendia cerca de 50 mil exemplares a cada seis meses. Em comparação, *O buraco da agulha* vendia por volta de 25 mil, assim como a maioria dos meus

outros livros.

Verifiquei as vendas inglesas e constatei o mesmo padrão: *Os pilares* vendia mais ou menos o dobro.

Comecei a perceber que *Os pilares da terra* era mais citado nas cartas dos meus fãs do que qualquer outro título meu. Nos eventos de autógrafos em livrarias, um número cada vez maior de leitores me dizia que o livro era seu romance preferido. Muita gente me pedia para escrever uma continuação. Algumas pessoas contavam que era o melhor que já haviam lido, elogio que eu jamais tinha recebido por outro trabalho. Uma agência de viagens britânica me procurou propondo criar um pacote “Pilares da Terra”. Pelo visto, o livro estava começando a virar cult.

Levei algum tempo para entender o que estava acontecendo. *Os pilares da terra* era um livro de boca a boca. Um dos truísmos do mercado editorial reza que a melhor propaganda é do tipo que não se compra: a indicação pessoal de um leitor a outro. Era isso que acontecia com *Os pilares*. O responsável é você, caro leitor. Editores, agentes, críticos e o júri de prêmios literários de modo geral não prestaram atenção neste livro, mas *você* prestou. Você percebeu que ele era diferente, especial, falou dele com seus amigos e a notícia acabou se espalhando.

E assim aconteceu. Este parecia o livro errado, eu parecia o autor errado, e quase não cheguei ao fim. Mas é meu melhor livro, e você soube dar a ele o devido valor.

Por isso sou grato a você. Obrigado.

KEN FOLLETT
Stevenage, Hertfordshire, janeiro de 1999

Na noite de 25 de novembro de 1120, o *Navio Branco* zarpou rumo à Inglaterra e naufragou próximo a Barfleur com todos os passageiros a bordo, exceto um. [...] A embarcação, equipada com os mais avançados aparatos conhecidos pelos construtores navais da época, era o que havia de mais moderno em matéria de transporte marítimo. [...] O naufrágio deve sua fama ao grande número de pessoas notáveis embarcadas: além do filho e herdeiro do rei, viajavam no navio dois bastardos reais, vários condes e barões, além de boa parte do séquito da família real. [...] Foi historicamente relevante por ter privado Henrique de um herdeiro direto. [...] Seu resultado final foi a disputa pela sucessão e o período de anarquia que se seguiram à morte de Henrique.

A. L. Poole,
From Domesday Book to Magna Carta
("Do censo à Magna Carta", em tradução livre)

PRÓLOGO

1123

Os garotos chegaram cedo ao enforcamento.

Ainda estava escuro quando os primeiros três ou quatro saíram sorrateiramente dos casebres, calçados com suas botas de feltro, silenciosos como gatos. Uma fina camada de neve recente cobria a pequena cidade como uma demão de tinta fresca e as pegadas dos meninos foram as primeiras a marcar a superfície imaculada. Eles se esgueiraram por entre as choupanas de madeira amontoadas e pelas ruas de lama congelada até a praça do mercado deserta, onde havia sido montado o patíbulo.

Os meninos desprezavam tudo o que os mais velhos valorizavam. Desdenhavam a beleza, zombavam da bondade. Riam como hienas quando viam um aleijado e, ao se deparar com um animal ferido, matavam-no a pedradas. Gabavam-se dos ferimentos sofridos e ostentavam orgulhosos as cicatrizes, reservando uma admiração toda especial para a mutilação: um garoto a quem faltasse um dedo podia virar seu rei. Eles amavam a violência. Eram capazes de correr quilômetros para assistir a algum derramamento de sangue, e nunca perdiam um enforcamento.

Um deles urinou na base do patíbulo. Outro subiu no tablado, levou as mãos ao pescoço e deixou o corpo cair, fazendo uma careta num horrendo simulacro de estrangulamento; os outros aprovaram com gritos animados, e dois cães entraram na praça correndo e latindo. Um menino bem pequeno pôs-se a comer uma maçã, despreocupado, e um dos mais velhos lhe deu um soco no nariz e pegou a fruta. O menor aliviou a frustração atirando uma pedra afiada em um dos cachorros, que voltou para casa ganindo. Depois disso não houve mais nada a fazer, de modo que todos se agacharam na calçada seca sob o pórtico da grande igreja para esperar algo acontecer.

A luz das velas tremeluziu detrás das venezianas nas sólidas casas de

madeira e pedra ao redor da praça, lares de artesãos e comerciantes prósperos; eram as criadas de cozinha e os jovens aprendizes acendendo lareiras, esquentando água e preparando mingau. O céu passou de negro a cinza. Envolto em pesadas capas de lã grosseira, os moradores da cidade começaram a emergir de suas portas baixas e descer, tremendo de frio, até o rio para buscar água.

Dali a pouco, um grupo de rapazes – cavaleiros, agricultores, aprendizes – entrou confiante na praça do mercado. Com tapões e chutes, expulsaram os meninos do pórtico da igreja, recostaram-se nos arcos de pedra talhada e lá ficaram, se coçando, cuspiendo no chão e discorrendo com uma segurança ensaiada sobre a morte por enforcamento. Se ele tiver sorte, falou um, o pescoço vai se partir logo na queda, uma morte rápida e indolor; caso contrário, ficará lá pendurado, cada vez mais vermelho, com a boca abrindo e fechando feito um peixe fora d'água, até ele morrer sufocado. Outro disse que morrer daquele jeito podia levar o tempo que se leva para percorrer 2 quilômetros a pé. Um terceiro afirmou que poderia ser pior ainda e que já tinha visto um homem cujo pescoço, ao morrer, ficara com mais de um palmo de comprimento.

As velhas formaram outro grupo do lado oposto da praça, o mais longe possível dos jovens, bem capazes de gritar vulgaridades para suas avós. Acordavam sempre cedo, as velhas, apesar de já não terem bebês nem crianças com quem se preocupar, e eram as primeiras a acender o fogo e varrer a casa. Sua líder incontestada, a musculosa viúva Brewster, veio se juntar às outras, rolando um barril de cerveja com a mesma facilidade com que uma criança rola um arco. Antes mesmo de ela retirar a tampa, uma pequena multidão de clientes já havia começado uma fila com suas jarras e baldes.

O ajudante do representante do rei no condado abriu o portão principal para deixar entrar os camponeses que moravam nas áreas mais afastadas, nas casinhas de meia-água construídas junto aos muros da cidade. Alguns traziam ovos, leite e manteiga fresca para vender, outros vinham comprar cerveja ou pão, e outros apenas ficaram parados na praça à espera do enforcamento.

De vez em quando, as pessoas esticavam a cabeça feito pardais assustados e erguiam os olhos para o castelo no alto do morro, acima da cidade. Viam a fumaça que saía continuamente pela chaminé da cozinha e

o brilho ocasional de uma tocha acesa atrás das seteiras da fortaleza de pedra. Então, mais ou menos na hora em que o sol começou a surgir por trás da espessa nuvem cinza, as imensas portas de madeira se abriram e um pequeno grupo saiu do portão fortificado. O representante do rei no condado vinha na frente, montado em um belo corcel negro, e atrás dele uma carroça puxada por um boi de carga transportava o prisioneiro amarrado. Atrás da carroça vinham três homens e, embora daquela distância não se pudesse distinguir seus rostos, as roupas revelavam que eram um cavaleiro, um padre e um monge. Dois homens de armas fechavam a procissão.

Na véspera, todos haviam participado do tribunal que se reunira na nave da igreja. O padre surpreendera o ladrão em flagrante; o monge identificara o cálice, que pertencia ao mosteiro; o cavaleiro a quem o ladrão devia obediência o identificara como fugitivo e o representante do rei o condenara à morte.

Enquanto eles desciam o morro bem devagar, o resto da cidade se reuniu em volta do patíbulo. Entre os últimos a chegar estavam os cidadãos mais importantes: o açougueiro, o padeiro, dois curtidores de couro, dois ferreiros, o couteleiro e o flecheiro, todos com as respectivas esposas.

A multidão estava com um humor estranho. Em geral, as pessoas gostavam de assistir a enforcamentos. O prisioneiro na maioria das vezes era um ladrão, e elas odiavam ladrões com a mesma paixão daqueles que suavam para conseguir seus bens. Mas aquele ladrão era diferente. Ninguém sabia quem era nem de onde surgira. Ele não havia roubado nenhum dos presentes, mas sim um mosteiro a mais de 30 quilômetros dali. E havia roubado um cálice cravejado de pedras preciosas, algo tão valioso que seria praticamente impossível de vender; não era como roubar um presunto, uma faca nova ou um cinto de boa qualidade, cuja perda traria prejuízo a alguém. Nenhuma daquelas pessoas conseguia odiar o homem por um crime tão inútil. Quando o prisioneiro entrou na praça, ouviram-se alguns gritos e assobios, mas as ofensas saíam sem convicção, e só os garotos zombaram dele com algum entusiasmo.

A maioria dos moradores da cidade não havia assistido ao julgamento, pois o tribunal não se reunia nos feriados, e eles precisavam ganhar a vida. Viam, portanto, o prisioneiro pela primeira vez. Era um homem bem

jovem, entre 20 e 30 anos, de estatura e corpo medianos, mas tinha uma aparência estranha. Sua pele era branca como a neve que cobria os telhados, os olhos protuberantes tinham um tom verde surpreendentemente vivo e os cabelos eram da cor de uma cenoura. As criadas o acharam feio; as velhas sentiram dó; e os meninos rolaram de tanto rir.

O representante do rei no condado era uma figura familiar, mas os três outros homens que selaram o destino do ladrão eram desconhecidos. O cavaleiro, corpulento e de cabelos louros, era evidentemente uma pessoa de alguma importância, pois montava um cavalo de combate, animal gigantesco que custava o que um carpinteiro conseguia ganhar em dez anos de trabalho. O monge era bem mais velho, aparentava uns 50 anos ou mais, alto, magro, encurvado na sela como se a vida fosse um fardo cansativo de carregar. Dos três, o padre era a figura mais espantosa: jovem, de nariz fino e cabelos pretos longos e lisos, trajava vestes negras e montava um alazão. Tinha um ar alerta e perigoso, como o de um gato negro capaz de farejar um ninho cheio de filhotes de camundongo.

Um garotinho mirou com cuidado e cuspiu no prisioneiro. A pontaria foi boa e o cuspe acertou bem no meio dos olhos dele. O homem rosnou um xingamento e se esticou na direção do menino, mas foi contido pelas cordas que o prendiam às laterais da carroça. O incidente não tinha nada de especial, mas chamou atenção porque o prisioneiro falara em francês normando, a língua dos senhores. Então ele era de origem nobre? Ou será que estava apenas muito longe de casa? Ninguém sabia.

A carroça parou junto ao patíbulo. O ajudante do representante do rei no condado subiu na caçamba com a força na mão. O prisioneiro se debatia, tentando se soltar. Os meninos se animaram; teriam ficado desapontados se o homem houvesse permanecido calmo. Os movimentos do rapaz eram limitados pelas cordas que prendiam seus pulsos e tornozelos, mas ele jogou a cabeça de um lado para outro, tentando se esquivar da força. Após alguns instantes, o ajudante, um homem imenso, deu um passo para trás e desferiu um soco na barriga do prisioneiro. Quando o rapaz dobrou o corpo para a frente, sem ar, o ajudante passou a corda pela sua cabeça e apertou o nó. Então pulou da caçamba e puxou a corda até deixá-la tesa, amarrando a outra ponta a um anel na base do patíbulo.

Aquele era o instante decisivo. Se o prisioneiro se debatesse agora,

tudo o que conseguiria seria antecipar sua morte.

Os soldados desamarraram suas pernas e deixaram-no em pé sozinho na carroça, com as mãos amarradas nas costas. Um silêncio tomou a multidão.

Nessa hora, era comum haver alguma perturbação: a mãe do prisioneiro tinha um ataque de choro, ou então sua mulher sacava uma faca e invadia o tablado numa tentativa de resgatá-lo na última hora. Às vezes o prisioneiro invocava Deus e pedia perdão ou fazia chover sobre seus carrascos maldições apavorantes. Os soldados então se posicionaram dos lados do patíbulo, prontos para lidar com qualquer incidente.

Foi nessa hora que o prisioneiro começou a cantar.

Tinha uma voz de tenor, aguda e muito clara. As palavras eram em francês, mas mesmo quem não compreendia o idioma entendeu, pela melodia plangente, que aquela era uma canção de tristeza e perda.

*Presa na rede de um caçador,
cantou como nunca a cotovia,
como se para apartar asa e rede
bastasse entoar a sua melodia.*

Enquanto cantava, ele encarava alguém na multidão. Aos poucos, um espaço se abriu em volta da pessoa e todos puderam vê-la.

Era uma moça de seus 15 anos. Ao olharem para ela, os moradores se perguntaram por que não a haviam notado antes. Os cabelos castanho-escuros, compridos e fartos, desciam em forma de ponta na testa, formando um bico-de-viúva. Os traços de seu rosto eram simétricos, arrematados por uma boca sensual, de lábios carnudos. As velhas repararam na cintura grossa e nos seios pesados, concluíram que ela estava grávida e supuseram que o prisioneiro fosse o pai da criança. Mas todos os demais repararam apenas em seus olhos. A moça até era bonita, mas tinha uns olhos fundos, intensos, de um tom de dourado tão surpreendente, tão luminoso e penetrante que, apenas de olhar nos olhos, parecia poder ver o que ia dentro do coração de qualquer pessoa, e a multidão desviou os olhos com medo de ela descobrir seus segredos. Estava em andrajos e lágrimas escorriam por suas faces macias.

O condutor da carroça olhou para o ajudante do representante do rei com uma expressão de expectativa. Este olhou para seu superior à espera de autorização. O jovem padre de ar sinistro, impaciente, cutucou levemente o representante do rei, que não tomou conhecimento. Deixou o ladrão seguir cantando. Uma pausa terrível se fez enquanto a bela voz do homem feio impedia a chegada da morte.

*Ao cair do dia o caçador buscou a presa,
e a cotovia perdeu a liberdade.
Todos os pássaros, todos os homens morrem,
Mas canções duram a eternidade.*

Quando a canção terminou, o representante do rei ergueu os olhos para o ajudante e balançou a cabeça. O homem gritou “Eia!” e chicoteou o flanco do boi com uma corda. Ao mesmo tempo, o condutor da carroça estalou seu açoite. O boi avançou, o prisioneiro em pé na caçamba se desequilibrou, o boi puxou a carroça e o homem foi solto no ar. A corda se retesou e o pescoço do ladrão se partiu com um estalo.

Ouviu-se um grito e todos olharam para a moça.

Não fora ela quem gritara, mas sim a mulher do cuteleiro que estava ao seu lado. No entanto, a causa do grito era de fato a moça. Ela havia caído de joelhos em frente ao patíbulo com os braços esticados em frente ao corpo, na postura de quem lança uma maldição. Assustadas, as pessoas se afastaram; todos sabiam que as maldições daqueles que haviam sido injustiçados eram particularmente eficazes, e todos desconfiavam de que havia algo errado naquela execução. Os garotos estavam apavorados.

A moça voltou seus hipnóticos olhos dourados para os três desconhecidos, o cavaleiro, o monge e o padre, então lançou sua maldição, fazendo ecoar em voz ressonante as terríveis palavras:

– Eu amaldiçoo vocês com doença e tristeza, com fome e dor; que sua casa seja consumida pelo fogo e que seus filhos morram na forca; que seus inimigos prosperem e que vocês envelheçam em meio à tristeza e ao arrependimento e morram na sujeira e na agonia...

Ao pronunciar as últimas palavras, a moça estendeu a mão para um saco pousado no chão ao seu lado e de lá tirou um galo vivo. Uma faca

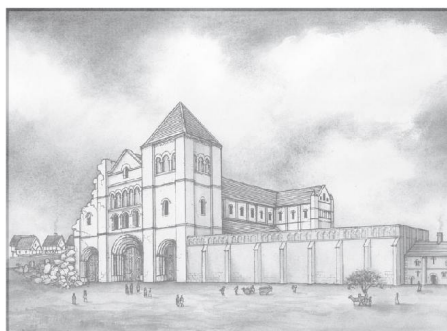
apareceu na sua mão, surgida do nada, e com um gesto certo ela decepou a cabeça do animal.

Enquanto o sangue ainda jorrava do pescoço cortado, ela atirou a ave decapitada em cima do padre de cabelos negros. Não foi longe o suficiente, mas o sangue esguichou em cima dele, respingando em cima do monge e do cavaleiro ao seu lado. Os três se encolheram de repulsa, mas o sangue os alcançara, salpicando seus rostos e manchando suas roupas.

A moça se virou e saiu correndo.

A multidão se abriu diante dela e se fechou após sua passagem. Durante alguns segundos, fez-se um pandemônio. Por fim, o representante do rei atraiu a atenção de seus soldados e, com raiva, ordenou que a perseguissem. Os dois começaram a abrir caminho pela multidão, empurrando violentamente homens, mulheres e crianças, mas a moça desapareceu num piscar de olhos. O representante do rei iria procurá-la, mas sabia que não a encontraria.

Ele virou as costas, enojado. O cavaleiro, o monge e o padre não tinham assistido à fuga da moça. Continuavam com os olhos pregados no patíbulo. O representante do rei acompanhou seu olhar. O ladrão morto estava pendurado na ponta da corda, com o rosto branco e jovem já começando a azular, enquanto, debaixo do cadáver, cujo corpo balançava levemente, o galo, sem cabeça mas ainda com um resquício de vida, corria em círculos irregulares sobre a neve manchada de sangue.



PARTE I
1135-1136

CAPÍTULO 1

I

Em um amplo vale no sopé de uma encosta suave, junto a um regato de águas límpidas e borbulhantes, Tom estava construindo uma casa.

As paredes já tinham um metro de altura e subiam depressa. Os dois pedreiros que ele havia contratado trabalhavam debaixo do sol em ritmo constante, e suas colheres de pedreiro raspavam, faziam *shlap* e em seguida *tac tac*, enquanto o servente suava sob o peso dos grandes blocos de pedra. Alfred, filho de Tom, misturava a argamassa e contava em voz alta enquanto despejava areia sobre uma tábua. Além deles, um carpinteiro trabalhava na bancada ao lado de Tom, desbastando com cuidado um pedaço de faia com uma enxó.

Alfred tinha 14 anos e era alto como o pai. Tom passava da cabeça da maioria dos homens e seu filho era só alguns centímetros mais baixo, e ainda não havia parado de crescer. De resto, também eram parecidos: ambos tinham cabelos castanho-claros e olhos esverdeados salpicados de pontinhos castanhos. As pessoas diziam que formavam uma bela dupla. A principal diferença era que Tom tinha uma barba castanha encaracolada, enquanto em Alfred apenas uma penugem loura ocupava o rosto. Os cabelos do menino haviam sido dessa mesma cor, lembrou Tom com afeto. Agora que ele estava virando homem, Tom gostaria que ele se interessasse mais pelo trabalho, pois tinha muito a aprender caso quisesse virar pedreiro como ele; até agora, porém, os princípios da construção só provocavam em Alfred tédio e incompreensão.

Quando a casa ficasse pronta, seria a residência mais luxuosa num raio de muitos quilômetros. O térreo seria um espaçoso depósito, com o teto abobadado para impedir incêndios. O salão, onde as pessoas de fato morariam, ficaria no primeiro andar, acessível por uma escada externa,

alto o bastante para dificultar os ataques e facilitar a defesa. Contra a parede do salão haveria uma chaminé para escoar a fumaça da lareira. Isso era uma inovação radical: Tom só tinha visto uma única casa com chaminé, mas a ideia lhe parecera tão boa que decidira copiá-la. Em uma das extremidades da casa, acima do salão, ficaria um pequeno quarto de dormir, pois era isso que as filhas de nobres andavam exigindo ultimamente; elas eram finas demais para dormir no salão junto com os homens, as criadas e os cães de caça. A cozinha seria uma estrutura separada, pois mais cedo ou mais tarde ela pegava fogo e não havia outro remédio a não ser construí-la longe de todo o resto e se contentar com a comida morna.

Tom trabalhava agora na porta da casa. As vigas seriam arredondadas para parecerem colunas, um toque de elegância para os recém-casados de alta estirpe que viveriam ali. Com o olho pregado na maquete que lhe servia de guia, posicionou o cinzel de ferro em ângulo oblíquo sobre a pedra e bateu nele de leve com o grande martelo de madeira. Uma pequena chuva de fragmentos se desprende da superfície, deixando a pedra um pouco mais arredondada. Ele repetiu o gesto. A pedra ficou lisa como a de uma catedral.

Tom já havia trabalhado em uma catedral. Exeter. No início, tratara o serviço como outro qualquer. Ficara bravo e ressentido quando o mestre construtor o alertou que seu trabalho não estava à altura dos padrões exigidos, pois sabia que era mais cuidadoso do que a média dos pedreiros. Mas então percebeu que as paredes de uma catedral não precisavam ser apenas boas: tinham de ser *perfeitas*. Isso porque a catedral era construída para Deus, e também porque a estrutura era tão *grande* que a mais leve inclinação nas paredes, a mais ínfima variação naquilo que deveria ser reto e nivelado, poderia enfraquecer fatalmente o conjunto. O ressentimento de Tom havia se transformado em fascínio. A combinação de uma edificação muito ambiciosa com a atenção implacável a cada mínimo detalhe lhe abriu os olhos para o caráter assombroso do seu ofício. Com o mestre construtor de Exeter, ele aprendeu a importância da proporção, a simbologia de diferentes números e as fórmulas quase mágicas para determinar a espessura correta de uma parede ou o ângulo de um degrau em uma escada em espiral. Tudo isso o deixava fascinado, e ele se espantou ao descobrir que muitos pedreiros as consideravam

incompreensíveis.

Depois de algum tempo, Tom havia se tornado o braço direito do mestre construtor, e então começou a perceber as falhas do chefe. Ele era um grande artífice, mas um organizador incompetente. Era completamente incapaz de solucionar problemas, como fornecer a quantidade certa de pedra para o trabalho dos pedreiros, cuidar de que o ferreiro fabricasse o suficiente das ferramentas certas, queimar a cal e providenciar areia para a argamassa, derrubar árvores para os carpinteiros ou conseguir dinheiro com o capítulo da catedral para pagar por tudo isso.

Se Tom tivesse ficado em Exeter até o mestre construtor morrer, poderia ter ocupado seu lugar; mas o dinheiro da igreja acabou, em parte devido à má administração do próprio chefe, e os trabalhadores tiveram de procurar emprego em outro lugar. Tom recebeu uma proposta para ser o construtor do castelão de Exeter e fazer reparos e melhorias nas fortificações da cidade. A não ser em caso de acidente, teria sido um emprego para a vida toda. Mas Tom havia recusado: queria construir outra catedral.

Agnes, sua esposa, nunca entendeu essa decisão. Eles poderiam ter tido uma casa boa, de pedra, com criados, seus próprios estábulos e carne na mesa todo dia no almoço. Ela nunca havia perdoado o marido por recusar a oportunidade. A mulher não conseguia entender a atração irresistível por construir uma catedral: a fascinante complexidade da organização, o desafio intelectual dos cálculos, o tamanho espantoso das paredes, a beleza e a grandiosidade estonteantes da obra concluída. Depois de provar desse vinho, Tom não conseguia se satisfazer com mais nada.

Isso já fazia dez anos. Desde então, eles nunca paravam por muito tempo no mesmo lugar. Ele projetava um novo cabido para um mosteiro, passava um ou dois anos trabalhando em algum castelo ou construía uma casa na cidade para um comerciante rico. Assim que conseguia juntar algum dinheiro, porém, ia embora, com a mulher e os filhos, e pegava a estrada em busca de outra catedral.

Tom ergueu os olhos da bancada em que trabalhava e viu Agnes em pé na borda do canteiro de obras, com um cesto de comida em uma das mãos e uma grande jarra de cerveja apoiada no quadril. Era meio-dia. Ele a encarou com afeto. Não se podia dizer que ela era bonita, mas seu rosto tinha traços fortes: testa larga, grandes olhos castanhos, nariz reto, maxilar

marcado. Os cabelos escuros e crespos estavam repartidos no meio e presos atrás da cabeça. Agnes era a alma gêmea de Tom.

Ela serviu cerveja para o marido e o filho. Ficaram os três parados por algum tempo, os dois homens altos e a mulher forte, bebendo cerveja em canecas de madeira. Então o quarto membro da família saiu saltitando do campo de trigo: Martha, 7 anos, linda como um narciso, mas um narciso ao qual faltava uma pétala, pois no lugar em que dois dentes de leite haviam caído ainda não tinham brotado os definitivos. Ela correu até o pai, beijou sua barba empoeirada e pediu um gole da cerveja. Ele abraçou o corpinho ossudo.

– Não beba demais, senão você acaba caindo dentro de uma vala – disse ele.

A menina cambaleou em círculos, fingindo estar embriagada.

Sentaram-se todos sobre a pilha de lenha. Agnes passou para Tom um pedaço de pão, uma grossa fatia de toucinho fervido e uma cebola pequena. Ele mordeu um naco de carne e começou a descascar a cebola. A mãe então serviu os filhos e começou ela própria a comer. Talvez tenha sido uma irresponsabilidade, pensou Tom, recusar aquele trabalho sem graça em Exeter e sair à procura de uma catedral para construir. Mas, apesar da imprudência, sempre tinha conseguido alimentar todos eles.

Ele pegou a faca no bolso da frente do avental de couro, cortou uma rodela de cebola e a mastigou junto com um pedaço de pão. A cebola tinha um gosto doce e ardido.

– Estou esperando outro filho – falou Agnes.

Tom parou de mastigar e a encarou. Um arrepio de alegria percorreu seu corpo. Sem saber o que dizer, ele simplesmente abriu um sorriso bobo. Após alguns instantes, ela corou e comentou:

– Não chega a ser *tão* surpreendente assim.

Tom a abraçou.

– Ora, ora – disse, ainda sorrindo de prazer. – Um bebezinho para puxar minha barba. E eu pensando que o próximo seria de Alfred.

– Não fique tão feliz ainda – alertou Agnes. – Dá azar ficar falando da criança antes de ela nascer.

Tom assentiu. Agnes já tivera vários abortos espontâneos e um filho natimorto, além de outra menininha, Matilda, que só vivera dois anos.

– Mas eu gostaria que fosse menino – observou ele. – Agora que

Alfred está tão grande... Para quando é?

– Depois do Natal.

Tom começou a fazer contas. A estrutura da casa já estaria concluída quando viesse a primeira neve, então a alvenaria teria de ser coberta com palha durante o inverno. Os pedreiros passariam os meses de frio talhando pedras para janelas, abóbadas, batentes e a lareira, enquanto o carpinteiro fabricaria as tábuas do assoalho, das portas e das venezianas e Tom construiria os andaimes para o trabalho nos pisos superiores. Na primavera, eles fariam a abóbada do depósito, colocariam o piso no salão sobre o térreo e instalariam o telhado. O trabalho garantiria comida para a família até o Pentecostes, e àquela altura o bebê já contaria 6 meses. Então eles iriam embora.

– Muito bom – falou, satisfeito. – Muito bom mesmo.

E comeu outra rodela de cebola.

– Já passei da idade de ter filhos – falou Agnes. – Esse precisa ser o último.

Tom pensou no assunto. Não sabia ao certo quantos anos a mulher tinha, mas muitas eram mães na sua idade. No entanto, era verdade que sofriam mais conforme ficavam mais velhas e os bebês não nasciam tão fortes. Ela sem dúvida tinha razão. Mas como ela poderia saber que não engravidaria de novo?, perguntou-se ele. Então entendeu como, e uma nuvem escureceu sua felicidade.

– Talvez eu consiga um bom trabalho, em uma cidade – disse, tentando fazê-la amolecer. – Uma catedral ou, quem sabe, um palácio. Então podemos ter uma casa grande, com piso de madeira e uma empregada para ajudar você com o neném.

O semblante dela endureceu, e ela falou com ceticismo:

– Pode ser.

Agnes não gostava daquela conversa sobre catedrais. Se Tom nunca tivesse trabalhado em uma catedral, podia-se ler em sua expressão, ela talvez estivesse agora morando em uma casa na cidade, com dinheiro guardado e enterrado debaixo da lareira, sem nada com que se preocupar.

Tom olhou para o outro lado e mordeu mais um naco de toucinho. Embora tivessem motivo para comemorar, os dois não estavam em harmonia. Ele se sentiu abandonado. Passou algum tempo mastigando a carne dura, então escutou um cavalo. Inclinou a cabeça para ouvir melhor.

O cavaleiro estava vindo da estrada e havia pegado um atalho pelo meio das árvores para evitar o povoado.

Instantes depois, um rapaz montado em um pônei chegou trotando e apeou. Parecia ser um escudeiro, uma espécie de aprendiz de cavaleiro.

– Seu patrão está chegando – informou.

Tom se levantou.

– Lorde Percy, você quer dizer?

Percy Hamleigh era um dos homens mais importantes da região. Era dono daquele vale e de muitos outros, e estava pagando pela casa.

– O filho dele – respondeu o escudeiro.

– O jovem William.

Filho de Percy, era William quem ocuparia a casa depois de se casar. Estava noivo de lady Aliena, filha do conde de Shiring.

– Ele mesmo – respondeu o rapaz. – E está uma fera.

Tom ficou desanimado. Mesmo nas melhores circunstâncias, podia ser difícil lidar com o dono de uma casa em obras. Lidar com um dono furioso era impossível.

– Por quê?

– A noiva o abandonou.

– A filha do conde? – estranhou Tom. Sentiu uma pontada de medo. Havia pouco pensava justamente em como seu futuro estava seguro. – Achei que estivesse tudo certo.

– Todo mundo achava que sim... menos lady Aliena, pelo visto – continuou o rapaz. – No instante em que o conheceu, ela disse que não iria se casar com ele nem por todo o ouro deste mundo.

Tom franziu o cenho, preocupado. Queria que aquilo fosse mentira.

– Mas que eu me lembre o rapaz não é feio.

– Como se para ela isso fizesse alguma diferença – comentou Agnes. – Se as filhas de conde pudessem se casar com quem lhes desse na telha, nós seríamos governados por bardos vagabundos e fora da lei de olhos escuros.

– Quem sabe a moça ainda muda de ideia – falou Tom, com esperança.

– Se a mãe lhe der uma boa surra, vai mudar – rebateu Agnes.

– A mãe dela morreu – disse o escudeiro.

Agnes balançou a cabeça.

– Então está explicado por que ela desconhece os fatos da vida. Não entendo por que o pai não pode obrigá-la.

– Parece que ele prometeu à filha jamais casá-la com alguém que ela odiasse – esclareceu o rapaz.

– Que promessa mais boba! – exclamou Tom, zangado.

Como um homem poderoso podia se prender dessa forma aos caprichos de uma menina? O casamento dela poderia afetar alianças militares, as finanças da nobreza... até mesmo a construção daquela casa.

– Ela tem um irmão, então não é tão importante com quem vai se casar – prosseguiu o escudeiro.

– Mesmo assim...

– E o conde é um homem irredutível – continuou o rapaz. – Não vai voltar atrás na promessa feita, mesmo que tenha sido feita para uma criança. – Ele deu de ombros. – Pelo menos é o que dizem.

Tom olhou para as paredes baixas de pedra da futura casa. Percebeu, com um calafrio, que não havia guardado dinheiro suficiente para sustentar a família durante o inverno.

– Talvez o rapaz arrume outra noiva para vir morar aqui com ele. Ele tem o condado inteiro para escolher.

Com sua voz esganiçada, Alfred exclamou:

– Por Cristo, acho que lá vem ele!

Os outros olharam na mesma direção, para além do campo. Um cavalo galopava pela trilha que vinha do povoado, levantando uma nuvem de poeira e pedaços de terra. Alfred havia ficado impressionado tanto com a velocidade quanto com o tamanho do cavalo. Era imenso. Tom já tinha visto animais como aquele, mas talvez seu filho não. Era um corcel, tão alto na cernelha quanto o queixo de um homem adulto e largo na mesma proporção. Cavalos assim não eram criados na Inglaterra: vinham do continente e eram extremamente caros.

Tom pôs no bolso do avental o que restava de seu pão, estreitou os olhos contra o sol e observou o campo. O cavalo tinha as orelhas inclinadas para trás e as narinas infladas, mas Tom teve a impressão de que sua cabeça estava bem erguida, um sinal de que não estava completamente fora de controle. De fato, quando o animal se aproximou, o cavaleiro se reclinou para trás, puxou as rédeas e o bicho imenso pareceu diminuir um pouco o ritmo do galope. Tom pôde então sentir as batidas dos cascos no chão. Olhou em volta à procura de Martha, pensando em pegá-la no colo para que não corresse perigo. Agnes teve a mesma ideia,

mas a menina não estava por perto.

– No trigal – disse Agnes, mas Tom já havia entendido e percorria o canteiro de obras a passos largos em direção à borda da plantação.

Com o coração cheio de medo, observou o trigo ondulando, mas não viu a filha.

A única coisa em que conseguiu pensar foi em tentar diminuir a velocidade daquele cavalo. Foi até a trilha e começou a andar com os braços bem abertos em direção ao animal desembestado. O cavalo o viu, ergueu a cabeça para enxergar melhor e diminuiu o galope. Então, para horror de Tom, o cavaleiro cravou as esporas na barriga do animal.

– Seu idiota maldito! – rugiu Tom, embora o cavaleiro não pudesse escutá-lo.

Foi então que Martha saiu da plantação e pisou na trilha, poucos metros à frente do pai.

Por um segundo, Tom ficou em pânico, paralisado de horror. Então saltou para a frente, gritando e agitando os braços. Mas aquele animal era um cavalo de guerra, treinado para atacar hordas barulhentas, e nem mesmo se alterou. Martha ficou parada no meio da trilha estreita, encarando enfeitiçada o imenso animal que vinha na sua direção. Então Tom entendeu, desesperado, que não conseguiria chegar à filha antes do cavalo. Esquivou-se para um dos lados, tocando com o braço o trigo alto, e no último segundo o cavalo se esquivou para o outro lado. O estribo do cavaleiro roçou os cabelos finos de Martha e um casco abriu no chão um buraco redondo bem ao lado de seu pé descalço. Então o cavalo passou, jogando terra em cima deles dois, e Tom pegou a filha e a apertou com força junto ao coração disparado.

Ficou parado por alguns instantes, aliviado, com as pernas bambas e um frio na barriga. Então foi tomado por uma onda de fúria pela falta de cuidado daquele jovem estúpido montado em seu imenso corcel. Ergueu os olhos, irado. Reclinado para trás na sela, lorde William agora freava o animal, com os pés esticados para a frente nos estribos e as rédeas puxadas com força. O cavalo desviou do canteiro de obras, agitou a cabeça e empinou, mas William continuou montado. Conduzindo o animal em um círculo bem aberto, conseguiu diminuir o passo até um meio galope e em seguida um trote.

Martha chorava. Tom a entregou para Agnes e aguardou William. O

jovem senhor era um rapaz alto e forte de seus 20 anos, dono de cabelos louros e olhos pequenos que lhe davam sempre o aspecto de estar encarando o sol. Usava uma túnica preta curta, meias pretas e sapatos de couro cujas correias subiam cruzadas até os joelhos. Bem firme no lombo do cavalo, não parecia abalado pelo que acabara de acontecer. Esse menino tolo nem sabe o que fez, pensou Tom, amargurado. Minha vontade é esganá-lo.

William parou o corcel em frente à pilha de lenha e olhou para os trabalhadores.

– Quem é o responsável aqui? – perguntou.

Tom quis dizer *Se você tivesse machucado minha filhinha, eu o teria matado*, mas conteve a raiva. Foi como engolir um bocado de comida amarga. Chegou perto do cavalo e segurou o bridão.

– Sou eu o mestre construtor – falou, tenso. – Meu nome é Tom.

– Esta casa não é mais necessária – disse o rapaz. – Dispense seus homens.

Era o que Tom temia. Mas ele se agarrou à esperança de William estar agindo de forma impetuosa, movido pela raiva, e de poder ser convencido a mudar de ideia. Com esforço, obrigou-se a soar simpático e sensato:

– Mas tanto trabalho já foi feito... Por que jogar fora o que já gastou? O senhor vai precisar da casa algum dia.

– Não me diga como administrar meus negócios, Tom Builder – interrompeu William. – Estão todos dispensados. – Ele puxou uma das rédeas, mas Tom continuava segurando o bridão. – Solte o meu cavalo – disse, ameaçador.

Tom engoliu em seco. Dali a um segundo, William tentaria fazer o cavalo erguer a cabeça. Tom apalpou o bolso do avental e pegou a casca do pão que estava comendo mais cedo. Mostrou-a ao animal, que abaixou a cabeça e deu uma mordida.

– Preciso dizer outra coisa antes de o senhor ir embora, milorde – falou, suave.

– Solte meu cavalo ou eu arranco sua cabeça – rebateu o rapaz.

Tom o encarou de frente, tentando não demonstrar o medo que sentia. Era maior do que William, mas isso não faria diferença se o jovem sacasse a espada.

– Marido, faça o que o senhor está mandando – murmurou Agnes,

amedrontada.

Fez-se um silêncio de morte. Os outros trabalhadores ficaram imóveis feito estátuas, observando. Tom sabia que o mais prudente seria desistir. Mas William quase havia atropelado sua filhinha e isso o deixara com raiva, de modo que, com o coração disparado, continuou:

– O senhor tem de nos pagar.

William puxou as rédeas, mas Tom segurava firme o bridão e o cavalo estava distraído, procurando mais comida no bolso do avental de Tom.

– Requistem seus salários a meu pai! – falou, zangado.

– Faremos isso, milorde, muitíssimo obrigado – o construtor ouviu o carpinteiro dizer com uma voz aterrorizada.

Seu covarde imprestável, pensou, mas ele próprio estava tremendo.

– Se quiser nos dispensar, o senhor tem de nos pagar. É esse o costume. A casa do seu pai fica a dois dias a pé daqui e, quando chegarmos lá, talvez ele não esteja.

– Homens já morreram por menos do que isso – falou William.

Suas bochechas ficaram vermelhas de tanta raiva.

Com o canto do olho, Tom viu o escudeiro baixar a mão até o cabo da espada. Sabia que deveria desistir agora e se humilhar, mas sentia na barriga um nó de raiva que não queria desatar e, por mais assustado que estivesse, não conseguiu se forçar a largar o bridão.

– Pague-nos primeiro, me mate depois – retrucou, já sem medo. – Talvez o senhor seja enforcado por isso, talvez não. Mais cedo ou mais tarde, porém, o senhor vai morrer, e aí eu vou estar no céu e o senhor no inferno.

O sorriso cruel congelou no rosto de William e ele empalideceu. Tom ficou espantado: o que assustou o rapaz? Com certeza não havia sido a referência ao enforcamento. Na verdade, era pouco provável um nobre ser enforcado por assassinar um artesão. O rapaz teria tanto pavor assim do inferno?

Os dois se encararam por alguns segundos. Com assombro e alívio, Tom viu a expressão dura de raiva e desprezo de William se desfazer e ser substituída por uma aflição assustada. Por fim, ele tirou do cinto uma bolsinha de couro e a lançou para seu aprendiz.

– Pague-os – ordenou.

Nessa hora, Tom abusou da sorte. Quando William tornou a puxar as

rédeas e o cavalo ergueu a cabeçorra e deu um passo para o lado, Tom se moveu junto, ainda segurando o bridão, e falou:

– Uma semana inteira de salário em caso de dispensa, é esse o costume. – Ouviu Agnes arfar logo atrás dele e entendeu que ela devia pensar que ele havia enlouquecido por alongar o confronto. Mesmo assim, não desistiu: – Seis *pence* para o servente, 12 para o carpinteiro e para cada um dos pedreiros, e 24 *pence* para mim. São 66 *pence* no total.

Ele sabia somar mais depressa do que qualquer outra pessoa que conhecesse.

O escudeiro olhava curioso para o patrão.

– Muito bem – concordou William, com raiva.

Tom soltou o bridão e deu um passo para trás.

William fez o cavalo virar e cravou-lhe as esporas com força. O animal deu um salto para a frente até a trilha que cortava o campo de trigo.

Tom jogou-se sentado sobre a pilha de lenha. Perguntou-se que bicho o teria mordido. Fora uma loucura desafiar lorde William daquele jeito. Tinha sorte por ainda estar vivo.

As batidas dos cascos do corcel de William foram sumindo até se transformarem em uma trovoadas distante, e o escudeiro esvaziou a bolsa de couro sobre uma tábua. Quando as moedas prateadas se derramaram à luz do sol, Tom se sentiu tomado por uma onda de triunfo. Fora uma loucura, mas tinha dado certo: ele conseguira garantir um pagamento justo para si e para seus subordinados.

– Até mesmo os senhores precisam respeitar os costumes – disse, em parte para si mesmo.

Agnes o escutou.

– Só torça para nunca precisar que lorde William lhe dê trabalho – comentou ela, com amargura.

Tom sorriu para a mulher. Ela havia ficado com medo, e ele entendia por que o tratava com rigidez.

– Não faça essa cara feia, senão quando esse neném nascer só vai haver leite talhado no seu peito.

– Não vou conseguir alimentar nenhum de nós, a não ser que você arrume trabalho para o inverno.

– Falta muito para o inverno – disse Tom.

II

Eles passaram o verão no povoado. Mais tarde, viriam a considerar essa decisão um erro terrível. Na ocasião parecera ser a escolha sensata, pois Tom, Agnes e Alfred podiam ganhar 1 *penny* por dia cada um trabalhando nos campos durante a colheita. Quando o outono chegou e eles tiveram de ir embora, levavam consigo uma pesada bolsa de moedas de prata e um porco bem gordo.

Passaram a primeira noite no pórtico da igreja de um vilarejo, mas na segunda encontraram um priorado e aproveitaram a hospitalidade dos monges. No terceiro dia, viram-se no coração da floresta Chute, vasta área de vegetação baixa e mata selvagem, seguindo por uma estradinha pouco mais larga do que uma carroça, com o verde luxuriante do verão esmorecendo entre os carvalhos do caminho.

Tom carregava as ferramentas menores dentro de uma bolsa e os martelos pendurados no cinto. Levava a capa embolada sob o braço esquerdo e sua estaca de ferro na mão direita, como se fosse uma bengala. Estava feliz por pegar a estrada outra vez. Seu próximo trabalho talvez fosse em uma catedral. Ele poderia se tornar mestre construtor e passar o resto da vida lá, e construir uma igreja tão maravilhosa que lhe garantiria o ingresso no paraíso.

Agnes levava seus poucos pertences domésticos dentro de uma panela amarrada às costas. Alfred transportava as ferramentas que usariam para construir sua nova casa em algum lugar: machado, enxó, serrote, um martelo pequeno, uma soveira para furar couro e madeira e uma pá. Martha era pequena demais para carregar qualquer coisa a não ser a própria tigela e a faca presas ao cinto, além da capa de inverno amarrada às costas. Era sua, porém, a tarefa de tocar o porco até eles conseguirem vendê-lo em alguma feira.

Enquanto iam percorrendo a mata sem fim, Tom mantinha sempre um olho em Agnes. Ela agora já estava na segunda metade da gestação e, além do fardo nas costas, carregava um peso considerável na barriga. Mesmo assim, parecia incansável. Alfred também parecia bem. Estava naquela idade em que os meninos têm mais energia do que conseguem gastar. Martha era a única que estava cansada. Suas perninhas finas eram feitas

para brincar, não para longas caminhadas, e ela vivia ficando para trás, obrigando os outros a pararem para esperar por ela e pelo porco.

Enquanto andava, Tom pensava na catedral que um dia iria construir. Como sempre, começava imaginando um arco. Era bem simples: duas peças verticais encimadas por um semicírculo. Então imaginava um segundo arco, igualzinho ao primeiro. Mentalmente, alinhava os dois para formar uma passagem em arco. Em seguida acrescentava outro, depois mais um, e então muitos outros, até obter uma fileira inteira de arcos unidos uns aos outros formando um túnel. Era essa a base de qualquer edificação: um telhado para afastar a chuva e duas paredes para sustentar o telhado. Uma igreja não era nada mais do que isso: um túnel com alguns requintes.

Como os túneis são escuros, os primeiros requintes eram as janelas. Se a parede fosse forte o suficiente, podia ter buracos. Os buracos podiam ser arredondados no alto, com as laterais retas e um peitoril plano, no mesmo formato do arco original. Usar desenhos semelhantes para arcos, janelas e portas era uma das coisas que garantiam a beleza de uma construção. Outra era a regularidade, e Tom imaginou doze janelas idênticas, espaçadas de maneira uniforme, em cada uma das paredes do túnel.

Tentou visualizar também as guarnições acima das janelas, mas não conseguia se concentrar, pois tinha a sensação de estar sendo observado. Que ideia boba, pensou, mesmo porque naturalmente era observado por pássaros, raposas, gatos, esquilos, ratos, camundongos, doninhas, arminhos e ratos-do-mato que povoavam a floresta.

Ao meio-dia, sentaram-se à margem de um regato. Beberam a água pura e comeram toucinho frio e maçãs silvestres colhidas no chão da floresta.

À tarde, Martha ficou cansada. Em determinado momento, chegou a ficar 100 metros atrás da família. Enquanto esperavam que ela os alcançasse, Tom se lembrou de Alfred naquela idade. Um menino lindo, de cabelos dourados, forte e corajoso. O afeto se misturou à irritação ao ver Martha ralhar com o porco por ser tão lento. Então uma silhueta emergiu da vegetação baixa bem na frente da menina. O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Tom mal pôde acreditar. A figura que surgiu de forma repentina na estrada ergueu um porrete acima do ombro. Um grito de horror subiu pela garganta de Tom, mas, antes que ele conseguisse soltá-

lo, o homem golpeou Martha com o porrete. O golpe acertou em cheio a lateral da cabeça da garota, e Tom ouviu o barulho nauseante do choque. Sua filha caiu no chão feito uma boneca de pano.

Tom se pegou correndo de volta pela estrada na direção de Martha e do porco, com os pés batendo na terra dura como os cascos do cavalo de William, tentando obrigar as pernas a carregá-lo mais depressa. Enquanto corria, via o que estava acontecendo, mas era como olhar um quadro pintado bem no alto da parede de uma igreja, pois podia apenas ver, não havia nada que pudesse fazer para mudar a situação. O agressor era sem dúvida um fora da lei. Era baixo, troncudo, vestia uma túnica marrom e estava descalço. Por um instante, olhou em cheio para Tom, e ele conseguiu ver que seu rosto era horripilantemente mutilado: os lábios haviam sido cortados, decerto como punição por algum crime envolvendo mentira, e a boca agora era um sorriso repulsivo e permanente cercado por uma pele deformada pelas cicatrizes. Não fosse o corpinho de Martha caído de bruços no chão, essa imagem horripilante o teria feito estacar.

O fora da lei desviou os olhos de Tom e os pousou no porco. Em uma fração de segundo, abaixou-se, recolheu o animal do chão, enfiou-o se contorcendo embaixo do braço e tornou a mergulhar no emaranhado de arbustos, levando consigo o único bem de valor da família.

Tom se ajoelhou ao lado da filha. Pousou a mão larga sobre seu peito pequenino, sentiu as batidas do coração, regulares e fortes, e seu pior medo passou. A menina, porém, tinha os olhos fechados, e em meio a seus cabelos louros havia sangue vermelho-vivo.

Instantes depois, Agnes se ajoelhou ao lado dele. Tocou o peito, o pulso e a testa da filha, então o encarou com um olhar duro e firme.

– Ela vai sobreviver – disse, com uma voz tensa. – Vá pegar aquele porco de volta.

Com gestos rápidos, Tom tirou do ombro a bolsa de ferramentas e a deixou cair no chão. Com a mão esquerda, pegou no cinto o martelo grande com cabeça de ferro. Continuava segurando a estaca na direita. Podia ver os galhos quebrados no caminho que o ladrão tinha usado para chegar e fugir e ouvia o porco guinchando no mato. Mergulhou na vegetação baixa.

Foi fácil seguir a trilha. O fora da lei era um homem pesado, que corria com um porco se contorcendo debaixo do braço, e abria um caminho largo

pelo mato, indistintamente amassando flores e quebrando galhos de arbustos e árvores pequenas. Tom correu atrás dele, tomado por um desejo selvagem de pôr as mãos no sujeito e espancá-lo até fazê-lo perder os sentidos. Atravessou uma touceira de jovens bétulas, desceu de qualquer maneira um barranco e chapinhou por um trecho de charco até chegar a uma trilha estreita. Ali, parou. O ladrão poderia ter seguido para a esquerda ou para a direita, e agora não havia mais as marcas na vegetação para indicar o caminho, mas Tom apurou os ouvidos e escutou o porco guinchando em algum ponto à sua esquerda. Ouviu também alguém correndo pela floresta atrás dele, possivelmente Alfred. Foi atrás do porco.

A trilha o conduziu por um declive, em seguida fez uma curva fechada e começou a subir. Ele agora podia ouvir o porco nitidamente. Subiu correndo a elevação, ofegante. Depois de muitos anos respirando pó de pedra, seus pulmões estavam fracos. De repente, a trilha ficou plana e ele viu o ladrão, apenas 20 ou 30 metros à frente, correndo como se o diabo em pessoa estivesse em seu encalço. Tom apressou o passo e começou a diminuir a distância entre os dois. Se não parasse, certamente o alcançaria, pois um homem com um porco não pode correr tão depressa quanto um homem sem porco nenhum. Mas então seu peito começou a doer. O ladrão ficou a 15 metros de distância, depois a 12. Tom ergueu a estaca acima da cabeça como se fosse uma lança. Só mais um pouquinho e poderia lançá-la. Onze metros, dez...

Antes de arremessar a estaca, ele viu com o canto do olho um rosto magro de gorro verde surgir dos arbustos ao lado da trilha. Era tarde demais para desviar. Um galho grosso foi esticado à sua frente, ele caiu na armadilha, tropeçou e foi ao chão.

Havia deixado cair a estaca, mas ainda segurava o martelo. Rolou o corpo e se ergueu sobre um dos joelhos. Viu que eram dois homens: o do gorro verde e um careca com uma barba branca emaranhada, que correram na sua direção.

Ele deu um passo para o lado e desferiu o martelo contra o homem do chapéu verde. O sujeito se esquivou, mas o grande martelo de ferro acertou com força seu ombro, e ele deu um grito agudo de dor e caiu no chão, segurando o braço como se estivesse quebrado. Tom não teve tempo de erguer o martelo para outro golpe arrasador antes de o careca chegar, mas conseguiu que a cabeça de ferro resvalasse no rosto do homem e

abrisse um talho em sua bochecha.

Os dois adversários recuaram, apertando seus ferimentos. Tom pôde ver que nenhum deles tinha mais forças para lutar. Virou-se. O ladrão continuava a se afastar correndo pela trilha. Ignorando a dor no peito, Tom partiu de novo atrás dele. No entanto, havia corrido apenas alguns metros quando ouviu uma voz conhecida gritar atrás de si.

Alfred.

Parou e olhou para trás.

Usando os punhos e os pés, o rapaz estava brigando com os dois malfeitores. Deu uns três ou quatro socos na cabeça do homem de chapéu verde, em seguida chutou as canelas do careca. Mas os dois o cercaram, aproximando-se demais para ele poder socá-los ou chutá-los com força suficiente para machucar. Dividido entre ir atrás do porco e resgatar o filho, Tom hesitou. Então o careca conseguiu passar a perna por trás de Alfred e lhe deu uma rasteira, e quando o rapaz caiu no chão os dois se jogaram em cima dele e começaram a esmurrar seu rosto e seu corpo.

Tom correu de volta. Arremeteu o corpo contra o careca e o fez voar para o meio dos arbustos, em seguida se virou e jogou o martelo em direção ao gorro verde. O homem já havia sentido uma vez o peso da ferramenta e ainda estava usando apenas um braço. Esquivou-se da primeira martelada, em seguida se virou e mergulhou na vegetação baixa antes de Tom poder dar o segundo golpe.

Tom se virou e viu o careca fugindo correndo atabalhoadamente pela trilha. Olhou na direção oposta: o ladrão com o porco havia desaparecido. Soltou entre os dentes um palavrão amargurado e blasfemou. Aquele porco representava metade do que havia economizado durante o verão. Deixou-se cair no chão, arfando.

– Derrotamos os três! – exclamou Alfred, animado.

Tom o encarou.

– Mas eles levaram nosso porco – disse.

A raiva queimava seu estômago feito sidra azeda. Eles haviam comprado o porco na primavera, assim que juntaram dinheiro suficiente, e passaram o verão inteiro a engordá-lo. Um porco gordo podia ser vendido por 60 *pence*. Com alguns repolhos e um saco de cereal, era capaz de alimentar uma família o inverno inteiro e ainda render um par de sapatos de couro e uma ou duas bolsas. Sua perda era uma catástrofe.

Tom olhou com inveja para Alfred, que, já recuperado da perseguição e da briga, aguardava, impaciente. Há quanto tempo, pensou, eu podia correr como o vento e mal sentir o coração disparar? Quando eu tinha essa idade... 20 anos. Vinte anos. Parecia ter sido ontem.

Ele se levantou.

Passou o braço em volta dos ombros largos de Alfred e juntos voltaram pela trilha. O rapaz ainda era um palmo mais baixo do que o pai, mas em breve o alcançaria, e talvez ficasse ainda mais alto. Espero que fique mais esperto também, pensou Tom.

– Qualquer tolo pode entrar numa briga, mas um homem sábio sabe ficar fora dela – disse.

Alfred o encarou, sem entender.

Eles saíram da trilha, atravessaram o charco e começaram a subir o barranco, seguindo na direção contrária o mesmo caminho que o ladrão tinha usado. Quando atravessaram a touceira de bétulas, Tom pensou em Martha e mais uma vez sentiu a raiva azedar seu estômago. O fora da lei a havia golpeado sem motivo, já que ela não representava nenhuma ameaça para ele.

Apressou o passo, e instantes depois ele e Alfred deram na estrada. Martha não tinha se mexido. Continuava deitada no mesmo lugar. Tinha os olhos fechados e o sangue em seus cabelos já começara a secar. Agnes estava ajoelhada ao seu lado, e junto a elas, para surpresa de Tom, havia uma mulher e um menino. Pensou no fato de ter se sentido observado mais cedo, pois a floresta parecia estar repleta de gente. Abaixou-se e tornou a pousar a mão sobre o peito de Martha. A menina respirava normalmente.

– Ela vai acordar daqui a pouco – disse a desconhecida com uma voz cheia de autoridade. – Então vai vomitar. Depois disso, vai ficar bem.

Tom a encarou com curiosidade. Ela estava ajoelhada ao lado de Martha. Era jovem, talvez tivesse uns dez anos a menos do que ele. A túnica de couro curta revelava pernas e braços morenos e flexíveis. Tinha um rosto bonito e os cabelos castanho-escuros formavam um bico-de-viúva na testa. Tom sentiu uma pontada de desejo. A mulher então ergueu os olhos para encará-lo e ele se sobressaltou: tinha uns olhos fundos, intensos, com um tom dourado de mel incomum que dava ao rosto inteiro um aspecto mágico, e ele teve certeza de que ela sabia o que ele estava pensando.

Desviou os olhos para disfarçar o constrangimento e cruzou com o olhar de Agnes. Sua mulher tinha um ar ressentido.

– Onde está o porco? – perguntou ela.

– Havia mais dois fora da lei – disse Tom.

– Nós os derrotamos, mas o do porco fugiu – completou Alfred.

Agnes fechou a cara, mas não falou mais nada.

– Se tivermos cuidado, podemos levar a menina para a sombra – disse a estranha.

Ela se levantou e Tom viu que era bem miúda, pelo menos um palmo mais baixa do que ele. Ele se abaixou e pegou Martha no colo com delicadeza. O corpinho não pesou quase nada em seus braços. Transportou-a por alguns metros pela estrada e a pousou sobre um trecho de grama, à sombra de um velho carvalho. A menina continuava desmaiada.

Alfred recolhia as ferramentas que haviam se espalhado pela estrada durante a confusão. O filho da estranha o observava com os olhos arregalados e a boca aberta, sem dizer nada. Devia ser uns três anos mais novo do que Alfred e tinha uma aparência esquisita, observou Tom, sem nada da beleza sensual da mãe. Sua pele era muito branca, os cabelos de um tom de cenoura, e os olhos azuis eram levemente protuberantes. O menino tinha o aspecto ao mesmo tempo estúpido e alerta de um demente, pensou Tom; o tipo de criança que, se não morre cedo, cresce para virar o idiota do povoado. O olhar do menino deixava Alfred visivelmente pouco à vontade.

Enquanto Tom os observava, o menino pegou o serrote da mão de Alfred, sem dizer nada, e o examinou como se fosse algo assombroso. Ofendido pela grosseria, Alfred tomou o serrote de volta e o menino o soltou com indiferença.

– Jack! Olhe os modos – disse sua mãe.

Parecia constrangida.

Tom olhou para a mulher. Não conseguia perceber semelhança nenhuma entre ela e o garoto.

– Você é mãe dele? – perguntou Tom.

– Sou. Meu nome é Ellen.

– E seu marido, onde está?

– Morreu.

Tom se espantou.

– Está viajando sozinha? – indagou, incrédulo.

A floresta já era um lugar perigoso para um homem como ele. Como uma mulher sozinha sobreviveria?

– Não estamos viajando – disse Ellen. – Nós moramos na floresta.

Tom ficou chocado.

– Quer dizer que vocês são... – Sem querer ofendê-la, ele não terminou a frase.

– Fora da lei – completou ela. – Somos, sim. Você achava que todos os fora da lei fossem iguais a Faramond Openmouth, o que roubou seu porco?

– Achava – respondeu Tom, embora o que quisesse mesmo dizer fosse *Eu nunca pensei que um fora da lei pudesse ser uma linda mulher*. – Que crime você cometeu? – perguntou, sem conseguir conter a curiosidade.

– Xinguei um padre – respondeu ela, e olhou para o outro lado.

Aquele crime não pareceu grande coisa para Tom, mas talvez o padre fosse muito poderoso, ou então muito suscetível, ou talvez Ellen simplesmente estivesse mentindo.

Ele olhou para Martha. Segundos depois, a menina abriu os olhos. Estava confusa e um pouco assustada. Agnes se ajoelhou ao seu lado.

– Você está segura – falou. – Está tudo bem.

Martha se sentou e vomitou. Agnes a abraçou até os espasmos passarem. Tom ficou impressionado: as previsões de Ellen haviam se realizado. Ela também tinha dito que Martha ficaria bem, e provavelmente ele podia confiar nisso também. Foi tomado por um alívio e ficou um pouco surpreso com a força da própria emoção. Não suportaria perder minha filhinha, pensou, e teve de segurar o choro. Percebeu um olhar compreensivo de Ellen e mais uma vez sentiu que aqueles olhos de um dourado-claro eram capazes de ver dentro do seu coração.

Quebrou um galho de carvalho, retirou as folhas e usou-as para limpar o rosto de Martha. A menina continuava pálida.

– Ela precisa descansar – disse Ellen. – Deixem-na deitada pelo tempo que um homem leva para andar 5 quilômetros.

Tom olhou para o sol. Ainda restava bastante luz do dia. Acomodou-se para esperar. Agnes ficou ninando Martha no colo delicadamente. O menino Jack então voltou sua atenção para a menina e começou a encará-la com o mesmo ar bobo e intenso. Tom queria saber mais sobre Ellen.

Pensou se conseguiria convencê-la a contar sua história. Não queria que ela fosse embora.

– Como tudo aconteceu? – perguntou, vago.

Ela tornou a encará-lo nos olhos, então começou a falar.



Seu pai era cavaleiro, contou, um homem grande, forte e violento, que queria filhos varões com quem pudesse cavalgar, caçar e lutar, companheiros de bebedeira e farra noites adentro. Nesse quesito, não poderia ter sido mais azarado, pois teve Ellen, e logo depois sua mulher morreu. Ele se casou de novo, mas a segunda esposa era estéril. Passou a desprezar a madrasta de Ellen, e acabou expulsando-a de casa. Deve ter sido um homem cruel, mas nunca pareceu assim para Ellen, que o adorava e compartilhava seu desprezo pela segunda mulher. Quando a madrasta partiu, Ellen ficou, e cresceu em uma casa onde quase só havia homens. Cortou os cabelos curtos, passou a portar uma adaga e aprendeu a não brincar com gatinhos ou cuidar de velhos cães cegos. Quando chegou à idade de Martha, já sabia escarrar no chão, comer o miolo das maçãs e chutar um cavalo na barriga com tanta força que o animal ficava sem respiração, permitindo-lhe apertar mais um furo da cilha. Sabia que todos os homens que não faziam parte do bando do pai eram chamados de chupadores e que todas as mulheres que não queriam dormir com eles eram chamadas de putas, embora não soubesse muito bem o que esses xingamentos de fato significavam, nem ligasse muito.

Enquanto escutava a voz dela no ar ameno da tarde outonal, Tom fechou os olhos e a imaginou menina, ainda sem seios desenvolvidos e com a cara toda suja, sentada à mesa comprida junto aos grosseiros amigos do pai, vendo-os beber cerveja forte, arrotar e cantar canções sobre batalhas, saques e estupros, sobre cavalos, castelos e virgens, até cair de sono sobre o tampo áspero com sua pequenina cabeça de cabelos curtos.

Se tivesse conseguido permanecer sem seios para sempre, teria tido uma vida feliz. Mas chegou o dia em que os homens começaram a olhar para ela de outro jeito. Não gargalhavam mais quando ela dizia: “Se não sair da minha frente, eu corto suas bolas e dou para os porcos comerem.”

Alguns a encaravam quando ela despia a túnica de lã e se deitava para dormir com a longa camisa de linho que usava por baixo. Ao fazer suas necessidades no mato, viravam-lhe as costas, coisa que nunca tinham feito antes.

Um dia, ela viu o pai muito entretido em uma conversa com o pároco; era um acontecimento raro. Os dois não paravam de olhar para ela, como se estivessem falando a seu respeito. Na manhã seguinte, seu pai lhe disse: “Vá com Henry e Everard e faça o que eles mandarem.” Então beijou-lhe a testa. Ela se perguntou que bicho o teria mordido; será que ele estava ficando mole com a velhice? Arreou seu corcel tordilho – recusava-se a montar os palafréns das senhoras ou os pôneis das crianças – e partiu com os dois homens de armas.

Eles a levaram para um convento e lá a deixaram.

O lugar inteiro reverberou com seus xingamentos obscenos quando os dois homens partiram. Ela esfaqueou a abadessa e voltou para a casa do pai a pé. Ele a mandou de volta, com os pés e mãos amarrados e presa à sela de um burro. Ela foi posta de castigo em uma cela até o ferimento da abadessa se curar. A cela era fria, úmida e negra como a noite, e havia água para beber mas nada para comer. Quando eles a soltaram, ela voltou para casa a pé outra vez. Seu pai tornou a mandá-la de volta, e dessa vez ela foi açoitada antes de ser posta na cela.

Acabaram por domá-la, claro, e ela vestiu o hábito das noviças, obedeceu às regras e aprendeu as rezas, ainda que no fundo de seu coração odiasse as freiras, desprezasse os santos e não acreditasse, por princípio, em nada do que qualquer um lhe dissesse sobre Deus. Mas aprendeu a ler e escrever, dominou a música, os números e o desenho, e somou o latim ao francês e ao inglês que já falava na casa do pai.

No fim das contas, a vida no convento não era tão ruim. Tratava-se de uma comunidade formada por membros de um único sexo com suas próprias regras e rituais, e era exatamente com isso que ela estava acostumada. Todas as freiras tinham de realizar alguma tarefa braçal, e Ellen foi logo destacada para trabalhar com os cavalos. Em pouco tempo, ficou encarregada dos estábulos.

A pobreza nunca a preocupou. Obedecer não foi fácil, mas acabou aprendendo. A terceira regra, a da castidade, nunca a incomodou muito, embora de vez em quando, só para chatear a abadessa, ela apresentasse as

outras noviças aos prazeres da...

Nesse ponto, Agnes interrompeu a história. Pegou Martha e foi procurar um riacho no qual lavar o rosto da menina e limpar sua túnica. Levou Alfred também, por proteção, embora tenha dito que não sairia do raio do alcance das vozes de Tom e Ellen. Jack se levantou para segui-los, mas Agnes lhe ordenou com firmeza que ficasse e ele pareceu entender, pois tornou a se sentar. Tom reparou que a mulher tinha conseguido levar os filhos para um lugar onde não pudessem mais escutar aquela história ímpia e indecente, ao mesmo tempo que não deixava o marido sozinho com outra mulher.

Certo dia, continuou Ellen, o palafrém da abadessa ficou manco quando ela estava a vários dias de distância do convento. Por acaso, o priorado de Kingsbridge ficava perto, de modo que a religiosa pediu outro cavalo emprestado ao prior de lá. De volta ao convento, ordenou a Ellen que devolvesse o cavalo ao priorado e trouxesse de volta o palafrém manco.

E lá, no estábulo do mosteiro, com vista para a antiga catedral de Kingsbridge caindo aos pedaços, Ellen conheceu um rapaz que parecia um cachorrinho maltratado. Tinha a mesma graça desengonçada de um filhote, a mesma atenção nervosa, mas era retraído, assustado, como se houvesse apanhado tanto que não soubesse mais brincar. Ele não entendera o que ela lhe dissera. Ela tentou latim, mas o rapaz não era monge. Por fim, disse alguma coisa em francês: o rosto dele se encheu de alegria e ele lhe respondeu na mesma língua.

Ellen nunca mais voltou para o convento.

Desse dia em diante, passou a viver na floresta, primeiro em um abrigo rústico feito com galhos e folhas, depois em uma caverna seca. Não havia esquecido as habilidades masculinas aprendidas na casa do pai: ainda era capaz de caçar cervos, capturar coelhos em armadilhas e matar cisnes com arco e flecha; sabia eviscerar, limpar e cozinhar a carne; sabia até mesmo raspar e curtir couros e peles para fabricar as próprias roupas. Além de caça, comia frutas silvestres, castanhas e vegetais. Qualquer outra coisa de que necessitasse – sal, roupas de lã, um machado ou uma faca nova –, tinha de roubar.

O pior momento foi quando Jack nasceu...

Mas e o francês?, Tom quis perguntar. Era ele o pai de Jack? Caso

fosse, quando tinha morrido? E como? Pela cara de Ellen, porém, entendeu que ela não iria falar sobre essa parte da história, e, como ela parecia ser o tipo de pessoa que não se deixava convencer de algo que não queria fazer, guardou as dúvidas para si.

Àquela altura, o pai dela já havia morrido e seu bando se dispersado, de modo que Ellen não tinha mais nenhum parente ou amigo no mundo. Logo antes do nascimento de Jack, deixava uma fogueira acesa a noite toda na entrada da caverna onde estava morando. Dispunha de comida e água, e tinha seu arco, suas flechas e suas facas para espantar lobos e cães selvagens; tinha até uma pesada capa vermelha, roubada de um bispo, para enrolar o bebê. Só não estava preparada para a dor e o medo do parto, e por muito tempo achou que fosse morrer. Mesmo assim, a criança nasceu forte e com saúde, e ela sobreviveu.

Nos onze anos seguintes, Ellen e Jack haviam levado uma vida simples, frugal. A floresta lhes dava tudo de que precisavam, contanto que eles tivessem o cuidado de armazenar maçãs, castanhas e carne salgada ou defumada suficientes para os meses do inverno. Ellen muitas vezes pensava que, se não existissem reis, senhores, bispos e representantes de reis, todos poderiam viver daquele modo e ser perfeitamente felizes.

Tom lhe perguntou como ela havia lidado com os outros fora da lei, homens como Faramond Openmouth. O que aconteceria se eles a surpreendessem durante a noite e tentassem estuprá-la?, pensou. Sentiu um espasmo nas partes baixas ao imaginar isso, embora nunca tivesse forçado uma mulher, nem mesmo a sua.

Os outros bandidos tinham medo de Ellen, disse-lhe ela, encarando-o com seus olhos claros e luminosos, e ele entendeu: pensavam que ela era uma bruxa. Quanto aos cidadãos que percorriam a floresta, pessoas que sabiam poder roubar, violar e assassinar uma delinquente sem temer punição, dessas Ellen apenas se escondia. Por que então não se escondera de Tom? Porque tinha visto uma criança ferida e queria ajudar. Ela própria tinha um filho.

Havia ensinado a Jack tudo o que aprendera na casa do pai sobre armas e caça. Em seguida ensinara tudo o que havia aprendido com as freiras: leitura e escrita, música e matemática, francês e latim, desenho e até mesmo as histórias da Bíblia. Por fim, nas longas noites de inverno, havia lhe transmitido a herança do rapaz francês, que conhecia mais histórias,

poemas e canções do que qualquer outra pessoa no mundo...

Tom não acreditou que o menino soubesse ler e escrever. Ele próprio sabia escrever apenas o seu nome e algumas poucas palavras, como *pence*, *jardas* e *alqueires*. Agnes, por ser filha de padre, sabia um pouco mais, embora escrevesse devagar e com grande esforço, com a língua espichada no canto da boca. Mas Alfred não sabia escrever uma palavra sequer, mal conseguia reconhecer o próprio nome, e Martha não passava nem perto disso. Seria possível que aquele menino abobado fosse mais letrado do que toda a família de Tom?

Ellen pediu a Jack que escrevesse alguma coisa, e ele alisou um trecho de terra e nele rabiscou algumas letras. Tom reconheceu a primeira palavra, *Alfred*, mas não as outras, e sentiu-se tolo. Então Ellen o poupou do constrangimento e leu a frase inteira em voz alta: “Alfred é maior do que Jack.” O menino desenhou depressa dois bonequinhos, um maior do que o outro, e, embora fossem grosseiros, um deles tinha os ombros largos e uma expressão um tanto bovina, e o outro era menor e sorridente. Tom, ele próprio dono de certo talento para o desenho, admirou-se com a simplicidade e a força da imagem rabiscada no chão.

Mas o menino parecia um idiota.

Nos últimos tempos, confessou Ellen, adivinhando os pensamentos de Tom, ela havia começado a se dar conta disso. Jack nunca tivera a companhia de outras crianças, nem de qualquer outro ser humano exceto da mãe, e conseqüentemente estava crescendo como um animal selvagem. Apesar de tudo o que aprendera, não sabia se comportar na presença de outras pessoas. Por isso era tão calado, por isso encarava e arrancava as coisas das mãos dos outros.

Ao dizer isso, ela pela primeira vez pareceu vulnerável. O ar de autossuficiência inexpugnável desapareceu e Tom a viu preocupada, desesperada até. Para o bem de Jack, ela precisava voltar ao convívio da sociedade, mas como? Se fosse homem, seria possível convencer algum senhor a lhe ceder um pedaço de terra, sobretudo se ela soubesse mentir de forma convincente e dissesse estar retornando de uma peregrinação a Jerusalém ou Santiago de Compostela. Havia agricultoras mulheres, mas eram quase todas viúvas, com filhos adultos. Nenhum senhor daria terras a uma mulher com uma criança. Ninguém a contrataria para trabalhar, nem na cidade nem no campo. Além do mais, ela não tinha onde morar e o

trabalho não qualificado raramente vinha acompanhado de moradia. Ellen não tinha identidade.

Tom sentiu pena dela. A mulher tinha dado ao filho tudo o que pudera, mas isso não bastava. Tom não conseguia ver uma saída para sua situação. Por mais que fosse linda, capaz e forte, ela estava condenada a passar o resto dos dias escondida na floresta com o filho esquisito.



Agnes, Martha e Alfred voltaram. Tom lançou a Martha um olhar ansioso, mas, pela cara da menina, parecia que a pior coisa que tinha lhe acontecido era ter o rosto esfregado. Tom passara algum tempo absorto pelos problemas de Ellen, mas então se lembrou da própria enrascada: estava desempregado e tivera seu porco roubado. A tarde já avançava. Ele começou a recolher seus pertences.

– Para onde vocês vão? – quis saber Ellen.

– Para Winchester – respondeu Tom.

Winchester tinha um castelo, um palácio, vários mosteiros e, o mais importante, uma catedral.

– Salisbury fica mais perto – informou Ellen. – E, da última vez que estive lá, eles estavam reconstruindo a catedral... para ampliá-la.

Tom sentiu o coração saltar. Era isso que estava procurando. Achava que, se conseguisse um emprego na obra de uma catedral, com o tempo seria capaz de se tornar mestre construtor.

– Para que lado fica Salisbury? – indagou, ansioso.

– De volta por onde vocês vieram, uns 5 ou 6 quilômetros. Lembra-se de uma bifurcação na estrada em que pegaram a esquerda?

– Sim, perto de um lago de água suja.

– Isso. O caminho da direita leva a Salisbury.

Eles se despediram. Embora não tivesse gostado de Ellen, Agnes conseguiu dizer com educação:

– Obrigada por me ajudar a cuidar de Martha.

Ellen sorriu e os observou partir com uma expressão melancólica.

Depois de caminharem alguns minutos pela estrada, Tom olhou para trás. A mulher continuava a observá-los, em pé no meio da estrada, com as

pernas afastadas, protegendo os olhos com a mão, ladeada pelo menino estranho. Tom acenou e ela acenou de volta.

– Mulher interessante – comentou com Agnes.

Ela não respondeu.

– Que menino mais *esquisito* – disse Alfred.

Foram andando sob o sol baixo de outono. Tom nunca tinha ido a Salisbury e se perguntava como seria a cidade. Estava animado. Seu sonho, claro, era construir uma catedral do zero, mas isso quase nunca acontecia: bem mais frequente era achar uma construção antiga sendo melhorada ou ampliada, ou parcialmente reconstruída. Mas aquilo seria bom o bastante para ele, contanto que lhe desse a oportunidade de um dia executar os próprios projetos.

– Por que o homem me bateu? – quis saber Martha.

– Porque ele queria roubar nosso porco – respondeu Agnes.

– Ele deveria arrumar seu *próprio* porco – comentou Martha, indignada, como se houvesse acabado de entender que o fora da lei tinha feito algo errado.

O problema de Ellen estaria resolvido se ela tivesse um ofício, refletiu Tom. Um pedreiro, um carpinteiro, um tecelão ou um curtidor de peles não estariam na situação dela. Sempre poderiam ir a uma cidade e procurar trabalho. Havia algumas artesãs mulheres, mas em geral eram esposas ou viúvas de um artesão homem.

– O que ela precisa é de um marido – falou em voz alta.

– Bom, o meu é que não vai ser – retrucou Agnes, seca.

III

O dia em que eles perderam o porco foi também o último dia de tempo ameno. Passaram a noite em um celeiro e, quando saíram pela manhã, o céu estava da cor de um telhado de chumbo e um vento frio soprava com rajadas de chuva forte. Eles desembalaram suas capas de lã grossa, forradas de feltro, e as vestiram, amarrando-as bem apertado debaixo do queixo e puxando os capuzes bem para a frente, de modo a não molhar o rosto. Partiram desanimados, quatro fantasmas cabisbaixos no meio de um

temporal, e seus tamancos de madeira chapinhavam nas poças da estrada lamacentas.

Tom se perguntou como seria a catedral de Salisbury. Em princípio, uma catedral era uma igreja como outra qualquer, com a diferença de que era onde ficava o trono do bispo. Na prática, porém, as catedrais eram as maiores igrejas, as mais ricas, mais imponentes e mais elaboradas. Uma catedral raramente era um túnel com janelas. A maioria era formada por três túneis, um mais alto ladeado por dois outros mais baixos, como uma cabeça ladeada por dois ombros, formando uma nave central com duas galerias laterais. As paredes laterais do túnel central eram compostas apenas por duas fileiras de colunas conectadas por arcos para formar uma arcada. As galerias laterais eram usadas para procissões – que, nas catedrais, podiam ser espetaculares – e também podiam reservar espaço para pequenas capelas dedicadas a santos específicos, que atraíam importantes doações extras. As catedrais eram as edificações mais caras do mundo, muito mais do que palácios ou castelos, e precisavam obter seu sustento.

Salisbury ficava mais perto do que Tom imaginava. Mais ou menos no meio da manhã, eles chegaram ao topo de uma encosta e viram que a estrada à frente descia em suave declive, formando uma curva comprida. Do outro lado dos campos fustigados pela chuva, a despontar do vale plano como um navio em um lago, eles viram no alto de uma colina a cidade fortificada de Salisbury. Os detalhes estavam ocultos pela chuva, mas Tom pôde distinguir várias torres, quatro ou cinco, erguendo-se bem altas acima dos muros da cidade. Ficou animado ao ver tanto trabalho de cantaria.

Um vento frio varria a planície e congelava seus rostos e mãos conforme eles seguiam a estrada em direção ao portão leste. No sopé do morro, quatro estradas se encontravam em meio a algumas casas construídas fora da cidade, e ali eles se juntaram a outros viajantes, todos caminhando com os ombros encolhidos e a cabeça baixa, enfrentando a intempérie até chegarem ao abrigo dos muros.

Na subida que ia dar no portão, toparam com uma carroça carregada com pedras, um sinal muito esperançoso para Tom. Abaixado atrás do veículo rudimentar de madeira, o carroceiro empurrava com o ombro, somando sua força à da parelha de bois que tracionava encosta acima. Tom

viu uma chance de fazer amizade. Acenou para Alfred, e ambos encostaram os ombros na traseira da carroça e ajudaram a empurrar.

As imensas rodas de madeira fizeram barulho quando passaram por uma ponte de madeira que atravessava um imenso fosso seco. O trabalho de escavação era espantoso: cavar aquele fosso e trazer a terra para cima a fim de construir o muro devia ter demandado centenas de homens, pensou Tom; um trabalho maior até do que escavar os alicerces de uma catedral. A ponte sobre o fosso sacolejou e rangeu com o peso da carroça e dos dois imensos bois que a puxavam.

Quando chegaram mais perto do portão, o caminho ficou plano, e a carroça começou a avançar com mais facilidade. O carroceiro endireitou as costas, e Tom e Alfred fizeram o mesmo.

– Muito grato – disse o homem.

– Para que é essa pedra? – quis saber Tom.

– Para a nova catedral.

– Nova? Ouvi dizer que estavam só ampliando a antiga.

O carroceiro balançou a cabeça.

– É o que diziam dez anos atrás. Mas agora as partes novas são mais numerosas do que as antigas.

Mais boas notícias.

– Quem é o mestre construtor?

– John de Shaftesbury, mas o bispo Roger participa bastante dos projetos.

Era normal. Os bispos raramente deixavam os construtores fazerem o trabalho sozinhos. Um dos problemas dos mestres construtores era muitas vezes acalmar a imaginação fértil dos religiosos e impor limites práticos às suas fantasias grandiosas. Mas quem contratava os trabalhadores era John de Shaftesbury.

Com a cabeça, o carroceiro indicou as ferramentas de Tom.

– Pedreiro?

– Sim. Procurando trabalho.

– Pode ser que encontre – disse o homem, casualmente. – Se não na catedral, talvez no castelo.

– E quem manda no castelo?

– O mesmo Roger. Ele é bispo e castelão.

Claro, pensou Tom. Já ouvira falar do poderoso Roger de Salisbury,

que era próximo do rei desde quando a memória do povo alcançava.

Eles passaram pelo portão e entraram na cidade. O lugar estava tão abarrotado de construções, pessoas e animais que parecia ameaçar explodir os muros circulares e desabar dentro do fosso. As casas de madeira se amontoavam, coladas umas às outras, disputando espaço como espectadores em uma execução. Cada ínfima parcela de terra era usada para alguma coisa. No espaço entre duas casas, entre as quais surgia uma viela, alguém havia erguido um abrigo com metade da altura das casas, mas sem janelas, porque a porta ocupava quase toda a fachada. Quando o espaço era pequeno demais até mesmo para a mais estreita das casas, lá dentro havia uma bancada que vendia cerveja, pão ou maçãs. E onde nem para isso houvesse espaço, havia um estábulo, um chiqueiro, uma pilha de esterco ou um barril de água.

E havia barulho também. A chuva pouco contribuía para abafar o clamor das oficinas dos artesãos, os gritos dos vendedores oferecendo suas mercadorias, de pessoas cumprimentando-se, pechinchando ou batendo boca, de animais relinchando, latindo e brigando.

Martha ergueu a voz mais alto do que o alarido e perguntou:

– Que fedor é esse?

Tom sorriu. Fazia uns dois anos que ela não entrava numa cidade.

– Isso é cheiro de gente – respondeu.

A rua era um pouco mais larga do que a carroça, mas o carroceiro não deixava seus bois pararem, com medo de eles não tornarem a andar. Continuou a golpeá-los com o chicote, alheio aos obstáculos, e os bois foram abrindo caminho pela multidão com seu andar estúpido, empurrando indistintamente um cavaleiro e seu corcel, um guarda-florestal com seu arco na mão, um monge gordo montado em um pônei, homens de armas, mendigos, donas de casa e prostitutas.

A carroça encostou atrás de um velho pastor que lutava para manter unido um pequeno rebanho. Devia ser dia de feira, pensou Tom. Quando a carroça estava passando, uma das ovelhas pulou pela porta aberta de uma taberna e em segundos o rebanho inteiro estava lá dentro, em pânico, balindo e desarrumando mesas, bancos e jarras de cerveja.

O chão era um mar de lama e lixo. Tom tinha bom olho para avaliar o caimento de um telhado, sabia a extensão de calha necessária para levar a chuva embora, e pôde ver que toda a água que caía sobre todos os telhados

daquela metade da cidade escoava por aquela rua. Em um temporal forte, pensou, seria preciso um barco para atravessá-la.

Quando chegaram perto do castelo, no alto do morro, a rua ficou mais larga. Ali havia casas de cantaria, uma ou outra precisando de alguns reparos. Pertenciam a artesãos e comerciantes cujas oficinas e vendas ficavam no térreo e que moravam no primeiro andar. Ao observar com um olho experiente o que estava à venda, Tom constatou que aquela cidade era próspera. De facas e panelas todo mundo precisava, mas só gente abastada comprava xales bordados, cintos decorados e fivelas de prata.

Em frente ao castelo, o carroceiro fez sua parelha de bois virar à direita, e Tom e a família o seguiram. A rua margeava as fortificações da cidade, formando um quarto de círculo. Ao passarem por outro portão, eles saíram do tumulto da cidade com a mesma rapidez com que haviam entrado e mergulharam em outro tipo de confusão: a diversidade caótica, porém ordenada, de um canteiro de obras de grandes proporções.

Estavam dentro do adro murado da catedral, que ocupava todo o quarto noroeste da cidade circular. Tom passou alguns instantes parado, absorvendo tudo em volta. O simples fato de ver, ouvir e sentir o cheiro da obra o deixava animado como num dia de sol. Quando chegaram perto do carregamento de pedra, duas outras carroças estavam indo embora vazias. Em barracões armados junto às paredes laterais da igreja, era possível ver pedreiros, com cinzéis de ferro e grandes martelos de madeira, talhando blocos de pedra nos formatos que seriam unidos para formar plintos, colunas, capitéis, fustes, contrafortes, arcos, janelas, peitoris, torreões e parapeitos. No meio do espaço, bem afastada das outras edificações, ficava a fundição, o brilho do fogo aceso lá dentro visível pelo vão da porta aberta. As batidas do martelo na bigorna ecoavam no espaço conforme o ferreiro fabricava novas ferramentas para substituir as que os pedreiros desgastavam. Para a maioria das pessoas, aquilo parecia um caos, mas Tom via um grande e complexo mecanismo que ansiava por controlar. Sabia o que cada homem fazia e podia ver num instante em que estágio se encontrava a obra. Estavam construindo a fachada leste.

Na extremidade leste da igreja, um andaime subia até uma altura de 8 ou 9 metros. Abrigados no pórtico da igreja, os pedreiros esperavam a chuva amainar, mas seus serventes subiam e desciam correndo as escadas com pedras nos ombros. Mais acima, no madeiramento do telhado, como

aranhas se agitando por uma gigantesca teia, os encanadores pregavam placas de chumbo nos caibros e instalavam canos de escoamento e calhas.

Para seu pesar, Tom constatou que a construção estava quase pronta. Se ele fosse contratado ali, o trabalho não duraria mais do que dois anos, tempo insuficiente até para alcançar a posição de mestre pedreiro, que dirá de mestre construtor. Mesmo assim, se lhe oferecessem o emprego, aceitaria, pois o inverno estava chegando. Ele e a família poderiam sobreviver a um inverno sem trabalho caso ainda tivessem o porco, mas sem o animal Tom precisava ser contratado.

Foram seguindo a carroça pelo adro até onde as pedras ficavam empilhadas. Agradecidos, os bois baixaram as cabeças até o cocho de água.

– Onde está o mestre construtor? – perguntou o carroceiro a um pedreiro que passava.

– No castelo – respondeu o pedreiro.

O carroceiro balançou a cabeça e virou-se para Tom.

– Acho que você pode encontrá-lo no palácio do bispo.

– Obrigado.

– Eu que agradeço.

Tom saiu do adro da igreja, seguido por Agnes e pelos filhos. Tornaram a percorrer as ruas lotadas e estreitas até chegarem ao castelo. Ali havia outro fosso seco, e uma segunda e imensa muralha de terra cercava a fortaleza central. Eles atravessaram a ponte levadiça. Em uma guarita em um dos lados do portão, sentado em um banquinho, um homem corpulento, vestindo uma túnica de couro, olhava a chuva. Estava armado com uma espada. Tom o abordou:

– Bom dia. Meu nome é Tom Builder. Quero falar com o mestre construtor, John de Shaftesbury.

– Ele está com o bispo – respondeu o guarda, indiferente.

Eles entraram. Como a maioria dos castelos, aquele era uma reunião de edificações díspares cercadas por uma muralha de terra. O pátio devia ter uns 100 metros de diâmetro. Do lado oposto ao portão ficava a imensa fortaleza de pedra, último refúgio em caso de ataque, mais alta do que as muralhas para poder servir de ponto de observação. À esquerda havia um aglomerado de construções baixas, a maioria feita de madeira: um estábulo comprido, uma cozinha, uma padaria e vários depósitos. No meio

do pátio, um poço. À direita, ocupando quase toda a metade norte do conjunto, ficava uma grande casa de pedra que obviamente era o palácio. Construído no mesmo estilo da nova catedral, tinha portas e janelas pequenas e arredondadas no alto, e dois andares. Era novo. Na verdade, ainda havia pedreiros trabalhando num dos cantos, pelo visto construindo uma torre. Apesar da chuva, muitas pessoas iam e vinham pelo pátio ou corriam apressadas de uma construção para outra: homens de armas, padres, comerciantes, trabalhadores da construção e criados do palácio.

Tom pôde ver que o palácio tinha várias portas, todas abertas. Não soube ao certo o que fazer em seguida. Se o mestre construtor estivesse com o bispo, talvez fosse melhor não interromper. Por outro lado, o bispo não era um rei, e Tom era um homem livre e um pedreiro, com um assunto legítimo a tratar, não um reles servo choroso trazendo alguma queixa. Decidiu ser audaz. Deixou Agnes e Martha onde estavam, atravessou com Alfred o pátio enlameado até o palácio e entrou pela porta mais próxima.

Eles se viram dentro de uma pequena capela com teto abobadado e uma janela na outra ponta, acima do altar. Perto da porta, um padre sentado diante de uma mesa alta escrevia depressa sobre um pergaminho. Ele ergueu os olhos.

– Onde está mestre John? – indagou Tom imediatamente.

– Na sacristia – respondeu o padre, inclinando a cabeça na direção de uma porta na parede lateral.

Tom não pediu para falar com o mestre. Caso agisse como se estivesse sendo esperado, pensou, era menos provável perder tempo aguardando. Atravessou a capelinha com poucos passos e entrou na sacristia.

Era um recinto exíguo, quadrado, iluminado por muitas velas. A maior parte do espaço estava ocupada por uma caixa de areia rasa. A areia fina havia sido alisada com uma régua até ficar perfeitamente reta. Havia dois homens, que olharam para Tom por um breve instante e em seguida tornaram a se concentrar na areia. O bispo, um velho todo enrugado, dono de olhos negros brilhantes, desenhava algo na areia com uma vara pontuda. O mestre construtor, que usava um avental de couro, observava com ar paciente e uma expressão cética.

Tom aguardou em silêncio, ansioso. Precisava passar uma boa impressão: ser cortês sem se rebaixar e mostrar seu conhecimento sem ser arrogante. Sabia que um mestre artesão desejava subordinados que fossem

ao mesmo tempo capazes e obedientes. Sabia por experiência própria, pois já estivera na posição de quem contrata.

O bispo Roger estava esboçando uma construção de dois andares com janelas grandes em três dos lados. Talentoso para o desenho, traçava linhas retas e ângulos de 90 graus exatos. Desenhou uma planta baixa e uma perspectiva lateral do prédio. Tom percebeu que aquilo jamais poderia ser construído.

Ao terminar, o bispo falou:

– Pronto.

John se virou para Tom e perguntou:

– O que é?

Tom fingiu ter entendido que estavam lhe pedindo sua opinião sobre o desenho.

– Não é possível ter janelas grandes assim em um depósito no térreo.

O bispo o encarou com irritação.

– É uma sala de escrita, não um depósito.

– Vai desabar do mesmo jeito.

– Ele tem razão – disse John.

– Mas eles precisam de luz para escrever.

John deu de ombros e se virou para Tom.

– E você, quem é?

– Meu nome é Tom e sou pedreiro.

– Já tinha percebido. O que o traz aqui?

– Estou procurando trabalho.

Tom prendeu a respiração.

John balançou a cabeça na mesma hora.

– Não tenho como contratar você.

Tom sentiu um peso no peito. Sua vontade foi dar meia-volta, mas ele esperou educadamente para escutar os motivos.

– Já faz dez anos que estamos construindo aqui – continuou John. – A maioria dos pedreiros tem casas na cidade. Estamos chegando ao final da obra, e eu agora na verdade tenho mais pedreiros do que necessito.

Mesmo sabendo que não havia esperança, Tom continuou:

– E no palácio?

– A mesma coisa – respondeu John. – É lá que estou usando meus homens excedentes. Se não fosse o palácio e os outros castelos do bispo

Roger, eu já teria dispensado alguns deles.

Tom balançou a cabeça.

– O senhor sabe de trabalho em algum lugar? – perguntou com uma voz neutra, tentando não deixar transparecer o desespero.

– No começo do ano eles estavam trabalhando no mosteiro de Shaftesbury. Talvez ainda estejam. Fica a um dia de viagem daqui.

– Obrigado.

Tom se virou para ir embora.

– Eu sinto muito – disse John enquanto ele se afastava. – Você parece um bom homem.

Tom saiu sem responder. Estava decepcionado. Havia alimentado suas esperanças cedo demais; não havia nada de incomum em receber uma resposta negativa. Mas ele ficara animado com a perspectiva de trabalhar em uma catedral outra vez. Agora talvez fosse obrigado a construir a monótona muralha de alguma cidade ou uma casa feia para um ourives.

Endireitou os ombros enquanto atravessava de novo o pátio do castelo até onde Agnes o esperava com Martha. Nunca mostrava sua decepção para a mulher. Sempre tentava lhe passar a impressão de que tudo estava bem, de que tinha a situação sob controle, de que não importava muito não haver trabalho ali, pois com certeza encontrariam alguma coisa na próxima cidade, ou então na seguinte. Sabia que, se demonstrasse qualquer sinal de preocupação, Agnes insistiria para que achasse um lugar onde se estabelecessem, e ele não queria fazer isso, não até que encontrassem uma cidade onde houvesse uma catedral a ser construída.

– Não há nada para mim aqui – disse à mulher. – Vamos em frente.

Ela fez uma cara arrasada.

– Como assim? Com uma catedral *e* um palácio em obras, deveria haver vaga para mais um pedreiro.

– As duas obras estão quase no fim – explicou Tom. – Eles têm mais homens do que precisam.

A família atravessou a ponte levadiça e tornou a mergulhar nas ruas lotadas da cidade. Haviam entrado em Salisbury pelo portão leste e saíam pelo oeste, na direção de Shaftesbury. Tom dobrou à direita, seguindo pela parte da cidade que eles ainda não tinham visto.

Parou em frente a uma casa de pedra que precisava urgentemente de reparos. Tinham usado argamassa fraca demais na construção e agora

estava esfarelando e se soltando. A água havia congelado nos buracos e feito algumas das pedras racharem. Mais um inverno e os danos seriam ainda maiores. Tom resolveu avisar ao proprietário.

A entrada do térreo era um arco bem largo. A porta de madeira estava aberta e, na soleira, um artesão com um martelo na mão direita e na esquerda uma soveira – uma pequena ferramenta de metal pontuda – esculpia um desenho intrincado em uma sela de madeira posicionada sobre o banco à sua frente. Ao fundo, Tom viu estoques de madeira e couro e um menino varrendo lascas com uma vassoura.

– Bom dia, mestre seleiro – cumprimentou.

O seleiro ergueu os olhos, classificou Tom como o tipo de homem capaz de fabricar a própria sela caso precisasse de uma e deu um meneio curto com a cabeça.

– Eu sou construtor – prosseguiu Tom. – Estou vendo que o senhor precisa dos meus serviços.

– Por quê?

– Sua argamassa está esfarelando, suas pedras estão rachando, e sua casa pode não aguentar outro inverno.

O seleiro balançou a cabeça.

– Esta cidade está cheia de pedreiros. Por que eu iria contratar um forasteiro?

– Muito bem. – Tom virou as costas. – Fique com Deus.

– Assim espero – retrucou o seleiro.

– Que sujeito mais sem modos – resmungou Agnes para Tom enquanto eles se afastavam.

A rua os conduziu a uma praça de mercado. Ali, em um mar de lama com meio acre de tamanho, camponeses de toda a região em torno da cidade trocavam carne, grãos, leite e ovos que tinham sobrado pelas coisas de que precisavam e que não podiam eles próprios fabricar: panelas, arados, cordas, sal. Em geral, os mercados eram coloridos e um tanto animados. Havia muitas negociações bem-humoradas, muita rivalidade fingida entre vendedores de barracas vizinhas, bolos baratos para as crianças, às vezes um menestrel ou uma trupe de malabaristas, muitas prostitutas maquiadas e vez por outra algum soldado aleijado contando histórias sobre desertos orientais e hordas sarracenas ensandecidas. Não raro, quem conseguia fechar um bom negócio sucumbia à tentação de

comemorar e gastava todo o lucro em cerveja forte, de modo que ao meio-dia o clima já era sempre de bagunça. Outros perdiam seus *pennies* nos dados, o que sempre dava briga. Naquela manhã chuvosa, porém, com a colheita do ano já vendida ou armazenada, o mercado estava tranquilo. Camponeses encharcados e taciturnos negociavam com vendedores trêmulos de frio, e todos ansiavam por voltar para casa e encontrar um belo fogo aceso.

A família de Tom abriu caminho por entre a multidão desanimada, ignorando as ofertas negligentes do vendedor de linguças e do amolador de facas. Já haviam quase chegado ao outro lado da praça quando Tom viu seu porco.

Seu espanto foi tal que no início não conseguiu acreditar nos próprios olhos. Então Agnes sussurrou:

– Tom! Olhe ali! – E ele entendeu que ela também tinha visto.

Não havia dúvida: ele conhecia seu porco tão bem quanto Alfred ou Martha. O homem que segurava o animal com mãos experientes tinha a compleição rosada e a cintura avantajada de quem come toda a carne de que precisa e mais um pouco: um açougueiro, decerto. Tom e Agnes ficaram parados e o encararam, e como estavam no seu caminho ele não pôde evitar reparar neles.

– O que foi? – perguntou, intrigado com aqueles olhares e impaciente por passar.

Quem rompeu o silêncio foi Martha.

– É o nosso porco! – falou, animada.

– É mesmo – disse Tom, encarando com firmeza o açougueiro.

Por um instante, uma expressão furtiva atravessou o semblante do homem e Tom viu que ele sabia que o porco era roubado. No entanto, respondeu apenas:

– Acabei de pagar 50 *pence* por ele, ou seja, o porco é meu.

– Não sei para quem o senhor deu esse dinheiro, mas o porco não era dele para vender. Com certeza foi por isso que conseguiu pagar tão barato. Quem lhe vendeu?

– Um camponês.

– O senhor o conhece?

– Não. Escute aqui, eu sou açougueiro da guarnição. Não posso sair pedindo a todo criador que me vende um porco ou uma vaca que me traga

doze homens jurando que o animal é dele.

O homem se virou para ir embora, mas Tom o segurou pelo braço e o deteve. Por um instante, o açougueiro exibiu uma expressão de raiva, mas então percebeu que, caso entrasse numa briga, seria obrigado a largar o porco e, se alguém da família de Tom conseguisse pegá-lo, o equilíbrio de poder se inverteria. Então, seria ele quem teria de provar que o bicho era seu. De modo que se conteve e disse:

– Se quiser fazer uma acusação, procure o representante do rei no condado.

Tom cogitou brevemente essa possibilidade e a descartou. Não tinha prova nenhuma. Em vez disso, decidiu fazer mais perguntas:

– Como ele era? O homem que lhe vendeu o porco?

– Igual a todo mundo – respondeu o açougueiro, adotando uma expressão esquiva.

– Ele manteve a boca coberta?

– Pensando bem, manteve, sim.

– Era um fora da lei escondendo uma mutilação – disse Tom com amargura. – Imagino que o senhor não tenha pensado nisso.

– O céu está despencando! – protestou o açougueiro. – Todo mundo está coberto.

– Só me diga quanto tempo faz que ele foi embora.

– Agorinha mesmo.

– E para onde estava indo?

– Para uma taberna, acho.

– Gastar meu dinheiro – falou Tom com repulsa. – Vá, pode ir. Quem sabe um dia o senhor também seja roubado, e aí vai desejar que não houvesse tanta gente pronta para comprar qualquer coisa barata sem fazer perguntas.

Zangado, o açougueiro hesitou, como se quisesse comentar alguma coisa, mas mudou de ideia e sumiu.

– Por que o deixou ir embora? – quis saber Agnes.

– Porque ele é conhecido aqui e eu não – respondeu Tom. – Se eu brigar com ele, vou levar a culpa. E como o porco não tem o meu nome escrito na bunda, quem pode saber se ele é meu ou não?

– Mas todas as nossas economias...

– Ainda podemos conseguir o dinheiro do porco – disse Tom. – Cale a

boca e me deixe pensar. – A discussão com o açougueiro o deixara bravo, e ser ríspido com Agnes aliviava sua frustração. – Em algum lugar desta cidade tem um homem sem lábios com 50 *pennies* no bolso. Só precisamos encontrá-lo e tomar o dinheiro dele.

– Certo – concordou Agnes, decidida.

– Volte pelo mesmo caminho pelo qual viemos. Vá até o adro da catedral. Eu vou seguir em frente e chegar até ela pelo outro lado. Aí nós voltamos pela rua seguinte, e assim por diante. Se ele não estiver na rua, vai estar em alguma taberna. Quando o vir, fique perto dele e mande Martha me procurar. Eu vou com Alfred. Tente não deixar que ele a veja.

– Não se preocupe – falou Agnes, séria. – Quero esse dinheiro para dar de comer aos meus filhos.

Tom tocou seu braço e sorriu.

– Agnes, você é uma leoa.

Ela o encarou por alguns instantes, então, de repente, ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na boca, um beijo rápido mas firme. Em seguida se virou e tornou a atravessar a praça, arrastando Martha atrás de si. Tom a observou se afastar. Apesar da coragem da mulher, estava aflito. Seguiu com Alfred na direção contrária.

O ladrão devia pensar que estava perfeitamente seguro. É claro: quando roubou o porco, Tom estava a caminho de Winchester. O ladrão partira na direção oposta, para vender o porco em Salisbury. Tom mudara de planos apenas porque Ellen, a fora da lei, dissera que a catedral de Salisbury estava sendo reconstruída, e sem querer ele topara de novo com o ladrão. O homem, porém, pensava que nunca mais fosse ver Tom, o que dava ao pedreiro a chance de pegá-lo desprevenido.

Tom percorreu devagar a rua enlameada, tentando adotar um ar casual ao espiar pelos vãos de portas abertas. Queria permanecer discreto, pois aquilo poderia acabar em violência e não desejava que as pessoas se lembrassem de um pedreiro alto vasculhando a cidade. As casas eram em sua maioria casebres comuns feitos de madeira, lama e colmo, com o chão coberto de palha, uma lareira no meio e algumas peças de mobília feitas pelos próprios proprietários. Um barril e alguns bancos formavam uma taberna; uma cama no canto com uma cortina na frente significava uma prostituta; um grupo ruidoso em volta de uma única mesa era uma partida de dados.

Uma mulher com a boca pintada de vermelho mostrou-lhe os seios e Tom balançou a cabeça e passou apressado. Em seu íntimo, intrigava-lhe a ideia de ter relações com uma total desconhecida, à luz do dia, e pagar por isso, mas em toda a sua vida nunca havia experimentado tal coisa.

Tornou a pensar em Ellen, a fora da lei. Também havia nela algo intrigante. Era muito atraente, mas aqueles olhos fundos e intensos intimidavam. O convite de outra puta deixou Tom infeliz por alguns segundos, mas o feitiço lançado por Ellen ainda não havia se dissipado e ele sentiu um súbito e tolo desejo de voltar correndo para a floresta, encontrá-la e se jogar em cima dela.

Chegou ao adro da catedral sem encontrar o ladrão. Olhou para os encanadores que pregavam as placas no telhado de madeira triangular que cobria a nave. Ainda não haviam começado a fechar as meias-águas das galerias laterais da igreja e ainda dava para ver os meios-arcos de sustentação que ligavam a borda externa da galeria à parede principal da nave, dando sustentação à metade superior da igreja. Apontou-os para Alfred.

– Sem esses apoios, a parede da nave se curvaria para fora e desabaria com o peso dos arcos de pedra lá dentro – explicou. – Está vendo como os meios-arcos estão alinhados com os contrafortes da parede da galeria? Também estão alinhados com as colunas da nave lá dentro. E as janelas da galeria estão alinhadas com os arcos da arcada. Linhas fortes alinhadas entre si, e as fracas igualmente alinhadas entre si.

Alfred exibiu uma cara de frustração e ressentimento. Tom deu um suspiro.

Viu Agnes chegar do lado oposto e tornou a pensar no problema imediato. O capuz da mulher escondia-lhe o rosto, mas ele a reconheceu pelo modo de andar: queixo projetado para a frente, passos seguros. Trabalhadores de ombros largos abriram caminho para que ela passasse. Se a mulher encontrasse o ladrão e houvesse uma briga, pensou Tom preocupado, seria páreo duro.

– Você o viu? – perguntou ela.

– Não. Pelo visto você também não.

Tom torceu para que o ladrão ainda estivesse na cidade. Ele não iria embora sem antes gastar alguns de seus *pennies*, não é mesmo? Na floresta, o dinheiro de nada servia.

Agnes pensava a mesma coisa.

– Ele está aqui em algum lugar. Vamos continuar procurando.

– Vamos voltar por ruas diferentes e nos encontrar de novo na praça do mercado.

Tom e Alfred refizeram seu percurso pelo adro da igreja e saíram pelo portão. A chuva agora havia encharcado suas capas e Tom imaginou por um breve instante uma jarra de cerveja e uma tigela de caldo de carne junto ao fogo aceso de uma taberna. Então pensou em quanto havia trabalhado para comprar o porco, tornou a ver o homem sem lábios brandindo o porrete na cabeça inocente de Martha e sua raiva o aqueceu por dentro.

Como as ruas não tinham uma ordenação, era difícil fazer a busca de forma sistemática. Eles foram andando de um lado para outro, de acordo com as casas das pessoas, e viram curvas fechadas e becos sem saída. A única rua reta era a que conduzia do portão leste à ponte levadiça do castelo. Ao passar por ali antes, Tom se mantivera rente às muralhas. Agora começou a vasculhar os arredores, e se pôs a ziguezaguear até os muros da cidade e de volta à parte interna. Ali ficavam os bairros mais pobres, com as construções mais precárias, as tabernas mais ruidosas e as prostitutas mais velhas. Como a extremidade da cidade era mais baixa do que o centro, o lixo dos bairros mais ricos descia as ruas levado pela água e ia parar no pé do muro. Algo semelhante parecia acontecer com as pessoas, pois aquela região tinha um quinhão maior do que o normal de aleijados e mendigos, crianças famintas, mulheres espancadas e bêbados incapazes.

Mas o sujeito sem lábios não se encontrava em lugar nenhum.

Por duas vezes, Tom viu um homem de compleição e aspecto geral mais ou menos corretos, mas quando olhou mais de perto viu que o rosto era normal.

Encerrou sua busca na praça do mercado e lá encontrou Agnes à sua espera, impaciente, com o corpo tenso e um brilho nos olhos.

– Achei! – sussurrou ela.

Tom foi tomado por um misto de animação e apreensão.

– Onde?

– Ele entrou em uma casa de comida perto do portão leste.

– Me leve até lá.

Eles rodearam o castelo até a ponte levadiça, desceram a rua reta até o portão leste, em seguida dobraram para dentro de um labirinto de ruelas rente ao muro. Instantes depois, Tom viu a casa de comida. Na verdade, não era uma casa, apenas um telhado oblíquo sustentado por quatro postes encostado no muro da cidade, com um imenso fogo aceso nos fundos acima do qual um carneiro girava em um espeto e um caldeirão borbulhava. Já era por volta de meio-dia e o pequeno espaço estava lotado de pessoas, quase apenas homens. O cheiro da carne fez a barriga de Tom roncar. Ele vasculhou com os olhos a pequena multidão, com medo de o ladrão ter ido embora no curto tempo que eles haviam levado para chegar. Viu o homem na mesma hora, sentado em um banco um pouco afastado da confusão, comendo uma tigela de ensopado com uma colher e segurando um pano na frente do rosto para esconder a boca.

Tom virou as costas depressa para não ser visto. Agora precisava decidir como lidar com a situação. Estava zangado o suficiente para jogar o ladrão no chão e pegar sua bolsa, mas a multidão não o deixaria ir embora. Ele teria de se explicar, não só para os presentes, mas também para o representante do rei no condado. Tom estava no seu direito, e o fato de o ladrão ser um fora da lei significava que não teria ninguém para confirmar sua honestidade; já Tom era obviamente um homem respeitável, um pedreiro. No entanto, estabelecer tudo isso levaria tempo, talvez semanas até, caso o representante do rei por acaso estivesse em outra parte do condado; e, se houvesse uma confusão, ele ainda poderia ser acusado de violar a paz do rei.

Não. Seria mais sensato pegar o ladrão sozinho.

O sujeito não poderia passar a noite na cidade, pois não tinha casa ali nem conseguiria arrumar hospedagem sem provar de alguma forma que era um homem respeitável. Portanto, teria de ir embora antes de os portões fecharem, ao cair da noite.

E só havia dois portões.

– É provável que ele volte pelo mesmo caminho por que veio – disse Tom para Agnes. – Vou ficar esperando do lado de fora do portão leste. Alfred vai vigiar o portão oeste. Você fica na cidade vendo o que o ladrão faz. Mantenha Martha ao seu lado, mas não deixe que ele a veja. Se precisar mandar algum recado para mim ou para Alfred, use a menina.

– Certo – falou Agnes, tensa.

– E o que eu faço se ele vier na minha direção? – quis saber Alfred.
Estava animado.

– Nada – respondeu Tom com firmeza. – Veja que estrada ele pega e espere. Martha irá me buscar e nós o pegaremos juntos. – Alfred parecia decepcionado, e Tom arrematou: – Faça o que estou mandando. Além do porco, não quero perder também o filho.

De má vontade, o rapaz assentiu.

– Vamos nos separar antes que ele nos veja aqui juntos tramando. Vão.

Tom os deixou imediatamente, sem olhar para trás. Podia confiar em Agnes para executar o plano. Foi depressa até o portão leste e saiu da cidade, atravessando a mesma ponte bamba de madeira pela qual havia empurrado a carroça de bois naquela manhã. Bem na sua frente estava a estrada para Winchester, que seguia reta rumo ao leste como um comprido tapete desenrolado sobre morros e vales. À sua esquerda, a estrada pela qual ele e possivelmente o ladrão haviam chegado a Salisbury, chamada Portway, circundava um morro e desaparecia. Era quase certo que o ladrão seguiria por ali.

Tom desceu o morro, atravessou o aglomerado de casas na encruzilhada, em seguida fez a curva e entrou na Portway. Precisava se esconder. Foi caminhando pela estrada em busca de um lugar propício. Avançou uns 200 metros sem encontrar nada. Olhou para trás e viu que estava longe demais: não conseguia mais ver os rostos das pessoas na encruzilhada, de modo que não notaria se o homem sem lábios aparecesse e pegasse a estrada para Winchester. Tornou a correr os olhos pela paisagem. A estrada era margeada em ambos os lados por valas que teriam proporcionado um esconderijo se o tempo estivesse seco, mas naquele dia estavam cheias d'água. Depois de cada vala, o terreno subia formando um barranco. No campo, do lado sul da estrada, umas poucas vacas pastavam a vegetação que sobrara depois da colheita. Tom reparou que uma delas estava deitada na extremidade mais alta da campina, com vista para a estrada, parcialmente oculta pelo barranco. Deu um suspiro e refez o mesmo caminho. Pulou a vala e deu um chute na vaca, que se levantou e foi embora. Tom então se deitou no espaço quentinho e seco deixado por ela. Puxou o capuz para cobrir o rosto e se acomodou para esperar, recriminando-se por não ter se lembrado de comprar um pouco de pão antes de sair da cidade.

Estava nervoso e um pouco assustado. O fora da lei era um homem baixo, mas movia-se depressa e era mau, como havia demonstrado ao atingir Marta com o porrete e roubar o porco. Tom não temia se machucar. Não conseguir seu dinheiro de volta o deixava bem mais preocupado.

Torceu para que Agnes e Marta ficassem bem. Sabia que a mulher era capaz de se virar sozinha e, mesmo que o fora da lei a visse, o que poderia fazer? Ele ficaria alerta, só isso.

De onde estava, Tom podia ver as torres da catedral. Desejou ter tido tempo de espiar lá dentro. Estava curioso em relação ao tratamento das pilastras da arcada. Em geral, eram grossos pilares, do topo dos quais brotavam arcos: dois em direção ao norte e ao sul, que se uniam aos pilares adjacentes da arcada; e um na direção leste ou oeste, por cima da galeria lateral. O efeito era feio. Havia algo esquisito em um arco que partia do alto de uma coluna redonda. Quando Tom construísse sua catedral, cada pilastra seria composta por um feixe de colunas finas, com um arco brotando do topo de cada coluna, uma estrutura lógica e elegante.

Começou a imaginar a decoração dos arcos. Formatos geométricos eram os mais usuais; esculpir zigue-zagues e losangos não requeria grande habilidade. Mas Tom gostava de folhagens, que proporcionavam suavidade e davam um toque de natureza à dura regularidade das pedras.

A catedral imaginária ocupou seus pensamentos até o meio da tarde, quando ele viu a silhueta franzina e a cabeça loura de Martha atravessar saltitando a ponte e passar por entre as casas. Na encruzilhada, a menina hesitou, em seguida escolheu a estrada certa. Tom a viu andar na sua direção e notou seu cenho franzido enquanto ela se perguntava onde ele poderia estar.

– Martha! – chamou baixinho quando a filha estava na mesma altura que ele.

Ela soltou um gritinho agudo antes de ver o pai e correr até ele, pulando por cima da vala.

– Mamãe mandou isto aqui – disse ela, e tirou algo de dentro da capa.

Era uma torta de carne quentinha.

– Pela santa cruz, sua mãe é mesmo uma boa mulher! – exclamou Tom, dando uma mordida enorme na torta. Era recheada de carne e cebola e estava deliciosa.

Martha se agachou na grama ao lado do pai.

– O que aconteceu com o homem que roubou nosso porco foi o seguinte – disse ela.

Franziu o nariz e se concentrou para se lembrar do que tinham lhe pedido que dissesse. A menina era tão adorável que Tom sentiu perder o fôlego.

– Ele saiu da casa de comida, encontrou uma senhora de rosto pintado e foi para a casa dela. Ficamos esperando do lado de fora.

Enquanto o bandido gastava o nosso dinheiro com uma puta, pensou Tom, amargurado.

– Pode continuar – falou.

– Ele não demorou muito na casa da senhora, e quando saiu foi para uma taberna. Está lá agora. Não bebe muito, mas está jogando dados.

– Tomara que ele ganhe – comentou Tom, desanimado. – Só isso?

– Só.

– Está com fome?

– Comi um pãozinho.

– Você contou isso tudo para Alfred?

– Ainda não. Depois daqui, preciso ir falar com ele.

– Diga para ele tentar se abrigar da chuva.

– Tentar se abrigar da chuva – repetiu ela. – Digo isso antes ou depois de falar sobre o homem que roubou nosso porco?

Pouco importava, claro.

– Depois – respondeu Tom, pois sua filha queria uma resposta precisa. Sorriu para ela. – Que menina mais esperta. Pode ir agora.

– Estou gostando dessa brincadeira – disse ela.

Deu um aceno e foi embora; suas pernas de criança apareceram por um instante quando ela pulou a vala com um movimento gracioso e saiu correndo de volta na direção da cidade. Tom a observou com amor e raiva no coração. Ele e Agnes tinham trabalhado duro para arrumar dinheiro para alimentar os filhos, e ele estava disposto a matar para recuperar o que lhes fora roubado.

Talvez o fora da lei também estivesse disposto a matar. Essas pessoas, como o nome indicava, viviam à margem da lei; a existência delas era de uma violência sem limites. Talvez essa não fosse a primeira vez que Faramond Openmouth era obrigado a confrontar uma de suas vítimas. Certamente era um homem perigoso.

A luz do dia começou a cair surpreendentemente cedo, como às vezes acontecia nas tardes de outono. Tom temeu não conseguir reconhecer o ladrão debaixo da chuva. À medida que a noite chegava, o tráfego de pessoas indo e vindo da cidade escasseava, pois a maioria dos visitantes havia saído a tempo de alcançar suas aldeias antes do anoitecer. As luzes das velas e dos lampiões começaram a tremeluzir nas casas mais altas da cidade e nos casebres junto às muralhas. Com pessimismo, Tom pensou se o ladrão no fim das contas iria passar a noite lá dentro. Talvez tivesse na cidade amigos desonestos dispostos a hospedá-lo, mesmo sabendo que ele era um fora da lei. Talvez...

Foi então que Tom viu um homem com um lenço na frente da boca.

Estava atravessando a ponte de madeira junto com dois outros. De repente, ocorreu a Tom que os dois cúmplices do ladrão, o careca e o homem do gorro verde, talvez o tivessem acompanhado a Salisbury. Não tinha visto nenhum dos dois na cidade, mas os três podiam ter se separado por um tempo e depois tornado a se encontrar para o trajeto de volta. Tom praguejou entre os dentes; não pensara que talvez tivesse de dar conta de três. No entanto, ao chegar mais perto, o grupo se separou, e Tom percebeu, aliviado, que eles afinal não estavam juntos.

Os dois primeiros eram pai e filho, dois camponeses de olhos escuros bem próximos e narizes aduncos. Seguiram pela Portway, e o homem do lenço foi atrás.

Tom estudou o andar do ladrão enquanto ele se aproximava. Parecia sóbrio, o que era uma pena.

Ao olhar para trás na direção da cidade, viu uma mulher e uma menina surgirem na ponte: Agnes e Martha. Ficou consternado. Não havia previsto que as duas estivessem presentes quando confrontasse o ladrão. Mas lembrou-se de que não tinha dado nenhuma instrução em contrário.

Quando os três foram se aproximando dele pela estrada, ficou tenso. Tom era tão grande que a maioria das pessoas cedia quando o enfrentava, mas os bandidos eram uma gente desesperada, e não havia como prever o que poderia acontecer em uma briga.

Os dois camponeses passaram, alegres e tranquilos, conversando sobre cavalos. Tom tirou do cinto seu martelo de cabeça de ferro e o sopesou na mão direita. Odiava ladrões, uma gente que não trabalhava e que roubava o pão das pessoas de bem. Não teria o menor escrúpulo em acertar aquele ali

com o martelo.

O bandido pareceu diminuir o passo ao chegar mais perto, como se pressentisse o perigo. Tom aguardou até ele estar a 4 ou 5 metros de distância, próximo demais para recuar e longe demais para passar correndo. Então rolou barranco abaixo, saltou por cima da vala e se postou à sua frente.

O homem estacou e o encarou.

– O que foi? – perguntou, nervoso.

Não está me reconhecendo, pensou Tom.

– Você roubou meu porco ontem, e hoje o vendeu para um açougueiro – falou.

– Não fui eu...

– Não tente negar – disse Tom. – É só me dar o dinheiro que conseguiu por ele e não vou machucá-lo.

Por alguns instantes, pensou que o ladrão fosse fazer justamente isso. Teve uma sensação de anticlímax ao vê-lo hesitar. Então ele deu meia-volta, começou a correr... e trombou em cheio em Agnes.

Agnes era uma mulher dura na queda, e o homem não estava rápido o suficiente para derrubá-la; os dois então passaram alguns instantes balançando de um lado para o outro, em uma dança desajeitada. Ele então percebeu que ela estava impedindo que ele passasse de propósito e a empurrou para o lado. Ela então esticou uma das pernas. Seu pé entrou entre os joelhos do ladrão, e os dois caíram no chão.

Com o coração na boca, Tom correu até a mulher. O ladrão estava se levantando com um dos joelhos nas costas dela. Tom o agarrou pela gola da roupa e puxou para trás com violência. Jogou-o em direção à margem da estrada antes que ele conseguisse recuperar o equilíbrio, então o atirou dentro da vala.

Agnes se levantou. Martha correu até a mãe e Tom perguntou depressa:

– Tudo bem?

– Tudo – respondeu Agnes.

Os dois camponeses, que haviam parado e dado meia-volta, assistiam à cena, perguntando-se o que estava acontecendo. O ladrão estava caído de joelhos dentro da vala.

– Ele é um fora da lei – disse Agnes em voz alta para eles, a fim de desencorajar qualquer interferência. – Roubou nosso porco.

Os camponeses não responderam, mas ficaram esperando para ver o que iria acontecer.

Tom tornou a falar com o ladrão:

– Me dê meu dinheiro e eu deixo você ir embora.

Rápido como um rato, o homem pulou para fora da vala com uma faca na mão e tentou apunhalar Tom na garganta. Agnes deu um grito. Tom se esquivou e a faca passou luzindo junto a seu rosto, e ele sentiu uma dor e uma ardência no maxilar.

Deu um passo para trás e desferiu um golpe com o martelo na mesma hora em que a faca tornou a luzir. O ladrão pulou para trás e tanto a faca quanto o martelo zuniram pelo ar úmido da noite sem encontrar nada.

Por alguns instantes, os dois permaneceram parados frente a frente, ofegantes. A bochecha de Tom doía. Ele se deu conta de que era um combate equilibrado, pois, embora ele fosse maior, o ladrão estava armado com uma faca, arma bem mais mortal do que um martelo de pedreiro. Sentiu um arrepio de medo ao entender que talvez estivesse prestes a morrer. De repente, não conseguia mais respirar.

De soslaio, viu um movimento repentino. O ladrão também viu e lançou um rápido olhar para Agnes, em seguida abaixou a cabeça no instante em que uma pedra saiu voando da mão dela na sua direção.

Agindo com a rapidez de um homem que teme pela própria vida, Tom brandiu o martelo na cabeça abaixada do ladrão.

O golpe o acertou bem na hora em que ele estava erguendo a cabeça. O martelo de ferro atingiu a linha dos cabelos. Foi um golpe apressado, e Tom não conseguiu imprimir nele toda a força de que era capaz. O ladrão cambaleou, mas não caiu.

Tom o acertou outra vez.

O segundo golpe foi mais forte. Enquanto o homem, atordado, tentava voltar a focar a vista, Tom teve tempo de erguer o martelo acima da cabeça e mirar. Ao golpear, pensou em Martha. A ferramenta acertou com toda a força, e o ladrão caiu no chão feito uma boneca de pano.

Tom estava agitado demais para se sentir aliviado. Ajoelhou-se ao lado do homem e começou a revistá-lo.

– Onde está a bolsa dele? Onde está a bolsa dele, maldição?!

O corpo inerte era difícil de mover. Por fim, Tom o virou de costas e abriu a capa. Em seu cinto estava pendurada uma bolsa grande de couro.

Tom a abriu. Dentro dela havia uma bolsinha de lã macia fechada por um barbante. Ele a pegou. Estava leve.

– Vazia! – exclamou. – Ele deve ter outra.

Puxou a capa de baixo do sujeito e a tateou inteira, com todo o cuidado. Não havia nenhum bolso secreto, nenhuma resistência no tecido. Tirou as botas do ladrão. Nada lá dentro. Pegou a faca no cinto e cortou as solas; nada.

Impaciente, levou a faca até a gola da túnica de lã do homem e a rasgou até a bainha. Não havia nenhum cinto de dinheiro escondido.

O ladrão ficou caído no meio da estrada cheia de lama, nu a não ser pelas meias. Os dois camponeses encaravam Tom como se ele estivesse louco.

– Ele não tem dinheiro nenhum! – disse Tom a Agnes, furioso.

– Deve ter perdido tudo nos dados – retrucou ela, amarga.

– Espero que ele queime no fogo do inferno – falou Tom.

Agnes se ajoelhou e tateou o peito do ladrão.

– É lá que ele está agora – disse. – Você o matou.

IV

No Natal, eles já estavam passando fome.

O inverno veio cedo, frio, duro e impiedoso como o cinzel de ferro de um pedreiro. Quando a primeira neve branqueou os campos, ainda havia maçãs nas árvores. As pessoas falaram de uma frente fria, pensando que fosse passar logo, mas não passou. Aldeias que haviam deixado a aradura do outono para mais tarde quebraram seus arados na terra dura como pedra. Os camponeses se apressaram para matar e salgar seus porcos para o inverno e os senhores abateram parte do gado, pois no inverno os pastos não dariam conta do mesmo rebanho que no verão, mas mesmo assim alguns dos animais que ficaram morreram, pois a geada não deu trégua e secou o pasto. Os lobos ficaram desesperados e entravam nos povoados ao cair da noite para levar embora galinhas magras e crianças letárgicas.

Nos canteiros de obras reino afora, assim que começou a nevar, as paredes construídas no verão tiveram de ser cobertas às pressas com palha

e esterco para isolá-las do frio mais intenso, uma vez que a argamassa ainda não havia secado por completo e, se congelasse, iria rachar. Não haveria mais trabalho com argamassa até a primavera. Alguns pedreiros, contratados apenas para o verão, voltaram para suas aldeias de origem, onde eram conhecidos como artesãos, não como pedreiros, e passariam o inverno fabricando arados, selas, arreios, carroças, pás, portas e qualquer outro objeto que exigisse mãos habilidosas no manejo do martelo, do cinzel e do serrote. Os outros se mudaram para os alojamentos improvisados nas obras e passavam todas as horas de luz talhando pedras em formatos complexos. No entanto, como o frio chegara adiantado, o trabalho avançou depressa demais. Como os camponeses estavam passando fome, os bispos, castelões e senhores tiveram menos dinheiro do que o previsto para gastar em construção e assim, à medida que o inverno avançava, alguns dos pedreiros eram dispensados.

Tom e a família foram a pé de Salisbury até Shaftesbury e de lá até Sherborne, Wells, Bath, Bristol, Gloucester, Oxford, Wallingford e Windsor. Por toda parte havia fogo aceso dentro das habitações, os pátios das igrejas e muros dos castelos ecoavam o som do ferro batendo na pedra e os mestres construtores fabricavam maquetes precisas de arcos e abóbadas com suas mãos hábeis envoltas em luvas sem dedos. Alguns se mostravam impacientes, rudes ou descorteses, outros olhavam com tristeza para os filhos magros e a esposa grávida de Tom e lhe falavam com gentileza e pesar; todos, porém, diziam a mesma coisa: não, não há trabalho para você aqui.

Quando possível, a família aproveitava a hospitalidade dos mosteiros, onde viajantes sempre podiam encontrar alguma refeição e um lugar para dormir, ainda que por uma noite apenas. Quando as amoras amadureceram nos arbustos espinhosos, passaram dias e dias alimentando-se só dessas frutas, como os passarinhos. Na floresta, Agnes acendia um fogo debaixo da panela de ferro e fervia mingau. Mesmo assim, muitas vezes eles eram obrigados a comprar pão de padeiros e arenque em conserva dos peixeiros ou então a comer em tabernas e casas de comida, o que era mais caro do que preparar as próprias refeições. De maneira inexorável, portanto, o dinheiro foi se esgotando.

Martha, magra por natureza, ficou ainda mais esquelética. Alfred não parou de crescer, como uma planta que se desenvolve em solo raso, e ficou

magricela. Agnes comia pouco, mas o bebê que crescia em seu ventre era guloso e Tom podia ver que a fome a atormentava. Às vezes lhe ordenava que comesse mais, e mesmo a força de vontade férrea da mulher cedia diante da autoridade conjunta do marido e do filho ainda por nascer. Mesmo assim, ela não ficou roliça e rosada como nas outras gestações. Pelo contrário: apesar do ventre inchado, estava descarnada, como uma criança desnutrida de uma região assolada pela fome.

Desde que saíram de Salisbury, os quatro tinham percorrido três quartos de um grande círculo, e no final do ano estavam de volta à vasta floresta que ia de Windsor até Southampton. Estavam a caminho de Winchester. Tom tinha vendido suas ferramentas de pedreiro e gastado todo o dinheiro com exceção de uns poucos *pennies*. Quando encontrasse um emprego, teria de pedir ferramentas emprestadas ou dinheiro para comprá-las. Se não arrumasse trabalho em Winchester, não sabia o que fazer. Tinha irmãos em sua cidade natal, mas esta ficava ao norte, a várias semanas de viagem, e a família morreria de fome antes de chegar lá. Agnes era filha única, e seus pais já haviam morrido. No meio do inverno não havia trabalho nos campos. Talvez ela conseguisse alguns *pennies* como criada de cozinha na casa de alguma família rica em Winchester. Certamente não poderia percorrer as estradas por muito mais tempo, pois a hora do parto estava se aproximando.

Mas Winchester ficava a três dias de distância, e eles agora estavam com fome. As amoras tinham acabado, não havia mosteiro por perto e não restava mais nenhum grão de aveia na panela que Agnes carregava nas costas. Na noite anterior, haviam trocado uma faca por um pão de centeio, quatro tigelas de sopa sem carne e um lugar para dormir junto ao fogo no casebre de um camponês. Não encontraram povoado nenhum desde então. Por volta do fim da tarde, porém, Tom viu uma fumaça subindo por entre as árvores e eles toparam com a casa de um solitário guarda-florestal real. Ele lhes deu um saco de nabos em troca da machadinha de Tom.

Tinham caminhado só mais 5 quilômetros quando Agnes disse estar cansada demais para prosseguir. Tom ficou surpreso. Em todos os seus anos juntos, nunca a ouvira dizer que estava cansada demais para nada.

Ela se sentou à sombra de um grande castanheiro-da-índia à beira da estrada. Com uma pá de madeira gasta – uma das poucas ferramentas que lhes restavam, pois ninguém a queria comprar –, Tom cavou um buraco

raso para acender uma fogueira. As crianças cataram gravetos e ele acendeu o fogo, em seguida pegou a panela e saiu em busca de um regato. Voltou com a panela cheia de água gelada e a pousou junto do fogo. Agnes fatiou alguns nabos. Martha recolheu as castanhas-da-índia que haviam caído da árvore e Agnes lhe mostrou como descascá-las e como moer o interior macio até formar uma farinha para engrossar a sopa de nabo. Tom despachou Alfred para buscar mais lenha, enquanto ele próprio pegava uma vara e saía para vasculhar as folhas mortas no chão da floresta, na esperança de encontrar um porco-espinho ou um esquilo hibernando para pôr na sopa. Não teve sorte.

Enquanto a noite caía e a sopa cozinhava, ele se sentou ao lado da mulher.

– Temos sal ainda? – indagou.

Ela balançou a cabeça.

– Há semanas você vem comendo mingau sem sal – disse ela. – Não reparou?

– Não.

– A fome é o melhor tempero.

– Bom, isso nós temos de sobra.

De repente, Tom foi tomado por um terrível cansaço. Sentiu o peso esmagador das decepções acumuladas dos últimos quatro meses e não conseguiu manter a coragem.

– Agnes, o que foi que deu errado? – perguntou, com a voz derrotada.

– Tudo – respondeu ela. – No inverno passado você não conseguiu trabalho. Arrumou um na primavera, mas a filha do conde cancelou o casamento e lorde William cancelou a construção da casa. Então nós decidimos ficar e trabalhar na colheita, o que foi um erro.

– Pois com certeza teria sido mais fácil arrumar trabalho em alguma obra no verão do que no outono.

– E o inverno chegou cedo. Apesar disso tudo, nós teríamos ficado bem, mas aí nosso porco foi roubado.

Tom aquiesceu, desanimado.

– Meu único consolo é saber que o ladrão agora está sofrendo todos os tormentos do inferno.

– Tomara que sim.

– Você duvida?

– Os padres não sabem tanto quanto fingem saber. Meu pai era padre, lembra?

Tom se lembrava muito bem. Uma das paredes da paróquia do pai dela estava desmoronando, sem possibilidade de conserto, e Tom fora chamado para reconstruí-la. Padres não podiam se casar, mas esse padre tinha uma governanta, a governanta tinha uma filha, e todos na aldeia sabiam que o padre era o pai da menina. Nem nessa época Agnes era uma moça bonita, mas sua pele tinha o viço da juventude, e ela parecia que ia explodir de tanta energia. Enquanto Tom trabalhava, ficava conversando com ele e às vezes, quando o vento fazia seu vestido colar no corpo, Tom podia ver suas curvas e até mesmo seu umbigo com quase tanta clareza quanto se ela estivesse despida. Certa noite, ela foi até a pequena cabana em que ele dormia, pôs a mão sobre sua boca para ele não falasse nada e tirou o vestido para que ele a visse nua à luz da lua. Ele então tomou nos braços aquele corpo jovem e forte e os dois fizeram amor.

– Éramos virgens, os dois – falou ele em voz alta.

Ela sabia no que ele estava pensando. Sorriu, mas seu rosto em seguida tornou a entristecer.

– Parece que faz tanto tempo... – disse.

– Podemos comer agora? – pediu Martha.

O cheiro da sopa fez a barriga de Tom roncar. Ele mergulhou sua tigela no caldeirão borbulhante e pescou algumas fatias de nabo banhadas em um caldo ralo. Usou o lado sem fio da faca para testar o ponto do legume. Não estava de todo cozido, mas decidiu não fazê-los esperar. Serviu uma tigela para cada filho, então levou uma para Agnes.

A mulher tinha um aspecto abatido e pensativo. Soprou a sopa para esfriá-la e depois levou a tigela à boca.

As crianças esvaziaram suas tigelas depressa e pediram mais. Usando a barra da capa para não queimar as mãos, Tom tirou a panela do fogo e serviu o que restava do caldo para os filhos.

Quando voltou para junto de Agnes, ela perguntou:

– E você?

– Amanhã eu como – respondeu ele.

Ela pareceu cansada demais para discutir.

Tom e Alfred aumentaram o fogo e cataram lenha suficiente para a noite inteira. Os quatro então se enrolaram nas capas e se deitaram sobre

as folhas para dormir.

Tom tinha o sono leve, e quando Agnes gemeu acordou na hora.

– O que foi? – sussurrou.

Ela gemeu outra vez. Estava pálida, com os olhos fechados.

– O bebê vai nascer – disse após alguns instantes.

Tom sentiu o coração dar um salto. Não ali, pensou, não no chão congelado nas profundezas de uma floresta.

– Mas ainda não está na hora – observou.

– Ele veio mais cedo.

Tom procurou acalmar a voz.

– A bolsa já estourou?

– Logo depois que saímos da cabana do guarda-florestal – respondeu ela, ofegante, sem abrir os olhos.

Tom se lembrou de ter visto a mulher entrar de repente no meio dos arbustos, como se precisasse atender ao chamado de uma necessidade urgente.

– E as dores?

– Desde então.

Era típico de Agnes não ter falado nada.

Alfred e Martha estavam acordados.

– O que está acontecendo? – perguntou o rapaz.

– O bebê vai nascer – respondeu Tom.

Martha desatou a chorar e Tom franziu o cenho.

– Você consegue voltar até a cabana do guarda-florestal? – perguntou para Agnes.

Lá eles pelo menos teriam um teto, e palha para deitar, e alguém para ajudar.

Agnes balançou a cabeça.

– Ele já desceu.

– Então não falta muito!

Estavam no trecho mais deserto da floresta. Desde a manhã não viam nenhum povoado e, segundo o guarda-florestal, passariam o dia seguinte inteiro na mesma situação. Isso significava que não havia chance de achar uma mulher que fizesse as vezes de parteira. Tom teria de fazer o parto sozinho, no frio, só com os filhos para ajudar, e se algo desse errado não tinha nenhum remédio à mão ou conhecimento...

A culpa é minha, pensou. Fui eu quem fez o filho nela e fui eu quem a deixou nessa miséria. Ela confiou que eu iria sustentá-la e agora vai parir ao ar livre no auge do inverno. Ele sempre havia desprezado os homens que tinham filhos e depois os deixavam morrer de fome; agora não era melhor do que eles. Sentia-se envergonhado.

– Estou tão cansada... – disse Agnes. – Não acho que vou conseguir dar à luz esse bebê. Eu quero descansar.

À luz da fogueira, seu rosto brilhava com uma fina camada de suor.

Tom entendeu que precisava assumir o controle da situação. Teria de dar força à mulher.

– Eu ajudo você – falou.

Não havia nada de misterioso ou complicado no que iria acontecer. Ele já havia assistido ao parto de várias crianças. Em geral essa era uma tarefa desempenhada por mulheres, pois elas sabiam como a mãe se sentia e eram mais úteis, mas não havia motivo nenhum para um homem não poder assumi-la caso fosse necessário. Primeiro, era preciso deixá-la confortável, depois descobrir em que estágio estava o trabalho de parto, em seguida fazer os preparativos adequados e por fim acalmá-la e reconfortá-la durante a espera.

– Como você está se sentindo? – perguntou.

– Estou com frio – respondeu ela.

– Chegue mais perto do fogo – falou ele. Tirou a capa e a estendeu no chão a um metro da fogueira. Com grande esforço, Agnes tentou se levantar. Tom a carregou sem dificuldade e a pousou com delicadeza em cima da capa.

Ajoelhou-se ao seu lado. A túnica que ela usava por baixo da capa era abotoada na frente de cima a baixo. Ele abriu dois botões e pôs as mãos lá dentro. Agnes arquejou.

– Está doendo? – indagou ele, surpreso e preocupado.

– Não – respondeu ela com um breve sorriso. – Suas mãos estão frias.

Ele sentiu o contorno da barriga. O volume estava mais alto e pontudo do que na noite anterior, quando os dois tinham dormido juntos sobre a palha do chão no casebre do camponês. Tom apertou um pouco mais forte para sentir o formato do bebê. Achou uma extremidade do corpo, logo abaixo do umbigo de Agnes, mas não conseguiu localizar a outra.

– Estou sentindo o bumbum dele, mas não a cabeça – falou.

– É porque a cabeça já está saindo – disse ela.

Ele a cobriu e ajeitou a capa em volta de seu corpo. Teria de ser rápido nos preparativos. Olhou para os dois filhos. Martha fungava. Alfred apenas exibiu uma cara assustada. Seria bom arrumar algo para eles fazerem.

– Alfred, pegue a panela e vá até o regato. Lave-a bem e traga cheia de água limpa. Martha, vá catar palha e faça duas cordas finas para mim, compridas o suficiente para um colar. Vão rápido. Quando o dia raiar, vocês terão outro irmão ou irmã.

Eles saíram. Tom pegou sua faca e uma pedrinha dura e começou a afiar a lâmina. Agnes deu outro gemido. Tom largou a faca e segurou sua mão.

Ficara sentado assim com ela no parto dos outros: primeiro Alfred, depois Matilda, que morrera aos 2 anos, então Martha, e depois o bebê que nascera morto, um menino que ele planejava em segredo batizar de Harold. Em todas as vezes, porém, havia mais alguém para proporcionar ajuda e segurança: a mãe de Agnes no caso de Alfred, uma parteira da aldeia para Matilda e Harold, e a própria esposa do senhor no parto de Martha. Dessa vez ele teria de fazer tudo sozinho. Mas não podia deixar transparecer o nervosismo, precisava fazê-la se sentir feliz e confiante.

Quando a contração passou, ela relaxou.

– Lembra quando Martha nasceu e lady Isabella foi a parteira? – perguntou Tom.

Agnes sorriu.

– Você estava construindo uma capela para o marido dela e pediu que ela mandasse a criada chamar a parteira na aldeia...

– E ela disse: “Aquela velha bruxa bêbada? Eu não a deixaria fazer o parto nem de uma ninhada de cães de caça!” Ela então nos levou para o próprio quarto, e lorde Robert não pôde se deitar antes de Martha nascer.

– Uma boa mulher.

– Não existem muitas senhoras como ela.

Alfred voltou com a panela cheia de água fria. Tom a colocou junto ao fogo, não perto o suficiente para que a água fervesse, mas apenas para esquentá-la. Agnes pôs a mão dentro da capa e pegou uma pequena bolsa de tecido cheia de trapos limpos que havia preparado para o parto.

Martha voltou com as mãos cheias de palha e sentou-se para trançá-la.

– Para que você precisa das cordas? – quis saber ela.

– Para uma coisa muito importante, você vai ver – respondeu Tom. – Capriche.

Alfred estava inquieto e constrangido.

– Vá catar mais lenha – ordenou-lhe Tom. – Vamos aumentar a fogueira.

O rapaz se afastou, aliviado por ter algo para fazer.

O rosto de Agnes se contraiu quando ela recomeçou a fazer força para expulsar o bebê do útero, soltando um ruído grave como o de uma árvore rangendo durante um vendaval. Tom pôde ver que o esforço lhe custava muito, exaurindo suas últimas reservas de energia, e desejou com toda a sua vontade poder fazer algo por ela, assumir ele próprio aquilo para lhe proporcionar algum alívio. Por fim, a dor diminuiu, e Tom voltou a respirar. Agnes pareceu pegar no sono.

Alfred voltou com os braços cheios de gravetos.

– Estou com muito frio – disse Agnes, novamente alerta.

– Alfred, aumente o fogo – pediu Tom. – Martha, deite ao lado da sua mãe para esquentá-la.

Os dois obedeceram com um ar preocupado. Agnes passou os braços em volta de Martha e apertou a filha contra si, tremendo.

Tom estava louco de preocupação. O fogo rugia, mas o ar estava esfriando. Talvez esfriasse tanto que mataria o bebê na primeira respiração. Acontecia de crianças nascerem ao ar livre; na verdade, era comum na época da colheita, quando estavam todos muito ocupados e as mulheres trabalhavam até o último instante. Mas na época da colheita o chão estava seco, a grama era macia e o ar, quente. Nunca tinha ouvido falar em mulher nenhuma dar à luz ao relento no inverno.

Agnes se ergueu nos cotovelos e abriu mais as pernas.

– O que foi? – perguntou Tom com uma voz cheia de medo. Porém, ela estava fazendo força de mais para responder. – Alfred, se ajoelhe atrás da sua mãe e deixe-a se apoiar em você – disse Tom.

Quando Alfred assumiu a posição, Tom abriu a capa de Agnes e desabotoou a saia da túnica. Ajoelhou-se entre as pernas dela e pôde ver que o canal por onde nasceria o bebê já estava começando a dilatar um pouco.

– Não falta muito agora, minha querida – murmurou ele, tentando afastar da voz o tremor do medo.

Agnes relaxou novamente, fechou os olhos e apoiou o peso todo em Alfred. A abertura pareceu se fechar um pouco. O único som na floresta era o crepitar da fogueira alta. De repente, Tom pensou na fora da lei, Ellen, que tinha dado à luz na floresta sozinha. Deve ter sido aterrorizante. Ela lhe dissera ter tido medo de um lobo aparecer enquanto estivesse indefesa e levar embora o recém-nascido. As pessoas diziam que os lobos estavam mais ousados do que de costume nesse inverno, mas com certeza não iriam atacar um grupo de quatro pessoas.

Agnes tornou a retesar o corpo e novas gotas de suor brotaram em seu rosto contorcido. Chegou a hora, pensou Tom. Estava assustado. Viu a abertura se dilatar de novo e dessa vez, à luz da fogueira, pôde distinguir os cabelos pretos e úmidos da cabeça do bebê. Pensou em rezar, mas agora não havia tempo. Agnes começou a respirar em arquejos curtos e rápidos. A abertura se dilatou mais ainda, mais do que parecia possível, e então a cabeça começou a sair, com o rosto virado para baixo. Instantes depois, Tom viu as orelhinhas enrugadas, coladas às laterais da cabeça da criança, e em seguida a pele dobrada do pescoço. Ainda não conseguia saber se o bebê era normal.

– A cabeça saiu – disse, mas é claro que Agnes já sabia, pois podia sentir; além do mais, ela havia tornado a relaxar.

Aos poucos, o bebê se virou e Tom pôde ver os olhos fechados e a boca, úmidos com sangue e com os fluidos viscosos do útero.

– Ah, olhem o rostinho dele! – exclamou Martha.

Agnes a ouviu e deu um breve sorriso, então recomeçou a fazer força. Tom se inclinou para a frente entre suas pernas e sustentou a minúscula cabecinha com a mão esquerda enquanto os ombros saíam, primeiro um, depois o outro. Então o resto do corpo escapou de uma só vez, e ele pôs a mão direita sob o quadril da criança e a segurou enquanto as perninhas diminutas escorregavam para o mundo gelado.

Na mesma hora, a abertura de Agnes começou a se fechar ao redor do cordão azul que pulsava preso ao umbigo do bebê.

Tom levantou a criança e a examinou, aflito. Havia muito sangue, e no início ele temeu que algo estivesse muito errado. Ao olhar mais de perto, porém, não viu ferimento nenhum. Examinou entre as pernas da criança. Era um menino.

– Ele é horrível! – disse Martha.

– Ele é perfeito – falou Tom, e sentiu que o alívio levava suas forças. – Um menino perfeito.

O bebê abriu a boca e chorou.

Tom olhou para Agnes. Seus olhares se cruzaram e ambos sorriram.

Ele segurou o minúsculo bebê de encontro ao peito.

– Martha, vá pegar uma tigela d’água daquela panela. – A menina pulou para fazer o que o pai mandava. – Agnes, onde estão aqueles trapos?

A mulher apontou a bolsa de tecido que estava no chão, ao lado de seu ombro. Alfred a passou para Tom. Lágrimas escorriam pelo rosto do rapaz. Era a primeira vez que ele via uma criança nascer.

Tom molhou um dos trapos na tigela de água morna e limpou delicadamente o sangue e o muco do rosto do bebê. Agnes desabotoou a frente da túnica e Tom pôs a criança no seu colo. O menino continuava a chorar. Tom observou o cordão azul que ia da barriga da criança até o sexo de Agnes parar de pulsar, murchar e ficar branco.

– Me dê aquelas cordas que você fez – disse Tom para Martha. – Agora vai ver para que servem.

A filha lhe passou os dois pedaços de palha trançada. Ele os amarrou no cordão umbilical em dois pontos e apertou bem. Então usou a faca para cortar o cordão entre os dois nós.

Sentou-se nos calcanhares. Eles tinham conseguido. O pior havia passado, e o bebê estava bem. Ele se encheu de orgulho.

Agnes moveu a criança de modo que o rosto ficasse junto a seu seio. A boca pequenina encontrou o mamilo inchado e o menino parou de chorar e começou a mamar.

– Como ele sabe que é para fazer isso? – perguntou Martha, assombrada.

– É um mistério – respondeu Tom. – Vá buscar um pouco d’água para sua mãe beber – pediu ele, entregando-lhe a tigela.

– Ah, sim – falou Agnes, agradecida, como se houvesse acabado de se dar conta de que estava morrendo de sede. Martha trouxe a água e sua mãe secou a tigela. – Que maravilha – disse. – Obrigada.

Ela baixou os olhos para o bebê que mamava, em seguida os ergueu para Tom.

– Você é um homem bom – murmurou baixinho. – Eu amo você.

Tom sentiu os olhos marejarem. Sorriu para a mulher, então olhou para

baixo. Viu que ela ainda sangrava bastante. O cordão murcho, que continuava a emergir lentamente entre as pernas dela, jazia enrolado em uma poça de sangue sobre a capa de Tom.

Ele tornou a erguer os olhos. O bebê havia parado de mamar e pegado no sono. Agnes cobriu-o com a capa e também fechou os olhos.

– Você está esperando alguma coisa? – perguntou Martha após alguns instantes.

– A placenta – respondeu Tom.

– O que é isso?

– Você vai ver.

Mãe e filho cochilaram um pouco, então Agnes tornou a abrir os olhos. Seus músculos se tensionaram, seu canal se dilatou um pouco e a placenta saiu. Tom a pegou e examinou. Lembrava um pedaço de carne saído da tábua de um açougueiro. Olhou mais de perto e viu que parecia rasgada, como se faltasse um pedaço, mas nunca havia examinado uma placenta com tanta atenção e imaginou que fossem sempre assim, já que tinham de se desprender do útero. Jogou na fogueira. A placenta exalou um cheiro desagradável ao queimar, mas se não fosse jogada fora poderia atrair raposas ou até mesmo um lobo.

Agnes ainda estava sangrando. Tom se lembrava de que saía sempre um jato de sangue junto com a placenta, mas não se lembrava de ser tanto assim. Entendeu que a crise ainda não havia passado. Sentiu-se tonto por alguns instantes, por causa do esforço e da falta de comida, mas a vertigem passou e ele tornou a reunir forças.

– Você ainda está sangrando um pouco – falou para Agnes, tentando não soar tão preocupado quanto de fato estava.

– Vai parar logo – disse ela. – Me cubra.

Ele abotoou a saia dela, em seguida enrolou a capa em volta das suas pernas.

– Posso descansar agora? – perguntou Alfred.

Ele continuava ajoelhado atrás da mãe, sustentando seu peso. Seu corpo devia estar dormente, pensou Tom, pois fazia muito tempo que estava na mesma posição.

– Deixe que eu assumo – respondeu.

Pensou que Agnes ficaria mais confortável com o bebê se pudesse ficar reclinada. Além disso, seu corpo aqueceria as costas da mulher e a

protegeria do vento. Ele trocou de lugar com o filho. Alfred esticou as pernas jovens e deu um grunhido de dor. Tom envolveu Agnes e o bebê com os dois braços.

– Como está se sentindo? – perguntou a ela.

– Apenas cansada.

O bebê chorou. Agnes o mudou de posição para fazê-lo encontrar o mamilo. Enquanto ele mamava, ela pareceu pegar no sono.

Tom estava preocupado. Era normal ficar cansada, mas Agnes estava demonstrando uma letargia que o incomodava. Ela parecia fraca demais.

O bebê adormeceu, e depois de algum tempo as outras crianças também caíram no sono, Martha enrodilhada junto a Agnes, Alfred esticado do outro lado da fogueira. Tom ficou segurando a mulher enquanto a acariciava de leve. De vez em quando, dava-lhe um beijo no topo da cabeça. Sentiu o corpo dela relaxar conforme ela pegava no sono, cada vez mais profundo. Deve ser a melhor coisa para ela agora, pensou. Tocou sua face. Apesar de seus esforços para mantê-la aquecida, a pele estava fria e úmida. Levou a mão até dentro da capa e tocou o peito do bebê. A criança estava quentinha, e seu coração batia com força. Tom sorriu. Um bebê forte, pensou. Um sobrevivente.

Agnes se mexeu.

– Tom?

– Sim.

– Lembra aquela noite em que eu fui procurar você na cabana, quando estava trabalhando na igreja do meu pai?

– Claro – respondeu ele, afagando-a. – Como eu poderia esquecer?

– Nunca me arrependi de ter me entregado a você. Nunca, nem por um segundo. Sempre que penso naquela noite, fico tremendamente feliz.

Ele sorriu. Era bom ouvir aquilo.

– Eu também – falou. – Fico muito feliz por você ter feito aquilo.

Ela cochilou um pouquinho, então tornou a falar:

– Tomara que você construa a sua catedral.

Isso o deixou espantado.

– Pensei que você fosse contra.

– E era, mas eu estava errada. Você merece fazer algo lindo.

Ele não entendeu o que ela queria dizer.

– Construa uma catedral linda para mim – continuou Agnes.

Ela não estava falando coisa com coisa. Tom ficou contente ao vê-la pegar novamente no sono. Dessa vez percebeu que o corpo dela perdeu todo o vigor e a cabeça dela pendeu para o lado. Tom teve de segurar o bebê para que não caísse do seu colo.

Ficaram assim por muito tempo, até que o bebê acordou e começou a chorar. Agnes não reagiu. O choro despertou Alfred, que se virou olhou para o irmãozinho.

Tom sacudiu Agnes de leve.

– Acorde – disse. – O bebê quer mamar.

– Pai! – A voz de Alfred estava cheia de medo. – Olhe o rosto dela!

Tom foi invadido por um mau presságio. Ela havia sangrado demais.

– Agnes! – chamou. – Acorde!

Não houve resposta. Ela havia perdido os sentidos. Tom se levantou e a abaixou devagar até deitá-la no chão, e notou como o rosto dela estava horivelmente branco.

Temendo o que iria ver, ele desenrolou a capa em volta das coxas dela.

Havia sangue por toda parte.

Alfred arfou e se virou de costas.

– Que Jesus Cristo nos salve – sussurrou Tom.

O choro do bebê acordou Martha. Ao ver o sangue, ela começou a gritar. Tom a pegou do chão e lhe deu um tapa na cara, que a fez se calar.

– Não grite – disse ele com calma, e tornou a colocá-la no chão.

– A mãe está morrendo? – perguntou Alfred.

Tom levou a mão até o peito de Agnes, logo abaixo do seio esquerdo. O coração não estava batendo.

Não estava batendo.

Ele apertou com mais força. A pele estava quente, e Tom sentia a parte inferior do seio pesado encostar em sua mão, mas Agnes não estava respirando e seu coração não estava batendo.

Um frio entorpecente se apoderou de Tom feito uma névoa. Ela estava morta. Encarou seu rosto. Como ela podia não estar ali? Desejou que ela se movesse, que abrisse os olhos, respirasse. Não tirou a mão do seu peito. Às vezes, diziam, o coração recomeçava a bater... mas ela havia perdido muito sangue...

Olhou para Alfred.

– A mãe morreu – sussurrou.

O rapaz o encarou com um ar perdido. Martha começou a chorar. O bebezinho também chorava. Preciso cuidar deles, pensou Tom. Preciso ser forte por eles.

Mas tinha vontade de chorar, abraçar Agnes e segurá-la enquanto seu corpo esfriava, e se lembrar dela menina, dela rindo e fazendo amor. Tinha vontade de soluçar de raiva e brandir o punho cerrado contra o céu inclemente. Tomou coragem. Precisava se controlar, precisava ser forte para os filhos.

Nenhuma lágrima brotou dos seus olhos.

O que devo fazer primeiro?, pensou.

Abrir uma cova.

Preciso cavar um buraco fundo e colocá-la lá dentro para afastar os lobos e preservar os ossos dela até o dia do Juízo Final, e depois rezar uma prece pela sua alma. Ah, Agnes, por que você me deixou sozinho?

O recém-nascido continuava a chorar. Apertava os olhos com força, e a boca abria e fechava ritmadamente, como se ele fosse capaz de mamar o próprio ar. O menino precisava se alimentar. Os seios de Agnes estavam cheios de leite quente. Por que não?, pensou Tom. Ele moveu a criança em direção ao seio da mãe. O bebê encontrou o mamilo e começou a sugar. Tom fechou a capa de Agnes em volta dele.

Martha olhava para aquilo de olhos arregalados, chupando o dedo.

– Pode segurar o bebê para ele não cair? – pediu-lhe o pai.

Ela assentiu e se ajoelhou ao lado da mãe morta e do irmão.

Tom pegou a pá. Agnes havia escolhido aquele lugar para descansar e ali havia se sentado, sob os galhos do castanheiro-da-índia. Que este seja então o lugar do seu descanso final. Tom engoliu em seco, lutando contra o impulso de sentar no chão e chorar. Traçou um retângulo na terra a alguns metros do tronco da árvore, onde não haveria raízes próximas à superfície, então começou a cavar.

Aquilo ajudava. Quando se concentrava em cravar a pá no chão duro e erguer a terra, o resto da sua mente se esvaziava e ele conseguia manter o controle. Revezou-se com Alfred, que também encontrava alento no trabalho físico repetitivo. Eles cavaram depressa, esfalfando-se, e apesar do ar muito frio suaram como se fosse meio-dia.

– Já não está bom? – perguntou por fim Alfred.

Tom percebeu que estava em pé dentro de um buraco que tinha quase a

sua altura. Não queria que a tarefa acabasse. Com relutância, aquiesceu.

– Vai bastar – concordou.

E saiu da cova.

Enquanto ele cavava, a aurora tinha despontado. Sentada junto à fogueira, Martha havia pegado o irmãozinho no colo e o ninava. Tom foi até Agnes e se ajoelhou. Enrolou a capa bem apertada em volta dela, deixando o rosto de fora, então ergueu seu corpo. Andou até a cova e a pousou ao lado. Em seguida desceu até o interior do buraco.

Pegou-a lá de cima e a pousou com delicadeza sobre a terra. Passou um longo tempo olhando para a mulher, ajoelhado ao seu lado no túmulo frio. Beijou-a nos lábios uma vez, de leve. Então fechou os olhos dela.

Saiu da cova.

– Venham cá, crianças – disse. Alfred e Martha se postaram cada um ao lado do pai, a menina com o bebê no colo. Tom passou um braço em volta dos filhos. Os três baixaram os olhos para o túmulo. – Digam: “Que Deus abençoe a mãe” – pediu Tom.

– Que Deus abençoe a mãe – repetiram os dois.

Martha soluçava e Alfred tinha os olhos molhados pelas lágrimas. Tom os abraçou e engoliu o próprio choro.

Soltou os filhos e pegou a pá. Quando despejou a primeira pá de terra dentro do túmulo, Martha deu um grito. Alfred abraçou a irmã. Tom continuou despejando terra. Não aguentaria jogar terra no rosto dela, então cobriu os pés, depois as pernas e o corpo, e foi empilhando a terra até que formou um monte e começou a deslizar, cobrindo o pescoço, depois a boca que ele havia beijado e o rosto enfim desapareceu para nunca mais ser visto.

Tom encheu a cova depressa.

Quando terminou, ficou parado olhando o monte de terra.

– Adeus, querida – sussurrou. – Você foi uma boa esposa, e eu amo você.

Com esforço, virou as costas.

Sua capa continuava no chão, onde Agnes havia se deitado para parir. A metade inferior estava empapada de sangue coagulado e já quase seco. Ele pegou a faca e, com gestos bruscos, cortou a capa ao meio. Atirou a parte ensanguentada no fogo.

Martha continuava segurando o bebê.

– Me dê o bebê – disse Tom.

A menina encarou o pai com olhos cheios de medo. Ele enrolou o bebezinho nu na metade limpa da capa e o pousou sobre o túmulo. O bebê começou a chorar.

Virou-se para os filhos. Os dois o encaravam, pasmos.

– Nós não temos leite para mantê-lo vivo, então temos de deixá-lo aqui com a mãe – falou.

– Mas ele vai morrer! – protestou Martha.

– Vai – concordou Tom, controlando a voz com grande esforço. – Não importa o que façamos, ele vai morrer.

Tom queria que o bebê parasse de chorar. Recolheu seus pertences e os guardou dentro da panela, em seguida a prendeu às costas como Agnes sempre fazia.

– Vamos embora – disse.

Martha começou a soluçar. Alfred estava pálido. Partiram pela estrada à luz cinza da manhã fria. Depois de algum tempo, o choro do bebê se dissipou por completo.

Não havia por que permanecer ao lado do túmulo, pois as crianças não conseguiriam dormir e de nada adiantaria uma noite em claro. Além do mais, seria bom para todos eles não parar de se movimentar.

Tom imprimiu um ritmo acelerado, mas seus pensamentos agora estavam livres e ele não conseguiu mais controlá-los. Não havia nada a fazer senão caminhar: nenhuma providência a ser tomada, nenhuma tarefa, nada para organizar, nada para ver a não ser a floresta soturna e as sombras que se agitavam à luz das tochas. Ele pensava em Agnes, seguia o rastro de alguma lembrança e sorria para si mesmo, então se virava para contar do que estava se lembrando, e nessa hora o choque de se dar conta de que ela estava morta o atingia como uma dor física. Sentia-se desnorteado, como se algo totalmente incompreensível tivesse acontecido, embora soubesse que aquilo era a coisa mais normal do mundo, uma mulher da idade dela morrer no parto e um homem da sua idade ficar viúvo. No entanto, a perda doía como uma ferida. Ouvira falar de pessoas de quem se cortavam fora os dedos dos pés e que não conseguiam mais ficar eretas, e viviam caindo até reaprenderem a andar. Era assim que ele se sentia, como se uma parte sua houvesse sido amputada, e não conseguia se acostumar com a ideia de que ela havia desaparecido da sua vida para

sempre.

Tentou não pensar em Agnes, mas não saía da sua cabeça o aspecto dela antes de morrer. Parecia inacreditável que estivesse viva poucas horas antes e agora estivesse morta. Viu o rosto dela no esforço de dar à luz, depois seu sorriso de orgulho ao ver o filho varão. Lembrou-se do que ela lhe dissera depois disso: *Tomara que você construa a sua catedral*, e então: *Construa uma catedral linda para mim*. Falara como se soubesse que estava morrendo.

Conforme prosseguiam pela floresta, foi pensando cada vez mais no bebê que havia deixado para trás, enrolado em um pedaço de capa em cima de um túmulo recente. Ainda devia estar vivo, a menos que alguma raposa tivesse sentido seu cheiro, mas morreria antes de o dia raiar. O bebê iria chorar por algum tempo, depois fecharia os olhos e sua vida se esvairia à medida que, adormecido, o calor o abandonasse.

A menos que uma raposa sentisse seu cheiro.

Não havia nada que Tom pudesse fazer pelo filho. O bebê precisava de leite para sobreviver, mas não havia leite: nenhuma aldeia onde ele pudesse procurar uma ama, nenhuma ovelha, cabra ou vaca que pudesse fornecer o equivalente mais próximo do leite materno. Tudo o que Tom tinha para dar ao menino eram nabos, e isso o mataria com tanta certeza quanto a raposa.

À medida que a noite avançava, ter abandonado o bebê foi lhe parecendo uma ideia cada vez mais terrível. Sabia que era algo bastante comum: camponeses com famílias numerosas e poucas terras muitas vezes deixavam bebês ao relento para que morressem, e às vezes o padre fingia não ver. Mas Tom não pertencia a esse tipo de gente. Deveria ter carregado o filho no colo até ele morrer e depois tê-lo enterrado. Não havia finalidade nenhuma nisso, claro, mas mesmo assim teria sido a coisa certa a fazer.

Percebeu que já era dia.

De repente, parou de andar.

As crianças estacaram e encararam o pai, à espera. Estavam prontas para qualquer coisa. Nada mais era normal.

– Eu não deveria ter abandonado o bebê – disse Tom.

– Mas nós não temos como alimentá-lo – retrucou Alfred. – Ele vai morrer de todo jeito.

– Mesmo assim, não deveria ter abandonado.

– Vamos voltar – falou Martha.

Tom ainda hesitou. Voltar agora seria admitir que havia agido errado ao deixar o bebê ao relento.

Mas era verdade. Ele havia agido errado.

Deu meia-volta.

– Está bem – disse. – Vamos voltar.

De repente, todos os perigos que ele mais cedo havia tentado descartar lhe pareceram mais prováveis. Uma raposa com certeza já devia ter sentido o cheiro do menino e o arrastado para sua toca. Ou até um lobo. Apesar de não serem carnívoros, os javalis eram perigosos. E as corujas? Uma coruja não podia carregar um bebê, mas podia bicar seus olhos...

Pôs-se a andar mais depressa, zozinho de fome e exaustão. Martha teve de correr para acompanhá-lo, mas não reclamou.

Temeu o que talvez fosse ver quando voltasse ao túmulo. Predadores eram impiedosos e sabiam quando um ser vivo era indefeso.

Não soube ao certo quanto tempo andaram. Havia perdido a noção do tempo. Não reconhecia a floresta de um lado e de outro, embora eles houvessem acabado de passar por ali. Aflito, procurou o local do túmulo. Com certeza a fogueira ainda não havia se apagado. Eles a tinham acendido tão alto... Examinava as árvores à procura das folhas características do castanheiro-da-índia. Cruzaram um acesso lateral que ele não recordava e ele começou a se perguntar, feito um louco, se era possível já terem passado pelo túmulo sem vê-lo, e então pensou enxergar um débil brilho alaranjado à frente.

Seu coração pareceu fraquejar. Ele apertou o passo e estreitou os olhos. Sim, era uma fogueira. Começou a correr. Ouviu Martha dar um grito, como se temesse que ele também a abandonasse, e gritou por cima do ombro:

– Chegamos!

Ouviu os dois filhos correndo atrás dele.

Quando chegou perto do castanheiro-da-índia, sentia o coração esmurrar o peito por dentro. A fogueira ainda ardia. Ali estava a pilha de lenha. A terra manchada de sangue onde Agnes havia sangrado até morrer. O túmulo, um monte de terra recém-escavada sob o qual ela agora repousava. E em cima do túmulo... nada.

Olhou em volta desesperado, com a mente em turbilhão. Não havia sinal do bebê. Lágrimas de frustração brotaram de seus olhos. Até mesmo a capa na qual o bebê estava enrolado tinha sumido, mas o tumulto continuava intacto: não havia pegadas na terra macia, nem sangue, nem marca nenhuma indicando que o bebê tivesse sido arrastado dali...

Tom tinha a sensação de não estar enxergando muito bem. Não conseguia raciocinar. Sabia agora que havia feito uma coisa terrível ao abandonar o bebê ainda vivo. Quando soubesse que a criança estava morta, poderia descansar, mas talvez ainda respirasse em algum lugar, algum lugar perto. Decidiu dar uma volta e procurar.

– Aonde você vai? – perguntou Alfred.

– Temos de encontrar o bebê – respondeu Tom, sem olhar para trás.

Percorreu a borda da pequena clareira e espiou sob os arbustos, ainda se sentindo levemente tonto e fraco. Não achou nada, nenhuma pista da direção em que o lobo poderia ter levado o bebê. Agora tinha certeza de que tinha sido um lobo, e sua toca talvez ficasse por ali.

– Temos de ampliar a área de busca – disse para os filhos.

Tornou a conduzi-los por um trajeto circular, agora mais afastado da fogueira, empurrando arbustos e plantas baixas. Estava começando a se sentir desorientado, mas conseguiu concentrar a mente em uma coisa: a necessidade imperativa de encontrar o bebê. Já não sentia tristeza, apenas uma determinação feroz e intensa, e lá no fundo a desalentadora consciência de que tudo aquilo era culpa sua. Seguiu tropeçando pela mata, escrutinando o chão com os olhos, parando de tantos em tantos passos para tentar ouvir o choro inconfundível e monótono de um recém-nascido, mas quando ele e seus filhos ficavam em silêncio não havia nenhum ruído na floresta.

Perdeu a noção do tempo. No começo, os círculos cada vez maiores o levaram de volta à estrada em intervalos regulares, mas depois ele percebeu que parecia fazer muito tempo que não a cruzavam. Em determinado momento, perguntou-se por que não haviam passado pela casa do guarda-florestal. Ocorreu-lhe vagamente que havia se perdido, que talvez não estivesse mais andando em círculos em volta do tumulto, mas sim zanzando pela floresta de modo mais ou menos aleatório. Isso, porém, não importava muito, contanto que continuasse procurando.

– Pai – chamou Alfred.

Tom olhou para o filho, irritado por ter tido sua concentração interrompida. Alfred carregava Martha nas costas, e ela parecia ferrada no sono.

– O que foi? – perguntou Tom.

– Podemos descansar? – pediu Alfred.

Tom hesitou. Não queria parar, mas o rapaz parecia à beira do colapso.

– Está bem – concordou, relutante. – Mas não por muito tempo.

Estavam sobre um barranco. Talvez embaixo houvesse um regato, e ele estava com sede. Tomou Martha de Alfred e foi descendo o declive com ela no colo. Como imaginara, encontrou um pequeno regato de águas claras, congelado nas bordas. Pousou Martha na margem e ela não acordou. Ele e Alfred se ajoelharam e pegaram a água gelada com as mãos em concha.

Alfred se deitou ao lado da irmã e fechou os olhos. Tom olhou em volta. Estava em uma clareira forrada por um tapete de folhas secas. Em volta havia carvalhos baixos e parrudos, cujos galhos desfolhados se entrelaçavam mais acima. Atravessou a clareira, pensando em procurar o bebê atrás das árvores, mas quando chegou ao outro lado sentiu as pernas fracas e foi obrigado a se sentar abruptamente.

O dia agora já estava claro, mas continuava enevoado, e parecia estar tão frio quanto à meia-noite. Tom tremia descontroladamente. Percebeu que estivera caminhando vestido apenas com a túnica de baixo. Perguntou-se o que havia acontecido com sua capa, mas não conseguiu se lembrar. Ou a névoa ficou mais espessa ou algo estranho aconteceu com sua visão, pois ele não conseguiu mais ver os filhos do outro lado da clareira. Quis se levantar e ir até eles, mas havia algo errado com suas pernas.

Depois de algum tempo, um sol fraco irrompeu entre as nuvens e pouco depois o anjo apareceu.

Atravessou a clareira vinda do leste, vestida com uma comprida capa de inverno feita de lã alvejada, quase branca. Ele a viu se aproximar sem surpresa ou curiosidade. Já não era mais capaz de se assombrar nem de sentir medo. Olhou para ela com a mesma expressão indiferente, vazia e sem emoção com a qual havia encarado os grossos troncos dos carvalhos em volta. O rosto oval do anjo era emoldurado por uma abundante cabeleira escura, e como a capa escondia seus pés ela poderia muito bem estar deslizando por cima das folhas mortas. Parou bem na sua frente, e ele

sentiu que seus olhos dourado-claros penetravam até sua alma e compreendiam sua dor. Pareceu-lhe familiar, como se ele talvez houvesse visto a imagem daquele mesmo anjo em alguma igreja que visitara recentemente. Ela então abriu a capa. Por baixo, estava nua. Tinha o corpo de uma mulher de 20 e poucos anos, pele branca, mamilos rosados. Tom sempre havia pensado que o corpo dos anjos não devia ter um pelo sequer, mas aquela tinha.

Sentado ao pé do carvalho, de pernas cruzadas, ele a viu se abaixar sobre um dos joelhos e inclinar-se na sua direção. Então ela o beijou na boca. Ele estava tão atordoado pelo choque anterior que nem mesmo isso o espantou. Ela o empurrou para trás delicadamente até ele ficar deitado, abriu a capa e se deitou por cima dele, com o corpo nu bem encostado ao seu. Tom sentiu o calor do corpo dela através da túnica e em poucos segundos parou de tremer.

O anjo segurou seu rosto barbado com as duas mãos e tornou a beijá-lo, um beijo sôfrego, como alguém que bebe água fresca depois de um dia longo e seco. Após alguns instantes, desceu as mãos por seus braços até os pulsos e ergueu as mãos dele até os próprios seios. Ele os segurou por reflexo. Eram lisos, macios, e os mamilos incharam quando ele os tocou.

Lá no fundo da mente, ele começou a pensar que estava morto. Sabia que o céu não deveria ser assim, mas estava pouco ligando. Já fazia muitas horas que perdera as faculdades cruciais. A pouca capacidade de pensar de modo racional que lhe restava desapareceu, e ele deixou seu corpo assumir o comando. Arqueou o corpo, pressionando-o contra o dela, tirando força do seu calor e da sua nudez. Ela abriu a boca e enfiou a língua dentro da dele, procurando a língua, e ele correspondeu com sofreguidão.

Por um breve instante, ela ergueu o corpo e se afastou. Em transe, ele a viu empurrar a túnica dele para cima, até a cintura, em seguida se agachar sobre ele. Encarou-o nos olhos com aquele olhar que tudo via e deixou o corpo descer. Quando seus corpos se tocaram, Tom experimentou um desejo irresistível, mas ela hesitou por um momento, então ele sentiu que a penetrava. A sensação foi tão maravilhosa que ele achou que fosse explodir de prazer. Ela moveu os quadris, sorrindo e beijando seu rosto.

Dali a algum tempo, o anjo fechou os olhos e começou a gemer, e Tom entendeu que ela estava perdendo o controle. Observou-a com um fascínio deliciado. Ela soltava gritinhos ritmados à medida que se movia cada vez

mais rápido, e seu êxtase levou Tom até as profundezas de sua alma ferida, de modo que ele não sabia se queria chorar de desespero, gritar de alegria ou rir histericamente. Então uma explosão de prazer sacudiu ambos como se eles fossem árvores em meio a um vendaval, repetidamente, até por fim a paixão arrefecer e ela se deixar cair sobre o peito dele.

Ficaram deitados assim por um bom tempo. O calor do corpo dela o aqueceu por completo e ele se deixou levar por uma espécie de sono leve. Pareceu durar pouco, e foi mais um devaneio do que propriamente um sono, mas quando abriu os olhos seu raciocínio tinha voltado.

Olhou para a linda jovem deitada sobre ele e entendeu na mesma hora que ela não era um anjo, mas sim Ellen, a fora da lei que ele havia encontrado bem naquele trecho da floresta no dia em que seu porco fora roubado. Ela o sentiu se mexer, abriu os olhos e o encarou com uma expressão que era um misto de afeto e ansiedade. De repente, ele pensou nos filhos. Fez Ellen rolar de cima dele com delicadeza e se sentou. Alfred e Martha estavam deitados sobre as folhas, enrolados em suas capas, e o sol batia em seus rostos adormecidos. Foi então que os acontecimentos da noite retornaram à sua mente em uma torrente de horror. Ele lembrou que Agnes estava morta e que o bebê – seu filho! – havia sumido e enterrou o rosto nas mãos.

Ouviu Ellen dar um estranho assobio de duas notas. Ergueu os olhos. Uma figura surgiu da floresta e Tom reconheceu o estranho filho dela, Jack, com sua pele pálida feito a de um cadáver, seus cabelos alaranjados e seus olhos azuis brilhantes, parecidos com os de um pássaro. Levantou-se, arrumando as roupas, e Ellen também se ergueu e fechou a capa.

O menino carregava alguma coisa, que trouxe até Tom e lhe mostrou. Tom reconheceu o objeto. Era a capa na qual ele havia enrolado o bebê antes de colocá-lo em cima do túmulo de Agnes.

Sem entender, Tom encarou o menino e em seguida Ellen. Ela segurou suas mãos, olhou-o nos olhos e disse:

– Seu bebê está vivo.

Tom não se atreveu a acreditar nela. Seria maravilhoso demais, uma felicidade grande demais para este mundo.

– Não pode ser – respondeu.

– Está, sim.

Sentiu nascer dentro de si uma esperança.

– É mesmo? – indagou. – É verdade?

Ela assentiu.

– É verdade. Vou levá-lo até ele.

Tom entendeu que ela estava falando sério. Uma onda de alívio e felicidade o invadiu e ele caiu ajoelhado no chão. Então, por fim, como uma comporta que se abre, chorou.

V

– Jack ouviu o choro do bebê – explicou Ellen. – Ele estava indo para um trecho do rio, ao norte daqui, onde dá para matar patos a pedradas se você tiver boa mira. Não sabia o que fazer, então correu para casa e me chamou. Mas quando estávamos a caminho do local vimos um padre montado em um palafrém levando o bebê consigo.

– Preciso encontrá-lo... – disse Tom.

– Não entre em pânico – falou Ellen. – Eu sei onde ele está. Ele seguiu por um caminho lateral bem próximo ao túmulo, uma trilha que leva a um mosteiro escondido na floresta.

– O bebê precisa de leite.

– Os monges têm cabras.

– Graças a Deus – disse Tom com fervor.

– Depois que você tiver comido alguma coisa eu o levo até lá – continuou Ellen. – Mas... – Ela franziu o cenho. – Não fale com seus filhos sobre o mosteiro ainda.

Tom olhou para o outro lado da clareira. Alfred e Martha continuavam dormindo. Jack havia se aproximado de onde eles estavam deitados e os encarava com sua expressão vazia.

– Por que não?

– Não sei ao certo... Só acho que talvez seja mais sensato esperar.

– Mas seu filho vai contar.

Ela balançou a cabeça.

– Ele viu o padre, mas não acho que tenha entendido o resto.

– Está bem. – Tom assumiu um ar solene. – Se eu soubesse que você estava por perto, talvez você pudesse ter salvado a minha Agnes.

Ellen negou novamente com a cabeça e seus cabelos escuros balançaram em volta do rosto.

– Não há nada a fazer exceto manter a mulher aquecida, e isso você fez. Quando uma mulher sangra por dentro, ou o sangramento para e ela melhora ou não para e ela morre. – Tom ficou com os olhos marejados. – Eu sinto muito – disse Ellen.

Ele aquiesceu, mudo.

– Mas os vivos precisam cuidar dos vivos. E você precisa de comida quente e de um casaco novo – concluiu ela, levantando-se.

Eles acordaram as crianças. Tom lhes contou que o bebê estava bem, que Ellen e Jack tinham visto um padre com a criança no colo e que ele e Ellen sairiam à procura dele mais tarde, mas primeiro Ellen iria lhes dar de comer. Os filhos de Tom aceitaram com calma as notícias surpreendentes. Nada mais era capaz de chocá-los. Tom estava igualmente perplexo. A vida se movia depressa demais para ele absorver todas as mudanças. Era como estar montado em um cavalo desembestado: as coisas aconteciam tão depressa que não havia tempo de reagir aos acontecimentos, e tudo o que ele podia fazer era segurar firme e tentar manter a sanidade. Agnes tinha dado à luz no ar frio da noite; o bebê havia nascido milagrosamente saudável. Tudo parecia bem, então Agnes, a alma gêmea de Tom, sangrara até morrer em seus braços e ele perdera a razão; o bebê fora condenado e deixado para morrer. Eles haviam tentado achá-lo e não conseguiram; depois, Ellen havia aparecido e Tom a tomara por um anjo, e os dois tinham feito amor como num sonho. Por fim ela dissera que o bebê estava vivo e bem. Será que a vida um dia iria diminuir o ritmo o bastante para que Tom pudesse refletir sobre esses terríveis acontecimentos?

Eles partiram. Tom sempre havia imaginado que os fora da lei tivessem uma vida sórdida, mas Ellen não tinha nada de sórdido, e ele se perguntou como seria sua casa. Ela os conduziu em zigue-zague pela floresta. Apesar de não haver trilha, não hesitou: pulou regatos, abaixou para passar por galhos baixos, transpôs um pântano congelado, uma densa massa de arbustos e o imenso tronco de um carvalho caído. Por fim, caminhou na direção de um espinheiro denso e pareceu sumir lá dentro. Tom vinha logo atrás e viu que, ao contrário da primeira impressão que tivera, uma estreita passagem serpenteava por entre os arbustos. Ele a

seguiu. Os galhos espinhosos se fecharam acima da sua cabeça e ele se viu numa semiescuridão. Ficou parado, esperando os olhos se acostumarem à penumbra. Aos poucos, compreendeu que estava dentro de uma caverna.

O ar estava quente. À sua frente, uma fogueira ardia dentro de uma lareira feita de lajotas de pedras. A fumaça subia direto: devia haver uma chaminé natural em algum lugar. De cada lado da caverna havia, afixada com pregos de madeira, uma pele de animal – um lobo e um cervo. Uma perna de cervo defumado pendia do teto. Ele viu uma caixa de fabricação caseira cheia de maçãs silvestres, velas de junco sobre saliências nas paredes e palha seca no chão. Na borda da fogueira havia uma panela, assim como em qualquer outra residência comum, e, a julgar pelo cheiro, a panela continha o mesmo tipo de sopa que todo mundo comia: vegetais fervidos com pedaços de carne com ossos e ervas. Tom estava surpreso. Aquela casa era mais confortável do que a de muitos servos.

Depois da fogueira ficavam dois colchões feitos de pele de cervo e recheados provavelmente com palha e em cima de cada um deles, bem enrolada, havia uma pele de lobo. Era ali que Ellen e Jack deviam dormir, com a fogueira a separá-los da entrada da caverna. Mais para dentro, havia uma formidável coleção de armas e equipamentos de caça: um arco, algumas flechas, redes, arapucas para coelhos, várias adagas que pareciam afiadas, uma lança de madeira cuidadosamente confeccionada, com a ponta afiada e endurecida no fogo, e, em meio a todos esses artefatos primitivos, três livros. Tom ficou abismado: nunca tinha visto livros na casa de ninguém, muito menos em uma caverna. Livros eram coisa de igreja.

Jack pegou uma tigela de madeira, mergulhou-a na panela e começou a beber. Alfred e Martha o observaram com um ar esfomeado. Ellen olhou para Tom como quem pede desculpas.

– Jack – disse ela –, quando vêm visitas nós damos comida a eles primeiro, antes de nos servir.

O menino a encarou sem entender.

– Por quê?

– Por gentileza. Sirva um pouco de sopa para as crianças.

Jack não ficou convencido, mas obedeceu à mãe. Ellen serviu sopa para Tom. Ele se sentou no chão e bebeu. O líquido com sabor de carne o aqueceu por dentro. Ellen pôs uma pele em volta dos seus ombros. Depois

de tomar o caldo, ele usou os dedos para pegar os legumes e a carne. Fazia semanas que não comia carne. Aquilo parecia pato, decerto abatido por Jack com uma funda.

Eles comeram até esvaziar a panela, então Alfred e Martha se deitaram sobre a palha. Antes de pegarem no sono, Tom lhes disse que iria sair com Ellen para procurar o padre, e a mulher falou que Jack ficaria ali tomando conta deles até voltarem. Exaustas, as crianças assentiram e fecharam os olhos.

Tom e Ellen saíram. Para se aquecer, ele usava por cima dos ombros a pele que ela lhe dera. Assim que passaram pelo espinheiro, a mulher parou, virou-se para Tom, puxou a cabeça dele em direção à sua e lhe deu um beijo na boca.

– Eu amo você – falou, arrebatada. – Amei desde o primeiro instante em que o vi. Sempre quis um homem forte e delicado, mas pensava que isso não existia. Até encontrar você. Eu o desejei, mas pude ver que você amava sua mulher. Meu Deus, como eu a invejei. Lamento muito por ela ter morrido, de verdade, pois posso ver a dor nos seus olhos e todas as lágrimas ainda por derramar, e ver você triste assim me parte o coração. Mas agora que ela se foi eu quero você para mim.

Tom não soube o que dizer. Era difícil acreditar que uma mulher tão bonita, habilidosa e independente tivesse se apaixonado por ele à primeira vista; mais difícil ainda era entender o que ele próprio sentia. Estava arrasado com a morte de Agnes. Ellen tinha razão ao falar das lágrimas ainda por derramar, pois podia sentir o peso delas atrás dos olhos. Mas também se sentia consumido de desejo por Ellen, por seu corpo maravilhoso e quente, seus olhos dourados e sua luxúria sem pudores. Sentia uma culpa terrível por desejá-la tanto quando fazia apenas poucas horas que Agnes fora enterrada.

Encarou-a de volta, e mais uma vez os olhos dela viram o que lhe ia no coração, e Ellen disse:

– Não diga nada. Não precisa sentir vergonha. Eu sei que você a amava. Ela também sabia, eu pude ver isso. Você ainda a ama, é claro. Vai amar para sempre.

Ela pediu que ele não falasse nada, mas na verdade ele não tinha nada para dizer. Aquela mulher extraordinária o havia deixado sem palavras. Ela parecia resolver tudo. De alguma forma, o fato de ela aparentar saber

tudo o que lhe passava no coração fazia Tom se sentir melhor, como se ele não tivesse mais do que se envergonhar. Ele soltou um suspiro.

– Melhor assim – disse Ellen.

Pegou-o pela mão e os dois se afastaram juntos da caverna.

Caminharam uns 2 quilômetros pela mata virgem antes de chegarem à estrada. Enquanto andavam, Tom não parava de olhar para o rosto de Ellen ao seu lado. Lembrou-se de que, da primeira vez que a vira, pensara que, por causa dos olhos estranhos, ela não chegava a ser bonita. Agora não conseguia entender como um dia podia ter achado isso. Considerava aqueles olhos espantosos a expressão perfeita da sua personalidade única. Ela lhe parecia absolutamente perfeita, e a única coisa que o intrigava era por que estava com ele.

Seguiram caminhando por mais uns 5 ou 6 quilômetros. Tom ainda estava cansado, mas a sopa lhe dera forças e, embora confiasse totalmente em Ellen, ansiava por ver o bebê com os próprios olhos.

Quando avistaram o mosteiro entre as árvores, Ellen falou:

– Não vamos nos revelar para os monges por enquanto.

Tom não entendeu.

– Por quê?

– Você abandonou um bebê. Isso equivale a assassinato. Vamos espionar o mosteiro aqui da mata e ver que tipo de gente eles são.

Tom não imaginara que fosse enfrentar problemas, dadas as circunstâncias, mas não custava nada ter cautela, de modo que assentiu e seguiu Ellen até os arbustos. Instantes depois, os dois estavam deitados na borda da clareira.

Era um mosteiro bem pequeno. Tom já havia construído mosteiros e calculou que aquele devia ser o que eles chamavam de cenóbio, um braço ou posto avançado de um priorado ou abadia maior. Havia apenas duas construções de pedra, a capela e o dormitório. O resto era feito de madeira e pau a pique: cozinha, estábulos, um celeiro e um conjunto de estruturas agrícolas menores. O lugar tinha um aspecto limpo, bem-cuidado, e dava a impressão de que os monges cultivavam a terra tanto quanto rezavam.

Não havia muita gente por perto.

– A maioria dos monges já foi trabalhar – observou Ellen. – Estão construindo um celeiro no alto do morro. – Ela olhou de relance para o céu. – Vão voltar mais ou menos ao meio-dia para almoçar.

Tom escrutinou a clareira. À sua direita, em parte ocultas por um pequeno rebanho de cabras amarradas, viu duas silhuetas.

– Olhe – falou, apontando. Quando estudou as duas figuras, viu mais uma coisa. – O homem que está sentado é padre e...

– E está segurando alguma coisa no colo.

– Vamos chegar mais perto.

Eles avançaram pela floresta, margeando a clareira, e foram dar num ponto próximo às cabras. Com o coração na boca, Tom observou o padre sentado em um banquinho. O homem segurava um bebê no colo. Era o filho de Tom. Ele sentiu um nó na garganta. Era verdade, era mesmo verdade: o bebê tinha sobrevivido. Sentiu vontade de envolver o padre com os braços e abraçá-lo com força.

Junto com o padre estava um monge bem jovem. Tom olhou mais de perto e viu que o rapaz mergulhava um trapo num balde de leite – leite de cabra, decerto – e em seguida colocava a ponta encharcada do pano na boca do bebê. Aquilo era engenhoso.

– Bem – disse Tom, apreensivo. – É melhor eu ir lá confessar o que fiz e pegar meu filho de volta.

Ellen o encarou com um olhar firme.

– Pense um instante, Tom – disse ela. – E depois, o que você vai fazer?

Ele não soube ao certo aonde a mulher queria chegar.

– Pedir leite para os monges – respondeu. – Eles vão ver que eu sou pobre. Eles fazem caridade.

– E depois?

– Bom, espero que eles me deem leite suficiente para manter o bebê vivo por três dias, até eu chegar a Winchester.

– E depois disso? – insistiu ela. – Como vai alimentar o bebê?

– Bom, eu vou procurar trabalho e...

– Você está procurando trabalho desde a última vez que o vi, no final do verão – interveio ela. Parecia estar um pouco zangada com Tom, mas ele não entendeu o motivo. – Não tem dinheiro nem ferramentas – continuou ela. – O que vai acontecer com o bebê se não houver trabalho em Winchester?

– Não sei – disse Tom. Ouvi-la falar de modo tão duro o magoava. – O que eu posso fazer? Viver como você? Não sei matar patos com pedradas... Eu sou pedreiro.

– Você poderia deixar o bebê aqui.

A sugestão deixou Tom boquiaberto.

– Deixá-lo aqui? – perguntou. – Logo agora que acabei de encontrá-lo?

– Você teria certeza de que ele está aquecido e alimentado. Não teria de carregá-lo enquanto procura trabalho. E aí, quando encontrar alguma coisa, pode voltar aqui e pegar o menino.

O instinto de Tom resistia àquela ideia.

– Não sei – respondeu. – O que os monges iriam pensar de mim por ter abandonado o bebê?

– Para eles, você já fez isso – retrucou ela, com impaciência. – É só uma questão de você confessar agora ou mais tarde.

– E por acaso monges sabem cuidar de bebês?

– Tanto quanto você.

– Duvido.

– Bom, eles inventaram um jeito de alimentar um recém-nascido que só sabe sugar.

Tom começou a entender que Ellen tinha razão. Por mais que desejasse segurar aquela trouxinha nos braços, não podia negar que os monges tinham mais condições do que ele de cuidar do bebê. Ele não tinha comida nem dinheiro, nem possibilidade concreta de arrumar trabalho.

– Abandoná-lo outra vez – disse, com tristeza. – Acho que não tenho alternativa.

Ficou onde estava, olhando para a pequena silhueta no colo do padre no meio da clareira. Os cabelos do menino eram escuros como os de Agnes. Tom já tinha se decidido, mas não conseguia sair do lugar.

Foi então que um grupo grande de monges apareceu do outro lado da clareira, uns quinze ou vinte, carregando machados e serrotes, e agora Tom e Ellen corriam perigo de serem vistos. Tornaram a se abaixar para o meio dos arbustos. Tom não conseguia mais ver o bebê.

Foram embora se esgueirando por entre os arbustos. Quando chegaram à estrada, começaram a correr. Correram por uns 300 ou 400 metros, de mãos dadas, antes de Tom ficar exausto. Mas já estavam a uma distância segura. Saíram da estrada e encontraram um lugar escondido para descansar.

Sentaram-se em uma encosta coberta de grama, iluminada pelo sol filtrado pelas copas das árvores. Tom olhou para Ellen: deitada de costas,

ela respirava ofegante, com as faces coradas e os lábios num sorriso. Sua roupa havia se aberto no pescoço, revelando o colo e a curva de um dos seios. De repente, ele sentiu uma urgência de vê-la nua outra vez, e o desejo foi muito mais forte do que a culpa que o dominava. Inclinou-se para beijá-la, então hesitou, de tão linda que era sua imagem. Quando falou, não foi premeditado, e suas próprias palavras o pegaram de surpresa:

– Ellen, você quer ser minha mulher?

CAPÍTULO 2

I

Peter de Wareham era encrenqueiro desde o berço.

Fora transferido para o pequeno convento na floresta da matriz de Kingsbridge, e era fácil entender por que o prior tivera tanta pressa de se livrar dele. Rapaz alto e magro, com quase 30 anos, Peter era dono de um intelecto ágil e de modos desdenhosos, e vivia em estado permanente de indignação moral. Ao chegar ali e começar a trabalhar no campo, havia imprimido um ritmo furioso para em seguida acusar os outros de preguiça. No entanto, para sua surpresa, a maioria dos monges conseguira acompanhá-lo, e depois de algum tempo os mais jovens acabaram por entediá-lo. Então procurou outro vício que não a preguiça, e sua segunda escolha foi a gula.

Começara então a comer só metade do seu pão e deixar a carne intocada. Bebia água dos regatos durante o dia, diluía a cerveja e recusava o vinho. Repreendeu um monge jovem e saudável que pedira para repetir o mingau e fez chorar um menino que, por brincadeira, bebeu o vinho de outro.

Os monges davam poucas mostras de gula, pensou Philip, prior daquele cenóbio, quando estavam voltando do alto do morro para o convento na hora do almoço. Os mais jovens eram esbeltos e musculosos, os mais velhos fortes e queimados de sol. Nenhum tinha o aspecto pálido e roliço que advinha de ter muito o que comer e nada para fazer. Na opinião de Philip, todo monge devia ser magro. Monges gordos provocavam nos pobres inveja e ódio pelos servos de Deus.

Como lhe era característico, Peter disfarçou sua acusação como uma confissão.

– Cometi o pecado da gula – dissera ele naquela manhã, durante um

intervalo, quando eles estavam comendo pão de centeio e bebendo cerveja sentados em cima das árvores que haviam acabado de derrubar. – Desobedeci à Regra de São Benedito, segundo a qual os monges não podem comer carne nem beber vinho. – Com a cabeça erguida e os olhos escuros acesos de orgulho, olhou em volta para os outros e por fim pousou o olhar em Philip. – E todo mundo aqui é culpado do mesmo pecado – concluiu.

Era muito triste Peter ser assim, pensou Philip. Ele era dedicado à obra de Deus, tinha uma mente arguta e uma grande força de vontade. Mas parecia ter também uma necessidade irresistível de se sentir especial e de chamar a atenção dos outros o tempo inteiro, e isso o levava a criar caso. Ele era um verdadeiro estorvo, mas Philip o amava tanto quanto amava qualquer outro, pois conseguia ver, por trás da arrogância e do desdém, uma alma atormentada, incapaz de acreditar que pudessem nutrir qualquer estima por ele.

– Isso nos dá uma oportunidade de recordar o que São Benedito disse a respeito disso. Você se lembra das palavras exatas, Peter? – perguntou Philip.

– Ele disse: “Todos, exceto os doentes, devem se abster de carne”, e também: “O vinho não é bebida para monges” – respondeu Peter.

Philip aquiesceu. Conforme suspeitava, Peter não conhecia a regra tão bem quanto ele.

– Está quase correto, Peter – falou. – O santo não estava se referindo a qualquer carne, mas sim à “carne dos animais de quatro patas”, e mesmo assim abria exceções, não só para os doentes, mas também para os fracos. E o que ele quis dizer com “fracos”? Aqui, na nossa comunidade, nós consideramos que homens enfraquecidos pelo trabalho extenuante nos campos talvez precisem comer carne de vez em quando para conservar as forças.

Peter escutou a resposta em um silêncio emburrado, com o cenho franzido em sinal de reprovação, as pesadas sobrancelhas pretas unidas na testa, acima do osso do grande nariz adunco, e uma expressão de desafio contida no rosto.

– Em relação ao vinho – continuou Philip –, o santo diz: “Lemos que o vinho não é de forma nenhuma a bebida dos monges.” O uso da palavra “lemos” dá a entender que ele não concorda inteiramente com a

proscrição. Afirma também que meio litro de vinho por dia deveria bastar para qualquer um. E nos alerta para não beber até a saciedade. Está claro, não está, que ele não espera que os monges se abstenham por completo?

– Mas ele diz que a frugalidade deve ser respeitada em tudo – insistiu Peter.

– E você está dizendo que não somos frugais aqui? – indagou Philip.

– Estou – respondeu ele, em alto e bom som.

– “Que aqueles a quem Deus conceder o dom da abstinência saibam que irão receber sua devida recompensa” – citou Philip. – Se você acha que somos generosos demais com a comida aqui, pode comer menos. Mas lembre-se do que mais o santo diz. Ele cita a primeira epístola aos Coríntios, na qual São Paulo afirma: “Cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro.” E o santo depois nos diz: “Por esse motivo, a quantidade da comida de outrem não pode ser determinada sem alguma incerteza.” Por favor, lembre-se disso, Peter, enquanto estiver jejuando e meditando sobre o pecado da gula.

Agora, todos estavam voltando ao trabalho e Peter exibia um ar de mártir. Philip se deu conta de que ele não seria silenciado com tanta facilidade. Dos três votos monacais, pobreza, castidade e obediência, Peter tinha problemas com um deles, a obediência.

Havia, é claro, maneiras de lidar com monges desobedientes: confinamento solitário, pão e água, açoite e, em último caso, excomunhão e expulsão. Philip em geral não hesitava em lançar mão dessas punições, sobretudo quando um monge parecia testar sua autoridade. Por isso, era considerado um rígido disciplinador. A verdade, porém, era que detestava determinar punições: isso trazia desarmonia para a irmandade monástica e deixava todo mundo infeliz. De toda forma, no caso de Peter, a punição de nada adiantaria. Pelo contrário, só serviria para torná-lo ainda mais orgulhoso e rancoroso. Philip precisava encontrar um jeito de ao mesmo tempo controlá-lo e abrandá-lo. Não seria fácil. Mas enfim, pensou, se tudo fosse fácil, os homens não precisariam da orientação de Deus.

Chegaram à clareira da floresta onde ficava o convento. Quando atravessavam o espaço aberto, Philip viu o irmão John acenando energicamente para eles do curral das cabras. Todos o chamavam de Johnny Eightpence, e ele era um pouco lento das ideias. Philip se perguntou o que o teria deixado tão animado. Ao lado de Johnny estava um

homem com trajes de padre. Ele pareceu familiar e Philip apressou o passo na sua direção.

O padre era um homem baixo e compacto, de 20 e poucos anos, com os cabelos pretos cortados bem rente ao crânio e olhos azuis que brilhavam com uma inteligência observadora. Para Philip, olhar para ele foi como encarar um espelho. Percebeu, chocado, que o padre era seu irmão mais novo, Francis.

E Francis estava segurando no colo um bebê recém-nascido.

Philip não sabia o que era mais surpreendente, Francis ou o bebê. Os monges se aglomeraram. Francis se levantou e entregou o bebê a Johnny; Philip o abraçou.

– O que está fazendo aqui? – perguntou, encantado. – E por que trouxe um bebê?

– Mais tarde eu explico por que estou aqui – respondeu Francis. – Quanto ao bebê, eu o encontrei na floresta, sozinho, deitado ao lado de uma grande fogueira. – Francis parou de falar.

– E...? – encorajou Philip.

Francis deu de ombros.

– Não posso contar mais nada, pois é tudo o que sei. Esperava chegar aqui ontem à noite, mas não consegui, então dormi na cabana do guarda-florestal real. Saí hoje de manhã, quando o dia clareou, e estava percorrendo a estrada a cavalo quando ouvi o choro de um bebê. Instantes depois o vi. Peguei-o e trouxe até aqui. É essa a história inteira.

Philip olhou incrédulo para a pequenina trouxa no colo de Johnny. Hesitante, estendeu a mão e ergueu uma pontinha da manta. Viu um rosto cor-de-rosa enrugado, uma boca desdentada aberta e uma cabecinha com poucos fios de cabelo. Parecia a miniatura de um velho monge. Desembrulhou mais um pouco a trouxa e viu dois ombros frágeis e minúsculos, dois bracinhos se agitando e dois punhos bem cerrados. Examinou de perto o cotoco do cordão umbilical pendurado no umbigo da criança. Era um pouco nojento. Seria assim mesmo?, perguntou-se. Parecia uma ferida que cicatrizava bem e que era melhor deixar em paz. Ele abaixou um pouco mais a manta.

– Menino – concluiu, com um pigarro encabulado, e tornou a cobrir o bebê.

Um dos noviços deu uma risadinha.

De repente, Philip se sentiu impotente. O que vou fazer com esse bebê?, pensou. Dar comida a ele?

O menino começou a chorar e o som penetrou em seu coração como as notas de um hino preferido.

– Ele está com fome – disse, e no fundo da mente pensou: como eu sabia isso?

– Não temos como alimentá-lo – ponderou um dos monges.

Philip estava prestes a perguntar: por que não? Então entendeu: não havia mulheres em um raio de quilômetros.

Mas então viu que Johnny já havia solucionado o problema. O monge se sentou no banquinho com o bebê no colo. Segurava na mão um pano com uma das pontas enrolada até formar uma espiral. Mergulhou a ponta dentro de um balde de leite, deixou o pano absorver um pouco do líquido, então levou o pano à boca do bebê. A criança abriu a boca, sugou o pano e engoliu.

Philip teve vontade de aplaudir.

– Isso foi inteligente, Johnny – disse, surpreso.

O monge sorriu.

– Já fiz isso antes, quando uma cabra morreu antes de o cabrito dela desmamar – falou, orgulhoso.

Todos os monges ficaram observando com atenção enquanto Johnny repetia o ato simples de mergulhar o pano no leite e deixar o bebê sugar. Philip achou graça ao constatar que, quando ele encostava o pano na boca da criança, alguns dos monges chegavam a abrir a própria boca. Era um jeito lento de alimentar o bebê, mas sem dúvida esse era um processo lento, não importava como.

Peter de Wareham, que havia se rendido ao fascínio generalizado pelo menino e conseqüentemente se esquecera de criticar qualquer coisa por algum tempo, recobrou-se e disse:

– Daria menos trabalho encontrar a mãe da criança.

– Duvido – retrucou Francis. – A mãe deve ser solteira e sucumbiu à transgressão moral. Imagino que seja jovem. Talvez tenha conseguido manter a gravidez em segredo e então, quando chegou a hora, saiu para a floresta e acendeu uma fogueira, deu à luz sozinha, depois abandonou a criança para os lobos e voltou para o lugar de onde tinha vindo. Vai fazer de tudo para que ninguém a encontre.

O bebê havia pegado no sono. Por impulso, Philip o tomou do colo de Johnny. Segurou-o junto ao peito, sustentando-o com a mão, e o ninou.

– Coitadinho – falou. – Coitadinho dele.

O impulso de proteger e cuidar da criança subitamente o dominou. Ele reparou que os monges o encaravam, espantados com aquela repentina demonstração de afeto. Nunca o tinham visto acariciar ninguém, claro, pois as demonstrações físicas desse tipo eram estritamente proibidas no mosteiro. Era óbvio que o julgavam incapaz de tal coisa. Bem, pensou ele, agora conhecem a verdade.

Peter de Wareham voltou a falar:

– Então teremos de levar a criança até Winchester e tentar encontrar uma mãe adotiva.

Se a frase houvesse sido dita por qualquer outra pessoa, Philip talvez não tivesse sido tão rápido em contradizê-la, mas fora Peter quem a enunciara, então o prior reagiu sem pensar – e sua vida depois disso nunca mais foi exatamente a mesma.

– Nós não vamos entregá-lo a uma mãe adotiva – disse, decidido. – Esta criança é um presente de Deus. – Ele olhou para os outros ao redor. Os monges o encararam de volta com os olhos arregalados, atentos a cada palavra que ele dizia. – Nós mesmos vamos cuidar dele – prosseguiu Philip. – Vamos lhe dar comida, instrução, e criá-lo segundo os preceitos de Deus. Então, quando virar homem, ele próprio se tornará monge, e dessa forma nós o devolveremos a Deus.

Fez-se um silêncio pasmo.

Então Peter falou, zangado:

– Isso é impossível! Um bebê não pode ser criado por monges!

Philip e o irmão se entreolharam e sorriram, compartilhando lembranças. Quando o prior tornou a falar, sua voz carregava todo o peso do passado:

– Impossível? Não, Peter. Muito pelo contrário, tenho bastante certeza de que pode ser feito, e meu irmão também. Sabemos isso por experiência própria. Não é, Francis?



No dia que Philip agora sabia ter sido o último, seu pai havia chegado em casa ferido.

Philip foi o primeiro a vê-lo, subindo a cavalo a encosta sinuosa que conduzia ao pequeno povoado na região montanhosa de Gales do Norte. O menino, então com 6 anos, correu ao encontro do pai como sempre fazia, mas dessa vez ele não puxou seu filhinho e colocou-o na sela à sua frente. Vinha devagar, caído na sela, segurando as rédeas com a mão direita e com o braço esquerdo pendurado e inerte. Tinha o rosto pálido e as roupas ensanguentadas. Philip ficou ao mesmo tempo intrigado e amedrontado, pois nunca vira o pai aparentar fraqueza.

– Vá buscar sua mãe – disse o pai.

Quando eles o levaram para casa, a mãe cortou a camisa do marido. Philip ficou horrorizado: a visão da mãe, sempre econômica, estragando de propósito uma roupa em bom estado o chocou ainda mais do que o sangue.

– Não se preocupe comigo agora – falou o pai, mas sua voz em geral forte como um latido saíra fraca feito um murmúrio, e ninguém lhe deu ouvidos; mais um acontecimento chocante, pois em geral a palavra dele era lei. – Me deixem aqui e levem todo mundo para o mosteiro – continuou. – Os malditos ingleses não vão demorar a chegar.

No alto do morro havia um mosteiro com uma igreja, mas Philip não entendeu por que eles deviam ir para lá, já que não era domingo.

– Se você perder mais sangue – falou a mãe –, não vai poder ir a lugar nenhum, nunca mais.

Mas tia Gwen, que estava ali, disse que iria dar o alarme e saiu.

Anos mais tarde, quando pensava no que havia acontecido a seguir, Philip entendia que naquele instante todos tinham esquecido que ele e o irmão de 4 anos, Francis, existiam e que ninguém pensou em levá-los para a segurança do mosteiro. Todos estavam com a cabeça nos próprios filhos e imaginaram que Philip e Francis tinham ficado bem por estarem na companhia dos pais. Mas o pai estava morrendo de hemorragia e a mãe, tentando salvá-lo, de modo que o que aconteceu foi que os ingleses pegaram os quatro.

Nada na curta experiência de vida de Philip o havia preparado para o surgimento dos dois homens de armas que abriram a porta com um chute e invadiram a casa de um cômodo. Em outras circunstâncias eles não o

teriam assustado. Eram apenas dois jovens grandes e desengonçados, daqueles que zombavam de mulheres velhas, insultavam judeus e trocavam socos em tabernas à meia-noite. Mas naquele dia – Philip entendeu anos depois, quando foi enfim capaz de pensar no acontecido de forma objetiva – os dois rapazes queriam sangue. Vinham de uma batalha, tinham ouvido homens gritar de agonia e visto amigos caírem mortos, e haviam literalmente enlouquecido de tanto pavor. Mas venceram a batalha e sobreviveram, estavam agora no encalço dos inimigos e nada podia satisfazê-los a não ser mais sangue, mais gritos, mais ferimentos e mais morte, e tudo isso estava escrito em seus rostos contorcidos quando eles irromperam casa adentro feito raposas em um galinheiro.

Os homens se moveram muito depressa, mas Philip depois conseguiria se lembrar de tudo como se cada passo houvesse levado uma eternidade. Ambos usavam armaduras leves, apenas uma cota de malha curta e um capacete de couro com faixas de metal. Ambos tinham a espada em riste. Um era feio e vesgo, com um grande nariz torto e dentes arreganhados em um sorriso horrendo e simiesco. O outro tinha uma farta barba emplastada de sangue coagulado, sem dúvida de outra pessoa, pois ele não parecia ferido. Os homens de armas correram os olhos pelo cômodo sem perder um segundo. Seu olhar impiedoso e calculista descartou Philip e Francis, percebeu a mãe e se concentrou no pai. Antes que os quatro conseguissem se mexer, os ingleses já estavam quase em cima dele.

Curvada em cima do marido, a mãe prendia uma atadura em seu braço esquerdo. Ela se endireitou e se virou para os intrusos; em seus olhos ardia uma coragem vã. O pai se levantou com um pulo e levou a mão boa ao cabo da espada. Philip soltou um grito de terror.

O homem feio ergueu a espada acima da cabeça e desferiu um golpe com o cabo, bem na cabeça da mãe, em seguida a empurrou de lado sem cravar a lâmina, provavelmente porque não queria correr o risco de ficar com a espada presa em seu corpo enquanto o pai ainda estivesse vivo. Philip só entendeu isso anos depois. Na ocasião, tudo o que fez foi correr até a mãe, sem entender que ela não podia mais protegê-lo. A mãe cambaleou, atordoada, e o homem feio passou por ela, erguendo a espada outra vez. Philip se agarrou à saia da mãe enquanto ela oscilava, tonta, mas não pôde evitar fitar o pai.

O pai tirou sua espada da bainha e a ergueu num gesto defensivo. O

homem feio projetou sua arma para baixo e as duas lâminas se chocaram, enchendo a casa como o toque de um sino. Como todas as crianças, Philip pensava que o pai fosse invencível, e foi nesse momento que ficou sabendo a verdade. O pai estava fraco por causa da hemorragia. Quando as duas espadas se chocaram, a sua caiu no chão e o agressor levantou um pouco a dele e rapidamente desferiu um novo golpe. Desta vez acertou bem no ponto em que os músculos poderosos do pescoço do pai brotavam de seus ombros largos. Philip começou a berrar ao ver a lâmina afiada cortar o corpo do pai. O homem feio encolheu o braço para cravar a espada e enfiou a ponta bem na barriga do pai.

Paralisado de terror, Philip ergueu o rosto para a mãe. Seus olhos encontraram os dela bem na hora em que o homem de barba a derrubou. Ela caiu no chão ao lado de Philip com sangue escorrendo de um ferimento na cabeça. O barbado mudou a pegada na espada, de modo que a lâmina apontasse para baixo, segurando o cabo com as duas mãos, então a ergueu bem alto, quase como um homem que vai apunhalar a si mesmo, e a baixou com força. Ouviu-se um barulho repulsivo de osso rachando quando a ponta penetrou o peito de sua mãe. A lâmina entrou fundo, tão fundo – reparou Philip, mesmo dominado por um medo cego e histérico – que deve ter saído pelas costas e cravado no chão, prendendo-a no piso como um prego.

Desesperado, o menino olhou em volta à procura do pai. Viu-o cair para a frente sobre a espada do homem feio e cuspir um grande jato de sangue. O agressor deu um passo para trás e puxou a espada com um tranco para tentar soltá-la. O pai cambaleou mais um passo e não a largou. O homem feio deu um grito de fúria e torceu a espada na barriga do pai. Dessa vez a arma saiu. O pai caiu no chão e levou as mãos ao ventre aberto como se fosse possível tapar o ferimento. Philip sempre imaginara que as entranhas das pessoas fossem mais ou menos sólidas, e sentiu náusea e perplexidade ao ver os feios tubos e órgãos que escorregavam para fora do corpo do pai. O agressor ergueu bem alto a espada, com a ponta para baixo, e, do mesmo jeito que o barbado tinha feito com a mãe, desferiu o derradeiro golpe no pai.

Os dois ingleses se entreolharam e, de modo muito inesperado, Philip leu alívio em seus rostos. Ambos se viraram ao mesmo tempo e olharam para ele e Francis. Um meneou a cabeça, o outro deu de ombros, e Philip

entendeu que eles iriam matar os dois meninos, cortando-os com aquelas espadas afiadas, e, quando compreendeu quanto aquilo iria *doer*, o terror cresceu dentro dele até ter a impressão de que sua cabeça fosse explodir.

O homem com sangue na barba se abaixou depressa e pegou Francis por um dos tornozelos. Segurou-o de cabeça para baixo no ar enquanto o menino gritava pela mãe, sem perceber que ela estava morta. O outro puxou a espada do corpo do pai e recuou o braço, pronto para cravá-la no coração de Francis.

Mas o golpe nunca foi desferido. Uma voz cheia de autoridade ecoou e os dois homens congelaram. Os gritos cessaram e Philip se deu conta de que saíam dele. Olhou para a porta e viu o abade Peter ali em pé, trajando seu hábito tecido em casa, com a ira divina nos olhos e segurando na mão uma cruz de madeira como se fosse uma espada.

Quando Philip revivia esse dia em seus pesadelos e acordava suando no escuro, aos gritos, sempre conseguia se acalmar e depois de algum tempo voltar a dormir. Lembrava-se dessa última cena e do modo como os gritos e ferimentos haviam sido suspensos pelo homem desarmado de cruz na mão.

O abade Peter tornou a falar. Philip não entendeu a língua que ele usou – era inglês, claro –, mas o significado foi claro, pois os dois homens ficaram envergonhados, e o barbado pousou Francis no chão com bastante delicadeza. Sem parar de falar, o monge entrou confiante no cômodo. Os homens de armas recuaram um passo, quase como se, com suas espadas e armaduras, temessem aquele homem com vestes de lã e uma cruz! O abade lhes virou as costas, um gesto de desdém, e se agachou para falar com Philip. Seu tom foi bem direto:

– Qual é o seu nome?

– Philip.

– Ah, sim, estou lembrado. E o do seu irmão?

– Francis.

– Isso mesmo. – O abade olhou para os corpos ensanguentados no chão de terra batida. – Aquela é sua mãe, não é?

– É – aquiesceu Philip, e sentiu-se invadir pelo pânico ao apontar o corpo mutilado do pai e dizer: – E aquele ali é o meu pai!

– Eu sei – disse o monge com uma voz tranquilizadora. – Você não deve mais gritar, deve responder às minhas perguntas. Entende que eles

estão mortos?

– Não sei – respondeu Philip, desolado.

Sabia o que significava quando animais morriam, mas como isso podia ter acontecido com mamãe e papai?

– É parecido com ir dormir – disse o abade Peter.

– Mas os olhos deles estão abertos! – berrou Philip.

– Shh. Então é melhor fecharmos.

– Sim – concordou o garoto.

Teve a sensação de que isso resolveria alguma coisa.

O abade Peter se levantou, pegou Philip e Francis pela mão e os conduziu até o corpo do pai. Ajoelhou-se e segurou a mão direita de Philip.

– Vou mostrar como se faz – falou. Moveu a mão do menino pelo rosto do pai, mas de repente Philip teve medo de tocá-lo, pois o corpo estava muito estranho, pálido, flácido e com ferimentos pavorosos, então ele a retirou depressa. Olhou ansioso para o abade Peter, um homem a quem ninguém desobedecia, mas viu que ele não estava zangado. – Vamos lá – disse ele, suavemente, e tornou a segurar a mão de Philip. Dessa vez o menino não resistiu. Com o dedo indicador de Philip entre os próprios polegar e indicador, o monge o fez tocar a pálpebra do pai e a baixar até que cobrisse o globo ocular horivelmente vidrado. Então soltou sua mão. – Feche o outro olho.

Agora sem ajuda, Philip estendeu a mão, tocou a pálpebra do pai e a fechou. Então se sentiu melhor.

– Vamos fechar os da sua mãe também? – sugeriu o abade Peter.

– Vamos.

Eles se ajoelharam junto ao corpo dela. O abade usou a manga para limpar o sangue de seu rosto.

– E Francis? – perguntou Philip.

– Talvez ele devesse ajudar – falou o abade.

– Faça como eu fiz, Francis – explicou Philip ao irmão. – Feche os olhos de mamãe como eu fechei os de papai, para ela poder dormir.

– Eles estão dormindo? – perguntou Francis.

– Não, mas é *parecido* com dormir – respondeu Philip com grande autoridade. – Então é preciso fechar os olhos dela.

– Está bem, então – disse Francis, e sem qualquer hesitação estendeu a

mãozinha rechonchuda e fechou com cuidado os olhos da mãe.

O abade então pegou os dois, um por cada mão, e sem mais um olhar sequer para os homens de armas levou-os para fora da casa e subiu até o alto da íngreme encosta até o santuário do mosteiro.

Deu-lhes de comer na cozinha dos monges. Em seguida, para não deixá-los à toa com seus pensamentos, pediu que ajudassem o cozinheiro a preparar o jantar. No dia seguinte, levou-os para ver os corpos dos pais, já lavados e vestidos, com os ferimentos limpos, costurados e em parte escondidos, e deitados lado a lado em dois caixões na nave da igreja. Lá estavam também vários parentes, pois nem todos os aldeões tinham conseguido chegar ao mosteiro a tempo de escapar do exército invasor. O abade Peter os levou ao enterro e fez questão de que vissem os caixões serem baixados na mesma cova. Quando Philip chorou, Francis chorou também. Alguém mandou-os calar, mas o abade Peter interveio:

– Deixe que eles chorem – disse.

Somente depois disso, quando os dois meninos absorveram em seus corações a certeza de que os pais tinham mesmo ido embora e nunca mais voltariam, foi que ele por fim falou sobre o futuro.

Não havia sobrado uma só família inteira entre seus parentes: em todas, sem exceção, o pai ou a mãe tinha sido morto. Não havia parentes para cuidar dos meninos. Portanto, restavam duas alternativas. Eles poderiam ser doados ou mesmo vendidos a um agricultor, que os usaria como mão de obra escrava até que eles tivessem idade e tamanho suficiente para fugir. Ou poderiam servir a Deus.

Não seria a primeira vez que meninos entravam para um mosteiro. A idade habitual era por volta de 11 anos e a mínima por volta de 5, uma vez que os monges não tinham estrutura para cuidar de bebês. Às vezes os meninos eram órfãos, às vezes tinham perdido apenas o pai ou a mãe, e às vezes seus pais tinham filhos de mais. Em geral, junto com a criança, a família dava ao mosteiro um presente substancial: terras, uma igreja ou mesmo um vilarejo inteiro. Nos casos de extrema pobreza, o presente podia ser dispensado. Mas o pai de Philip havia deixado uma modesta propriedade na colina, de modo que os meninos não precisariam de caridade. O abade Peter propôs que o mosteiro ficasse com os meninos e com a propriedade, os parentes sobreviventes concordaram, e o acordo foi autorizado pelo príncipe de Gwynedd, Gruffyd ap Cynan, por ora

humilhado mas ainda não deposto permanentemente pelo exército invasor do rei Henrique, que havia matado o pai de Philip.

O abade conhecia bem a dor, mas, apesar de todo o seu conhecimento, não estava preparado para o que acontecera com Philip. Após um ano mais ou menos, quando o sofrimento parecia ter passado e os dois irmãos já estavam adaptados à vida no mosteiro, o menino foi possuído por uma raiva impossível de aplacar. As condições de vida na comunidade do alto da colina não eram ruins o bastante para justificar sua raiva: havia comida, roupas e um fogo aceso no dormitório durante o inverno, e até mesmo um pouco de amor e de afeto. A rígida disciplina e os rituais tediosos pelo menos garantiam ordem e estabilidade. Philip, porém, começou a agir como se houvesse sido aprisionado injustamente. Desobedecia às ordens, subvertia a autoridade dos monges mais graduados a qualquer oportunidade, roubava comida, quebrava ovos, soltava cavalos, zombava dos enfermos e ofendia os mais velhos. A única ofensa que ele não cometia era o sacrilégio – e por causa disso o abade lhe perdoava todo o resto. Por fim, ele simplesmente superou. Certo Natal, recordou os doze meses anteriores e se deu conta de que não havia passado uma noite sequer na cela de castigo durante o ano todo.

Não houve um motivo especial para que voltasse ao normal. O fato de ter se interessado pelas aulas de certo ajudou. A teoria matemática da música o fascinava, e até mesmo a forma como os verbos eram conjugados em latim tinha uma lógica que lhe proporcionava alguma satisfação. Fora incumbido de ajudar o despenseiro, responsável por prover todos os mantimentos de que o mosteiro necessitava, de sandálias a sementes, e esse trabalho também atraiu seu interesse. Desenvolveu um apego que beirava a adoração pelo irmão John, um jovem monge belo e forte que lhe parecia representar o máximo do saber, da santidade, da sabedoria e da bondade. Fosse por imitação a John ou por inclinação própria, ou pelas duas coisas, começou a encontrar certo alento na rotina diária de rezas e nos serviços religiosos. Assim, entrou na juventude com a mente atenta à organização do mosteiro e com as harmonias sacras a soar nos ouvidos.

Nos estudos, tanto Philip quanto Francis estavam muito à frente de qualquer outro menino da sua idade, mas supunham que isso se devesse ao fato de viverem no mosteiro e terem recebido uma instrução mais rígida. Naquela época, ainda não se percebiam excepcionais. Mesmo quando

começaram a ministrar boa parte das aulas na pequena escola e a receber as lições do próprio abade, no lugar do pedante e velho mestre-escola, pensavam que estivessem adiantados apenas por terem começado bem cedo.

Quando Philip relembrava sua juventude, parecia ter havido uma breve Idade de Ouro, um ano, talvez menos, entre o final da sua rebeldia e a chegada furiosa do desejo físico. Veio então a cruciante fase dos pensamentos impuros, das poluções noturnas, das terríveis e embaraçosas conversas com seu confessor (o abade), das infindáveis penitências e da mortificação da carne com suplícios.

A luxúria nunca deixou de afligi-lo por completo, mas depois de algum tempo perdeu importância e agora só o atormentava de vez em quando, nas raras ocasiões em que sua mente e seu corpo ficavam ociosos, como uma ferida antiga que ainda dói no tempo chuvoso.

Francis havia travado a sua batalha um pouco mais tarde e, embora não tivesse se confidenciado com o irmão a respeito, Philip tinha a impressão de que o caçula se mostrara menos valente no combate aos desejos maus e encarara as derrotas com uma alegria um tanto excessiva. O principal, contudo, era que ambos tinham conseguido dominar as paixões que eram o maior inimigo da vida monástica.

Enquanto Philip trabalhava com o despenseiro, Francis se ocupava com o prior, logo abaixo do abade Peter na hierarquia monástica. Quando o despenseiro morreu, Philip contava 21 anos e, apesar da pouca idade, assumiu o cargo. Quando Francis completou a maioridade, o abade sugeriu criar um novo cargo para ele, o de subprior. A proposta, porém, precipitou uma crise. Francis pediu que fosse liberado da responsabilidade e aproveitou o ensejo para pedir dispensa do mosteiro. Queria ser ordenado padre e servir a Deus no mundo lá fora.

A decisão provocou em Philip espanto e horror. Jamais lhe ocorrera que um dos dois pudesse deixar o mosteiro, e aquilo foi tão desconcertante quanto se ele houvesse descoberto que era o herdeiro do trono. No entanto, após muito torcer de mão e muito exame de consciência, aconteceu: Francis partiu para o mundo e pouco depois se tornou capelão do conde de Gloucester.

Antes de o irmão partir, Philip via para si um futuro muito simples, isso quando pensava no assunto: seria monge, levaria uma vida humilde e

obediente, e na velhice talvez se tornasse abade e se esforçasse para estar à altura do exemplo dado por Peter. Agora se perguntava se Deus teria reservado para ele outro destino. Recordou a parábola dos talentos: Deus esperava que, além de conservar seu reino, seus servos o ampliassem. Com alguma apreensão, compartilhou esses pensamentos com o abade, consciente de que corria o risco de ser repreendido por estar inflado de orgulho.

Para sua surpresa, o abade falou:

– Estava me perguntando quanto tempo você iria levar para perceber isso. *É claro* que você tem outro destino. Nascido perto de um mosteiro, órfão aos 6 anos, criado por monges, despenseiro aos 21... Deus não se dá esse trabalho todo para formar um homem que vai passar a vida em um pequeno mosteiro no alto de uma colina isolada em um principado afastado nas montanhas. Aqui não há espaço suficiente para você. Você precisa ir embora.

Philip ficou pasmo ao ouvir isso, mas, antes de deixar o abade, uma pergunta lhe ocorreu, e ele a fez sem pensar:

– Se este mosteiro é tão pouco importante, por que Deus pôs *o senhor* aqui?

O abade Peter sorriu.

– Talvez para cuidar de você.

Mais tarde nesse mesmo ano, o abade foi a Canterbury prestar homenagem ao arcebispo e, quando voltou, disse a Philip:

– Eu doei você ao priorado de Kingsbridge.

Philip foi tomado de apreensão. O priorado de Kingsbridge era um dos maiores e mais importantes mosteiros da região. Era um priorado elevado a catedral: sua igreja era uma catedral, sede de um bispado, e o bispo tecnicamente era o abade do mosteiro, embora na prática o lugar fosse administrado pelo prior.

– O prior James é um velho amigo – disse o abade Peter a Philip. – Nos últimos anos, não sei por quê, vem ficando bastante abatido. Enfim, Kingsbridge precisa de sangue novo. James está tendo problemas com um de seus cenóbios em especial, um pequeno convento na floresta, e precisa desesperadamente de alguém de total confiança para assumi-lo e colocá-lo outra vez no caminho da santidade.

– Quer dizer que eu vou ser prior desse convento? – indagou Philip,

surpreso.

O abade assentiu.

– E, se estivermos certos e Deus reservou muito trabalho para você, podemos esperar que ele o ajude a resolver quaisquer problemas que encontrar.

– E se estivermos errados?

– Você sempre pode voltar para cá e ser meu despenseiro. Mas nós não estamos errados, filho, você vai ver.

As despedidas foram chorosas. Philip havia passado dezessete anos ali, e os monges eram sua família, agora mais reais para ele do que os pais que lhe haviam sido arrancados com tanta selvageria. Ele provavelmente nunca mais tornaria a vê-los, e isso o entristeceu.

No início Kingsbridge o intimidou. O mosteiro murado era maior do que muitos vilarejos, a catedral era uma caverna imensa e escura, e a casa do prior era um pequeno palácio. Uma vez acostumado àquela escala, no entanto, ele viu sinais do abatimento que o abade Peter havia notado em seu velho amigo prior. A igreja precisava visivelmente de reparos extensos; as preces eram feitas às pressas; as regras do silêncio eram violadas constantemente e havia criados em excesso, mais criados do que monges. Philip rapidamente superou o assombro e se zangou. Sua vontade foi segurar o prior James pelo pescoço e dizer: “Como você *se atreve* a fazer uma coisa dessas? Como se atreve a enviar a Deus preces apressadas? Como se atreve a deixar noviços jogarem dados e monges terem cães de estimação? Como se atreve a viver em um palácio, rodeado por criados, enquanto a igreja de Deus está caindo aos pedaços?” Não falou nada, claro. Teve uma conversa breve e formal com o prior James, um homem alto, magro e corcunda, que parecia carregar sobre os ombros curvos o peso de todos os problemas do mundo. Então conversou com o subprior, Remigius. No início da conversa, Philip deu a entender que, na sua opinião, o priorado talvez precisasse de umas mudanças, imaginando que o seu segundo da linha hierárquica fosse concordar fervorosamente, mas Remigius olhou Philip de cima como quem diz *Quem você pensa que é?* e mudou de assunto.

Remigius disse que o convento de St.-John-in-the-Forest fora criado três anos antes com algumas terras e propriedades, e que a essa altura já deveria ser autossuficiente, mas na realidade ainda dependia de

suprimentos da matriz. Havia outros problemas: um diácono que passara a noite lá havia criticado a condução dos ofícios; viajantes alegavam ter sido roubados por monges naquela região; havia boatos de impureza... O fato de Remigius não poder ou não querer dar detalhes exatos era só mais um sinal da maneira indolente como aquela organização toda estava sendo administrada. Philip saiu da conversa tremendo de raiva. Um mosteiro era um lugar feito para glorificar a Deus. Se não fizesse isso, não era nada. O priorado de Kingsbridge era pior do que nada. Envergonhava Deus com seu desleixo. Mas Philip não podia fazer nada a respeito. O melhor que conseguiria seria reformar um dos conventos de Kingsbridge.

Na viagem de dois dias a cavalo até o cenóbio no meio da floresta, ruminou a parca informação que recebera e planejou em preces a sua chegada. Seria bom começar de mansinho, decidiu. Em geral, um prior era eleito pelos monges. No caso de um convento, porém, apenas um posto avançado do mosteiro principal, o prior da matriz podia simplesmente nomeá-lo. De modo que Philip não fora convidado a se candidatar à eleição, ou seja, não poderia contar com o apoio dos irmãos. Teria de avançar com cautela. Precisava aprender mais sobre os problemas de que o lugar padecia antes de tomar a melhor solução. Precisava conquistar o respeito e a confiança dos monges, sobretudo daqueles que fossem mais velhos do que ele e pudessem se ressentir da sua presença. Então, quando sua informação estivesse completa, e sua liderança, consolidada, poderia agir com firmeza.

Não foi assim que aconteceu.

No segundo dia, a luz já estava caindo quando ele guiou o pônei até a borda de uma clareira e examinou seu novo lar. Na época, havia uma única edificação de cantaria, a capela. (Philip mandaria construir o novo dormitório de pedra no ano seguinte.) As outras construções de madeira tinham um aspecto desconjuntado. Philip não gostou do que viu: qualquer coisa fabricada pelos monges devia ser feita para durar, e isso valia tanto para chiqueiros quanto para catedrais. Ao olhar em volta, reparou em mais indícios do mesmo tipo de desleixo que o chocara em Kingsbridge: não havia cercas, o feno transbordava pela porta do celeiro e havia uma pilha de esterco bem ao lado do laguinho dos peixes. Sentiu o rosto se contrair com uma reprovação contida e disse para si mesmo: devagar, devagar.

No início, não viu ninguém. Era como devia ser, pois estava na hora de

vésperas e a maioria dos monges devia se encontrar na capela. Tocou o flanco do pônei com o chicote e atravessou a clareira até uma cabana que parecia ser um estábulo. Um jovem com palha nos cabelos e ar distraído espichou o pescoço por cima da porta e o encarou com surpresa.

– Qual é o seu nome? – indagou Philip, e após alguns segundos de timidez acrescentou: – Meu filho.

– As pessoas me chamam de Johnny Eightpence – respondeu o jovem.

Philip apeou e lhe passou as rédeas.

– Bem, Johnny Eightpence, pode desarrear meu cavalo.

– Sim, padre.

Ele passou as rédeas por cima de uma cerca e se afastou.

– Aonde você vai? – indagou Philip, brusco.

– Avisar aos irmãos que chegou um forasteiro.

– Você precisa treinar a obediência, Johnny. Desarreie a minha montaria. Eu mesmo vou avisar aos irmãos que cheguei.

– Sim, padre.

Com uma cara assustada, Johnny começou a executar a tarefa.

Philip olhou em volta. No meio da clareira havia uma construção comprida, como um grande salão. Ao lado ficava uma pequena estrutura redonda, com fumaça escapando de um buraco no telhado. Devia ser a cozinha. Decidiu ver o que haveria para o jantar. Nos mosteiros mais rígidos apenas uma refeição era servida por dia, o almoço, ao meio-dia, mas aquele obviamente não era rígido e devia haver um jantar leve depois de vésperas, um pouco de pão com queijo ou peixe seco, ou quem sabe uma tigela de sopa de cevada com ervas. Ao se aproximar da cozinha, contudo, ele sentiu o inconfundível e apetitoso cheiro de carne sendo assada. Parou, com o cenho franzido, e em seguida entrou.

Dois monges e um menino estavam sentados em volta do fogo central. Enquanto Philip olhava, um dos monges passou uma jarra para outro, que bebeu. O menino girava um espeto, no qual havia um leitão.

Surpresos, eles ergueram os olhos quando Philip avançou até a luz. Sem dizer nada, ele pegou a jarra da mão do monge e a cheirou. Então indagou:

– Por que estão bebendo vinho?

– Porque meu coração se alegra com isso, forasteiro – respondeu o monge. – Beba um pouco... não se acanhe.

Era evidente que eles não tinham sido avisados sobre a chegada do novo prior. Também era evidente que não temiam as consequências se um monge de passagem delatasse seu comportamento ao priorado de Kingsbridge. Philip teve um impulso de partir a jarra de vinho na cabeça daquele homem, mas respirou fundo e falou com suavidade:

– Os filhos dos pobres passam fome para nos proporcionar carne e bebida. Isso é feito para glorificar a Deus, não para alegrar nossos corações. Chega de vinho para você por hoje.

Ele virou as costas e levou a jarra consigo.

Quando estava saindo, ouviu o monge perguntar:

– Quem você acha que é?

Philip não respondeu. Eles logo iriam descobrir.

Deixou a jarra no chão em frente à cozinha e atravessou a clareira em direção à capela, fechando e abrindo os punhos para tentar controlar a raiva. Não se precipite, recomendou a si mesmo. Tenha cautela. Tudo no seu devido tempo.

Parou por alguns instantes no pequeno pórtico da capela para se acalmar, então empurrou suavemente a grande porta de carvalho e entrou em silêncio.

Pouco mais de uma dezena de monges e alguns noviços, em pé de costas para ele, formavam fileiras irregulares. Em frente a eles, o sacristão lia um livro. Rezava o ofício depressa, e os monges resmungavam os responsos de modo automático. Três velas de comprimentos diferentes tremeluziam sobre uma toalha suja no altar.

No fundo da capela, dois jovens monges conversavam animados, ignorando o ofício. Quando Philip chegou perto, um deles fez uma gozação e o outro riu alto, abafando as palavras apressadas do sacristão. Para Philip, aquilo foi a gota d'água, e toda a decisão de chegar de mansinho desapareceu da sua mente. Abriu a boca e gritou o mais alto que foi capaz:

– CALADOS!

A gargalhada se interrompeu. O sacristão cessou a leitura. A capela ficou em silêncio, os monges se viraram e encararam Philip.

Ele estendeu a mão na direção do monge que tinha rido e o segurou pela orelha. O rapaz tinha mais ou menos a sua idade e era mais alto, mas estava surpreso demais para resistir quando Philip puxou sua cabeça para

baixo.

– De joelhos! – gritou Philip.

Por alguns instantes, pareceu que o monge tentaria se desvencilhar, mas o rapaz sabia que havia errado e, como o padre previra, sua resistência foi minada pela consciência pesada. Quando Philip puxou sua orelha com mais força, ele se ajoelhou.

– Todos vocês – ordenou. – De joelhos!

Haviam feito votos de obediência, e nem mesmo a escandalosa indisciplina na qual visivelmente estavam vivendo foi capaz de apagar esse hábito de anos. Metade dos monges e todos os noviços se ajoelharam.

– Todos vocês violaram seus votos – acusou Philip, deixando transparecer seu desdém. – Blasfemaram todos. – Olhou em volta e encarou aqueles que ainda estavam de pé. – Sua penitência começa agora – disse, por fim.

Aos poucos, eles foram se ajoelhando um por um, até restar apenas o sacristão de pé, um homem gordo, de olhar sonolento, uns vinte anos mais velho do que Philip. O novo prior deu a volta em torno dos monges ajoelhados e se aproximou dele.

– Me dê o livro – ordenou.

O sacristão o encarou de volta com uma expressão desafiadora e nada disse.

Philip estendeu a mão e segurou de leve o grosso volume. O sacristão agarrou com mais força. O prior hesitou. Havia passado dois dias decidindo ser cauteloso e ir com calma, mas ali estava, com os pés ainda sujos da poeira da estrada, arriscando tudo em um confronto direto com um homem sobre quem nada sabia.

– Me dê o livro e ajoelhe-se – repetiu.

Um sorriso de sarcasmo pareceu atravessar o semblante do sacristão.

– Quem é você? – indagou ele.

Philip ainda hesitava. Pelo hábito e pelo corte de cabelo, estava óbvio que ele era monge, e todos eles já deviam ter concluído, pelo seu comportamento, que tinha uma posição de autoridade, mas ainda não estava claro se sua autoridade o tornava mais importante do que o sacristão. Tudo o que ele precisava dizer era *Eu sou seu novo prior*, mas decidiu que não era a hora. De repente, pareceu muito importante conseguir se impor apenas pela autoridade moral.

O sacristão sentiu que Philip vacilava e tentou se aproveitar.

– Diga, por favor – disse, com uma cortesia fingida. – Quem ordena que nos ajoelhemos em sua presença?

Toda a hesitação abandonou Philip num só instante e ele pensou: se Deus está comigo, o que tenho a temer? Respirou fundo e suas palavras saíram com um rugido que ecoou do calçamento até a abóbada de pedra da capela.

– É Deus quem lhes ordena que se ajoelhem em *sua* presença! – bradou.

O sacristão pareceu ficar um pouco inseguro. Philip aproveitou a chance e arrancou o livro das mãos dele. Agora já sem qualquer autoridade, o homem enfim se pôs de joelhos.

Escondendo o alívio que sentia, Philip olhou em volta para os irmãos e anunciou:

– Eu sou seu novo prior.

Todos permaneceram ajoelhados enquanto lia o ofício. Levou muito tempo, pois ele ordenou que repetissem os responsos inúmeras vezes, até conseguirem fazê-lo em perfeito uníssono. Então os conduziu em silêncio para fora da capela até o refeitório mais adiante na clareira. Devolveu o leitão assado à cozinha e pediu pão e cerveja rala. Escolheu um monge para ler em voz alta enquanto comiam. Assim que todos terminaram, ele os levou, ainda em silêncio, até o dormitório.

Pediu que trouxessem sua cama da casa do prior, que ficava separada: iria dormir no mesmo recinto que os irmãos. Era a maneira mais simples e mais eficaz de impedir pecados de impureza.

Nessa primeira noite, não pregou o olho. Ficou sentado com uma vela na mão, rezando em silêncio, até chegar a meia-noite e a hora de acordar os monges para officiar as matinas. Celebrou o ofício depressa, para mostrar que não era de todo impiedoso. Voltaram todos para a cama, mas novamente Philip não dormiu.

Quando o dia raiou, ele saiu antes que os outros acordassem e olhou em volta enquanto pensava no dia que tinha pela frente. Tinham aberto um novo campo na floresta, e bem no meio do desmatado estava o imenso toco do que antes devia ser um imenso carvalho. Aquilo lhe deu uma ideia.

Depois de rezar a prima e comer o desjejum, Philip levou todos até o campo com cordas e machados. Passaram a manhã desenraizando o

enorme toco, metade puxando as cordas enquanto a outra metade atacava as raízes com machados, e todos diziam juntos “Foóoorça”. Quando o toco enfim se soltou, Philip deu a todos cerveja, pão e uma fatia do porco que havia lhes negado no jantar.

Não foi o fim dos problemas, mas foi o início das soluções. Desde o começo, ele se recusou a pedir qualquer coisa à matriz, exceto cereais para fazer pão e velas para a capela. Saber que não comeriam carne e não ser que criassem animais ou caçassem transformou os monges em pecuaristas meticulosos e especialistas em arapucas para aves. Enquanto antes viam nos ofícios religiosos um jeito de fugir do trabalho, agora ficavam contentes quando Philip encurtava as horas na capela para poderem passar mais tempo nos campos.

Em dois anos, o cenóbio se tornou autossuficiente, e dali a mais dois já estavam fornecendo a Kingsbridge carne, caça e um queijo feito com leite de cabra que se tornou uma iguaria muito cobiçada. O convento prosperou, os ofícios eram impecáveis e os irmãos viviam saudáveis e felizes.

Philip teria se contentado com isso, não fosse o fato de a matriz, Kingsbridge, estar indo de mal a pior.

Aquele deveria ser um dos principais centros religiosos do reino, repleto de atividade, com uma biblioteca visitada por estudiosos estrangeiros, um priorado consultado por nobres, santuários que atraíssem peregrinos do reino inteiro, uma hospitalidade famosa entre a nobreza e uma caridade célebre entre os pobres. Mas a igreja estava caindo aos pedaços, metade das edificações do mosteiro vivia vazia e o priorado devia dinheiro a prestamistas. Philip ia a Kingsbridge no mínimo uma vez por ano, e sempre voltava espumando de raiva com o modo como a riqueza, dada por fiéis devotos e ampliada por monges dedicados, estava sendo esbanjada descuidadamente como a herança do filho pródigo.

Parte do problema era a localização do priorado. Kingsbridge era um pequeno vilarejo em uma estrada afastada que não conduzia a lugar nenhum. Desde a época do primeiro rei Guilherme, conhecido como Conquistador ou Bastardo, dependendo de quem estivesse falando, a maioria das catedrais tinha sido transferida para grandes cidades. Kingsbridge, porém, havia escapado dessa transformação. Na opinião de Philip, porém, isso não era um problema insuperável: um mosteiro movimentado com uma catedral deveria ser uma cidade por si só.

O verdadeiro problema era a letargia do velho prior James. Com aquela mão frouxa no leme, o navio era soprado de um lado para outro, à deriva, sem ir a lugar nenhum.

E, para grande desgosto de Philip, o priorado de Kingsbridge continuaria a declinar enquanto o prior James continuasse vivo.



Os monges enrolaram o bebê em panos limpos e o puseram dentro de um grande cesto de pão que funcionaria como berço. Com a barriguinha cheia de leite de cabra, o menino pegou no sono. Philip o deixou sob a responsabilidade de Johnny Eightpence, pois, apesar de certa parvoíce, Johnny sabia ser delicado com as criaturas pequenas e frágeis.

Philip estava louco para saber o que trouxera Francis ao mosteiro. Deu algumas indiretas durante o almoço, mas seu irmão não reagiu, e ele teve de segurar a curiosidade.

Depois do almoço, era hora dos estudos. Eles ali não tinham um claustro propriamente dito, mas os monges podiam se sentar no pórtico da capela para ler ou caminhar pela clareira. Tinham permissão para entrar na cozinha de vez em quando e se aquecer junto ao fogo, como era o costume. Philip e Francis foram caminhar pela borda da clareira lado a lado, como tinham feito tantas vezes no claustro do mosteiro no País de Gales, e Francis começou a falar:

– O rei Henrique sempre tratou a Igreja como se fosse uma parte subordinada do seu reino. Emitiu ordens a bispos, cobrou impostos e impediu o exercício direto da autoridade do papa.

– Eu sei – disse Philip. – E daí?

– O rei Henrique morreu.

Philip estacou. Por *essa* ele não esperava.

– Morreu no seu pavilhão de caça em Lyons-la-Forêt, na Normandia, depois de uma refeição em que comeu lampreias – continuou Francis. – Ele adorava lampreias, embora elas sempre tivessem feito mal a ele.

– Quando?

– Hoje é o primeiro dia do ano, então faz exatamente um mês.

Philip ficou bastante chocado. Henrique já era rei quando ele nasceu.

Nunca havia passado pela morte de um rei, mas sabia que isso significava problemas, talvez mesmo uma guerra.

– O que vai acontecer agora? – indagou, ansioso.

Eles recomeçaram a andar.

– O problema é que o herdeiro do rei morreu no mar há muitos anos...

– disse Francis. – Você talvez se lembre.

– Lembro, sim.

Philip tinha 12 anos. Foi o primeiro acontecimento de importância nacional a penetrar sua consciência de menino, e o fez tomar ciência do mundo fora do mosteiro. O filho do rei tinha morrido no naufrágio de uma embarcação chamada *Navio Branco*, bem pertinho de Cherbourg. O abade Peter, que havia contado aquilo a Philip, mostrara-se temeroso de que a guerra e a anarquia se seguissem à morte do herdeiro, mas o rei Henrique conseguira manter o controle, e a vida seguira tranquila para Philip e Francis.

– O rei teve muitos outros filhos, claro – prosseguiu Francis. – Pelo menos vinte, entre eles meu próprio senhor, o conde Robert de Gloucester. Mas, como você sabe, são todos bastardos. Apesar da fertilidade pujante, ele só conseguiu ter mais um descendente legítimo, e foi uma menina, Matilda. Um bastardo não pode herdar o trono, mas uma mulher é quase tão ruim quanto.

– O rei Henrique não nomeou um herdeiro? – indagou Philip.

– Sim. Ele escolheu Matilda. Matilda tem um filho, que também se chama Henrique. O maior desejo do velho rei era que o neto herdasse o trono. Só que o menino ainda nem completou 3 anos. Então o rei fez os nobres jurarem fidelidade a Matilda.

Philip ficou intrigado.

– Se o rei nomeou Matilda sua herdeira, e se os nobres já juraram lealdade a ela... então qual é o problema?

– A vida na corte nunca é tão simples – observou Francis. – Matilda é casada com Godofredo de Anjou. Anjou e a Normandia são rivais há gerações. Nossos senhores normandos odeiam os angevinos. Para falar francamente, foi muito otimismo do velho rei pensar que um bando de nobres anglo-normandos iria entregar a Inglaterra e a Normandia a um angevino, com ou sem juramento.

Philip ficou um tanto perplexo com o conhecimento e a atitude

desrespeitosa do irmão mais novo em relação aos homens mais importantes do reino.

– Como você sabe tudo isso?

– Os nobres se reuniram em Le Neubourg para decidir o que fazer. Nem preciso dizer que meu senhor, o conde Robert, estava presente, e eu o acompanhei para escrever suas cartas.

Philip encarou o irmão com um ar intrigado, pensando quanto a vida de Francis devia ser diferente da sua. Então se lembrou de uma coisa.

– O conde Robert é o filho mais velho do rei, não é?

– Sim, e é muito ambicioso, mas ele aceita a opinião geral, de que os filhos ilegítimos precisam conquistar seus reinos, não herdá-los.

– Quem mais estava lá?

– Henrique tinha três sobrinhos, filhos de sua irmã. O mais velho é Teobaldo de Blois. Depois vem Estêvão, muito amado pelo finado rei, que o presenteou com grandes propriedades aqui na Inglaterra. E o caçula da família, Henrique, que você conhece como bispo de Winchester. Os nobres dão preferência ao primogênito, Teobaldo, segundo uma tradição que você decerto vai considerar totalmente razoável.

Francis olhou para Philip e sorriu.

– Totalmente razoável – concordou Philip, também sorrindo. – Quer dizer que Teobaldo é o nosso novo rei?

Francis balançou a cabeça.

– Ele pensava que seria, mas nós, filhos mais novos, sabemos como nos promover. – Haviam chegado à borda mais afastada da clareira e deram meia-volta. – Enquanto Teobaldo aceitava graciosamente a homenagem dos nobres, Estêvão atravessou a Mancha até a Inglaterra, correu até Winchester e, com a ajuda do caçula Henrique, o bispo, capturou o castelo e, mais importante ainda, o tesouro real.

Philip estava prestes a dizer: Então *Estêvão* é nosso novo rei. Mas mordeu a língua: já dissera isso em relação a Matilda e Teobaldo, e nas duas vezes havia errado.

– Estêvão só precisava de mais uma coisa para garantir a vitória – prosseguiu Francis. – O apoio da Igreja. Pois antes de ser coroado em Westminster pelo arcebispo ele não seria rei *de verdade*.

– Mas com certeza isso deve ter sido fácil – comentou Philip. – Henrique, seu irmão, é um dos sacerdotes mais importantes do país: é

bispo de Winchester, abade de Glastonbury, rico como Salomão e quase tão poderoso quanto o arcebispo de Canterbury. E se o bispo Henrique não estivesse disposto a apoiá-lo, por que o ajudou a tomar Winchester?

Francis assentiu.

– Devo dizer que as ações do bispo Henrique durante esta crise foram brilhantes. Ele não ajudou Estêvão por amor fraterno, entende?

– Então o que o motivou?

– Alguns minutos atrás, lembrei a você como o finado rei Henrique tratava a Igreja como se fosse apenas mais uma parte do seu reino. O bispo Henrique deseja garantir que nosso novo rei, seja ele quem for, trate-a melhor. Assim, antes de assegurar seu apoio, *Henrique fez Estêvão prestar um juramento solene de preservar os direitos e os privilégios da Igreja.*

Philip ficou impressionado. O relacionamento de Estêvão com a Igreja fora definido, desde o início do seu reinado, segundo os termos da instituição. Mas talvez mais importante ainda fosse o precedente aberto. A Igreja tinha de coroar os reis, mas até agora não tivera direito de impor condição nenhuma. Talvez chegasse o dia em que rei nenhum poderia tomar o poder sem antes fazer um acordo com a Igreja.

– Isso deve significar muito para nós – comentou.

– Estêvão pode quebrar promessas, claro – disse Francis. – Mas mesmo assim você tem razão. Ele nunca vai ser tão implacável com a Igreja quanto Henrique foi. Há outro risco, porém. Dois dos nobres ficaram muito contrariados com o que Estêvão fez. Um deles foi Bartholomew, conde de Shiring.

– Eu sei quem ele é. Shiring fica a apenas um dia de viagem daqui. Dizem que Bartholomew é muito religioso.

– Pode ser. Tudo o que eu sei é que ele é um fidalgo rígido e moralista, que, apesar de Estêvão ter lhe prometido o perdão, jamais vai renegar o juramento de lealdade feito a Matilda.

– E o outro barão descontente?

– É meu próprio senhor, Robert de Gloucester. Eu já disse a você que ele era ambicioso. Vive com a alma atormentada pelo fato de que, se fosse legítimo, seria rei. Ele quer pôr a meia-irmã no trono, porque acredita que ela dependerá tanto da orientação e dos conselhos do irmão que ele será rei em tudo a não ser no título.

– Ele vai fazer algo a respeito?

– Temo que sim. – Apesar de não haver ninguém por perto, Francis baixou a voz. – Robert e Bartholomew, junto com Matilda e o marido dela, vão fomentar uma rebelião. Seu plano é destituir Estêvão e pôr Matilda no trono.

Philip parou de andar.

– Mas isso acabaria com tudo o que o bispo de Winchester conquistou!
– Ele agarrou o braço do irmão. – Mas, Francis...

– Já sei o que você está pensando. – Em um instante, toda a petulância de Francis o abandonou, e ele adquiriu uma expressão aflita e assustada. – Se o conde Robert descobrir que lhe contei, manda me enforcar. Ele confia piamente em mim. Mas minha lealdade principal é com a Igreja... tem de ser.

– E o que você pode fazer?

– Pensei em pedir uma audiência com o novo rei e contar tudo a ele. Os dois rebeldes negariam, claro, e eu seria enforcado por traição, mas pelo menos a rebelião seria frustrada e eu iria para o céu.

Philip balançou a cabeça.

– Nós aprendemos que *buscar* o martírio é um ato de vaidade.

– E eu acho que Deus reservou mais trabalho para mim aqui na Terra. Ocupo um posto de confiança na casa de um grande nobre e, se ficar lá e conseguir aumentar meu prestígio trabalhando duro, posso fazer muito para promover os direitos da Igreja e o império da lei.

– Existe alguma outra forma...?

Francis encarou o irmão.

– É por isso que estou aqui.

Philip sentiu um calafrio de medo. Francis iria pedir que o irmão se envolvesse, claro; não tinha nenhum outro motivo para lhe revelar aquele terrível segredo.

– Eu não posso denunciar a rebelião – continuou Francis. – Mas *você* pode.

– Que Jesus Cristo e todos os santos me protejam – disse Philip.

– Se o complô for desmascarado aqui, no sul, nenhuma suspeita recairá sobre a casa de Gloucester. Ninguém sabe que estou aqui. Ninguém sequer sabe que você é meu irmão. Você poderia pensar em alguma explicação plausível sobre como obteve a informação. Pode ter visto homens de armas se reunindo ou talvez alguém da casa do conde Bartholomew tenha

revelado o plano ao confessar seus pecados para um padre conhecido.

Philip fechou mais a capa em volta do corpo, que tremia. Parecia estar mais frio de repente. Aquilo era perigoso, muito perigoso. Eles estavam falando em se meter nos assuntos políticos da realeza, que matava regularmente até os praticantes experientes dessa atividade. Forasteiros como Philip seriam tolos de se envolver.

Mas havia muita coisa em jogo. Philip não podia ficar parado assistindo a uma rebelião contra um rei escolhido pela Igreja, não quando tinha uma chance de evitá-la. E, por mais que aquilo fosse perigoso para ele, seria suicídio o irmão denunciar o complô.

– Qual é o plano dos rebeldes? – indagou Philip.

– O conde Bartholomew está voltando para Shiring neste exato momento. De lá, vai mandar recados para seus aliados em todo o sul da Inglaterra. O conde Robert chegará a Gloucester um ou dois dias depois e reunirá suas forças na região oeste. Por fim, Brian Fitzcount, que comanda o castelo de Wallingford, vai fechar os portões, e todo o sudoeste da Inglaterra cairá, sem luta, nas mãos dos rebeldes.

– Então já é quase tarde demais! – exclamou Philip.

– Na verdade, não. Temos cerca de uma semana. Mas você terá de agir depressa.

Philip sentiu um aperto no estômago e se deu conta de que já estava bastante decidido a seguir o que irmão sugeria.

– Não sei para quem contar – disse. – O normal seria falar com o conde, mas nesse caso o acusado é ele. O representante do rei decerto está do seu lado. Temos de pensar em alguém que com certeza fique do nosso.

– O prior de Kingsbridge?

– Meu prior está velho e cansado. Provavelmente não fará nada.

– Deve haver alguém.

– O bispo.

Philip na realidade nunca havia falado com o bispo de Kingsbridge, mas ele com certeza o receberia e ouviria o que ele tivesse a dizer. Ficaria automaticamente do lado de Estêvão, que era a escolha da Igreja, e o bispo seria poderoso o suficiente para tomar alguma providência.

– Onde o bispo mora? – perguntou Francis.

– A um dia e meio daqui.

– É melhor você partir hoje mesmo.

- Sim – concordou Philip, com o coração pesado.
- Uma expressão de remorso dominou o rosto de Francis.
- Queria que fosse outra pessoa.
- Eu também – falou Philip com convicção. – Eu também.



Philip convocou os monges à pequena capela e informou que o rei havia morrido.

– Precisamos rezar por uma sucessão pacífica e por um novo rei que ame a Igreja mais do que o finado Henrique – disse. Mas não contou que, por algum motivo, a chave de uma sucessão pacífica tinha ido parar em suas próprias mãos. Em vez disso, falou: – Outra notícia me obriga a visitar nossa matriz em Kingsbridge. Preciso partir sem demora.

O subprior lia os ofícios e o despenseiro administraria a propriedade, mas nenhum deles tinha pulso para conter Peter de Wareham, e Philip temia que, caso se ausentasse por muito tempo, ele fosse criar tantos problemas que não haveria mais mosteiro quando voltasse. Não conseguira pensar em um jeito de controlá-lo sem abalar sua autoestima, e agora não restava mais tempo, de modo que precisava fazer seu melhor.

– Hoje mais cedo nós falamos sobre gula – retomou, após uma pausa. – O irmão Peter merece nosso agradecimento por lembrar que, quando Deus abençoa nossa propriedade e nos concede riqueza, não é para que nos tornemos gordos e preguiçosos, mas sim para a sua glória maior. Faz parte do nosso dever sagrado compartilhar nossas riquezas com os pobres. Até hoje, nós negligenciamos esse dever, sobretudo porque aqui na floresta não temos ninguém com quem compartilhar. O irmão Peter lembrou que é nosso dever sair à procura dos pobres, para poder lhes proporcionar alento.

Os irmãos ficaram surpresos: haviam imaginado que o assunto da gula estivesse encerrado. O próprio Peter exibia uma expressão insegura. Estava satisfeito por ser o centro das atenções novamente, mas desconfiava, e com razão, do que Philip estava escondendo.

– Eu decidi que, a cada semana, vamos dar aos pobres 1 *penny* por monge da nossa comunidade – prosseguiu Peter. – Se isso significar que todos teremos de comer um pouco menos, vamos nos regozijar com a

perspectiva de nossa recompensa no céu. Mais importante ainda, temos de nos certificar de que nossos *pennies* sejam bem gastos. Quando se dá a um pobre 1 *penny* para comprar pão para a família, ele pode ir direto para a taberna se embriagar, depois voltar para casa e bater na mulher, de modo que ela teria ficado melhor sem a nossa caridade. Melhor dar a ele pão. Melhor ainda dar pão aos seus filhos. A caridade é uma tarefa sagrada que precisa ser feita com a mesma diligência com a qual se cuida dos enfermos ou se educam os jovens. Por esse motivo, muitas instituições monásticas elegem um esmolador, que fica responsável por isso. Assim faremos também.

Philip olhou em volta. Os monges estavam todos atentos e interessados. Peter exibia um ar satisfeito. Era óbvio que havia interpretado aquilo como uma vitória sua. Ninguém foi capaz de adivinhar o que estava por vir.

– O trabalho do esmolador é árduo. Ele terá de ir a pé até as cidades e os vilarejos mais próximos, muitas vezes até Winchester. Nesses lugares, conviverá com as pessoas mais reles, mais sujas, mais feias e corrompidas que existem, pois assim são os pobres. Deverá rezar por elas quando blasfemarem, visitá-las quando adoecerem e perdoá-las quando tentarem enganá-lo ou roubá-lo. Precisarão de força, humildade e de uma paciência infinita. Sentirá falta do conforto desta comunidade, pois passará mais tempo fora do que aqui conosco.

Ele tornou a olhar em volta. Agora estavam todos temerosos, pois ninguém desejava aquele cargo. Philip deixou seus olhos recaírem sobre Peter de Wareham, que por fim entendeu o que estava por vir, e sua expressão ruiu.

– Foi Peter quem chamou atenção para nossas falhas nessa área – disse o prior, devagar. – Então decidi que ele terá a honra de ser nosso esmolador. – Ele sorriu. – Pode começar hoje mesmo.

Peter exibiu uma expressão negra como uma tormenta.

Você vai passar muito tempo fora para criar problemas, pensou Philip, e o contato estreito com pobres vis e imundos dos becos fedidos de Winchester vai abrandar seu desprezo pela vida confortável.

Peter, contudo, obviamente considerou o cargo uma pura e simples punição, e olhou para o prior com tanto ódio que, por alguns instantes, Philip se encolheu.

Com esforço, ele desviou o olhar e encarou os outros.

– Depois da morte de um rei há sempre perigo e incerteza – disse. – Rezem por mim durante a minha ausência.

II

Ao meio-dia do segundo dia de viagem, o prior Philip estava a poucos quilômetros do palácio do bispo. Conforme se aproximava, seu estômago se contraía mais. Já havia pensado em uma história para explicar como ficara sabendo dos planos da rebelião. Mas o bispo talvez não acreditasse ou pedisse provas. Pior ainda – e essa possibilidade só ocorreu a Philip depois que ele e Francis se separaram –, era concebível, embora improvável, que o próprio bispo fosse um dos conspiradores e estivesse apoiando a rebelião. Talvez fosse um comparsa do conde de Shiring. Conhecia casos de bispos que puseram os próprios interesses acima dos da Igreja.

O bispo poderia torturar Philip para fazê-lo confessar onde obtivera a informação. Não tinha esse direito, claro, mas tampouco deveria conspirar contra o rei. Philip recordou os instrumentos de tortura retratados nas representações do inferno. A inspiração desses quadros era o que acontecia nas masmorras de nobres e bispos. Ele não sentia que tinha força para morrer como mártir.

Quando viu um grupo a pé mais à frente na estrada, seu primeiro instinto foi encurtar as rédeas para evitar ultrapassá-los, pois estava sozinho e muitos viajantes não teriam o menor escrúpulo em roubar um monge. Então viu que duas das figuras eram crianças e outra, uma mulher. Uma família em geral era um grupo seguro. Fez a montaria trotar para alcançá-los.

Ao chegar mais perto, pôde vê-los melhor. Havia um homem bem alto, uma mulher pequenina, um rapaz quase da mesma altura do homem e duas crianças. Eram visivelmente pobres: não carregavam pequenas trouxas com bens de valor e vestiam andrajos. O homem tinha uma estrutura larga, mas estava emaciado como quem padece de uma doença degenerativa, ou talvez só estivesse com fome. Olhou para Philip desconfiado e puxou as

crianças mais para perto com um toque e alguns sussurros. A primeira impressão era que tivesse 50 anos, mas agora Philip percebia que o homem devia estar na casa dos 30, embora seu rosto exibisse rugas de preocupação.

– Olá, monge – disse a mulher.

Philip a examinou. Era pouco usual uma mulher falar antes do marido e, embora “monge” não fosse exatamente um termo mal-educado, teria sido bem mais respeitoso dizer “irmão” ou “padre”. A mulher tinha uns dez anos a menos do que o homem e olhos fundos de um dourado-claro incomum que a tornavam bastante impressionante. Philip teve a sensação de que ela era perigosa.

– Bom dia, padre – disse o homem, como se desculpando pelo tom brusco da mulher.

– Que Deus o abençoe – retrucou Philip, e fez a égua diminuir o passo.

– Quem é você?

– Meu nome é Tom. Sou mestre construtor, estou procurando trabalho.

– E não tem encontrado, imagino.

– Verdade.

Philip balançou a cabeça. Era uma história comum. Os artífices da construção costumavam vagar em busca de trabalho e às vezes não encontravam, quer por falta de sorte, quer porque poucas pessoas estavam construindo. Era comum aproveitarem a hospitalidade dos mosteiros. Caso houvessem trabalhado recentemente, faziam generosas doações ao partir, mas se estivessem na estrada há algum tempo podiam não ter nada a oferecer. Proporcionar uma acolhida calorosa aos dois tipos às vezes era um teste para a caridade dos monges.

Aquele construtor com certeza era do tipo mais pobre, embora sua mulher parecesse bem-nutrida.

– Bom, eu trago comida no meu alforje, está na hora do almoço, e a caridade é um dever sagrado – disse Philip. – Portanto, se você e sua família aceitarem comer comigo, serei recompensado no céu, além de ter companhia para o almoço.

– Que bondade a sua – retorquiu Tom. Olhou para a mulher. Ela deu de ombros de modo quase imperceptível, então aquiesceu de leve. Quase sem hesitar, o homem prosseguiu: – Vamos aceitar sua caridade, obrigado.

– Agradeça a Deus, não a mim – foi a resposta automática de Philip.

– Agradeça aos camponeses cujos dízimos pagam pela comida – disse a mulher.

Essa daí não deixa passar nada, pensou o prior, mas permaneceu calado.

Pararam todos numa pequena clareira onde o pônei de Philip pudesse pastar a grama escassa do inverno. Em seu íntimo, ele ficou satisfeito com o pretexto para adiar a chegada ao palácio e o temido encontro com o bispo. O construtor disse que ele também estava indo para o palácio do bispo, na esperança de que este quisesse fazer reparos ou mesmo construir um anexo. Durante a conversa, Philip estudou discretamente a família. A mulher parecia jovem demais para ser mãe do menino mais velho. O rapaz parecia um bezerro, forte, desengonçado e com um ar estúpido. O outro era pequeno e esquisito, com os cabelos da cor de uma cenoura, pele branca como a neve e olhos azuis brilhantes e saltados; observava intensamente as coisas com uma expressão vazia que fez Philip pensar no pobre Johnny Eightpence, mas, ao contrário de Johnny, quando encarado, aquele menino retribuía com um olhar muito adulto e inteligente. À sua maneira, na opinião de Philip, era tão perturbador quanto a mãe. A terceira criança era uma menina de seus 6 anos. Ela chorava de vez em quando, e o pai não parava de cuidar dela com preocupação e carinho e às vezes lhe dava um tapinha reconfortante, embora não dissesse nada. Era evidente que gostava muito dela. Ele também tocou a esposa, uma vez só, e Philip percebeu o desejo quando os dois se entreolharam.

A mulher mandou as crianças irem catar folhas largas para usar como pratos. Philip abriu os alforjes.

– Onde fica seu mosteiro, padre? – perguntou Tom.

– Na floresta, a um dia de viagem daqui, a oeste. – A mulher ergueu a cabeça subitamente e Tom arqueou as sobrancelhas. – Vocês conhecem? – indagou o prior.

Por algum motivo, o homem fez uma cara constrangida.

– Devemos ter passado perto vindo de Salisbury – respondeu.

– Ah, sim, fica no caminho, mas bem distante da estrada principal, de modo que vocês não teriam visto a menos que soubessem a localização e fossem procurar.

– Entendi – disse Tom, mas parecia pensar em outra coisa.

Algo ocorreu a Philip.

– Diga-me uma coisa... Vocês cruzaram com alguma mulher na estrada? Provavelmente bem jovem, sozinha e, ahn, grávida?

– Não – respondeu Tom. Sua voz soou casual, mas Philip teve a sensação de que na verdade ele estava muito interessado. – Por que a pergunta?

Philip sorriu.

– Vou lhes contar. Ontem à noite, bem cedo, um bebê foi achado na floresta e levado para o meu mosteiro. Era um menino, e acho que não tinha nem um dia de idade. Deve ter nascido naquela noite. Então a mãe estaria por perto justo quando vocês passaram por ali.

– Não vimos ninguém – repetiu Tom. – O que vocês fizeram com o bebê?

– Demos leite de cabra para ele. Pelo visto deu muito certo.

O casal o observava com atenção. Era uma história que tocava mesmo o coração de qualquer um, pensou Philip.

– E vocês estão procurando a mãe? – indagou Tom após alguns instantes.

– Ah, não. Perguntei por perguntar. É claro que se eu a encontrasse lhe devolveria o bebê, mas evidentemente ela não o quer e vai fazer de tudo para não ser encontrada.

– Então o que vai acontecer com o menino?

– Vamos criá-lo no mosteiro. Ele será um filho de Deus. Eu mesmo fui criado assim, e meu irmão também. Nossos pais nos foram tirados quando éramos pequenos e depois disso o abade virou nosso pai, e os monges nossa família. Fomos alimentados, aquecidos, aprendemos a ler e escrever.

– E ambos viraram monges – comentou a mulher.

Philip percebeu um quê de ironia, como se aquilo demonstrasse que a caridade, em última instância, era movida pelo interesse do próprio mosteiro.

Philip ficou satisfeito por poder contradizê-la.

– Não. Meu irmão deixou a ordem.

As crianças voltaram. Não tinham encontrado nenhuma folha larga – não era fácil no inverno –, de modo que comeriam sem pratos. Philip distribuiu pão e queijo para todos. Eles se atiraram sobre a comida feito animais famintos.

– Nós fabricamos esse queijo lá no meu mosteiro – comentou ele. – A

maioria das pessoas prefere quando está fresco, como agora, mas fica ainda melhor curado.

A família estava esfomeada demais para se importar. Em pouco tempo, todos terminaram o pão e o queijo. Philip tinha três peras. Pescou-as dentro da bolsa e as entregou a Tom, que deu uma para cada filho.

Philip se levantou.

– Rezarei para que você encontre trabalho.

– Caso se lembre, padre, fale de mim com o bispo – pediu Tom. – O senhor sabe da nossa necessidade e viu que somos honestos.

– Assim farei.

Tom segurou o pônei enquanto o religioso montava.

– O senhor é um homem bom, padre – disse o construtor e, para sua surpresa, Philip viu que Tom tinha os olhos marejados.

– Que Deus o acompanhe.

Tom ainda passou alguns instantes segurando a cabeça do animal.

– O bebê sobre o qual o senhor nos contou... o que foi abandonado. – Ele falava bem baixinho, como se não quisesse que os filhos escutassem. – Vocês... já deram um nome para ele?

– Sim. Nós o chamamos de Jonathan, que significa “presente de Deus”.

– Jonathan. Gostei.

E Tom soltou o cavalo.

Philip o encarou com curiosidade por alguns instantes, em seguida bateu com o calcanhar na montaria e saiu trotando.



O bispo de Kingsbridge não morava em Kingsbridge. Seu palácio ficava numa encosta voltada para o sul sobre um vale exuberante, a um dia inteiro de viagem da fria catedral de pedra e seus monges tristes. Ele preferia assim, pois frequentar excessivamente a igreja poderia atrapalhar seus outros deveres: coletar aluguéis, conceder a justiça e efetuar manobras na corte do rei. O arranjo também convinha aos monges, pois quanto mais longe o bispo estivesse, menor sua interferência.

Na tarde em que Philip chegou, estava frio o bastante para nevar. Um vento gelado açoitava o vale do bispo, e nuvens baixas e cinzentas

pairavam acima de sua residência no flanco da colina. A casa não chegava a ser um castelo, mas mesmo assim era bem defendida. A floresta havia sido derrubada em um raio de 100 metros e a construção era cercada por uma sólida cerca de madeira da altura de um homem, com uma vala do lado externo para escoar a chuva. O guarda no portão tinha modos desleixados, mas sua espada era pesada.

O palácio era uma bela casa de cantaria construída na forma da letra E. O térreo era um depósito, com várias portas pesadas abertas nas grossas paredes, mas sem janelas. Uma das portas estava aberta e por ela Philip pôde ver, na penumbra, alguns barris e sacos. As outras portas estavam fechadas e trancadas com correntes. Philip se perguntou o que haveria atrás delas. Quando o bispo tinha prisioneiros, era ali que eles deviam definir.

O braço central do E era uma escadaria externa que conduzia aos aposentos destinados à moradia, acima do depósito. O recinto principal, na haste vertical do E, devia ser o salão. Os dois cômodos que formavam os braços inferior e superior, supôs Philip, seriam uma capela e o quarto de dormir. Pequenas janelas fechadas pareciam olhos escuros a espiar o mundo com desconfiança.

Também pertenciam ao complexo uma cozinha e uma padaria de pedra, bem como estábulos e um celeiro, ambos de madeira. Todas as construções se encontravam em bom estado, para azar de Tom Builder, pensou Philip.

O estábulo estava ocupado por vários bons cavalos, entre eles dois corcéis, e um punhado de homens de armas matava o tempo espalhados pela área. Talvez o bispo estivesse com visitas.

Philip deixou sua montaria com um cavaleiro e subiu os degraus da frente tomado de apreensão. A casa inteira tinha uma atmosfera militar perturbadora. Onde estavam as filas de queixosos que vinham apresentar suas reclamações, as mães com bebês para serem abençoados? Ele estava penetrando um mundo desconhecido e vinha trazendo um segredo perigoso. Talvez eu demore muito tempo para sair daqui, pensou, temeroso. Quem me dera Francis não tivesse me procurado.

Chegou ao alto da escada. Que pensamentos indignos, refletiu. Tenho a chance de servir a Deus e à Igreja e reajo pensando na minha própria segurança. Há quem enfrente o perigo diariamente, em batalhas, no mar,

em arriscadas peregrinações e cruzadas. Até mesmo um monge às vezes precisa suportar um pouco de medo e tremor.

Ele inspirou fundo e entrou.

O salão estava mal iluminado e cheio de fumaça. Philip fechou a porta depressa para impedir que a friagem entrasse, em seguida estreitou os olhos para tentar enxergar na penumbra. Um fogo alto ardia do lado oposto do recinto. Além das janelas pequenas, era a única fonte de luz. Em volta da lareira estava um grupo de homens, alguns com vestes religiosas, outros trajando as roupas caras porém gastas da pequena nobreza. Estavam todos entretidos em uma conversa séria e mantinham a voz baixa e o tom de quem fala de negócios. Apesar de as cadeiras estarem posicionadas de maneira aleatória, todos olhavam e se dirigiam a um religioso sentado no meio do grupo como uma aranha no centro de uma teia. Era um homem magro, e o modo como as pernas compridas estavam afastadas e os longos braços pousados sobre os braços da cadeira davam a impressão de que estava prestes a dar um salto. Tinha os cabelos lisos, muito pretos, um rosto pálido e nariz afilado, e as roupas negras lhe davam um aspecto ao mesmo tempo atraente e ameaçador.

Não era o bispo.

Um encarregado ficou de pé e se dirigiu a Philip.

– Bom dia, padre. Com quem deseja falar?

Um cachorro deitado junto à lareira levantou a cabeça e rosnou. O homem de preto ergueu os olhos rapidamente, viu Philip e levantou a mão na hora para interromper a conversa.

– O que foi? – indagou, brusco.

– Bom dia – disse Philip, educado. – Vim falar com o bispo.

– Ele não está – respondeu o padre, dispensando Philip.

O prior sentiu o coração pesar. Estava apreensivo em relação ao encontro e aos perigos que representava, mas ficou decepcionado. O que iria fazer com o terrível segredo que carregava?

– Quando esperam que ele retorne? – indagou ao padre.

– Não sabemos. Qual é o assunto?

O tom do padre foi um tanto brusco, e Philip sentiu o golpe.

– Assunto de Deus – respondeu, incisivo. – E o senhor, quem é?

O religioso arqueou as sobrancelhas, como se o fato de ser desafiado o espantasse, e os outros homens se calaram de repente, parecendo esperar

uma explosão. Após uma pausa, contudo, o homem respondeu em tom relativamente brando:

– Sou o arcediago dele. Meu nome é Waleran Bigod.

Bom para um padre, pensou Philip, ter *god*, “deus”, no sobrenome.

– O meu é Philip – disse. – Sou prior do mosteiro de St.-John-in-the-Forest. É um convento do priorado de Kingsbridge.

– Já ouvi falar no senhor – comentou Waleran. – Seu nome é Philip de Gwynedd.

Philip se espantou. Não conseguia imaginar por que um arcediago saberia o nome de alguém tão pouco importante. Seu cargo, porém, embora modesto, bastou para modificar o comportamento de Waleran. O ar de irritação desapareceu de seu rosto.

– Venha para perto do fogo – disse ele. – Quer um gole de vinho quente para aquecer o sangue?

Ele gesticulou em direção a uma pessoa sentada em um banco encostado na parede e uma silhueta desganhada se levantou, obediente.

Philip se aproximou da lareira. Waleran disse algo em voz baixa, e os outros homens ficaram de pé e começaram a se dispersar. Philip se sentou e aqueceu as mãos enquanto Waleran acompanhava os convidados até a porta. Perguntou-se sobre o que eles estariam conversando e por que o arcediago não havia encerrado a reunião com uma prece.

O criado desganhado lhe entregou uma caneca de madeira. Ele tomou um gole do vinho quente com especiarias e ponderou seu próximo passo. Se o bispo não estava disponível, com quem poderia falar? Pensou em procurar o conde Bartholomew e simplesmente implorar que ele reconsiderasse a rebelião. Era uma ideia absurda: o conde o poria na masmorra e jogaria a chave fora. Restava, portanto, o representante do rei no condado. Mas não havia como prever que partido ele iria tomar quando ainda pairavam dúvidas sobre quem seria o novo rei. Mesmo assim, pensou Philip, eu talvez deva simplesmente correr esse risco. Ansiava por retornar à vida simples do mosteiro, onde seu inimigo mais poderoso era Peter de Wareham.

Os convidados de Waleran se retiraram e a porta se fechou, abafando o barulho dos cavalos no pátio. Ele voltou para junto do fogo e puxou uma cadeira grande.

Preocupado com seu problema, Philip não queria falar com o

arcediogo, mas se sentiu na obrigação de ser cortês.

– Espero não ter interrompido sua reunião – disse.

Waleran fez um gesto de quem descarta a questão.

– Já ia terminar mesmo – falou. – Essas coisas sempre duram mais do que deveriam. Estávamos discutindo a renovação dos contratos de locação das terras da diocese, o tipo de coisa que seria resolvido em poucos minutos, contanto que as pessoas se mostrassem decididas. – Ele gesticulou no ar com uma das mãos ossudas, como quem descarta todos os contratos de locação da diocese e seus arrendatários. – Então, ouvi dizer que o senhor fez um bom trabalho naquele pequeno convento no meio da floresta.

– Fico surpreso que o senhor saiba – retrucou Philip.

– O bispo é abade *ex officio* de Kingsbridge, logo o assunto é naturalmente do seu interesse.

Ou então ele tem um arcediogo bem-informado, pensou Philip.

– Bem, Deus nos abençoou – disse ele.

– De fato.

Os dois falavam francês normando, idioma que Waleran e seus convidados haviam usado entre si, o idioma do governo, mas havia algo estranho no sotaque do arcediogo. Após alguns segundos Philip se deu conta de que o homem tinha as inflexões de alguém que crescera falando inglês. Ou seja, ele não era um aristocrata normando, mas um nativo que subira na vida por esforço próprio, como Philip.

Instantes depois, isso se confirmou quando Waleran passou para o inglês e disse:

– Quem dera Deus concedesse bênçãos semelhantes ao priorado de Kingsbridge.

Então Philip não era o único incomodado pela situação de Kingsbridge. Waleran decerto sabia mais sobre o que acontecia lá do que ele próprio.

– Como vai o prior James? – indagou.

– Adoentado – respondeu Waleran, sucinto.

Então o prior de fato não poderia fazer nada em relação à insurreição do conde Bartholomew, pensou Philip, desanimado. Ele teria de ir até Shiring e arriscar suas chances com o representante do rei.

Ocorreu-lhe que Waleran era o tipo de homem que devia conhecer todo mundo com alguma importância no condado.

– Como é o representante do rei em Shiring? – perguntou.

Waleran deu de ombros.

– Ímpio, arrogante, ganancioso e corrupto. Como todos nesse cargo. Por que a pergunta?

– Se eu não puder falar com o bispo, decerto o melhor seria ir ter com ele.

– O senhor sabe que eu tenho a confiança do bispo – insinuou Waleran com um leve sorriso. – Se eu puder ajudar...

E fez um gesto com a mão aberta, como alguém que está sendo generoso mas sabe que pode topa com uma recusa.

Apesar de ter relaxado um pouco pensando que a crise havia sido adiada por um ou dois dias, Philip tornou a ser tomado pela ansiedade. Ele poderia confiar no arcediogo? Na sua opinião, a indiferença do religioso não era gratuita: ele parecia reservado, mas na verdade devia estar louco para saber o que Philip tinha a dizer de tão importante. Isso, porém, não era motivo para não confiar nele. O sujeito parecia ter o juízo no lugar. Teria poder suficiente para tomar alguma atitude em relação à rebelião? Se não pudesse fazê-lo ele próprio, talvez conseguisse localizar o bispo. Ocorreu a Philip que, na verdade, se confidenciar com Waleran tinha uma grande vantagem: enquanto o bispo poderia insistir para saber a verdadeira origem da informação de Philip, o arcediogo não tinha autoridade para exigir isso e teria de se contentar com a história que Philip lhe contasse, quer acreditasse nela ou não.

Waleran tornou a dar aquele seu meio sorriso.

– Se o senhor passar mais tempo pensando, começarei a acreditar que não confia em mim!

Philip entendia o outro homem. Waleran se parecia um pouco com ele: jovem, instruído, de origem humilde e inteligente. Talvez fosse um pouco mundano demais para o gosto de Philip, mas isso era perdoável em um padre obrigado a passar tanto tempo na companhia de senhores e damas da nobreza, sem o benefício da vida isolada de um monge. Waleran no fundo era um homem devoto, pensou Philip. Faria a coisa certa pela Igreja.

A ponto de tomar uma decisão, Philip hesitou. Até aquele momento, somente ele e Francis conheciam o segredo. Uma vez que contasse a uma terceira pessoa, tudo poderia acontecer. Respirou fundo.

– Três dias atrás, um homem ferido chegou ao meu mosteiro na

floresta – começou, enquanto no íntimo pedia perdão a Deus pela mentira. – Estava armado e montava um cavalo bom e veloz, e havia caído a uns 2 ou 3 quilômetros de distância. Devia estar indo bem depressa quando caiu, pois tinha o braço quebrado e as costelas esmagadas. Pusemos uma tala no braço, mas quanto às costelas nada pudemos fazer, e ele estava tossindo sangue, sinal de ferimentos internos. – Enquanto falava, Philip observava o rosto de Waleran. Até então, não via nada mais que um interesse educado. – Como ele corria perigo de morte, aconselhei-o a se confessar, e ele me contou um segredo.

Hesitou, sem saber quanto das últimas notícias políticas teria chegado aos ouvidos de Waleran.

– Imagino que o senhor tenha conhecimento de que Estêvão de Blois reivindicou o trono da Inglaterra, com as bênçãos da Igreja.

Waleran sabia mais do que ele.

– E foi coroado em Westminster três dias antes do Natal – disse o arcediogo.

– Já?! – Isso Francis não sabia.

– Qual era o segredo? – quis saber Waleran, um pouco impaciente.

Philip contou:

– Antes de morrer, o cavaleiro me disse que seu senhor, Bartholomew, conde de Shiring, havia conspirado com Robert de Gloucester para promover uma rebelião contra Estêvão.

Com os olhos pregados no rosto de Waleran, Philip prendeu a respiração.

As faces pálidas do arcediogo ficaram um tom mais brancas. Ele se inclinou para a frente na cadeira.

– O senhor acha que ele dizia a verdade? – indagou, ansioso.

– Um homem à beira da morte costuma dizer a verdade ao seu confessor.

– Talvez estivesse repetindo um boato que corria pela casa do conde.

Philip não estava preparado para o ceticismo de Waleran. Improvisou às pressas.

– Ah, não – continuou. – Ele era um mensageiro despachado por Bartholomew para reunir as forças do conde em Hampshire.

Os olhos inteligentes de Waleran vasculharam a expressão de Philip.

– Ele estava com um recado escrito?

– Não.

– Algum selo ou símbolo da autoridade do conde?

– Nada. – Philip começou a transpirar de leve. – Calculei que as pessoas com quem ele ia se encontrar o conheciam como representante autorizado do conde.

– Qual era o nome dele?

– Francis – respondeu Philip feito um idiota, e quis morder a própria língua.

– Só isso?

– Ele não contou mais nada.

Philip teve a sensação de que sua história estava desmoronando diante do interrogatório de Waleran.

– As armas e a armadura dele talvez o identifiquem.

– Ele estava sem armadura – disse Philip, em desespero. – As armas, nós as enterramos com ele... Espadas não têm serventia para monges. Poderíamos desenterrá-las, mas já adianta que eram simples e sem qualquer característica especial. Não acho que o senhor vá achar nenhum indício nelas... – Precisava desviar Waleran dessa linha de perguntas. – O que o senhor acha que pode ser feito?

Waleran franziu o cenho.

– É difícil saber o que fazer sem provas. Os conspiradores podem simplesmente negar a acusação, e nesse caso quem é condenado é o acusador. – Ele não disse *especialmente se a história se revelar falsa*, mas Philip calculou que estivesse pensando isso. – O senhor contou para mais alguém?

Philip balançou a cabeça.

– Para onde vai depois daqui?

– Para Kingsbridge. Precisei inventar um motivo para deixar o convento, então disse que iria visitar o priorado, e agora tenho de ir, para tornar a mentira verdadeira.

– Não fale sobre isso com ninguém lá.

– Não falarei.

Philip não tinha a intenção de contar para mais ninguém, mas se perguntou por que Waleran insistia nisso. Talvez fosse por interesse próprio: se iria correr o risco de denunciar o complô, queria ter certeza de que receberia o crédito. Ele era um homem ambicioso. Para os propósitos

de Philip, melhor assim.

– Deixe esse assunto comigo. – De uma hora para outra, Waleran retomou o tom brusco, e o contraste com sua atitude anterior fez Philip perceber que sua amabilidade podia ser vestida e despida feito um casaco. – O senhor agora irá para o priorado de Kingsbridge e esquecerá essa história do representante do rei, não é? – continuou ele.

– Sim.

Philip entendeu que tudo iria ficar bem, pelo menos por enquanto, e um peso saiu de seus ombros. Ele não seria jogado em uma masmorra, interrogado por um torturador ou acusado de perturbação. Além disso, havia transferido a responsabilidade para outra pessoa, uma pessoa que parecia bem feliz em assumi-la.

Levantou-se e foi até a janela mais próxima. Era o meio da tarde e ainda restava bastante luz do dia. Teve o impulso de sair dali e deixar o segredo para trás.

– Se eu partir agora, posso percorrer 10 ou 15 quilômetros antes de a noite cair – disse.

Waleran não insistiu para ele ficar.

– Essa distância o levará até o vilarejo de Basingbourn. Lá o senhor encontrará uma cama. Se partir cedo de manhã, poderá estar em Kingsbridge ao meio-dia.

– Sim. – Philip deu as costas à janela e encarou o arcediogo, que observava o fogo com o cenho franzido, profundamente imerso em pensamentos. O prior passou alguns instantes a estudá-lo. Waleran não dividiu com ele seus pensamentos. Philip desejava saber o que passava por aquela cabeça inteligente. – Vou partir agora mesmo – disse, por fim.

Waleran despertou de suas divagações e tornou-se afável outra vez. Sorriu e se levantou.

– Está bem – falou.

Acompanhou Philip até a porta, em seguida desceu com ele a escada até o pátio.

Um cavaliário trouxe e arreou a égua de Philip. Waleran poderia ter se despedido nessa hora e voltado para junto do fogo, mas aguardou. O prior supôs que quisesse ter certeza de que ele pegaria a estrada para Kingsbridge, e não para Shiring.

Philip montou, mais feliz do que ao chegar. Estava prestes a se

despedir quando viu Tom Builder passar pelo portão com a família em seu encalço. Dirigiu-se a Waleran:

– Aquele homem é um construtor que conheci na estrada. Parece um sujeito honesto e está passando dificuldades. Se precisar de reparos, vai ser bom tê-lo por perto.

O arcediago não respondeu. Ficou encarando a família que entrava no pátio. Toda a sua altivez e seu autocontrole o abandonaram. Ele mantinha a boca aberta e o olhar fixo. Parecia em estado de choque.

– O que foi? – indagou Philip, aflito.

– Aquela mulher! – A voz de Waleran mal passou de um sussurro.

Philip a observou.

– Ela é muito bonita – disse, percebendo o fato pela primeira vez. – Mas nós aprendemos que é melhor para um religioso ser casto. Desvie os olhos, arcediago.

Waleran não estava escutando.

– Pensei que ela estivesse morta – murmurou.

De repente, pareceu se lembrar da presença de Philip. Obrigou-se a desviar os olhos da mulher e os ergueu para o prior enquanto recuperava a postura.

– Meus cumprimentos ao prior de Kingsbridge – disse.

Então desferiu um tapa na anca da égua de Philip, que deu um pinote para a frente e saiu trotando pelo portão. Quando Philip conseguiu encurtar as rédeas e controlar o animal, já estava longe demais para se despedir.

III

Como o arcediago Waleran previra, Philip avistou Kingsbridge por volta do meio-dia do dia seguinte. No topo de uma encosta arborizada, deparou com uma paisagem de campos estéreis e congelados, suavizada apenas pelo esqueleto ocasional de uma árvore seca. Não havia ninguém à vista, já que estava no auge do inverno e não havia trabalho a fazer na terra. A poucos quilômetros de distância, depois dos campos gelados, a catedral de Kingsbridge se erguia sobre um terreno elevado: uma construção imensa e atarracada, como uma tumba sobre um monte funerário.

Philip seguiu a estrada até chegar a um declive e Kingsbridge sumir de vista. A égua mansa que ele montava ia pisando com cuidado entre os sulcos congelados. O prior pensava no arcediogo. Embora a diferença de idade entre os dois não fosse muita, ele era tão controlado, tão seguro e capaz que fazia Philip se sentir jovem e ingênuo. Waleran tinha dominado o encontro inteiro sem o menor esforço: livrara-se dos convidados com elegância, escutara atentamente a história de Philip, identificara na hora o problema crucial da falta de provas, percebera depressa que era inútil continuar insistindo nessa linha de perguntas e em seguida mandara Philip seguir viagem, sem lhe dar, como ele agora percebia, nenhuma garantia de que alguma providência seria tomada.

Philip sorriu com tristeza ao ver como havia sido manipulado. Waleran nem sequer prometera contar ao bispo o que Philip havia lhe revelado. Mas o prior estava seguro de que a forte veia de ambição que tinha detectado no homem garantiria que a informação fosse utilizada de alguma forma. Quem sabe, pensava, o arcediogo se sentisse um pouco devedor em relação a ele?

Por estar impressionado com Waleran, ficara ainda mais intrigado com seu único sinal de fraqueza: a reação quando viu a esposa de Tom Builder. Para Philip, a mulher parecera de algum modo perigosa. Pelo visto, Waleran a considerava desejável, o que talvez desse na mesma, claro. Mas não era só isso. O arcediogo parecia conhecê-la, pois tinha dito: *Pensei que ela estivesse morta*. Era como se ele houvesse pecado com ela num passado distante. Com certeza havia *alguma coisa* pela qual se sentia culpado, a julgar pelo modo como se certificara de que Philip não ficasse por perto para saber mais.

Nem mesmo essa culpa secreta prejudicava a opinião do prior em relação a Waleran. Ele era padre, não monge. A castidade sempre fora uma parte fundamental da vida monástica, mas nunca tinha sido imposta aos padres. Bispos tinham amantes, padres de província tinham governantas. Assim como a proibição dos maus pensamentos, o celibato do clero era uma lei rígida demais para ser obedecida. Se Deus fosse incapaz de perdoar os padres lascivos, haveria muito poucos clérigos no céu.

Quando Philip chegou ao topo da encosta seguinte, Kingsbridge tornou a aparecer. A paisagem era dominada pela imensa igreja, com seus arcos arredondados e janelas pequenas e profundas, da mesma forma que o

vilarejo era dominado pelo mosteiro. A extremidade oeste da igreja, que Philip podia ver agora, ostentava duas torres gêmeas baixas, uma das quais havia ruído durante um temporal quatro anos antes. Ainda não fora reconstruída, e a fachada parecia contorcida num esgar. Aquela visão sempre deixava Philip com raiva, pois a pilha de entulho na entrada da igreja era um lembrete vergonhoso do colapso da retidão monástica no priorado. As outras edificações do mosteiro, feitas do mesmo calcário claro, se espalhavam em grupos junto à construção, como conspiradores ao redor de um trono. Do lado de fora do muro baixo que cercava o priorado havia um punhado de casebres de madeira e barro, com telhados de colmo, ocupados pelos camponeses que cultivavam as terras ao redor e pelos criados que trabalhavam para os monges. O canto sudoeste do vilarejo era atravessado pela correnteza veloz de um rio estreito e agitado que abastecia o mosteiro com água fresca.

Ao atravessar o rio por uma velha ponte de madeira, Philip já estava tomado de irritação. O priorado de Kingsbridge era uma vergonha para a Igreja de Deus e para o movimento monástico, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. A combinação de raiva e impotência fez seu estômago arder.

A ponte era propriedade do priorado, que cobrava um pedágio de quem a atravessava, e quando a madeira rangeu com o peso de Philip e sua égua, um monge idoso emergiu de um abrigo na margem oposta e se adiantou para remover o galho de salgueiro que servia de cancela. Ao reconhecer Philip, o monge acenou. Philip reparou que ele estava mancando.

– O que houve com seu pé, irmão Paul? – perguntou.

– É só uma frieira. Vai melhorar quando chegar a primavera.

Philip viu que ele calçava apenas um par de sandálias. Paul era resistente, mas estava numa idade avançada demais para passar o dia ao ar livre naquele tempo.

– Deveria ter acendido uma fogueira para você – disse Philip.

– Seria um alento – respondeu Paul. – Mas o irmão Remigius falou que uma fogueira custaria mais dinheiro do que o pedágio consegue arrecadar.

– Quanto estamos cobrando?

– Um *penny* por cavalo, mais um quarto de *penny* por pessoa.

– E muita gente usa a ponte?

– Ah, sim, muita.

– Então como não temos dinheiro para uma fogueira?

– Bem, os monges não pagam, claro, nem os criados do priorado, nem os moradores do vilarejo. Então é só um cavaleiro viajante ou um funileiro a cada um ou dois dias. Nos dias santos, quando vêm pessoas de todas as redondezas para assistir à missa na catedral, arrecadamos quartos de *penny* aos baldes.

– Parece então que devíamos manter um vigia na ponte apenas nos dias santos, e com o lucro acender uma fogueira para você – observou Philip.

Paul estava tenso.

– Não comente nada com Remigius, sim? Ele não vai gostar se achar que eu andei reclamando.

– Não se preocupe – disse Philip.

Para que Paul não visse sua expressão, bateu com o calcanhar no cavalo. Aquele tipo de tolice o enfurecia. Paul havia dedicado a vida ao serviço de Deus e ao mosteiro, e agora, em seus últimos anos, era obrigado a padecer de dor e frio em troca de um ou dois quartos de *penny* por dia. Não era só crueldade, mas também desperdício, pois um velho paciente como Paul poderia ser incumbido de alguma tarefa produtiva – criar galinhas, por exemplo – e o priorado lucraria bem mais do que algumas moedas. Mas o prior de Kingsbridge estava demasiado idoso e letárgico para ver isso, e parecia que o mesmo podia ser dito de Remigius, o subprior. Desperdiçar com tanto descaso os recursos humanos e materiais que haviam sido dados a Deus com amor e fé era um pecado grave, pensou Philip com amargura.

O prior estava pouco disposto ao perdão quando conduziu sua égua entre os casebres até o portão do priorado. A área reservada era um retângulo cercado, cujo centro era ocupado pela catedral. As construções eram dispostas de modo que tudo ao norte e ao oeste da igreja fosse público, mundano, secular e prático, enquanto o que ficava ao sul e ao leste era privado, espiritual e sagrado.

Assim, a entrada do átrio ficava no canto noroeste do retângulo. O portão estava aberto e o jovem monge na guarita acenou quando Philip passou trotando. Logo depois do portão, encostado no muro oeste, ficava o estábulo, estrutura de madeira de construção mais sólida do que algumas das habitações do lado de fora. Lá dentro havia dois cavaliços sentados sobre fardos de palha. Não eram monges, mas empregados do priorado.

Levantaram-se relutantes, como se o fato de um visitante aparecer para lhes dar trabalho extra fosse um estorvo. Um fedor azedo atacou as narinas de Philip, que viu que as baias não eram limpas havia três ou quatro semanas. Nesse dia, não estava disposto a deixar passar a negligência dos rapazes.

– Antes de colocarem minha égua numa das baias, limpem-na e forrem o chão com palha nova – ordenou ao entregar as rédeas de sua montaria. – Depois façam o mesmo para os outros cavalos. Se a palha deles ficar molhada o tempo todo, o casco dos animais apodrece. Vocês não têm tanto assim a fazer para não conseguirem manter este estábulo limpo. – Como os dois fecharam a cara, ele arrematou: – Se não fizerem o que estou mandando, vou garantir que ambos percam um dia de salário por vadiagem. – Estava prestes a sair quando se lembrou de uma coisa: – Dentro do meu alforje tem um queijo. Levem para a cozinha e entreguem ao irmão Milius.

Ele saiu sem esperar resposta. O priorado tinha sessenta empregados para cuidar de seus 45 monges, um excesso vergonhoso de criados, na sua opinião. Quem não tem o suficiente para fazer pode facilmente se tornar tão preguiçoso que começa a negligenciar o pouco de trabalho que de fato tem, como estava claro que acontecera com os dois cavaleiros. Aquele era só mais um exemplo da falta de pulso do prior James.

Philip margeou o muro oeste do pátio e passou pela casa de hóspedes, curioso para ver se havia algum visitante. Mas a grande construção de um cômodo só estava fria e deserta, com a soleira da porta coberta por restos de folhas secas do ano anterior que o vento soprara até ali. Ele dobrou à esquerda e começou a percorrer a larga área de grama falhada que separava a casa de hóspedes – onde às vezes se hospedavam ímpios e até mulheres – da igreja. Aproximou-se da extremidade oeste do templo, a entrada do público. As pedras quebradas da torre desmoronada jaziam no mesmo lugar em que haviam caído, formando uma grande pilha com o dobro da altura de um homem.

Como a maioria das igrejas, a catedral de Kingsbridge tinha uma planta em formato de cruz. A extremidade oeste dava acesso à nave, que formava a haste mais comprida da cruz. A parte transversal consistia nos dois transeptos, que se estendiam para o norte e para o sul de cada lado do altar. A extremidade leste da igreja, após o ponto em que nave e transepto

se cruzavam, chamada chancela, era em grande parte reservada aos monges. No extremo leste ficava a tumba de Santo Adolfo, que ainda atraía peregrinos ocasionais.

Philip entrou na nave e olhou para a avenida de arcos redondos e portentosas colunas que se estendia à sua frente. A visão o deixou ainda mais deprimido. A igreja era úmida e escura, e havia se deteriorado desde a última vez que ele estivera ali. As janelas das galerias laterais paralelas à nave pareciam túneis estreitos nas paredes extremamente grossas. No telhado, as janelas maiores do clerestório iluminavam o teto de madeira pintado apenas o bastante para mostrar quanto as cores estavam desbotadas e como apóstolos, santos e profetas iam esmaecendo e se misturando inexoravelmente ao fundo. Apesar do ar frio que entrava – pois as janelas não tinham vidraça –, um leve cheiro de vestes apodrecidas maculava a atmosfera. Da outra ponta da igreja vinha o som da missa solene, rezada em latim, as frases pronunciadas de forma cadenciada e os responsos cantados. Philip desceu a nave. O chão nunca fora pavimentado, e o musgo cobria a terra batida nos cantos que os tamancos dos camponeses e as sandálias dos monges raramente pisavam. As espirais e caneluras esculpidas nas grossas colunas, bem como as insígnias entalhadas que decoravam os arcos entre elas, originalmente eram pintados e banhados de ouro, mas agora só restavam finos flocos de ouro e uma colcha de retalhos de manchas onde antes ficava a tinta. A argamassa entre as pedras se esfarelava e caía, indo se amontoar em pequenas pilhas coladas às paredes. Philip sentiu brotar outra vez dentro de si a mesma raiva. Quando as pessoas entravam ali, a ideia era que ficassem assombradas com a majestade do Todo-Poderoso. Mas os camponeses eram uma gente simples, que julgava pelas aparências, e ao entrar naquela igreja pensariam que Deus era uma divindade descuidada e indiferente, pouco inclinada a valorizar sua adoração ou a julgar seus pecados. No fim das contas, eram os camponeses que pagavam pela igreja com o suor da própria testa, e era um ultraje que fossem recompensados com aquele mausoléu em ruínas.

Philip se ajoelhou diante do altar e ali permaneceu alguns instantes, consciente de que a indignação moral não era o estado de ânimo adequado para um fiel. Após se acalmar um pouco, levantou-se e prosseguiu.

A ala leste da igreja, a chancela, era dividida em duas partes. Mais

perto do cruzamento entre nave e transepto ficava o coro, com cadeiras de madeira nas quais os monges se sentavam ou levantavam durante os ofícios. Depois do coro ficava o santuário, que abrigava a tumba do santo. Pretendendo ocupar um lugar no coro, Philip passou para trás do altar, mas estacou ao deparar com um caixão.

Espantado, ficou parado um tempo. Ninguém tinha lhe dito que um dos monges havia morrido. Mas só havia falado com três pessoas, claro: Paul, que era velho e meio distraído, e os dois cavaleiros, a quem não dera a menor chance de puxar conversa. Chegou perto do caixão para ver quem era. Espiou lá dentro e seu coração deu um salto.

Era o prior James.

Boquiaberto, Philip ficou encarando o defunto. Agora tudo havia mudado. Haveria um novo prior, uma nova esperança...

Esse júbilo não era a reação certa à morte de um venerável irmão, por maiores que tivessem sido seus erros. Philip controlou a expressão e a mente para ajustá-las a uma postura de luto. Estudou o rosto do morto. O prior tinha cabelos brancos, o rosto magro e uma corcunda. Agora, o cansaço constante havia desaparecido de sua fisionomia e, em vez de ostentar um ar preocupado e desconsolado, ele parecia estar em paz. Ao se ajoelhar junto ao caixão e murmurar uma prece, Philip pensou se alguma grande preocupação teria pesado no coração do velho prior em seus últimos anos de vida: um pecado inconfesso, a perda de uma mulher ou um erro que ferira algum inocente. O que quer que fosse, James agora só falaria no Dia do Juízo Final.

Apesar do que havia decidido, Philip não conseguiu se impedir de pensar no futuro. O indeciso, nervoso e covarde prior James havia cuidado do mosteiro com sua mão incapaz. Agora haveria alguém novo, alguém que iria disciplinar os empregados preguiçosos, consertar a igreja em ruínas e fazer bom uso de toda a riqueza da propriedade, transformando o priorado em uma imensa força para promover o bem. A animação de Philip foi tanta que ele não conseguiu ficar parado. Levantou-se de junto do caixão e, com o passo agora leve, andou até o coro e ocupou um lugar vazio em uma das cadeiras de trás.

O ofício estava sendo conduzido pelo sacristão, Andrew de York, homem irascível de rosto vermelho que parecia sempre à beira da apoplexia. Ele era um dos irmãos de obediência, os membros mais

graduados do mosteiro. Era responsável por tudo o que fosse sagrado: os santos ofícios, os livros, as relíquias sagradas, os hábitos e ornamentos e, acima de tudo, a estrutura do prédio da igreja. Sob suas ordens trabalhava um chantre, que supervisionava a música, e um tesoureiro, encarregado de cuidar dos castiçais e dos cálices de ouro e prata cravejados de pedras preciosas e de outros objetos sagrados. Ninguém tinha mais autoridade do que o sacristão, exceto o prior e o subprior, Remigius, que era um grande assecla de Andrew.

O sacristão lia o ofício em seu tom habitual de ira mal disfarçada. Com mil coisas na cabeça, Philip demorou um pouco para perceber que o culto não estava se desenrolando com o devido decoro. Um grupo de monges mais jovens fazia barulho, conversando e rindo. Philip percebeu que zombavam do velho mestre-escola, que tinha pegado no sono. Os jovens monges – a maioria dos quais era subordinada ao velho mestre até bem recentemente, e decerto ainda sentia na pele os golpes do seu açoite – jogavam nele pequenas bolas de terra. Sempre que uma delas acertava seu rosto, ele se sacudia e mudava de posição, mas não acordava. Andrew parecia alheio ao que acontecia. Philip olhou em volta à procura do inspetor, responsável pela disciplina dos monges. Ele se encontrava na outra ponta do coro, muito entretido em uma conversa com outro irmão, sem prestar a menor atenção nem no ofício nem no comportamento dos jovens.

Philip passou mais alguns instantes observando. Mesmo nas melhores circunstâncias, não tinha paciência para aquele tipo de coisa. Um dos jovens monges, um belo rapaz de seus 21 anos dono de um sorriso travesso, parecia ser o líder do grupo. Philip o viu mergulhar a ponta de sua faca no topo de uma vela acesa e arremessar a gordura derretida na careca do mestre-escola. Quando a banha quente atingiu seu couro cabeludo, o velho monge acordou com um ganido, e os rapazes desataram a rir.

Com um suspiro, Philip saiu do lugar em que estava. Aproximou-se do rapaz por trás, segurou-o pela orelha e, sem hesitar, arrastou-o para longe do coro até o transepto sul. Andrew ergueu os olhos do livro de orações e franziu o cenho quando viu Philip arrastando o noviço; não tinha sequer reparado na perturbação.

Quando os dois estavam fora do alcance dos ouvidos dos outros

monges, Philip parou e soltou a orelha do rapaz.

– Nome? – perguntou.

– William Beauvis.

– E que demônio possuiu você durante a missa solene?

William ficou emburrado.

– A missa estava me deixando cansado – respondeu.

Monges que reclamavam de sua parte do trabalho nunca despertavam a simpatia de Philip.

– Cansado? – repetiu ele, erguendo um pouco a voz. – O que você fez hoje?

– Rezei matinas e laudes no meio da noite, a prima antes do desjejum, depois a terça, a missa conventual, estudei e agora estou rezando a missa solene – disse William em tom de desafio.

– E você comeu?

– Fiz o desjejum.

– E agora espera almoçar.

– Sim.

– A maioria das pessoas da sua idade se esfalfa de trabalhar nos campos, do nascer ao pôr do sol, para fazer o desjejum e almoçar, e mesmo assim elas dão uma parte do seu pão para você! Sabe por quê?

– Sei – respondeu William, arrastando os pés no chão e olhando para baixo.

– Pois diga.

– Porque querem que os monges cantem a missa para elas.

– Correto. Camponeses trabalhadores dão a você pão, carne e um dormitório feito de pedra com um fogo aceso no inverno. E você fica tão *cansado* que não é capaz sequer de se manter sentado quieto por eles durante a missa solene!

– Desculpe, irmão.

Philip ainda passou mais alguns instantes encarando William. O jovem não representava nenhum grande perigo. O verdadeiro erro era de seus superiores, cuja permissividade o autorizava a arrumar uma desordem na igreja.

– Se as orações o entediam, por que você virou monge? – perguntou Philip em tom brando.

– Sou o quinto filho do meu pai.

Philip aquiesceu.

– E ele sem dúvida deve ter dado alguma terra ao priorado, contanto que aceitassem você.

– Sim, uma fazenda.

Era uma história corriqueira: um homem com muitos filhos doava um deles a Deus e garantia que Deus não recusasse o presente doando também uma propriedade que bastasse para sustentar o filho na pobreza monástica. Era assim que muitos homens sem vocação se tornavam monges desobedientes.

– Se você fosse transferido para uma lavoura, por exemplo – disse Philip –, ou para meu pequeno convento de St.-John-in-the-Forest, onde há muito trabalho para fazer ao ar livre e os monges passam bem menos tempo venerando a Deus, acha que isso poderia ajudá-lo a participar dos ofícios de um modo adequadamente devoto?

O rosto do rapaz se iluminou.

– Sim, irmão, acho que poderia!

– Foi o que pensei. Vou ver o que pode ser feito. Mas não se anime demais... Você talvez precise esperar até termos um novo prior e solicitar a ele sua transferência.

– Obrigado mesmo assim!

O ofício terminou e os monges começaram a sair da igreja em procissão. Philip levou um dedo aos lábios para encerrar a conversa. Quando os religiosos começaram a entrar no transepto sul, ele e William se juntaram à fila e saíram para o claustro, um pátio quadrado cercado por galerias cobertas por arcadas contíguo ao lado sul da nave. Ali, a procissão se desfez. Philip virou em direção à cozinha, mas seu caminho foi interrompido pelo sacristão, que se postou à sua frente com uma postura agressiva, pés separados e mãos nos quadris.

– Irmão Philip – chamou ele.

– Irmão Andrew – respondeu Philip, pensando no que poderia ter deixado o monge daquele jeito.

– Qual foi sua intenção ao interromper a celebração da missa solene?

Philip ficou estarrecido.

– Interromper a missa? – indagou, incrédulo. – O rapaz estava fazendo bagunça. Ele...

– Sou perfeitamente capaz de lidar com bagunceiros durante as minhas

próprias missas! – disse Andrew, exaltado.

A dispersão dos monges se interrompeu e todos se aproximaram para ouvir o que estava sendo dito.

Philip não entendeu aquela indignação. Jovens monges e noviços às vezes precisavam ser disciplinados pelos irmãos mais velhos durante os ofícios e não havia regra nenhuma que dissesse que somente o sacristão podia fazê-lo.

– Mas você não tinha visto o que estava acontecendo... – argumentou Philip.

– Ou talvez tenha visto, mas decidido cuidar do assunto depois.

Philip tinha certeza de que a bagunça havia passado despercebida.

– O que você viu, então? – desafiou.

– Não se atreva a me questionar! – gritou Andrew. Seu rosto passou de vermelho a púrpura. – Você pode ser prior de um conventinho na floresta, mas eu sou sacristão daqui há doze anos e vou conduzir os ofícios da catedral como melhor me aprouver... sem ajuda de forasteiros com metade da minha idade!

Philip começou a pensar que talvez, de fato, houvesse cometido um erro. Caso contrário, por que Andrew estaria tão furioso? Mais importante ainda: um bate-boca no claustro não era um espetáculo edificante para os outros irmãos e precisava ser encerrado. Engoliu o orgulho, cerrou os dentes e abaixou a cabeça, submisso.

– Correção aceita, irmão, e imploro humildemente seu perdão – disse.

Andrew, preparado para um bate-boca, não ficou nada satisfeito com a rendição prematura do adversário.

– Que isso não se repita, então – falou, de maneira rude.

Philip não respondeu. Andrew queria ter a última palavra, de modo que qualquer outro comentário seu só provocaria uma nova resposta. Ficou parado, olhando para o chão e mordendo a língua, enquanto o outro cravava os olhos nele durante vários segundos. Por fim, o sacristão deu meia-volta e se afastou, de cabeça erguida.

Os outros monges encaravam Philip. Mesmo contrariado por ter sido humilhado por Andrew, ele precisava aguentar, pois um monge orgulhoso era um monge ruim. Sem falar com mais ninguém, retirou-se do claustro.

A ala em que os monges viviam ficava ao sul do claustro, o dormitório no canto sudeste, o refeitório no sudoeste. Philip foi para oeste, passou

pelo refeitório e foi dar mais uma vez na parte pública do átrio do priorado, de onde podia ver a casa de hóspedes e os estábulos. Ali, no canto sudoeste do perímetro, ficava o pátio da cozinha, delimitado em três dos lados pelo refeitório, pela cozinha propriamente dita e pela padaria e cervejaria. Uma carroça abarrotada de nabos aguardava no pátio para ser descarregada. Philip subiu os degraus até a porta da cozinha e entrou.

A atmosfera o atingiu feito um golpe. Em meio ao ar quente e carregado com um cheiro de peixe sendo assado, ouvia-se o forte alarido de panelas batendo e ordens sendo gritadas. Três cozinheiros, todos vermelhos por causa do calor e da pressa, preparavam o almoço com o auxílio de seis ou sete jovens ajudantes. Duas imensas fornalhas ardiam intensamente, uma em cada ponta do recinto, e em cada uma delas vinte peixes ou mais assavam em espetos girados por um menino suado. O cheiro de peixe fez Philip salivar. Cenouras inteiras eram cozidas em panelões de ferro cheios d'água pendurados acima do fogo. Dois rapazes diante de uma tábua grande fatiavam pães brancos com um metro de comprimento em pedaços grossos para serem usados como pratos. Um único monge supervisionava aquele caos aparente: irmão Milius, o monge cozinheiro, que tinha mais ou menos a idade de Philip. Sentado em um banco alto, ele observava a atividade frenética à sua volta com um sorriso imperturbável, como se tudo estivesse em ordem e perfeitamente organizado, o que decerto era verdade para seus olhos experientes.

– Obrigado pelo queijo – disse, sorrindo.

– Ah, sim – Tanta coisa havia acontecido desde sua chegada que Philip se esquecera do queijo. – Foi feito só com o leite da primeira ordenha da manhã... Você vai ver que o sabor ficou sutilmente diferente.

– Já estou com água na boca. Mas que cara fechada é essa? Aconteceu alguma coisa?

– Não é nada. Troquei algumas palavras duras com Andrew. – Philip fez um gesto tranquilizador, como se descartasse o sacristão. – Posso pegar uma pedra quente da sua fornalha?

– Claro.

Havia sempre várias pedras nos fogos das cozinhas, que podiam ser retiradas e usadas para aquecer rapidamente pequenos volumes de água ou sopa.

– O irmão Paul, que cuida da ponte, está com uma frieira, e Remigius

não quer acender uma fogueira para ele – explicou Philip.

Então, com uma pinça comprida, recolheu do fogo uma pedra quente.

Milius abriu um armário e pegou um pedaço de couro velho que antes havia sido uma espécie de avental.

– Tome. Enrole aqui.

– Obrigado.

Philip pôs a pedra no centro da peça de couro e uniu as pontas com cuidado.

– Não demore – disse Milius. – O almoço está pronto.

Philip deu um aceno e saiu. Atravessou o pátio da cozinha em direção ao portão. À sua esquerda, colado ao muro oeste, ficava o moinho. Muitos anos antes, um canal foi escavado mais para cima no rio que passava pelo priorado, de modo a encher o reservatório do moinho. Após acionar a roda que moía os grãos, a água passava por um canal subterrâneo e ia até a cervejaria, a cozinha, alimentava o chafariz no claustro onde os monges lavavam as mãos e por fim chegava às latrinas contíguas ao dormitório. Depois disso, virava para o sul e tornava a se juntar ao rio. Um dos primeiros priores soubera planejar com inteligência.

Philip reparou na pilha de palha suja em frente ao estábulo. Os cavaleiros obedeceram às suas ordens e limpavam as baias. Passou pelo portão e atravessou o vilarejo em direção à ponte.

Terá sido presunção minha repreender o jovem William Beauvis?, perguntou-se enquanto passava entre os casebres. Após refletir, concluiu que não. Na verdade, errado teria sido ignorar uma perturbação daquelas durante a missa.

Ao chegar à pequena ponte, espichou a cabeça para dentro do pequeno abrigo de Paul.

– Esquente os pés com isto aqui – disse, e entregou-lhe a pedra quente envolta em couro. – Depois que esfriar um pouco, tire o couro e ponha os pés direto em cima da pedra. Deve durar até o cair da noite.

A gratidão do irmão Paul foi extrema. Na mesma hora, ele tirou as sandálias e pousou os dois pés em cima do couro.

– Já posso sentir a dor diminuir – falou.

– Se você puser a pedra de volta no fogo da cozinha hoje à noite, amanhã já vai estar quente de novo – disse Philip.

– Irmão Milius não vai se importar? – indagou Paul, nervoso.

- Garanto que não.
- Você é muito bondoso comigo, irmão Philip.
- Imagine.

Philip saiu antes que os agradecimentos de Paul começassem a constrangê-lo. Era apenas uma pedra quente.

Voltou para o priorado. Entrou no claustro, lavou as mãos na bacia de pedra na galeria sul, em seguida entrou no refeitório. Um dos irmãos lia em voz alta diante de um atril. Exceto pela leitura, o almoço supostamente deveria transcorrer em silêncio, mas o barulho de quarenta e tantos monges comendo causava um burburinho constante e, apesar da regra, muitos sussurravam. Philip se enfiou em um lugar vago diante de uma das mesas compridas. O irmão ao seu lado comia com enorme deleite. Olharam-se e o monge murmurou:

- Hoje tem peixe fresco.

Philip aquiesceu. Tinha visto isso na cozinha. Sua barriga roncou.

– Ouvimos dizer que vocês comem peixe fresco todos os dias no convento na floresta – comentou o monge. Havia inveja em sua voz.

Philip balançou a cabeça.

- Dia sim, dia não, comemos ave – sussurrou ele de volta.

A cara de inveja do monge aumentou ainda mais.

- Aqui é peixe seco seis vezes por semana.

Um criado pousou na frente de Philip uma grossa fatia de pão, em seguida dispôs sobre ela um peixe que exalava o aroma das ervas do irmão Milius. Philip salivou. Estava prestes a atacar o peixe com a faca quando um monge na ponta da mesa se levantou e apontou para ele. Era o inspetor, encarregado da disciplina. O que foi agora?, pensou Philip.

Como era seu direito, o inspetor violou a regra do silêncio.

- Irmão Philip!

Os outros pararam de comer e um silêncio tomou conta do recinto.

Philip parou com a faca acima do peixe e ergueu os olhos, à espera do que o outro iria dizer.

- A regra é: retardatários ficam sem almoço – decretou o inspetor.

Philip suspirou. Pelo visto, não estava conseguindo fazer nada certo naquele dia. Guardou a faca, entregou o pão e o peixe de volta ao criado e abaixou a cabeça para ouvir a leitura.



Durante o intervalo de descanso após o almoço, Philip foi à despensa, que ficava debaixo da cozinha, conversar com Cuthbert Whitehead, o despenseiro. A despensa era uma caverna grande, escura, cheia de pilares curtos e grossos e janelas minúsculas. O ar seco era permeado pelo cheiro dos artigos ali guardados: lúpulo e mel, maçãs velhas e ervas secas, queijo e vinagre. Era fácil encontrar o irmão Cuthbert ali, pois seu cargo não lhe deixava muito tempo para as orações, o que condizia com sua inclinação: sujeito inteligente e prático, ele tinha pouco interesse pela vida espiritual. O despenseiro era o equivalente material do sacristão: tinha de prover a todas as necessidades práticas dos monges, recolher a produção das fazendas e lavouras pertencentes ao mosteiro e ir à feira comprar o que os monges e seus empregados não pudessem eles próprios produzir. Era um trabalho que exigia planejamento e cálculos cuidadosos. Cuthbert não o fazia sozinho: Milius, o encarregado da cozinha, era responsável pela preparação das refeições, e havia um camareiro que cuidava dos lençóis dos irmãos. Ambos se reportavam a Cuthbert e mais três irmãos graduados trabalhavam teoricamente sob suas ordens, mas com alguma independência: o irmão hospedeiro; o enfermeiro, que cuidava dos monges velhos e adoentados em uma edificação separada; e o esmolador. Mesmo com pessoas trabalhando sob suas ordens, Cuthbert tinha uma tarefa desafiadora, mas conseguia guardar tudo na cabeça, dizendo que era desperdício gastar pergaminho e tinta. Philip desconfiava de que Cuthbert não soubesse ler e escrever muito bem. Seus cabelos eram brancos desde a juventude, por isso o chamavam de Whitehead, “cabeça branca”, mas ele agora tinha mais de 60 anos e os únicos fios que lhe restavam brotavam em tufo branco das orelhas e das narinas, como para compensar sua calvície. Como o próprio Philip tinha sido despenseiro em seu primeiro mosteiro, entendia os problemas de Cuthbert e se identificava com suas queixas. Consequentemente, Cuthbert gostava de Philip. Agora, sabendo que ele fora privado de almoço, tirou uma dúzia de peras de um barril. Estavam um pouco murchas, mas saborosas, e Philip as comeu com gratidão enquanto ouvia o outro reclamar das finanças do mosteiro.

– Não entendo como o priorado pode ter dívidas – comentou Philip, de

boca cheia.

– E não deveria – disse Cuthbert. – Kingsbridge hoje tem mais terras e recolhe dízimos de mais paróquias do que nunca.

– Então por que não somos ricos?

– Você conhece o sistema que temos aqui: a maior parte das propriedades do mosteiro é dividida entre os irmãos de obediência. O sacristão tem suas terras, eu tenho as minhas, e o mestre-escola, o hospedeiro, o enfermeiro e o esmolador têm direito a partes menores. O resto pertence ao prior. Cada um usa a renda de suas propriedades para cumprir suas obrigações.

– E qual o problema com isso?

– Bem, todas as propriedades deveriam receber cuidados. Por exemplo, suponhamos que tenhamos algumas terras e que as arrendemos em troca de dinheiro. Não deveríamos apenas entregá-las a quem pagasse mais e recolher a soma devida. Deveríamos ter o cuidado de encontrar um bom arrendatário e supervisioná-lo para ter certeza de que ele é um bom fazendeiro. Caso contrário, os pastos se inundam, o solo se exaure e o arrendatário não consegue pagar o aluguel, então nos devolve a terra em más condições. Ou veja o caso de uma lavoura explorada por nossos empregados e administrada por monges: se ninguém a visita senão para levar embora a produção, os monges acabam se tornando preguiçosos e degenerados, os empregados roubam as colheitas, e com o passar dos anos a lavoura passa a produzir cada vez menos. Até mesmo uma igreja precisa de cuidados. Não deveríamos apenas recolher os dízimos. Deveríamos pôr nela um bom padre, que saiba latim e leve uma vida santa. Caso contrário, as pessoas perdem contato com Deus e passam a se casar, nascer e morrer sem as bênçãos da Igreja, além de sonegar os dízimos.

– Os irmãos de obediência deveriam administrar com cuidado suas propriedades – disse Philip, terminando de comer a última pera.

Cuthbert se serviu de uma caneca de vinho de um barril.

– Deveriam, mas eles têm outras preocupações. Além disso, o que o mestre-escola sabe de cultivo? Por que o enfermeiro deveria ser um administrador capaz? Um prior forte, claro, os obrigará a gerir seus recursos em alguma medida. Mas já faz treze anos que temos um prior fraco e agora estamos sem dinheiro para consertar a catedral, comemos peixe seco seis dias por semana, quase não há noviços na escola e ninguém

se hospeda no mosteiro.

Philip bebericou seu vinho calado, com um ar sombrio. Achava difícil pensar com a cabeça fria em uma dissipação tão lamentável dos bens de Deus. Queria pôr as mãos no responsável, quem quer que fosse, e sacudi-lo até ele recuperar o bom senso. Agora, porém, a pessoa responsável jazia dentro de um caixão atrás do altar. Nisso, pelo menos, havia uma centelha de esperança.

– Em breve teremos um novo prior – comentou Philip. – Ele deve colocar as coisas nos eixos.

Curthbert lhe lançou um olhar curioso.

– Remigius? Colocar as coisas nos eixos?

Philip não entendeu direito o que Cuthbert estava querendo dizer.

– Remigius não vai ser o novo prior, vai?

– É provável.

A notícia deixou Philip consternado.

– Mas ele é tão ruim quanto o prior James! Por que os irmãos votariam nele?

– Bem, como eles desconfiam de forasteiros, não votarão em ninguém que não conheçam. Isso significa que o novo prior terá de ser um de nós. E Remigius é o subprior, o monge mais antigo da casa.

– Mas não existe regra dizendo que precisamos escolher o monge mais antigo! – protestou Philip. – Poderia ser algum outro irmão de obediência. Poderia ser você.

Cuthbert aquiesceu.

– Já me pediram isso. Eu recusei.

– Mas por quê?

– Philip, estou ficando velho. O trabalho que tenho hoje já seria de mais para mim não fosse o fato de eu estar tão acostumado com ele que posso tocar de modo automático. Qualquer responsabilidade extra seria excessiva. Com certeza não tenho energia para pegar um mosteiro desregrado e reformá-lo. No fim das contas, eu seria tão ruim quanto Remigius.

Philip ainda não conseguia acreditar.

– Existem outros... O sacristão, o inspetor, o mestre-escola...

– O mestre-escola é velho e está mais cansado do que eu. O hospedeiro é bêbado e glutão. E o sacristão e o inspetor juraram votar em Remigius.

Por quê? Não sei, mas posso adivinhar. Eu diria que Remigius prometeu promover o sacristão a subprior e o inspetor a sacristão como recompensa pelo apoio.

Philip tornou a se recostar nos sacos de farinha que funcionavam como assento.

– Está me dizendo que Remigius já costurou a eleição?

Cuthbert não respondeu na hora. Levantou-se e foi até a outra ponta da despensa, onde havia disposto, enfileirados, uma tina de madeira cheia de enguias vivas, um balde de água limpa e um barril cheio de salmoura até um terço da capacidade.

– Ajude-me aqui – pediu. Sacou uma faca. Escolheu uma das enguias da tina, bateu com a cabeça do peixe no chão de pedra e em seguida o estripou com a faca. Entregou a Philip a criatura ainda se contorcendo debilmente. – Lave-a no balde, depois jogue no barril – instruiu. – Elas vão saciar nosso apetite durante a Quaresma.

Philip enxaguou a enguia agonizante no balde com o maior cuidado de que foi capaz e a jogou na salmoura.

Cuthbert estripou outra enguia.

– Existe uma possibilidade – disse. – Um candidato que fosse um bom reformador e cuja posição, embora abaixo do subprior, fosse a mesma do sacristão ou do despenseiro.

Philip mergulhou a enguia no balde.

– Quem?

– Você.

– Eu?! – Espantado, Philip deixou a enguia cair no chão. Tecnicamente, ele era um dos irmãos de obediência do priorado, mas nunca se via como igual ao sacristão e aos outros, todos eles bem mais velhos. – Eu sou jovem demais...

– Pense um pouco – disse Cuthbert. – Você passou a vida inteira em mosteiros. Foi despenseiro aos 21 anos. É prior de um pequeno convento há quatro ou cinco anos e reformou o lugar inteiro. Está claro para todo mundo que você foi tocado pela mão de Deus.

Philip capturou a enguia fujona e a jogou dentro do barril de salmoura.

– Todos nós fomos tocados pela mão de Deus – falou, esquivando-se da questão. A sugestão de Cuthbert o havia deixado um tanto pasmo. Embora quisesse um novo prior ativo para Kingsbridge, não havia pensado em si

mesmo para o cargo. – É verdade que eu daria um prior melhor do que Remigius – disse, após refletir.

Cuthbert adotou um ar satisfeito.

– Se você tem um defeito, Philip, é a ingenuidade.

Philip não se considerava ingênuo.

– Como assim?

– Você não fica procurando motivos escusos nas pessoas. A maioria de nós, sim. Por exemplo, o mosteiro inteirinho já partiu do pressuposto de que você é candidato e veio aqui pedir votos.

Philip se indignou.

– E estão dizendo isso com base em quê?

– Tente avaliar seu comportamento como faria uma mente inferior e desconfiada. Você chegou poucos dias após a morte do prior James, como se alguém aqui estivesse a postos para lhe mandar um recado secreto.

– Mas como eles imaginam que eu teria organizado isso?

– Eles não sabem, mas acreditam que você seja mais inteligente. – Cuthbert recomeçou a estripar enguias. – E veja como você se comportou hoje. Mal chegou, já ordenou que os estábulos fossem limpos. Depois reprimiu aquela baderna durante a missa solene. Falou em transferir o jovem William Beauvis para outra casa, quando todos sabem que a transferência de irmãos de um mosteiro para outro é privilégio do prior. Fez uma crítica implícita a Remigius quando levou a pedra quente para o irmão Paul. Por fim, mandou um queijo delicioso para a cozinha, e todos comemos um pedaço após o almoço. Embora ninguém tenha *dito* de onde o queijo veio, nenhum de nós pôde deixar de reconhecer o sabor típico de um queijo de St.-John-in-the-Forest.

Philip sentiu vergonha por suas ações terem sido tão mal-interpretadas.

– Qualquer um poderia ter feito essas coisas.

– Qualquer monge graduado poderia ter feito *uma* delas. Ninguém mais teria feito todas. Você entrou aqui e assumiu o comando! Já começou a reformar o mosteiro. E os asseclas de Remigius, é claro, já estão revidando. Por isso o sacristão Andrew o repreendeu no claustro.

– Então está explicado! Fiquei me perguntando que bicho o teria mordido. – Pensativo, Philip enxaguou uma enguia. – E imagino que, quando o inspetor me obrigou a ficar sem almoço, tenha sido pelo mesmo motivo.

– Exato. Uma forma de humilhar você na frente dos outros. Desconfio, aliás, de que o efeito tinha sido inverso: nenhuma das duas reprimendas foi justificada, mas você aceitou ambas com dignidade. Na verdade, deu um jeito de parecer quase um santo.

– Não foi meu propósito.

– Tampouco o dos santos. Ah, o sino da nona. É melhor deixar o resto das enguias comigo. Depois do ofício vem a hora dos estudos e é permitido conversar no claustro. Vários irmãos vão querer falar com você.

– Mais devagar! – disse Philip, aflito. – Só porque as pessoas partem do princípio de que eu quero ser prior não significa que eu vá me candidatar. – A perspectiva de um embate eleitoral o deixava apreensivo, e ele estava longe de saber se iria querer abandonar sua bem-organizada célula na floresta e assumir os enormes problemas do priorado de Kingsbridge. – Preciso de tempo para pensar.

– Eu sei. – Cuthbert endireitou as costas e encarou Philip. – Enquanto estiver pensando, lembre-se do seguinte: o excesso de orgulho é um pecado conhecido, mas um homem pode frustrar os desígnios de Deus com a mesma facilidade se for humilde em excesso.

Philip aquiesceu.

– Vou me lembrar. Obrigado.

Ele saiu da despensa e seguiu apressado até o claustro. Com a mente confusa, juntou-se aos outros monges e entrou na igreja. Percebeu que a possibilidade de se tornar prior de Kingsbridge o deixara extremamente animado. Sua raiva pelo modo vergonhoso como o priorado era gerido já durava muitos anos e agora tinha a chance de consertar tudo aquilo ele próprio. De repente, começou a duvidar se seria capaz. Não era apenas uma questão de ver o que precisava ser feito e providenciar que o fosse. Teria de convencer pessoas, administrar propriedades, arrumar dinheiro. Era um trabalho para uma mente sábia. Seria uma grande responsabilidade.

Como sempre acontecia, a igreja o acalmou. Depois do mau comportamento da manhã, os monges estavam silenciosos e solenes. À medida que escutava as expressões conhecidas do ofício e murmurava os responsos como vinha fazendo havia tantos anos, Philip pôde pensar com clareza outra vez.

Eu quero ser prior de Kingsbridge?, perguntou a si mesmo. E a

resposta foi quase imediata: Sim! Assumir esta igreja em ruínas, consertá-la, pintá-la e enchê-la com o canto de cem monges e com a voz de mil fiéis rezando o pai-nosso: só esse motivo já o fazia querer o cargo. Além disso, as propriedades do mosteiro deveriam ser reorganizadas, revitalizadas e transformadas em empreendimentos saudáveis e produtivos. Ele queria ver um bando de meninos pequenos aprendendo a ler e escrever em um canto do claustro. Queria a casa de hóspedes cheia de luz e calor, para que nobres e bispos viessem fazer visitas e, antes de partir, deixassem presentes valiosos para o priorado. Queria um cômodo especial separado para transformar em biblioteca e enchê-la com livros de sabedoria e beleza. Sim, ele queria ser prior de Kingsbridge.

Haveria outros motivos?, pensou. Quando me imagino prior, fazendo essas melhorias em nome da glória de Deus, será que existe algum orgulho em meu coração?

Ah, sim.

Na atmosfera fria e sagrada da igreja, ele não podia enganar a si mesmo. Seu objetivo era a glória de Deus, mas a glória de Philip também lhe causava satisfação. Agradava-lhe a ideia de dar ordens que ninguém pudesse questionar. Via-se tomando decisões, aplicando a justiça, distribuindo conselhos e incentivos, proferindo penas e perdões do modo que lhe aprouvesse. Imaginava as pessoas dizendo: “Philip de Gwynedd reformou o mosteiro. Aquilo lá era uma vergonha antes de ele assumir e agora vejam só como está!”

Mas eu *seria* bom, pensou. Deus me deu inteligência para administrar bens e capacidade para liderar grupos de homens. Já provei isso como despenseiro em Gwynedd e prior de St.-John-in-the-Forest. E quando eu administro uma casa, os monges ficam felizes. No meu priorado, os velhos não têm frieiras e os jovens não ficam frustrados por falta de trabalho. Eu cuido das pessoas.

Por outro lado, tanto Gwynedd quanto St.-John-in-the-Forest eram tarefas fáceis em comparação com o priorado de Kingsbridge. O mosteiro de Gwynedd sempre fora bem-gerido. O convento na floresta estava em situação difícil quando ele assumiu, mas era minúsculo, fácil de controlar. A reforma de Kingsbridge era um desafio para a vida inteira. Levaria semanas só para descobrir quais eram seus recursos: quantas terras, onde ficavam, o que havia plantado nelas, se eram florestas, pastos ou trigais.

Assumir o controle das propriedades espalhadas, descobrir e consertar o que estava errado e alinhar todas as partes para formar uma só unidade próspera seria um trabalho de anos. Tudo o que ele tinha feito no convento fora obrigar cerca de uma dúzia de homens jovens a dar duro no campo e rezar solenemente na igreja.

Está bem, reconheceu, meus motivos estão maculados e minha capacidade é duvidosa. Talvez eu devesse recusar a candidatura. Pelo menos assim poderia ter certeza de evitar o pecado do orgulho. Mas o que Cuthbert tinha dito? “Um homem pode frustrar os desígnios de Deus com a mesma facilidade se for humilde em excesso.”

O que Deus quer?, perguntou-se por fim. Será que Ele quer Remigius? Suas qualidades são inferiores às minhas e seus motivos decerto não hão de ser mais puros. Será que existe outro candidato? Atualmente, não. Até Deus revelar uma terceira possibilidade, devemos partir do princípio de que a escolha fica entre mim e Remigius. Está claro que Remigius iria administrar o mosteiro da mesma forma que fazia quando o prior James estava doente, ou seja, sendo preguiçoso, negligente, e permitindo que o declínio prosseguisse. E eu? Sou um homem cheio de orgulho e meus talentos ainda precisam ser provados, mas tentarei reformar o mosteiro, e se Deus me der forças conseguirei.

Certo, então, disse ele a Deus quando a missa terminou. Está bem. Aceitarei a candidatura e lutarei com todas as minhas forças para ganhar a eleição. E se, por algum motivo que decidiu não me revelar, o Senhor não me quiser, terá de me impedir de todas as maneiras que puder.



Embora Philip houvesse vivido 22 anos em mosteiros, tinha servido a priores longevos, de modo que nunca havia passado por uma eleição. Aquele era um acontecimento único na vida monástica, pois na votação os irmãos não eram obrigados a obedecer. Subitamente, eram todos semelhantes.

Segundo as lendas, antigamente os monges eram iguais em tudo. Um grupo de homens decidia dar as costas ao mundo da luxúria da carne e construir um santuário na mata onde pudesse levar uma vida de louvor e

sacrifício. Eles então pegavam um trecho de terra nua, o desmatavam, secavam os charcos, aravam a terra e construíam juntos sua igreja. Nessa época, eram de fato como irmãos. O prior, como indicava seu título, era apenas o primeiro entre iguais, e todos juravam obediência à Regra de São Benedito, não a membros graduados do mosteiro. Mas tudo o que restava agora dessa democracia primitiva eram as eleições do prior e do abade.

Alguns dos monges se sentiam desconfortáveis com aquele poder. Queriam que lhes dissessem em quem votar ou então sugeriam que a decisão fosse deixada a cargo de um comitê de irmãos graduados. Outros abusavam do privilégio e se tornavam insolentes, ou então exigiam favores em troca de apoio. A maioria ficava apenas aflita para tomar a melhor decisão.

Naquela tarde, no claustro, Philip conversou com a maior parte dos irmãos, a sós ou em pequenos grupos, e disse a todos, honestamente, que desejava o cargo e sentia que, apesar da juventude, poderia desempenhá-lo melhor do que Remigius. Respondeu às perguntas que lhe fizeram, a maioria sobre a quantidade de comida e bebida a que cada um teria direito. Terminou cada conversa desta forma: “Se cada um de nós tomar a decisão de modo ponderado e depois de orar bastante, Deus com certeza abençoará o resultado.” Era a coisa mais prudente a dizer, e ele realmente acreditava naquilo.

– Estamos ganhando – falou Milius, o monge cozinheiro, na manhã seguinte, quando ele e Philip faziam seu desjejum de pão preto e cerveja rala enquanto os ajudantes de cozinha atiçavam as fornalhas.

Philip mordeu um naco do pão preto duro e o amoleceu com um gole de cerveja. Milius era um rapaz perspicaz, cheio de energia, protegido de Cuthbert e admirador de Philip. Tinha um cabelo preto liso e um rosto pequeno de traços precisos e regulares. Como Cuthbert, gostava de servir a Deus de forma prática e faltava à maior parte dos ofícios. Seu otimismo deixou Philip desconfiado.

– Como você chegou a essa conclusão? – indagou, cético.

– Todo o lado de Cuthbert no mosteiro apoia você: o camareiro, o enfermeiro, o mestre-escola, eu mesmo, porque sabemos que é um bom provedor, e no atual regime o maior problema são as provisões. Muitos dos irmãos não graduados votarão em você por um motivo semelhante: acham que vai administrar melhor a riqueza do priorado e que isso

resultará em mais conforto e comida melhor.

Philip franziu o cenho.

– Eu não gostaria de iludir ninguém. Minha prioridade seria consertar a igreja e aprimorar os ofícios. Isso vem antes da comida.

– De fato, e eles sabem – apressou-se Milius a responder. – Por isso o hospedeiro e um ou dois outros ainda votarão em Remigius: eles preferem um regime frouxo e uma vida tranquila. Os outros que apoiam o subprior são todos seus asseclas e preveem privilégios especiais quando ele assumir o priorado: o sacristão, o inspetor, o tesoureiro e assim por diante. O chantre é amigo do sacristão, mas acho que poderia ser atraído para o nosso lado, principalmente se você prometer nomear um bibliotecário.

Philip assentiu. O chantre era responsável pela música e achava que não devia ter a obrigação de cuidar dos livros, além de suas outras incumbências.

– É mesmo uma boa ideia – concordou. – Precisamos de um bibliotecário para montar nossa coleção de livros.

Milius se levantou do banquinho e começou a afiar uma faca de cozinha. Tinha energia em excesso, concluiu Philip, e precisava sempre estar fazendo alguma coisa com as mãos.

– Temos 44 irmãos com direito de voto – ponderou Milius. Antes eram 45, claro, mas um havia morrido. – Minha estimativa é que estão dezoito do nosso lado e dez do lado de Remigius. Restam dezesseis indecisos. Para uma maioria, precisamos de 23. Ou seja, você tem que conquistar cinco indecisos.

– Falando assim, parece fácil – disse Philip. – Quanto tempo nós temos?

– Não sei. Quem convoca a eleição são os próprios irmãos, mas, se o fizermos cedo demais, o bispo talvez se recuse a confirmar nossa escolha. Se atrasarmos demais, ele pode nos ordenar a convocá-la. E também tem o direito de nomear um candidato. No presente momento, é bem provável que ele ainda nem saiba que o velho prior morreu.

– Então talvez demore bastante.

– Sim. E assim que tivermos certeza da nossa maioria você precisa voltar para seu convento e permanecer longe daqui até tudo terminar.

O plano deixou Philip intrigado.

– Por quê?

– Familiaridade gera desprezo. – Milius acenou com a faca afiada, animado. – Me perdoe se eu estiver sendo desrespeitoso, mas foi você quem perguntou. Neste momento você tem uma aura. É uma figura distante, santificada, sobretudo para os irmãos mais novos, como eu. Operou um verdadeiro milagre naquele pequeno convento, reformando-o e tornando-o autossuficiente. É um disciplinador rígido, mas alimenta bem seus monges. É um líder nato, mas sabe abaixar a cabeça e aceitar uma reprimenda como o mais jovem dos noviços. Conhece as Escrituras e fabrica o melhor queijo do país.

– E *você* é mestre em exageros.

– Nem tanto.

– Não acredito que as pessoas pensem em mim dessa forma... Não é natural.

– Não, de fato – concordou Milius com outro leve dar de ombros. – E quando conhecerem você isso não vai durar. Se você ficasse aqui, perderia a aura. Eles o veriam palitar os dentes, coçar a bunda, ouviriam você roncar e peidar, descobririam como você fica quando está de mau humor, com o orgulho ferido ou com dor de cabeça. Não queremos que isso aconteça. Deixe que vejam Remigius meter os pés pelas mãos e se enrolar, dia após dia, enquanto sua imagem permanece brilhante e perfeita na mente de todos.

– Não gosto disso – disse Philip com uma voz abalada. – Sinto como se estivesse enganando os irmãos.

– Não tem nada de desonesto – protestou Milius. – É um verdadeiro reflexo de quão bem você serviria a Deus e ao mosteiro se virasse prior... e de como Remigius iria nos comandar mal.

Philip balançou a cabeça.

– Me recuso a fingir que sou um anjo. Está bem, não ficarei aqui. Preciso mesmo voltar para a floresta. Mas temos que ser francos com os irmãos. Estamos pedindo que elejam um homem falível, imperfeito, que precisará da ajuda e das preces deles.

– Pois diga isso a eles! – falou Milius, entusiasmado. – É perfeito! Eles vão adorar.

O rapaz era incorrigível, pensou Philip. Mudou de assunto:

– Qual é a sua impressão em relação aos que estão em cima do muro? Os indecisos?

– Conservadores – disse Milius sem hesitar. – Eles veem Remigius como o mais velho, o que vai fazer menos mudanças, como alguém previsível, que está efetivamente no comando agora.

Philip assentiu.

– E veem a mim com desconfiança, como um cão desconhecido que talvez morda.

O sino badalou convocando o cabido. Milius engoliu o que restava da cerveja.

– Agora vai haver algum tipo de ataque a você, Philip. Não posso prever que forma irá tomar, mas eles vão tentar retratá-lo como um homem jovem, inexperiente, teimoso e pouco digno de confiança. Você deve se mostrar calmo, cauteloso e judicioso, mas pode deixar que Cuthbert e eu vamos defendê-lo.

Philip começou a ficar apreensivo. Aquele era um modo novo de pensar: pesar cada movimento e calcular como os outros iriam interpretá-lo e julgá-lo. Havia um leve tom de reprovação em sua voz quando disse:

– Em geral, eu só me preocuparia com o que Deus pensa sobre meu comportamento.

– Eu sei, eu sei – falou Milius, impaciente. – Mas não é pecado ajudar as pessoas mais simples a enxergarem seus atos sob a perspectiva correta.

Philip franziu o cenho. A explicação de Milius era dolorosamente plausível.

Os dois saíram da cozinha e atravessaram o refeitório até o claustro. Philip estava muito ansioso. Ataque? O que isso queria dizer, *ataque*? Contariam mentiras a seu respeito? Como ele deveria reagir? Se alguém mentisse a seu respeito, ficaria bravo. Deveria, no entanto, reprimir a raiva para que parecesse calmo, conservador e tudo o mais? Se fizesse isso, porém, os irmãos não iriam pensar que as mentiras eram verdade? Decidiu que iria se comportar normalmente, talvez só *um pouquinho* mais circunspecto e digno.

A casa do cabido era uma pequena construção circular anexa à galeria leste do claustro. Era mobiliada com bancos arrumados em círculos concêntricos. Não havia fogo aceso e lá dentro estava bem mais frio do que na cozinha. A luz provinha de janelas altas posicionadas acima da linha dos olhos, de modo que não havia nada para olhar exceto os outros monges presentes no recinto.

Foi exatamente o que Philip fez. Praticamente o mosteiro inteiro se encontrava ali. Homens de todas as idades, dos 17 aos 70, altos e baixos, morenos e louros. Todos trajavam o mesmo hábito grosseiro de lã crua, feito no local, e calçavam sandálias de couro. O irmão hospedeiro estava presente, e a barriga redonda e o nariz vermelho revelavam seus vícios, vícios estes, pensou Philip, que poderiam ser perdoáveis caso ele recebesse algum hóspede. Havia o camareiro, que obrigava os monges a trocarem de hábito e se barbearem no Natal e no Pentecostes (era recomendado, mas não obrigatório, tomar banho na mesma ocasião). Recostado na parede dos fundos estava o mais velho dos irmãos, um idoso franzino, pensativo e impassível cujos cabelos ainda eram grisalhos, não brancos. Ele raramente falava, mas, quando o fazia, era sempre de modo eficaz. Esse homem provavelmente deveria ter sido prior, não fosse tão discreto e humilde. Lá estava o irmão Simon, com seu olhar furtivo e suas mãos irrequietas, um homem que confessava com tanta frequência pecados de impureza que – como Milius sussurrou para Philip – parecia que gostava mais da confissão do que do pecado. Lá estavam William Beauvis, agora bem-comportado; o irmão Paul, já quase sem mancar; Cuthbert Whitehead, com um ar seguro de si; John Small, o minúsculo tesoureiro; e Pierre, o inspetor, o homem de palavras cruéis que deixara Philip sem almoço na véspera. Ao passear os olhos pelo recinto, Philip viu que todos o encaravam e abaixou a cabeça, encabulado.

Remigius entrou acompanhado de Andrew, o sacristão, e os dois foram se sentar perto de John Small e Pierre. Isso significa, pensou Philip, que eles nem sequer vão fingir que não são uma facção.

O cabido abriu com uma leitura sobre Simeão Estilita, o santo do dia, eremita que havia passado a maior parte da vida no topo de uma coluna. Embora não houvesse dúvida quanto à sua capacidade de sacrifício, Philip sempre acalentara uma dúvida secreta em relação ao verdadeiro valor do seu testemunho. Multidões se juntavam para vê-lo, mas será que iam em busca de ascensão espiritual ou para ver uma aberração?

Após a prece veio a leitura de um capítulo do livro de São Benedito. Era essa leitura de um capítulo diário que dava o nome à reunião e à pequena edificação – capítulo ou cabido – onde ela ocorria. Remigius se levantou para ler e, enquanto ele se preparava, com o livro à sua frente, Philip estudou com atenção seu perfil, vendo-o pela primeira vez com os

olhos de um rival. Remigius tinha um jeito brusco e eficiente de se mover e falar que lhe conferia um ar de competência, em total contradição com seu verdadeiro temperamento. Uma observação mais atenta revelava pistas do que havia por trás daquela fachada: os olhos azuis um tanto proeminentes se moviam rápida e ansiosamente, a boca de aspecto fraco sempre se mexia duas ou três vezes, hesitante, antes de ele falar, e as mãos não paravam de se abrir e fechar, embora o resto do corpo permanecesse parado. Toda a sua autoridade vinha da arrogância, da petulância e do descaso com que tratava os subordinados.

Philip se perguntou por que Remigius havia decidido ler ele próprio o capítulo. Instantes depois, entendeu.

– “O primeiro grau da humildade é a obediência imediata” – leu o subprior. Havia escolhido o capítulo 5, que falava sobre obediência, para lembrar a todos sua posição de antiguidade e a deles de subordinados. Era uma tática de intimidação. Remigius era mesmo dissimulado. – “Eles não vivem como gostariam, tampouco obedecem a seus próprios desejos e prazeres, mas, sob o comando e orientação de outro e obedientes em seus mosteiros, seu desejo é ser governado por um abade” – leu ele. – “Isso sem dúvida traduz em ações as palavras de nosso Senhor: *não procuro agradar a mim mesmo, mas àquele que me enviou.*”

Remigius estava posicionando as frentes de batalha do modo esperado: naquele embate, ele representaria a autoridade estabelecida.

O capítulo foi seguido pelo necrológio, e nesse dia, claro, todas as preces foram feitas pela alma do prior James. A parte mais agitada do capítulo era guardada para o final: debate sobre negócios, confissão de erros e acusações de má conduta.

– Ontem houve uma perturbação durante a missa solene – começou Remigius.

Philip se sentiu quase aliviado. Agora sabia como seria atacado. Não tinha certeza se seu ato da véspera fora correto, mas sabia por que agira daquele modo e estava preparado para se defender.

– Eu mesmo não estava presente – prosseguiu Remigius. – Encontrava-me preso na casa do prior, cuidando de um assunto urgente, mas o sacristão me contou o ocorrido.

Cuthbert Whitehead o interrompeu:

– Não se recrimine por isso, irmão Remigius – falou, em tom

tranquilizador. – Nós sabemos que, em princípio, os assuntos do mosteiro nunca devem ter mais importância do que a missa solene, mas entendemos que a morte de nosso amado prior significou que você teve de lidar com muitas questões fora da sua competência habitual. Estou certo de que todos concordamos que não é necessária qualquer penitência.

Velha raposa astuta, pensou Philip. É claro que Remigius não tinha a menor intenção de confessar um pecado. Entretanto, Cuthbert o havia perdoado, dando assim a todos a impressão de que um erro fora de fato admitido. Agora, mesmo que Philip fosse condenado por um erro, isso apenas o poria no mesmo nível do superior. Além do mais, Cuthbert também havia plantado a sugestão de que Remigius estava enfrentando dificuldades para lidar com os deveres de um prior. Com algumas palavras ditas em tom gentil, o velho despenseiro conseguira minar por completo a autoridade do subprior. Remigius ficou furioso e Philip sentiu a empolgação da vitória contrair sua garganta.

Andrew, o sacristão, fuzilou Cuthbert com o olhar.

– Estou certo de que nenhum de nós desejaria criticar nosso reverenciado subprior – disse ele. – A perturbação à qual ele se refere foi causada pelo irmão Philip, que veio do convento de St.-John-in-the-Forest para nos visitar. Philip tirou o jovem William Beauvis de seu lugar no coro, arrastou-o até o transepto sul e lá o repreendeu enquanto eu celebrava a missa.

Remigius estampou no rosto uma triste máscara de censura.

– Talvez todos concordemos que Philip deveria ter esperado o final da missa.

Philip examinou a expressão dos outros monges. Eles não pareciam nem concordar nem discordar do que estava sendo dito. Acompanhavam o debate como espectadores em um torneio, para quem não existe certo ou errado e o único interesse é quem vai vencer.

Quis protestar dizendo: *Se eu tivesse esperado, o mau comportamento teria perdurado ao longo de toda a missa*, mas recordou o conselho de Milius e permaneceu calado. Milius falou por ele:

– Eu também perdi a missa solene, como é minha sina frequente, pois a missa solene é celebrada logo antes do almoço. Então quem sabe você possa me dizer, irmão Andrew, o que estava acontecendo no coro antes de o irmão Philip tomar sua atitude. Estava tudo dentro da ordem e do

decoro?

– Os mais jovens estavam um pouco irrequietos – respondeu o sacristão, emburrado. – Eu pretendia falar com eles a respeito mais tarde.

– É de se compreender que você esteja sendo vago em relação aos detalhes... Devia estar concentrado na missa – continuou Milius. – Felizmente, nós temos um inspetor cujo dever específico é lidar com o mau comportamento. Diga, irmão Pierre, o que *você* observou.

O inspetor adotou um ar hostil.

– Exatamente o que o sacristão já relatou.

– Parece que teremos de pedir detalhes ao próprio irmão Philip – falou Milius.

Muito esperto, pensou Philip. Milius conseguira deixar claro que nem o sacristão nem o inspetor tinham visto o que os jovens monges estavam fazendo durante a missa. No entanto, embora admirasse a habilidade dialética do rapaz, Philip relutava em entrar naquele jogo. A escolha de um prior não era um embate de astúcia, mas uma questão de tentar conhecer a vontade de Deus. Ele hesitou. Milius o encarava com uma expressão que dizia: *Agora é a sua chance!* Mas Philip tinha uma veia obstinada, e os momentos em que ela aparecia com mais clareza eram quando alguém tentava colocá-lo em uma posição moral dúbia.

– Foi como meus irmãos descreveram – respondeu, encarando Milius.

O semblante do jovem monge desmoronou. Olhava para Philip sem acreditar. Abriu a boca, mas visivelmente não soube o que dizer. Philip se sentiu culpado por decepcioná-lo. Depois me explico com ele, pensou, a menos que ele tenha ficado zangado demais.

Remigius estava prestes a prosseguir com a acusação quando uma voz o interrompeu:

– Eu gostaria de confessar.

Todos olharam. William Beauvis, o transgressor original, estava de pé com um ar contrito.

– Eu estava jogando bolinhas de lama no mestre-escola e rindo – disse, com uma voz grave e nítida. – O irmão Philip fez com que me envergonhasse. Imploro o perdão de Deus e peço aos irmãos que me deem uma penitência. – E se sentou abruptamente.

Antes que Remigius pudesse reagir, outro jovem se levantou.

– Também tenho uma confissão a fazer – falou. – Eu fiz a mesma

coisa. Peço penitência.

Ele tornou a se sentar. Aquele súbito acesso de consciência foi como um contágio: um terceiro monge confessou, em seguida um quarto e logo um quinto.

Apesar dos escrúpulos de Philip, a verdade tinha vindo à baila e ele não pôde conter a satisfação. Percebeu que Milius lutava para reprimir um sorriso de triunfo. As confissões não deixavam dúvidas de que houvera uma pequena rebelião bem debaixo do nariz do sacristão e do inspetor.

Os culpados foram sentenciados por um Remigius muito contrariado a uma semana de silêncio total: não poderiam falar e ninguém poderia falar com eles. Philip tivera de suportá-la quando mais jovem e sabia que era uma punição mais severa do que parecia. Mesmo por um dia, o isolamento era opressivo; uma semana inteira seria um sofrimento profundo.

Mas Remigius estava apenas descarregando sua raiva pela frustração. Depois que os jovens confessaram, não teve alternativa senão puni-los, embora com isso admitisse que Philip tinha razão desde o início. Seu ataque a Philip dera completamente errado, e o prior da floresta estava triunfante. Apesar de uma pontada de culpa, saboreou esse instante.

Mas a humilhação de Remigius ainda não estava completa.

Cuthbert tornou a falar:

– Houve outra perturbação da qual precisamos tratar. Ela ocorreu no claustro, logo depois da missa solene. – Philip se perguntou que raio iria acontecer agora. – O irmão Andrew confrontou o irmão Philip e o acusou de mau comportamento. – É claro que ele fez isso, pensou Philip, todos já sabem. Cuthbert prosseguiu: – Ora, todos nós sabemos que a hora e o local para esse tipo de acusação é aqui e agora, na reunião do cabido. E nossos antepassados tiveram bons motivos para ordenar que assim fosse. De um dia para outro, os ânimos se acalmam, as queixas podem ser discutidas na manhã seguinte em um clima de calma e moderação, e a comunidade inteira pode contribuir com sua sabedoria coletiva para solucionar o problema. Mas Andrew, lamento dizer, violou essa regra sensata e fez uma cena no claustro, perturbando todos e falando sem pensar. Deixar essa má conduta passar impune seria injusto para com os irmãos mais novos, que foram punidos por seus atos.

Implacável e brilhante, pensou Philip alegremente. Se ele tivera ou não razão ao retirar William do coro durante a missa sequer foi debatido.

Todas as tentativas de levantar o assunto haviam sido transformadas em um inquérito sobre o comportamento do acusador. E era assim que devia ser, pois a reclamação de Andrew contra Philip não fora sincera. Juntos, Cuthbert e Milius tinham desacreditado Remigius e seus dois principais aliados, Andrew e Pierre.

O rosto em geral vermelho de Andrew estava roxo de fúria, e Remigius tinha um ar quase assustado. Philip estava satisfeito, pois eles mereciam, mas temia que a humilhação pudesse passar dos limites.

– Não é decoroso irmãos mais jovens discutirem a punição de seus superiores – disse Philip. – Deixemos o subprior lidar com essa questão de maneira reservada.

Olhou em volta, viu que os outros monges aprovavam sua magnanimidade e entendeu que, sem querer, havia marcado mais um ponto.

Parecia estar tudo terminado. A atmosfera da reunião era favorável a Philip, e ele sentiu que havia conquistado a maioria dos indecisos. Então Remigius falou:

– Há outro assunto que preciso abordar.

Philip estudou o semblante do subprior, e o que leu ali foi desespero. Relanceou os olhos para o sacristão Andrew e para o supervisor Pierre e viu que também pareciam surpresos. Aquilo, portanto, não tinha sido planejado. Remigius iria implorar pelo cargo?

– A maioria de vocês sabe que o bispo tem o direito de nomear candidatos para nossa consideração – começou Remigius. – Ele também pode se recusar a confirmar nossa escolha. Essa divisão de poderes pode levar a disputas entre o bispo e o mosteiro, como alguns irmãos mais velhos já sabem por experiência própria. No fim das contas, o bispo não pode nos impor seu candidato, e nós tampouco podemos insistir no nosso. Em caso de conflito, a questão deve ser solucionada por meio da negociação, então o desfecho depende muito da determinação e da união entre os irmãos... *principalmente* da união.

Philip teve um mau pressentimento. Remigius havia controlado a raiva e mostrava-se outra vez calmo e ativo. Philip ainda não sabia o que estava por vir, mas sua sensação de triunfo evaporou.

– O motivo que me leva a falar disso hoje é que duas informações importantes chegaram ao meu conhecimento – prosseguiu Remigius. – A

primeira é que talvez haja mais de um candidato entre nós aqui presentes neste recinto. – Isso não é surpresa para ninguém, pensou Philip. – A segunda é que o bispo também vai indicar um candidato.

Houve uma pausa tensa. Era uma notícia ruim para os dois lados.

– Você sabe *quem* o bispo quer? – indagou alguém.

– Sei – respondeu Remigius, e nesse instante Philip teve certeza de que ele estava mentindo. – A escolha do bispo é o irmão Osbert de Newbury.

Escutou um ou dois monges arquejarem. Todos ficaram horrorizados. Conheciam Osbert, que fora inspetor em Kingsbridge durante algum tempo. Ele era filho bastardo do bispo e considerava a Igreja apenas um meio de lhe proporcionar uma vida de ócio e fartura. Jamais tinha feito qualquer tentativa séria de respeitar seus votos, mas cultivava uma farsa mal disfarçada e confiava na ascendência do pai para protegê-lo dos problemas. A perspectiva de tê-lo como prior era aterradora, mesmo para os amigos de Remigius. Apenas o hospedeiro e um ou dois de seus asseclas irremediavelmente degenerados talvez apoiassem Osbert, antecipando um regime de disciplina frouxa, excessos e preguiça.

Remigius prosseguiu:

– Se indicarmos dois candidatos, irmãos, o bispo talvez diga que estamos divididos e não conseguimos tomar uma decisão coletiva, e que, portanto, precisa decidir por nós e teremos de acatar sua escolha. Se quisermos resistir a Osbert, será melhor indicarmos um candidato apenas, e talvez, devo acrescentar, seja bom nos certificarmos de que nosso candidato não tenha nenhuma falha apontada com facilidade, como por exemplo a juventude ou a inexperiência.

Ouviu-se um murmúrio de concordância. Philip estava arrasado. Segundos antes, sua vitória era certa, mas ela parecia ter sido arrancada das suas mãos. Agora todos os monges estavam do lado de Remigius, que viam como uma indicação segura, o candidato da unidade, o homem capaz de derrotar Osbert. Philip teve certeza de que Remigius mentia em relação ao bastardo do bispo, mas não faria diferença. Os monges agora estavam com medo e iriam apoiar Remigius, e isso significava mais anos de declínio para o priorado de Kingsbridge.

Antes que os monges comentassem, Remigius concluiu:

– Vamos agora nos dispersar, refletir e orar sobre esse problema enquanto fazemos o trabalho de Deus.

Levantou-se e saiu, seguido por Andrew, Pierre e John Small, os três com um ar atordoado, porém triunfante.

Assim que eles se retiraram, um burburinho irrompeu entre os outros.

– Nunca pensei que Remigius tivesse estofo para dar uma cartada dessas – comentou Milius.

– Ele está mentindo – disse Philip com amargura. – Tenho certeza.

Cuthbert juntou-se a eles e ouviu o comentário.

– Não importa muito se ele está mentindo, importa? – questionou ele.
– A ameaça por si só já basta.

– A verdade virá à tona mais cedo ou mais tarde – observou Philip.

– Não necessariamente – retrucou Milius. – Suponhamos que o bispo não indique Osbert. Remigius dirá apenas que ele recuou diante da perspectiva de um embate com um priorado unido.

– Não estou pronto para desistir – teimou Philip.

– O que mais podemos fazer? – indagou Milius.

– Precisamos descobrir a verdade – respondeu Philip.

– Não temos como – falou Milius.

Philip tentava ligar os pontos. A frustração era uma verdadeira agonia.

– Por que não podemos simplesmente perguntar? – sugeriu.

– Perguntar? Como assim?

– Perguntar ao bispo quais são suas intenções.

– Como?

– Poderíamos mandar um recado para o palácio dele, não? – disse Philip, pensando em voz alta.

Olhou para Cuthbert.

O despenseiro pareceu refletir.

– Sim. Eu despacho mensageiros o tempo todo. Posso mandar um até o palácio.

– E perguntar ao bispo quais são suas intenções? – questionou Milius, cético.

Philip franziu o cenho. O problema era esse.

Cuthbert concordou com Milius.

– O bispo não vai dizer.

Philip teve uma inspiração. Seu semblante desanuviou e ele deu um soco animado na palma da mão ao entender qual era a saída.

– Não – falou. – O bispo não vai dizer. Mas o arcediago vai.



Naquela noite, Philip sonhou com Jonathan, o bebê abandonado. No sonho, o menino estava debaixo do pórtico da capela de St.-John-in-the-Forest, enquanto Philip, lá dentro, lia o ofício da prima, quando um lobo saiu da floresta e atravessou o campo, sorrateiro como uma cobra, em direção ao bebê. Philip teve medo de se mexer, pois temia causar uma perturbação durante o ofício e ser repreendido por Remigius e Andrew, ambos presentes na capela (embora nenhum dos dois jamais tivesse posto os pés no convento da floresta). Decidiu gritar, mas, por mais que tentasse, sua voz não saía, como muitas vezes acontece nos sonhos. Por fim, fez tamanho esforço para berrar que acabou acordando e ficou deitado no escuro, tremendo, enquanto ouvia a respiração dos irmãos adormecidos à sua volta e ia se convencendo aos poucos de que o lobo não era real.

Mal havia pensado no bebê desde que chegara a Kingsbridge. Perguntou-se o que faria com a criança caso se tornasse prior. Nesse caso, tudo seria diferente. Um bebê em um pequeno mosteiro escondido na floresta, por mais incomum que fosse, não tinha consequência nenhuma. Já no priorado de Kingsbridge, esse bebê causaria comoção. Por outro lado, o que havia de errado nisso? Não era pecado dar às pessoas algo sobre o que falar. Ele seria prior e poderia fazer o que quisesse. Poderia trazer Johnny Eightpence para cuidar do bebê. Essa ideia lhe agradou imensamente. É isso que vai acontecer, pensou. Então se lembrou de que muito provavelmente não se tornaria prior.

Ficou acordado até o dia raiar, dominado pela impaciência. Agora não havia nada que pudesse fazer para defender sua causa. Era inútil conversar com os irmãos, cujo pensamento estava dominado pela ameaça de Osbert. Alguns tinham chegado a abordar Philip e lamentar que ele tivesse perdido, como se a eleição já houvesse ocorrido. Ele resistira à tentação de chamá-los de covardes sem fé. Apenas sorria e dissera que ainda poderiam se surpreender. Sua própria fé, contudo, não era lá muito grande. O arcebispo Waleran talvez não estivesse no palácio do bispo. Talvez estivesse, mas por algum motivo não quisesse revelar a Philip os planos do sacerdote. Ou ainda, o que era mais provável, dado seu temperamento, talvez ele tivesse seus próprios planos.

Philip se levantou junto com os outros quando o dia nasceu e foi à igreja celebrar a prima, o primeiro ofício do dia. Em seguida dirigiu-se ao refeitório, onde pretendia fazer o desjejum com os outros, mas Milius o interceptou e o chamou à cozinha com um gesto furtivo. Philip o seguiu com os nervos à flor da pele. O mensageiro devia ter retornado. Como fora rápido! Deve ter conseguido a resposta na hora e iniciado a viagem de volta na tarde da véspera. Mesmo assim, tinha chegado em pouquíssimo tempo. Philip não conhecia um cavalo sequer na estrebaria do mosteiro capaz de galopar tão depressa. Mas qual poderia ser a resposta?

Quem o aguardava na cozinha não era o mensageiro, mas sim o arcediogo Waleran Bigod em pessoa.

Philip o encarou, espantado. A silhueta magra do arcediogo, vestido de preto, estava encarapitada sobre um banquinho como um corvo sobre um toco de árvore. A ponta de seu nariz adunco estava vermelha de frio. Ele aquecia as mãos ossudas em volta de uma caneca de vinho quente com especiarias.

– Que bondade a sua ter vindo! – exclamou Philip.

– Estou feliz que o senhor tenha me escrito – disse Waleran, calmo.

– É verdade? – indagou Philip com impaciência. – O bispo vai indicar Osbert?

O arcediogo ergueu uma das mãos para fazê-lo calar.

– Já vou chegar a esse ponto. Cuthbert estava me contando os acontecimentos de ontem.

Philip ocultou a decepção. Aquela não era uma resposta direta. Estudou o semblante de Waleran para tentar ler seus pensamentos. Ele de fato tinha seus próprios planos, mas Philip não conseguiu adivinhar quais eram.

De início, Philip não havia reparado em Cuthbert, sentado à beira do fogo enquanto mergulhava o pão preto na cerveja para torná-lo mais macio para seus velhos dentes, e o despenseiro fez um relato resumido da reunião do cabido na véspera. Philip ficou se remexendo, inquieto, procurando imaginar o que Waleran poderia estar tramando. Tentou comer um pedaço de pão, mas estava tenso demais para engolir. Para ocupar as mãos, bebeu um pouco da cerveja aguada.

– Assim, pareceu que nossa única chance era tentar confirmar as intenções do bispo – concluiu Cuthbert. – Felizmente, Philip pensou que

poderia lançar mão do fato de ter conhecido o senhor, por isso lhe mandamos o recado.

– E agora o senhor vai contar o que queremos saber? – indagou Philip, impaciente.

– Sim, vou. – Waleran pousou o vinho sem prová-lo. – O bispo gostaria que seu filho fosse prior de Kingsbridge.

Philip sentiu um peso no coração.

– Então Remigius disse a verdade.

– No entanto – prosseguiu Waleran –, o bispo não está disposto a correr o risco de se indispor com os irmãos.

Philip franziu o cenho. Era mais ou menos o que Remigius havia previsto, mas algo não estava certo.

– O senhor não veio até aqui só para nos contar isso – disse ele a Waleran.

O arcediogo encarou Philip com um ar respeitoso e ele entendeu que sua suposição estava correta.

– Não – respondeu Waleran. – O bispo me pediu que viesse avaliar o ambiente no mosteiro. E me deu poderes para indicar um nome no seu lugar. De fato, eu trouxe comigo o selo do bispo, de modo que posso redigir uma carta de indicação para formalizar a questão. Tenho a autoridade integral dele, entendem?

Philip levou alguns instantes para digerir aquela informação. Waleran tinha poderes para escolher um nome e assinar a indicação com o selo do bispo. Ou seja, o sacerdote havia deixado o assunto a cargo de Waleran.

Philip respirou fundo.

– O senhor concorda com o que Cuthbert disse, que a indicação de Osbert causaria a indisposição que o bispo deseja evitar?

– Sim, entendo isso – respondeu Waleran.

– Então não vai indicar Osbert.

– Não.

Philip quase rebentava de tanta tensão. Os monges ficariam tão gratos por escapar da ameaça de Osbert que votariam de bom grado em qualquer um que Waleran indicasse.

O arcediogo agora tinha o poder de escolher o novo prior.

– E quem o senhor vai indicar?

– O senhor... ou Remigius – disse Waleran.

– As qualidades de Remigius para administrar o priorado...

– Eu sei das qualidades dele, e também das suas – interrompeu Waleran outra vez, erguendo uma das mãos magras e brancas. – Sei qual de vocês dois daria o melhor prior. – Ele fez uma pausa. – Mas existe outra questão.

O que é agora?, pensou Philip. Que outra consideração poderia haver além de quem seria o melhor prior? Olhou para os irmãos. Milius também estava confuso, mas Cuthbert havia esboçado um leve sorriso, como se soubesse o que estava por vir.

– Assim como vocês – continuou Waleran –, desejo muito que os cargos importantes da Igreja sejam ocupados por homens ativos e capazes, independentemente da idade, em vez de serem entregues como recompensas por serviços prestados a homens velhos, cuja santidade talvez supere suas qualidades administrativas.

– Claro – disse Philip, impaciente. Não via como aquela preleção podia ser relevante.

– Deveríamos trabalhar juntos com esse fim em mente... vocês três e eu.

– Não sei aonde o senhor está querendo chegar – disse Milius.

– Eu sei – falou Cuthbert.

Waleran abriu para ele um fino sorriso, em seguida voltou a atenção para Philip.

– Me deixe ser franco – continuou. – O bispo também já está velho. Um dia ele vai morrer, e nesse dia precisaremos de um bispo novo, da mesma forma que hoje precisamos de um novo prior. Os monges de Kingsbridge têm o direito de eleger outro bispo, pois ele também é abade do priorado.

Philip franziu o cenho. Tudo aquilo era irrelevante. Agora iriam eleger um prior, não um bispo.

Mas Waleran seguiu falando:

– Naturalmente, os irmãos não terão total liberdade para escolher quem quiserem como bispo, pois o arcebispo e o rei darão cada qual sua opinião, mas no fim das contas quem valida a indicação são os monges. E quando essa hora chegar, vocês três terão uma forte influência na decisão.

Cuthbert assentia de leve a cabeça como se sua suposição houvesse se confirmado e Philip também começou a imaginar o que estava por vir.

– O senhor quer que eu o torne prior de Kingsbridge – concluiu Waleran. – Eu quero que o senhor me torne bispo.

Então era isso!

Philip encarou Waleran sem dizer nada. Era bem simples. O arcediogo queria fazer um acordo.

Aquilo o deixou chocado. Não estavam vendendo e comprando cargos eclesiásticos, algo conhecido como o pecado da simonia, mas o teor comercial da transação era desagradável.

Tentou analisar a proposta de modo objetivo. Ela significava que Philip viraria prior, e pensar nisso fez seu coração acelerar. Não queria discutir detalhes de pouca importância se aquilo pudesse lhe entregar o priorado.

O acordo significava que Waleran provavelmente se tornaria bispo em algum momento. Será que ele daria um bom bispo? Com certeza seria competente. Não parecia ter nenhum vício sério. Tinha uma abordagem bem secular e prática do serviço de Deus, assim como Philip. Ele sentia que havia em Waleran um traço implacável que lhe faltava, mas a base dessa determinação era o desejo genuíno de proteger e zelar pelos interesses da Igreja.

Quem mais poderia ser candidato quando o bispo morresse? Osbert, decerto. Apesar da exigência de celibato dos religiosos, já houvera casos de cargos passados de pai para filho. Osbert, claro, seria ainda mais danoso à Igreja como bispo do que como prior. Valeria a pena apoiar um candidato muito pior do que Waleran só para manter Osbert afastado.

Alguém mais poderia se candidatar? Era impossível prever. O bispo poderia levar anos para morrer.

– Nós não poderíamos garantir sua eleição – disse Cuthbert a Waleran.

– Eu sei – retrucou o arcediogo. – Só estou pedindo a sua indicação. Assim como é exatamente isso que tenho a lhes oferecer em troca: uma indicação.

Cuthbert aquiesceu.

– Eu aceito – disse, solene.

– Eu também – concordou Milius.

O arcediogo e os dois monges olharam para Philip. Este hesitou. Sabia que aquela não era a forma de se escolher um bispo, mas o priorado estava ao seu alcance. Não era correto trocar um cargo santo por outro, como comerciantes de cavalos, mas, se ele recusasse, o resultado poderia ser

Remigius prior e Osbert bispo!

No entanto, os argumentos racionais agora pareciam academicismos. O desejo de se tornar prior se tornou uma força irresistível dentro dele e, apesar dos pontos negativos, ele não conseguiu recusar. Lembrou-se da prece que havia feito na véspera, dizendo a Deus que pretendia lutar pelo cargo. Ergueu os olhos de novo e fez outra prece: *Se o Senhor não quiser que isso aconteça, segure minha língua, paralise minha boca, impeça o ar de subir por minha garganta e não me deixe falar.*

Então olhou para Waleran e disse:

– Aceito.



A cama do prior era imensa, três vezes mais larga do que qualquer outra cama em que Philip já tivesse dormido. O leito de madeira tinha metade da altura de um homem, e por cima dele ficava um colchão de penas. Para impedir que entrassem correntes de ar, a cama era cercada por cortinas em que mãos pacientes de alguma fiel haviam bordado cenas bíblicas. Philip examinou as imagens com reserva. Parecia extravagância suficiente o prior ter um quarto só para si. Nunca na vida tivera o próprio quarto, e essa seria a primeira noite em que dormiria sozinho. A cama era um exagero. Pensou em mandar trazer um colchão de palha do dormitório e transferir a cama para a enfermaria, onde poderia aliviar os velhos ossos de algum irmão doente. Mas é claro que a cama não era só para Philip. Quando o priorado recebia algum hóspede especialmente ilustre, um bispo, um grande senhor de terras ou mesmo um rei, era naquele quarto que se hospedava, e o prior se transferia como pudesse para outro lugar. Portanto, Philip não podia se livrar da cama.

– Você vai dormir bem esta noite – comentou Waleran Bigod, não sem um toque de inveja.

– Acho que sim – disse Philip em tom de dúvida.

Tudo havia acontecido muito depressa. Waleran tinha escrito a carta para o priorado lá mesmo, na cozinha, ordenando aos irmãos que procedessem a uma eleição imediata e indicando Philip. Tinha assinado a carta com o nome do bispo e lacrado com o selo episcopal. Então os quatro

se encaminharam para o cabido.

Assim que Remigius os viu entrar, soube que o combate havia terminado. Waleran leu a carta e os irmãos aplaudiram quando ele chegou ao nome de Philip. Remigius teve o bom senso de dispensar a formalidade da votação e aceitar a derrota.

E Philip se tornou prior.

Conduziu o que restava do cabido meio atordoado e então atravessou o gramado até a casa do prior, no canto sudeste do átrio do priorado, para assumir a residência.

Ao ver a cama, entendeu que sua vida tinha mudado de forma profunda e inexorável. Ele era diferente, especial, distinto dos outros monges. Tinha poder e privilégios. E responsabilidades. Ele, e apenas ele, precisava garantir a sobrevivência e a prosperidade daquela pequena comunidade de 45 homens. Se eles morressem de fome, seria culpa sua; se degenerassem, o culpado seria ele; se desgrçassem a Igreja de Deus, Deus apontaria Philip como responsável. Ele lembrou a si mesmo que havia buscado aquele fardo; agora, precisava suportá-lo.

Sua primeira tarefa como prior seria conduzir os irmãos à igreja para a missa solene. Era o Dia da Epifania, o 12º feriado após o Natal. Todos os aldeões estariam presentes no ofício, e mais pessoas viriam das redondezas. Uma boa catedral, com um grupo forte de monges e uma reputação de missas espetaculares, podia atrair mil pessoas ou mais. Até mesmo a tristonha catedral de Kingsbridge naquele dia receberia a maior parte da elite local, pois a missa também era um evento social, no qual vizinhos podiam se encontrar e discutir negócios.

Antes da missa, porém, Philip tinha outro assunto para conversar com Waleran, agora que os dois estavam enfim sós.

– Aquela informação que lhe dei – começou ele. – Sobre o conde de Shiring...

Waleran assentiu.

– Eu não me esqueci. De fato, isso pode ser mais importante do que a questão de quem é prior ou bispo. O conde Bartholomew já chegou à Inglaterra. É esperado em Shiring amanhã.

– O que o senhor vai fazer? – perguntou Philip, ansioso.

– Vou usar sir Percy Hamleigh. Na verdade, estou torcendo para que

ele venha à missa hoje.

– Já ouvi falar nele, mas nunca o vi – disse Philip.

– Procure um senhor gordo, com uma esposa horrenda e um filho bonito. É impossível não reparar na esposa... ela é uma visão desagradável.

– E por que o senhor acha que eles vão ficar do lado de Estêvão contra o conde Bartholomew?

– Eles têm ódio mortal do conde.

– Por quê?

– O filho, William, estava noivo da filha do conde, mas ela antipatizou com ele e o casamento foi cancelado, para grande humilhação dos Hamleighs. Eles ainda estão mordidos com a ofensa e vão aproveitar qualquer oportunidade para se vingar de Bartholomew.

Philip balançou a cabeça, convencido. Estava satisfeito por ter se livrado dessa responsabilidade. Já tinha o seu quinhão de fardos. O priorado de Kingsbridge era um problema grande o suficiente para ele administrar. Waleran podia cuidar do resto do mundo.

Saíram da casa do prior e caminharam de volta até o claustro. Os monges estavam à espera. Philip assumiu seu lugar na frente da fila e a procissão avançou.

Foi um momento especial quando entrou na igreja, seguido por todos os irmãos cantando. Gostou mais disso do que havia imaginado. Disse a si mesmo que aquela eminência recém-conquistada simbolizava o poder que ele agora tinha de fazer o bem, e que era por esse motivo que estava profundamente empolgado. Desejou que o abade Peter de Gwynedd pudesse vê-lo; o velho ficaria muito orgulhoso.

Conduziu os irmãos até as cadeiras do coro. Uma missa importante como aquela em geral era rezada pelo bispo. Nesse dia, seria celebrada por seu substituto, o arcediogo Waleran. Quando começou, Philip correu os olhos pelos fiéis reunidos à procura da família que ele tinha descrito. Havia cerca de 150 pessoas em pé na nave, os ricos com suas pesadas capas de inverno e sapatos de couro, os camponeses com seus casacos grosseiros e botas de feltro ou tamancos de madeira. Philip não teve dificuldade para localizar os Hamleighs. A família estava mais na frente, perto do altar. Viu primeiro a mulher. Waleran não tinha exagerado: ela era repulsiva. Embora estivesse de capuz, a maior parte de seu rosto estava

visível, e Philip pôde ver que a pele era coberta por pústulas horríveis que ela não parava de tocar com gestos nervosos. Ao seu lado, estava um homem gordo de uns 40 anos, que devia ser Percy. As roupas mostravam que ele era um homem de riqueza e poder consideráveis, mas que não pertencia ao primeiro time de pares do reino e condes. O filho se achava recostado numa das grossas colunas da nave. Era um belo rapaz, de cabelos muito louros e olhos estreitos e altivos. Um casamento com a filha de um conde poderia ter permitido aos Hamleighs cruzar a linha que separava a pequena nobreza rural da aristocracia do reino. Não era de espantar que estivessem bravos com o cancelamento da boda.

Philip voltou a atenção para o ofício. Waleran lia um pouco depressa demais para o seu gosto. Perguntou-se outra vez se tivera razão ao concordar em indicá-lo para bispo quando o atual morresse. O arcediogo era um homem dedicado, mas parecia subvalorizar a importância do culto. A prosperidade e o poder da Igreja, afinal de contas, eram apenas meios para alcançar um fim; o derradeiro objetivo era a salvação das almas. Philip concluiu que não precisava se preocupar muito. Agora já estava feito, e de todo modo o bispo provavelmente iria frustrar a ambição de Waleran, vivendo por mais vinte anos.

A congregação estava ruidosa. Ninguém sabia os responsos, claro. Somente padres e monges participavam da missa, a não ser nas orações mais conhecidas e nos améns. Alguns fiéis observavam em silêncio reverente, mas outros passeavam pela igreja, cumprimentando-se e conversando. São uma gente simples, pensou Philip; é preciso fazer alguma coisa para manter sua atenção.

A missa terminou e o arcediogo Waleran se dirigiu aos fiéis:

– A maioria de vocês sabe que o amado prior de Kingsbridge morreu. O corpo dele, que jaz aqui conosco nesta igreja, repousará no cemitério do priorado hoje, após o almoço. O bispo e os monges escolheram como seu sucessor o irmão Philip de Gwynedd, que nos conduziu até o presbitério hoje.

Ele parou de falar e Philip se levantou para conduzir a procissão para fora da igreja. Mas Waleran continuou:

– Tenho outro anúncio triste a fazer.

Philip foi pego de surpresa. Sentou-se na mesma hora.

– Acabo de receber um recado – revelou Waleran.

Philip sabia que ele não recebera recado nenhum. Eles haviam passado a manhã inteira juntos. O que aquele arcediogo dissimulado estava planejando agora?

– Fui comunicado de uma perda que causará grande tristeza em todos nós.

Ele fez outra pausa.

Alguém tinha morrido... mas quem? Waleran já sabia antes de chegar, mas havia guardado segredo e iria fingir que acabara de ouvir a notícia. Por quê?

Philip só conseguiu pensar em uma possibilidade e, se suas suspeitas se confirmassem, o arcediogo era muito mais inescrupuloso do que ele havia imaginado. Teria ele de fato enganado e manipulado todos eles? Teria Philip sido um mero peão no jogo de Waleran?

As palavras finais do arcediogo ratificaram sua suspeita:

– Meus queridos fiéis – disse ele, solene –, o bispo de Kingsbridge está morto.

CAPÍTULO 3

I

— Aquela cadela vai estar ali dentro – disse a mãe de William. – Tenho certeza de que vai.

William olhou para a fachada imponente da catedral de Kingsbridge com um misto de apreensão e anseio. Se lady Aliena estivesse na missa da Epifania, seria um doloroso constrangimento para todos eles, mas mesmo assim seu coração bateu mais depressa ao pensar que talvez fosse revê-la.

Os dois seguiam trotando pela estrada a caminho de Kingsbridge, William e o pai em cavalos de combate, sua mãe em um belo corcel, seguidos por três cavaleiros e três cavaleiros. Formavam um grupo impressionante, até mesmo atemorizante, e isso agradava William. Os camponeses que caminhavam pela estrada se dispersavam diante dos poderosos animais. A mãe, porém, espumava de raiva.

— Eles sabem, todos esses servos malditos sabem – disse ela entre os dentes. – Até fazem piada sobre a nossa família. “Quando uma noiva não é noiva? Quando o noivo é Will Hamleigh!” Mandeí chicotear um homem por isso, mas não adiantou. Se conseguisse pôr as mãos naquela cadela, eu a esfolaria viva, penduraria o couro dela em um prego e deixaria os pássaros bicarem seus olhos.

William queria que ela parasse. A família tinha sido humilhada e fora tudo culpa sua, ou pelo menos era o que a mãe dizia. Não queria ser lembrado daquilo.

A ponte de madeira mambembe que conduzia ao vilarejo de Kingsbridge balançou com a passagem do grupo, e os cavalos subiram depressa a rua principal até o priorado. Vinte ou trinta animais já pastavam a grama escassa do cemitério no lado norte da igreja, mas nenhum tão belo quanto os dos Hamleighs. Eles foram até o estábulo e deixaram as

montarias sob os cuidados dos cavaleiros do priorado.

Atravessaram o gramado em um grupo compacto, a mãe entre William e o pai, os cavaleiros atrás e os lacaios fechando a retaguarda. As pessoas se afastavam para que eles passassem, mas William percebeu que se cutucavam e apontavam, e teve certeza de que estavam sussurrando sobre o casamento cancelado. Arriscou um olhar na direção da mãe e pôde ver, por sua expressão de ira, que ela estava pensando a mesma coisa.

Entraram na igreja.

William detestava igrejas. Eram lugares frios e soturnos, até mesmo com tempo bom, e um odor levemente pútrido sempre pairava nos cantos escuros e nos túneis baixos das galerias. Pior ainda, igrejas o faziam pensar nos tormentos do inferno, e ele tinha medo do inferno.

Vasculhou com os olhos a assembleia dos fiéis. No início, por causa da penumbra, mal conseguiu distinguir os rostos dos presentes. Após alguns instantes, seus olhos se adaptaram. Ele não viu Aliena. Foram subindo o corredor. Ela não parecia estar ali. Sentiu-se ao mesmo tempo aliviado e decepcionado. Então a avistou e seu coração deu um pulo.

Ela estava no lado sul da nave, mais para a frente da igreja, acompanhada por um cavaleiro que William não conhecia e cercada por homens de armas e damas de companhia. Estava de costas para ele, mas os cabelos escuros encaracolados eram inconfundíveis. No exato instante em que ele a viu, ela se virou, exibindo a curva suave de seu rosto e o nariz reto e imperioso. Os olhos, tão escuros que eram quase completamente negros, encontraram os dele. William parou de respirar. Os grandes olhos dela se tornaram ainda maiores quando ela o notou. Ele tentou disfarçar, como se não se importasse com a presença dela, mas não conseguiu desviar os olhos. Quis que ela sorrisse, ainda que fosse um ínfimo curvar dos lábios carnudos, nada mais do que um cumprimento educado. Inclinou a cabeça para ela, bem de leve, mais um meneio do que uma mesura. Com as feições rígidas, ela se virou para a frente outra vez.

William se retraiu como se sofresse uma dor aguda. Sentiu-se um cão chutado para longe e quis se encolher em um canto onde ninguém fosse reparar nele. Olhou para um lado e para outro, se perguntando se alguém teria visto a troca de olhares. Enquanto continuava a subir o corredor com os pais, notou que as pessoas olhavam para ele, para Aliena e novamente para ele, cutucando-se e cochichando entre si. Manteve o olhar fixo à

frente para evitar cruzá-lo com alguém. Teve de se forçar para manter a cabeça erguida. Como ela pôde fazer isso conosco?, pensou. Nós somos uma das famílias mais orgulhosas do sul da Inglaterra e ela nos fez nos sentir pequenos. Aquela ideia o enfureceu. Queria sacar a espada e atacar alguém, qualquer um.

O representante do rei no condado de Shiring cumprimentou o pai de William e os dois apertaram as mãos. As pessoas desviaram o olhar em busca de algo novo sobre o que cochichar. William ainda fumegava de raiva. Jovens nobres se aproximavam de Aliena e a cumprimentavam em um fluxo constante. Para *elas* ela se dispunha a sorrir.

A missa começou. William se perguntou como tudo pudera sair tão terrivelmente errado. O conde Bartholomew tinha um filho para herdar seu título e sua fortuna, de modo que a única serventia de uma filha era formar uma aliança. Aliena tinha 16 anos, era virgem e não demonstrava qualquer inclinação para a clausura, de modo que imaginaram que ela fosse ficar encantada em se casar com um saudável nobre de 19 anos. Afinal, as questões políticas poderiam muito bem ter levado o pai a casá-la com um conde gordo quarentão que sofresse de gota ou mesmo com um barão careca de 60 anos.

Uma vez selado o acordo, William e os pais não haviam demonstrado a menor reticência. Tinham divulgado a notícia com orgulho por todos os condados vizinhos. O encontro entre William e Aliena era considerado uma formalidade por todos, menos por ela, como viria a ficar evidente.

Os dois já se conheciam, claro. Ele se lembrava dela pequena. Na época, tinha um rostinho travesso e o nariz pequeno e arrebitado, e seus cabelos revoltos eram mantidos curtos. Era uma menina mandona, decidida, aguerrida e ousada. Era sempre ela quem organizava as brincadeiras das crianças e decidia o que deveriam jogar e quem ficaria em cada time, solucionando brigas e registrando o placar. Sentia-se fascinado ao mesmo tempo que se ressentia do modo como ela dominava as brincadeiras. Era sempre possível estragar os jogos dela e se tornar ele próprio o centro das atenções durante algum tempo simplesmente começando uma briga. Isso, porém, não durava muito, e no final ela reassumia o comando e o deixava confuso, derrotado, desprezado, zangado, mas mesmo assim encantado, do mesmo jeito que estava se sentindo agora.

Depois da morte de sua mãe, ela passara a viajar muito com o pai, e William a via menos. No entanto, encontrava-a com frequência suficiente para saber que ela estava se tornando uma moça de beleza estonteante e ficara mais do que feliz ao saber que seria sua noiva. Imaginou que ela se casaria caso gostasse dele ou não, mas foi encontrá-la pretendendo fazer tudo o que pudesse para amenizar o caminho até o altar.

Ela era virgem, mas ele não. Algumas das moças que já seduzira eram quase tão bonitas quanto Aliena – quase –, embora nenhuma delas fosse de origem aristocrática. Na sua experiência, muitas garotas se deixavam impressionar por suas roupas elegantes, seus cavalos vigorosos e pelo desprendimento com que gastava em vinhos doces e fitas. Se ele conseguisse ficar a sós com elas em algum celeiro, em geral acabavam se entregando, de modo mais ou menos voluntário.

Sua abordagem usual ao gênero feminino era um pouco displicente. No início, ele as deixava pensar que não estava particularmente interessado. Quando se vira a sós com Aliena, porém, sentira essa indiferença abandoná-lo. Ela usava um vestido de seda azul brilhante, solto e fluido, mas ele só conseguia pensar no corpo que havia por baixo e que em breve ele poderia ver nu sempre que desejasse. Ele a encontrara lendo um livro, ocupação estranha para uma mulher que não fosse freira. Perguntara que título era para tentar parar de pensar no modo como seus seios se moviam por baixo da seda azul.

– Chama-se *Romance de Alexandre*. É a história de um rei chamado Alexandre, o Grande, e de como ele conquistou terras maravilhosas no Oriente, onde as pedras preciosas brotam em trepadeiras e as plantas sabem falar.

William não conseguia imaginar por que alguém iria perder tempo com tamanha tolice, mas não disse nada. Falou sobre seus cavalos, seus cães e seus feitos na caça, na luta corpo a corpo e nas justas. Aliena não ficou tão impressionada quanto ele previra. Então contou a ela sobre a casa que o pai estava construindo para eles e, a fim de ajudá-la a se preparar para quando tivesse de administrar a residência, disse resumidamente como queria que tudo fosse cuidado. Sentiu que estava perdendo sua atenção, embora não soubesse explicar por quê. Sentou-se o mais perto possível dela, pois queria abraçá-la e passar a mão por seu corpo para descobrir se aqueles seios eram mesmo tão grandes quanto imaginava,

mas ela se inclinou para longe, cruzou os braços e as pernas e adotou uma postura tão intimidadora que, mesmo relutante, ele foi forçado a abandonar a ideia e se consolou pensando que em breve poderia fazer com ela o que desejasse.

Quando os dois estavam juntos, porém, ela não deu indicação nenhuma do problema que iria criar mais tarde. Apenas falou, bem baixinho: “Não acho que nós dois combinemos”, mas ele interpretou a frase como um ato de encantadora modéstia e garantiu que ela combinaria muito bem com ele. Não fazia ideia de que, assim que ele se retirasse, Aliena sairia correndo até o pai para anunciar que não se casaria, que nada poderia convencê-la, que preferiria entrar para um convento e que poderiam arrastá-la até o altar acorrentada, mas ela não pronunciaria os votos. Cadela, pensou William, uma cadela. Mas não conseguia destilar o mesmo tipo de fel que sua mãe cuspiam toda vez que falava da moça. Não queria esfolá-la viva. Queria se deitar por cima do corpo quente dela e beijar sua boca.

A missa da Epifania terminou com o anúncio da morte do bispo. William torceu para que essa notícia enfim superasse a sensação causada pelo casamento anulado. Os monges deixaram a igreja em procissão e um burburinho animado acompanhou os fiéis que se dirigiam às saídas. Muitos, além dos vínculos espirituais com o bispo, tinham também outros, materiais, como arrendatários, subarrendatários ou empregados de suas propriedades, e todos estavam interessados em saber quem iria sucedê-lo e se o sucessor faria alguma mudança. A morte de um grande senhor era sempre um perigo para quem estava sob seu domínio.

Ao seguir os pais pela nave, William se espantou ao ver o arcediogo Waleran vindo na direção deles. Ele se movia depressa entre os fiéis, como um grande cão negro num rebanho de vacas e, como as vacas, todos olhavam nervosos para ele por cima dos ombros e davam um ou dois passos para sair do seu caminho. Ele ignorava os camponeses, mas dizia uma ou duas palavras a cada membro da pequena nobreza. Quando chegou aos Hamleighs, cumprimentou o pai de William, ignorou o rapaz e voltou sua atenção para a mãe.

– Uma pena essa história do casamento – disse.

William enrubesceu. Será que aquele tolo pensava que estava sendo *educado* com seus pêames?

A mãe estava tão pouco inclinada a discutir o assunto quanto ele.

– Não sou de guardar mágoa – mentiu ela.

Waleran ignorou o comentário.

– Fiquei sabendo de algo relacionado ao conde Bartholomew que talvez interesse a vocês – continuou o arcediogo. Sua voz ficou mais baixa para que ninguém pudesse escutar e William teve de se esforçar para entender as palavras. – Parece que o conde não vai honrar os votos que fez ao finado rei.

– Bartholomew sempre foi um hipócrita arrogante – comentou o pai de William.

Waleran fez uma cara de desgosto. Queria que eles ouvissem, não que comentassem.

– Bartholomew e o conde Robert de Gloucester não vão aceitar o rei Estêvão, que, como vocês sabem, é a escolha da Igreja e da grande nobreza.

William se perguntou por que um arcediogo falaria com um senhor sobre aquela disputa rotineira entre grandes nobres. O pai pensara a mesma coisa, pois disse:

– Mas não há nada que os condes possam fazer a respeito.

A mãe compartilhou a impaciência de Waleran com os comentários impetuosos do marido.

– *Escute* – sibilou ela.

Waleran tornou a falar:

– O que ouvi dizer é que estão planejando organizar uma rebelião e fazer de Matilda rainha.

William não acreditou no que estava ouvindo. O arcediogo tinha mesmo feito aquele comentário imprudente num murmúrio baixo e casual, em plena nave da catedral de Kingsbridge? Fosse verdade ou não, aquilo podia levá-lo à força.

O pai também se espantou, mas a mãe, pensativa, comentou:

– Robert de Gloucester é meio-irmão de Matilda... Faz sentido.

William se perguntou como ela podia reagir de maneira tão pragmática a uma notícia tão escandalosa. Mas a mãe era muito esperta e estava quase sempre certa.

– Quem fosse capaz de se livrar do conde Bartholomew e cortar a rebelião na raiz conquistaria a gratidão eterna do rei Estêvão e da Santa

Madre Igreja – disse Waleran.

– É mesmo? – indagou o pai de William, atordoado, mas a mãe assentia, demonstrando que entendera.

– Bartholomew está sendo aguardado de volta à casa amanhã. – Ao dizer isso, Waleran ergueu os olhos e cruzou com o olhar de alguém. Virou-se novamente para a mulher e continuou: – Achei que vocês, dentre todos os outros, poderiam se interessar.

Então se afastou e foi falar com outra pessoa.

Os olhos de William seguiram o arcediogo enquanto ele se distanciava. Seria só aquilo mesmo que ele iria dizer?

Os pais de William seguiram em frente e ele os acompanhou através da grande porta em arco até o lado de fora. Nenhum dos três falou. Nas cinco semanas anteriores, o rapaz ouvira muitas conversas sobre quem seria o rei, mas o fato parecera se resolver quando Estêvão foi coroado na abadia de Westminster, três dias antes do Natal. Agora, se Waleran estivesse certo, o assunto era outra vez uma questão em aberto. Mas por que ele insistira em contar para os Hamleighs?

Atravessaram o gramado em direção aos estábulos. Assim que saíram do meio da multidão em frente ao pórtico da igreja, onde ninguém mais podia ouvi-los, o pai falou, animado:

– Que sorte! O homem que insultou nossa família pego por alta traição!

William não via por que aquilo era uma sorte tão grande, mas a mãe evidentemente sim, pois assentiu.

– Nós podemos prendê-lo sob ameaça de uma espada e enforcá-lo na árvore mais próxima – continuou Percy Hamleigh.

Nisso William não tinha pensado, mas nesse instante entendeu tudo em um estalo. Se Bartholomew era traidor, não havia problema em matá-lo.

– Nós podemos nos vingar – deixou escapar. – E, em vez de sermos punidos, vamos ganhar uma recompensa do rei!

Assim poderiam novamente andar de cabeça erguida e...

– Seus tolos imbecis – disse a mãe com repentina crueldade. – Seus idiotas cegos, descerebrados. Quer dizer que vocês enforcariam Bartholomew na árvore mais próxima? Querem que eu diga o que iria acontecer?

Nenhum dos dois falou nada. Quando ela ficava daquele jeito, o mais

sensato era não responder às suas perguntas.

– Robert de Gloucester negaria que houvesse qualquer complô, se uniria ao rei Estêvão e juraria lealdade. E não se tocaria mais no assunto, mas vocês dois seriam enforcados como assassinos.

William estremeceu. Pensar em ser pendurado na forca o deixava aterrorizado. Tinha pesadelos com isso. No entanto, sabia que a mãe estava certa: o rei poderia acreditar, ou fingir acreditar, que ninguém seria destemido o bastante a ponto de se rebelar contra ele e não teria o menor pudor em sacrificar algumas vidas para ganhar credibilidade.

– Tem razão – disse o pai. – Vamos amarrá-lo feito um porco que vai ser sacrificado, levá-lo vivo para o rei em Winchester e denunciá-lo lá, depois exigir nossa recompensa.

– Por que você não *pensa*? – indagou a mãe com desprezo. Estava muito tensa e William pôde ver que aquilo tudo provocava nela a mesma empolgação que no pai, só que de modo diferente. Por acaso o arcediogo Waleran não gostaria de levar um traidor amarrado para o rei? Por acaso ele não quer uma recompensa para si? Você não sabe que ele deseja com todas as forças ser bispo de Kingsbridge? Por que dar a você o privilégio de efetuar a prisão? Por que planejar de nos encontrar na igreja, como por acidente, em vez de ir nos procurar em Hamleigh? Por que nossa conversa foi tão curta e indireta?

Ela fez uma pausa retórica, como quem aguarda uma resposta, mas tanto William quanto o pai sabiam que na verdade não esperava nenhuma. William se lembrou de que padres supostamente não deveriam presenciar derramamento de sangue e considerou a possibilidade de ser por isso que Waleran não queria se envolver na prisão de Bartholomew. Pensando melhor, porém, percebeu que o arcediogo não tinha esse tipo de escrúpulo.

– Vou dizer por quê – continuou a mãe. – Porque ele não tem certeza se Bartholomew é traidor. A informação que recebeu não é confiável. Não consigo imaginar onde a obteve... Talvez tenha entre ouvido uma conversa entre bêbados, interceptado uma mensagem ambígua ou falado com um espião de pouca confiança. De toda forma, não está disposto a se arriscar. Ele não vai acusar o conde Bartholomew de traição abertamente, pois a acusação poderia se revelar falsa e o próprio Waleran pagaria pela calúnia. Ele quer que outra pessoa assuma esse risco e faça o trabalho sujo por ele. Quando tudo terminar, caso a traição seja provada, ele então se apresentará

para levar sua parte do crédito. Mas, se Bartholomew no fim das contas for inocente, Waleran simplesmente nunca vai admitir ter contado o que nos contou hoje.

Dito assim, parecia óbvio. Sem a mãe, William e o pai teriam caído direitinho na armadilha de Waleran. Teriam agido voluntariamente como agentes do arcediogo e corrido os riscos por ele. A avaliação política da mãe era precisa.

– Quer dizer que devemos simplesmente esquecer o assunto? – perguntou o pai.

– É claro que não. – Os olhos dela brilharam. – Continua sendo uma chance de destruir as pessoas que nos humilharam. – Um cavaleiro segurou o cavalo para que ela montasse. Ela pegou as rédeas e o dispensou com um aceno, mas não montou na hora. Ficou parada junto ao animal, afagando seu pescoço com um ar pensativo, e tornou a falar em voz baixa: – Precisamos de provas da conspiração para que ninguém possa negá-la depois que tivermos feito a acusação. Teremos de obter essas provas pela astúcia, sem revelar o que estamos procurando. Então, quando as tivermos, poderemos prender o conde Bartholomew e levá-lo até o rei. Confrontado com as provas, Bartholomew vai confessar e implorar clemência. Então nós pediremos nossa recompensa.

– E negaremos que Waleran nos ajudou – acrescentou o pai.

A mãe balançou a cabeça.

– Vamos deixá-lo ter seu quinhão de glória e sua recompensa. Assim, ele será nosso devedor, e isso só pode nos trazer vantagem.

– Mas como vamos conseguir provas do complô? – indagou o pai, ansioso.

– Temos de achar um jeito de procurar no castelo de Bartholomew – respondeu a mãe, com o cenho franzido. – Não vai ser fácil. Ninguém acreditará se dissermos que estamos fazendo uma visita de cortesia. Todos sabem que odiamos Bartholomew.

William teve uma ideia.

– Eu poderia ir.

Seus pais ficaram um pouco espantados.

– Você levantaria menos suspeitas do que seu pai, acho eu – disse sua mãe. – Mas que pretexto teria?

William já havia pensado no assunto.

– Eu poderia ir falar com Aliena – sugeri, e essa possibilidade fez sua pulsação disparar. – Poderia implorar que ela reconsiderasse a decisão. Afinal de contas, ela na verdade não me conhece. Me julgou mal quando nos encontramos. Eu poderia ser um bom marido para ela. Talvez ela só precise ser cortejada com um pouco mais de afinho.

Sorriu torcendo para que parecesse cínico e os pais não percebessem que cada palavra era sincera.

– Uma desculpa perfeitamente plausível – concordou a mãe. Ela encarou o filho com atenção. – Por Cristo, será que esse menino herdou um pouco da minha inteligência, no fim das contas?



No dia seguinte à Epifania, quando partiu para Earlscastle, William se sentia otimista pela primeira vez em muitos meses. A manhã estava ensolarada e fria. O vento norte fazia arder suas orelhas e a grama congelada estalava sob os cascos de seu cavalo de combate. Por cima de uma túnica escarlate, ele vestia uma capa cinza feita com uma bela fazenda de Flandres e debruada de pele de coelho.

Seu lacaios, Walter, o acompanhava. Quando William tinha 12 anos, Walter havia se tornado seu instrutor de armas e lhe ensinara a montar, caçar, esgrimir e lutar corpo a corpo. Agora era o seu lacaios, companheiro e guarda-costas. Era tão alto quanto William, mas ainda mais largo, um verdadeiro barril em forma humana. Nove ou dez anos mais velho do que o patrão, era jovem o bastante para sair para beber e correr atrás de garotas, mas velho o suficiente para manter o rapaz longe de problemas quando necessário. Era o melhor amigo de William.

A perspectiva de tornar a ver Aliena o deixava estranhamente animado, muito embora ele soubesse que corria o risco de ser rejeitado e humilhado outra vez. Aquele rápido instante em que vira a moça na catedral de Kingsbridge, quando encarou brevemente seus olhos muito escuros, tornara a acender seu desejo. Ansiava por conversar com ela, chegar perto dela, ver aquela cascata de cachos que balançava quando ela falava, ver seu corpo se mover por baixo do vestido.

Ao mesmo tempo, a oportunidade de se vingar havia aguçado seu ódio.

Ficava tenso, mas também empolgado, ao pensar que agora tinha a chance de apagar a humilhação que ele e a família tinham sofrido.

Queria ter uma ideia mais clara do que estava procurando. Tinha bastante confiança de que conseguiria descobrir se a história de Waleran era verdadeira, pois com certeza haveria indícios de preparação para uma guerra no castelo – cavalos sendo inspecionados, armas sendo limpas, comida sendo armazenada –, embora a atividade naturalmente fosse estar disfarçada de outra coisa, talvez de preparativos para uma expedição, de modo a enganar um observador casual. Mas se convencer da existência de um complô não era o mesmo que poder prová-la. William não conseguia pensar em nada que pudesse servir de prova. Planejava manter os olhos abertos e torcia para que algo se apresentasse. Mas isso não era realmente um plano, e ele sofria ao pensar que a oportunidade de vingança poderia lhe escapar por entre os dedos.

Conforme foi se aproximando, começou a ficar mais tenso. Poderiam lhe negar entrada no castelo, refletiu, e sentiu um instante de pânico, até perceber como isso era improvável: o castelo era um local público e, se o conde o fechasse para a pequena nobreza da região, seria como anunciar que uma traição estava em andamento.

O conde Bartholomew morava a poucos quilômetros do condado de Shiring. O castelo era ocupado pelo representante do rei e o conde vivia em outro, do lado de fora da cidade. O pequeno vilarejo que havia brotado em volta dos muros do castelo era conhecido como Earlscastle, “castelo do conde”. William estivera ali antes, mas dessa vez olhou para o lugar como um invasor.

Havia um fosso largo e profundo, no formato do número oito, com o círculo superior menor do que o inferior. A terra que fora escavada para abrir o fosso tinha sido empilhada dentro dos círculos de modo a formar muralhas.

No ponta de baixo do oito havia uma ponte que atravessava o fosso e uma brecha na muralha de terra que davam acesso ao círculo inferior. Era a única entrada. Não havia como chegar ao círculo superior a não ser passando pelo inferior e atravessando outra ponte por cima do fosso que separava os dois círculos. O superior era o refúgio interno do castelo.

Quando cruzaram os campos abertos que cercavam o castelo, William e Walter viram muita movimentação. Dois homens de armas cruzaram a

ponte montando cavalos velozes e partiram em direções diferentes, e um grupo de quatro cavaleiros atravessou a ponte logo antes de William e Walter.

William notou que o último trecho da ponte podia ser erguido para dentro do imenso vão de pedra que constituía a entrada. O muro de terra tinha torres de pedra espaçadas a intervalos regulares para que, em caso de ataque, todo o perímetro pudesse ser ocupado por arqueiros. Tomar aquele castelo em uma investida frontal seria uma empreitada demorada e sangrenta, e os Hamleighs não conseguiriam reunir homens suficientes para ter certeza da vitória, concluiu William melancolicamente.

Nesse dia, é claro, o castelo estava aberto para negócios. William deu seu nome à sentinela no portão e foi conduzido para dentro sem demora. No círculo inferior, abrigado do mundo exterior pelos muros de terra, ficava o conjunto habitual de edificações domésticas: estábulos, cozinhas, oficinas, uma torre com as latrinas e uma capela.

Pairava certo entusiasmo no ar. Todos os cavaleiros, escudeiros, criados e criadas andavam depressa e falavam alto, cumprimentando-se e contando piadas. Para quem não desconfiasse de nada, a animação e o movimento seriam apenas uma reação normal à volta do senhor do castelo, mas para William pareceu mais do que isso.

Ele deixou Walter no estábulo com os cavalos e atravessou até o outro lado do complexo. Ali, exatamente em frente ao portão, uma ponte sobre o fosso conduzia ao círculo superior. Depois de atravessá-la, havia outro portão, e ele foi abordado por outro guarda. Dessa vez lhe perguntaram o que desejava.

– Vim falar com lady Aliena – respondeu.

O guarda não o conhecia, mas o examinou de cima a baixo, reparou em sua capa e sua túnica vermelha de qualidade e julgou, pela aparência, que fosse um esperançoso pretendente.

– A jovem dama está no salão principal – disse, com um sorriso malicioso.

No centro do círculo superior ficava uma construção de pedra quadrada, com três andares e paredes grossas. Era a torre de menagem. Como sempre, o térreo era um depósito. O salão ficava acima, acessível por uma escada externa de madeira que podia ser suspensa para dentro da torre. No último andar devia ficar o quarto do conde, seu último refúgio

quando os Hamleighs fossem pegá-lo.

Toda a planta do castelo apresentava ao invasor uma formidável série de obstáculos. Essa era a intenção, claro, mas, agora que William pensava em como passar pelos obstáculos, viu com muita clareza a função dos diferentes elementos do projeto. Mesmo que os invasores conseguissem penetrar o círculo inferior, ainda teriam de passar por outra ponte e outro portão e, em seguida, investir contra a sólida torre de menagem. Precisariam então dar um jeito de chegar ao piso superior – provavelmente construindo outra escada – e, mesmo assim, era quase certo que ainda haveria mais uma luta para subir a escada do salão até o quarto do conde. O único jeito de tomar aquele castelo era por um cuidadoso ardil, entendeu William, e começou a imaginar meios de ele próprio entrar sem ser visto.

Subiu a escada e entrou no salão. Havia muita gente, mas o conde não estava ali. No canto esquerdo mais afastado ficava a escada que conduzia ao seu quarto, e quinze a vinte cavaleiros e homens de armas sentados ao redor do pé da escada conversavam em voz baixa. Aquilo era pouco usual. Cavaleiros e homens de armas formavam duas classes sociais distintas. Os primeiros eram proprietários de terras que se sustentavam com aluguéis, enquanto os outros recebiam soldos diários. Os dois grupos só travavam amizade quando o vento trazia o aroma da guerra.

William reconheceu alguns deles: ali estavam Gilbert Catface, um velho e mal-humorado soldado com uma barba fora de moda e longas suíças, com mais de 40 anos mas ainda forte; Ralph de Lyme, capaz de gastar mais dinheiro com roupas do que com uma noiva e que trajava uma capa azul com forro de seda vermelho; Jack Fitz Guillaume, que já era cavaleiro, embora fosse pouco mais velho do que William; e outros cujos rostos lhe pareceram vagamente familiares. Fez um leve cumprimento com a cabeça para todos, mas ninguém reparou muito nele. Apesar de conhecido, ele era jovem demais para ter importância.

William se virou, olhou para o outro lado do salão e na mesma hora viu Aliena.

Ela parecia bem diferente nesse dia. Na véspera, estava vestida para a catedral, em seda, lã de boa qualidade e linho, com anéis, fitas e botas de bico fino. Agora trajava a túnica curta de uma camponesa ou de uma criança e estava descalça. Sentada em um banco, estudava um tabuleiro sobre o qual estavam dispostas peças de cores diferentes. Enquanto

William observava, ergueu a barra da túnica e cruzou as pernas, deixando à mostra os joelhos, e franziu o nariz. Na véspera ela havia lhe parecido incrivelmente sofisticada. Hoje era uma criança vulnerável, e William a desejou mais ainda. De repente, sentiu vergonha por aquela menina tão nova ter sido capaz de lhe causar tamanho sofrimento e ansiou por encontrar algum jeito de lhe mostrar que podia dominá-la. Sentiu algo próximo à luxúria.

Ela jogava com um menino uns três anos mais novo. A expressão dele era irrequieta, impaciente: não estava gostando daquele jogo. William viu uma semelhança clara entre os dois. De fato, o menino se parecia com a Aliena criança de quem ele se lembrava, com o nariz arrebitado e os cabelos curtos. Devia ser seu irmão mais novo, Richard, herdeiro do título de conde.

William chegou mais perto. Richard ergueu os olhos para ele, em seguida voltou a atenção para o tabuleiro. Aliena estava concentrada. O tabuleiro de madeira pintada tinha o formato de uma cruz e era dividido em quadrados de cores diferentes. As peças brancas e pretas pareciam feitas de marfim. Pelo visto, o jogo era uma variante do marel ou do jogo da trilha e devia ser um presente trazido da Normandia pelo conde. William estava mais interessado em Aliena. Quando ela se inclinou para a frente por cima do tabuleiro, o decote de sua túnica se abriu e ele pôde ver a parte superior dos seios. Eram tão grandes quanto havia imaginado, e ele sentiu a boca seca.

Richard moveu uma peça no tabuleiro.

– Não, isso você não pode fazer – disse a irmã.

O menino ficou confuso.

– Por que não?

– Porque é contra as regras, seu burro.

– Eu não *gosto* das regras – falou Richard com petulância.

Aliena perdeu a paciência.

– Você tem de obedecer às regras!

– Por quê?

– Tem de obedecer e pronto!

– Bom, eu não vou obedecer – disse ele, e derrubou o tabuleiro no chão, fazendo as peças se espalharem.

Rápida como um raio, Aliena deu um tapa na cara do irmão.

O garoto gritou, o orgulho e o rosto feridos.

– Sua... – Ele hesitou. – Sua vaca maldita! – gritou, depois deu meia-volta e saiu correndo, mas dali a três passos trombou com William.

O jovem Hamleigh suspendeu o garoto por um dos braços e o segurou no ar.

– Não deixe o padre escutar você chamando sua irmã assim – disse ele.

Richard se contorceu e gritou:

– Você está me machucando. Me solte!

William o segurou por mais um tempo. Richard parou de se debater e começou a chorar. William o largou e o menino saiu correndo, em prantos.

Aliena encarava o rapaz. Havia esquecido o jogo e rugas de incompreensão franziam sua testa.

– O que está fazendo aqui? – perguntou.

Falou com uma voz baixa e calma, a voz de alguém mais velho.

William se sentou no banco, contente com o modo primoroso como havia lidado com Richard.

– Vim ver você.

Uma expressão de cautela tomou conta do rosto dela.

– Por quê?

William se posicionou de modo a poder observar a escada. Viu descer para o salão um homem de 40 e poucos anos vestido como um criado de alta patente: barrete redondo e túnica curta de bom tecido. O criado gesticulou para alguém e um cavaleiro e um homem de armas subiram juntos a escada. William tornou a olhar para Aliena.

– Quero falar com você.

– Sobre o quê?

– Sobre nós dois.

Por cima do ombro da moça, ele viu o criado se aproximar deles. Seu modo de andar era um pouco afeminado. Em uma das mãos ele carregava um pão de açúcar cônico marrom-claro; na outra, uma raiz contorcida que parecia gengibre. Aquele era claramente o encarregado do castelo, e acabara de ir ao cofre de especiarias, um armário trancado no quarto do conde, buscar a quantidade diária de ingredientes preciosos que agora estava levando para o cozinheiro: açúcar para adoçar uma torta de maçãs silvestres, talvez, e gengibre para dar sabor às lampreias.

Aliena acompanhou o olhar de William.

– Ah, Matthew. Olá.

O encarregado sorriu e quebrou um pedaço de açúcar para ela. William percebeu que Matthew gostava muito de Aliena. Algo no comportamento da moça deve ter dado a entender ao encarregado que ela estava pouco à vontade, pois seu sorriso se transformou num cenho franzido de preocupação.

– Está tudo bem? – indagou, numa voz suave.

– Sim, obrigada.

Matthew olhou para William e seu rosto registrou surpresa.

– Jovem William Hamleigh, não é?

Embora isso fosse inevitável, William sentiu vergonha ao ser reconhecido.

– Guarde seu açúcar para as crianças – falou, embora o encarregado não tivesse lhe oferecido nada. – Eu não gosto.

– Muito bem, milorde. – A expressão de Matthew dizia que ele não havia chegado àquela posição criando caso com filhos de nobres. Virou-se outra vez para Aliena. – Seu pai trouxe uma seda macia maravilhosa, mais tarde lhe mostro.

– Obrigada.

Matthew foi embora.

– Tolo afeminado – comentou William.

– Por que você foi tão grosseiro com ele? – perguntou Aliena.

– Não deixo criado nenhum me chamar de “jovem William”. – Aquele não era um bom jeito de iniciar a corte a uma dama. Desolado, William percebeu que tinha começado mal. Precisava se mostrar encantador. Sorriu e tornou a falar: – Se você fosse minha esposa, os criados a chamariam de milady.

– Você veio aqui falar sobre casamento? – indagou ela, e William achou que ela falava com incredulidade.

– Você não me conhece – disse ele, em tom de protesto. Deu-se conta, consternado, de que não estava conseguindo manter aquele diálogo sob controle. Havia planejado um pouco de conversa-fiada antes de entrar no assunto, mas ela foi tão direta e franca que ele foi forçado a abrir o jogo. – Fez mau juízo de mim. Não sei o que fiz na última vez em que nos vimos para lhe desagradar tanto, mas, seja qual for seu motivo, você foi apressada demais.

Ela olhou para o outro lado, pensando no que responder. Atrás dela, William viu o cavaleiro e o homem de armas descerem a escada e saírem pela porta com um ar decidido. Instantes depois, um homem vestido num hábito religioso, decerto o secretário do conde, apareceu lá em cima e acenou. Dois cavaleiros se levantaram e subiram: Ralph de Lyme, cujo forro vermelho da capa lampejou, e outro mais velho e calvo. Obviamente, os homens que aguardavam no salão estavam encontrando o conde em seu quarto, sozinhos ou em duplas. Mas por quê?

– Depois de todo esse tempo? – perguntou Aliena. Estava reprimindo alguma emoção. Talvez fosse raiva, mas William teve a ligeira sensação de que era uma risada. – Depois de toda a confusão, de toda a raiva e o escândalo, justo quando as coisas estão enfim se acalmando, agora você vem me dizer que eu cometi um erro?

Dito assim, percebeu William, parecia mesmo meio implausível.

– As coisas não se acalmaram nem um pouco... As pessoas continuam comentando, minha mãe ainda está uma fera e meu pai não pode andar em público de cabeça erguida – falou, sem se conter. – Para nós, não terminou.

– Para você é tudo uma questão de honra familiar, não é?

Havia na voz dela um tom de perigo, mas William o ignorou. Acabara de perceber o que o conde devia estar fazendo com todos aqueles cavaleiros e soldados: despachando recados.

– Honra familiar? – repetiu, distraído. – Sim.

– Sei que eu deveria pensar em honra, em alianças entre famílias e nessa coisa toda – disse Aliena. – Mas um casamento não é só isso. – Ela pareceu refletir por um instante antes de tomar uma decisão. – Talvez eu deva lhe contar sobre a minha mãe. Ela odiava meu pai. Ele não é um homem mau; é um grande homem, na verdade, e eu o amo, mas é muito formal e rígido, e nunca entendeu minha mãe. Ela era uma pessoa feliz, de coração leve, que adorava rir, contar histórias e ouvir música, e meu pai a fez muito infeliz. – William notou vagamente que a moça tinha lágrimas nos olhos, mas estava pensando nos recados. – Foi por isso que ela morreu... porque ele não a deixou ser feliz. Eu sei disso. E ele também sabe, entende? Por isso me prometeu nunca me obrigar a casar com alguém de quem eu não gostasse. Entende agora?

O conde está enviando ordens, pensou William, ordens para os amigos e aliados, avisando que se preparem para lutar. E os mensageiros são

provas.

Percebeu que Aliena o encarava.

– Casar com alguém de quem você não goste? – indagou, repetindo as últimas palavras dela. – Você não gosta de mim?

Um brilho de raiva atravessou os olhos dela.

– Você não prestou atenção no que eu falei – disse ela. – É tão egocêntrico que não consegue nem por um segundo considerar os sentimentos de outra pessoa. Na última vez em que estive aqui, o que você fez? Ficou falando sem parar sobre si mesmo e não me fez sequer uma pergunta!

A voz dela havia se transformado em um grito, e quando ela se calou William percebeu que os homens do outro lado do salão tinham ficado quietos para escutar. Sentiu vergonha.

– Não fale tão alto – pediu.

Ela não lhe deu atenção.

– Quer saber por que não gosto de você? Está bem, vou lhe dizer. Não gosto de você porque você não tem nenhum refinamento. Não gosto de você porque você mal sabe ler. Não gosto de você porque você só se interessa pelos seus *cachorros* e pelos seus *cavalos* e por *você mesmo*.

Gilbert Catface e Jack Fitz Guillaume agora gargalhavam. William sentiu o rosto ficar vermelho. Aqueles homens não eram *ninguém*, eram *cavaleiros*, e estavam rindo *dele*, o filho de lorde Percy Hamleigh. Ficou de pé.

– Está *bem* – falou, imperativo, tentando deter Aliena.

Não adiantou.

– Não gosto de você porque você é egoísta, chato e burro – berrou ela. Todos os cavaleiros agora estavam rindo. – Não gosto de você, desprezo você, detesto e abomino você. E é *por isso* que não vou me casar com você!

Os cavaleiros reagiram com assobios e aplausos. William ficou envergonhado. Aqueles risos o faziam se sentir pequeno, fraco e impotente como um menininho, e quando ele era menino tinha medo o tempo todo. Virou as costas para Aliena, lutando para controlar a expressão e ocultar os sentimentos. Enquanto as risadas iam ficando mais altas, atravessou o salão o mais rápido que conseguiu sem correr. Por fim, chegou à porta, abriu-a com um tranco e saiu cambaleando. Bateu-a atrás de si e desceu

correndo a escada, quase sufocando de tanta vergonha, e o som cada vez mais distante das risadas zombeteiras ecoou em seus ouvidos por todo o pátio enlameado até o portão.



O caminho de Earlscastle até Shiring cruzava uma estrada principal depois de uns 2 quilômetros. Na encruzilhada, um viajante podia virar para o norte, em direção a Gloucester e à fronteira galesa, ou para o sul, rumo a Winchester e ao litoral. William e Walter dobraram para o sul.

A angústia do rapaz havia se transformado em raiva. Sua fúria era tanta que ele nem conseguia falar. Queria ferir Aliena e matar todos aqueles cavaleiros. Queria ter cravado a espada em cada boca que ria e enfiá-la em cada garganta. Mas havia pensado em um jeito de se vingar de pelo menos um deles. Se funcionasse, ainda obteria a prova de que precisava. Essa possibilidade lhe proporcionou uma intensa sensação de consolo.

Primeiro precisava capturar um deles. Assim que a estrada entrou pela mata, apeou e seguiu a pé, puxando o cavalo. Por respeito ao seu estado de espírito, Walter o seguiu em silêncio. William chegou a um trecho mais estreito do caminho e parou. Virou-se para o criado.

– Quem é melhor com uma faca: eu ou você? – perguntou.

– Em uma luta, eu – respondeu o outro homem com cautela. – Mas o senhor lança melhor, milorde.

Todos o chamavam de milorde quando ele estava bravo.

– Posso imaginar que você consiga fazer um cavalo disparado tropeçar e derrubá-lo no chão?

– Sim, com uma boa vara firme.

– Então vá achar uma árvore pequena, arranque-a do chão e apare, assim terá uma boa vara.

Walter se afastou.

William conduziu os dois cavalos pela mata até uma clareira a uma boa distância da estrada e os amarrou. Retirou as selas e separou dos arreios algumas cordas e tiras de couro, o suficiente para amarrar as mãos e os pés de um homem com um pouco de sobra. Tinha apenas um plano

grosseiro, mas, como não havia tempo para pensar em nada mais elaborado, ele teria de torcer pelo melhor desfecho.

No caminho de volta até a estrada, encontrou um pedaço sólido de carvalho caído, seco e duro, para usar como porrete.

Walter o aguardava com a vara. William escolheu o lugar onde o laçao ficaria deitado, de tocaia, atrás do tronco grosso de uma bétula que crescia junto à estrada.

– Não estique a vara cedo demais, senão o cavalo vai pular por cima – alertou. – Mas não demore demais, porque não é possível fazê-lo tropeçar nas patas traseiras. O ideal é enfiar a vara entre as duas patas dianteiras. E tente espetar a ponta no solo, para que o animal não a chute para longe.

Walter aquiesceu.

– Já vi isso ser feito.

William caminhou uns 30 metros de volta na direção de Earlscastle. Seu papel seria se certificar de que o cavalo disparasse, de modo que estivesse galopando depressa demais para evitar a vara de Walter. Escondeu-se o mais perto que conseguiu da estrada. Mais cedo ou mais tarde, um dos mensageiros do conde Bartholomew iria aparecer. William esperava que não demorasse muito. Estava ansioso para saber qual seria o desfecho e impaciente para acabar logo com aquilo.

Enquanto riam de mim, aqueles cavaleiros não faziam ideia de que eu os espionava, pensou, e isso lhe deu certo consolo. Mas um deles está prestes a descobrir, então vai se arrepender. E vai desejar ter caído de joelhos e beijado as minhas botas. Vai chorar, implorar e suplicar que eu o perdoe, e vou machucá-lo ainda mais.

Ele tinha outros consolos. Se seu plano desse certo, poderia provocar a derrocada do conde Bartholomew e a ressurreição dos Hamleighs. Então todos aqueles que haviam se divertido às custas do cancelamento de suas bodas tremeriam de medo, e alguns sofreriam mais do que simplesmente de medo.

A desgraça de Bartholomew seria também a de Aliena, e essa era a melhor parte. O orgulho inflado da moça e seus modos superiores teriam de mudar depois que o pai dela fosse enforcado como traidor. Desse dia em diante, se ela quisesse sedas macias e pães de açúcar, teria de se casar com William. Imaginou-a humilde e contrita, levando-lhe uma torta quente da cozinha, erguendo para ele aqueles grandes olhos escuros, ávida

por agradar, torcendo por uma carícia, com a boca doce entreaberta a suplicar um beijo.

Sua fantasia foi interrompida pelo barulho de cascos batendo na lama da estrada endurecida pelo inverno. Ele sacou a faca e a sopesou para recordar seu peso e equilíbrio. Na ponta, a lâmina era afiada dos dois lados, para penetrar melhor. Ele ficou em pé, se encostou na árvore que o ocultava, segurou a faca pela lâmina e aguardou, quase sem respirar. Estava nervoso. Tinha medo de errar a faca, de o cavalo não cair ou de o cavaleiro matar Walter com um golpe de sorte, obrigando William a enfrentá-lo sozinho... Algo nas batidas dos cascos que se aproximavam o incomodou. Viu Walter espiá-lo por entre a vegetação com o cenho franzido de preocupação: o lacaios também havia escutado. Então William entendeu o que era. Havia mais de um cavalo. Teve de tomar uma decisão rápida. Deviam atacar duas pessoas? Talvez a luta fosse equilibrada demais. Decidiu deixá-los passar e esperar um cavaleiro que viesse só. Estava decepcionado, mas era o mais sensato. Com uma das mãos, fez um gesto para Walter deixar passar. O lacaios assentiu sinalizando que havia entendido e tornou a mergulhar em seu esconderijo.

Instantes depois, dois cavalos surgiram. William avistou um lampejo de seda vermelha: Ralph de Lyme. Então viu a cabeça calva do homem que o acompanhava. Os dois passaram trotando e sumiram de vista.

Apesar da sensação de anticlímax, William ficou feliz por ter confirmado sua teoria de que o conde estava despachando aqueles homens como mensageiros. Mas se perguntou, nervoso, se Bartholomew teria uma política de enviá-los sempre em duplas. Seria uma precaução natural. Quando era possível, por questão de segurança, as pessoas viajavam em grupos. Por outro lado, Bartholomew tinha muitos recados e um número limitado de homens, e poderia considerar um exagero usar dois cavaleiros para levar uma só mensagem. Além do mais, aqueles eram homens violentos. Com certeza seriam páreo duro para um fora da lei mediano em caso de briga, e o fora da lei teria pouco a ganhar enfrentando um cavaleiro. Afinal, cavaleiros não costumavam carregar muita coisa que valesse a pena roubar, exceto a espada, difícil de vender sem ter de responder a perguntas complicadas, e o cavalo, que provavelmente ficaria aleijado na emboscada. Na floresta, um cavaleiro tinha mais segurança do que a maioria das pessoas.

William coçou a cabeça com o cabo da faca. O desfecho era incerto.

Acomodou-se para esperar. A floresta estava silenciosa. Um sol fraco de inverno apareceu, bruxuleou por entre a densa folhagem durante algum tempo, então sumiu. A barriga de William lhe lembrou que já passava da hora do almoço. Um cervo atravessou a estrada a alguns metros de distância, sem saber que era observado por um homem faminto. William começou a ficar impaciente.

Decidiu que, se outra dupla de cavaleiros aparecesse, teria de atacar. Era arriscado, mas dispunha da vantagem da surpresa e tinha Walter, que era um tremendo lutador. Além do mais, talvez aquela fosse sua última chance. Sabia que poderia morrer e estava com medo, mas talvez morrer fosse melhor do que seguir vivendo naquela constante humilhação. Pelo menos morrer lutando era um fim honrado.

O melhor de tudo, pensou, seria se Aliena aparecesse, sozinha, trotando em um pônei branco. Ela despencaria do cavalo, machucaria os braços e as pernas e cairia por cima de um arbusto espinhoso. Os espinhos arranhariam sua pele macia, arrancando-lhe sangue. William pularia em cima dela e a imobilizaria no chão. Ela ficaria horrorizada.

Distraiu-se com essa ideia, bolando detalhes dos ferimentos dela, se deliciando com o modo como seu peito arfaria para cima e para baixo enquanto ele ficaria montado sobre dela, e imaginando a expressão de terror abjeto em seu rosto ao descobrir que estava totalmente à sua mercê. Foi então que tornou a escutar um barulho de cascos.

Dessa vez, era um cavalo só.

Endireitou-se, pegou a faca, colocou as costas no tronco da árvore e apurou os ouvidos.

Era um cavalo bom, veloz, não um animal de combate, mas provavelmente um corcel robusto. Estava carregando um peso moderado, como o de um homem sem armadura, e vinha em um trote regular, sem nem mesmo ofegar, o que o pouparia para uma viagem longa. William olhou para Walter e meneou a cabeça: era aquele, ali estava a prova. Ergueu o braço direito, segurando a faca pela ponta da lâmina.

Ao longe, seu próprio cavalo relinchou.

O som ecoou pela floresta silenciosa, sobressaindo-se de forma perfeitamente nítida ao leve tamborilar dos cascos do animal que se aproximava. O cavalo ouviu e interrompeu o ritmo do trote. O cavaleiro

tentou incentivá-lo e reduziu a velocidade da montaria. William praguejou entre os dentes. O cavaleiro agora ficaria cauteloso, tornando tudo mais difícil. Deveria ter levado seu cavalo para mais longe, mas era tarde demais.

Não soube dizer a que distância estava o cavalo que se aproximava agora que ele estava a passo. Tudo começava a dar errado. Resistiu à tentação de espiar de trás da árvore. Esforçou-se ao máximo para escutar alguma coisa. De repente, ouviu o animal resfolegar a uma distância terrivelmente curta, e ele então surgiu a um metro de onde William estava. O cavalo o viu um segundo depois. O animal recuou e o cavaleiro deixou escapar um grunhido de surpresa.

William praguejou. Acabara de perceber que o cavalo poderia se virar e disparar para o lado errado. Tornou a se esconder atrás da árvore e saiu pelo outro lado, atrás do animal, com o braço que segurava a faca erguido. Viu de relance o cavaleiro, barbado e de cenho franzido, puxar as rédeas: era o velho e durão Gilbert Catface. William lançou a faca.

Foi um lançamento perfeito. A ponta da faca acertou a anca da montaria e se enterrou uns dois dedos em sua carne.

O cavalo pareceu se sobressaltar, como um homem que leva um susto, então, antes de Gilbert conseguir reagir, disparou, movido pelo pânico, e saiu galopando a toda, exatamente na direção da emboscada de Walter.

William correu atrás. O cavalo demorou poucos segundos para percorrer a distância até onde Walter estava. Gilbert não fez qualquer esforço para controlar a montaria. Estava ocupado demais tentando permanecer sobre a sela. Os dois chegaram à altura de Walter e William pensou: Agora, Walter, agora!

O laçao ajustou o golpe com tanta perfeição que William nem chegou a enxergar a vara sair de trás da árvore. Viu apenas as patas dianteiras do cavalo se dobrarem, como se toda a força de repente as houvesse abandonado. Então as patas traseiras pareceram alcançar as dianteiras e as quatro se embaralharam. Por fim, a cabeça caiu, a traseira se ergueu e o animal desabou com todo o seu peso.

Gilbert saiu voando. William, que vinha atrás dele, teve seu caminho interrompido pelo animal caído.

O cavaleiro aterrissou bem, rolou no chão e se ajoelhou. Por um instante, William temeu que ele saísse correndo e conseguisse fugir. Então

Walter emergiu dos arbustos, se projetou no ar e se jogou nas costas do homem para derrubá-lo.

Os dois bateram no chão com força. Recuperaram o equilíbrio ao mesmo tempo e William viu, para seu horror, que o ardiloso Gilbert havia sacado uma faca. Saltou por cima do cavalo caído e desferiu o porrete de carvalho em Gilbert logo quando este erguia a arma. O porrete acertou o homem na lateral da cabeça.

Ele se desequilibrou, mas conseguiu se levantar. William o amaldiçoou por ser tão resistente. Preparou o porrete para mais um golpe, mas Gilbert foi mais rápido e se jogou na sua direção com a faca. William estava vestido para cortejar, não para lutar, e a lâmina afiada cortou sua capa de lã fina, mas ele conseguiu pular para trás a tempo de salvar a pele. Gilbert continuou a atacá-lo, impedindo-o de se posicionar para golpear com o porrete. A cada vez que ele atacava, William pulava para trás, mas nunca tinha tempo suficiente para se recuperar e Gilbert já arremetia novamente. De repente, William temeu pela própria vida. Então Walter apareceu por trás de Gilbert e conseguiu derrubá-lo com um chute nas pernas.

William relaxou, aliviado. Por um instante, pensou que fosse morrer. Agradeceu a Deus por Walter.

Gilbert tentou se levantar, mas Walter lhe deu um chute no rosto. William o acertou duas vezes com o porrete para garantir, então o cavaleiro ficou parado.

Eles o rolaram de bruços, e Walter se sentou sobre sua cabeça enquanto William lhe amarrava as mãos atrás das costas. William tirou as botas pretas compridas que Gilbert calçava e amarrou seus tornozelos nus com uma tira de couro bem forte.

Ficou de pé. Sorriu para Walter, que sorriu de volta. Era um alívio ter amarrado bem aquele velho durão e escorregadio.

O passo seguinte era fazer Gilbert confessar.

Ele estava acordando. Walter o virou de frente. Quando Gilbert viu William, seu rosto registrou reconhecimento, em seguida surpresa, depois medo. William ficou satisfeito. Ele já estava se arrependendo de ter rido, pensou. Dali a pouco, iria lamentar ainda mais.

Incrivelmente, o cavalo de Gilbert já estava de pé. Havia se afastado correndo alguns metros, mas depois parou e agora olhava para trás, muito ofegante, sobressaltando-se cada vez que o vento agitava as folhas. A faca

de William tinha se soltado de sua anca. William a recolheu e Walter foi pegar o animal.

William ficou atento para ver se algum cavaleiro se aproximava. Outro mensageiro poderia surgir a qualquer momento. Se isso acontecesse, seria preciso esconder o homem e fazer silêncio. Mas ninguém apareceu, e Walter conseguiu capturar o cavalo de Gilbert sem muita dificuldade.

Jogaram o cavaleiro no lombo de seu próprio animal e conduziram-no pela floresta até onde William havia deixado suas montarias. Como os outros cavalos ficaram agitados ao sentir o cheiro do sangue que brotava do ferimento na anca da montaria de Gilbert, William a conduziu um pouco mais para longe.

Olhou em volta à procura de uma árvore que servisse para seu objetivo. Localizou um olmo que tinha um galho grosso a uns 2,5 metros do chão. Apontou-o para Walter.

– Quero pendurar Gilbert naquele galho – disse.

Walter abriu um sorriso sádico.

– O que vai fazer com ele, milorde?

– Você vai ver.

O rosto curtido de Gilbert estava pálido de medo. William passou uma corda por baixo de suas axilas, amarrou-a nas costas e a lançou por cima do galho.

– Erga-o – disse para Walter.

O laçao obedeceu. O cavaleiro se contorceu, conseguiu se soltar e caiu no chão. Walter pegou o porrete de William e bateu na cabeça de Gilbert até deixá-lo grogue, depois tornou a erguê-lo. William deu várias voltas no galho com a ponta solta da corda e a puxou até deixá-la tesa. Walter soltou Gilbert, que ficou se balançando suavemente, com os pés a um metro do chão.

– Junte um pouco de lenha – ordenou William.

Eles armaram uma fogueira debaixo do cavaleiro, e William a acendeu com uma lasca de sílex. Após alguns segundos, as chamas começaram a crescer. O calor despertou Gilbert do torpor.

Quando ele percebeu o que estava acontecendo, começou a gemer de terror.

– Por favor – pediu. – Por favor, me soltem. Me desculpe por ter rido de você. Por favor, tenha piedade.

William não disse nada. As súplicas de Gilbert lhe davam grande satisfação, mas não eram o que ele estava buscando.

Quando o calor começou a ferir os dedos de seus pés descalços, Gilbert encolheu as pernas para tentar afastar os pés do fogo. O suor escorria de seu rosto, e as roupas chamuscadas começaram a exalar um leve cheiro de queimado. William avaliou que aquele era o momento certo de começar o interrogatório.

– Por que você foi ao castelo hoje? – perguntou.

Gilbert o encarou com os olhos esbugalhados.

– Para prestar minhas homenagens – respondeu. – Isso tem importância?

– Por que você foi prestar suas homenagens?

– O conde acabou de voltar da Normandia.

– Você não foi convocado especialmente?

– Não.

Podia ser verdade, refletiu William. Interrogar um prisioneiro não era uma tarefa tão direta quanto havia imaginado. Pensou mais um pouco.

– O que o conde lhe disse quando você subiu ao quarto dele?

– Ele me cumprimentou e me agradeceu por ter ido lhe dar as boas-vindas.

Seria aquilo uma expressão de dúvida nos olhos de Gilbert? William não teve certeza.

– O que mais? – indagou.

– Perguntou sobre minha família e meu vilarejo.

– Mais nada?

– Nada. De que lhe importa o que ele falou?

– O que ele disse a você sobre o rei Estêvão e a imperatriz Matilda?

– Nada, estou dizendo!

Gilbert não conseguiu mais manter as pernas dobradas e seus pés tornaram a encostar nas chamas cada vez mais altas. Um segundo depois, um grito de agonia lhe escapou da garganta e o corpo dele se contorceu. O espasmo afastou seus pés do fogo por um curto intervalo. Ele percebeu que poderia aliviar a dor balançando-se para a frente e para trás. Com cada balanço, contudo, passava pelas chamas e tornava a gritar.

Mais uma vez, William pensou se Gilbert estaria dizendo a verdade. Não havia como saber. Chegaria uma hora, provavelmente, em que ele

sentiria tanta dor que, na tentativa desesperada de conseguir algum alívio, diria qualquer coisa que William quisesse ouvir. Portanto, era importante não lhe dar uma ideia muito precisa do que queria, concluiu o jovem, preocupado. Nunca havia pensado que poderia ser tão difícil torturar alguém.

Com a voz calma, quase em tom de quem conversa, voltou a falar:

– Para onde você está indo agora?

Gilbert deu um grito de dor e frustração.

– De que importa isso?

– Para onde você está indo?

– Para casa!

O homem estava perdendo o controle. William sabia onde ele morava, ao norte dali. Ele estava indo na direção errada.

– Para onde você está indo? – questionou outra vez.

– O que você quer de mim?

– Eu sei quando você está mentindo – falou William. – Só me diga a verdade. – Ele ouviu Walter soltar um grunhido baixo de aprovação e pensou: Estou ficando melhor nisso. – Para onde está indo? – perguntou pela quarta vez.

Gilbert estava exausto demais para continuar se balançando. Gemendo de dor, parou em cima do fogo e mais uma vez encolheu as pernas para que as chamas não tocassem seus pés. Agora, porém, o fogo estava alto o suficiente para atingir seus joelhos. William reparou em um cheiro levemente familiar, mas ao mesmo tempo um pouco enjoativo. Após alguns instantes, percebeu que se tratava do odor de carne sendo assada, e era conhecido porque se parecia com o do almoço. A pele das pernas e dos pés de Gilbert começara a escurecer e a rachar e os pelos de suas canelas estavam ficando pretos. A gordura de sua carne pingava no fogo e o fazia chiar. Assistir à agonia dele deixou William fascinado. Toda vez que Gilbert gritava, ele sentia uma emoção profunda. Tinha o poder de infligir dor a um homem e isso lhe provocava uma sensação boa. Era um pouco como se sentia quando ficava a sós com alguma moça em um lugar onde ninguém podia escutar seus protestos, quando a imobilizava no chão e lhe subia as saias até a cintura, sabendo que nada mais poderia impedi-lo de tê-la para si.

– Para onde você está indo? – tornou a perguntar, quase relutante.

- Para Sherborne – respondeu Gilbert, contendo um grito.
- Por quê?
- Me tire daqui, pelo amor de Jesus Cristo, e eu conto tudo a você.

William sentiu que a vitória estava ao seu alcance. Isso lhe provocou uma satisfação profunda. Mas ele ainda não havia chegado lá.

- Tire apenas os pés dele do fogo – ordenou a Walter.

O laçao segurou a túnica de Gilbert e a puxou, de modo que as pernas do cavaleiro ficassem longe das chamas.

- Agora – disse William.

– O conde Bartholomew tem cinquenta cavaleiros em Sherborne e nos arredores – contou Gilbert com um grito estrangulado. – Devo reuni-los e levá-los para Earls castle.

William sorriu. Todas as suas suposições se revelavam exatas, o que era gratificante.

- E o que o conde planeja fazer com esses cavaleiros?
- Ele não disse.
- Deixe-o queimar mais um pouco – falou William para Walter.
- Não! – gritou Gilbert. – Vou contar!

Walter hesitou.

- Rápido – alertou William.
- Vão lutar pela imperatriz Matilda contra Estêvão – disse Gilbert por fim.

Pronto: ali estava a prova. William saboreou seu sucesso.

– E quando eu lhe perguntar isso na frente do meu pai, você vai responder a mesma coisa? – indagou.

- Sim, sim.
- E quando meu pai lhe perguntar na frente do rei, vai dizer a verdade?
- Vou!
- Jure pela cruz.
- Juro pela cruz, vou dizer a verdade!
- Amém – falou William, satisfeito, e começou a pisotear a fogueira.



Eles amarraram Gilbert à própria sela, colocaram um cabresto em seu

cavalo para poder puxá-lo e foram seguindo a passo lento. Como o cavaleiro mal conseguia ficar ereto e William queria mantê-lo vivo – morto de nada serviria –, tentou não tratá-lo de modo excessivamente rude. Quando passaram outra vez por um regato, jogou água fria em seus pés queimados. Gilbert urrou de dor, mas aquilo provavelmente lhe fez bem.

William experimentava uma deliciosa sensação de triunfo misturada com um estranho tipo de frustração. Nunca havia matado um homem e desejava poder fazer isso com Gilbert. Torturar alguém sem matá-lo era como arrancar as roupas de uma moça sem estuprá-la. Quanto mais pensava nisso, mais sentia necessidade de uma mulher.

Talvez quando chegasse a sua casa... Não, não haveria tempo. Teria de contar aos pais o que tinha acontecido e eles iriam querer que Gilbert repetisse a confissão diante de um padre e talvez de algumas testemunhas. Depois disso planejavam a captura do conde Bartholomew, que com certeza teria de ocorrer no dia seguinte, antes que ele conseguisse reunir muitos soldados. E William ainda não tinha pensado em um jeito de tomar aquele castelo de maneira furtiva, sem um cerco prolongado...

Pensava com frustração que talvez fosse demorar muito tempo para sequer *ver* uma mulher atraente quando apareceu uma na estrada bem à sua frente.

Estava num grupo de cinco pessoas, caminhando na sua direção. Era uma mulher de cabelos escuros com cerca de 25 anos, não exatamente uma menina, mas jovem o suficiente. William ficou mais interessado: ela era muito bonita, os cabelos castanho-escuros formando um bico de viúva e os olhos profundos de um dourado intenso. O corpo era esbelto e flexível, e a pele, lisa e bronzeada.

– Fique para trás – ordenou William a Walter. – Mantenha o cavaleiro atrás de você enquanto eu falo com eles.

O grupo parou e o observou com um ar de cautela. Estava claro que eram uma família: um homem alto que devia ser o marido, um rapaz já crescido, mas ainda não barbado, e duas crianças pequenas. William notou, com espanto, que o homem lhe parecia familiar.

– Eu o conheço? – perguntou.

– Eu o conheço – respondeu o homem. – E conheço o seu cavalo, pois juntos vocês dois quase mataram minha filha.

William começou a se lembrar. Seu cavalo não chegara a tocar a menina, mas fora por um triz.

– Você estava construindo a minha casa – disse. – E quando eu o dispensei exigiu pagamento e quase me ameaçou.

O homem adotou uma expressão desafiadora e não negou.

– Não parece mais tão atrevido – continuou William, com um sorriso de escárnio. A família inteira parecia estar morrendo de fome. Aquele se revelava um bom dia para acertar as contas com quem tinha ofendido William Hamleigh. – Estão com fome?

– Sim, estamos – respondeu o construtor com um misto de raiva e tristeza.

William tornou a olhar para a mulher. Ela estava parada com os pés um pouco afastados e o queixo erguido, encarando-o destemidamente. Ele havia ficado excitado com Aliena e agora queria saciar a luxúria com aquela ali. Tinha certeza de que ela devia ser bem animada: iria se debater e arranhar. Melhor ainda.

– Você não é casado com essa moça, é, construtor? – perguntou. – Eu me lembro da sua esposa... uma vaca feiosa.

Uma sombra de dor atravessou o semblante do construtor.

– Minha esposa morreu – disse Tom.

– E você não levou esta aqui à igreja, levou? Não tem sequer 1 *penny* para dar ao padre.

Atrás de William, Walter tossiu e os cavalos mexeram, impacientes.

– Suponhamos que eu lhe dê dinheiro para comprar comida – provocou-o William.

– Eu aceitarei com gratidão – respondeu o homem, mas William percebeu que lhe custava se mostrar subserviente.

– Não estou falando de um presente. Eu compraria sua mulher.

A própria mulher respondeu:

– Não estou à venda, garoto.

O desdém atingiu o alvo e William sentiu raiva. Vou lhe mostrar se eu sou um garoto ou um homem quando estivermos sozinhos, pensou. Dirigiu-se ao construtor:

– Eu lhe dou 1 libra de prata por ela.

– Ela não está à venda.

A raiva de William aumentou. Enfurecia-o oferecer uma fortuna a um

morto de fome e receber um não como resposta.

– Seu tolo – disse. – Se não aceitar o dinheiro, vou cravar minha espada em você e trepar com ela na frente das crianças!

O braço do construtor se moveu sob a capa. Ele devia ter algum tipo de arma, pensou William. Era também um homem grande e, embora estivesse magro como a lâmina de uma faca, talvez travasse um combate árduo para salvar a mulher. Ela afastou a própria capa e pousou a mão no cabo de uma adaga surpreendentemente comprida que trazia no cinto. O menino mais velho também era grande o bastante para causar problemas.

– Milorde, não há tempo para isso – interferiu Walter em voz baixa, mas firme.

William concordou com relutância. Tinha de levar Gilbert de volta à residência da família. Era algo importante demais para atrasar por causa de uma briga por uma mulher. Ele teria de sofrer e pronto.

Olhou para aquela pequena família: cinco pessoas esfarrapadas e famintas, dispostas a lutar até o fim com dois homens parrudos a cavalo e armados com espadas. Não conseguia entender aquela gente.

– Então está bem, morram de fome – disse.

Chutou o cavalo e saiu trotando, e dali a poucos instantes todos sumiram de vista.

II

– Podemos ir mais devagar agora? – pediu Ellen quando estavam a pouco mais de um quilômetro do local onde haviam encontrado William Hamleigh.

Tom se deu conta de que estava imprimindo um ritmo forte. Ficara assustado. Por um instante, quando encontrara William, parecera-lhe que ele e Alfred teriam de enfrentar dois homens armados a cavalo. Tom nem sequer tinha arma. Havia colocado a mão debaixo da capa na intenção de pegar seu martelo de pedreiro, então se lembrara, com uma pontada de dor, que semanas antes o trocara por um saco de aveia. Não tinha certeza do motivo que fizera William recuar no final, mas queria aumentar o máximo possível a distância entre eles, caso o jovem senhor mudasse de

ideia dentro daquela cabeça perversa.

Tom não conseguira arrumar trabalho no palácio do bispo de Kingsbridge nem em todos os outros lugares nos quais tinha tentado. Mas havia uma pedreira perto de Shiring e, ao contrário das construções, uma pedreira contratava tantos homens no inverno quanto no verão. É claro que o trabalho que Tom habitualmente fazia era mais qualificado e bem-remunerado do que extrair pedras, mas havia muito tempo que ele já não se importava com isso. Só queria alimentar a família. A pedreira de Shiring pertencia ao conde Bartholomew, e Tom ficara sabendo que o nobre poderia ser encontrado em seu castelo, alguns quilômetros a oeste da cidade.

Agora que tinha Ellen, ele estava ainda mais desesperado do que antes. Sabia que ela havia unido sua vida à dele por amor, sem pesar com cuidado as consequências. Ainda mais porque ela não tinha uma ideia precisa de como poderia ser difícil para Tom arrumar um trabalho. Ela não havia de fato confrontado a possibilidade de eles não sobreviverem ao inverno, e Tom não tinha dito nada por receio de decepcioná-la, pois queria que ela ficasse. Espera-se de uma mulher, porém, que ponha o filho acima de qualquer outra coisa, e Tom temia que Ellen o deixasse.

Fazia uma semana que os dois estavam juntos: sete dias de desespero, sete noites de alegria. Todas as manhãs, Tom acordava feliz e otimista. À medida que o dia avançava, começava a ficar com fome, as crianças se cansavam e Ellen se tornava taciturna. Em alguns dias eles conseguiam comer, como naquele em que haviam cruzado com o monge do queijo, e em outros mascavam tiras de carne-seca de cervo da reserva de Ellen. Era como mastigar couro, mas era melhor do que nada. Quando escurecia, porém, eles se deitavam, desanimados e com frio, e se abraçavam forte para se aquecer. Então, depois de algum tempo, começavam a se acariciar e a se beijar. Nos primeiros dias, Tom sempre queria penetrá-la sem demora, mas ela o impedia delicadamente. Desejava passar muito mais tempo trocando carícias e beijos. Ele fez do jeito dela e ficou encantado. Explorou seu corpo com ousadia e a acariciou em lugares que jamais havia tocado em Agnes: nas axilas, nas orelhas, na fenda das nádegas. Em algumas noites, riam juntos com a cabeça debaixo da capa. Em outras, ficavam muito carinhosos. Certa noite, quando estavam sozinhos na casa de hóspedes de um mosteiro e as crianças dormiam exaustas, ela agiu de

maneira dominante e insistente, ordenando-lhe que fizesse certas coisas com ela, mostrando-lhe como estimulá-la com os dedos, e ele obedeceu, espantado e excitado pela sua falta de vergonha. Quando tudo terminava, eles caíam em um sono profundo e restaurador, e todo o medo e a raiva do dia eram levados embora pelo amor.

Era meio-dia agora. Tom calculou que William Hamleigh já estivesse longe e decidiu parar para descansar. A única comida que tinham era a carne-seca de cervo, mas de manhã haviam mendigado um pouco de pão em uma fazenda isolada e a mulher lhes dera um pouco de cerveja dentro de uma garrafa grande de madeira sem rolha e lhes deixara ficar com a garrafa. Ellen havia guardado metade da bebida para o almoço.

Tom sentou na borda de um velho toco de árvore e a mulher se acomodou ao seu lado. Tomou um grande gole de cerveja e passou a garrafa para ele.

– Quer um pouco de carne também?

Ele recusou e bebeu um pouco. Poderia facilmente ter tomado tudo, mas deixou um pouco para as crianças.

– Poupe a carne – falou para Ellen. – Talvez consigamos um jantar no castelo.

Alfred levou a garrafa à boca e a secou.

Jack ficou arrasado e Martha começou a chorar. Alfred abriu um sorrisinho estranho.

Ellen olhou para Tom.

– Você não deveria deixar Alfred agir assim impunemente – falou, após alguns instantes.

Tom deu de ombros.

– Ele é maior do que as crianças... Precisa de mais.

– Ele sempre ganha uma porção maior, de toda forma. Os pequenos precisam de *alguma coisa*.

– Meter-se em brigas de crianças é perda de tempo – retrucou Tom.

A voz de Ellen se tornou ríspida.

– Está dizendo que Alfred pode abusar quanto quiser dos mais novos e você não vai tomar nenhuma providência?

– Ele não abusa delas – respondeu Tom. – Crianças brigam o tempo todo.

Ela balançou a cabeça. Parecia não acreditar.

– Não entendo você. Em todos os outros aspectos, é um homem bom. Mas, em relação a Alfred, é simplesmente cego.

Tom achava que ela estava exagerando, mas não queria desagradá-la, então falou:

– Dê um pouco de carne para os pequenos.

Ellen abriu a bolsa. Podia ver que ela ainda estava brava. Cortou uma tira de carne-seca para Martha e outra para Jack. Alfred estendeu a mão para ganhar a sua, mas Ellen o ignorou. Tom pensou que ela deveria ter dado um pouco para o rapaz. Não havia nada de errado com Alfred. Era Ellen quem não o entendia. Ele era um rapaz grande, pensou Tom com orgulho, tinha muito apetite e o pavio curto, e se isso fosse pecado todos os jovens do mundo estariam condenados.

Descansaram por algum tempo, então recomeçaram a andar. Jack e Martha iam na frente, ainda mascando a carne fibrosa. Apesar da diferença de idade – Martha tinha 6 anos, Jack devia ter 11 ou 12 –, eles dois se davam bem. Martha achava Jack totalmente fascinante, enquanto ele parecia adorar a experiência nova de ter outra criança com quem brincar. Era uma pena que Alfred não gostasse de Jack. Isso espantava Tom: imaginara que Jack, que ainda estava longe de virar um homem, fosse insignificante demais para despertar o desprezo de Alfred, mas não. Seu filho era mais forte, claro, mas o pequeno Jack era mais inteligente.

Tom se recusava a se preocupar com isso. Eram só dois garotos. Tinha muito em que pensar para perder tempo afligindo-se com rixas infantis. Às vezes se perguntava, em seu íntimo, se algum dia voltaria a conseguir trabalho. Poderiam seguir vagando pelas estradas, dia após dia, até todos morrerem, um a um: uma das crianças encontrada gelada e sem vida na manhã de um dia muito frio, outra fraca demais para resistir a uma febre, Ellen violentada e morta por um facínora de passagem da laia de William Hamleigh; e ele próprio cada vez mais magro até o dia em que ficaria fraco demais para se levantar de manhã e permaneceria deitado no chão da floresta até perder os sentidos.

Ellen, é claro, o deixaria antes de isso acontecer. Voltaria para sua caverna, onde ainda havia um barril de maçãs e um saco de castanhas, o bastante para manter duas pessoas vivas até a primavera, mas não cinco. Se ela o abandonasse, Tom ficaria com o coração partido.

Perguntou-se como estaria o bebê. Gostava do nome com o qual os

monges o haviam batizado: Jonathan. Segundo o monge do queijo, significava “presente de Deus”. Imaginou o pequeno Jonathan, vermelho, enrugado e meio careca, do jeito que havia nascido. Devia estar diferente agora: para os recém-nascidos, uma semana era muito tempo. Devia ter crescido, e os olhos deveriam estar mais abertos. Não estaria mais alheio ao mundo à sua volta: um barulho alto o faria se sobressaltar e uma canção de ninar o tranquilizaria. Quando precisasse arrotar, sua boca se curvaria nos cantos. Os monges provavelmente não saberiam que eram gases e tomariam aquilo por um sorriso de verdade.

Torceu para que eles cuidassem bem do menino. O monge do queijo lhe dera a impressão de que eram homens gentis e capazes. De toda forma, com certeza tinham mais condições de cuidar do bebê do que Tom, que não tinha onde morar nem dinheiro no bolso. Se eu algum dia me tornar mestre construtor de um projeto realmente grande, ganhando 48 *pence* por semana mais as despesas, doarei dinheiro para esse mosteiro, pensou.

Eles saíram da floresta e logo depois avistaram o castelo.

Tom sentiu o ânimo voltar, mas reprimiu com força o próprio entusiasmo. Havia amargado muitos meses de decepção e aprendera que, quanto mais esperançoso ficasse no começo, mais dolorosa era a rejeição no final.

Aproximaram-se do castelo por uma trilha que cruzava campos descobertos. Martha e Jack acharam um pássaro machucado e todos pararam para olhar. Era uma corruíra, tão pequena que poderia facilmente ter passado despercebida. Martha se abaixou junto à ave, que saltitou para longe, pelo visto incapaz de voar. Ela a alcançou, pegou-a e aninhou a minúscula criatura nas mãos.

– Ela está tremendo! – disse. – Estou sentindo. Deve estar com medo.

O passarinho não tentou mais fugir e ficou parado entre as mãos de Martha, com os olhinhos brilhantes a espiar as pessoas em volta.

– Acho que está com a asa quebrada – falou Jack.

– Me deixe ver – disse Alfred.

Ele pegou o passarinho da mão da irmã.

– Podíamos cuidar dela – pediu Martha. – Talvez ela fique bem.

– Não, não vai ficar – disse Alfred.

Com um gesto rápido das mãos grandes, ele torceu o pescoço do passarinho.

– Ah, pelo *amor* de Deus – exclamou Ellen.

Martha desatou a chorar pela segunda vez naquele dia.

Alfred riu e largou a ave no chão.

Jack a pegou.

– Morreu – disse ele.

– O que há de *errado* com você, Alfred? – perguntou Ellen.

– Não há nada de errado com ele – falou Tom. – O passarinho ia morrer.

Ele recomeçou a andar e os outros foram atrás. Ellen estava brava com Alfred outra vez, e isso deixou Tom irritado. Por que fazer drama por causa de um maldito pássaro? Lembrava-se de como era ter 14 anos, ser um menino dentro de um corpo de homem: a vida era uma frustração. Ellen tinha dito: *Em relação a Alfred, você é simplesmente cego*, mas ela não entendia.

A ponte de madeira que passava por cima do fosso e conduzia ao portão era frágil e instável, mas devia ser proposital: era um ponto de acesso para invasores, e quanto mais rápido caísse, mais seguro era o castelo. Os muros que o cercavam eram de terra, com torres de pedra a intervalos regulares. Quando atravessaram a ponte, surgiu à sua frente um portão com estrutura de pedra, como se fossem duas torres ligadas por uma passarela. Há muito trabalho de cantaria por aqui, pensou Tom. Não é um desses castelos feitos só com barro e madeira. Amanhã eu talvez esteja trabalhando. Recordou a sensação de segurar ferramentas de boa qualidade, do atrito do cinzel no bloco de pedra quando ele alinhava as laterais e alisava a superfície, a textura seca da poeira em suas narinas. Amanhã à noite, talvez minha barriga esteja cheia, e de comida que eu trabalhei para conseguir, não que mendiguei.

Ao chegar mais perto, reparou com seu olho de pedreiro que as ameias sobre o portão se encontravam em mau estado. Algumas das pedras maiores tinham caído, o que deixara o parapeito plano em alguns trechos. Também havia pedras soltas no arco do portão.

Duas sentinelas vigiavam, parecendo alertas. Talvez esperassem problemas. Um deles perguntou a Tom o que ele queria.

– Sou pedreiro, gostaria de ser contratado para trabalhar na pedreira do conde.

– Procure o encarregado – disse a sentinela, atenciosa. – O nome dele é

Matthew. Provavelmente vai encontrá-lo no salão.

– Obrigado – falou Tom. – Que tipo de homem ele é?

O guarda sorriu para o colega

– Ele não é lá muito homem – disse, e ambos riram.

Tom imaginou que logo iria entender que história era aquela. Entrou. Ellen e as crianças o seguiram. As construções no interior das muralhas eram, em sua maioria, feitas de madeira, embora algumas estivessem sobre plataformas de pedra. Uma delas, toda de pedra, provavelmente era a capela. Quando eles cruzaram o pátio, Tom notou que todas as torres no perímetro tinham pedras soltas e ameias danificadas. Atravessaram o segundo fosso, penetraram o círculo superior e pararam diante do segundo portão. Tom disse ao guarda que estava procurando o encarregado Matthew. Entraram na parte superior do complexo e se aproximaram da torre de menagem quadrada. A porta de madeira no térreo claramente conduzia ao depósito. Subiram a escada de madeira até o salão.

Assim que entrou, Tom identificou tanto o conde quanto o encarregado. Soube quem eram pelas roupas. Bartholomew usava uma túnica com as mangas largas nos punhos e a bainha bordada. O lacaios Matthew usava uma túnica curta, do mesmo modelo da de Tom, só que feita de uma fazenda mais macia, e na cabeça um pequeno barrete redondo. Os dois estavam perto da lareira, o conde sentado, o encarregado de pé. Tom se aproximou, parou distante o suficiente para não escutá-los e aguardou que o notassem. O primeiro era um homem alto de mais de 50 anos, com os cabelos brancos e um rosto pálido, magro e arrogante. Não parecia dotado de um espírito generoso. O encarregado era mais jovem. Sua postura fez Tom pensar no comentário do guarda: tinha algo afeminado. Tom não soube muito bem o que pensar dele.

Havia muitas outras pessoas no salão, mas nenhuma prestou atenção em Tom. Ele aguardou, alternando esperança e temor. A conversa do conde com seu encarregado parecia não terminar nunca. Por fim acabou, o encarregado fez uma mesura e se afastou. Tom deu um passo à frente com o coração na boca.

– Você é Matthew? – perguntou.

– Sim.

– Meu nome é Tom. Sou mestre construtor. Sou um bom artesão e meus filhos estão morrendo de fome. Ouvi dizer que vocês têm uma

pedreira – explicou, e prendeu a respiração.

– Nós temos uma pedreira, mas não acho que vamos precisar de mais trabalhadores – respondeu o intendente. Relanceou os olhos para o conde, que balançou a cabeça de maneira quase imperceptível. – Não – continuou –, não podemos contratá-lo.

O que partiu o coração de Tom foi a velocidade da decisão. Quando as pessoas eram formais, quando pensavam muito e lamentavam ao rejeitá-lo, ele podia suportar com mais facilidade. Podia ver que Matthew não era um homem cruel, mas era ocupado, e Tom e sua família faminta eram apenas mais um item do qual devia se livrar o mais depressa possível.

– Eu poderia fazer uns reparos aqui no castelo – insistiu, desesperado.

– Temos um artesão que faz todos esses tipos de serviço para nós – disse Matthew.

Costumava haver nesses lugares um artesão que era pau para toda obra, em geral com experiência em carpintaria.

– Eu sou pedreiro – continuou Tom. – Minhas paredes são fortes.

Matthew se irritou com a insistência e pareceu que ia tecer algum comentário duro, então olhou para as crianças e seu semblante tornou a se abrandar.

– Eu gostaria de lhe dar trabalho, mas não estamos precisando.

Tom aquiesceu. Agora deveria aceitar humildemente o que o encarregado tinha dito, fazer uma cara de coitado e suplicar por um prato de comida e um lugar para passar a noite. Mas Ellen estava ao seu lado e ele temia que ela fosse embora, de modo que fez uma última tentativa.

– Só espero que não estejam prevendo uma batalha para breve – disse, com a voz alta o suficiente para o conde ouvir.

O efeito foi muito mais dramático do que ele imaginava. Matthew se sobressaltou e o conde se pôs de pé e indagou, ríspido:

– Por que diz isso?

Tom entendeu que havia tocado um ponto sensível.

– Porque suas defesas estão em más condições – respondeu.

– Em que sentido? – insistiu o conde. – Seja específico, homem!

Tom inspirou fundo. Apesar de irritado, o conde estava atento. Ele não teria outra chance depois daquela.

– A argamassa do portão se soltou em vários lugares. Isso cria brechas para um pé de cabra. Seria fácil para um inimigo remover uma ou duas

pedras, e quando um buraco é aberto fica fácil derrubar o muro. Além disso... – continuou sem tomar fôlego, antes que alguém pudesse comentar ou discutir. – Além disso, todas as ameias estão danificadas. O parapeito ficou plano em vários pontos. Isso deixa seus arqueiros e cavaleiros expostos em caso de...

– Eu sei para que servem ameias – interrompeu o conde, irritado. – Mais alguma coisa?

– Sim. A torre de menagem tem um depósito com uma porta de madeira. Se eu a atacasse, passaria por essa porta e tocaria fogo no armazém.

– E se você fosse o conde, como impediria que isso acontecesse?

– Mandaria providenciar uma pilha de pedras, já talhadas, e um estoque de areia e cal para fazer argamassa. Também deixaria um pedreiro de plantão para bloquear a porta em caso de perigo.

O conde Bartholomew o encarou. Estreitava seus olhos azul-claros e franzia sua testa pálida. Tom foi incapaz de ler sua expressão. Será que estava bravo por ele ter sido tão crítico em relação às defesas do castelo? Nunca se podia saber como um nobre reagiria. De modo geral, era melhor deixá-los cometer os próprios erros. Mas Tom era um homem desesperado.

Por fim, o conde pareceu chegar a uma conclusão. Virou-se para Matthew e falou:

– Contrate esse homem.

Uma exclamação de contentamento subiu pela garganta de Tom e ele foi obrigado a engoli-la. Mal conseguia acreditar. Olhou para Ellen, e ambos sorriram, felizes. Martha, que não tinha as inibições dos adultos, gritou:

– Urra!

O conde Bartholomew virou as costas e disse alguma coisa a um cavaleiro em pé ali perto. Matthew sorriu para Tom.

– Já almoçaram? – perguntou ele.

Tom engoliu em seco. Estava tão feliz que se sentia à beira das lágrimas.

– Não, ainda não.

– Vou levá-los até a cozinha.

Ansiosos, eles seguiram o encarregado para fora do salão e atravessaram a ponte até o pátio inferior. A cozinha era uma construção de

madeira grande erguida sobre uma plataforma de pedra. Matthew pediu que esperassem do lado de fora. Um cheiro doce pairava no ar: estavam assando tortas lá dentro. A barriga de Tom roncou e sua boca salivou tanto que chegou a doer. Após alguns instantes, Matthew saiu da cozinha trazendo um jarro grande de cerveja que entregou para Tom.

– Daqui a pouco vão trazer um pouco de pão e de toucinho frio – falou e se retirou.

Tom tomou um gole de cerveja e passou o recipiente para Ellen. Ela deixou Martha beber, em seguida sorveu e entregou a cerveja para Jack. Alfred tentou pegar o jarro antes do menino. Jack virou as costas, protegendo o vaso do mais velho. Tom não queria outra briga entre as crianças, não quando tudo finalmente havia se resolvido. Estava a ponto de intervir, quebrando assim a própria regra de não se meter em rixas infantis, quando Jack tornou a se virar e, dócil, entregou o jarro a Alfred.

O rapaz levou o recipiente à boca e começou a beber. Tom tinha dado apenas um gole e achava que a bebida fosse voltar às suas mãos, mas Alfred parecia decidido a secá-lo. Foi então que algo estranho aconteceu. Quando o jovem virou o pote para beber o que restava da cerveja, algo parecido com um pequeno animal caiu na sua cara.

O rapaz soltou um grito de susto e deixou o vaso cair. Afastou a coisa peluda do rosto e deu um pulo para trás.

– O que é isso? – gritou.

A coisa caiu no chão. Ele a encarou, pálido e trêmulo de nojo.

Todos olharam. Era a corruíra morta.

Tom e Ellen se entreolharam, depois se voltaram para Jack. Ele havia pegado o vaso das mãos de Ellen e então virara as costas por alguns instantes, como se estivesse tentando se esquivar de Alfred, mas depois lhe entregara o pote com uma docilidade surpreendente...

E agora estava parado, sem dizer nada, olhando para o horrorizado Alfred com um leve sorriso de satisfação no rosto inteligente ao mesmo tempo jovem e velho.



Jack sabia que iria sofrer por causa daquilo.

Alfred se vingaria de alguma forma. Talvez, quando os outros não estivessem olhando, lhe desse um soco no estômago. Era seu golpe preferido, pois causava muita dor e não deixava marcas. Jack já o vira aplicá-lo em Martha muitas vezes.

Mas valia a pena levar um soco no estômago só para ver o choque e a surpresa em seu rosto quando o pássaro morto caiu de dentro da cerveja.

Alfred odiava Jack. Aquilo era uma experiência nova para o menino. Sua mãe sempre o havia amado e ninguém mais nutria qualquer sentimento por ele. Não havia razão aparente para a hostilidade de Alfred, que parecia sentir o mesmo bem por Martha. Vivia beliscando a irmã, puxando seu cabelo e fazendo-a tropeçar, e aproveitava toda oportunidade para estragar algo que ela valorizasse. A mãe de Jack via o que estava acontecendo e detestava a situação, mas o pai de Alfred parecia achar tudo aquilo normal, embora ele próprio fosse um homem gentil, que obviamente adorava a filha. A coisa toda era incompreensível, mas mesmo assim fascinante.

Tudo era fascinante. Jack nunca tinha vivido uma fase tão emocionante em toda a sua vida. Apesar de Alfred, apesar de estar com fome quase o tempo todo, apesar de magoado por sua mãe sempre dar atenção a Tom e não a ele, sentia-se encantado por um fluxo constante de fenômenos estranhos e experiências novas.

O castelo era a última de uma série de maravilhas. Ele já tinha ouvido falar em castelos. Durante as longas noites de inverno na floresta, sua mãe lhe ensinara a recitar *chansons*, poemas narrativos em francês sobre cavaleiros e mágicos, a maioria com milhares de versos, e nessas histórias os castelos apareciam como locais de abrigo e romance. Como nunca tinha visto um, ele imaginava que eram versões um pouco maiores da caverna em que eles moravam. Mas na realidade era algo inacreditável: imenso, com muitas construções e uma multidão de pessoas, todas muito *ocupadas* – ferrando cavalos, tirando água do poço, alimentando galinhas, assando pão e carregando coisas, sempre carregando coisas como palha para os pisos, lenha para as fogueiras, sacos de farinha, fardos de tecidos, espadas, selas, cotas de malha. Tom dissera que o fosso e a muralha não eram elementos naturais da paisagem, mas na verdade tinham sido escavados e construídos por dezenas de homens trabalhando juntos. Jack não duvidava do que Tom dizia, mas achava impossível imaginar como tal coisa tinha

sido feita.

No final da tarde, quando ficou escuro demais para trabalhar, todas as pessoas ocupadas foram sendo atraídas pelo salão da torre de menagem. Lamparinas foram acesas e atizaram o fogo na lareira, e todos os cães entraram para se abrigar do frio. Alguns homens e mulheres pagaram pranchas e cavaletes de uma pilha na lateral do salão e montaram uma grande mesa no formato da letra T, depois arrumaram cadeiras ao longo da parte superior do T e bancos nas laterais. Jack nunca tinha visto tantas pessoas trabalhando juntas e se espantou ao ver quanto elas gostavam disso. Sorriam e riam ao erguer as pesadas tábuas, dizendo “Opa!”, “Aqui, aqui” e “Devagar, agora”. Jack invejou aquela camaradagem e se perguntou se um dia conseguiria fazer parte dela.

Passado algum tempo, todos se sentaram nos bancos. Um dos criados do castelo distribuiu grandes tigelas e colheres de pau, contando em voz alta, então deu mais uma volta e pôs uma grossa fatia de pão escuro dormido no fundo de cada tigela. Outro criado trouxe canecas de madeira e as encheu com cerveja servida de várias jarras grandes. Jack, Martha e Alfred, sentados juntos na extremidade inferior do T, receberam uma caneca de cerveja cada um, de modo que não houve motivo para briga. Jack a pegou, mas sua mãe pediu que esperasse um instante.

Depois que a bebida foi servida, todos ficaram em silêncio. Jack aguardou, fascinado como sempre, para ver o que iria acontecer em seguida. Após alguns instantes, o conde Bartholomew surgiu na escada que descia do seu quarto. Entrou no salão seguido pelo encarregado Matthew e por três ou quatro outros homens bem-vestidos, um menino e a mais linda criatura em que Jack já pusera os olhos.

Não soube dizer se era uma menina ou uma mulher. Estava vestida de branco e sua túnica tinha mangas incríveis, que se alargavam nos punhos e se arrastavam no chão atrás dela enquanto descia deslizando a escada. Seus cabelos eram uma profusão de cachos escuros espalhados em volta do rosto e os olhos eram muito, muito negros. Jack entendeu que era aquilo que as *chansons* queriam dizer quando se referiam a uma linda princesa em um castelo. Não era de espantar que todos os cavaleiros chorassem quando a princesa morria.

Ela chegou ao pé da escada e ele pôde ver que era bem jovem, só uns poucos anos mais velha do que ele. Apesar disso, manteve a cabeça

erguida e caminhou até a cabeceira da mesa feito uma rainha e sentou ao lado do conde Bartholomew.

– Quem é aquela? – sussurrou Jack.

Foi Martha quem respondeu:

– Deve ser a filha do conde.

– Como ela se chama?

Martha deu de ombros, mas uma menina de rosto sujo sentada ao lado de Jack falou:

– Aliena. Ela é maravilhosa.

O conde ergueu seu cálice para a filha, em seguida correu os olhos lentamente pela mesa e bebeu. Era o sinal que a mesa inteira aguardava. Os outros o imitaram, erguendo as canecas antes de beber.

O jantar foi trazido dentro de imensos caldeirões fumegantes. O conde foi o primeiro a ser servido, depois a filha, o menino, e então os homens sentados junto com eles à cabeceira da mesa. Só depois disso os demais se serviram. A comida era um ensopado condimentado de peixe seco. Jack encheu sua tigela e tomou tudo, em seguida comeu a fatia de pão no fundo, encharcada com o caldo gorduroso. Entre um bocado e outro, ficou observando Aliena, maravilhado com tudo o que ela fazia, do modo delicado como espetava os pedacinhos de peixe com a faca e os colocava delicadamente entre os dentes brancos à voz segura com que chamava criados e lhes dava ordens. Todos pareciam gostar dela. Acudiam depressa, sorriam ao ouvi-la falar e se apressavam em fazer o que ela mandava. Os rapazes em volta da mesa olhavam muito para ela, observou Jack, e alguns se exibiam quando pensavam que ela estava olhando na direção deles. No entanto, ela estava sobretudo entretida com os homens mais velhos ao redor do pai, certificando-se de que eles tivessem pão e vinho, perguntando e escutando com atenção as respostas. Jack imaginou como seria escutar as palavras de uma linda princesa e depois, ao responder, ser fitado por aqueles grandes olhos escuros

Após o jantar, veio a música. Dois homens e uma mulher tocaram melodias com sinetas, um tambor e flautas feitas com ossos de animais e pássaros. O conde fechou os olhos e pareceu se perder na música, mas Jack não gostou das melodias tristes e melancólicas. Preferia as canções alegres que sua mãe cantava. As outras pessoas no salão pareciam pensar a mesma coisa, pois estavam inquietas e arrastavam os pés no chão, e houve uma

sensação generalizada de alívio quando a apresentação acabou.

Jack torceu para conseguir ver Aliena mais de perto. Para sua decepção, porém, ela se retirou depois da canção e subiu a escada. Devia ter seu próprio quarto no último andar, pensou.

As crianças e alguns dos adultos começaram a jogar xadrez e marel para passar o tempo, e os mais ativos se ocuparam fabricando cintos, chapéus, meias, luvas, tigelas, apitos, dados, pás e chicotes de montaria. Jack jogou várias partidas de xadrez e ganhou todas, mas um dos homens de armas se zangou por ser vencido por um menino e depois disso sua mãe o mandou parar de jogar. Ele passeou pelo salão, escutando as diferentes conversas. Algumas pessoas diziam coisas sensatas sobre os campos e os animais, ou então sobre bispos e reis, enquanto outras ficavam apenas se provocando, contando vantagem e narrando histórias divertidas. Achou todas essas conversas igualmente intrigantes.

Por fim, as lamparinas se apagaram, o conde se retirou e as outras sessenta ou setenta pessoas se enrolaram nas capas e se deitaram para dormir no chão coberto de palha.

Como sempre, sua mãe e Tom se deitaram juntos debaixo da grande capa do pedreiro e ela o abraçou como costumava abraçar Jack quando ele era pequeno. Ele os observou, enciumado. Pôde ouvi-los conversar sussurrando, e sua mãe deu uma risada baixa e íntima. Depois de algum tempo, seus corpos começaram a se mover ritmadamente sob a capa. Na primeira vez em que os viu fazer aquilo, Jack ficara muito preocupado, imaginando que, seja lá o que fosse, devia machucar, mas eles se beijavam enquanto se mexiam e, embora sua mãe às vezes gemesse, ele podia ver que era um gemido de prazer. Sem saber muito bem por quê, relutava em questioná-la. Nessa noite, porém, enquanto o fogo ia morrendo, viu outro casal fazendo a mesma coisa e foi obrigado a concluir que devia ser algo normal. Era apenas mais um mistério, pensou, e logo depois disso adormeceu.



As crianças acordaram cedo pela manhã, mas o desjejum só seria servido após a missa, e a missa só podia ser rezada quando o conde acordasse,

então tiveram de esperar. Um criado madrugador os convocou para irem buscar a lenha necessária para o dia. Quando o ar gelado da manhã começou a entrar pela porta, os adultos foram acordando. Depois que terminaram de trazer a lenha, as crianças encontraram Aliena.

Ela desceu a escada como havia feito na noite anterior, mas agora estava diferente. Usava uma túnica curta e calçava botas de feltro. Seus cachos estavam unidos e amarrados atrás com uma fita, deixando à mostra a curva graciosa do maxilar, as orelhas pequenas e o pescoço branco. Os grandes olhos escuros, que antes pareciam sérios e maduros, agora exibiam um brilho alegre, e ela estava sorrindo. Vinha seguida pelo menino que, no jantar, se sentara junto com ela e o conde à cabeceira da mesa. Ele parecia ter um ou dois anos a mais do que Jack, mas ainda não era totalmente crescido como Alfred. O garoto olhou para Jack, Martha e Alfred com um ar de curiosidade, mas quem falou foi a moça:

– Quem são vocês?

– Meu pai é o pedreiro que vai consertar este castelo – respondeu o mais velho. – Meu nome é Alfred. Minha irmã se chama Martha. Este é Jack.

Quando ela chegou perto, Jack sentiu o aroma de lavanda e ficou assombrado. Como uma pessoa podia ter cheiro de flor?

– Quantos anos você tem? – perguntou ela a Alfred.

– Catorze. – Jack notou que Alfred também estava embasbacado. Após alguns instantes, o rapaz completou, atabalhado: – E você, quantos anos tem?

– Quinze. Querem alguma coisa para comer?

– Sim.

– Venham comigo.

Os três a seguiram para fora do salão e escada abaixo.

– Mas eles só servem o desjejum depois da missa – disse Alfred.

– Eles fazem o que eu mandar – retrucou Aliena, jogando a cabeça para trás.

Ela os conduziu pela ponte até o pátio inferior e pediu que esperassem em frente à cozinha enquanto entrava.

– Ela não é bonita? – sussurrou Martha para Jack.

Ele concordou, sem dizer palavra. Instantes depois, Aliena apareceu com um jarro de cerveja e um pão de trigo inteiro. Partiu o pão em nacos e

os distribuiu, em seguida passou a bebida de mão em mão.

– Onde está sua mãe? – perguntou Martha, tímida, após algum tempo.

– Minha mãe morreu – respondeu Aliena, seca.

– Você não está triste? – quis saber a menina.

– Eu fiquei, mas já faz muito tempo. – Com um meneio, ela indicou o menino ao seu lado. – Richard nem se lembra.

Jack concluiu que devia ser irmão dela.

– Minha mãe também morreu – disse Martha, e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Quando? – perguntou Aliena.

– Semana passada.

Jack observou que a filha do conde não pareceu se comover muito com as lágrimas de Martha, a menos que estivesse se mostrando indiferente para disfarçar a própria dor.

– Bom, então quem é aquela mulher que está com vocês? – perguntou ela, abrupta.

Jack se apressou em responder:

– Aquela é a minha mãe. – Estava feliz por ter algo a dizer.

Aliena se virou como se o visse pela primeira vez.

– Bom, e o seu pai, onde está?

– Eu não tenho pai – falou ele.

O simples fato de ela olhá-lo o emocionava.

– Ele também morreu?

– Não. Eu nunca tive pai.

Fez-se silêncio por alguns instantes, então Aliena, Richard e Alfred desataram a rir. Intrigado, Jack os encarou com um ar de incompreensão e eles riram cada vez mais alto até ele começar a se sentir constrangido. Que graça havia em nunca ter tido pai? Até mesmo Martha sorria, já esquecida das lágrimas.

– Então de onde você veio se não teve pai? – perguntou Alfred em tom zombeteiro.

– Da minha mãe. Todas as criaturas jovens vêm das mães – respondeu Jack, sem entender. – O que os pais têm a ver com isso?

Todos riram ainda mais. Richard começou a dar pulinhos de alegria enquanto apontava para Jack um dedo gozador.

– Ele não sabe nada – falou Alfred para Aliena. – Nós o encontramos

na floresta.

As faces de Jack arderam de vergonha. Ele estava tão feliz por conversar com Aliena, e ela agora o considerava um completo idiota, um ignorante da floresta, e o pior de tudo era que ele ainda não sabia o que tinha dito de errado. Sentiu vontade de chorar, o que piorou ainda mais a situação. O pão entalou na sua garganta. Não conseguia engolir. Olhou para Aliena, para aquele rosto bonito iluminado pelo divertimento, e não conseguiu suportar, então jogou o pão no chão e se afastou.

Sem ligar para onde estava indo, andou até chegar à muralha do castelo e subiu correndo o aclive acentuado até o topo da encosta. Ali, sentou na terra fria e olhou para fora, com pena de si mesmo, odiando Alfred, Richard e até mesmo Martha e Aliena. As princesas não tinham coração, concluiu.

O sino tocou para anunciar a missa. Os ofícios religiosos eram outro mistério para ele. Em uma língua que não era nem inglês nem francês, os padres cantavam e conversavam com estátuas, com quadros e até mesmo com seres totalmente invisíveis. Sempre que podia, a mãe de Jack evitava ir à missa. Enquanto os moradores do castelo se encaminhavam para a capela, o garoto atravessou depressa o topo do muro e se sentou do outro lado, onde não podia ser visto.

O castelo era cercado por campos planos e descobertos, e ao longe se via uma floresta. Dois dos primeiros visitantes do dia atravessavam o terreno aplainado em direção ao castelo. O céu estava repleto de nuvens baixas e cinzentas. Jack pensou que talvez fosse nevar.

Dois outros visitantes precoces surgiram no seu campo de visão. A nova dupla vinha montada, cavalgava depressa na direção do castelo e ultrapassou os primeiros. Conduziram os cavalos pela ponte de madeira até o portão. Os quatro teriam de esperar a missa terminar para poderem tratar de seus assuntos no castelo, fossem quais fossem, pois todos assistiam ao ofício, exceto as sentinelas.

Uma voz repentina fez Jack se sobressaltar.

– Então é aqui que você está. – Era sua mãe. Ele se virou e ela viu na mesma hora que ele estava triste. – O que houve?

Ele queria ser reconfortado por ela, mas endureceu o coração e perguntou:

– Eu tive pai?

– Teve – respondeu ela. – Todo mundo tem pai.

Ela se ajoelhou ao seu lado.

Jack virou o rosto para longe. Sua humilhação tinha sido culpa dela, por não lhe contar sobre o pai.

– O que houve com ele?

– Morreu.

– Quando eu era pequeno?

– Antes de você nascer.

– Como ele pode ser meu pai se morreu antes de eu nascer?

– Os bebês vêm de uma semente. A semente sai do pênis do homem e é plantada na vagina da mulher. A semente então cresce e vira um bebê dentro da barriga dela e, quando o bebê fica pronto, ele sai.

Jack passou algum tempo calado, digerindo aquela informação. Desconfiou de que tivesse a ver com o que eles faziam durante a noite.

– Tom vai plantar uma semente em você? – perguntou.

– Talvez.

– Então você vai ter outro bebê.

Ela concordou.

– Um irmão. Você gostaria?

– Eu não ligo – respondeu Jack. – Tom já tirou você de mim mesmo. Um irmão não faria diferença nenhuma.

Ela pôs o braço em volta dele e o abraçou.

– Ninguém nunca vai me tirar de você – disse ela.

Aquilo o fez se sentir um pouco melhor.

Eles passaram um tempo sentados juntos, depois ela voltou a falar:

– Está frio aqui. Vamos nos sentar perto do fogo até a hora do desjejum.

Ele aquiesceu. Os dois se levantaram e passaram para o outro lado do muro do castelo, então desceram correndo o declive até o complexo. Não havia sinal dos quatro visitantes. Talvez eles tivessem ido para a capela.

– Qual era o nome do meu pai? – perguntou Jack quando estavam atravessando a ponte que conduzia ao pátio superior.

– Jack, igual ao seu – respondeu ela. – As pessoas o chamavam de Jack Shareburg.

Aquilo o deixou satisfeito. Ele tinha o mesmo nome do pai.

– Então, se encontrar outro Jack, eu posso dizer às pessoas que me

chamo Jack Jackson, ou seja, Jack, o filho de Jack.

– Pode. As pessoas nem sempre o chamam como você quer ser chamado, mas você pode tentar.

Jack aquiesceu. Sentia-se melhor. Iria pensar em si mesmo como Jack Jackson. Já não sentia mais tanta vergonha. Pelo menos agora sabia sobre pais e conhecia o nome do seu. Jack Shareburg.

Eles chegaram ao portão da parte superior do complexo. Não havia sentinelas ali. A mãe de Jack parou, intrigada.

– Tenho a sensação de que algo estranho está acontecendo – disse ela.

Sua voz saiu calma e firme, mas com um ligeiro tom de medo que fez Jack gelar e ele teve a premonição de que uma tragédia era iminente.

Sua mãe entrou no pequeno recinto situado no pé da guarita. Um segundo depois, Jack a ouviu arfar. Entrou atrás dela. Ela estava parada, em choque, com a mão na boca e os olhos pregados no chão à sua frente.

A sentinela estava caída de costas, com os braços inertes ao lado do corpo. A garganta estava cortada, com uma poça de sangue fresco no chão ao seu lado. Morto, sem dúvida nenhuma.

III

William Hamleigh e seu pai haviam partido no meio da noite com quase cem cavaleiros e homens de armas a cavalo, e a mãe seguiu na retaguarda. Iluminando o caminho com tochas, os rostos protegidos do ar frio da noite, aquele exército devia aterrorizar os habitantes dos vilarejos pelos quais passou como um trovão a caminho de Earlscastle. Haviam chegado à encruzilhada quando a noite ainda estava um breu. A partir dali, diminuíram o passo dos cavalos para que descansassem e para minimizar o barulho. Quando a aurora irrompeu no céu, se esconderam na mata que cercava os campos ao redor do castelo do conde Bartholomew.

William não chegara a contar quantos homens capazes de combater tinha visto no castelo e a mãe o repreendera sem dó por essa omissão, embora, como ele havia tentado retrucar, muitos dos homens que vira lá nesse meio-tempo teriam sido despachados em alguma missão e outros talvez tivessem chegado depois, de modo que nenhuma contagem poderia

ser confiável. Mas teria sido melhor do que nada, como o pai dissera. Mesmo assim, William estimou ter visto uns quarenta homens. Portanto, caso não tivesse havido nenhuma grande mudança nas poucas horas desde então, os Hamleighs estariam numa vantagem de pelo menos dois combatentes contra um.

O que não chegava nem perto de bastar para sitiá-lo, claro. Precisavam bolar um plano para tomar a fortaleza sem cerco. O problema era que o exército agressor seria visto por sentinelas e o castelo seria fechado bem antes de eles chegarem. A solução era arrumar um jeito de manter o castelo aberto durante o tempo que o exército levasse para ir de seu esconderijo na floresta até lá.

Quem resolvera o problema fora a mãe, claro.

– Precisamos de uma distração – dissera ela, coçando uma pústula no queixo. – Algo que os deixe em pânico, para que eles só reparem no exército quando for tarde demais. Como um incêndio.

– Se um desconhecido entrar lá e começar um incêndio, isso vai alertá-los de toda forma – observara o pai.

– Teria de ser feito sorrateiramente – comentara William.

– É claro que sim – respondera a mãe, impaciente. – Você vai ter de colocar fogo enquanto eles estiverem na missa.

– Eu? – perguntara William.

Ele estava no comando do destacamento avançado.

O céu matutino clareou com uma lentidão angustiante. William estava nervoso, impaciente. Durante a noite, ele, a mãe e o pai haviam acrescentado requintes à ideia básica, mas ainda assim muita coisa podia dar errado: o destacamento avançado poderia por algum motivo não conseguir entrar no castelo. Ou eles poderiam despertar desconfiança e não conseguir agir de modo sorrateiro ou poderiam ainda ser capturados antes que conseguissem realizar qualquer coisa. Mesmo que o plano desse certo, haveria uma batalha, o primeiro combate de verdade de William. Homens seriam feridos e mortos, e ele poderia ser um dos azarados. O medo contraiu suas entranhas. Aliena estaria lá e saberia se ele fosse derrotado. Por outro lado, também estaria lá para testemunhar seu triunfo caso vencesse. Imaginou-se irrompendo no quarto dela com uma espada ensanguentada na mão. Nessa hora ela iria desejar não ter rido dele.

Do castelo, o sino badalou chamando para a missa matinal.

William fez um sinal com a cabeça e dois homens se destacaram do grupo e começaram a atravessar os campos na direção do castelo. Eram Raymond e Ranulf, dois sujeitos de semblante duro e músculos fortes alguns anos mais velhos do que ele. O próprio William os havia escolhido: seu pai lhe dera total liberdade. Lorde Percy em pessoa comandaria o ataque principal.

William ficou observando Raymond e Ranulf percorrerem depressa os campos congelados. Antes de os dois chegarem ao castelo, olhou para Walter, então tocou seu cavalo e ele e o laçao partiram a trote pelos campos. As sentinelas nas ameias viam duas duplas distintas de pessoas, uma a pé e outra a cavalo, se aproximando do castelo de manhã bem cedo. Uma cena totalmente inocente.

William esperou o momento perfeito para sair da mata. Ele e Walter passaram por Raymond e Ranulf a cerca de 100 metros do castelo. Na ponte, apearam. William sentiu o coração na boca. Se estragasse tudo agora, o ataque inteiro estaria arruinado.

Havia duas sentinelas no portão. William desconfiou, apavorado, de que haveria uma emboscada e uma dúzia de homens de armas sairia de um esconderijo e o picaria em pedacinhos. As sentinelas tinham uma expressão alerta, mas segura. Não estavam de armadura. William e Walter usavam cotas de malha por baixo das capas.

Sentiu suas entranhas contraírem. Não conseguia engolir. Uma das sentinelas o reconheceu.

– Olá, lorde William – falou, jovial. – Veio cortejar de novo?

– Ai, meu Deus – disse William com a voz débil, então cravou uma adaga na barriga da sentinela, empurrando-a para cima sob caixa torácica até o coração.

O homem arfou, curvando-se, e abriu a boca como se fosse gritar. Um barulho poderia estragar tudo. Em pânico, sem saber o que fazer, William puxou a adaga e a espetou dentro da boca aberta do sujeito, enfiando-a na garganta para fazê-lo calar. Em vez de um grito, jorrou sangue da boca dele. O homem fechou os olhos. William retirou a adaga e a sentinela desabou no chão.

O cavalo de William havia se afastado, assustado com os movimentos bruscos. O rapaz o segurou pelo bridão e olhou para Walter, a quem coubera dar cabo da outra sentinela. O laçao fora mais eficiente ao

apunhalar sua vítima, cortando-lhe a garganta para que morresse em silêncio. Preciso me lembrar disso da próxima vez que tiver de silenciar alguém, concluiu William. Então pensou: Pronto, está feito! Eu matei um homem!

Percebeu que não estava mais com medo.

Passou as rédeas para Walter e subiu correndo a escada em caracol até a casa da guarda. No andar superior havia uma roldana para suspender a ponte levadiça. Usou a espada para golpear a corda grossa. Bastaram dois movimentos para cortá-la. Jogou a ponta solta pela janela e ela caiu no barranco, escorregando suavemente até o fosso, quase sem fazer barulho ao atingir a água. Agora a ponte levadiça não podia mais ser erguida para impedir o exército de Percy Hamleigh de entrar no castelo. Aquele era um dos detalhes que eles haviam bolado na noite anterior.

Raymond e Ranulf alcançaram o portão quando William chegou de volta ao pé da escada. A primeira providência era destruir os imensos portões de carvalho com dobradiças de ferro que fechavam o arco que levava da ponte até o interior do pátio. Cada cavaleiro empunhou um martelo de madeira e um cinzel e começaram a remover a argamassa em volta das imensas dobradiças. As batidas do martelo no cinzel produziram baques abafados que, para William, soaram excessivamente altos.

Ele arrastou depressa as duas sentinelas mortas para dentro da guarita. Como todos estavam na missa, eram altas as chances de os corpos só serem descobertos quando já fosse tarde demais.

Pegou as rédeas das mãos de Walter e os dois passaram pelo arco, atravessando o pátio em direção ao estábulo. William controlou as pernas para manter um ritmo normal, sem pressa, e ergueu os olhos discretamente para as sentinelas a postos nas torres de observação. Teria um deles visto a corda da ponte levadiça escorregar para dentro do fosso? Estariam se perguntando o que era o barulho das marteladas? Alguns deles olhavam para William e Walter, mas pareciam calmos, e as marteladas, que já começavam a se extinguir nos ouvidos de William, deviam ser inaudíveis lá do alto das torres. William se sentiu aliviado. O plano estava dando certo.

Chegaram ao estábulo e entraram. Deixaram as rédeas dos cavalos soltas por cima de uma tábua para que os animais pudessem fugir. William então pegou sua lasca de sílex, produziu uma faísca e ateou fogo na palha

no chão. Apesar de suja e úmida em alguns trechos, começou a fumar. Ele acendeu mais três pequenas fogueiras, e Walter fez o mesmo. Passaram alguns instantes parados, observando. Os cavalos sentiram cheiro de fumaça e se agitaram, nervosos, dentro das baias. William ainda ficou ali por mais algum tempo. O incêndio estava evoluindo bem, como planejado.

Ele e Walter saíram do estábulo e entraram no pátio aberto. No portão, escondidos debaixo do arco, Raymond e Ranulf continuavam a remover a argamassa em volta das dobradiças. William e Walter viraram em direção à cozinha, de modo a dar a impressão de que estavam indo buscar algo para comer, o que seria natural. Não havia mais ninguém no pátio; estavam todos na missa. William ergueu os olhos casualmente para as ameias e observou que as sentinelas não estavam olhando para o interior do castelo, mas sim para os campos, como era esperado, claro. Mesmo assim, imaginou que alguém pudesse emergir a qualquer momento de uma das construções e abordá-los. Nesse caso, teriam de matar a pessoa bem ali, no espaço aberto, e caso isso fosse visto seria o fim.

Deram a volta na cozinha e tomaram o rumo da ponte que conduzia ao pátio superior. Ao passarem pela capela, ouviram os sons abafados da missa. O conde Bartholomew estava lá dentro sem desconfiar de nada, pensou William, exultante. Ele não fazia ideia de que havia um exército a pouco mais de um quilômetro dali, de que quatro inimigos já se encontravam dentro da sua fortaleza e de que seus estábulos estavam pegando fogo. Aliena também devia estar dentro da capela, rezando ajoelhada. Em breve ela vai estar ajoelhada diante de mim, pensou ele, e sentiu, entontecido, o sangue latejar dentro da cabeça.

Eles chegaram à ponte e começaram a atravessá-la. Havia cortado a corda do trecho levadiço da primeira ponte e inutilizado o portão, garantindo que até ali a entrada estivesse transitável para o exército de seu pai. Mas o conde ainda poderia fugir pela outra ponte e se refugiar no pátio superior. Para evitar isso, a tarefa seguinte de William era erguer a ponte levadiça, impedindo que usassem a segunda ponte para chegar até a torre de menagem. O conde então ficaria isolado e vulnerável no pátio inferior.

Chegaram ao segundo portão e uma sentinela surgiu da guarita.

– Vieram cedo – comentou ele.

– Fomos convocados para falar com o conde – mentiu William.

Aproximou-se da sentinela, mas o homem deu um passo para trás. William não queria que ele recuasse demais, pois, se saísse de debaixo do arco, ficaria visível para as sentinelas nas muralhas do círculo superior.

– O conde está na capela – disse a sentinela.

– Vamos ter de esperar.

Aquele guarda precisava ser morto de forma rápida e silenciosa, mas William não sabia como se aproximar o bastante para isso. Olhou de relance para Walter, em busca de orientação, mas o laçao apenas aguardava, paciente, com um ar imperturbável.

– Dentro da torre de menagem tem um fogo aceso – disse o guarda. – Entrem lá e se aqueçam. – William hesitou e o guarda começou a parecer desconfiado. – O que estão esperando? – indagou ele, com um pouco de irritação.

William tentou desesperadamente pensar em algo para dizer.

– Podemos comer alguma coisa? – indagou por fim.

– Só depois da missa – respondeu a sentinela. – É quando o desjejum será servido na torre de menagem.

William percebeu então que Walter se aproximava de modo imperceptível por trás. Bastaria o guarda se virar um pouquinho para o laçao ficar atrás dele. William deu alguns passos casuais na direção oposta e passou pela sentinela.

– Não estou nada impressionado com a hospitalidade do seu conde – disse. A sentinela começou a se virar. – Nossa viagem foi longa e...

Walter deu o bote.

Chegou por trás da sentinela e passou os braços por cima de seus ombros. Com a mão esquerda, puxou o queixo do guarda para trás e, com a direita, cortou sua garganta. William deu um suspiro de alívio. Demorou apenas um instante.

Juntos, os dois haviam matado três homens antes do desjejum. William foi tomado por uma empolgante sensação de poder. Depois de hoje, ninguém mais vai rir de mim, pensou.

Walter arrastou o corpo para dentro da casa da guarda. A planta daquela torre era exatamente igual à da primeira, com uma escada em caracol que subia para a sala onde devia haver a roldana. William subiu a escada e Walter o seguiu.

Quando estivera no castelo na véspera, William não fizera o reconhecimento daquela torre. Não lhe ocorrera fazê-lo, mas em todo caso teria sido difícil pensar em um pretexto plausível. Imaginou que lá haveria uma roldana, ou pelo menos uma manivela para erguer a ponte levadiça. No entanto, descobriu que não havia nenhuma engrenagem, apenas uma corda e um cabrestante. O único jeito de levantar a ponte era tracionando a corda. William e Walter a seguraram e a puxaram juntos, mas a ponte nem se moveu. Aquele era um serviço para dez homens.

William passou alguns instantes tentando entender. A outra ponte levadiça, a que conduzia à entrada do castelo, tinha uma roldana grande. Ele e Walter poderiam tê-la erguido. Então entendeu que a ponte levadiça externa devia ser erguida todas as noites, enquanto aquela só o era em caso de emergência.

Como quer que fosse, de nada adiantava ficar pensando no assunto. A questão era o que fazer a seguir. Se ele não conseguisse erguer a ponte levadiça, poderia pelo menos fechar os portões, o que com certeza atrasaria a fuga do conde.

Tornou a descer correndo a escada, com Walter em seu encalço. Ao chegar lá embaixo, teve um choque. Pelo visto, nem todo mundo estava na missa. Viu uma mulher e um menino saírem da guarita.

William hesitou. Reconheceu a mulher na hora. Era a esposa do construtor, a mesma que ele havia tentado comprar na véspera por 1 libra. Ela também o viu, e seus profundos olhos dourados o penetraram. William nem cogitou fingir ser um visitante inocente à espera do conde: sabia que ela não se deixaria enganar. Precisava impedi-la de dar o alarme. E o modo de fazer isso era matando-a, rápida e silenciosamente, como eles haviam feito com as sentinelas.

Aqueles olhos que tudo viam leram em seu rosto quais eram suas intenções. Ela agarrou a mão do menino e se virou. William tentou pegá-la, mas ela era rápida demais para ele. Entrou correndo no complexo em direção à torre de menagem. William e Walter saíram atrás dela.

A mulher corria bem depressa e eles usavam cotas de malha e portavam armas pesadas. Ela chegou à escada que conduzia ao salão. Enquanto subia os degraus, gritou. William ergueu os olhos para as muralhas à sua volta. O grito havia alertado pelo menos duas sentinelas. Eles tinham sido descobertos. Parou de correr e ficou parado no pé da

escada, ofegante. Walter fez o mesmo. Duas sentinelas, depois três, depois quatro desceram correndo das muralhas para dentro do pátio. A mulher, ainda de mãos dadas com o menino, desapareceu dentro da torre de menagem. Ela já não importava: agora que as sentinelas tinham sido alertadas, de nada adiantava matá-la.

William e Walter sacaram as espadas e ficaram parados, lado a lado, prontos para lutar pela própria vida.



O padre erguia a hóstia em direção ao altar quando Tom notou algo errado com os cavalos. Pôde ouvir que relinchavam e batiam os cascos bem mais do que o normal. Instantes depois, interromperam o discreto cântico em latim do padre.

– Estou sentindo cheiro de fumaça! – gritou alguém, bem alto.

Então Tom sentiu, assim como o resto das pessoas. Como era mais alto do que os outros, se ficasse na ponta dos pés podia ver pelas janelas da capela. Foi até uma das laterais e olhou para fora. Os estábulos ardiam em chamas.

– Fogo! – falou, e antes de poder dizer qualquer outra coisa sua voz foi soterrada pelos gritos dos outros.

Houve uma correria em direção à porta. A missa foi esquecida. Tom segurou Martha, por medo de ela ser ferida no tumulto, e disse a Alfred que ficasse perto deles. Perguntou-se onde estariam Ellen e Jack.

Um segundo depois, já não havia mais ninguém na capela a não ser eles três e o padre contrariado.

Tom conduziu os filhos para fora. Algumas pessoas soltavam os cavalos para salvá-los do incêndio, outras tiravam água do poço para jogar nas chamas. Ele não encontrou Ellen. Os animais soltos dispararam pelo pátio, aterrorizados com o fogo e com as pessoas que corriam e gritavam. O tamborilar dos cascos era ensurdecedor. Tom apurou os ouvidos por alguns instantes e franziu o cenho: era *excessivamente* ensurdecedor. Parecia mais uma centena de cavalos do que vinte ou trinta. De repente, foi tomado por uma assustadora apreensão.

– Martha, não saia daqui por enquanto – mandou. – Alfred, cuide dela.

Subiu correndo a encosta até o alto das muralhas. O aclave era acentuado e ele teve de diminuir o passo antes de chegar ao topo. Lá em cima, sem fôlego, olhou em volta.

Sua apreensão estava correta, e ele sentiu o coração ser comprimido pela fria mão do medo. Um exército a cavalo, de oitenta a cem homens, atravessava os campos marrons na direção do castelo. Foi uma visão assustadora. Tom pôde ver o brilho metálico das cotas de malha e das espadas em riste. Os cavalos galopavam depressa e uma névoa de hálito quente saía de suas narinas. Os cavaleiros estavam curvados nas selas, concentrados e decididos. Não havia gritos e berros, apenas a trovoadas ensurdecedora de centenas de cascos batendo no chão.

Tom olhou atrás de si, para o pátio do castelo. Por que ninguém mais ouvia o exército? Porque o ruído de cascos era abafado pelas muralhas e se misturava ao pânico lá dentro. E por que as sentinelas nada tinham visto? Porque haviam abandonado seus postos para combater o incêndio. Aquele ataque fora planejado por alguém inteligente. Cabia a Tom dar o alarme.

E onde estava Ellen?

Enquanto os atacantes se aproximavam, os olhos do pedreiro varreram o complexo. Grande parte do espaço estava oculta pela espessa fumaça branca saía dos estábulos em chamas. Não via Ellen em lugar nenhum.

Localizou o conde Bartholomew ao lado do poço, tentando organizar o transporte de água até o foco do incêndio. Desceu depressa a encosta da muralha e atravessou correndo o espaço aberto até o poço. Segurou o conde pelo ombro, sem muita delicadeza, e berrou no ouvido dele para se fazer ouvir apesar do alarido.

– É um ataque!

– O quê?

– Estamos sendo atacados!

O conde estava pensando no incêndio.

– Atacados? Por quem?

– Escute! – berrou Tom. – Cem cavalos!

O conde esticou a cabeça. Tom viu o rosto pálido e aristocrático tomar consciência do que ocorria.

– Tem razão... Em nome da cruz! – De repente, pareceu assustado. – Você os viu?

– Vi.

– Quem... Pouco importa quem! Cem cavalos?

– Sim!

– Peter! Ralph! – O conde se virou e chamou seus tenentes. – É uma armadilha... Esse incêndio é uma distração... Estamos sendo atacados! – Como o conde, eles primeiro pareceram não entender, em seguida escutaram, e por fim demonstraram medo. Bartholomew continuou gritando: – Mandem os homens se armarem! Rápido, rápido! – Ele se virou de volta para Tom. – Venha comigo, pedreiro... Você é forte, podemos fechar os portões.

Então saiu correndo pelo pátio e Tom o seguiu. Se conseguissem fechar os portões e erguer a ponte levadiça a tempo, poderiam conter os homens.

Chegaram ao portão. Pelo arco, já podiam ver o exército. Agora estava a um quilômetro de distância, e Tom observou que havia começado a se espalhar: os cavalos mais velozes na frente, os retardatários atrás.

– Os portões! – gritou o conde.

Tom olhou. Os dois imensos portões de carvalho reforçados com ferro estavam caídos no chão. Pôde ver que as dobradiças tinham sido removidas da parede a cinzel. Alguém do exército inimigo estivera ali mais cedo, pensou. Seu estômago se contraiu de medo.

Ainda à procura de Ellen, tornou a olhar para o pátio, mas não a viu. Onde ela fora parar? Qualquer coisa poderia acontecer agora. Ele precisava estar com ela e protegê-la.

– A ponte levadiça! – disse o conde.

Tom entendeu que a melhor forma de proteger Ellen era manter os agressores fora do castelo. O conde subiu correndo a escada em caracol que conduzia até a sala da roldana e com esforço Tom se obrigou a ir atrás. Se conseguissem erguer a ponte levadiça, uns poucos homens poderiam proteger o portão. Chegando à sala, porém, sentiu o coração parar. A corda tinha sido cortada. Não havia como erguer a ponte.

O conde soltou um palavrão amargo.

– Quem planejou isso tudo é astuto como Lúcifer – comentou.

Tom se deu conta de que a pessoa que havia derrubado os portões, cortado a corda que suspendia a ponte e posto fogo no estábulo, quem quer que fosse, ainda devia se encontrar em algum lugar dentro do castelo, e olhou em volta com medo, perguntando-se onde os intrusos poderiam estar.

O conde espiou por uma seteira.

– Meu bom Deus, eles estão quase aqui! – E desceu correndo a escada.

Tom seguiu em seu encalço. Na casa da guarda, vários cavaleiros prendiam apressados as bainhas das espadas e punham os capacetes. O conde começou a dar ordens.

– Ralph e John, toquem alguns cavalos soltos para a ponte, para que fiquem no caminho do inimigo. Richard, Peter, Robin, peguem alguns outros e formem uma defesa aqui. – O portão era estreito e uns poucos homens podiam deter os agressores, pelo menos por um tempo curto. – Você, pedreiro, leve os criados e as crianças para o pátio superior pela ponte.

Tom ficou grato por ter uma desculpa para procurar Ellen. Correu primeiro para a capela. Alfred e Martha estavam assustados onde os havia deixado, minutos antes.

– Vão para a torre de menagem! – gritou para eles. – Se passarem por alguma outra criança ou mulher, mandem irem com vocês. Ordens do conde. Vão, rápido!

Os dois saíram correndo na mesma hora.

Tom olhou em volta. Logo iria atrás deles: estava decidido a não ser pego no pátio inferior. Mas ainda dispunha de alguns instantes para cumprir as ordens do conde. Correu até o estábulo, onde as pessoas continuavam jogando baldes de água nas chamas.

– Esqueçam o incêndio, o castelo está sendo atacado! – berrou. – Levem suas crianças para a torre!

A fumaça que entrou nos seus olhos os fez lacrimejar, turvando-lhe a visão. Ele os esfregou e correu até um pequeno grupo que, parado, assistia ao incêndio que consumia o estábulo. Repetiu o recado para eles, bem como para um punhado de cavaleiros que reunira alguns dos animais soltos. Ellen não estava em lugar nenhum.

A fumaça o fez tossir. Engasgado, tornou a atravessar correndo o pátio até a ponte que conduzia ao círculo superior. Ali, parou para recuperar o fôlego e olhou para trás. Os moradores atravessavam a ponte. Tinha quase certeza de que Ellen e Jack já deviam ter ido para a torre, mas estava apavorado por tê-los perdido. Percebeu um aglomerado compacto de cavaleiros envolvidos em um feroz embate corpo a corpo no portão inferior. Fora isso, não havia muito para ver a não ser fumaça. De repente,

o conde Bartholomew surgiu do seu lado, com sangue na espada e lágrimas nos olhos por causa da fumaça.

– Salve-se! – gritou ele para Tom.

Nessa hora, os atacantes irromperam pelo arco do portão inferior, obrigando os cavaleiros que tentavam defendê-lo a se espalhar. Tom se virou e atravessou correndo a ponte.

Quinze ou vinte dos homens do conde estavam a postos no segundo portão, prontos para defender o pátio superior. Eles abriram caminho para deixar Tom e o conde passarem. Quando tornaram a fechar a passagem, o construtor ouviu cascos batendo na ponte de madeira atrás dele. Os defensores agora não tinham a menor chance. Em meio à confusão em que estava sua mente, Tom entendeu que aquele ataque havia sido cuidadosamente planejado e executado com perfeição. Seu maior temor, porém, era a segurança de Ellen e das crianças. Uma centena de homens armados sedentos de sangue estava prestes a se abater sobre eles. Atravessou correndo o pátio superior até a torre de menagem.

Quando estava na metade da escada de madeira que conduzia ao salão, olhou para trás. Os defensores do segundo portão foram subjugados quase de imediato pelos cavaleiros inimigos. O conde Bartholomew subia a escada atrás de Tom. Foi o tempo exato para eles entrarem na torre e suspenderem a escada lá para dentro. Tom subiu correndo o que restava dos degraus e pulou para dentro do salão. Foi quando viu que os inimigos tinham sido ainda mais inteligentes.

Seu destacamento avançado, o mesmo que destruíra os portões, cortara a corda da ponte levadiça e pusera fogo no estábulo, havia executado mais uma tarefa: subira até a torre de menagem para emboscar todos os que ali se refugiassem.

Parados na entrada do salão, estavam quatro homens de expressão sombria trajando cotas de malha. Em volta jaziam os corpos ensanguentados dos cavaleiros do conde mortos e feridos, dizimados ao entrar. E o líder do destacamento avançado, constatou Tom, chocado, era William Hamleigh.

Ficou encarando o rapaz, surpreso e atordoado. William tinha os olhos arregalados pela sede de sangue. Tom pensou que o rapaz fosse matá-lo, mas, antes que tivesse tempo de sentir medo, um dos comparsas de William o agarrou pelo braço, o puxou para dentro e o jogou longe.

Então eram os Hamleighs que estavam atacando o castelo do conde. Mas por quê?

Todos os criados e as crianças se aglomeravam, mortos de medo, no outro canto do salão. Apenas os homens armados morriam. Tom correu os olhos pelos rostos ali presentes. Experimentou uma sensação avassaladora de alívio e gratidão quando viu Alfred, Martha, Ellen e Jack, todos juntos, com um ar aterrorizado, mas vivos e aparentemente ilesos.

Antes que pudesse ir até eles, uma luta começou perto da porta. O conde e dois de seus cavaleiros entraram atacando e foram emboscados pelos cavaleiros de Hamleigh de tocaia. Um dos homens do conde foi abatido na hora, mas o outro protegeu seu senhor com a espada erguida. Vários outros cavaleiros de Bartholomew entraram atrás dele e de repente se armou um terrível embate corpo a corpo, em que eram usados punhos e facas, já que não havia espaço para manejar as compridas espadas. Por alguns instantes, pareceu que os homens do conde fossem subjugar os de William, mas então alguns dos cavaleiros de Bartholomew tiveram de se virar e começaram a se defender por trás: ficou claro que o exército agressor havia conseguido penetrar o pátio superior e agora subia a escada, atacando a torre.

– PAREM! – bradou uma voz potente.

Os homens de ambos os lados assumiram posturas defensivas e a luta cessou.

– Bartholomew de Shiring, você se rende? – falou a mesma voz para dentro do salão.

Tom viu o conde se virar e olhar através da porta. Cavaleiros se afastaram para desimpedir sua linha de visão.

– Hamleigh – murmurou o conde baixo e incrédulo. Ele então ergueu a voz e tornou a falar: – Vai deixar minha família e meus criados ilesos?

– Sim.

– Você jura?

– Juro pela cruz, se você se render.

– Eu me rendo – disse o conde.

Ouviram a comemoração do lado de fora.

Tom se virou. Martha atravessou o salão correndo na sua direção. Ele a pegou do chão, em seguida abraçou Ellen.

– Estamos seguros – disse ela, com os olhos molhados. – Todos nós...

todos seguros.

– Seguros – repetiu Tom, amargo. – Mas na miséria outra vez.



William parou de comemorar de repente. Ele era filho de lorde Percy, e não era digno ficar gritando e bradando como seus homens de armas. Controlou os músculos faciais até imprimir aos traços uma expressão superior de satisfação.

Eles tinham vencido. Ele havia executado o plano, não sem alguns reveses, mas dera certo, e o sucesso do ataque se devia em grande parte ao seu trabalho avançado. Perdera a conta de quantos homens havia matado e aleijado, mas mesmo assim saíra ileso. Um pensamento lhe ocorreu: havia muito sangue em seu rosto para alguém que não fora ferido. Quando o limpou, mais sangue surgiu. Devia ser seu mesmo. Levou a mão ao rosto, em seguida à cabeça. Parte de seus cabelos tinha sido arrancada e quando ele tocou o couro cabeludo sentiu uma dor, como se fosse uma queimadura. Não tinha usado capacete, pois teria despertado suspeita. Agora que havia tomado consciência do ferimento, começou a sentir dor. Não importava. Um ferimento era prova de coragem.

Seu pai subiu a escada e confrontou o conde Bartholomew no vão da porta. Em um gesto de rendição, o conde lhe entregou a espada com o cabo para a frente. Percy a pegou e seus homens tornaram a comemorar.

Quando o barulho por fim cessou, William ouviu Bartholomew dizer:

– Por que você fez isso?

– Você conspirou contra o rei – respondeu Percy.

Bartholomew ficou pasmo por lorde Hamleigh ter conhecimento disso. A perplexidade estampava seu rosto. William prendeu a respiração e pensou se o conde, no desespero da derrota, iria admitir a conspiração na frente de toda aquela gente. Mas Bartholomew recuperou a compostura e se empertigou.

– Defenderei minha honra diante do rei, não aqui – disse o conde.

O pai de William aquiesceu.

– Como quiser. Mande seus homens deporem as armas e saírem do castelo.

O conde murmurou uma ordem para seus cavaleiros, e um a um eles se aproximaram de Percy e jogaram as espadas no chão à sua frente. William gostou de ver aquilo. Olhem só para eles, humilhados diante do meu pai, pensou com orgulho. Seu pai conversava com um de seus próprios homens.

– Junte os cavalos soltos e ponha no estábulo. Mande alguns homens percorrerem o castelo e desarmarem os mortos e feridos.

As armas e os cavalos dos derrotados pertenciam aos vencedores, claro: os cavaleiros de Bartholomew iriam se dispersar desarmados e a pé. Os homens de Hamleigh também esvaziariam os depósitos do castelo. Os cavalos confiscados seriam carregados com mercadorias e levados de volta para Hamleigh, o vilarejo que dava nome à família. O pai chamou outro cavaleiro.

– Reúna os criados da cozinha e diga que preparem o almoço – ordenou. – Mande o resto embora.

Os homens ficavam com fome depois de um combate e agora haveria um banquete. A melhor comida e o melhor vinho do conde seriam consumidos ali antes de o exército voltar para casa.

Instantes depois, os cavaleiros ao redor de Percy e de Bartholomew se dividiram, abrindo passagem, e a mãe de William entrou.

Ela pareceu muito miúda no meio de todos aqueles soldados grandalhões, mas, quando desamarrou o lenço que lhe cobria o rosto, aqueles que nunca a tinham visto se sobressaltaram, chocados, como as pessoas sempre ficavam ao ver seus traços desfigurados. Ela olhou para o marido.

– Um grande triunfo – disse, em tom satisfeito.

William quis dizer: *Tudo graças ao bom trabalho do destacamento avançado, não é, mãe?*

Mordeu a língua, mas seu pai falou por ele:

– Foi William quem nos fez entrar.

A mãe se virou para ele e o rapaz esperou ansioso os seus parabéns.

– Foi mesmo? – indagou ela.

– Sim – respondeu o pai. – O menino fez um bom trabalho.

A mãe aquiesceu.

– Pode ser que tenha feito – falou.

O coração de William se aqueceu com o elogio dela e ele abriu um

sorriso bobo.

A mãe olhou para o conde Bartholomew.

– O conde deve se curvar diante de mim.

– Não – respondeu Bartholomew.

– Tragam a filha – ordenou a mãe.

William olhou em volta. Por alguns instantes, havia se esquecido de Aliena. Vasculhou os rostos dos criados e das crianças e a encontrou na hora, em pé ao lado de Matthew, o afeminado encarregado do castelo. Foi até ela, a segurou pelo braço e a levou até sua mãe. Matthew os seguiu.

– Cortem as orelhas dela – ordenou a mãe.

Aliena gritou.

William sentiu um espasmo estranho na virilha.

O semblante de Bartholomew ficou ainda mais pálido.

– Você prometeu que não faria mal a ela se eu me rendesse – disse ele.

– Você jurou.

– E a sua proteção será tão completa quanto a sua rendição – retrucou a mãe de William.

Que comentário inteligente, pensou William.

Mas a expressão desafiadora de Bartholomew não se desfez.

William se perguntou quem seria escolhido para cortar as orelhas de Aliena. Talvez a mãe o incumbisse da tarefa. Essa ideia era estranhamente excitante.

– Ajoelhe-se – ordenou a mãe a Bartholomew.

Bem devagar, o conde pousou um dos joelhos no chão e baixou a cabeça.

William sentiu uma leve decepção.

A mãe levantou a voz.

– Vejam isso! – gritou para as pessoas ali reunidas. – Jamais esqueçam o destino de um homem que insulta os Hamleighs!

Ela olhou em volta com um ar desafiador e o coração de William inflou de orgulho. A honra da família estava restaurada.

A mãe se afastou e o pai assumiu o comando.

– Levem-no para o quarto dele – ordenou. – Vigiem-no bem.

Bartholomew se levantou.

– Leve a moça também – disse o pai a William.

O rapaz segurou com força o braço de Aliena. Gostava de tocar nela.

Iria subir com ela até o quarto e não sabia o que aconteceria. Se fosse deixado a sós com ela, poderia fazer o que quisesse. Poderia arrancar as roupas dela e ver sua nudez. Poderia...

– Deixem o encarregado Matthew vir conosco, para cuidar da minha filha – pediu o conde.

O pai encarou Matthew.

– Ele parece bem inofensivo – falou, com um sorriso. – Está bem.

William olhou para o rosto de Aliena. Ela ainda estava pálida, mas ficava ainda mais bonita quando assustada. Vê-la tão vulnerável era muito excitante. Queria esmagar aquele corpo maduro debaixo do seu e ver o medo em seu rosto quando forçasse suas coxas a se abrir. Por impulso, aproximou o rosto do dela e disse, em voz baixa:

– Ainda quero me casar com você.

Ela se afastou.

– Casar? – repetiu, com a voz plena de desprezo. – Eu prefiro morrer a me casar com você, seu sapo vaidoso e detestável!

Todos os cavaleiros abriram um largo sorriso e alguns criados esboçaram risadinhas. William sentiu o rosto arder de vergonha.

A mãe deu um súbito passo à frente e desferiu um tapa bem na cara de Aliena. Bartholomew se moveu para defender a filha, mas os cavaleiros o contiveram.

– Cale essa boca – disse a mãe para Aliena. – Você não é mais uma dama elegante... É a filha de um traidor, e logo vai estar pobre e faminta. Já não é boa o bastante para meu filho. Suma da minha vista e não diga mais uma palavra sequer!

Aliena se virou. William soltou seu braço e ela seguiu o pai. Ao vê-la se afastar, William percebeu que o doce sabor da vingança havia amargado na sua boca.



Ela era uma heroína de verdade, pensou Jack, igualzinha às princesas dos poemas. Ficou olhando, embasbacado, enquanto Aliena subia a escada de cabeça erguida. O salão inteiro ficou em silêncio até ela sumir de vista. Quando a princesa ia embora, era como um lampião que se apagava. Jack

ficou encarando o lugar que ela havia ocupado.

Um dos cavaleiros se aproximou e perguntou:

– Quem é o cozinheiro?

O cozinheiro estava assustado demais para se apresentar, mas outra pessoa o identificou.

– Você vai preparar o almoço – disse o cavaleiro. – Pegue seus ajudantes e vá para a cozinha.

O cozinheiro escolheu meia dúzia de pessoas na multidão. O cavaleiro ergueu a voz:

– Todos os outros, sumam daqui. Vão embora do castelo. Partam logo, e se derem valor à própria vida não tentem levar nada que não seja de vocês. Todos nós estamos com sangue nas espadas e um pouco mais não vai fazer diferença. Vão logo!

Todos se arrastaram porta afora. A mãe de Jack foi segurando a mão dele, e Tom a de Martha. Alfred se manteve próximo. Estavam todos de capa, e não tinham outros pertences que não as roupas do corpo e as facas de comer. Junto com a multidão, desceram a escada, atravessaram a ponte, cruzaram o pátio inferior e passaram pelo portão, por cima das duas portas inúteis, e saíram do castelo sem parar um instante. Quando desceram da ponte e pisaram o campo do lado externo do fosso, a tensão se liberou como a corda de um arco que fosse cortada e todos começaram a falar, em vozes altas e animadas sobre a situação pela qual haviam acabado de passar. Jack escutou distraidamente enquanto ia andando. Todos recordavam quão corajosos haviam se mostrado. Ele não fora corajoso, apenas fugira.

A única que havia sido corajosa fora Aliena. Ao entrar na torre e descobrir que, em vez de um lugar seguro, havia uma armadilha, se encarregara dos criados e crianças e lhes dissera que se sentassem, ficassem calados e não atrapalhassem os homens que lutavam, gritando com os cavaleiros de Hamleigh quando maltratavam os prisioneiros ou erguiam a espada contra homens e mulheres desarmados, agindo como se fosse totalmente invulnerável.

Sua mãe passou a mão em sua cabeça, desgrenhando-lhe os cabelos.

– Em que está pensando?

– O que será que vai acontecer com a princesa?

Ellen entendeu a quem ele estava se referindo.

– Lady Aliena.

– Ela parece a princesa que mora num castelo. Mas os cavaleiros não são tão virtuosos quanto dizem os poemas.

– Isso é verdade – concordou sua mãe, triste.

– O que vai acontecer com ela?

Ellen balançou a cabeça.

– Não sei, não sei mesmo.

– A mãe dela morreu.

– Então ela vai passar maus bocados.

– Foi o que pensei. – Jack fez uma pausa. – Ela riu de mim porque eu não sabia sobre meu pai. Mas mesmo assim gosto dela.

Ellen passou o braço à sua volta.

– Desculpe por não ter contado a você sobre isso.

Ele tocou a mão dela, aceitando as desculpas. Os dois continuaram andando em silêncio. De vez em quando, uma família saía da estrada e se punha a cruzar os campos em direção à casa de parentes ou amigos, onde poderiam implorar por um desjejum e pensar no que fazer em seguida. A maior parte do grupo permaneceu unida até a encruzilhada, onde se dispersou, alguns rumo ao norte ou ao sul, outros em frente na direção do mercado de Shiring. A mãe se afastou de Jack e pôs a mão no braço de Tom para fazê-lo parar.

– Para onde estamos indo? – perguntou ela.

Ele pareceu levemente surpreso, como se esperasse que todos o seguissem aonde ele fosse sem fazer perguntas. Jack tinha percebido que a mãe muitas vezes provocava aquela expressão no rosto de Tom. Talvez a outra esposa dele fosse um tipo diferente de pessoa.

– Estamos indo para o priorado de Kingsbridge – respondeu Tom.

– Kingsbridge!

Ellen pareceu abalada. Jack se perguntou por quê.

Tom não pareceu notar.

– Ontem à noite ouvi dizer que há um novo prior – continuou ele. – Em geral, alguém novo sempre quer fazer reparos ou alterações na igreja.

– O prior antigo morreu?

– Sim.

Por algum motivo, essa informação deixou a mãe aliviada. Ela devia conhecer o prior antigo, pensou Jack, e tinha antipatia por ele.

Tom finalmente percebeu a preocupação na voz dela.

– Algum problema com Kingsbridge? – perguntou.

– Já estive lá. Fica a mais de um dia de viagem.

Jack notou que não era a duração da viagem que incomodava a mãe, mas Tom, não.

– Um pouco mais – disse ele. – Podemos chegar lá ao meio-dia de amanhã.

– Está bem.

Eles seguiram andando.

Um pouco mais tarde, Jack começou a sentir uma dor na barriga. Por algum tempo, perguntou-se o que seria. Não fora ferido no castelo e já fazia dois dias que Alfred não o socava. Mas acabou entendendo o que era.

Estava com fome outra vez.

CAPÍTULO 4

I

A catedral de Kingsbridge não era uma visão acolhedora. Era uma estrutura baixa, atarracada e maciça, de paredes grossas e janelas diminutas. Fora erguida muito antes da época de Tom, em um tempo em que os construtores não compreendiam a importância da proporção. A geração de Tom sabia que uma parede reta e plana era mais resistente do que uma grossa e que era possível abrir janelas grandes contanto que o arco formasse um semicírculo perfeito. De longe, a igreja parecia torta, e quando ele chegou perto viu por quê: uma das duas torres idênticas da extremidade oeste havia desabado. Aquilo o deixou animado. Era provável que o novo prior quisesse reconstruí-la. A esperança apressou seus passos. Ser contratado, como havia acontecido em Earlscastle, e em seguida ver seu novo patrão derrotado em batalha e capturado fora um grande baque. Ele se sentia incapaz de aguentar outra decepção como aquela.

Olhou rapidamente para Ellen. Temia que a qualquer momento ela concluísse que ele não iria encontrar trabalho antes de todos morrerem de fome e então o abandonasse. Ela sorriu, em seguida tornou a franzir o cenho ao fitar a monstruosa silhueta da catedral. Tom havia percebido que ela sempre ficava pouco à vontade na presença de padres e monges. Pensou se se sentiria culpada por não serem casados aos olhos da Igreja.

Dentro dos muros do priorado, tudo era agitação e atividade. Tom já havia visto mosteiros sonolentos e mosteiros ativos, mas Kingsbridge era excepcional. Parecia estar passando por uma faxina de primavera três meses antes da hora. Em frente ao estábulo, dois monges escovavam cavalos e um terceiro tratava dos arreios, enquanto noviços limpavam as baias. Outros irmãos varriam e esfregavam a casa de hóspedes, situada ao lado do estábulo, e uma carroça aguardava na frente, cheia de palha para

cobrir o chão limpo.

Mas não havia ninguém trabalhando na torre desmoronada. Tom estudou a pilha de pedras que era o último resquício da torre. A queda devia ter ocorrido alguns anos antes, pois as bordas quebradas das pedras já estavam rombudas devido ao gelo e à chuva, a argamassa ruída fora levada embora pela água e o entulho havia se enterrado uns 3 a 5 centímetros na terra fofa. Era notável que aquele reparo houvesse sido negligenciado por tanto tempo, pois catedrais supostamente deviam ser lugares de prestígio. O antigo prior devia ser ocioso, incompetente ou as duas coisas. Tom decerto havia chegado bem na hora em que os irmãos estavam planejando a reconstrução. Finalmente, um pouco de sorte.

– Ninguém está me reconhecendo – disse Ellen.

– Quando você esteve aqui? – indagou-lhe Tom.

– Treze anos atrás.

– Não é de espantar que eles tenham esquecido.

Quando eles passaram em frente à fachada oeste da igreja, Tom abriu uma das grandes portas de madeira e espiou lá dentro. A nave, dotada de grossas colunas e de um teto de madeira muito antigo, era escura e sombria. Vários monges, porém, estavam ocupados caiando as paredes com escovas de cabo comprido, enquanto outros varriam o chão de terra batida. Era óbvio que o novo prior arrumava o lugar de cima a baixo. Um sinal animador. Tom fechou a porta.

Após a igreja, no pátio da cozinha, um grupo de noviços ao redor de uma tina de água suja raspava com pedras afiadas a fuligem e a gordura acumuladas dentro de panelas e utensílios de cozinha. A constante imersão na água gelada havia deixado os nós de seus dedos ralados e vermelhos. Ao verem Ellen, eles deram uma risadinha e olharam para o outro lado.

Tom perguntou a um noviço envergonhado onde podia encontrar o despenseiro. Estritamente falando, deveria ter pedido para falar com o sacristão, o responsável pela conservação da igreja, mas os despenseiros eram mais fáceis de abordar. No fim das contas, de toda forma, quem tomaria a decisão seria o prior. O noviço o encaminhou para o depósito térreo de um dos prédios em volta do pátio. Tom entrou por uma porta aberta, seguido por Ellen e pelas crianças. Do lado de dentro da construção, deixaram os olhos se ajustarem à penumbra.

Tom constatou imediatamente que aquela construção era mais nova e

mais sólida do que a igreja. O ar estava seco e não havia odor de podridão. Na verdade, o cheiro misturado das comidas ali armazenadas lhe provocou fortes dores na barriga, pois fazia dois dias que ele não colocava nada no estômago. Quando seus olhos se adaptaram, viu que o depósito tinha um bom piso forrado de lajotas, colunas baixas e grossas e um teto em arcada. Instantes depois, notou a presença de um homem alto e careca que transferia sal de um barril para uma panela com o auxílio de uma colher.

– É você o despenseiro? – indagou Tom, mas o homem ergueu uma das mãos pedindo silêncio e ele entendeu que estava contando. Todos aguardaram até ele terminar.

– Duas vintenas e dezenove, três vintenas – disse por fim o monge e pousou a colher.

– Sou Tom, mestre construtor, e gostaria de reconstruir a sua torre noroeste – explicou Tom.

– Eu sou o despenseiro Cuthbert, conhecido como Whitehead, e gostaria de ver isso feito – respondeu o homem. – Mas vamos ter de perguntar ao prior Philip. Você deve ter ouvido dizer que temos um novo prior.

– Sim. – Tom concluiu que Cuthbert era um daqueles monges amigáveis, práticos e de fácil convívio. Devia gostar de conversar. – E o novo prior parece disposto a melhorar a aparência do mosteiro.

Cuthbert assentiu.

– Mas não está disposto a pagar por isso. Notou que todo o trabalho está sendo feito pelos irmãos? Ele não quer contratar nenhum trabalhador. Diz que o priorado já tem criados suficientes.

Era uma notícia ruim.

– E o que os irmãos acham disso? – perguntou Tom com delicadeza.

Cuthbert riu e seu rosto enrugado se vincou ainda mais.

– Você é um homem de tato, Tom Builder. Está pensando que não é frequente ver monges trabalhando tão duro. Bem, o novo prior não está forçando ninguém. Mas sua interpretação da Regra de São Benedito é que aqueles que fazem trabalhos manuais podem comer carne vermelha e tomar vinho, enquanto aqueles que apenas estudam e rezam precisam viver à base de peixe seco e cerveja rala. E ele também é capaz de fornecer uma elaborada justificativa teórica para isso, mas o resultado final é que há vários voluntários para o trabalho duro, sobretudo entre os mais jovens.

Via-se que não reprovava aquilo, mas o deixava intrigado.

– Mas os monges não conseguem erguer paredes de pedra, por mais que comam bem – insistiu Tom.

Enquanto falava, ouviu um choro de bebê. Aquele som tocou fundo seu coração. Demorou alguns instantes para se dar conta de como era estranha a presença de um bebê num mosteiro.

– Vamos perguntar ao prior – disse Cuthbert, mas Tom mal o escutou.

Parecia o choro de um bebê bem pequeno, de apenas uma ou duas semanas, e estava se aproximando. Tom e Ellen se entreolharam. Ela também parecia surpresa. Então uma sombra surgiu na porta. Tom sentiu um bolo na garganta. Um monge entrou como um bebê no colo. O construtor olhou para o rosto da criança. Era seu filho.

Tom engoliu em seco. A criança tinha o rosto vermelho, os punhos cerrados e a boca aberta, deixando à mostra as gengivas desdentadas. Não era um choro de dor nem de doença, mas um simples pedido de comida. Era o berro saudável e vigoroso de um bebê normal, e Tom ficou tonto de alívio por ver o filho tão bem.

O monge que o trazia no colo era um rapaz de aspecto alegre, com cerca de 20 anos, dono de cabelos desgrehados e de um largo sorriso meio bobo. Ao contrário da maioria dos irmãos, não reagiu à presença da mulher. Sorriu para todos, em seguida falou com Cuthbert:

– Jonathan precisa de mais leite.

Tom quis segurar o bebê nos braços. Tentou imobilizar o rosto para que não traísse suas emoções. Lançou um olhar furtivo para os filhos. Tudo o que eles sabiam era que o bebê abandonado fora encontrado por um padre viajante. Nem sequer sabiam que o padre o havia levado para o pequeno mosteiro na floresta. Agora, seus rostos nada exibiam senão uma leve curiosidade. Eles não tinham feito a ligação entre o bebê e aquele que haviam abandonado.

Cuthbert pegou uma concha e uma pequena jarra, que encheu com o leite de um balde.

– Posso segurar o bebê? – pediu Ellen ao jovem monge.

Ela estendeu os braços e o irmão lhe passou a criança. Tom sentiu inveja. Queria segurar aquela trouxinha quente bem junto ao coração. Ellen embalou o neném, que se calou por alguns instantes.

– Ah – disse Cuthbert, erguendo os olhos. – John Eightpence até que é

uma boa ama-seca, mas não tem o mesmo toque de uma mulher.

Ellen sorriu para o rapaz.

– Por que chamam você de Johnny Eightpence?

Quem respondeu foi Cuthbert:

– Porque para ele 1 xelim tem só 8 *pence*, em vez de 12 – disse ele, batendo com o dedo na lateral da cabeça para indicar que Johnny era lento.

– Mas ele parece compreender as necessidades das pobres criaturas mudas melhor do que nós, os espertões. Tudo isso faz parte do desígnio maior de Deus, estou certo – concluiu ele, vago.

Ellen havia se aproximado de Tom, então lhe passou o bebê. Tinha lido seus pensamentos. Ele lhe lançou um olhar de profunda gratidão e segurou com as mãos a diminuta criança. Pôde sentir o coração do menino batendo através da manta na qual ele estava envolto. O tecido era de boa qualidade: perguntou-se por um instante onde os monges teriam arrumado uma lã tão macia. Segurou o filho junto ao peito e o embalou. Sua técnica não era tão boa quanto a de Ellen, e o bebê recomeçou a chorar, mas Tom não ligou: aquele berro alto e insistente era como música para seus ouvidos, pois queria dizer que a criança que ele havia abandonado era saudável e forte. Por mais difícil que fosse, sentiu ter tomado a decisão certa ao deixá-lo no mosteiro.

– Onde ele dorme? – perguntou Ellen a Johnny.

Dessa vez, o rapaz respondeu por si:

– Em um berço no dormitório junto conosco.

– Deve acordar todos vocês durante a noite.

– Nós já acordamos à meia-noite mesmo, para as matinas – disse o rapaz.

– Claro! Tinha esquecido que as noites dos monges são tão insones quanto as das mães.

Cuthbert entregou a jarra de leite a Johnny. O rapaz pegou a criança de Tom com um movimento experiente de um braço só. Tom não estava pronto para entregar o menino, mas aos olhos dos irmãos não tinha direito nenhum sobre ele, então teve de soltá-lo. Johnny e o bebê foram embora pouco depois, e Tom precisou lutar contra o impulso de ir atrás e dizer: *Espere aí, pare, esse é o meu filho, me devolva*. Parada ao seu lado, Ellen apertou seu braço em um gesto discreto de compreensão.

Tom se deu conta de que tinha mais um motivo para ter esperança. Se

conseguisse arrumar trabalho ali, poderia ver o bebê Jonathan o tempo todo e seria quase como se nunca o tivesse abandonado. Aquilo lhe pareceu bom demais para ser verdade e ele não se atreveu a desejar que se tornasse realidade.

Cuthbert lançava um olhar astuto para Martha e Jack, que haviam arregalado os olhos ao ver a jarra cheia de leite cremoso que Johnny levara embora.

– As crianças gostariam de um pouco de leite? – ofereceu.

– Sim, padre, gostariam, por favor – respondeu Tom, no íntimo também desejando um gole.

Cuthbert usou a concha para servir o leite em duas tigelas de madeira, que passou para Martha e Jack. Os dois beberam bem rápido e acabaram com grandes anéis brancos em volta da boca.

– Mais? – perguntou o monge.

– Sim, por favor – responderam os dois ao mesmo tempo.

Tom olhou para Ellen sabendo que ela devia estar sentindo o mesmo que ele: uma gratidão profunda por ver os pequenos enfim alimentados.

– De onde vocês vieram? – indagou casualmente Cuthbert enquanto tornava a encher as tigelas.

– De Earls castle, perto de Shiring – respondeu Tom. – Saímos de lá ontem de manhã.

– E comeram alguma coisa desde então?

– Não – respondeu Tom, seco.

Sabia que Cuthbert perguntava de bom coração, mas detestava admitir que não conseguira alimentar os filhos.

– Então comam umas maçãs para aguentar até a hora do jantar – disse o monge, apontando para um barril perto da porta.

Enquanto Martha e Jack tomavam sua segunda tigela de leite, Alfred, Ellen e Tom foram até o barril. Alfred tentou encher os braços de frutas, mas Tom derrubou as maçãs de suas mãos e falou, em voz baixa:

– Pegue só duas ou três.

O menino pegou três.

Tom comeu as maçãs com gratidão e elas lhe aliviaram um pouco a barriga, mas não pôde evitar pensar em quanto tempo faltava para o jantar. Lembrou com alegria que os monges em geral comiam antes de anoitecer, para poupar velas.

Cuthbert agora olhava com atenção para Ellen.

– Eu conheço você? – indagou, por fim.

A pergunta pareceu incomodá-la.

– Acho que não.

– Você me parece familiar – disse o monge, em dúvida.

– Eu morava aqui perto quando era criança – respondeu.

– Pode ser isso – disse o monge. – Daí minha sensação de que você parece mais velha do que deveria.

– Sua memória deve ser muito boa.

Ele franziu o cenho.

– Não tão boa assim. Tenho certeza de que tem mais alguma coisa... Pouco importa. Por que vocês saíram de Earlscastle?

– O castelo foi atacado e tomado ontem ao raiar do dia – respondeu Tom. – O conde Bartholomew foi acusado de traição.

A notícia deixou Cuthbert chocado.

– Que os santos nos preservem! – exclamou ele, e de repente pareceu uma velha criada com medo de um touro. – Traição!

Ouviram-se passos do lado de fora. Tom se virou e viu outro monge entrar.

– Este é o nosso novo prior – apresentou Cuthbert.

Tom o reconheceu. Era Philip, o monge com quem haviam cruzado a caminho do palácio do bispo, aquele que lhes dera o delicioso queijo. Tudo então se encaixou: o novo prior de Kingsbridge era o antigo prior do pequeno convento na floresta e havia levado Jonathan consigo ao se mudar para a catedral. Tom sentiu o coração acelerar de otimismo. Philip era um homem bom e parecera ter por ele apreço e confiança. Com certeza lhe daria um emprego.

Philip também o reconheceu.

– Olá, mestre construtor – cumprimentou. – Quer dizer que não arrumou muito trabalho no palácio do bispo?

– Não, pai. O arcediogo não quis me contratar, e o bispo não estava.

– De fato não... Ele estava no céu, embora na ocasião não soubéssemos disso.

– O bispo morreu?

– Sim.

– Essa notícia é velha – interrompeu Cuthbert com impaciência. – Tom

e a família dele acabam de vir de Earlscastle. O conde Bartholomew foi capturado, e seu castelo, tomado!

Philip ficou paralisado.

– Já! – murmurou.

– Já? – repetiu Cuthbert. – Por que está dizendo “já”? – O despenseiro parecia nutrir ao mesmo tempo apreço e desconfiança pelo prior, como um pai cujo filho tivesse ido à guerra e voltado para casa com uma espada no cinto e uma expressão levemente perigosa nos olhos. – Você sabia que isso aconteceria?

Philip ficou um pouco agitado.

– Não, não exatamente – respondeu, hesitante. – Ouvi um boato de que o conde Bartholomew não apoiaria o rei Estêvão. – Ele recobrou o controle. – Devemos todos ficar gratos por isso. Estêvão prometeu proteger a Igreja enquanto Matilda talvez nos oprimisse tanto quanto o finado pai. Sim, de fato, é uma boa notícia.

O prior parecia tão satisfeito quanto se ele próprio tivesse capturado o conde.

Mas Tom não queria falar sobre Bartholomew.

– Para mim não é uma boa notícia – disse ele. – O conde tinha me contratado na véspera para reforçar as defesas do castelo. Não recebi nem o salário do primeiro dia.

– Que pena – comentou Philip. – Quem atacou o castelo?

– Lorde Percy Hamleigh.

– Ah.

Philip balançou a cabeça, e mais uma vez Tom pensou que havia apenas confirmado o que ele já esperava.

– Parece que o senhor está fazendo algumas melhorias aqui – falou Tom, tentando conduzir o assunto para seus próprios interesses.

– Estou tentando – respondeu Philip.

– Tenho certeza de que vai querer reconstruir a torre.

– Reconstruir a torre, consertar o telhado, pavimentar o piso... sim, quero fazer tudo isso. E você quer o emprego, claro – acrescentou, pelo visto só agora entendendo o que levava Tom até lá. – Eu não estava pensando nisso. Queria poder contratá-lo, mas temo não ter como pagá-lo. Este mosteiro está arruinado.

Tom sentiu como se tivesse levado um soco. Estava confiante de

conseguir trabalho ali. Tudo indicava que fosse ser assim. Mal conseguiu acreditar nos próprios ouvidos. Ficou encarando Philip. Na verdade, era difícil crer que o mosteiro estivesse sem dinheiro. O despenseiro tinha dito que eram os irmãos que faziam todo o trabalho extra, mas mesmo assim um mosteiro sempre podia pedir dinheiro emprestado aos judeus. Tom sentiu que aquilo era o fim da linha para ele. O que quer que o houvesse feito seguir em frente durante todo o inverno pareceu se esvaír de dentro dele e ele se sentiu fraco e acovardado. Não consigo continuar, pensou, estou acabado.

Philip viu seu desespero.

– Eu posso lhe oferecer o jantar, um lugar para dormir e um desjejum pela manhã – propôs.

Tom estava tomado por uma raiva amargurada.

– Aceito – falou. – Mas preferiria trabalhar por isso.

Philip notou a raiva em sua voz e arqueou as sobrancelhas, mas quando falou seu tom de voz era brando:

– Pode perguntar a Deus: isso não é mendicância, é oração.

E o prior então se retirou.

Os outros pareciam um pouco assustados e Tom percebeu que sua raiva devia estar latente. Aqueles olhares fixos o incomodaram. Ele saiu do armazém logo após Philip e ficou parado no pátio olhando para a grande e velha igreja, tentando controlar os sentimentos.

Alguns instantes depois, Ellen e as crianças o seguiram até o pátio. A mulher passou o braço em volta da cintura dele, um gesto de consolo que fez os noviços cochicharem e se cutucarem. Tom os ignorou.

– Vou rezar, sim – disse, amargurado. – Vou rezar para um raio cair em cima da igreja e arrasá-la.



Nos últimos dois dias, Jack havia aprendido a temer o futuro.

Durante sua curta vida, nunca tivera de pensar além do dia seguinte, mas, se tivesse, saberia o que esperar. Na floresta, os dias eram bastante parecidos e as estações demoravam a mudar. Agora, a cada dia, não sabia onde iria estar, o que iria fazer ou se teria o que comer.

A pior parte era sentir fome. Sem contar a ninguém, Jack vinha comendo grama e folhas para tentar aliviar a dor na barriga, mas acabava com um tipo diferente de mal-estar e uma sensação esquisita. Martha às vezes sentia tanta fome que chegava a chorar. Ele e a menina sempre caminhavam juntos. Ela o admirava, como ninguém jamais o havia admirado. A impotência de aliviar o sofrimento dela era pior do que sua própria fome.

Se ainda estivessem vivendo na caverna, ele saberia aonde ir para matar patos, encontrar castanhas ou roubar ovos, mas ficava perdido nas cidades e vilarejos e nas estradas desconhecidas que os interligavam. Tudo o que sabia era que Tom precisava arrumar trabalho.

Eles passaram a tarde na casa de hóspedes do mosteiro. Era uma construção simples, de um cômodo só, com chão de terra batida e uma lareira no meio, exatamente igual às casas que os camponeses habitavam, porém Jack, que sempre havia morado em uma caverna, a achou maravilhosa. Ficou curioso para saber como a casa era feita e Tom lhe explicou. Duas árvores jovens tinham sido abatidas, aparadas e apoiadas uma na outra para formar um ângulo. Então outras duas haviam sido posicionadas da mesma forma a 4 metros de distância, e os dois triângulos assim formados eram conectados no alto por uma cumeeira de madeira. Em paralelo à cumeeira eram presas ripas leves que uniam as árvores para formar um telhado inclinado até o chão. Por cima das ripas eram dispostas estruturas de junco trançado, então impermeabilizadas com lama. Os vãos nas extremidades eram tapados com estacas fincadas no solo, e as fendas entre as estacas, preenchidas com lama. Em um dos vãos havia uma porta, e não havia janelas.

A mãe de Jack espalhou palha fresca no chão e ele acendeu um fogo com a lasca de sílex que sempre carregava consigo. Quando os outros saíram de perto, perguntou a Ellen por que o prior não queria contratar Tom quando era evidente que havia trabalho a ser feito.

– Parece que ele prefere economizar o dinheiro enquanto a igreja ainda estiver em condições de uso – respondeu ela. – Se a igreja inteira tivesse desabado, eles seriam forçados a reconstruir, mas, como só uma torre caiu, podem conviver com os danos.

Quando a luz do dia começou a baixar rumo ao crepúsculo, um ajudante de cozinha apareceu na casa de hóspedes com um caldeirão de

sopa e um pão do tamanho de um homem em pé, só para eles. A sopa fora preparada com legumes, ervas e pedaços de carne com ossos, e a gordura reluzia na superfície. Era um pão preto, feito com toda espécie de grão: centeio, cevada, aveia, além de ervilhas e feijões secos. Segundo Alfred, era o tipo mais barato de pão, mas para Jack, que nunca havia comido pão até alguns dias antes, era uma delícia, e ele devorou tudo até sua barriga doer. Alfred também comeu até não sobrar nada.

– Por que a torre desabou, afinal? – perguntou Jack para Alfred quando estavam sentados junto ao fogo tentando digerir o banquete.

– Deve ter sido atingida por um raio – respondeu o rapaz. – Ou talvez tenha havido um incêndio.

– Mas não tem nada para queimar – disse Jack. – Ela é toda feita de pedra.

– O teto não é de pedra, seu burro – desdenhou Alfred. – O teto é feito de madeira.

Jack ficou pensando nisso por alguns instantes.

– E quando o teto pega fogo, a construção sempre desaba?

Alfred deu de ombros.

– Às vezes.

Eles passaram um tempo sentados em silêncio. Tom e a mãe de Jack conversavam baixinho do outro lado da lareira.

– Que engraçado aquele bebê – falou Jack.

– Engraçado por quê? – indagou Alfred após alguns instantes.

– Bom, o bebê de vocês se perdeu na floresta, a quilômetros daqui, e agora tem um bebê aqui no priorado.

Nem Alfred nem Martha pareceram achar a coincidência assim tão notável e Jack logo esqueceu o assunto.

Os monges foram todos para a cama imediatamente após o jantar e, como não forneciam velas para os hóspedes mais modestos, a família de Tom ficou sentada olhando para a fogueira até ela se apagar, e em seguida todos se deitaram sobre a palha.

Jack ficou acordado pensando. Ocorrera-lhe que, se a catedral pegasse fogo naquela noite, seria a solução para todos os seus problemas. O prior contrataria Tom para reconstruir a igreja, eles ficariam morando ali naquela bela casa e haveria sopa de ossos e pão preto para sempre.

Se eu fosse Tom, pensou, eu mesmo tocaria fogo na igreja. Levantaria

sem fazer barulho, enquanto todos os outros estivessem dormindo, entraria de fininho na igreja e acenderia um fogo com minha lasca de sílex, depois voltaria para cá enquanto o incêndio estivesse se espalhando e fingiria estar dormindo quando fosse dado o alarme. E quando as pessoas comessem a jogar baldes d'água nas chamas, como tinham feito quando o estábulo pegara fogo no castelo do conde Bartholomew, eu me juntaria a elas, como se quisesse apagar o incêndio tanto quanto os outros.

Alfred e Martha já estavam dormindo. Jack soube disso pelo ritmo da sua respiração. Tom e Ellen fizeram o que em geral faziam sob a capa dele (segundo Alfred, chamava-se “trepár”), em seguida também pegaram no sono. Pelo visto, Tom não iria se levantar para colocar fogo na catedral.

Mas *o que* ele iria fazer? Será que a família teria de percorrer as estradas até morrer de fome?

Depois de todos adormecerem, quando ouviu os quatro respirarem com o ritmo lento e regular que indicava um sono profundo, Jack teve uma ideia: *ele* poderia colocar fogo na catedral.

O pensamento fez seu coração se acelerar de medo.

Teria de se levantar sem fazer barulho. Com certeza conseguiria retirar a barra que fechava a porta e sair sem acordar ninguém. As portas da igreja talvez estivessem trancadas, mas haveria algum jeito de entrar, sobretudo para uma pessoa pequena.

Uma vez lá dentro, sabia como chegaria ao telhado. Havia aprendido muito em duas semanas com Tom. O construtor vivia falando sobre edificações, dirigindo quase todos os comentários a Alfred, e, embora o rapaz não demonstrasse interesse, Jack prestava atenção. Havia descoberto, entre outras coisas, que todas as igrejas grandes tinham escadas embutidas nas paredes para dar acesso às partes mais altas em caso de reparos. Ele encontraria uma escada dessas e subiria até o telhado.

Sentou-se no escuro, atento à respiração dos outros. Podia distinguir a de Tom pelo leve chiado, causado, segundo a mãe, por anos inalando pó de pedra. Alfred roncou uma vez, bem alto, em seguida se virou e não fez mais barulho.

Depois de começar o incêndio, Jack teria de voltar depressa para a casa de hóspedes. O que os monges fariam caso o pegassem? Em Shiring, ele tinha visto um menino da sua idade ser amarrado e açoitado por roubar um pão de açúcar de uma venda de especiarias. O menino havia gritado

quando o graveto flexível fizera sua bunda sangrar. Aquilo parecera bem pior do que homens se matarem em combate como havia acontecido em Earlscastle, e a imagem do menino ensanguentado vinha assombrando Jack desde então. Ele morria de medo de que lhe acontecesse a mesma coisa.

Se eu fizer isso, pensou, jamais vou contar a ninguém.

Tornou a se deitar, puxou a capa em volta do corpo e fechou os olhos.

Imaginou se a porta da igreja estaria trancada. Caso estivesse, ele poderia entrar por uma janela. Se estivesse do lado norte do pátio, ninguém o veria. O dormitório dos irmãos ficava ao sul da igreja, escondido pelo claustro, e no lado norte não havia nada a não ser o cemitério.

Decidiu ir até lá dar apenas uma olhada, para ver se era possível.

Hesitou mais alguns instantes, então se levantou.

A palha nova estalou sob seus pés. Ele escutou a respiração dos quatro corpos adormecidos. Reinava um grande silêncio. Os camundongos haviam parado de se mover. Ele deu um passo e tornou a prestar atenção nos sons. Os outros continuaram dormindo. Ele perdeu a paciência e deu três passos rápidos em direção à porta. Quando parou, os camundongos decidiram que não tinham nada a temer e recomeçaram a se movimentar, mas as pessoas seguiram dormindo.

Ele tocou a porta com a ponta dos dedos, em seguida desceu as mãos até a barra. Era uma barra de carvalho sustentada por ganchos iguais de cada lado. Ele a segurou por baixo, firmou as mãos e levantou. A barra era mais pesada do que ele esperava e, após erguê-la apenas 2 centímetros, teve de soltá-la. O ruído surdo da barra caindo sobre os ganchos lhe pareceu muito alto. Jack se imobilizou e apurou os ouvidos. A respiração chiada de Tom oscilou. O que direi se for pego?, pensou Jack, em desespero. Vou dizer que ia sair... que ia sair... já sei, vou dizer que ia sair para fazer minhas necessidades. Agora que tinha uma desculpa, relaxou. Ouviu Tom se virar e aguardou a voz grave e rouca, mas ela não veio, e a respiração dele tornou a ficar regular.

Em torno da porta penetrava uma débil luz prateada. Devia haver lua no céu, pensou Jack. Tornou a segurar a barra, inspirou fundo e fez força para levantá-la. Dessa vez estava preparado para o peso. Ergueu a barra e a puxou para si, mas não a havia levantado o suficiente e ela não se

desprende dos ganchos. Então a ergueu mais uns 3 centímetros e a fez se soltar. Segurou-a junto ao peito, aliviando um pouco o peso nos braços. Em seguida, devagar, apoiou-se sobre um dos joelhos, depois sobre os dois, e baixou a barra até o chão. Passou alguns instantes nessa posição, tentando acalmar a respiração enquanto a dor em seus braços ia passando. Os outros não produziam ruído nenhum exceto os do sono.

Com muito cuidado, Jack abriu uma fresta da porta. A dobradiça de ferro rangeu e uma corrente de ar frio entrou pela brecha. Ele estremeceu. Enrolou mais a capa em volta de si e abriu um pouco mais a porta. Saiu e a fechou atrás de si.

As nuvens se moviam e a lua surgia e sumia no céu agitado. Um vento frio soprava. Por um segundo, Jack se sentiu tentado a retornar para o calor abafado do interior da casa. A imensa igreja se erguia acima do resto do priorado com sua torre desmoronada, prateada e negra ao luar. As paredes maciças e as minúsculas janelas a faziam se parecer mais com um castelo. Era feia.

O silêncio reinava. Fora dos muros do priorado, no vilarejo, talvez ainda houvesse algumas pessoas acordadas, tomando cerveja à luz do fogo ou costurando graças à claridade de uma lamparina, mas ali nada se movia. Mesmo assim, Jack olhou para a igreja e hesitou. A catedral o encarou de volta, acusadora, como se soubesse o que lhe ia pela cabeça. Ele afastou a sensação de ameaça com um dar de ombros e atravessou o amplo gramado até a extremidade oeste.

A porta estava trancada.

Ele deu a volta até a lateral norte e olhou para as janelas da catedral. Algumas janelas de igreja tinham pedaços de linho translúcido esticados na frente para não deixar o frio entrar, mas aquelas dali não pareciam ter nada. Eram grandes o suficiente para ele passar, mas altas demais para que as alcançasse. Com os dedos, ele começou a explorar a cantaria, tateando as rachaduras da parede nos pontos em que a argamassa havia se soltado, mas elas não eram grandes o bastante para sustentar seus dedos dos pés. Ele precisava de algo para usar como escada.

Pensou em pegar pedras da torre caída e improvisar uma escada, mas as pedras que estavam inteiras eram demasiado pesadas e as quebradas demasiado irregulares. Teve a sensação de ter visto no decorrer do dia alguma coisa capaz de servir exatamente a seu objetivo e vasculhou a

mente para se lembrar. Foi como tentar avistar algo com o canto dos olhos: a coisa sempre permanecia um pouco fora do seu campo de visão. Então olhou na direção do estábulo por cima do cemitério banhado de luar e lembrou: uma escadinha de madeira com dois ou três degraus, usada para ajudar pessoas baixas a montar cavalos. Vira um dos monges em cima dela, escovando a crina de um animal.

Foi até o estábulo. Como não era algo que valesse a pena roubar, a escadinha talvez não fosse guardada durante a noite. Andou sem fazer barulho, mas mesmo assim os cavalos o escutaram, e um ou dois deles resfolegaram e bufaram. Ele parou, assustado. Talvez houvesse cavalaria dormindo dentro do estábulo. Ficou quieto por alguns instantes, à escuta de ruídos que indicassem alguma movimentação humana, mas não ouviu nada e os cavalos silenciaram.

Não conseguiu encontrar a escadinha. Talvez estivesse encostada na parede. Jack espiou as sombras criadas pelo luar. Foi difícil enxergar alguma coisa. Com toda a cautela, chegou bem pertinho do estábulo e margeou toda a sua extensão. Os cavalos tornaram a ouvi-lo e dessa vez sua proximidade os deixou nervosos e um deles relinchou. Jack gelou.

– Calma, calma – disse uma voz.

Enquanto ele estava parado feito uma estátua assustada, viu a escadinha bem debaixo do seu nariz, tão próxima que teria tropeçado nela caso desse mais um passo. Aguardou alguns segundos. Não houve mais ruídos vindos do estábulo. Abaixou-se, pegou a escadinha e a suspendeu sobre o ombro. Virou-se e tornou a atravessar o gramado até a igreja. O estábulo permaneceu silencioso.

Nem subindo no degrau mais alto da escadinha podia alcançar a janela. Irritou-se: não conseguia sequer olhar lá dentro. Não havia se decidido de todo a cometer o ato, mas não queria ser impedido por questões práticas. Queria decidir por si mesmo. Desejou ser alto como Alfred.

Havia mais uma coisa a tentar. Ele se afastou, deu uma corrida curta, saltou com um dos pés sobre a escadinha e se esticou para o alto. Alcançou com facilidade o peitoril da janela e conseguiu segurar a moldura de pedra. Com um tranco, içou o corpo até ficar sentado de lado no peitoril. Quando tentou se esgueirar pela abertura, porém, teve uma surpresa. A janela era protegida por uma grade de ferro que ele não tinha visto por fora, decerto porque era preta. Ajoelhado no peitoril, examinou-a com as

duas mãos. Não havia jeito de passar. Era provável que a grade estivesse ali justamente para impedir que entrassem quando a igreja estivesse fechada.

Decepcionado, ele pulou para o chão outra vez. Pegou a escadinha e a levou até onde a havia encontrado. Dessa vez, os cavalos não fizeram barulho.

Olhou para a torre noroeste desabada, à esquerda da porta principal. Subiu com cuidado pelas pedras na borda da pilha e olhou em direção ao interior da igreja à procura de uma passagem pelo meio do entulho. Quando a lua se escondeu atrás de uma nuvem, aguardou, tremendo de frio, até ela tornar a sair. Estava com medo de seu peso, por mais leve que fosse, modificar o equilíbrio das pedras e causar um deslizamento, acordando todo mundo, isso caso não o matasse. Quando a lua reapareceu, correu os olhos pela pilha e decidiu arriscar. Com o coração na boca, se pôs a subir. A maioria das pedras estava firme, mas uma ou duas balançaram precariamente sob seu peso. Era o tipo de escalada que ele teria gostado de fazer à luz do dia, com ajuda por perto e nenhum peso na consciência, mas agora estava nervoso demais e seu passo, habitualmente firme, falhou. Ele escorregou em uma superfície lisa e quase caiu. Foi quando decidiu parar.

Estava alto o suficiente para poder ver de cima o telhado da galeria lateral que margeava o lado norte da nave. Torceu para haver um buraco no telhado ou talvez uma brecha entre o telhado e a pilha de entulho, mas não: o telhado continuava, íntegro, para dentro das ruínas da torre desmoronada, e não parecia haver lugar nenhum por onde se esgueirar. Jack se sentiu em parte decepcionado, em parte aliviado.

Por fim desceu de costas, olhando por cima do ombro para firmar os pés. Quanto mais perto chegava do chão, melhor se sentia. Pulou os últimos metros e aterrissou na grama com alívio.

Voltou à lateral norte da igreja e seguiu dando a volta. Tinha visto várias igrejas nas duas últimas semanas e todas tinham mais ou menos o mesmo formato. A parte maior era a nave, sempre de frente para o oeste. Em seguida havia dois braços, que Tom chamava de transeptos, que se estendiam em direção ao norte e ao sul. A extremidade leste se chamava chancela e era mais curta do que a nave. A única característica que distinguia Kingsbridge das outras era que sua extremidade oeste tinha duas

torres, uma de cada lado da entrada, como para combinar com os transeptos.

No transepto norte havia uma porta. Jack tentou abri-la e viu que estava trancada. Seguiu andando e deu a volta na extremidade leste. Ali não havia portas. Parou para olhar por sobre o pátio coberto de grama. Na quina sudeste mais afastada do adro do priorado havia duas construções, a enfermaria e a casa do prior. Ambas estavam escuras e silenciosas. Ele prosseguiu, deu a volta na extremidade leste e margeou a lateral sul da chancela até chegar ao transepto sul, que se projetava da estrutura principal. No final do transepto, como a mão de alguém na ponta de um braço, ficava a estrutura redonda chamada sala do capítulo. Entre o transepto e a sala do capítulo havia um beco estreito que conduzia ao claustro. Jack entrou por ele.

Foi dar em um pátio quadrado, com um gramado no meio e cercado por quatro galerias cobertas por arcadas. À luz da lua, a pedra clara dos arcos tinha um branco fantasmagórico e nas galerias imersas em sombras reinava um breu impenetrável. Jack esperou alguns instantes até seus olhos se acostumarem.

Havia entrado pelo lado leste do quadrado. À sua esquerda, conseguiu distinguir a porta da sala do capítulo. Mais à esquerda ainda, na extremidade sul da arcada leste, viu de frente para ele outra porta e pensou que ela decerto conduziria ao dormitório dos monges. À sua direita, outra dava para o transepto sul da igreja. Tentou abri-la. Estava trancada.

Foi seguindo a galeria norte. Ali encontrou uma porta que dava para a nave da igreja. Igualmente trancada.

Não havia nada na galeria oeste até ele chegar à quina sudoeste, onde encontrou a porta que dava para o refeitório. Quanta comida devia ser necessária, pensou, para alimentar tantos monges todo santo dia. Perto dessa porta havia uma fonte com uma bacia: os irmãos lavavam as mãos antes de comer.

Ele seguiu andando pela galeria sul. Na metade do caminho havia um arco. Jack entrou por ele e constatou que estava dentro de um pequeno corredor, com o refeitório à direita e o dormitório à esquerda. Imaginou todos os monges ferrados no sono no chão, bem do outro lado daquela parede de pedra. No final do corredor não havia nada a não ser um declive lamacento que descia até o rio. Ficou parado ali por alguns instantes,

olhando para a água a 100 metros de distância. Sem qualquer motivo específico, lembrou-se da história de um cavaleiro que fora degolado, mas seguira vivendo, e involuntariamente imaginou o homem sem cabeça saindo das águas do rio e subindo a encosta na sua direção. Mesmo não havendo nada ali, ficou com medo. Virou-se e voltou correndo para o claustro. Ali se sentia mais seguro.

Debaixo do arco, hesitou, olhando para o pátio quadrado banhado de luar. Sentia que havia um jeito de se esgueirar para dentro de uma estrutura tão grande, mas não conseguia pensar onde mais poderia procurar. De certa forma, ficou aliviado. Havia cogitado cometer um ato terrivelmente perigoso e, se aquilo se revelara impossível, melhor assim. Por outro lado, a perspectiva de sair do priorado e pegar a estrada novamente pela manhã o deixava amedrontado: a caminhada sem fim, a fome, a decepção e a raiva de Tom, o choro de Martha. Tudo isso podia ser evitado com uma única centelha da lasca de sílex que ele carregava na pequena algibeira pendurada no cinto!

Algo se moveu em sua visão periférica. Ele se sobressaltou e seu coração bateu mais depressa. Virou a cabeça e viu, para seu horror, uma silhueta espectral carregando uma vela deslizar em silêncio pela galeria leste em direção à igreja. Um grito subiu por sua garganta, mas conseguiu reprimi-lo. Uma segunda silhueta surgiu atrás da primeira. Jack recuou de volta para dentro do arco, onde ninguém podia vê-lo, e levou o punho fechado à boca, mordendo a pele para conter o próprio grito. Ouviu um barulho sinistro de gemidos. Olhava fixamente a cena, transfigurado de terror. Então começou a entender: o que estava vendo era uma procissão de monges indo do dormitório até a igreja para o ofício da meia-noite, entoando um hino enquanto caminhavam. Mesmo depois de entender a visão, a sensação de pânico ainda persistiu por alguns instantes, então o alívio o dominou e ele foi tomado por tremores incontrolláveis.

O monge que liderava a procissão destrancou a porta da igreja com uma gigantesca chave de ferro. Os irmãos entraram. Nenhum deles se virou para olhar na direção de Jack. A maioria ainda parecia estar meio dormindo, e não fecharam a porta depois de entrar.

Quando recuperou o controle, Jack percebeu que agora podia entrar na igreja.

Sentia as pernas fracas demais para andar.

Eu poderia só entrar, pensou. Não preciso fazer nada quando estiver lá dentro. Vou olhar e ver se é possível subir até o telhado. Não devo colocar fogo nele. Vou só dar uma espiada.

Ele inspirou fundo, então saiu de baixo do arco e atravessou o pátio quadrado. Diante da porta aberta, hesitou e espiou lá dentro. Havia velas no altar e no coro, no qual os monges estavam em pé, cada um diante de sua cadeira, mas a luz só produzia pequenas poças no meio do grande espaço vazio, deixando as paredes e as galerias laterais da igreja imersas em profunda escuridão. Um dos monges fazia algo incompreensível no altar e os outros de vez em quando entoavam algumas frases enigmáticas. Jack achou incrível que houvesse pessoas dispostas a sair de camas quentinhas no meio da noite para fazer uma coisa daquelas.

Esgueirou-se pela porta e se manteve colado à parede.

Agora estava dentro. A escuridão o protegia. Só que não podia ficar ali, pois os monges o veriam quando saíssem. Esgueirou-se mais para dentro. As velas tremeluzentes lançavam sombras inquietas. Se olhasse para cima, o monge que estava no altar poderia ver Jack, mas ele parecia totalmente absorto no que fazia. Jack foi passando depressa do abrigo de uma grossa coluna para o da seguinte, parando entre uma e outra para tornar sua movimentação irregular como a das sombras. Quando chegou perto do cruzamento entre nave e transepto, a luz ficou mais forte. Teve medo de que o monge do altar levantasse a cabeça de repente, o visse, corresse até o transepto, o agarrasse pela gola da roupa...

Chegou ao canto e mergulhou, com gratidão, nas sombras mais profundas da nave.

Aliviado, parou por alguns instantes. Então recuou pela galeria lateral até a extremidade oeste da igreja, ainda fazendo pausas irregulares, como faria se estivesse caçando um cervo. Ao chegar à parte mais afastada e escura da igreja, sentou-se na base de uma coluna para esperar o fim do ofício.

Cobriu o queixo com a capa e respirou sobre o próprio peito para se aquecer. Nas duas últimas semanas, sua vida tinha mudado tanto que a época em que vivia feliz na floresta com a mãe parecia ter ocorrido anos antes. Sabia que nunca mais se sentiria tão seguro. Agora que conhecia a fome, o frio, o perigo e o desespero, sempre iria temê-los.

Espiou por trás da coluna. Acima do altar, onde as velas eram mais

brilhantes, pôde distinguir com dificuldade o forro de madeira bem lá no alto. Sabia que as igrejas mais novas tinham abóbadas de pedra, mas Kingsbridge era antiga. Aquele teto de madeira pegaria fogo facilmente.

Não vou fazer isso, pensou.

Tom ficaria muito feliz se a catedral pegasse fogo. Jack não tinha certeza se gostava de Tom. Achava-o demasiado enérgico, seguro e ríspido. Estava acostumado com o comportamento mais brando da mãe. Mas Tom deixava Jack impressionado, até mesmo embasbacado. Os únicos outros homens com quem ele havia cruzado na vida eram fora da lei, homens perigosos, bestiais, que só respeitavam a violência e os golpes, homens para quem a maior das conquistas era apunhalar alguém pelas costas. Tom era um tipo novo de pessoa, orgulhoso e destemido, mesmo desarmado. Jack jamais se esqueceria do modo como ele havia enfrentado William Hamleigh quando o lorde propusera comprar a mãe por 1 libra. O que mais havia impressionado Jack fora que o rapaz ficara com medo. Comentara com a mãe que jamais imaginara que um homem pudesse ser tão corajoso quanto Tom e ela havia respondido: “Foi por isso que tivemos de sair da floresta. Você precisa de um homem para admirar.”

O comentário havia deixado Jack intrigado, mas era verdade que ele gostaria de fazer algo para impressionar Tom. Pôr fogo na catedral, porém, não era a coisa certa. Seria melhor que ninguém ficasse sabendo, pelo menos não por muitos anos. Mas talvez chegasse o dia em que Jack poderia dizer a Tom: “Você se lembra da noite em que a catedral de Kingsbridge pegou fogo e o prior contratou você para reconstruí-la, e todos enfim conseguimos comida, abrigo e segurança? Bom, tenho uma coisa para lhe contar sobre como esse incêndio começou...” Seria um momento grandioso.

Mas eu não vou me atrever, pensou.

O canto cessou e ouviu-se o farfalhar dos hábitos quando os irmãos começaram a sair de seus lugares. O ofício havia terminado. Jack mudou de posição para não ser visto enquanto eles se retiravam em procissão.

Conforme foram saindo, apagaram as velas em suas cadeiras do coro, mas deixaram uma acesa no altar. A porta se fechou com um baque. Jack ainda esperou mais um pouco, para o caso de haver restado alguém lá dentro. Durante muito tempo, não houve barulho nenhum. Por fim, ele saiu de trás da coluna.

Subiu a nave. Estar sozinho dentro daquele espaço grande, frio e vazio causava uma sensação esquisita. Era assim que devia ser para um camundongo, pensou: esconder-se nos cantos quando as pessoas grandes estão por perto, sair quando elas vão embora. Ele chegou ao altar e segurou a vela grossa e brilhante, e se sentiu melhor.

Com a vela na mão, começou a inspecionar o interior da igreja. No canto em que a nave cruzava o transepto sul, o ponto em que ele mais temera ser visto pelo monge que estava no altar, havia uma porta na parede fechada por um trinco simples. Ele puxou o trinco e a porta se abriu.

A vela revelou uma escada em espiral tão estreita que um homem gordo não conseguiria passar e tão baixa que Tom teria de se dobrar ao meio. Ele a subiu.

Foi dar em uma galeria estreita. Em uma das laterais, uma sequência de pequenos arcos permitia que a nave fosse vista lá embaixo. O telhado descia do topo daqueles arcos até o chão da galeria, que não era plano, mas curvado de um lado e de outro. Jack levou alguns instantes para perceber onde estava: acima da galeria lateral no lado sul da nave. O teto em arco da galeria era o chão curvo sobre o qual pisava. Do lado de fora da igreja, via-se sobre a galeria um telhado de meia-água, que era o teto inclinado sob o qual Jack se encontrava agora. Como a galeria era muito mais baixa do que a nave, ele ainda estava bem distante do teto principal do edifício.

Explorou a galeria na direção oeste. Agora que os monges tinham ido embora e ele não temia mais ser visto, aquilo era emocionante. Era como se tivesse subido numa árvore e descoberto que, bem lá no topo, escondidas pelos galhos mais baixos, todas as árvores eram interligadas e era possível passear por um mundo secreto poucos metros acima do chão.

No final da galeria havia outra portinha. Ele passou por ela e se viu dentro da torre sudoeste, a que não havia desabado. O espaço em que estava obviamente não fora feito para ser visto. Era grosseiro e inacabado, e no lugar de piso havia caibros com grandes espaços entre eles. Mas no lado interno da parede havia um lance de degraus de madeira, uma escada sem corrimão. Jack subiu por ela.

Na metade da altura de uma das paredes havia uma pequena abertura em arco. A escada passava bem em frente a ela. Jack enfiou a cabeça lá dentro e suspendeu a vela. Estava dentro do telhado, acima do teto de

madeira e abaixo da cobertura de chumbo.

A princípio não conseguiu ver ordem nenhuma no emaranhado de vigas de madeira, mas depois de alguns segundos pôde distinguir a estrutura. Imensas toras de carvalho, todas com 30 centímetros de largura e 60 de altura, se estendiam por cima da nave, de norte a sul. Acima de cada uma dessas vigas, duas imensas empenas de madeira formavam um triângulo. A fileira regular de triângulos se estendia até além do espaço iluminado pela vela. Ao olhar para baixo, por entre as vigas, Jack pôde ver a parte superior do teto de madeira pintada da nave, que estava preso às extremidades inferiores das vigas transversais.

Na extremidade do vão do telhado, no canto situado na base do triângulo, havia uma passarela. Jack engatinhou pela pequena abertura e pisou na passarela. A altura era suficiente apenas para lhe permitir ficar em pé; um adulto teria de se abaixar. Ele avançou um pouco. Havia madeira suficiente ali para dar início ao incêndio. Farejou o ar para tentar identificar o cheiro estranho que pairava. Concluiu que era piche. As madeiras do telhado estavam cobertas de alcatrão. Iriam arder feito palha.

Assustou-se com um movimento súbito no solo e seu coração se acelerou. Pensou no cavaleiro sem cabeça e nos monges fantasmagóricos no claustro. Então pensou em camundongos e se sentiu melhor. Quando olhou com mais atenção, porém, viu que eram pássaros: havia ninhos sob os beirais.

O forro do telhado seguia o mesmo desenho da igreja lá embaixo e se bifurcava nos transeptos. Jack foi até o ponto de interseção e ficou parado na quina. Percebeu que devia estar bem em cima da pequena escada em espiral que o levava do chão até a galeria superior. Se estivesse planejando começar um incêndio, era ali que o faria. Daquele ponto, o fogo se espalharia em quatro direções: para o oeste pela nave, para o sul pelo transepto sul, e por onde ficava o coro em direção à chancela e ao transepto norte.

As vigas principais do telhado eram feitas com a parte central dos carvalhos e, embora estivessem cobertos de alcatrão, não deviam pegar fogo com a chama de uma vela. No entanto, sob os beirais havia montes de velhas lascas de madeira e serragem, pedaços de corda e sacos descartados e ninhos de aves abandonados. Era um estopim perfeito. Tudo o que teria de fazer seria juntá-lo e formar uma pilha.

Sua vela estava chegando ao fim.

Parecia tão fácil. Recolher as lascas, encostar nelas a chama da vela e ir embora. Atravessar o terreno do priorado como um fantasma, entrar de fininho na casa de hóspedes, fechar a porta com a barra, aninhar-se sobre a palha e esperar o alarme.

Mas se fosse visto...

Se fosse pego agora, poderia dizer que estava inocentemente explorando a catedral, e o máximo que poderia acontecer seria levar uma surra. No entanto, se o pegassem ateando fogo à igreja, fariam mais do que isso. Recordou o ladrão de pão doce em Shiring e como suas nádegas tinham sangrado. Recordou algumas das punições sofridas pelos fora da lei: Faramond Openmouth tivera os lábios arrancados, Jack Flathat perdera a mão e Alan Catface fora posto no tronco e apedrejado e nunca mais conseguira falar direito. Piores ainda eram as histórias daqueles que não tinham sobrevivido às punições: um assassino que fora amarrado a um barril cravejado de pregos e jogado ladeira abaixo para que os pregos furassem seu corpo; um ladrão de cavalos que havia sido queimado vivo; uma prostituta ladra que fora empalada em uma estaca pontuda. O que fariam com um menino que tocasse fogo em uma igreja?

Enquanto pensava, começou a juntar os detritos inflamáveis que estavam debaixo dos beirais e formar com eles uma pilha na passarela, bem debaixo de uma das imensas empenas.

Quando a pilha alcançou uns 30 centímetros de altura, sentou-se e se pôs a encará-la.

Sua vela falhou. Dali a poucos instantes, perderia sua oportunidade.

Com um movimento rápido, encostou a chama da vela em um pedaço de saco, que pegou fogo. A chama se transferiu na hora para umas aparas de madeira, em seguida para um ninho de ave seco quase desintegrado. Então a pequena fogueira começou a arder alegremente.

Eu ainda poderia apagá-la, pensou Jack.

O material estava se consumindo um pouco depressa demais. Naquele ritmo, iria acabar antes de as madeiras do telhado começarem a queimar. Às pressas, Jack recolheu mais detritos e juntou à fogueira. As chamas ficaram mais fortes. Eu ainda poderia apagar, pensou. O piche que cobria a viga começou a enegrecer e soltar fumaça. Os detritos foram acabando. Eu poderia simplesmente deixar a fogueira se apagar agora, pensou. Então viu

que a passarela havia pegado fogo. Eu provavelmente ainda poderia abafar o fogo com a minha capa, refletiu. Em vez disso, jogou mais detritos na fogueira e observou as chamas subirem ainda mais.

Ficou quente e enfumaçado no espaço estreito junto aos beirais, embora o ar gelado da noite estivesse só a poucos centímetros de distância, do outro lado do telhado. Algumas das tábuas menores, que sustentavam as placas de chumbo do telhado, começaram a arder. Então, por fim, uma pequena chama surgiu na imensa viga principal.

A catedral estava pegando fogo.

Agora estava feito. Não havia como voltar atrás.

Jack sentiu medo. De repente, quis sair dali correndo e voltar para a casa de hóspedes. Queria estar enrolado em sua capa, aninhado em um pequeno nicho na palha, com os olhos bem fechados e rodeado pela respiração regular dos outros.

Recuou pela passarela.

No final, olhou para trás. O fogo se espalhava surpreendentemente depressa, talvez por causa do alcatrão que recobria a madeira. Todas as tábuas menores estavam em chamas, as vigas principais começavam a pegar fogo e as labaredas se espalhavam pela passarela. Jack virou as costas para o fogo.

Entrou na torre e desceu a escada, em seguida atravessou depressa a galeria superior e desceu o mais rápido que pôde a escada em espiral até o chão da nave. Correu para a porta pela qual havia entrado.

Estava trancada.

Percebeu que tinha sido burro. Os monges haviam destrancado a porta ao entrarem, então é claro que a trancariam de novo ao saírem.

O medo subiu por sua garganta feito bile. Ele havia ateado fogo à igreja e agora estava trancado lá dentro.

Lutou contra o pânico e se esforçou para pensar. Havia tentado abrir as portas por fora e constatado que estavam todas trancadas, mas talvez algumas fossem fechadas por barras, não por fechaduras, de modo que poderiam ser abertas por dentro.

Atravessou depressa o coro em direção ao transepto norte e examinou a porta que dava para o pórtico norte. Tinha uma fechadura.

Desceu correndo a nave escura até a extremidade oeste e tentou cada uma das grandes entradas de fiéis. Todas as três portas estavam trancadas à

chave. Por fim, testou a portinha que ligava a galeria sul da nave à galeria norte do claustro. Também estava trancada.

Sentiu vontade de chorar, mas isso de nada adiantaria. Ergueu os olhos para o teto de madeira. Seria sua imaginação ou estaria vendo mesmo, à débil luz do luar, um pouquinho de fumaça saindo do teto perto da quina do transepto sul?

O que vou fazer?, perguntou-se.

Os monges acordariam e correriam para apagar o fogo, tão amedrontados que mal notariam um menino pequeno se esgueirando pela porta? Ou o veriam na mesma hora e o agarrariam, gritando acusações? Ou será que seguiriam dormindo, inconscientes do que acontecia, até a igreja inteira ruir e Jack ficar esmagado sob uma imensa pilha de pedras?

Seus olhos se encheram de lágrimas e ele desejou nunca ter encostado a chama da vela naquela pilha de lixo.

Olhou em volta, desnorteado. Se fosse até uma janela e gritasse, será que alguém escutaria?

Algo desabou lá em cima. Ele ergueu os olhos e viu que uma viga havia caído e furado o teto de madeira, criando um rombo visível. O buraco era uma mancha vermelha sobre fundo negro. Instantes depois, ouviu um segundo estrondo, e uma imensa tábua de madeira atravessou o telhado e caiu, girando uma vez na queda até acertar o chão com um impacto que sacudiu as imensas colunas da nave. Uma chuva de centelhas e brasas desabou atrás dela. Jack apurou os ouvidos à espera de gritos, pedidos de ajuda ou o som de algum sino, mas nada aconteceu. Ninguém havia escutado o estrondo. E, se aquilo não os havia acordado, com certeza ninguém o ouviria gritar.

Vou morrer aqui dentro, pensou, descontrolado. Vou ser queimado ou esmagado, a menos que consiga descobrir um jeito de sair!

Veio à sua mente a torre desmoronada. Ele a havia examinado por fora e não tinha visto um jeito de entrar, mas na ocasião fora cauteloso, por medo de cair ou causar um deslizamento. Talvez, se olhasse de novo, dessa vez pelo lado de dentro, pudesse ver alguma coisa que deixara passar, e talvez o desespero o ajudasse a se espremer por onde antes não vira brecha.

Correu até a extremidade oeste da igreja. O brilho do fogo que surgia do buraco no teto, conjugado às chamas que lambiam a viga caída no chão

da nave, agora produzia uma luz mais forte do que o luar, e os arcos da nave estavam debruados de ouro em vez de prata. Jack examinou a pilha de pedras que antes formavam a torre noroeste. Pareciam uma parede sólida. Não havia como passar. Feito um bobo, ele abriu a boca e berrou, o mais alto que conseguiu:

– Mãe!

Mas sabia que ela não podia escutar.

Tornou a controlar o próprio pânico. Algo relacionado à torre desmoronada começou a surgir em sua mente. Havia conseguido entrar na outra torre, a que ainda estava de pé, seguindo pela galeria que havia sobre a galeria lateral sul da igreja. Se agora seguisse a galeria superior do lado norte, talvez conseguisse ver uma brecha na pilha de entulho, uma brecha invisível do chão.

Voltou correndo pela nave até o transepto, abrigando-se debaixo da galeria lateral norte caso outras vigas em chamas despendassem pelo teto. Daquele lado devia haver uma portinha e uma escada em espiral, assim como do outro. Chegou à quina da nave com o transepto norte. Não conseguiu ver a porta. Olhou depois da quina: tampouco estava do outro lado. Não conseguiu acreditar naquela falta de sorte. Era uma loucura: devia haver um jeito de entrar na galeria de cima!

Concentrou-se, lutando para permanecer calmo. Havia um jeito de entrar na torre desmoronada; ele só precisava encontrá-lo. Eu poderia voltar para o forro do telhado passando pela torre sudeste, a que ainda está de pé, pensou. E então atravessar para o outro lado do telhado. Daquele lado deve haver uma pequena abertura que dá acesso à torre desmoronada. Talvez isso me leve a uma saída.

Ergueu os olhos para o teto, amedrontado. O incêndio devia ter virado um verdadeiro inferno. Mas não conseguiu pensar em nenhuma alternativa.

Primeiro precisava atravessar a nave. Tornou a olhar para cima. Até onde pôde ver, nada estava prestes a desabar. Respirou fundo e correu até o outro lado. Nada caiu em cima dele.

Na galeria lateral sul, puxou a portinha e subiu correndo a escada em espiral. Quando chegou lá no alto e pisou na galeria superior, pôde sentir o calor do incêndio mais acima. Correu até a outra ponta da galeria, atravessou a porta, entrou na torre sudeste e subiu correndo a escada.

Abaixou a cabeça e engatinhou pelo pequeno arco para entrar no forro. O espaço tinha sido tomado por fumaça e calor. Todas as madeiras superiores estavam em chamas e as vigas maiores da outra ponta ardiam com força. O cheiro de alcatrão fez Jack tossir. Ele hesitou por um instante apenas, então pisou em uma das grandes vigas que cruzavam por cima da nave e começou a atravessar. Em poucos segundos, ficou molhado de suor por causa do calor e seus olhos começaram a lacrimejar tanto que ele mal conseguia ver aonde ia. Tossiu, e seu pé então escorregou da viga e ele se desequilibrou para o lado. Ficou com um dos pés sobre a viga e o outro para fora. Seu pé direito bateu no teto sob a viga e para seu horror passou direto pela madeira apodrecida. Uma imagem surgiu na sua mente: a altura da nave e a extensão da sua queda caso ele atravessasse o teto. Gritou enquanto tombava para a frente, os braços esticados diante do corpo, imaginando-se girando e girando no ar como a viga que despencara. Mas a madeira sustentou seu peso.

Ficou imóvel como pedra, chocado, apoiado nas mãos e em um dos joelhos, com a outra perna esticada para baixo do teto. Então o intenso calor do fogo o despertou do choque. Com muito cuidado, ele tirou o pé do buraco. Ficou de quatro em cima da viga e começou a engatinhar.

Quando estava chegando perto do outro lado, muitas vigas grandes despencaram na nave. A estrutura inteira pareceu se sacudir e a viga sobre a qual ele estava estremeceu feito a corda de um arco. Ele parou e segurou firme. O tremor passou. Seguiu engatinhando e instantes depois chegou à passarela do lado oposto.

Se sua suposição se revelasse errada e não houvesse nenhuma passagem de lá para as ruínas da torre noroeste, ele teria de voltar.

Quando se pôs de pé, sentiu uma lufada do ar frio da noite. Devia haver alguma brecha. Mas seria grande o suficiente para um menino pequeno passar?

Deu três passos para oeste e parou um segundo antes de pisar no vazio.

Viu que estava diante de um buraco grande que dava para as ruínas da torre caída, iluminadas pelo luar. Sentiu-se tão aliviado que os joelhos falharam. Conseguiria sair daquele inferno.

Só que estava bem alto, no nível do telhado, e o topo da pilha de entulho muito abaixo dele, longe demais para que pulasse. Ele conseguiria escapar das chamas, mas será que aterrissaria no chão sem quebrar o

pescoço? Atrás dele, o fogo se aproximava depressa e a fumaça escapava pela abertura à sua frente.

Antigamente, aquela torre tinha uma escada colada à parede interna, igual à da torre sudeste, mas a maior parte dos degraus fora destruída no desabamento. No entanto, nos pontos em que os degraus de madeira ficavam afixados à parede com argamassa, ainda despontavam pequenos tocos, às vezes só com 3 a 5 centímetros de extensão, outras vezes mais compridos. Jack pensou se conseguiria descer por aqueles tocos. Seria uma descida precária. Notou o cheiro de algo começando a queimar: era sua capa. Dali a segundos, pegaria fogo. Não teve escolha.

Sentou-se, estendeu o braço para o toco mais próximo, segurou com as duas mãos e em seguida baixou uma das pernas até encontrar um apoio. Então desceu o outro pé. Tateando com os dois pés, desceu um degrau. Os tocos aguentaram. Tornou a descer o pé, testando a firmeza do toco seguinte antes de se apoiar nele. Pareceu meio solto. Pisou com cautela, segurando-se firme para o caso de ter de se pendurar nas mãos. Cada perigoso passo para baixo o conduzia mais para perto do topo da pilha de entulho. Conforme descia, os tocos ficavam mais curtos, como se os de baixo houvessem sido mais danificados. Pousou o pé calçado com a bota de feltro sobre um toco da largura do seu dedão e, quando apoiou o peso, seu pé escorregou. O outro pé se apoiava em um toco maior, mas quebrou quando ele transferiu todo o peso. Tentou se segurar com as mãos, mas os tocos eram tão pequenos que foi impossível segurar firme e ele escorregou daquele apoio precário e, aterrorizado, despencou no ar.

Aterrissou com força, de quatro, no topo da pilha de entulho. Por um segundo, o choque e o medo foram tamanhos que pensou que estivesse morto, então percebeu que tivera a sorte de cair bem. Suas mãos ardiam e os joelhos ficariam muito feridos, mas ele estava ótimo.

Aguardou alguns segundos, então desceu a pilha de entulho e pulou os últimos metros até o chão.

Estava seguro. Aliviado, foi tomado por uma fraqueza. Quis chorar outra vez. Tinha conseguido fugir. Sentiu orgulho: que aventura acabara de viver!

Mas ainda não havia terminado. Ali fora, era possível sentir apenas um leve cheiro de fumaça, e o barulho do incêndio, tão ensurdecedor dentro do forro do telhado, agora parecia um vento distante. Somente o brilho

avermelhado atrás das janelas mostrava que a igreja pegava fogo. Mesmo assim, aqueles últimos tremores deviam ter perturbado o sono de alguém, e a qualquer momento um monge de olhos injetados sairia se arrastando do dormitório, pensando se o terremoto que sentira tinha sido real ou apenas um sonho. Jack havia ateado fogo à igreja. Aos olhos de um monge, isso era um crime hediondo. Precisava sair dali depressa.

Atravessou o gramado correndo até a casa de hóspedes. Tudo estava silencioso e imóvel. Parou do lado de fora, ofegante. Caso entrasse respirando daquele jeito, acordaria todo mundo. Tentou controlar a respiração, o que só pareceu piorar as coisas. Teria de ficar ali até o ritmo se normalizar outra vez.

O toque de um sino quebrou o silêncio e prosseguiu em badalos insistentes: o som inconfundível de um alarme. Jack gelou. Se entrasse agora, eles iriam saber. Mas se não entrasse...

A porta da casa de hóspedes se abriu e Martha saiu lá de dentro. Jack, aterrorizado, apenas a encarou.

– Onde você estava? – perguntou ela, baixinho. – Você está com cheiro de fumaça.

Uma mentira plausível surgiu na cabeça dele.

– Acabei de sair – disse ele, desesperado. – Ouvi o sino tocar.

– Mentiroso – rebateu Martha. – Faz um tempão que você saiu. Eu sei, estava acordada.

Ele entendeu que não havia como enganar a menina.

– Alguém mais estava acordado? – indagou, temeroso.

– Não, só eu.

– Não conte a eles que eu saí. Por favor.

Ela ouviu o medo na voz dele.

– Está bem, vou guardar segredo – respondeu ela, tranquilizadora. – Não se preocupe.

– Obrigado!

Nessa hora, Tom apareceu, coçando a cabeça.

Jack sentiu medo. O que ele iria pensar?

– O que está acontecendo? – indagou Tom, sonolento. Então farejou o ar. – Que cheiro de fumaça.

Com o braço trêmulo, Jack apontou para a catedral.

– Acho que... – começou, e engoliu em seco. Com uma enorme

sensação de alívio, entendeu que tudo iria ficar bem. Tom simplesmente pensaria que ele, como Martha, havia acordado segundos antes. Tornou a falar, dessa vez em tom mais confiante: – Olhe a igreja. Acho que está pegando fogo.

II

Philip ainda não tinha se acostumado a dormir sozinho. Sentia falta do ar abafado que reinava no dormitório, do barulho dos outros monges mudando de posição e roncando, do incômodo quando um dos irmãos mais velhos se levantava para ir até a latrina (seguido, em geral, pelos outros irmãos mais velhos, uma procissão frequente que sempre divertia os mais novos). Estar sozinho não incomodava Philip no cair da noite, quando ele estava sempre morto de cansado. No meio da noite, porém, depois que a obrigação do ofício o despertava completamente, ele agora tinha dificuldade para dormir. Em vez de voltar para sua cama grande e macia – a rapidez com a qual havia se acostumado com *isso* era meio embaraçosa –, aumentava o fogo e ficava lendo à luz de uma vela, ou se ajoelhava para rezar, ou então ficava apenas sentado pensando.

Tinha muito em que pensar. As finanças do priorado eram piores do que ele havia imaginado. O principal motivo, decerto, era que a organização como um todo gerava muito pouca renda. Apesar de possuir grandes extensões de terra, o priorado arrendava muitas de suas propriedades a valores baixos em contratos longos, e alguns aluguéis eram pagos em espécie: tantos sacos de farinha, tantos barris de maçãs, tantas carroças de nabos. As propriedades que não estavam arrendadas eram geridas pelos monges, mas nunca pareciam ser capazes de produzir um excedente que pudesse ser vendido. Os outros bens importantes do priorado eram suas igrejas, que lhe pagavam dízimos, mas, infelizmente, a maioria delas estava sob o controle do sacristão, e Philip não conseguira descobrir quanto dinheiro ele recebia e como o gastava. Não havia contabilidade escrita. Estava claro, porém, que a renda do sacristão era demasiado pequena, ou sua administração demasiado ruim, para conservar a catedral em bom estado. Apesar disso, ao longo dos anos, o homem

havia juntado uma impressionante coleção de vasos e ornamentos cravejados de pedras preciosas.

Philip só conseguiria reunir todos os detalhes quando arrumasse tempo para visitar todas as propriedades remotas do priorado, mas o quadro geral já estava claro. Além disso, havia alguns anos, o velho prior vinha pedindo dinheiro emprestado a prestamistas de Winchester e Londres para cobrir as despesas correntes. Philip ficara bastante deprimido ao constatar a gravidade da situação.

Entretanto, conforme refletia sobre o assunto e rezava, a solução foi se delineando. Philip tinha um plano em três etapas. Começaria assumindo pessoalmente o controle das finanças do priorado. Cada um dos irmãos de obediência controlava uma parte da propriedade e usava a renda para dar conta de suas obrigações: o despenseiro, o sacristão, o hospedeiro, o mestre-escola e o enfermeiro tinham cada qual as “suas” propriedades rurais e as “suas” igrejas. Naturalmente, nenhum deles jamais confessaria ter dinheiro de mais e, se conseguiam extrair algum excedente, tomavam cuidado para gastá-lo, por medo de algo lhes ser tirado.

Philip havia decidido criar um novo cargo, chamado bolseiro, encarregado de receber todo o dinheiro devido ao priorado, sem exceções, e em seguida transferir para cada encarregado a quantia exata de que este necessitava.

O bolseiro, é claro, deveria ser alguém da confiança de Philip. Sua primeira inclinação fora dar o cargo ao despenseiro Cuthbert Whitehead, mas depois se lembrara da aversão de Cuthbert a anotar o que quer que fosse. Não, ele não servia. Dali em diante, todo o dinheiro que entrasse e saísse teria de ser anotado em um grande livro. Acabara decidindo nomear como bolseiro o jovem monge cozinheiro, irmão Milius. Os outros irmãos de obediência não iriam gostar da ideia, independentemente de quem ocupasse o cargo, mas o chefe era Philip, e de toda forma a maioria deles, que sabia ou desconfiava que o priorado estivesse com problemas, apoiaria as reformas.

Uma vez controlado o dinheiro, Philip implementaria a segunda etapa de seu plano.

Todas as propriedades distantes pagariam aluguel em dinheiro. Isso acabaria com o caro transporte de mercadorias por longas distâncias. Uma das propriedades do priorado, localizada em Yorkshire, pagava um

“aluguel” de doze cordeiros, que despachava religiosamente para Kingsbridge de ano em ano, ainda que o custo do transporte fosse maior do que o valor dos animais e que, de todo modo, metade sempre morresse no caminho. No futuro, apenas as propriedades mais próximas produziriam comida para o priorado.

Ele também tinha a intenção de modificar o sistema atual, segundo o qual cada fazenda produzia um pouco de tudo: um pouco de grãos, um pouco de carne, um pouco de leite e assim por diante. Fazia muitos anos que Philip achava isso um desperdício. Cada propriedade só conseguia produzir o suficiente de cada item para atender às próprias necessidades – ou talvez fosse mais exato dizer que sempre davam um jeito de consumir quase tudo o que produziam. Philip queria que cada uma se concentrasse em um produto só. Todo o grão seria plantado em um grupo de vilarejos de Somerset, onde o priorado também possuía vários moinhos. As exuberantes montanhas de Wiltshire serviriam de pasto para o gado, de modo a produzir manteiga e carne. A pequena célula de St.-John-in-the-Forest criaria cabras e fabricaria queijo.

Mas a parte mais importante do plano de Philip era converter todas as propriedades medianas – as de solo pobre ou comum, sobretudo aquelas situadas em áreas acidentadas – em criações de ovelhas.

Havia passado a infância em um mosteiro que criava ovelhas (naquela região do País de Gales, todo mundo criava ovelhas) e vira o preço da lã subir lenta porém regularmente, ano após ano, desde quando sua memória alcançava até os dias atuais. Com o tempo, as ovelhas seriam uma solução permanente para o problema financeiro do priorado.

Esse era o estágio dois do plano. O estágio três era demolir a catedral e construir uma nova.

A igreja que existia hoje era velha, feia e pouco prática. E o fato de a torre noroeste ter desabado era sinal de que a estrutura toda talvez fosse fraca. As igrejas modernas eram mais altas, mais compridas e, o mais importante, mais leves. Eram também projetadas para expor as importantes tumbas e relíquias santas que os peregrinos vinham visitar. Nos últimos tempos, as catedrais cada vez mais eram dotadas de pequenos altares e capelas especiais dedicadas a santos específicos. Uma igreja bem projetada, que respondesse às demandas crescentes das congregações atuais, atrairia muito mais fiéis e peregrinos do que Kingsbridge conseguia

no momento. E com isso, a longo prazo, a própria igreja pagaria sua reconstrução. Após criar bases sólidas para as finanças da comunidade, Philip construiria uma nova catedral, que iria simbolizar a regeneração de Kingsbridge.

Esse seria o seu maior feito.

Calculava que teria dinheiro suficiente para começar a reconstrução dali a uma década. Não era fácil pensar nisso: ele teria quase 40! No entanto, dali a um ano mais ou menos, esperava já ter o bastante para uma série de reparos que tornassem a construção atual, se não impressionante, ao menos apresentável, antes do Pentecostes dali a dois anos.

Agora que tinha um plano, sentia-se alegre e otimista outra vez. Enquanto ruminava os detalhes, ouviu vagamente um baque distante, como uma porta grande batendo. Perguntou-se, distraído, se alguém teria acordado e estaria andando pelo dormitório ou pelo claustro. Imaginou que, se estivesse havendo algum problema, logo ficaria sabendo, e tornou a voltar os pensamentos para aluguéis e dízimos. Outra fonte importante de renda para os mosteiros eram os presentes das famílias dos meninos que se tornavam noviços, mas, para atrair o tipo certo de noviço, uma instituição precisava de uma escola destacada...

Suas reflexões foram interrompidas de novo, dessa vez por um estrondo mais forte, que chegou a fazer sua casa tremer de leve. Aquilo *com certeza* não era uma porta batendo, concluiu. O que estaria acontecendo? Foi até a janela e abriu a veneziana. O ar frio da noite entrou e o fez estremecer. Ele olhou na direção da igreja, da sala do capítulo, do claustro, do dormitório e das construções da cozinha mais adiante. Tudo parecia tranquilo sob o luar. O ar estava tão gelado que seus dentes doíam quando ele respirava. Mas alguma outra coisa pairava no ar. Ele farejou. Sentiu cheiro de fumaça.

Franziu o cenho, preocupado, e tornou a farejar, pensando que talvez o cheiro viesse de sua própria lareira, mas não.

Intrigado e alarmado, calçou as botas depressa, pegou a capa e saiu correndo de casa.

O cheiro de fumaça ficou mais forte quando ele cruzou, apressado, o gramado em direção ao claustro. Não restava dúvida de que alguma parte do priorado estava pegando fogo. Pensou logo que devia ser a cozinha, já que quase todos os incêndios começavam lá. Subiu correndo o corredor

entre o transepto sul e a sala do capítulo até o pátio do claustro. Se fosse dia, teria passado pelo refeitório para chegar ao pátio da cozinha, mas agora à noite ficava fechado, de modo que ele passou pelo arco da galeria sul do claustro e dobrou à direita em direção aos fundos da cozinha. Não viu sinal de fogo ali, e tampouco na cervejaria ou na padaria, e o cheiro de fumaça lhe pareceu um pouco mais fraco. Correu até um pouco mais adiante e olhou atrás da cervejaria, além do pátio, para a casa de hóspedes e os estábulos. Tudo parecia tranquilo por lá.

O incêndio seria no dormitório? Era a única outra construção na qual havia um fogo aceso. Essa hipótese o deixou horrorizado. Ao voltar correndo para o claustro, teve uma horrenda visão de todos os irmãos em suas camas, cercados por fumaça, inconscientes, enquanto o dormitório ardia. Correu até a porta do cômodo. Chegando lá, abriu-a e Cuthbert Whitehead saiu segurando uma lanterna.

– Está sentindo o cheiro? – perguntou Cuthbert na hora.

– Sim... Os irmãos estão bem?

– Não há fogo aqui.

Philip ficou aliviado. Pelo menos seu rebanho estava a salvo.

– Então onde é?

– Na cozinha, talvez? – sugeriu Cuthbert.

– Não, já olhei.

Agora que sabia que ninguém corria perigo, Philip começou a se preocupar com sua propriedade. Estava justamente pensando em finanças e sabia que não tinha dinheiro para fazer reparos na igreja naquele momento. Olhou naquela direção. Aquilo era um tênue brilho vermelho atrás das janelas?

– Cuthbert, pegue a chave da igreja com o sacristão – disse.

O despenseiro já havia pensado nisso.

– Estou com ela aqui.

– Bom homem!

Eles avançaram correndo pela galeria leste até a porta do transepto sul. Cuthbert a destrancou depressa. Assim que a porta se abriu, a fumaça começou a escapar lá de dentro.

O coração de Philip pareceu parar. Como sua igreja poderia estar pegando fogo?

Ele entrou. No início, não entendeu o que estava vendo. No chão da

igreja, vários pedaços enormes de madeira queimavam. De onde teriam vindo? Como haviam produzido tanta fumaça? E o que era aquele rugido que soava como se houvesse um incêndio muito maior?

– Olhe para cima! – gritou Cuthbert.

Philip olhou e suas perguntas foram respondidas. O teto ardia furiosamente. Ele o encarou, horrorizado. Aquilo parecia as entranhas do inferno. A maior parte do teto pintado já havia sumido, revelando os triângulos de madeira, enegrecidos e em chamas, com as labaredas e a fumaça a saltar e rodopiar como em uma dança diabólica. Ele ficou paralisado, em choque, até seu pescoço começar a doer de tanto olhar para cima. Então recuperou o controle de si.

Correu até o coro, postou-se em frente ao altar e olhou em volta para a igreja toda. O telhado inteiro pegava fogo, da porta oeste até a extremidade leste, e em toda a extensão de ambos os transeptos. Por um segundo de pânico, pensou: *Como vamos conseguir jogar água lá em cima?* Imaginou uma fila de monges correndo pela galeria superior com baldes e entendeu na hora que isso era impossível: mesmo que ele tivesse cem pessoas à sua disposição, não conseguiriam levar até o telhado um volume de água suficiente para apagar aquele braseiro enfurecido. Entendeu, com um peso no coração, que o telhado inteiro seria destruído e que a chuva e a neve cairiam dentro da igreja até ele encontrar dinheiro para um telhado novo.

O estrondo de algo quebrando o fez levantar a cabeça. Imediatamente acima dele, uma imensa viga emborcava lentamente. Ia cair em cima de Philip. Ele correu de volta até o transepto sul, onde Cuthbert estava parado com uma expressão assustada.

Um pedaço inteiro do telhado – três triângulos de vigas e empenas mais as placas de chumbos presas a eles – estava desabando. Philip e Cuthbert ficaram olhando, petrificados, sem ligar para a própria segurança. O telhado desabou por cima de um dos grandes arcos arredondados do coro. O peso descomunal da madeira e do chumbo fez as pedras do arco racharem, provocando uma explosão longa parecida com um trovão. Tudo aconteceu bem lentamente: as tábuas caíram devagar, o arco rachou devagar e as pedras soltas despencaram no ar devagar. Outras vigas do telhado se soltaram, e então, com um barulho semelhante a um longo e lento rufar de trovão, uma parte inteira da parede norte da

chancela estremeceu e tombou para dentro do transepto norte.

Philip estava arrasado. A visão de um edifício daquela imponência sendo destruído era estranhamente chocante. Era como ver uma montanha ruir ou um rio secar: ele nunca chegara a pensar que aquilo pudesse acontecer. Mal podia acreditar nos próprios olhos. Sentiu-se desorientado, sem saber o que fazer.

Cuthbert puxava sua manga.

– Vamos sair daqui! – gritou o despenseiro.

Philip não conseguia se forçar a ir embora. Lembrou-se de que vinha planejando dez anos de austeridade e trabalho duro para voltar a pôr o mosteiro em uma situação financeira saudável. Agora, de uma hora para outra, precisava construir um telhado e uma parede norte novos, e talvez mais, se a destruição prosseguisse... Isso é obra do demônio, pensou. Senão, como o telhado poderia ter pegado fogo em uma noite gelada, no auge do inverno?

– Nós vamos morrer! – gritou Cuthbert, e o temor em sua voz tocou o coração de Philip.

Ele virou as costas para o fogo e os dois saíram correndo da igreja para dentro do claustro.

Os irmãos já haviam sido alertados e deixavam o dormitório. À medida que saíam, naturalmente queriam parar e olhar para a igreja. Postado junto à porta, Milius os apressava para evitar que o fluxo represasse, dirigindo-os para longe da igreja pela galeria sul do claustro. Em pé no meio da galeria, Tom Builder gritava para que eles entrassem pelo arco na galeria sul e fugissem por ali.

– Vão para a casa de hóspedes! Fiquem bem longe da igreja! – Philip o escutou dizer.

Ele estava exagerando, pensou Philip. Com certeza os monges teriam ficado seguros o suficiente ali no claustro. Mas aquilo não custava nada, e talvez fosse uma precaução sensata. Na realidade, refletiu, provavelmente eu mesmo deveria ter pensado nisso.

Mas a cautela de Tom o fez se perguntar quanto a destruição poderia se espalhar. Se o claustro não era totalmente seguro, a sala do capítulo seria? Era lá, em um pequeno cômodo lateral com grossas paredes de pedra e sem janelas, que eles guardavam o baú de carvalho reforçado com ferro que continha o pouco dinheiro que possuíam, além dos vasos cravejados

de pedras preciosas do sacristão e todos os valiosos documentos e títulos de propriedade do priorado. Instantes depois, viu Alan, o tesoureiro, jovem monge que trabalhava com o sacristão e cuidava das coisas de valor. Chamou-o.

– É preciso tirar o tesouro da sala do capítulo. Onde está o sacristão?

– Ele já saiu, padre.

– Vá encontrá-lo, pegue a chave, tire o tesouro da sala do capítulo e leve-o para a casa de hóspedes. Corra!

Alan saiu em disparada. Philip se virou par Cuthbert.

– É melhor você se certificar de que ele fez isso.

Cuthbert aquiesceu e foi atrás de Alan.

Philip tornou a olhar para a igreja. Nos poucos segundos que havia desviado a atenção, o incêndio tinha aumentado, e agora a luz das chamas brilhava com força em todas as janelas. Em vez de salvar a própria pele com tanta pressa, o sacristão deveria ter pensando no tesouro. Estaria esquecendo outra coisa? Era difícil pensar de forma sistemática com tudo acontecendo tão depressa. Os irmãos estavam a caminho de um lugar seguro, alguém estava cuidando do tesouro...

Ele tinha esquecido o santo.

Na extremidade leste da igreja, depois do trono do bispo, ficava a tumba de pedra de Santo Adolfo, um dos primeiros mártires da Inglaterra. Dentro da tumba, um caixão de madeira abrigava sua ossada. Periodicamente, a tampa da tumba era levantada para exibir o caixão. Santo Adolfo não gozava agora da mesma popularidade de outrora, mas antigamente doentes haviam sido milagrosamente curados ao tocar a tumba. Os restos mortais de um santo podiam ser a grande atração de uma igreja, motivo de veneração e romarias. Geravam tanto dinheiro que, vergonhosamente, houve casos de monges que roubavam relíquias de outras igrejas. Philip havia planejado reacender o interesse por Adolfo. Tinha de salvar a ossada.

Precisaria de ajuda para levantar a tampa da tumba e carregar o caixão. O sacristão deveria ter pensado nisso também, mas não estava por perto. Remigius, o arrogante subprior, saía do dormitório neste momento. Ele teria de servir. Philip o chamou.

– Me ajude a resgatar os ossos do santo – pediu.

Os olhos verde-claros de Remigius fitaram a igreja em chamas com

uma expressão de temor, mas, após alguns segundos de hesitação, ele seguiu Philip pela galeria leste até o interior da igreja.

Lá dentro, Philip estacou. Fazia apenas poucos minutos que saíra correndo dali, mas o incêndio havia se espalhado muito depressa. Uma ardência em suas narinas lhe lembrou alcatrão queimado e ele se deu conta de que a madeira do telhado devia estar coberta de piche para impedir que apodrecesse. Apesar das chamas, um vento frio parecia soprar: a fumaça escapava por buracos abertos no telhado e o fogo fazia o ar frio entrar na igreja pelas janelas. A corrente de ar o alimentava. Brasas choviam sobre o piso e várias tábuas maiores que ardiam no telhado pareciam prestes a cair. Até aquele momento, a primeira preocupação de Philip era com os irmãos e a segunda com as posses do priorado, mas agora, pela primeira vez, ele temeu por si mesmo e hesitou em entrar mais naquele inferno.

Quanto mais esperava, maior o risco. Se pensasse demais, talvez perdesse a coragem por completo. Arregaçou a barra do hábito.

– Venha comigo! – gritou, e entrou correndo no transepto.

Esquivou-se das pequenas fogueiras acesas no chão, temendo a qualquer momento ser esmagado por uma viga. Correu com o coração na boca, com vontade de gritar de tanta tensão. Então, de repente, chegou à segurança da galeria lateral do outro lado.

Ali, parou por um instante. O teto das galerias laterais era feito de arcos de pedra, e não estava pegando fogo. Remigius estava bem ao seu lado. A fumaça na garganta de Philip o fez arfar e tossir. Cruzar o transepto havia levado apenas alguns segundos, mas parecera demorar mais do que o ofício da meia-noite.

– Nós vamos morrer! – disse Remigius.

– Deus vai nos preservar – falou Philip.

Então pensou: Se é assim, por que estou com medo?

Aquilo não era hora para teologia.

Seguiu pelo transepto e dobrou a esquina para entrar na chancela. Podia sentir o calor vindo das cadeiras de madeira, que ardiam alegremente no meio do coro, e uma sensação de perda o tomou: as cadeiras eram caras, ornadas de lindos relevos. Afastou-as da mente e se concentrou na tarefa a cumprir. Atravessou correndo a chancela até o lado leste.

A tumba do santo ficava bem no meio da igreja. Era uma grande caixa

de pedra sustentada por uma base baixa. Eles teriam de erguer a tampa de pedra, colocá-la de lado, tirar o caixão da tumba e carregá-lo até a galeria lateral, tudo enquanto o telhado acima deles se desintegrava. Philip olhou para Remigius. Os olhos verdes proeminentes do subprior estavam arregalados de medo. Para não assustá-lo, Philip ocultou o próprio temor.

– Pegue aquela ponta ali que eu pego esta daqui – pediu, apontando, e sem esperar que o outro concordasse correu até a tumba.

Remigius foi atrás.

Eles se postaram um em cada ponta e seguraram a tampa de pedra. Fizeram força.

A tampa não se moveu.

Philip percebeu que deveria ter levado mais monges. Não havia parado para pensar. Mas agora era tarde: se saísse para pedir mais ajuda, talvez fosse impossível atravessar o transepto quando tentasse voltar. Não podia abandonar ali os restos mortais do santo. Uma viga poderia cair e quebrar a tumba. Então o caixão de madeira pegaria fogo e as cinzas se espalhariam ao vento, um sacrilégio horroroso e uma perda terrível para a catedral.

Teve uma ideia. Moveu-se até o outro lado da tumba e acenou para que Remigius se posicionasse ao seu lado. Ajoelhou-se, levou as duas mãos à borda protuberante da tampa e empurrou para cima com toda a força. Quando Remigius o imitou, a tampa se ergueu. Lentamente, eles a ergueram mais. Philip teve de ficar apoiado em um só joelho, e Remigius o copiou, então ambos se puseram de pé. Quando a tampa ficou na vertical, eles deram mais um empurrão e ela tombou, desabou no chão do outro lado e rachou no meio.

Philip espiou dentro da tumba. O caixão se encontrava em boas condições, a madeira ainda parecia íntegra e as alças de ferro estavam manchadas apenas na superfície. Philip se posicionou em uma das extremidades, inclinou-se lá para dentro e segurou duas das alças. Remigius fez o mesmo na outra ponta. Eles conseguiram erguer o caixão alguns centímetros, mas ele era bem mais pesado do que Philip imaginava, e após alguns instantes Remigius deixou sua extremidade cair.

– Não consigo... – disse. – Sou mais velho do que você.

Philip reprimiu uma resposta zangada. O caixão devia estar revestido com chumbo. No entanto, agora que eles haviam quebrado a tampa da

tumba, estava bem mais vulnerável do que antes.

– Venha aqui! – gritou Philip. – Vamos tentar colocá-lo de pé.

Remigius deu a volta na tumba e parou ao lado de Philip. Cada um segurou uma das alças de ferro e puxou. A extremidade se ergueu com relativa facilidade. Eles conseguiram levantá-la acima da altura da tumba, então caminharam para a frente, um de cada lado, até deixar o caixão em pé. Pararam um instante. Philip se deu conta de que haviam erguido o pé do caixão. O santo, portanto, estava agora de cabeça para baixo. Fez um pedido mudo de desculpas. Lascas de madeira em chamas não paravam de cair em volta deles. Sempre que algumas faíscas tocavam as vestes de Remigius, ele as afastava freneticamente com tapinhas até que desaparecessem, e sempre que tinha oportunidade lançava um breve olhar assustado para o telhado em chamas. Philip podia ver que a coragem do irmão se esgotaria depressa.

Voltaram a empurrar até que o caixão ficou apoiado na parede da tumba. A outra ponta se ergueu e o caixão se equilibrou sobre a borda. Eles então o baixaram até que a outra ponta tocasse o chão. Então o viraram mais uma vez, de modo que ficasse apoiado no chão com o lado certo para cima. Os santos ossos deviam estar se sacudindo lá dentro como dados dentro de um copo, pensou Philip. Isto é o mais próximo de um sacrilégio que eu já cometi na vida, mas não há outro jeito.

Cada um pegou uma alça na mesma extremidade do caixão e a levantou. Começaram a arrastá-lo pela igreja em direção à segurança relativa das galerias laterais. Os cantos de ferro cavaram pequenas valas na terra batida. Tinham quase chegado à galeria quando um pedaço do telhado feito de madeira em chamas e chumbo quente desabou bem em cima da tumba agora vazia do santo. O estrondo foi ensurdecedor, o chão tremeu com o impacto e a tumba de pedra se espatifou em pequenos pedaços. Uma viga bem grande esbarrou no caixão a poucos centímetros de Philip e Remigius e os fez soltá-lo. Para Remigius, aquilo foi a gota d'água.

– Isso é coisa do demônio! – gritou ele, histérico, e saiu correndo.

Philip quase foi atrás. Se o demônio estivesse mesmo em ação ali naquela noite, não havia como prever o que poderia acontecer. Nunca tinha ficado frente a frente com o Diabo, mas ouvira diversas histórias de pessoas que o tinham visto. Mas os monges existem para se oporem a

Satã, não para fugir dele, falou para si mesmo com severidade. Desejou estar no abrigo da galeria lateral, em seguida tomou coragem, segurou as alças do caixão e puxou.

Conseguiu tirá-lo de baixo da viga caída. Surpreendentemente, embora estivesse marcada e rachada, a madeira do caixão não havia quebrado. Ele o arrastou mais um pouco. Uma chuva de pequenas brasas caiu à sua volta. Ele ergueu os olhos para o telhado. Seria aquilo uma silhueta de duas pernas dançando zombeteira lá em cima, no meio das labaredas, ou apenas uma coluna de fumaça? Tornou a olhar para baixo e viu que a barra de suas vestes estava pegando fogo. Ajoelhou-se e bateu nas chamas com as duas mãos, amassando o tecido contra o chão, e o fogo apagou no mesmo instante. Então ouviu um barulho que poderia ser o chiado da madeira queimando ou então a risada louca e zombeteira de um demônio.

– Que Santo Adolfo me preserve – suspirou, e tornou a segurar as alças do caixão.

Centímetro por centímetro, foi arrastando o caixão. O Diabo o deixou em paz por alguns instantes. Ele não olhou para cima. Melhor não pousar os olhos no demônio. Por fim, chegou ao abrigo da galeria lateral da igreja e se sentiu um pouco mais seguro. As costas doloridas o forçaram a parar um pouco e se endireitar.

O caminho era longo até a porta mais próxima, no transepto sul. Ele não tinha certeza se conseguiria arrastar o caixão por toda essa distância antes de o telhado inteiro ruir. Talvez fosse nisso que o Diabo estava apostando. Philip não pôde se conter e tornou a olhar para as chamas lá em cima. A figura enfumaçada de duas pernas se escondeu atrás de uma viga enegrecida bem na hora em que ele a avistou. Ele sabe que eu não vou conseguir, pensou. Olhou para a galeria, tentado a abandonar o santo e sair correndo para salvar a própria pele, e foi então que viu, correndo na sua direção, o irmão Milius, Cuthbert Whitehead e Tom Builder, três figuras de carne e osso vindo acudi-lo. Seu coração deu um pulso de alegria e de repente ele não teve mais certeza de que havia um demônio no telhado.

– Graças a Deus! – exclamou. – Ajudem-me aqui com isso – acrescentou, sem necessidade.

Tom lançou um rápido olhar de avaliação para o telhado em chamas. Não pareceu ver demônio nenhum, mas disse:

– Vamos depressa.

Cada um segurou um canto e juntos suspenderam o caixão acima dos ombros. Mesmo sendo quatro, tiveram de se esforçar.

– Para a frente! – gritou Philip.

Vergados pelo pesado fardo, avançaram pela galeria o mais depressa que conseguiram.

– Esperem – disse Tom quando chegaram ao transepto sul.

O chão era uma pista de obstáculos cheia de pequenas fogueiras, e novos fragmentos de madeira em chamas não paravam de cair. Philip espiou pelo espaço livre para tentar mapear um caminho por entre as chamas. Nos poucos segundos que eles ficaram parados, ouviu-se um ronco na extremidade oeste da igreja. Tomado de apreensão, Philip ergueu os olhos. O ronco se transformou em rugido.

– É fraca, igual à outra – disse Tom Builder, enigmático.

– Quem? – gritou Philip.

– A torre sudoeste.

– Ah, não!

O rugido ficou ainda mais alto. Horrorizado, Philip viu toda a extremidade oeste da igreja parecer avançar um metro, como se houvesse sido atingida pela mão de Deus. Dez metros ou mais de telhado desabaram na nave com o impacto de um terremoto. Então toda a torre sudoeste pareceu se desfazer e caiu, como um deslizamento de terra, para dentro da igreja.

O prior ficou paralisado de choque. Sua igreja estava se desintegrando bem diante dos seus olhos. Mesmo que ele conseguisse arranjar dinheiro, os danos levariam anos para serem reparados. O que ele iria fazer? Como o mosteiro poderia continuar existindo? Aquilo seria o fim do priorado de Kingsbridge?

Foi despertado da paralisia pelo movimento do caixão sobre seu ombro quando os outros três recomeçaram a avançar. Philip apenas acompanhou na direção em que o conduziram. Tom foi abrindo caminho pelo labirinto de fogueiras. Uma brasa caiu em cima do caixão, mas felizmente escorregou para o chão sem tocar nenhum deles. Segundos depois, chegaram ao lado oposto, passaram pela porta e saíram da catedral para o ar frio da noite.

Philip estava tão arrasado com a destruição da igreja que não sentiu qualquer alívio por ter salvado a própria pele. Os quatro atravessaram

correndo o claustro até a galeria sul e tornaram a sair.

– Já está bom – disse Tom quando estavam bem distantes das construções.

Aliviados, eles baixaram o caixão até o chão gélido.

Philip levou alguns instantes para recuperar o fôlego. Nesse intervalo, percebeu que não havia tempo para ficar atordoado. Ele era o prior, era ele quem mandava ali. O que deveria fazer agora? Talvez fosse sensato verificar se todos os irmãos haviam conseguido escapar com segurança. Inspirou fundo mais uma vez, então endireitou os ombros e olhou para os outros.

– Cuthbert, você fica aqui vigiando o caixão do santo – ordenou. – Os outros, venham comigo.

Ele os conduziu por trás das estruturas da cozinha, passou entre a cervejaria e o moinho e atravessou o gramado até a casa de hóspedes. Os monges, a família de Tom e a maioria dos moradores do povoado formavam grupos, conversando em voz baixa enquanto encaravam a igreja em chamas com os olhos arregalados. Philip se virou para a igreja mais uma vez antes de falar com eles. Foi uma visão dolorosa. Toda a parte oeste era uma montanha de entulho e imensas labaredas subiam do que restava do telhado.

Ele se forçou a desviar os olhos daquela imagem.

– Estão todos aqui? – indagou. – Se pensarem em alguém que estiver faltando, chamem seu nome.

– Cuthbert Whitehead – disse alguém.

– Está vigiando a ossada do santo. Mais alguém?

Não faltava mais ninguém.

– Conte os irmãos, para ter certeza – ordenou a Milius. – Deve haver 45, contando você e eu. – Sabendo que podia confiar em Milius, tirou o assunto da cabeça e se virou para Tom Builder. – Sua família está toda aqui?

Tom aquiesceu e apontou. Estavam em pé junto à parede da casa: a mulher, o filho crescido e os dois pequenos. O menino menor lançou um olhar assustado para Philip. Aquilo devia ser uma experiência terrível para eles, pensou o prior.

O sacristão estava sentado em cima do baú reforçado com ferro que continha o tesouro. Philip havia esquecido dele e ficou aliviado ao ver que

estava seguro. Dirigiu-se ao sacristão.

– Irmão Andrew, o caixão de Santo Adolfo está atrás do refeitório. Pegue alguns irmãos para ajudá-lo e leve-o... – Pensou alguns instantes. O local mais seguro era provavelmente a residência do prior. – Leve-o para a minha casa.

– Para a sua casa? – contestou Andrew. – As relíquias deveriam ficar sob os meus cuidados, não sob os seus.

– Então você deveria tê-las resgatado da igreja! – explodiu Philip. – Faça o que estou dizendo e cale a boca!

Relutante, o sacristão se levantou com um ar furioso.

– Depressa, homem, senão eu o tiro do cargo aqui e agora! – Ele virou as costas para Andrew e se dirigiu a Milius. – Quantos?

– Quarenta e quatro, mais Cuthbert. Onze noviços. Cinco hóspedes. Está todo mundo aqui.

– É uma bênção. – Philip encarou o incêndio descontrolado. Parecia quase um milagre estarem todos vivos e ninguém ter se machucado. Percebeu que estava exausto, mas a preocupação não lhe permitia sentar para descansar. – Tem mais alguma coisa de valor que devêssemos resgatar? – indagou. – Já pegamos o tesouro, as relíquias...

O jovem tesoureiro Alan se pronunciou:

– E os livros?

Philip soltou um grunhido. É claro, os livros. Ficavam guardados dentro de um armário trancado no claustro leste, junto à porta da sala do capítulo, onde os irmãos podiam pegá-los durante os períodos de estudo. Esvaziar o armário livro por livro levaria muito tempo e seria perigoso. Quem sabe alguns jovens fortes conseguiriam carregá-lo inteiro e levá-lo para um lugar seguro? Olhou em volta. O sacristão havia escolhido meia dúzia de monges para cuidar do caixão, e eles já cruzavam o gramado. Philip então selecionou três irmãos jovens e três dos noviços mais velhos e ordenou que o seguissem.

Refez o caminho pelo espaço aberto em frente à igreja em chamas. Estava cansado demais para correr. Passaram pelo moinho e pela cervejaria e circundaram a cozinha e o refeitório. Cuthbert Whitehead e o sacristão organizavam a retirada do caixão. Philip conduziu seu grupo pelo corredor que separava o refeitório do dormitório e entrou no claustro pelo arco na galeria sul.

Pôde sentir o calor do fogo. O grande armário de livros tinha entalhados nas portas relevos que retratavam Moisés e as tábuas da lei. Philip instruiu os jovens a tombarem o móvel para a frente e erguerem-no sobre os ombros. Eles o carregaram até a galeria sul do claustro. Ali, Philip parou e olhou para trás enquanto os outros prosseguiram. Seu coração se encheu de tristeza quando viu a igreja em ruínas. Agora já havia menos fumaça e mais chamas. Seções inteiras do telhado haviam desaparecido. Diante dos seus olhos, o telhado sobre o coro pareceu afundar e ele entendeu que seria o próximo trecho a ruir. Ouviu-se um estrondo ensurdecedor, mais alto do que qualquer outro até então, e o telhado do transepto sul desabou. Ele sentiu uma dor quase física, como se seu próprio corpo estivesse em chamas. Segundos depois, a parede do transepto pareceu inchar em direção ao claustro. Que Deus nos ajude, pensou Philip, vai cair. Quando a cantaria começou a ruir e desmoronar, entendeu que estava vindo na sua direção e se virou para fugir, mas, antes de conseguir dar três passos, algo o atingiu na cabeça por trás e ele perdeu os sentidos.



Para Tom, o feroz incêndio que agora destruía a catedral de Kingsbridge era uma centelha de esperança.

Olhando, para além do gramado, as imensas labaredas que saltavam das ruínas da igreja e se elevaram bem alto na noite, tudo em que ele conseguia pensar era: trabalho!

Carregava esse pensamento escondido no fundo da mente desde que saíra da casa de hóspedes, com os olhos sonolentos, e vira o leve brilho rubro nas janelas da igreja. Durante todo o tempo em que estivera apressando os monges para afastá-los do perigo, entrara correndo na igreja em chamas para ajudar o prior Philip e carregara o caixão do santo até o lado de fora, sentira o coração explodir com um otimismo jubiloso e sem pudores.

Agora que teve um instante para refletir, ocorreu-lhe que não deveria se alegrar com o incêndio de uma igreja, mas pensou: ninguém se machucou, o tesouro do priorado foi salvo e a igreja, de toda forma, estava

velha e caindo aos pedaços. Por que não se regozijar?

Os jovens monges voltaram pelo gramado trazendo o pesado armário de livros. Tudo o que preciso fazer agora, pensou Tom, é me certificar de que o trabalho de reconstrução da igreja seja confiado a mim. E o momento de falar nisso com o prior é agora.

Mas Philip não estava com os monges que traziam o armário. Eles chegaram à casa de hóspedes e baixaram o móvel até o chão.

– Onde está o prior? – indagou-lhes Tom.

O mais velho dos irmãos o encarou de volta, surpreso.

– Não sei – respondeu. – Pensei que estivesse atrás de nós.

Talvez o prior tivesse ficado olhando o incêndio, pensou Tom, mas poderia estar em apuros.

Sem mais demora, atravessou correndo o gramado e deu a volta na cozinha. Torceu para que Philip estivesse bem, não só porque ele parecia ser um homem bom, mas porque era o protetor de Jonathan. Sem o prior, não havia como saber o que aconteceria com o bebê.

Encontrou-o no corredor entre o refeitório e o dormitório. Para seu alívio, Philip estava sentado e parecia tonto, mas ileso. Tom o ajudou a se levantar.

– Alguma coisa bateu na minha cabeça – disse Philip, atordoado.

Tom olhou por sobre o ombro do prior. O transepto sul havia desabado sobre o claustro.

– É uma sorte estar vivo – comentou. – Deus deve ter um objetivo para o senhor.

Philip balançou a cabeça para clarear os pensamentos.

– Desmaiei por alguns instantes, mas já estou bem. Onde estão os livros?

– Foram levados para a casa de hóspedes.

– Vamos voltar para lá.

Os dois saíram andando e Tom segurou o braço de Philip. Pôde ver que, apesar de não estar gravemente ferido, o prior estava abalado.

Quando chegaram à casa de hóspedes, o incêndio na igreja já havia arrefecido e as chamas começavam a se acalmar um pouco, mas mesmo assim Tom conseguia ver os rostos de todos com bastante clareza e percebeu, com um pequeno susto, que o dia tinha raiado.

Philip recomeçou a organizar as coisas. Pediu ao cozinheiro Milius que

preparasse mingau para todos e autorizou Cuthbert Whitehead a abrir um barril de vinho forte para aquecê-los enquanto aguardavam. Mandou que a lareira da casa de hóspedes fosse acesa e os irmãos mais velhos entraram para se abrigar do frio. Começou a chover, e a chuva fustigada pelo vento formava lençóis d'água gelados que arrefeceram as chamas na igreja em ruínas depressa.

Quando todos já tinham outra vez o que fazer, o prior Philip se afastou da casa de hóspedes, sozinho, e foi na direção da igreja. Tom percebeu e foi atrás. Era sua chance. Se conseguisse aproveitar bem aquela situação, poderia trabalhar ali por muitos anos.

O prior estava parado, observando o que antes era a fachada oeste da igreja, e balançava a cabeça tristemente diante da destruição, como se o que jazesse em ruínas fosse sua própria vida. Tom parou ao seu lado sem dizer nada. Após algum tempo, Philip recomeçou a andar, margeando o lado norte da nave até o cemitério. Tom o acompanhou e se pôs a avaliar os estragos.

A parede norte da nave continuava de pé, mas o transepto norte e parte da parede norte da chancela haviam desabado. A fachada leste da igreja havia sobrevivido. Circundaram a extremidade leste e pararam para olhar o lado sul. A maior parte da parede sul tinha vindo abaixo e o transepto sul havia desabado para dentro do claustro. A sala do capítulo não fora afetada.

Eles caminharam até o arco que conduzia à galeria leste do claustro. Ali foram detidos pela montanha de entulho. Tudo parecia uma confusão só, mas o olhar experiente de Tom pôde constatar que as galerias do claustro não estavam muito danificadas, apenas enterradas sob os escombros. Ele escalou as pedras caídas até conseguir olhar dentro da igreja. Logo atrás do altar havia uma escada parcialmente escondida que descia para a cripta, situada abaixo do coro. Tom espiou, estudando o piso de pedra acima da cripta em busca de sinais de rachaduras. Não encontrou nada. Havia uma boa chance de a cripta ter escapado ilesa. Ainda não diria isso a Philip: guardaria a notícia para um momento crucial.

Philip havia seguido em frente e dado a volta no dormitório por trás. Tom se apressou para alcançá-lo. O dormitório estava intacto. Seguiram em frente e encontraram as outras construções do mosteiro mais ou menos preservadas: refeitório, cozinha, padaria, cervejaria. O prior poderia ter

encontrado algum consolo nisso, mas continuava com uma expressão de desalento.

Após dar uma volta completa no perímetro do priorado em silêncio, acabaram dando no mesmo lugar pelo qual haviam começado, em frente à fachada oeste em ruínas. Philip deu um pesado suspiro e rompeu o silêncio.

– Isto foi obra do demônio.

Chegou minha hora, pensou Tom. Inspirou fundo.

– Talvez seja obra de Deus – disse.

Philip o encarou com espanto.

– Como assim?

– Ninguém se feriu – respondeu Tom, com cautela. – Os livros, o tesouro e a ossada do santo foram salvos. Somente a igreja foi destruída. Talvez Deus quisesse uma igreja nova.

Philip sorriu, cético.

– E Deus quer que você a construa, suponho.

Não estava aturdido a ponto de não detectar que a linha de raciocínio do mestre construtor devia ser motivada por interesse próprio.

Tom se manteve firme.

– Pode ser – insistiu. – Não foi o demônio quem mandou um mestre construtor para cá bem na noite em que a igreja pegou fogo.

Philip deixou o olhar se perder ao longe.

– Bom, haverá uma igreja nova, mas não sei quando. E o que devo fazer nesse meio-tempo? Como a vida do mosteiro vai poder continuar? Estamos aqui apenas para rezar e estudar.

Philip estava tomado por um desespero profundo. Era chegado o momento de Tom lhe oferecer uma esperança nova.

– Meu filho e eu podemos limpar o claustro e deixá-lo em condições de uso em uma semana – disse ele, fazendo a voz soar mais confiante do que de fato se sentia.

Philip se espantou.

– É mesmo? – Então sua expressão tornou a mudar e ele voltou a adquirir um ar derrotado. – Mas o que vamos usar como igreja?

– Que tal a cripta? Vocês poderiam celebrar os ofícios lá embaixo, não?

– Sim, poderia servir muito bem.

– Tenho certeza de que a cripta não está muito danificada – continuou Tom.

Era quase verdade: ele praticamente tinha certeza.

Philip o encarou como se ele fosse o anjo da misericórdia.

– Não vai ser preciso muito tempo para abrir um caminho no meio dos escombros do claustro até a escada da cripta – prosseguiu Tom. – A maior parte da igreja daquele lado foi completamente destruída, o que é uma sorte, por mais estranho que pareça, pois significa que não há mais perigo de a alvenaria desabar. Eu teria de examinar as paredes que ainda estão de pé e talvez seja preciso escorar algumas delas. Depois disso, será preciso verificá-las diariamente para ver se há rachaduras, e mesmo assim não seria bom entrar na igreja durante um vendaval. – Tudo isso era importante, mas Tom pôde ver que Philip não absorvia nenhuma palavra. O que o prior queria dele eram notícias boas, algo para animá-lo. E o modo de ser contratado era lhe dar o que ele queria. Mudou de tom. – Se alguns dos irmãos mais jovens puderem trabalhar para mim, eu conseguiria arrumar as coisas de modo que daqui a quinze dias vocês consigam, bem ou mal, retomar a vida monástica.

Philip o encarava.

– Quinze dias?

– Me dê comida e um abrigo para minha família e pode me pagar o salário quando tiver dinheiro.

– Você conseguiria me devolver o priorado em duas semanas? – repetiu Philip, sem acreditar.

Tom não tinha certeza de que conseguiria nesse prazo, mas ninguém iria morrer se levasse três semanas.

– Duas semanas – respondeu, firme. – Depois disso, podemos derrubar as paredes que sobraram. É um serviço para alguém qualificado, veja bem, se o senhor quiser que seja feito com segurança. Então é limpar o entulho e empilhar as pedras para serem reutilizadas. Enquanto isso, podemos ir projetando a nova catedral. – Tom prendeu a respiração. Tinha dado o melhor de si. Agora tinha certeza de que Philip iria contratá-lo!

O prior aquiesceu e pela primeira vez sorriu.

– Acho que Deus mandou mesmo você – disse. – Vamos fazer o desjejum, em seguida podemos começar o trabalho.

Tom deu um suspiro trêmulo de alívio.

– Obrigado – falou. Sua voz saiu com um tremor que ele não conseguiu controlar, mas agora não ligava mais para isso, e concluiu com um soluço que mal foi capaz de conter: – Não consigo nem lhe dizer quanto isso significa para mim.



Após o desjejum, Philip fez uma reunião improvisada do capítulo no depósito de Cuthbert, debaixo da cozinha. Os irmãos estavam agitados e nervosos. Eram homens que haviam escolhido ou se conformado com uma vida de segurança, previsibilidade e tédio, e a maioria estava completamente desorientada. Aquela perplexidade tocou o coração de Philip. Mais do que nunca, ele se sentiu um pastor, cuja tarefa é cuidar das criaturas tolas e indefesas, só que aqueles não eram animais obtusos, eram seus irmãos e ele os amava. Havia decidido que o modo de reconfortá-los era lhes dizer o que iria acontecer, usar a energia do nervosismo deles no trabalho árduo e voltar quanto antes a uma rotina próxima do normal.

Apesar do local fora do comum, Philip não abreviou o ritual do capítulo. Ordenou que fosse lido o martirológio daquele dia, em seguida as preces em intenção. Para isso existiam os mosteiros: a oração justificava sua existência. Apesar disso, como alguns dos irmãos estavam inquietos, ele escolheu o capítulo 20 da Regra de São Benedito, o trecho chamado “Da reverência durante a prece”. Seguiu-se o necrológio. O ritual familiar acalmou os nervos de todos e ele notou que a expressão assustada foi desaparecendo aos poucos dos semblantes à sua volta à medida que os irmãos percebiam que seu mundo, afinal de contas, não iria acabar.

No final, Philip se levantou para se dirigir a eles.

– A catástrofe que se abateu sobre nós ontem à noite, afinal, foi apenas física – começou, imprimindo à voz o máximo de afeto e segurança que conseguiu. – Nossa vida é espiritual. Nosso trabalho é a prece, o culto e a contemplação. – Passeou os olhos pelo recinto por alguns instantes, cruzando o máximo de olhares possível para se certificar de ter a atenção integral dos monges, então retomou: – Vamos recomeçar esse trabalho daqui a poucos dias, isso eu lhes prometo.

Fez uma pausa para deixar que as palavras fossem absorvidas e o

alívio foi quase tangível. Após dar alguns segundos aos irmãos, prosseguiu.

– Deus, em sua sabedoria, nos mandou ontem um mestre construtor para nos ajudar a atravessar esta crise. Ele me garantiu que, se trabalharmos sob sua direção, poderemos ter o claustro pronto para ser usado normalmente daqui a uma semana.

Ouviu-se um discreto murmúrio de espanto satisfeito.

– Temo que nossa igreja nunca mais vá ser usada para celebrar ofícios. Ela terá de ser refeita, e isso, é claro, levará muitos anos. Mas Tom Builder acredita que a cripta esteja intacta. Como a cripta é um lugar sagrado, podemos celebrar os ofícios lá. Tom disse que pode tornar a cripta segura uma semana após liberar o claustro. Como veem, portanto, podemos retomar nossa rotina de cultos a tempo do domingo da Quinquagésima.

Mais uma vez, o alívio foi audível. Philip viu que tinha conseguido tranquilizar e reconfortar os irmãos. No início do capítulo, estavam todos assustados e confusos. Agora, demonstravam calma e esperança.

– Os irmãos que se sentirem frágeis demais para executar trabalhos físicos serão dispensados – acrescentou ainda. – Os que trabalharem o dia inteiro com Tom Builder poderão comer carne vermelha e beber vinho.

Philip se sentou. Remigius foi o primeiro a se manifestar.

– Quanto teremos de pagar a esse construtor? – indagou, desconfiado.

Remigius nunca falhava em tentar encontrar defeito nas coisas.

– Nada, por enquanto – respondeu Philip. – Tom sabe de nossa pobreza. Vai trabalhar em troca de casa e comida para si e para a família até podermos arcar com seu salário.

Deu-se conta de que essa era uma resposta ambígua: talvez significasse que Tom não teria direito a salário até o priorado ter dinheiro para lhe pagar, mas a realidade era que o priorado ficaria lhe devendo um ordenado por cada dia trabalhado, a começar por aquele mesmo. Antes de Philip conseguir explicar o acordo, porém, Remigius tornou a falar:

– E onde eles vão ficar?

– Cedi a casa de hóspedes a eles.

– Eles poderiam ficar com uma das famílias do povoado.

– Tom nos fez uma oferta generosa – disse Philip, impaciente. – Temos sorte de tê-lo conosco. Não quero obrigá-lo a dormir apertado com as cabras e os porcos de alguém quando temos aqui uma casa decente vazia.

– Há mulheres na família...
– Uma mulher e uma menina – corrigiu Philip.
– Uma mulher, que seja. Não queremos uma mulher morando no priorado!

Os monges resmungaram, indóceis: não gostavam da implicância de Remigius.

– É perfeitamente normal mulheres ficarem na casa de hóspedes.
– Não aquela mulher! – exclamou Remigius, então, na mesma hora, pareceu arrependido.

Philip franziu o cenho.

– Você conhece a mulher, irmão?
– Ela já morou aqui perto – respondeu Remigius com relutância.

Aquilo intrigou Philip. Era a segunda vez que algo desse tipo acontecia em relação à mulher do construtor: Waleran Bigod também ficara perturbado ao vê-la.

– E qual é o problema com ela? – indagou.

Antes de Remigius conseguir responder, irmão Paul, o monge idoso que vigiava a ponte, se pronunciou:

– Eu me lembro – disse, com um ar meio sonhador. – Havia uma moça selvagem da floresta que morava aqui perto... Ah, isso deve fazer uns quinze anos. É ela quem a mulher me lembra... Deve ser a mesma moça, agora adulta.

– Diziam que ela era bruxa – falou Remigius. – Não podemos ter uma bruxa morando no priorado!

– Sobre isso eu nada sei – contemporizou o irmão Paul com a mesma voz lenta e meditativa. – Qualquer mulher que more na floresta mais cedo ou mais tarde é chamada de bruxa. O fato de as pessoas dizerem algo não torna essa coisa verdadeira. Prefiro deixar que o prior Philip, na sua sabedoria, julgue se ela representa ou não algum perigo.

– A sabedoria não surge imediatamente quando alguém assume um cargo monástico – disparou Remigius.

– De fato, não – retrucou o irmão Paul, devagar. Olhou diretamente para Remigius antes de completar: – Às vezes ela nunca surge.

Os irmãos riram do contragolpe, mais engraçado ainda por ter saído de um lugar insuspeito. Philip foi obrigado a fingir desagrado. Bateu palmas para pedir silêncio.

– Chega de risadas! – disse. – São questões solenes. Vou interrogar a mulher. Agora vamos cuidar de nossos afazeres. Quem quiser ser dispensado do trabalho pode se recolher à enfermaria para orar e meditar. O resto, venha comigo.

Ele saiu do depósito e deu a volta por trás das instalações da cozinha até o arco que conduzia à galeria sul do claustro. Alguns monges se separaram do grupo e seguiram na direção da enfermaria, entre eles Remigius e Andrew, o sacristão. Nenhum dos dois tinha nada de frágil, pensou Philip, mas eles decerto causariam problemas caso se juntassem à força de trabalho, de modo que ficou feliz ao vê-los partir. A maioria dos irmãos foi atrás do prior.

Tom já havia convocado os criados do mosteiro e começado a trabalhar. Em pé no alto da pilha de entulho no claustro, com um pedaço grande de giz na mão, marcava pedras com a letra T, inicial do seu nome.

Pela primeira vez na vida, ocorreu a Philip se perguntar como pedras tão enormes eram movidas. Com certeza eram grandes demais para um homem levantá-las. Na mesma hora viu a resposta. Duas varas estavam deitadas lado a lado no chão e uma pedra era rolada até repousar sobre elas. Duas pessoas então seguravam as pontas das varas e suspendiam a pedra. Tom Builder devia ter lhes mostrado como fazer aquilo.

Com a ajuda da maior parte dos sessenta criados do priorado, o trabalho avançava depressa, num fluxo de pessoas que levavam pedras embora e voltavam para pegar outras. Essa visão animou Philip e ele fez uma prece silenciosa de agradecimento a Tom Builder.

O mestre construtor o viu e desceu do entulho. Antes de se dirigir a Philip, falou com um dos criados, o alfaiate que costurava as roupas dos irmãos.

– Faça os monges começarem a carregar pedras – instruiu ele ao homem. – Certifique-se de que peguem somente as pedras que eu marquei, senão a pilha pode deslizar e matar alguém. – Virou-se para o prior. – Marquei pedras suficientes para fazê-los trabalhar por algum tempo.

– Para onde eles vão levá-las? – perguntou Philip.

– Venha, vou lhe mostrar. Quero verificar se as estão empilhando como devem.

Philip seguiu Tom. As pedras eram levadas para o lado leste do terreno do priorado.

– Alguns dos criados terão de continuar executando suas tarefas normais – disse o prior enquanto eles caminhavam. – Os cavaleiros ainda precisam cuidar dos cavalos, os cozinheiros preparar as refeições, alguém precisa buscar lenha, dar comida às galinhas e ir ao mercado. Mas nenhum dos criados tem excesso de trabalho e posso lhe ceder metade. Além deles, você terá uns trinta monges.

Tom aquiesceu.

– Vai ser suficiente.

Eles passaram pela extremidade leste da igreja. Os trabalhadores continuavam a empilhar as pedras ainda quentes junto ao muro leste do adro, a poucos metros da enfermaria e da casa do prior.

– As pedras antigas precisam ser guardadas para a igreja nova – explicou Tom. – Não serão usadas nas paredes, pois pedras de segunda mão não resistem bem ao tempo, mas vão servir para os alicerces. E todas as pedras quebradas também precisam ser guardadas. Elas serão misturadas com argamassa e despejadas na cavidade entre a superfície interna e a externa das paredes novas, para formar um recheio de entulho.

– Entendo.

Philip observou Tom indicar aos trabalhadores como empilhar as pedras em um padrão entrelaçado, de modo que a pilha não desabasse. Já havia ficado claro que as habilidades do homem eram indispensáveis.

Quando o construtor ficou satisfeito, Philip o pegou pelo braço e o fez dar a volta na igreja até o cemitério do lado norte do priorado. Embora tivesse parado de chover, as lápides ainda estavam molhadas. Na parte leste do cemitério eram enterrados os irmãos e na parte oeste os habitantes do povoado. A linha divisória era o transepto norte saliente da igreja, agora em ruínas. Os dois pararam em frente a ele. Um sol débil despontava por entre as nuvens. À luz do dia, as vigas enegrecidas nada tinham de sinistro, e Philip quase sentiu vergonha por ter pensado ver um demônio na noite anterior.

– Alguns monges estão incomodados pelo fato de ter uma mulher morando dentro dos limites do priorado – disse então.

O rosto de Tom foi tomado por algo mais intenso do que a ansiedade: o homem pareceu assustado, talvez em pânico. Ele a ama de verdade, pensou Philip. Prosseguiu, apressado:

– Mas eu não quero que vocês tenham de morar no povoado e dividir

um casebre com outra família. Para evitar problemas, seria sensato se sua esposa se mostrasse circunspecta. Peça a ela que mantenha o máximo de distância possível dos irmãos, principalmente dos mais jovens. Se tiver de andar pelo priorado, deve manter o rosto coberto. E, o mais importante, não deve fazer nada que possa despertar suspeitas de bruxaria.

– Assim será – concordou Tom.

Sua voz tinha um tom determinado, mas ele pareceu um pouco amedrontado. Philip lembrou que a esposa era uma mulher de mente arguta, que tinha as próprias opiniões. Talvez não fosse gostar que lhe dissessem para se manter discreta. Mas sua família na véspera estava na miséria, de modo que ela provavelmente veria essas restrições como um preço pequeno a pagar em troca de abrigo e segurança.

Eles seguiram andando. Na noite anterior, Philip tinha visto toda aquela destruição como uma tragédia sobrenatural, uma terrível derrota das forças civilizatórias e da verdadeira religião, um forte golpe à obra de toda a sua vida. Agora tudo lhe parecia apenas um problema a ser resolvido: gigantesco, sim, intimidador até, mas não sobre-humano. A mudança se devia sobretudo a Tom. Philip se sentia muito grato a ele.

Os dois chegaram à extremidade oeste. Philip viu um cavalo veloz sendo selado no estábulo e se perguntou quem estaria saindo em viagem justo naquele dia. Deixou Tom voltar sozinho para o claustro e foi até o estábulo investigar.

Um dos ajudantes do sacristão havia pedido o cavalo: o jovem Alan, que resgataria o baú do tesouro da sala do capítulo.

– E para onde você está indo, meu filho? – quis saber Philip.

– Para o palácio do bispo – respondeu Alan. – O irmão Andrew me pediu que buscasse velas, água benta e hóstias, já que perdemos essas coisas todas no incêndio e temos de voltar a celebrar os ofícios quanto antes.

Fazia sentido. Esses materiais ficavam guardados dentro de uma caixa trancada no coro, e a caixa com certeza havia pegado fogo. Philip ficou satisfeito ao ver que, pelo menos daquela vez, o sacristão soubera se organizar.

– Muito bem – disse. – Mas espere. Se você está indo para o palácio, pode levar uma carta minha para o bispo Waleran. – Graças a manobras bem pouco respeitáveis, o dissimulado Waleran Bigod era agora o bispo

prestes a ser empossado, mas Philip não podia retirar o apoio e era obrigado a tratar Waleran como seu bispo. – Preciso fazer a ele um relatório sobre o incêndio.

– Sim, padre – respondeu Alan. – Mas eu já estou levando uma carta para o bispo, de Remigius.

– Ah! – Philip se espantou. Era uma atitude muito empreendedora de Remigius, pensou. – Está bem – disse para Alan. – Tome cuidado na viagem e vá com Deus.

– Obrigado, padre.

Philip caminhou na direção da igreja. Remigius reagira bem depressa. Por que tamanha pressa, dele e do sacristão? Aquilo bastou para deixar Philip um pouco incomodado. Imaginou se a carta falava apenas sobre o incêndio na igreja ou continha outra coisa.

Ele parou no meio do gramado e se virou para olhar para trás. Teria total direito de pegar a carta de Alan e lê-la, mas agora era tarde: o rapaz já atravessava o portão a trote. Philip o seguiu com o olhar, um pouco frustrado. Bem nessa hora, a mulher de Tom saiu da casa de hóspedes carregando um balde, provavelmente com as cinzas da lareira. Ela seguiu em direção à esterqueira, perto do estábulo. Philip a observou. Ela se movia de modo agradável, como o andamento de um bom cavalo.

Tornou a pensar na carta de Remigius para Waleran. Por algum motivo, não conseguiu se livrar de uma desconfiança intuitiva, mas nem por isso menos preocupante, de que o principal assunto da carta na verdade não era o incêndio.

Sem qualquer razão para explicar o que sentia, teve certeza de que a carta era sobre a mulher do construtor.

III

Jack acordou com o primeiro canto do galo. Abriu os olhos e viu Tom se levantando. Continuou deitado, sem se mexer, e o escutou urinar no chão do lado da casa de hóspedes. Jack ansiava por ocupar o lugar quentinho liberado por Tom e se aninhar junto à mãe, mas sabia que Alfred zombaria dele sem dó caso fizesse isso, então permaneceu onde estava. Tom tornou

a entrar e sacudiu Alfred para acordá-lo.

Os dois beberam a cerveja que sobrara do almoço da véspera, comeram um pouco de pão preto dormido e saíram. Ainda sobrou um pouco de pão e Jack torceu para naquele dia eles o deixarem ali, mas foi frustrado. Alfred, como sempre, levou o que sobrara.

Alfred trabalhava o dia inteiro na obra com Tom. Jack e a mãe às vezes iam passar o dia na floresta. A mãe armava arapucas enquanto ele caçava patos com a funda. Tudo o que conseguiam pegar era vendido aos moradores do povoado ou a Cuthbert, o despenseiro. Como Tom não estava recebendo salário, essa era a única fonte de dinheiro vivo da família. Com o dinheiro, eles compravam pano, couro ou sebo, e nos dias em que não iam para a floresta a mãe fabricava sapatos, camisas de baixo, velas ou gorros, enquanto Jack e Martha brincavam com as crianças do povoado. Nos domingos, após a missa, Tom e a mãe gostavam de conversar sentados junto ao fogo. Às vezes começavam a se beijar, Tom punha a mão dentro da roupa de Ellen e eles então mandavam as crianças saírem um instante e fechavam a porta com a barra. Essa era a pior hora da semana inteira, pois Alfred ficava de mau humor e implicava com os mais novos.

Aquele, porém, era um dia normal, e Alfred ficaria ocupado desde a aurora até o entardecer. Jack se levantou e saiu. Estava frio, mas não chovia. Martha saiu alguns segundos depois dele. As ruínas da catedral já estavam cheias de trabalhadores carregando pedras, enchendo pás de cascalho, fabricando escoras de madeira para paredes instáveis e demolindo aquelas danificadas demais para serem aproveitadas.

Entre os moradores do povoado e os irmãos havia um consenso de que o incêndio fora iniciado pelo demônio, e por longos períodos Jack de fato se esquecia de que o responsável tinha sido ele. Quando se lembrava, se sobressaltava, e então se sentia extraordinariamente feliz consigo mesmo. Havia corrido um risco enorme, mas conseguira se safar e salvara a família da fome.

Os monges faziam o desjejum primeiro e os trabalhadores leigos não recebiam nada até que os irmãos fossem para o capítulo. Para Martha e Jack, era uma dura e longa espera. Jack acordava sempre com fome e o ar frio da manhã aguçava seu apetite.

– Vamos até o pátio da cozinha – disse ele.

Os ajudantes talvez lhes dessem alguns restos. Martha concordou na hora. Achava Jack maravilhoso e fazia qualquer coisa que ele sugerisse.

Quando chegaram à área da cozinha, descobriram que o irmão Bernard, responsável pelo forno, estava assando pão naquele dia. Como os ajudantes estavam todos trabalhando na obra, tinha de carregar a lenha sozinho. Era um homem jovem mas um tanto gordo, e bufava e suava sob seu fardo de lenha.

– Nós podemos pegar lenha para você, irmão – ofereceu Jack.

Bernard despejou a lenha junto ao forno e passou para Jack o cesto largo e chato.

– Isso é que são meninos bons – disse ele, ofegante. – Que Deus os abençoe.

Jack pegou o cesto e ele e Martha correram até a pilha de lenha atrás da cozinha. Encheram-no com pedaços de madeira e juntos transportaram a pesada carga.

Quando voltaram, o forno já estava quente, e Bernard esvaziou o cesto diretamente na fogueira e os mandou buscar mais lenha. Os braços de Jack doíam, mas sua barriga doía mais ainda, e ele foi depressa encher de novo o cesto.

Na segunda vez em que voltaram, Bernard estava arrumando sobre uma bandeja pequenos montinhos de massa.

– Se buscarem mais uma leva eu lhes dou pãezinhos quentes – disse ele.

Jack ficou com água na boca.

Da terceira vez, as duas crianças empilharam lenha bem alto no cesto e voltaram cambaleando, cada qual segurando uma das alças. Quando chegaram ao pátio, encontraram Alfred caminhando com um balde na mão, provavelmente para buscar água no canal que abastecia o moinho e depois sumia sob o gramado até a cervejaria. Alfred detestava Jack ainda mais desde que o menino havia colocado o passarinho morto na sua cerveja. Em geral, o garoto conseguia se virar casualmente e mudar de direção quando via Alfred. Jack pensou se naquele momento deveria largar o cesto e sair correndo, mas isso iria parecer covardia, e além disso ele já podia sentir o cheiro do pão novo que vinha da padaria e estava esfomeado. Com o coração na boca, seguiu em frente.

Alfred riu ao ver as duas crianças lutando com aquele peso que poderia

facilmente carregar sozinho. Elas se desviaram, mas ele deu alguns passos na sua direção e empurrou Jack, desequilibrando-o. Jack caiu sentado no chão com força e sentiu um impacto dolorido na coluna. Solto seu lado do cesto e toda a lenha foi derrubada no chão. Lágrimas encheram os seus olhos, mais por raiva do que pela dor. Quanta injustiça Alfred poder fazer aquilo, sem qualquer provocação, e escapar impune. Levantou-se e com toda a paciência recolocou a lenha dentro do cesto, fingindo, por causa de Marra, não se importar. Os dois tornaram a erguê-lo e retomaram o caminho da padaria.

Lá receberam sua recompensa. A bandeja de pãezinhos esfriava sobre uma prateleira de pedra. Quando eles entraram, Bernard pegou um.

– Estão bons – disse, enfiando um na boca. – Sirvam-se à vontade. Mas, cuidado, estão quentes.

Jack e Martha pegaram um pãozinho cada um. Jack mordeu o seu cautelosamente, temendo queimar a boca, mas o achou tão delicioso que o devorou em um segundo. Olhou para os que restavam. Eram nove ao todo. Ergueu os olhos para o irmão Bernard, que lhe sorria.

– Eu sei que você quer – observou o monge. – Vamos, pode pegar tudo. Jack levantou a barra da capa e enrolou nela o resto dos pães.

– Vamos levar para a mãe – falou para Martha.

– Você é mesmo um bom menino – disse Bernard. – Vá andando, então.

– Obrigado, irmão – retrucou Jack.

Ele e Martha saíram da padaria e foram em direção à casa de hóspedes. Jack estava muito empolgado. A mãe ficaria feliz por ele ter conseguido tamanha regalia. Sentiu-se tentado a devorar outro pãozinho antes de entregá-los, mas resistiu: seria ótimo dar todos à mãe.

Quando estavam atravessando o gramado, cruzaram com Alfred outra vez.

Pelo visto, o rapaz tinha enchido o balde, voltado ao canteiro de obras para esvaziá-lo, e agora estava indo enchê-lo outra vez. Jack decidiu fingir indiferença e torcer para ele o ignorar. Mas o modo como carregava os pãezinhos, envoltos na barra da capa, era óbvio demais para disfarçar, e Alfred mais uma vez se virou na direção deles.

Jack teria lhe dado um dos pãezinhos de bom grado, mas sabia que Alfred pegaria todos se tivesse oportunidade. Começou a correr.

Alfred o perseguiu e logo o alcançou. Esticou uma das pernas para fazê-lo tropeçar e Jack saiu voando. Os pãezinhos quentes se espalharam pelo chão.

O mais velho pegou um deles, limpou um pouco de lama da superfície e o pôs na boca. Seus olhos se arregalaram de surpresa.

– Pão novo! – exclamou ele.

E começou a catar os outros.

Jack se levantou cambaleando e tentou pegar um dos pãezinhos caídos, mas Alfred lhe deu um tabefe violento com a mão espalmada e tornou a derrubá-lo. O mais velho então recolheu depressa os outros pãezinhos e saiu andando enquanto os mastigava. Jack desatou a chorar.

Martha o encarava com um ar de piedade, mas Jack não queria compaixão. Mais do que qualquer outra coisa, o que o fazia sofrer era a humilhação. Saiu andando e, quando Martha veio atrás, virou-se para ela.

– Vá embora! – disse, e a menina fez uma cara magoada, mas parou e o deixou se afastar.

Secando as lágrimas na manga, ele andou em direção às ruínas. Sentia no coração um anseio de morte. Eu destruí a catedral, pensou. Poderia matar Alfred.

Naquela manhã, havia muita gente ocupada varrendo e limpando as ruínas. Alguma autoridade eclesiástica viria inspecionar o estrago, lembrou-se Jack.

O que mais o enlouquecia era a superioridade física de Alfred: como o rapaz era muito grande, podia fazer o que quisesse. Ficou andando por ali um pouco, remoendo a raiva, desejando que Alfred estivesse dentro da igreja quando todas aquelas pedras caíram.

Por fim, tornou a vê-lo. Ele estava no transepto norte, enchendo um carrinho de mão com lascas de pedra, e tinha o corpo coberto de pó cinza. Perto do carrinho estava uma das madeiras do telhado, que havia sobrevivido praticamente intacta, apenas chamuscada e escurecida de fuligem. Jack esfregou um dedo na superfície da viga e uma linha esbranquiçada surgiu. Inspirado, escreveu na fuligem: “Alfred é um porco.”

Alguns dos trabalhadores repararam. Ficaram espantados por Jack saber escrever.

– O que está escrito? – perguntou um rapaz.

– Pergunte a Alfred – respondeu Jack.

Alfred espiou as palavras e franziu o cenho, irritado. Jack sabia que ele conseguia ler o próprio nome, mas não o resto. Alfred se enraiveceu. Sabia que estava sendo ofendido, mas não o que fora escrito, e isso por si só já era humilhante. Ficou com cara de bobo. A raiva de Jack arrefeceu um pouco. Alfred podia ser maior, mas Jack era mais inteligente.

Ninguém tinha entendido ainda o que as palavras queriam dizer. Então um monge noviço passou por ali, leu o que estava escrito e sorriu.

– Quem é Alfred? – indagou.

– Ele – respondeu Jack, apontando com o polegar.

Alfred estava com uma expressão ainda mais zangada, mas, como ainda não sabia o que fazer, apoiou-se na pá com uma cara de idiota.

O noviço riu.

– Porco, é? O que ele está cavando ali... bolotas de carvalho?

– Deve ser! – falou Jack, encantado por ter um aliado.

Alfred deixou cair a pá e tentou agarrar Jack. Mas o menino estava preparado e saiu correndo como uma flecha disparada por um arco. O noviço esticou uma das pernas para fazê-lo tropeçar, como se quisesse ser igualmente desagradável com ambos, mas Jack saltou com agilidade. Atravessou correndo o que antes era a chancela, esquivando-se de pilhas de entulho e pulando por cima das tábuas caídas do telhado. Podia ouvir os passos pesados e os grunhidos da respiração de Alfred logo atrás, e o medo o fez correr mais depressa.

Instantes depois, percebeu que havia corrido na direção errada. Não havia saída por aquele canto da catedral. Cometera um engano. Entendeu, com um aperto no peito, que sairia machucado.

A metade superior da fachada leste havia desabado para dentro, e as pedras estavam amontoadas contra o que restava da parede. Sem ter mais para onde ir, Jack escalou a pilha, com Alfred em seu encalço. Chegou ao topo e viu à sua frente uma queda abrupta de uns 5 metros. Vacilou na borda, com medo. Era uma altura grande demais para pular sem se machucar. Alfred estendeu a mão para agarrar seu tornozelo. Jack perdeu o equilíbrio. Por um instante, ficou suspenso com um pé na parede e outro no ar, agitando os braços na tentativa de se equilibrar. Alfred não largou seu tornozelo. Jack se sentiu caindo de maneira inexorável para o lado errado. Alfred ainda o segurou por mais um segundo, desequilibrando-o

ainda mais, então o soltou. Sem conseguir recuperar a estabilidade, Jack despencou no ar e ouviu um grito partir de si próprio. Aterrissou sobre o lado esquerdo do corpo. O impacto foi tremendo. Por falta de sorte, bateu com a cara em uma pedra.

Por alguns instantes, tudo ficou preto.

Quando ele abriu os olhos, Alfred, que devia ter dado um jeito de descer pela parede, estava em pé ao seu lado, e junto dele estava um dos monges mais velhos. Jack o reconheceu: era Remigius, o subprior. O monge o encarou.

– Levante-se, rapaz – disse.

Jack não sabia se iria conseguir. Não podia mover o braço esquerdo. O lado esquerdo de seu rosto estava insensível. Sentou-se. Pensara que fosse morrer e estava surpreso com o simples fato de conseguir se movimentar. Usando o braço direito como apoio, tentou com dificuldade ficar em pé, apoiando a maior parte do peso na perna direita. A dormência passou e ele começou a sentir dor.

Remigius o segurou pelo braço esquerdo. Jack soltou um grito. O irmão o ignorou e segurou a orelha de Alfred. Decerto estava prestes a dispensar alguma dura punição aos dois, pensou Jack. Mas a dor que sentia era forte demais para se importar com isso.

Remigius falou com Alfred:

– Então, meu rapaz, por que está tentando matar seu irmão?

– Ele não é meu irmão – respondeu Alfred.

A expressão de Remigius mudou.

– Não é seu irmão? – perguntou. – Vocês não têm a mesma mãe e o mesmo pai?

– *Ela* não é minha mãe – disse Alfred. – Minha mãe morreu.

Uma expressão ardilosa tomou conta do rosto de Remigius.

– Quando sua mãe morreu?

– No Natal.

– No último Natal?

– Sim.

Apesar da dor, Jack percebeu que, por algum motivo, Remigius estava muito interessado naquela informação.

– Quer dizer que o seu pai só conheceu a mãe desse menino recentemente? – perguntou o monge, a voz tremendo de animação contida.

– Sim.

– E desde que eles estão... juntos, por acaso estiveram com um padre para santificar sua união?

– Ahn... eu não sei.

Jack pôde ver que Alfred não entendia as palavras que estavam sendo usadas. Para falar a verdade, nem ele entendia.

– Bem, eles se casaram? – perguntou Remigius, impaciente.

– Não.

– Entendo. – Jack pensara que ele iria ficar bravo, mas Remigius pareceu contente com aquilo. O rosto do monge adquiriu uma expressão bastante satisfeita. Ele passou alguns instantes em silêncio, pensativo, então se lembrou dos dois meninos. – Bem, se quiserem ficar no priorado e comer o pão dos monges, nada de brigas, mesmo vocês não sendo irmãos. Nós, homens de Deus, não devemos presenciar derramamento de sangue. É um dos motivos pelos quais vivemos reclusos do mundo.

Depois desse pequeno discurso, Remigius soltou os dois e se virou para ir embora, e Jack finalmente pôde correr até a mãe.



Tinha demorado três semanas, não duas, mas Tom havia arrumado a cripta para ser usada como igreja temporária, e nesse dia o bispo recém-eleito iria celebrar nela o primeiro ofício. O claustro fora liberado do entulho e Tom havia consertado as partes danificadas. Claustros eram estruturas simples, meras calçadas cobertas, e fora um trabalho fácil. O resto da igreja agora era na maior parte apenas pilhas de destroços e algumas das paredes ainda de pé corriam o risco de cair, mas Tom havia aberto uma passagem do claustro até a escada da cripta pelo que antes era o transepto sul.

Olhou em volta. A cripta tinha um tamanho bom, uns 15 por 15 metros, mais do que o suficiente para os ofícios dos monges. Era um espaço um tanto escuro, com pesadas colunas e um teto abobadado e baixo, mas tinha uma estrutura sólida, o que a fizera sobreviver ao incêndio. Eles haviam trazido uma mesa de cavaletes para ser usada como altar e os bancos do refeitório serviram de assento para os monges.

Quando o sacristão trouxesse para o altar suas toalhas bordadas e castiçais incrustados com pedras preciosas, ficaria muito bom.

Uma vez que os ofícios fossem retomados, a força de trabalho de Tom iria diminuir. A maioria dos irmãos retornaria à vida de preces e muitos dos que se dedicaram ao trabalho manual voltariam às suas tarefas agrícolas ou administrativas. Mas Tom ainda disporia da ajuda de metade dos criados do mosteiro. O prior Philip fora duro com eles. Na opinião de Philip, havia criados em excesso, e ele estava disposto a demitir os que não quisessem abandonar suas tarefas de cavaleiros ou ajudantes de cozinha. Alguns tinham partido, mas a maioria havia ficado.

O priorado já devia a Tom três semanas de salário. Como a tarifa integral de um mestre construtor custava 4 *pence* por dia, a quantia chegava a 72 *pence*. À medida que os dias passavam, a dívida aumentava, e seria cada vez mais difícil para Philip quitá-la. Após mais ou menos seis meses, Tom pediria ao prior que começasse a pagá-lo. A essa altura ele já estaria lhe devendo 2 libras e meia de prata, que teria de levantar antes de poder dispensá-lo. A dívida fazia Tom se sentir seguro.

Havia até mesmo uma chance – ele mal se atrevia a pensar isso – de que aquele trabalho durasse o resto de sua vida. Afinal de contas, aquela era uma catedral, e se as autoridades decidissem encomendar uma prestigiosa edificação nova e conseguissem o dinheiro para financiá-la, poderia ser o maior projeto de construção do reino e empregaria dezenas de pedreiros por várias décadas.

Na verdade, aquilo era esperar de mais. Conversando com os monges e os moradores do povoado, Tom ficara sabendo que Kingsbridge nunca fora uma catedral importante. Escondida em um vilarejo tranquilo, tivera uma série de bispos sem ambição e estava claramente sofrendo um lento declínio. O priorado era pobre e sem prestígio. Alguns mosteiros atraíam a atenção de reis e arcebispos por sua hospitalidade pródiga, suas excelentes escolas, bibliotecas imensas, pelas pesquisas de seus monges filósofos ou pela erudição de seus priores e abades, mas Kingsbridge não tinha nenhuma dessas coisas. O mais provável era que o prior Philip construísse uma pequena igreja, de estrutura simples e com acabamento modesto, e isso não deveria levar mais que dez anos.

No entanto, a situação convinha perfeitamente a Tom.

Mesmo antes de as ruínas enegrecidas pelo fogo esfriarem, ele havia

percebido que aquela era sua chance de construir sua própria catedral.

O prior já estava convencido de que fora Deus quem o mandara até Kingsbridge. Tom sabia ter conquistado a confiança de Philip graças à eficiência com que havia iniciado o processo de limpeza e tornado o priorado utilizável outra vez. Quando chegasse a hora certa, falaria com ele sobre os projetos para a nova igreja. Se lidasse com a situação de maneira cuidadosa, seriam grandes as chances de o prior pedir que Tom os desenhasse. A nova igreja decerto seria bastante modesta, o que tornava mais provável que os projetos lhe fossem confiados, e não a um mestre mais experiente na construção de catedrais. Ele estava muito esperançoso.

O sino tocou convocando o capítulo. Era também o sinal de que os trabalhadores laicos podiam entrar para o desjejum. Tom saiu da cripta e caminhou em direção ao refeitório. No caminho, Ellen o abordou.

Ela se postou na sua frente com uma atitude agressiva, impedindo-o de passar, e seus olhos exibiam uma expressão esquisita. Martha e Jack a acompanhavam. Jack estava com péssimo aspecto: um dos olhos fechados, o lado esquerdo do rosto inchado e cheio de hematomas, e todo o corpo apoiado na perna direita, como se a esquerda não pudesse suportar peso nenhum. Tom teve pena do rapazinho.

– O que houve com você? – indagou.

– Foi Alfred quem fez isso – respondeu Ellen.

Tom reprimiu um grunhido. Por um instante, sentiu vergonha do filho, que era muito maior do que Jack. Mas o menino não era nenhum anjo. Talvez Alfred tivesse sido provocado. Olhou em volta à procura do rapaz e o viu andando em direção ao refeitório, coberto de pó.

– Alfred! – bradou. – Venha cá.

Alfred se virou, viu a família reunida e se aproximou devagar, com um ar culpado.

– Foi você quem fez isso? – perguntou Tom.

– Ele caiu de uma parede – disse Alfred, carrancudo.

– Você o empurrou?

– Eu estava atrás dele.

– Quem começou?

– Jack me xingou.

– Eu o chamei de porco porque ele roubou nosso pão – disse Jack por entre os lábios inchados.

– Pão? – estranhou Tom. – Onde você arrumou pão antes do desjejum?
– Foi o padeiro Bernard quem nos deu. Nós fomos buscar lenha para ele.

– Você deveria ter dividido o pão com Alfred – disse Tom.

– Eu teria dividido.

– Então por que saiu correndo? – indagou Alfred.

– Eu estava levando o pão para a mãe na casa – protestou Jack. – Aí Alfred comeu tudo!

Catorze anos criando filhos haviam ensinado a Tom que, em uma briga de crianças, não havia chance nenhuma de descobrir quem tinha razão e quem não tinha.

– Vão fazer o desjejum, todos vocês, e se houver mais alguma briga hoje, você, Alfred, vai acabar com a cara igual à de Jack, e quem vai deixá-lo assim serei eu. Agora sumam daqui.

As crianças foram embora.

Tom e Ellen as seguiram em passo mais lento.

– É só isso que você vai dizer? – perguntou Ellen após alguns segundos.

Tom a fitou de relance. Ela ainda estava zangada, mas não havia nada que ele pudesse fazer em relação a isso. Deu de ombros.

– Como sempre, os dois lados têm culpa.

– Tom! Como você pode pensar isso?

– Um é tão ruim quanto o outro.

– Alfred pegou o pão deles. Jack o chamou de porco. Isso não tira sangue!

Tom balançou a cabeça.

– Meninos vivem brigando. Daria para passar a vida inteira julgando as disputas deles. É melhor deixar que se resolvam.

– Tom, isso não é o suficiente – disse ela, em tom de ameaça. – Olhe para a cara de Jack, depois olhe para a de Alfred. Aquilo não é resultado de uma briga de crianças. É um ataque cruel de um adulto a um menino pequeno.

Tom não gostou daquela atitude. Sabia que Alfred não era perfeito, mas tampouco Jack era. Não queria que Jack se tornasse o preferido da família e fosse mimado.

– Alfred não é adulto, tem 14 anos. Mas está trabalhando. Está

contribuindo para o sustento da família e Jack não. Jack passa o dia brincando feito uma criança. Na minha cartilha, isso quer dizer que deveria demonstrar respeito por Alfred. Como você deve ter notado, ele não demonstra.

– Estou pouco ligando para isso! – disparou Ellen. – Você pode dizer o que quiser, mas meu filho está com machucados feios, poderia ter sofrido ferimentos graves, e *eu não vou permitir uma coisa dessas!* – Ela começou a chorar. Com a voz mais baixa, mas ainda zangada, completou: – Ele é meu filho e não suporto vê-lo assim.

Tom entendia como ela se sentia e ficou tentado a reconfortá-la, mas teve medo de ceder. Tinha a sensação de que aquela conversa talvez fosse um divisor de águas. Como nunca havia morado com mais ninguém além da mãe, Jack sempre fora superprotegido. Tom não admitia que Jack devesse ser poupado dos golpes normais da vida cotidiana. Isso criaria um precedente que talvez, no futuro, causasse uma infinidade de problemas. Na verdade, Tom sabia que dessa vez Alfred tinha ido longe demais e estava secretamente decidido a obrigar o filho a deixar o menino em paz, mas dizer isso em voz alta não era uma boa ideia.

– Levar pancadas faz parte da vida – falou para Ellen. – Jack precisa aprender a levá-las ou a evitá-las. Não posso passar a vida protegendo o menino.

– Você poderia protegê-lo daquele brutamontes do seu filho!

Tom estremeceu. Detestava ouvi-la chamar Alfred de brutamontes.

– Poderia, mas não vou – respondeu, zangado. – Jack precisa aprender a se proteger sozinho.

– Ah, vá para o inferno! – disse Ellen, então virou as costas e foi embora.

Tom entrou no refeitório. A cabana de madeira em que os trabalhadores laicos geralmente comiam fora danificada pela queda da torre sudoeste, então eles comiam no refeitório depois de os monges terminarem. Tom estava pouco inclinado a conversar, então se sentou afastado de todos os demais. Um ajudante de cozinha lhe trouxe uma jarra de cerveja e algumas fatias de pão dentro de um cesto. Ele mergulhou uma delas na cerveja para amolecê-la e começou a comer.

Alfred era um rapaz grande, tinha energia de sobra, pensou, afetuoso. Enquanto bebia sua cerveja, deu um suspiro. Sabia, bem lá no fundo, que o

filho era *mesmo* um pouco truculento, mas com o tempo iria se acalmar. Até lá, Tom não iria obrigar os próprios filhos a darem tratamento especial a um recém-chegado. Eles já tiveram tantas coisas com que lidar. Haviam perdido a mãe, foram forçados a vagar pelas estradas sem ter o que comer, quase morreram de fome. Se pudesse evitar, não iria lhes impor mais nenhum fardo. Eles precisavam de um pouco de indulgência. Jack teria de ficar longe do caminho de Alfred e pronto. Isso não iria matá-lo.

As desavenças com Ellen sempre deixavam Tom com o coração pesado. Eles haviam discutido diversas vezes, em geral por causa das crianças, mas aquela tinha sido a pior briga até então. Quando ela fechava a cara e ficava hostil, ele não conseguia recordar como era, apenas pouco antes, se sentir totalmente apaixonado por ela: Ellen lhe parecia uma mulher desconhecida e zangada que havia se intrometido em sua vida tranquila.

Nunca tivera uma briga tão furiosa ou amarga com a primeira esposa. Pensando bem, Agnes e ele tinham concordado em relação a tudo o que era importante e, quando discordavam, não ficavam com raiva. Era assim que devia ser entre marido e mulher, e Ellen precisaria entender que não poderia fazer parte de uma família e ainda assim ter tudo do jeito que quisesse.

Mesmo nos momentos em que Ellen mais o enfurecia, ele nunca chegava a desejar que ela partisse, mas mesmo assim frequentemente pensava em Agnes com saudade. Agnes havia passado a maior parte da vida adulta de Tom ao seu lado, e agora ele tinha uma sensação constante de que algo estava faltando. Enquanto ela estava viva, nunca pensava ser particularmente sortudo por tê-la ao seu lado e tampouco sentira gratidão pela sua existência. Agora que ela estava morta, porém, sentia sua falta e ficava envergonhado por não a ter valorizado como deveria.

Nos momentos tranquilos do dia, depois de passar suas instruções para todos os trabalhadores e deixá-los ocupados na obra, quando conseguia se dedicar a alguma tarefa mais qualificada, como reconstruir um pedaço de parede do claustro ou consertar uma das colunas da cripta, Tom às vezes tinha conversas imaginárias com Agnes. Falava principalmente sobre Jonathan, seu bebê. Tom via a criança quase todos os dias recebendo comida na cozinha ou passeando no colo de alguém no claustro, ou então sendo posto para dormir no dormitório dos irmãos. O menino parecia

perfeitamente saudável e feliz, e ninguém, exceto Ellen, nem sequer desconfiava do interesse especial de Tom por ele. Também conversava com Agnes sobre Alfred, sobre o prior Philip, e até mesmo sobre Ellen, explicando o que sentia por cada um deles da mesma forma como teria feito – a não ser em relação a Ellen – caso estivesse viva. Contava também seus planos práticos para o futuro: a esperança de que tivesse trabalho ali por muitos anos e o sonho de projetar e construir ele próprio a nova catedral. Na sua mente, escutava as respostas e as perguntas dela. Agnes reagia alternadamente com satisfação, incentivo, fascínio, desaprovação e desconfiança. Às vezes ele achava que ela estava certa, outras não. Se tivesse contado a alguém sobre essas conversas, as pessoas teriam dito que ele estava falando com um fantasma e teria havido uma enxurrada de padres, água benta e exorcismo, mas ele sabia que não havia nada de sobrenatural no que estava acontecendo. O fato era que ele a conhecera tão bem que podia imaginar como ela se sentiria e o que diria em quase qualquer situação.

Agnes costumava surgir em sua mente sem que ele pedisse, nos momentos mais estranhos. Quando ele descascava uma pera para a pequena Martha, lembrava-se de como a mulher sempre ria dele por seu esforço para remover a casca em uma única tira contínua. Sempre que precisava escrever alguma coisa, pensava nela, pois ela havia lhe ensinado tudo o que aprendera com seu pai, o padre, e ele se lembrava de quando ela lhe mostrara como afiar uma pena ou como soletrar *caementarius*, palavra em latim que significava “pedreiro”. Quando aos domingos ensaboava a barba, recordava como, quando eles eram jovens, ela havia lhe ensinado que lavar a barba mantinha o rosto livre de piolhos e furúnculos. Nunca se passava um só dia sem que um desses pequenos incidentes o fizesse se lembrar dela com total clareza.

Sabia que tinha sorte por ter Ellen. Não havia perigo de não saber valorizar devidamente *aquela ali*. Ela era única. Tinha algo de incomum, e era esse algo incomum que a tornava magnética. Sentia-se grato por ela tê-lo consolado em sua tristeza na manhã seguinte à morte de Agnes, mas às vezes desejava que a tivesse encontrado alguns dias, não poucas horas após ter enterrado a esposa, só para ter tido tempo de ficar triste sozinho. Não teria observado um período de luto, claro, pois isso era coisa para grandes senhores e monges, não para as pessoas comuns, mas teria tido

tempo de se habituar à ausência de Agnes antes de começar a se acostumar a viver com Ellen. Não havia pensado nisso nos primeiros dias, quando a ameaça da fome tinha se misturado ao desejo sexual por Ellen para criar uma espécie de euforia histérica, como se o mundo estivesse prestes a acabar. Desde que ele encontrara trabalho e segurança, contudo, começou a sentir pontadas de remorso. E às vezes parecia que, quando pensava assim em Agnes, não apenas sentia saudades dela, mas lamentava o fim da própria juventude. Ele nunca mais seria tão ingênuo, agressivo, ávido ou forte quanto era quando havia se apaixonado por Agnes.

Terminou de comer seu pão e saiu do refeitório antes dos outros. Foi até o claustro. Estava satisfeito com o trabalho que fizera ali: agora era difícil acreditar que três semanas antes o pátio quadrado ficara soterrado por uma montanha de entulho. Os únicos vestígios remanescentes da catástrofe eram algumas pedras do calçamento rachadas para as quais ele não conseguira encontrar substitutas.

Mas ainda havia muita poeira. Ele mandaria varrer o claustro novamente, depois jogar água. Atravessou a igreja em ruínas. No transepto norte, viu uma viga enegrecida com palavras escritas na fuligem. Leu-as devagar. Estava escrito: “Alfred é um porco.” Então era aquilo que havia enfurecido o rapaz. Boa parte da madeira do telhado não fora reduzida a cinzas, e havia vigas enegrecidas iguais àquela espalhadas por toda parte. Tom decidiu que iria separar um grupo de trabalhadores para recolher tudo para o depósito de lenha. “Deixe o canteiro de obras arrumado”, dizia Agnes sempre que alguém importante estava para chegar. “Você quer que eles fiquem satisfeitos por Tom estar no comando.” Sim, querida, pensou ele, e sorriu consigo mesmo enquanto começava a fazer seu trabalho.



A comitiva de Waleran Bigod foi avistada atravessando os campos em volta do priorado a pouco mais de um quilômetro do mosteiro. Eram três pessoas e vinham cavalgando bem depressa. Waleran era o primeiro, montando um cavalo negro, com a capa preta esvoaçando atrás de si. Philip e os monges mais graduados aguardaram junto ao estábulo para recebê-los.

O prior não sabia ao certo como tratar Waleran. O bispo recém-eleito o havia enganado, sem dúvida, ao não revelar a morte do antigo bispo, e quando a verdade viera à tona não parecera sentir nem um pinga de vergonha e Philip não soubera o que lhe dizer. Até agora não sabia, mas desconfiava de que não ganharia nada com reclamações. De toda forma, aquela história havia sido eclipsada pela catástrofe do incêndio. Philip apenas tomava extremo cuidado com Waleran dali para a frente.

O cavalo do novo bispo era um garanhão e, apesar de ter percorrido vários quilômetros, ainda estava nervoso e irrequieto. Waleran puxava as rédeas com força enquanto conduzia o animal até o estábulo. Philip desaprovava aquilo: um religioso não tinha a menor necessidade de chamar atenção a cavalo, e a maioria dos homens de Deus escolhia montarias mais plácidas.

Waleran apeou com um movimento fluido e entregou as rédeas a um cavaleiro. Philip o cumprimentou de modo formal. O bispo recém-eleito então se virou para observar as ruínas. Uma expressão de pesar surgiu em seus olhos.

– Foi um incêndio bem caro, Philip – disse ele.

Para surpresa do prior, parecia genuinamente abalado.

Antes de Philip poder responder, Remigius tomou a palavra:

– Isso foi obra do demônio, senhor meu bispo.

– Foi mesmo? – retrucou Waleran. – Na minha experiência, em geral o demônio é auxiliado nesse tipo de obra por monges que acendem fogueiras dentro de igrejas para espantar o frio nas matinas ou, por descuido, deixam velas acesas no campanário.

Philip achou graça ao ver Remigius ser repreendido, mas não podia deixar passar as insinuações do novo bispo.

– Eu conduzi uma investigação sobre as possíveis causas do incêndio – explicou. – Ninguém acendeu fogo nenhum dentro da igreja naquela noite. Tenho certeza, pois eu mesmo participei da celebração das matinas. E antes disso fazia meses que ninguém subia no telhado.

– Então qual é sua explicação? Um raio? – indagou Waleran, cético.

Philip balançou a cabeça.

– Não havia tempestade. O fogo parece ter começado perto do coro. Nós deixamos, sim, uma vela acesa no altar após o ofício, como sempre. É possível que a toalha do altar tenha pegado fogo e que uma faísca tenha

sido levada por uma rajada de vento até o teto de madeira, que estava muito velho e ressecado. – Philip deu de ombros. – Não é uma explicação muito satisfatória, mas é o melhor que temos.

Waleran aquiesceu.

– Vamos dar uma olhada no estrago mais de perto.

Eles começaram a andar em direção à igreja. Os dois homens que acompanhavam o bispo eram um homem de armas e um jovem religioso. O homem de armas ficou para trás para cuidar do cavalo e o religioso seguiu Waleran e foi apresentado a Philip como deão Baldwin. Enquanto estavam todos atravessando o gramado em direção à igreja, Remigius pôs a mão no braço de Waleran para detê-lo.

– A casa de hóspedes está intacta, como o senhor pode ver – disse ele.

Todos pararam e se viraram. Irritado, Philip se perguntou em que Remigius estava pensando. Se a casa de hóspedes estava intacta, por que fazer todo mundo parar e olhar para ela? A esposa do construtor vinha da cozinha, e todos a viram entrar na casa. Philip relanceou os olhos para Waleran. O bispo recém-eleito exibia um ar levemente chocado. Philip recordou quando, no palácio do bispo, Waleran tinha visto a mulher e ficado quase assustado. O que havia com ela?

Waleran lançou um olhar rápido para Remigius, lhe deu um meneio de cabeça quase imperceptível, então se virou para Philip.

– Quem está morando lá? – perguntou.

– Um mestre construtor e sua família – respondeu o prior, apesar de ter quase certeza de que Waleran a havia reconhecido.

Waleran aquiesceu e todos seguiram em frente. Philip então entendeu por que Remigius tinha chamado atenção para a casa de hóspedes: queria ter certeza de que o bispo recém-eleito visse a mulher. Decidiu questioná-lo na primeira oportunidade que tivesse.

Eles entraram nas ruínas. Sob a supervisão de Tom, um grupo de sete ou oito homens, composto de monges e criados do priorado em números mais ou menos iguais, erguia uma viga do telhado parcialmente calcinada. O canteiro de obras inteiro estava movimentado, mas em ordem. Philip teve a sensação de que, embora o responsável fosse Tom, a atmosfera de eficiência e atividade lhe dava crédito.

Tom veio falar com eles. Era muito mais alto do que todos os outros.

– Esse é Tom, nosso mestre construtor – apresentou Philip. – Ele já

conseguiu tornar o claustro e a cripta utilizáveis outra vez. Estamos muito gratos a ele.

– Eu me lembro de você – disse Waleran a Tom. – Foi me procurar logo depois do Natal. Não tive trabalho a lhe oferecer.

– Isso mesmo – respondeu Tom com sua voz grave e rouca. – Talvez Deus estivesse me poupando para ajudar o prior Philip neste momento de dificuldade.

– Um construtor teólogo – zombou Waleran.

Tom enrubesceu de leve sob o pó que o cobria. Philip pensou que Waleran devia ter nervos de aço para brincar com um homem tão grande, apesar de ele ser bispo e Tom, um simples pedreiro.

– Qual é seu próximo passo? – indagou Waleran.

– Precisamos garantir a segurança da catedral derrubando as paredes que sobraram antes de elas caírem em cima de alguém – respondeu Tom, num tom bastante dócil. – Depois disso devemos limpar o canteiro de obras para a construção da nova igreja. Assim que possível, precisamos encontrar árvores altas para as vigas do novo telhado. Quanto mais tempo a madeira for curtida, melhor a qualidade do telhado.

– Antes de começarmos a abater árvores, precisamos arrumar dinheiro para pagar por elas – interveio Philip, depressa.

– Falaremos sobre isso depois – disse Waleran, enigmático.

O comentário deixou o prior intrigado. Estava torcendo para o novo bispo ter um plano para arrecadar o dinheiro necessário à edificação da nova igreja. Se tivesse de contar com os próprios recursos, o priorado só poderia começar a construir dali a muitos anos. Fazia três semanas que Philip vinha se torturando ao pensar nisso e ainda não havia encontrado uma solução.

Ele conduziu o grupo pelo caminho aberto no meio do entulho até o claustro. Bastou uma olhada para Waleran ver que aquela área já estava em ordem. Eles saíram de lá e atravessaram o gramado até a casa do prior, no canto sudeste do adro da catedral.

Uma vez lá dentro, Waleran despiu a capa, se sentou e estendeu as mãos pálidas em direção ao fogo. O responsável pela cozinha, irmão Milius, lhes serviu um vinho quente com especiarias em pequenas tigelas de madeira. Waleran bebericou o seu e perguntou a Philip:

– Já ocorreu a você que Tom Builder possa ter começado o incêndio

para garantir trabalho para si mesmo?

– Sim, já – respondeu Philip. – Mas não acho que ele tenha feito isso. Precisaria ter entrado na igreja, que estava trancada de modo muito seguro.

– Ele poderia ter se esgueirado lá durante o dia e se escondido.

– Nesse caso, não teria conseguido sair depois de começar o incêndio.

– Philip balançou a cabeça. Aquele não era o verdadeiro motivo que o deixava seguro da inocência de Tom. – De toda forma, não o considero capaz de uma coisa dessas. Ele é um homem inteligente, muito mais do que se poderia pensar à primeira vista. Mas não é dissimulado. Se fosse culpado, acho que eu teria visto isso no seu semblante quando o olhei nos olhos e perguntei como ele achava que o incêndio poderia ter começado.

Para surpresa de Philip, Waleran concordou na hora.

– Acho que você tem razão – disse. – Por algum motivo, não o vejo ateando fogo a uma igreja. Ele simplesmente não é esse tipo de homem.

– Talvez nunca venhamos a saber ao certo como o fogo começou – comentou o prior. – Mas precisamos encarar o problema de como levantar dinheiro para construir uma nova igreja. Eu não sei...

– Sim – interrompeu Waleran, erguendo uma das mãos para deter Philip. Virou-se para os outros monges. – Preciso conversar com o prior a sós – falou. – Todos os demais podem ser retirar.

Philip estranhou aquilo. Não conseguia imaginar por que Waleran precisava falar com ele sobre aquele tema.

– Antes de sairmos, senhor bispo, preciso comunicar algo a pedido dos irmãos – disse Remigius.

O que foi agora?, pensou Philip.

Waleran arqueou uma das sobrancelhas, cético.

– E por que eles iriam pedir a *você*, irmão, e não ao seu prior, que abordasse tal questão comigo?

– Porque o prior Philip é surdo em relação à demanda.

Philip se sentia confuso e irritado. Não houvera reclamações. Remigius só tentava constrangê-lo para impressionar o bispo recém-eleito. Philip interceptou um olhar inquisitivo de Waleran. Deu de ombros e tentou parecer despreocupado.

– Mal posso esperar para ouvir a reclamação – disse. – Por favor, irmão Remigius, pode falar... Isso se tiver plena certeza de que a questão

é importante o suficiente para merecer a atenção do bispo.

– Tem uma mulher morando no priorado – começou Remigius.

– Não isso outra vez – interrompeu Philip, irritado. – Ela é a esposa do construtor e está morando na casa de hóspedes.

– Ela é uma bruxa – argumentou Remigius.

Philip se perguntou por que o subprior estava fazendo aquilo. Ele já havia tentado aquela cartada uma vez, sem resultado. O assunto era controverso, mas a autoridade era o prior, e Waleran com certeza apoiaria Philip a menos que quisesse ser chamado toda vez que Remigius discordasse de seu superior.

– Ela não é bruxa – disse Philip, em um tom cansado.

– Você já interrogou a mulher? – perguntou Remigius.

Philip recordou que havia prometido interrogá-la, mas não levava adiante. Havia falado com o marido e lhe dissera para pedir discução à mulher, mas não chegara a falar pessoalmente com ela. Era uma pena, pois isso permitia a Remigius marcar um ponto, só que não era um ponto muito importante, e Philip estava certo de que não faria Waleran abraçar a causa do subprior.

– Eu não a interroguei – reconheceu. – Mas não há nenhum indício de bruxaria e a família inteira é perfeitamente honesta e cristã.

– Ela é uma bruxa e uma fornicadora – afirmou Remigius, vermelho de indignação moralista.

– *Como assim?* – explodiu Philip. – Com quem ela fornicava?

– Com o construtor.

– Ele é marido dela, seu tolo!

– Não, não é – retorquiu o outro em tom triunfante. – Eles não são casados, e só se conhecem há um mês.

Philip ficou pasmo. Jamais havia desconfiado de algo assim. Remigius o pegara totalmente de surpresa.

Se o subprior estivesse dizendo a verdade, tecnicamente a mulher era uma fornicadora. Era um tipo de fornicção que em geral recebia vista grossa, pois era comum que casais só tivessem suas uniões abençoadas por um padre depois de estarem juntos por algum tempo, muitas vezes depois de o primeiro filho ser concebido. De fato, nas regiões muito pobres ou remotas, casais viviam como marido e mulher por décadas, criavam filhos e então surpreendiam algum padre em visita pedindo que celebrasse seu

casamento mais ou menos quando os netos nasciam. Mas uma coisa era um padre de paróquia se mostrar negligente com camponeses pobres nos confins da Cristandade e outra, bem diferente, era um funcionário importante de um priorado cometer o mesmo ato dentro dos limites de um mosteiro.

– O que faz você pensar que eles não sejam casados? – indagou Philip, cético, embora tivesse certeza de que Remigius teria verificado os fatos antes de se pronunciar diante de Waleran.

– Peguei os filhos brigando e eles me disseram que não são irmãos. Então a história toda veio à baila.

Philip ficou decepcionado com Tom. Fornicação era um pecado um tanto corriqueiro, mas para os monges, que abriam mão de qualquer atividade carnal, era particularmente hediondo. Como Tom podia ter feito isso? Ele deveria saber que aquilo seria odioso para Philip. Sentiu-se ainda mais zangado com o construtor do que com Remigius. Mas o subprior tinha sido ardiloso.

– Por que não contou isso para mim, que sou seu prior? – indagou a Remigius.

– Só fiquei sabendo hoje de manhã.

Philip se recostou no assento, derrotado. Remigius armara direitinho para cima dele. Ele havia passado por bobo. Aquela era a vingança do subprior por ter sido derrotado na eleição. Olhou para o bispo. A reclamação tinha sido feita a Waleran. Agora ele podia dizer o que pensava.

Ele não hesitou.

– O caso é bastante claro: a mulher deve confessar seu pecado e em seguida se redimir publicamente. Deve deixar o priorado e levar uma vida casta, separada do construtor, durante um ano. Depois disso, eles podem se casar.

Um ano separados era uma sentença dura. Philip sentiu que a mulher a merecia por profanar o mosteiro, mas temia como iria acatá-la.

– Ela talvez não se submeta ao seu julgamento – observou.

Waleran deu de ombros.

– Nesse caso, ela vai arder no inferno.

– Se ela for embora de Kingsbridge, temo que Tom vá com ela.

– Existem outros construtores.

– Claro.

Philip lamentaria perder Tom, mas percebia, pela expressão de Waleran, que o novo bispo não se importaria se Tom e a mulher fossem embora de Kingsbridge para nunca mais voltar e se perguntou por que ela era tão importante assim.

– Agora saiam daqui, todos vocês, e me deixem falar com seu prior – disse Waleran.

– Só um minuto – pediu Philip, incisivo. Aquela, afinal de contas, era a sua casa, e aqueles eram os seus monges. Quem os convocava e dispensava era ele, não Waleran. – Eu mesmo falarei com o construtor sobre esse assunto. Nenhum de vocês deve comentar sobre isso com ninguém, entenderam? Se me desobedecerem em relação a isso, serão punidos severamente. Está claro, Remigius?

– Sim – respondeu o subprior.

Philip o encarou, inquisitivo, e não disse nada. Fez-se um silêncio pesado.

– Sim, *padre* – falou Remigius por fim.

– Está certo, podem ir.

Remigius, Andrew, Milius, Cuthbert e o deão Baldwin se retiraram. Waleran se serviu mais um pouco de vinho quente e esticou os pés em direção ao fogo.

– Mulheres sempre causam problemas – disse. – Quando há uma égua no cio no estábulo, todos os garanhões começam a morder os cavaliços, escoicear as baias e causar todo tipo de problema. Até os castrados passam a se comportar mal. Monges são como cavalos castrados: a paixão física lhes é negada, mas mesmo assim eles ainda sentem o cheiro do sexo delas.

Philip ficou constrangido. Achava que não havia necessidade de usar palavras tão cruas. Encarou as próprias mãos.

– E a reconstrução da igreja? – indagou.

– Sim. Você talvez tenha ficado sabendo que aquele assunto sobre o qual foi falar comigo, o conde Bartholomew e a conspiração contra o rei Estêvão, acabou se resolvendo a nosso favor.

– Sim. – Parecia fazer muito tempo que Philip estivera no palácio do bispo, temeroso e trêmulo, para revelar o complô contra o rei escolhido pela Igreja. – Ouvi dizer que Percy Hamleigh atacou o castelo do conde e o prendeu.

– Isso mesmo... Bartholomew está agora em uma masmorra de Winchester, esperando para saber seu destino – contou Waleran com satisfação.

– E o conde Robert de Gloucester? Ele era o mais poderoso dos conspiradores.

– E, por isso, terá a punição mais leve. Na verdade, não terá punição. Ele jurou fidelidade ao rei Estêvão e a sua participação no complô foi... ignorada.

– Mas o que isso tem a ver com a nossa catedral?

Waleran se levantou e foi até a janela. Quando ele olhou para a igreja em ruínas, uma tristeza genuína transpareceu em seu olhar e Philip entendeu que, apesar de seus modos mundanos, havia em Waleran um fundo de piedade verdadeira.

– Nossa participação na derrota de Bartholomew tornou o rei Estêvão nosso devedor. Em breve nós dois iremos falar com ele.

– Falar com o rei! – exclamou Philip.

Aquela ideia o deixava um pouco intimidado.

– Ele vai perguntar o que desejamos como recompensa.

Philip viu então aonde Waleran estava querendo chegar e foi dominado por um forte entusiasmo.

– E nós vamos dizer a ele...

Waleran virou as costas para a janela e encarou Philip, e seus olhos pareciam duas joias negras a cintilar de ambição.

– Vamos dizer a ele que queremos uma catedral nova para Kingsbridge – falou.



Tom sabia que aquilo seria a gota d'água para Ellen.

Ela já estava zangada pelo que havia acontecido com Jack. Tom precisava tranquilizá-la. Mas a notícia de sua “penitência” a deixaria irada. Queria poder adiar por um ou dois dias o momento de lhe falar, para dar tempo de ela se acalmar. No entanto, não podia perder tempo, pois o prior Philip tinha dito que ela precisava sair do mosteiro antes do cair da noite. Precisava avisá-la imediatamente e, como era meio-dia quando

Philip falou com Tom, era a hora do almoço quando decidiu falar para Ellen.

Depois que os monges acabaram de almoçar e deixaram o refeitório, os dois entraram com os outros empregados do priorado. As mesas estavam abarrotadas, mas Tom pensou que isso não era um mau sinal: a presença de outras pessoas talvez a contivesse um pouco.

Não demorou a perceber que estava errado.

Tentou lhe dar a notícia de modo gradual. Primeiro, falou:

– Eles sabem que nós não somos casados.

– Quem contou? – indagou ela, zangada. – Algum criador de caso?

– Alfred. Não o culpe... Aquele monge dissimulado, Remigius, foi quem lhe arrancou a informação. De toda forma, nós nunca dissemos às crianças que guardassem segredo.

– Não o culpo – retrucou ela, mais calma. – Mas o que eles disseram?

Ele se inclinou por cima da mesa e falou em voz baixa:

– Estão dizendo que você é uma fornicadora – respondeu, torcendo para que ninguém mais escutasse.

– Fornicadora? – repetiu ela, alto. – E você? Esses monges por acaso não sabem que é preciso duas pessoas para fornicar?

As pessoas sentadas em volta começaram a rir.

– Shh – fez Tom. – Eles estão dizendo que temos de nos casar.

Ela o encarou com um olhar duro.

– Se fosse só isso, Tom Builder, você não estaria tão arrasado. Me diga o resto.

– Eles querem que você confesse seu pecado.

– Hipócritas pervertidos – disparou ela, com nojo. – Passam a noite inteira metidos nos cus uns dos outros e depois têm a coragem de dizer que o que nós fazemos é pecado.

O comentário provocou mais risadas. As pessoas interromperam suas conversas para escutá-la.

– Só fale baixo – suplicou Tom.

– Imagino que eles também queiram que eu me penitencie. A humilhação faz parte do esquema. O que eles querem que eu faça? Vamos, diga a verdade, você não pode mentir para uma *bruxa*.

– Não fale assim! – sussurrou Tom. – Só piora as coisas.

– Então me diga.

– Nós temos de viver um ano separados e você precisa permanecer casta...

– Estou pouco me fodendo para isso! – gritou Ellen.

Agora todo mundo estava olhando.

– Estou pouco me fodendo para você, Tom Builder! – disse ela. Nesse momento, percebeu que tinha uma plateia. – Para todos vocês também! – berrou.

A maioria dos presentes sorriu. Era difícil se ofender, talvez porque Ellen ficasse tão adorável com o rosto afogueado e os olhos dourados bem arregalados. Ela se levantou.

– Estou pouco me fodendo para o priorado de Kingsbridge!

Ela pulou em cima da mesa e foi acolhida por uma salva de palmas. Começou a andar por cima da tábua.

Os convivas retiraram do seu caminho tigelas de sopa e canecas de cerveja e se inclinaram para trás, rindo.

– Estou pouco me fodendo para o prior! – disse ela. – Para o subprior, o sacristão, o chantre e o tesoureiro, todas as suas escrituras e concessões e seus baús cheios de moedas de prata!

Ela chegou ao final da mesa. Depois desta havia outra, menor, que era usada por um monge que lia em voz alta durante o almoço dos irmãos. Sobre a mesa havia um livro aberto. Ellen deu um salto até lá.

De repente, Tom entendeu o que ela iria fazer.

– Ellen! – exclamou. – Por favor, não faça...

– E estou pouco me fodendo para a Regra de São Benedito! – gritou ela no volume máximo da voz.

Então levantou a saia, caiu de joelhos e urinou sobre o livro aberto.

Os homens urraram de tanto rir, bateram nas mesas, gritando, assobiando e aplaudindo. Tom não soube ao certo se compartilhavam o desprezo de Ellen pela Regra ou se apenas gostavam de ver uma linda mulher se expor. Havia um quê de erotismo naquela vulgaridade desavergonhada, mas também era excitante ver alguém conspurcar abertamente o livro que os monges tratavam com uma solenidade tão tediosa. Fosse qual fosse o motivo, os homens adoraram.

Ela pulou da mesa e em meio a uma trovoada de aplausos saiu correndo pela porta.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Nunca tinham visto nada

parecido antes. Tom estava horrorizado e constrangido. Sabia que as consequências seriam sérias. Mesmo assim, parte de si pensava: que mulher!

Após alguns instantes, Jack se levantou e seguiu a mãe até o lado de fora, com um levíssimo sorriso estampado no rosto inchado.

Tom olhou para Alfred e Martha. Alfred estava perplexo, mas Martha ria.

– Venham, vocês dois – falou, e os três saíram do refeitório.

Quando chegaram ao lado de fora, Ellen não estava por perto. Atravessaram o gramado até a casa de hóspedes e a encontraram lá dentro. Ela aguardava Tom sentada na cadeira. Estava de capa e segurava nas mãos a grande bolsa de couro. Parecia tranquila, calma e controlada. O coração de Tom gelou quando viu a bolsa, mas fingiu não ter reparado.

– Vai ser um inferno consertar o que aconteceu – disse ele.

– Eu não acredito no inferno – retrucou ela.

– Espero que eles deixem você confessar e se penitenciar.

– Eu não vou me confessar.

Tom perdeu o autocontrole.

– Ellen, não vá embora!

Ela parecia triste.

– Escute, Tom. Antes de conhecer você, eu tinha o que comer e um lugar para morar. Vivia segura, protegida e independente. Não precisava de ninguém. Desde que estou com você, estive mais perto de morrer de fome do que em qualquer outro momento da minha vida. Você agora tem um trabalho, mas sem qualquer segurança: o priorado não tem dinheiro para construir uma igreja nova e no inverno que vem é bem possível que você esteja na estrada outra vez.

– Philip dará um jeito de conseguir o dinheiro – falou Tom. – Tenho certeza.

– Você não pode ter certeza – retorquiu ela.

– Você não acredita – disse Tom, com amargura. Então, antes de conseguir se controlar, arrematou: – É igualzinha a Agnes, não acredita na minha catedral.

– Ah, Tom, se fosse só por mim, eu ficaria – retrucou ela com tristeza.

– Mas veja só o meu filho.

Tom olhou para Jack. O menino estava com o rosto roxo de tantos

hematomas, a orelha inchada tinha o dobro do tamanho normal, as narinas estavam tomadas por sangue coagulado e um de seus dentes da frente estava quebrado.

– Eu tinha medo de ele crescer como um animal se ficássemos na floresta – falou Ellen. – Mas, se o preço de lhe ensinar a viver com outras pessoas for esse, é alto demais. Por isso vou voltar para lá.

– Não diga isso – pediu Tom, angustiado. – Vamos conversar. Não tome decisões precipitadas...

– Não é uma decisão precipitada, Tom, não é. – Havia pesar em sua voz. – Eu estou tão triste que nem sequer consigo mais ficar com raiva. Queria ser sua mulher, queria mesmo. Mas não a qualquer custo.

Se Alfred não tivesse perseguido Jack, pensou Tom, nada daquilo teria acontecido. Mas a coisa toda não passara de uma rixa entre meninos, não é? Será que Ellen tinha razão quando dizia que Tom era cego em relação a Alfred? Começou a sentir que havia errado. Talvez devesse ter sido mais firme com o filho. Meninos brigarem entre si era uma coisa, mas Jack e Martha eram menores do que Alfred. Talvez ele fosse mesmo um brutamontes.

Mas agora era tarde para mudar isso.

– Fique no povoado – pediu Tom, desesperado. – Espere um pouco para ver o que acontece.

– Não acho que agora os monges vão me deixar fazer isso.

Ele entendeu que ela estava certa. O priorado era dono do povoado, todos os moradores pagavam aluguel aos irmãos, em geral na forma de alguns dias de trabalho, e os irmãos podiam se recusar a hospedar qualquer um que lhes desagradasse. Se recusassem Ellen, não poderia culpá-los. Ela havia tomado sua decisão e literalmente mijado em cima das chances de se penitenciar.

– Então eu vou com você – falou. – O mosteiro já me deve *72 pence*. Vamos pegar a estrada outra vez. Já sobrevivemos antes...

– E seus filhos? – indagou ela com delicadeza.

Tom recordou como Martha havia chorado de fome. Sabia que não seria capaz de fazê-la passar por isso outra vez. E havia Jonathan, seu bebê, que morava ali com os monges. Não quero deixá-lo de novo, pensou, já o abandonei uma vez e me odiei por isso.

Mas ele não conseguia suportar a ideia de perder Ellen.

– Não se dilacere assim – disse ela. – Eu não vou voltar a percorrer as estradas com você. Isso não é uma solução. Ficaríamos pior do que estamos agora, em todos os aspectos. Vou voltar para a floresta e você não vai comigo.

Ele a encarou. Queria acreditar que ela não estava falando sério, mas a expressão em seu rosto lhe dizia que sim. Não conseguiu pensar em mais nada que pudesse detê-la. Abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu. Sentiu-se desamparado. Ellen respirava pesado, o peito subindo e descendo de tanta emoção. Tom quis tocá-la, mas sentiu que ela não desejava isso. Talvez eu nunca mais a abrace, pensou. Era difícil de acreditar. Durante semanas, ele havia se deitado com ela todas as noites e a tocado com a mesma familiaridade com a qual tinha tocado a si mesmo. Agora, de uma hora para outra, isso havia se tornado proibido, e ela era como uma desconhecida.

– Não faça essa cara tão triste – pediu ela.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Não consigo evitar – respondeu ele. – Estou triste.

– Sinto muito ter feito você tão infeliz.

– Não sinta por isso. Sinta por ter me feito tão feliz. É isso que dói, mulher. O fato de você ter me feito tão feliz.

Um soluço escapou dos lábios de Ellen. Ela virou as costas e saiu sem dizer mais nada.

Jack e Martha foram atrás dela. Alfred hesitou, constrangido, então os seguiu.

Tom ficou parado encarando a cadeira que ela havia deixado vazia. Não, pensou, não pode ser verdade, ela não está me deixando.

Sentou-se. A cadeira ainda estava quente com o calor do corpo dela, o corpo que ele tanto amava. Ele contraiu o rosto para deter as lágrimas.

Sabia que ela não mudaria de ideia agora. Ellen nunca hesitava: era o tipo de pessoa que tomava uma decisão e então a levava a cabo.

Mas em algum momento ela poderia vir a se arrepender.

Tom se agarrou a esse fiapo de esperança. Sabia que ela o amava. Isso não havia mudado. Na noite anterior mesmo, fizera amor com ardor, como alguém tentando saciar uma sede terrível, e depois de ele se satisfazer ela havia rolado para cima dele e continuado, beijando-o com sofreguidão, ofegando junto à sua barba enquanto gozava vezes sem conta e ficava

exausta demais para continuar. E não era só de sexo que ela gostava. Os dois apreciavam estar juntos o tempo todo. Conversavam sempre, bem mais do que ele e Agnes haviam conversado mesmo nos primeiros tempos. Ela vai sentir minha falta tanto quanto eu vou sentir a dela, pensou. Depois de algum tempo, quando a raiva tiver passado e ela tiver se estabelecido em uma nova rotina, vai ansiar por alguém com quem conversar, um corpo rijo para tocar, um rosto barbado para beijar. Então vai pensar em mim. Mas Ellen era orgulhosa. Talvez orgulhosa demais para voltar, mesmo querendo.

Ele pulou da cadeira. Precisava dizer a ela o que estava pensando. Saiu da casa. Ellen estava no portão do priorado se despedindo de Martha. Tom passou correndo pelo estábulo e a alcançou.

Ela lhe abriu um sorriso triste.

– Adeus, Tom.

Ele segurou suas mãos.

– Você algum dia vai voltar? Só para nos ver? Se eu souber que não está indo embora para sempre, que um dia tornarei a vê-la, nem que seja só por um curto período... se eu souber isso, talvez possa suportar.

Ela hesitou.

– Por favor.

– Está bem – disse ela.

– Jure.

– Não acredito em juramentos.

– Mas eu acredito.

– Está bem. Eu juro.

– Obrigado.

Tom a puxou para si com delicadeza. Ela não resistiu. Ele a abraçou, então não conseguiu mais se segurar. Lágrimas rolaram por suas faces. Por fim, Ellen se desvencilhou. Com relutância, Tom a soltou. Ela se virou em direção ao portão.

Nesse instante, ouviu-se um barulho no estábulo, um cavalo indócil batendo com os cascos no chão e bufando. Todos se viraram automaticamente. O cavalo era o garanhão negro de Waleran Bigod, e o novo bispo estava a ponto de montá-lo. Seu olhar cruzou com o de Ellen e ele gelou.

Foi nessa hora que ela começou a cantar.

Embora a tivesse ouvido cantar várias vezes, Tom não conhecia aquela canção. A melodia era muito triste. Apesar de ser em francês, ele pôde entender o suficiente.

*Presa na rede de um caçador,
cantou como nunca a cotovia,
como se para apartar asa e rede
bastasse entoar a sua melodia.*

Tom encarou Ellen, em seguida olhou para o bispo. Waleran estava aterrorizado: a boca aberta, os olhos esbugalhados, o rosto pálido como o de um morto. Tom se espantou: como uma simples canção tinha o poder de assustar um homem daqueles?

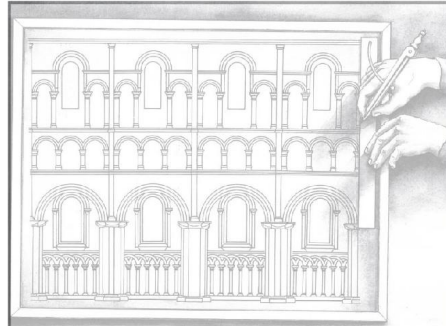
*Ao cair do dia, o caçador buscou a presa,
e a cotovia perdeu a liberdade.
Todos os pássaros, todos os homens morrem,
Mas canções duram a eternidade.*

– Adeus, Waleran Bigod – disse Ellen, em voz alta. – Estou deixando Kingsbridge, mas não você. Estarei nos seus sonhos.

E nos meus, pensou Tom.

Durante alguns segundos, ninguém se mexeu.

Ellen então virou as costas, segurando Jack pela mão, e todos observaram em silêncio enquanto ela saía marchando pelos portões do priorado e desaparecia no crepúsculo que descia sobre a terra.



PARTE II
1136-1137

CAPÍTULO 5

I

Depois que Ellen foi embora, os domingos na casa de hóspedes ficaram muito tranquilos. Alfred jogava bola com os meninos do vilarejo no campo do outro lado do rio. Martha, que sentia falta de Jack, brincava de faz de conta, fingindo colher vegetais, preparar uma sopa e vestir uma boneca. Tom trabalhava no projeto de sua catedral.

Insinuara a Philip uma ou duas vezes que o prior precisava pensar no tipo de igreja que desejava construir, mas ou ele não havia entendido ou decidira ignorar a indireta. Estava com a cabeça cheia. Tom, no entanto, praticamente só pensava naquilo, sobretudo aos domingos.

Gostava de ficar sentado na casa de hóspedes, diante da porta aberta, olhando a catedral em ruínas depois do gramado. Às vezes fazia esboços em um pedaço de ardósia, mas a maior parte do trabalho acontecia na sua cabeça. Sabia que a maioria das pessoas tinha dificuldade para visualizar objetos sólidos e espaços complexos, mas ele sempre achara aquilo uma tarefa fácil.

O modo como havia cuidado das ruínas lhe valera a confiança e a gratidão de Philip, mas o prior o via como um pedreiro temporário. Ele precisava convencê-lo de que era capaz de projetar e construir uma catedral.

Um domingo, cerca de dois meses depois de Ellen ir embora, Tom se sentiu pronto para começar a desenhar.

Usando juncos trançados e gravetos flexíveis, fabricou uma esteira com mais ou menos 1 metro por 60 centímetros. Construiu uma moldura de madeira para que a esteira ficasse com as bordas mais altas, como uma bandeja. Então queimou um pouco de calcário para fazer cal, misturou com uma pequena quantidade de gesso e encheu a bandeja. Quando a

argamassa começou a endurecer, traçou algumas linhas nela com uma haste. Usou sua régua de ferro de 30 centímetros para as linhas retas, seu esquadro para os ângulos retos e seus compassos para as curvas.

Faria três desenhos: um corte transversal, para explicar como a igreja seria construída; uma elevação, para ilustrar suas belas proporções; e uma planta baixa, para mostrar as acomodações. Começou com o corte transversal.

Imaginou a catedral como um pão comprido, então cortou a casca da fachada oeste para poder espiar lá dentro e começou a desenhar.

Era bem simples. Traçou um arco alto, com o topo achatado. Era a nave vista da extremidade oeste. Assim como a antiga, aquela teria um teto plano de madeira. Tom teria preferido mil vezes construir um teto de pedra abobadado, mas sabia que Philip não possuía dinheiro para isso.

Por cima da nave, desenhou um telhado triangular. A largura da edificação era determinada pela largura do telhado, e esta, por sua vez, era limitada pelas vigas de madeira disponíveis. Era difícil conseguir vigas com mais de 10 metros de comprimento, e elas também eram extremamente caras. (A madeira de boa qualidade era tão valiosa que era comum uma árvore boa ser derrubada e vendida pelo proprietário muito antes de alcançar essa altura.) A nave da catedral provavelmente teria um pouco menos de 10 metros de largura, ou duas vezes a extensão de sua vara de medição de ferro.

A nave que ele havia desenhado era alta, mais do que parecia possível. Mas uma catedral precisava ser um edifício imponente, assombroso por seu tamanho e que, pela grandiosidade, atraísse os olhos para o céu. Um dos motivos que levavam as pessoas a frequentar esses lugares era o fato de serem as maiores edificações do mundo. Um homem que jamais pisasse em uma catedral podia passar a vida inteira sem ver um edifício muito maior do que o casebre no qual residia.

Infelizmente, a estrutura que Tom havia desenhado iria desabar. O peso do chumbo e da madeira do telhado seria de mais para as paredes, que cederiam para fora e ruiriam. Elas precisavam de escoras.

Por isso, Tom desenhou dois arcos arredondados com metade da altura da nave, de um lado e outro. Eram as galerias laterais da igreja. Elas teriam tetos de pedra curvos: como eram mais baixas e mais estreitas, o custo das abóbadas de pedra não seria tão alto. Cada uma das galerias teria

um telhado inclinado apoiado na estrutura principal.

As galerias, unidas à nave por suas abóbadas de pedra, proporcionavam algum suporte, mas sua altura ainda não era suficiente. Tom construiria apoios extras, dispostos em intervalos regulares, no forro entre as abóbadas do teto e o telhado em meia-água. Desenhou um desses apoios, um arco de pedra que ia do topo da parede da galeria até a parede da nave acima. No ponto em que o apoio repousava sobre a parede, Tom o firmou ainda mais com um imenso contraforte que despontava da lateral da igreja. No alto desse contraforte, desenhou um torreão, para aumentar o peso e embelezar.

Não era possível ter uma igreja incrivelmente alta sem esses elementos de apoio – galerias laterais, arcos de suporte e contrafortes –, mas talvez fosse difícil explicar isso para um monge, e Tom fizera o esboço para ajudar a esclarecer. Desenhou também as fundações, enterradas bem fundo no chão sob as paredes. Os leigos sempre se espantavam com a profundidade das fundações.

Era um desenho simples, simples demais para ser de grande serventia para construtores, mas devia bastar para o prior Philip. Tom queria que ele entendesse o que iria propor, que visualizasse a edificação e ficasse animado com ela. Era difícil imaginar uma igreja grande e sólida quando tudo o que se via eram umas poucas linhas riscadas no gesso. Philip iria precisar que Tom facilitasse o máximo possível.

Vistas a partir da extremidade, as paredes que ele tinha desenhado pareciam sólidas, mas não seriam. Tom então começou a desenhar a lateral da nave, vista de dentro da igreja. A parede era vazada em três níveis. A metade inferior quase não chegava a ser uma parede, apenas uma fileira de colunas unidas no alto por arcos semicirculares. Era a chamada arcada. Por entre os arcos da arcada se podiam ver as janelas das galerias, arredondadas na parte superior. As janelas ficariam perfeitamente alinhadas com os arcos, de modo que a luz de fora pudesse entrar na nave sem obstrução. As colunas que sustentavam os arcos ficariam alinhadas com os contrafortes das paredes externas.

Acima de cada arco haveria uma fileira de três arcos pequenos que formavam a galeria da tribuna. Nenhuma luz entraria por eles, pois atrás ficava o telhado da galeria lateral.

Acima da galeria da tribuna ficava o clerestório, assim chamado por

ser atravessado por janelas que iluminavam a metade superior da nave.

Na época em que a antiga catedral de Kingsbridge fora construída, os pedreiros confiavam em paredes grossas para garantir a solidez da estrutura e, medrosos, haviam inserido janelas pequenas e acanhadas, que quase não deixavam passar luz. Os construtores modernos aprenderam que, se as paredes ficassem retas e alinhadas, a edificação seria forte o suficiente.

Tom projetou os três níveis das paredes da nave – arcada, galeria da tribuna e clerestório – respeitando estritamente a proporção 3:1:2. A arcada tinha metade da altura total da parede, e a galeria, um terço da metade restante. Em uma igreja, as proporções eram o mais importante. Davam ao edifício uma sensação subliminar de correção. Tom estudou o desenho completo e achou que estava muito elegante. Mas Philip também pensaria assim? Ele conseguia imaginar as fileiras de arcos percorrendo toda a extensão da igreja, com seus relevos e entalhes iluminados pelo sol da tarde... mas será que o prior veria a mesma coisa?

Começou o terceiro desenho, a planta baixa da igreja. Imaginava uma arcada composta por doze arcos. A igreja, portanto, se dividiria em doze seções, chamadas “tramos”. A nave teria seis tramos de comprimento; a chancela, quatro. Entre as duas, ocupando o espaço do sétimo e do oitavo tramos, ficaria o coro, com os transeptos saindo para um lado e para outro e sobre o qual se ergueria a torre.

Todas as catedrais e quase todas as igrejas tinham formato cruciforme. A cruz, é claro, era o símbolo mais importante da Cristandade, mas havia também um motivo prático: os transeptos proporcionavam um espaço útil para capelas adicionais e cômodos administrativos, como a sacristia e o vestiário.

Após desenhar uma planta baixa simples, Tom voltou à parte central, que mostrava o interior da igreja visto da extremidade oeste. Elaborou então a torre que se erguia acima e atrás da nave.

A torre poderia ter uma vez e meia a altura da nave, ou então o dobro. A opção mais baixa proporcionava ao edifício um atraente perfil regular, com as galerias laterais, a nave e a torre espaçadas por intervalos iguais, 1:2:3. Já a torre mais alta criaria um efeito mais dramático, pois nesse caso a nave teria o dobro da altura das galerias, e a torre, o dobro da altura da nave, na proporção 1:2:4. Tom havia optado pela alternativa mais

dramática. Aquela seria a única catedral que ele iria construir, e queria que se erguesse de forma imponente em direção ao céu. Estava torcendo para Philip também pensar assim.

Se o prior aprovasse o projeto, ele teria de refazer o desenho, claro, com mais cuidado e precisão. Depois disso ainda haveria muitos outros rabiscos, centenas deles: plintos, colunas, capitéis, mísulas, frontões, torreões, escadas, gárgulas e inúmeros outros detalhes. Tom passaria anos desenhando. Mas o que estava ali na sua frente era a base da edificação, e ele gostara do resultado: simples, barato, gracioso, com proporções perfeitas.

Ele mal podia esperar para apresentá-lo.

Havia planejado encontrar um momento propício para levá-lo ao prior Philip, mas, agora que o desenho estava pronto, queria mostrá-lo quanto antes.

Pensou se o prior o acharia presunçoso. Ele não lhe pedira que preparasse projeto nenhum. Talvez estivesse cogitando outro mestre construtor, alguém de quem tivesse ouvido falar, que já houvesse trabalhado para outro mosteiro e feito um bom serviço. Talvez reagisse com desprezo às aspirações de Tom.

Por outro lado, se Tom não lhe apresentasse nada, Philip talvez pensasse que ele não era capaz de fazer um projeto e contratasse outra pessoa sem nem mesmo considerá-lo. Esse risco Tom não estava disposto a correr. Preferia passar por presunçoso.

A tarde ainda estava clara. Devia ser o horário dos estudos no claustro. Philip provavelmente estava na casa do prior, lendo a Bíblia. Tom decidiu bater à sua porta.

Segurando com cuidado a placa sobre a qual havia desenhado, saiu da casa de hóspedes.

Ao passar pelas ruínas, a perspectiva de construir uma nova catedral de repente lhe pareceu um enorme desafio: tanta pedra, tanta madeira, tantos artesãos, tantos *anos*. Ele teria de controlar tudo, garantir o fornecimento constante de material, monitorar a qualidade da madeira e da pedra, contratar e demitir, verificar de modo incansável o trabalho de cada um com seu prumo de chumbo, fazer modelos dos relevos, projetar e construir máquinas de içar... Ponderou se seria mesmo capaz.

Então pensou na emoção que seria criar algo do zero e um dia, no

futuro, ver uma igreja nova onde agora não havia nada a não ser entulho e dizer: fui eu que fiz isto.

Havia outro pensamento em sua mente, escondido em um canto empoeirado, algo que ele quase não queria admitir para si mesmo. Agnes havia morrido sem a extrema-unção e fora enterrada em um terreno não consagrado. Ele gostaria de voltar ao seu túmulo, pedir que um padre recitasse uma oração e quem sabe erguer uma pequena lápide. Tinha medo, porém, de que toda a história do bebê abandonado viesse à tona caso chamasse atenção para o local em que ela estava enterrada. Abandonar um bebê para morrer equivalia a assassinato. Com o passar das semanas, passara a se preocupar cada vez mais com a alma de Agnes, se ela tinha ido ou não para um bom lugar. Temia perguntar isso a um padre, pois não queria dar detalhes. Mas se consolava pensando que, se construísse uma catedral, Deus com certeza o ajudaria, e pensou se poderia pedir que Agnes se beneficiasse dessa graça no seu lugar. Se pudesse dedicar seu trabalho na catedral a ela, sentiria que sua alma estava segura e ele poderia descansar.

Chegou à casa do prior, uma pequena construção de pedra de apenas um andar. Embora fizesse frio, a porta estava aberta. Hesitou alguns instantes. Calmo, competente, experiente, hábil, pensou sobre si mesmo. Um mestre em todos os aspectos da construção moderna. O homem perfeito para se confiar, sem dúvida.

Entrou. A casa tinha um cômodo só. Em um dos cantos ficava uma cama grande cercada por luxuosas cortinas, no outro um pequeno altar com um crucifixo e um castiçal. Em pé junto à janela, o prior Philip lia um pergaminho com o cenho franzido de preocupação. Ergueu o rosto e sorriu para Tom.

– O que você me trouxe aí?

– Desenhos, padre – respondeu Tom, imprimindo à voz um tom grave e confiante. – Para a nova catedral. Posso lhe mostrar?

Philip fez cara de surpresa, mas pareceu interessado.

– Claro.

Em um dos cantos ficava um grande atril. Tom o trouxe até a luz que entrava pela janela e pôs sobre o tampo oblíquo a moldura de gesso. Philip examinou o desenho. Tom observou o rosto do prior. Percebeu que Philip nunca tinha visto uma elevação, uma planta baixa ou um corte

transversal de uma construção. Pelo rosto do religioso, via-se que tentava entender o que era aquilo.

Tom começou a explicar. Apontou para o desenho da elevação.

– O senhor está em pé no centro da nave, de frente para a parede – começou. – Aqui ficam as colunas da arcada. São unidas por arcos. Por entre os arcos se podem ver as janelas da galeria lateral. Acima da arcada fica a galeria da tribuna e, sobre ela, as janelas do clerestório.

Surgiu no rosto de Philip uma expressão de compreensão. Ele aprendia depressa. Olhou para a planta baixa e Tom pôde ver que ficou igualmente intrigado.

– Quando nós examinarmos o local da obra e marcarmos onde as paredes serão construídas, onde as colunas vão tocar o chão e a posição das portas e dos contrafortes, teremos um desenho como este, que indicará onde posicionar os pregos e os barbantes.

Mais uma vez, o semblante de Philip se iluminou. Na verdade, pensou Tom, o fato de o prior ter dificuldade para entender os desenhos era uma coisa boa: isso lhe dava uma chance de se mostrar seguro e experiente. Por fim, Philip olhou para o corte.

– Isto aqui no meio é a nave, com teto de madeira – explicou Tom. – Atrás dela fica a torre. Aqui ficam as galerias laterais, de um lado e de outro da nave. E na parte externa das galerias ficam os contrafortes.

– Parece esplêndido – falou Philip.

Tom pôde ver que ele ficara particularmente impressionado com o corte, com o interior da igreja exposto, como se a fachada oeste houvesse sido aberta como a porta de um armário para revelar o interior.

Philip tornou a examinar a planta baixa.

– A nave tem só seis tramos?

– Sim, e a chancela tem quatro.

– Não é meio pequeno?

– O senhor tem dinheiro para mais?

– Não tenho dinheiro para nada – respondeu Philip. – Imagino que você não saiba quanto custaria isto aqui.

– Eu sei exatamente quanto custaria – respondeu Tom. Viu a surpresa se estampar no rosto do prior. Philip não percebera que Tom sabia fazer contas. O mestre construtor havia passado muitas horas calculando o custo daquele projeto, até o último *penny*, mas respondeu com um número

aproximado. – Não passaria de 3 mil libras.

O prior deu uma risada seca.

– Passei as últimas semanas calculando a renda anual do priorado. – Ele acenou com a folha de pergaminho que estava lendo com tanta preocupação quando Tom entrou. – Aqui está a resposta. Trezentas libras por ano. E nós gastamos cada *penny*.

Tom não se espantou. Era evidente que o priorado havia sido mal administrado no passado. Tinha fé de que Philip iria recuperar suas finanças.

– O senhor vai conseguir o dinheiro, padre – disse. – Com a ajuda de Deus – acrescentou, com fé.

Sem parecer convencido, o prior tornou a prestar atenção nos desenhos.

– Quanto tempo isto levaria para ser construído?

– Depende de quantas pessoas forem contratadas – respondeu Tom. – Se o senhor contratar trinta pedreiros, com uma quantidade suficiente de serventes, aprendizes, carpinteiros e ferreiros para auxiliá-los, deve levar quinze anos: um para as fundações, quatro para a chancela, quatro para os transeptos e seis para a nave.

Mais uma vez, Philip pareceu impressionado.

– Quem me dera os irmãos graduados do meu mosteiro tivessem a sua capacidade de cálculo e previsão – comentou. Estudou os desenhos, pensativo. – Quer dizer que eu preciso arrumar 200 libras por ano. Posto dessa forma, nem soa tão mau assim. – O prior parecia refletir sobre essas informações. Tom se animou: Philip estava começando a pensar naquilo como uma empreitada possível, não apenas um projeto abstrato. – Suponhamos que eu conseguisse mais dinheiro. Seria possível apressar a obra?

– Até certo ponto – respondeu Tom, com cautela. Não queria que Philip exagerasse no otimismo, pois isso poderia levar a uma desilusão. – O senhor poderia contratar sessenta pedreiros e construir a igreja toda de uma vez, em vez de trabalhar de leste a oeste, e isso talvez levasse uns oito ou dez anos. Se colocar mais de sessenta homens em uma obra desse porte, eles vão começar a atrapalhar uns aos outros e o ritmo de trabalho ficaria prejudicado.

Philip aquiesceu. Não parecia ter dificuldade para compreender isso.

– Então, mesmo com apenas trinta pedreiros, eu poderia ter a parte leste pronta em cinco anos.

– Sim, e poderia usá-la para os ofícios, além de criar um santuário novo para a ossada de Santo Adolfo.

– De fato. – Philip havia realmente se animado. – Estava pensando que demoraria décadas para podermos ter uma igreja nova. – Ele encarou Tom com um ar astuto. – Você já construiu uma catedral?

– Não, mas já projetei e construí igrejas menores. Trabalhei durante anos na catedral de Exeter e concluí a obra como assistente do mestre construtor.

– Você quer construir essa catedral, não quer?

Tom hesitou. Era melhor ser sincero com Philip: aquele homem não tinha paciência para rodeios.

– Sim, padre. Quero que o senhor me nomeie mestre construtor – confessou, com o máximo de calma que conseguiu.

– Por quê?

Por essa pergunta Tom não esperava. Os motivos eram muitos. *Porque já vi isso ser malfeito e sei que eu faria direito*, pensou. *Porque para um mestre artesão não existe satisfação maior do que exercer seu ofício, exceto, talvez, fazer amor com uma linda mulher. Porque algo assim dá sentido à vida de um homem.* Qual resposta o prior queria? Decerto gostaria que ele dissesse algo devoto. Tom decidiu arriscar e falar a verdade.

– Porque vai ficar bonito – respondeu.

Philip o encarou com uma expressão estranha. Tom não soube dizer se aquilo era raiva ou outro sentimento.

– Porque vai ficar bonito – repetiu o prior. Tom começou a achar que esse era um motivo bobo e resolveu falar outra coisa, mas não conseguiu decidir o quê. Então percebeu que Philip não estava sendo nem um pouco cético: estava comovido. As palavras de Tom haviam tocado seu coração. Por fim, o prior aquiesceu, como se houvesse tomado uma decisão após refletir um pouco. – Sim. E o que poderia ser melhor do que criar algo bonito para Deus?

Tom ficou quieto. Philip não tinha dito: sim, você será o mestre construtor. Então, aguardou até que o prior pareceu tomar uma decisão:

– Daqui a três dias, vou acompanhar o bispo Waleran em um encontro

com o rei em Winchester – disse ele. – Não sei exatamente quais os planos do bispo, mas tenho certeza de que ele vai pedir ao rei Estêvão que nos ajude a financiar uma nova catedral aqui em Kingsbridge.

– Vamos torcer para ele aceitar o pedido – comentou Tom.

– O rei nos deve um favor – retrucou Philip com um sorriso enigmático. – Ele deve nos ajudar.

– E se ajudar? – indagou Tom.

– Eu acho que Deus me enviou você com um objetivo em mente, Tom Builder – falou Philip. – Se o rei Estêvão nos der o dinheiro, você poderá construir a igreja.

Foi a vez de Tom se emocionar. Ele mal soube o que dizer. Havia conquistado seu maior desejo da vida, mas com uma condição. Tudo dependia de Philip conseguir a ajuda do rei. Assentiu, aceitando a promessa e o risco.

– Obrigado, padre.

O sino tocou chamando para as vésperas. Tom pegou a placa de gesso.

– Vai precisar disso? – indagou Philip.

Tom percebeu que era uma boa ideia deixá-la ali. Seria um lembrete constante para o prior.

– Não, não vou – respondeu. – Já tenho tudo na cabeça.

– Ótimo. Eu gostaria de ficar com ela.

Tom aquiesceu e foi até a porta.

Ocorreu-lhe que, se não perguntasse sobre Agnes agora, provavelmente jamais conseguiria. Tornou a se virar.

– Padre?

– Sim?

– Minha primeira esposa... O nome dela era Agnes... Ela morreu sem extrema-unção e foi enterrada em solo não consagrado. Ela não tinha pecado, foi só por causa das... das circunstâncias. Eu andei pensando... Às vezes os homens constroem capelas ou fundam mosteiros na esperança de que, na vida após a morte, Deus recorde esse seu gesto de fé. O senhor acha que meu projeto poderia servir para proteger a alma de Agnes?

Philip franziu o cenho.

– Deus pediu a Abraão que sacrificasse seu único filho. Ele não espera mais sacrifícios de sangue, pois o derradeiro sacrifício já foi feito. Mas a lição da história de Abraão é que Deus nos pede o melhor que temos a

oferecer, o que nos for mais precioso. Este projeto é a melhor coisa que você pode oferecer a Deus?

– Além dos meus filhos, sim.

– Então fique descansado, Tom Builder. Deus vai aceitar.

II

Philip não fazia ideia de por que Waleran Bigod queria encontrá-lo nas ruínas do castelo do conde Bartholomew.

Fora obrigado a viajar até a cidade de Shiring, pernoitar lá, depois partir naquela mesma manhã para Earlscastle. Agora, enquanto o cavalo trotava na direção do castelo que se erguia sobre a névoa matinal à sua frente, pensou que devia ser por praticidade: Waleran estava em trânsito de um lugar para outro, ali devia ser o mais próximo que iria chegar de Kingsbridge e o castelo era um ponto de referência fácil.

Queria saber mais sobre o que o bispo recém-eleito estava planejando. Não o via desde o dia em que ele fora inspecionar as ruínas da catedral. Waleran não sabia de quanto dinheiro Philip precisava para construir a igreja e o prior não sabia quanto Waleran estava planejando pedir ao rei. Bigod gostava de guardar seus planos para si, e isso angustiava Philip.

Estava contente por Tom Builder ter informado exatamente quanto custaria construir a nova catedral, por mais deprimente que tivesse sido a notícia. Mais uma vez, sentiu-se grato por ter Tom por perto. O construtor tinha recursos insuspeitados. Mal sabia ler e escrever, mas era capaz de projetar uma catedral, desenhar plantas, calcular quantos homens e quanto tempo seriam necessários para a construção e *ainda por cima* determinar quanto tudo iria custar. Apesar de ser um homem discreto, tinha uma presença formidável: era muito alto, com o rosto barbado marcado pelo tempo, olhos penetrantes e testa alta. O prior às vezes se sentia levemente intimidado por ele, o que tentava esconder usando um tom de voz vigoroso. Mas Tom era muito sincero e, de toda forma, não fazia ideia de que Philip o achava intimidador. A conversa sobre a falecida esposa tinha sido comovente e revelara uma fé que antes não estava aparente. Tom era uma daquelas pessoas que mantinham a religião guardada bem no fundo

do coração. Essas às vezes eram as melhores pessoas.

À medida que se aproximava de Earlscastle, Philip foi se sentindo cada vez mais desconfortável. Aquele costumava ser um castelo pujante, que defendia os campos em volta, empregava e alimentava centenas de pessoas. Agora jazia em ruínas, e os casebres amontoados ao seu redor estavam vazios como ninhos abandonados nos galhos nus de uma árvore no inverno. E o responsável por isso era Philip. Fora ele quem revelara a conspiração tramada ali, e fora ele quem lançara a ira de Deus, sob a forma de Percy Hamleigh, sobre o castelo e seus habitantes.

Notou que as muralhas e o portão não tinham sofrido danos graves no combate. Isso significava que os invasores deviam ter conseguido entrar antes de os portões poderem ser fechados. Atravessou a ponte de madeira montado em seu cavalo e entrou no primeiro dos dois pátios do castelo. Ali os indícios do combate eram mais claros: com exceção da capela de pedra, tudo o que restava das edificações eram alguns tocos de madeira carbonizados cravados no chão e um pequeno redemoinho de cinzas a se agitar no pé do muro.

Não havia sinal do bispo. Philip atravessou o pátio, cruzou a ponte e entrou no círculo superior. Lá havia uma imensa torre de menagem de pedra, com uma escadaria meio bamba que conduzia à entrada do andar de cima. Philip ergueu os olhos para a cantaria intimidadora com suas seteiras estreitas. Por mais impressionante que fosse a torre, não conseguira proteger o conde Bartholomew.

Daquelas janelas ele poderia ver o castelo e aguardar atento a chegada do bispo. Amarrou seu cavalo ao corrimão da escada e subiu.

A porta se abriu com um simples toque. Ele entrou. O salão estava escuro e empoeirado e as lamparinas dispostas no chão estavam secas feito ossos. Havia uma lareira fria e uma escada em espiral para o andar superior. Philip foi até uma das janelas. A poeira o fez espirrar. Como não viu nada de mais, resolveu subir.

No alto da escada, parou diante de duas portas. Supôs que a menor conduzisse à latrina e a maior ao quarto de dormir do conde. Entrou pela porta maior.

O quarto não estava vazio.

Philip estacou, paralisado de choque. Bem no meio do quarto, de frente para Philip, estava uma jovem de beleza extraordinária. Por um instante,

pensou que estivesse tendo uma visão e seu coração disparou. A moça tinha uma nuvem de cachos negros em volta de um rosto fascinante. Encarou-o fixamente com seus grandes olhos escuros e ele entendeu que estava tão perplexa quanto ele. Relaxou e estava prestes a dar mais um passo dentro do quarto quando foi agarrado por trás, sentiu na garganta a lâmina fria de uma faca e ouviu a voz de um homem:

– E você, quem diabos é?

A moça se moveu na sua direção.

– Diga seu nome ou Matthew vai matá-lo – falou ela, altiva.

Sua atitude mostrava que ela era nobre de berço, mas nem mesmo os nobres podiam ameaçar monges.

– Diga a Matthew que tire as mãos do prior de Kingsbridge ou talvez quem leve a pior seja ele – respondeu Philip, calmo.

Ele foi solto. Olhou para trás por cima do ombro e viu um homem franzino mais ou menos da sua idade. Matthew devia ter se escondido na latrina.

Tornou a se virar para a moça. Ela parecia ter uns 17 anos. Apesar da atitude arrogante, vestia-se em andrajos. Enquanto ele a estudava, um baú encostado na parede atrás dela se abriu e um jovem saiu de lá encabulado. O menino segurava uma espada. Devia estar esperando para atacar, ou então se escondendo, Philip não soube dizer qual dos dois.

– E vocês, quem são? – perguntou o religioso.

– Sou a filha do conde de Shiring. Meu nome é Aliena.

A filha!, pensou Philip. Não sabia que ela ainda estava morando ali. Ele olhou para o menino. Devia ter uns 15 anos e, tirando o nariz arrebitado e os cabelos curtos, se parecia com a moça. Philip arqueou uma das sobrancelhas, indicando que a pergunta também era para o garoto.

– Eu sou Richard, herdeiro do condado – disse o menino com uma voz desafiada.

– E eu sou Matthew, o encarregado do castelo – falou a voz por trás de Philip.

O prior entendeu que os três tinham se escondido ali desde a captura do conde. O encarregado estava cuidando das crianças. Devia ter um estoque de comida ou algum dinheiro escondido. Philip se dirigiu à moça.

– Sei onde seu pai está, mas e sua mãe?

– Ela morreu faz muitos anos.

Philip sentiu uma pontada de culpa. Aquelas crianças eram praticamente órfãs, e isso era em parte por causa dele.

– Mas vocês não têm parentes para cuidar de vocês?

– Estou cuidando do castelo até meu pai voltar – disse ela.

Philip se deu conta de que os irmãos viviam em um mundo de sonho. A moça tentava seguir a vida como se ainda pertencesse a uma família rica e poderosa. Com o pai preso e em desgraça, era apenas uma moça como outra qualquer. O menino não era herdeiro de nada. O conde Bartholomew jamais voltaria àquele castelo, a não ser que o rei decidisse enforcá-lo lá. Sentiu pena da garota, mas de certa forma também admirou a força de vontade que sustentava aquela fantasia e levava duas outras pessoas a compartilhá-la. Ela poderia ter sido uma rainha, pensou.

Do lado de fora, ouviu-se um estalo de cascos sobre madeira: alguns cavalos atravessavam a ponte.

– Por que o senhor veio até aqui? – perguntou Aliena.

– É só um encontro – respondeu Philip.

Virou-se e deu um passo em direção à porta. Matthew estava na sua frente. Por alguns instantes, os dois ficaram parados, cara a cara. Os quatro formaram um quadro imóvel. Philip se perguntou se tentariam impedi-lo de sair. Então o encarregado se afastou do caminho.

Philip saiu. Suspendeu a barra do hábito e desceu depressa a escada em espiral. Chegando lá embaixo, ouviu passos atrás de si. Matthew o alcançou.

– Não conte a ninguém que estamos aqui – pediu.

Philip viu que ele compreendia a irreabilidade da sua situação.

– Por quanto tempo pretendem ficar? – indagou.

– Quanto pudermos – respondeu o encarregado.

– E quando tiverem de sair? O que farão?

– Não sei.

Philip aquiesceu.

– Guardarei seu segredo – falou.

– Obrigado, padre.

Philip atravessou o salão empoeirado e saiu. Olhou para baixo e viu o bispo Waleran e dois outros homens amarrando os cavalos perto do seu. Waleran vestia uma pesada capa debruada de pele negra e um gorro do mesmo material. Ergueu o rosto e Philip viu seus olhos claros.

– Senhor meu bispo – cumprimentou, respeitoso, e desceu os degraus de madeira. A imagem da moça virginal no andar de cima continuava vívida em sua mente, e ele quis sacudir a cabeça para afastá-la.

Waleran saltou. Philip constatou que os mesmos dois homens o acompanhavam: o deão Baldwin e o homem de armas. Cumprimentou-os com um aceno de cabeça, então se ajoelhou e beijou a mão de Waleran.

O bispo aceitou a homenagem, mas não deu muita importância. Após uns poucos segundos, puxou a mão de volta. O que Waleran amava era o poder em si, não seus adornos.

– Veio sozinho, Philip? – indagou ele.

– Sim. O priorado é pobre e uma escolta para mim seria uma despesa desnecessária. Nunca tive escolta quando era prior de St.-John-in-the-Forest e continuo vivo.

Waleran deu de ombros.

– Venha comigo – disse. – Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele atravessou o pátio até a torre mais próxima. Philip o seguiu. Waleran entrou pela porta baixa no pé da torre e subiu a escada que havia lá dentro. Morcegos se amontoavam sob o teto baixo e Philip se encolheu para não encostar neles.

Chegaram ao alto da torre e ficaram em pé junto às ameias, de onde se avistavam as terras em volta do castelo.

– Este é um dos menores condados da região – comentou Waleran.

– De fato.

Philip estremeceu. Um vento frio e úmido soprava ali em cima, e sua capa não era tão grossa quanto a de Waleran. Perguntou-se aonde o bispo queria chegar.

– Parte desta terra é boa, mas grande parte é de florestas e encostas pedregosas.

– Sim.

Em um dia claro, eles poderiam ver muitos hectares de florestas e terras cultiváveis, mas agora, embora a primeira bruma da manhã já houvesse se dissipado, mal conseguiam distinguir a borda mais próxima da floresta, ao sul, e os campos planos ao redor do castelo.

– Este condado possui também uma imensa pedreira, que produz calcário de primeira qualidade – prosseguiu Waleran. – Suas florestas contêm vários hectares de boa madeira. E suas propriedades rurais geram

uma riqueza considerável. Se este condado fosse nosso, Philip, poderíamos construir nossa catedral.

– Se porcos tivessem asas, poderiam voar – retorquiu o prior.

– Ah, gente de pouca fé!

Philip encarou o bispo.

– Está falando sério?

– Muito.

Apesar do ceticismo, Philip sentiu uma pequena onda de esperança. Quem dera aquilo pudesse virar realidade! Mas não expressou o sentimento.

– O rei precisa de apoio militar. Ele vai dar o condado a alguém capaz de conduzir cavaleiros em uma batalha – disse.

– O rei deve sua coroa à Igreja, e sua vitória sobre Bartholomew a você e a mim. Não é só de cavaleiros que ele precisa.

Philip viu que o bispo estava falando sério. Seria possível? Será que o rei entregaria o condado de Shiring à Igreja para financiar a reconstrução da catedral de Kingsbridge? Apesar da argumentação de Waleran, era difícil acreditar. Mas Philip não pôde evitar pensar como seria maravilhoso ter a pedra, a madeira e o dinheiro para pagar os artesãos, tudo entregue a ele de bandeja, e lembrou-se de que Tom Builder dissera que poderia contratar sessenta pedreiros e concluir a igreja em oito a dez anos. Só essa ideia já o deixava empolgado.

– Mas e o antigo conde? – indagou.

– Bartholomew confessou traição. Ele nunca negou o complô, mas por algum tempo sustentou que o que fizera não era traição, alegando que Estêvão era um usurpador. Mas o torturador do rei finalmente conseguiu dobrá-lo.

Philip estremeceu e tentou não pensar no que tinham feito para obrigar aquele homem tão rígido a ceder.

Afastou o pensamento da mente.

– O condado de Shiring – murmurou consigo mesmo.

Era uma demanda incrivelmente ambiciosa, mas a ideia era empolgante. Sentiu-se tomado por um otimismo irracional.

Waleran ergueu os olhos para o céu.

– Vamos – falou. – O rei nos espera depois de amanhã.



William Hamleigh estudou os religiosos de seu esconderijo atrás das ameias da outra torre. Conhecia os dois. O mais alto, que parecia um pássaro preto com seu nariz pontudo e sua capa negra, era o novo bispo de Kingsbridge. O mais baixo, cheio de energia, com a cabeça raspada e olhos azuis brilhantes, era o prior Philip. Perguntou-se o que estariam fazendo ali.

Tinha visto o monge chegar, olhar em volta como se esperasse encontrar alguém no castelo e então entrar na torre de menagem. Não saberia dizer se encontrara as três pessoas que moravam lá dentro, pois havia entrado só por alguns instantes e elas poderiam ter se escondido. Assim que o bispo chegou, o prior saiu da torre de menagem e os dois a subiram juntos até o topo. Agora o bispo gesticulava para as terras em volta com uma expressão de proprietário. Pela sua postura e pelos seus gestos, William percebeu que o bispo estava entusiasmado e o prior, cético. Teve certeza de que estavam bolando um plano.

Mas não tinha ido até lá espioná-los. Tinha ido espionar Aliena.

Fazia isso com frequência cada vez maior. Ela não lhe saía da cabeça. Acometiam-lhe devaneios involuntários nos quais a encontrava amarrada e nua em um trigal, ou então encolhida como um cachorrinho assustado em um canto do seu quarto, ou ainda perdida na floresta no crepúsculo. Aquilo chegava a tal ponto que ele sentia necessidade de vê-la em carne e osso. Pegava o cavalo e ia até Earls castle bem cedo pela manhã. Deixava seu laçao Walter vigiando os animais na floresta e atravessava os campos até o castelo. Entrava de fininho e achava um esconderijo de onde pudesse observar a torre de menagem e o pátio superior. Às vezes tinha de aguardar muito tempo para vê-la. Sua paciência era testada até o limite, mas a ideia de ir embora sem tê-la visto ao menos de relance era insuportável, de modo que ele sempre esperava. Então, quando ela por fim aparecia, sua garganta secava, o coração disparava e as palmas das mãos ficavam úmidas. Muitas vezes ela vinha acompanhada do irmão ou do encarregado efeminado, mas outras estava sozinha. Certa tarde, no verão, ele a esperara desde o início da manhã. Ela foi até o poço, tirou um pouco d'água e despiu a roupa toda para se lavar. A simples lembrança dessa imagem

bastava para deixá-lo inflamado de desejo outra vez. Aliena tinha seios fartos e empinados, que se moveram de forma provocante quanto ela levantou os braços para esfregar sabão nos cabelos. Os mamilos se contraíram deliciosamente quando ela jogou água fria no corpo. O tufo de pelos escuros encaracolados entre as pernas era surpreendentemente abundante, e quando ela se lavou ali, esfregando com vigor a mão ensaboada, William perdeu o controle e ejaculou na roupa.

Não havia acontecido nada tão bom desde então, e ela com certeza não iria tomar banho no inverno, mas havia deleites menores. Quando estava sozinha, ela cantava ou falava consigo mesma. William já a vira trançar os cabelos, dançar e espantar pombos da muralha como uma criancinha. Observá-la clandestinamente fazer essas pequenas coisas privadas lhe dava uma deliciosa sensação de poder sobre ela.

Aliena não sairia enquanto o bispo e o monge estivessem ali, claro. Por sorte, eles não ficaram muito tempo. Desceram a torre depressa e logo saíram cavalgando do castelo acompanhados pelos outros dois homens. Se foram até lá apenas admirar a vista do alto da torre, o tempo os havia frustrado um pouco.

O encarregado tinha ido buscar lenha mais cedo, antes de os visitantes chegarem. Era ele quem preparava a comida na torre de menagem. Em breve, tornaria a sair para buscar água no poço. Deviam comer mingau, supôs William, uma vez que não dispunham de forno para assar pão. Mais tarde, o encarregado costumava sair do castelo, às vezes levando consigo o menino, e depois era só uma questão de tempo até que Aliena aparecesse.

Quando a espera o deixava entediado, William evocava a imagem dela tomando banho. A lembrança era quase tão boa quanto a realidade. Nesse dia, porém, sentia-se incomodado. A visita do bispo e do prior parecia ter maculado o ambiente. Até então, o castelo e seus três habitantes tinham um quê de encantados, mas a aparição daqueles dois homens que nada tinham de mágicos, montados em seus cavalos sujos de lama, tinha quebrado o feitiço. Era como ser incomodado por um barulho no meio de um sonho maravilhoso: por mais que tentasse, ele não conseguia continuar dormindo.

Durante um tempo, tentou adivinhar o que os visitantes tinham ido fazer ali, mas não conseguiu pensar em nada. Mesmo assim, teve certeza de que estavam tramando algo. Só havia uma pessoa capaz de descobrir:

sua mãe. Decidiu abandonar Aliena por aquele dia, voltar para casa e contar o que vira.



Eles chegaram a Winchester no cair da noite do segundo dia. Entraram pelo Portão do Rei, na muralha sul da cidade, e foram direto para o adro da catedral. Ali se separaram. Waleran se dirigiu à residência do bispo de Winchester, um palácio que tinha seu próprio adro, adjacente ao da catedral. Philip foi apresentar suas homenagens ao prior e pedir um colchão no dormitório dos monges.

Após três dias na estrada, Philip achou a calma e a tranquilidade do mosteiro tão refrescantes quanto uma fonte em um dia de calor. O prior de Winchester era um homem roliço e afável, de pele rosada e cabelos brancos. Convidou Philip para jantar com ele em sua casa. Enquanto comiam, conversaram sobre seus respectivos bispos. Ficou claro que o prior de Winchester admirava o bispo Henrique e lhe era totalmente subserviente. Philip concluiu que, quando um bispo era rico e poderoso como Henrique, não havia nada a se ganhar com disputas. Mesmo assim, ele próprio não pretendia ser controlado desta maneira por Waleran.

Dormiu feito uma pedra e levantou-se à meia-noite para rezar as matinas.

Ao entrar na catedral de Winchester pela primeira vez, sentiu-se intimidado.

O prior tinha lhe dito que aquela era a maior igreja do mundo e, quando a viu, acreditou em suas palavras. Tinha 200 metros de comprimento. Para Philip, povoados inteiros poderiam caber lá dentro. Havia duas imensas torres, uma acima do coro, a outra na extremidade oeste. Trinta anos antes, a torre central havia desabado sobre o túmulo de Guilherme, o Ruivo, um rei ímpio que decerto nem deveria ter sido sepultado dentro de uma igreja. Posteriormente, porém, a torre fora reconstruída. Em pé logo abaixo da torre nova, cantando as matinas, Philip sentiu que a edificação toda tinha um ar de dignidade e força imensas. Em comparação com ela, a catedral projetada por Tom seria modesta, isso se viesse a ser construída. Percebeu que estava frequentando os círculos mais

altos e sentiu-se inseguro. Era apenas um menino de uma aldeia galesa nas montanhas que tivera a sorte de se tornar monge. E naquele dia iria falar com o rei. O que lhe dava esse direito?

Voltou para a cama com os outros irmãos, mas a preocupação não o deixou dormir. Tinha medo de dizer ou fazer algo que ofendesse o rei Estêvão ou o bispo Henrique e eles se voltassem contra Kingsbridge. As pessoas criadas na cultura francesa muitas vezes zombavam do modo como os ingleses falavam seu idioma. O que iriam pensar de um sotaque galês? No mundo monástico, Philip sempre fora julgado por sua piedade, obediência e devoção à obra de Deus. Ali, na capital de um dos maiores reinos do mundo, isso de nada valia. Philip estava fora de seu ambiente. Começou a sentir uma opressiva sensação de ser de algum modo um impostor, um ninguém fingindo ser alguém, e de que com certeza seria desmascarado muito em breve e mandado de volta para casa, em desgraça.

Levantou-se no raiar do dia, rezou a prima, em seguida fez o desjejum no refeitório. Os monges beberam cerveja forte e comeram pão branco. Aquele era um mosteiro rico. Após a refeição, quando os irmãos se dirigiram ao capítulo, Philip foi até o palácio do bispo, uma bela construção de pedra com janelas grandes, cercada por vários hectares de jardins murados.

Waleran estava confiante de que iria conseguir o apoio do bispo Henrique para seu plano extravagante. Henrique era tão poderoso que sua ajuda poderia muito bem tornar tudo aquilo possível. Ele era Henrique de Blois, o irmão caçula do rei. Além de ser o membro do clero mais bem-relacionado da Inglaterra, era o mais rico, pois também era abade do mosteiro de Glastonbury. Esperava-se que ele fosse o próximo arcebispo de Canterbury. Kingsbridge não poderia ter um aliado mais poderoso. Talvez realmente consigamos, pensou Philip. Quem sabe o rei nos permita construir uma nova catedral? Philip teve a sensação de que o seu coração ia explodir de esperança.

Um encarregado lhe disse que o bispo Henrique provavelmente só deveria aparecer depois do meio da manhã. Philip estava tenso demais para voltar ao mosteiro. Impaciente, partiu para dar uma olhada na maior cidade em que já estivera.

O palácio do bispo ficava no canto sudeste da cidade. Philip margeou o muro leste e atravessou o adro de outro mosteiro, a abadia de Santa Maria,

até ir dar em um bairro dedicado à produção de couro e lã. A área era riscada por um zigue-zague de pequenos riachos. Ao observar mais de perto, percebeu que não eram naturais, e sim canais construídos que desviavam parte do rio Itchen e corriam pelas ruas para fornecer a grande quantidade de água necessária para curtir peles e lavar lã crua. Em geral, esse era um tipo de atividade que se estabelecia à beira de um rio, e Philip se maravilhou diante da audácia de homens capazes de trazer o rio até suas oficinas, e não o contrário.

Apesar de tanta atividade, a cidade era mais silenciosa e menos abarrotada do que qualquer outra que ele já tivesse visto. Lugares como Salisbury ou Hereford pareciam comprimidos pelas próprias muralhas, como um homem gordo dentro de uma túnica apertada: as casas eram demasiado próximas, os pátios demasiado pequenos, a praça do mercado excessivamente lotada, as ruas excessivamente estreitas. E, como as pessoas e os animais disputavam o espaço, brigas podiam irromper a qualquer momento. Winchester, porém, era tão grande que parecia haver espaço para todos. Enquanto a percorria, Philip foi percebendo aos poucos que as ruas eram dispostas segundo o padrão de uma grade quadrada. Eram quase todas retas e se cruzavam em ângulos retos. Ele nunca tinha visto algo assim antes. Pensou que a cidade devia ter sido construída respeitando um plano.

Havia dezenas de igrejas, de todos os formatos e tamanhos, umas de madeira, outras de pedra, e cada uma atendia a seu próprio pequeno bairro. A cidade tinha de ser muito rica para sustentar tantos clérigos.

Percorrer a Fleshmonger Street, a rua dos açougues, lhe causou um pouco de nojo. Nunca tinha visto tanta carne crua junta. O sangue escorria das lojas para a rua e ratos gordos se esquivavam entre os pés das pessoas que iam comprar.

A ponta sul da Fleshmonger Street ia dar no meio da High Street, em frente ao antigo palácio real. Philip sabia que aquela edificação não era usada pelos reis desde que a nova torre de menagem fora construída no castelo, mas os moedeiros do rei ainda cunhavam *pennies* de prata no depósito do térreo, protegidos por grossas paredes e portões de ferro gradeados. Philip ficou parado por um tempo diante das grades, observando as faíscas voarem quando os martelos batiam nos cunhos, embasbacado com toda aquela riqueza.

Uma pequena multidão assistia à mesma cena. Devia ser algo que todos os visitantes iam ver em Winchester. Uma jovem em pé perto de Philip lhe sorriu, e ele retribuiu.

– Por 1 *penny*, você pode fazer o que quiser – disse ela.

Ele se perguntou a que ela estava se referindo e deu outro sorriso vago. Ela então abriu a capa e ele viu, para seu horror, que estava completamente nua por baixo.

– O que quiser, por 1 *penny* de prata – repetiu ela.

Philip sentiu um leve espasmo de desejo, como o fantasma de uma lembrança há muito enterrada, então se deu conta de que ela era uma prostituta.

Sentiu o rosto ficar muito vermelho de vergonha. Virou as costas e se afastou, apressado.

– Não tenha medo – disse ela, alto. – Eu gosto de uma bela cabeça redonda. – Sua risada zombeteira o acompanhou.

Sentindo-se afogueado e incomodado, Philip entrou em um beco que saía da High Street e se viu na praça do mercado. As torres da catedral se erguiam acima das barracas dos vendedores. Seguiu depressa por entre as pessoas, alheio aos chamados dos comerciantes, e conseguiu refazer o caminho até o adro da catedral.

A calma ordenada das imediações da igreja lhe pareceu uma brisa fresca. No cemitério, ele parou para organizar os pensamentos. Estava envergonhado e indignado. Como a mulher se atrevera a tentar seduzir um homem num hábito de monge? Obviamente o havia identificado como um forasteiro... Seria possível que monges que estivessem longe de seu mosteiro fossem seus clientes? É claro que era possível, percebeu. Monges cometiam exatamente os mesmos pecados que as pessoas comuns. O que o chocou foi a falta de vergonha da mulher. A visão da sua nudez não lhe saía da cabeça, como a chama de uma vela continuava a ser vista por trás de pálpebras fechadas depois de se olhar para ela por alguns segundos.

Philip suspirou. A manhã fora cheia de imagens vívidas: os canais criados pelo homem, os ratos nos açougues, as pilhas de moedas de prata recém-cunhados e por fim as partes íntimas da mulher. Sabia que, durante um tempo, tudo isso voltaria para atrapalhar suas meditações.

Entrou na catedral. Sentia-se conspurcado demais para se ajoelhar e rezar, mas o simples fato de descer a nave e sair pela porta sul de certa

forma o purificou. Atravessou o priorado e seguiu até o palácio do bispo.

O térreo era uma capela. Philip subiu a escada até o salão e entrou. Junto à porta havia um pequeno grupo de criados e jovens clérigos, em pé ou sentados no banco encostado na parede. Do outro lado do recinto, Waleran e o bispo Henrique estavam sentados diante de uma mesa. Philip foi abordado por um encarregado.

– Os bispos estão fazendo o desjejum – disse a Philip, como se isso impedisse o prior de falar com eles.

– Vou me juntar a eles na mesa – falou o padre.

– É melhor o senhor esperar – aconselhou o encarregado.

Philip concluiu que o homem o havia tomado por um monge comum.

– Eu sou o prior de Kingsbridge – disse.

O encarregado deu de ombros e o deixou passar.

Philip se aproximou da mesa. O bispo Henrique se encontrava na cabeceira, com Waleran à sua direita. Henrique era um homem baixo, de ombros largos, com uma expressão enérgica no rosto. Tinha mais ou menos a mesma idade de Waleran, um ou dois anos a mais do que Philip; não passava dos 30. No entanto, em contraste com a pele alvíssima de Waleran e com a estrutura ossuda de Philip, o bispo de Winchester tinha a compleição corada e os membros roliços de um comilão. Seus olhos eram alertas e inteligentes, e os traços do rosto pareciam fixos em uma expressão determinada. Como o mais novo de quatro irmãos, provavelmente tivera de lutar por tudo a vida inteira. Philip se espantou ao ver que Henrique tinha a cabeça raspada, sinal de que, em determinado momento, fizera votos monásticos e ainda se considerava um monge. Mas ele não usava o hábito grosseiro. Pelo contrário, vestia uma túnica esplendorosa de seda púrpura. Waleran usava uma camisa de linho branco imaculada por baixo da costumeira túnica preta, e Philip se deu conta de que os bispos estavam vestidos para a audiência com o rei. Comiam carne fria e bebiam vinho tinto. Com fome depois da caminhada, Philip ficou com água na boca.

Waleran ergueu os olhos e o viu. Uma leve expressão de irritação cruzou seu semblante.

– Bom dia – cumprimentou Philip.

– Este é meu prior – disse Waleran a Henrique.

Philip não gostou muito de ser descrito como prior de Waleran.

– Philip de Gwynedd, prior de Kingsbridge, senhor meu bispo – apresentou-se.

Imaginou que fosse beijar a mão cheia de anéis de Henrique.

– Esplêndido – disse simplesmente o bispo, e comeu outro bocado de carne.

Philip ficou parado sem saber bem o que fazer. Eles não iriam convidá-lo para se sentar?

– Iremos ter com você daqui a pouco, Philip – concluiu Waleran.

O prior entendeu que havia sido dispensado. Virou as costas, humilhado. Voltou para o grupo junto à porta. O encarregado que havia tentado detê-lo lhe dirigiu um sorriso irônico e lançou um olhar que dizia: *Eu avisei*. Philip se postou longe dos outros. De repente, sentiu vergonha do hábito marrom manchado que vinha usando noite e dia havia mais de seis meses. Os monges beneditinos muitas vezes tingiam suas vestes de preto, mas Kingsbridge tinha abandonado esse costume anos antes, para poupar dinheiro. Philip sempre acreditara que usar roupas de qualidade era um ato de pura vaidade totalmente inadequado para um homem de Deus, por mais importante que fosse seu cargo, mas agora via qual era a finalidade disso. Se ele estivesse usando seda e peles, talvez não tivesse sido dispensado com tamanho descaso.

Ora, pensou, mas um monge deve ser humilde, então isso deve ser bom para a minha alma.

Os bispos se levantaram e foram até a porta. Um ajudante trouxe para Henrique uma capa vermelha debruada de finos bordados e franjas de seda.

– Você não vai precisar dizer muita coisa hoje, Philip – afirmou Henrique, enquanto vestia a capa.

– Deixe que nós falamos – completou Waleran.

– Deixe que eu falo – corrigiu Henrique, com uma levíssima ênfase no *eu*. – Se o rei lhe fizer uma ou duas perguntas, responda de forma simples e não tente rebuscar demais os fatos. Ele vai entender a necessidade de uma igreja nova sem que você precise chorar e ranger os dentes.

Philip não precisava que lhe avisassem disso. Henrique demonstrava uma superioridade incômoda. Apesar disso, assentiu e ocultou o ressentimento.

– É melhor irmos andando – falou Henrique. – Meu irmão é

madrugador, e é provável que conclua rapidamente os negócios do dia para depois ir caçar na floresta Nova.

Saíram. Um homem de armas com uma espada na cintura e um bastão em uma das mãos seguiu na frente de Henrique, e eles foram até a High Street e depois subiram o morro em direção ao portão oeste. As pessoas abriam caminho para os dois bispos, mas não para Philip, e ele acabou ficando para trás. De vez em quando, alguém pedia uma bênção e Henrique fazia o sinal da cruz no ar sem diminuir o passo. Logo antes do portão oeste, eles desviaram e atravessaram uma ponte de madeira por cima do fosso do castelo. Apesar de terem garantido que ele não teria muito a dizer, Philip sentiu um frio na barriga: estava prestes a encontrar o rei.

O castelo ocupava o canto sudoeste de Winchester. Os muros oeste e sul faziam parte da muralha da cidade, mas os muros que separavam a cidade dos fundos do castelo eram altos e sólidos como as defesas externas de Winchester, como se o rei precisasse de proteção tanto contra os cidadãos quanto contra o mundo exterior.

Atravessaram um acesso baixo aberto na muralha e deram imediatamente de cara com a imensa torre de menagem, que dominava aquela parte do terreno. Era uma torre quadrada colossal. Philip contou as seteiras e calculou que devia ter quatro andares. Como de hábito, o térreo era uma área de armazenagem e uma escada externa conduzia a uma entrada no andar logo acima. Uma dupla de sentinelas no pé da escada se curvou quando Henrique passou.

Entraram no salão. Havia lamparinas pelo chão, alguns assentos escavados nas paredes de pedra, alguns bancos de madeira e uma lareira. Em um canto, dois homens de armas protegiam uma escada encaixada na parede que subia para o terceiro andar. Um deles imediatamente cruzou o olhar com o do bispo Henrique, então aquiesceu e subiu a escada, decerto para avisar ao rei que seu irmão o aguardava.

Philip chegava a se sentir enjoado de tanta ansiedade. Seu futuro seria decidido nos próximos minutos. Desejou sentir mais empatia por seus aliados. Desejou ter passado as primeiras horas da manhã rezando pelo sucesso, e não perambulando por Winchester. Desejou estar usando um hábito limpo.

Havia entre vinte e trinta pessoas no recinto, quase apenas homens.

Pareciam ser cavaleiros, sacerdotes e moradores prósperos da cidade. De repente, Philip levou um susto: perto da lareira, conversando com uma mulher e um rapaz, avistou Percy Hamleigh. O que ele fazia ali? As duas pessoas que o acompanhavam eram a mulher feia e o filho truculento. Eles tinham sido, por assim dizer, os colaboradores de Waleran na derrocada de Bartholomew, e o fato de estarem ali não devia ser coincidência. Philip se perguntou se Waleran esperava encontrá-los.

– Está vendo ali... – disse para seu bispo.

– Já vi – disparou Waleran, visivelmente contrariado.

Philip sentiu que a presença daqueles três era um mau sinal, mas não sabia exatamente por quê. Estudou-os. Pai e filho se pareciam: dois homens grandes e fortes, de cabelos louros e semblante sombrio. Já a mulher se assemelhava aos demônios que torturam os pecadores em representações do inferno. Tocava as pústulas do rosto, e suas mãos esqueléticas não paravam quietas. Usava um vestido amarelo que a deixava ainda mais feia. Ficava passando o peso do corpo de um pé para o outro, lançando olhares o tempo inteiro para todos os cantos do aposento. Cruzou com o olhar de Philip e o prior desviou depressa.

O bispo Henrique andava pelo salão cumprimentando as pessoas que conhecia e abençoando as que não conhecia, mas devia estar de olho na escada, pois, assim que a sentinela tornou a descer, Henrique olhou para ele, viu o homem menear a cabeça e abandonou a conversa no meio da frase.

Waleran subiu a escada atrás de Henrique e Philip fechou o cortejo com o coração na boca.

O andar de cima tinha formato e tamanho iguais aos do salão de entrada, mas a atmosfera era outra. Tapeçarias forravam as paredes e tapetes de pele de ovelha cobriam as tábuas polidas do piso. Um fogo forte ardia na lareira e o recinto estava bem iluminado por dezenas de velas. Perto da porta havia uma mesa de carvalho com penas, tinta e uma pilha de folhas de pergaminho para cartas. Um padre esperava sentado para anotar o que o rei ditaria. Próximo à lareira, em uma grande cadeira de madeira coberta de peles, estava o rei.

A primeira coisa em que Philip reparou foi que ele não usava coroa. Vestia uma túnica púrpura por cima de perneiras de couro, como quem está prestes a sair a cavalo. Dois grandes cães de caça deitavam-se a seus

pés, como cortesãos favoritos. Estêvão se parecia com o irmão, o bispo Henrique, mas seus traços um pouco mais finos o tornavam mais bonito, e ele tinha uma vasta cabeleira castanho-clara. Os olhos, porém, apresentavam a mesma expressão inteligente. Recostado em sua grande cadeira, que Philip supôs ser o trono, parecia relaxado, com as pernas esticadas para a frente e os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, mas, apesar da sua postura, uma tensão reinava no ambiente. O rei era o único à vontade ali.

Quando os bispos e Philip entraram, um homem alto de roupas caras estava saindo. Ele cumprimentou o bispo Henrique com um gesto de cabeça familiar e ignorou Waleran. Devia ser um nobre poderoso, pensou Philip.

O bispo Henrique se aproximou do rei e curvou-se.

– Bom dia, Estêvão – disse ele.

– Ainda não vi aquele maldito Ranulfo – falou o rei Estêvão. – Se ele não aparecer logo, vou cortar os dedos dele.

– Ele vai chegar em poucos dias, eu lhe prometo, mas mesmo assim talvez deva cortar seus dedos – retrucou Henrique.

Philip não fazia ideia de quem fosse Ranulfo nem por que o rei queria vê-lo, mas teve a impressão de que, mesmo não estando contente, Estêvão não falava sério quanto a mutilar o sujeito.

Antes de Philip poder pensar mais no assunto, Waleran deu um passo à frente e se curvou.

– Lembra-se de Waleran Bigod, o novo bispo de Kingsbridge? – disse Henrique.

– Sim – respondeu Estêvão. – Mas e este, quem é? – E olhou para Philip.

– Este é o meu prior – esclareceu Waleran.

Como Waleran não disse seu nome, Philip informou:

– Philip de Gwynedd, prior de Kingsbridge.

Sua voz saiu mais alta do que ele pretendia, e ele se curvou.

– Aproxime-se, prior – ordenou Estêvão. – Você parece assustado. O que o preocupa?

Philip não soube o que responder. Estava preocupado com tantas coisas...

– Estou preocupado porque não tenho vestes limpas para usar – falou,

em desespero.

Estêvão riu, mas não foi uma risada cruel.

– Então pare de se preocupar – disse. Olhou de relance para o irmão bem-vestido antes de arrematar: – Gosto de um monge que se pareça com um monge, não com um rei.

Philip se sentiu um pouco melhor.

– Fiquei sabendo do incêndio – comentou Estêvão. – Como está lidando com isso?

– No dia do fogo, Deus nos mandou um construtor – respondeu Philip. – Ele consertou o claustro bem depressa e estamos usando a cripta para os ofícios. Com a ajuda dele, limpamos as ruínas e deixamos tudo pronto para a reconstrução. E ele desenhou projetos para uma nova igreja.

Waleran arqueou as sobrancelhas: não sabia sobre os projetos para a catedral. Philip teria lhe dito se ele tivesse questionado.

– Parabéns pela rapidez – disse o rei. – E quando vai começar a construir?

– Assim que conseguir o dinheiro.

O bispo Henrique interrompeu:

– Foi por isso que eu trouxe o prior Philip e o bispo Waleran para falar com o senhor. Nem o priorado nem a diocese têm recursos para financiar um projeto desse porte.

– A Coroa tampouco, meu caro irmão – disse Estêvão.

Philip ficou desanimado. Não era um início promissor.

– Eu sei – continuou Henrique. – Por isso procurei um jeito que tornaria possível reconstruir Kingsbridge, mas sem custo para o senhor.

Estêvão pareceu cético.

– E você teve sucesso em bolar uma solução tão engenhosa, para não dizer mágica?

– Sim. Minha sugestão é que doe à diocese as terras do conde de Shiring para financiar a reconstrução.

Philip prendeu a respiração.

O rei pareceu refletir.

Waleran abriu a boca para falar, mas Henrique o silenciou com um gesto.

– Que ideia inteligente – disse o rei. – Eu gostaria de levá-la adiante.

Philip sentiu o coração dar um pulo.

– Infelizmente, agora mesmo, praticamente prometi o condado a Percy Hamleigh – acrescentou o rei.

Um grunhido escapou dos lábios de Philip. Ele pensava que o rei fosse concordar. A decepção doeu como um ferimento à faca.

Henrique e Waleran estavam pasmos. Não haviam previsto aquilo.

Henrique falou primeiro:

– Praticamente?

O rei deu de ombros.

– Talvez eu consiga voltar atrás, mas não sem um constrangimento considerável. Afinal, quem entregou o traidor Bartholomew à justiça foi Percy Hamleigh.

– Não sem ajuda, senhor! – exclamou Waleran.

– Sei que você teve alguma participação...

– Fui eu quem avisou a Percy Hamleigh sobre o complô contra o senhor.

– Sim. Falando nisso, como *você* ficou sabendo?

Philip estava inquieto. Pisava em terreno perigoso. Ninguém podia saber que a informação viera de seu irmão, pois Francis ainda trabalhava para Robert de Gloucester, que fora perdoado por sua participação no complô.

– A informação veio de uma confissão no leito de morte – disse Waleran.

Philip ficou aliviado. O bispo estava repetindo a mentira que ele havia lhe contado, mas como se a “confissão” tivesse sido feita a ele, e não a Philip. Ficou mais do que contente por ter a atenção desviada de sua participação naquilo tudo.

– Mas foi Percy, não você, quem atacou o castelo de Bartholomew, arriscando a vida e a integridade para prender o traidor – observou o rei.

– Percy poderia ser recompensado de outra forma – interveio Henrique.

– O que Percy quer é Shiring – respondeu o rei. – Ele conhece a região. E exercerá um domínio eficiente sobre ela. Eu poderia entregar Cambridgeshire, mas será que os habitantes de lá obedeceriam a ele?

– Melhor seria agradecer a Deus primeiro, e só depois aos homens – retrucou Henrique. – Foi Deus quem o tornou rei.

– Mas foi Percy quem prendeu Bartholomew.

A irreverência irritou Henrique.

– Deus controla tudo...

– Não me pressione em relação a isso – disse Estêvão, erguendo a mão direita.

– Claro – falou Henrique, submisso.

Aquilo foi uma nítida demonstração de poder real. Por algum tempo, os irmãos haviam discutido quase como iguais, mas Estêvão conseguira recuperar a vantagem com uma única frase.

Philip sentiu uma amarga decepção. No início, considerava aquela demanda impossível, mas aos poucos passara a ter esperança de que fosse atendida, e até mesmo imaginara como usaria a riqueza. Agora fora trazido com violência de volta à realidade.

– Senhor meu rei – disse então Waleran –, eu lhe agradeço por se dispor a reconsiderar o futuro do condado de Shiring e aguardarei sua decisão com ansiedade e preces.

Esperto, pensou Philip. Waleran dera a impressão de ter se rendido com elegância. Na verdade, resumira a conversa dizendo que a questão continuava em aberto. Não era o que o rei tinha dito. Se houve resposta, pelo contrário, ela foi negativa. Mas não havia ofensa nenhuma em insistir que o rei ainda podia decidir em favor de um lado ou de outro. Preciso me lembrar disso, pensou Philip: quando estiver prestes a ouvir um não, opte por um adiamento.

Estêvão hesitou por um instante, como se tivesse a leve desconfiança de estar sendo manipulado. Então pareceu descartar qualquer dúvida.

– Obrigado por terem vindo falar comigo – concluiu ele.

Philip e Waleran se viraram para ir embora, mas Henrique se manteve firme.

– Quando poderemos saber sua decisão? – perguntou.

Mais uma vez, Estêvão pareceu um pouco acuado.

– Depois de amanhã – respondeu.

Henrique fez uma medida e os três se retiraram.



A incerteza era quase tão ruim quanto uma resposta negativa. A espera era

insuportável. Philip passou a tarde na maravilhosa biblioteca do priorado de Winchester, mas os livros não bastaram para impedi-lo de pensar no que estaria passando pela cabeça do rei. Será que Estêvão poderia voltar atrás na promessa feita a Percy Hamleigh? Qual era a real importância de Percy? Ele era um membro da elite rural que aspirava a um condado. Com certeza, Estêvão não tinha motivo para temer ofendê-lo. Com que fervor o rei de fato queria ajudar Kingsbridge? Era sabido que os reis se tornavam mais religiosos à medida que envelheciam, e Estêvão era jovem.

Enquanto Philip revirava as possibilidades na mente e passava os olhos sem ler pela *Consolação da filosofia*, de Boécio, um noviço chegou pé ante pé pela galeria do claustro e o abordou com timidez.

– Tem uma pessoa querendo falar com o senhor no pátio externo, padre – sussurrou o rapaz.

Se o visitante tinha sido obrigado a aguardar do lado de fora, significava que não era um monge.

– Quem é? – indagou Philip.

– Uma mulher.

A primeira coisa que o prior pensou, horrorizado, foi na prostituta que o havia abordado em frente à casa da moeda, mas algo na expressão do noviço lhe indicou que não era ela. Seu olhar havia cruzado com o de uma segunda mulher naquele dia.

– Como ela é?

O menino fez uma cara de repulsa.

Philip entendeu e balançou a cabeça.

– Regan Hamleigh. – Que maldade ela estaria aprontando agora? – Já vou.

Pensativo, ele deu a volta no claustro devagar e saiu para o pátio. Precisaria de toda a sua sagacidade para lidar com aquela mulher.

Ela estava parada em frente à sala do despenseiro, envolta em uma pesada capa, com o rosto oculto por um capuz. Recebeu Philip com um olhar de malevolência tão indisfarçada que ele quase deu meia-volta na mesma hora, porém tinha vergonha de fugir de uma mulher, então se manteve firme.

– O que a senhora quer comigo? – perguntou.

– Seu monge tolo – cuspiu ela. – Como pode ser tão burro?

Ele sentiu o rosto corar.

– Eu sou o prior de Kingsbridge, e é melhor que a senhora me chame de padre – disse, mas para seu pesar sua voz transmitiu petulância, não autoridade.

– Está bem, *padre*... Como se permite ser *usado* dessa forma por aqueles dois bispos gananciosos?

Philip inspirou fundo.

– Seja clara – falou, zangado.

– É difícil encontrar palavras simples para alguém tão idiota quanto o senhor, mas vou tentar. Waleran está usando a igreja incendiada como pretexto para ficar com as terras do condado de Shiring. Fui clara o suficiente? Deu para entender?

Seu tom de desprezo ainda irritava Philip, mas ele não conseguiu resistir à tentação de se defender.

– Não há nada de desonesto nisso. A renda das terras será usada para reconstruir a catedral.

– O que o faz pensar assim?

– A ideia é justamente essa! – protestou Philip, mas no fundo de sua mente já começava a sentir as primeiras pontadas de dúvida.

O tom de Regan passou de ofensivo para ardiloso.

– As novas terras vão pertencer ao priorado? – indagou ela. – Ou à diocese?

Philip a encarou por alguns segundos, então virou as costas: seu rosto era repulsivo demais. Havia partido do princípio de que as terras pertenceriam ao priorado e estariam sob seu comando. Caso pertencessem à diocese, seriam controladas por Waleran. Mas lembrou-se então de que, quando estavam com o rei, o bispo Henrique pedira especificamente que as terras fossem doadas à diocese. Philip imaginara que tinha sido um lapso, mas a informação não fora corrigida, nem na hora nem depois.

Olhou para Regan desconfiado. Ela não tinha como saber o que Henrique dissera ao rei. Talvez estivesse certa. Por outro lado, poderia apenas estar tentando criar problemas. Tinha tudo a ganhar com uma briga entre Philip e Waleran naquele momento.

– Waleran é o bispo – disse Philip. – Ele precisa de uma catedral.

– Ele precisa de muitas coisas – rebateu ela.

À medida que argumentava, tornava-se menos malévola e mais humana, mas nem assim Philip conseguiu encará-la por muito tempo.

– Para alguns bispos, uma bela catedral seria a prioridade número um. Para Waleran, existem outras necessidades. De todo modo, enquanto ele controlar os cordões da bolsa de dinheiro, poderá distribuir tanto ou tão pouco para o senhor e seus construtores.

Nisso, pelo menos, Philip sabia que ela estava certa. Se Waleran recolhesse os aluguéis, naturalmente guardaria uma porcentagem para suas despesas. Só ele poderia dizer quanto seria. Nada o impediria de desviar fundos para objetivos que nada tivessem a ver com a catedral. E Philip jamais saberia, de um mês para outro, se teria dinheiro para pagar os construtores.

Não restava dúvida de que o melhor seria que as terras pertencessem ao priorado. Mas ele tinha certeza de que Waleran iria resistir a essa ideia e de que Henrique o apoiaria. Nesse caso, sua única esperança seria recorrer ao rei. E Estêvão, diante dos religiosos divididos, poderia muito bem resolver o problema entregando o condado a Percy Hamleigh.

Era o que Regan queria, claro.

Philip balançou a cabeça.

– Se Waleran está tentando me enganar, por que se dar o trabalho de me trazer até aqui? Ele poderia ter vindo sozinho e pedido a mesma coisa.

Ela concordou.

– Poderia. Mas talvez o rei duvidasse da sinceridade de Waleran ao dizer que queria o condado apenas para construir uma catedral. Ao vir aqui apoiar o pedido do bispo, o senhor eliminou qualquer suspeita que Estêvão pudesse ter. – Voltou a haver desprezo em sua voz. – E é tão patético com essas suas vestes sujas que o rei sente pena do senhor. Não, Waleran foi esperto ao trazê-lo aqui.

Philip teve uma sensação horrível de que ela estava certa, mas não queria admitir isso.

– A senhora só quer que o condado seja dado ao seu marido – falou.

– Se eu tiver uma prova, estaria disposto a cavalgar meio dia para vê-la?

A última coisa que Philip queria era ser levado pelas maquinações de Regan Hamleigh, mas precisava descobrir se suas alegações eram verdadeiras.

– Sim, cavalgarei meio dia – respondeu com relutância.

– Amanhã?

- Sim.
- Esteja pronto quando o dia raiar.



Na manhã seguinte, quando os monges começaram a entoar os cânticos da prima, William Hamleigh, filho de Percy e Regan, esperava Philip no pátio externo. Os dois saíram de Winchester pelo portão oeste e logo dobraram para o norte na Athelynge Street. Era nessa direção que ficava o palácio do bispo Waleran, percebeu Philip, a cerca de meio dia a cavalo. Então era para lá que eles estavam indo. Mas por quê? Estava muito desconfiado. Decidiu ficar alerta a qualquer artimanha. Os Hamleighs poderiam muito bem estar tentando usá-lo. Mas de que maneira? Talvez Waleran tivesse um documento que os Hamleighs quisessem ver ou mesmo roubar, algum tipo de escritura ou concessão. O jovem lorde William poderia dizer aos assistentes do bispo que os dois tinham ido buscar o documento e eles talvez acreditassem, já que Philip o acompanhava. Era possível que William tivesse um plano desses na manga. O prior teria de ficar atento.

O dia amanheceu escuro e cinza e caía uma chuva fina. Nos primeiros quilômetros, William impôs um ritmo acelerado, em seguida diminuiu o passo para que os cavalos descansassem.

– Então, monge, quer dizer que o senhor deseja tirar o condado de mim – disse, após algum tempo.

O tom hostil do rapaz espantou Philip. Nada tinha feito para merecê-lo, e ficou magoado. Por isso, respondeu de maneira incisiva:

– De você? – indagou. – Você não vai ficar com ele, menino. Eu talvez fique, ou quem sabe seu pai, ou ainda o bispo Waleran. Mas ninguém pediu ao rei que desse o condado a você. Essa ideia é uma piada.

– Eu vou herdar o condado.

– Veremos. – Philip entendeu que discutir com William não adiantaria.

– Não quero lhe fazer mal – garantiu, em tom conciliatório. – Só quero construir uma catedral nova.

– Então pegue o condado de outra pessoa – retorquiu William. – Por que as pessoas sempre nos atormentam?

Philip notou que havia muita amargura na voz do rapaz.

– As pessoas sempre atormentam vocês? – perguntou.

– Talvez o que aconteceu com Bartholomew dê uma lição nelas. Ele insultou nossa família e veja onde está agora.

– Pensei que a responsável pelo insulto fosse a filha dele.

– Aquela vaca é tão orgulhosa e arrogante quanto o pai. Mas ela também vai sofrer. Eles todos vão se ajoelhar diante de nós no final, o senhor vai ver.

Aquelas não eram as emoções habituais de um rapaz de 20 anos, pensou Philip. William soava mais como uma mulher de meia-idade invejosa e amarga. Não estava gostando daquela conversa. A maioria das pessoas disfarçava seu ódio com roupas decentes, mas William era ingênuo demais para agir assim.

– É melhor deixar a vingança para o dia do Juízo Final – aconselhou Philip.

– Por que o senhor não espera o Juízo Final para construir sua igreja?

– Porque aí seria tarde demais para salvar as almas dos pecadores dos tormentos do inferno.

– Não venha com essa conversa! – exclamou William, com um quê de histeria. – Guarde isso para os seus sermões.

Philip ficou tentado a dar outra resposta incisiva, mas se conteve. Havia algo muito estranho naquele rapaz. Teve a sensação de que William poderia a qualquer momento ser tomado por uma raiva incontável e que quando se enfurecesse sua violência seria letal. Não tinha medo dele. Não temia homens violentos, talvez por ter visto, quando criança, o pior lado deles e sobrevivido. Mas de nada adiantava enfurecer o rapaz com reprimendas, então voltou a falar, desta vez com suavidade:

– Meu ofício são o céu e o inferno. A virtude e o pecado, o perdão e a punição, o bem e o mal. Temo não poder me calar em relação a isso.

– Então fale sozinho – retrucou William, esporeando o cavalo, que se afastou trotando.

Quando estava uns 40 ou 50 metros na frente, tornou a diminuir o passo. Philip se perguntou se o rapaz iria ceder e voltar a cavalgar ao seu lado, mas não foi o que aconteceu, e os dois viajaram separados pelo restante da manhã.

Philip se sentia ansioso e um pouco triste. Havia perdido o controle do

seu destino. Deixara Waleran Bigod assumir as rédeas em Winchester e agora permitia que William Hamleigh o conduzisse em uma jornada misteriosa. Estão todos tentando me manipular, pensou. Por que estou me submetendo a isso? Já está na hora de tomar uma iniciativa. No entanto, não havia nada que pudesse fazer de imediato a não ser dar meia-volta e retornar para Winchester, o que lhe parecia inútil, então continuou a seguir o rapaz, olhando com pessimismo a traseira de seu cavalo enquanto avançavam.

Pouco antes do meio-dia, chegaram ao vale onde ficava o palácio do bispo. Philip se lembrou de quando esteve ali no começo do ano, cheio de temores, levando consigo um segredo mortal. Muita coisa havia mudado desde então.

Para sua surpresa, William passou direto pelo palácio e subiu o morro. A estrada se estreitou e virou uma simples trilha entre os campos. Philip sabia que não conduzia a nenhum lugar importante. Quando se aproximaram do alto do morro, pôde ver que havia um canteiro de obras. Pouco antes do cume, eles foram barrados por um banco de terra que parecia ter sido escavada recentemente. Philip foi tomado por uma horrível desconfiança.

Desviaram e deram a volta na terra até que encontraram uma brecha e a cruzaram. Do outro lado havia um fosso seco, preenchido com terra naquele ponto para que as pessoas pudessem atravessar.

– Foi isso que nós viemos ver? – perguntou Philip.

William apenas balançou a cabeça.

A suspeita do prior se confirmou. Waleran estava construindo um castelo. Ficou arrasado.

Tocou o cavalo e atravessou o fosso, seguido de perto por William. O fosso e o banco de terra davam a volta inteira no cume do morro. Na borda interna do fosso, uma grossa muralha de pedra havia sido erguida até a altura de meio a um metro. Estava obviamente inacabada, e a julgar pela espessura pretendia-se que fosse muito alta.

Waleran estava construindo um castelo, mas não havia trabalhador nenhum na obra, nem ferramentas à vista, nem pilhas de pedra ou de madeira. Muita coisa fora feita em pouco tempo. Depois disso, o trabalho fora interrompido de repente. Era óbvio que o dinheiro do bispo havia acabado.

– Suponho não haver dúvida de que é o bispo quem está construindo este castelo – disse Philip para o rapaz.

– Por acaso Waleran Bigod deixaria mais alguém construir um castelo ao lado de seu palácio? – perguntou o rapaz.

Philip se sentiu ferido e humilhado. A situação era muito clara: o bispo Waleran queria o condado de Shiring, com sua pedreira e sua floresta, para construir o próprio castelo, não a catedral. Philip não passava de um instrumento e o incêndio da catedral de Kingsbridge fora apenas um pretexto conveniente. Seu papel era apelar para a religiosidade do rei e convencê-lo a doar o condado a Waleran.

Philip enxergou a si mesmo como Waleran e Henrique deviam vê-lo: ingênuo, dócil, sorridente e obediente ao ser conduzido para o matadouro. Como o tinham julgado bem! Ele confiara neles e lhes demonstrara respeito, e até mesmo suportara seus insultos com um sorriso valente, pois pensava que o estivessem ajudando, quando na verdade eles o apunhalavam pelas costas desde o início.

Ficou chocado com a falta de escrúpulos de Waleran. Recordou a expressão de tristeza em seus olhos ao ver a catedral em ruínas. Naquele instante, tinha vislumbrado uma profunda religiosidade do bispo. Waleran devia pensar que, a serviço da Igreja, fins devotos justificavam meios desonestos. Philip nunca havia acreditado nisso. Eu jamais faria com Waleran o que ele está tentando fazer comigo, pensou.

Nunca havia se considerado um homem ingênuo. Perguntou-se em que ponto havia errado. Ocorreu-lhe que tinha se deixado impressionar: pelo bispo Henrique e suas vestes de seda, pela magnificência de Winchester e sua catedral, pelas pilhas de prata na casa da moeda e pelas montanhas de carne nos açougues, e também pela ideia de falar com o rei. Esquecera que Deus enxergava através das vestes de seda o coração pecador, que a única riqueza que valia a pena possuir era o tesouro do céu e que até mesmo o rei tinha de se ajoelhar na igreja. Ao sentir que todos ali eram muito mais poderosos e sofisticados do que ele, havia perdido de vista os próprios valores, suspenso suas faculdades críticas e depositado sua fé em seus superiores. E a recompensa fora uma traição.

Deu mais uma olhada no canteiro de obras molhado pela chuva, então virou o cavalo e se afastou, magoado. William foi atrás.

– O que achou disso, monge? – zombou o rapaz.

Philip não respondeu.

Lembrou que havia ajudado Waleran a se tornar bispo. Ele tinha dito: “O senhor quer que eu o torne prior de Kingsbridge. Eu quero que o senhor me torne bispo.” Como Waleran, claro, não havia revelado que o bispo já estava morto, a promessa soara então um tanto abstrata. Além do mais, parecera a Philip que estava obrigado a prometer aquilo para garantir sua eleição como prior. Mas tudo isso eram só desculpas. A verdade era que ele deveria ter deixado a escolha do prior e do bispo nas mãos de Deus.

Não havia tomado essa decisão devota e sua punição era ter de se confrontar com o bispo Waleran.

Ao pensar em como fora ofendido, subestimado, manipulado e enganado, sentiu raiva. Pensou, com amargura, que a obediência era uma virtude monástica, mas que fora do claustro tinha as suas desvantagens. O mundo do poder e das posses exigia de um homem desconfiança, prontidão e persistência.

– Aqueles bispos mentirosos fizeram o senhor de bobo, não foi? – perguntou William.

Philip puxou as rédeas do cavalo. Trêmulo de raiva, apontou um dedo para o rapaz.

– Cale essa boca, menino. Você está falando dos sacerdotes de Deus. Se disser mais uma palavra, eu juro que vai arder no inferno por isso.

William empalideceu de medo.

Philip tornou a tocar o cavalo. O sarcasmo de William o fez lembrar que os Hamleighs tinham um motivo pessoal para levá-lo até lá e lhe mostrar o castelo do bispo. Queriam causar uma disputa entre os dois religiosos, de modo a garantir que o condado não fosse parar nas mãos nem de um nem do outro, mas sim nas de Percy. Mas Philip não deixaria que eles o manipulassem. Chega de ser manipulado. De agora em diante, quem iria manipular seria ele.

Era uma ideia muito boa, mas o que poderia ser feito? Se brigasse com Waleran, Percy ficaria com as terras. Se não fizesse nada, elas iriam para o bispo.

O que o rei desejava? Ajudar a construir a nova catedral: era o tipo de atitude que condizia com a realeza e beneficiaria sua alma na vida eterna. Mas Estêvão também precisava recompensar a lealdade de Percy. Por mais estranho que parecesse, não parecia se sentir especialmente pressionado

para agradar os dois homens mais poderosos, os bispos. Ocorreu a Philip que talvez houvesse uma solução para seu dilema que resolveria os problemas do rei e satisfaria tanto ele quanto Percy Hamleigh.

Agora tinha achado um caminho.

E a ideia lhe agradou. Uma aliança entre ele e os Hamleighs era a última coisa que esperavam, e justamente por isso poderia funcionar. Os bispos estariam totalmente despreparados para algo assim. E seriam pegos desprevenidos.

Seria uma reviravolta deliciosa.

Mas será que ele conseguiria negociar um acordo com os gananciosos Hamleighs? Percy queria poder explorar as ricas terras de Shiring, queria o título de conde, o poder e o prestígio de uma força de cavaleiros sob seu comando. Philip também queria explorar as ricas terras, mas não desejava o título nem os cavaleiros: estava mais interessado na pedreira e nas matas.

O formato de um acordo se esboçou na sua cabeça e começou a pensar que a situação não estava perdida ainda.

Como seria doce vencer agora, depois do que havia acontecido.

Cada vez mais animado, pensou em como iria abordar os Hamleighs. Estava decidido a não suplicar. Teria de fazer sua proposta parecer irresistível.

Quando chegou a Winchester, tinha a capa encharcada de suor e seu cavalo estava indócil, mas ele acreditava ter a resposta.

– Vamos falar com a sua mãe – disse a William ao passarem sob o arco do portão oeste.

O rapaz se espantou.

– Pensei que o senhor fosse querer falar com o bispo Waleran imediatamente.

Sem dúvida era o que Regan tinha dito ao jovem que aconteceria.

– Não me interessa o que você pensou, rapaz – retrucou Philip, ríspido.
– Apenas me leve até sua mãe.

Sentia-se totalmente preparado para um confronto com lady Regan. Havia sido passivo por tempo de mais.

William dobrou para o sul e conduziu Philip até uma casa na Gold Street, entre o castelo e a catedral. Era uma edificação grande, com paredes de pedra que iam até a cintura e tinha, acima, uma estrutura de

madeira. Dentro havia um salão, do qual saíam vários aposentos. Os Hamleighs deviam estar hospedados ali. Muitos cidadãos de Winchester alugavam quartos para quem estivesse visitando a corte real. Se Percy virasse conde, teria sua própria casa na cidade.

William levou Philip até um cômodo na parte da frente, ocupado por uma cama grande e uma lareira. Regan estava sentada junto ao fogo e Percy se encontrava em pé perto da mulher. Ela ergueu os olhos para Philip com uma expressão de surpresa, mas logo se recuperou.

– Bem, monge, eu acertei? – perguntou ela.

– A senhora não poderia ter errado mais, sua mulher tola – respondeu Philip, duro.

O choque provocado pela raiva na voz dele a fez calar.

Ele ficou satisfeito com o efeito de dar a ela um pouco do próprio remédio. Prosseguiu no mesmo tom:

– A senhora achou que pudesse causar uma briga entre mim e Waleran. Imaginou mesmo que eu não perceberia o que está tramando? Pode ser uma megera dissimulada, mas não é a única pessoa no mundo capaz de *pensar*.

Viu pela expressão da mulher que ela entendia que seu plano havia fracassado e raciocinava furiosamente para decidir como proceder. Prosseguiu enquanto ela ainda estava confusa:

– A senhora fracassou. Agora tem duas opções. Uma é aguentar firme e torcer pelo melhor. Esperar a decisão do rei. Arriscar-se a depender do humor dele amanhã de manhã.

Ele fez uma pausa. Com relutância, ela se pronunciou:

– E qual é a alternativa?

– A alternativa é um acordo entre mim e vocês. Dividir o condado entre nós, sem deixar nada para Waleran. Poderíamos falar com o rei em particular e explicar que chegamos a um meio-termo e conseguir sua bênção antes de os bispos poderem objetar. – Philip se sentou em um banco e fingiu um ar casual. – É sua melhor opção. Na verdade vocês não têm outra escolha.

Sem querer que ela visse quanto ele estava tenso, encarou o fogo. A ideia devia lhes agradar, pensou. Estavam entre a certeza de conseguir algo e a possibilidade de não obter nada. Mas os dois eram gananciosos. Talvez preferissem apostar no tudo ou nada.

O primeiro a falar foi Percy:

– Dividir o condado? Como?

Pelo menos estavam interessados, pensou Philip, aliviado.

– Vou propor uma divisão tão generosa que vocês seriam loucos de recusar – respondeu a Percy. Tornou a se virar para Regan. – Ofereço a vocês a melhor metade.

Os dois o encararam à espera de uma explicação, mas o prior permaneceu calado.

– Como assim, a melhor metade? – perguntou Regan.

– O que vale mais: terras aráveis ou florestas?

– Terras aráveis, com certeza.

– Então vocês ficarão com as terras aráveis e eu com a floresta.

Regan estreitou os olhos.

– Assim você terá madeira para sua catedral.

– Isso.

– E os pastos?

– O que vocês querem: os pastos para bois ou para ovelhas?

– Para bois.

– Então eu ficarei com as terras de montanha e as ovelhas. Preferem a renda dos mercados ou a pedreira?

– A renda dos merc... – começou Percy.

Regan o interrompeu:

– E se nós escolhermos a pedreira?

Philip percebeu que ela já havia entendido o que ele estava pensando. Queria a rocha da pedreira para sua catedral. Sabia que Regan não escolheria a pedreira. Os mercados rendiam mais dinheiro com menos esforço.

– Mas vocês não vão escolher a pedreira, vão? – disse, confiante.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Preferimos os mercados.

Percy tentou fingir que se sentia enganado.

– Eu preciso das florestas para caçar – interveio. – Um conde deve caçar.

– O senhor vai poder caçar – respondeu Philip depressa. – Eu só quero a madeira.

– É aceitável – concordou Regan. O acordo foi feito um pouco

depressa demais para que Philip se sentisse confortável. Uma ansiedade o dominou. Teria ele concedido algo importante sem perceber? Ou estava apenas impaciente para resolver um detalhe sem importância? Antes de poder pensar muito, Regan tornou a falar: – Suponhamos que ao examinar as escrituras e concessões do antigo tesouro do conde Bartholomew nós descobrimos terras que achamos que devem ser nossas e o senhor acha que devem ser suas...

O fato de ela mencionar detalhes desse tipo levou Philip a pensar que estava inclinada a aceitar a proposta. Disfarçou a animação e respondeu com frieza:

– Precisaremos escolher de comum acordo um arbitrador. Que tal o bispo Henrique?

– Um religioso? – indagou ela, retomando um pouco do desdém habitual. – Ele seria objetivo? Não. Que tal o representante do rei no condado de Shiring?

O representante do rei seria tão pouco objetivo quanto o bispo, pensou Philip, mas não conseguia pensar em ninguém capaz de agradar os dois lados.

– Aceito – disse – com a condição de que, se nós discordarmos da decisão *dele*, teremos o direito de recorrer ao rei.

Isso deveria ser proteção suficiente.

– Concordo – respondeu Regan. Então relanceou os olhos para o marido antes de arrematar. – Se for do agrado do meu marido.

– Sim, sim – falou Percy.

Philip viu que estava quase conseguindo.

– Então – continuou, depois de respirar fundo –, se estivermos de acordo quanto à proposta geral...

– Espere um instante – interrompeu Regan. – Nós não estamos de acordo.

– Mas eu lhes dei tudo o que vocês querem.

– Ainda podemos conseguir o condado inteiro, sem divisão.

– E podem não conseguir nada.

Regan hesitou.

– Se nós concordarmos, como o senhor sugere que encaminhemos a questão?

Philip já havia pensado nisso. Olhou para Percy.

– Você conseguiria falar com o rei hoje à noite?

Percy adotou uma expressão aflita, mas respondeu:

– Se tivesse um bom motivo, sim.

– Fale com ele e diga que chegamos a um acordo. Peça-lhe que anuncie o pacto na sua decisão amanhã de manhã. Ofereça garantias de que o senhor e eu nos declararemos satisfeitos.

– E se ele perguntar sobre os bispos?

– Diga que não houve tempo de falar com eles. Lembre que o encarregado de construir a catedral é o prior, não o bispo. Dê a entender que, se eu estou satisfeito, os bispos também devem estar.

– Mas e se os bispos reclamarem quando o acordo for anunciado?

– Como eles vão poder reclamar? – retrucou Philip. – Estão fingindo que pedem o condado unicamente para financiar a catedral. Waleran não vai protestar dizendo que agora não poderá mais desviar os recursos para outros usos.

Regan deu uma risada seca. A astúcia de Philip lhe agradava.

– É um bom plano – falou.

– Há uma condição importante – disse Philip, encarando-a. – O rei tem que anunciar que a minha parte fica com o *priorado*. Se ele não deixar isso claro, eu pedirei que deixe. Se ele disser qualquer outra coisa, a diocese, o sacristão, o arcebispo, qualquer coisa, recusarei o acordo. Não quero que haja dúvidas com relação a isso.

– Entendido – concordou Regan, com certa má vontade.

A irritação dela fez Philip desconfiar que ela cogitava apresentar ao rei uma versão ligeiramente diferente do acordo. Ficou contente por ter insistido com firmeza naquele ponto.

Levantou-se para ir embora, mas queria de alguma forma selar aquele pacto.

– Estamos de acordo, então – falou, imprimindo à voz um levíssimo tom de interrogação. – Temos um pacto solene.

Ele encarou o casal.

Regan assentiu, e Percy confirmou:

– Temos um pacto.

O coração de Philip disparou.

– Ótimo – concluiu, tenso. – Vejo vocês amanhã de manhã no castelo.

Manteve o rosto impassível ao sair do recinto, mas, quando chegou à

rua escura, relaxou e se permitiu um largo sorriso de triunfo.



Depois do jantar, Philip caiu em um sono ansioso e agitado. Levantou-se à meia-noite para as matinas, depois ficou deitado sobre o colchão de palha, sem conseguir dormir, perguntando-se o que iria acontecer no dia seguinte.

Sentia que Estêvão aceitaria a proposta. Ela resolvia o problema do rei: dava-lhe um conde e uma catedral. Apesar do que tinha dito a lady Regan, no entanto, não estava tão certo de que Waleran aceitaria a situação sem resistência. O bispo talvez arrumasse uma desculpa para contestar o arranjo. Se pensasse depressa o suficiente, poderia alegar que o acordo não forneceria o dinheiro necessário para construir a catedral colossal, prestigiosa e ricamente decorada que desejava. O rei talvez fosse convencido a reconsiderar.

Pouco depois do raiar do dia, um novo risco lhe ocorreu: Regan poderia traí-lo e fazer um acordo com Waleran. Suponhamos que ela ofereça o mesmo acordo ao bispo, pensou Philip. Waleran teria a pedra e a madeira que necessitava para seu castelo. Essa possibilidade deixou Philip ansioso, e ele se revirou na cama durante a noite toda. Desejou ter ido falar ele próprio com o rei, mas Estêvão provavelmente não o teria recebido, e de todo modo Waleran poderia saber e desconfiaria. Não, não havia nada que pudesse fazer para se proteger do risco de uma traição. Apenas rezar.

Foi o que fez até a aurora.

Tomou o desjejum na companhia dos monges. Achava que o pão branco não mantinha a barriga cheia por tanto tempo quanto o pão preto, mas mesmo assim não conseguiu comer muito nesse dia. Sabia que o rei não receberia ninguém àquela hora, mas foi cedo para o castelo. Entrou no salão e se sentou em um dos bancos de pedra entalhados na parede para aguardar.

O recinto foi se enchendo aos poucos de suplicantes e cortesãos. Alguns vestiam roupas chamativas: túnicas amarelas, azuis e cor-de-rosa, capas com luxuosos debruns de pele. Lembrou que o famoso *Domesday Book* ficava guardado em algum lugar daquele castelo, provavelmente no

salão de cima, onde o soberano o recebera junto com os dois bispos. Não tinha visto o volume, mas estava tenso demais para reparar no que quer que fosse. O tesouro real também ficava no castelo, porém decerto no último andar, em um cofre com acesso pelo quarto de dormir do rei. Mais uma vez, Philip se sentiu um pouco oprimido por aquele ambiente, mas havia decidido não se deixar mais intimidar. Aquelas pessoas com suas roupas elegantes, cavaleiros e senhores feudais, mercadores e bispos, não passavam de homens. A maioria não sabia escrever muito mais do que o próprio nome. Além disso, estavam todos ali no intuito de conseguir algo para si, enquanto ele, Philip, estava ali representando Deus. Sua missão e seu hábito marrom sujo o punham acima dos outros solicitantes, não abaixo.

Pensar assim lhe deu coragem.

Uma onda de tensão correu pelo recinto quando um padre surgiu na escada que conduzia ao salão de cima. Todos esperavam que isso significasse que o rei iria dar início às audiências. O padre trocou alguns sussurros com um dos guardas armados, em seguida desapareceu de novo escada acima. O homem selecionou um dos cavaleiros presentes no salão, que deixou a espada com os guardas e subiu.

Os clérigos reais deviam levar uma vida muito estranha, refletiu Philip. O rei, é claro, precisava ter consigo membros do clero, não só para rezar a missa, mas também para executar a grande quantidade de leitura e escrita exigida pela administração do reino. Ninguém mais era capaz disso a não ser membros do clero: os poucos leigos letrados não liam nem escreviam com a rapidez necessária. Mas não havia nada de muito devoto na vida de um clérigo real. Seu próprio irmão, Francis, tinha escolhido essa vida e trabalhava para Robert de Gloucester. Preciso perguntar a ele como é, pensou Philip, se um dia tornar a vê-lo.

Pouco depois de o primeiro solicitante subir a escada, os Hamleighs chegaram.

Philip resistiu ao impulso de ir falar com eles na hora. Não queria que o mundo soubesse que estavam de conchavo, não ainda. Observou-os demoradamente para estudar sua expressão e tentar ler seus pensamentos. Concluiu que William tinha um ar esperançoso, Percy parecia ansioso e Regan estava tensa feito a corda de um arco. Após alguns instantes, levantou-se e cruzou o salão do modo mais casual de que foi capaz.

Cumprimentou-os com educação, então perguntou a Percy:

– Falou com ele?

– Falei.

– E?

– Ele disse que iria pensar durante a noite.

– Mas *por quê?* – indagou Philip. Estava decepcionado e zangado. –

Pensar em quê?

Percy deu de ombros.

– Pergunte a ele.

Philip se irritou.

– Bem, como ele lhe pareceu? Satisfeito, ou o quê?

Quem respondeu foi Regan:

– Meu palpite é que ele gostou da ideia de ser salvo de seu dilema, mas ficou desconfiado porque tudo pareceu fácil demais.

Fazia sentido, mas mesmo assim Philip ficou incomodado porque o rei Estêvão não agarrou a oportunidade com as duas mãos.

– É melhor não conversarmos mais – disse após alguns instantes. – Não queremos que os bispos percebam que estamos tramando contra eles. Não até o rei fazer seu anúncio.

Meneou a cabeça educadamente e se afastou.

Voltou para seu banco de pedra. Tentou se distrair pensando no que faria caso seu plano desse certo. Quando poderia começar a obra da nova catedral? Dependia da rapidez com que conseguisse extrair algum dinheiro de suas novas terras. Haveria uma quantidade bem grande de ovelhas: ele teria lã para vender no verão. Algumas das propriedades na montanha deviam estar arrendadas, e a maioria dos aluguéis vencia logo após a colheita. No outono, já deveria haver dinheiro suficiente para contratar um encarregado da floresta e outro da pedreira e começar a juntar madeira e pedra. Ao mesmo tempo, os homens poderiam começar a escavar as fundações sob a supervisão de Tom Builder. Talvez eles estivessem prontos para iniciar o trabalho de cantaria em algum momento do ano seguinte.

Era um belo sonho.

Cortesãos subiam e desciam a escada com uma rapidez alarmante. O rei Estêvão estava trabalhando depressa. Philip começou a temer que o rei encerrasse o expediente e saísse para caçar antes de os bispos chegarem.

Por fim eles apareceram. Philip se levantou devagar ao vê-los entrar.

Waleran tinha um ar tenso, mas Henrique parecia apenas entediado. Para o bispo de Winchester, aquela era uma questão menor: ele devia apoio ao colega bispo, mas o desfecho faria pouca diferença para ele. Já para Waleran o resultado era crucial em seu plano de construir um castelo, e um castelo era apenas um degrau em seu avanço na escada do poder.

Philip não soube muito bem como tratá-los. Eles haviam tentado ludibriá-lo e sua vontade era protestar e lhes dizer que tinha descoberto a traição. Mas isso os alertaria de que algo estava sendo tramado e ele não queria que desconfiassem de nada, de modo que o acordo pudesse ser validado pelo rei antes de eles poderem se recuperar. Assim, escondeu o que estava sentindo e sorriu educadamente. Não precisava ter se dado esse trabalho, pois os dois o ignoraram solenemente.

Não demorou muito e os guardas os chamaram. Henrique e Waleran subiram a escada na frente, e Philip logo atrás. Os Hamleighs fecharam o cortejo. Philip sentia o coração saindo pela boca.

O rei se encontrava em pé diante da lareira. Parecia estar com uma disposição mais enérgica e objetiva do que no outro dia, o que era bom: qualquer objeção dos bispos o deixaria impaciente. Henrique foi se postar ao lado do irmão, em frente à lareira, e os outros se alinharam no meio do salão. Philip sentiu uma dor nas mãos e percebeu que estava pressionando as unhas nas palmas. Forçou os dedos a relaxarem.

O rei falou com o bispo Henrique em voz baixa, de modo que os demais não ouvissem. Henrique franziu o cenho e disse algo igualmente inaudível. Conversaram por alguns segundos, então Estêvão levantou uma das mãos para silenciar o irmão e olhou para Philip.

O prior se lembrou de que o rei havia lhe falado com bondade na véspera, fazendo graça de seu nervosismo e lhe dizendo que gostava de um monge que se vestisse como monge.

Agora, porém, não houve brincadeiras. O rei pigarreou e começou a falar:

– Meu leal súdito Percy Hamleigh torna-se a partir de hoje o conde de Shiring.

Com o canto do olho, Philip viu Waleran projetar o corpo para a frente como quem vai protestar, mas o bispo Henrique o deteve com um gesto rápido e autoritário.

– Das posses do antigo duque – prosseguiu o rei –, Percy ficará com o

castelo, com todas as terras arrendadas a cavaleiros e com todas as outras terras aráveis e pastos em terreno baixo.

Philip mal conseguiu conter a animação. O rei parecia ter aceitado o acordo! Lançou outro olhar para Waleran, cujo semblante era um retrato da frustração.

Percy se ajoelhou diante do rei e uniu as mãos em postura de prece. O rei pousou as mãos sobre as suas.

– Faço de você, Percy, conde de Shiring, para que possua e goze das terras e das rendas aqui mencionadas.

– Eu juro por tudo o que é mais sagrado ser seu vassalo e combater pelo senhor contra qualquer inimigo – disse Percy.

Estêvão soltou as mãos do novo conde, que se levantou.

O rei então se virou para os outros.

– Todas as outras terras pertencentes ao antigo conde eu concedo... – O rei fez uma pausa de alguns segundos e olhou alternadamente de Philip para Waleran e outra vez para Philip. – ... ao *priorado* de Kingsbridge, para a construção da nova catedral.

Philip reprimiu um grito de alegria: tinha vencido! Não pôde evitar olhar para o rei com um ar radiante. Então virou-se para Waleran. O bispo estava profundamente chocado. Nem sequer fingia compostura: tinha a boca aberta, os olhos arregalados, e encarava o rei com uma incredulidade patente. Seus olhos se desviaram até ver Philip. Waleran sabia que tinha fracassado, de alguma forma, e que Philip era o beneficiário do seu fracasso, mas não conseguia imaginar como aquilo havia acontecido.

– O priorado de Kingsbridge terá também o direito de extrair pedras da pedreira do conde e madeira da sua floresta, de forma ilimitada, para a construção da nova catedral – continuou o rei.

A garganta de Philip secou. O acordo não era esse! A pedreira e a floresta deviam *pertencer* ao priorado e Percy teria apenas direitos de caça. Então Regan havia *mesmo* alterado os termos do trato. Agora o proprietário seria Percy e caberia ao priorado apenas o direito de exploração. Philip teve apenas alguns segundos para decidir se recusava o acordo inteiro.

– Em caso de desavença – disse o rei –, meu representante em Shiring servirá de juiz, mas as partes têm o direito de recorrer a mim em última instância. – Regan se comportou de modo inaceitável, pensou Philip, mas

que diferença faz? O acordo me dá quase tudo o que eu queria. O rei então concluiu: – Acredito que esse acordo já tenha sido aprovado por ambas as partes aqui presentes.

Não havia mais tempo para refletir.

– Sim, senhor meu rei – respondeu Percy.

Waleran abriu a boca para negar que havia aprovado o acordo, mas Philip falou primeiro:

– Sim, senhor meu rei.

Henrique e Waleran viraram a cabeça ao mesmo tempo para Philip e o observaram. Via-se no rosto de ambos o assombro quando perceberam que Philip, o jovial prior que nem sequer tinha a presença de espírito de usar um hábito limpo para ir à corte do rei, havia negociado um acordo com o soberano pelas suas costas. Após alguns instantes, a expressão de Henrique relaxou e ele pareceu achar graça, como alguém que perde uma partida de marel para uma criança esperta, mas Waleran olhava com raiva. Philip sentiu que podia ler a mente do bispo. Waleran deu-se conta de que havia cometido o erro cardinal de subestimar seu oponente e sentia-se humilhado. Para Philip, aquele instante compensava tudo: a traição, a humilhação, o desprezo. Correndo o risco de cometer o pecado do orgulho, ele empinou o queixo e lançou a Waleran um olhar que dizia: você vai ter de se esforçar mais do que isso para enganar Philip de Gwynedd.

– Que o antigo conde Bartholomew seja informado da minha decisão – ordenou o rei.

Philip supôs que Bartholomew estivesse jogado em alguma masmorra ali perto. Lembrou-se dos filhos dele, vivendo com o criado no castelo em ruínas, e sentiu uma pontada de culpa ao se perguntar o que iria acontecer com eles agora.

O rei dispensou todos, menos o bispo Henrique. Philip atravessou o recinto pisando em nuvens. Chegou ao alto da escada ao mesmo tempo que Waleran e parou para deixá-lo passar primeiro. O bispo lhe lançou um olhar de fúria venenosa. Quando falou, sua voz saiu como bile, e apesar da alegria de Philip suas palavras o gelaram até os ossos. A máscara de ódio abriu a boca e Waleran sibilou:

– Eu juro, por tudo o que é mais sagrado, que você nunca vai construir sua igreja.

Ele então recolheu a capa negra em volta dos ombros e desceu a

escada.

Philip entendeu que tinha feito um inimigo para toda a vida.

III

Ao avistar Earlscastle, William Hamleigh mal conseguiu conter a empolgação.

Era a tarde do dia seguinte à decisão do rei. Apesar de ele e Walter terem cavalgado durante quase dois dias inteiros, não estava cansado. Sentia que o coração inchava dentro do peito e fechava sua garganta. Estava prestes a ver Aliena outra vez.

No passado, desejara desposá-la por ela ser filha de conde, mas ela o rejeitara, três vezes. Retraiu-se ao recordar seu desdém. Ela o fizera se sentir um ninguém, um camponês. Agira como se os Hamleighs fossem uma família sem importância. Mas o jogo tinha virado. Agora quem não tinha importância era a família dela. William era filho de conde, e ela não era nada. Não tinha título nem posição social, nem terras ou riqueza. Ele iria tomar posse do castelo e jogá-la na rua, e então ela tampouco teria casa. Era quase bom demais para ser verdade.

Diminuiu o passo do cavalo ao se aproximar do castelo. Ela não devia ser alertada da sua chegada. Queria que ela tivesse um choque súbito, terrível e devastador.

O conde Percy e a condessa Regan tinham retornado à sua velha propriedade em Hamleigh para providenciar que o tesouro, os melhores cavalos e os criados de casa fossem transferidos para o castelo. A tarefa de William era contratar alguns trabalhadores na região para limpar o local, acender fogueiras e tornar o lugar habitável.

Nuvens baixas cinza-chumbo fervilhavam pelo céu, tão próximas que quase pareciam tocar as ameias das muralhas. Iria chover à noite. Isso tornava tudo ainda melhor. Ele iria expulsar Aliena de casa no meio de um temporal.

William e Walter apearam e conduziram os cavalos pela ponte levadiça de madeira. Na última vez em que cruzei esta ponte, eu tomei este castelo, pensou ele com orgulho. A grama já crescia no pátio inferior.

Amarraram os animais e os deixaram pastando. William deu um punhado de cereais ao seu cavalo de combate. Como não havia estábulo, guardaram as selas na capela de pedra. Os cavalos bufaram e bateram com os cascos no chão, mas o vento estava ficando mais forte e os sons se perderam. William e Walter atravessaram a segunda ponte até o pátio superior.

Não havia sinal de vida. De repente, William temeu que Aliena tivesse partido. Que decepção seria! Ele e seu laçao teriam de passar a noite tristes e famintos em um castelo frio e sujo. Subiram a escada externa até a porta do salão.

– Sem fazer barulho – disse William a Walter. – Se eles estiverem aqui, quero que tomem um susto.

Empurrou a porta e a abriu. O grande salão estava deserto e escuro e tinha o cheiro de um lugar que não era usado havia meses. Como ele imaginava, os três estavam morando no andar de cima. Andou na ponta dos pés até a escada. Juncos secos estalaram sob seus passos. Walter o seguiu de perto.

Subiram a escada. Não conseguiram ouvir nada: as grossas paredes de pedra da torre de menagem abafavam qualquer ruído. Na metade da subida, William parou, virou-se para Walter, levou o dedo aos lábios e apontou. Uma luz brilhava debaixo da porta no alto da escada. Havia alguém lá dentro.

Terminaram a subida e pararam diante da porta. Lá de dentro veio o som de um riso feminino e jovem. William sorriu de felicidade. Achou a maçaneta, girou-a delicadamente, então abriu a porta com um chute. A risada se transformou em um grito de pavor.

A cena dentro do quarto formava um belo quadro. Aliena e Richard, seu irmão mais novo, estavam sentados diante de uma mesinha, perto do fogo, jogando algum tipo de jogo de tabuleiro, e Matthew, o encarregado, estava em pé atrás dela olhando por cima do seu ombro. A luz do fogo dava ao rosto de Aliena um brilho rosado, e seus cachos escuros reluziam com reflexos ruivos. Ela estava usando uma túnica de linho claro. Erguera os olhos para William, e seus lábios carmin estavam escancarados de espanto. William a encarou sem dizer nada, saboreando seu medo. Após alguns instantes, ela se recompôs e levantou-se.

– O que você quer? – perguntou.

William já havia ensaiado aquela cena muitas vezes na sua

imaginação. Entrou no quarto devagar e foi se postar diante do fogo para aquecer as mãos.

– Eu moro aqui – disse por fim. – E você, o que quer?

Aliena olhou para ele, em seguida para Walter. Estava assustada e confusa, mas mesmo assim, quando falou, seu tom foi de desafio:

– Este castelo pertence ao conde de Shiring. Diga a que veio e depois suma.

William deu um sorriso triunfal.

– Meu pai é o conde de Shiring – anunciou. O encarregado grunhiu como se apenas confirmasse o que já temia. Aliena fez uma cara perplexa. William tornou a falar: – O rei tornou meu pai conde ontem, em Winchester. O castelo agora é nosso. O chefe aqui sou eu até meu pai chegar. – Ele estalou os dedos para o encarregado. – E estou com fome, então me traga pão, carne e vinho.

Matthew hesitou. Lançou um olhar preocupado na direção de Aliena. Estava com medo de deixá-la, mas não teve escolha. Foi até a porta.

Aliena deu um passo em direção à porta como se fosse segui-lo.

– Fique aqui – ordenou-lhe William.

Walter se interpôs entre ela e a porta, impedindo-a de sair.

– Você não tem o direito de me dar ordens! – exclamou Aliena, com algo da soberba de outrora.

– Fique, milady – disse Matthew em um tom amedrontado. – Não os aborreça. Serei rápido.

Aliena franziu o cenho para ele, mas permaneceu onde estava. Matthew saiu.

William se sentou na cadeira de Aliena. Ela foi até o lado do irmão e William os estudou. Havia uma semelhança entre eles, mas toda a força estava no rosto dela. Richard era um jovem alto, desengonçado, ainda imberbe. William gostou da sensação de tê-los sob seu poder.

– Quantos anos você tem, Richard? – perguntou ele.

– Catorze – respondeu o menino, emburrado.

– Já matou alguém?

– Não – respondeu ele. – Ainda não – arrematou, com uma leve tentativa de exhibir coragem.

Você também vai sofrer, seu babaquinha pomposo, pensou William. Voltou a atenção para Aliena.

– Quantos anos você tem?

Aliena primeiro fez cara de quem não ia responder, mas então pareceu mudar de ideia, talvez lembrando as palavras de Matthew: *Não os aborreça.*

– Dezessete.

– Ora, ora, a família inteira sabe contar – zombou William. – Você é virgem, Aliena?

– É claro que sim! – exclamou ela, indignada.

De repente, William estendeu o braço em direção ao peito dela. Encheu a mão aberta com um dos seios e apertou: a textura era firme, mas maleável. Ela deu um tranco para trás e o seio fugiu de sua mão.

Richard deu um passo para a frente, tarde demais, e afastou o braço de William para o lado. Nada poderia ter dado satisfação maior a William. Ele se levantou da cadeira e acertou Richard no rosto com um soco. Como desconfiava, o menino era fraco, deu um grito e levou as mãos ao rosto.

– Deixe-o em paz! – gritou Aliena.

William a encarou com espanto. Ela parecia se preocupar mais com o irmão do que consigo mesma. Isso era algo que valia a pena lembrar.

Matthew voltou trazendo uma bandeja de madeira com um pão inteiro, um pedaço de presunto e uma jarra de vinho. Empalideceu ao ver Richard com as mãos no rosto. Pousou a bandeja sobre a mesa e foi até o menino.

Segurou as mãos de Richard com delicadeza e olhou para seu rosto. Já estava vermelho e inchado em volta do olho.

– Eu *disse* para não aborrecê-los – murmurou ele, mas pareceu aliviado pelo fato de não ter havido nada pior.

William se decepcionou. Estava torcendo para Matthew ficar uma fera. O encarregado estava se mostrando um estraga-prazeres.

A visão da comida deixou William com a boca cheia d'água. Aproximou a cadeira da mesa, pegou sua faca e cortou uma grossa fatia de presunto. Walter sentou-se na sua frente.

– Traga copos e sirva o vinho – disse William para Aliena, com a boca cheia de pão e presunto. Matthew se mexeu para obedecer. – Você não, ela – interrompeu o rapaz.

Aliena hesitou. Matthew a encarou, nervoso, e fez um sinal com a cabeça. Ela se aproximou da mesa e empunhou a jarra.

Quando ela se inclinou, William esticou a mão para baixo, enfiou-a

por sob a barra de sua túnica e subiu rapidamente pela perna. Com a ponta dos dedos, sentiu canelas esguias com pelos macios, depois os músculos atrás do joelho e por fim a pele macia da parte interna da coxa. Ela então se afastou com um movimento brusco, girou o corpo e desferiu a pesada jarra contra a cabeça dele.

William impediu o golpe com a mão esquerda e deu um tapa na cara dela com a direita. Pôs toda a sua força no golpe. A ardência em sua mão o deixou muito satisfeito. Aliena gritou. Com o canto do olho, William viu Richard se mover. Era o que estava esperando. Empurrou Aliena para o lado com força e ela caiu no chão com um baque. Richard voou para cima de William como um cervo que ataca o caçador. William se esquivou do primeiro golpe desordenado, em seguida lhe desferiu um soco no estômago. Quando o menino se dobrou, William o acertou várias vezes, numa rápida sucessão, na região dos olhos e do nariz. Não foi tão emocionante quanto bater em Aliena, mas foi gratificante o suficiente, e em poucos segundos o rosto de Richard ficou coberto de sangue.

De repente, Walter deu um grito de alerta e se levantou com um pulo, olhando por cima do ombro de William. O rapaz girou o corpo e viu Matthew partindo para cima dele com uma faca em riste, pronto para apunhalar. Foi pego de surpresa. Não esperava nenhum ato de bravura daquele encarregado efeminado. Walter não conseguiu chegar a tempo de impedir o golpe e tudo o que William pôde fazer foi erguer os dois braços para se proteger. Por um terrível instante pensou que fosse ser morto em seu momento de triunfo. Um adversário mais forte teria afastado seus braços com um golpe, mas Matthew era um homem franzino, enfraquecido pela vida dentro de casa, e a faca não conseguiu alcançar o pescoço de William. Ele foi tomado por uma súbita onda de alívio, mas ainda não estava seguro. Matthew ergueu o braço para um segundo golpe. Foi então que Walter deu a volta na mesa segurando uma adaga longa e pontuda e apunhalou Matthew pelas costas.

Uma expressão de terror se estampou no rosto do encarregado. William viu a ponta da adaga de Walter emergir do peito de Matthew, abrindo um rasgo em sua túnica. O encarregado largou a faca que estava segurando e ela quicou nas tábuas do piso. Tentou ainda jogar ar para dentro dos pulmões, mas um ruído úmido lhe escapou da garganta e ele não conseguiu mais respirar. Seu corpo vergou, escorreu sangue de sua

boca, seus olhos se fecharam e ele desabou. Walter retirou a adaga quando o corpo caiu no chão. Por alguns instantes, o sangue continuou a jorrar da ferida no peito, mas logo o fluxo virou um filete.

Todos olharam para o cadáver caído no chão: Walter, William, Aliena e Richard. William estava zozinho por ter escapado por um triz da morte. Tinha a sensação de que podia fazer qualquer coisa. Estendeu a mão e segurou a túnica de Aliena pela gola. O linho era macio, de boa qualidade, muito caro. Ele puxou com força. O tecido cedeu. Continuou a puxar até rasgar toda a frente. Uma tira de 30 centímetros de largura saiu na sua mão. Aliena gritou, então tentou juntar os resquícios da roupa na frente do corpo. A túnica rasgada não conseguia esconder sua nudez. A garganta de William ficou seca. A súbita vulnerabilidade da moça o animou. Aquilo era bem mais excitante do que quando ele a vira tomar banho, pois agora ela sabia que ele estava olhando e sentia vergonha, e a vergonha de Aliena o deixava ainda mais inflamado. Ela tapou os seios com um dos braços, e com a outra mão o triângulo do púbis. William largou a tira de pano e a segurou pelos cabelos. Puxou-a para si, a fez girar e arrancou o resto da túnica de suas costas.

Aliena tinha ombros brancos e delicados, a cintura fina e o quadril surpreendentemente largo. Ele a puxou para si e pressionou o corpo em suas costas, com o quadril encostado nas nádegas da garota. Abaixou a cabeça e mordeu com força o pescoço macio até sentir gosto de sangue e ela gritar outra vez. Viu Richard se mover.

– Segure o menino – falou para Walter.

Walter segurou Richard e o imobilizou com uma chave de braço.

Enquanto com um dos braços segurava Aliena contra si com força, William usou a outra mão para explorar seu corpo. Alisou os seios, pesou-os e apertou-os, beliscou os mamilos pequeninos. Então desceu a mão pela barriga até o triângulo de pelos entre as pernas, abundante e encaracolado como seus cabelos. Tocou-a sem delicadeza. Ela começou a chorar. Seu pênis estava tão duro que ele pensou que fosse explodir.

Afastou-se dela e a empurrou para trás sobre a perna esticada. Ela caiu de costas com um baque. A queda a deixou sem ar, e ela arquejou.

William não tinha planejado aquilo nem sabia muito bem como havia acontecido, mas agora nada no mundo o fazia parar.

Levantou a túnica e mostrou-lhe o pênis. Aliena fez cara de pavor.

Provavelmente nunca tinha visto um duro assim. Ela realmente era virgem. Melhor ainda.

– Traga o menino aqui – disse para Walter. – Quero que ele assista a tudo.

Por algum motivo, a ideia de fazer aquilo na frente de Richard era profundamente estimulante.

Walter empurrou Richard para a frente e o forçou a se ajoelhar.

William se ajoelhou no chão e abriu as pernas de Aliena. Ela começou a se debater. Ele se jogou sobre ela, tentando subjugar-la com o peso do corpo, mas ela ainda resistia e ele não conseguiu penetrá-la. Ficou irritado: aquilo estava estragando tudo. Ergueu-se sobre um dos cotovelos e bateu no rosto dela com o punho fechado. Ela gritou e sua bochecha ficou muito vermelha, mas assim que ele tentou penetrá-la começou a resistir outra vez.

Walter poderia segurá-la, mas estava com o menino.

De repente, William teve uma inspiração.

– Walter, corte a orelha do menino – ordenou.

Aliena ficou imóvel.

– Não! – Sua voz foi um grito rouco. – Deixem-no em paz... Não o machuquem mais.

– Então abra as pernas – disse William.

Ela o encarou com os olhos arregalados de terror diante daquela terrível escolha. William saboreou sua aflição. Walter, desempenhando seu papel de forma perfeita, sacou a faca e a levou à orelha direita de Richard. Hesitou por um instante e então, com um movimento quase delicado, cortou o lóbulo da orelha do menino.

Richard gritou. O sangue esguichou da pequena ferida. O pedaço de carne caiu sobre o peito arfante de Aliena.

– Pare! – gritou ela. – Está bem.

Ela abriu as pernas.

William cuspiu na mão e esfregou saliva entre as pernas dela. Enterrou os dedos lá dentro. Ela deu um grito de dor, que o deixou ainda mais excitado. Ele se abaixou por cima dela. Ela não se mexeu, tensa. Fechou os olhos. Mesmo com o corpo molhado de suor por causa da briga, ela tremia. William ajustou a posição, então parou, saboreando a espera e o medo dela. Olhou para os outros. Richard assistia com uma expressão de

horror. Walter observava com avidez.

– O próximo é você, Walter – falou William.

Desesperada, Aliena grunhiu.

De repente, ele a penetrou com violência, empurrando com o máximo de força e o mais profundo que foi capaz. Sentiu a resistência do hímen – uma virgem de verdade! – e tornou a pressionar com brutalidade. Doeu, mas em Aliena doeu mais. Ela gritou. Ele arremeteu outra vez, com mais força ainda, e sentiu o hímen se romper. Aliena ficou pálida, deixou a cabeça cair para um dos lados e perdeu os sentidos. Então, por fim, William soltou seu sêmen dentro dela, sem parar de rir de triunfo e de prazer até se esvair por completo.



O temporal durou quase a noite inteira, e então, quase ao raiar do dia, parou. O súbito silêncio fez Tom Builder acordar. Deitado no escuro, ouvindo a respiração pesada de Alfred ao seu lado e a mais leve de Martha do outro, calculou que a manhã talvez fosse de tempo bom, ou seja, ele poderia ver o sol nascer pela primeira vez em duas ou três semanas de tempo nublado. Estava esperando por isso.

Levantou-se e abriu a porta. Ainda estava escuro. Havia tempo de sobra. Cutucou o filho com um dos pés.

– Alfred! Acorde! Vamos poder ver o sol nascer.

Alfred grunhiu e se sentou. Martha se virou sem acordar. Tom foi até a mesa e destampou um pote de barro. Tirou de lá um pão já pela metade e cortou duas fatias grossas, uma para si, outra para Alfred. Eles se sentaram no banco e comeram o desjejum.

Havia cerveja na jarra. Tom tomou um gole grande e a passou para o filho. Agnes os teria feito usar copos, Ellen também, mas agora não havia mais mulher naquela casa. Depois de Alfred beber à vontade, eles saíram de casa.

O céu estava passando de preto para cinza quando eles atravessaram o adro do priorado. Tom pretendia ir à casa do prior e acordar Philip. O prior, contudo, tinha pensado a mesma coisa que ele e já estava lá, nas ruínas da catedral, vestindo uma capa pesada e ajoelhado no chão

molhado, rezando.

A tarefa deles era traçar uma linha precisa, de leste a oeste, para formar o eixo em torno do qual a nova catedral seria construída.

Tom já havia preparado tudo fazia algum tempo. No chão, na extremidade leste, havia fincado uma estaca de ferro com um pequeno anel no alto, como o buraco de uma agulha. A estaca tinha quase a altura dele, de modo que o buraco ficava no nível de seus olhos. Ele a havia firmado com uma mistura de entulho e argamassa, para que não se deslocasse por acidente. Naquela manhã, iria plantar uma segunda estaca exatamente a oeste da primeira, do lado oposto do canteiro de obras.

– Alfred, prepare um pouco de argamassa – ordenou.

O rapaz foi buscar areia e cal. Tom foi até seu barracão de ferramentas perto do claustro pegar uma pequena marreta e a segunda estaca. Então andou até o leste do canteiro e ficou parado esperando o sol nascer. Philip terminou de rezar e juntou-se a ele, enquanto Alfred misturava areia e cal com água sobre uma tábua.

O céu clareou. Os três homens ficaram alertas. Olhavam para o muro leste do priorado. Por fim, o disco vermelho do sol surgiu acima do muro.

Tom mudou de posição até conseguir ver a borda do sol pelo pequeno buraco na estaca do outro lado. Então, enquanto Philip começava a rezar em voz alta em latim, segurou a segunda estaca diante de si de modo que ela o impedisse de ver o sol. Com firmeza, abaixou-a até o chão e pressionou a ponta afiada na terra úmida, mantendo-a o tempo todo exatamente entre seu olho e o sol. Tirou a marreta do cinto e, com cuidado, enterrou na estaca no chão até o buraco ficar no nível dos seus olhos. Se tivesse feito o trabalho direito e suas mãos não tivessem tremido, o sol agora iria brilhar pelos buracos das duas estacas.

Ele fechou um dos olhos e olhou pelo buraco da estaca mais próxima na direção da mais distante. O sol continuou a brilhar por dentro dos dois buracos. As duas estacas formavam uma linha perfeita, de leste a oeste. Essa linha iria orientar a nova catedral.

Havia explicado isso a Philip, então deu um passo para o lado e deixou o prior espiar também pelos buracos.

– Perfeito – disse Philip.

Tom aquiesceu.

– Está, sim.

– Você sabe que dia é hoje? – indagou Philip.

– Sexta-feira.

– É também o dia do martírio de Santo Adolfo. Deus nos mandou um nascer do sol para podermos orientar a igreja no dia de nosso padroeiro. Não é um bom sinal?

Tom sorriu. Pela sua experiência, no ofício da construção um trabalho de qualidade era mais importante do que bons presságios. Mas ficou feliz por Philip.

– É, sim – concordou. – Um ótimo sinal.

CAPÍTULO 6

I

Aliena estava decidida a não pensar no que havia acontecido.

Passou a noite inteira sentada no chão de pedra frio da capela, com as costas apoiadas na parede, encarando a escuridão. No início não conseguira pensar em nada a não ser no pesadelo que acabara de suportar, mas aos poucos a dor cedeu e ela conseguiu se concentrar nos ruídos do temporal, na chuva que batia no telhado da capela e no vento a uivar ao redor das muralhas do castelo deserto.

Por um tempo, havia permanecido nua. Depois de os dois homens terem... Depois que eles terminaram, voltaram à mesa, deixando-a deitada no chão e Richard sangrando ao seu lado. Haviam começado a comer e beber como se a tivessem esquecido, então os irmãos aproveitaram a chance e fugiram. O temporal já havia começado a cair, e os dois atravessaram a ponte correndo sob uma chuva torrencial e foram se refugiar na capela. Mas Richard voltou à torre de menagem quase imediatamente. Deve ter entrado no salão em que os homens estavam, pegado sua capa e a de Aliena no gancho perto da porta e saído correndo de novo antes de William e seu laçao terem tempo de reagir.

Mas Richard ainda não tinha falado com ela. Entregou a capa à irmã e se enrolou na sua, em seguida se sentou no chão a um metro dela, também de costas para a parede. Ela queria que alguém que a amasse a tomasse nos braços e a reconfortasse, mas Richard agia como se ela houvesse cometido um ato terrivelmente vergonhoso, e o pior era que ela sentia o mesmo. Sentia culpa, como se *ela* tivesse cometido um pecado. Podia entender que ele não a reconfortasse, que não quisesse tocá-la.

Sentiu-se grata pelo frio. A baixa temperatura a ajudava a se retirar do mundo, a se isolar, e parecia anestesiar a dor. Não dormiu, mas em

determinado momento da noite os dois entraram em uma espécie de transe e ficaram sentados por um longo tempo tão imóveis quanto se estivessem mortos.

O fim súbito da tempestade quebrou o feitiço. Aliena percebeu que podia ver pelas janelas da capela pequenas manchas cinzentas onde antes só havia um vazio em movimento ininterrupto. Richard se levantou e foi até a porta. Ela o observou, incomodada com a perturbação. Queria ficar sentada ali, encostada naquela parede, até morrer congelada ou de fome, pois não conseguia pensar em nada mais atraente do que se deixar levar pela definitiva inconsciência. Seu irmão então abriu a porta e a débil luz da aurora iluminou seu rosto.

O choque tirou Aliena do transe. Richard estava quase irreconhecível. O rosto inchado estava deformado, coberto de sangue seco e hematomas. Aquilo a fez querer chorar. Richard sempre fora dado a demonstrações inúteis de valentia. Quando era pequeno, corria pelo castelo montado em um cavalo imaginário e fingia espetar as pessoas com uma lança também imaginária. Os cavaleiros do pai sempre o incentivavam, fingindo ter medo da sua espada de madeira. Na verdade, Richard se assustava até com um simples rosnado de gato. Na noite anterior, contudo, dera o melhor de si e levava uma baita surra por isso. Agora ela teria de cuidar dele.

Bem devagar, levantou-se. Seu corpo doía, mas não tanto quanto na véspera. Pensou no que poderia estar acontecendo dentro da torre. William e o lacaios deviam ter acabado a jarra de vinho em algum momento da noite, em seguida pegado no sono. Provavelmente iriam acordar quando o sol nascesse.

Ela e Richard precisavam ir embora antes disso.

Cruzou a capela até o canto oposto, onde ficava o altar. Era uma caixa de madeira simples, pintada de branco, sem nenhum ornamento. Aliena se apoiou nela e então, com um tranco repentino, a empurrou.

– O que está fazendo? – perguntou Richard com uma voz assustada.

– Este era o esconderijo secreto do pai – respondeu ela. – Ele me contou antes de ir embora.

No chão, onde antes estivera o altar, havia agora uma trouxa de pano. Aliena a desembulhou e revelou uma espada grande, com bainha e cinto, e uma adaga de aspecto ameaçador com 30 centímetros de comprimento.

Richard chegou mais perto para olhar. Tinha pouca habilidade com a

espada. Fazia um ano que vinha tendo aulas, mas ainda era desajeitado. Aliena, porém, não conseguiria manejá-la, de modo que a entregou ao irmão. Ele prendeu o cinto em volta da cintura.

Ela olhou para a adaga. Nunca tinha carregado uma arma. Durante toda a vida, sempre tivera alguém para protegê-la. Compreendeu que agora precisava daquela adaga letal para a própria proteção e sentiu-se totalmente abandonada. Não tinha certeza se um dia conseguiria usá-la. Já cravei uma lança de madeira em um porco selvagem, pensou. Por que não conseguiria enfiar isso em um homem... em alguém como William Hamleigh? Aquela ideia lhe causou repulsa.

A adaga tinha uma bainha de couro com um anel de couro para prender no cinto. O anel era grande o bastante para caber no pulso fino de Aliena como se fosse um bracelete. Ela o enfiou na mão esquerda e empurrou a adaga para dentro da manga. A adaga era comprida, passava do cotovelo. Mesmo que não conseguisse apunhalar, poderia assustar alguém.

– Vamos embora, rápido – falou Richard.

Aliena aquiesceu, mas, quando se encaminhava para a porta, parou. O dia estava clareando depressa e no chão da capela ela percebeu dois objetos indistintos que não havia notado antes. Examinou mais de perto e viu que eram selas, uma de tamanho normal, a outra realmente grande. Imaginou William e seu lacaios chegando ao castelo na noite anterior, exaltados pelo triunfo em Winchester e cansados da viagem, tirando as selas das montarias sem qualquer cuidado e jogando-as dentro da capela antes de seguirem apressados para a torre de menagem. Não imaginariam que alguém ousasse roubá-los. No desespero, porém, as pessoas encontravam coragem.

Aliena foi até a porta e olhou para fora. A luz estava clara, mas fraca, e não havia cor nenhuma. O vento tinha cessado e o céu não tinha uma nuvem sequer. Durante a noite, várias ripas de madeira haviam caído do telhado da capela. O pátio do castelo estava deserto com exceção dos dois cavalos que pastavam a grama molhada. Os animais levantaram a cabeça para Aliena, em seguida tornaram a baixá-las. Um deles era um cavalo de combate gigantesco, o que explicava a sela maior do que o normal. O outro era um garanhão tordilho, um pouco feio, mas sólido e compacto. Aliena observou os animais, depois as selas, depois novamente os animais.

– O que estamos esperando? – perguntou Richard, aflito.

Aliena se decidiu.

– Vamos levar os cavalos deles – falou, decidida.

Richard pareceu assustado.

– Eles vão nos matar.

– Não vão conseguir nos pegar. Se não levarmos os cavalos, talvez aí, sim, venham atrás de nós e nos matem.

– E se eles nos pegarem antes de conseguirmos ir embora?

– Por isso temos de ser rápidos. – Ela não estava tão confiante quanto soava, mas tinha de encorajar o irmão. – Vamos selar primeiro o corcel. Ele parece mais manso. Pegue a sela normal.

Ela atravessou o pátio depressa. Os dois cavalos estavam amarrados por cordas compridas às madeiras das construções consumidas pelo fogo. Aliena segurou o cabresto do corcel e puxou de leve. Devia ser o cavalo do lacaio, claro. Ela teria preferido um animal menor e mais quieto, mas concluiu que conseguiria manejar aquele ali. Richard teria de montar o cavalo de combate.

O corcel a olhou, desconfiado, e encolheu as orelhas para trás. Apesar da pressa e do desespero, ela se forçou a falar com calma com o cavalo e a puxar a corda devagar, e o animal se acalmou. Ela segurou sua cabeça e afagou seu focinho. Richard então passou a cabeça e empurrou o bridão para dentro de sua boca. Aliena ficou aliviada. Richard colocou a menor das duas selas sobre o lombo do cavalo e a prendeu com movimentos rápidos e seguros. Os dois irmãos tinham o costume de lidar com cavalos desde a mais tenra idade.

Uma bolsa pendia de cada lado da sela do lacaio. Aliena torceu para conterem algo útil, uma lasca de sílex, comida ou um pouco de cereal para os cavalos, mas agora não havia tempo para averiguar. Nervosa, olhou para o outro lado do pátio, em direção à ponte que conduzia à torre. Não havia ninguém lá.

O cavalo de combate tinha visto o corcel ser arreado e sabia que seria o próximo, mas não se mostrou disposto a cooperar com dois completos desconhecidos. Ele bufou e resistiu quando puxaram a corda.

– Shh! – sussurrou Aliena.

Ela segurou a corda com firmeza, sem parar de puxar, e o animal se aproximou relutante. Era um cavalo muito forte e, caso fizesse um esforço decidido para resistir, haveria problemas. Aliena se perguntou se o corcel

aguentaria os dois, ela e o irmão, mas nesse caso William poderia persegui-los com o cavalo de combate.

Quando o animal chegou perto, ela enrolou a corda no toco para impedi-lo de se afastar. Quando Richard tentou colocar o bridão, porém, o cavalo dobrou o pescoço e se esquivou.

– Tente pôr a sela primeiro – disse Aliena. Ficou falando com o cavalo e afagando seu pescoço musculoso enquanto Richard erguia a sela imensa e a prendia. O cavalo parecia começar a ceder. – Agora seja bonzinho – pediu ela com uma voz firme, mas o cavalo não se deixou enganar e sentiu o pânico logo abaixo da superfície. Richard se aproximou com o bridão e o animal resfolegou e tentou se afastar. – Tenho uma coisa para você – falou Aliena, e levou a mão até o bolso vazio da capa. O cavalo acreditou. Ela tirou do bolso um punhado de nada, mas ele abaixou a cabeça e farejou sua mão à procura de comida. Ela sentiu na palma a textura áspera de sua língua. Enquanto ele estava com a cabeça abaixada e a boca aberta, Richard colocou o bridão.

Aliena deu outra olhada temerosa em direção à torre. Estava tudo quieto.

– Monte – falou para o irmão.

Richard pôs um dos pés no estribo alto, não sem dificuldade, e pulou para cima do imenso cavalo. Aliena desamarrou a corda do toco.

O cavalo relinchou alto.

O coração de Aliena disparou. Aquele som devia ter chegado até a torre. Um homem como William reconheceria o relincho do próprio cavalo, principalmente um tão caro quanto aquele, e era provável que tivesse acordado.

Ela foi depressa desamarar o outro cavalo. Seus dedos frios tiveram dificuldade para desfazer o nó. Pensar que William talvez tivesse acabado de acordar a fizera perder a coragem. Ele iria abrir os olhos, sentar, olhar em volta, lembrar onde estava e se perguntar por que seu cavalo tinha relinchado. Com certeza iria aparecer. Ela sentiu que não seria capaz de olhá-lo outra vez. Todo o horror daquela coisa vergonhosa, brutal e dolorosa que ele tinha feito a ela voltou à sua mente.

– Vamos logo, Allie! – disse Richard, com urgência.

Seu cavalo agora estava impaciente. Estava difícil mantê-lo parado. Precisava fazê-lo galopar por uns 2 ou 3 quilômetros para cansá-lo, e então

ele ficaria mais obediente. O animal relinchou outra vez e começou a andar de lado.

Por fim, Aliena conseguiu desfazer o nó. Sentiu-se tentada a abandonar a corda, mas não teria como amarrar o cavalo outra vez, então a enrolou às pressas e prendeu-a na sela. Precisava ajustar os estribos, que estavam na altura certa para as pernas do lacaios de William, um homem bem mais alto do que ela, portanto baixos demais para ela montar. Mas imaginou William descendo a escada, atravessando o salão, saindo para o pátio...

– Não vou conseguir segurar este bicho por muito tempo – avisou Richard, tenso.

Aliena estava tão nervosa quanto o cavalo de combate. Subiu no garanhão. Sentiu uma dor bem lá dentro quando sentou na sela e teve de fazer um grande esforço para permanecer montada. Richard guiou seu cavalo em direção ao portão, e o de Aliena foi atrás sem que ela precisasse dar qualquer comando. Como ela previra, os estribos estavam fora do seu alcance e ela precisou se segurar com os joelhos. Quando estavam se afastando, ouviu um grito de algum lugar atrás deles.

– Ah, não – grunhiu bem alto.

Viu Richard tocar seu cavalo. O imenso animal começou a trotar, e o dela foi atrás. Ela ficou grata por ele sempre imitar o que o cavalo de combate fazia, pois não estava em condições de controlá-lo. Richard tornou a bater com o calcanhar no cavalo, que começou a ganhar velocidade quando eles passaram por baixo do arco do portão. Aliena ouviu outro grito, bem mais próximo. Olhou por cima do ombro e viu William e seu lacaios correndo pelo pátio em sua direção.

O cavalo de Richard estava nervoso e assim que viu o campo aberto à frente abaixou a cabeça e começou a galopar. Eles atravessaram a ponte levadiça de madeira a toda a velocidade. Aliena sentiu algo puxar sua coxa e, com o canto do olho, viu a mão de um homem tentar alcançar as tiras da sela. Um segundo depois, contudo, a mão sumiu, e ela soube que havia escapado. Um alívio a inundou, mas ela então tornou a sentir a mesma dor de antes. Enquanto o cavalo galopava pela campina, sentia-se sendo apunhalada por dentro, como quando o repulsivo William a havia penetrado, e algo morno escorreu por sua coxa. Ela soltou um pouco as rédeas do cavalo e fechou os olhos com força para resistir à dor. O horror da véspera lhe voltou à mente, porém, e ela viu tudo de novo por trás das

pálpebras fechadas. Enquanto os dois corriam pelo campo aberto, foi repetindo no mesmo ritmo das batidas dos cascos:

– Não posso *lembrar*, não posso *lembrar*, eu *não* posso, *não* posso, *não* posso.

Seu cavalo fez uma curva para a direita e ela sentiu que estavam subindo um leve aclive. Abriu os olhos e viu que Richard tinha saído da trilha de terra e pegara um caminho mais longo até a floresta. Decerto ele queria cansar bastante o cavalo de combate antes de permitir que diminuísse o andamento. Os animais ficariam mais dóceis depois de terem se esforçado. Em pouco tempo, sentiu sua montaria começar a perder energia. Recostou-se na sela. O cavalo passou para um meio-galope, depois para um trote, até por fim estabilizar-se num passo. A montaria de Richard, que ainda tinha energia para gastar, abriu distância.

Aliena olhou para os campos atrás de si. O castelo estava a quase 2 quilômetros de distância e ela não soube ao certo se podia ou não ver duas silhuetas em pé na ponte levadiça, olhando na sua direção. William e o laçao teriam de andar um bocado para encontrar outros cavalos, pensou. Sentiu que ficaria segura por um tempo.

Quando se aqueceram, suas mãos e seus pés começaram a formigar. O calor emanava do cavalo como de uma fogueira e a envolveu em um casulo de ar quente. Por fim, Richard deixou sua montaria diminuir o passo e se virou de novo para a irmã. O cavalo de combate agora mantinha-se no passo, ofegante. Entraram no meio das árvores. Como tinham vivido ali a maior parte de suas vidas, conheciam bem aquela floresta.

– Para onde estamos indo? – perguntou Richard.

Aliena franziu o cenho. Sim, para *onde* estavam indo? O que iriam fazer? Não tinham comida, nada para beber, nem dinheiro. Ela não tinha roupas com exceção da capa que vestia: não tinha túnica, camisa de baixo, chapéu, sapatos. Pretendia cuidar do irmão, mas como?

Via agora que passara os últimos três meses vivendo dentro de um sonho. Bem no fundo da mente, sabia que sua antiga vida havia terminado, mas se recusara a encarar o fato. William Hamleigh a fizera acordar. Não tinha a menor dúvida de que o que ele dizia era verdade: o rei Estêvão havia nomeado Percy Hamleigh conde de Shiring, mas devia haver algo mais. Talvez o rei tivesse previsto alguma compensação para ela e

Richard. Caso contrário, deveria ter feito isso, e eles com certeza poderiam recorrer a ele. Fosse como fosse, ela precisava ir a Winchester. Lá pelo menos poderiam descobrir o que havia acontecido com seu pai.

De repente, ela pensou: ah, pai, onde foi que tudo deu errado?

Desde a morte de sua mãe, o pai havia cuidado dela de um modo especial. Ela sabia que ele lhe dava mais atenção do que outros pais davam às filhas. Ele se sentia mal por não ter se casado de novo e lhe dado uma nova mãe. Havia explicado que era mais feliz com a lembrança da esposa do que jamais poderia ser com uma substituta. De toda forma, Aliena nunca quisera outra mãe. O pai havia cuidado dela e ela havia cuidado de Richard, e dessa maneira nenhum mal poderia acontecer a nenhum dos três.

Esses dias estavam perdidos para sempre.

– Para onde estamos indo? – tornou a perguntar seu irmão.

– Para Winchester – respondeu ela. – Vamos falar com o rei.

Richard se animou.

– Isso! E quando contarmos o que William e seu laçao fizeram ontem à noite, o rei com certeza vai...

Imediatamente, Aliena foi possuída por uma raiva incontrolável.

– Cale essa boca! – berrou. Os cavalos se sobressaltaram. Ela puxou as rédeas com violência. – Nunca diga isso! – Sufocada de fúria, ela mal conseguia deixar as palavras saírem. – Nós não vamos contar a ninguém o que eles fizeram... a ninguém! Nunca! Nunca! Nunca!



As bolsas do laçao continham um pedaço grande de queijo duro, um resto de vinho dentro de um cantil de couro, uma lasca de sílex e um pouco de material para fogueira, e mais ou menos um quilo de cereais que Aliena supôs ser para os cavalos. Ao meio-dia, ela e Richard comeram o queijo e beberam o vinho enquanto os cavalos pastavam a grama esparsa e as sempre-vivas e bebiam a água de um regato limpo. Ela havia parado de sangrar e sentia a metade inferior do tronco anestesiada.

Eles tinham visto outros viajantes, mas Aliena instruíra o irmão a não falar com ninguém. Para um observador casual, os dois formavam um

casal muito vistoso, em especial Richard, montado em seu imenso cavalo e com a espada no cinto. Mas bastariam alguns instantes de conversa para ficar claro que eram duas crianças sem ninguém para protegê-las, o que os deixaria vulneráveis. Era melhor, portanto, manterem distância das pessoas.

Quando o crepúsculo começou a cair, procuraram um lugar para passar a noite. Encontraram uma clareira perto de um regato, a uns 100 metros da estrada. Aliena deu um pouco de cereal aos cavalos enquanto Richard acendia uma fogueira. Se tivessem uma panela, poderiam preparar mingau com aqueles grãos. Teriam, no entanto, de se contentar em mascá-los crus, a menos que conseguissem catar umas castanhas e assá-las no fogo.

Enquanto Aliena refletia sobre isso e Richard estava longe recolhendo lenha, uma voz grave bem próxima a assustou.

– E você, mocinha, quem seria?

Ela gritou. O cavalo recuou, amedrontado. Aliena se virou e viu um homem sujo e barbado, todo vestido de couro marrom. Ele deu um passo na sua direção.

– Fique longe de mim! – berrou ela num tom agudo.

– Não precisa ter medo – disse ele.

Com o canto do olho, ela viu Richard aparecer na clareira por trás do desconhecido, com os braços cheios de lenha, e ficar olhando para a cena. Saque a espada!, pensou Aliena, mas seu irmão pelo visto estava assustado e hesitante demais para fazer qualquer coisa. Deu um passo para trás, tentando posicionar o cavalo entre ela e o desconhecido.

– Não temos dinheiro – disse ela. – Não temos nada.

– Eu sou o guarda-florestal real – rebateu o homem.

Aliena quase desmaiou de alívio. O guarda-florestal real era um funcionário do reino pago para fazer valer as leis da floresta.

– Por que não disse logo, seu tolo? – falou, brava por ter sido amedrontada. – Pensei que fosse um fora da lei!

O homem pareceu levar um susto e ficar um pouco ofendido, como se ela tivesse dito uma grosseria, mas tudo o que respondeu foi:

– A senhora deve ser nobre.

– Sou a filha do conde de Shiring.

– E o rapaz deve ser o filho do conde – disse o guarda, embora não tivesse dado mostras de ter visto Richard.

O garoto então deu um passo à frente e largou a lenha no chão.

– Isso mesmo – falou Richard. – Qual é o seu nome?

– Brian. Vocês pretendem passar a noite aqui?

– Sim.

– Sozinhos?

– Sim.

Aliena sabia que o guarda estava se perguntando por que eles não tinham escolta, mas não iria lhe contar o que tinha acontecido.

– E não têm dinheiro, a senhora disse.

Aliena franziu o cenho.

– Está duvidando de mim?

– Ah, não. Pelos seus modos, posso ver que a senhora é nobre. – Havia um quê de ironia na voz dele? – Se estiverem sozinhos e sem dinheiro, talvez prefiram passar a noite na minha casa. Não fica longe daqui.

Aliena não tinha a menor intenção de ficar à mercê daquele indivíduo rude. Estava a ponto de recusar quando ele tornou a falar:

– Minha esposa terá prazer em lhes servir o jantar. E eu tenho um barracão aquecido onde vocês poderiam pernoitar se preferirem dormir sozinhos.

A esposa fazia diferença. Sentia-se mais segura ao saber que receberia a hospitalidade de uma família respeitável. Mesmo assim, hesitou. Então pensou em uma lareira, uma tigela de sopa quente, uma caneca de vinho e uma cama de palha com um teto para cobri-la.

– Ficaremos gratos – disse ela. – Não temos nada para lhe dar... Eu disse a verdade, estamos sem dinheiro, mas um dia voltaremos para recompensá-lo.

– Isso basta – respondeu o guarda-florestal.

Foi até a fogueira e a apagou com um chute.

Aliena e Richard ainda não tinham desarreado os cavalos e montaram logo. O guarda se aproximou.

– Me passem as rédeas – disse ele. Sem ter certeza do que ele faria, Aliena obedeceu, e Richard a imitou. O homem partiu pela floresta conduzindo os cavalos. Aliena teria preferido segurar ela própria as rédeas, mas decidiu deixá-lo conduzir.

A casa ficava mais longe do que ele tinha dado a entender. Percorreram 5 ou 6 quilômetros e já havia anoitecido quando chegaram a uma pequena

casa de madeira com telhado de colmo na beira de um campo. Uma luz brilhava por entre as venezianas e um cheiro de comida pairava no ar, e Aliena apeou com um sentimento de gratidão.

A mulher do guarda-florestal ouviu os cavalos e veio até a porta.

– Um jovem senhor e uma senhora, sozinhos na floresta – disse o marido. – Dê algo para eles beberem. – Virou-se para Aliena. – Entrem. Vou cuidar dos cavalos.

Aliena não gostou do tom peremptório do guarda-florestal – teria preferido dar as instruções ela mesma. Como não queria desarrear o próprio cavalo, porém, entrou. Richard foi atrás. A casa estava malcheirosa e cheia de fumaça, mas quente. Em um dos cantos havia uma vaca amarrada. Aliena ficou grata por haver um celeiro, pois nunca tinha dormido com animais. Uma panela borbulhava no fogo. Eles se sentaram em um banco e a mulher entregou uma tigela de sopa a cada um. Tinha gosto de carne de caça. A mulher ficou chocada ao ver o rosto de Richard à luz.

– O que houve com você? – perguntou.

Richard abriu a boca para responder, mas Aliena o impediu.

– Tivemos uma série de infortúnios – disse ela. – Estamos indo falar com o rei.

– Entendo – retrucou a mulher.

Era baixa e tinha a pele morena e um olhar desconfiado. Não insistiu nas perguntas.

Aliena tomou a sopa depressa e quis mais. Estendeu a tigela, mas a mulher virou a cara. Aliena não entendeu. Ela não entendeu o que Aliena queria? Ou será que não tinha mais sopa? Estava prestes a lhe falar de maneira brusca quando o guarda-florestal entrou.

– Vou mostrar o celeiro, onde vocês podem dormir – disse ele. Pegou um lampião em um gancho ao lado da porta. – Venham comigo.

Os dois irmãos se levantaram.

– Preciso de mais uma coisa – disse Aliena à mulher. – A senhora teria um vestido velho para me dar? Estou sem nada por baixo desta capa.

Por algum motivo, a mulher pareceu irritada.

– Vou ver o que consigo arrumar – resmungou ela.

Aliena foi até a porta. O guarda a fitava com um estranho, como se, caso olhasse bem, fosse capaz de ver através do tecido da capa.

– Vá na frente! – ordenou ela, ríspida.

Ele se virou e saiu pela porta.

Conduziu-os em volta da casa até os fundos, e então atravessaram uma horta. A luz oscilante do lampião revelou uma pequena estrutura de madeira, mais um galpão do que um celeiro. Ele abriu a porta, que bateu em um barril que armazenava a chuva que descia pelo telhado.

– Deem uma olhada – disse ele. – Vejam se serve.

Richard foi o primeiro a entrar.

– Traga a luz, Allie – pediu ele.

Aliena se virou para pegar o lampião da mão do guarda. Nesse momento, ele lhe deu um forte empurrão. Ela caiu de lado, na direção da porta, e foi parar dentro do celeiro, empurrando o irmão consigo. Os dois se embolaram no chão. Tudo ficou escuro e a porta se fechou com força. Ouviu-se um barulho estranho do outro lado, como o de algo pesado sendo posto em frente à porta.

Aliena não conseguiu acreditar no que ocorrera.

– O que está acontecendo, Allie? – choramingou Richard.

Ela se sentou. Aquele homem era mesmo um guarda-florestal ou seria um fora da lei? Não devia ser um fora da lei, com uma casa tão sólida. Mas, se fosse mesmo um guarda, por que os havia trancado? Eles por acaso tinham desrespeitado alguma lei? Ele teria adivinhado que os cavalos não eram deles? Ou será que ele tinha alguma intenção torpe?

– Allie, por que ele fez isso? – insistiu Richard.

– Não sei – respondeu ela, cansada. Não tinha mais energia para se irritar. Levantou-se e tentou empurrar a porta, que não se moveu. Supôs que o guarda a tivesse escorado com o barril d’água. No escuro, bateu as paredes do celeiro. Conseguiu alcançar as partes mais baixas do telhado. O galpão era construído de maneira cuidadosa, com peças de madeira encostadas umas nas outras. Era a prisão do guarda-florestal, onde ele mantinha os criminosos antes de levá-los até o representante do rei. – Não podemos sair – concluiu ela.

Sentou-se. O chão estava seco e coberto de palha.

– Estamos presos aqui até ele nos deixar sair – disse ela, resignada.

Richard sentou-se ao seu lado. Depois de algum tempo, eles se deitaram de costas um para o outro. Aliena se sentia machucada, assustada e tensa demais para dormir, mas também estava exausta, e em poucos

segundos pegou em um sono reparador.



Acordou com a porta se abrindo e a luz do dia batendo no seu rosto. Sentou-se imediatamente, amedrontada, sem saber onde estava nem por que estava dormindo no chão duro. Então se lembrou e sentiu ainda mais medo: o que o guarda-florestal iria fazer com eles? Porém não foi o guarda que entrou, mas sim sua esposa baixa e morena, e, embora o seu semblante estivesse tão duro e fechado como na noite anterior, ela vinha trazendo um pedaço de pão e dois copos.

Richard também se sentou. Os dois olharam para a mulher com desconfiança. Ela não disse nada, apenas entregou uma caneca a cada um, depois partiu o pão em dois. De repente, Aliena se deu conta de que estava faminta. Molhou o pão na cerveja e começou a comer.

A mulher ficou parada na porta, observando-os enquanto eles terminavam o pão e a cerveja. Então entregou a Aliena o que parecia um pedaço dobrado de tecido gasto e amarelado. Ela o desdobrou. Era um vestido velho.

– Vista isso e suma daqui – disse a mulher.

O misto de gentileza e grosseria intrigou Aliena, mas ela não hesitou em pegar o vestido. Virou-se de costas, despiu a capa, passou a roupa rapidamente por cima da cabeça e tornou a vestir a capa.

Sentiu-se melhor.

A mulher lhe estendeu um par de tamancos de madeira gastos, grandes demais para ela.

– Não consigo cavalgar de tamancos – disse Aliena.

A mulher deu uma risada cruel.

– Você não vai cavalgar.

– Por que não?

– Ele levou seus cavalos.

Aliena sentiu o coração pesar. Como era injusto que tivessem ainda mais má sorte!

– Para onde?

– Ele não me conta essas coisas, mas imagino que deva ter ido para

Shiring. Vai vender os animais, depois descobrir quem vocês são e se podem render mais alguma coisa além do preço dos cavalos.

– Então por que está nos deixando ir embora?

A mulher a olhou de cima a baixo.

– Porque não gostei do jeito como ele olhou para você quando disse que estava nua por baixo da capa. Talvez você não entenda isso agora, mas vai entender quando se casar.

Aliena já entendia, porém não disse nada.

– Ele não vai matá-la quando descobrir que nos deixou partir? – perguntou Richard.

A mulher deu um sorriso cínico.

– Ele não me assusta tanto quanto aos outros. Agora vão embora.

Eles saíram. Aliena entendeu que aquela mulher tinha aprendido a viver com um homem bruto e inclemente e conseguido até preservar um mínimo de decência e compaixão.

– Obrigada pelo vestido – falou, sem graça.

A mulher não queria seu agradecimento.

– Winchester fica naquela direção – disse ela, apontando para a trilha.

Eles foram embora e não olharam para trás.

Aliena nunca tinha calçado tamancos – pessoas da sua classe sempre usavam botas ou sandálias de couro – e achou-os toscos e desconfortáveis. No chão frio, contudo, aquilo era melhor do que nada.

– Allie, por que essas coisas estão acontecendo conosco? – perguntou Richard quando não conseguiram mais ver a casa do guarda-florestal.

A pergunta deixou Aliena arrasada. Todo mundo estava sendo cruel com eles. As pessoas podiam surrá-los e roubá-los como se eles fossem cavalos ou cães. Não havia ninguém para protegê-los. Fomos ingênuos demais, pensou. Eles haviam passado três meses morando no castelo sem nem ao menos trancar as portas. Decidiu não confiar em ninguém dali para a frente. Nunca mais deixaria que alguém segurasse as rédeas do seu cavalo, mesmo que para isso precisasse ser grosseira. Nunca mais deixaria ninguém ficar atrás dela como o guarda-florestal tinha ficado na noite anterior, quando a empurrou para dentro do celeiro. Nunca aceitaria a hospitalidade de um desconhecido, nunca deixaria a porta destrancada à noite, nunca aceitaria uma gentileza sem desconfiar.

– Vamos apressar o passo – disse para Richard. – Quem sabe

conseguimos chegar a Winchester antes de anoitecer.

Foram seguindo a trilha até a clareira onde haviam encontrado o guarda. Os resquícios da fogueira ainda estavam ali. Foi fácil achar a estrada para Winchester. Já haviam estado lá muitas vezes e conheciam o caminho. Uma vez na estrada, puderam andar mais depressa. O gelo havia endurecido a lama desde o temporal duas noites antes.

O rosto de Richard estava voltando ao normal. Na véspera, ele o lavara em um regato frio na floresta e a maior parte do sangue seco tinha saído. Onde antes ficava o lóbulo da sua orelha direita havia agora uma casca feia. A boca estava inchada, mas o resto do rosto havia retornado ao tamanho normal. No entanto, ele ainda exibia fortes hematomas, cuja cor viva lhe dava uma aparência um tanto assustadora. Mas aquilo tudo passaria.

Aliena sentia falta do calor do cavalo debaixo dela. Embora seu corpo estivesse aquecido pelo esforço de andar, as mãos e os pés doíam de frio. A temperatura permaneceu baixa a manhã inteira e ao meio-dia subiu um pouco. A essa altura, ela já estava com fome. Lembrou que, na véspera, pensara que não se importava se um dia tornaria a se aquecer ou se alimentar, mas não quis pensar no assunto.

Sempre que ouviam cavalos ou viam pessoas ao longe, corriam para o meio da mata e ficavam escondidos até os outros viajantes passarem. Atravessavam os povoados às pressas, sem falar com ninguém. Richard quis mendigar comida, mas a irmã não deixou.

No meio da tarde, estavam a poucos quilômetros de seu destino, sem que ninguém os houvesse incomodado. Aliena estava pensando que, no fim das contas, não era tão difícil assim evitar problemas. Foi então que, em um trecho particularmente deserto da estrada, um homem de repente pulou do meio dos arbustos e se postou na sua frente.

Não tiveram tempo de se esconder.

– Continue andando – disse Aliena para Richard, mas o homem se moveu para bloquear seu caminho e eles tiveram de parar.

Aliena olhou para trás, pensando em correr naquela direção, mas outro sujeito havia se materializado da floresta e estava postado a 10 ou 15 metros de distância, impedindo a fuga.

– O que temos aqui? – indagou o da frente em voz alta.

Era um homem gordo, de cara vermelha, com uma grande barriga

estufada e uma barba imunda emaranhada, e segurava um pesado porrete. Tinha quase certeza de que era um fora da lei. Pela sua expressão, Aliena pôde ver que era o tipo de homem que não hesitaria em cometer uma violência e seu coração se encheu de medo.

– Deixe-nos em paz – disse em tom de súplica. – Não temos nada para vocês roubarem.

– Não tenho tanta certeza – retrucou o homem. Deu um passo em direção a Richard. – Isso aí me parece uma boa espada, deve valer alguns xelins.

– Ela é minha! – protestou Richard, mas parecia apenas uma criança assustada.

Não adianta, pensou Aliena. Somos impotentes. Eu sou mulher e ele é um menino, as pessoas podem fazer o que quiserem conosco.

Com um movimento surpreendentemente ágil, o homem gordo de repente ergueu o porrete e acertou Richard. O garoto tentou se esquivar. O fora da lei mirou a cabeça, mas atingiu o ombro. Ela era forte, e a pancada fez Richard cair no chão.

De repente, Aliena se enfureceu. Tinha sido maltratada injustamente, abusada de forma vil e roubada, estava com frio, com fome e longe de conseguir se controlar. Seu irmão mais novo tinha sido espancado quase até a morte menos de dois dias antes, e a visão de um homem o atingindo com um porrete a enlouqueceu. Ela perdeu qualquer noção de racionalidade ou cautela. Sem pensar, tirou a adaga da manga, voou para cima do fora da lei e enfiou a arma em sua grande barriga aos gritos.

– Deixe meu irmão em paz, seu cachorro!

Aquilo o pegou totalmente de surpresa. A capa do homem havia se aberto quando ele golpeou Richard e suas mãos continuavam ocupadas com o porrete. Ele foi pego desprevenido. Sem dúvida pensava que uma jovem aparentemente desarmada não constituía ameaça. A ponta da faca atravessou a lã de sua túnica e o linho da camisa de baixo e foi detida pela pele tesa do ventre. Aliena teve um lampejo de repulsa, um instante de puro horror ao pensar em romper pele humana e penetrar a carne de uma pessoa de verdade, mas o medo reforçou sua determinação e ela cravou a faca na pele até atingir os órgãos moles do abdome. Então ficou morta de medo de não matá-lo, de que ele talvez sobrevivesse para se vingar, e continuou cravando a longa adaga na barriga até o cabo.

De repente, aquele indivíduo assustador, arrogante e cruel virou um animal assustado e ferido. Deu um grito de dor, deixou cair o porrete e baixou os olhos para a faca espetada no ventre. Aliena entendeu no mesmo instante que ele sabia que o ferimento era mortal. Afastou a mão, horrorizada. O fora da lei cambaleou para trás. Ela lembrou que havia um segundo ladrão atrás dela e foi tomada pelo pânico: ele com certeza iria vingar de modo terrível a morte do cúmplice. Segurou o cabo da faca outra vez e puxou. O homem ferido havia começado a lhe virar as costas e ela teve de puxar de lado a adaga. Sentiu a lâmina rasgar as entranhas moles ao sair daquela barriga gorda. O sangue do homem esguichou na sua mão e ele gritou feito um animal e caiu no chão. Ela se voltou, com a faca ensanguentada em punho, e encarou o outro ladrão. Ao mesmo tempo, Richard se levantou cambaleando e sacou a espada.

O segundo ladrão olhou de um para outro, depois para o amigo agonizante, e sem perder tempo deu meia-volta e saiu correndo para dentro da mata.

Aliena o observou fugir, incrédula. Eles o haviam assustado. Aquilo era difícil de absorver.

Olhou para o homem caído no chão. Ele estava deitado de costas, com as entranhas escapando pelo grande rasgo no ventre. Tinha os olhos bem abertos e o rosto contorcido de dor e medo.

Aliena não sentiu qualquer alívio, nem orgulho por ter defendido a si e ao irmão de homens cruéis. Aquela cena horrenda lhe causada nojo e repugnância.

Richard não teve a mesma reserva.

– Você o apunhalou, Allie! – disse, numa voz que era um misto de empolgação e histeria. – Acabou com eles!

Aliena olhou para o irmão. Ele precisava aprender uma lição.

– Mate-o – ordenou.

Richard a encarou.

– O quê?

– Mate-o – repetiu ela. – Poupe-o do sofrimento. Acabe com ele!

– Por que eu?

Ela tornou a voz propositalmente dura.

– Porque você se comporta como uma criança e eu preciso que você seja um homem. Porque nunca fez nada com uma espada a não ser brincar

de guerra e tem que começar com alguma coisa. Qual é o seu problema? Está com medo de quê? Ele já está morrendo mesmo. Não pode machucar você. Use a espada. Treine um pouco. Mate-o!

Richard segurou a espada com as duas mãos e pareceu indeciso.

– Como?

O homem tornou a gritar.

– Sei lá como! – berrou ela com o irmão. – Corte a cabeça dele ou atinja o coração! Qualquer coisa! Só o faça calar a boca!

Richard pareceu acuado. Levantou a espada e tornou a baixá-la.

– Se não fizer isso, eu juro por todos os santos que vou deixar você sozinho – ameaçou Aliena. – Vou acordar de noite e ir embora e quando você se levantar de manhã não vou mais estar lá. Agora mate o homem!

Richard tornou a erguer a espada. Então algo incrível aconteceu: o homem agonizante parou de gritar e tentou se levantar. Rolou para um dos lados e se ergueu sobre um dos cotovelos. Richard deu um berro que foi meio urro de medo, meio grito de batalha, e baixou a espada com força sobre o pescoço exposto do fora da lei. A arma era pesada e a lâmina afiada, e o golpe penetrou até mais da metade do pescoço gordo. O sangue esguichou como de uma fonte, a cabeça pendeu para um dos lados de forma grotesca e o corpo desabou no chão.

Aliena e Richard ficaram encarando o morto. No ar frio do inverno, subia um vapor do sangue quente. Estavam ambos pasmos com o que tinham feito. De repente, Aliena quis ir embora dali. Começou a correr, seguida pelo irmão.

Ela parou quando não tinha mais forças para correr, e foi então que percebeu que estava soluçando. Foi andando devagar, sem se importar mais que o irmão visse suas lágrimas. De todo modo, ele não pareceu se afetar.

Aos poucos, Aliena se acalmou. Os tamancos de madeira a machucavam. Parou para tirá-los e recomeçou a andar descalça, levando os calçados na mão. Dali a pouco chegariam a Winchester.

– Nós somos dois idiotas – disse Richard depois de algum tempo.

– Por quê?

– Aquele homem. Nós simplesmente o deixamos lá. Deveríamos ter pegado as botas dele.

Aliena parou e encarou o irmão com uma expressão horrorizada.

Ele a encarou de volta, deu uma risadinha e indagou:
– Não tem nada de errado nisso, tem?

II

Ao entrar em Winchester pelo portão oeste e pegar a High Street ao cair da noite, Aliena começou a se sentir esperançosa outra vez. Na floresta, tivera a sensação de que poderia ser assassinada sem que ninguém jamais soubesse o que havia acontecido, mas agora estava de volta à civilização. É claro que a cidade era cheia de ladrões e assassinos, porém eles não podiam cometer seus crimes impunemente em plena luz do dia. Na cidade havia leis e quem as violava era banido, mutilado ou enforcado.

Lembrou-se de ter percorrido aquela rua com o pai havia mais ou menos um ano. Estavam os dois a cavalo, claro: ele em um corcel alazão muito indócil, ela em um lindo palafrém tordilho. As pessoas abriam caminho quando eles passavam pelas ruas largas. Tinham uma casa no sul da cidade e foram recebidos por oito ou dez criados. A casa tinha sido limpa, havia palha fresca no chão e todas as lareiras estavam acesas. Todos os dias da estadia, Aliena havia usado roupas lindas: linho da melhor qualidade, seda e lã macia, tingidos em cores esplêndidas; botas e cintos de couro de novilho; broches e pulseiras cravejados de pedras preciosas. Sua tarefa era garantir que quem viesse falar com o conde fosse bem-recebido: carne e vinho para os ricos, pão e cerveja para os mais pobres, um sorriso e um lugar junto ao fogo para todos. Seu pai era meticuloso com relação à hospitalidade, mas não tinha muito talento para praticá-la ele próprio: as pessoas o consideravam frio, distante, insensível até. Aliena preenchia essa lacuna.

Todos respeitavam seu pai e os homens de maior prestígio iam visitá-lo: o bispo, o prior, o representante do rei, o chanceler e os nobres da corte. Ela se perguntou quantas dessas pessoas a reconheceriam agora, caminhando descalça pelo barro e pela sujeira daquela mesma High Street. Isso não afetou seu otimismo. O importante era que ela não se sentia mais uma vítima. Estava de volta a um mundo onde havia regras e leis e tinha a chance de reassumir o controle da sua vida.

Eles passaram em frente à sua casa, que estava fechada e trancada. Os Hamleighs ainda não haviam se apossado dela. Por um instante, Aliena se sentiu inclinada a tentar entrar. Essa casa é minha!, pensou. Mas não era, claro, e a ideia de passar a noite lá a fez lembrar o modo como tinha vivido no castelo, de olhos fechados para a realidade. Decidida, ela seguiu em frente.

O outro lado bom de estar na cidade era que lá havia um mosteiro. Os monges sempre cediam uma cama a qualquer um que pedisse. Nessa noite, ela e Richard dormiriam debaixo de um teto, seguros e secos.

Chegaram à catedral e entraram no adro. Diante de uma mesa apoiada em cavaletes, dois monges distribuíam pão preto e cerveja para cem pessoas ou mais. Jamais ocorrera a Aliena que haveria tanta gente suplicando a hospitalidade dos monges. Ela e Richard entraram na fila. Incrível, pensou, como pessoas que em geral se acotovelariam e se empurrariam para conseguir comida de graça conseguiam ficar calmas, em uma fila ordenada, só porque um monge mandava.

Os dois pegaram o jantar e o levaram para a casa de hóspedes, uma grande construção de madeira parecida com um celeiro, sem móvel nenhum, debilmente iluminada por lamparinas e com um forte cheiro da multidão que se aglomerava ali. Sentaram-se para comer no chão coberto de juncos já não muito frescos. Aliena se perguntou se deveria revelar aos monges quem era. O prior talvez se lembrasse dela. Em um priorado grande assim, naturalmente haveria uma casa de hóspedes mais refinada para visitantes de alta estirpe. Percebeu que relutava em se apresentar. Talvez tivesse medo de ser rechaçada, mas também temia estar novamente sob o poder de alguém, e, embora não tivesse nada a temer de um prior, se sentia mais à vontade permanecendo anônima, não se fazendo notar.

Os outros hóspedes eram quase todos peregrinos, alguns artesãos itinerantes identificáveis pelas ferramentas que carregavam, ou então mascates, que iam de povoado em povoado vendendo coisas que os camponeses não eram capazes de fabricar: alfinetes, facas, panelas, especiarias. Alguns estavam acompanhados pelas esposas e filhos. As crianças, ruidosas e animadas, corriam de um lado para outro, brigando e se jogando no chão. De vez em quando, uma delas trombava com um adulto, levava um tapa na cabeça e desatava a chorar. Algumas não tinham aprendido direito como fazer suas necessidades e Aliena viu várias delas

urinando nos juncos do chão. Aquilo certamente não tinha importância em uma casa onde os animais dormiam no mesmo cômodo que as pessoas, mas em um salão lotado era bastante nojento. Eles todos terão de dormir em cima desses juncos mais tarde, pensou ela.

Teve a sensação de que as pessoas a olhavam como se soubessem que ela havia sido deflorada. Era ridículo, claro, mas a sensação não ia embora. Não parava de verificar se estava sangrando – não estava. No entanto, sempre que se virava, pegava alguém encarando-a com um olhar duro e penetrante. Quando ela encarava de volta, a pessoa desviava os olhos, mas pouco depois ela surpreendia outra fazendo a mesma coisa. Repetiu para si mesma que aquilo era uma bobagem, que ninguém sabia de nada, que estavam apenas observando com curiosidade o galpão lotado. De todo modo, não havia nada para ver: seu aspecto era igual ao de todos os outros, e ela estava tão suja, tão malvestida e tão cansada quanto eles. Mas a sensação perdurou e, contra sua própria vontade, ficou zangada. Um homem em particular, um peregrino de meia-idade com uma família numerosa, não parava de fitá-la. Por fim, ela perdeu a paciência.

– Está olhando o quê? – berrou. – Pare de me encarar!

O homem ficou constrangido e desviou os olhos sem responder.

– Allie, por que você fez isso? – indagou Richard em voz baixa.

Ela o mandou calar a boca, e ele obedeceu.

Os monges apareceram para levar as lamparinas embora logo depois do jantar. Gostavam que os hóspedes dormissem cedo, o que os mantinha longe das tabernas e dos bordéis da cidade à noite e pela manhã tornava mais fácil fazê-los ir embora logo. Vários homens solteiros se retiraram quando as luzes foram levadas embora, sem dúvida a caminho das casas de prazer, mas a maioria das pessoas se encolheu no chão enrolada em sua capa.

Já fazia muitos anos que Aliena não dormia em um lugar como aquele. Quando criança, sempre invejava as pessoas do andar de baixo, deitadas lado a lado em frente à lareira que se apagava, em um cômodo tomado pela fumaça e pelo cheiro da comida, com os cães a vigiá-las: havia no salão um sentimento de proximidade que não existia nos aposentos espaçosos e vazios da família do conde. Naquele tempo, ela às vezes saía da própria cama e descia a escada na ponta dos pés para dormir com uma de suas criadas preferidas, Madge Laundry ou a velha Joan.

Adormeceu sentindo o cheiro da sua infância e sonhou com a mãe. Em geral tinha dificuldade para se lembrar de como ela era, mas no sonho, para sua surpresa, viu o rosto dela com clareza, com todos os detalhes: os traços miúdos, o sorriso tímido, o corpo delicado, o olhar ansioso. Viu o modo de andar da mãe, inclinada de leve para um dos lados como se estivesse sempre tentando se aproximar da parede, com o braço oposto um pouco esticado para se equilibrar. Pôde ouvir sua risada, aquele contralto surpreendentemente encorpado, sempre pronto para cantar ou rir, mas em geral com medo de fazê-lo. No sonho, soube algo que nunca tinha ficado claro para ela quando acordada: seu pai assustara tanto sua mãe, sufocara tanto sua alegria de viver, que ela havia secado e morrido como uma flor no estio. Tudo isso surgiu em sua mente como algo conhecido, algo que ela sempre soubera. Mas o mais chocante era que no sonho Aliena estava grávida. A mãe parecia feliz. As duas estavam sentadas juntas em um quarto e a barriga de Aliena estava tão grande que ela precisava afastar levemente as pernas e tinha as mãos cruzadas diante do ventre, na postura ancestral da futura mãe. Então William Hamleigh irrompeu quarto adentro empunhando a adaga comprida e Aliena soube que ele iria apunhalar sua barriga como ela havia apunhalado o fora da lei gordo na floresta, e gritou tão alto que acordou sentada. Então percebeu que William não estava ali e que ela nem havia gritado, o som fora apenas dentro da sua cabeça.

Depois do sonho, ficou acordada pensando se estaria mesmo grávida.

Não tinha pensado nisso antes, e a ideia agora a deixara aterrorizada. Como seria nojento parir o filho de William Hamleigh. O bebê podia nem ser dele – talvez fosse do lacaio. Talvez ela nunca soubesse. Como poderia amar essa criança? Toda vez que olhasse para ela iria se lembrar daquela noite terrível. Jurou ter o bebê em segredo e abandoná-lo no frio para morrer assim que nascesse, como faziam os camponeses que tinham filhos de mais. Com essa decisão tomada, tornou a pegar no sono.

Mal havia amanhecido quando os monges trouxeram o desjejum. O barulho despertou Aliena. A maioria dos outros hóspedes já estava acordada, pois fora se deitar muito cedo, mas ela continuara a dormir. Estava muito cansada.

O desjejum foi um mingau ralo, quente e salgado. Aliena e Richard comeram com vontade e desejaram ter pão para acompanhar. Aliena pensou no que diria ao rei Estêvão. Tinha certeza de que ele havia

simplesmente esquecido que o conde de Shiring tinha dois filhos. Assim que eles aparecessem para lembrar, não hesitaria em lhes conceder algo, concluiu. No entanto, caso o rei precisasse ser convencido, era bom que ela tivesse um argumento já preparado. Decidiu que não iria insistir na inocência do pai, pois isso sugeriria que o julgamento do rei tinha sido equivocado e ele se sentiria ofendido. Tampouco protestaria por Percy Hamleigh ter virado conde. Governantes detestavam ter suas decisões questionadas. “Para o bem ou para o mal, o assunto está resolvido”, diria seu pai. Não, Aliena diria apenas que ela e o irmão eram inocentes e pediria ao rei que lhes desse a propriedade de um cavaleiro, para que pudessem se sustentar de forma modesta e para que Richard pudesse se preparar para combater pelo rei dali a alguns anos. Uma pequena propriedade lhe permitiria cuidar do pai quando o rei o libertasse da prisão. Ele não constituía mais uma ameaça: não tinha título nem seguidores nem dinheiro. Aliena lembraria a Estêvão que seu pai servira com lealdade ao antigo rei, seu tio Henrique. Não insistiria, apenas seria firme, clara e simples, mas humilde.

Após o desjejum, perguntou a um monge onde poderia lavar o rosto. Ele pareceu se espantar. Pelo visto, era um pedido incomum. Mas os monges prezavam a limpeza, e ele lhe mostrou um cano aberto pelo qual a água fria entrava no terreno do priorado e lhe alertou para não se lavar de modo “indecente”, segundo suas palavras, para que um dos irmãos não a visse por acidente e maculasse assim a própria alma. Monges faziam muitas coisas boas, mas suas atitudes podiam ser irritantes.

Após limparem do rosto a sujeira da estrada, ela e Richard saíram do priorado e subiram o morro pela High Street até o castelo, que ficava ao lado do portão oeste. Chegando cedo, Aliena torcia para conseguir fazer amizade ou seduzir quem quer que estivesse encarregado de receber os solicitantes, e assim garantir que não fosse esquecida na multidão de gente importante que chegaria depois. Dentro dos muros do castelo, porém, tudo estava ainda mais calmo do que ela esperava. Será que o rei Estêvão já havia passado tanto tempo ali que poucas pessoas precisavam falar com ele? Não soube ao certo quando ele teria chegado. Em geral, o rei passava a Quaresma inteira em Winchester, pensou, mas não teve certeza de quando a Quaresma havia começado, pois havia perdido a noção das datas durante o período em que vivera no castelo com Richard e Matthew, sem

padre nenhum.

Um guarda grandalhão de barba grisalha estava parado ao pé da escada da torre de menagem. Aliena tentou passar por ele, como havia feito quando estivera ali com o pai, mas o guarda baixou a lança para impedi-la de entrar. Ela o encarou com um ar altivo.

– Pois não? – disse ela.

– E aonde você pensa que vai, menina? – perguntou ele.

Com uma sensação de desânimo, ela percebeu que ele era o tipo de pessoa que gostava de ser guarda porque tinha a oportunidade de impedir que as pessoas fossem aonde quisessem.

– Viemos fazer uma solicitação ao rei – respondeu, indiferente. – Agora nos deixe passar.

– Você? – estranhou o guarda com um sorriso zombeteiro. – Usando um par de tamancos que faria vergonha à minha mulher? Suma daqui.

– Saia da minha frente, guarda – falou Aliena. – Qualquer cidadão tem o direito de fazer uma solicitação ao rei.

– Mas os mais pobres em geral não são tolos o bastante para tentar exercer esse direito...

– Nós não somos os mais pobres! – vociferou Aliena. – Eu sou filha do conde de Shiring e meu irmão também, então nos deixe passar ou vai acabar apodrecendo em uma masmorra.

O guarda pareceu um pouco menos cheio de si, mas continuou, em um tom de superioridade:

– Você não pode fazer solicitação nenhuma ao rei porque ele não está aqui. Está em Westminster, como deveria saber se é mesmo quem diz ser.

Aliena ficou estarrecida.

– Mas por que ele foi para lá? Deveria estar aqui para a Páscoa!

O guarda entendeu que ela não era uma criança de rua.

– A corte da Páscoa vai ser em Westminster. Parece que ele não vai fazer tudo exatamente como o antigo rei, e por que deveria?

Ele estava certo, claro, mas a ideia de que o novo rei fosse seguir planos diferentes jamais tinha ocorrido a Aliena, que era muito jovem para se lembrar de quando Henrique havia assumido o trono. O desespero a invadiu. Ela pensava ter tudo planejado, mas estava redondamente enganada. Sentiu-se tentada a desistir.

Balançou a cabeça para afastar aquela sensação de fracasso. Aquilo era

um contratempo, não uma derrota. Recorrer ao rei não era a única maneira de cuidar do irmão e de si mesma. Tinha ido até Winchester com dois objetivos, e o segundo era descobrir o que acontecera com o pai. Ele saberia qual deveria ser sua próxima atitude.

– Então quem está aqui? – indagou ao guarda. – Deve haver algum funcionário do rei. Eu só quero ver meu pai.

– Lá em cima tem um escrivão e um encarregado – respondeu o guarda. – Você disse que seu pai era o conde de Shiring?

– Sim. – Ela sentiu o coração parar de bater por um instante. – Você sabe alguma coisa sobre ele?

– Sei onde ele está.

– Onde?

– Na prisão, aqui mesmo no castelo.

Tão perto!

– Onde fica a prisão?

O guarda apontou com o polegar por cima do ombro.

– Descendo o morro, depois da capela, em frente ao portão principal. – Ter barrado a entrada dos irmãos na torre havia saciado a perversidade do guarda, que agora parecia disposto a se mostrar informativo. – É melhor você falar com o carcereiro. O nome dele é Odo e ele tem os bolsos bem fundos.

Aliena não entendeu o comentário sobre os bolsos fundos, mas estava agitada demais para pedir explicações. Até aquele instante, seu pai se encontrava em um lugar vago e distante chamado “prisão”, mas agora, de repente, sabia que estava bem ali naquele castelo. Esqueceu por completo a solicitação ao rei. Tudo o que queria era ver o pai. Pensar que ele estava tão perto, pronto para ajudá-la, a fez sentir com mais intensidade o perigo e a incerteza dos últimos meses. Queria correr para os seus braços e ouvi-lo dizer: “Está tudo bem agora. Vai dar tudo certo.”

A torre ficava em um aclave em um dos cantos do pátio. Aliena se virou e olhou para o resto do castelo, uma mixórdia de construções de pedra e madeira cercada por muros altos. Descendo o morro, indicara o guarda; depois da capela – ela viu uma edificação de pedra bem-acabada que parecia uma capela – e em frente ao portão. A entrada principal do castelo era um portão na muralha externa que permitia ao rei entrar sem ter de passar pela cidade. Em frente a ela, junto à muralha de trás que

separava castelo e cidade, havia uma pequena estrutura de pedra que podia ser a prisão.

Aliena e Richard desceram o morro depressa. Ela se perguntou como o pai estaria. Será que alimentavam os presos direito? Em Earls castle, os prisioneiros de seu pai sempre recebiam pão preto e sopa, mas ela ouvira dizer que em outros lugares eles às vezes eram maltratados. Esperava que o pai estivesse bem.

Com o coração na boca, atravessou o pátio do castelo. Era grande, mas abarrotado de edificações: cozinhas, estábulos, casernas. Havia duas capelas. Agora que sabia que o rei não estava, Aliena pôde ver sinais da sua ausência, enquanto se encaminhava distraída para a cadeia: porcos e ovelhas desgarrados vindos das áreas externas ao portão fuçando nas lixeiras, homens de armas ociosos sem nada para fazer a não ser lançar comentários insolentes para as mulheres que passavam, e uma espécie de jogo de azar em curso no pórtico de uma das capelas. Aquela atmosfera desleixada incomodou Aliena. Temeu que significasse que seu pai não estava recebendo os devidos cuidados. Começou a temer o que poderia encontrar.

A cadeia era uma construção de pedras meio abandonada que parecia ter sido antigamente a residência de um funcionário real, um chanceler ou um oficial, antes de começar a se deteriorar. O andar de cima, onde antes ficava o salão, estava totalmente em ruínas e havia perdido a maior parte do telhado. Apenas o depósito no térreo permanecia inteiro. Ali não havia janelas, somente uma porta de madeira grande cravejada de ferro. A porta estava levemente entreaberta. Enquanto Aliena hesitava do lado de fora, uma mulher atraente de meia-idade, usando uma capa de boa fazenda, passou por ela, abriu a porta e entrou. Aliena e Richard seguiram-na.

O interior mal iluminado recendia a poeira velha e putrefação. O depósito tinha sido um armazém aberto, mas depois fora dividido em pequenos compartimentos por paredes de entulho erguidas às pressas. Em algum lugar nas profundezas da edificação, um homem gemia de forma monótona, como um monge a entoar cânticos sozinho em uma igreja. Logo na entrada havia um pequeno vestíbulo, com uma cadeira, uma mesa e uma fogueira acesa bem no meio. Um homem grande, com cara de bobo e uma espada no cinto, varria o chão sem entusiasmo. Ergueu os olhos e cumprimentou a mulher atraente.

– Bom dia, Meg. – Ela lhe deu 1 *penny* e desapareceu na escuridão. O homem olhou para Aliena e Richard. – O que vocês querem?

– Vim ver meu pai – respondeu ela. – Ele é o conde de Shiring.

– Não é, não – disse o carcereiro. – Ele agora é só Bartholomew.

– Ao diabo com as suas distinções, carcereiro. Onde ele está?

– Quanto você tem?

– Não tenho dinheiro, então nem adianta pedir um suborno.

– Se não tiver dinheiro, não vai poder ver seu pai.

Ele voltou a varrer.

Aliena quis gritar. Estava a poucos metros do pai, mas não a deixavam vê-lo. O carcereiro era grande e estava armado. Não havia chance de desafiá-lo. Mas ela não tinha dinheiro. Havia pressentido que precisava de dinheiro ao ver a mulher, Meg, lhe dar 1 *penny*, mas talvez aquilo fosse o pagamento por algum privilégio especial. Pelo visto não: 1 *penny* devia ser o preço da entrada.

– Vou conseguir 1 *penny* e lhe trago assim que puder – disse ela. – Mas não poderia nos deixar vê-lo agora, só por alguns instantes?

– Antes consiga o *penny* – respondeu o carcereiro.

Então virou-se e seguiu varrendo.

Aliena segurava as lágrimas. Queria gritar algo na esperança de que o pai a escutasse, mas percebeu que uma mensagem truncada poderia deixá-lo assustado e desanimado: ela o deixaria ansioso e não lhe daria nenhuma informação. Dominada por uma impotência enlouquecedora, foi até a porta.

Quando estava quase saindo, virou-se.

– Como ele está? Só me diga isso, por favor. Ele está bem?

– Não, não está – falou o homem. – Ele está morrendo. Agora sumam daqui.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela passou pela porta cambaleando. Saiu, mas não via para onde estava indo e trombou com alguma coisa, uma ovelha ou um porco, e quase caiu. Começou a soluçar. Richard a segurou pelo braço e ela deixou que ele a guiasse. Os dois deixaram o castelo pelo portão principal, atravessaram os casebres dispersos e pequenos campos das regiões mais afastadas e acabaram indo dar em uma campina, onde sentaram-se em um toco de árvore.

– Detesto quando você chora, Allie – falou Richard, desconsolado.

Ela tentou se controlar. Havia localizado o pai, o que já era alguma coisa. Ficara sabendo que ele estava doente. O carcereiro era um homem cruel e provavelmente estava exagerando a gravidade da doença. Tudo o que ela precisava fazer era arrumar 1 *penny* e poderia conversar com o pai, vê-lo com os próprios olhos e perguntar a ele o que fazer, tanto por Richard quanto pelo próprio pai.

– Richard, como vamos conseguir 1 *penny*? – indagou.

– Não sei.

– Não temos nada para vender. Ninguém nos emprestaria dinheiro. Você não é forte o bastante para roubar...

– Poderíamos mendigar.

Era uma ideia. Um camponês de ar próspero vinha descendo o morro em direção ao castelo montado em um cavalo preto baixo e forte. Aliena se levantou de um pulo e correu até a estrada.

– O senhor poderia me dar 1 *penny*? – pediu, quando o camponês se aproximou.

– Dê o fora daqui – rosnou o homem, e fez o cavalo trotar.

Ela andou de volta até o toco de árvore.

– Os mendigos em geral pedem comida ou roupas velhas – disse, desanimada. – Nunca ouvi falar em ninguém que lhes desse dinheiro.

– Bom, então como as pessoas conseguem dinheiro? – perguntou Richard.

Era óbvio que a pergunta jamais lhe ocorrera.

– O rei ganha dinheiro com impostos – respondeu Aliena. – Os senhores recebem aluguéis. Os padres recolhem os dízimos. Os comerciantes têm algo para vender. Os artesãos recebem ordenados. Os camponeses não precisam de dinheiro porque têm plantações e gado.

– Aprendizes recebem ordenados.

– Trabalhadores de outras áreas também. Nós poderíamos trabalhar.

– Para quem?

– Winchester é cheia de pequenas manufaturas de couro e tecido – falou Aliena. Começou a se sentir otimista outra vez. – Uma cidade é um bom lugar para se arrumar trabalho. – Ela se levantou rápido. – Venha, vamos começar!

Mas Richard continuou hesitante.

– Não posso trabalhar como um homem comum – disse ele. – Sou filho

de um conde.

– Não mais – rebateu Aliena, dura. – Você ouviu o que o carcereiro disse. É melhor aceitar o fato de que agora não é melhor do que ninguém.

O menino fez uma cara emburrada e não disse mais nada.

– Bom, eu vou indo – continuou ela. – Fique aqui se quiser.

Afastou-se dele em direção ao portão oeste. Conhecia aquelas birras do irmão. Elas nunca duravam muito.

Dito e feito: antes de ela chegar à cidade, ele a alcançou.

– Não fique chateada, Allie – disse ele. – Eu vou trabalhar. Na verdade, sou bem forte... vou dar um ótimo trabalhador.

Ela sorriu.

– Tenho certeza disso.

Não era verdade, mas de nada adiantava desencorajá-lo.

Foram descendo a High Street. Aliena lembrou que Winchester era projetada seguindo uma divisão muito lógica. A metade sul, agora à sua direita, era dividida em três partes: primeiro havia o castelo, depois o bairro das casas ricas e por fim o adro da catedral e o palácio do bispo, no canto sudeste. A metade norte, à sua esquerda, também era dividida em três: o bairro dos judeus, a parte do meio, onde ficavam as oficinas, e as manufaturas no canto nordeste.

Aliena os guiou pela High Street até o extremo leste da cidade, onde então dobraram à esquerda e pegaram uma rua margeada por um regato. Em um dos lados ficavam casas normais, a maioria de madeira, algumas com partes de pedra. Do outro havia um conjunto de construções improvisadas, muitas das quais eram meros telhados sustentados por estacas, e quase todas pareciam prestes a desabar. Em alguns pontos, uma pequena ponte ou umas poucas tábuas atravessavam o regato até a casa do outro lado, mas algumas construções na verdade foram erguidas sobre a água. Em todas as edificações ou pátios, homens e mulheres faziam algo que demandava água em grande quantidade: lavavam lã, curtiam couro, pisoavam e tingiam tecidos, fabricavam cerveja, além de outras atividades que Aliena não reconheceu. Cheiros desconhecidos penetraram suas narinas: algo acre e fermentado, odor de enxofre e fumaça, de madeira e putrefação. Todos pareciam muito ocupados. É claro que os camponeses também tinham inúmeras tarefas e trabalhavam duro, mas as executavam em um ritmo constante e sempre tinham tempo para parar e conversar com

passantes ou examinar algo que lhes despertasse a curiosidade. Já os artesãos nem sequer erguiam os olhos. Seu trabalho parecia exigir toda a concentração e energia. Moviam-se depressa, estivessem carregando sacos, despejando grandes baldes d'água ou batendo couro ou tecido. Vê-los executar aquelas atividades misteriosas na penumbra de suas cabanas precárias fez Aliena pensar nos demônios a mexer seus caldeirões nas representações do inferno.

Ela parou em frente a um lugar em que as pessoas estavam fazendo algo que ela entendia: pisoando lã. Uma mulher robusta pegava água do regato e a despejava dentro de um imenso cocho de pedra revestido de chumbo, parando de vez em quando para acrescentar uma medida de terra de um saco. No fundo do cocho, completamente submerso, havia um pedaço de tecido. Dois homens com grandes bastões de madeira – que Aliena recordou se chamarem fulões – batiam no tecido dentro do cocho. Esse processo fazia a lã encolher e engrossar, tornando-a mais impermeável, e a terra retirava os óleos da fibra. Nos fundos da barraca estavam empilhados rolos de lã não tratada, nova e de trama ainda solta, e sacos de terra para a fula.

Aliena atravessou o regato e se aproximou das pessoas que trabalhavam no cocho. Elas a olharam de relance e continuaram a tarefa. O chão ao redor estava todo molhado, e ela notou que todos trabalhavam descalços. Entendeu que não iriam parar e perguntar o que ela queria.

– Seu mestre está aqui? – indagou em voz alta.

A mulher respondeu meneando a cabeça em direção aos fundos.

Aliena acenou para Richard acompanhá-la e entrou por um portão em um pátio onde pedaços de tecido secavam em molduras de madeira. Viu a silhueta de um homem curvado sobre uma das molduras, arrumando o tecido.

– Estou procurando o mestre – disse ela.

Ele se endireitou e a encarou. Era um homem feio, caolho e meio corcunda, como se houvesse passado tantos anos curvado sobre molduras que não conseguia mais ficar totalmente ereto.

– O que foi? – perguntou.

– O senhor é o mestre fulão?

– Trabalho nisso há quase quarenta anos, desde menino, então tomara que eu seja mesmo – respondeu ele. – O que você quer?

Aliena entendeu que estava lidando com o tipo de homem que sempre quer provar quanto é esperto. Adotou um tom humilde.

– Meu irmão e eu queremos trabalhar. O senhor nos contrataria?

Houve uma pausa enquanto ele a olhava de cima a baixo.

– Por Jesus Cristo e todos os santos, por que eu precisaria de vocês?

– Nós fazemos qualquer coisa – disse Aliena, decidida. – Precisamos de dinheiro.

– Vocês não servem para mim – respondeu o homem com desdém, e se virou para retomar o trabalho.

Aliena não iria se contentar com aquilo.

– Por que não? – indagou, zangada. – Não estamos pedindo favor nenhum, queremos trabalhar pelo dinheiro.

Ele se virou para ela outra vez.

– Por favor – pediu Aliena, embora detestasse implorar.

O mestre a encarou com impaciência, como se ela fosse um cão e ele estivesse pensando se deveria se dar o trabalho de chutá-lo, mas ela percebeu que estava tentado a mostrar como ela estava sendo burra e como ele, ao contrário, era inteligente.

– Está bem – concordou, com um suspiro. – Vou explicar. Venham comigo.

Ele os levou até o cocho. Os homens e a mulher agora tiravam o pedaço de tecido de dentro d’água e iam enrolando conforme ele emergia. O mestre se dirigiu à mulher.

– Lizzie, venha cá. Mostre suas mãos.

A mulher se aproximou, obediente, e estendeu as mãos. Eram ásperas e vermelhas, com feridas abertas nos lugares que haviam rachado e a pele havia se rompido.

– Sinta aqui – falou o mestre para Aliena.

Ela tocou as mãos da mulher. Eram frias como a neve e muito ásperas, mas o mais espantoso era quanto eram duras. Olhou as próprias mãos, que seguravam as da mulher. De repente, elas lhe pareceram macias, brancas e muito pequenas.

– Ela vive com as mãos dentro d’água desde pequena, então está acostumada – disse o mestre. – Você é diferente. Não duraria uma manhã sequer nesse serviço.

Aliena quis argumentar e garantir que se acostumaria, mas não tinha

certeza se conseguiria. Antes que ela dissesse qualquer coisa, Richard se pronunciou:

– E quanto a mim? Sou maior do que aqueles dois. Eu poderia fazer o trabalho.

Era verdade que Richard era mais alto e mais largo do que os homens que manejavam os fulões. E ele podia controlar um cavalo de combate, lembrou Aliena, então deveria ser capaz de bater a lã.

Os dois trabalhadores terminaram de enrolar o tecido molhado e um deles içou o rolo até o próprio ombro, pronto para levá-lo até o pátio para secar. O mestre o deteve.

– Harry, deixe o jovem senhor sentir o peso da lã.

O homem chamado Harry tirou a lã do ombro e a pôs sobre o ombro de Richard. O menino vergou sob o peso, endireitou-se com grande esforço, empalideceu e então caiu de joelhos, deixando as pontas do rolo encostarem no chão.

– Não consigo – falou, sem ar.

Os homens riram, o mestre adotou um ar de triunfo, e Harry pegou a lã de volta. Colocou-a em cima do ombro com um movimento experiente e levou-a embora.

– O tipo de força que vem de *ter* de trabalhar é diferente – disse o mestre.

Aliena ficou zangada. Eles estavam zombando dela quando ela queria apenas arrumar um jeito honesto de ganhar dinheiro. Sabia que o mestre se divertia fazendo-a de boba. Decerto continuaria com isso enquanto ela deixasse, mas jamais daria trabalho para ela ou para Richard.

– Obrigada pela sua cortesia – disse, com grande sarcasmo, antes de dar as costas e ir embora.

Richard estava abalado.

– A lã ficou pesada porque estava molhada! – falou. – Não estava esperando tanto peso.

Aliena se deu conta de que precisava se manter otimista para que o irmão não perdesse o moral.

– Aquele não é o único tipo de trabalho que existe – disse ela enquanto avançava pela rua lamacenta.

– O que mais poderíamos fazer?

Aliena demorou a responder. Eles chegaram ao muro norte da cidade e

dobraram à esquerda, em direção ao oeste. Ali, encostadas na muralha, ficavam as casas mais pobres, que muitas vezes não passavam de uma meia-água apoiada nas estruturas maiores. Como essas casas não tinham quintais nos fundos, a rua era imunda.

– Você se lembra das meninas que apareciam no castelo às vezes, quando não havia mais lugar para elas em casa e elas ainda não tinham marido? – perguntou ela por fim. – O pai sempre as acolhia. Elas trabalhavam nas cozinhas, na lavanderia ou nos estábulos, e o pai lhes dava 1 *penny* nos dias santos.

– Você acha que poderíamos morar no castelo de Winchester? – indagou Richard em tom de dúvida.

– Não. Eles não vão aceitar ninguém enquanto o rei estiver fora. Já devem ter mais gente do que precisam. Mas há muitas pessoas ricas na cidade. Algumas devem querer criados.

– Isso não é trabalho de homem.

A vontade de Aliena foi dizer: *Por que você não tem alguma ideia então, em vez de ficar só botando defeito em tudo o que digo?*, mas mordeu a língua.

– Basta um de nós trabalhar o suficiente para ganhar 1 *penny* – retrucou apenas. – Depois vamos falar com o pai e perguntar a ele o que fazer.

– Está bem.

Richard não era avesso à ideia de apenas um deles trabalhar, sobretudo se era mais provável que fosse ela.

Tornaram a dobrar à esquerda e entraram no setor da cidade que chamavam de judiaria. Aliena parou em frente a uma casa grande.

– Eles aqui devem ter criados – disse ela.

Richard ficou chocado.

– Você não trabalharia para judeus, trabalharia?

– Por que não? Não se pega a heresia das pessoas como se pegam suas pulgas, sabia?

O menino deu de ombros e a seguiu.

Era uma casa de pedra. Como a maior parte das residências da cidade, tinha uma fachada estreita, mas era bem comprida. Eles estavam dentro de um vestíbulo que ocupava toda a largura da casa. Havia uma lareira acesa e alguns bancos. O cheiro da cozinha fez Aliena salivar, ainda que fosse

diferente do cheiro comum de comida, com um toque de especiarias exóticas. Uma moça veio dos fundos da casa e os cumprimentou. Tinha pele escura e olhos castanhos, e falou em um tom respeitoso.

– Vieram ver o ourives?

Então era essa a profissão do dono da casa.

– Sim, por favor – respondeu Aliena.

A moça tornou a desaparecer e Aliena olhou em volta. Um ourives, é claro, precisava de uma casa de pedra para proteger seu ouro. A porta que separava o vestíbulo do restante da casa era feita de pesadas tábuas de carvalho reforçadas com ferro. As janelas eram estreitas, pequenas demais para qualquer um entrar, mesmo uma criança. Aliena pensou que aflição devia ser ter toda a sua riqueza em ouro ou prata, que podiam ser roubados a qualquer instante e deixar a pessoa na miséria. Então lembrou que a antiga riqueza do pai era de um tipo mais convencional – terras e um título de nobreza –, mas mesmo assim ele perdera tudo em um dia.

O ourives apareceu. Era um homem moreno e baixo, que os fitou com o cenho franzido como se examinasse uma joia para estimar seu valor. Após alguns instantes, pareceu chegar a uma conclusão.

– Vocês têm alguma coisa que gostariam de vender? – perguntou.

– O senhor nos julgou bem, ourives – disse Aliena. – Adivinhou que somos pessoas de berço que estão agora na miséria. Mas nós não temos nada para vender.

O homem fez uma cara preocupada.

– Se vieram atrás de um empréstimo, temo que...

– Não esperamos que ninguém nos empreste dinheiro – interrompeu Aliena. – Assim como não temos nada para vender, não temos nada para empenhar.

Ele pareceu aliviado.

– Nesse caso, em que posso ajudá-los?

– O senhor me contrataria como criada?

O homem pareceu chocado.

– Uma cristã? Certamente não!

A simples ideia o fez se encolher.

Aliena ficou decepcionada.

– Por que não? – indagou, sentida.

– Isso nunca seria possível.

Ela se sentiu um tanto ofendida. Era humilhante pensar que alguém pudesse considerar sua religião repulsiva. Lembrou-se da expressão inteligente que tinha usado com Richard.

– Não se pega a religião das pessoas como se pegam suas pulgas – disse ela.

– As pessoas da cidade não aceitariam.

Aliena teve certeza de que ele estava usando a opinião pública como desculpa, mas mesmo assim aquilo devia ser verdade.

– Imagino que seja melhor procurarmos um cristão rico, então – falou.

– Vale a pena tentar – respondeu o ourives, cético. – Vou ser bem franco com a senhora. Nenhum homem sensato a contrataria como criada. A senhora está acostumada a dar ordens e vai ter muita dificuldade em recebê-las. – Aliena abriu a boca para protestar, mas ele ergueu a mão para impedi-la. – Ah, eu sei que tem boa vontade. Mas outras pessoas lhe serviram a vida inteira e mesmo agora sente, bem lá no fundo, que as coisas deveriam ser organizadas de modo a lhe agradar. As pessoas de origem nobre dão péssimos criados. São desobedientes, ressentidas, descuidadas, suscetíveis e acham que estão dando duro mesmo fazendo menos do que todos os outros, de modo que causam problemas com os demais criados. – Ele deu de ombros. – É a minha experiência.

Aliena esqueceu que tinha sido ofendida pela repulsa dele à sua religião. O ourives era a primeira pessoa gentil que ela encontrava desde que havia deixado o castelo.

– Mas então *o que* nós podemos fazer? – perguntou.

– Só posso lhes dizer o que um judeu faria. Encontraria alguma coisa para vender. Quando cheguei a esta cidade, comecei comprando joias de gente que precisava de dinheiro, depois derretia a prata e vendia para os moedeiros.

– Mas onde o senhor conseguiu dinheiro para comprar as joias?

– Pedi emprestado ao meu tio... e paguei com juros, aliás.

– Mas ninguém vai nos emprestar nada!

O homem pensou um pouco.

– O que eu teria feito se não tivesse um tio? Acho que teria ido à floresta, catado castanhas, depois trazido para a cidade e vendido para as donas de casa que não têm tempo de ir à floresta nem podem ter árvores nos quintais porque eles vivem cheios de lixo e sujeira.

– Estamos na época errada do ano – disse Aliena. – Não tem nada crescendo agora.

O ourives sorriu.

– A impaciência da juventude – falou. – É só esperar um pouco.

– Está bem. – De nada adiantava explicar ao ourives sobre seu pai. Ele tinha feito o melhor que podia para ser prestativo. – Obrigada pelos seus conselhos.

– Adeus.

O ourives voltou para os fundos da casa e fechou a imensa porta reforçada com ferro.

Os irmãos saíram. O ourives tinha sido bondoso, mas a verdade é que eles haviam passado metade do dia sendo rejeitados e Aliena foi incapaz de evitar uma sensação de desânimo. Sem saber para onde ir agora, eles cruzaram sem rumo a judiaria e foram dar novamente na High Street. Era hora do almoço, Aliena estava começando a ficar com fome e sabia que, se estava com fome, Richard devia estar faminto. Andaram a esmo pela High Street, sentindo inveja dos ratos bem-nutridos que se amontoavam nos dejetos, até chegarem ao antigo palácio do rei. Lá pararam, como faziam todos os forasteiros, para olhar por entre as barras os moedeiros fabricando dinheiro. Aliena encarou as pilhas de moedas de prata e pensou que só queria um daqueles, mas não conseguia obter.

Depois de algum tempo, notou uma moça mais ou menos da sua idade parada ali perto, sorrindo para Richard. A moça pareceu amigável. Aliena hesitou, a viu tornar a sorrir e falou com ela.

– Você mora aqui?

– Moro – respondeu a moça.

Era em Richard que estava interessada, não nela.

– Nosso pai está na prisão – continuou Aliena, sem pausa – e estamos tentando arrumar um jeito de ganhar a vida e conseguir algum dinheiro para subornar o carcereiro. Você saberia de algo que podemos fazer?

A moça desviou a atenção de Richard e olhou para Aliena.

– Estão sem dinheiro e querem saber como conseguir algum?

– Isso. Estamos dispostos a trabalhar duro. Faremos qualquer coisa. Você consegue pensar em algo?

A moça estudou Aliena longamente, como se a avaliasse.

– Consigo, sim – respondeu, por fim. – Conheço alguém que talvez

possa ajudá-los.

Aliena ficou empolgada: aquela era a primeira pessoa que respondera *sim* durante todo o dia.

– Quando podemos encontrá-lo? – perguntou, ansiosa.

– Encontrá-la.

– O quê?

– É uma mulher. E se vierem comigo, talvez você consiga falar com ela agora mesmo.

Aliena e Richard trocaram um olhar radiante. Ela mal conseguia acreditar que sua sorte havia mudado.

A moça se virou e os dois a acompanharam. Ela os conduziu até uma grande casa de madeira no lado sul da High Street. A maior parte da casa ficava no térreo, mas havia um pequeno segundo andar. A moça subiu por uma escada externa e acenou para que eles a seguissem.

No primeiro andar havia um quarto de dormir. Aliena correu os olhos arregalados em volta: aquele cômodo era mais ricamente decorado e mobiliado do que qualquer outro do castelo em que havia morado, mesmo quando a mãe ainda era viva. Tapeçarias pendiam das paredes, o chão era coberto por tapetes de pele e a cama cercada por cortinas bordadas. Em uma cadeira que parecia um trono estava sentada uma mulher de meia-idade usando um vestido esplêndido. Aliena supôs que houvesse sido linda quando jovem, embora agora tivesse o rosto enrugado e os cabelos ralos.

– Esta é Madame Kate – apresentou a moça. – Kate, esta moça não tem dinheiro e o pai dela está na prisão.

Kate sorriu. Aliena sorriu de volta, mas teve de se forçar. Algo naquela mulher lhe desagradava.

– Leve o menino à cozinha e lhe dê uma caneca de cerveja enquanto nós conversamos – disse Kate.

A moça levou Richard embora. Aliena ficou contente por saber que o irmão receberia um pouco de cerveja, talvez até algo para comer.

– Como você se chama? – perguntou Kate.

– Aliena.

– Um nome pouco usual. Mas eu gosto. – Ela se levantou e chegou perto, um pouco perto demais. Segurou o queixo de Aliena com uma das mãos. – Tem um rosto muito bonito. – Seu hálito recendia a vinho. – Tire a capa.

Apesar de intrigada com a inspeção, Aliena obedeceu: aquilo parecia inofensivo e, depois de tantas rejeições, ela não queria jogar fora sua primeira oportunidade decente parecendo pouco disposta a cooperar. Com um movimento dos ombros, tirou a capa, largou-a sobre um banco e ficou parada, usando apenas o velho vestido de linho que a mulher do guarda-florestal lhe dera.

Kate caminhou ao seu redor. Por algum motivo, pareceu impressionada.

– Minha cara jovem, você nunca precisará se preocupar com dinheiro nem com qualquer outra coisa. Se trabalhar para mim, nós duas vamos ficar ricas.

Aliena franziu o cenho. Aquilo parecia loucura. Queria apenas ajudar com as roupas, com a comida ou com a costura. Não entedia como poderia enriquecer quem quer que fosse.

– De que tipo de trabalho a senhora está falando? – perguntou.

Kate agora estava atrás dela. Desceu as mãos por seus flancos, sentindo os quadris, e chegou tão perto que Aliena pôde sentir os seios da mulher pressionarem suas costas.

– Você tem um corpo lindo – comentou Kate. – E sua pele é um primor. Você é nobre, não é?

– Meu pai era o conde de Shiring.

– Bartholomew! Ora, ora. Eu me lembro dele... Não que ele tenha sido meu cliente. Um homem de grande virtude, seu pai. Bom, entendo que você esteja na miséria.

Isso significava que Kate tinha clientes.

– O que a senhora vende? – indagou a garota.

Kate não deu uma resposta direta. Tornou a dar a volta até ficar de frente para Aliena e a encarou.

– Você é virgem, querida?

Aliena corou de vergonha.

– Não seja tímida – falou Kate. – Estou vendo que não. Bem, não importa. Virgens valem muito, mas não duram, claro. – Ela levou as mãos aos quadris de Aliena, inclinou-se para a frente e beijou a testa dela. – Você não sabe ainda, mas é muito voluptuosa. Pelos santos, você é irresistível.

Ela subiu a mão do quadril até o seio de Aliena e o segurou

delicadamente, sopesando-o e apertando-o de leve, então se inclinou de novo e a beijou na boca.

Aliena entendeu tudo em um clarão: por que a moça tinha sorrido para Richard em frente à casa da moeda, onde Kate arrumava seu dinheiro, o que teria de fazer caso trabalhasse para ela e que tipo de mulher ela era. Sentiu-se tola por não ter entendido antes. Por alguns segundos, deixou que Kate a beijasse – era tão diferente do que William Hamleigh tinha feito que não sentiu nem um pinga de repulsa, mas não, não era aquilo que ela faria para ganhar dinheiro. Desvencilhou-se do abraço de Kate.

– A senhora quer que eu vire prostituta.

– Uma dama dedicada ao prazer, minha querida – corrigiu Kate. – Acordar tarde, usar belas roupas todos os dias, fazer os homens felizes e ficar rica. Você seria uma das melhores. Você tem algo especial... Poderia cobrar quanto quisesse. Acredite em mim, eu sei.

Aliena estremeceu. Sempre havia uma ou duas prostitutas no castelo, algo necessário em um lugar frequentado por muitos homens sem as esposas, e elas eram consideradas a ralé das ralés, as mais reles das mulheres, abaixo até das faxineiras. Mas não era a posição social que fazia Aliena estremecer de nojo. Era pensar em homens como William Hamleigh entrando ali e montando nela em troca de 1 *penny*. Essa ideia trouxe de volta a lembrança daquele corpo enorme por cima do seu enquanto ela estava deitada no chão de pernas abertas, trêmula de ódio e de terror, esperando que ele a penetrasse. A cena voltou à sua mente com um horror renovado e levou embora todo o seu autocontrole e sua segurança. Ela sentiu que, se ficasse mais um segundo dentro daquela casa, tudo aquilo iria lhe acontecer outra vez. Foi dominada pelo pânico e por uma ânsia de ir embora. Recuou em direção à porta. Teve medo de ofender Kate, medo de alguém ficar bravo com ela.

– Me desculpe – balbuciou. – Por favor, me perdoe, mas isso eu não poderia fazer, mesmo...

– Pense no assunto! – disse Kate, alegre. – Se mudar de ideia, volte. Estarei esperando por você.

– Obrigada – respondeu Aliena, trêmula.

Por fim encontrou a porta. Abriu-a e saiu depressa.

Ainda abalada, desceu correndo a escada até a rua e foi até a porta da frente da casa. Abriu-a com um empurrão, mas teve medo de entrar.

– Richard! – chamou. – Richard, saia! – Não houve resposta. O interior estava debilmente iluminado, e tudo o que ela conseguiu ver foram algumas vagas silhuetas femininas. – Richard, onde você está? – gritou, histérica.

Percebeu que os passantes pararam para observá-la, o que a deixou ainda mais nervosa. De repente, Richard apareceu, com uma caneca de cerveja em uma das mãos e uma coxa de frango na outra.

– O que houve? – perguntou ele, com a boca cheia de carne.

Seu tom indicava que estava irritado por ter sido interrompido.

Ela o agarrou pelo braço e puxou.

– Saia daí – disse ela. – É um prostíbulo!

Vários passantes riram alto ao ouvir essas palavras, e um ou dois fizeram comentários grosseiros.

– Elas talvez deem um pouco de carne para você – falou Richard.

– Elas querem que eu vire uma puta! – vociferou Aliena.

– Está bem, está bem – disse Richard.

Secou a caneca de cerveja, pousou-a no chão do lado de dentro da casa e enfiou o que restava da coxa de frango dentro da camisa.

– Vamos – disse Aliena, impaciente, embora mais uma vez ter que lidar com o irmão mais novo a tenha acalmado.

Richard não parecia zangado com o fato de alguém querer que sua irmã virasse prostituta, mas pareceu lamentar ser obrigado a sair de um lugar onde bastava pedir para receber frango e cerveja.

A maior parte dos passantes seguiu seu caminho ao ver que a diversão havia acabado, mas um deles ficou. Era a mulher bem-vestida que os irmãos tinham visto na cadeia. Ela havia entregado 1 *penny* ao carcereiro e ele a chamara de Meg. Olhava para Aliena com uma mistura de curiosidade e compaixão. Aliena, que tinha desenvolvido verdadeira aversão por ser observada, desviou os olhos com raiva, então a mulher falou:

– Vocês estão em apuros, não é?

A gentileza em sua voz fez a garota se virar.

– Sim – respondeu ela após uma pausa. – Estamos em apuros.

– Vi vocês na prisão. Meu marido está preso... Eu o visito diariamente. Por que foram lá?

– Nosso pai está preso.

– Mas vocês não entraram.

– Não temos dinheiro para pagar o carcereiro.

Meg olhou para a porta do prostíbulo por cima do ombro de Aliena.

– É isso que você está fazendo aqui, tentando arrumar dinheiro?

– Sim, mas eu não sabia o que era até...

– Pobrezinha – disse Meg. – Minha Annie teria a sua idade se houvesse sobrevivido... Por que não vão comigo à prisão amanhã de manhã e juntos vemos se conseguimos convencer Odo a agir como cristão e ter pena de duas crianças miseráveis?

– Ah, seria maravilhoso! – exclamou Aliena.

Estava comovida. Não havia garantia de sucesso, mas o fato de alguém se dispor a ajudar deixou seus olhos marejados.

Meg continuava a estudá-la com atenção.

– Vocês almoçaram?

– Não. Richard comeu um pouco naquele... naquele lugar.

– É melhor virem comigo até minha casa. Posso oferecer um pouco de pão e carne. – Ao perceber a expressão desconfiada da moça, ela arrematou: – E você não precisa fazer nada por isso.

Aliena acreditou.

– Obrigada – disse ela. – A senhora é muito boa. Poucas pessoas têm sido. Não sei como lhe agradecer.

– Não precisa – retrucou Meg. – Venham comigo.



O marido de Meg era comerciante de lã. Em sua casa no sul da cidade, em sua barrada nos dias de mercado e na grande feira anual que ocorria em St. Giles's Hill, comprava lã trazida pelos camponeses dos arredores. Enfiava-a dentro de grandes sacos de lã, cada qual com capacidade para o velo de 240 ovelhas, e os guardava no celeiro que tinha nos fundos de casa. Uma vez por ano, quando os tecelões flamengos enviavam seus representantes para comprar a macia e resistente lã inglesa, o marido de Meg vendia o estoque e organizava o transporte dos sacos de navio, por Dover e Bolonha, até Bruges e Gante, onde os velos eram transformados em fazendas da melhor qualidade e vendidos no mundo inteiro a preços altos

demais para os camponeses que criavam as ovelhas. Tudo isso Meg contou a Aliena e Richard durante o almoço, com aquele seu sorriso caloroso que dizia que, quaisquer que fossem as circunstâncias, não havia necessidade de as pessoas serem más umas com as outras.

Seu marido fora acusado de trapacear no peso, crime que a cidade considerava muito grave, pois sua prosperidade dependia da reputação de negociantes honestos. A julgar pelo modo como Meg falava no assunto, Aliena pensou que ele devia ser culpado. Mas os negócios haviam sido pouco afetados pela sua ausência. Meg simplesmente assumira o lugar do marido. No inverno, de todo modo, não tinha muito o que fazer: viajara a Flandres; garantira a todos os representantes que os negócios continuavam a funcionar normalmente; fizera reparos no celeiro, aproveitando para ampliá-lo um pouco. Quando comesse a tosquia, compraria os velos do mesmo modo que o marido comprava. Sabia avaliar a qualidade e estabelecer o preço. Apesar da mácula na reputação dele, tinha sido aceita na guilda mercantil da cidade, pois havia uma tradição entre os comerciantes de ajudar as famílias uns dos outros em tempos difíceis, e de todo modo a culpa ainda não ficara provada.

Richard e Aliena comeram a comida de Meg, beberam seu vinho e ficaram sentados em frente à lareira conversando até começar a escurecer lá fora, então voltaram ao priorado para dormir. Aliena teve pesadelos outra vez. Sonhou com o pai: ele estava sentado em um trono na prisão, tão alto, pálido e imponente quanto sempre fora, e quando ela ia falar com ele tinha de se curvar como se ele fosse o rei. Ele então falava com ela em tom acusador, dizendo que ela o havia abandonado ali na prisão e ido morar em um prostíbulo. Aliena se indignava com a acusação injusta e dizia, com raiva, que ele é que a havia abandonado. Ia acrescentar que a havia abandonado à mercê de William Hamleigh, mas relutava em contar ao pai o que William tinha feito. Então via que o rapaz também estava presente, sentado em uma cama, comendo cerejas de uma tigela. Cuspiu na sua direção um caroço, que a acertou na bochecha e a fez arder. Seu pai sorriu, então William começou a alvejá-la com as frutas. Elas mancharam seu rosto e seu vestido e ela começou a chorar, porque, embora velha, era a única roupa que tinha e agora estava toda manchada de sumo de cereja, como se fosse sangue.

No sonho, sentiu uma tristeza tão insuportável que ao acordar e

descobrir que não era verdade experimentou um alívio tremendo, muito embora a realidade – ela estava sem casa e sem dinheiro – fosse muito pior do que ser alvejada por cerejas.

A luz da aurora entrava pelas frestas das paredes da casa de hóspedes. À sua volta, hóspedes acordavam e começavam a se movimentar. Logo os monges apareceram, abriram portas e venezianas e chamaram todos para o desjejum.

Aliena e Richard comeram depressa e se dirigiram à casa de Meg. Ela já estava pronta para sair. Havia preparado um ensopado de carne temperado para o almoço do marido, e Aliena disse a Richard que a ajudasse carregando a pesada panela. Desejou que pudessem levar algo para o pai. Não tinha pensado nisso, mas, mesmo que houvesse, não teria como comprar nada. Era terrível saber que não podiam fazer nada por ele.

Os três subiram a High Street, entraram no castelo pelo portão dos fundos, então passaram em frente à torre de menagem e desceram o morro até a prisão. Aliena recordou o que Odo lhe dissera na véspera, quando ela lhe perguntara se o pai estava bem. “Não, não está”, respondera o carcereiro. “Ele está morrendo.” Ela pensara que ele tivesse exagerado para parecer cruel, mas agora estava preocupada.

– Tem alguma coisa errada com meu pai? – perguntou a Meg.

– Não sei, querida. Eu nunca o vi.

– O carcereiro disse que ele estava morrendo.

– Aquele homem é cruel feito um gato. Deve ter dito isso só para magoá-la. Seja como for, você logo vai saber.

Apesar das boas intenções de Meg, a resposta não reconfortou Aliena, e foi com grande apreensão que ela passou pela porta e entrou na penumbra fétida da prisão.

Odo aquecia as mãos no fogo no meio do vestíbulo. Cumprimentou Meg com um meneio de cabeça e olhou para Aliena.

– Conseguiu o dinheiro? – indagou.

– Quem vai pagar sou eu – interveio Meg. – Aqui estão 2 *pence*, um para mim e outro para eles.

Uma expressão ardilosa se estampou na cara estúpida de Odo.

– São 2 *pence* para eles... – retrucou ele. – Um *penny* para cada um.

– Não seja tão mesquinho – disse Meg. – Ou você deixa os dois entrarem ou eu crio problemas para você com a guilda dos comerciantes e

faço com que perca o emprego.

– Está bem, está bem, não precisa ameaçar – cedeu ele, mal-humorado. Apontou para um arco na parede de pedra à sua direita. – Bartholomew está por ali.

– Vocês vão precisar de luz – falou Meg. Pegou duas velas no bolso da capa, acendeu-as no fogo e estendeu uma para Aliena. Tinha um ar preocupado. – Espero que corra tudo bem – disse, e lhe deu um beijo.

Então passou depressa pelo arco oposto.

– Obrigada pelo dinheiro – gritou Aliena, mas Meg já havia desaparecido na penumbra.

A garota espiou apreensiva na direção que Odo havia indicado. Segurando a vela bem alto, passou pelo arco e se viu em um minúsculo vestíbulo quadrado. A chama iluminou três portas pesadas, todas trancadas por fora com barras.

– Bem na sua frente – ouviu Odo gritar.

– Levante a barra, Richard – disse Aliena.

O rapaz tirou a pesada barra de madeira dos suportes e a apoiou na parede. Aliena empurrou a porta e fez uma prece rápida e silenciosa.

Exceto pela luz de sua vela, a cela estava completamente escura. Ela hesitou no limiar e estreitou os olhos para as sombras que se moviam. O lugar cheirava como uma latrina.

– Quem é? – perguntou uma voz.

– Pai? – chamou Aliena.

Distinguiu uma silhueta escura sentada no chão coberto de palha.

– Aliena? – O homem parecia incrédulo. – É Aliena? – Soava como a voz de seu pai, só que mais velha.

Aliena chegou mais perto, com a vela erguida. Ele a encarou, a luz da vela iluminou seu rosto e ela arfou, horrorizada.

Seu pai estava quase irreconhecível.

Sempre tinha sido um homem magro, mas agora parecia um esqueleto. Estava imundo e vestido em andrajos.

– Aliena! – disse ele. – É você!

Seu rosto se contorceu num sorriso, e foi como ver uma caveira sorrir.

Aliena desatou a chorar. Nada a tinha preparado para o choque de ver no que ele havia se transformado. Era a coisa mais horrível que se poderia imaginar. Soube na hora que ele estava morrendo: aquele vil Odo tinha

dito a verdade. Mas ele estava vivo, ainda sofrendo, e dolorosamente feliz de vê-la. Apesar de ter tomado a decisão de ficar calma, Aliena acabou perdendo o controle por completo: caiu de joelhos na frente do pai e começou a chorar com grandes soluços profundos, que sacudiam todo o seu corpo.

Bartholomew se inclinou para a frente, tomou a filha nos braços e acariciou suas costas como se estivesse reconfortando uma criança por causa de um joelho ralado ou de um brinquedo quebrado.

– Não chore – falou com brandura. – Não quando deixou seu pai tão feliz.

Aliena sentiu a vela ser tirada de sua mão.

– E esse rapaz alto é meu Richard? – indagou o pai.

– Sim, pai – respondeu Richard, tenso.

Aliena abraçou o pai e sentiu seus ossos como gravetos dentro de um saco. Ele estava se consumindo. Não havia carne nenhuma sob a pele. Quis dizer alguma coisa, uma palavra de amor e consolo, mas os soluços eram tão fortes que não conseguiu falar.

– Richard, como você cresceu! – disse Bartholomew. – Já está de barba?

– Acabou de começar a crescer, pai, mas é muito loura.

Aliena percebeu que o irmão estava à beira das lágrimas, lutando para manter a compostura. Ficaria humilhado caso desabasse na frente do pai, que decerto o mandaria parar com aquilo e ser homem, o que pioraria tudo. Preocupada com Richard, parou de chorar. Com esforço, conseguiu se controlar. Tornou a abraçar o corpo assustadoramente magro do pai, então desfez o abraço, enxugou os olhos e assoou o nariz na manga.

– Vocês dois estão bem? – perguntou o pai. Sua voz estava mais lenta do que antes, e vez por outra falhava. – Como conseguiram? Onde ficaram morando? Não me contaram nada sobre vocês... Foi a pior tortura que eles poderiam ter inventado. Mas vocês parecem bem... saudáveis, em forma! Que maravilha!

A alusão à tortura fez Aliena pensar se ele teria sofrido tormentos físicos, mas ela não perguntou, pois temia o que ele pudesse lhe contar. Em vez disso, respondeu com uma mentira:

– Estamos bem, pai. – Sabia que a verdade iria destruí-lo. Acabaria com aquele instante de felicidade e encheria seus últimos dias com a

agonia da culpa. – Ficamos morando no castelo e Matthew cuidou de nós.

– Mas vocês não vão mais poder viver lá – disse ele. – O rei nomeou conde aquele gordo imbecil do Percy Hamleigh, e o castelo vai ser dele.

Então ele ficara sabendo disso.

– Não faz mal – assegurou Aliena. – Já saímos de lá.

Ele tocou seu vestido, a velha túnica de linho que a mulher do guarda-florestal lhe dera.

– O que é isso? – indagou, incisivo. – Vendeu suas roupas?

Aliena viu que ele continuava observador. Não seria fácil enganá-lo. Decidiu lhe contar parte da verdade.

– Saímos do castelo às pressas e estamos sem roupas.

– Onde está Matthew agora? Por que não veio com vocês?

Ela temia essa pergunta. Hesitou.

Embora tenha sido só uma pausa rápida, seu pai percebeu.

– Vamos! Não tente me esconder nada! – pediu ele, ainda com um resquício da autoridade de outrora. – Onde está Matthew?

– Foi morto pelos Hamleighs – respondeu ela. – Mas eles não fizeram nada conosco.

Ela prendeu a respiração. Será que ele iria acreditar?

– Pobre Matthew – disse o pai com tristeza. – Nunca foi bom de briga. Espero que tenha ido direto para o céu.

Ele havia acreditado em sua história. Aliena se sentiu aliviada. Tinha conseguido afastar a conversa daquele terreno perigoso.

– Decidimos vir a Winchester pedir ao rei que nos desse alguma compensação, mas ele...

– Não adianta – interrompeu o pai bruscamente, antes de ela terminar de explicar a história. – Ele não teria feito nada por vocês.

Seu desdém magoou Aliena. Ela havia feito o melhor que pudera, apesar das circunstâncias adversas, e queria ouvi-lo dizer: *Muito bem*, e não *Isso foi uma perda de tempo*. Seu pai sempre fora rápido para corrigir e lento para elogiar. Eu deveria estar acostumada, pensou.

– O que devemos fazer agora, pai? – perguntou, submissa.

Ele se moveu e ouviu-se um barulho metálico. Com um choque, Aliena percebeu que estava acorrentado.

– Eu tive a oportunidade de esconder algum dinheiro – disse ele. – Não foi das melhores, mas tive de aproveitá-la. Havia 50 besantes dentro de um

cinto debaixo da camisa. Entreguei o cinto a um padre.

– Cinquenta! – Aliena se espantou.

Um besante era uma moeda de ouro. Não era cunhada na Inglaterra. Vinha de Bizâncio, e ela nunca tinha visto mais de uma por vez. Um besante valia 24 *pence* de prata. Cinquenta valiam... Ela não conseguiu fazer a conta.

– Que padre? – indagou Richard, prático.

– Padre Ralph, da igreja de São Miguel, perto do portão norte.

– Ele é um homem bom? – perguntou Aliena.

– Espero que sim. Na verdade, não sei. No dia em que os Hamleighs me trouxeram para Winchester, antes de me trancarem aqui, fiquei sozinho com ele, só por uns poucos instantes, e soube que seria minha única oportunidade. Entreguei o cinto a ele e supliquei que o guardasse para vocês. Cinquenta besantes valem 5 libras de prata.

Cinco libras. Aliena demorou alguns segundos para absorver a informação e então se deu conta de que esse dinheiro iria transformar sua existência. Eles não seriam mais miseráveis. Não teriam mais de viver sem saber quando iriam comer. Poderiam comprar pão, um par de botas para substituir aqueles tamancos que machucavam seus pés e até mesmo dois pôneis baratos caso precisassem viajar. Não resolveria todos os seus problemas, mas aquela assustadora sensação de estar sempre correndo risco de morte iria desaparecer. Ela não teria mais de passar o tempo inteiro pensando em como iriam sobreviver. Em vez disso, poderia voltar sua atenção para algo construtivo, como, por exemplo, tirar o pai daquele lugar horrível.

– Quando estivermos com o dinheiro, o que devemos fazer? – perguntou ela. – Precisamos tirar o senhor daqui.

– Eu não vou sair – disse ele, peremptório. – Esqueçam isso. Se eu não estivesse morrendo, eles teriam me enforcado.

Aliena perdeu o fôlego. Como ele podia falar assim?

– Por que está chocada? – inquiriu ele. – O rei precisa se livrar de mim, mas desta forma eu não vou pesar na sua consciência.

– Pai, este lugar não é bem vigiado e o rei está ausente – falou Richard.

– Com uns poucos homens, acho que eu poderia soltá-lo.

Aliena sabia que isso não iria acontecer. Richard não tinha habilidade nem experiência para organizar um resgate e era jovem demais para

convencer qualquer homem a segui-lo. Teve medo de o pai magoar o rapaz desdenhando da proposta, mas ele apenas recusou.

– Nem pensem numa coisa dessas. Se vocês invadirem esta prisão, vou me recusar a sair.

Aliena sabia que, depois que seu pai tomava uma decisão, era inútil discutir. Mesmo assim, ficou arrasada ao pensar que ele iria terminar seus dias naquela prisão fétida. Ocorreu-lhe, porém, que podia fazer algo para deixá-lo mais confortável lá dentro.

– Bom, se o senhor vai ficar aqui, podemos limpar esta cela e trazer juncos novos – sugeriu. – Traremos comida quente todos os dias. Conseguiremos velas, e quem sabe uma Bíblia emprestada para o senhor ler. O senhor poderia ter um fogo...

– Pare! – disse o pai. – Vocês não vão fazer nada disso. Não admito que meus filhos desperdicem a vida zanzando em volta de uma cadeia esperando um velho morrer.

Aliena ficou com os olhos marejados outra vez.

– Mas não podemos deixá-lo assim!

Ele a ignorou, sua reação habitual a quem cometia a tolice de contradizê-lo.

– Sua querida mãe tinha uma irmã, sua tia Edith. Ela mora na aldeia de Huntleigh, na estrada para Gloucester, com o marido, um cavaleiro. É para lá que devem ir.

Ocorreu a Aliena que eles ainda poderiam ver o pai de vez em quando. E talvez ele permitisse aos parentes cuidarem do seu conforto. Tentou se lembrar de tia Edith e tio Simon. Não os via desde a morte da mãe. Tinha uma vaga lembrança de uma mulher magra e nervosa como a mãe e de um homem grande e vigoroso que comia e bebia muito.

– Eles vão cuidar de nós? – perguntou, insegura.

– É claro que vão. São seus parentes.

Aliena não tinha certeza de que isso seria motivo suficiente para a família de um modesto cavaleiro acolher em sua casa dois jovens crescidos e famintos, mas o pai estava dizendo que daria certo, então ela confiava nele.

– O que vamos fazer? – indagou.

– Richard será escudeiro do tio e aprenderá as artes da cavalaria. Você será dama de companhia de tia Edith até se casar.

Enquanto eles conversavam, Aliena teve a sensação de que passara muitos quilômetros carregando um peso enorme, sem notar a dor nas costas até pousar o fardo no chão. Agora que o pai assumira a situação, percebeu que a responsabilidade dos últimos dias fora um fardo grande demais para suportar. A autoridade dele e sua capacidade de controlar a situação, mesmo doente e na cadeia, a reconfortaram e aliviaram um pouco sua tristeza, pois parecia desnecessário se preocupar com a pessoa que estava no comando.

O pai então adotou um tom ainda mais impositivo:

– Antes de irem embora, quero que vocês dois me façam um juramento.

O pedido chocou Aliena. Seu pai sempre a aconselhara a não fazer juramentos. *Fazer um juramento é pôr sua alma em risco*, ele costumava dizer. *Só faça um juramento se tiver certeza de que preferiria morrer a quebrá-lo*. E ele estava ali por causa de um juramento: os outros nobres do reino haviam quebrado sua promessa e aceitado Estêvão como rei, mas seu pai recusara. Preferia morrer a quebrar seu juramento, e estava ali, à beira da morte.

– Me dê sua espada – disse ele ao filho.

Richard sacou a espada e a entregou.

O pai a pegou e inverteu sua posição, segurando-a pela lâmina.

– Ajoelhe-se.

Richard se ajoelhou na frente do pai.

– Ponha a mão no cabo. – O pai fez uma pausa, como se reunisse forças, e sua voz então ecoou como o badalo de um sino: – Jure pelo Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que não vai descansar até se tornar conde de Shiring e senhor de todas as terras que eu governei.

Aliena ficou surpresa e um pouco assombrada. Imaginava que o pai fosse pedir uma promessa genérica, como dizer sempre a verdade e temer a Deus. Mas não: ele estava incumbindo Richard de uma tarefa muito específica, que talvez levasse uma vida inteira.

Richard inspirou fundo e, quando falou, sua voz tremia:

– Eu juro pelo Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos que não descansarei até me tornar conde de Shiring e senhor de todas as terras que o senhor governou.

O pai suspirou, como se houvesse concluído uma tarefa onerosa. Então tornou a surpreender Aliena. Virou-se e estendeu para ela o cabo da espada.

– Jure pelo Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos tomar conta do seu irmão Richard até ele ter cumprido sua promessa.

Aliena foi invadida pela sensação de estar sendo condenada. Então aquele seria seu destino: Richard iria vingar o pai, e ela cuidaria de Richard. Para ela, seria uma vingança, pois, se Richard virasse conde, William Hamleigh perderia a herança. Passou-lhe pela cabeça que ninguém tinha perguntado como ela gostaria de levar sua vida, mas esse pensamento bobo desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu. Aquela era sua sina, um destino correto e adequado. Não quis recusar seu destino, mas entendeu que aquele era um instante decisivo e sentiu portas se fechando atrás de si e o curso de sua vida sendo determinado de maneira irrevogável. Pousou a mão no cabo da espada e jurou. Espantou-se com a força e a determinação que ouviu na própria voz.

– Eu juro pelo Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo e por todos os santos cuidar do meu irmão Richard até ele ter cumprido sua promessa.

Ela fez o sinal da cruz. Estava determinado. Eu fiz um juramento, pensou, e devo morrer antes de descumprir minha palavra. Experimentou então uma satisfação cheia de raiva.

– Pronto – disse o pai, e sua voz soou fraca outra vez. – Agora vocês nunca mais devem voltar a este lugar.

Aliena não podia acreditar.

– Tio Simon pode nos trazer para visitá-lo de vez em quando e podemos garantir que o senhor esteja aquecido e alimentado...

– Não – insistiu ele, severo. – Vocês têm uma tarefa a cumprir. Não vão gastar suas energias visitando uma prisão.

Ela tornou a ouvir aquele tom que dizia *Não discuta comigo*, mas não pôde evitar protestar contra a dureza da decisão.

– Então nos deixe vir só mais uma vez, para lhe trazer algum conforto!

– Não quero confortos.

– Por favor...

– Nunca mais.

Ela desistiu. O pai sempre fora tão duro consigo mesmo quanto com os outros.

– Está bem – concordou ela, e as palavras saíram com um soluço.

– Agora é melhor irem andando – disse ele.

– Já?

– Sim. Este é um lugar de desespero, decadência e morte. Agora que os vi e sei que estão bem, e agora que prometeram reconstruir o que nós perdemos, estou satisfeito. A única coisa que poderia destruir minha felicidade seria vê-los perder tempo visitando uma prisão. Agora vão.

– Não, pai! – protestou Aliena, embora soubesse que era inútil.

– Escute – disse ele, e sua voz por fim se abrandou. – Eu levei uma vida honrada e agora vou morrer. Já confessei meus pecados. Estou pronto para a eternidade. Rezem pela minha alma. Vão.

Ela se inclinou para a frente e o beijou na testa. Suas lágrimas molharam o rosto dele.

– Adeus, meu querido pai – sussurrou ela.

Então se levantou. Richard curvou-se e o beijou também.

– Adeus, pai – falou, com a voz trêmula.

– Que Deus abençoe vocês e os ajude a manter suas promessas – despediu-se o pai.

Richard deixou a vela com ele. Os dois irmãos andaram até a porta. Na soleira, Aliena se virou e tornou a olhar para o pai iluminado pela luz vacilante. O rosto descarnado exibía uma expressão de calma e determinação que ela conhecia muito bem. Continuou olhando até que as lágrimas lhe turvassem a visão. Então deu-lhe as costas, passou pelo vestíbulo da prisão e saiu cambaleando para o lado de fora.

III

Richard seguiu na frente. Aliena estava atordoada de tanta tristeza. Era como se o pai já tivesse morrido, mas pior, porque ele ainda estava sofrendo. Ouviu Richard pedir indicações do caminho, porém não prestou atenção. Nem mesmo pensou no destino deles até o irmão parar em frente a uma pequena igreja de madeira ao lado da qual havia um casebre de meia-água. Olhou em volta e viu que estavam em um bairro pobre de pequenas casas decrepitas e ruas imundas, nas quais cães ferozes caçavam

ratos em meio ao lixo e crianças descalças brincavam na lama.

– Esta deve ser a igreja de São Miguel – disse Richard.

O casebre ao lado da igreja devia ser a casa do padre. Tinha uma única janela fechada por venezianas. A porta estava aberta. Eles entraram.

No meio do único cômodo havia um fogo aceso. Os móveis eram uma mesa de fabricação grosseira, alguns bancos e um barril de cerveja no canto. O chão estava coberto de palha. Um homem sentado junto ao fogo bebia de uma caneca grande. Era um sujeito baixo e magro de uns 50 anos, com o nariz vermelho e cabelos grisalhos e ralos. Usava roupas comuns: camisa de baixo imunda, túnica marrom, tamancos.

– Padre Ralph? – indagou Richard, indeciso.

– E se for? – retrucou o homem.

Aliena suspirou. Por que as pessoas criavam problemas quando já havia tantos no mundo? No entanto, como não lhe restava mais energia para lidar com mau humor, deixou que Richard cuidasse daquilo.

– Isso quer dizer um sim? – perguntou seu irmão.

Outra voz respondeu no lugar do padre:

– Ralph? Está em casa? – chamou alguém do lado de fora.

Instantes depois, uma mulher de meia-idade entrou e deu ao padre um pedaço de pão e uma tigela grande de algo que cheirava como ensopado de carne. Dessa vez, o aroma não deixou Aliena com água na boca. Ela estava anestesiada demais até para sentir fome. A mulher devia ser uma das fiéis da paróquia de Ralph, pois vestia roupas de tão má qualidade quanto as dele. O padre pegou a comida sem dizer nada e começou a comer. Ela relanceou os olhos para Aliena e Richard sem a menor curiosidade e tornou a sair.

– Bem, *padre* Ralph, eu sou filho de Bartholomew, antigo conde de Shiring.

O homem parou de comer e ergueu os olhos para eles. Havia hostilidade no seu olhar e alguma outra coisa que Aliena não soube interpretar. Seria medo? Ou culpa? Ele voltou a atenção para o almoço outra vez, mas murmurou:

– O que vocês querem comigo?

Aliena sentiu uma pontada de temor.

– Você sabe o que eu quero – respondeu Richard. – Meu dinheiro. Cinquenta besantes.

– Não sei do que você está falando – disse Ralph.

Aliena o encarou, incrédula. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo. O pai tinha deixado o dinheiro deles com aquele padre... Foi o que ele disse! O pai não cometia erros em relação a essas coisas.

O sangue havia sumido do rosto de Richard.

– Como assim? – indagou.

– Eu disse que não sei do que você está falando. Agora deem o fora.

Levou à boca outra colherada de ensopado.

O homem estava mentindo, claro, mas o que eles podiam fazer? Richard insistiu, obstinado:

– Meu pai deixou dinheiro com você. Cinquenta besantes. Pediu que me entregasse. Onde está o dinheiro?

– Seu pai não me deu nada.

– Ele disse que deu...

– Então ele mentiu.

O pai certamente não havia mentido. Aliena se manifestou pela primeira vez.

– O mentiroso é você, e nós sabemos.

Ralph deu de ombros.

– Reclamem com o representante do rei.

– Se fizermos isso, você vai se encrascar. Aqui em Winchester eles cortam as mãos dos ladrões.

A sombra do medo atravessou o rosto do padre por um breve instante, mas sumiu um segundo depois e ele respondeu em tom de desafio:

– Será a minha palavra contra a de um traidor preso... Isso se seu pai viver tempo suficiente para testemunhar.

Aliena entendeu que ele tinha razão. Não haveria nenhuma testemunha isenta para afirmar que o pai lhes deixara o dinheiro, pois a ideia era que aquele dinheiro fosse secreto e não pudesse ser tomado nem pelo rei nem por Percy Hamleigh nem por nenhum dos outros abutres que se amontoavam ao redor das posses de um homem arruinado. Era a mesma situação de quando estavam na floresta, percebeu ela com amargura. Qualquer um podia roubar impunemente o que ela e seu irmão tinham, pois eles eram filhos de um nobre desgraçado. Por que tenho medo desses homens?, perguntou a si mesma com raiva. Por que não são eles quem têm medo de mim?

Richard olhou para a irmã.

– Ele tem razão, não tem? – perguntou em voz baixa.

– Tem – respondeu ela com amargura. – De nada adianta reclamarmos com o representante do rei.

Estava pensando na única vez em que homens a haviam temido: na floresta, quando ela esfaqueou o fora da lei gordo e o outro fugiu apavorado. O padre era tão mau quanto o criminoso, mas também era velho e um tanto fraco, e provavelmente havia pensado que jamais teria de enfrentar suas vítimas. Talvez fosse possível assustá-lo.

– O que vamos fazer então? – perguntou Richard.

Aliena cedeu a um súbito e poderoso impulso.

– Atear fogo na casa dele – respondeu.

Foi até o meio do cômodo e chutou a fogueira com os tamancos de madeira, espalhando a lenha em brasa. Os juncos em volta da lareira pegaram fogo na hora.

– Ei! – gritou o padre Ralph.

Fez menção de se levantar, deixando cair o pão e derramando ensopado no colo, mas, antes de conseguir ficar em pé, Aliena já estava em cima dele. Estava totalmente fora de si e agiu sem pensar. Empurrou-o, e ele escorregou da cadeira e caiu no chão. Aliena se espantou ao ver como foi fácil derrubá-lo. Jogou-se sobre ele, com os joelhos sobre seu peito, deixando-o sem ar. Enlouquecida de raiva, aproximou o rosto do dele.

– Seu pagão mentiroso, ladrão, ímpio! – gritou. – Vou matar você queimado!

O padre olhou para o lado e ficou ainda mais aterrorizado. Aliena acompanhou seu olhar e viu que Richard tinha sacado a espada e a empunhava, pronto para golpear. O rosto sujo de Ralph empalideceu.

– Você é um demônio... – disse ele.

– Quem rouba dinheiro de crianças pobres é você! – Com o canto do olho, ela viu um graveto com a ponta acesa. Pegou-o e segurou a ponta quente junto ao rosto dele. – E eu agora vou queimar seus olhos, um depois do outro. Primeiro o esquerdo...

– Não, por favor – sussurrou ele. – Por favor, não me machuque.

Aliena ficou pasma com a rapidez com que cedera. Percebeu que a palha já ardia por toda parte.

– Então onde está o dinheiro? – perguntou, com a voz repentinamente

normal.

O padre continuava apavorado.

– Na igreja.

– Onde exatamente?

– Debaixo da pedra atrás do altar.

Aliena ergueu os olhos para Richard.

– Fique vigiando o padre enquanto eu vou checar – falou. – Se ele se mexer, pode matá-lo.

– Allie, a casa vai pegar fogo – disse Richard.

Ela foi até o canto e ergueu a tampa do barril. Estava cheio de cerveja até a metade. Ela o segurou pela borda e virou. A cerveja se derramou pelo chão inteiro, molhando a palha e apagando as chamas.

Aliena saiu da casa. Sabia que estava a ponto de queimar os olhos do padre, mas em vez de vergonha sentia-se dominada pela sensação do próprio poder. Havia decidido não deixar ninguém transformá-la em vítima e provar que podia sustentar essa decisão. Marchou até a frente da igreja e tentou abrir a porta. Estava fechada por uma pequena tranca. Poderia ter voltado e pedido a chave ao padre, mas em vez disso sacou a adaga da manga, enfiou a ponta da lâmina na fenda da porta e arrebitou a tranca. A porta se abriu e ela entrou pisando duro.

Era uma igreja do tipo mais pobre. Não havia móvel nenhum a não ser o altar, e nenhuma decoração exceto alguns quadros rústicos nas paredes de madeira caiada. Em um dos cantos, uma única vela tremeluzia sob uma pequena estatueta de madeira que devia representar São Miguel. O triunfo de Aliena foi interrompido momentaneamente pela consciência de que 5 libras representavam uma tentação terrível para um homem pobre como o padre Ralph. Ela então afastou da mente a compaixão.

O chão era de terra batida, mas atrás do altar havia uma única pedra grande e plana. Era um esconderijo um tanto óbvio, mas ninguém, é claro, se daria o trabalho de roubar uma igreja tão explicitamente pobre como aquela. Aliena pôs um dos joelhos no chão e empurrou a pedra. Muito pesada, ela não se moveu. Começou a ficar nervosa. Richard não teria como manter Ralph calado indefinidamente. O padre poderia fugir e chamar ajuda, e nesse caso ela teria de provar que o dinheiro era dela. Na verdade, agora que ela havia atacado um padre e arrombado uma igreja, esse talvez fosse o menor de seus problemas. Com um arrepio de angústia,

percebeu que agora estava do lado errado da lei.

O calafrio de medo renovou suas forças. Com um forte empurrão, conseguiu mover a pedra 4 ou 5 centímetros. Por baixo havia um buraco de 30 centímetros de profundidade. Empurrou mais um pouco a pedra. Dentro do buraco havia um cinto de couro largo. Enfiou a mão lá dentro e o pegou.

– Pronto! – disse, em voz alta. – Peguei.

Sentiu-se orgulhosa por ter derrotado o padre desonesto e conseguido recuperar o dinheiro do pai. Então, ao se levantar, percebeu que a vitória era relativa: o cinto estava estranhamente leve. Abriu a ponta e despejou as moedas. Eram apenas dez. Dez besantes valiam 1 libra de prata.

O que teria acontecido com o resto? O padre Ralph tinha gastado! Ela se enfureceu outra vez. O dinheiro do pai era tudo o que tinham no mundo e um padre ladrão havia roubado quatro quintos dele. Saiu marchando da igreja, balançando o cinto na mão. Na rua, um passante levou um susto ao cruzar com o olhar dela, como se houvesse algo estranho na sua expressão. Ela não deu atenção e entrou de novo na casa do padre.

Richard estava em pé junto ao padre Ralph, com a espada encostada em seu pescoço. Aliena entrou gritando pela porta:

– Onde está o resto do dinheiro do meu pai?

– Sumiu – sussurrou o padre.

Ela se ajoelhou junto à cabeça dele e encostou a adaga em seu rosto.

– Sumiu como?

– Eu gastei – confessou ele, com a voz rouca de medo.

Aliena quis enfiar a adaga no padre, dar uma surra nele, ou então jogá-lo no rio, mas nada disso iria adiantar. Ele estava dizendo a verdade. Olhou para o barril tombado: um homem que bebia era capaz de consumir uma grande quantidade de cerveja. Sentiu que ia explodir de tanta frustração.

– Se pudesse vender sua orelha por 1 *penny*, eu a cortaria – sussurrou para ele.

O padre contorceu o rosto, certo de que ela seria capaz de cortá-la mesmo.

– Ele gastou o dinheiro – interveio Richard, nervoso. – Vamos pegar o que temos e ir embora.

Com relutância, Aliena se deu conta de que ele tinha razão. Sua raiva começou a se evaporar e deixou para trás um rastro de amargura. Nada

ganharia em continuar a assustar o padre, e quanto mais ficassem ali, maior seria o risco de alguém entrar e causar problemas. Ela se levantou.

– Está bem – concordou. Tornou a guardar no cinto as moedas de ouro e afivelou-o na cintura por baixo da capa. Apontou um dedo para o padre.
– Talvez um dia eu volte para matá-lo.

Ela saiu da casa.

Foi andando pela rua estreita. Richard correu para alcançá-la.

– Você foi fabulosa, Allie! – disse ele, animado. – Você quase o matou de susto. E conseguiu o dinheiro!

Ela balançou a cabeça.

– Sim, consegui – falou, azeda.

Ainda estava tensa, mas, agora que sua fúria havia abrandado, se sentia vazia e infeliz.

– O que vamos comprar? – indagou ele, ávido.

– Só um pouco de comida para nossa viagem.

– E cavalos?

– Com 1 libra, não dá.

– Mas poderíamos comprar umas botas para você.

Ela refletiu sobre isso. Os tamancos eram uma tortura, mas o chão estava frio demais para andar descalça. Porém, botas custavam caro e ela relutava em gastar o dinheiro tão depressa assim.

– Não – decidiu. – Vou passar mais alguns dias sem as botas. Vamos guardar o dinheiro por enquanto.

Mesmo desapontado, Richard não questionou a autoridade da irmã.

– Que comida vamos comprar?

– Pão preto, queijo duro e vinho.

– Vamos comprar umas tortas.

– Custam caro demais.

– Ah. – Ele passou alguns segundos em silêncio antes de tornar a falar.

– Você está muito mal-humorada, Allie.

Ela deu um suspiro.

– Eu sei.

Por que estou me sentindo assim?, pensou. Deveria estar orgulhosa. Consegui nos trazer do castelo até aqui, defendi meu irmão, encontrei meu pai, peguei nosso dinheiro.

Sim, e enfiei uma faca na barriga de um homem gordo, obriguei meu

irmão a matá-lo, segurei um graveto em chamas na cara de um padre e estava prestes a queimar os olhos do homem.

– É por causa do pai? – perguntou Richard, compreensivo.

– Não, não é por causa dele – respondeu ela. – É por causa de mim.



Aliena se arrependeu de não ter comprado as botas.

Pegaram a estrada para Gloucester. Aliena usou os tamancos até seus pés sangrarem, depois continuou descalça até não conseguir mais suportar o frio, então os calçou outra vez. Percebeu que não olhar para os pés ajudava: eles doíam mais quando ela via as feridas e o sangue.

Aquela região montanhosa tinha vários sítios humildes, nos quais camponeses cultivavam meio hectare de aveia ou cevada e criavam alguns animais esqueléticos. Aliena parou nos arredores de um vilarejo quando supôs que estivessem perto de Huntleigh e falou com um camponês que tosquiava uma ovelha. Dentro de um cercado ao lado de uma casa baixa de pau a pique, o homem mantinha a cabeça do animal presa em uma estrutura de madeira parecida com um tronco de tortura e cortava a lã com uma faca de lâmina comprida. Duas outras ovelhas aguardavam ali perto, nervosas, e outra já tosquiada pastava no campo, parecendo nua em meio ao ar frio.

– Está cedo para a tosquia – comentou Aliena.

O camponês ergueu os olhos para ela e abriu um sorriso bem-humorado. Era jovem, ruivo e sardento, e as mangas arregaçadas deixavam à mostra braços peludos.

– Ah, mas eu preciso do dinheiro. Melhor as ovelhas sentirem frio do que eu passar fome.

– Quanto você tira?

– Um *penny* por velo. Mas como tenho de ir a Gloucester buscar o dinheiro, perco um dia no campo, logo agora que é primavera e há tanto a fazer.

Apesar da queixa, seu tom era alegre.

– Que povoado é este? – perguntou-lhe Aliena.

– Os forasteiros o chamam de Huntleigh – respondeu ele. Camponeses

nunca usavam o nome de suas aldeias. Para eles, era apenas a aldeia. Nomes eram coisa para forasteiros. – Quem são vocês? – quis saber ele, genuinamente curioso. – O que os traz até aqui?

– Sou sobrinha de Simon de Huntleigh – respondeu Aliena.

– É mesmo? Bem, vai encontrá-lo na casa grande. Volte alguns metros por esta estrada, depois pegue a trilha pelo meio dos campos.

– Obrigada.

O povoado ficava cercado pelos campos arados como um porco no meio de um lamaçal. Umas vinte moradias pequenas se aglomeravam em volta da casa principal, que não era muito maior do que a residência de um camponês próspero. Pelo visto, tia Edith e tio Simon não eram muito ricos. Em frente à casa do senhor feudal estava parado um grupo de homens com dois cavalos. Um deles parecia ser o senhor, pois usava um casaco vermelho. Aliena o observou com mais atenção. Já fazia 12 ou 13 anos que não via seu tio Simon, mas achou que fosse ele. Lembrava-se dele como um homem grande, e agora lhe parecia pequeno, talvez porque ela própria havia crescido. Seus cabelos já rareavam e ele tinha uma papada da qual ela não se recordava.

– Tem a cernelha bem alta este animal – ouviu-o dizer.

Reconheceu a voz rascante e um pouco rouca.

Começou a relaxar. Dali em diante, eles teriam o que comer, o que vestir, alguém para cuidar deles e protegê-los. Adeus, pão preto e queijo duro; adeus, noites em celeiros; adeus, perambulações na floresta com uma das mãos sempre junto à adaga. Ela teria uma cama macia, um vestido novo e carne assada no almoço.

Seu tio finalmente a viu. No início, não a reconheceu.

– Vejam só o que temos aqui – disse para seus homens. – Uma linda donzela e um menino soldado vieram nos visitar. – Então outra expressão surgiu em seus olhos e Aliena notou que ele tinha compreendido que não eram completos desconhecidos. – Eu a conheço, não é? – indagou ele.

– Sim, tio Simon, conhece – respondeu ela.

Ele se sobressaltou como se algo o houvesse assustado.

– Pelos santos! A voz de um fantasma!

Aliena não entendeu a reação, mas instantes depois ele explicou. Veio até ela, encarando-a atentamente, como se fosse verificar seus dentes à semelhança de um cavalo.

– Sua mãe tinha a mesma voz, como mel escorrendo de um jarro – disse por fim. – Por Cristo, você é tão linda quanto ela. – Ele estendeu a mão para tocar seu rosto e ela rapidamente recuou para longe do seu alcance. – Mas posso ver que é tão arisca quanto seu maldito pai. Foi ele quem a mandou para cá, imagino.

Aliena se ofendeu. Não gostou de ouvi-lo falar “seu maldito pai”. Se protestasse, porém, ele interpretaria isso como mais uma prova de que ela era arisca, de modo que mordeu a língua e respondeu em tom submisso:

– Sim. Ele disse que tia Edith tomaria conta de nós.

– Bem, ele estava enganado – disse tio Simon. – Tia Edith morreu. E mais: desde a desgraça do seu pai, eu perdi metade das minhas terras para aquele patife gordo do Percy Hamleigh. Os tempos estão difíceis por aqui. De modo que podem dar meia-volta e retornar a Winchester. Não vou recebê-los.

Aliena ficou abalada. Ele estava se mostrando muito duro.

– Mas nós somos seus parentes! – protestou.

Ele teve a elegância de parecer envergonhado, mas sua resposta foi inclemente.

– Vocês não são meus parentes. Você é sobrinha da minha primeira esposa. Mesmo quando estava viva, Edith nunca via a irmã, por causa daquele imbecil pomposo com quem sua mãe se casou.

– Nós podemos trabalhar – suplicou Aliena. – Estamos os dois dispostos...

– Não gaste sua saliva – interrompeu ele. – Não podem ficar aqui.

Aliena ficou chocada. Seu tio nem hesitara. Estava claro que não adiantaria discutir ou suplicar, mas ela já tivera tantas decepções e contratempos daquele tipo que, mais do que tristeza, o que sentiu foi amargura. Uma semana antes, algo assim a teria feito irromper em prantos. Agora, sua vontade era cuspir naquele homem.

– Vou me lembrar disso quando Richard for o conde e nós retomarmos o castelo – disse ela.

Seu tio riu.

– Será que vou viver tanto assim?

Aliena resolveu que não ia ficar ali para ser ainda mais humilhada.

– Vamos – falou para o irmão. – Cuidaremos de nós mesmos.

Tio Simon já tinha se virado para examinar o cavalo de cernelha alta.

Os homens que o acompanhavam ficaram levemente constrangidos. Aliena e Richard se afastaram.

– O que vamos fazer, Allie? – indagou Richard, choroso, quando não podiam mais ser ouvidos.

– Mostrar a essas pessoas desalmadas que somos melhores do que elas – respondeu a irmã, séria, mas não era coragem que sentia: o sentimento que a dominava era ódio, ódio por seu tio Simon, pelo padre Ralph, pelo carcereiro Odo, pelos fora da lei, pelo guarda-florestal e acima de tudo por William Hamleigh.

– Que bom que temos algum dinheiro – disse Richard.

Era bom, sim. Mas o dinheiro não iria durar para sempre.

– Não podemos simplesmente gastá-lo – comentou ela, enquanto eles percorriam a trilha que conduzia de volta à estrada principal. – Se usarmos tudo em comida e coisas assim, quando acabar vamos estar na miséria outra vez. Precisamos *fazer* algo com ele.

– Não vejo por quê – discordou Richard. – Acho que deveríamos comprar um pônei.

Ela encarou o irmão. Será que ele estava brincando? Não estava sorrindo. Ele não compreendia.

– Não temos posição social, título ou terras – explicou ela, paciente. – O rei não vai nos ajudar. Não podemos ser contratados como trabalhadores. Já tentamos, lá em Winchester, e ninguém quis. Mas precisamos dar um jeito de ganhar a vida e transformar você em cavaleiro.

– Ah – disse ele. – Entendi.

Mas ela percebeu que ele na verdade não estava entendendo.

– Precisamos nos dedicar a alguma ocupação que nos alimente e nos dê pelo menos uma chance de ganhar dinheiro suficiente para comprar um bom cavalo para você.

– Está dizendo que eu deveria virar aprendiz de algum artesão?

Aliena balançou a cabeça.

– Você precisa virar cavaleiro, não um carpinteiro. Você se lembra de alguém que leva uma vida independente sem uma habilidade específica?

– Sim – respondeu Richard de modo inesperado. – Meg, lá de Winchester.

Ele tinha razão. Meg era comerciante de lã, mas nunca tinha sido aprendiz.

– Mas Meg tem uma barraca no mercado.

Eles tornaram a passar pelo camponês ruivo que havia indicado o caminho. Suas quatro ovelhas tosquiadas pastavam no campo e ele amarrava os velos em trouxas com uma corda feita de juncos. Parou o que estava fazendo e acenou. Eram pessoas como ele que levavam a lã até as cidades e a vendiam para os comerciantes. Só que o comerciante precisava de um local para operar seu negócio...

Será que precisava mesmo?

Uma ideia estava se formando na mente de Aliena.

Ela se virou abruptamente.

– Aonde você vai? – perguntou Richard.

Estava animada demais para responder. Debruçou-se na cerca do camponês.

– Quanto você disse que consegue tirar pela sua lã?

– Um *penny* por velo – respondeu ele.

– Mas perde o dia inteiro indo e voltando de Gloucester.

– É esse o problema.

– E se eu comprasse sua lã? Isso pouparia você da viagem.

– Allie! – protestou Richard. – Nós não precisamos de lã!

– Cale a boca, Richard.

Não queria explicar a ideia agora. Estava impaciente para ver se funcionava.

– Seria uma gentileza – disse o homem, mas seu ar relutante sugeria que ele desconfiava de algum engodo.

– Só que eu não poderia lhe oferecer 1 *penny* por velo.

– Ah! Bem que eu achei que haveria algum empecilho.

– Poderia lhe dar 2 *pence* por quatro velos.

– Mas eles valem 1 *penny* cada! – protestou ele.

– Em Gloucester. Aqui é Huntleigh.

Ele balançou a cabeça.

– Prefiro ganhar 4 *pence* e perder um dia no campo do que ganhar 2 *pence* e um dia.

– E se eu lhe oferecesse 3 *pence* por quatro velos?

– Eu perderia 1 *penny*.

– E pouparia um dia de viagem.

O homem parecia confuso.

– Nunca ouvi falar em nada desse tipo.
– É como se eu fosse um carroceiro e você me pagasse 1 *penny* para levar sua lã até o mercado. – A lentidão dele a exasperava. – A questão é: um dia a mais no campo vale 1 *penny* para você ou não?
– Depende do que eu fizer nesse dia – respondeu ele, pensativo.
– Allie, o que vamos fazer com quatro velos? – quis saber Richard.
– Vendê-los para Meg – respondeu ela, impaciente. – Por 1 *penny* cada. Assim ganharemos 1 *penny*.

– Mas vamos ter de andar até Winchester para ganhar um único *penny*!
– Não, seu burro. Vamos comprar lã de cinquenta camponeses e levar a carga inteira para Winchester. Você não entende? Poderíamos ganhar 50 *pence*! Poderíamos nos alimentar e economizar até poder comprar um bom cavalo para você!

Ela se voltou novamente para o camponês. O sorriso alegre havia desaparecido e ele agora coçava a cabeça cor de cenoura. Aliena lamentou tê-lo deixado tão confuso, mas queria que ele aceitasse sua proposta. Se o convencesse, saberia que era possível cumprir o juramento feito ao pai. Mas camponeses eram teimosos. Teve vontade de segurá-lo pela gola da roupa e sacudi-lo. Em vez disso, levou a mão até dentro da capa e tateou dentro da bolsa. Havia trocado os besantes de ouro por moedas de prata na casa do ourives em Winchester, e então tirou da bolsa três moedas e as mostrou para o camponês.

– Tome – falou. – É pegar ou largar.

A visão da prata ajudou o homem a se decidir.

– Feito – disse ele, e pegou o dinheiro.

Aliena sorriu. Talvez tivesse encontrado a solução.

Nessa noite, seu travesseiro foi uma trouxa de lã. O cheiro de ovelha lhe lembrou a casa de Meg.

Ao acordar no dia seguinte, descobriu que não estava grávida.

Parecia que as coisas iriam melhorar.



Quatro semanas depois da Páscoa, Aliena e Richard entraram em Winchester com um velho cavalo puxando uma carroça tosca com um saco

imenso contendo 240 velos, a quantidade exata que constituía um saco de lã padrão.

Foi nessa hora que eles descobriram os impostos.

Antes, sempre haviam entrado sem atrair atenção, mas nesse dia descobriram por que os portões das cidades eram estreitos e constantemente vigiados por funcionários de aduana. Cobrava-se o pedágio de 1 *penny* por cada carroça de mercadorias que entrava em Winchester. Felizmente, ainda tinham algumas moedas e puderam pagar, caso contrário teriam sido mandados embora.

A maioria dos velos havia lhes custado entre meio e três quartos de *penny* cada. Pelo cavalo velho tinham pagado 72 *pence*, e a carroça mambembe havia saído de graça. A maior parte do restante do dinheiro fora gasta em comida. Mas nessa noite eles teriam 1 libra de prata e um cavalo com carroça.

O plano de Aliena era então tornar a sair, comprar mais um saco de velos e continuar fazendo a mesma coisa até todas as ovelhas terem sido tosquiadas. Quando o verão terminasse, esperava ter dinheiro suficiente para comprar um cavalo forte e uma carroça nova.

Foi com grande animação que conduziu seu velho pangaré pelas ruas em direção à casa de Meg. Quando aquele dia terminasse, teria provado que era capaz de cuidar de si e do irmão sem ajuda de quem quer que fosse. Aquilo a fazia se sentir muito madura e independente. Seu destino dependia unicamente dela. Não havia recebido nada do rei, não precisava de parentes e não precisava de um marido.

Não via a hora de rever Meg, que fora sua inspiração. A mulher era uma das únicas pessoas que a haviam ajudado sem tentar roubá-la, estuprá-la ou explorá-la. Aliena tinha muitas perguntas a lhe fazer sobre os negócios de modo geral e o comércio da lã em particular.

Como era dia de mercado, levaram algum tempo para cruzar a cidade com a carroça até a rua de Meg. Por fim chegaram à casa dela. Aliena entrou no vestíbulo. Uma mulher que nunca tinha visto estava parada lá dentro.

– Olá! – fez Aliena, e estacou.

– O que foi? – perguntou a mulher.

– Sou amiga de Meg.

– Ela não mora mais aqui – respondeu a outra, seca.

– Ah, não. – Aliena não entendeu por que ela fora tão ríspida. – Para onde foi?

– Foi embora com o marido, que saiu desta cidade em desgraça – respondeu.

Aliena ficou decepcionada e temerosa. Estava contando com Meg para facilitar a venda da lã.

– Que notícia terrível!

– Ele era um comerciante desonesto e se eu fosse você não sairia por aí me gabando de ser amiga dela. Agora dê o fora.

Aliena ficou indignada por falarem mal de Meg.

– Pouco importa o que o marido dela possa ter feito. Meg era uma mulher boa, muito melhor do que os ladrões e as prostitutas que habitam esta cidade fedida – ralhou, e saiu antes de a outra conseguir pensar em uma resposta.

A vitória no bate-boca foi seu único e momentâneo consolo.

– Más notícias – disse a Richard. – Meg foi embora de Winchester.

– A pessoa que mora aí agora negocia lã? – indagou ele.

– Não perguntei. Fiquei ocupada demais brigando com a mulher.

Sentiu-se uma tola.

– O que vamos fazer, Allie?

– Temos de vender esses velos – respondeu, aflita. – É melhor irmos para o mercado.

Eles viraram o cavalo, refizeram o caminho até a High Street, então foram abrindo caminho por entre a multidão até o mercado, entre a High Street e a catedral. Aliena conduzia o cavalo e Richard ia atrás da carroça e empurrava quando o animal precisava de ajuda, ou seja, quase o tempo todo. A praça do mercado era um formigueiro de gente se espremendo pelos estreitos corredores entre as barracas, cuja movimentação era constantemente atrapalhada por carroças iguais à de Aliena. Ela parou, subiu em cima de seu saco de lã e olhou em volta à procura dos negociantes. Só viu um. Desceu e conduziu o cavalo naquela direção.

O homem estava tendo muito movimento. Tinha um espaço grande, isolado por uma corda e com um barracão atrás. O barracão era feito de armações, estruturas leves de madeira preenchidas com gravetos e juncos entrelaçados. Era obviamente uma construção temporária, montada e desmontada para cada dia de mercado. O negociante era um homem

moreno, cujo braço esquerdo só ia até o cotovelo. Tinha um pente de madeira preso ao coto do braço e toda vez que alguém lhe oferecia um velo ele enfiava a mão dentro da lã, separava um pouquinho com o pente e o tocava com a mão direita antes de dar seu preço. Então usava o pente e a mão direita juntos para contar os *pence* que havia concordado em pagar. Para compras maiores, pesava as moedas em uma balança.

Aliena abriu caminho até o balcão. Um camponês ofereceu ao negociante três velos um tanto esparsos, amarrados por um cinto de couro.

– Estão meio ralos – disse o comerciante. – Três quartos de *penny* cada um. – Ele separou 2 *pence*, em seguida pegou um cutelo e, com um golpe rápido e experiente, cortou um terceiro *penny* em quatro partes. Deu ao camponês os 2 *pence* inteiros e uma das quartas partes. – Três vezes três quartos são 2 *pence* e um quarto.

O camponês pegou o cinto com os velos e lhe entregou.

Depois dele, dois rapazes arrastaram um saco inteiro de lã para cima do balcão. O negociante a examinou com cuidado.

– É um saco, mas de má qualidade – avaliou. – Dou 1 libra.

Aliena se perguntou como ele poderia ter tanta certeza de que o saco estava cheio. Talvez com a prática fosse possível saber. Observou-o pesar 1 libra em *pennies* de prata.

Alguns monges se aproximavam com uma imensa carroça abarrotada de sacos de lã. Aliena decidiu fazer sua negociação antes deles. Acenou para Richard, que arrastou seu saco de lã da carroça e o pôs sobre o balcão.

O negociante examinou a lã.

– Qualidade mista – decidiu. – Meia libra.

– O quê? – indagou Aliena, pasma.

– Cento e vinte *pence* – disse ele.

Ela ficou horrorizada.

– Mas o senhor acaba de pagar 1 libra por um saco!

– É por causa da qualidade.

– O senhor pagou 1 libra por lã de má qualidade!

– Meia libra – repetiu ele, resoluto.

Os monges chegaram e lotaram a bancada, mas Aliena estava decidida a não arredar pé: era sua sobrevivência que estava em jogo, e ela temia mais a miséria do que o negociante.

– Me diga por quê – insistiu. – Por acaso tem algo errado com a minha

lã?

– Não.

– Então me dê o mesmo que pagou àqueles homens.

– Não.

– Por que não? – ela quase gritou.

– Porque ninguém paga a uma garota o mesmo que pagaria a um homem.

Aliena sentiu vontade de esganá-lo. Ele lhe oferecera menos do que ela havia pagado. Era um absurdo. Se aceitasse aquele preço, todo o seu trabalho teria sido em vão. Pior: seu plano para sustentar a si e ao irmão teria fracassado e seria o fim do seu breve período de independência e autossuficiência. E por quê? Porque ele não queria pagar a uma garota o mesmo que pagava a um homem!

O líder dos monges a observava. Ela odiava que a encarassem.

– Pare de olhar para mim! – ordenou, brusca. – Venha negociar com este camponês ímpio e acabe logo com isso.

– Está bem – disse o monge, brando.

Acenou para os irmãos, que arrastaram um saco até o balcão.

– Aceite os 10 xelins, Allie – falou Richard. – Senão vamos ficar apenas com um saco de lã!

Aliena encarou com raiva o negociante enquanto ele examinava a lã dos monges.

– Qualidade mista – avaliou ele. Ela se perguntou se para ele alguma lã era de boa qualidade. – Uma libra e 12 *pence* por saco.

Por que Meg teve de ir embora?, pensou Aliena, amargurada. Se ela estivesse aqui, tudo teria corrido bem.

– Quantos sacos vocês têm? – quis saber o negociante.

– Dez – respondeu um monge jovem com vestes de noviço.

O líder, no entanto, corrigiu:

– Não, onze.

O noviço pareceu inclinado a discordar, mas permaneceu calado.

– São 11 libras e meia de prata, mais 12 *pence*.

O negociante começou a pesar o dinheiro.

– Não vou desistir – disse Aliena ao irmão. – Vamos levar a lã para outro lugar. Shiring, quem sabe, ou Gloucester.

– Tão longe! E se não conseguirmos vender lá?

Ele tinha razão. Podiam encontrar os mesmos problemas em outros lugares. A verdadeira dificuldade era que não tinham nenhuma posição social, nenhum apoio ou proteção. O negociante não se atrevia a ofender monges, e até mesmo camponeses pobres poderiam lhe causar problemas caso ele os tratasse de modo injusto, mas não corria risco ao trapacear duas crianças sem ninguém no mundo para ajudá-las.

Os monges agora arrastavam os sacos para dentro do barracão do negociante. À medida que cada um era empilhado, o negociante entregava ao líder 1 libra de prata pesada e 12 *pence*. Uma vez guardados todos os sacos de lã, ainda restava uma bolsa de prata sobre o balcão.

– São apenas dez sacos – observou o negociante.

– Eu falei que eram só dez – disse o noviço ao chefe dos monges.

– O décimo primeiro é este aqui – respondeu, e pôs a mão sobre o saco de Aliena.

Ela o encarou, estupefata.

O negociante ficou igualmente surpreso.

– Eu ofereci meia libra a ela – disse ele.

– Eu comprei a lã dela – retrucou o monge. – E vendi para você.

Ele fez um gesto com a cabeça para os outros monges, que arrastaram o saco de Aliena para dentro do barracão.

Apesar de mal-humorado, o comerciante entregou ao monge o último saco de prata mais 12 *pence*. O monge passou o dinheiro para Aliena.

Ela estava pasma. Tudo vinha dando errado e agora aquele total desconhecido a havia salvado... Depois de ela ter sido rude com ele também!

– Obrigado, padre, por nos ajudar – disse Richard.

– Agradeça a Deus – respondeu o monge.

Aliena ficou sem saber o que dizer. Estava radiante. Apertou o dinheiro contra o peito. Como poderia lhe agradecer? Encarou seu salvador. Era um homem baixo, franzino, dono de um olhar intenso. Tinha movimentos rápidos e um ar alerta, como um pequeno pássaro de plumagem comum, mas de olhos brilhantes. Na verdade, notou que seus olhos eram azuis. A franja de cabelos ao redor do crânio raspado era preta com alguns fios grisalhos, mas tinha o rosto jovem. Aliena se deu conta de que ele parecia familiar. Onde o teria visto antes?

O religioso havia pensado a mesma coisa.

– Vocês não se lembram de mim, mas eu os conheço – disse ele. – São os filhos de Bartholomew, antigo conde de Shiring. Sei que passaram por grandes infortúnios e fico feliz por ter a chance de ajudá-los. Comprarei sua lã sempre que quiserem.

Aliena quis dar um beijo nele. Ele não apenas a tinha salvado nesse dia, mas estava disposto a garantir seu futuro! Por fim, conseguiu falar:

– Não sei como lhe agradecer. Deus bem sabe que precisamos de um protetor.

– Bem, agora vocês têm dois – retrucou ele. – Deus e eu.

Aliena estava comovida.

– O senhor salvou minha vida e eu nem sei o seu nome – disse ela.

– Meu nome é Philip – respondeu o monge. – Sou o prior de Kingsbridge.

CAPÍTULO 7

I

O dia começou grandioso quando Tom Builder levou os trabalhadores de cantaria até a pedreira.

Foi alguns dias antes da Páscoa, quinze meses depois do incêndio da antiga catedral. Fora preciso todo esse tempo para que Philip conseguisse juntar dinheiro suficiente para contratar artesãos.

Tom havia encontrado um lenhador e um mestre canteiro em Salisbury, onde o palácio do bispo Roger estava quase pronto. O lenhador e seus homens já vinham trabalhando havia duas semanas, identificando e abatendo pinheiros altos e carvalhos maduros. Estavam concentrando seus esforços na mata próxima ao rio, correnteza acima em relação a Kingsbridge, pois o transporte de material pelas estradas sinuosas e lamacentas era muito caro e era possível economizar muito simplesmente lançando a madeira no rio e fazendo-a flutuar até o local da obra. Os troncos seriam cortados de forma grosseira para fazer andaimes, ou cuidadosamente moldados para servir de modelo aos pedreiros e aos entalhadores, ou ainda, no caso das árvores mais altas, reservados para serem usados como vigas no telhado. A madeira de boa qualidade agora chegava a Kingsbridge em ritmo constante e tudo o que Tom precisava fazer era pagar os lenhadores todo sábado à tarde.

Os canteiros haviam chegado nos últimos dias. Seu chefe, Otto Blackface, trouxera consigo os dois filhos, ambos entalhadores; quatro netos, todos aprendizes; e dois serventes, um deles primo, o outro cunhado. Esse tipo de nepotismo era normal e Tom não via problema: em geral, uma família formava uma boa equipe.

Por enquanto, com exceção de Tom e do carpinteiro do priorado, ainda não havia nenhum artesão trabalhando na obra em si. Estocar os materiais

era uma boa ideia. Em breve, contudo, Tom começaria a contratar os trabalhadores que formariam o núcleo da equipe de construção: os pedreiros. Eram eles que colocavam uma pedra em cima da outra e faziam as paredes subirem. Então começaria a grande empreitada. Tom caminhava cheio de energia. Era aquilo que ele havia aguardado e pelo que havia trabalhado durante uma década.

Decidiu que o primeiro pedreiro a ser contratado seria seu próprio filho, Alfred. O rapaz estava agora com mais ou menos 16 anos e já havia dominado as habilidades básicas de um pedreiro: sabia cortar pedras em formato quadrado e erguer uma parede no prumo. Assim que as contratações comessem, ele passaria a receber ordenado integral.

O outro filho de Tom, Jonathan, tinha 1 ano e 3 meses e crescia depressa. Menino robusto, era mimado por todos os monges. No início, Tom tinha ficado preocupado por Johnny Eightpence, que era um pouco lerdo, cuidar do menino, mas era tão atencioso quanto qualquer mãe e tinha mais tempo para dedicar à tarefa do que a maioria das mulheres. Os monges ainda não desconfiavam de que Tom fosse o pai de Jonathan, e agora decerto jamais desconfiariam.

Martha estava com 7 anos, tinha um buraco no lugar dos dentes da frente e sentia falta de Jack. Era ela quem mais preocupava Tom, pois precisava de uma mãe.

Não eram poucas as mulheres que gostariam de se casar com Tom e tomar conta de sua filha pequena. Ele sabia que não era um homem desprovido de atrativos e, agora que o prior Philip havia começado a obra para valer, seu ganha-pão parecia garantido. Ele havia saído da casa de hóspedes e construído no povoado uma bela casa de dois cômodos com chaminé. Como mestre construtor responsável por todo o projeto, com o tempo poderia contar com um salário e benefícios de causar inveja a muitos pequenos nobres. Mas não conseguia aceitar a ideia de se casar com outra pessoa a não ser Ellen. Era como um homem que houvesse se acostumado a só beber o melhor dos vinhos e para quem agora o vinho de todo dia tinha gosto de vinagre. Havia uma viúva no povoado, mulher bonita e roliça, de feições sorridentes e seios generosos, mãe de dois filhos bem-comportados, que assava tortas para ele e o beijara de maneira sugestiva no banquete de Natal. Ela o desposaria assim que ele pedisse, mas Tom sabia que seria infeliz com ela, pois viveria ansiando pela

emoção de ser casado com a imprevisível, irritante, fascinante e arrebatada Ellen.

Ela havia prometido voltar um dia para visitá-lo. Tom não tinha dúvida de que manteria a promessa e se agarrava a essa certeza com obstinação, muito embora já fizesse mais de um ano desde sua partida. Quando Ellen voltasse, iria pedi-la em casamento.

Pensava que agora ela pudesse aceitar. Ele não estava mais na miséria: podia alimentar a própria família, assim como a dela. Sentia que as brigas entre Alfred e Jack poderiam ser evitadas se soubessem controlá-los. Se Jack fosse posto para trabalhar, pensava Tom, Alfred não se ressentiria tanto dele. Iria oferecer ao menino mais novo uma vaga de aprendiz. Ele já havia demonstrado interesse pela construção, era inteligente e esperto, e dali a um ano mais ou menos teria crescido o bastante para realizar o trabalho pesado. Assim Alfred não poderia dizer que Jack era ocioso. O outro problema era que Jack sabia ler e Alfred, não. Tom pediria a Ellen que ensinasse Alfred a ler e escrever. Ela poderia lhe dar aulas aos domingos, assim Alfred seria tão bom quanto Jack. Os meninos seriam iguais, ambos instruídos, ambos com trabalho, e em pouco tempo teriam ambos o mesmo tamanho.

Sabia que, apesar de todas as dificuldades, Ellen tinha gostado muito de morar com ele. Gostava do seu corpo e gostava da sua mente, e iria querer voltar para ele.

Se ele conseguiria convencer o prior Philip era outra questão. Ellen tinha claramente insultado a religião de Philip. Era difícil imaginar algo mais ofensivo para um prior do que aquilo que ela havia feito. Esse problema Tom ainda não tinha resolvido.

Enquanto isso, toda a energia de seu intelecto estava voltada ao planejamento da catedral. Otto e sua equipe de entalhadores construiriam um barracão grosseiro na pedreira, onde passariam as noites. Uma vez acomodados, poderiam construir casas de verdade, e os que fossem casados levariam as famílias.

De todos os ofícios da construção, a extração de rocha era a que exigia menos habilidade e mais músculos. O mestre canteiro se encarregava de pensar: decidia quais veios seriam explorados e em que ordem; providenciava escadas e polias; caso fosse preciso explorar uma face lisa, projetava andaimes; e garantia que houvesse um fluxo constante de

ferramentas vindo da ferraria. Na realidade, extrair as pedras era relativamente simples. O canteiro usava uma picareta com cabeça de ferro para escavar um primeiro sulco na pedra, que em seguida aprofundava com a ajuda de um martelo e de um cinzel. Quando o sulco se tornara fundo o bastante para enfraquecer a rocha, cravava nele uma cunha de madeira. Se tivesse avaliado bem a pedra, ela se fendia exatamente onde ele queria.

Os serventes removiam as pedras da pedreira, carregando-as sobre padiolas ou içando-as com uma corda presa a uma imensa roldana. No barracão, entalhadores com machados esculpam as pedras grosseiramente no formato especificado pelo mestre construtor. As esculturas e os formatos mais elaborados seriam feitos em Kingsbridge, claro.

O maior problema seria o transporte. A pedreira ficava a um dia do local da obra, e um carroceiro provavelmente cobraria 4 *pence* por viagem. Além do mais, não conseguiria carregar mais de oito ou nove das pedras maiores sem quebrar a carroça ou matar o cavalo. Assim que os canteiros estivessem acomodados, Tom precisaria explorar os arredores para ver se havia algum curso d'água que pudesse ser usado para encurtar a viagem.

Eles haviam deixado Kingsbridge no raiar do dia. Quando atravessaram a floresta, o arco que as árvores formavam sobre a estrada fez Tom pensar nas colunas que ele iria construir para a catedral. As folhas novas estavam começando a brotar. Sempre ensinaram Tom a decorar os capitéis cúbicos no alto das colunas com volutas ou zigue-zagues, mas nesse momento lhe ocorreu que decorações em formato de folhas impressionariam bastante.

Fizeram a viagem depressa, e no meio da tarde já estavam perto da pedreira. Para sua surpresa, Tom ouviu ao longe o tinido de metal batendo em pedra, como se alguém estivesse trabalhando lá. Tecnicamente, a pedreira pertencia a Percy Hamleigh, conde de Shiring, mas o rei havia concedido ao priorado de Kingsbridge o direito de explorá-la para a catedral. Talvez o conde Percy quisesse explorar a pedreira em benefício próprio ao mesmo tempo que o priorado extraía as pedras, pensou Tom. Era provável que o rei não houvesse proibido isso especificamente, mas mesmo assim seria muito inconveniente.

Quando chegaram mais perto e ouviu o barulho, Otto Blackface franziu o cenho, mas não disse nada. O mestre canteiro era um homem de pele

escura e modos brutos. Os outros homens, nervosos, começaram a cochichar. Tom os ignorou, mas apressou o passo, querendo logo descobrir o que estava acontecendo.

A estrada fazia uma curva por dentro de um trecho de mata e ia dar no sopé de um morro, que já era a pedreira. Um pedaço enorme já tinha sido removido de seu flanco por antigos canteiros. A primeira impressão de Tom foi que seria fácil trabalhar ali: um morro era melhor do que uma vala, pois era sempre mais fácil descer as pedras de um lugar alto do que retirá-las de um buraco.

A pedreira estava sendo explorada, quanto a isso não restava dúvida. No pé do morro havia um barracão, um andaime sólido subia 6 metros ou mais pela encosta escavada e uma pilha de pedras aguardava para ser recolhida. Tom viu pelo menos dez canteiros. Havia um mau indício: a presença de dois homens de armas de semblante duro descansando em frente ao barracão, atirando pedras dentro de um barril.

– Isso não está me cheirando bem – comentou Otto.

A Tom tampouco, mas ele fingiu não se incomodar. Entrou na pedreira com o passo firme, como se ela fosse sua, e andou na direção dos dois homens de armas. Eles se levantaram atabalhoadamente com o ar assustado e meio culpado de sentinelas que passaram vários dias de guarda sem que nada acontecesse. Tom avaliou rapidamente suas armas: eles portavam cada qual uma espada e uma adaga, e usavam gibões de couro pesados, mas sem armadura. Tom, por sua vez, tinha um martelo de pedreiro pendurando no cinto. Não estava em condições de entrar numa briga. Foi direto até os dois homens, sem dizer nada, e no último segundo virou para o lado, evitando-os, e prosseguiu para o barracão. Os dois homens de armas se entreolharam, sem saber o que fazer. Se Tom fosse mais baixo, ou se não estivesse com um martelo, talvez tivessem sido mais ágeis para detê-lo, mas agora era tarde demais.

Tom entrou no barracão. Era uma construção de madeira espaçosa, com lareira. Ferramentas limpas pendiam das paredes, e no canto havia uma pedra grande para afiá-las. Dois entalhadores trabalhavam diante de uma imensa bancada de madeira aparando arestas de rochas com machados.

– Saudações, irmãos – disse Tom, usando o tratamento entre artesãos. – Quem é o mestre aqui?

– O mestre canteiro sou eu – respondeu um deles. – Meu nome é Harold de Shiring.

– Eu sou o mestre construtor da catedral de Kingsbridge. Meu nome é Tom.

– Saudações, Tom Builder. O que o traz aqui?

Tom passou alguns segundos estudando Harold antes de responder. Era um sujeito pálido, todo sujo de pó, com olhos verdes opacos que estreitava ao falar, como se estivesse sempre tentando remover pó de pedra dos olhos. Embora encostado casualmente na bancada, não estava tão relaxado quanto parecia. Estava nervoso, desconfiado e apreensivo. Ele sabe exatamente por que eu vim, pensou Tom.

– Eu trouxe meu mestre canteiro para trabalhar aqui, claro.

Os dois homens de armas haviam entrado atrás de Tom, e Otto e seus ajudantes logo depois. Então um ou dois dos homens de Harold também se aproximaram, curiosos para saber que confusão era aquela.

– A pedreira pertence ao conde – disse Harold. – Se quiser extrair pedras, terá de falar com ele.

– Não terei, não – respondeu Tom. – Quando o rei deu a pedreira ao conde Percy, também deu ao priorado de Kingsbridge permissão para extrair pedras. Nós não precisamos de mais nenhuma autorização.

– Bem, não podemos explorá-la todos ao mesmo tempo, não é?

– Talvez possamos – disse Tom. – Eu não iria querer que seus homens ficassem desempregados. Temos um morro inteiro de rocha aqui. O bastante para duas catedrais, no mínimo. Precisamos dar um jeito de administrar o trabalho para beneficiar a todos.

– Não posso concordar com isso – retrucou Harold. – Eu trabalho para o conde.

– Bom, eu trabalho para o prior de Kingsbridge, e meus homens vão começar a escavar aqui amanhã de manhã, esteja você de acordo ou não.

Um dos homens de armas interveio:

– Vocês não vão trabalhar aqui nem amanhã nem dia nenhum.

Até então, Tom se agarrava à ideia de que, embora Percy estivesse violando o espírito do édito real ao explorar ele próprio a pedreira, caso pressionado iria respeitar os termos do acordo e permitir que o priorado extraísse as pedras. Mas era óbvio que aquele homem de armas havia recebido instruções para expulsar os trabalhadores do priorado. Aquilo era

diferente. Desanimado, Tom percebeu que não iria conseguir pedra nenhuma sem briga.

O homem de armas que tomara a palavra era um indivíduo baixo e atarracado de seus 25 anos, que parecia pronto para a luta. Tinha um ar estúpido mas determinado: o tipo de pessoa mais difícil de lidar. Tom o encarou com um olhar desafiador.

– E você, quem é? – perguntou.

– Oficial do conde de Shiring. Ele me mandou vigiar esta pedreira, e é isso que eu vou fazer.

– E como pretende fazer isso?

– Com esta espada.

Ele tocou o cabo da arma que trazia no cinto.

– E o que acha que o rei vai fazer quando você tiver de se explicar com ele por violar a paz?

– Estou disposto a correr esse risco.

– Mas vocês são só dois – disse Tom, imprimindo à voz um timbre ponderado. – Nós somos sete homens e quatro rapazes, e temos permissão do rei para trabalhar aqui. Se matarmos vocês, não seremos enforcados.

Os dois homens de armas pareceriam refletir, mas, antes que Tom pudesse aproveitar sua vantagem, Otto se pronunciou:

– Só um instante – disse ele para Tom. – Eu trouxe meu pessoal aqui para extrair pedras, não para brigar.

Tom sentiu um baque. Se os canteiros não estivessem dispostos a resistir, não havia esperança.

– Deixem de ser medrosos! – falou. – Vão deixar dois valentões privarem vocês de trabalho?

Otto fez cara de poucos amigos.

– Não vou brigar com homens armados – retrucou. – Faz dez anos que venho recebendo regularmente, e não estou tão desesperado assim para trabalhar. Além do mais, *eu* não sei o que é certo e o que é errado nessa história... No que me diz respeito, é a sua palavra contra a deles.

Tom olhou para o restante dos homens de Otto. Os entalhadores exibiam a mesma expressão obstinada do mestre. Eles o seguiriam, claro: além de ser o mestre, Otto era também o chefe da família. E Tom entendia a posição dele. Se estivesse no seu lugar, decerto teria adotado a mesma atitude. Só se meteria em uma briga com homens armados se estivesse

desesperado.

Mas saber que Otto estava sendo racional não o acalmou. Na verdade, deixou-o ainda mais frustrado. Decidiu tentar mais uma vez:

– Não vai haver briga nenhuma. Eles sabem que o rei vai enforcá-los se eles nos machucarem. Vamos acender nossa fogueira e nos acomodar para a noite, e amanhã de manhã começamos a trabalhar.

Mencionar a noite foi um erro.

– Como poderíamos dormir com esses assassinos por perto? – perguntou um dos filhos de Otto.

Os outros murmuraram em concordância.

– Vamos nos revezar para ficar de sentinela – sugeriu Tom, desesperado.

Mas Otto balançou a cabeça, decidido.

– Nós vamos embora hoje mesmo. Agora.

Tom olhou para os homens em volta e viu que fora derrotado. Partira do priorado naquela manhã cheio de esperanças e mal conseguia acreditar que seus planos tinham sido frustrados por aqueles bandidos de segunda. Não sabia como expressar a irritação que sentia, mas não pôde evitar um último e amargo comentário.

– Vocês estão contrariando o rei, e isso é um jogo perigoso – falou para Harold. – Diga isso ao conde de Shiring. E diga a ele que eu sou Tom Builder, de Kingsbridge, e que se eu um dia puser as mãos em volta daquele pescoço gordo posso muito bem apertar até esganá-lo.



Johnny Eightpence costurou para Jonathan um hábito de monge completo em miniatura, com mangas largas e capuz. O pequeno estava tão encantador naquela roupa que todos ficaram com o coração derretido, embora não fosse muito prática: o capuz não parava de cair para a frente, atrapalhando sua visão, e quando ele engatinhava o hábito ficava preso entre os joelhos.

No meio da tarde, depois de Jonathan fazer sua sesta (e os monges também), o prior Philip cruzou com o menino, acompanhado por Johnny Eightpence, no ponto em que antes ficava a nave da igreja e agora era o

local onde os noviços se divertiam. Aquele era o horário do dia em que eles tinham permissão para gastar um pouco de energia, e Johnny os observava brincar de pique enquanto Jonathan explorava a rede de estacas e cordas com as quais Tom Builder havia traçado a planta baixa da extremidade leste da nova catedral.

Philip passou alguns instantes parado e silencioso ao lado de Johnny, como dois amigos, vendo os jovens correrem para lá e para cá. Gostava muito do rapaz, que compensava a dificuldade de raciocínio com um coração extremamente bondoso.

O bebê agora estava em pé, apoiado em uma estaca que Tom havia cravado no chão, bem onde ficaria o pórtico norte da igreja. Segurou-se na corda presa à estaca e, com esse apoio instável, deu um ou dois passos cuidadosos e desajeitados.

– Já, já ele vai estar andando – comentou Philip.

– Ele não para de tentar, padre, mas acaba caindo de bunda no chão.

Philip se agachou e estendeu os braços para o menino.

– Ande até mim – falou. – Venha.

Jonathan sorriu, exibindo a boca meio banguela. Deu outro passo segurando a corda de Tom. Então apontou para Philip, como se isso fosse ajudar, e com um súbito acesso de coragem cruzou o espaço que os separava com três passos rápidos e decididos.

Philip o segurou nos braços.

– Muito bem! – disse, e o abraçou, tão orgulhoso quanto se o feito fosse seu, não do menino.

Johnny ficou igualmente empolgado.

– Ele andou! Ele andou!

Jonathan se contorceu para ser solto. Philip o pôs de pé para ver se ele andava de novo, mas o pequeno já tinha dado o máximo de si naquele dia e na mesma hora caiu ajoelhado e engatinhou até Johnny.

Alguns dos monges tinham ficado escandalizados quando ele levou Johnny e o bebê Jonathan para Kingsbridge, recordou Philip, mas era fácil lidar com o rapaz desde que não se esquecesse de que era essencialmente uma criança em corpo de homem. E Jonathan tinha vencido toda a oposição pela simples força de seu charme pessoal.

O bebê não tinha sido o único motivo de perturbação naquele primeiro ano. Tendo votado em um bom provedor, os monges se sentiram

enganados quando Philip instaurou um regime de austeridade para reduzir as despesas cotidianas do priorado. A reação dos monges o magoara um pouco, pois ele pensava ter deixado claro que sua prioridade seria a nova catedral. Os monges graduados também haviam resistido ao seu plano de privá-los da independência financeira, embora soubessem muito bem que sem reformas o priorado estava fadado à ruína. E quando ele gastou dinheiro para aumentar os rebanhos de ovelhas do mosteiro, quase houve um motim. No entanto, monges eram no fundo homens que desejavam ser instruídos quanto ao que fazer, e o bispo Waleran, que poderia ter incentivado os rebeldes, tinha passado a maior parte do ano indo e voltando de Roma, de modo que, no final das contas, o máximo que os irmãos fizeram foi resmungar.

Philip havia passado por alguns momentos solitários, mas estava certo de que os resultados iriam redimi-lo. Suas políticas já estavam rendendo frutos de um modo muito satisfatório. O preço da lã tornara a subir, e já haviam começado a tosquia. Por isso tinham dinheiro para contratar lenhadores e canteiros. À medida que a situação financeira melhorasse e a construção da catedral avançasse, sua posição de prior se tornaria inatacável.

Ele deu um tapinha afetuoso atrás da cabeça de Johnny Eightpence e avançou até o canteiro de obras. Com alguma ajuda dos funcionários do priorado e de monges mais jovens, Tom e Alfred haviam começado a escavar os alicerces. No entanto, os buracos ainda tinham menos de 2 metros de profundidade. Tom contara ao prior que algumas das fundações precisavam alcançar 7,5 metros sob a superfície. Para cavar tanto assim, seria preciso muita mão de obra, além de algumas polias.

A nova igreja seria maior do que a antiga, mas mesmo assim pequena para uma catedral. Parte dele queria que ela fosse a mais comprida, mais alta, mais rica e mais linda catedral do reino, mas ele reprimiu esse desejo e disse a si mesmo que deveria se sentir grato por qualquer igreja.

Entrou no barracão de Tom e olhou para o trabalho com madeira sobre a bancada. O construtor havia passado a maior parte do inverno ali dentro, trabalhando com uma vara de medição feita de ferro e um conjunto de cinzéis de boa qualidade, fabricando modelos em madeira para os pedreiros usarem como guia quando estivessem entalhando as pedras. Com admiração, Philip observara Tom, um homem grande com mãos

imensas, esculpir precisa e minuciosamente a madeira em curvas, cantos quadrados e ângulos exatos, todos perfeitos. Pegou um dos moldes e o examinou. Tinha o formato de uma margarida, um quarto de círculo com várias projeções arredondadas que lembravam pétalas. Que tipo de pedra precisava ter aquele formato? Achava difícil visualizar aquelas coisas e não parava de se impressionar com a potência da imaginação de Tom. Examinou os desenhos do mestre construtor, gravados em gesso dentro de molduras de madeira, e por fim entendeu que estava segurando um molde para as colunas da colunata, que teriam o formato de feixes. Philip havia imaginado que as colunas seriam de fato feixes, mas entendeu então que seria apenas uma ilusão: as colunas seriam de pedra sólida, com decorações no formato de feixes.

Cinco anos para a extremidade leste ficar pronta, dissera Tom. Cinco anos para Philip poder voltar a celebrar ofícios dentro de uma catedral. Tudo o que ele precisava fazer era arrumar o dinheiro. Naquele último ano, fora difícil amealhar o suficiente para um começo modesto, pois suas reformas estavam demorando a surtir efeito, mas no ano seguinte, depois de ele vender a lã daquela primavera, poderia contratar mais artesãos e aumentar o ritmo da obra.

O sino das vésperas tocou. Philip saiu do pequeno barracão e andou até a entrada da cripta. Ao olhar rapidamente na direção do portão do priorado, espantou-se ao ver Tom entrando acompanhado por todos os canteiros. Por que eles haviam retornado? Tom disse que passaria uma semana fora e que os canteiros ficariam na pedreira por tempo indeterminado. Foi correndo ao seu encontro.

Quando chegou mais perto, viu que eles exibiam um ar cansado e cabisbaixo, como se algo muito desanimador houvesse acontecido.

– O que foi? – indagou. – Por que estão aqui?

– Más notícias – disse Tom Builder.



Philip passou o ofício das vésperas inteiro ruminando a raiva. O que o conde Percy tinha feito era um ultraje. Não havia dúvida quanto a quem estava certo naquele caso, nem houve qualquer ambiguidade nas

instruções do rei: o conde em pessoa estava presente na ocasião do anúncio, e o direito do priorado de explorar a pedreira estava assegurado por um édito. Philip batucava com o pé direito no chão da cripta num ritmo urgente e zangado. Estava sendo roubado. Era como se Percy estivesse furtando moedas do tesouro de uma igreja. Não havia desculpa para seus atos. O conde desafiava de maneira flagrante tanto Deus quanto o monarca. Mas o pior de tudo era que Philip só conseguiria construir a nova catedral se pudesse extrair pedras de graça daquela pedreira. Já estava trabalhando com um orçamento mínimo e, caso tivesse de pagar o preço de mercado pela pedra e transportá-la de mais longe ainda, não conseguiria tocar a construção. Teria de esperar mais um ano, no mínimo, e depois disso outros seis ou sete para voltar a celebrar os ofícios em uma catedral. Não conseguia suportar essa ideia.

Assim que eles terminaram de rezar as vésperas, convocou uma reunião de emergência do capítulo e deu a notícia aos irmãos.

Havia desenvolvido uma técnica para conduzir as reuniões do capítulo. Remigius, o subprior, ainda guardava rancor por ter sido derrotado por Philip na eleição e com frequência deixava esse ressentimento transparecer nas discussões sobre assuntos do mosteiro. Homem conservador, pedante e sem imaginação, sua opinião sobre a administração do priorado sempre ia de encontro à de Philip. Os irmãos que o haviam apoiado na eleição tendiam a apoiá-lo também durante o capítulo: Andrew, o sacristão apoplético; Pierre, o inspetor, responsável pela disciplina e dono de um pensamento estreito que condizia com o cargo; e John Small, o preguiçoso tesoureiro. Da mesma forma, os irmãos mais próximos de Philip eram os homens que tinham feito campanha por ele: Cuthbert Whitehead, o velho despenseiro, e o jovem Milius, que Philip havia nomeado para o recém-criado cargo de bolseiro, que controlava as finanças do priorado. Philip sempre deixava Milius discutir com Remigius. Em geral, conversava sobre qualquer assunto importante com Milius antes da reunião, mas, caso não fosse possível, podia confiar que o aliado apresentaria um ponto de vista semelhante ao seu. Philip então fazia um resumo da situação, como um árbitro imparcial, e, embora Remigius raramente conseguisse o que queria, Philip muitas vezes adotava alguns de seus argumentos, ou parte de suas propostas, para preservar a impressão de que havia consenso administrativo.

Os monges estavam furiosos com o conde Percy. Haviam comemorado quando o rei Estêvão concedera ao priorado madeira e pedra de graça em quantidade ilimitada e agora se escandalizavam porque o conde infringia a ordem real.

No entanto, quando os protestos arrefeceram, como sempre, Remigius teve algo a dizer.

– Lembro-me de ter dito um ano atrás o que vou agora repetir – começou. – O pacto que nos dá direito a explorar a pedreira, mas diz que ela pertence ao conde, sempre foi insatisfatório. Nós deveríamos ter feito pressão para conseguir a propriedade integral.

O fato de haver alguma razão no comentário não o tornou mais fácil para Philip engolir. A propriedade integral era o que ele havia combinado com lady Regan, mas ela o enganara no último instante. Ficou com vontade de dizer que conseguira o melhor acordo possível e que gostaria de ver Remigius se sair melhor do que ele no traiçoeiro labirinto da corte real. No entanto, mordeu a língua, pois, afinal, ele era o prior e tinha de assumir a responsabilidade quando as coisas davam errado.

Milius veio em seu socorro:

– Temos o direito de desejar que o rei tivesse nos dado a propriedade direta da pedreira, mas ele não deu, e a pergunta mais importante é: o que vamos fazer agora?

– Acho que é bem óbvio – respondeu Remigius na hora. – Não podemos nós próprios expulsar os homens do conde, então teremos de pedir ao rei que o faça. Precisamos lhe enviar um representante e pleitear que ele aplique o acordo.

Ouviu-se um murmúrio de concordância geral.

– Devemos mandar nossos oradores mais sábios e mais fluentes – emendou o sacristão Andrew.

Philip entendeu que Remigius e Andrew já se viam à frente da delegação.

– Quando o rei ouvir o que aconteceu, não acho que Percy Hamleigh vá continuar a ser o conde de Shiring por muito tempo – continuou Remigius.

Philip não tinha tanta certeza disso.

– Onde está o rei? – perguntou Andrew, como quem acaba de se lembrar desse detalhe. – Alguém sabe?

Philip estivera em Winchester recentemente e lá ficara sabendo seu

paradeiro.

– Foi para a Normandia – falou.

– Alcançá-lo vai levar muito tempo – interveio depressa Milius.

– Correr atrás de justiça sempre exige paciência – entoeu Remigius, solene.

– Mas cada dia que passamos correndo atrás de justiça será um dia a menos na construção da nossa nova catedral – retrucou Milius.

Seu tom mostrava que o fato de Remigius aceitar tão bem um atraso no cronograma da obra o exasperava. Philip também pensava assim. Milius prosseguiu:

– E esse não é nosso único problema. Depois que encontrarmos o rei, temos de convencê-lo a nos ouvir. Isso pode levar semanas. Depois ele pode dar a Percy a chance de se defender, e haverá mais atrasos...

– Como seria possível Percy se defender? – indagou Remigius, irritado.

– Não sei, mas tenho certeza de que ele vai pensar em alguma coisa – respondeu Milius.

– Mas o rei com certeza vai manter sua palavra.

– Não tenha tanta certeza – falou uma nova voz.

Todos se viraram para olhar. Quem havia se pronunciado fora o irmão Timothy, o monge mais velho do priorado. Homem pequeno e modesto, raramente se manifestava, mas quando o fazia valia a pena escutá-lo. Philip às vezes pensava que Timothy deveria ter sido prior. Ele costumava passar as reuniões do capítulo como se dormitasse, mas nesse dia estava inclinado para a frente e seus olhos brilhavam de convicção.

– Um rei é uma criatura volúvel – prosseguiu ele. – Vive sob ameaça constante de rebeldes no seu próprio reino e de monarcas vizinhos. Precisa de aliados. O conde Percy é um homem poderoso, que comanda muitos cavaleiros. Se o rei estiver precisando dele na hora em que fizermos nosso pedido, vai recusar, independentemente dos nossos argumentos. O rei não é perfeito. Só existe um juiz de verdade, e esse juiz é Deus.

Ele tornou a se recostar, apoiando-se na parede e semicerrando os olhos como se não estivesse nem um pouco interessado em como seu discurso seria recebido. Philip disfarçou um sorriso: Timothy havia formulado de modo preciso o motivo de ele próprio hesitar em procurar o rei em busca de justiça.

Remigius relutava em abrir mão da possibilidade de uma longa e emocionante viagem à França e de uma temporada na corte real, mas nem assim foi capaz de contradizer a lógica de Timothy.

– Então o que mais podemos fazer? – indagou.

Philip não sabia ao certo. O representante do rei não poderia intervir nesse caso: Percy era poderoso demais para ser controlado por um mero representante da autoridade. E eles tampouco podiam contar com o bispo. Era frustrante. Mas Philip não estava disposto a desistir e aceitar a derrota. Iria ocupar aquela pedreira, nem que tivesse de fazer isso pessoalmente...

Ora, era uma ideia.

– Só um minuto – pediu.

A operação necessitaria de todos os monges em boa condição física e teria de ser cuidadosamente organizada, como uma operação militar sem armas... Precisariam de comida para dois dias...

– Não sei se vai dar certo, mas vale a pena tentar – disse por fim. – Escutem.

E expôs o seu plano.



Eles partiram quase imediatamente: trinta monges e dez noviços, Otto Blackface e sua equipe de canteiros, Tom Builder e Alfred, dois cavalos e uma carroça. Quando a noite caiu, acenderam lampiões para iluminar o caminho. À meia-noite, pararam para descansar e comer o farnel que a cozinha havia preparado às pressas: frango, pão branco e vinho tinto. Philip sempre acreditara que o trabalho árduo devia ser recompensado com boa comida. Seguiram viagem, cantando o ofício que deveriam estar celebrando caso estivessem no priorado.

Em determinado momento, na hora mais escura, Tom, que ia na frente, levantou uma das mãos para detê-los.

– Falta só mais 1,5 quilômetro para a pedreira – disse ele para Philip.

– Ótimo – respondeu o prior. Virou-se para os monges. – Tirem seus tamancos e sandálias e calcem as botas de feltro.

Ele mesmo tirou as sandálias e calçou um par das botas de feltro macias que os camponeses usavam no inverno.

Escolheu dois noviços.

– Edward e Philemon, fiquem aqui com os cavalos e a carroça. Não façam barulho. Esperem o dia nascer totalmente, então vão ao nosso encontro. Está claro?

– Sim, padre – responderam os dois em uníssono.

– Muito bem, os outros sigam Tom Builder agora, em *silêncio total*, por favor – disse Philip.

O grupo avançou.

Um vento leve soprava do oeste, e o farfalhar das árvores abafou o barulho de cinquenta homens respirando e de cinquenta pares de botas de feltro se arrastando pelo chão. Philip se sentia tenso. Agora que estava prestes a pôr seu plano em operação, pareceu-lhe meio insano. Fez uma prece silenciosa pedindo sucesso.

A estrada fazia uma curva para a esquerda e então os lampiões tremeluzentes iluminaram debilmente um barracão de madeira, uma pilha de blocos de pedra ainda inacabados, algumas escadas e andaimes e, ao fundo, um morro escuro desfigurado pelas cicatrizes brancas da extração. De repente, Philip pensou se haveria cães no barracão em que os homens dormiam. Se houvesse, ele perderia o elemento surpresa e o plano inteiro ficaria ameaçado, mas agora era tarde demais para recuar.

O grupo todo passou em frente ao alojamento. Philip prendeu a respiração, esperando a qualquer momento ouvir uma cacofonia de latidos, porém não havia cães.

Fez seu grupo parar ao redor da base dos andaimes. Sentiu orgulho de todos por terem sido tão silenciosos. As pessoas achavam difícil fazer silêncio até na igreja, mas talvez estivessem eles assustados demais para produzir qualquer som.

Tom Builder e Otto Blackface começaram a dispor os canteiros pela pedreira sem fazer barulho. Dividiram-nos em dois grupos. Um se reuniu perto da face rochosa, no nível do chão. Os outros subiram os andaimes. Uma vez todos posicionados, Philip gesticulou para indicar aos monges que ficassem em pé ou sentados em volta dos trabalhadores. Ele, por sua vez, se manteve afastado dos outros, em um ponto a meio caminho entre o barracão e a pedreira.

Foi na hora exata. A aurora despontou poucos segundos depois de Philip tomar as últimas providências. Pegou uma vela que trouxera dentro

da capa, acendeu-a em um dos lampiões, então encarou os irmãos e ergueu a vela. Era o sinal que haviam combinado. Cada um dos quarenta monges pegou uma vela e a acendeu em um dos três lampiões. O efeito foi impressionante. O dia raiou sobre uma pedreira ocupada por figuras silenciosas e fantasmagóricas, cada qual a segurar uma pequena luz bruxuleante.

Philip se virou para o barracão. Ainda não havia sinal de vida. Acomodou-se para esperar. Monges eram bons nisso: ficar parados durante horas fazia parte de sua rotina. Os trabalhadores, porém, não estavam acostumados, e dali a um tempo começaram a se impacientar, arrastando os pés no chão e murmurando entre si em voz baixa. Mas agora já não tinha importância.

Os murmúrios ou a luz do dia, que começava a clarear, acordaram os ocupantes do barracão. Philip ouviu alguém tossir e escarrar, então um ruído de algo sendo arrastado, como uma barra que é removida de trás de uma porta. Ele ergueu a mão para pedir silêncio total.

A porta do alojamento se abriu. Philip manteve a mão no ar. Um homem saiu esfregando os olhos. Ele o reconheceu pela descrição de Tom: era o mestre canteiro, Harold de Shiring. No início, Harold não viu nada fora do normal. Apoiou-se no batente da porta e tornou a tossir, a tosse funda e encatarrada de um homem com os pulmões repletos de pó de pedra. Philip baixou a mão. Em algum lugar atrás dele, o chantre entoou uma nota e na mesma hora os monges começaram a cantar. A pedreira foi tomada por harmonias espectrais.

O efeito em Harold foi devastador. Sua cabeça se ergueu como se houvesse sido puxada por uma corda. Os olhos se arregalaram e a boca se escancarou quando ele viu o coro fantasmagórico que surgira na sua pedreira como por magia. Um grito de medo lhe escapou da boca aberta. Ele recuou cambaleando pela porta do barracão.

Philip se permitiu um sorriso satisfeito. Era um bom começo.

Mas o pavor do sobrenatural não iria durar muito. Tornou a erguer a mão e acenou sem se virar. Em resposta ao seu sinal, os trabalhadores puseram mãos à obra e o tinido de ferro batendo em pedra começou a pontuar a música do coro.

Dois ou três rostos temerosos espiaram pelo vão da porta. Os homens logo perceberam que estavam diante de monges e trabalhadores normais,

de carne e osso, não de visões ou espíritos, e saíram do barracão para ver melhor. Os dois homens de armas também saíram, afivelando os cintos das espadas, e ficaram parados observando. Para Philip, aquele era o momento crucial: o que os soldados do conde iriam fazer?

A visão daqueles homens, grandes, barbados e sujos, com seus cintos de metal, suas espadas e adagas, seus pesados gibões de couro, trouxe à mente de Philip uma lembrança vívida, cristalina, dos dois soldados que haviam invadido sua casa quando ele tinha 6 anos e matado sua mãe e seu pai. Foi apunhalado por uma súbita e inesperada tristeza por aqueles pais de quem mal se lembrava. Encarou com ódio os trabalhadores do conde Percy, vendo no lugar deles um homem feio de nariz torto e outro moreno com sangue na barba, e sentiu-se dominado pela raiva, pelo nojo e por uma feroz determinação de derrotar facínoras estúpidos e ímpios como aqueles.

Durante algum tempo, os homens de armas nada fizeram. Aos poucos, os canteiros do conde saíram do alojamento. Philip os contou: eram doze, mais os dois homens de armas.

O sol despontou no horizonte.

Os trabalhadores de Kingsbridge já escavavam as pedras. Se quisessem impedi-los, os homens de armas teriam de passar por cima dos monges que os cercavam e protegiam. Philip havia apostado que eles hesitariam em cometer violências contra monges em oração.

Até ali, havia acertado: eles hesitavam.

Os dois noviços que tinham ficado para trás então chegaram, trazendo os cavalos e a carroça. Olharam em volta com um ar assustado. Philip indicou com um gesto onde deveriam parar. Então se virou, trocou um olhar com Tom Builder e fez um gesto com a cabeça.

A essa altura, várias pedras já haviam sido talhadas e Tom então instruiu alguns dos monges mais jovens a recolhê-las e levá-las até a carroça. Os homens do conde observaram com interesse esse novo desdobramento. Como as pedras eram demasiado pesadas para ser erguidas por um homem só, tinham de ser baixadas dos andaimes com a ajuda de cordas e então transportadas sobre padiolas. Quando a primeira foi colocada dentro da carroça, os homens de armas foram confabular com Harold. Uma segunda pedra foi posta na carroça. Os dois homens de armas se separaram dos outros que se juntavam em volta do barracão e foram na direção da carroça. Philemon, um dos noviços, subiu nela e sentou em

cima das pedras, com uma expressão desafiadora. Que rapaz corajoso!, pensou Philip. Mas ele estava com medo.

Os homens chegaram à carroça. Imóveis em frente a ela, os quatro monges que haviam trazido as pedras formavam uma barreira. Philip ficou tenso. Os homens do conde pararam em frente aos monges e levaram a mão ao cabo da espada. Os cantos silenciaram e todos ficaram observando com a respiração presa.

Com certeza eles não terão coragem de passar monges indefesos a fio de espada, pensou Philip. Então imaginou como seria fácil para aqueles homens grandes e fortes, acostumados à carnificina do campo de batalha, transpassar com as espadas aquelas pessoas de quem não tinham nada a temer, nem mesmo uma retaliação. Contudo, continuou refletindo, precisavam levar em consideração a punição divina a que estariam se arriscando caso assassinassem homens de Deus. Mesmo carneiros como aqueles deviam saber que, um dia, estariam diante do Juízo Final. Será que temiam o fogo eterno? Talvez, mas temiam também seu patrão, o conde Percy. Philip imaginou que a preocupação principal deles devia ser se podiam arrumar uma desculpa adequada para não conseguirem manter os homens de Kingsbridge longe da pedreira. Observou-os hesitar diante de um punhado de jovens monges, com as mãos nas espadas, e imaginou-os pesando os perigos de fracassar com Percy em comparação com a ira de Deus.

Os dois homens de armas se entreolharam. Um deles balançou a cabeça, o outro deu de ombros E saíram juntos da pedreira.

O chantre entoou outra nota e os monges se puseram a cantar um hino triunfal. Os canteiros deram um grito de vitória e Philip relaxou, aliviado. Por um instante, a situação parecera extremamente perigosa. Não pôde evitar um sorriso radiante de prazer. A pedreira era sua.

Apagou a vela e foi até a carroça. Abraçou cada um dos quatro monges que haviam enfrentado os homens de armas e também os dois noviços que tinham trazido a carroça.

– Estou orgulhoso de vocês – falou, efusivo. – E acredito que Deus também esteja.

Os monges e os canteiros apertavam as mãos um dos outros e se congratulavam. Otto Blackface chegou perto de Philip.

– Muito bem, padre Philip – disse o mestre canteiro. – O senhor é um

homem de coragem, se me permite dizer.

– Deus nos protegeu – respondeu Philip.

Seus olhos recaíram sobre os canteiros do conde, que formavam um grupo desconsolado junto à porta do barracão. Não queria que virassem seus inimigos. Enquanto estivessem sem trabalho haveria sempre o risco de Percy usá-los para criar novos problemas. Decidiu falar com eles.

Segurou Otto pelo braço e o guiou até o barracão.

– A vontade de Deus foi feita hoje aqui – disse para Harold. – Espero que não haja rancor entre nós.

– Estamos sem trabalho – respondeu Harold. – Isso gera rancor.

De repente, Philip atinou com uma forma de manter os homens de Harold do seu lado. Falou por impulso:

– Vocês podem voltar a trabalhar hoje mesmo, se quiserem. Trabalhem para mim. Eu contrato sua equipe inteira. Nem precisam sair do barracão.

A reviravolta deixou Harold surpreso. Ele fez cara de espanto, então se recuperou.

– Com que salário? – perguntou.

– A tarifa padrão – respondeu Philip de bate-pronto. – Dois *pence* por dia para os artesãos, 1 *penny* por dia para os serventes, 4 *pence* para você, e você paga seus próprios aprendizes.

Harold se virou e olhou para os colegas. Philip puxou Otto de lado para deixá-los debater a sós a proposta. Na verdade, não tinha dinheiro para pagar mais doze homens, e caso eles aceitassem sua proposta teria de adiar ainda mais a contratação de pedreiros. Isso significava que iria cortar pedras mais depressa do que precisaria delas. Poderia estocar, mas as finanças sofreriam. No entanto, ter todos os canteiros de Percy na folha de pagamento do priorado seria uma boa jogada defensiva. Se Percy quisesse tentar outra vez explorar a pedreira, primeiro teria de contratar uma equipe de canteiros, o que talvez fosse difícil quando a notícia do que acontecera ali se espalhasse. Além do mais, se no futuro Percy tentasse outro estratagema para fechar a pedreira, Philip teria pedra estocada.

Harold parecia debater com seus homens. Dali a alguns instantes, afastou-se deles e tornou a se aproximar de Philip.

– Quem vai ficar no comando se trabalharmos para o senhor? – perguntou. – Eu ou seu mestre de cantaria?

– Otto fica no comando – disse Philip sem hesitar. Com certeza Harold

não podia ficar no comando, já que havia o risco de Percy reconquistar sua lealdade. E não podia haver dois mestres, o que causaria conflitos. – Você pode continuar a comandar sua própria equipe – continuou Philip. – Mas Otto ficará acima de você.

Harold pareceu decepcionado e voltou para junto de seus homens. O debate recomeçou. Tom Builder se juntou a Philip e Otto.

– Seu plano deu certo, padre – disse, com um largo sorriso. – Nós retomamos a pedreira sem derramar nenhuma gota de sangue. O senhor é incrível.

Philip sentiu-se inclinado a concordar, mas se deu conta de que cometeria o pecado do orgulho.

– Quem operou o milagre foi Deus – falou, lembrando isso tanto a Tom quanto a si mesmo.

– O padre Philip propôs contratar Harold e a equipe dele para trabalhar comigo – disse Otto.

– É mesmo? – Tom pareceu contrariado. Quem devia contratar artesãos era o mestre construtor, não o prior. – Achei que não tivesse dinheiro para isso.

– E não tenho – admitiu Philip. – Mas não quero esses homens zanzando por aí sem nada para fazer, só esperando Percy pensar em outro jeito de se reapropriar da pedreira.

Tom fez uma cara pensativa, então aquiesceu.

– E ter uma reserva de pedra caso Percy consiga retomar a pedreira não vai fazer mal – disse o mestre construtor.

Philip ficou feliz por Tom compreender a lógica do que ele tinha feito.

Harold parecia estar chegando a um acordo com seus homens. Voltou para junto de Philip.

– O senhor pagará os ordenados a mim e me deixará distribuir o dinheiro como eu achar melhor? – perguntou.

Philip hesitou. Isso significava que o mestre poderia tirar mais do que o seu quinhão. Mas respondeu:

– Quem decide é o mestre construtor.

– É uma prática bastante comum – ponderou Tom. – Se for isso que sua equipe quiser, não vejo problema.

– Nesse caso, nós aceitamos – disse Harold.

Harold e Tom apertaram-se as mãos.

- Então todos conseguiram o que queriam – observou Philip. – Ótimo!
- Tem uma pessoa que não conseguiu o que queria – comentou Harold.
- Quem? – quis saber Philip.
- Regan, esposa do conde Percy – respondeu o artesão em tom lúgubre.
- Quando ela ficar sabendo o que aconteceu aqui, cabeças vão rolar.

II

Não era dia de caça, então os rapazes de Earlscastle decidiram se dedicar a um dos jogos preferidos de William Hamleigh: apedrejar o gato.

Havia sempre muitos gatos no castelo, e um a mais ou a menos não faria a menor diferença. Os homens fecharam as portas e as venezianas das janelas no salão da torre de menagem e encostaram os móveis nas paredes para o gato não poder se esconder atrás de nada, então fizeram uma pilha de pedras no meio do salão. O gato, um caçador de ratos já meio velho, com fios brancos na pelagem, sentiu a sede de sangue no ar e sentou-se junto à porta, na esperança de conseguir sair.

Para cada pedra lançada, os homens punham 1 *penny* cada num pote, e quem atirasse a pedra fatal levava todo o dinheiro.

Enquanto eles tiravam a sorte para definir a ordem dos lançamentos, o gato começou a ficar agitado e a andar de um lado para outro em frente à porta.

Walter foi o primeiro a lançar. Era uma sorte, pois, por mais desconfiado que estivesse, o gato ainda desconhecia a natureza do jogo e podia ser pego de surpresa. De costas para o animal, Walter pegou uma pedra na pilha e a escondeu na mão, então se virou devagar e lançou de repente.

Errou. A pedra acertou a porta e o gato deu um pulo e correu. Os outros homens debocharam.

Ser o segundo era um azar, pois o gato estava descansado e ágil, enquanto mais tarde estaria cansado e talvez ferido. Um jovem escudeiro foi o seguinte a lançar. Ficou observando o gato correr pelo salão à procura de uma saída e esperou o animal diminuir a velocidade. Então lançou. Foi um bom lançamento, mas o gato percebeu a pedra e se esquivou. Os

homens soltaram um gemido.

O animal voltou a correr pelo cômodo, agora mais depressa, cada vez mais em pânico, subindo nos cavaletes e nas tábuas encostados na parede e tornando a pular para o chão. O próximo a lançar foi um cavaleiro de certa idade. Fingiu um lançamento para ver em que direção o gato iria correr, em seguida lançou de verdade enquanto ele estava correndo, mirando um pouco à frente. Os outros aplaudiram sua astúcia, mas o gato viu a pedra vindo na sua direção, parou de repente e conseguiu evitá-la.

Desesperado, tentou se espremer atrás de um baú de carvalho em um canto. O jogador seguinte percebeu a oportunidade e a aproveitou: lançou depressa, enquanto o gato estava parado, e acertou na anca. Um urro de animação ecoou. O gato desistiu de tentar se espremer atrás do móvel e recomeçou a correr pelo salão, mas agora estava mancando e se movia mais devagar.

Chegou a vez de William.

Ele pensou que, se tomasse cuidado, provavelmente poderia matar o gato. Para fazê-lo se cansar mais um pouco, gritou com ele e o fez correr mais depressa por alguns instantes, então fingiu que ia lançar, o que fez o animal correr depressa mais um pouco. Se um dos outros tivesse demorado daquele jeito a lançar, teria sido vaiado, mas como William era filho do conde todos esperaram pacientemente. O gato diminuiu a velocidade. Era óbvio que estava com dor. Aproximou-se da porta com um ar esperançoso. William recuou o braço. Inesperadamente, o gato parou em frente à parede junto à porta. William começou a lançar. Antes de a pedra sair de sua mão, a porta se abriu de supetão e um religioso vestido de preto surgiu. William lançou, mas o gato saltou como a flecha lançada por um arco e soltou um miado triunfal. O religioso em pé no vão da porta deu um grito assustado e agudo e recolheu as barras do hábito. Os rapazes desataram a rir. O gato trombou nas pernas do religioso, em seguida aterrissou de pé e saiu em disparada pela porta. O religioso continuou parado numa postura amedrontada, como uma velha assustada por um camundongo, e os rapazes urraram de tanto rir.

William reconheceu o religioso. Era o bispo Waleran.

Riu mais alto ainda. O fato de o sacerdote afeminado que se assustara com o gato ser também um inimigo da família tornava tudo aquilo ainda melhor.

O bispo recuperou a compostura bem depressa. Ficou muito vermelho e apontou para William um dedo acusador.

– Você vai sofrer tormentos eternos nas profundezas mais fundas do inferno – disse, com uma voz roufenha.

A risada de William se transformou em terror na mesma hora. Quando ele era pequeno, sua mãe o fazia ter pesadelos contando o que os demônios faziam com as pessoas no inferno: queimavam-nas, arrancavam seus olhos e cortavam suas partes pudendas com facas afiadas, e desde então ele detestava ouvir falar no assunto.

– Cale a boca! – gritou para o bispo. O salão silenciou. William sacou a faca e andou na direção de Waleran. – Não venha aqui pregar, sua serpente! – Waleran não demonstrou medo. Pareceu apenas intrigado, curioso por ter descoberto a fraqueza do rapaz. William ficou com mais raiva ainda. – Nem que eu tenha de ser enforcado, eu juro que...

Era louco o suficiente para esfaquear o bispo, mas foi detido por uma voz na escada.

– William! Chega!

Era seu pai.

William parou e, alguns instantes depois, embainhou a faca.

Waleran entrou no salão. Vinha acompanhado de outro religioso, que fechou a porta atrás deles: o deão Baldwin.

– Que surpresa vê-lo, bispo – disse o pai de William.

– Porque da última vez que nos vimos você convenceu o prior de Kingsbridge a me trair? Sim, entendo que esteja surpreso. Em geral não sou homem de perdoar. – Ele tornou a lançar um olhar gélido para William, em seguida virou-se de novo para o pai. – Mas não guardo mágoa quando isso vai contra meus interesses. Precisamos conversar.

O pai assentiu com um ar pensativo.

– É melhor você subir. Você também, William.

O bispo Waleran e o deão Baldwin subiram a escada até os aposentos do conde, seguidos por William. Estava decepcionado porque o gato tinha fugido. Por outro lado, percebeu que ele também tivera a sorte de escapar: se houvesse tocado o bispo, provavelmente teria sido enforcado. Mas havia algo na delicadeza, na afetação de Waleran, que William detestava.

Entrou no quarto do pai, o mesmo em que havia estuprado Aliena. Sempre que entrava, rememorava a cena: o corpo dela, branco e sensual, o

medo estampado em seu rosto, o modo como ela havia gritado, a expressão contorcida de seu irmão mais novo ao ser forçado a assistir, então o golpe de mestre de William, ao deixar Walter se aproveitar dela depois. Desejou ter podido mantê-la ali, prisioneira, para possuí-la sempre que quisesse.

Havia pensado nela de maneira obsessiva desde então. Chegara até a tentar localizá-la. Um guarda-florestal do rei fora pego tentando vender seu cavalo de combate em Shiring e confessara, sob tortura, ter roubado o animal de uma moça que correspondia à descrição de Aliena. William ficara sabendo pelo carcereiro de Winchester que ela fora visitar o pai antes de morrer. E madame Kate, amiga de William, dona de um bordel que ele frequentava, dissera ter oferecido trabalho a Aliena em sua casa. Mas o rastro havia esfriado.

– Não a deixe atormentar sua mente, Willy, meu menino – dissera Kate em tom compreensivo. – Você quer peitos grandes e cabelos compridos? Nós temos. Fique com Betty e Millie juntas hoje, quatro peitos grandes só para você, que tal?

Mas Betty e Millie não eram ingênuas, não tinham a pele alva nem estavam mortas de medo, e não o haviam agradado. Na verdade, ele não conseguia se satisfazer com uma mulher desde aquela noite com Aliena ali no quarto do conde.

Afastou esse pensamento da mente. O bispo Waleran estava falando com a mãe.

– Suponho que a senhora saiba que o prior de Kingsbridge se apoderou da sua pedreira.

Eles não sabiam. William ficou pasmo, e a mãe uma fera.

– O quê?! – exclamou ela. – Como?

– Parece que seus homens de armas conseguiram mandar os canteiros dele embora, mas no dia seguinte, quando acordaram, a pedreira estava ocupada por monges entoando hinos e eles tiveram medo de atacar homens de Deus. O prior então contratou os canteiros de vocês e agora estão todos trabalhando juntos em perfeita harmonia. Fico surpreso por os soldados não terem vindo lhe fazer um relatório.

– Onde estão eles, esses covardes? – guinchou a mãe. Estava com a cara toda vermelha. – Eles vão se ver comigo. Vou fazê-los cortar fora os próprios sacos...

– Entendo por que eles não voltaram – comentou Waleran.

– Deixe os homens de armas para lá – interveio o pai. – São só soldados. O responsável é aquele prior ardiloso. Jamais imaginei que ele fosse capaz de uma coisa dessas. Foi mais esperto do que nós, só isso.

– Exato – disse Waleran. – Com todo aquele ar de ingenuidade santa, ele é astuto como um rato.

William pensou que Waleran também se parecia com um rato, um rato negro, de fuça pontuda e pelos pretos lisos e lustrosos, sentado em um canto segurando uma casca de pão e lançando olhares desconfiados pelo recinto enquanto mordiscava o almoço. De que lhe interessava quem ocupasse a pedreira? O bispo era tão ardiloso quanto o prior Philip e também estava tramando algo.

– Não podemos deixá-lo se safar assim – disse a mãe. – Os Hamleighs não podem ser vistos como derrotados. Esse prior tem de ser humilhado.

O pai não tinha tanta certeza.

– É só uma pedreira – disse ele. – E o rei falou...

– Não é só a pedreira, é a honra da família – interrompeu a mãe. – Pouco importa o que o rei falou.

William concordava com a mãe. Philip de Kingsbridge tinha desafiado os Hamleighs e precisava ser esmagado. Se as pessoas não o temem, você não é nada. Mas ele não via qual era o problema.

– Por que não vamos até lá com alguns homens e simplesmente expulsamos os canteiros do prior?

O pai balançou a cabeça.

– Uma coisa é obstruir os desejos do rei de modo passivo, como fizemos ao explorar nós mesmos a pedreira. Outra bem diferente é mandar homens armados expulsarem trabalhadores que estão lá por permissão expressa do rei. Isso poderia me custar o condado.

Com relutância, William entendeu seu ponto de vista. O pai era sempre cauteloso, mas em geral com razão.

– Tenho uma sugestão – disse o bispo Waleran. William tinha certeza de que desde o começo ele estava escondendo algo naquela manga preta bordada. – Acho que essa catedral não deveria ser construída em Kingsbridge.

O comentário deixou William confuso. Ele não via em que aquilo era relevante. O pai também não, mas a mãe arregalou os olhos e parou de

coçar o rosto por um instante.

– Mas que ideia interessante – falou, pensativa.

– Antigamente, a maioria das catedrais ficava em povoados como Kingsbridge – prosseguiu Waleran. – Muitas foram transferidas para cidades há uns sessenta, setenta anos, no tempo do primeiro rei Guilherme. Kingsbridge é um pequeno povoado no meio do nada. Não há nada ali exceto um mosteiro em mau estado que não tem dinheiro nem para manter uma catedral, muito menos para construir uma.

– E onde *o senhor* quer que ela seja construída? – indagou a mãe.

– Em Shiring – respondeu Waleran. – É uma cidade grande, com uma população que deve ter mil pessoas ou mais, tem um mercado e uma feira anual de lã. E fica em uma estrada principal. Shiring seria uma boa opção. E, se nós dois fizermos campanha por isso, o bispo e o conde juntos, talvez sejamos bem-sucedidos.

– Mas, se a catedral se mudar para Shiring, os monges de Kingsbridge não poderão cuidar dela – disse o conde.

– É justamente *essa* a questão – atalhou a mãe, impaciente. – Sem a catedral, Kingsbridge não seria nada, o priorado afundaria outra vez no anonimato e Philip tornaria a ser uma nulidade, que é o que ele merece.

– Mas quem iria cuidar da nova catedral? – insistiu o pai.

– Um novo capítulo de cônegos – respondeu Waleran. – Nomeados por mim.

Apesar de ter ficado tão intrigado quanto o pai, William estava começando a entender o raciocínio de Waleran: ao transferir a catedral para Shiring, ele assumiria pessoalmente seu controle.

– E o dinheiro? – indagou o pai. – Quem pagaria pela nova catedral senão o priorado de Kingsbridge?

– Acho que iríamos descobrir que a maior parte dos bens do priorado está atrelada à catedral – disse Waleran. – Se a catedral mudar de lugar, os bens vão junto. Por exemplo, quando o rei Estêvão dividiu as antigas terras do condado de Shiring, deu as propriedades na montanha ao priorado, como nós bem sabemos, mas fez isso para ajudar a financiar a nova catedral. Se lhe disséssemos que outra pessoa está construindo a nova catedral, ele esperaria que o priorado cedesse essas terras aos novos construtores. Os monges resistiriam, claro, mas bastaria examinar os documentos para resolver a questão.

O quadro estava ficando mais claro para William. Graças a esse esquema, Waleran não apenas assumiria o controle da catedral, mas também tomaria para si a maior parte das riquezas do priorado.

O pai estava pensando a mesma coisa.

– É um esquema vantajoso para o senhor, bispo, mas o que eu ganho com ele?

Quem lhe respondeu foi a mãe.

– Não está vendo? – indagou ela, impaciente. – Você é o dono de Shiring. Pense em quanta prosperidade a catedral levaria à cidade. Centenas de artesãos e trabalhadores passariam anos construindo a igreja. Todos teriam de morar em algum lugar e lhe pagar aluguéis, e comprar comida e roupas no seu mercado. E haveria os cônegos para administrar a catedral, os peregrinos que iriam para Shiring, e não para Kingsbridge, na Páscoa e no Pentecostes, para as grandes missas, e aqueles que iriam visitar os santuários... Toda essa gente gasta dinheiro. – Os olhos dela estavam acesos de cobiça. William não se lembrava de ver a mãe animada assim havia muito tempo. – Se conduzirmos a questão direito, poderíamos transformar Shiring em uma das cidades mais importantes do reino!

E ela vai ser minha, pensou William. Quando o pai morrer, o conde serei eu.

– Está bem – concordou o pai. – Esse esquema arruinará Philip, dará poder ao senhor, bispo, e me tornará rico. Como seria possível?

– Em teoria, a decisão de mudar a localização da catedral precisa ser tomada pelo arcebispo de Canterbury.

A mãe o encarou com um olhar incisivo.

– “Em teoria” por quê?

– Porque no presente momento não há arcebispo. William de Corbeil morreu no Natal e o rei Estêvão ainda não nomeou seu sucessor. Mas nós sabemos quem é o mais forte candidato ao cargo: nosso velho amigo Henrique de Winchester. Ele quer o posto, o papa já lhe concedeu o controle interino, e seu irmão está no trono.

– E quão nosso amigo ele é? – perguntou o pai. – Não fez grande coisa para ajudá-lo quando o senhor estava tentando conquistar este condado.

Waleran deu de ombros.

– Se puder, ele vai me ajudar. Teremos de apresentar uma defesa convincente.

– Se espera ser nomeado arcebispo, ele não vai querer fazer nenhum inimigo poderoso agora – disse a mãe.

– Correto. Mas Philip não é poderoso o suficiente para ser importante. Não é provável que ele seja consultado em relação à escolha do arcebispo.

– Então por que Henrique simplesmente não nos daria o que queremos? – perguntou William.

– Porque ele *não é* o arcebispo, não ainda, e sabe que as pessoas estão de olho para ver como se comporta durante essa fase de transição. Ele quer ser visto como alguém que toma decisões judiciosas, não como uma pessoa que concede favores aos amigos. Haverá muito tempo para isso *depois* da eleição.

– Então o melhor que se pode dizer é que ele vai ouvir nosso argumento com simpatia – ponderou a mãe, pensativa. – Qual é o nosso argumento?

– Que Philip não é capaz de construir uma catedral e nós somos.

– E como vamos convencê-lo disso?

– A senhora esteve em Kingsbridge recentemente?

– Não.

– Eu sim, na Páscoa. – Waleran sorriu. – Eles ainda não começaram a obra. Tudo o que têm é um trecho de solo plano com algumas estacas fincadas na terra e umas cordas demarcando onde pretendem construir. Começaram a escavar as fundações, mas só chegaram a uns poucos metros de profundidade. Tem um pedreiro trabalhando lá com o aprendiz, o carpinteiro do priorado, e ocasionalmente um monge ou outro. Uma visão nada impressionante, principalmente na chuva. Eu gostaria que o bispo Henrique visse isso.

A mãe assentiu, pensativa. Embora detestasse a ideia de colaborar com o odioso Waleran Bigod, William podia ver que aquele era um bom plano.

– Vamos informar Henrique de antemão de como Kingsbridge é um lugar pequeno e insignificante – continuou o bispo – e quanto o mosteiro é pobre. Então lhe mostraremos o local da obra, onde em mais de um ano cavaram apenas uns buracos rasos, e por fim o levaremos a Shiring, para impressioná-lo com a rapidez com a qual poderíamos construir uma catedral lá, com o bispo, o conde e os moradores da cidade todos dedicando energia máxima ao projeto.

– Henrique virá? – indagou a mãe, ansiosa.

– Tudo o que podemos fazer é pedir – respondeu Waleran. – Vou convidá-lo a fazer uma visita como arcebispo no domingo do Pentecostes. Assim ele ficará lisonjeado pensando que nós já o consideramos o arcebispo.

– Não podemos deixar que o prior Philip fique sabendo – comentou o pai.

– Não acho que isso vá ser possível – rebateu Waleran. – O bispo não pode fazer uma visita surpresa a Kingsbridge, seria muito esquisito.

– Mas, se Philip souber de antemão que o bispo Henrique irá ao priorado, poderá fazer um grande esforço para avançar a obra.

– Com o quê? Ele não tem dinheiro, ainda mais agora que contratou todos os seus canteiros. E canteiros não sabem subir paredes. – Waleran balançou a cabeça com um sorriso satisfeito. – Na verdade, não há nada que ele possa fazer a não ser torcer para haver sol no domingo do Pentecostes.



No início, a visita do bispo de Winchester a Kingsbridge deixara Philip satisfeito. Isso significava uma missa campal, claro, mas não seria um problema. Eles a rezariam no lugar em que ficava a antiga catedral. Para o caso de chover, o carpinteiro do priorado construiria um abrigo temporário acima do altar e da área em volta para manter o bispo seco, e os fiéis simplesmente se molhariam. A visita parecia um gesto de fé da parte do bispo Henrique, como se ele dissesse que ainda considerava Kingsbridge a catedral, e a falta de uma igreja de verdade fosse apenas um problema temporário.

No entanto, ocorreu-lhe que haveria alguma motivação para Henrique. A razão habitual para um bispo visitar um mosteiro era comer, beber e se hospedar de graça junto com sua comitiva, mas Kingsbridge era conhecido, para não dizer famoso, pela simplicidade da comida e pela austeridade das acomodações, e as reformas de Philip só tinham conseguido melhorar o padrão de terrível para, no melhor dos casos, adequado. Henrique era também o membro do clero mais rico do reino, de modo que com certeza não estava indo a Kingsbridge por causa da comida

e da bebida. E ele parecera a Philip um homem que não fazia nada sem motivo.

Quanto mais o prior pensava a respeito, mais desconfiava de que o bispo Waleran estivesse metido naquilo. Imaginara que ele fosse aparecer em Kingsbridge um ou dois dias depois da carta para combinar detalhes da missa e da recepção de Henrique e garantir que o bispo de Winchester ficasse satisfeito e impressionado com o priorado, e, à medida que os dias passaram sem que Waleran desse as caras, suas desconfianças aumentaram.

No entanto, nem mesmo em seus momentos de maior suspeita ele havia sonhado com a traição revelada, dez dias antes do Pentecostes, por uma carta do prior da catedral de Canterbury. Assim como Kingsbridge, Canterbury era uma catedral administrada por monges beneditinos, que se ajudavam mutuamente sempre que possível. O prior de Canterbury, que naturalmente trabalhava bem próximo ao arcebispo interino, ficara sabendo que Waleran tinha convidado Henrique a Kingsbridge com o objetivo específico de convencê-lo a transferir a diocese e a nova catedral para Shiring.

Philip ficou chocado. Seu coração disparou e a mão que segurava a carta tremeu. Era uma jogada diabolicamente inteligente de Waleran, pela qual ele não esperava. Jamais havia imaginado nada daquele tipo.

O que o deixou mais abalado foi sua própria falta de prudência. Ele sabia como Waleran era traiçoeiro. O bispo havia tentado apunhalá-lo pelas costas um ano antes, ao tentar pegar para si o condado de Shiring. E ele jamais se esqueceria de como Waleran ficara furioso ao ser derrotado pela sua astúcia. Ainda podia ver o rosto do bispo, tomado pela ira, ao dizer: *Eu juro, por tudo o que é mais sagrado, que você nunca vai construir sua igreja*. Com o passar do tempo, no entanto, a ameaça contida nesse juramento tinha se apagado e Philip baixara a guarda. Agora estava sendo brutalmente lembrado de quanto a memória de Waleran era boa.

“O bispo Waleran diz que você não tem dinheiro e em quinze meses não construiu nada”, escrevera o prior de Canterbury. “Segundo ele, o bispo Henrique verá com os próprios olhos que a catedral nunca será erguida se a tarefa ficar a cargo do priorado de Kingsbridge. Ele diz que a hora de proceder à mudança é agora, antes que seja feito algum progresso real.”

Como Waleran era astuto demais para ser pego mentindo descaradamente, estava apenas exagerando bastante. Na realidade, Philip tinha feito muita coisa. Tinha removido as ruínas, aprovado o projeto, feito o traçado da nova extremidade leste, começado a escavar os alicerces e a derrubar árvores e extrair pedras. Mas não tinha grande coisa para mostrar a um visitante. E havia superado obstáculos inimagináveis para chegar até ali: reformado as finanças do priorado, conseguido uma importante doação de terras do rei e derrotado o conde Percy na disputa pela pedreira. Não era justo!

Com a carta de Canterbury na mão, ele foi até a janela e olhou para o canteiro de obras. As chuvas da primavera o transformaram em um mar de lama. Dois jovens monges, com as cabeças enterradas em capuzes, traziam toras de madeira da beira do rio. Tom Builder havia construído uma engenhoca composta por uma corda e uma polia para tirar barris de terra dos buracos das fundações e operava a manivela enquanto seu filho Alfred, no fundo do buraco, enchia os barris de lama. Para quem olhasse, parecia que eles podiam passar a eternidade inteira trabalhando naquele ritmo sem nunca notar diferença. Qualquer um que não fosse profissional olharia aquela cena e concluiria que nenhuma catedral seria construída ali antes do dia do Juízo Final.

Philip saiu da janela e voltou para a escrivaninha. O que podia fazer? Por um instante, se sentiu tentado a não fazer nada. O bispo Henrique que fosse lá, olhasse e tomasse a decisão por si só, pensou. Se a catedral tiver de ser construída em Shiring, que assim seja. Que o bispo Waleran assuma o controle dela e a use para seus próprios fins; que ela leve prosperidade para a cidade de Shiring e a malvada dinastia dos Hamleighs. Que seja feita a vontade de Deus.

Mas sabia, é claro, que não poderia agir assim. Ter fé em Deus não significava apenas ficar sentado sem fazer nada. Significava acreditar que, se você desse o melhor de si, com honestidade e energia, teria sucesso. A tarefa sagrada de Philip era fazer tudo o que pudesse para impedir a catedral de cair nas mãos de pessoas cínicas e sem moral, que a explorariam para vantagem própria. Isso queria dizer mostrar ao bispo Henrique que a obra estava avançando, sim, e que Kingsbridge tinha energia e determinação para concluí-la.

Seria verdade? O fato era que Philip teria uma dificuldade mortal de

construir uma catedral ali. Já fora quase forçado a abandonar o projeto só porque o conde impedira seu acesso à pedreira. Mas sabia que iria conseguir, no final, pois Deus iria ajudá-lo. Sua própria convicção, porém, não bastaria para convencer o bispo Henrique.

Decidiu que valia a pena dar o melhor de si para fazer o canteiro de obras parecer mais impressionante. Nos dez dias que faltavam para o Pentecostes, poria todos os monges para trabalhar. Talvez conseguissem escavar até o fim parte dos buracos das fundações, de modo que Tom e Alfred pudessem começar a colocar as primeiras pedras dos alicerces. Talvez parte das fundações pudesse ser concluída até o nível do chão, para Tom poder começar a erguer uma parede. Seria um pouco melhor do que a cena atual, mas não muito. O que Philip de fato necessitava era de uma centena de trabalhadores, mas não tinha dinheiro nem para dez.

O bispo Henrique viria num domingo, claro, então ninguém estaria trabalhando, a não ser que Philip conseguisse cooptar seus fiéis. Desse modo, poderia ter cem trabalhadores. Imaginou-se em pé na sua frente anunciando um tipo novo de celebração do Pentecostes: em vez de cantar hinos e rezar, nós vamos cavar buracos e carregar pedras. Eles ficariam assombrados. Iriam...

O que iriam de fato fazer?

Provavelmente cooperar de bom grado.

Ele franziu o cenho. Ou eu estou louco, pensou, ou a ideia pode de fato funcionar.

Pensou mais um pouco a respeito. Eu me levanto ao final da missa, e digo que a penitência de hoje para o perdão de todos os pecados é meio dia de trabalho no canteiro de obras da catedral. Pão e cerveja serão servidos na hora do almoço.

Eles fariam. É claro que sim.

Sentiu que precisava testar a ideia com outra pessoa. Pensou em Milius, mas logo o rejeitou: os processos mentais dele eram parecidos demais com os seus. Precisava de alguém com uma visão ligeiramente diversa. Decidiu conversar com Cuthbert Whitehead, o despenseiro. Vestiu a capa, abaixou o capuz para proteger o rosto da chuva e saiu.

Atravessou apressado o canteiro enlameado, passou por Tom com um aceno rápido e foi em direção ao pátio da cozinha. O conjunto de edificações agora incluía um galinheiro, um curral para vacas e uma

manufatura de laticínios, pois Philip não gostava de gastar o dinheiro escasso em mercadorias simples que os próprios monges podiam produzir, como ovos e manteiga.

Entrou na despensa debaixo da cozinha. Inalou o ar seco e perfumado, cheio das ervas e especiarias armazenadas por Cuthbert. Entretido contando alhos, o despenseiro observava as fieiras de bulbos enquanto murmurava números baixinho. Com um leve choque, Philip constatou que ele estava envelhecendo: sua carne parecia estar definhando sob a pele.

– Trinta e sete – disse Cuthbert em voz alta. – Quer uma caneca de vinho?

– Não, obrigado. – Philip achava que tomar vinho durante o dia o deixava preguiçoso e impaciente. Devia ser por isso que São Benedito aconselhava aos monges beber com moderação. – Não quero suas iguarias, e sim seu conselho. Venha, sente aqui.

Abrindo um caminho entre caixas e barris, Cuthbert tropeçou em um saco e quase caiu antes de se sentar em um banquinho de três pernas em frente a Philip. O armazém não era mais tão arrumado quanto costumava ser, reparou o prior. Uma coisa lhe ocorreu.

– Está com problemas de vista, Cuthbert?

– Minha visão não é mais o que já foi, mas ainda dá para o gasto – respondeu o despenseiro, seco.

Seus olhos já deviam estar ruins havia muitos anos. Talvez fosse até por isso que ele nunca aprendera a ler muito bem. Como o assunto era obviamente delicado, porém, Philip não disse mais nada, mas fez uma anotação mental para começar a preparar um substituto.

– Recebi uma carta muito perturbadora do prior de Canterbury – falou, e contou a Cuthbert o estratagema do bispo Waleran. – O único jeito de transformar o canteiro de obras em um formigueiro de atividade é pôr a congregação para trabalhar. Você consegue pensar em algum motivo para eu não fazer isso? – concluiu.

Cuthbert nem pensou antes de responder.

– Pelo contrário, é uma boa ideia – falou, na hora.

– Pouco ortodoxo, não? – perguntou Philip.

– Já foi feito antes.

– É mesmo? – Philip ficou surpreso e satisfeito. – Onde?

– Já ouvi falar nisso em vários lugares.

Philip se animou.

– E funciona?

– Às vezes. Provavelmente vai depender do tempo.

– Como se faz? O padre faz um anúncio no final da missa?

– É mais organizado do que isso. O bispo ou o prior despacha mensageiros até as igrejas das paróquias para anunciar que o perdão dos pecados pode ser obtido em troca de trabalho na obra.

– Que excelente ideia – exclamou Philip, entusiasmado. – Talvez nós recebamos mais fiéis do que de costume, atraídos pela novidade.

– Ou menos – falou Cuthbert. – Certas pessoas prefeririam dar dinheiro ao padre, ou acender uma vela para um santo, a passar o dia inteiro chafurdando na lama e transportando pedras pesadas.

– Não tinha pensado nisso – disse Philip, subitamente desanimado. – Talvez no fim das contas não seja uma ideia tão boa assim.

– E que outras ideias você tem?

– Nenhuma.

– Então precisa tentar essa e torcer para dar certo, não é?

– Sim – disse Philip. – Torcer para dar certo.

III

Na última noite antes do domingo de Pentecostes, Philip não pregou o olho.

Fizera sol a semana inteira, o que era perfeito para seu plano – mais pessoas se candidatariam a trabalhar se o tempo estivesse bom –, mas no sábado, ao cair da noite, começou a chover. Ele ficou acordado, desconsolado, ouvindo as gotas de chuva no telhado e o vento nas árvores. Sentiu que já havia orado o suficiente. Deus devia estar inteiramente a par das circunstâncias.

No domingo anterior, todos os monges do priorado tinham visitado uma ou mais igrejas para conversar com os fiéis e lhes dizer que eles poderiam obter o perdão de seus pecados trabalhando no canteiro de obras da catedral aos domingos. No domingo de Pentecostes, seriam perdoados pelo ano anterior inteiro, e dali em diante um dia de trabalho valeria uma

semana de pecados corriqueiros, exceto assassinato e sacrilégio. Philip fora pessoalmente a Shiring falar com todas as quatro igrejas de paróquia da cidade. Enviara dois monges a Winchester para visitar quantas das numerosas pequenas igrejas de lá fosse possível. Winchester ficava a dois dias de viagem, mas o Pentecostes era um feriado de seis dias e as pessoas faziam esse tipo de trajeto para uma grande feira ou missa espetacular. No total, milhares de pessoas tinham ouvido o recado. Não havia como saber quantas iriam comparecer.

No restante do tempo, todos haviam trabalhado na obra. O tempo bom e os dias longos do início do verão ajudaram e eles tinham conseguido quase tudo o que Philip esperava. As fundações da parede na extremidade leste da chancela tinham sido assentadas. Parte dos buracos onde ficariam as fundações da parede norte tinha sido escavada até o fundo e estava pronta para receber as pedras, e Tom havia construído máquinas para içar terra em número suficiente para manter dezenas de pessoas ocupadas escavando o que restava do imenso buraco caso dezenas de pessoas aparecessem. Além disso, a margem do rio estava coalhada de toras que os lenhadores haviam descido pela correnteza e de pedras da pedreira, e tudo isso precisava ser carregado encosta acima até a obra. Havia trabalho para centenas de pessoas.

Mas será que alguém viria?

À meia-noite, Philip acordou e caminhou debaixo da chuva até a cripta para rezar as matinas. Ao retornar depois do ofício, a chuva tinha estiado. Em vez de voltar para a cama, ficou acordado lendo. Ultimamente, aquele período entre a meia-noite e o raiar do dia era o único horário que tinha para estudar e meditar, pois passava o dia inteiro ocupado com a administração do mosteiro.

Nessa noite, porém, achou difícil se concentrar e não conseguiu parar de pensar no que iria acontecer no dia seguinte e nas chances de sucesso ou fracasso. Poderia perder tudo por que havia trabalhado durante o ano anterior e ainda mais. Talvez por certo sentimento fatalista, ocorreu-lhe que não deveria desejar o sucesso pelo sucesso. Era seu orgulho que estava em jogo ali? O orgulho era o pecado ao qual ele mais era vulnerável. Então pensou em todas as pessoas que dependiam de seu apoio, de sua proteção e do emprego gerado pela obra: os monges, os criados do priorado, os canteiros, Tom e Alfred, os habitantes do povoado de Kingsbridge e os

fiéis de todo o condado. O bispo Waleran não se importava com eles como Philip. Waleran parecia pensar que tinha o direito de usar as pessoas como quisesse para servir a Deus. Já Philip acreditava que cuidar delas *era* servir a Deus. Nisso consistia a salvação. Não, a vontade de Deus não podia ser a vitória do bispo Waleran naquela disputa. Talvez meu orgulho esteja um pouco em jogo, admitiu Philip para si mesmo, mas as almas de muitos homens também estão na balança.

Por fim, a aurora rompeu e mais uma vez ele andou até a cripta, agora para o ofício da prima. Os monges estavam irrequietos e animados. Sabiam que aquele dia era crucial para o futuro deles. O sacristão apressou o ofício e dessa vez Philip o perdoou.

Quando saíram da cripta em direção ao refeitório para o desjejum, já era dia claro, e o céu estava azul e sem nuvens. Pelo menos Deus mandara o tempo pelo qual ele havia rezado. Era um bom começo.



Tom Builder sabia que seu futuro estava em jogo nesse dia.

Philip havia lhe mostrado a carta do prior de Canterbury. Tom tinha certeza de que, se a catedral fosse construída em Shiring, Waleran contrataria seu próprio mestre construtor. Não iria querer usar um projeto aprovado por Philip e tampouco correria o risco de contratar alguém que pudesse ser leal ao prior. Para Tom, era Kingsbridge ou nada. Aquela era a única oportunidade que ele teria na vida de construir uma catedral, e agora estava ameaçada.

De manhã, ele foi convidado a participar da reunião do capítulo junto com os irmãos. Isso acontecia de vez em quando. Em geral era porque eles iriam discutir a obra e poderiam precisar da sua opinião de especialista em relação ao projeto, ao custo ou ao cronograma. Nesse dia, ele deveria organizar as atribuições dos trabalhadores voluntários, caso viesse algum. Queria que, quando o bispo Henrique chegasse, o canteiro de obras fosse um formigueiro de atividade frenética e eficiência.

Escutou com paciência as leituras e preces, sem entender as palavras em latim, pensando em seus planos para o dia. Então Philip começou a falar em inglês e o chamou para apresentar a organização do trabalho.

– Eu vou trabalhar na construção da parede leste da catedral e Alfred vai assentar as pedras das fundações – começou Tom. – O objetivo, em ambos os casos, é mostrar ao bispo Henrique quanto a obra está avançada.

– De quantos homens vocês dois vão precisar para ajudá-los? – perguntou Philip.

– Alfred vai precisar de dois serventes para lhe trazer as pedras. Ele vai usar o material das ruínas da antiga igreja. Também vai precisar de alguém para preparar a argamassa. Eu também vou necessitar de alguém para a argamassa e de dois serventes. Alfred pode usar pedras deformadas nas fundações, contanto que estejam lisas em cima e embaixo, mas as minhas, como ficarão expostas acima do solo, terão de estar bem talhadas, então eu trouxe dois canteiros lá da pedreira para me ajudar.

– Tudo isso é muito importante para impressionar o bispo Henrique – comentou Philip. – Mas a maior parte dos voluntários vai cavar os buracos para as fundações.

– Isso. A localização das fundações já está indicada para toda a chancela, mas a maioria dos buracos ainda tem só poucos metros de profundidade. Os monges devem operar as manivelas. Instruí vários deles sobre como fazer isso. E os voluntários podem encher os baldes.

– E se vierem mais voluntários do que podemos usar? – indagou Remigius.

– Podemos empregar quase todo mundo – respondeu Tom. – Se não tivermos equipamentos de içar suficientes, as pessoas podem tirar terra dos buracos usando baldes e cestos. O carpinteiro terá de ficar à disposição para fabricar mais escadas. A madeira nós já temos.

– Mas há um limite de pessoas que cabem no buraco – insistiu Remigius.

Tom teve a sensação de que ele só queria criar caso.

– Cabem centenas – respondeu, sem paciência. – O buraco é grande.

– E há mais trabalho a ser feito além de escavar – disse Philip.

– De fato – concordou Tom. – A outra frente importante de trabalho é trazer madeira e pedra da beira do rio até o canteiro de obras. Vocês, irmãos, precisam se certificar de que os materiais sejam empilhados no lugar certo no canteiro. As pedras precisam ficar ao lado dos buracos das fundações, mas do lado *de fora* da igreja, onde não atrapalhem. O carpinteiro lhes dirá onde colocar a madeira.

– Nenhum voluntário terá qualificação? – quis saber Philip.

– Não necessariamente. Se vierem pessoas das cidades, pode ser que haja alguns artesãos, ou assim espero. Precisamos descobrir quem são e chamá-los. Carpinteiros podem construir alojamentos para o trabalho de inverno. Os que forem pedreiros podem lapidar pedras e assentar os alicerces. Se houver um ferreiro, ele ficará na fundição do povoado fabricando ferramentas. Todos eles serão extremamente úteis.

Milius, o bolseiro, tomou a palavra:

– Já está tudo bem claro. Eu gostaria de começar. Alguns dos moradores do povoado já chegaram e estão aguardando instruções.

Tom precisava lhes dizer mais uma coisa, algo importante, mas delicado, e estava procurando as palavras certas. Monges podiam ser arrogantes e havia o risco de afastarem os voluntários. Tom queria que o trabalho daquele dia fosse descontraído e alegre.

– Não é a primeira vez que trabalho com voluntários – começou. – É importante não... não tratá-los como criados. Nós podemos pensar que eles estão trabalhando para obter uma recompensa no céu e que, portanto, deveriam dar mais duro do que se estivessem trabalhando em troca de dinheiro, mas eles não pensarão necessariamente da mesma forma. Para eles, estarão trabalhando em troca de nada, e assim fazendo uma grande gentileza. Se parecermos ingratos, vão ficar mais vagarosos e cometer erros. O melhor é administrá-los com mão leve.

Ele percebeu o olhar de Philip e viu que o prior estava contendo um sorriso, como se soubesse que temores haviam motivado suas palavras suaves.

– Bem colocado – aprovou Philip. – Se lidarmos com elas da maneira certa, essas pessoas se sentirão felizes e animadas, e isso criará uma boa atmosfera, que passará uma impressão positiva ao bispo Henrique. – Ele olhou em volta para os irmãos reunidos. – Se não houver mais perguntas, vamos começar.



Aliena tivera um ano de segurança e prosperidade sob a proteção do prior Philip.

Todos os seus planos tinham dado certo. Ela e Richard haviam passado toda a primavera e o verão anteriores percorrendo os campos para comprar velos dos camponeses e os vendendo para Philip sempre que juntavam um saco-padrão. Havia terminado a temporada com 5 libras de prata.

O pai morrera poucos dias depois da visita que fizeram a ele, mas Aliena só ficara sabendo no Natal. Depois de gastar em subornos parte da prata obtida à custa de muito suor, conseguira localizar seu túmulo em um cemitério de indigentes em Winchester. Havia chorado muito, não só por ele, mas pela vida que eles tiveram juntos, segura e despreocupada, uma vida que não voltaria nunca mais. Por um lado, tinha se despedido dele antes da sua morte: ao sair da prisão, sabia que nunca mais o veria. Por outro, ele continuava a acompanhá-la, pois ela estava presa pelo juramento que ele a havia obrigado a fazer e ela estava resignada a passar a vida cumprindo seu desejo.

Ela e Richard tinham morado durante o inverno em uma casinha encostada no muro do priorado de Kingsbridge. Havia construído uma carroça com rodas compradas do carroceiro do priorado e na primavera adquiriram um boi jovem para puxá-la. A temporada de tosquia estava agora no auge e eles já haviam ganhado mais do que o preço do boi e da carroça nova. No ano seguinte, talvez pudessem contratar alguém para ajudá-la e encontrar uma vaga de pajem para Richard na casa de algum pequeno nobre, de modo que ele pudesse iniciar sua formação de cavaleiro.

Mas tudo dependia do prior Philip.

Na sua condição de moça de 18 anos sozinha no mundo, Aliena ainda era considerada um alvo fácil por todos os ladrões e mesmo por muitos comerciantes legítimos. Havia tentado vender um saco de lã para negociantes de Shiring e de Gloucester, só para ver o que aconteceria, e em ambas as vezes lhe ofereceram metade do valor. Como nunca havia mais de um negociante por cidade, eles sabiam que ela não tinha escolha. Em pouco tempo, teria seu próprio depósito e venderia o estoque inteiro para os compradores flamengos, mas essa época ainda estava distante. Por enquanto, ela dependia de Philip.

E a situação do prior de repente havia ficado precária.

Aliena vivia constantemente alerta ao perigo de fora da lei e ladrões, mas tivera um grande choque ao ver seu ganha-pão ameaçado de forma tão

inesperada quando tudo estava indo tão bem.

Richard não queria trabalhar no canteiro de obras da catedral no domingo de Pentecostes – gratidão não era uma de suas qualidades –, mas a irmã o pressionara até fazê-lo concordar, e os dois percorreram os poucos metros até o portão do priorado pouco depois do nascer do sol. O povoado quase inteiro havia comparecido: trinta, quarenta homens, alguns com mulheres e filhos. Aquilo a deixou espantada até ela perceber que o prior Philip era o senhor deles e que quando seu senhor solicitava voluntários decerto não é muito sensato recusar. No último ano, ela havia adquirido uma nova e surpreendente compreensão da vida das pessoas comuns.

Tom Builder distribuía as tarefas entre os moradores do povoado. Richard foi falar direto com o filho dele, Alfred. Os dois tinham quase a mesma idade – Richard com 15 anos, Alfred cerca de um ano a mais – e todos os domingos jogavam bola com os outros meninos do povoado. A menininha, Martha, também estava presente, mas Ellen e o menino de aspecto engraçado e cabelos ruivos haviam sumido, ninguém sabia para onde. Aliena se lembrava de quando a família de Tom estivera em Earls castle. Na época, eles estavam na miséria. Assim como Aliena, tinham sido salvos pelo prior Philip.

Aliena e Richard receberam cada qual uma pá e a ordem de cavar buracos para as fundações. O solo estava úmido, mas o sol havia aparecido e logo secaria a superfície. Aliena começou a cavar com energia. Mesmo com cinquenta pessoas trabalhando, era preciso muito tempo para tornar os buracos perceptivelmente mais fundos. Richard se apoiava na pá com bastante frequência.

– Se quiser ser cavaleiro um dia, cave! – ralhou Aliena em uma dessas vezes, mas não fez diferença.

Graças ao fato de percorrer as estradas e levantar pesados fardos de lã crua, ela estava mais magra e mais forte do que um ano antes, mas descobriu que cavar ainda a deixava com dor nas costas. Ficou grata quando o prior Philip tocou o sino anunciando um intervalo. Monges trouxeram pão quente da cozinha e serviram cerveja rala. O sol estava ficando mais forte e alguns dos homens se despiram da cintura para cima.

Enquanto descansavam, um grupo de desconhecidos entrou pelo portão. Aliena os observou, esperançosa. Não eram muitos, mas talvez

fossem os precursores de uma grande multidão. Aproximaram-se da mesa onde o pão e a cerveja estavam sendo distribuídos e o prior Philip lhes deu as boas-vindas.

– De onde vocês vieram? – perguntou ele enquanto os recém-chegados bebiam, agradecidos.

– De Horsted – respondeu um deles, limpando a boca com a manga.

Aquilo era promissor: Horsted era uma aldeia de duzentas ou trezentas pessoas localizada alguns quilômetros a oeste de Kingsbridge. Com sorte, eles poderiam esperar mais uns cem voluntários de lá.

– E quantas pessoas estão vindo de lá ao todo? – indagou Philip.

O homem pareceu surpreso com a pergunta.

– Só nós quatro – respondeu.



Ao longo da hora seguinte, poucas pessoas entraram pelo portão do priorado até haver, no meio da manhã, setenta ou oitenta voluntários trabalhando, contando os moradores do povoado. O fluxo então cessou por completo.

Não era suficiente.

Parado na extremidade leste, Philip observava Tom erguer uma parede. Ele já havia construído as bases de dois contrafortes até o terceiro nível de pedras e agora fazia a parede entre eles. E provavelmente ela jamais seria concluída, pensou Philip com pessimismo.

A primeira coisa que Tom fazia quando os serventes lhe traziam uma pedra era pegar um instrumento de ferro no formato da letra L e usá-lo para verificar se os cantos estavam quadrados. Com uma pá, ele então jogava uma camada de argamassa na parede, cavava sulcos na mistura com a ponta da pá de pedreiro, colocava a nova pedra e raspava o excesso de massa. Ao posicionar a pedra, guiava-se por um barbante esticado entre os dois contrafortes.

Philip notou que as pedras eram quase tão lisas embaixo e em cima, onde a argamassa aderira, quanto na lateral que ficaria aparente. Surpreendeu-se com isso e perguntou a Tom o motivo.

– Uma pedra nunca deve tocar a que está sobre ou sob ela – respondeu

o construtor. – É para isso que serve a argamassa.

– E por que elas não podem se tocar?

– Porque isso causa rachaduras. – Tom ficou de pé para explicar. – Se você caminhar em cima de um telhado de ardósia, seu pé vai abrir um rombo. Mas, se puser uma tábua sobre o telhado, poderá andar por cima dela sem danificar a ardósia. A tábua distribui o peso, e é isso que a argamassa faz.

Philip nunca tinha pensado no assunto. A construção era uma atividade intrigante, principalmente com alguém como Tom, capaz de explicar o que estava fazendo.

A face mais grosseira da pedra era a de trás. Mas aquela face com certeza ficaria visível do interior da igreja, pensou Philip. Então lembrou que Tom na verdade estava construindo uma parede dupla, com um vão no meio, de modo que a parte de trás de cada pedra ficaria escondida.

Após posicionar a pedra sobre o leito de argamassa, Tom pegou seu prumo. Era um triângulo de ferro com uma tira de couro presa ao vértice e algumas incisões na base. Na ponta da tira estava amarrado um peso de chumbo para fazê-la pender sempre na vertical. Ele pousou a base do instrumento sobre a pedra e observou em que direção a tira de couro caía. Se pendesse para um lado ou outro da linha do centro, ele batia na pedra com o martelo até deixá-la perfeitamente nivelada. Então movia o instrumento até a emenda entre duas pedras adjacentes, para garantir que as superfícies estivessem alinhadas de modo exato. Por fim, virava-o e o punha de lado para ver se a pedra não estava inclinada para um lado ou para o outro. Antes de pegar outra pedra, puxava o barbante bem esticado para ter certeza de que as faces das pedras estavam alinhadas. Philip nunca tinha se dado conta de como era importante paredes de pedra estarem exatamente retas e alinhadas.

Ergueu o olhar para o restante do canteiro de obras. A área era tão grande que oitenta homens, mulheres e algumas crianças se perdiam nele. Todos trabalhavam com alegria sob o sol, mas eram tão pouco numerosos que seus esforços lhe pareceram um pouco inúteis. A princípio, ele aguardava cem pessoas, mas agora via que nem essa quantidade teria bastado.

Outro pequeno grupo passou pelo portão e Philip se forçou a recebê-lo com um sorriso. Não era necessário que aquelas pessoas soubessem que

seus esforços seriam em vão. De todo modo, elas obteriam o perdão por seus pecados.

Ao se aproximar, ele viu que era um grupo grande. Contou doze pessoas, e então mais duas entraram. Quem sabe, no fim das contas, conseguiria ter cem trabalhadores ao meio-dia, horário em que o bispo era aguardado.

– Que Deus abençoe todos vocês – falou.

Estava a ponto de lhes dizer onde começar a cavar quando foi interrompido por um grito alto.

– Philip!

Franziu o cenho em sinal de reprovação. Era a voz do irmão Milius. Até mesmo o bolseiro devia chamá-lo de “padre” em público. Olhou na direção de onde viera a voz. Milius estava equilibrado sobre o muro do priorado em uma postura um tanto indigna.

– Irmão Milius, desça do muro – disse com uma voz calma, mas potente.

Para seu espanto, Milius ficou onde estava.

– Venha ver isso! – gritou.

Os recém-chegados teriam uma péssima impressão da obediência monástica, pensou Philip, mas não pôde evitar se perguntar o que teria deixado Milius tão animado a ponto de ele esquecer os próprios modos.

– Venha cá me contar, Milius – falou, com uma voz que em geral reservava para os noviços ruidosos.

– Você precisa vir ver! – berrou Milius.

É melhor ele ter um motivo muito bom, pensou Philip, irritado. No entanto, como não queria dar uma bronca em seu colega mais próximo na frente de todos aqueles desconhecidos, foi obrigado a sorrir e fazer o que Milius pedia. Com uma irritação que beirava a raiva, atravessou o chão lamacento em frente ao estábulo e pulou para cima do muro baixo.

– O que *significa* esse comportamento? – sussurrou.

– Veja! – disse Milius, e apontou.

Philip olhou na direção em que ele indicava, por cima dos telhados do povoado, para além do rio, até a estrada que acompanhava os aclives e declives do terreno a oeste do priorado. No início não conseguiu acreditar no que via. Entre as plantações verdes, a estrada ondulante era uma verdadeira massa sólida de pessoas, centenas delas, todas caminhando em

direção a Kingsbridge.

– O que é isso? – indagou, sem entender. – Um exército? – Então compreendeu, é claro, que eram seus voluntários. Sentiu o coração pular de alegria. – Olhe para eles! – gritou. – Devem ser quinhentas... Mil pessoas... Mais até!

– Isso mesmo! – disse Milius, feliz. – Elas vieram, afinal!

– Estamos salvos. – De tão animado, Philip esqueceu por que deveria estar bravo com Milius. A massa de gente ocupava a estrada inteira até a ponte, e a fila passou pelo povoado e chegou ao portão do priorado. As últimas pessoas que ele havia recebido eram só as primeiras de uma falange. Outras agora se derramavam pelo portão e se aglomeravam no lado oeste do canteiro de obras, à espera de alguém que lhes dissesse o que fazer. – Aleluia! – bradou, sem conseguir se conter.

Não bastava se regozijar: ele precisava usar aquela gente. Pulou do muro para o chão.

– Vamos! – gritou para Milius. – Tire todos os monges do trabalho que estiverem fazendo. Vamos precisar deles para organizar essa gente. Diga ao cozinheiro para assar todo o pão que puder e mandar mais alguns barris de cerveja. Vamos precisar de mais baldes e pás. Temos de pôr toda essa gente para trabalhar antes que o bispo Henrique chegue!



Philip passou a hora seguinte num frenesi. No início, só para tirar as pessoas do caminho, mobilizou cem ou mais para trazer o material que estava na margem do rio. Assim que Milius conseguiu convocar um grupo de monges para fazer a supervisão, começou a pedir que os voluntários descessem para dentro dos buracos onde seriam as fundações. Logo faltaram pás, barris e baldes. Philip ordenou que todas as panelas fossem trazidas da cozinha e mandou alguns dos voluntários fabricarem caixas de madeira grosseiras e cestos de vime para transportar terra. Como não havia escadas ou equipamentos de içar que bastassem, eles fizeram uma ladeira comprida em uma das laterais do maior dos buracos, por onde as pessoas podiam descer e subir. Percebeu que não havia planejado direito onde colocar a enorme quantidade de terra que saía dos buracos. Agora era

tarde para refletir. Tomou uma decisão rápida e ordenou que a terra fosse jogada em um trecho de solo pedregoso perto do rio. Quem sabe o trecho até se tornasse cultivável. Enquanto estava dando essa ordem, Bernard, o cozinheiro, veio ter com ele em pânico, dizendo que só tinha previsto comida para duzentas pessoas, no máximo, e que parecia haver pelo menos mil.

– Acenda um fogo no pátio da cozinha e prepare sopa dentro de uma banheira de ferro – falou Philip. – Ponha água na cerveja. Use todos os mantimentos. Peça a alguns dos moradores do povoado que preparem comida em suas próprias casas. Improvise!

Ele deu as costas ao irmão e recomeçou a organizar os voluntários.

Ainda estava dando ordens quando alguém tocou em seu ombro.

– Prior Philip, posso ter sua atenção por um instante? – perguntou, em francês.

Era o deão Baldwin, comparsa de Waleran Bigod.

Philip se virou e viu toda a comitiva da visita, a cavalo e luxuosamente vestida, observando atônita a cena à sua volta. Lá estava o bispo Henrique, homem baixo e troncudo com o rosto enérgico e o corte de monge dos cabelos num estranho contraste com a capa vermelha bordada. Ao seu lado estava o bispo Waleran, de preto como sempre, sem conseguir disfarçar por completo sua consternação com a expressão habitual de gélido desdém. Lá estava o gordo Percy Hamleigh, seu filho grandalhão, William, e sua esposa horrenda, Regan. Pai e filho exibiam um ar de incompreensão, mas Regan já havia entendido exatamente o que Philip tinha feito e estava uma fera.

O prior voltou sua atenção para o bispo Henrique e, surpreso, constatou que ele o encarava com grande interesse. Retribuiu o olhar com franqueza. A expressão do bispo denotava espanto, curiosidade e uma espécie de respeito bonachão. Após alguns instantes, Philip se aproximou dele, segurou a cabeça de seu cavalo e beijou a mão cheia de anéis que o bispo lhe estendeu.

Henrique apeou com um movimento fluido e ágil e o restante do grupo o imitou. Philip chamou dois irmãos para levarem os animais até o estábulo. Henrique tinha mais ou menos a mesma idade que ele, mas a compleição rosada e os quilos a mais o faziam parecer mais velho.

– Bem, padre Philip – disse o bispo. – Vim verificar relatos de que

você não era capaz de construir uma nova catedral aqui em Kingsbridge. – Ele fez uma pausa, correu os olhos pelas centenas de pessoas que trabalhavam, então tornou a encará-lo. – Pelo visto, fui mal-informado.

Philip sentiu o coração vacilar. Henrique não poderia ter sido mais claro: ele tinha vencido.

Virou-se para Waleran. O rosto do bispo era uma verdadeira máscara de fúria contida. Ele sabia que tinha sido derrotado outra vez. Philip se ajoelhou, abaixou a cabeça para ocultar a expressão de triunfo e deleite e beijou a mão de Waleran.



Tom estava feliz por erguer aquela parede. Já fazia tanto tempo que não trabalhava naquilo que havia esquecido a profunda tranquilidade que sentia ao dispor uma pedra em cima de outra em linhas perfeitamente retas e ver a estrutura crescer.

Quando os voluntários começaram a chegar às centenas e ele entendeu que o plano de Philip ia dar certo, ficou ainda mais feliz. Aquelas pedras fariam parte da catedral de Tom, e aquela parede, agora com uns 30 centímetros de altura, acabaria subindo em direção ao céu. Ele sentiu que aquele momento marcava o início do resto de sua vida.

Soube quando o bispo Henrique chegou. Como uma pedra lançada em um lago, uma ondulação percorreu a massa de voluntários quando todos pararam um instante para olhar as figuras ricamente vestidas que abriam caminho cautelosamente pelo chão enlameado. Tom continuou assentando pedras. A visão de mil voluntários alegres e animados dedicados à construção da nova catedral deve ter deixado o bispo pasmo. Agora ele precisava causar uma impressão igualmente boa. Nunca se sentia à vontade com gente bem-vestida, mas tinha de parecer competente e experiente, calmo e seguro, o tipo de homem a quem alguém confiaria, agradecido, a complexidade e a responsabilidade de um projeto de construção imenso e custoso.

Ficou de olho nos visitantes e pousou a colher de pedreiro ao ver o grupo se aproximar. O prior Philip trouxe o bispo Henrique até ele e Tom se ajoelhou para beijar-lhe a mão.

– Tom é nosso construtor, que nos foi enviado por Deus no dia em que a velha igreja pegou fogo – apresentou Philip.

Tom se ajoelhou uma segunda vez para o bispo Waleran, em seguida estudou o resto do grupo. Lembrou a si mesmo que era o mestre construtor e que não deveria se mostrar demasiado subserviente. Reconheceu Percy Hamleigh, para quem um dia havia construído metade de uma casa.

– Milorde Percy – falou, curvando-se de leve. Viu a medonha esposa de Percy. – Milady Regan. – Seu olhar então recaiu sobre o filho. Recordou como William quase havia atropelado Martha com seu imenso cavalo de combate e como havia tentado comprar Ellen na floresta. Aquele rapaz não era flor que se cheirasse. Apesar disso, estampou no rosto uma expressão educada. – E o jovem senhor William. Saudações.

O bispo Henrique lançava sobre ele um olhar agudo.

– Já desenhou as plantas, Tom Builder?

– Sim, senhor meu bispo. Gostaria de vê-las?

– Certamente.

– Por aqui, tenha a bondade.

Henrique aquiesceu e Tom seguiu na frente até seu barracão, a poucos metros dali. Entrou na pequena construção de madeira e pegou a planta baixa desenhada em gesso sobre uma grande moldura de madeira com mais de 1 metro de comprimento. Apoiou-a na parede do barracão e recuou.

Aquele era um momento delicado. A maioria das pessoas era incapaz de interpretar uma planta, mas bispos e senhores feudais detestavam admitir isso. Portanto, era preciso lhes explicar o conceito de um modo que não revelasse ao resto do mundo sua ignorância. Alguns bispos entendiam os desenhos, claro, e nesse caso se ofendiam quando um deles construtor tinha a pretensão de os ensinar.

Nervoso, Tom apontou para a planta.

– Esta é a parede que estou construindo agora – disse ele.

– Sim, a fachada leste, claro – comentou Henrique. A pergunta estava respondida: ele sabia perfeitamente ler uma planta. – Por que os transeptos não têm galerias laterais?

– Por economia – respondeu Tom, sem hesitar. – Mas só vamos começar a construí-los daqui a cinco anos e, se o mosteiro seguir prosperando como no primeiro ano sob o comando do prior Philip, pode

ser que até lá tenhamos recursos para acrescentar galerias laterais aos transeptos.

Ele havia elogiado o prior e respondido à pergunta ao mesmo tempo, e sentiu-se bem esperto.

Henrique aprovou com um meneio de cabeça.

– Planejar com modéstia e deixar espaço para incrementos é uma atitude sensata. Mostre-me o corte longitudinal.

Tom foi pegá-lo. Agora sabia que Henrique era capaz de entender o que estava vendo, então não comentou nada.

– As proporções estão agradáveis – disse o bispo, confirmando que entendia as plantas.

– Obrigado – falou Tom. O bispo parecia satisfeito com tudo. – É uma catedral modesta, mas será mais leve e mais bonita do que a antiga – acrescentou o construtor.

– E quanto tempo levará para ficar pronta?

– Quinze anos, se o trabalho não for interrompido.

– O que sempre acontece. Enfim, pode nos mostrar como vai ficar... quero dizer, para alguém que a vir de fora?

Tom entendeu.

– O senhor quer ver um esboço.

– Sim.

– Naturalmente.

Com a comitiva do bispo em seu encalço, Tom voltou para a parede que estava construindo. Ajoelhou-se sobre a tábua de preparar argamassa e espalhou a massa até formar uma camada uniforme, alisando a superfície. Então, com a ponta da colher de pedreiro, fez sobre a argamassa um esboço da fachada oeste da igreja. Sabia que tinha talento para aquilo. O bispo, sua comitiva e todos os monges e os voluntários que estavam por perto assistiram fascinados. Para quem não dominava aquela arte, os desenhos sempre pareciam um milagre. Em poucos instantes, Tom havia criado um esboço em traço da fachada oeste, com suas três portas em arco, sua grande janela e as torres de um lado e outro. Era um truque simples, mas que sempre impressionava.

– Notável – comentou o bispo Henrique quando o desenho ficou pronto. – Que sua habilidade seja acrescida pela bênção divina.

Tom sorriu. Aquilo era uma forte aprovação de sua contratação.

– Senhor meu bispo, aceita algo para comer ou beber antes de rezar a missa? – perguntou o prior Philip.

– Com prazer.

Tom se sentiu aliviado. Seu teste tinha terminado e ele fora aprovado.

– Talvez o senhor queira ir até a casa do prior, que fica logo ali – sugeriu Philip ao bispo. O grupo começou a se afastar. Philip apertou de leve o braço de Tom e murmurou, com um júbilo contido: – Conseguimos!

Tom suspirou aliviado enquanto os dignatários se afastavam. Estava satisfeito e orgulhoso. Sim, pensou, nós conseguimos. O bispo Henrique tinha ficado mais do que impressionado: apesar da atitude contida, estava embasbacado. Era óbvio que Waleran o havia preparado para se deparar com uma cena de letargia e inatividade, de modo que a realidade fora ainda mais impressionante. No fim das contas, a maldade de Waleran tinha se voltado contra ele próprio e tornado o triunfo de Philip e Tom ainda mais completo.

Quando estava saboreando o gostinho de uma vitória honesta, ouviu uma voz conhecida:

– Olá, Tom Builder.

Virou-se e deu de cara com Ellen.

Foi a sua vez de ficar embasbacado. A crise da catedral ocupara tanto a sua mente que ele passara o dia inteiro sem pensar em Ellen. Encarou-a, feliz. Ela estava igualzinha ao dia em que fora embora: esbelta, a pele morena, os cabelos escuros que se moviam feito ondas em uma praia e aquele par de olhos fundos, dourados e luminosos. Sorriu para ele com a boca carnuda que sempre o fazia pensar em beijá-la.

Ele se sentiu invadido por um desejo de tomá-la nos braços, mas se segurou.

– Olá, Ellen – conseguiu dizer, com certa dificuldade.

– Olá, Tom – disse um rapaz ao lado dela.

Tom o encarou com curiosidade.

– Não se lembra de Jack? – indagou Ellen.

– Jack! – exclamou ele, espantado.

O rapaz havia mudado. Era agora um pouco mais alto do que a mãe e tinha o físico ossudo de quem espichou de uma hora para outra. Ainda tinha cabelos muito ruivos, pele branca e olhos azuis, mas seus traços haviam adquirido proporções mais atraentes e talvez um dia ele viesse a

ser bonito.

Tom tornou a olhar para Ellen. Por alguns instantes, ficou apenas saboreando o prazer de encará-la. Queria dizer: *Senti saudade de você, você nem sabe quanta saudade eu senti*, e quase o fez, mas então perdeu a coragem.

– Bem, por onde você andou? – disse apenas.

– Moramos no mesmo lugar de sempre, na floresta – respondeu ela.

– E o que os fez voltar justamente hoje?

– Ouvimos falar na convocação dos voluntários e ficamos curiosos para saber como as coisas estavam andando. E eu não me esqueci da promessa de voltar um dia.

– Que bom que voltou – disse Tom. – Queria muito ver você.

Ela adotou uma expressão cautelosa.

– Ah, é?

Aquela era a ocasião que ele vinha aguardando e planejando havia um ano e, agora que o momento tinha chegado, sentiu medo. Até ali mantivera a esperança, mas se ela o rejeitasse agora, ele saberia que a tinha perdido para sempre. Teve medo de falar. O silêncio se prolongou. Ele respirou fundo.

– Escute – disse por fim. – Quero que você volte para mim. Por favor, não responda nada antes de ouvir o que tenho para falar, por favor.

– Está bem – concordou ela, num tom frio.

– Philip é um ótimo prior. Graças à boa administração dele, o mosteiro está ficando cada vez mais rico. Meu trabalho aqui está garantido. Não precisaremos mais percorrer as estradas, nunca mais, eu prometo.

– Não foi isso que...

– Eu sei, mas eu quero lhe dizer tudo.

– Está bem.

– Construí uma casa no povoado, com dois cômodos e chaminé, e posso aumentá-la mais ainda. Não teríamos de morar no priorado.

– Mas o dono do povoado é Philip.

– Philip agora está em dívida comigo. – Tom indicou com o braço a cena em volta. – Ele sabe que não poderia ter feito isto sem mim. Se eu pedir que a perdoe pelo que você fez e considere seu ano de exílio como uma penitência justa, ele vai concordar. Não poderia me negar isso, não hoje.

– E os meninos? – perguntou ela. – Devo ficar parada vendo Alfred derramar o sangue de Jack toda vez que se irritar?

– Na verdade, acho que encontrei a solução para isso – disse Tom. – Alfred agora é pedreiro. E eu farei de Jack meu aprendiz. Assim, Alfred não vai se ressentir da ociosidade de Jack. E você poderá ensinar Alfred a ler e escrever, assim os dois ficarão no mesmo nível: ambos trabalhadores, ambos letrados.

– Você pensou muito no assunto, não foi?

– Sim.

Ele aguardou a reação dela. Não tinha muito talento para convencer os outros. Tudo o que podia fazer era expor a situação. Seria mais fácil se pudesse desenhar um esboço para ela! Sentiu que já havia abordado todas as possíveis objeções. Ellen agora precisava concordar! Mas ela continuou a hesitar.

– Não tenho certeza – falou.

Ele não conseguiu mais se controlar.

– Ah, Ellen, não diga isso. – Teve medo de chorar na frente de todas aquelas pessoas e a emoção mal o deixou falar. – Eu amo tanto você, por favor, não vá embora outra vez – suplicou. – A única coisa que me fez seguir em frente foi a esperança de que você iria voltar. Não suporto viver sem você. Não feche os portões do paraíso. Será que você não vê que eu a amo com todo o meu coração?

Então, na mesma hora, o comportamento dela mudou.

– Por que não disse isso? – sussurrou ela, e foi até ele. Tom a envolveu nos braços. – Eu também amo você, seu bobo – completou.

Ele estava tão tomado pela alegria que as forças faltaram. Ela me ama, pensou, ama mesmo. Abraçou-a com força, então encarou-a.

– Ellen, quer se casar comigo?

Apesar dos olhos marejados, ela também estava sorrindo.

– Sim, Tom, quero – respondeu, e ergueu o rosto.

Ele a puxou para si e beijou sua boca. Havia sonhado com aquilo por um ano. Fechou os olhos e se concentrou na sensação deliciosa dos lábios carnudos dela nos seus. Ellen tinha a boca levemente aberta e seus lábios estavam úmidos. O beijo foi tão delicioso que, por um instante, ele se deixou levar. Então ouviram alguém por perto falar.

– Cuidado para não engoli-la, homem!

Ele se afastou.

– Estamos em uma igreja! – disse para Ellen.

– Eu não ligo – respondeu ela, feliz, e tornou a beijá-lo.



O prior Philip tinha sido mais esperto do que eles outra vez, pensou William com amargura enquanto, sentado na casa do prior, bebia o vinho agulado e comia os doces da cozinha do priorado. Tinha levado algum tempo para compreender quão brilhante e completa era a vitória de Philip. O bispo Waleran não errara na avaliação inicial: era verdade que prior dispunha de pouco dinheiro e teria grande dificuldade para construir uma catedral em Kingsbridge. Apesar disso, porém, o ativo monge tinha avançado às duras penas, contratado um mestre construtor, iniciado a obra e então, do nada, materializado uma força de trabalho imensa para tapear Henrique. E o bispo havia ficado devidamente impressionado, ainda mais após Waleran ter lhe pintado de antemão um quadro tão negativo.

E o maldito monge sabia que havia vencido. Não conseguia apagar do rosto o sorriso de triunfo. Agora muito entretido em uma conversa com o bispo Henrique, discorria animadamente sobre raças de ovelhas e o preço da lã, e o irmão do rei escutava com atenção, quase com respeito, ao mesmo tempo que ignorava rispidamente a mãe e o pai de William, muito mais importantes do que um reles prior.

Philip iria se arrepender daquele dia. Ninguém podia derrotar os Hamleighs e se safar. Não tinham chegado aonde estavam permitindo que monges os vencessem. Bartholomew de Shiring os havia insultado e morrera na prisão como traidor. Philip teria o mesmo destino.

Tom Builder era outro que iria se arrepender de ter contrariado os Hamleighs. William não tinha se esquecido de como ele o havia desafiado em Durstead, segurando a cabeça do seu cavalo e forçando-o a pagar aos trabalhadores. Agora Tom o havia chamado desrespeitosamente de “jovem senhor William”. Pelo visto, ele agora era unha e carne com o prior e já não construía mais casas para nobres, e sim catedrais. Iria aprender que era melhor se arriscar com os Hamleighs do que se unir a seus inimigos.

William ficou sentado em silêncio, enfurecido, até o bispo Henrique se

levantar e anunciar que estava pronto para rezar a missa. O prior Philip fez um gesto para um noviço, que saiu do recinto correndo, e instantes depois um sino se pôs a badalar.

Todos deixaram a casa: o bispo Henrique na frente, seguindo pelo bispo Waleran, depois o prior Philip, e por fim os laicos. Todos os irmãos aguardavam do lado de fora e foram entrando em fila atrás de seu prior até formar uma procissão. Os Hamleighs foram obrigados a fechar o cortejo.

Toda a metade oeste do terreno do priorado estava ocupada por voluntários sentados em muros e telhados. Henrique subiu em um tablado no meio do canteiro de obras. Os monges se posicionaram em fileiras atrás dele, no local em que ficaria o coro da nova catedral. Os Hamleighs e os outros membros laicos da comitiva do bispo se dirigiram para onde ficaria a nave.

Quando estavam ocupando seus lugares, William viu Aliena.

Ela estava muito diferente. Usava roupas grosseiras, baratas, calçava tamancos de madeira, e a profusão de cachos que lhe emoldurava a cabeça estava úmida de suor. Mas não havia dúvida de que era Aliena. Ainda era tão linda que a garganta dele ficou seca. Observou-a fixamente, sem conseguir desviar os olhos, enquanto a missa começava e o terreno do priorado se enchia com o som de mil vozes a entoar o pai-nosso.

Ela parecia sentir seu olhar intenso, pois tinha um ar inquieto e não parava de passar o peso de uma perna para a outra e de olhar em volta como quem procura algo. Por fim, seus olhares se cruzaram. Uma expressão de terror e medo dominou o rosto de Aliena e ela se retraiu, muito embora estivesse a 10 metros ou mais de distância e dezenas de pessoas os separassem. O medo dela a tornou ainda mais desejável para William, e ele sentiu o corpo reagir de um modo que não acontecia havia um ano. O desejo veio mesclado de ressentimento por causa da maldição que ela havia lhe lançado. Aliena corou e baixou os olhos como se estivesse envergonhada. Falou rapidamente com um menino ao seu lado – o irmão, claro, pensou William, rememorando o rosto de Richard em meio a uma recordação erótica –, então virou as costas e sumiu no meio da multidão.

Aquilo foi um balde de água fria. William se sentiu tentado a segui-la, mas não podia, claro, não no meio de uma missa, na frente dos pais, de dois bispos, quarenta monges e mil fiéis. Tornou a se virar para a frente,

decepcionado. Havia perdido a chance de descobrir onde ela morava.

Embora Aliena não estivesse mais lá, continuou a ocupar seu pensamento. Ele se perguntou se era pecado ter uma ereção na igreja.

Reparou que o pai parecia incomodado.

– Olhe! – disse ele para a mãe. – Olhe aquela mulher ali!

No início, William pensou que o pai estivesse falando de Aliena. Só que ela não estava por perto, e ao acompanhar o olhar do pai o rapaz viu uma mulher de cerca de 30 anos, não tão voluptuosa quanto Aliena, mas com um ar ágil e indomado que a tornava interessante. Estava em pé a certa distância junto com Tom, o mestre construtor, e William pensou que aquela devia ser a esposa dele, a mulher que havia tentado comprar na floresta mais ou menos um ano antes. Mas por que seu pai a conhecia?

– É ela? – indagou o pai.

A mulher virou a cabeça, quase como se os houvesse escutado, e olhou direto na direção deles. William viu de novo aqueles olhos dourados, claros e penetrantes.

– Por Deus, é ela – sussurrou a mãe.

O olhar da mulher deixou o pai abalado. Seu rosto vermelho empalideceu e suas mãos tremeram.

– Que Jesus Cristo nos preserve – falou ele. – Pensei que ela estivesse morta.

E William pensou: que diabo de história é essa?



Jack temia que aquilo acontecesse.

Durante um ano inteiro, a mãe sentira saudades de Tom Builder, Jack sabia. Seu humor havia se mostrado mais instável do que antes. Ela exibia um olhar distante e sonhador, e à noite, às vezes, emitia ruídos ofegantes, como se estivesse sonhando ou se imaginando fazendo amor com Tom. Ele sempre soubera que ela iria voltar. E agora ela havia aceitado ficar.

Jack detestava essa ideia.

Os dois sempre tinham sido felizes juntos. Ele amava a mãe, a mãe o amava e não havia mais ninguém para interferir.

Era bem verdade que a vida na floresta era um tanto desinteressante.

Ele havia sentido falta do fascínio das multidões e das cidades visitadas durante a breve estadia com a família de Tom. Sentira falta de Martha. Por mais estranho que parecesse, havia aliviado o tédio da floresta sonhando acordado com a moça que, em seu pensamento, se chamava Princesa, embora soubesse que seu nome era Aliena. E teria interesse em trabalhar com Tom e descobrir como se construíam as edificações. Mas ele não seria mais livre. Pessoas lhe diriam o que fazer. Quisesse ou não, seria obrigado a trabalhar. E teria de dividir a mãe com o resto do mundo.

Enquanto ruminava essas coisas sentado no muro junto ao portão do priorado, desconsolado, espantou-se ao ver a Princesa.

Piscou os olhos. Ela seguia na direção do portão, abrindo caminho pelo meio da multidão, e parecia abalada. Era ainda mais linda do que na sua lembrança. Na primeira vez que a encontrara, ela tinha um corpo arredondado e voluptuoso de menina, coberto de roupas caras. Agora estava mais magra e parecia ter amadurecido. O vestido de linho empapado de suor que usava se colava a seu corpo, deixando à mostra os seios fartos e as costelas mais abaixo, a barriga lisa, os quadris estreitos e as pernas compridas. Tinha o rosto sujo de lama e os cachos desalinhados. Alguma coisa a abalara, estava assustada e perturbada, mas a emoção conseguia tornar seu rosto ainda mais radiante. Jack ficou encantado em vê-la. Sentiu nas virilhas um repuxar estranho que nunca havia experimentado antes.

Foi atrás dela. Não houve decisão consciente. Em um instante estava sentado no muro, observando-a com a boca escancarada, e no instante seguinte estava passando apressado pelo portão no seu encalço. Alcançou-a na rua do lado de fora. Ela exalava um cheiro almiscarado, como se houvesse feito muito esforço. Lembrou-se de que antigamente ela recendia a flores.

– Algum problema? – perguntou.

– Não, nenhum – respondeu ela, sucinta, e se apressou.

Jack acompanhou seu ritmo.

– Você não se lembra de mim. Da última vez que nos vimos, me explicou como se concebem os bebês.

– Ah, cale a boca e vá embora! – gritou ela.

Ele parou e a deixou seguir andando. Sentiu-se desapontado. Era óbvio que tinha dito a coisa errada.

Aliena o havia tratado como uma criança irritante. Jack estava com 13 anos, mas decerto ela, do alto de seus 18 anos ou algo assim, o considerava ainda na infância.

Ele a viu se aproximar de uma casa, pegar uma chave pendurada em uma tira em volta do pescoço e destrancar a porta.

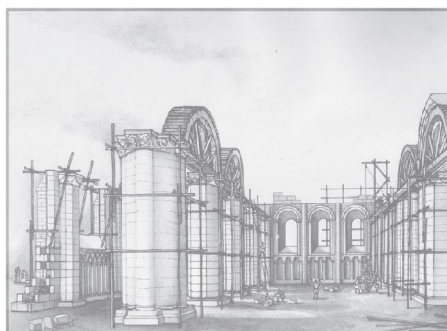
Ela morava bem ali!

Isso mudava tudo.

De repente, a perspectiva de sair da floresta e morar em Kingsbridge não pareceu mais tão ruim. Jack veria a Princesa todos os dias. Isso compensaria muita coisa.

Permaneceu onde estava, observando a porta, mas ela não tornou a aparecer. Ficar parado em uma rua na esperança de ver alguém que mal o conhecia era uma atividade estranha, mas ele não queria ir embora. Fervia dentro dele um novo sentimento. Nada mais parecia ter muita importância a não ser a Princesa. Estava obcecado por ela. Estava encantado. Possuído.

Estava apaixonado.



PARTE III
1140-1142

CAPÍTULO 8

I

A prostituta que William escolheu não era muito bonita, mas tinha seios grandes e uma profusão de cabelos encaracolados que lhe agradou. Veio rebolando os quadris na sua direção e ele percebeu que era um pouco mais velha do que havia pensado, talvez uns 25 ou 30 anos, e, embora sua boca exibisse um sorriso inocente, tinha um olhar duro e calculista. Em seguida foi a vez de Walter escolher. Ele pegou uma moça miúda, de aspecto vulnerável, com um corpo sem curvas que lembrava o de um rapaz. Depois de William e Walter escolherem, os outros quatro cavaleiros puderam se aproximar.

William os levava ao prostíbulo porque precisavam de algum tipo de válvula de escape. Fazia meses que não combatiam e estavam ficando insatisfeitos e briguentos.

A guerra civil entre o rei Estêvão e sua rival Matilda, chamada a Imperatriz, havia estourado um ano antes, mas passava agora por um hiato. William e seus homens tinham acompanhado Estêvão por todo o sudoeste da Inglaterra. A estratégia do rei era enérgica, porém errática. Atacava uma das fortalezas de Matilda com tremendo entusiasmo, porém, caso não conseguisse logo a vitória, rapidamente se cansava do cerco e abandonava o sítio. O líder militar dos rebeldes não era a própria Matilda, e sim seu meio-irmão Robert, conde de Gloucester, e até então Estêvão não tinha conseguido forçá-lo a um confronto. Era uma guerra indecisa, com muitos movimentos e poucos confrontos de verdade, e por isso os homens estavam inquietos.

No prostíbulo havia pequenos cômodos, divididos por biombos, cada qual com um colchão de palha. William e seus cavaleiros levaram as mulheres que haviam escolhido para trás dos biombos. A prostituta de

William ajeitou a divisória para lhes dar privacidade, em seguida baixou a parte de cima da camisola, deixando os seios à mostra. Eram fartos, como William constataria, mas tinham os mamilos grandes e as veias aparentes de uma mulher que havia amamentado bastante, e ele ficou um pouco decepcionado. Mesmo assim, puxou-a para si e segurou seus seios, apertando-os e beliscando os mamilos.

– Calma – disse ela, com um leve tom de protesto.

Passou os braços em volta dele e puxou o quadril de William para a frente, esfregando-se nele. Após alguns instantes, enfiou a mão entre os dois corpos e o apalpou entre as pernas.

William resmungou um palavrão. Seu corpo não estava reagindo.

– Não se preocupe – murmurou ela.

Seu tom condescendente o deixou com raiva, mas ele não disse nada quando ela se desvencilhou do seu abraço, se ajoelhou, levantou a frente de sua túnica e começou a usar a boca.

No início, a sensação lhe agradou e ele pensou que tudo fosse ficar bem, mas depois da primeira onda de prazer tornou a perder o interesse. Olhou para a cara da mulher – isso às vezes o excitava –, mas tudo o que conseguiu foi ser lembrado de como seu membro parecia desanimado. Começou a ficar com raiva, o que o fez murchar ainda mais.

Ela parou.

– Tente relaxar – disse a prostituta.

Ao recomeçar, chupou com tanta força que o machucou. Ele recuou o corpo e os dentes dela arranharam a pele sensível e o fizeram gritar. William lhe deu um tapa na cara com as costas da mão. Ela arquejou e caiu de lado.

– Sua vaca desajeitada – rosnou ele.

A mulher ficou caída no colchão a seus pés, olhando para ele com um ar assustado. Mais por irritação do que por maldade, chutou-a a esmo. O golpe pegou na barriga. Foi mais forte do que ele queria, na verdade, e ela se dobrou de dor.

Percebeu que seu corpo finalmente estava reagindo.

Ajoelhou-se, fez a mulher rolar de costas e se sentou sobre ela. Ela o encarou com os olhos cheios de medo. Ele subiu a saia do vestido da prostituta até a cintura. Os pelos entre suas pernas eram fartos e encaracolados. Ele gostou disso. Acariciou-se enquanto olhava para o

corpo dela. A ereção ainda não era suficiente. O medo estava desaparecendo. Ocorreu-lhe que ela talvez o estivesse desagradando de propósito, tentando diminuir seu desejo para não precisar servi-lo. Essa ideia o enfureceu. Cerrou o punho e lhe deu um soco na cara, com força.

A mulher gritou e tentou sair de baixo dele. Ele apoiou todo o peso em cima dela, imobilizando-a, mas ela continuou a se debater e a gritar. William agora estava totalmente duro. Tentou forçar as coxas dela a se abrirem, mas ela resistiu.

O biombo foi afastado com um tranco e Walter entrou só de botas e camisa de baixo, com o pênis ereto esticado diante do corpo como um mastro. Dois outros cavaleiros entraram atrás dele: Ugly Gervase, notório por sua feiura, e Hugh Axe.

– Segurem a mulher para mim, rapazes – ordenou William.

Os três cavaleiros se ajoelharam em volta da prostituta e a seguraram.

William se posicionou para penetrá-la, então parou, saboreando o momento.

– O que houve, milorde? – quis saber Walter.

– Ela mudou de ideia quando viu como era grande – respondeu William com um sorriso.

Todos gargalharam bem alto. William a penetrou. Gostava quando havia gente assistindo. Começou a entrar e sair.

– O senhor me interrompeu bem quando eu ia enfiar o meu – falou Walter.

Dava para ver que Walter ainda não tinha se saciado.

– Enfie na boca dela – falou. – Ela gosta.

– Vou experimentar. – Walter mudou de posição, segurou a mulher pelos cabelos e levantou sua cabeça. A essa altura, ela já estava com tanto medo que faria qualquer coisa e cooperou sem hesitar. Apesar de não precisarem mais segurá-la, Gervase e Hugh ficaram para assistir. Tinham uma expressão de fascínio: provavelmente nunca tinham visto uma mulher possuída por dois homens ao mesmo tempo. Tampouco William tinha visto. A coisa toda lhe provocou uma curiosa excitação. Walter pareceu sentir o mesmo, pois após uns poucos instantes sua respiração se tornou pesada, ele começou a fazer movimentos convulsos e então ejaculou. Ao ver isso, William também gozou um ou dois segundos depois.

Após alguns momentos, os dois se levantaram. William continuava

excitado.

– Por que vocês dois não a pegam agora? – sugeriu a Gervase e Hugh.

A ideia de assistir a um segundo tempo o agradava, mas os dois cavaleiros não se mostraram dispostos.

– Tenho uma bonequinha me esperando – falou Hugh.

– Eu também – completou Gervase.

A prostituta se levantou e ajeitou a roupa. Sua expressão era inescrutável.

– Não foi tão ruim assim, foi? – perguntou-lhe William.

Ela ficou parada diante dele e o encarou por alguns instantes, então franziu os lábios e cuspiu. Ele sentiu o rosto coberto por um líquido quente e viscoso: ela havia guardado na boca o sêmen de Walter. O líquido embaçou sua visão. Com raiva, ele ergueu a mão para bater na mulher, mas ela se escondeu entre os biombos. Walter e os outros começaram a rir. William não achou graça, mas não podia ir atrás dela com o rosto coberto de esperma e entendeu que o único modo de preservar a dignidade era fingir que não estava ligando, de modo que riu também.

– Bem, milorde – disse Ugly Gervase –, tomara que o senhor não engravide de Walter!

Eles urraram de rir, e até William achou graça. Saíram todos juntos do pequeno espaço, apoiando-se uns nos outros e enxugando os olhos. As outras moças os encaravam tensas: tinham ouvido o grito da prostituta que estava com William e temiam que houvesse algum problema. Um ou dois clientes espiaram curiosos de trás dos outros biombos.

– Foi a primeira vez que vi esse troço jorrar de uma garota! – disse Walter, e eles recomeçaram a rir.

Um dos escudeiros de William estava em pé junto à porta, parecendo angustiado. Não passava de um menino e provavelmente nunca tinha visto um bordel na vida. Sorriu, nervoso, sem ter certeza se tinha o direito de achar graça também.

– O que está fazendo aqui, seu idiota? – perguntou William.

– Chegou um recado para o senhor, milorde – respondeu o escudeiro.

– Bom, não perca tempo, me dê logo o recado!

– Eu sinto muito, milorde – disse o rapaz.

Tinha uma cara tão assustada que William pensou que fosse virar as costas e sair correndo.

– Sente muito por quê, seu bosta? – rugiu William. – Me dê logo o recado!

– Seu pai morreu, milorde – soltou o rapaz, abrupto, e desatou a chorar.

William o encarou, atônito. Morreu?, pensou. Morreu?

– Mas ele tem uma saúde perfeita! – gritou, estupidamente.

Era verdade que o pai não conseguia mais entrar em campo de batalha, mas isso não era de espantar em um homem de quase 50 anos. O escudeiro continuava chorando. William recordou como o pai estava na última vez em que o vira: corpulento, com o rosto vermelho, vigoroso e colérico, tão cheio de vida quanto um homem podia estar, e isso fora apenas... Com um pequeno choque, percebeu que fazia quase um ano que não via o pai.

– O que aconteceu? – perguntou ao escudeiro. – O que aconteceu com ele?

– Teve um ataque, milorde – respondeu o rapaz, aos soluços.

Um ataque. A notícia começou a tomar forma. O pai estava morto. Aquele homem grande, forte, tonitruante e irascível estava deitado, impotente e frio, em cima de uma pedra em algum lugar...

– Preciso ir para casa – disse William de repente.

– Primeiro o senhor tem de pedir ao rei que o libere – observou Walter com delicadeza.

– Sim, tem razão – concordou William, um pouco confuso. – Tenho de pedir permissão.

Seus pensamentos estavam um caos.

– Devo dar gorjeta à dona do bordel? – indagou Walter.

– Sim.

William passou sua bolsa de dinheiro para Walter. Alguém pôs a capa de William sobre seus ombros. Walter murmurou algo para a mulher que administrava o prostíbulo e lhe deu algum dinheiro. Hugh Axe abriu a porta para William e todos saíram.

Percorreram em silêncio as ruas da pequena cidade. William se sentia particularmente alheado, como se estivesse assistindo a tudo de cima. Não conseguia absorver o fato de que seu pai não existia mais. Quando chegaram perto do quartel-general, tentou recuperar o controle.

O rei Estêvão havia montado sua corte na igreja, pois na cidade não havia castelo nem prefeitura. Era uma igreja pequena e simples, de pedra, com as paredes internas pintadas de tons vivos de vermelho, azul e laranja.

Uma fogueira havia sido acesa no meio da nave e o atraente rei de cabelos castanho-claros estava sentado junto ao fogo sobre um trono de madeira, relaxado, com as pernas esticadas à frente em sua postura costumeira. Usava roupas de soldado, botas de cano alto e túnica de couro, mas em vez de capacete tinha na cabeça uma coroa. William e Walter abriram caminho pela multidão de solicitantes junto à porta da igreja, cumprimentaram com um meneio de cabeça os guardas que mantinham afastado o público comum e entraram no círculo interno. Estêvão conversava com um conde que acabara de chegar, mas percebeu a aproximação de William e interrompeu a conversa na hora.

– William, meu amigo. Você ficou sabendo.

William se curvou.

– Senhor meu rei.

Estêvão se levantou.

– Estou de luto com você – falou.

Passou os braços em volta de William e o segurou por alguns instantes antes de soltá-lo.

A compaixão do rei trouxe as primeiras lágrimas aos olhos do rapaz.

– Preciso lhe pedir permissão para ir para casa – disse ele.

– Eu a concedo de bom grado, embora sem alegria – respondeu o rei. – Sentiremos falta do seu forte braço direito.

– Obrigado, meu rei.

– Também lhe concedo o controle do condado de Shiring e de todas as rendas dele obtidas até que a questão da sucessão seja decidida. Vá para casa, enterre seu pai e volte para junto de nós assim que puder.

William fez uma nova reverência e se retirou. O rei retomou a conversa com o conde. Cortesãos se reuniram em volta de William para lhe prestar condolências. Enquanto ele recebia os pêsames, deu-se conta do significado do que o rei acabara de dizer. Ele havia concedido o controle do condado a William até a questão da sucessão ser *decidida*. Que questão? Ele era filho único. Como poderia haver qualquer questão? Olhou para os rostos à sua volta e viu um jovem padre, um dos mais bem-informados clérigos do rei. Chamou-o.

– Joseph, que diabo ele quis dizer com a “questão” da sucessão? – perguntou, baixinho.

– Existe outro pretendente ao condado – respondeu Joseph.

– Outro pretendente? – repetiu William, pasmo. Ele não tinha meios-irmãos nem irmãos ilegítimos ou primos... – Quem?

Joseph apontou para uma pessoa de costas para eles. O rapaz estava com os recém-chegados e usava trajes de escudeiro.

– Mas nem cavaleiro ele é! – disse William, alto. – Meu pai era o conde de Shiring!

O escudeiro o escutou e se virou.

– Meu pai também era o conde de Shiring!

No início, William não o reconheceu. Viu um rapaz bonito, de ombros largos, com cerca de 18 anos e bem-vestido para um escudeiro, com uma espada de boa qualidade no cinto. Sua postura transmitia segurança, até mesmo arrogância. O mais notável, porém, foi que encarou William com um olhar de tamanho e puro ódio que o fez recuar.

O rosto era muito familiar, mas estava mudado. Mesmo assim, William não conseguiu identificá-lo. Então viu que na orelha direita do escudeiro, no lugar em que o lóbulo da orelha fora decepado, havia uma cicatriz feia. Num lampejo vívido, viu um pedacinho de carne branca cair sobre o peito arfante de uma virgem aterrorizada e ouviu um menino gritar de dor. Aquele era Richard, filho do traidor Bartholomew, irmão de Aliena. O menininho que fora forçado a assistir a dois sujeitos estuprarem a irmã havia se transformado em um homem formidável, cujos olhos azuis estavam acesos com o fogo da vingança. De repente, William sentiu um medo terrível.

– Você se lembra, não é? – perguntou Richard, com uma voz lenta e suave que não conseguiu de todo mascarar a fúria gélida que havia por baixo.

William assentiu.

– Sim, eu me lembro.

– Eu também, William Hamleigh – disse Richard. – Eu também.



William estava sentado na grande cadeira à cabeceira da mesa, a mesma em que seu pai costumava sentar. Sempre soubera que um dia iria ocupar aquele lugar. Havia imaginado que, quando esse dia chegasse, fosse se

sentir imensamente poderoso, mas na realidade estava um pouco assustado. Tinha medo de que as pessoas dissessem que ele não era o homem que seu pai tinha sido e que o desrespeitassem.

Sua mãe se encontrava à sua direita. Quando o pai ocupava aquela cadeira, muitas vezes a ficara observando e percebera como ela usava os medos e as fraquezas do marido para conseguir o que queria. Estava decidido a não permitir que fizesse o mesmo com ele.

À sua esquerda estava sentado Arthur, um homem grisalho de modos afáveis que fora o oficial magistrado do conde Bartholomew. Quando se tornara conde, o pai de William havia contratado Arthur, pois ele conhecia bem a propriedade. William sempre desconfiara desse tipo de raciocínio. Os criados de outros senhores às vezes se agarram aos hábitos dos antigos patrões.

– Não é possível que o rei Estêvão torne Richard conde – dizia a mãe, com raiva. – Ele é só um escudeiro!

– Não entendo nem como ele conseguiu isso – falou William, irritado. – Pensei que eles tivessem ficado na miséria. Mas ele estava bem-vestido e tinha uma espada boa. Onde conseguiu o dinheiro?

– Ele se estabeleceu como negociante de lã – explicou a mãe. – Tem todo o dinheiro de que precisa. Ou melhor, a irmã tem. Ouvi dizer que quem toca os negócios é Aliena.

Aliena. Então era ela quem estava por trás daquilo. William nunca a havia esquecido por completo, mas depois que começara a guerra ela não estava mais tão presente em seus pensamentos, até ele encontrar Richard. Desde então, não lhe saíra da cabeça, tão fresca e linda, vulnerável e desejável como sempre. Detestava-a pelo controle que ela exercia sobre ele.

– Quer dizer que Aliena agora é rica? – indagou, fingindo não se importar.

– Sim. Mas faz um ano que você está lutando pelo rei. Ele não pode lhe recusar a herança.

– Parece que Richard também lutou com bravura – falou William. – Andei me informando. E, pior, a coragem dele chamou a atenção do rei.

A expressão da mãe passou de um desprezo irritado para um ar pensativo.

– Então ele tem mesmo uma chance.

- Temo que sim.
- Certo. Precisamos impedi-lo.
- Como? – perguntou William, num reflexo automático.

Havia decidido não deixar a mãe assumir o controle, mas acabara de fazer justamente isso.

– Você precisa voltar para o rei com uma força de cavaleiros maior, novas armas, cavalos melhores e muitos escudeiros e homens de armas.

William gostaria de poder discordar, mas sabia que ela estava certa. No final das contas, o rei provavelmente daria o título de conde àquele que promettesse ser seu defensor mais eficaz, independentemente de quem tinha direito ou não.

– Não é só isso – continuou a mãe. – Você precisa se esforçar para ter o aspecto e o comportamento de um conde. Assim o rei vai começar a pensar na indicação como uma conclusão natural.

Contra a própria vontade, William ficou intrigado.

– E como deveriam ser o aspecto e o comportamento de um conde?

– Diga mais o que pensa. Tenha uma opinião sobre tudo: como o rei deveria travar a guerra, as melhores táticas para cada batalha, a situação política no norte e, principalmente, as qualidades e a lealdade dos outros condes. Fale com um sobre o outro. Diga ao conde de Huntingdon que o conde de Warenne é um grande guerreiro. Diga ao bispo de Ely que você não confia no representante do rei no condado de Lincoln. As pessoas dirão ao rei: “William de Shiring faz parte do grupo do conde de Warenne” ou “William de Shiring e seus seguidores são contra o representante do rei em Lincoln”. Se você parecer poderoso, Estêvão se sentirá à vontade para lhe dar mais poder.

William tinha pouca fé nesse tipo de sutileza.

– Acho que o tamanho do meu exército vai ser mais importante – disse ele. Virou-se para Arthur. – Quanto dinheiro há no meu tesouro?

– Nenhum, milorde – respondeu o homem.

– Que diabo de conversa é essa? – retrucou William, ríspido. – Deve haver algum. Quanto?

Arthur exibia um leve ar de superioridade, como se não tivesse nada a temer.

– Milorde, não há dinheiro nenhum no tesouro.

William queria enganá-lo.

– Este é o condado de Shiring! – falou, alto o suficiente para fazer os cavaleiros e os oficiais do castelo, sentados mais adiante na mesa, erguerem a cabeça. – Tem de haver dinheiro!

– É claro que entra dinheiro o tempo todo, milorde – disse Arthur com calma. – Mas entra e sai, principalmente em tempos de guerra.

William estudou o rosto pálido e bem barbeado de Arthur. Ele era complacente demais. Seria honesto? Não havia como saber. William desejou ter olhos capazes de ver dentro do coração de um homem.

A mãe sabia o que ele estava pensando.

– Arthur é honesto – disse ela, sem ligar para o fato de o homem estar bem na sua frente. – É velho, preguiçoso e tem suas manias, mas é honesto.

William ficou desolado. Acabara de se sentar naquela cadeira e, como por magia, seu poder já estava murchando. Sentiu-se amaldiçoado. Parecia haver uma lei segundo a qual, por mais velho que ficasse, ele sempre seria um garoto no meio dos homens.

– Como isso foi acontecer? – perguntou, com uma voz débil.

– Seu pai passou quase um ano doente antes de morrer – explicou a mãe. – Eu vi que ele estava deixando as coisas fugirem ao controle, mas não consegui fazê-lo tomar nenhuma providência.

Sua mãe não era onipotente. Aquilo era novidade para William. Era a primeira vez que a via incapaz de impor tudo do seu modo. Virou-se para Arthur.

– Nós temos algumas das melhores terras agrícolas do reino. Como podemos estar sem dinheiro?

– Algumas das propriedades estão em má situação e vários arrendatários atrasam os pagamentos.

– Mas por quê?

– Um dos motivos que ouço com frequência é que os jovens não querem trabalhar na terra e vão embora para as cidades.

– Então precisamos detê-los!

Arthur deu de ombros.

– Quando um servo passa um ano morando na cidade, torna-se um homem livre. É a lei.

– E os arrendatários que não pagaram? O que você fez com eles?

– O que se pode fazer? – disse Arthur. – Se tirarmos seu ganha-pão,

eles nunca poderão pagar. Então precisamos ter paciência e torcer por uma boa colheita, que lhes permita quitar a dívida.

Arthur estava contente demais com a própria incapacidade de resolver qualquer um daqueles problemas, pensou William, zangado, mas por ora conteve a raiva.

– Bem, se todos os homens jovens estão indo para as cidades, e os aluguéis das casas que temos em Shiring? Deveriam ter rendido algum dinheiro.

– Por mais estranho que pareça, não – respondeu Arthur. – Há muitas casas vazias em Shiring. Os jovens devem estar indo para outro lugar.

– Ou então as pessoas estão mentindo para você – rebateu William. – Imagino que vá dizer que a renda do mercado de Shiring e da feira de lá também caiu?

– Sim...

– Então por que não aumenta os aluguéis e os impostos?

– Já aumentamos, milorde, por ordens de seu finado pai, mas mesmo assim a renda caiu.

– Com uma propriedade tão improdutiva, como Bartholomew conseguia fechar as contas? – indagou William, exasperado.

Até para isso Arthur tinha resposta:

– Ele tinha também a pedreira, que antigamente rendia muito dinheiro.

– E agora está nas mãos daquele monge maldito.

William estava abalado. Logo agora que ele precisava ostentar para mostrar sua riqueza, ficava sabendo que estava sem nada. Era uma situação muito perigosa. O rei acabara de lhe conceder o controle do condado. Era uma espécie de teste. Se ele voltasse para a corte com um exército minúsculo, pareceria ingrato, ou mesmo desleal.

Além disso, o quadro que Arthur pintava não podia ser totalmente verdadeiro. William tinha certeza de que as pessoas o enganavam, e provavelmente estariam rindo pelas suas costas. Aquilo o deixou com raiva. Não iria tolerar. Iria a mostrar a eles. Antes de aceitar uma derrota, sangue iria correr.

– Você tem desculpa para tudo – falou para Arthur. – O fato é que deixou esta propriedade se deteriorar durante a enfermidade do meu pai, quando devia ter sido mais atento.

– Mas, milorde...

William levantou a voz:

– Cale a boca ou eu mando chicoteá-lo.

Arthur empalideceu e se calou.

– A partir de amanhã, nós vamos fazer uma ronda pelo condado – disse William. – Vamos visitar cada povoado e tirar dele o que conseguirmos. Você talvez não saiba lidar com camponeses mentirosos e chorões, mas eu sei. Logo vamos descobrir quão empobrecido meu condado está. E, se você tiver mentido para mim, juro por Deus que vai ser o primeiro de muitos que mandarei enforcar.



Além de Arthur, ele levou consigo Walter, seu lacaios, e os quatro outros cavaleiros que haviam combatido ao seu lado no ano anterior: Ugly Gervase, Hugh Axe, Gilbert de Rennes e Miles Dice. Eram todos homens grandes e violentos, com o pavio curto e sempre prontos para a briga. Para assustar os camponeses, foram em seus melhores cavalos e armados até os dentes. Na opinião de William, um homem era impotente a não ser que fosse temido.

Era um dia quente do fim do verão e o trigo estava amarrado nos campos em feixes grossos. Essa abundância visível de riqueza deixou William com mais raiva ainda por não ter dinheiro. Com certeza, estava sendo roubado. Os camponeses deviam ter medo de mais para se atrever a tal coisa. Sua família havia conquistado o condado depois da desgraça do conde anterior, mas mesmo assim ele estava na miséria, enquanto o filho de Bartholomew era rico! Pensar que havia gente roubando e rindo de sua ingenuidade o atormentava como uma dor no estômago, e sua raiva aumentou conforme ele foi avançando.

Havia decidido começar por Northbrook, pequeno povoado um pouco distante do castelo. Os aldeões de lá eram um misto de servos e homens livres. Os servos eram sua propriedade e não podiam fazer nada sem sua permissão. Deviam-lhe tantos dias de trabalho em determinadas épocas do ano, além de uma parte das próprias colheitas. Os homens livres apenas lhe pagavam aluguel, em dinheiro ou em espécie. Cinco deles haviam atrasado o pagamento. William pensou que eles deviam achar que

conseguiriam se safar por estar longe do castelo. Aquele poderia ser um bom lugar para começar a colocar as coisas nos eixos.

Foi uma cavalgada longa, e o sol estava alto quando eles viram a aldeia. Eram umas vinte ou trinta casas cercadas por três campos grandes, todos já ceifados. Perto das casas, na borda de um dos campos, havia três carvalhos grandes agrupados. Quando William e seus homens se aproximaram, ele viu que a maioria dos aldeões parecia estar sentada à sombra dos carvalhos, almoçando. Esporeou o cavalo, que acelerou para um meio-galope nos últimos metros, e os outros animais o imitaram. Pararam em frente aos camponeses em meio a uma nuvem de poeira.

Enquanto os aldeões se levantavam às pressas, engolindo o restante do pão preto e tentando proteger os olhos da poeira, o olhar desconfiado de William observou um pequeno e curioso drama. Um homem de meia-idade e barba preta falou baixo, porém com urgência, com uma moça roliça e de faces coradas que segurava um bebê também roliço e de faces coradas. Um rapaz se juntou a eles e foi rapidamente enxotado pelo homem mais velho. A moça então se afastou em direção às casas, aparentemente sob protestos, e desapareceu no meio da poeira. Aquilo deixou William intrigado. A cena toda foi meio dissimulada, e ele desejou que a mãe estivesse lá para interpretá-la.

Decidiu não fazer nada a respeito por enquanto. Dirigiu-se a Arthur com uma voz alta o suficiente para todos escutarem:

– Cinco dos meus arrendatários atrasaram os pagamentos, certo?

– Sim, milorde.

– Quem é o mais atrasado?

– Athelstan não paga há dois anos, mas teve muito azar com seus porcos...

William falou mais alto, interrompendo Arthur:

– Qual de vocês é Athelstan?

Um homem alto de uns 45 anos, com os ombros caídos, deu um passo à frente. Tinha cabelos ralos e olhos úmidos.

– Por que você não paga o aluguel? – perguntou William.

– Milorde, meu lote é pequeno, e agora que meus meninos foram trabalhar na cidade não tenho ninguém para me ajudar, e depois houve a febre dos porcos...

– Só um instante – disse William. – Para onde seus filhos foram?

– Para Kingsbridge, milorde, trabalhar na catedral nova de lá, porque eles querem se casar, como devem fazer todos os jovens, e a minha terra não sustenta três famílias.

William guardou na memória, para futura reflexão, a informação de que os rapazes tinham ido trabalhar na catedral de Kingsbridge.

– Seu lote é grande o suficiente para sustentar uma família, em todo caso, mas mesmo assim você não paga o aluguel.

Athelstan recomeçou a falar sobre seus porcos. William o encarou com um ar malévolo, sem escutar. Eu sei por que você não pagou, pensou. Sabia que seu senhor estava doente e decidiu enganá-lo enquanto ele não podia cobrar seus direitos. Os outros quatro delinquentes pensam a mesma coisa. Vocês roubam de nós quando estamos fracos!

Por alguns instantes, ele se sentiu dominado pela autocomiseração. Teve certeza de que aqueles cinco se gabavam da própria astúcia. Bem, agora iriam aprender uma lição.

– Gilbert, Hugh, segurem este camponês e não o deixem se mexer – instruiu em voz baixa.

Athelstan continuava falando. Os dois cavaleiros apearam e se aproximaram do arrendatário. Sua história sobre a febre dos porcos foi interrompida no meio. Os homens o seguraram pelos braços. Ele estava branco de medo.

William falou com Walter no mesmo tom baixo:

– Você trouxe suas luvas de cota de malha?

– Sim, milorde.

– Coloque-as. Ensine uma lição a Athelstan. Mas se certifique de que ele viva para contar aos outros.

– Sim, milorde.

Walter pegou em seu alforje um par de luvas de couro com uma fina cota de malha costurada sobre as articulações e a parte de trás dos dedos. Calçou-as devagar. Os camponeses ficaram olhando, apreensivos, e Athelstan começou a gemer de pavor.

Walter desceu do cavalo, foi até Athelstan e lhe deu um soco na barriga com o punho revestido. O impacto do soco foi alto e nauseante. Athelstan dobrou o corpo para a frente, sem ar sequer para gritar. Gilbert e Hugh o endireitaram e Walter lhe deu um soco na cara. O sangue esguichou do nariz e da boca. Uma das mulheres que assistiam, que devia ser sua

esposa, gritou e pulou na direção de Walter aos berros.

– Pare! Deixe-o em paz! Não o mate!

Walter a afastou, e duas outras mulheres a seguraram e a puxaram para trás. Ela continuou a gritar e se debater. Revoltados mas em silêncio, os outros camponeses ficaram observando Walter espancar Athelstan com método até o corpo do homem desfalecer, seu rosto coberto de sangue, e ele fechar os olhos e perder os sentidos.

– Soltem-no – ordenou William por fim.

Gilbert e Hugh largaram Athelstan, que desabou no chão e permaneceu imóvel. As mulheres soltaram a esposa, que correu até ele, soluçando, e se ajoelhou ao seu lado. Walter descalçou as luvas e limpou da cota de malha o sangue e os pedaços de pele.

William já havia perdido o interesse por Athelstan. Ao olhar em volta, viu uma estrutura de madeira de dois andares, que parecia ter acabado de ser construída à margem do regato. Apontou para aquela direção.

– O que é aquilo? – perguntou.

– Nunca vi antes, milorde – respondeu Arthur, apreensivo.

William pensou que ele estivesse mentindo.

– É um moinho d'água, não é?

Arthur deu de ombros, mas sua indiferença não convenceu.

– Não consigo imaginar o que mais poderia ser, bem ali junto ao regato.

Como ele podia ser tão insolente logo depois de ver um camponês quase morrer de tanto apanhar por ordem de William?

– Meus servos podem construir moinhos sem a minha permissão? – perguntou William, quase em desespero.

– Não, milorde.

– Você sabe por que isso é proibido?

– Para que eles levem seus cereais até os moinhos do senhor e lhe paguem para moê-los.

– E para o senhor lucrar.

– Sim, milorde. – Arthur falou no tom condescendente de alguém que explica algo elementar a uma criança. – Mas, se eles pagarem uma multa por terem construído o moinho, ele lucra da mesma forma.

William ficou enlouquecido com o tom do outro.

– Não, ele não lucra da mesma forma. A multa nunca é tão alta quanto

o dinheiro que os camponeses deveriam ter pagado. É por isso que eles adoram construir moinhos. E é por isso que meu pai nunca permitia.

Sem dar a chance de Arthur responder, ele esporeou o cavalo e foi até o moinho. Seus cavaleiros o acompanharam e os camponeses foram atrás num grupo disperso.

William apeou. Não havia dúvida quanto à natureza daquela construção. Uma grande roda d'água era impulsionada pela veloz correnteza do regato. A roda fazia girar um eixo que entrava pela parede lateral do moinho. Era uma construção de madeira sólida, feita para durar. Quem a havia erguido obviamente pensava que teria liberdade para usá-la durante anos.

Em frente à porta aberta estava o moleiro, ostentando uma expressão ensaiada de inocência ferida. No cômodo atrás dele havia pilhas arrumadas de sacos de cereais. O moleiro lhe fez uma mesura educada, mas havia em seu olhar um quê de desprezo? Mais uma vez, William teve a dolorosa sensação de que aquelas pessoas o julgavam um ninguém, e a incapacidade de lhes impor sua vontade o fez se sentir impotente. Sua indignação e frustração aumentaram e, enfurecido, gritou para o moleiro:

– O que fez você pensar que poderia construir isso e se safar? Por acaso acha que sou estúpido? É isso? É isso que você acha?

Então deu um soco na cara do homem. O moleiro emitiu um grito de dor exagerado e caiu no chão de forma um tanto desnecessária.

William passou por cima dele e entrou. O eixo da roda era conectado por uma série de engrenagens de madeira ao eixo da mó, no andar superior. Os cereais moídos caíam por uma calha até o chão do térreo para a debulha. O andar superior, que tinha de sustentar o peso da mó, era apoiado em quatro grossas vigas de madeira – tiradas sem permissão da floresta de William, com certeza. Se as vigas fossem cortadas, a construção inteira ruiria.

William saiu. Presa à sela do cavalo, Hugh Axe portava a arma à qual devia seu nome, um machado.

– Me dê seu machado de batalha – pediu William, e Hugh obedeceu.

William tornou a entrar e começou a atacar as vigas que escoravam o andar de cima.

Sentir a lâmina do machado bater na estrutura que os camponeses, na tentativa de trapaceá-lo e não pagar as taxas de moenda, haviam

construído com tamanho cuidado lhe proporcionou grande satisfação. Eles não estão rindo de mim agora, pensou com selvageria.

Walter entrou e ficou observando. William abriu um talho profundo em uma das vigas, em seguida cortou outra até a metade. A plataforma de cima, que sustentava o peso colossal da mó, começou a tremer.

– Traga uma corda – disse William, e Walter saiu.

William cortou as duas outras vigas o mais fundo que se atreveu. A estrutura estava prestes a desabar. Walter voltou com um pouco de corda. William amarrou-a a uma das vigas, em seguida levou a outra ponta até o lado de fora e amarrou no pescoço de seu cavalo de combate.

Os camponeses o observavam em um silêncio sombrio.

– Onde está o moleiro? – perguntou William logo que a corda foi amarrada.

O homem se aproximou, ainda tentando exibir uma expressão de quem é tratado injustamente.

– Gervase, amarre-o e leve-o lá para dentro – ordenou William.

O moleiro tentou fugir, mas Gilbert o fez tropeçar e sentou em cima dele, e Gervase amarrou suas mãos e seus pés com correias de couro. Os dois cavaleiros o levantaram do chão. Ele começou a se contorcer e implorar clemência.

Um dos aldeões destacou-se do meio dos outros.

– O senhor não pode fazer isso – disse ele. – É assassinato. Nem mesmo um senhor pode assassinar pessoas.

William apontou-lhe um dedo trêmulo.

– Se abrir a boca outra vez, eu coloco você lá dentro com ele.

Por um instante, o homem ostentou uma expressão de desafio, então pensou melhor e se virou.

Os cavaleiros saíram do moinho. William fez seu cavalo andar para a frente até a corda esticar. Então lhe deu um tapa na anca e o cavalo começou a puxar.

De dentro do moinho, ouviu-se o moleiro começar a gritar. Era um grito de gelar o sangue. O grito de um homem tomado por um terror mortal, um homem que sabia que nos próximos instantes iria morrer esmagado.

O cavalo jogou a cabeça para o lado para tentar afrouxar a corda em volta do pescoço. William gritou com o animal e o chutou na anca para

fazê-lo puxar, em seguida berrou para os cavaleiros:

– Homens, façam força na corda!

Os quatro seguraram a corda esticada e juntaram forças com o cavalo. As vozes dos aldeões se ergueram em protesto, mas todos estavam assustados demais para interferir. Arthur, um pouco afastado, parecia enojado.

Os gritos do moleiro foram ficando mais agudos. William imaginou o puro terror que devia dominar o homem enquanto ele aguardava aquela morte terrível. Nenhum desses camponeses jamais vai esquecer a vingança dos Hamleighs, pensou.

A madeira estalou, então se ouviu um barulho alto de algo rachando quando ela se partiu. O cavalo deu um pulo para a frente e os cavaleiros soltaram a corda. Um dos cantos do telhado arriou. As mulheres começaram a chorar. As paredes de madeira do moinho pareceram tremer. Os gritos do moleiro ficaram mais altos e ouviu-se um estrondo tremendo quando o piso superior cedeu, então os gritos cessaram abruptamente e o chão estremeceu quando a mó bateu no pátio de debulha. As paredes racharam, o telhado desabou, e em poucos instantes o moinho não passava de uma pilha de lenha com um homem morto dentro.

William começou a se sentir melhor.

Alguns dos aldeões correram e começaram a escavar freneticamente os destroços. Se tinham esperança de encontrar o moleiro vivo, ficariam decepcionados. O corpo dele seria uma visão horrenda. Melhor ainda.

Ao olhar em volta, William viu mais para trás do grupo, como se estivesse tentando passar despercebida, a moça de bochechas rosadas com o bebê de bochechas rosadas. Lembrou-se de como o homem da barba preta – provavelmente seu pai – tinha feito questão de mantê-la afastada. Decidiu solucionar o mistério antes de ir embora da aldeia. O olhar dela cruzou com o seu e ele a chamou. A moça olhou para trás na esperança de que ele estivesse apontando para outra pessoa.

– Você mesma – confirmou William. – Venha cá.

O homem da barba preta a viu e soltou um grunhido exasperado.

– Quem é seu marido, vadia? – perguntou William.

– Ela não tem... – começou o pai.

Mas ele não foi rápido o suficiente.

– Edmund – respondeu a moça.

– Quer dizer que você é casada. Mas quem é seu pai?

– Eu – respondeu o homem da barba preta. – Theobald.

William se virou para Arthur.

– Theobald é um homem livre?

– Ele é servo, milorde.

– E quando a filha de um servo se casa, não é direito do senhor, como dono dela, possuí-la na noite de núpcias?

Arthur ficou chocado.

– Milorde! Esse costume primitivo já não é praticado nesta parte do mundo desde quando a memória alcança!

– Verdade – disse William. – Em vez disso, o pai paga uma multa. Quanto Theobald pagou?

– Ele ainda não pagou, milorde, mas...

– Não pagou! E olhem só para ela, com um bebê gordo de bochechas vermelhas no colo!

– Nós nunca tivemos dinheiro, milorde, e ela engravidou de Edmund e quis se casar, mas agora podemos pagar, pois a safra foi colhida.

William sorriu para a moça.

– Me deixe ver o bebê.

Ela o encarou, apavorada.

– Venha. Me dê o bebê.

Apesar do medo, ela não conseguiu se forçar a entregar a criança. William chegou mais perto e delicadamente tirou-lhe a criança do colo. Os olhos da moça se encheram de terror, mas ela não resistiu.

O bebê começou a chorar. William o segurou por alguns instantes, então o pegou pelos dois tornozelos com uma só mão e, em um movimento rápido, arremessou-o no ar o mais alto que conseguiu.

A moça gritou como se estivesse possuída e olhou para cima enquanto o bebê subia.

O pai correu de braços esticados para pegá-lo quando ele caísse.

Enquanto a moça olhava para cima e gritava, William segurou um pedaço do vestido dela e o rasgou. Seu corpo era jovem, rosado e roliço.

O pai pegou o bebê com segurança.

A moça se virou para correr, mas William a agarrou e a jogou no chão.

O pai entregou o filho para uma mulher e se virou para William.

– Como eu não recebi o que me era devido na noite de núpcias – disse

William – e a multa não foi paga, tenho o direito de cobrar agora.

O pai correu em sua direção.

William sacou a espada.

O homem estacou.

William olhou para a moça caída no chão, tentando esconder a nudez com as mãos. O medo dela o excitou.

– E quando eu terminar, será a vez dos meus cavaleiros – falou, com um sorriso satisfeito.

II

Em três anos, Kingsbridge havia mudado tanto que estava quase irreconhecível.

William não ia lá desde o domingo de Pentecostes em que Philip e seu exército de voluntários frustraram as maquinações de Waleran Bigod. Na época, o povoado consistia em quarenta ou cinquenta casas de madeira aglomeradas ao redor do portão do priorado e espalhadas pela trilha lamacenta que conduzia à ponte. Agora, como ele viu ao se aproximar pelos campos que subiam e desciam, havia pelo menos o triplo de casas. Elas formavam uma franja marrom em volta de toda a mureta de pedra cinza do priorado e preenchiam completamente o espaço até o rio. Viu que havia várias casas grandes. Dentro do terreno do priorado distinguiu construções de pedra novas, e as paredes da igreja pareciam estar subindo depressa. Junto ao rio havia dois cais novos. Kingsbridge tinha virado uma cidade.

Aquela visão confirmou uma desconfiança que vinha crescendo em sua mente desde que ele retornara da guerra. Enquanto fazia sua ronda pelo condado, recolhendo aluguéis atrasados e aterrorizando servos desobedientes, não havia parado de ouvir falar em Kingsbridge. Homens jovens sem terras iam para lá trabalhar. Famílias prósperas mandavam os filhos estudarem no priorado. Pequenos proprietários vendiam ovos e queijo para os trabalhadores da construção. E todos os que podiam iam até lá nos dias santos, mesmo a catedral não estando pronta. Aquele era um dia santo: dia de São Miguel Arcanjo, que nesse ano caía em um domingo.

Era uma amena manhã de início de outono, tempo bom para viajar, de modo que deveria haver bastante gente. William esperava descobrir o que tanto atraía as pessoas para Kingsbridge.

Seus cinco fiéis cavaleiros o acompanhavam. Eles tinham feito um serviço brilhante nas aldeias. A notícia da ronda de William tinha se espalhado com velocidade surpreendente e depois de poucos dias todos já sabiam o que esperar. Quando ele se aproximava, mandavam as crianças e as mulheres jovens se esconderem na floresta. William gostava de instilar medo no coração das pessoas. Isso as mantinha em seus devidos lugares. Com certeza agora sabiam quem estava no comando!

Quando seu grupo chegou perto de Kingsbridge, ele tocou o cavalo para fazê-lo trotar, e os outros seguiram seu exemplo. Entrar numa cidade cavalgando depressa sempre causava uma boa impressão. As pessoas se encolhiam junto às laterais da estrada, ou então pulavam para o meio dos campos para sair do caminho dos enormes cavalos.

Passaram com alarde pela ponte de madeira, fazendo muito barulho e ignorando o funcionário do pedágio, mas a rua estreita à sua frente estava bloqueada por uma carroça cheia de barris de cal, puxada por dois bois imensos e vagarosos, e os cavalos foram forçados a diminuir o passo abruptamente.

Enquanto subiam o morro atrás da carroça, William olhou em volta. Casas novas, construídas às pressas, preenchiam os espaços entre as antigas. Conseguiu distinguir uma casa de comida, uma taberna, um ferreiro e um sapateiro. A atmosfera de prosperidade era inconfundível. William sentiu inveja.

Apesar disso, não havia muita gente nas ruas. Talvez estivessem todas lá em cima, no priorado.

Seguido por seus cavaleiros, ele entrou pelos portões atrás da carroça de bois. Não era como gostava de chegar aos lugares, e sentiu uma pontada de angústia, temendo que as pessoas reparassem e rissem dele, mas por sorte ninguém sequer o notou.

Em contraste com a cidade deserta do lado de fora dos muros, o adro fervilhava de atividade.

William puxou as rédeas e olhou em volta para tentar absorver tudo. Havia tanta gente, tanta coisa acontecendo, que no início ficou um pouco atordoado. Então a cena se dividiu em três partes.

Mais perto dele, na seção oeste do terreno, havia um mercado. As barracas montadas formavam fileiras bem-arrumadas num eixo norte-sul, e centenas de pessoas passeavam pelos corredores comprando comida e bebida, chapéus e sapatos, facas, cintos, filhotes de pato e de cachorro, panelas, brincos, lã, fios, corda e dezenas de outros itens necessários e supérfluos. Era óbvio que o mercado prosperava, e todos os *pence*, meio *pennies* e quartos que passavam de mão em mão deviam representar, somados, uma enorme quantia em dinheiro.

Não era de espantar que o mercado de Shiring estivesse em declínio, pensou William com amargura, quando havia uma florescente alternativa ali em Kingsbridge. Os aluguéis das barracas, o pedágio cobrado aos fornecedores e os impostos sobre as vendas, que deveriam entrar no tesouro de Shiring, enchiam os cofres do priorado de Kingsbridge.

Mas um mercado precisava de licença do rei, e William tinha certeza de que o prior Philip não dispunha de uma. Decerto planejava pedir assim que fosse descoberto, como o moleiro de Northbrook. Infelizmente, não seria tão fácil para William ensinar uma lição a Philip.

Depois do mercado havia uma zona de tranquilidade. Contíguo ao claustro, onde antes ficava o coro da antiga igreja, havia um altar debaixo de um toldo, e diante do altar um monge de cabelos brancos lia algo em um livro. Do outro lado do altar, monges em fileiras bem-dispostas cantavam hinos, embora daquela distância a música fosse abafada pelo barulho do mercado. Havia uma pequena congregação reunida. Aquilo devia ser a nona, pensou William, um ofício rezado para os próprios monges. Todo o trabalho e todas as negociações parariam, é claro, para a missa principal de São Miguel Arcanjo.

Na parte mais afastada do adro, a extremidade leste da catedral estava sendo construída. Era lá que o prior gastava a comissão irregular que vinha do mercado, pensou William, amargo. As paredes tinham uns 10 ou 12 metros de altura, e já dava para ver o desenho das janelas e dos arcos da galeria. O canteiro de obras estava repleto de trabalhadores. William pensou que havia algo estranho na aparência deles e após alguns instantes percebeu que eram as roupas coloridas. Aqueles não eram trabalhadores comuns, claro. A mão de obra remunerada estava de folga nesse dia. Aqueles eram voluntários.

Ele não esperava que houvesse tantos. Centenas de homens e mulheres

carregavam pedras, cortavam madeira, rolavam barris e traziam carroças de areia do rio, e todos trabalhavam a troco de nada além do perdão de seus pecados.

O ardiloso prior tinha armado um esquema astuto, observou William com inveja. As pessoas que vinham trabalhar na catedral gastavam dinheiro no mercado. Quem vinha ao mercado dedicava algumas horas à catedral, pelos pecados. E uma mão lavava a outra.

Esporeou o cavalo para fazê-lo avançar e atravessou o cemitério até o canteiro de obras, curioso para ver mais de perto.

Os oito imensos pilares da arcada margeavam cada um dos lados do canteiro em quatro pares de colunas uma de frente para a outra. De longe, William pensara ter visto os arcos redondos que uniam um pilar ao outro, mas então percebeu que ainda não tinham sido construídos. O que ele tinha visto eram estruturas temporárias de madeira, feitas no mesmo formato, sobre as quais as pedras repousariam enquanto os arcos estivessem sendo erguidos e a argamassa secasse. Essas estruturas não se apoiavam no chão, mas eram sustentadas pelas cornijas dos capitéis no alto dos pilares.

Paralelas às arcadas, as paredes externas das naves laterais também subiam, com buracos em espaços regulares onde ficariam as janelas. A meio caminho entre um vão e outro, um contraforte emergia da linha da parede. Ao observar as extremidades abertas das paredes inacabadas, William pôde ver que não eram de pedra sólida: na verdade, eram paredes duplas separadas por um vão. A cavidade parecia preenchida com entulho e argamassa.

Os andaimes eram feitos de grossas varas amarradas por cordas, e sobre essas varas ficavam suportes feitos da madeira flexível de árvores jovens e de juncos trançados.

Muito dinheiro tinha sido gasto ali, observou William.

Continuou cavalgando e deu a volta por fora da chancela, seguido por seus cavaleiros. Encostados nas paredes, havia barracões, oficinas e alojamentos de meia-água para os artesãos, todos feitos de madeira. A maioria agora estava trancada, pois não havia pedreiros assentando pedras e carpinteiros fabricando moldes nesse dia. Mas os artesãos que supervisionavam os demais – os mestres pedreiros e o mestre carpinteiro – davam ordens aos voluntários, indicando onde empilhar pedras e madeira e onde depositar a areia e a cal que traziam da beira do rio.

William rodeou a extremidade leste da igreja até a lateral sul, onde seu caminho foi interrompido pelas construções do mosteiro. Então deu meia-volta, maravilhado com a astúcia do prior Philip, que conseguia manter seus mestres artesãos ocupados em um domingo e fazer a mão de obra trabalhar de graça.

Enquanto refletia sobre o que estava testemunhando, parecia arrasadoramente óbvio que Philip era em grande parte o responsável pelo declínio da fortuna do condado de Shiring. As fazendas perdiam seus homens jovens para a obra, e Shiring, a joia do condado, estava sendo eclipsada pela nova e pujante cidade de Kingsbridge. Os moradores dali pagavam aluguel a Philip, não a William, e quem comprava ou vendia artigos naquele mercado gerava renda para o priorado, não para o condado. Além disso, Philip tinha a madeira, os rebanhos de ovelhas e a pedreira que outrora enriqueciam o conde.

William e seus homens tornaram a atravessar o adro até o mercado. Ele resolveu olhar mais de perto. Fez o cavalo entrar no meio das pessoas. O animal avançava com dificuldade. As pessoas não saíam assustadas da sua frente. Quando o cavalo encostava nelas, erguiam os olhos para William com irritação ou raiva, não medo, e saíam da frente quando bem entendiam, com certo ar condescendente. Ninguém ali o temia, o que o deixou nervoso. Se as pessoas não se sentiam ameaçadas, era impossível prever o que poderiam fazer.

Ele desceu um corredor entre as barracas e subiu pelo seguinte, sempre com os cavaleiros em seu encalço. Ficou frustrado com a lentidão da massa de pessoas. Teria sido mais rápido ir a pé, mas nesse caso, teve certeza, aquela gente insubordinada de Kingsbridge provavelmente teria o atrevimento de esbarrar nele.

Estava na metade do corredor de volta quando viu Aliena.

Puxou as rédeas abruptamente e a encarou hipnotizado.

Ela não era mais a garota magra, tensa e assustada que ele vira ali, de tamancos, no domingo de Pentecostes três anos antes. Seu rosto, então contraído de preocupação, ficara mais cheio, e ela tinha uma aparência feliz e saudável. Os olhos escuros brilhavam de alegria e os cachos cascadeavam ao redor de seu rosto quando ela balançava a cabeça.

Ela estava tão linda que William se sentiu tonto de tanto desejo.

Aliena usava uma túnica vermelha ricamente bordada e anéis

cintilavam em suas mãos expressivas. Estava acompanhada por uma mulher mais velha que se mantinha um pouco afastada, como uma criada. Muito dinheiro, dissera a mãe. Era assim que Richard tinha conseguido virar escudeiro e se unir ao exército de Estêvão equipado com armas de boa qualidade. Maldita. Ela perdera tudo, era uma garota miserável, impotente... Como havia conseguido?

Aliena se encontrava diante de uma barraca que vendia agulhas de osso, fio de seda, dedais de madeira e outros apetrechos de costura, e conversava animadamente sobre as mercadorias com o judeu baixinho de cabelos escuros que as vendia. Tinha uma postura decidida e estava relaxada e segura. Havia recuperado a atitude de quando era filha do conde.

Ela agora parecia bem mais velha. Estava mais velha, claro: William tinha 24 anos, de modo que ela agora devia estar com 21. Mas parecia ter mais do que isso. Já não havia nela nada de infantil. Aliena era uma mulher madura.

Ela ergueu o rosto e encontrou seu olhar.

Da última vez que seus olhares se cruzaram, ela ficara vermelha de vergonha e saíra correndo. Dessa vez, continuou onde estava e sustentou o olhar.

William tentou abrir um sorriso cúmplice.

Um desdém corrosivo tomou conta do rosto de Aliena.

William sentiu o rosto corar. Ela estava mais ativa do que nunca, e o desprezava agora como o havia desprezado cinco anos antes. Ele a havia humilhado e violentado, mas ela não sentia mais pavor dele. Quis falar com ela, dizer que poderia fazer de novo aquilo que tinha feito antes, mas não queria gritar por cima das cabeças daquela multidão. O olhar atrevido de Aliena fez William se sentir pequeno. Ele tentou um sorriso de ironia, mas não conseguiu, e soube que sua expressão não passava de um esgar ridículo. Aflito de constrangimento, virou o rosto e tocou o cavalo para fazê-lo avançar, mas a multidão mesmo assim impediu seu caminho, e o olhar fulminante dela continuou queimando sua nuca enquanto ele se afastava com dolorosa lentidão, centímetro por centímetro.

Quando por fim conseguiu escapar da praça do mercado, foi abordado pelo prior Philip.

O galês baixote estava parado com as mãos na cintura e o queixo

projetado agressivamente para a frente. Não era mais tão magro quanto antes, e William percebeu que o pouco cabelo que lhe restava estava ficando prematuramente grisalho. Já não parecia jovem demais para o cargo, e agora seus olhos azuis faiscavam de raiva.

– Lorde William! – chamou, num tom de desafio.

William afastou Aliena do pensamento e lembrou que tinha uma acusação contra Philip.

– Que bom encontrá-lo, prior.

– Eu digo o mesmo – retrucou Philip, zangado, mas a sombra de uma dúvida atravessou seu semblante.

– O senhor mantém um mercado aqui – disse William, acusador.

– E daí?

– Não acho que o rei Estêvão tinha autorizado um mercado em Kingsbridge. Nem qualquer outro monarca, que eu saiba.

– Como você se atreve? – indagou Philip.

– Eu ou qualquer outra pess...

– Você! – berrou Philip, sem deixá-lo terminar. – Como se atreve a entrar aqui e falar sobre autorização, você que no último mês percorreu este condado inteiro cometendo incêndios criminosos, roubos, estupros e pelo menos um assassinato!

– Isso não tem nada a ver com...

– Como se atreve a entrar em um mosteiro e falar em autorização? – gritou Philip. Seguiu em frente sacudindo o dedo para William, cujo cavalo, assustado, deu um passo para o lado. Por algum motivo, a voz de Philip era mais penetrante do que a de William, que não conseguiu responder nada. Uma multidão de monges, voluntários e clientes do mercado começou a se juntar para assistir ao bate-boca. Não havia como fazer Philip parar.

– Depois do que você fez, só existe uma coisa que deveria dizer: “Padre, eu pequei!” Você deveria se ajoelhar aqui mesmo neste priorado! Se quiser escapar do fogo do inferno, deveria implorar perdão!

William empalideceu. Ouvir falar no inferno provocava nele um terror incontrolável. Desesperado, tentou interromper o sermão do prior.

– Mas e o seu mercado? – disse ele. – E o seu mercado?

Philip mal escutou. Estava enfurecido de indignação.

– Implore perdão por todos os atos horríveis que cometeu! – continuou

vociferando o prior. – De joelhos! De joelhos, ou vai arder no inferno!

William estava quase assustado o suficiente para acreditar que, a menos que se ajoelhasse e rezasse diante do prior agora mesmo, teria de suportar as chamas do inferno. Sabia que deveria se confessar, pois havia matado muitos homens na guerra, sem falar nos pecados cometidos durante sua ronda pelo condado. E se morresse antes de se confessar? Começou a vacilar ao pensar nas chamas eternas e nos demônios com seus tridentes afiados.

Philip partiu para cima dele, apontando o dedo e se esgoelando.

– De joelhos!

William fez o cavalo recuar. Desesperado, olhou em volta. A multidão o cercava. Atrás dele, seus cavaleiros pareciam perplexos: não conseguiam descobrir um meio de lidar com a ameaça espiritual de um monge desarmado. William não conseguiu mais suportar a humilhação. Depois de Aliena, aquilo foi de mais. Puxou as rédeas e o imenso cavalo de combate empinou perigosamente. A massa se partiu diante dos imensos cascos. Quando as patas dianteiras do animal tocaram o chão outra vez, ele o esporeou com força e o cavalo se projetou para a frente. Os curiosos se espalharam. Ele tornou a incentivar o animal, que iniciou um meio galope. Ardendo de vergonha, William fugiu pelo portão do priorado com os cavaleiros em seu encalço, como se fossem um bando de cães raivosos enxotados por uma velha com uma vassoura.



Apavorado e trêmulo, William confessou seus pecados no frio chão de pedra da pequena capela do palácio do bispo. Com uma expressão de repugnância, Waleran o escutou em silêncio catalogar as mortes, espancamentos e estupros que havia cometido. Mesmo durante a confissão, William se sentiu tomado de ódio por aquele bispo cheio de si, com suas mãos brancas e limpas unidas sobre o coração e suas narinas brancas translúcidas levemente infladas, como se sentisse um cheiro desagradável no ar empoeirado. Ficava atormentado por ter de implorar absolvição a Waleran, mas seus pecados eram tão graves que nenhum padre normal poderia perdoá-los. Assim, ajoelhou-se, tomado de medo,

enquanto Waleran lhe mandava acender uma vela perpétua na capela de Earlscastle e em seguida lhe dizia que seus pecados estavam absolvidos.

O medo se dissipou devagar, como uma névoa.

Os dois saíram da capela para o ambiente enfumaçado do salão e foram se sentar junto ao fogo. O outono já cedia lugar ao inverno e fazia frio na grande casa de pedra. Um ajudante de cozinha trouxe um pão de especiarias quente feito com mel e gengibre. William enfim começou se sentir bem.

Então se lembrou de seus outros problemas. Richard, filho de Bartholomew, reivindicava o condado, e William não tinha recursos para reunir um exército grande o suficiente para impressionar o rei. Havia conseguido uma quantidade considerável de dinheiro vivo no último mês, mas ainda assim não bastava. Deu um suspiro.

– Aquele monge maldito está chupando o sangue do condado de Shiring – disse.

Waleran pegou um pouco de pão com a mão pálida, os dedos compridos parecendo uma garra.

– Estava me perguntando quanto tempo você iria levar para chegar a essa conclusão.

É claro que Waleran devia ter entendido aquilo muito antes de William. Ele era tão superior. William teria preferido não falar com ele, mas queria a opinião do bispo sobre uma questão jurídica.

– O rei nunca autorizou que houvesse um mercado em Kingsbridge, autorizou?

– Tenho certeza de que não.

– Então Philip está desrespeitando a lei.

Waleran encolheu os ombros ossudos sob as vestes negras.

– Até onde a lei vale alguma coisa, sim.

Embora o bispo não parecesse interessado, William insistiu:

– Alguém deveria impedi-lo.

Waleran abriu um sorriso superior.

– Não se pode lidar com ele do mesmo jeito que se lida com um servo que casou a filha sem permissão.

William corou: o bispo estava se referindo a um dos pecados que ele acabara de confessar.

– Então como se pode lidar com ele?

Waleran refletiu um pouco.

– Os mercados são um monopólio do rei. Em tempos de paz, ele decerto lidaria pessoalmente com a questão.

William deu uma risada de desdém. Apesar de toda a sua inteligência, Waleran não conhecia o rei tão bem quanto ele.

– Mesmo em tempos de paz, o rei não me agradecerá por reclamar sobre um mercado irregular.

– Bem, nesse caso, há um representante do rei para lidar com questões locais em Shiring.

– O que ele pode fazer?

– Ele poderia apresentar uma queixa contra o priorado no tribunal do condado.

William balançou a cabeça.

– É a última coisa que eu quero. O tribunal aplicaria uma multa, o priorado pagaria e o mercado continuaria a existir. É quase como conceder uma licença.

– O problema é que na verdade não há por que proibir Kingsbridge de ter um mercado.

– Há, sim! – exclamou William, indignado. – Isso afasta os comerciantes do mercado de Shiring.

– Shiring fica a um dia inteiro de viagem de Kingsbridge.

– As pessoas podem andar.

Waleran tornou a dar de ombros. William entendeu que aquele gesto significava que o bispo discordava.

– Segundo a tradição – disse Waleran –, um homem passa a terça parte de um dia andando até o mercado, a segunda terça parte no mercado e a última voltando para casa. Portanto, um mercado abastece pessoas que moram a um terço de dia de viagem, num raio estimado em mais ou menos 11,5 quilômetros. Se dois mercados estiverem a mais de 23 quilômetros de distância um do outro, suas áreas de influência não se sobrepõem. Shiring fica a 32 quilômetros de Kingsbridge. Pela regra, Kingsbridge tem direito a um mercado e o rei deve autorizá-lo.

– O rei faz o que ele quer – disparou William, mas estava incomodado.

Não conhecia aquela regra, que reforçava a posição do prior Philip.

– De toda forma, não vamos lidar com o rei, e sim com seu representante – disse Waleran. Ele franziu o cenho. – O representante

poderia simplesmente ordenar que o priorado acabe com o mercado irregular.

– Isso é perda de tempo – falou William com desprezo. – Quem dá a mínima para uma ordem que não venha junto com uma ameaça?

– Philip talvez dê.

William não acreditava nisso.

– Por que ele faria isso?

Um sorriso zombeteiro ameaçou surgir nos lábios pálidos de Waleran.

– Não tenho certeza se consigo explicar isso a você – disse. – Philip acredita que a lei deve reinar.

– Que ideia mais idiota – retrucou William, sem paciência. – Quem deve reinar é o rei.

– Eu disse que você não iria entender.

A expressão de superioridade de Waleran deixou William furioso. Ele se levantou e foi até a janela. Olhou para fora e, no alto do morro próximo, viu as escavações no local em que o bispo havia começado a construir um castelo, quatro anos antes. Waleran esperava pagar a obra com a renda do condado de Shiring. Philip havia frustrado seus planos, e agora a grama tornara a crescer sobre os montes de terra e o fosso seco estava tomado por espinheiros. William lembrou que Waleran contava construir o castelo com pedras da pedreira de Shiring. Agora quem explorava a pedreira era Philip.

– Se eu conseguisse minha pedreira de volta, poderia usá-la como garantia e pedir dinheiro emprestado para reunir um exército – refletiu William.

– Então por que não a toma de volta? – perguntou o bispo.

William balançou a cabeça.

– Já tentei uma vez.

– E Philip passou a perna em vocês. Mas agora não há monges lá. Você poderia mandar um destacamento expulsar os canteiros.

– E como poderia impedir Philip de voltar, como ele fez da última vez?

– Construindo um muro alto em volta da pedreira e colocando vigias permanentes.

Era uma possibilidade, pensou William com avidez. E resolveria seu problema de um golpe só. Mas qual seria a motivação de Waleran para

sugerir aquilo? A mãe o havia alertado para tomar cuidado com o inescrupuloso bispo. “A única coisa que você precisa saber sobre Waleran Bigod é que tudo o que ele faz é cuidadosamente calculado”, dissera ela. “Nada é espontâneo, nada é descuidado, nada é casual ou supérfluo. E, acima de tudo, nada é generoso.” Mas Waleran odiava Philip e havia jurado impedi-lo de construir sua catedral. Isso era motivo suficiente.

William olhou para o bispo com um ar pensativo. A carreira do religioso tinha emperrado. Ele havia se tornado bispo muito jovem, mas Kingsbridge era uma diocese insignificante e empobrecida, e Waleran com certeza pretendia que aquele fosse apenas um degrau para postos mais importantes. No entanto, quem estava conquistando riqueza e fama era o prior, não o bispo. Waleran definhava à sobra de Philip tanto quanto William. Ambos tinham motivos para querer destruir o prior.

Mais uma vez, William decidiu superar o ódio que tinha por Waleran pelo bem dos próprios interesses futuros.

– Certo – falou. – Pode dar certo. Mas e se Philip depois for reclamar com o rei?

– Você dirá que agiu em represália ao mercado irregular dele – respondeu Waleran.

William concordou.

– Qualquer desculpa serve, contanto que eu volte à guerra com um exército suficientemente grande.

Os olhos do bispo reluziram de maldade.

– Tenho a sensação de que, se Philip tiver de comprar pedras ao preço de mercado, não poderá construir a catedral. E, se ele parar a construção, Kingsbridge talvez entre em decadência. Isso poderia resolver todos os nossos problemas, William.

Mas William não estava disposto a demonstrar gratidão.

– O senhor odeia mesmo Philip, não é?

– Ele está no meu caminho – respondeu Waleran, mas por um instante William vislumbrou em sua atitude fria e calculista uma pura e desmedida selvageria.

Então voltou às questões práticas.

– Deve haver uns trinta canteiros lá na pedreira, alguns com mulheres e filhos – falou.

– E daí?

- Pode ser que haja derramamento de sangue.
- Waleran arqueou as sobrancelhas negras.
- É mesmo? – perguntou. – Se for o caso, eu o absolverei.

III

Eles partiram quando ainda estava escuro, de modo que chegariam no raiar do dia. Levavam tochas acesas, deixando os cavalos nervosos. Além de Walter e dos outros quatro cavaleiros, William convocou seis homens de armas. Atrás deles ia uma dezena de camponeses para cavar o fosso e construir a cerca.

Embora acreditasse piamente no planejamento militar cuidadoso – o que fazia com que ele e seus homens fossem úteis para o rei Estêvão –, nessa ocasião William não tinha plano de batalha. Era uma operação tão simples que seria degradante fazer preparativos. Alguns canteiros e suas famílias não poderiam oferecer grande resistência. De todo modo, ele se lembrou de terem lhe dito que o líder – qual era mesmo o nome dele? Otto? Isso, Otto Blackface, pensou – havia se recusado a lutar na primeira vez em que Tom Builder levava seus homens até a pedreira.

Uma fria manhã de dezembro despontou, com farrapos de bruma pendurados nas árvores feito roupas que um miserável tivesse posto para secar. William não gostava daquela época do ano. As manhãs eram frias, as tardes, escuras, e o castelo vivia úmido. Serviam carne e peixe secos em excesso. Sua mãe vivia de mau humor, e os criados, emburrados. Seus cavaleiros brigavam à toa. Aquele pequeno combate lhes faria bem. Também seria bom para ele: já havia combinado de pegar emprestadas 200 libras com os judeus de Londres, dando a pedreira como garantia. No final daquele dia, seu futuro estaria garantido.

A pouco mais de 1 quilômetro da pedreira, parou, escolheu dois homens e os mandou na frente, a pé.

– Pode haver alguma sentinela, ou um cão – alertou. – Tenham um arco com uma flecha preparada.

Pouco depois, a estrada fez uma curva para a esquerda, então terminou abruptamente no flanco vertical de um morro mutilado. Era ali a pedreira.

Reinava o silêncio. Na beira da estrada, os homens de William seguravam um menino assustado – decerto um aprendiz que fora deixado ali como sentinela – e a seus pés um cachorro se esvaía em sangue com uma flecha atravessada no pescoço.

O grupo de invasores se aproximou sem se esforçar para manter silêncio. William puxou as rédeas do cavalo e observou a cena. Boa parte do morro havia sumido desde a última vez que ele o vira. Andaimas subiam pela encosta até áreas inacessíveis e desciam ao fundo de uma enorme vala escavada no sopé. Junto à estrada havia blocos de rocha em formatos e tamanhos diferentes, e duas imensas carroças de madeira com rodas gigantescas, já carregadas de pedras, aguardavam para partir. Tudo, até mesmo os arbustos e as árvores, estava recoberto por uma poeira cinza. Uma grande área de floresta fora desmatada – *Minha* floresta, pensou William com raiva – e dez ou doze construções de madeira haviam sido erguidas, algumas com pequenas hortas, uma com um chiqueiro. Era um pequeno povoado.

A sentinela devia estar dormindo, assim como seu cachorro.

– Quantos homens estão aqui, rapaz? – perguntou William.

Apesar do ar assustado, o menino parecia valente.

– O senhor é lorde William, não é?

– Responda à pergunta, menino, ou eu corto sua cabeça com esta espada.

O garoto ficou branco de medo, mas respondeu com uma voz desafiadora, embora trêmula:

– Está tentando roubar a pedreira do prior Philip?

Qual é o problema comigo?, pensou William. Não consigo nem assustar uma criança magrela e imberbe! Por que as pessoas acham que podem me desafiar?

– Esta pedreira é minha! – sussurrou ele. – Esqueça o prior Philip. Ele agora não pode fazer nada por você. Quantos homens?

Em vez de responder, o menino jogou a cabeça para trás e começou a gritar:

– Socorro! Cuidado! Ataque! Ataque!

William levou a mão à espada. Olhou para as casas e hesitou. Um rosto assustado espiou por uma porta entreaberta. Decidiu esquecer o aprendiz. Pegou uma tocha acesa de um de seus homens e tocou seu cavalo.

Partiu em direção às casas com a tocha erguida bem alto e ouviu seus homens virem logo atrás. A porta do casebre mais próximo se abriu e um homem com os olhos entreabertos, vestindo uma camisa de baixo, olhou para fora. William atirou a tocha por cima da cabeça dele. Ela aterrissou no chão logo atrás, em cima da palha, que pegou fogo na hora. William soltou um grito de triunfo e seguiu em frente.

Enfiou-se entre o grupo de casas. Atrás dele, seus homens atacaram, gritando e atirando as tochas nos telhados de colmo. Todas as portas se abriram, e homens, mulheres e crianças aterrorizados começaram a sair, aos gritos, tentando se esquivar dos cascos que batiam com força no chão. Enquanto as chamas ganhavam intensidade, ficaram todos zanzando, em pânico. Um pouco afastado da confusão, William puxou as rédeas do cavalo e parou para observar por alguns instantes. Os animais domésticos se soltaram e um porco apavorado por pôs-se a correr às cegas enquanto uma vaca permanecia parada no meio de tudo, balançando a cabeça estupidamente para um lado e para outro, confusa. Até mesmo os homens jovens, em geral os mais prontos para a briga, estavam desorientados e assustados. A aurora era com certeza o melhor momento para aquele tipo de ação: algo no fato de estar seminu neutralizava o instinto de agressão de um indivíduo.

Um homem de pele morena com um tufo de cabelos pretos saiu de um dos casebres com as botas calçadas e começou a dar ordens. Devia ser Otto Blackface. William não conseguiu ouvir o que ele dizia. Pelos gestos, pôde adivinhar que Otto ordenava que as mulheres pegassem as crianças e fossem se esconder na mata, mas e aos homens, o que estaria dizendo? Segundos depois, descobriu. Dois jovens correram até um casebre isolado e abriram a porta, que estava trancada pelo lado de fora. Entraram e, quando saíram, traziam nas mãos pesados martelos de cantaria. Otto mandou outros homens até o mesmo casebre, obviamente um barracão de ferramentas. Eles iriam lutar.

Três anos antes, Otto havia se recusado a lutar por Philip. O que o teria feito mudar de ideia?

De qualquer jeito, iria matá-lo. William abriu um sorriso lúgubre e sacou a espada.

Havia agora seis ou oito homens armados com malhos e machados de cabo longo. William esporeou o cavalo e atacou o grupo reunido junto à

porta do barracão de ferramentas. Eles se dispersaram, mas William desferiu um golpe com a espada e conseguiu abrir um corte profundo no braço de um dos canteiros. O homem deixou cair o machado.

William galopou para longe, em seguida deu meia-volta. Respirava pesado e sentia-se bem: no calor de uma batalha não havia medo, apenas emoção. Alguns de seus homens viram o que estava acontecendo e olharam para ele à espera de orientação. Ele acenou para que o seguissem, depois tornou a atacar os canteiros, que não conseguiram evitar seis cavaleiros com a mesma facilidade com a qual se esquivaram de um. William derrubou dois deles, e vários outros caíram atingidos pelas espadas de seus homens, mas ele se movia depressa demais para contar quantos ou para saber se estavam mortos ou apenas feridos.

Quando ele se virou outra vez, Otto reagrupava seus homens. Ao serem atacados, os canteiros se dispersaram pelo aglomerado de casas em chamas. Era uma tática inteligente, entendeu William com pesar. Os cavaleiros foram atrás, mas os canteiros conseguiam evitá-los com mais facilidade quando estavam divididos, e os cavalos recuavam diante do fogo. William perseguiu um homem grisalho armado com um martelo e errou várias vezes por um triz antes de o homem fugir correndo para dentro de uma casa cujo telhado estava em chamas.

William compreendeu que o problema era Otto. Era ele quem instilava coragem e organizava os canteiros. Assim que ele caísse, os outros desistiriam. Puxou as rédeas e procurou o homem de pele morena. A maioria das mulheres e crianças havia desaparecido, com exceção de dois garotos de 5 anos em pé no meio do campo de batalha, de mãos dadas e aos prantos. Os cavaleiros de William atacavam entre as casas, perseguindo os canteiros. Para sua surpresa, ele viu que um de seus homens de armas fora atingido por um martelo e tinha caído no chão, gemendo e sangrando. Ficou arrasado: não havia previsto nenhuma baixa entre os seus.

Uma mulher desesperada entrava e saía correndo das casas em chamas gritando algo que William não conseguiu escutar. Procurava alguém. Finalmente, viu as crianças de 5 anos e as pegou, uma em cada braço. Quando fugia correndo da confusão, quase trombou com Gilbert de Rennes, um dos cavaleiros de William. Gilbert ergueu a espada para golpeá-la. De repente, Otto pulou de trás de um casebre e brandiu um

machado de cabo comprido. Sabia manejar a arma, e a lâmina atravessou a coxa de Gilbert e bateu na madeira da sela. A perna decepada caiu no chão e Gilbert soltou um grito antes de tombar.

Ele nunca mais iria lutar.

Gilbert era um cavaleiro valioso. Com raiva, William esporeou seu cavalo. A mulher com as crianças havia sumido. Otto lutava para remover o machado da sela de Gilbert. Ergueu os olhos e viu William chegando. Se houvesse corrido nessa hora, talvez tivesse escapado, mas continuou a puxar o machado. Quando a arma finalmente se soltou, William já estava quase em cima dele. O cavaleiro ergueu a espada. Otto ficou onde estava e ergueu o machado. No último segundo, William se deu conta de que a ferramenta seria usada no cavalo e o canteiro iria aleijar o animal antes que William chegasse perto o suficiente para golpeá-lo. Puxou as rédeas, desesperado, e o cavalo estacou derrapando com os cascos no chão e empinou, virando a cabeça para longe de Otto. O machado acertou o pescoço do animal e a lâmina cravou fundo nos músculos potentes. O sangue esguichou como de um chafariz e o cavalo tombou. William conseguiu desmontar antes que o corpo imenso desabasse no chão.

Estava enfurecido. Aquele cavalo de combate custara uma fortuna e sobrevivera durante um ano inteiro de guerra civil. Perdê-lo para o machado de um canteiro era de enlouquecer. Ele pulou por cima do corpo do animal e partiu furioso, com a espada em riste, na direção de Otto.

O mestre canteiro não se mostrou uma vítima fácil. Segurou o machado com as duas mãos e usou o cabo de carvalho duro para deter a espada de William. William atacou cada vez com mais força, obrigando-o a recuar. Apesar da idade, Otto era um homem musculoso, e os golpes de William mal o abalaram. William segurou a espada com as duas mãos e avançou com mais fúria. O cabo do machado aparou novamente a lâmina, que dessa vez se cravou na madeira. Agora era Otto quem atacava, obrigando William a recuar. Ele puxou a espada com força e conseguiu soltar a lâmina, mas Otto já estava quase em cima dele.

De repente, William temeu pela própria vida.

Otto ergueu o machado. William se esquivou para trás. Seu calcanhar bateu em alguma coisa, ele se desequilibrou e caiu por cima do cavalo morto. Aterrissou sobre uma poça de sangue morno, mas não largou a espada. Otto se postou acima dele com o machado erguido. Quando a arma

desceu, William rolou para o lado em desespero. Sentiu o vento quando a arma rasgou o ar junto ao seu rosto, então se levantou de um pulo e brandiu a espada na direção do canteiro.

Um soldado teria dado um passo para o lado antes de erguer a arma do chão, pois saberia que o momento mais vulnerável de um homem é quando ele desfere um golpe e erra. Mas Otto não era soldado, apenas um tolo cheio de coragem, e estava em pé, com uma das mãos no cabo do machado e o outro braço esticado para se equilibrar, transformando o corpo inteiro em um alvo fácil. William desferiu um golpe apressado, quase às cegas, mas mesmo assim acertou. A ponta da espada perfurou o peito de Otto. William empurrou a lâmina com mais força, penetrando-a entre as costelas. Otto soltou o machado e em seu rosto surgiu uma expressão que William conhecia bem. Seu olhar demonstrou surpresa, sua boca se abriu como se ele fosse gritar, mas nenhum som saiu, e de repente sua pele ficou cinza. Era a expressão de um homem que acabara de levar um golpe mortal. William cravou mais a espada, só por garantia, e então a puxou. Os olhos de Otto se reviraram nas órbitas, uma mancha de um vermelho vivo surgiu na frente de sua camisa e na mesma hora começou a se espalhar, e ele caiu.

William se virou e avaliou a cena ao redor. Avistou dois canteiros fugindo, provavelmente depois que viram seu líder ser abatido. Enquanto corriam, gritavam para os outros. O combate se transformou em debandada. Os cavaleiros começaram a perseguir os fugitivos.

William ficou parado, ofegante. Os malditos canteiros tinham reagido! Olhou para Gilbert. Seu companheiro jazia imóvel em meio a uma poça de sangue, com os olhos fechados. William levou uma das mãos ao seu peito: o coração já não batia. Gilbert estava morto.

Caminhou em volta das casas ainda em chamas e contou os corpos. Três canteiros estavam mortos, além de uma mulher e uma criança, pelo visto pisoteadas pelos cavalos. Três dos homens de armas de William foram feridos e quatro cavalos haviam sido mortos ou aleijados.

Terminada a contagem, ficou parado junto ao cadáver de seu cavalo de combate. Gostava mais daquele animal do que de muita gente. Depois de uma batalha, em geral se sentia empolgado, mas agora estava deprimido. Que trapalhada. Aquilo deveria ter sido uma operação simples para enxotar um grupo de trabalhadores inofensivos, mas acabara se

transformando em um confronto com muitas vítimas.

Os cavaleiros perseguiram os canteiros até a floresta, mas uma vez lá os cavalos não conseguiriam alcançá-los, de modo que deram meia-volta. Walter foi até onde William estava e viu Gilbert morto no chão. Fez o sinal da cruz.

– Gilbert matou mais homens do que eu – disse Walter.

– Não há muitos como ele, e não posso me dar ao luxo de perder um cavaleiro assim em uma briga com um maldito monge – falou William com amargura. – Isso sem falar nos cavalos.

– Que surpresa – comentou Walter. – Essa gente lutou com mais garra do que os rebeldes de Robert de Gloucester!

William balançou a cabeça com repulsa.

– Não sei – disse, olhando em volta para os cadáveres. – Por que diabo eles pensaram estar lutando?

CAPÍTULO 9

I

Pouco depois da aurora, quando a maioria dos irmãos estava na cripta rezando a prima, só restavam duas pessoas no dormitório: Johnny Eightpence, que varria o chão em um dos cantos do cômodo comprido, e Jonathan, que brincava de escolinha no outro.

O prior Philip parou na porta e ficou observando Jonathan. Agora com quase 5 anos, ele era um menino alerta, seguro de si, dono de uma seriedade infantil que encantava a todos. Johnny continuava a vesti-lo com um hábito de monge em miniatura. Nesse dia, Jonathan fingia ser o mestre-escola, e dava aulas para uma fileira imaginária de alunos.

– Errado, Godfrey! – falou, severo, para o banco vazio. – Se você não aprender seus bervos, vai ficar sem jantar!

Ele queria dizer “verbos”. Philip abriu um sorriso cheio de afeto. Não teria amado mais profundamente o menino se ele fosse seu filho. Jonathan era a única coisa na vida a lhe proporcionar uma alegria pura e imaculada.

O menino corria pelo priorado feito um filhote, adulado e mimado por todos os irmãos. Para a maioria, era apenas um bichinho de estimação, um brinquedo divertido. Para Philip e Johnny, porém, era algo mais. Johnny o amava como uma mãe, e Philip, embora tentasse esconder, sentia-se pai do menino. Ele próprio havia sido criado desde muito pequeno por um bondoso abade, e exercer o mesmo papel com Jonathan lhe parecia a coisa mais natural do mundo. Não fazia cócegas nem corria atrás dele como os outros monges, mas contava histórias da Bíblia, brincava de jogos de contar e mantinha sempre um olho atento em Johnny.

Entrou no dormitório, sorriu para Johnny e se sentou no banco junto com os alunos imaginários.

– Bom dia, padre – disse Jonathan, solene.

Johnny havia lhe ensinado impecavelmente a ter boas maneiras.

– Você gostaria de ir à escola? – perguntou Philip.

– Eu já sei latim – gabou-se Jonathan.

– É mesmo?

– É. Escute só. *Omnis pluvius buvius tuvius nomine patri amen.*

Philip tentou não rir.

– Isso *soa* como latim, mas nem por isso está correto. Irmão Osmund, o mestre-escola, vai ensinar você a falar latim direito.

Jonathan ficou um pouco decepcionado ao descobrir que afinal não sabia a língua.

– Mas eu sei correr bem rápido, olhe! – disse ele, e disparou o mais depressa que conseguiu de um lado ao outro do dormitório.

– Que maravilha! – exclamou Philip. – É rápido mesmo.

– Sou, e consigo correr ainda mais depressa...

– Agora não – falou Philip. – Me escute um instante. Vou ter que passar um tempo fora.

– Você volta amanhã?

– Não, vou demorar um pouco mais.

– Semana que vem?

– Também não.

Jonathan não entendeu. Não conseguia conceber um futuro mais distante do que a semana seguinte. Outro mistério lhe ocorreu.

– Mas por quê?

– Preciso falar com o rei.

– Ah.

Isso tampouco significava grande coisa para a criança.

– E eu gostaria que você fosse à escola enquanto eu estivesse fora. Você quer?

– Quero!

– Você está com quase 5 anos. Faz aniversário semana que vem. Chegou para nós no primeiro dia do ano.

– Cheguei de onde?

– De Deus. Todas as coisas vêm de Deus.

Jonathan sabia que aquela não era a resposta.

– Mas onde eu estava *antes*? – insistiu.

– Não sei.

O menino franziu o cenho. Aquelas marcas ficavam engraçadas num rostinho de criança tão despreocupado.

– Tenho certeza de que vim de algum lugar.

Um dia, entendeu Philip, alguém teria de explicar ao menino como nasciam os bebês. Fez uma careta ao pensar isso. Bem, por sorte essa hora ainda não chegara. Ele mudou de assunto:

– Enquanto eu estiver fora, quero que você aprenda a contar até cem.

– Eu sei contar – disse Jonathan. – Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, finze, trinze, chinze...

– Nada mau – disse Philip. – Mas o irmão Osmund vai ensinar mais. Você precisa ficar sentadinho na sala de aula e fazer tudo o que ele pedir.

– Eu vou ser o melhor aluno da escola! – falou Jonathan.

– Vamos ver. – Philip ainda passou mais alguns instantes estudando Jonathan. Ficava fascinado com seu desenvolvimento, o modo como ele aprendia as coisas e as fases pelas quais passava. A insistência em dizer que sabia falar latim, contar ou correr depressa era curiosa: seria um prelúdio necessário ao verdadeiro aprendizado? Aquilo devia ter alguma finalidade no plano de Deus. E um dia Jonathan viraria um homem. Como ele seria? A curiosidade deixava Philip impaciente pelo crescimento de Jonathan. Só que isso levaria tanto tempo quanto a construção da catedral.

– Então me dê um beijo e diga adeus – falou.

Jonathan ergueu o rosto e Philip beijou a bochecha macia.

– Adeus, padre – despediu-se Jonathan.

– Adeus, meu filho – respondeu o prior.

Ele apertou afetuosamente o braço de Johnny Eightpence e se retirou.

Os monges saíam da cripta em direção ao refeitório. Philip andou na direção oposta e entrou na cripta para orar pelo sucesso da sua missão.

Ficara arrasado quando lhe contaram o que havia acontecido na pedreira. Cinco mortos, entre eles uma garotinha! Ele se escondera em casa e chorara feito uma criança. Cinco ovelhas do seu rebanho abatidas por William Hamleigh e seu bando de brutos. Philip conhecia todos eles: Harry de Shiring, antigo canteiro de lorde Percy; Otto Blackface, o homem de pele morena encarregado da pedreira desde o início; Mark, o belo filho de Otto; Alwen, esposa de Mark, que tocava música à noite usando sinetas de ovelhas; e a pequena Norma, neta de 7 anos de Otto e preferida do avô. Pessoas de bom coração, tementes a Deus, trabalhadoras, que tinham o

direito de esperar paz e justiça dos seus senhores. William as havia massacrado como uma raposa mata galinhas. Era de fazer chorar até os próprios anjos.

Philip os havia pranteado, em seguida fora até Shiring exigir justiça. O representante do rei no condado se recusara na mesma hora a tomar qualquer atitude. “Lorde William tem um pequeno exército. Como eu poderia prendê-lo?”, explicara Eustace. “O rei precisa de cavaleiros para lutar contra a imperatriz Matilda... O que vai dizer se eu prender um de seus melhores homens? Se eu acusasse William de assassinato, ou seria morto na hora por seus cavaleiros ou então enforcado mais tarde por Estêvão como traidor.”

A primeira vítima da guerra civil era a justiça, entendeu Philip.

O representante do rei no condado então lhe dissera que William havia apresentado uma queixa formal contra o mercado de Kingsbridge.

Era ridículo, claro, que William pudesse se safar após cometer assassinatos e ainda acusar Philip por causa de uma minúcia técnica. Mesmo assim, o prior se sentiu impotente. Era verdade que não tinha permissão para abrigar um mercado e que, estritamente falando, agira errado. E ele não podia persistir no erro. Era o prior de Kingsbridge. Tudo o que tinha era sua autoridade moral. William podia convocar um exército de cavaleiros; o bispo Waleran podia usar seus contatos importantes; o representante do rei no condado podia invocar a autoridade do soberano; mas a única coisa ao alcance de Philip era dizer *isto é certo e aquilo é errado*. Caso abrisse mão dessa posição, aí sim ficaria impotente. Por isso, tinha ordenado o fim do mercado.

E essa decisão o deixava em uma situação realmente desesperadora.

As finanças do priorado haviam melhorado de forma espetacular graças, por um lado, a controles mais rígidos e, por outro, à renda crescente do mercado e da criação de ovelhas. Mas Philip sempre gastava cada *penny* na obra, e havia pedido muito dinheiro emprestado aos judeus de Winchester, empréstimo que ainda precisava pagar. Agora, de uma hora para outra, perdera seu abastecimento gratuito de pedras, sua renda do mercado secara e seus trabalhadores voluntários – muitos dos quais iam a Kingsbridge sobretudo para fazer compras – provavelmente iriam minguar. Seria obrigado a dispensar metade dos homens e abandonar qualquer esperança de concluir a catedral antes de morrer. E não estava

preparado para isso.

Pensou se a crise seria culpa sua. Teria sido confiante ou ambicioso demais? Era o que Eustace, o representante do rei no condado, tinha dito.

– Você tem o olho maior do que a barriga, Philip – dissera ele, irritado.
– Administra um pequeno mosteiro, é um pequeno prior, mas quer mandar no bispo, no conde e no representante do rei. Bom, não vai conseguir. Somos poderosos demais para você. Tudo o que consegue fazer é criar problemas.

Eustace era um homem feio, com os dentes tortos, vesgo, e usava uma túnica amarela suja. Podia ser uma figura pouco impressionante, porém suas palavras tinham acertado Philip bem no coração. O prior tinha a dolorosa consciência de que os canteiros não teriam morrido caso ele não houvesse conquistado a inimizade de William Hamleigh. Mas ele não podia fazer outra coisa a não ser continuar lutando contra William. Se desistisse, mais pessoas viriam a sofrer, pessoas como o moleiro morto por William e a filha do servo violentada por ele e seus cavaleiros. Philip tinha de seguir lutando.

Ou seja, tinha de ir falar com o rei.

Detestava essa ideia. Já havia falado com Estêvão em Winchester quatro anos antes e, embora tivesse conseguido o que queria, se sentira desconfortável demais na corte real. O rei vivia cercado de pessoas interesseiras e sem escrúpulos, que se acotovelavam por sua atenção e disputavam seus favores, e Philip desprezava gente assim. Elas buscavam uma riqueza e uma posição social que não mereciam. Não entendia muito bem aquele jogo: no mundo que ele conhecia, o melhor jeito de conseguir uma coisa era merecê-la, e não bajular quem podia dá-la. No entanto, agora não lhe restava alternativa além de entrar naquele mundo e jogar segundo suas regras. Somente o rei poderia lhe conceder a permissão de ter um mercado. Somente o rei poderia salvar a catedral.

Ele encerrou as preces e saiu da cripta. O sol estava nascendo, e as paredes da catedral inacabada, tingidas de rosa. Os homens, que trabalhavam sem parar, estavam apenas começando o dia: abriam os barracões, afiavam ferramentas, preparavam a primeira leva de argamassa. A perda da pedreira ainda não havia afetado a obra: desde o início eles extraíam mais pedras do que conseguiam usar, e agora dispunham de um estoque que duraria muitos meses.

Estava na hora de Philip partir. Todas as providências haviam sido tomadas. O rei estava em Lincoln, e Philip teria um companheiro de viagem: Richard, irmão de Aliena. Após combater como escudeiro durante um ano, Richard fora sagrado cavaleiro pelo rei. Tinha voltado para casa para se reequipar e agora se uniria ao exército real.

Aliena tivera um sucesso espetacular como negociante de lã. Não vendia mais seu produto para Philip, mas negociava direta e pessoalmente com os compradores flamengos. Naquele ano, aliás, quisera comprar a produção inteira de velos do priorado. Teria pagado menos do que os flamengos, mas Philip teria obtido o dinheiro mais cedo. Ele recusara, mas o simples fato de ela poder propor tal coisa era uma prova de seu sucesso.

Quando andava na direção do pátio, viu que ela estava lá com o irmão. Um grupo havia se reunido para dizer adeus aos viajantes. Richard montava um alazão de combate que devia ter custado 20 libras à irmã. Tornara-se um rapaz bonito, de ombros largos, com a regularidade dos traços maculada apenas por uma feia cicatriz na orelha direita: o lóbulo tinha sido cortado, sem dúvida em um acidente de esgrima. Vestia roupas esplêndidas, vermelhas e verdes, e portava espada, lança, machado de combate e adaga, todos novos. Sua bagagem ia no lombo de um segundo cavalo, que guiava por um cabresto. Dois homens de armas o acompanhavam montados em corcéis e um escudeiro em um cavalo menor.

Aliena estava aos prantos, mas Philip não soube dizer se estava triste por ver o irmão partir, orgulhosa por vê-lo tão bonito ou com medo de ele nunca mais voltar. As três coisas, talvez. Alguns moradores do vilarejo tinham vindo se despedir, entre eles rapazes e meninos. Richard sem dúvida era um herói para eles. Todos os monges também se encontravam presentes para desejar uma viagem segura ao prior.

Os cavaliços trouxeram dois cavalos, um palafrém selado para Philip montar e um cavalo menor carregado com sua modesta bagagem, sobretudo comida para a viagem. Os trabalhadores pousaram as ferramentas e se aproximaram, encabeçados pelo barbado Tom e seu enteado ruivo, Jack.

Philip deu um abraço formal em Remigius, seu subprior, e se despediu mais calorosamente de Milius e Cuthbert antes de montar o palafrém. Deu-se conta, com pesar, de que iria passar um longo tempo em cima

daquela sela dura. Montado no cavalo, abençoou a todos. Os monges, os trabalhadores e os moradores do vilarejo deram adeus, e ele e Richard partiram lado a lado pelos portões do priorado.

Desceram a rua estreita que cruzava o vilarejo, acenando para as pessoas que espiavam pelas portas. Depois atravessaram a ponte, deixando para trás o barulho dos cascos na madeira, e pegaram a estrada que cruzava os campos. Pouco depois, Philip olhou para trás por cima do ombro e viu o sol nascente a brilhar num vão da janela na fachada leste, ainda inacabada, da nova catedral. Se fracassasse na missão, ela talvez nunca fosse concluída. Depois de tudo por que havia passado para chegar até ali, agora não podia suportar a ideia da derrota. Virou-se e se concentrou na estrada à frente.



Lincoln ficava no alto de uma colina. Philip e Richard chegaram pelo sul, por uma estrada antiga e movimentada chamada Ermine Street. Mesmo de longe, puderam ver no alto do morro as torres da catedral e as ameias do castelo. Ainda estavam a 4 ou 5 quilômetros de distância quando, para assombro de Philip, chegaram a um portão da cidade. Os bairros deviam ser extensos, pensou ele. A população devia somar milhares de pessoas.

No Natal, a cidade havia sido tomada por Ranulfo de Chester, o homem mais poderoso do norte da Inglaterra e parente da imperatriz Matilda. Desde então, o rei Estêvão havia retomado a cidade, mas as forças de Ranulfo ainda dominavam o castelo. Agora, como Philip e Richard descobriram à medida que se aproximavam, Lincoln vivia a peculiar situação de ter dois exércitos rivais acampados dentro de suas muralhas.

Durante as quatro semanas que os dois haviam passado juntos, Philip não tinha se afeiçoado a Richard. O irmão de Aliena era um jovem nervoso, que odiava os Hamleighs e estava decidido a se vingar. Falava como se Philip sentisse o mesmo. Mas havia uma diferença. Philip odiava os Hamleighs pelo modo como agiam com seus súditos. Livrar-se deles faria do mundo um lugar melhor. Já Richard seria incapaz de ficar bem consigo mesmo até os derrotar: seus motivos eram inteiramente egoístas.

Fisicamente, Richard era valente, sempre disposto a lutar. Em outros aspectos, porém, era fraco. Confundia seus homens de armas, ora tratando-os como iguais, ora dando-lhes ordens como se fossem criados. Nas tabernas, sempre tentava causar boa impressão comprando cerveja para desconhecidos. Fingia saber o caminho quando na verdade não tinha certeza e às vezes fazia o grupo se desviar muito da rota, pois não admitia que havia errado. Quando eles chegaram a Lincoln, Philip já havia entendido que Aliena valia dez Richards.

Eles passaram por um grande lago coalhado de embarcações e, no sopé do morro, atravessaram o rio que constituía a fronteira sul da cidade. Era óbvio que Lincoln vivia do comércio fluvial. Depois da ponte havia um mercado de peixe. Passaram por um segundo portão vigiado. Agora deixavam para trás as áreas menos movimentadas e penetravam a cidade fervilhante. Uma rua estreita, com mais gente do que parecia caber, subia o morro bem na sua frente. As casas que abarrotavam os dois lados da rua eram em parte ou todas de pedra, sinal de considerável riqueza. O morro era tão íngreme que a maioria das casas tinha o piso principal vários metros acima do chão em um dos lados e abaixo do nível do chão no outro. O subsolo era invariavelmente a oficina de um artesão ou uma loja. Os únicos espaços abertos eram os cemitérios contíguos às igrejas, e em cada um deles havia um mercado: cereais, aves, lã, couro e outros artigos. Acompanhados pelo pequeno séquito de Richard, Philip e o cavaleiro foram abrindo caminho pela densa multidão de moradores, homens de armas, animais e carroças. Philip percebeu, assombrado, que havia pedras sob seus pés. A rua inteira era calçada! Quanta riqueza devia haver ali, pensou, para que pedras fossem assentadas na rua como se estivessem em um palácio ou uma catedral. A rua ainda estava escorregadia por causa do lixo e dos dejetos animais, mas era bem melhor do que o rio de lama no qual as ruas da maioria das cidades se transformavam no inverno.

Chegaram ao alto do morro e passaram por mais um portão. Estavam agora na parte interna da cidade, e o ambiente de repente mudou: mais silencioso, mas extremamente tenso. Logo à esquerda ficava a entrada do castelo. A imensa porta reforçada de ferro que protegia o arco da entrada estava bem fechada. Silhuetas difusas se moviam atrás das seteiras da guarita e sentinelas de armadura patrulhavam as muralhas, a débil luz do sol refletindo em seus capacetes polidos por trás das ameias. Philip os

observou andar para lá e para cá. Ninguém conversava, ninguém brincava nem ria, ninguém se debruçava na balaustrada para assobiar para as moças que passavam: todas as sentinelas estavam eretas, atentas e temerosas.

À direita de Philip, a menos de 500 metros do portão, ficava a fachada oeste da catedral. Percebeu na hora que, apesar da proximidade com o castelo, o rei a escolhera para transformar em quartel-general. Uma fila de sentinelas bloqueava a rua estreita que passava entre as casas dos cônegos e ia dar na igreja. Atrás das sentinelas, cavaleiros e homens de armas entravam e saíam pelas três portas do templo. O cemitério era um acampamento militar, com barracas, fogueiras para cozinhar e cavalos pastando a grama. Não havia construções monásticas: a catedral de Lincoln não era administrada por monges, mas por padres chamados cônegos, que viviam em casas de cidade comuns perto da igreja.

Exceto por Philip e seus companheiros, o espaço entre a catedral e o castelo estava vazio. De repente, percebeu que tanto os guardas do lado do rei quanto as sentinelas nas ameias em frente tinham toda a atenção cravada no seu grupo. Ele estava no meio da terra de ninguém entre dois campos armados, no que devia ser o lugar mais perigoso. Olhou em volta e viu que Richard e os outros já tinham avançado, então se apressou em segui-los.

As sentinelas do rei os deixaram entrar sem demora; Richard era conhecido. Philip admirou a fachada oeste da catedral. O arco de entrada era altíssimo, ladeado por dois arcos menores com metade da altura, mas ainda assim assombrosos. Parecia o portão do paraíso, e de certa forma era mesmo, claro. Philip resolveu na mesma hora que queria arcos altos na fachada oeste da catedral de Kingsbridge.

Após deixar os cavalos com o escudeiro, ele e Richard atravessaram o acampamento e entraram na catedral. O interior estava ainda mais cheio do que o lado de fora. As galerias laterais haviam sido transformadas em estábulos e centenas de cavalos foram amarrados aos pilares da arcada. A nave, coalhada de homens armados, também exibia fogueiras e acomodações para dormir. Alguns falavam inglês, outros francês e uns poucos holandeses, a língua gutural dos negociantes de lã de Flandres. De modo geral, os cavaleiros estavam dentro da igreja e os homens de armas do lado de fora. Philip lamentou ver vários homens jogando marel a dinheiro, e ficou ainda mais perturbado quando surgiram algumas

mulheres parcamente vestidas para o inverno, que pareciam flertar com os homens, quase como se fossem pecadoras, pensou, ou então, que Deus os livrasse, prostitutas.

Para evitar olhar para elas, ergueu os olhos na direção do teto. Era feito de madeira e exibia lindas pinturas em cores vivas, mas toda aquela gente cozinhando na nave da igreja representava um risco terrível de incêndio. Ele foi seguindo Richard pelo meio da multidão. O rapaz parecia à vontade ali: seguro, confiante, cumprimentava nobres e dava tapinhas nas costas de cavaleiros.

O coro e a parte leste da catedral haviam sido isolados com uma corda. A parte leste parecia ter sido reservada aos sacerdotes – era o que eu faria, pensou Philip –, enquanto o coro seria reservado ao rei.

Atrás da corda havia outra fileira de guardas, em seguida vários cortesãos aglomerados, e por fim um círculo interno de condes, no meio do qual estava o rei Estêvão, sentado em um trono de madeira. Ele envelhecera desde a última vez que Philip o vira, em Winchester, cinco anos antes. Rugas de preocupação marcavam seu rosto bonito, os cabelos castanho-claros exibiam fios grisalhos e um ano de combates o tinha feito perder peso. Ele parecia debater com os condes, discordando, mas sem se zangar. Richard foi até a borda do círculo interno e fez uma larga medida formal. O rei olhou para ele e o reconheceu.

– Richard de Kingsbridge! Que bom tê-lo de volta! – exclamou, com uma voz tonitruante.

– Obrigado, senhor meu rei – disse Richard.

Philip se aproximou de Richard e fez uma medida como a do cavaleiro.

– Trouxe um monge como seu escudeiro? – indagou Estêvão.

Todos os cortesãos riram.

– Este é o prior de Kingsbridge, senhor – falou Richard.

Estêvão olhou outra vez e Philip viu brilhar em seus olhos a luz do reconhecimento.

– É claro que eu conheço o prior... Philip – falou, mas seu tom não foi tão caloroso quanto ao cumprimentar Richard. – O senhor veio lutar por mim?

Os cortesãos tornaram a rir.

Philip ficou grato por Estêvão ter lembrado seu nome.

– Estou aqui porque a obra de Deus na reconstrução da catedral de

Kingsbridge precisa da ajuda urgente do senhor, meu rei.

– Preciso saber tudo sobre isso – interrompeu Estêvão, apressado. – Venha falar comigo amanhã, quando eu tiver mais tempo.

Tornou a se virar para os condes e retomou a conversa em voz mais baixa.

Richard fez uma mesura e se retirou de costas, e Philip o imitou.



Philip não falou com o rei no dia seguinte, nem no outro ou no terceiro.

Passou a primeira noite hospedado em uma taberna, mas se sentiu oprimido pelo cheiro constante de carne assada e pelas risadas das mulheres devassas. Infelizmente, não havia mosteiro na cidade. O normal teria sido o bispo se oferecer para hospedá-lo, mas o rei morava no palácio do bispo e todas as casas ao redor da catedral foram ocupadas pela comitiva de Estêvão. Na segunda noite, Philip cruzou a cidade e foi até depois de Wigford, onde havia um mosteiro que administrava um abrigo para leprosos. Ali conseguiu um jantar de pão preto com cerveja fraca, um colchão duro no chão, silêncio do pôr do sol até a meia-noite, ofícios de madrugada e um desjejum de mingau ralo sem sal, e ficou feliz.

Todos os dias, de manhã cedo, ia à catedral levando a preciosa concessão que dava ao priorado o direito de explorar a pedreira. Dia após dia, lutava pela atenção do rei, sem sucesso. Quando os outros solicitantes conversavam entre si, debatendo quem estava e quem não estava nas graças de Estêvão, Philip se mantinha alheio.

Sabia por que o faziam esperar. A Igreja estava em conflito com o rei. Estêvão não mantivera as generosas promessas que fizera no início do reinado. Transformara em inimigo o próprio irmão, o interesseiro bispo Henrique de Winchester, ao apoiar outro nome para o arcebispado de Canterbury, escolha que também havia decepcionado Waleran Bigod, que esperava se promover no rastro de Henrique. Mas o maior pecado de Estêvão aos olhos da Igreja fora prender o bispo Roger de Salisbury e seus dois sobrinhos, os bispos de Lincoln e Ely, no mesmo dia, sob a acusação de terem construído um castelo sem permissão. Esse ato sacrílego havia provocado um coro de indignação em catedrais e mosteiros país afora.

Estêvão ficara magoado. Segundo ele, bispos eram homens de Deus e não precisavam de castelos, e, caso os construíssem, não podiam esperar que fossem tratados unicamente como homens de Deus. Tinha sido sincero, mas ingênuo.

A desavença fora remediada, mas o rei não se mostrava mais tão disposto a ouvir as solicitações dos religiosos, de modo que Philip foi obrigado a esperar. Aproveitou a oportunidade para meditar, atividade para a qual tinha pouco tempo como prior e da qual sentia falta. De uma hora para outra, passou a dispor de horas e horas sem nada para fazer, e se perdia em pensamentos.

Depois de um tempo, os outros cortesãos começaram a deixar um espaço vazio ao seu redor, tornando-o bem visível, portanto era cada vez mais difícil para Estêvão ignorá-lo. Na manhã de seu sétimo dia em Lincoln, ele estava profundamente absorto no sublime mistério da Trindade quando notou alguém em pé bem na sua frente, encarando-o e falando com ele, e essa pessoa era o rei.

– Está dormindo de olhos abertos, homem? – ouviu Estêvão perguntar com um tom entre divertido e irritado.

– Desculpe-me, senhor, eu estava pensando – respondeu Philip, e se curvou com certo atraso.

– Não importa. Quero suas roupas emprestadas.

– O quê?

Philip ficou espantado demais para manter as boas maneiras.

– Quero dar uma olhada no castelo e, se estiver vestido de monge, ninguém vai atirar uma flecha em mim. Venha, entre em uma das capelas e tire as vestes.

Sob o hábito, Philip usava apenas uma camisa de baixo.

– Mas, senhor meu rei, e eu, o que vou usar?

– Esqueci como vocês monges são pudicos. – Estêvão estalou os dedos para um jovem cavaleiro. – Robert, me empreste sua túnica, depressa.

O cavaleiro, que estava entretido conversando com uma moça, despiu a túnica com um movimento ágil, a entregou ao rei com uma medida e em seguida fez um gesto vulgar para a moça. Seus amigos riram e aplaudiram.

O rei Estêvão passou a túnica para Philip.

O prior entrou na minúscula capela de São Dunstan, pediu perdão ao santo com uma prece rápida, então despiu o hábito e vestiu a túnica

vermelha curta do cavaleiro. Aquilo lhe pareceu muito estranho: usava roupas de monge desde os 6 anos e não teria se sentido mais esquisito caso se vestisse de mulher. Saiu da capela e entregou o hábito a Estêvão, que o pôs sem demora por cima da cabeça.

– Pode me acompanhar, se quiser – disse o rei, para espanto de Philip.
– Assim poderá me falar sobre a catedral de Kingsbridge.

Philip foi pego de surpresa. Seu primeiro instinto foi recusar. Uma das sentinelas nas ameias do castelo poderia se sentir tentado a alvejá-lo com uma flecha e ele não estaria protegido pelo traje religioso. Mas o rei lhe oferecia uma oportunidade para ficarem a sós, e haveria tempo de sobra para explicar sobre a pedreira e o mercado. Talvez nunca mais tivesse uma chance como aquela.

Estêvão pegou seu manto, uma capa roxa com gola e barra de pele branca.

– Use isto – falou para Philip. – Você vai desviar as flechas de mim.

Os outros cortesãos haviam se calado e apenas observavam, perguntando-se o que iria acontecer.

Philip entendeu que o rei lhe passava um recado. Estava dizendo que o prior nada tinha a fazer ali, em um acampamento militar, e que não poderia esperar privilégios à custa de homens que arriscavam a vida pelo monarca. Não era injusto. No entanto, Philip sabia que, caso aceitasse esse ponto de vista, o melhor seria voltar para casa e abandonar qualquer esperança de retomar a posse da pedreira ou reabrir o mercado. Precisava aceitar o desafio. Inspirou fundo.

– Talvez seja o desejo de Deus que eu morra para salvar o rei – disse, então pegou a capa roxa e a vestiu.

Um murmúrio de surpresa percorreu a multidão, e o próprio rei Estêvão pareceu espantado. Todos imaginavam que Philip fosse recuar. Quase na mesma hora, ele desejou ter feito isso, mas agora já havia se comprometido.

Estêvão se virou e começou a andar em direção à porta norte, seguido por Philip. Vários cortesãos fizeram menção de acompanhá-los, mas Estêvão os deteve com um gesto.

– Até um monge pode atrair suspeita se estiver acompanhado por toda a corte real – disse ele.

Colocou sobre a cabeça o capuz de Philip e os dois saíram para o

cemitério.

A capa cara de Philip atraiu olhares curiosos quando atravessaram o acampamento: todos supuseram que ele fosse um grande nobre e se espantaram quando não o reconheceram. Aqueles olhares o fizeram sentir culpa, como se ele fosse uma espécie de impostor. Ninguém olhou para Estêvão.

Eles não foram direto para o portão principal, mas percorreram um labirinto de ruas estreitas até sair perto da igreja de São Paulo na Muralha, em frente ao canto nordeste do castelo. As muralhas haviam sido construídas sobre imensos montes de terra e eram cercadas por um fosso seco. Entre a borda do fosso e as construções mais próximas havia uma faixa de espaço aberto com cerca de 50 metros de largura. Estêvão pisou na grama e começou a andar para oeste, examinando o muro norte e mantendo-se encostado aos fundos das casas na borda externa da área aberta. Philip o acompanhou. Estêvão o fez andar à sua esquerda, entre ele e o castelo. O espaço aberto, é claro, existia para dar aos arqueiros uma mira desimpedida sobre qualquer um que se aproximasse dos muros. Philip não tinha medo de morrer, mas não queria sentir dor, e a ideia de quanto poderia doer uma flechada lhe dominava a mente.

– Está com medo, Philip? – perguntou Estêvão.

– Apavorado – respondeu o prior com franqueza. Então, com uma coragem que vinha do medo, arrematou: – E o senhor?

Seu atrevimento fez o rei rir.

– Um pouco – admitiu ele.

Philip lembrou que aquela era sua oportunidade de falar sobre a catedral, mas não conseguia se concentrar, sabendo que sua vida corria tamanho perigo. Não parava de olhar para o castelo e vasculhava as ameias à espreita de algum homem esticando seu arco.

O castelo ocupava todo o canto sudoeste da parte interna da cidade, e seu muro oeste se integrava ao muro da cidade, de modo que, para dar a volta inteira, era preciso sair dela. Estêvão conduziu Philip pelo portão oeste e eles entraram em um bairro chamado Newland. Ali as moradias eram casebres de camponeses feitos de pau a pique com grandes jardins, como as casas dos vilarejos. Um vento gelado e penetrante fustigava os campos abertos para além das casas. Ainda contornando o castelo, Estêvão dobrou para o sul. Apontou para uma pequena porta no muro.

– Desconfio que tenha sido por ali que Ranulfo de Chester se esgueirou para fugir quando eu tomei a cidade – explicou.

Philip sentiu menos medo naquele trecho. Havia outras pessoas na trilha que percorriam, e as fortificações daquele lado eram menos vigiadas, pois os ocupantes do castelo temiam um ataque vindo da cidade, não dos campos. O prior inspirou fundo, então falou depressa:

– Se eu morrer, o senhor dará autorização para Kingsbridge abrigar um mercado e obrigará William Hamleigh a devolver a pedreira?

Estêvão não respondeu na hora. Eles desceram a encosta até o canto sudoeste do castelo e ergueram os olhos para a torre de menagem. De onde estavam, ela parecia muito alta e inexpugnável. Logo adiante, passaram por outro portão e entraram na parte baixa da cidade para margear o lado sul do castelo. Philip tornou a se sentir ameaçado. Não seria muito difícil alguém de dentro deduzir que os dois homens que percorriam as muralhas estavam em uma expedição de reconhecimento e que, portanto, eram um alvo justo, sobretudo o de capa roxa. Para se distrair desse medo, estudou a torre. A parede tinha pequenos buracos usados como escoadouro das latrinas, e os dejetos e o lixo que saíam eram simplesmente despejados nos muros e no monte de terra logo abaixo e ali ficavam até apodrecer. Não era de espantar que cheirasse tão mal. Philip tentou não respirar fundo, e eles passaram depressa.

No canto sudoeste havia uma segunda torre, menor. Eles agora tinham percorrido três lados do quadrado. Philip pensou se o rei teria esquecido sua pergunta. Apreensivo, não se atreveu a repeti-la. Estêvão poderia se sentir pressionado e se ofender.

Chegaram à rua principal que dividia a cidade e tornaram a virar, mas antes de Philip ter tempo de sentir alívio passaram por mais um portão e chegaram à parte interna da cidade. Poucos segundos depois se encontravam de novo na terra de ninguém entre a catedral e o castelo. Para seu terror, o rei parou.

Ele se virou para falar com Philip, posicionando-se de modo a poder examinar o castelo por cima do ombro do prior. As costas vulneráveis de Philip, vestidas de arminho e tecido roxo, estavam expostas para a guarita repleta de sentinelas e arqueiros. Ele permaneceu rígido feito uma estátua. Esperava a qualquer momento sentir uma flecha ou uma lança nas costas. Apesar do vento gelado, começou a suar.

– Eu concedi aquela pedreira a você anos atrás, não foi? – indagou o rei Estêvão.

– Não exatamente – respondeu Philip entre os dentes cerrados. – O senhor me deu o direito de extrair pedras para a catedral. Mas a pedreira em si foi dada a Percy Hamleigh. Agora William, filho de Percy, mandou meus canteiros embora, matou cinco pessoas, entre elas uma mulher e uma criança, e não nos deixa voltar lá.

– Ele não deveria ter feito isso, principalmente se quiser que eu o torne conde de Shiring – comentou Estêvão pensativo. Philip se sentiu encorajado. Um segundo depois, contudo, o rei tornou a falar: – Não consigo ver um jeito de entrar nesse castelo.

– Por favor, mande William reabrir a pedreira – pediu Philip. – Ele está desafiando o senhor e roubando de Deus.

Estêvão não pareceu escutar.

– Não acho que eles tenham muitos homens lá dentro – continuou, no mesmo tom pensativo. – Desconfio de que quase todos estejam na muralha, para exhibir força. Que história era aquela sobre um mercado?

Philip concluiu que tudo aquilo fazia parte do teste: fazê-lo ficar num espaço aberto, de costas para um bando de arqueiros. Enxugou a testa com o punho de pele do manto real.

– Senhor meu rei, todos os domingos pessoas do condado inteiro vêm assistir à missa em Kingsbridge e trabalhar, sem remuneração, no canteiro de obras da catedral. Quando começamos, alguns homens e mulheres mais empreendedores vendiam na obra tortas de carne, vinho, chapéus e facas para os voluntários. Então, aos poucos, um mercado foi crescendo. E agora estou pedindo que o senhor o autorize.

– O senhor vai pagar pela licença?

Philip sabia que era normal que se cobrasse um pagamento, mas sabia também que uma organização religiosa poderia conseguir dispensa.

– Sim, senhor meu rei, vou pagar... a menos que o senhor nos dê a licença sem pagamento, para maior glória de Deus.

Pela primeira vez, Estêvão encarou Philip.

– O senhor é um homem de coragem por ficar aí, de costas para o inimigo, e negociar comigo.

Philip retribuiu com um olhar igualmente franco.

– Se Deus decidir que minha vida chegou ao fim, nada pode me salvar

– disse, soando mais valente do que de fato se sentia. – Mas, se Deus quiser que eu continue vivo e construa a catedral de Kingsbdridge, nem 10 mil arqueiros poderão me derrubar.

– Belas palavras! – comentou Estêvão.

Deu um tapinha no ombro de Philip e se virou para a catedral. Aliviado, o prior sentiu as forças esvaírem, mas começou a andar ao lado do rei, sentindo-se melhor a cada passo para longe do castelo. Pelo visto, havia passado no teste. Mas era importante obter do rei um compromisso sem ambiguidade. A qualquer momento, ele poderia ser novamente soterrado por cortesãos. Quando passavam pela fila de sentinelas, Philip reuniu toda a sua coragem.

– Senhor meu rei, se o senhor pudesse escrever uma carta para seu representante em Shiring... – disse.

Foi interrompido. Um dos condes chegou correndo, com um ar afogueado.

– Robert de Gloucester está vindo, senhor meu rei – anunciou.

– O quê? A que distância?

– Perto. Um dia, no máximo...

– Por que não fui avisado? Coloquei homens em volta da cidade inteira!

– Eles chegaram pela Fosse Way, depois saíram da estrada para se aproximar pelo campo aberto.

– Quem está com ele?

– Todos os condes e cavaleiros que o defendem e perderam as terras nos últimos dois anos. Ranulfo de Chester está no grupo...

– É claro. Aquele cão traiçoeiro.

– Ele trouxe todos os seus cavaleiros de Chester, além de uma horda de galeses gananciosos e selvagens.

– Quantos homens ao todo?

– Uns mil.

– Maldição! Cem a mais do que nosso exército.

A essa altura, vários nobres já haviam se juntado, então outro tomou a palavra:

– Senhor, se ele estiver vindo pelo campo aberto, terá de atravessar um trecho raso do rio...

– Bem pensado, Edward! – disse Estêvão. – Leve seus homens até o

vau e veja se conseguem impedir a passagem. Vai precisar também de arqueiros.

– A que distância eles estão agora, alguém sabe? – indagou Edward.

Quem respondeu foi o primeiro conde:

– Segundo o batedor, estão bem perto. Talvez cheguem ao vau antes de você.

– Vou partir agora mesmo – disse Edward.

– Bom homem! – falou o rei Estêvão. Cerrou o punho direito e deu um soco na palma da mão esquerda. – Até que enfim vou enfrentar Robert de Gloucester no campo de batalha. Gostaria de ter mais homens. Mas uma vantagem de cem não é grande coisa.

Philip o escutou num silêncio abatido. Tinha certeza de que ia obter a autorização de Estêvão. Agora ele estava com a cabeça em outro lugar. Mas o prior não desistiria tão facilmente. Continuava usando a capa roxa do monarca. Tirou-a dos ombros e a estendeu para o rei,

– Talvez seja melhor voltarmos à configuração original, senhor meu rei – disse.

Estêvão aquiesceu, desatento. Um cortesão apareceu atrás dele e o ajudou a tirar o hábito de monge. Philip lhe entregou a capa real.

– O senhor parecia inclinado a aceitar meu pedido – observou Philip.

Estêvão pareceu se irritar ao ser lembrado. Vestiu a capa e já ia dizer algo quando outra voz se fez ouvir:

– Senhor meu rei!

Philip reconheceu a voz e sentiu um aperto no coração. Virou-se e deu de cara com William Hamleigh.

– William, meu garoto! – disse o rei no tom vigoroso que usava com os combatentes. – Você chegou bem na hora!

William se curvou.

– Meu senhor – disse ele –, eu trouxe cinquenta cavaleiros e duzentos homens do meu condado.

As esperanças de Philip viraram pó.

A satisfação de Estêvão foi visível.

– Que homem bom você é! – exclamou, enfático. – Agora estamos em vantagem em relação ao inimigo!

Ele passou o braço em volta dos ombros do rapaz e eles se dirigiram para a catedral.

Philip ficou parado vendo os dois se afastarem. Havia chegado insuportavelmente perto do sucesso, mas no fim o exército de William tinha valido mais do que a justiça, pensou com amargura. O cortesão que ajudara o rei a despir o hábito de monge lhe estendeu sua roupa. Philip a pegou. O homem entrou na catedral atrás do rei e de seu séquito. Philip vestiu o hábito. Sentia uma profunda decepção. Olhou para as três imensas portas em arco da catedral. Tivera esperança de construir arcos como aqueles em Kingsbridge. Mas Estêvão tomara partido de William Hamleigh. As opções do rei eram claras: a justiça do pedido de Philip contra a vantagem do exército de William. O prior havia fracassado em seu teste.

Só lhe restava uma única esperança: o rei Estêvão ser derrotado na batalha iminente.

II

O bispo conduziu a missa na catedral quando o céu negro começava a se tingir de cinza. A essa altura, os cavalos estavam arreados, os cavaleiros vestidos com suas cotas de malha, os homens de armas já tinham se alimentado e uma dose de vinho forte fora servida para dar coragem a todos.

Enquanto os cavalos de combate batiam os cascos e resfolegavam nas galerias laterais, William Hamleigh se ajoelhou na nave principal com os outros cavaleiros e condes e foi perdoado antecipadamente pela carnificina que iria cometer nesse dia.

O medo e a animação o deixavam tonto. Se o rei saísse vitorioso, o nome de William seria associado para sempre à batalha, pois as pessoas diriam que ele trouxera os reforços que viraram a balança numérica a favor do rei. Se Estêvão fracassasse... qualquer coisa poderia acontecer. Ele estremeceu no chão de pedra frio.

O rei estava na frente, vestido com uma túnica branca limpa, com um círio na mão. Quando a hóstia foi elevada, o círio se partiu e a chama se apagou. William sentiu um tremor de medo; aquilo era um mau presságio. Um padre trouxe outro círio e levou embora o quebrado, e Estêvão deu um

sorriso casual, mas a sensação de horror sobrenatural não deixou William e, quando o cavaleiro olhou em volta, pôde ver que outros sentiam a mesma coisa.

Após a missa, o rei vestiu a armadura auxiliado por um pajem. Sua cota de malha ia até os joelhos e era feita de couro, sobre o qual foram costurados os elos de ferro. O casaco tinha uma fenda até a cintura na frente e atrás para facilitar a montaria. Seu pajem o amarrou bem firme abaixo do queixo. Vestiu-lhe então um gorro justo em que estava presa uma cota de malha comprida, que cobria os cabelos louros e protegia o pescoço. Sobre o gorro usava um elmo de ferro que cobria também o nariz. As botas de couro tinham detalhes em cota de malha e esporas pontudas.

Enquanto ele vestia a armadura, os condes se reuniram ao seu redor. William seguiu o conselho da mãe e agiu como se já fosse um deles, abrindo caminho na multidão para se juntar ao grupo que rodeava o rei. Após ouvir por alguns instantes, entendeu que eles tentavam convencer Estêvão a bater em retirada e abandonar Lincoln para os rebeldes.

– O senhor tem mais território do que a imperatriz Matilda... Pode reunir um exército maior – disse um homem mais velho, que William reconheceu como lorde Hugh. – Vá para o sul, junte reforços, então volte com a vantagem numérica.

Após o sinal do círio partido, até mesmo William estava tentado a desejar uma retirada, mas o rei não tinha tempo para conversas desse tipo.

– Nós agora somos fortes o bastante para derrotá-los – falou, bem-disposto. – Onde está seu ânimo?

Ele prendeu ao corpo um cinto com uma espada de um lado e uma adaga do outro, ambos em bainhas de couro e madeira.

– Os dois exércitos estão equilibrados demais – disse um homem alto de cabelos curtos e grisalhos e barba bem aparada: era o conde de Surrey. – É muito arriscado.

William sabia que esse não era um argumento que funcionasse com Estêvão: acima de tudo, o rei tinha espírito cavaleiresco.

– Equilibrados demais? – repetiu, com desdém. – Prefiro um combate justo.

Ele calçou as luvas de couro reforçadas de cota de malha. O pajem lhe passou um escudo de madeira comprido forrado de couro. Ele prendeu a correia do escudo em volta do pescoço e o empunhou com a mão esquerda.

– Temos pouco a perder se nos retirarmos agora – insistiu Hugh. – Não temos sequer o domínio do castelo.

– Eu perderia a chance de encontrar Robert de Gloucester no campo de batalha – falou Estêvão. – Ele vem me evitando há dois anos. Agora que tenho a oportunidade de acabar de uma vez por todas com o traidor, não vou me retirar só porque estamos equilibrados demais!

Um cavaliço trouxe seu cavalo, já selado. Quando Estêvão estava a ponto de montar, houve uma agitação junto à porta no lado oeste da catedral e um cavaleiro subiu a nave correndo, todo enlameado e sangrando. William teve uma premonição de que eram más notícias. Quando o mensageiro se curvou diante do rei, o reconheceu: era um dos homens de Edward, despachados para proteger o vau do rio.

– Chegamos tarde, senhor meu rei – disse o homem, rouco, respirando com dificuldade. – O inimigo atravessou o rio.

Outro mau sinal. De repente, William sentiu mais frio. Agora, entre o inimigo e Lincoln, só havia o campo aberto.

Estêvão pareceu abalado por um instante, mas logo recuperou o controle.

– Pouco importa! – falou. – Assim podemos enfrentá-los mais cedo!

Ele montou seu cavalo de combate.

Preso à sua sela havia um machado de batalha. O pajem lhe passou uma lança de madeira com a ponta de ferro brilhante, completando assim seu armamento. Estêvão estalou a língua e o cavalo avançou, obediente.

O rei começou a descer a nave da catedral e os condes, demais nobres e cavaleiros montaram e o seguiram, deixando a catedral em procissão. Lá fora, os homens de armas se juntaram ao grupo. Era nessa hora que os soldados começavam a sentir medo e procurar um jeito de escapar. No entanto, o ritmo solene da marcha e a atmosfera quase cerimonial, diante dos moradores atentos da cidade, tornava muito difícil que os mais covardes fugissem.

Uma centena ou mais de moradores da cidade engrossavam o exército: padeiros gordos, tecelões míopes e cervejeiros de rosto vermelho, precariamente armados e montados em cavalos baixos ou palafréns. A presença deles era uma prova da impopularidade de Ranulfo.

Como não podia passar pelo castelo, pois ficaria exposto aos arqueiros nas ameias, o exército saiu da cidade pelo portão norte, o chamado

Newport Arch, e seguiu para oeste. Era lá que a batalha seria travada.

William estudou o terreno com um olho atento. Embora o morro ao sul da cidade tivesse um declive íngreme até o rio, ali, do lado oeste, havia uma cadeia de morros comprida que descia suavemente até o terreno plano. William viu na hora que Estêvão tinha escolhido o lugar certo para defender a cidade, pois, não importava por onde o inimigo chegasse, estaria sempre morro abaixo em relação às forças do rei.

Depois que Estêvão avançou mais ou menos meio quilômetro para fora da cidade, dois batedores subiram a encosta cavalgando depressa. Eles viram o rei e foram direto até ele. William chegou perto para ouvir o que iriam dizer.

– O inimigo está se aproximando depressa, senhor meu rei – falou um deles.

William olhou para o campo aberto. De fato, viu uma mancha negra ao longe, movendo-se devagar na sua direção: era o inimigo. Sentiu um arrepio de medo. Sacudiu-se, mas o medo persistiu. Desapareceria quando a batalha começasse.

– Como eles estão dispostos? – quis saber Estêvão.

– Ranulfo e os cavaleiros de Chester vêm no meio, senhor – informou o batedor. – Estão a pé.

William se perguntou como o homem sabia disso. Devia ter ido até o acampamento inimigo e escutado as ordens de formação serem dadas. Era preciso muito sangue-frio.

– Ranulfo no meio? – estranhou Estêvão. – É como se o líder fosse ele, não Robert!

– Robert de Gloucester vem no flanco esquerdo, junto com um exército de homens que se autointitularam “deserdados” – prosseguiu o batedor.

William sabia o motivo do nome: eram homens que haviam perdido terras desde o início da guerra civil.

– Quer dizer que Robert entregou a Ranulfo o comando da operação – comentou Estêvão, pensativo. – Que pena. Conheço Robert muito bem, fomos praticamente criados juntos, e poderia adivinhar sua tática. Mas Ranulfo é um desconhecido para mim. Pouco importa. Quem está vindo pela direita?

– Os galeses, senhor.

– Arqueiros, suponho.

Os homens de Gales do Sul tinham a reputação de serem exímios arqueiros.

– Não – corrigiu o batedor. – Um bando desordenado, todos com os rostos pintados, cantando canções bárbaras e armados com martelos e porretes. Muito poucos vêm a cavalo.

– Então devem ser de Gales do Norte – refletiu Estêvão. – Imagino que Ranulfo tenha lhes prometido saques. Se eles passarem dos muros, que Deus proteja Lincoln! Mas não vão entrar! Qual é seu nome, batedor?

– Roger, mais conhecido como Lackland – respondeu o soldado.

– Lackland? “Sem-terra”? Pois vai receber 4 hectares pelo trabalho de hoje.

O homem ficou radiante.

– Obrigado, senhor meu rei!

– Pois bem. – Estêvão se virou e olhou para seus condes. Estava prestes a dar as instruções. William ficou tenso, perguntando-se que papel o rei iria lhe atribuir. – Onde está o lorde Alan da Bretanha?

Alan fez seu cavalo avançar. Ele chefiava uma força de mercenários bretões, nômades que lutavam em troca de dinheiro e cuja única lealdade era consigo mesmos.

– Quero você e seus valentes bretões na linha de frente, à minha esquerda – disse-lhe o rei.

William entendeu que era uma decisão sensata: mercenários bretões contra aventureiros galeses, homens indignos de confiança contra soldados indisciplinados.

– William de Ypres! – chamou Estêvão.

– Senhor meu rei.

Um homem moreno montado em um cavalo de combate negro ergueu a lança. Ele liderava outra força de mercenários, flamengos, que se dizia serem um pouco mais confiáveis do que os bretões.

– Fiquem vocês também à minha esquerda, mas atrás dos bretões de Alan – disse Estêvão.

Os dois líderes mercenários se viraram e voltaram para junto do exército de modo a organizar seus homens. William se perguntou onde o rei o mandaria ficar. Não tinha o menor desejo de lutar na linha de frente. Já havia feito o suficiente para se destacar trazendo seu exército. Uma posição segura e tranquila na retaguarda era o que lhe conviria hoje.

– Meus senhores de Worcester, Surrey, Northampton, York e Hertford, componham meu flanco esquerdo com seus cavaleiros.

Mais uma vez, William entendeu a sensatez da decisão de Estêvão. Os condes e seus cavaleiros, a maioria montada, iriam enfrentar Robert de Gloucester e os nobres “deserdados” que o apoiavam, a maioria dos quais também viria a cavalo. Mas ficou decepcionado por não ter sido incluído no grupo dos condes. O rei não teria se esquecido dele, teria?

– Eu ficarei no meio, a pé, com soldados de infantaria – disse Estêvão.

Pela primeira vez William reprovou uma das suas decisões. Era sempre melhor ficar montado enquanto possível. No entanto, Ranulfo pelo visto vinha a pé à frente do exército inimigo, e o senso exagerado de justiça de Estêvão o levava a enfrentar o adversário em condições de igualdade.

– Comigo no centro virão William de Shiring e seus homens – acrescentou o rei.

William não soube se ficava animado ou apavorado. Ser escolhido para ficar ao lado do rei era uma grande honra – a mãe ficaria orgulhosa –, mas também o colocava na posição mais perigosa de todas. Pior ainda: ele estaria a pé. Isso significava também que o rei poderia observá-lo e avaliar seu desempenho. Ele teria de parecer destemido e ir atrás do inimigo, em vez de se manter a salvo e lutar apenas quando fosse forçado, sua tática preferida.

– Os leais cidadãos de Lincoln formarão a retaguarda – continuou Estêvão.

Isso era um misto de compaixão e bom senso militar. Os moradores da cidade não teriam grande utilidade em posição nenhuma, mas na retaguarda podiam causar poucos danos e sofreriam menos baixas.

William ergueu o estandarte do conde de Shiring. Era outra ideia de sua mãe. Estritamente falando, como não era o conde, ele não tinha direito ao estandarte. No entanto, os homens que o acompanhavam estavam acostumados a seguir o brasão do conde, ou pelo menos era isso que ele argumentaria caso lhe perguntassem. E no final do dia, se a batalha corresse bem, talvez ele recebesse o título.

Seus homens se reuniram à sua volta. Ao seu lado, como sempre, ficou Walter, presença sólida e reconfortante. Junto com ele iam Ugly Gervase, Hugh Axe e Miles Dice. Gilbert, morto na pedreira, fora substituído por

Guillaume de St. Clair, um jovem dono de um temperamento cruel.

Ao olhar em volta, William viu com desgosto Richard de Kingsbridge, usando uma armadura novinha em folha e montado em um esplêndido cavalo de combate. Ele estava com o conde de Surrey. Não trouxera, como William, nenhum exército para o rei, mas sua aparência impunha respeito – ele parecia jovem, vigoroso e valente – e, caso agisse com bravura nesse dia, poderia conquistar as graças de Estêvão. Batalhas, assim como monarcas, eram imprevisíveis.

Por outro lado, Richard poderia morrer. Que sorte seria. William desejou isso mais do que já havia desejado qualquer mulher.

Olhou para o oeste. O inimigo estava mais próximo.



Do telhado da catedral, Philip podia ver toda a cidade de Lincoln como se fosse um mapa. A parte antiga cercava a catedral no alto do morro. Tinha ruas retas, jardins bem-cuidados, e o castelo no canto sudoeste. A parte mais nova, barulhenta e superpovoada, ocupava a encosta íngreme ao sul, entre a cidade velha e o rio Witham. Essa área em geral fervilhava de atividade comercial, mas nesse dia um silêncio temeroso recobria tudo como uma mortalha, e as pessoas haviam subido em seus telhados para assistir à batalha. O rio vinha do leste, margeava o sopé do morro, depois se alargava até formar um grande porto natural chamado Brayfield Pool, cercado por ancoradouros e repleto de navios e barcos. Segundo tinham lhe informado, um canal chamado Fosdyke saía do porto e seguia para oeste até o rio Trent. Ao vê-lo de cima, ele se maravilhou ao constatar como o canal se estendia reto por muitos quilômetros. Dizia-se que fora construído ainda nos tempos antigos.

O canal formava a borda do campo de batalha. Philip observou o exército do rei Estêvão sair marchando da cidade em formação irregular e lentamente formar três colunas ordenadas no alto da colina. Sabia que o rei havia posto os condes à direita porque eles eram os mais vistosos, com suas túnicas vermelhas e amarelas e seus estandartes de cores vivas. Eram também os mais ativos, movendo-se para lá e para cá em seus cavalos, dando ordens, confabulando e fazendo planos. O grupo à esquerda do rei,

no declive que descia em direção ao canal, usava tons comuns de cinza e marrom, tinha menos cavalos e se agitava menos para conservar as energias: deviam ser os mercenários.

Para lá do exército de Estêvão, onde a linha do canal se tornava indistinta e se misturava aos arbustos, o exército rebelde cobria os campos como um enxame de abelhas. No início, parecia estar parado; depois de um tempo, quando ele tornou a olhar, estavam mais próximos; e agora, caso se concentrasse, dava para distinguir seu movimento. Perguntou-se quantos homens seriam. Tudo indicava que os dois lados estavam equilibrados.

Não havia nada que Philip pudesse fazer para influenciar o desfecho, uma situação que detestava. Tentou acalmar o espírito e ser fatalista. Se Deus quisesse uma catedral nova em Kingsbridge, faria Robert de Gloucester derrotar Estêvão, e assim o prior poderia pedir à vitoriosa imperatriz que lhe devolvesse o controle da pedreira e o deixasse reabrir o mercado. Se Estêvão derrotasse Robert, Philip teria de aceitar a vontade de Deus, desistir de seus ambiciosos planos e deixar Kingsbridge mergulhar mais uma vez na modorra do anonimato.

Por mais que tentasse, não conseguia pensar assim. Queria que Robert vencesse.

Um vento forte fustigava as torres da catedral, ameaçando derrubar os espectadores mais frágeis do telhado e arremessá-los no cemitério embaixo. Era um vento penetrante e frio. Philip estremeceu e fechou mais a capa em volta do corpo.

Os dois exércitos estavam agora a pouco mais de 1 quilômetro de distância.



A força rebelde parou a pouco mais de 1 quilômetro da linha de frente do rei. Era angustiante ver aquela massa de homens reunidos, mas sem conseguir distinguir nenhum detalhe. William queria saber quão bem armados eles estavam, se vinham dispostos e agressivos ou, pelo contrário, cansados e relutantes; queria saber até quanto cada um media. Eles seguiram avançando bem devagar, enquanto os que estavam na retaguarda,

motivados pela mesma ansiedade que acometia William, empurravam as linhas de frente para conseguir ver o inimigo.

No exército de Estêvão, os condes e seus cavaleiros montados formaram uma linha, com as lanças em riste, como se aquilo fosse um torneio e eles estivessem prestes a começar a justa. Com relutância, William mandou todos os cavalos do seu grupo para a retaguarda. Ordenou aos escudeiros que não voltassem à cidade, mas mantivessem os animais por perto caso fossem necessários – ou seja, para fugir, embora não tivesse dito essas palavras. Quando uma batalha era perdida, era melhor fugir do que morrer.

Houve uma calmaria, como se a luta não fosse começar nunca. O vento parou de soprar e os cavalos se acalmaram, ao contrário dos homens. O rei Estêvão tirou o elmo e coçou a cabeça. William começou a ficar impaciente. Não tinha nada contra lutar, mas pensar demais no assunto lhe dava náuseas.

Então, sem qualquer motivo aparente, a atmosfera tornou a ficar tensa. Um grito de batalha ecoou em algum lugar. De repente, os cavalos se agitaram. Ouviu-se um clamor coletivo, abafado quase no mesmo instante pelo estrondo dos cascos no chão. A batalha havia começado. William sentiu o cheiro acre e suado do medo.

Olhou em volta, desesperado para tentar entender o que estava acontecendo, mas tudo o que percebeu foi confusão. Como estava a pé, só conseguia ver seu entorno imediato. Os condes à direita pareciam ter iniciado a batalha, atacando o inimigo. Provavelmente a força que lhes fazia frente – o exército de nobres “deserdados” do conde Robert – reagira da mesma forma e atacava em formação. Quase na mesma hora, veio um grito da esquerda, e ao se virar William viu que os mercenários bretões que vinham montados esporearam seus cavalos. Quando isso aconteceu, uma cacofonia de gelar o sangue irrompeu do flanco oposto do exército inimigo, provavelmente da turba galesa. Não conseguiu ver quem tinha a vantagem.

Havia perdido Richard de vista.

Como um bando de pássaros, dezenas de flechas levantaram voo por trás das linhas inimigas e começaram a cair por toda parte. William ergueu seu escudo acima da cabeça. Detestava flechas, que matavam de modo aleatório.

O rei Estêvão deu um grito de guerra e atacou. William sacou a espada, correu para a frente e chamou seus homens. Mas os cavaleiros à sua esquerda e à direita tinham se espalhado ao avançar e se posicionaram entre ele e o inimigo.

À direita ouviu um estrondo ensurdecedor de ferro batendo em ferro, e o ar foi tomado por um cheiro metálico que ele conhecia muito bem. Os condes e os “deserdados” haviam entrado em confronto. Tudo o que conseguiu ver foram homens e cavalos colidindo, girando, atacando e caindo. Não dava para distinguir os relinchos dos gritos de guerra, e em algum lugar no meio desse alarido William já podia escutar os gritos terríveis dos feridos agonizantes. Torceu para que Richard estivesse entre eles.

Olhou para a esquerda e, para seu horror, viu que os bretões sucumbiam aos porretes e aos machados dos ferozes galeses. Enlouquecidos, os galeses urravam, gritavam e se pisoteavam na ânsia de alcançar o inimigo. Talvez estivessem loucos para saquear aquela rica cidade. Os bretões, cujo único incentivo era a perspectiva de mais uma semana de soldo, lutavam na defensiva e iam cedendo terreno. Aquilo deixou William revoltado.

Frustrava-o ainda não ter desferido um único golpe. Estava cercado por seus cavaleiros e na frente ainda havia os cavalos dos condes e dos bretões. Avançou até ficar ao lado do rei. À sua volta, o combate havia se espalhado: cavalos caíam, homens combatiam corpo a corpo com a ferocidade de gatos, o choque ensurdecedor das espadas ecoava e o cheiro nauseante de sangue dominava o ar. Mas William e o rei Estêvão tinham ficado presos em uma zona morta.



Philip conseguia ver tudo, mas não entendia nada. Não tinha ideia do que estava acontecendo. Via apenas confusão: o cintilar do metal, o ataque dos cavalos, estandartes esvoaçando e caindo, e os ruídos do combate carregados pelo vento e abafados pela distância.

Era tão enlouquecedoramente frustrante. Alguns homens caíam e morriam, outros resistiam e continuavam a lutar, mas ele não sabia dizer

quem estava ganhando e quem estava perdendo.

Um padre da catedral, em pé perto de Philip e vestido com um casaco de pele, virou-se para ele.

– O que está acontecendo? – perguntou.

– Não sei dizer – respondeu Philip, balançando a cabeça.

Na hora em que falou, porém, distinguiu um movimento. À esquerda do campo de batalha, alguns homens desciam correndo a encosta em direção ao canal. Eram mercenários vestidos em cores pálidas, e pelo que Philip pôde notar eram os homens do rei que fugiam, perseguidos pelos galeses pintados do exército agressor. Os gritos de vitória dos galeses chegavam até a catedral. As esperanças de Philip aumentaram: os rebeldes já estavam vencendo!

Então o movimento mudou do outro lado. À direita, onde combatiam os homens a cavalo, o exército de Estêvão pareceu recuar. O movimento no início foi leve, depois se tornou constante e então veloz, e bem diante dos olhos de Philip o recuo se transformou em debandada, e dezenas de homens do rei viraram seus cavalos e começaram a fugir do campo de batalha.

Philip ficou radiante: aquela devia ser a vontade de Deus!

Seria mesmo possível tudo acabar tão depressa? Os rebeldes avançavam pelos dois flancos, mas o centro ainda resistia. Os homens em volta de Estêvão estavam lutando com mais ardor do que os dos flancos. Será que conseguiriam deter o fluxo? Talvez Estêvão e Robert de Gloucester acabassem se enfrentando no corpo a corpo: um confronto direto entre dois líderes às vezes resolvia a batalha independentemente do que mais estivesse ocorrendo no campo. Aquilo ainda não havia terminado.



A maré mudou com uma velocidade aterrorizante. Em um instante, os dois exércitos estavam equilibrados e os dois lados combatiam ferozmente, no outro os homens do rei rapidamente recuavam. William foi dominado por um desânimo profundo. À sua esquerda, os mercenários bretões, perseguidos pelos galeses, desciam correndo a encosta na direção do

canal; à direita, os condes, com seus cavalos de combate e seus estandartes, viravam as costas à batalha e tentavam escapar de volta para Lincoln. Somente a parte central resistia: o rei Estêvão, no meio do combate, desferia golpes dos dois lados com sua imensa espada, e os homens de Shiring lutavam em volta dele como os lobos de uma matilha. Mas a situação era instável. Se os flancos continuassem a recuar, o rei acabaria cercado. William queria que Estêvão recuasse, porém ele era mais corajoso do que sensato e continuou a lutar.

William então sentiu a batalha inteira dar uma guinada para a esquerda. Olhou em volta e viu os mercenários flamengos vindo por trás e se chocando com os galeses, que foram forçados a parar de perseguir os bretões morro abaixo e a se virar para se defender. Por um instante, houve uma confusão. Então os homens de Ranulfo de Chester, que estavam bem no meio da linha inimiga, atacaram os flamengos, que se viram espremidos entre os soldados de Chester e os galeses.

Ao perceber a recuperação, Estêvão incitou seus homens a avançar. William pensou que Ranulfo talvez tivesse cometido um erro. Caso as forças do rei conseguissem agora encostar nos homens de Ranulfo, era ele quem ficaria imprensado pelos dois lados.

Um dos cavaleiros de William caiu na sua frente e de repente ele se viu no meio do combate.

Um grandalhão do norte com a espada suja de sangue partiu para cima dele. William aparou o golpe com facilidade: concentrava ainda todas as energias, enquanto seu oponente já vinha cansado. Tentou acertar o homem no rosto, errou e teve de se defender de um novo golpe. Ergueu a espada no alto, deixando o corpo exposto de propósito para um ataque frontal, e então, quando o outro deu um previsível passo à frente para tentar acertá-lo outra vez, William se esquivou e baixou a espada com as duas mãos bem no ombro do inimigo. O golpe rompeu a armadura do adversário, partiu sua clavícula e ele caiu.

William aproveitou aquele instante de felicidade. Seu medo havia desaparecido.

– Venham, seus cães! – rugiu ele.

Dois outros homens surgiram no lugar do cavaleiro caído e o atacaram simultaneamente. Ele conseguiu contê-los, mas foi forçado a recuar.

Houve uma movimentação à sua direita, e um de seus oponentes teve

de se virar para se defender de um homem de rosto vermelho armado com um cutelo, que parecia um açougueiro ensandecido. Restou apenas um para William enfrentar. Com um sorriso cruel, ele avançou. Seu oponente entrou em pânico e começou a desferir golpes a esmo na direção de sua cabeça. William abaixou a cabeça e apunhalou o sujeito na coxa, logo abaixo da barra de sua cota de malha curta. A perna cedeu e o homem caiu.

Mais uma vez, William ficou sem oponentes. Permaneceu parado, ofegante. Por um instante, pensara que o exército do rei fosse ser obrigado a bater em retirada, mas eles haviam se recuperado e agora parecia não haver vantagem para nenhum dos lados. Olhou para a direita, perguntando-se o que teria distraído um de seus oponentes. Para sua surpresa, viu que os cidadãos de Lincoln estavam dando bastante trabalho ao inimigo, talvez porque defendessem as próprias casas. Mas quem os havia feito recuperar o ânimo depois da debandada dos condes daquele flanco? Sua pergunta foi respondida: para seu desalento, viu Richard de Kingsbridge montado em seu cavalo de combate, incentivando os moradores da cidade a lutar. Sentiu o coração pesar. Se o rei visse a coragem de Richard, poderia anular todo o seu trabalho. Procurou Estêvão. Bem nessa hora, o olhar do rei cruzou com o de Richard, dando-lhe um aceno de incentivo. Ressentido, William deixou escapar um palavrão.

O contra-ataque dos moradores da cidade aliviou a pressão sobre o rei, mas só por alguns instantes. À esquerda, os homens de Ranulfo tinham dispersado os mercenários flamengos e Ranulfo então os mandou para o centro do exército defensor. Ao mesmo tempo, os “deserdados” partiram para cima de Richard e dos moradores da cidade e o combate se tornou ferrenho.

William foi atacado por um homem imenso armado com um machado de batalha. Esquivou-se, desesperado, subitamente temendo pela própria vida. A cada golpe do machado, dava um pulo para trás, e percebeu, assustado, que o exército do rei inteiro recuava mais ou menos no mesmo ritmo. À sua esquerda, os galeses subiram de novo a encosta e, por mais incrível que parecesse, começaram a lançar pedras. Aquilo era ridículo, porém eficaz, e agora, além de se defender do gigante com o machado, William tinha de ficar de olho nas pedras que voavam. Pareceu-lhe haver muito mais inimigos do que antes e ele sentiu, com um desespero crescente, que os homens do rei estavam em desvantagem numérica. Um

medo histérico lhe subiu pela garganta quando percebeu que a batalha estava quase perdida e ele corria perigo mortal. O rei deveria fugir agora. Por que continuava lutando? Era insano. Ele ia morrer! Todos eles iam morrer! O adversário de William ergueu o machado. Seu instinto de luta o dominou por um instante e, em vez de recuar como antes, William deu um salto para a frente e tentou acertar o rosto do grandalhão. A ponta de sua espada penetrou o pescoço do homem logo abaixo do queixo. William a cravou com força. O homem fechou os olhos. Por um instante, William sentiu alívio e gratidão. Puxou a espada e pulou para trás de modo a evitar o machado que caiu das mãos mortas do oponente.

Olhou de relance para o rei, poucos metros à sua esquerda. Nesse momento, Estêvão baixou a espada com força sobre o capacete de um adversário e a espada se partiu ao meio como um graveto. Pronto, pensou William, era o fim da batalha. O rei iria fugir e se salvar, deixando a luta para outro dia. Mas foi uma conclusão prematura. William já havia começado a se virar, pronto para sair correndo, quando um dos moradores de Lincoln ofereceu ao rei um machado de lenhador, com o cabo comprido. Para sua consternação, Estêvão empunhou a arma e continuou a lutar.

William teve o impulso de fugir assim mesmo. Olhou para a direita e viu Richard a pé, lutando feito um louco, avançando sempre, desferindo golpes com a espada, derrubando inimigos à esquerda, à direita e à frente. Não podia fugir enquanto seu rival ainda insistisse no combate.

Tornou a ser atacado, dessa vez por um baixote trajando uma armadura leve, que se movia bem depressa, a espada reluzindo sob o sol. Quando as espadas se chocaram, William percebeu que estava diante de um oponente formidável. Mais uma vez, teve de assumir uma postura defensiva e temeu pela própria vida, e sua consciência de que a batalha estava perdida lhe minou a vontade de lutar. Ele aparou as estocadas e os golpes rápidos com os quais o outro tentou atingi-lo e desejou conseguir desferir um único golpe forte que fosse capaz de romper sua armadura. Viu uma chance e brandiu a espada. O outro se esquivou e revidou, e o braço de William ficou dormente. Estava ferido. Sentiu tanto medo que ficou enjoado. Continuou a recuar do ataque, estranhamente desequilibrado, como se o chão sob seus pés estivesse se movendo. O escudo pendeu de seu pescoço, pois não conseguiu mais segurá-lo com o braço esquerdo, agora inútil. O

baixote pressentiu a vitória e intensificou o ataque. William viu a morte e foi tomado por um medo terrível.

Então Walter surgiu ao seu lado.

William deu um passo para trás e Walter desferiu um golpe com as duas mãos. Pegou o baixote de surpresa e o abateu como se fosse uma árvore nova. De repente, William se sentiu tonto de alívio. Levou uma das mãos ao ombro do laçaio.

– Nós perdemos! – gritou-lhe Walter. – Vamos embora daqui!

William se controlou. Embora a batalha estivesse perdida, o rei continuava lutando. Se ao menos Estêvão desistisse agora e tentasse fugir, poderia voltar ao sul e reunir um novo exército. Quanto mais lutasse, porém, maior a probabilidade de ser capturado ou morto, e isso só poderia significar uma coisa: a imperatriz Matilda se tornaria sua rainha.

William e Walter foram recuando juntos. Por que o rei era tão tolo? Ele precisava demonstrar sua coragem. Essa valentia lhe custaria a vida. Mais uma vez, William se sentiu tentado a abandonar o soberano, mas Richard de Kingsbridge continuava firme feito uma rocha no flanco direito, brandindo a espada e ceifando homens como se fossem trigo.

– Ainda não! – disse William para Walter. – Fique de olho no rei!

Continuaram recuando, um passo de cada vez. Quando os soldados perceberam que a questão estava decidida e de nada adiantava correr riscos, o combate se tornou menos feroz. Enfrentaram dois cavaleiros, mas os inimigos se contentaram em fazê-los recuar, e William e Walter lutaram na defensiva. Golpes duros foram desferidos, porém ninguém se expôs ao perigo.

William recuou dois passos e arriscou uma olhadela na direção do rei. Bem nessa hora, uma imensa pedra surgiu voando pelo campo e bateu no elmo de Estêvão. O rei cambaleou e caiu de joelhos. O adversário de William parou de enfrentá-lo e virou a cabeça para olhar na mesma direção. O machado caiu das mãos do rei. Um cavaleiro inimigo correu até ele e tirou seu elmo.

– O rei! – gritou, triunfante. – Eu peguei o rei!

William, Walter e todo o exército real viraram as costas e bateram em retirada.



Philip estava em êxtase. A debandada começou no centro do exército do rei e se espalhou para os flancos como ondas em um lago parado. Em poucos instantes, o exército real inteiro estava fugindo. Aquela era a recompensa do rei Estêvão por ter sido injusto.

Os invasores iniciaram uma perseguição. Na retaguarda do exército do rei havia uns quarenta ou cinquenta cavalos sem cavaleiro conduzidos por escudeiros, e alguns dos fugitivos pularam no lombo dos animais e começaram a correr, não em direção à cidade, mas rumo ao campo aberto.

Philip se perguntou o que teria acontecido com o rei.

Os moradores de Lincoln haviam começado a descer depressa dos telhados. Crianças e animais foram recolhidos. Algumas famílias desapareceram dentro das casas, fecharam as venezianas e bloquearam as portas. Uma agitação tomou conta das embarcações no lago: alguns moradores tentavam fugir pelo rio. Outros começaram a chegar à catedral em busca de abrigo.

Em todas as entradas da cidade, os moradores fechavam apressados as imensas portas reforçadas com ferro. De repente, os homens de Ranulfo de Chester irromperam do castelo. Obviamente seguindo um plano já traçado, dividiram-se em grupos, e cada um se dirigiu a um dos portões. Eles se enfiaram entre os moradores, derrubando-os à direita e à esquerda, e reabriram os acessos para liberar a entrada dos rebeldes vitoriosos.

Philip decidiu descer do telhado da catedral. Os outros que o acompanhavam, em sua maioria cônegos, tiveram a mesma ideia. Abaixaram-se para passar pela porta que conduzia à torre. Lá encontraram o bispo e os arcediagos, que estavam mais acima na torre. Philip achou que o bispo Alexander tinha uma cara assustada. Era uma pena: ele iria precisar de coragem para atravessar aquele dia.

Desceram com cuidado pela longa e estreita escada em caracol até darem na extremidade oeste da nave da igreja. Lá dentro já havia cerca de uma centena de moradores da cidade, e outros entravam pelos três grandes arcos. Quando Philip olhou para fora, viu dois cavaleiros entrarem no adro da catedral todos sujos de sangue e de lama, cavalgando depressa, certamente vindo da batalha. Sem desmontar, entraram na igreja.

– O rei foi capturado! – gritou um deles ao ver o bispo.

O coração de Philip deu um salto. O rei Estêvão não fora apenas derrotado, como fora feito prisioneiro! As forças que o apoiavam país afora agora certamente iriam cair. As implicações disso se sucederam na mente de Philip, uma atrás da outra, mas antes de conseguir organizá-las ouviu o bispo Alexander gritar:

– Fechem as portas!

Mal conseguiu acreditar nos próprios ouvidos.

– Não! – gritou. – O senhor não pode fazer isso!

O bispo o encarou, pálido de medo e pânico. Não sabia ao certo quem era Philip. Ele tinha lhe feito uma visita de cortesia, mas depois disso os dois não mantiveram contato. Então, com um esforço visível, Alexander se lembrou dele.

– Prior Philip, esta catedral não é sua, é minha. Fechem as portas!

Vários padres se apressaram em cumprir a ordem.

Aquela demonstração de egoísmo explícito de um membro do clero deixou Philip horrorizado.

– O senhor não pode trancar as pessoas lá fora! – gritou ele, irado. – Elas podem morrer!

– Se não trancarmos as portas, todos nós vamos morrer! – vociferou Alexander, histérico.

Philip o segurou pelo colarinho.

– Lembre-se de quem o senhor é – sussurrou ele. – Nós não podemos ter medo, principalmente da morte. Controle-se.

– Tirem-no de cima de mim! – gritou Alexander.

Vários cônegos puxaram Philip.

– Vocês não veem o que ele está fazendo? – perguntou o prior.

– Se você é tão corajoso – disse um dos cônegos –, por que não vai lá protegê-los pessoalmente?

Philip se soltou.

– É exatamente isso que eu vou fazer – afirmou.

Virou-se. O grande arco central estava sendo fechado. Ele atravessou a nave correndo. Os padres empurravam a porta enquanto mais pessoas lutavam para passar pela abertura cada vez mais estreita. Philip se espremeu para fora bem na hora em que a porta se fechou.

Nos poucos instantes que se seguiram, uma pequena multidão se

juntou no pórtico. Homens e mulheres começaram a bater na porta e a gritar, pedindo para entrar, mas ninguém l dentro respondeu.

De repente, Philip sentiu medo. A expressão de pânico das pessoas trancadas do lado de fora o assustou. Sentiu o corpo tremer. Já havia deparado uma vez com um exército vitorioso, quanto tinha 6 anos, e sentiu de novo o terror que havia experimentado então. O momento em que os homens de armas invadiram a casa de seus pais lhe voltou  mente com tanta clareza quanto se houvesse acontecido na véspera. Ele ficou petrificado e tentou parar de tremer, no meio da multidão convulsa. Já fazia muito tempo que não era atormentado por aquele pesadelo. Viu a sede de sangue no rosto dos soldados, o modo como a espada perfurara sua mãe e a imagem terrível das entranhas do pai escorrendo pelo ventre e mais uma vez sentiu aquele pavor incompreensível, avassalador e insano. Então viu um monge passar pela porta com uma cruz na mão e os gritos cessaram. O monge mostrou como ele e seu irmão deviam fechar os olhos de sua mãe e de seu pai, para que eles pudessem dormir o sono eterno. Como se houvesse acabado de despertar de um sonho, lembrou-se de que não era mais uma criança assustada. Agora era adulto, um monge, e da mesma forma que o abade Peter havia resgatado Philip e o irmão naquele dia terrível, 27 anos antes, hoje o adulto Philip, fortalecido pela fé e protegido por Deus, iria ajudar aqueles que temiam por suas vidas.

Forçou-se a dar um único passo  frente, depois o segundo passo foi um pouco menos difícil e o terceiro foi quase fácil.

Quando chegou  rua que conduzia ao portão oeste, quase foi derrubado por uma multidão de moradores em fuga: homens e meninos carregando trouxas com bens preciosos, idosos arquejando, meninas aos gritos, mulheres carregando bebês em prantos no colo. A turba o fez recuar vários metros e ele teve de lutar contra o fluxo. Todos seguiam na direção da catedral. Ele quis lhes dizer que o templo estava fechado, que deveriam ficar quietos em casa e bloquear as portas, mas todos gritavam e ninguém o teria escutado.

Foi avançando lentamente pela rua, na contramão da enxurrada de gente. São tinha conseguido percorrer uns poucos metros quando quatro cavaleiros chegaram galopando pela rua. Eram eles a causa da debandada. Algumas pessoas se espremiavam contra as paredes das casas, mas outras não conseguiam sair do caminho a tempo e muitas caíram sob os cascos

desabalados. Philip ficou horrorizado, mas não havia nada que pudesse fazer e se esquivou para dentro de um beco para que ele também não se tornasse uma vítima. Segundos depois, os cavaleiros passaram e a rua ficou deserta.

Vários corpos jaziam espalhados pelo chão. Ao sair do beco, Philip viu um deles se mover: um homem de meia-idade e capa vermelha tentava rastejar, apesar de ferido na perna. Philip atravessou a rua na intenção de ajudá-lo, mas antes de chegar lá dois outros homens de capacete de ferro e escudo de madeira apareceram.

– Este aqui está vivo, Jake – disse um deles.

Philip estremeceu. Pareceu-lhe que a atitude, as vozes, as roupas, até mesmo os rostos daqueles homens eram os mesmos dos soldados que haviam matado seus pais.

– Esse daí deve valer um resgate... – falou o que se chamava Jake. – Olhe só essa capa vermelha. – Ele se virou, levou os dedos à boca e assobiou. Um terceiro homem chegou correndo. – Leve o do casaco vermelho aqui para o castelo e amarre-o.

O terceiro homem agarrou o ferido e o arrastou dali. O homem urrou de dor quando suas pernas bateram nas pedras do calçamento.

– Parem! – gritou Philip.

Eles pararam por um instante, olharam para ele, riram e então retomaram o que estavam fazendo.

Philip tornou a gritar, mas eles o ignoraram. Sem poder fazer nada, assistiu ao ferido ser arrastado para longe. Outro homem de armas saiu de uma casa usando um casaco de pele comprido e com seis travessas de prata debaixo do braço. Jake o viu e reparou no saque.

– São casas de ricos – falou para o companheiro. – Deveríamos entrar em uma delas. Ver o que conseguimos achar.

Eles foram até a porta trancada de uma construção de pedra e a atacaram com um machado de batalha.

Philip se sentiu inútil, mas não estava disposto a desistir. No entanto, Deus não o havia posto naquela situação para defender os bens dos ricos, de modo que deixou Jake e seus companheiros ali e seguiu apressado em direção ao portão oeste. Mais homens de armas surgiram correndo pela rua. Misturados a eles vinham homens morenos, baixos e de rostos pintados, trajando casacos de pele de ovelha e armados com porretes.

Eram os guerreiros das tribos galesas, entendeu Philip, e sentiu vergonha de vir do mesmo lugar que aqueles selvagens. Colou-se a uma parede e tentou passar despercebido.

Dois homens saíram de uma casa arrastando pelas pernas um homem de barba branca que usava um quipá. Um deles segurava uma faca junto ao pescoço do velho.

– Onde está seu dinheiro, judeu? – perguntou.

– Eu não tenho dinheiro – lamentou o homem.

Ninguém iria acreditar nisso, pensou Philip. A riqueza dos judeus de Lincoln era famosa e, de toda forma, o homem morava em uma casa de pedra.

Outro homem de armas apareceu arrastando uma mulher de meia-idade pelos cabelos, provavelmente a esposa do judeu.

– Diga onde está o dinheiro – gritou o primeiro homem de armas –, senão eu enfio esta espada na boceta dela.

Ele ergueu a saia da mulher, deixando à mostra os pelos púbicos grisalhos, e apontou uma adaga comprida para o seu sexo.

Philip estava prestes a intervir, mas o velho cedeu na hora.

– Não a machuque, o dinheiro está lá nos fundos – falou, com urgência.

– Enterrado no jardim, perto da pilha de lenha... Por favor, solte-a.

Os três soldados tornaram a entrar correndo na casa. A mulher ajudou o marido a se levantar. Outro grupo de homens passou a cavalo pela rua estreita fazendo grande alarde e Philip se jogou no chão para sair do caminho. Quando tornou a se levantar, o casal de judeus tinha sumido.

Um rapaz de armadura veio correndo rua abaixo, com três ou quatro galeses em seu encalço. Eles o pegaram bem quando ele chegou aonde Philip se encontrava. O primeiro dos perseguidores brandiu a espada, que raspou no tornozelo do fugitivo. Philip achou que o ferimento não parecia muito fundo, mas bastou para fazer o rapaz tropeçar e cair no chão. Outro galês o alcançou e empunhou um machado de batalha.

Com o coração na boca, Philip deu um passo à frente.

– Pare! – gritou.

O homem ergueu o machado.

Philip correu na direção dele.

O homem desferiu o golpe, mas Philip o empurrou no último segundo. A lâmina retiniu no chão de pedra, a um palmo da cabeça da vítima. O

agressor recuperou o equilíbrio e encarou o prior, pasmo. Philip o encarou de volta tentando não tremer e desejando se lembrar de uma ou duas palavras em galês. Antes que Philip ou o galês se movessem, os outros dois agressores os alcançaram e um deles trombou no padre e o derrubou. Segundos depois, ele se deu conta de que a queda decerto havia lhe salvado a vida. Quando conseguiu se recuperar, todos já o haviam esquecido. Os galeses massacravam o pobre rapaz caído no chão com uma selvageria inacreditável. Philip se levantou atabalhoadamente, mas já era tarde: os martelos e os machados golpeavam um mero cadáver.

– Se não consigo salvar ninguém, por que me mandou para cá? – gritou com raiva, erguendo os olhos para o céu.

Como se fosse uma resposta, ouviu um grito vindo de uma casa próxima. Era uma construção de um andar feita de pedra e madeira, não tão cara quanto as outras em volta. A porta estava aberta. Philip entrou correndo. O piso era coberto de palha e havia dois cômodos separados por um arco. Uma mulher estava encolhida num canto, apavorada, junto com duas crianças pequenas. No centro da casa, três homens de armas confrontavam um homem baixo e careca. Uma moça de seus 18 anos estava caída no chão. Seu vestido estava rasgado e um dos três soldados, ajoelhado sobre seu peito, segurava suas coxas abertas. O homem careca obviamente tentava impedir que estupassem sua filha. Na hora em que Philip entrou, o pai se jogou em cima de um dos homens de armas, que se desvencilhóu. O pai cambaleou para trás. O homem de armas cravou a espada na barriga dele. A mulher encolhida no canto gritou como uma alma condenada.

– Parem! – gritou Philip.

Todos o encararam como se ele estivesse louco.

– Se fizerem isso, vocês vão todos para o inferno! – disse, no tom mais autoritário de que foi capaz.

O que havia matado o pai levantou a espada para golpear Philip.

– Só um minuto – interveio o que estava no chão, sem soltar as pernas da moça. – Quem é você, monge?

– Sou Philip de Gwynedd, prior de Kingsbridge, e ordeno, em nome de Deus, se tiverem algum apreço por suas almas imortais, que deixem essa moça em paz!

– Um prior... Bem que eu achei – disse o homem no chão. – Ele vale

um resgate.

– Vá para o canto junto com a mulher, onde é o seu lugar – disparou o primeiro, embainhando a espada.

– Não encoste no hábito de um monge – falou Philip.

Tentava soar ameaçador, mas pôde ouvir o tom de desespero na própria voz.

– John, leve-o para o castelo – disse o homem no chão, ainda sentado em cima da garota. Ele parecia ser o líder.

– Vá para o inferno – rebateu John. – Primeiro quero trepar com ela.

Ele segurou Philip pelos braços e, antes de ele poder resistir, arremessou-o no canto. Philip foi parar no chão ao lado da mãe.

O homem chamado John ergueu a túnica e se jogou sobre a moça.

A mãe virou a cabeça para o lado e começou a soluçar.

– Eu me recuso a ver isso! – exclamou Philip.

O prior se levantou e agarrou o estuprador pelos cabelos para tirá-lo de cima da moça. O homem urrou de dor.

O terceiro galês ergueu um porrete. Philip viu o golpe chegar, mas não foi rápido o suficiente. O porrete o acertou na cabeça. Por um segundo, sentiu uma dor excruciante, então tudo ficou preto e ele perdeu os sentidos antes de cair no chão.



Os prisioneiros foram levados para o castelo e trancados em celas. Eram estruturas de madeira sólidas, como casas em miniatura, com pouco menos de 2 metros de comprimento e 1 metro de largura, e apenas um pouco mais altas do que um homem em pé. Em vez de paredes compactas, tinham barras verticais separadas por espaços estreitos, que permitiam ao carcereiro ver lá dentro. Em tempos normais, quando eram usadas para prender ladrões, assassinos e hereges, cada cela daquelas abrigava apenas uma ou duas pessoas. Nesse dia, os rebeldes espremeram de oito a dez em cada uma, e mesmo assim ainda sobraram prisioneiros. Os que não couberam foram amarrados todos juntos com cordas e reunidos em um canto do pátio. Teria sido relativamente fácil escapar, mas eles não o fizeram, decerto cientes de que estavam mais seguros ali dentro do que na

cidade.

Philip estava sentado no canto de uma das celas, com uma dor de cabeça terrível, sentindo-se tolo e fracassado. No fim das contas, havia se mostrado tão inútil quanto o covarde bispo Alexander. Não conseguira salvar uma única vida, não evitara sequer um golpe. Os moradores de Lincoln não teriam sofrido mais caso ele não estivesse ali. Ao contrário do abade Peter, não conseguira deter a violência. Não sou um homem à altura dele, pensou.

Pior ainda: na vã tentativa de ajudar os moradores da cidade, ele provavelmente havia jogado fora a chance de conseguir benesses de Matilda quando ela se tornasse rainha. Era agora um prisioneiro do exército. Logo, todos partiriam do princípio de que ele havia lutado com as forças do rei Estêvão. O priorado de Kingsbridge teria de pagar um resgate pela sua soltura. Era bem provável que a história toda chegasse ao conhecimento de Matilda, que então veria Philip com maus olhos. Ele estava nauseado, decepcionado e cheio de remorso.

Outros prisioneiros foram trazidos ao longo do dia. O fluxo cessou por volta do cair da noite, mas o saque à cidade prosseguiu do lado de fora dos muros. Philip pôde ouvir os gritos e os sons da destruição. Mais ou menos à meia-noite, o barulho arrefeceu, provavelmente quando os homens ficaram tão embriagados de vinho roubado e tão saciados com os estupros e a violência que não conseguiam causar mais nenhum estrago. Alguns chegaram cambaleando ao castelo, gabando-se de seus triunfos, brigando entre si e vomitando na grama, até por fim caírem desacordados e pegarem no sono.

Embora não tivesse espaço para se deitar, Philip também acabou dormindo. Teve de se recostar no canto, com as costas apoiadas nas barras da cela. Acordou com a aurora, tremendo de frio, mas, graças a Deus, sua dor de cabeça agora se reduzia a um incômodo difuso. Levantou-se para esticar as pernas e bateu os braços para se aquecer. O castelo estava abarrotado de gente. Os estábulos abertos na frente permitiam ver homens dormindo dentro das baias, enquanto os cavalos ficavam amarrados do lado de fora. Pares de pernas despontavam da porta da padaria e do depósito da cozinha. A pequena minoria de soldados sóbrios tinha armado barracas. Havia cavalos por toda parte. No canto sudeste do pátio do castelo ficava a torre de menagem, um castelo dentro do castelo, situada

sobre uma elevação e com as grossas muralhas de pedra protegendo meia dúzia de construções de madeira ou mais. Era lá que deviam estar os condes e os cavaleiros do exército vitorioso, recuperando-se de sua comemoração.

Philip começou a pensar nas consequências da batalha da véspera. Será que ela significava o fim da guerra? Era provável. Estêvão tinha uma esposa, que também se chamava Matilda, uma mulher que talvez continuasse lutando. Ela era condessa de Bolonha, e com seus cavaleiros franceses havia tomado o castelo de Dover no início da guerra e agora controlava a maior parte da região de Kent em nome do marido. Mas ela teria dificuldade para obter o apoio dos nobres enquanto Estêvão estivesse preso. Talvez conseguisse manter Kent por um curto período, mas era improvável que conquistasse outras vitórias.

Mesmo assim, os problemas da imperatriz Matilda ainda não tinham terminado. Ela precisava consolidar sua vitória militar, conseguir a aprovação da Igreja e ser coroada em Westminster. Com determinação e um pouco de sabedoria, porém, provavelmente iria conseguir.

E isso era uma boa notícia para Kingsbridge, ou pelo menos seria se Philip conseguisse escapar dali sem ser taxado de defensor de Estêvão.

O sol não havia despontado, mas o ar começava a ficar quente à medida que o dia clareava. Os companheiros de cela de Philip foram acordando aos poucos, grunhindo por causa das dores e dos incômodos. A maioria apresentava no mínimo hematomas, e todos se sentiam pior após uma noite fria, abrigados apenas pelo teto e pelas barras da cela. Alguns eram cidadãos ricos, outros cavaleiros capturados na batalha.

– Alguém viu o que aconteceu com Richard de Kingsbridge? – perguntou Philip depois que a maioria havia acordado.

Torcia para que o jovem tivesse sobrevivido, pelo bem de Aliena.

– Ele lutou como um leão... – respondeu um homem com uma faixa ensanguentada em volta da cabeça. – Organizou os moradores da cidade quando a coisa ficou feia.

– Sobreviveu ou morreu?

O homem balançou lentamente a cabeça machucada.

– Eu não o vi no final.

– E William Hamleigh?

Seria um alívio e uma bênção se William tivesse sucumbido.

– Ele passou a maior parte da batalha com o rei, mas no final conseguiu fugir. Eu o vi em cima de um cavalo atravessando o campo a toda a velocidade, muito à frente dos outros.

– Ah.

A tênue esperança de Philip morreu. Seus problemas não seriam resolvidos com tanta facilidade.

A conversa foi interrompida e a cela ficou em silêncio. Do lado de fora, os soldados começavam a se movimentar: ainda com ressaca, verificavam os objetos saqueados, certificavam-se de que os prisioneiros continuavam ali, iam buscar o desjejum na cozinha. Philip se perguntou se os prisioneiros receberiam comida. Deviam receber, pensou, ou morreriam e não haveria resgates. Mas quem iria assumir a responsabilidade por alimentar toda aquela gente? Isso o levou a se perguntar quanto tempo ficaria ali. Seus captores teriam de mandar um recado até Kingsbridge para exigir um resgate. Os irmãos enviariam alguém para negociar sua soltura. Mas quem? Milius seria a melhor opção, mas Remigius, por ser subprior, era o responsável na ausência de Philip e talvez mandasse um de seus asseclas, ou mesmo se deslocasse pessoalmente. Remigius faria tudo bem devagar: era incapaz de ações imediatas e objetivas, mesmo que isso servisse a seus próprios interesses. Aquilo poderia levar meses. Philip ficou ainda mais melancólico.

Outros prisioneiros tiveram mais sorte. Logo depois de o sol nascer, esposas, filhos e parentes dos cativos começaram a chegar aos poucos ao castelo, temerosos e hesitantes de início, em seguida mais confiantes, para negociar o resgate de seus próximos. Passavam um tempo debatendo com os captores, protestando que não tinham dinheiro, oferecendo joias de baixo valor ou outros bens. Então chegavam a um acordo, iam embora e voltavam pouco depois com o resgate combinado, em geral dinheiro em espécie. As pilhas do butim foram crescendo e as celas se esvaziando.

Ao meio-dia, metade dos prisioneiros já estava livre. Eram as pessoas da cidade, supôs Philip. Os que sobraram deviam ser de lugares distantes, certamente cavaleiros capturados durante a batalha. Sua impressão se confirmou quando o intendente do castelo deu a volta nas celas e perguntou o nome dos que restaram: na maioria, eram cavaleiros do sul. Philip notou que em uma das celas havia apenas um homem, preso a um tronco como se quisessem ter certeza absoluta de que não fosse escapar.

Depois de observar alguns minutos esse prisioneiro especial, Philip percebeu de quem se tratava.

– Olhem! – disse para seus três companheiros de cela. – Aquele homem ali sozinho. Ele é quem estou pensando que é?

Os outros olharam.

– Por Cristo, é o rei! – comentou um deles, e os outros concordaram.

Philip encarou o homem de cabelos castanho-claros, todo sujo de lama, com mãos e pés presos desconfortavelmente ao tronco de madeira. Parecia igual a todos eles. Na véspera, era rei da Inglaterra e havia recusado a Kingsbridge uma licença de mercado. Hoje não podia se levantar sem que alguém lhe desse autorização. O rei tivera o que merecia, mas mesmo assim Philip sentiu pena dele.

No início da tarde, os prisioneiros foram alimentados. Serviram os restos mornos do almoço dos combatentes, mas todos se atiraram sobre a comida com avidez. Philip se conteve e deixou que os outros comessem quase tudo, pois considerava a fome uma fraqueza reles que devia ser combatida de tempos em tempos e via no jejum uma oportunidade para mortificar a carne.

Enquanto os outros raspavam a tigela, houve uma movimentação junto à torre de menagem e um grupo de homens surgiu. Quando desceram os degraus da torre e atravessaram o pátio do castelo, Philip observou que dois deles iam um pouco na frente dos outros e eram tratados com reverência. Deviam ser Ranulfo de Chester e Robert de Gloucester, mas ele não sabia quem era quem. Chegaram perto da cela de Estêvão.

– Bom dia, primo Robert – disse Estêvão, dando forte ênfase à palavra *primo*.

Quem respondeu foi o mais alto dos dois homens:

– Não era minha intenção fazer você passar a noite no tronco. Mandeí que fosse transferido, mas a ordem não foi acatada. Mas você parece ter sobrevivido.

Um homem com vestes religiosas se destacou do grupo e foi em direção à cela de Philip. No início, o prior não lhe deu atenção, pois Estêvão agora perguntava o que seria feito com ele e Philip queria ouvir a resposta, mas o padre se dirigiu a ele:

– Qual de vocês é o prior de Kingsbridge?

– Eu – respondeu Philip.

O padre se dirigiu aos homens de armas que o tinham levado até ali.

– Soltem esse homem.

Philip ficou pasmo. Nunca tinha visto aquele padre na vida. Com certeza seu nome havia sido escolhido na lista compilada mais cedo pelo intendente do castelo. Mas por quê? Ficaria satisfeito em sair da cela, mas ainda não estava pronto para se rejubilar. Não sabia o que o esperava.

– Ele é meu prisioneiro! – protestou o homem de armas.

– Não mais – retrucou o padre. – Solte-o.

– Por que eu deveria soltá-lo sem resgate? – indagou o homem, pronto para a briga.

O padre respondeu em tom igualmente decidido:

– Primeiro porque ele não é nem um combatente do exército do rei nem um morador desta cidade, de modo que, ao prendê-lo, você cometeu um crime. Segundo porque ele é monge e você cometeu sacrilégio por ter posto as mãos em um homem de Deus. Terceiro porque o secretário da imperatriz está mandando e, se você recusar, vai acabar parando dentro desta mesma gaiola num piscar de olhos, então *ande logo com isso*.

– Está bem – resmungou o homem.

Philip ficou consternado. Estava acalentando uma tênue esperança de que Matilda jamais ficasse sabendo de sua prisão ali. Se o secretário dela tinha pedido para vê-lo, essa esperança fora reduzida a pó. Com a sensação de ter chegado ao fundo do poço, ele saiu da cela.

– Venha comigo – disse o padre.

Philip começou a segui-lo.

– Vou ser solto? – perguntou.

– Imagino que sim. – O padre pareceu surpreso com a pergunta. – Você não sabe com quem está indo falar?

– Não faço a menor ideia.

O padre sorriu.

– Vou deixar que ele lhe faça a surpresa.

Atravessaram o pátio até a torre de menagem e subiram o longo lance de escada que levava da elevação de terra até o portão. Philip vasculhou a memória, mas não conseguiu atinar por que um secretário de Matilda poderia ter algum interesse nele.

Cruzou o portão atrás do padre. A torre de pedra circular era rodeada por casas de dois andares construídas contra a parede. No meio havia um

pequeno pátio com um poço. O padre levou Philip até uma das casas.

Lá dentro havia outro religioso, em pé em frente à lareira e de costas para a porta. Tinha o porte físico de Philip, baixo e franzino, e os mesmos cabelos negros, mas sua cabeça não estava raspada nem os cabelos grisalhos. Aquelas eram costas muito familiares. Philip mal conseguiu acreditar na própria sorte. Um largo sorriso se abriu em seu rosto.

O padre se virou. Tinha olhos azuis brilhantes iguaizinhos aos de Philip e também estava sorrindo. Ele estendeu os braços.

– Philip – falou.

– Ora, que Deus seja louvado! – exclamou o prior, com espanto. – Francis!

Os dois irmãos se abraçaram e os olhos de Philip se inundaram de lágrimas.

III

O salão de recepção real do castelo de Winchester estava muito diferente. Os cães haviam sumido, bem como o trono de madeira simples do rei Estêvão, os bancos e as peles de animais penduradas nas paredes. Em seu lugar havia tapeçarias bordadas, tapetes de cores vivas, tigelas de doces e cadeiras pintadas. O recinto recendia a flores.

Philip nunca se sentia à vontade na corte real, e uma corte real feminina bastou para deixá-lo trêmulo e ansioso. A imperatriz Matilda era sua única esperança de conseguir de volta a pedreira e reabrir o mercado, mas ele não acreditava que aquela mulher arrogante e teimosa pudesse tomar uma decisão justa.

Ela estava sentada em um trono folheado a ouro delicadamente entalhado e usava um vestido azul da cor dos jacintos. Era alta, magra, tinha olhos escuros cheios de orgulho e cabelos pretos lisos e lustrosos. Por cima do vestido estava usando um pesado casaco de seda que ia até os joelhos, com cintura justa e saia rodada. Aquele era um estilo nunca visto na Inglaterra antes da sua chegada, mas agora muito imitado. Passara onze anos casada com o primeiro marido e catorze com o segundo, mas ainda parecia ter menos de 40. Todos louvavam sua beleza. Philip a achou um

tanto angulosa e antipática, mas, por ser praticamente imune aos encantos femininos, não sabia julgá-los bem.

Philip, Francis, William Hamleigh e o bispo Waleran se curvaram diante da imperatriz e aguardaram. Ela os ignorou por um tempo e continuou falando com uma de suas damas de companhia. A conversa pelo visto era bem trivial, pois elas davam risadinhas graciosas, mas mesmo assim Matilda não a interrompeu para cumprimentar os recém-chegados.

Francis trabalhava próximo a ela e a via quase todos os dias, mas os dois não eram grandes amigos. Robert, irmão de Matilda e antigo superior de Francis, cedera-lhe o padre assim que ela chegara à Inglaterra, pois precisava de um secretário de primeira categoria. Mas esse não tinha sido o único motivo. Francis agia como intermediário entre irmão e irmã e ficava de olho na impetuosa Matilda. Na vida traiçoeira da corte real, não era raro irmãos e irmãs se traírem, e o verdadeiro papel de Francis era dificultar qualquer atitude desonesta da parte dela. Ela sabia disso e aceitava, mas mesmo assim seu relacionamento com Francis era tenso.

Fazia dois meses desde a batalha de Lincoln e nesse intervalo tudo havia corrido bem para a imperatriz. O bispo Henrique a havia recebido em Winchester – traindo, portanto, o irmão, rei Estêvão – e reunido um grande conselho de bispos e abades para elegê-la rainha, e ela agora negociava com a comuna de Londres para organizar sua coroação em Westminster. O rei Davi, da Escócia, por acaso seu tio, estava a caminho para lhe fazer uma visita real formal, de um soberano a outro.

O bispo Henrique tinha forte apoio do bispo Waleran de Kingsbridge e, segundo Francis, Waleran havia convencido William Hamleigh a mudar de lado e jurar lealdade a Matilda. Agora William tinha ido buscar sua recompensa.

Os quatro ficaram parados esperando: William com seu apoiador, o bispo Waleran, e o prior Philip com seu patrocinador, Francis. Era a primeira vez que Philip via Matilda. Sua aparência não o tranquilizou: apesar do ar régio, ela lhe pareceu volúvel.

Ao terminar a conversa, ela se virou para eles com um ar de superioridade, como quem diz: estão vendo como vocês são insignificantes? Até minha dama de companhia tem prioridade em relação a vocês. Ela encarou Philip com firmeza durante alguns segundos, até ele se sentir constrangido.

– Ora, Francis. Você me trouxe o seu gêmeo? – perguntou, por fim.

– Meu irmão Philip é o prior de Kingsbridge, senhora minha rainha – respondeu Francis.

Philip fez outra medida.

– Um pouco velho e grisalho demais para ser gêmeo, senhora – disse o prior.

Era o tipo de comentário trivial e autodepreciativo que os cortesãos pareciam achar divertido, mas Matilda lhe lançou um olhar gélido e o ignorou. Ele decidiu desistir de qualquer tentativa de ser agradável.

Ela se virou para William.

– E sir William Hamleigh, que lutou com bravura contra meu exército na batalha de Lincoln, mas depois viu que estava no caminho errado.

William se curvou e, numa atitude sensata, manteve a boca fechada.

Matilda tornou a se virar para Philip.

– O senhor me solicitou a licença para um mercado.

– Sim, senhora minha rainha.

– A renda do mercado será toda gasta na construção da catedral, senhora – disse Francis.

– Em que dia da semana o senhor pretende que seu mercado funcione? – indagou ela.

– Aos domingos.

Ela arqueou as sobrancelhas bem-feitas.

– Vocês religiosos em geral são contra os mercados de domingo. Eles não afastam as pessoas da igreja?

– Não no nosso caso – respondeu Philip. – As pessoas vêm trabalhar na obra, assistem à missa e aproveitam para comprar e vender.

– Quer dizer que o mercado já está funcionando? – perguntou ela, incisiva.

Philip se deu conta de que havia falado o que não devia. Teve vontade de chutar a si mesmo.

Francis o resgatou.

– Não, senhora, o mercado não funciona atualmente – disse ele. – Começou de modo informal, mas o prior Philip ordenou que fosse fechado até obter uma licença.

Era verdade, mas não toda a verdade. Mesmo assim, Matilda pareceu aceitá-la. Philip rezou em silêncio para que Francis fosse perdoado pela

mentira.

– Não existe nenhum outro mercado na região? – quis saber a imperatriz.

William se pronunciou:

– Existe, sim, em Shiring, e o mercado de Kingsbridge tem esvaziado o nosso.

– Mas Shiring fica a 32 quilômetros de Kingsbridge! – objetou Francis.

– Senhora minha rainha, a regra é que os mercados estejam separados por no mínimo 22 quilômetros. Segundo esse critério, Kingsbridge e Shiring não competem.

Ela aquiesceu, pelo visto aceitando a argumentação legal de Francis. Até aqui a situação está a nosso favor, pensou Philip.

– O senhor também solicitou o direito de explorar a rocha da pedreira do conde de Shiring – disse Matilda.

– Tivemos esse direito por muitos anos, mas recentemente William expulsou nossos canteiros e matou cinco...

– Quem lhe deu o direito de explorar a pedreira? – interrompeu ela.

– O rei Estêvão...

– O usurpador!

– Minha rainha – apressou-se em dizer Francis –, naturalmente o prior Philip aceita que todos os éditos do aspirante ao trono Estêvão são inválidos a menos que a senhora os ratifique.

Philip não aceitava, mas sabia que exprimir isso em voz alta seria uma insensatez.

– Eu fechei a pedreira em retaliação ao mercado ilegal dele! – exclamou William.

Incrível, pensou Philip, como um caso claro de injustiça podia parecer equilibrado quando apresentado na corte.

– Essa rixa toda aconteceu porque a decisão original de Estêvão foi tola – falou Matilda.

O bispo Waleran se pronunciou pela primeira vez:

– Nisso eu concordo inteiramente com a senhora, milady – disse ele, bajulador.

– Dar a pedreira a uma pessoa, mas permitir que outra a explore, é uma receita certa para problemas – continuou ela. – A pedreira deve pertencer a um ou outro.

Era verdade, pensou Philip. E, se ela fosse respeitar o espírito da decisão original de Estêvão, a pedreira pertenceria a Kingsbridge.

– Minha decisão é que ela deve pertencer ao meu nobre aliado, sir William – prosseguiu ela.

Philip sentiu um aperto no coração. A construção da catedral não teria avançado tão bem sem acesso gratuito à pedreira. O ritmo teria de diminuir drasticamente enquanto Philip buscasse dinheiro para comprar pedras. E tudo por causa do impulso daquela mulher caprichosa! Aquilo o enfureceu.

– Obrigado, minha rainha – disse William.

– No entanto, Kingsbridge terá os mesmos direitos de mercado que Shiring – falou Matilda.

Philip se animou outra vez. O mercado não bastaria para pagar pelas pedras, mas seria uma grande ajuda. Significava que ele teria de tirar dinheiro de onde pudesse outra vez, como no início, mas poderia continuar a obra.

Matilda tinha dado a ambos parte do que cada um queria. Talvez, afinal, ela não fosse tão cabeça-oca assim.

– Os mesmos direitos de mercado que Shiring, minha rainha? – perguntou Francis.

– Foi o que eu disse.

Philip não soube ao certo por que o irmão havia repetido aquilo. Era normal que as licenças se referissem aos direitos de outra cidade: isso garantia direitos equânimes e poupava texto. Philip teria de verificar exatamente o que dizia a concessão de Shiring. Podia haver restrições ou privilégios suplementares.

– Então vocês dois conseguiram alguma coisa – concluiu Matilda. – William ficou com a pedreira e o prior Philip com o mercado. Em troca, cada um me pagará 100 libras. Assunto encerrado.

Ela se virou.

Philip ficou estarrecido. Cem libras! O priorado no momento não tinha nem 100 *pence*. Como ele iria conseguir esse dinheiro? O mercado levaria anos para gerar 100 libras. Aquilo era um golpe tremendo, que causaria um baque permanente no cronograma da obra. Ele continuou a encarar Matilda, mas ela parecia outra vez entretida na conversa com a dama de companhia. Francis o cutucou. Philip abriu a boca para falar. O irmão

levou um dedo aos lábios.

– Mas... – começou o prior.

Francis balançou a cabeça com urgência.

Philip sabia que o irmão tinha razão. Derrotado, deixou os ombros caírem. Virou as costas e se retirou, consciente de sua impotência.



Francis ficou impressionado quando Philip o levou para visitar o priorado de Kingsbridge.

– Estive aqui há dez anos e este lugar era um lixo – falou, irreverente.

– Você realmente o ressuscitou.

Ele ficou muito impressionado com a sala de escrita, que Tom havia terminado de construir enquanto Philip estava em Lincoln. Era uma pequena estrutura ao lado da sala do capítulo, com grandes janelas, uma lareira com chaminé, uma fileira de escrivaninhas e um enorme armário de carvalho para guardar os livros. Quatro irmãos trabalhavam ali, em pé diante das escrivaninhas altas, escrevendo com penas em pergaminhos. Três copiavam: um os Salmos de Davi, o outro o Evangelho de São Mateus e o terceiro a Regra de São Benedito. Além deles, o irmão Timothy escrevia uma história da Inglaterra, mas, como havia começado com a criação do mundo, Philip temia que o pobre velho nunca viesse a terminá-la. A sala de escrita era pequena, pois o prior não quisera usar muitas das pedras destinadas à catedral, mas era quente, seca e bem iluminada, justo o que ele precisava.

– O priorado tem pouquíssimos livros, uma lástima, e como é extraordinariamente caro comprá-los esta é a única forma de aumentar nosso acervo – explicou ele ao irmão.

Debaixo da sala havia um depósito onde um velho irmão ensinava dois jovens a esticar a pele de uma ovelha para fazer pergaminho, a produzir tinta e a encadernar as folhas para fabricar um livro.

– Você vai poder vender livros também – disse Francis.

– Ah, sim... A sala de escrita vai render muitas vezes o preço que custou.

Eles saíram e atravessaram o claustro. Era a hora dos estudos. A

maioria dos irmãos lia e uns poucos meditavam, atividade que tinha uma semelhança suspeita com o cochilo, como Francis observou com ceticismo. No canto noroeste, vinte alunos recitavam verbos em latim. Philip parou e apontou.

– Está vendo aquele menininho na ponta do banco?

– Aquele escrevendo em uma lousa, com a língua espichada para fora da boca? – indagou Francis.

– É o bebê que você achou na floresta.

– Como ele cresceu!

– Está com 5 anos e meio, e é muito precoce.

Francis assentiu, maravilhado.

– O tempo passa tão depressa. E como ele está?

– Os irmãos o mimam muito, mas ele vai sobreviver. Você e eu sobrevivemos.

– E quem são os outros alunos?

– Noviços, ou filhos de negociantes e pequenos nobres das redondezas que vieram aprender a escrever e fazer contas.

Eles caminharam do claustro para o canteiro de obras. Mais da metade do braço leste da nova catedral já estava construída. A imensa fileira dupla de grossas colunas tinha 12 metros de altura, e todos os arcos entre elas já estavam prontos. Acima da arcada, a galeria da tribuna ia tomando forma. De um lado e outro da colunata, a parte mais baixa das galerias já fora erguida, com os contrafortes projetando-se para fora. Quando eles deram a volta, Philip viu que os pedreiros trabalhavam nos meios arcos que iriam ligar os altos daqueles contrafortes à parte superior da galeria da tribuna, permitindo que sustentassem o peso do telhado.

Francis estava quase mudo.

– Foi você quem fez tudo isso, Philip – disse ele. – A sala de escrita, a escola, a nova igreja e até mesmo todas as novas casas da cidade... Tudo isso existe porque você fez com que acontecesse.

Philip se comoveu. Ninguém tinha lhe dito isso. Quando perguntado, ele dizia que Deus havia abençoado seus esforços. Mas bem lá no fundo de seu coração sabia que o que Francis dissera era verdade: aquela cidade próspera e movimentada era uma criação sua. O reconhecimento lhe causou uma sensação agradável, sobretudo vindo de seu sofisticado e cínico irmão mais novo.

Tom Builder os viu e foi até eles.

– Você fez um progresso maravilhoso – elogiou Philip.

– Sim, mas veja só. – Tom apontou para o canto nordeste do terreno do priorado, onde ficava estocada a pedra que extraíram da pedreira. Lá costumava haver centenas de pedras empilhadas e enfileiradas, mas nesse dia viam-se apenas umas 25 espalhadas pelo chão. – Infelizmente, nosso maravilhoso progresso significa que acabamos com o estoque de pedra.

A animação de Philip evaporou. Tudo o que ele havia conquistado ali estava ameaçado por causa da dura decisão de Matilda.

Eles margearam o lado norte do canteiro, onde os pedreiros mais qualificados trabalhavam em suas bancadas, lavrando as pedras com martelos e cinzéis. Philip parou atrás de um deles para examinar seu trabalho. Era um capitel, a pedra grande e saliente que sempre arrematava o topo de uma coluna. O pedreiro usava um martelo leve e um pequeno cinzel para entalhar um desenho de folhas. Os entalhes eram fundos, e o trabalho, delicado. Com surpresa, Philip constatou que o artesão era o jovem Jack, enteado de Tom.

– Pensei que Jack ainda fosse aprendiz – disse o prior.

– E é. – Tom continuou andando e, quando não podiam mais ser ouvidos por Jack, retomou: – O menino é impressionante. Conheço homens que entalham pedras desde antes de ele nascer, mas nenhum chega aos pés do seu trabalho. – Ele deu uma risada levemente constrangida. – E nem meu filho ele é!

O verdadeiro filho de Tom, Alfred, era mestre pedreiro e tinha sua própria equipe de aprendizes e serventes, mas Philip sabia que ele e sua equipe não faziam o trabalho mais delicado. Perguntou-se o que Tom sentia bem lá no fundo em relação a isso.

Mas o mestre construtor já voltara a pensar no problema de pagar pela licença do mercado.

– Com certeza o mercado vai trazer bastante dinheiro – falou.

– Sim, mas não o suficiente. No começo, deve render umas 50 libras por ano.

Tom assentiu com um ar pessimista.

– Vai dar só para comprar a pedra, e olhe lá.

– Talvez conseguíssemos, se não tivéssemos de pagar 100 libras a Matilda.

– E a lã?

A lã que agora se acumulava nos galpões de Philip seria vendida na Feira de Lã de Shiring, dali a algumas semanas, e renderia umas 100 libras.

– É isso que eu vou usar para pagar Matilda. Mas depois não terei mais nada para arcar com os salários dos artesãos no próximo ano.

– Não pode pedir emprestado?

– Já pedi. Os judeus não vão mais me emprestar. Quando estava em Winchester, fui perguntar. Eles não emprestam se acharem que você não pode pagar.

– E Aliena?

Philip se espantou. Nunca tinha pensado em pedir emprestado a ela. Seu depósito estava ainda mais cheio do que o do priorado. Depois da feira de lã, ela talvez tivesse 200 libras no bolso.

– Mas ela precisa do dinheiro para viver. E cristãos não podem cobrar juros. Se ela me emprestasse o dinheiro, não teria nada com que negociar. Embora... – Enquanto falava, uma nova ideia ia se formando em sua cabeça. Lembrou que Aliena tinha se oferecido para comprar toda a sua produção anual de lã. Talvez eles conseguissem chegar a um acordo. – Acho que vou falar com ela de todo modo – disse. – Ela está em casa agora?

– Acho que sim. Eu a vi pela manhã.

– Venha, Francis. Você está prestes a conhecer uma jovem notável.

Eles deixaram Tom e saíram apressados do priorado para a cidade. Aliena tinha duas casas, situadas lado a lado junto ao muro oeste do priorado. Morava em uma e usava a outra como depósito. Ela era muito rica. Devia ter um jeito de ajudar o priorado a pagar a tarifa extorsiva de Matilda pela licença do mercado. Uma vaga ideia foi tomando forma na mente de Philip.

Aliena estava no depósito, supervisionando o descarregamento de um carro de boi que trazia uma pilha bem alta de sacos de lã. Usava uma peliça de brocado parecida com a da imperatriz Matilda, e seus cabelos estavam arrumados dentro de uma touca de linho branca. Como sempre, tinha um ar de autoridade, e os dois homens que descarregavam a carroça obedeciam às suas instruções sem pestanejar. Todos a respeitavam, embora estranhamente ela não tivesse nenhum amigo próximo. Foi efusiva ao

cumprimentar Philip.

– Quando ouvimos o que aconteceu na batalha de Lincoln, ficamos com medo de o senhor ter sido morto! – disse ela.

Seu olhar traduzia uma aflição genuína, e Philip se comoveu ao pensar que as pessoas haviam se preocupado com ele. Apresentou-a para Francis.

– O senhor conseguiu justiça em Winchester? – quis saber Aliena.

– Não exatamente – respondeu Philip. – A imperatriz Matilda nos autorizou a sediar um mercado, mas nos negou a pedreira. Uma coisa mais ou menos compensa a outra. Mas ela me cobrou 100 libras pela licença do mercado.

Aliena ficou chocada.

– Que horror! O senhor lhe disse que a renda do mercado seria para a obra da catedral?

– Disse, sim.

– E onde vai arrumar 100 libras?

– Pensei que você talvez pudesse me ajudar.

– Eu? – Aliena se espantou.

– Daqui a algumas semanas, depois de vender sua lã aos flamengos, você vai ter 200 libras ou mais.

Aliena adotou uma expressão preocupada.

– E eu as daria ao senhor, de bom grado, mas preciso do dinheiro para comprar mais lã no ano que vem.

– Você se lembra de quando quis comprar minha lã?

– Sim, mas agora é tarde. Eu quis comprá-la no começo da temporada. Além do mais, o senhor mesmo poderá vendê-la em breve.

– Estive pensando – continuou Philip. – Será que eu poderia vender para você a lã do ano que vem?

Ela franziu o cenho.

– Mas o senhor não tem a lã do ano que vem.

– Eu poderia lhe vender antes de tê-la?

– Não vejo como.

– É simples. Você me dá o dinheiro agora. Eu lhe dou a lã no ano que vem.

Ficou claro que Aliena não sabia como encarar essa proposta, pois ela era diferente de qualquer modalidade conhecida de negócio. E era uma novidade para Philip também: ele acabara de inventá-la.

Quando ela respondeu, foi de modo lento e ponderado:

– Eu teria de lhe oferecer um preço um pouco menor do que o senhor poderia conseguir se esperasse. Além do mais, o preço da lã pode subir entre hoje e o verão que vem. Isso aconteceu todos os anos desde que eu entrei para o ramo.

– Quer dizer que eu iria perder um pouquinho e você ganhar um pouquinho – falou Philip. – Mas eu poderia continuar a obra por mais um ano.

– E ano que vem, o que vai fazer?

– Não sei. Talvez vender a lã do ano seguinte para você.

Aliena aquiesceu.

– Faz sentido.

Philip segurou as mãos de Aliena e a olhou nos olhos.

– Se fizer isso, Aliena, você vai salvar a catedral – disse ele com fervor.

Aliena assumiu uma expressão solene.

– O senhor já me salvou um dia, não foi?

– Sim.

– Então eu vou retribuir.

– Que Deus a abençoe! – Em um rompante de gratidão, ele a abraçou, então lembrou que ela era mulher e se afastou depressa. – Não sei como lhe agradecer. Já não via mais alternativa.

Aliena riu.

– Não tenho certeza se mereço tanta gratidão assim. Devo lucrar bastante com esse trato.

– Espero que sim.

– Vamos tomar uma caneca de vinho juntos para selar o acordo – disse ela. – Deixe-me só pagar o carroceiro.

O carro de boi já estava vazio e a lã empilhada. Philip e Francis saíram do depósito enquanto Aliena pagava o carroceiro. O sol já ia baixando e os trabalhadores da obra caminhavam de volta para casa. A animação de Philip retornou. Apesar de todos os contratempos, ele havia encontrado um jeito de seguir em frente.

– Graças a Deus por Aliena! – exclamou.

– Você não tinha me contado que ela era tão bonita – comentou Francis.

– Bonita? Sim, acho que é mesmo.

Francis riu.

– Philip, você é cego! Ela é uma das mulheres mais bonitas que eu já vi. Linda o bastante para fazer um padre largar a batina.

Philip o encarou com um olhar incisivo.

– Você não deveria falar assim.

– Desculpe.

Aliena saiu, trancou o depósito, e os três entraram na sua casa. Era uma construção grande, com um cômodo principal e um quarto de dormir separado. No canto havia um barril de cerveja, do teto pendia um presunto inteiro, e a mesa estava coberta por uma toalha de linho branco. Uma criada de meia-idade serviu vinho de uma garrafa em taças de prata para os convidados. Aliena tinha uma vida confortável. Se ela é mesmo tão linda, pensou Philip, por que não tem marido? Pretendentes não faltavam: ela já fora cortejada por todos os bons partidos do condado, mas rejeitara todos eles. Ele estava tão grato que queria a felicidade dela.

Mas ela ainda estava pensando no lado prático.

– Só terei o dinheiro depois da Feira de Lã de Shiring – falou depois de brindar ao acordo.

Philip se virou para Francis.

– Matilda pode esperar?

– Quanto tempo?

– A feira é daqui a três semanas, a contar desta quinta-feira.

Francis assentiu.

– Eu a avisarei. Ela vai esperar.

Aliena desfez o penteado e sacudiu os longos cachos negros. Deu um suspiro cansado.

– Os dias são curtos demais – reclamou. – Não consigo fazer tudo o que preciso. Quero comprar mais lã, mas tenho que encontrar carroceiros suficientes para levar toda ela até Shiring.

– E ano que vem você terá mais lã ainda – disse Philip.

– Queria que conseguíssemos trazer os flamengos aqui para comprar. Seria tão mais fácil do que levar toda a nossa lã até Shiring.

– Mas vocês podem fazer isso – interveio Francis.

Aliena e Philip olharam para ele.

– Como? – indagou Philip.

– Organizem sua própria feira de lã.

Philip começou a ver aonde o irmão queria chegar.

– E nós podemos?

– Matilda lhes concedeu exatamente os mesmos direitos de Shiring. Eu mesmo redigi o texto da sua concessão. Se Shiring pode ter uma feira de lã, vocês também podem.

– Ah, seria maravilhoso... – disse Aliena. – Não teríamos de transportar todos esses sacos até Shiring. Poderíamos negociar tudo aqui e despachar a lã diretamente para Flandres.

– Isso é só o começo – observou Philip, empolgado. – Uma feira de lã rende em uma semana o mesmo que um mercado dominical em um ano inteiro. Não podemos preparar uma feira agora, claro. Ninguém vai saber que ela existe. Mas podemos, na Feira de Lã de Shiring, espalhar a notícia de que ano que vem teremos a nossa e garantir que todos os compradores fiquem cientes das datas...

– Isso vai fazer uma diferença enorme para Shiring – falou Aliena. – Você e eu somos os maiores vendedores de lã do condado e, se ambos sairmos de lá, a feira ficará com menos da metade do tamanho que tem hoje.

– William Hamleigh vai perder dinheiro – disse Francis. – Ele vai ficar que nem um touro bravo.

Philip não conseguiu reprimir um arrepio de repulsa. William era exatamente isso: um touro bravo.

– E daí? – indagou Aliena. – Se Matilda nos deu permissão, podemos seguir em frente. Não há nada que William possa fazer, ou há?

– Espero que não – disse Philip com fervor. – Espero mesmo que não.

CAPÍTULO 10

I

No dia de Santo Agostinho, o trabalho parou ao meio-dia. A maioria dos trabalhadores escutou com alívio as doze badaladas. Em geral eles trabalhavam do nascer ao pôr do sol, seis dias por semana, de modo que precisavam do descanso dos dias santos. Mas Jack estava absorto demais em sua tarefa para ouvir o sino.

Criar formas suaves e arredondadas a partir da pedra bruta era um desafio que o fascinava. A pedra tinha vontade própria. Se tentassem obrigá-la a fazer algo que não quisesse, ela iria resistir e o cinzel escorregaria ou então cavaría fundo demais, estragando o desenho. No entanto, quando conseguia conhecer o pedaço de rocha à sua frente, ele era capaz de transformá-lo. Quanto mais difícil a tarefa, mais fascinado ele ficava. Começava a sentir que os entalhes decorativos encomendados por Tom eram muito fáceis. Zigue-zagues, losangos, pétalas, espirais e volutas simples o deixavam entediado, e até mesmo aquelas folhas que fazia agora eram um tanto rígidas e repetitivas. Ele queria entalhar folhagens de aspecto natural, flexíveis e irregulares, e copiar os diferentes formatos de folhas de verdade, carvalhos, freixos e bétulas, mas Tom não deixaria. Mais do que tudo, ele queria esculpir cenas de histórias: Adão e Eva, Davi e Golias, o dia do Juízo Final, com monstros e pessoas nuas, mas não se atrevia a pedir.

Tom acabou tendo de obrigá-lo a interromper o trabalho.

– Hoje é feriado, rapaz – disse. – Além do mais, você ainda é meu aprendiz e quero que me ajude a arrumar as coisas. Todas as ferramentas precisam ser trancadas antes do almoço.

Jack pousou o martelo e os cinzéis e depositou com cuidado no barracão de Tom a pedra na qual estava trabalhando. Depois, acompanhou

o padraço pelo canteiro de obras. Os outros aprendizes já haviam começado a arrumação e varriam as lascas de pedra, a areia, os pedaços de argamassa seca e as aparas de madeira espalhados pela obra. Tom recolheu seus compassos e seu prumo enquanto Jack reunia as varas e os fios de prumo, e juntos os dois levaram tudo para o barracão.

Era lá que Tom guardava suas varas de medição: compridos bastões de ferro, quadrados nas pontas e perfeitamente retos, todos exatamente do mesmo comprimento. Ficavam guardados em um suporte de madeira especial que vivia trancado.

Enquanto eles continuavam a percorrer o canteiro, recolhendo tábuas de argamassa e colheres de pedreiro, Jack começou a pensar nas varas.

– Quanto mede uma vara? – perguntou.

Alguns dos pedreiros o escutaram e riram. Muitas vezes achavam suas perguntas divertidas. Quem respondeu foi Edward Short, um velho pedreiro baixinho de pele grossa e rugosa e nariz torto.

– Uma vara mede uma vara.

Todos riram outra vez.

Os artesãos gostavam de zombar dos aprendizes, principalmente se isso lhes desse uma chance de exibir a superioridade do seu conhecimento. Jack detestava ser alvo de gozação por sua ignorância, mas, como era muito curioso, suportava.

– Não entendi – falou, paciente.

– Uma polegada mede uma polegada, um pé mede um pé e uma vara mede uma vara – explicou Edward.

Então uma vara era uma medida de comprimento.

– E quantos pés tem uma vara?

– Ah! Depende. Em Lincoln, 18. Na Ânglia Oriental, 16.

Tom interrompeu a conversa para dar uma resposta sensata:

– Nesta obra, uma vara mede 15 pés, 4, 5 metros.

– Em Paris ninguém usa varas... só jardas – falou uma pedreira de meia-idade.

– Toda a planta da catedral é baseada em varas – disse Tom a Jack. – Vá buscar uma que eu lhe mostro. Já está na hora de você entender essas coisas.

Tom entregou uma chave ao enteado.

Jack foi até o barracão e pegou uma das varas no suporte. Era bem

pesada. Tom gostava de explicar as coisas, e Jack adorava escutar. A organização do canteiro de obras formava um padrão intrigante, como a trama de um casaco de brocado, e quanto mais ele entendia, mais fascinado ficava.

Tom estava em pé no corredor, na extremidade ainda aberta da chancela inacabada, onde ficaria o coro. Pegou a vara e a posicionou no chão de modo que abarcasse a largura do corredor.

– Da parede externa até o centro da coluna da arcada tem uma vara. – Ele virou a vara sobre si mesma. – Daqui até o meio da nave, outra vara. – Tornou a virá-la, e ela chegou ao meio da coluna seguinte. – A nave tem 2 varas de largura. – Virou-a mais uma vez e ela alcançou a parede do outro lado. – A igreja inteira tem 4 varas de largura.

– Certo – falou Jack. – E cada tramo deve ter 1 vara de comprimento.

Tom pareceu levemente irritado.

– Quem lhe disse isso?

– Ninguém. Os tramos do corredor são quadrados, então, se têm 1 vara de largura, devem ter também 1 vara de comprimento. E os tramos da nave têm o mesmo comprimento dos tramos do corredor, claro.

– Claro – repetiu Tom. – Você deveria ser filósofo.

Sua voz era um misto de orgulho e irritação. Ele estava satisfeito por Jack aprender depressa, e irritado porque os mistérios da construção eram tão facilmente compreendidos por um simples garoto.

Jack, no entanto, estava entretido demais com a esplêndida lógica de tudo aquilo para prestar atenção às suscetibilidades de Tom.

– Quer dizer então que a chancela tem 4 varas de comprimento – continuou. – E a igreja inteira, quando estiver concluída, vai ter 12 varas. – Outro pensamento lhe ocorreu. – E a altura?

– Seis varas. Três para a arcada, 1 para a tribuna e 2 para o clerestório.

– Mas por que devemos medir tudo em varas? Por que não ir construindo de qualquer maneira, como uma casa?

– Em primeiro lugar, porque sai mais barato. Como todos os arcos da arcada são idênticos, podemos reutilizar os moldes. Quanto menos tamanhos e formatos diferentes de pedra necessitarmos, menos moldes eu preciso fabricar. E assim por diante. Em segundo lugar, isso simplifica todos os aspectos do que estamos fazendo, desde a planta baixa original, que é toda baseada em um quadrado de 1 vara, até a pintura das paredes,

pois é mais fácil estimar quanto de cal vamos precisar. E quando as coisas são simples, menos erros são cometidos. A parte mais cara de uma construção são os erros. Em terceiro lugar, quando tudo tem por base a medida de 1 vara, a igreja simplesmente parece correta. A proporção é o segredo da beleza.

Jack assentiu, encantado. O esforço para dominar uma operação tão ambiciosa e complexa quanto a construção de uma catedral não parava de fasciná-lo. Saber que os princípios da regularidade e da repetição ao mesmo tempo simplificavam a construção e resultavam em um edifício harmônico era uma ideia sedutora. Mas ele não tinha certeza se a proporção era mesmo o segredo da beleza. Agradavam-lhe as coisas selvagens, difusas e desordenadas: montanhas altas, carvalhos velhos, os cabelos de Aliena.



Ele almoçou com grande apetite, mas depressa, então deixou o vilarejo e pegou a estrada para o norte. Era um dia quente de início de verão e ele foi descalço. Desde que se mudara de vez para Kingsbridge com a mãe e começara a trabalhar, gostava de voltar à floresta de tempos em tempos. No início, usava esse tempo para gastar o excesso de energia: corria, pulava, subia em árvores e abatia patos com a funda. Isso enquanto estava se acostumando com seu corpo novo, mais alto e mais forte. Mas a novidade havia se esgotado. Agora, quando caminhava na floresta, ele pensava: por que proporção devia ser sinônimo de beleza, como as edificações se mantinham em pé e como seria acariciar os seios de Aliena.

Fazia anos que ele a venerava de longe. A imagem mais recorrente era da primeira vez que a tinha visto, quando ela descera a escada do salão de Earlscastle e ele pensara que ela era como a princesa de alguma história. Ela continuava a ser uma figura distante. Conversava com o prior Philip, com Tom Builder, com o judeu Malachi e com os outros ricos e poderosos de Kingsbridge, e Jack nunca tivera motivo para abordá-la. Apenas a olhava, rezando na igreja ou atravessando a ponte montada em seu palafém, ou então sentada sob o sol em frente à sua casa. Ele a via vestida com peles caras no inverno e com o melhor linho no verão, o lindo rosto

emoldurado pelos cabelos indomáveis. Antes de dormir, ficava pensando como seria despir aquelas roupas, vê-la nua e beijar delicadamente seus lábios macios.

Nas últimas semanas, aqueles devaneios sem esperança vinham deixando Jack cada vez mais insatisfeito e deprimido. Já não bastava vê-la de longe, entre ouvir suas conversas com outras pessoas e se imaginar fazendo amor com ela. Ele precisava de coisas concretas.

Várias moças da sua idade poderiam ter lhe proporcionado a coisa concreta. Comentava-se muito entre os aprendizes sobre quais moças de Kingsbridge eram mais lascivas e exatamente o que cada uma permitia aos rapazes. A maioria fazia questão de permanecer virgem até o casamento, mas elas podiam fazer certas coisas e mesmo assim continuar virgens, ou pelo menos era o que os aprendizes diziam. Todas as moças achavam Jack meio estranho, e ele sentia que elas deviam ter certa razão, mas uma ou duas ficavam atraídas pela sua estranheza.

Em um domingo, depois da igreja, ele acabara conversando com Edith, irmã de um colega aprendiz, mas ao contar como adorava talhar pedras, ela havia começado a rir. No domingo seguinte, fora passear nos campos com Ann, a filha loura do alfaiate. Não dissera muita coisa, mas a beijara e depois sugerira que se deitassem juntos em um campo verde de cevada. Lá tornara a beijá-la e tocara seus seios, e ela retribuía seus beijos com vontade, mas depois de um tempo se afastara dele. “Quem é ela?”, perguntara a menina, e Jack, que naquele exato momento estava pensando em Aliena, ficara estarecido. Tentara desconversar e voltar a beijá-la, mas Ann então virara a cara e dissera: “Seja quem for, é uma moça de sorte.”

Os dois retornaram juntos para Kingsbridge e, ao se separarem, ela falou: “Não perca tempo tentando esquecê-la. É uma causa perdida. É ela que você quer, então é melhor tentar conquistá-la.” Ela lhe abrira um sorriso carinhoso antes de concluir: “Você tem um rosto bonito. Talvez não seja tão difícil quanto acha que vai ser.”

A gentileza da moça o deixou mal, ainda mais por ela ser uma das que os aprendizes diziam ser lascivas, e ele tinha dito a todo mundo que tentaria apalpá-la. Agora essa conversa parecia tão juvenil que lhe dava vergonha. No entanto, se tivesse dito a Ann o nome da mulher em quem estava pensando, talvez a garota não o tivesse incentivado tanto. Jack e Aliena deviam ser o casal mais improvável possível. Aliena tinha 22 anos,

ele 17; ela era filha de um conde, ele um bastardo; ela era uma rica negociante de lã, ele um aprendiz sem um tostão. Pior ainda: ela era famosa pelo número de pretendentes que havia rejeitado. Todos os jovens senhores apresentáveis do condado e os primogênitos de todos os negociantes de sucesso já haviam ido a Kingsbridge cortejá-la e todos foram embora decepcionados. Que chance teria Jack, que não tinha nada a oferecer a não ser, talvez, um “rosto bonito”?

Ele e Aliena tinham uma coisa em comum: gostavam da floresta. Isso os diferenciava dos outros. A maioria das pessoas preferia a segurança dos campos e das aldeias e mantinha distância da mata natural. Mas Aliena muitas vezes ia passear na mata próxima a Kingsbridge, e havia certo ponto abrigado em que gostava de parar e se sentar. Ele já a tinha visto lá uma ou duas vezes. Ela, porém, não o vira, pois ele caminhava em completo silêncio, como aprendera a fazer na infância, quando tinha de conseguir comida na floresta.

Ia em direção à clareira sem a menor ideia do que faria caso a encontrasse lá. Sabia o que gostaria de fazer: deitar-se ao seu lado e acariciar seu corpo. Poderia falar com ela, mas o que dizer? Com garotas da sua idade era fácil conversar. Ele havia provocado Edith dizendo: “Eu não acredito em *nenhuma* das coisas terríveis que seu irmão diz sobre você”, e ela, claro, quisera saber quais eram essas coisas terríveis. Com Ann, tinha sido direto: “Quer dar uma volta nos campos comigo hoje à tarde?” No entanto, quando tentava inventar algo para começar uma conversa com Aliena, sua mente ficava vazia. Ele a via como alguém que pertencia a uma geração mais velha. Era tão séria e responsável... Mas ele sabia que ela não havia sido sempre assim: aos 17 anos, era bem brincalhona. Tinha sofrido agruras terríveis desde então, mas a garota brincalhona ainda devia existir em algum lugar dentro daquela mulher sisuda. Para Jack, isso a tornava ainda mais fascinante.

Estava chegando perto do lugar favorito de Aliena. Era a hora mais quente do dia e a floresta estava silenciosa. Ele se moveu pela vegetação baixa sem fazer barulho. Queria vê-la antes que ela o notasse. Ainda não tinha certeza se teria coragem de abordá-la. Mais do que tudo, temia que o repelisse. Havia falado com ela no dia em que retornara a Kingsbridge, no domingo de Pentecostes em que todos os voluntários tinham ido trabalhar na catedral, então dissera a coisa errada. O resultado fora que, durante

quatro anos, mal lhe dirigira a palavra. Não queria cometer um erro semelhante agora.

Instantes depois, espiou de trás do tronco de uma faia e a viu.

Ela havia escolhido um lugar extremamente bonito. Uma pequena queda-d'água jorrava em um lago fundo através de pedras cobertas de musgo. O sol batia nas margens do lago, mas 1 ou 2 metros mais para trás havia sombra debaixo das faias. Sentada sob a luz do sol recortada pelas folhas, Aliena lia um livro.

Jack se espantou. Uma mulher? Lendo um livro? Ao ar livre? As únicas pessoas que liam livros eram monges, e na verdade a maioria deles lia apenas os ofícios. Além do mais, era um livro incomum, muito menor do que os tomos da biblioteca do priorado, como se tivesse sido feito especialmente para uma mulher, ou então para alguém que desejasse transportá-lo consigo. Sua surpresa foi tanta que se esqueceu da timidez. Abriu caminho entre os arbustos e apareceu na clareira.

– O que você está lendo? – foi perguntando.

Ela se sobressaltou e ergueu o rosto com uma expressão de terror nos olhos. Ele percebeu que a havia assustado. Sentiu-se desajeitado e teve medo de ter começado com o pé esquerdo outra vez. Ela levou a mão direita até a manga esquerda do vestido. Ele recordou que ela costumava levar uma faca escondida na manga. Talvez ainda a carregasse. Segundos depois, ela o reconheceu e o medo desapareceu com a mesma rapidez que havia surgido. Pareceu aliviada, e depois, para pesar de Jack, levemente irritada. Ele se sentiu indesejado e teve vontade de dar meia-volta e sumir dentro da floresta. Mas assim seria ainda mais difícil abordá-la de novo, por isso ficou e encarou aquela expressão um tanto antipática.

– Sinto muito se a assustei – disse ele.

– Você não me *assustou* – retrucou ela depressa.

Ele sabia que não era verdade, mas não ia discutir. Repetiu a pergunta que havia feito.

– O que você está lendo?

Ela baixou os olhos para o volume encadernado sobre os joelhos e sua expressão tornou a mudar. Ela parecia melancólica.

– Meu pai trouxe este livro de sua última viagem à Normandia. Ele me deu de presente. Dias depois, foi preso.

Jack chegou mais perto e espiou o livro aberto.

– Está em francês! – exclamou.
– Como você sabe? – indagou ela, espantada. – Você sabe ler?
– Sei... Mas achava que todos os livros fossem em latim.
– Quase todos. Mas este é diferente. É um poema chamado *Romance de Alexandre*.

Jack pensava: estou mesmo fazendo isso, estou conversando com ela! Que maravilha! Mas o que vou dizer agora? Como levar a conversa adiante?

– Hum... E sobre o que fala o livro? – perguntou.
– É a história de um rei chamado Alexandre, o Grande, e de como ele conquistou terras fabulosas no Oriente, onde as pedras preciosas brotam nas trepadeiras e as plantas falam.

Jack ficou intrigado o bastante para esquecer o nervosismo.

– Falam como? Elas têm boca?

– O livro não diz.

– Você acha que a história é verdadeira?

Ela o fitou com interesse e ele pôde ver seus lindos olhos escuros.

– Não sei – respondeu ela. – Sempre me pergunto se as histórias são verdadeiras. A maioria das pessoas não liga para isso... Elas gostam apenas das histórias.

– Exceto os padres. Eles sempre acham que as histórias sagradas são verdadeiras.

– Mas *é claro* que são.

Jack era tão cético em relação às histórias sagradas quanto em relação a todas as outras, mas sua mãe, que havia lhe inculcado o ceticismo, também havia lhe ensinado a ser discreto, de modo que não discutiu. Estava tentando não olhar para os seios de Aliena, que beiravam o seu campo de visão. Sabia que, se baixasse os olhos, ela saberia o que lhe chamava a atenção. Tentou pensar em algo mais para dizer.

– Eu conheço várias histórias – falou. – Conheço *A canção de Rolando* e *A canção de Guilherme de Orange*...

– Como assim, “conhece”?

– Sei recitar.

– Como um menestrel?

– O que é um menestrel?

– Um homem que anda por aí contando histórias.

Aquele era um conceito novo para Jack.

– Nunca ouvi falar em um homem desses.

– Na França existem vários. Quando eu era criança, viajava para o além-mar com meu pai. Eu adorava os menestrelis.

– Mas o que eles fazem? Simplesmente param na rua e começam a falar?

– Depende. Nos dias de festa, vão ao salão do senhor. Ou se apresentam nos mercados e nas feiras. Divertem os peregrinos em frente às igrejas. Os grandes nobres às vezes têm seus próprios menestrelis.

Jack percebeu que não só estava falando com Aliena, como não poderia ter aquela conversa com nenhuma outra moça de Kingsbridge. Tinha certeza de que, com exceo de sua mãe, ele e Aliena eram as duas únicas pessoas da cidade que sabiam sobre as canoes de gesta francesas. Tinham um interesse comum e conversavam sobre isso. Ficou tão empolgado que perdeu o fio da meada e se sentiu confuso e idiota.

Por sorte, ela continuou falando:

– Em geral, o menestrel toca rabeca enquanto recita a história. Toca uma música rápida e aguda nos momentos de batalha, lenta e doce quando duas pessoas estão apaixonadas e sincopada nas partes engraçadas.

Jack gostou da ideia de uma música de fundo para realçar os pontos altos da história.

– Eu queria saber tocar rabeca – falou.

– Você sabe mesmo recitar histórias? – indagou ela.

Ele mal pôde acreditar que ela de fato estava interessada e que fazia perguntas a seu respeito! Animado pela curiosidade, o rosto dela ficava ainda mais bonito.

– Minha mãe me ensinou – disse ele. – Morvamos na floresta antes, só os dois. Ela me contou essas histórias várias vezes.

– Mas como você se lembra? Algumas levam dias para serem contadas.

– Não sei.  como saber o caminho na floresta. Você não guarda a mata inteira na mente, mas, onde quer que esteja, sabe para onde precisa ir. – Ele relanceou os olhos outra vez para o texto do livro e algo chamou sua ateno. Sentou-se na grama ao lado de Aliena para olhar mais de perto. – Essas rimas são diferentes – falou.

Ela não entendeu direito o que ele estava querendo dizer.

– Em que sentido?

– São melhores. Em *A canção de Rolando*, a palavra “espada” rima com “estava”, ou então com “clava”, ou “brava”. No seu livro, “espada” rima com “adaga”, mas não com “estava”; rima com “chaga”, mas não com “clava”; rima com “brava”, mas não com “brada”. É um jeito completamente diferente de rimar. Mas é melhor, bem melhor. Gostei dessas rimas.

– Você... – Ela pareceu acanhada. – Você poderia me contar um pouco sobre *A canção de Rolando*?

Jack mudou um pouco de posição para poder fitá-la. Era como se a intensidade daquele olhar, o brilho de avidez naqueles olhos fascinantes, o sufocasse. Ele engoliu em seco, com força, então começou:

*Carlos, o Grande, nosso rei e senhor,
Sete longos anos na Espanha lutou.
Terras altas e planícies conquistou.
Frente a ele, muralha nenhuma restou,
Nenhum muro ou cidade para sua sanha,
Menos Saragoça, no alto da montanha,
Por Marcílio, o Sarraceno, governada,
Que a Maomé serve e para Apolo reza,
Mas nem ali sua vitória é assegurada.*

Jack fez uma pausa.

– Você sabe mesmo! – exclamou Aliena. – De verdade! Como um menestrel!

– Mas você percebeu o que eu falei sobre as rimas?

– Sim, mas no fundo é das histórias que eu gosto – respondeu ela. Seus olhos brilhavam de alegria. – Conte mais um pouco.

Jack teve a sensação de que iria desmaiar de felicidade.

– Como você quiser – falou, com a voz débil.

Olhou bem fundo nos olhos dela e começou a segunda estrofe.

A primeira brincadeira da véspera do solstício de verão era comer o pão dos quantos. Como muitas dessas brincadeiras, tinha um quê de superstição que incomodava Philip. Porém, se ele tentasse reprimir todos os rituais que remetiam às antigas religiões, metade das tradições do povo seria proibida, e de toda forma as pessoas provavelmente o desafiariam. Portanto, ele praticava uma tolerância discreta em relação a quase tudo e adotava uma postura firme em relação a um ou dois excessos.

Os monges tinham montado mesas na grama no canto oeste do adro. Ajudantes de cozinha transportavam caldeirões fumegantes pelo pátio. Como o prior era o senhor da propriedade, cabia a ele proporcionar um banquete para seus inquilinos nos feriados importantes. A política de Philip era ser generoso com a comida e mesquinho com a bebida, por isso ele servia cerveja fraca e nada de vinho. Mesmo assim, havia uns cinco ou seis incorrigíveis que em todas as festas davam um jeito de se embriagar até perder os sentidos.

Os cidadãos mais importantes de Kingsbridge estavam sentados à mesa de Philip: Tom Builder e a família; os mestres artesãos mais graduados, inclusive Alfred, filho mais velho de Tom; e os negociantes, entre os quais Aliena, mas não Malachi, o judeu, que se juntaria às festividades mais tarde, depois da missa.

Philip pediu silêncio e agradeceu pela comida. Então passou o pão dos quantos para Tom. Conforme corriam os anos, Philip valorizava cada vez mais o mestre construtor. Eram raras as pessoas que diziam o que pensavam e faziam o que prometiam. Tom reagia a surpresas, crises e tragédias pesando com calma as consequências, avaliando os danos e planejando a melhor reação. Philip o olhou com afeto.

Tom agora estava bem diferente do homem que havia chegado ao priorado cinco anos antes implorando trabalho. Na época, estava exausto, emaciado, tão magro que os ossos pareciam furar a pele castigada pelo tempo. Desde então havia ganhado peso, sobretudo depois que sua mulher voltara. Não era gordo, mas agora havia carne em sua estrutura grande, e fazia tempo que a expressão de desespero já não habitava seus olhos. Vestia roupas caras: uma túnica verde fabricada em Lincoln, sapatos de couro macios e um cinto com fivela de prata.

Philip teve de fazer a primeira pergunta que seria respondida pelo pão dos quantos.

– Quantos anos vai demorar para a catedral ficar pronta?

Tom deu uma mordida no pão. O pão dos quantos fora assado com pequenas sementes duras, e conforme Tom foi cuspidando as sementes na mão todos começaram a contar em voz alta. Às vezes, quando alguém ficava com a boca cheia de sementes depois de comer um pedaço do pão dos quantos, descobria-se que ninguém ao redor da mesa era capaz de contar um número alto. Naquele dia, porém, não havia esse risco, pois todos os negociantes e artesãos estavam presentes. Tom cuspiu trinta sementes. Philip fingiu consternação.

– Quem me dera viver tanto assim! – disse Tom, e todos riram.

Tom passou o pão para sua mulher, Ellen. Philip tinha um pé atrás em relação a ela. Assim como a imperatriz Matilda, Ellen tinha poder sobre os homens, um tipo de poder com o qual Philip não podia competir. Ela havia feito algo aterrorizante no dia em que fora expulsa do priorado, uma coisa em que Philip ainda mal conseguia pensar. Imaginara que nunca mais fosse vê-la, mas para seu horror ela havia retornado e Tom suplicara que o prior a perdoasse. Astuto, o construtor havia argumentado que, se Deus era capaz de perdoar o pecado de Ellen, Philip não tinha o direito de dizer não. O prior desconfiava de que a mulher não se arrependera muito, mas Tom lhe fizera o pedido no dia em que os voluntários foram salvar a catedral e Philip acabara concedendo o perdão, apesar de isso contrariar todos os seus instintos. Os dois tinham se casado na igreja paroquial, uma pequena construção de madeira na aldeia que já existia antes do priorado. Desde então, Ellen vinha se comportando bem e não dera a Philip motivo nenhum para se arrepender da decisão. Mesmo assim, ela o deixava apreensivo.

– Quantos homens amam você? – perguntou-lhe Tom.

Ela deu uma mordida bem pequena no pão, o que fez todos rirem outra vez. Naquela brincadeira, as perguntas tendiam a ser levemente sugestivas. Philip sabia que, se não estivesse presente, teriam sido escancaradamente libertinas.

Ellen contou três sementes. Tom se fez de indignado.

– Vou contar quem são meus três amores – disse Ellen. Philip torceu para que ela não dissesse nada ofensivo. – O primeiro é Tom. O segundo é Jack. E o terceiro é Alfred.

Uma salva de palmas recompensou sua sagacidade e o pão seguiu dando a volta na mesa. Agora era a vez de Martha, filha de Tom. Com

cerca de 12 anos, ela era uma menina tímida. O pão previu que teria três maridos, algo altamente improvável.

Martha passou o pão para Jack. Philip percebeu nos olhos dela um brilho de adoração e compreendeu que a menina venerava o irmão de criação como se ele fosse um herói.

Jack intrigava o prior. Fora um menino feio, com cabelos cor de cenoura, pele muito branca e olhos azuis saltados, mas agora que tinha virado um rapaz seus traços haviam se organizado, por assim dizer, e seu rosto era tão atraente e vistoso que os desconhecidos se viravam para olhar. Seu temperamento, contudo, era tão indomável quanto o da mãe. Tinha muito pouca disciplina e não sabia o que significava obedecer. Mostrara-se quase inútil como servente de pedreiro, pois, em vez de manter um fluxo de argamassa e pedras constante, ficava tentando empilhar o estoque de um dia inteiro, depois se distraía com outra coisa. Vivia sumindo. Certo dia, decidira que nenhuma das pedras do canteiro de obras era adequada para o entalhe específico que desejava fazer e sem dizer nada a ninguém fora até a pedreira pegar uma pedra que lhe agradasse. Dois dias depois, chegou ao priorado carregando a pedra em cima de um pônei emprestado. Mas as pessoas perdoavam suas transgressões, em parte por ele ser um entalhador realmente excepcional, em parte por ser tão simpático, traço que, na opinião de Philip, decididamente não havia herdado da mãe. O prior já havia pensado bastante no que Jack poderia fazer da vida. Se ele entrasse para a Igreja, poderia com facilidade se tornar bispo.

– Quantos anos faltam para você se casar? – perguntou Martha a Jack.

O rapaz deu uma mordida pequena. Pelo visto, queria se casar. Philip pensou se ele teria alguém em mente. Jack ficou evidentemente consternado: achou várias sementes e, à medida que elas foram sendo contadas, seu rosto se transformou em um retrato da indignação. Foram 31 no total.

– Eu vou estar com 48 anos! – protestou ele.

Todos acharam aquilo hilário, exceto Philip, que fez os cálculos, constatou que a conta estava certa e ficou maravilhado com a rapidez de Jack para os números. Nem mesmo o bolseiro Milius era capaz de um feito desses.

Jack estava sentado ao lado de Aliena. Philip se deu conta de que tinha

visto aqueles dois juntos várias vezes durante o verão. Talvez porque ambos eram muito inteligentes. Não havia muita gente em Kingsbridge capaz de conversar com Aliena de igual para igual, e Jack, por mais arredo que fosse, era mais maduro do que os outros aprendizes. Mesmo assim, a amizade intrigou Philip, pois, entre jovens, cinco anos faziam uma diferença grande.

Jack passou o pão para Aliena e lhe fez a mesma pergunta que lhe fora feita.

– Quantos anos faltam para você se casar?

Todos reclamaram, pois repetir a pergunta era fácil demais. Aquela brincadeira era um exercício de sagacidade e provocação. Mas Aliena, famosa pelo número de pretendentes que havia rejeitado, fez todos rirem dando uma mordida enorme no pão, sugerindo que não pensava em se casar. Só que a estratégia não funcionou: ela cuspiu apenas uma semente.

Se Aliena ia se casar no ano seguinte, pensou Philip, o noivo ainda não tinha aparecido. É claro que não acreditava no poder do pão de prever o futuro. A moça provavelmente morreria solteira e donzela, a não ser que, como diziam alguns boatos, não fosse mais donzela, pois teria sido seduzida ou violentada por William Hamleigh.

Aliena entregou o pão a Richard, seu irmão, mas Philip não ouviu o que ela perguntou. Ainda pensava na moça. Inesperadamente, nem Aliena nem Philip tinham conseguido vender toda a lã naquele ano. O excedente não era grande: menos de um décimo do estoque de Philip e uma quantidade menor ainda no caso de Aliena. Mesmo assim, era desencorajador. Depois disso, ele temera que ela fosse anular o acordo de comprar a lã do ano seguinte, mas ela mantivera o combinado e lhe pagara 107 libras.

A notícia mais importante da Feira de Lã de Shiring fora o anúncio de que, no ano seguinte, Kingsbridge teria sua própria feira. A maioria das pessoas tinha recebido bem a novidade, pois os aluguéis e as taxas cobrados por William Hamleigh em Shiring eram extorsivos e Philip planejava pedir valores bem menores. Até então, o conde William não havia se manifestado.

De modo geral, Philip sentia que o futuro do priorado era bem mais promissor do que se poderia pensar seis meses antes. Resistira à tentativa de William de fechar seu mercado e havia superado o problema causado

pelo fechamento da pedreira. Seu mercado de domingo ia de vento em popa de novo e lhe permitia pagar pela pedra cara de uma pedreira perto de Marlborough. Durante toda a crise, a obra da catedral havia prosseguido sem interrupção, ainda que com o orçamento apertado. Philip ficava angustiado apenas porque Matilda ainda não havia sido coroada. Embora ninguém pudesse contestar que estivesse no comando, e ela houvesse sido aprovada pelos bispos, enquanto não fosse apropriadamente coroada sua autoridade repousava apenas no poderio militar. A esposa de Estêvão seguia ocupando Kent e a comuna de Londres se mostrava indecisa. Bastaria um único revés da sorte ou uma única decisão errada para derrubar Matilda, assim como a batalha de Lincoln havia bastado para destruir Estêvão, e a anarquia voltaria.

Philip disse a si mesmo que não fosse pessimista. Olhou para as pessoas em volta da mesa. A brincadeira havia terminado e elas já estavam comendo com avidez. Eram homens e mulheres honestos, de bom coração, que trabalhavam duro e frequentavam a igreja. Deus iria cuidar deles.

De almoço foram servidos uma sopa de legumes, peixe assado temperado com pimenta e gengibre, diversos patos e um creme habilmente colorido com listras vermelhas e verdes. Depois do almoço, eles carregaram os bancos até a igreja inacabada para assistir à peça.

Os carpinteiros tinham fabricado dois painéis, que, posicionados na extremidade leste das galerias laterais, fechavam o espaço entre a parede da galeria e a primeira coluna da arcada, escondendo assim, de modo eficaz, o último tramo de cada corredor. Os irmãos que iriam interpretar os papéis já se encontravam atrás desses painéis, esperando para caminhar até o meio da nave e encenar a história. Aquele que faria o papel de Santo Adolfo, um noviço imberbe de rosto angelical, estava deitado em cima de uma mesa na outra ponta da nave, envolto em uma mortalha, fingindo-se de morto e tentando não rir.

Philip tinha sentimentos tão contraditórios em relação à peça quanto em relação ao pão dos quantos. Era muito fácil a encenação cair na irreverência e na vulgaridade. No entanto, as pessoas amavam tanto aquilo que, se ele não houvesse permitido, teriam encenado sua própria peça, do lado de fora da igreja, e sem sua supervisão o espetáculo teria se tornado completamente indecente. Além disso, os que mais gostavam da peça eram os próprios monges que a encenavam. Fantasiar-se e fingir ser outra

pessoa, agir de forma extravagante ou mesmo sacrílega, parecia lhes proporcionar uma espécie de libertação, decerto porque eles passavam o resto da vida de forma tão solene.

Antes da peça houve uma missa comum, que o sacristão abreviou. Philip em seguida fez um relato curto sobre a vida imaculada e as obras milagrosas de Santo Adolfo, então foi ocupar seu lugar na plateia e se acomodou para assistir ao espetáculo.

De trás do painel da esquerda saiu um homem grande, usando o que de início pareceram ser roupas disformes e coloridas, mas que, vistas com mais atenção, revelaram ser apenas pedaços de pano de cores vivas enrolados em volta do corpo e presos com alfinetes. Seu rosto estava pintado e ele carregava um saco abarrotado de dinheiro. Era o bárbaro rico. Ouviu-se um murmúrio de admiração da plateia aprovando o figurino, seguido por uma onda de risos quando os espectadores reconheceram o ator por baixo da fantasia: era o gordo irmão Bernard, o cozinheiro, que todos conheciam e apreciavam.

Ele desfilou várias vezes para lá e para cá, de modo que pudessem admirá-lo, e correu na direção das crianças pequenas da primeira fila, provocando gritos de medo. Então se esgueirou até o altar, olhando em volta como para se certificar de que estava sozinho, e pôs lá atrás o saco de dinheiro. Virou-se para a plateia, fez uma cara de cobiça e falou, bem alto:

– Esses cristãos tolos terão medo de roubar minha prata, pois imaginam que ela está protegida por Santo Adolfo. Rá!

Então se escondeu atrás do painel.

Do lado oposto surgiu então um grupo de fora da lei trajando andrajos, carregando espadas e machados de madeira, com os rostos pintados de fuligem e cal. Tentando parecer perigosos, vasculharam a nave até que um deles viu o saco de dinheiro atrás do altar. Seguiu-se uma discussão: deveriam roubá-lo ou não? O Fora da Lei Bom argumentou que isso com certeza traria má sorte. O Fora da Lei Mau disse que um santo morto não tinha como fazer mal. No fim das contas, eles pegaram o dinheiro e se recolheram ao canto para contá-lo.

O bárbaro reapareceu, procurou seu dinheiro por toda parte e ficou uma fera. Foi até o túmulo de Santo Adolfo e o amaldiçoou por não ter protegido seu tesouro.

Nessa hora, o santo se levantou do túmulo.

O bárbaro, aterrorizado, foi tomado por tremores convulsivos. O santo o ignorou e foi até onde estavam os fora da lei. Com gestos exagerados, derrubou-os um a um apenas apontando o dedo para eles. Os atores simularam os estertores da morte rolando pelo chão, contorcendo-se em poses grotescas e fazendo caretas medonhas.

O santo poupou apenas o Fora da Lei Bom, que tornou a pôr o dinheiro atrás do altar. Então Santo Adolfo se virou para a plateia.

– Cuidado, todos vocês que porventura duvidarem do poder de Santo Adolfo!

A plateia vibrou e aplaudiu. Os atores passaram alguns instantes na nave, com sorrisos encabulados no rosto. O objetivo da peça era a moral da história, claro, mas Philip sabia que as partes das quais as pessoas mais gostavam era o que havia de grotesco, a ira do bárbaro e os estertores dos fora da lei.

Quando as palmas arrefeceram, ele se levantou, agradeceu aos atores e anunciou que as corridas começariam dali a pouco no gramado à margem do rio.



Esse foi o dia em que Jonathan, aos 5 anos, descobriu que, afinal, não era o corredor mais veloz de Kingsbridge. Ele entrou na disputa das crianças usando o hábito de monge feito especialmente para ele e provocou acessos de riso ao erguê-lo em volta da cintura e correr com o pequeno traseiro exposto para todos. Só que estava competindo com crianças mais velhas e terminou entre os últimos. Ao perceber que havia perdido, fez uma expressão de tamanho choque e decepção que Tom ficou comovido e o pegou no colo para consolá-lo.

O relacionamento especial entre Tom e o órfão do priorado havia se desenvolvido aos poucos e não ocorrera a ninguém no vilarejo que poderia haver alguma razão secreta. Tom passava o dia inteiro dentro do priorado, onde Jonathan corria solto, de modo que era inevitável que os dois se vissem bastante. Além disso, os filhos do construtor estavam crescidos demais para serem bonitinhos, mas ainda não tinham dado netos, e ele às

vezes se interessava pelos bebês dos outros. Que Tom soubesse, nunca havia passado pela cabeça de ninguém a desconfiança de que ele era o pai de Jonathan. Se havia alguma, era a de que o verdadeiro pai do menino era Philip. Essa suposição era bem mais natural, embora o prior com certeza fosse ficar horrorizado caso ouvisse essa insinuação.

Jonathan viu Aaron, filho mais velho de Malachi, e se contorceu para sair do colo de Tom e ir brincar com o amigo, esquecendo a decepção da derrota.

Durante as corridas dos aprendizes, Philip se sentou na grama ao lado de Tom. O dia estava quente, ensolarado, e a cabeça raspada do prior suave. A admiração de Tom por ele aumentava a cada ano. Ele olhou em volta para os rapazes que apostavam corrida, os velhos que cochilavam na sombra, as crianças que brincavam no rio, e refletiu que quem mantinha aquilo tudo de pé era Philip. Era ele quem governava o vilarejo, julgando as contendas, decidindo onde deviam ser construídas as casas novas, solucionando disputas. Empregava a maioria dos homens e também muitas mulheres como trabalhadores na obra ou como criados e ainda administrava o priorado, que era o coração pulsante daquele organismo. Repelia nobres gananciosos, negociava com o rei e mantinha o bispo distante. Em alguma medida, todas aquelas pessoas bem-alimentadas que se exercitavam sob o sol deviam sua prosperidade a Philip. O próprio Tom era o maior exemplo disso.

Ele tinha plena consciência de como fora profunda a clemência do prior ao perdoar Ellen. Era incomum um monge perdoar o que ela havia feito. E significara muito para Tom. Quando ela fora embora, sua alegria em construir a catedral havia sido obscurecida pela solidão. Agora que ela estava de volta, ele se sentia completo. Ellen continuava cheia de vontades, enlouquecedora, briguenta e intolerante, mas de alguma forma essas coisas pouco importavam: havia dentro dela uma paixão que ardia feito uma vela dentro de um lampião e era isso que iluminava a vida dele.

Tom e Philip assistiram a uma corrida em que os rapazes tinham de andar sobre as mãos e que foi vencida por Jack.

– Esse rapaz é excepcional – comentou Philip.

– Poucas pessoas conseguem andar depressa com as mãos – disse Tom. Philip riu.

– Sim... Mas não estava pensando nos dons acrobáticos dele.

– Eu sei.

Havia muito tempo que a inteligência de Jack era para Tom ao mesmo tempo fonte de prazer e de dor. Jack era muito curioso em relação à construção, algo que sempre havia faltado a Alfred, e Tom gostava de ensinar os segredos do ofício. Por outro lado, o rapaz não tinha noção de como se comportar e discutia com os mais velhos. Muitas vezes era melhor esconder a própria superioridade, mas Jack ainda não havia aprendido isso, nem mesmo depois de anos sendo perseguido por Alfred.

– O rapaz deveria ser instruído – prosseguiu Philip.

Tom franziu o cenho. Jack *estava* sendo instruído. Ele era aprendiz.

– Como assim?

– Deveria aprender a escrever com boa caligrafia, estudar gramática latina e ler os filósofos antigos.

Tom ficou mais intrigado ainda.

– Para quê? Ele vai ser pedreiro.

Philip o encarou.

– Tem certeza? – indagou. – Jack é um menino que não faz o que se espera que ele faça.

Tom nunca tinha pensado nisso. Havia alguns jovens que contrariavam as expectativas: filhos de condes que se recusavam a combater, jovens da família real que entravam para mosteiros, filhos bastardos de camponeses que se tornavam bispos. Era verdade, Jack fazia parte desse grupo.

– Bom, o que o senhor acha que vai acontecer com ele? – perguntou.

– Depende do que ele aprender – respondeu Philip. – Mas eu o quero para a Igreja.

Tom ficou surpreso: parecia-lhe muito improvável que Jack um dia pudesse se juntar ao clero. E, estranhamente, ficou também um pouco magoado. Gostava da ideia de o enteado se tornar mestre pedreiro e ficaria muito decepcionado se o rapaz escolhesse outro caminho na vida.

Philip não notou o desagrado de Tom.

– Deus precisa dos melhores jovens, dos mais inteligentes, trabalhando para ele – continuou o prior. – Veja só esses aprendizes, competindo para ver quem pula mais alto. Todos eles são capazes de ser carpinteiros, pedreiros ou entalhadores. Mas quantos poderiam ser bispos? Só um: Jack.

Era verdade, pensou Tom. Se Jack tivesse a oportunidade de fazer carreira na Igreja com um protetor poderoso como Philip, provavelmente

deveria aceitar, pois conseguiria riqueza e poder bem maiores do que poderia esperar sendo pedreiro.

– O que exatamente o senhor tem em mente? – perguntou, ainda relutante.

– Quero que Jack se torne monge noviço.

– Monge!

A vocação monástica lhe pareceu ainda mais improvável para Jack do que o sacerdócio. O menino não conseguia respeitar nem a disciplina de um canteiro de obras. Como poderia lidar com as regras dentro da igreja?

– Ele passaria a maior parte do tempo estudando – falou Philip. – Aprenderia tudo o que nosso mestre-escola pode lhe ensinar, e eu também lhe daria aulas pessoalmente.

Quando um menino virava monge, os pais costumavam fazer uma generosa doação ao mosteiro. Tom se perguntou quanto aquela proposta iria custar.

Philip adivinhou o que ele estava pensando.

– Eu não esperaria que você desse um presente ao priorado – falou. – Já bastaria doar um filho a Deus.

O que Philip não sabia era que Tom já tinha doado um filho ao priorado: o pequeno Jonathan, que agora chapinhava na parte rasa do rio com o hábito mais uma vez suspenso em volta da cintura. Mas Tom sabia que devia reprimir seus sentimentos em relação ao menino. A proposta do prior era generosa. Estava claro que ele queria muito Jack. Aquela era uma oportunidade excelente para o rapaz. Um pai daria o braço direito para pôr o filho em uma carreira daquelas. Tom sentiu uma pontada de ressentimento por seu enteado, e não Alfred, receber essa chance maravilhosa. Era um sentimento indigno, que ele reprimiu. Deveria ficar grato, encorajar Jack e torcer para que ele se adaptasse ao regime monástico.

– A transição deveria ser feita logo – acrescentou Philip. – Antes de ele se apaixonar por alguma garota.

Tom aquiesceu. Do outro lado da campina, a corrida das mulheres chegava ao clímax. Tom observou, pensativo. Após alguns instantes, percebeu que Ellen estava em primeiro. Aliena vinha logo em seu encalço, mas quando as duas cruzaram a linha de chegada, Ellen continuava um pouco à frente. Ela ergueu as mãos no ar em um gesto de vitória.

Tom apontou na direção da mulher.

– Não sou eu quem precisa ser convencido – falou para Philip. – É ela.



Aliena ficou surpresa ao ser derrotada por Ellen. A mulher de Tom era muito jovem para ser mãe de um rapaz de 17 anos, mas mesmo assim devia ser pelo menos uma década mais velha que ela. Ofegantes e suadas, as duas sorriram uma para a outra na linha de chegada. Aliena percebeu que Ellen tinha pernas morenas esguias e musculosas e um físico compacto. Todos aqueles anos vivendo na floresta haviam tornado seu corpo resistente.

Jack veio parabenizar a mãe pela vitória. O afeto entre os dois era visível. Não poderiam ser mais diferentes: Ellen era morena e bronzeada, com um par de olhos muito fundos, de um castanho dourado, e Jack, ruivo de olhos azuis. Ele devia se parecer com o pai, pensou Aliena. Nunca falavam sobre o pai de Jack, primeiro marido de Ellen. Talvez tivessem vergonha dele.

Ao observar os dois juntos, ocorreu a Aliena que Jack devia lembrar à mãe o marido perdido. Por isso talvez ela gostasse tanto dele. O filho devia ser, por assim dizer, tudo o que restava do homem que ela havia amado. Richard, irmão de Aliena, às vezes a lembrava do pai, e nesses momentos sentia por ele uma onda de afeto. Mas isso não a impedia de desejar que o caráter do irmão fosse mais parecido com o do pai.

Sabia que não deveria estar insatisfeita com ele. Richard tinha ido à guerra e lutado com bravura, e isso era tudo o que ele precisava fazer. No entanto, nos últimos tempos ela andava bastante descontente. Tinha dinheiro, segurança, uma casa com criados, roupas de boa qualidade, belas joias e uma posição respeitável na cidade. Se alguém perguntasse, diria que era feliz. Por baixo dessa superfície, porém, havia uma corrente de inquietação. Seu trabalho ainda a entusiasmava, mas havia manhãs em que ela se perguntava se tinha alguma importância o vestido que punha ou se usava joias ou não. Ninguém ligava para sua aparência, então por que ela deveria? Paradoxalmente, tinha se tornado mais consciente do próprio corpo. Quando caminhava, podia sentir os seios balançarem. Ao tomar

banho na beira do rio com as mulheres, ficava envergonhada por ser tão peluda. Montada no cavalo, tinha consciência de quais partes do seu corpo tocavam a sela. Era bem esquisito, como se houvesse um bisbilhoteiro a espiá-la o tempo todo, tentando olhar através de suas roupas e vê-la nua, e esse bisbilhoteiro fosse ela própria. Ela invadia a própria privacidade.

Deitou-se na grama, exausta. O suor escorria entre seus seios e pelo interior das coxas. Impaciente, ela começou a pensar em um problema mais imediato. Não tinha vendido toda a lã naquele ano. Não era culpa sua: a maioria dos negociantes tampouco vendera a totalidade dos velos, incluindo o prior Philip. Ele parecia muito calmo em relação à situação toda, mas Aliena estava aflita. O que iria fazer com toda aquela lã? Poderia guardá-la para o ano seguinte, claro. Mas e se novamente não conseguisse vendê-la? Não sabia quanto tempo a lã crua levava para se deteriorar. Intuíra que ela talvez secasse, tornando-se quebradiça e difícil de fiar.

Se as coisas dessem muito errado, ela não conseguiria sustentar Richard. Ser cavaleiro era uma atividade dispendiosa. O cavalo de combate, que custara 20 libras, tinha ficado arredio depois da batalha de Lincoln e agora era praticamente inútil. Em breve seu irmão iria pedir outro. Aliena podia comprar o animal, mas o gasto iria depauperar muito seus recursos. Richard sentia vergonha de depender dela, afinal, essa não era a situação normal de um cavaleiro, e esperava conseguir o suficiente em saques para se sustentar. Ultimamente, porém, estava no lado dos perdedores. Se ele quisesse reconquistar o condado, Aliena precisaria continuar prosperando.

No seu pior pesadelo, ela perdia todo o dinheiro e os dois voltavam a ficar na miséria, à mercê de padres desonestos, nobres lascivos e fora da lei sedentos de sangue, e acabavam indo parar na mesma masmorra fétida em que ela vira o pai pela última vez, acorrentado à parede e à beira da morte.

Às vezes, em compensação, ela tinha um sonho de felicidade. Nele, ela e Richard viviam juntos no castelo, seu antigo lar. Richard governava de modo tão sensato quanto Bartholomew no passado, e Aliena o ajudava como fizera com o pai, recebendo convidados importantes, cuidando da hospitalidade e sentando-se à sua esquerda na mesa principal nas refeições. Nos últimos tempos, porém, nem mesmo esse sonho a

satisfazia.

Ela balançou a cabeça para dissipar a melancolia e tornou a pensar na lã. O modo mais simples de lidar com o problema era não fazer nada. Poderia guardar o excedente até o ano seguinte e então, caso não conseguisse vendê-lo, assumir o prejuízo. Tinha caixa para isso. Havia, porém, o risco remoto de a mesma coisa acontecer no ano seguinte e de aquilo significar o início de uma tendência de baixa. Assim, ela começou a pensar em outra solução. Já havia tentado vender a lã a um tecelão de Kingsbridge, mas ele tinha toda a matéria-prima de que precisava.

Ocorreu-lhe então, ao observar as competidoras que se recuperavam da corrida, que a maioria das mulheres de Kingsbridge sabia fabricar tecido a partir da lã crua. Era um ofício tedioso mas simples, que os camponeses praticavam desde os tempos de Adão e Eva. A lã precisava ser lavada, depois penteada para remover os nós, em seguida fiada. O fio era então tecido e a fazenda de trama solta era por fim feltrada ou pisoada, para encolher e engrossar até virar um tecido que pudesse ser usado para fabricar roupas. As moradoras do vilarejo decerto estariam dispostas a trabalhar por 1 *penny* ao dia. Mas quanto tempo levaria? E a que preço o tecido pronto poderia ser vendido?

Ela teria de colocar o plano à prova com um pequeno grupo. Então, se desse certo, poderia pôr várias pessoas para trabalhar durante as longas noites de inverno.

Sentou-se, bastante animada com a nova ideia. Ellen estava deitada ao seu lado. Sentado depois da mãe, Jack olhou para Aliena, deu um leve sorriso e desviou os olhos, como se estivesse um pouco encabulado por ter sido pego a observá-la. Era um rapaz engraçado, com a cabeça cheia de ideias. Aliena se lembrava dele como um menino pequeno, de aspecto estranho, que não sabia como eram feitos os bebês. Mal havia prestado atenção em Jack quando ele fora morar em Kingsbridge. E agora ele parecia muito diferente, uma pessoa totalmente nova, como se houvesse brotado de lugar nenhum, uma flor surgida de manhã onde na véspera não havia nada a não ser terra. Para começar, não era mais estranho. Na verdade, pensou ela, olhando para ele e sorrindo de leve, as garotas deviam considerá-lo bonito. Ele com certeza tinha um belo sorriso. Ela própria não dava muita atenção à sua aparência, mas a imaginação do rapaz a deixava intrigada. Havia descoberto que, além de conhecer diversas

canções de gesta de cabo a rabo, algumas delas com milhares e milhares de versos, ele também sabia inventá-las conforme avançava, de modo que ela nunca tinha certeza se ele estava se lembrando ou improvisando.

E aquilo não era o único aspecto surpreendente a seu respeito. Ele era curioso em relação a tudo e ficava intrigado com coisas que os outros julgavam óbvias. Certo dia, havia perguntado de onde vinha toda a água do rio. “A cada hora, milhares e milhares de litros d’água passam por Kingsbridge, noite e dia, durante o ano inteiro. Isso vem acontecendo desde antes de nós nascermos, desde antes de nossos pais nascerem, desde antes de os pais deles nascerem. De onde vem tanta água? Será que existe um imenso lago que abastece o rio? Esse lago deve ser do tamanho da Inglaterra! E se um dia ele secar?” Ele vivia questionando coisas desse tipo, nem todas tão fantasiosas, e isso fizera Aliena perceber como ela própria estava carente de conversas inteligentes. A maioria das pessoas em Kingsbridge só sabia falar sobre agricultura e adultério, e nenhum dos dois assuntos a interessava. O prior Philip era diferente, claro, mas era raro ter uma conversa despreocupada com ele. Vivia sempre ocupado, cuidando da obra, dos monges ou do vilarejo. Aliena desconfiava de que Tom Builder também fosse muito inteligente, mas ele era um homem que pensava mais do que falava. Jack era o primeiro amigo verdadeiro que ela já tivera. Apesar da pouca idade, ele fora uma descoberta maravilhosa. Na verdade, quando estava longe de Kingsbridge, ela se pegava ansiando por retornar para poder conversar com ele.

Perguntou-se de onde ele tirava suas ideias, o que a fez reparar em Ellen. Que mulher estranha *ela* devia ser, para criar o filho na floresta! Aliena já havia conversado com Ellen e constatara que ela era uma alma parecida com a sua, uma mulher independente e autossuficiente, um tanto zangada com o modo como a vida a havia tratado.

– Ellen, onde *você* aprendeu as histórias? – perguntou num impulso.

– Com o pai do Jack – respondeu a outra sem pensar, mas seu rosto foi então dominado por uma expressão de cautela e Aliena soube que não deveria continuar o assunto.

Outro pensamento lhe ocorreu.

– Você sabe tecer?

– Claro – respondeu Ellen. – Quem não sabe?

– Gostaria de tecer por dinheiro?

– Pode ser. Qual é a sua ideia?

Aliena lhe explicou. É claro que Ellen tinha dinheiro suficiente, mas quem o ganhava era Tom e Aliena desconfiava de que ela gostaria de ter o dinheiro dela.

A desconfiança se revelou correta.

– Está bem, vou experimentar – concordou Ellen.

Bem nessa hora, Alfred, enteado de Ellen, apareceu. Assim como o pai, Alfred era quase um gigante. A maior parte de seu rosto se escondia sob uma barba cerrada, mas os olhos, bem juntos, lhe davam um aspecto ardiloso. Ele sabia ler, escrever e contar, mas mesmo assim era muito burro. Apesar disso, havia prosperado e tinha sua própria equipe de pedreiros, aprendizes e serventes. Aliena observara que homens altos muitas vezes conseguiam posições de poder, independentemente da inteligência. Como chefe de equipe, Alfred contava com outra vantagem, claro: tinha certeza de que sempre haveria trabalho para seus homens, pois seu pai era o mestre construtor da catedral de Kingsbridge.

Ele se sentou na grama ao lado de Aliena. Tinha pés enormes, calçados com pesadas botas de couro cinzentas de tanto pó de pedra. Aliena raramente falava com ele. Os dois deveriam ter muito em comum, pois eram os únicos jovens da classe mais alta de Kingsbridge, que viviam em casas de pedra coladas ao muro do priorado, mas Alfred nunca lhe pareceu interessante. Após alguns segundos, ele falou, de modo abrupto:

– A igreja deveria ser de pedra.

Obviamente, quem o ouvia deveria tentar entender por conta própria o contexto do comentário. Aliena pensou por alguns instantes.

– A igreja paroquial, você quer dizer? – perguntou por fim.

– Sim – respondeu ele, como se fosse óbvio.

A igreja paroquial agora tinha bastante atividade, pois a cripta da catedral, usada pelos monges, era apertada e abafada, e a população de Kingsbridge tinha crescido. No entanto, essa igreja não passava de uma velha construção de madeira com telhado de colmo e chão de terra batida.

– Tem razão – disse Aliena. – Deveríamos ter uma igreja de pedra.

Alfred a encarava com um ar de expectativa. Ela se perguntou o que ele esperava que ela dissesse.

– Qual é a sua ideia, Alfred? – perguntou Ellen, que devia estar acostumada a arrancar as palavras dele.

– Como as igrejas começam, afinal? – indagou ele. – Quer dizer, se quiséssemos uma igreja de pedra, o que teríamos de fazer?

Ellen deu de ombros.

– Não faço ideia.

Aliena franziu o cenho.

– Você poderia formar uma guilda paroquial – sugeriu ela.

As guildas paroquiais eram associações de pessoas que de vez em quando organizavam banquetes e recolhiam dinheiro entre seus membros, em geral para comprar velas para a igreja ou ajudar viúvas e órfãos do bairro. Pequenos povoados não costumavam ter guildas, mas Kingsbridge não era mais um povoado.

– Como funcionaria? – quis saber Alfred.

– Os membros da guilda pagariam pela igreja nova – respondeu Aliena.

Pensou se havia julgado mal o rapaz. Ele nunca lhe parecera uma pessoa muito religiosa, mas agora se mostrava disposto a angariar fundos para construir uma nova igreja. Talvez tivesse qualidades insuspeitas. Então percebeu que Alfred era o único empreiteiro de Kingsbridge e, portanto, a construção da igreja com certeza seria sua. Ele podia não ser inteligente, mas era bastante astuto.

Mesmo assim, ela continuou gostando da ideia. Kingsbridge estava se tornando uma cidade, e as cidades sempre possuíam mais de uma igreja. Com uma alternativa à catedral, Kingsbridge não seria completamente dominada pelo mosteiro. Por enquanto, o mestre e senhor incontestado ali era Philip. Ele era um tirano benevolente, mas Aliena podia imaginar uma época em que os negociantes talvez achassem conveniente dispor de uma igreja alternativa.

– Você poderia explicar a alguns dos moradores o que seria a guilda? – pediu Alfred.

Aliena já havia recuperado o fôlego depois da corrida. Relutava em trocar a companhia de Ellen e Jack pela de Alfred, mas aquela ideia a entusiasmara bastante, e de toda forma teria sido um pouco grosseiro recusar.

– Com prazer – falou, então se levantou e o seguiu.



O sol estava se pondo. Os monges haviam acendido a fogueira e agora serviam a tradicional cerveja aromatizada com gengibre. Agora que os dois estavam sozinhos, Jack queria fazer uma pergunta à mãe, mas estava nervoso. Então alguém começou a cantar e ele soube que a qualquer momento ela também se juntaria ao coro, de modo que jogou as palavras sem pensar:

– Meu pai era menestrel?

Ellen o encarou. Estava surpresa, mas não zangada.

– Onde aprendeu essa palavra? – quis saber. – Você nunca viu um menestrel.

– Aliena. Ela costumava ir à França com o pai.

A mãe deixou os olhos se perderem na campina a meia-luz em direção à fogueira.

– Sim, ele era menestrel. Foi ele quem me contou todos aqueles poemas, do mesmo jeito que eu contei para você. E agora você tem recitado os poemas para Aliena?

– Tenho.

Jack se sentiu um pouco encabulado.

– Você a ama de verdade, não é?

– É tão óbvio assim?

Ela abriu um sorriso afetuoso.

– Só para mim, acho. Ela é bem mais velha do que você.

– Cinco anos.

– Mas você vai conquistá-la. É igualzinho ao seu pai. Ele poderia ter conseguido qualquer mulher que quisesse.

Jack estava com vergonha de falar sobre Aliena, mas animado por ouvir sobre o pai. Queria saber mais, mas para sua grande decepção Tom apareceu bem nessa hora, se sentou com eles e começou a falar:

– Estive conversando com o prior Philip sobre Jack. Seu tom era leve, mas o garoto sentiu uma tensão por trás das palavras e percebeu que haveria problemas. – Ele acha que o rapaz precisa de instrução.

A reação da mãe foi previsível: ela ficou indignada.

– Ele tem instrução – rebateu Ellen. – Sabe ler e escrever em inglês e

francês, sabe contar, sabe recitar livros inteiros em verso...

– Não me interprete mal de propósito – interrompeu Tom, firme. – Philip não falou que Jack é ignorante. Muito pelo contrário. Disse que ele é tão inteligente que deveria estudar mais.

O rapaz não gostou muito dos elogios. Compartilhava a desconfiança da mãe pelos religiosos. Com certeza devia haver um lado ruim naquela história.

– Mais? – repetiu Ellen com desdém. – O que mais aquele monge quer que ele aprenda? Vou dizer o quê. Teologia. Latim. Retórica. Metafísica. Essa bosta toda.

– Não descarte tão depressa – disse Tom, num tom brando. – Se Jack aceitar a proposta de Philip, se estudar e aprender a escrever depressa com uma boa caligrafia de secretário, se estudar latim, teologia e todas as outras matérias que você chama de bosta, poderia virar escrivão de um conde ou de um bispo e talvez acabar se tornando um homem rico e poderoso. Nem todos os nobres são filhos de nobres, como diz o ditado.

Ellen estreitou os olhos, o que significava perigo.

– Se ele aceitar a proposta de Philip, você diz. Qual é a proposta de Philip exatamente?

– Que Jack se torne monge noviço...

– Só por cima do meu cadáver! – gritou Ellen, levantando-se de um pulo. – A maldita Igreja não vai levar meu filho! Esses padres mentirosos e traiçoeiros já levaram o pai dele, mas não vão arrastar Jack também. Prefiro enfiar uma faca na barriga de Philip, estou falando sério, juro por todos os deuses.

Não era a primeira vez que Tom via Ellen se descontrolar e não ficou tão impressionado.

– Que diabo deu em você, mulher? – disse com calma. – O rapaz recebeu uma proposta magnífica.

O que mais tinha intrigado Jack eram as palavras *Esses padres mentirosos e traiçoeiros já levaram o pai dele*. O que ela queria dizer com isso? Quis perguntar, mas não teve oportunidade.

– Ele não vai ser monge! – berrou ela.

– Se ele não quiser, não precisa.

A mãe continuou emburrada.

– Aquele prior ardiloso tem o dom de sempre conseguir o que quer –

disse ela.

Tom se virou para Jack.

– Já está na hora de você dizer algo, rapaz. O que *você* quer fazer da vida?

Jack nunca pensara nisso especificamente, mas a resposta veio sem hesitação, como se já tivesse decidido havia muito tempo.

– Eu vou ser mestre construtor, como você – respondeu ele. – Vou construir a catedral mais bonita que o mundo já viu.



A borda vermelha do sol desapareceu no horizonte e a noite caiu. Estava na hora do último ritual da véspera do solstício de verão: os desejos flutuantes. Jack já havia preparado um toco de vela e um pedaço de madeira. Olhou para Ellen e Tom. Ambos o observavam, um pouco aturdidos: sua certeza em relação ao próprio futuro os deixara surpresos. Não era de espantar: ele também ficara.

Quando viu que eles não tinham mais nada a dizer, levantou-se de um pulo e atravessou a campina correndo até a fogueira. Acendeu um graveto seco na fogueira, derreteu um pouco a base da vela e colou-a no pedaço de madeira, então acendeu o pavio. A maioria dos moradores do vilarejo fazia o mesmo. Os que não tinham dinheiro para uma vela construíam uma espécie de barquinho com grama e juncos secos e entrelaçavam as folhas secas no meio para formar um pavio.

Jack viu Aliena em pé bem perto dele. Seu rosto se destacava à luz vermelha da fogueira e ela parecia profundamente entretida em pensamentos.

– Qual vai ser o seu desejo, Aliena? – perguntou ele, num impulso.

Ela respondeu sem parar para pensar:

– Paz.

Então, um pouco espantada, ela olhou para o outro lado.

Jack se perguntou se era loucura amá-la. Ela gostava dele, era verdade, afinal os dois tinham ficado amigos, mas a ideia de se deitarem juntos nus e beijarem a pele quente um do outro estava tão ausente do coração dela quanto presente no seu.

Quando estavam prontos, todos se ajoelharam na beira do rio ou entraram na parte rasa. Segurando as velas acesas, cada um fez um pedido. Jack fechou os olhos e imaginou Aliena deitada em uma cama, com os seios a despontar por cima da colcha, estendendo os braços para ele e dizendo: “Venha fazer amor comigo, marido.” Então todos depositaram cuidadosamente as velas na água. Se o barquinho afundasse ou a chama se apagasse, significava que o desejo jamais viraria realidade. Assim que Jack o soltou, seu barquinho se afastou, o pedaço de madeira sumiu e somente a chama permaneceu visível. Ele a observou com atenção por certo tempo, então a perdeu em meio às centenas de luzinhas que dançavam e balançavam na superfície, desejos tremeluzentes que seguiram flutuando correnteza abaixo até virarem na curva do rio e sumirem de vista.

III

Jack passou aquele verão inteiro contando histórias para Aliena.

Eles se encontravam na clareira perto da pequena cascata aos domingos, no início ocasionalmente, depois com regularidade. Ele lhe contou as histórias de Carlos Magno e seus cavaleiros e de Guilherme de Orange e os sarracenos. Enquanto narrava, ficava completamente absorto pelas histórias. Aliena gostava de observar as expressões mudarem em seu rosto jovem. A injustiça o indignava, a traição o consternava, a coragem de um cavaleiro o empolgava e uma morte heroica o levava às lágrimas. Como as emoções dele eram contagiantes, ela também se emocionava. Alguns dos poemas eram longos demais para serem recitados em uma só tarde e, quando ele precisava contar uma história em vários capítulos, sempre a interrompia em um momento de tensão, de forma que Aliena passava a semana inteira se perguntando o que aconteceria a seguir.

Ela nunca falava a ninguém sobre esses encontros. Não sabia muito bem por quê. Talvez porque ninguém fosse entender o fascínio daquelas histórias. Qualquer que fosse o motivo, simplesmente deixava que pensassem que ela dedicava seus domingos aos passeios de sempre. Sem combinar nada com Aliena, Jack também deixou que todos pensassem que

fazia seu passeio habitual, de modo que chegaram a um ponto em que nenhum dos dois podia contar a verdade para ninguém sem parecer estar confessando algo do qual se sentia culpado. Assim, um tanto por acidente, os encontros se tornaram secretos.

Certo domingo, só para variar, Aliena leu para ele em voz alta o *Romance de Alexandre*. Ao contrário dos poemas de Jack, em que havia intrigas da corte, política internacional e morte repentina em combate, a história de Aliena tinha casos de amor e magia. Jack ficou encantado com esses novos elementos da trama e no domingo seguinte iniciou uma nova narrativa que ele próprio inventava.

Era um dia quente de fim de agosto. Aliena usava sandálias e um vestido leve de linho. A floresta estava parada e silenciosa, exceto pelo tilintar da cascata e pela cadência da voz de Jack. A história começou de modo convencional, com a descrição de um cavaleiro valente, alto e forte, temível nas batalhas e armado com uma espada mágica, que era incumbido de uma difícil tarefa: viajar até uma terra distante no Oriente e trazer uma videira da qual brotavam rubis. Mas a história logo se desviou do habitual. O cavaleiro morreu e a trama passou a acompanhar seu escudeiro, rapaz pobre corajoso, de 17 anos, perdidamente apaixonado pela filha do rei, uma linda princesa. O escudeiro jurava cumprir a tarefa confiada a seu senhor, embora fosse jovem, inexperiente e tivesse apenas um pônei malhado e um arco.

Em vez de vencer o inimigo com um golpe vigoroso da espada mágica, como o herói em geral fazia nessas histórias, o escudeiro travava batalhas nas quais tinha uma desvantagem tremenda e só vencía por sorte ou engenhosidade, com frequência escapando da morte por um triz. Muitas vezes, ao contrário dos destemidos cavaleiros de Carlos Magno, ele tinha medo dos inimigos que enfrentava, mas nem assim virava as costas à sua missão. No entanto, assim como seu amor, sua tarefa parecia fadada ao fracasso.

Aliena se pegou mais fascinada pela determinação do escudeiro do que havia ficado pelo poderio de seu senhor. Roía as unhas, nervosa, quando ele se aventurava em território inimigo, se assustava quando a espada de um gigante quase o atingia e suspirava quando ele deitava a cabeça solitária para dormir e sonhar com a princesa distante. Seu amor por ela condizia com seu caráter perseverante.

Por fim, ele conseguia trazer para o reino a videira de rubis, impressionando a corte inteira.

– Mas o escudeiro não ligava tanto assim para todos aqueles barões e condes – disse Jack com um estalar desdenhoso dos dedos. – Apenas uma pessoa interessava a ele. Nessa noite, ele se esgueirou até o quarto dela, escondendo-se dos guardas graças a um astucioso truque aprendido na viagem ao Oriente. Finalmente, postou-se ao lado da cama dela e fitou seu rosto.

Jack encarou Aliena nos olhos ao dizer isso.

– Ela acordou na hora, mas não sentiu medo. O escudeiro estendeu a mão e segurou a dela com delicadeza.

Jack fez o que as palavras diziam: estendeu a mão, segurou a de Aliena e a manteve presa entre as suas. Enfeitiçada pela intensidade daquele olhar e pelo poder do amor do jovem escudeiro, ela mal percebeu o gesto.

– Ele lhe disse: “Eu a amo com todo o meu coração” e a beijou nos lábios.

Jack se inclinou e deu um beijo em Aliena. Seus lábios tocaram os dela tão de leve que ela mal sentiu. Foi muito rápido e ele retomou imediatamente a história.

– A princesa adormeceu – continuou.

Aliena pensou: Isso aconteceu mesmo? Será que Jack me beijou? Mal conseguia acreditar, mas ainda podia sentir os lábios dele nos seus.

– No dia seguinte, o escudeiro perguntou ao rei se podia se casar com a princesa como recompensa por ter trazido a videira de rubis.

Ele me beijou sem pensar, concluiu Aliena. Era apenas parte da história. Nem deve ter percebido o que fez. Vou esquecer e pronto.

– Mas o rei negou o pedido. O escudeiro ficou arrasado. Todos os cortesãos riram. Nesse mesmo dia, o jovem foi embora do reino, montado seu pônei malhado, mas jurou voltar e se casar com a linda princesa. – Jack se calou e soltou a mão de Aliena.

– E depois, o que aconteceu? – quis saber ela.

– Não sei – respondeu Jack. – Ainda não pensei nisso.



Todas as pessoas importantes de Kingsbridge entraram para a guilda paroquial. A ideia era nova para a maioria, mas eles gostaram de pensar que aquela agora era uma cidade, não mais uma aldeia, e ficaram envaidecidos pelo apelo a que eles, na condição de seus principais cidadãos, providenciassem uma igreja de pedra.

Aliena e Alfred recrutaram os membros e organizaram o primeiro almoço da guilda, em meados de setembro. As principais ausências foram o prior Philip, um tanto hostil à iniciativa – embora não o bastante para proibi-la –, Tom Builder, que se recusou em solidariedade a Philip, e Malachi, excluído devido à sua religião.

Enquanto isso, Ellen havia preparado um rolo de tecido com a lã excedente de Aliena. O material era áspero e sem cor, mas servia para os hábitos dos monges, e Cuthbert, despenseiro do priorado, acabou por comprá-lo. Pagou barato, mas ainda assim era o dobro do preço da lã original, de forma que Aliena ainda lucrou meia libra após dar a Ellen 1 *penny* por dia de trabalho. Cuthbert se mostrou disposto a comprar mais fazenda por aquele preço e Aliena então adquiriu a lã excedente de Philip para juntar ao seu próprio estoque e contratou mais uma dúzia de pessoas, a maioria mulheres, para tecê-la. Ellen aceitou fabricar mais um fardo, mas não quis fuloar o tecido, pois achava aquele trabalho duro demais – no que grande parte do grupo concordava.

Aliena entendia. Fuloar ou pisoar a lã eram trabalhos pesados. Lembrava-se de quando ela e Richard tinham procurado um mestre fulão em Winchester para lhe pedir emprego. Dois homens ficavam batendo a lã com bastões dentro de um cocho enquanto uma mulher jogava água. A mulher havia mostrado a Aliena as mãos esfoladas e vermelhas e, quando os homens colocaram um fardo de lã molhada nos ombros de Richard, o peso o fizera cair de joelhos. A maioria das pessoas era capaz de fuloar uma pequena quantidade, o bastante para fabricar as próprias roupas e as da família, mas só homens fortes conseguiam fazer aquele trabalho o dia inteiro. Aliena disse a seus tecelões que fossem em frente: podiam fabricar tecido de trama frouxa e ela contrataria homens para a fula ou então venderia o tecido para um mestre fulão em Winchester.

O almoço da guilda foi na igreja de madeira. Aliena providenciou a comida. Dividiu a preparação entre os membros, a maioria dos quais tinha pelo menos um criado em casa. Alfred e seus homens fabricaram uma

mesa comprida com cavaletes e pranchas. Trouxeram cerveja forte e um barril de vinho.

Todos se acomodaram de cada lado da mesa, sem ninguém na cabeceira, pois na guilda todos deveriam ser iguais. Aliena usou um vestido vermelho-escuro de seda enfeitado com um broche de ouro e rubis e uma peliça em tom cinza-escuro com mangas largas, como pedia a última moda. O padre da paróquia agradeceu pela comida. Ele, naturalmente, havia adorado a ideia da guilda, pois uma igreja nova aumentaria seu prestígio e multiplicaria sua renda.

Alfred apresentou um orçamento e um cronograma para a construção da nova igreja. Falou como se tivesse preparado tudo aquilo, mas Aliena sabia que Tom era responsável pela maior parte. A obra levaria dois anos e custaria 90 libras, e Alfred sugeriu que os quarenta integrantes da guilda pagassem 6 *pence* por semana cada um. Era um pouco acima do que alguns deles haviam previsto, como Aliena pôde ver pelas expressões à mesa. Todos concordaram, mas ela deduziu que a guilda poderia contar com uma ou duas desistências.

Ela própria conseguiria pagar sem dificuldade. Ao olhar em volta da mesa, deu-se conta de que devia ser a pessoa mais rica presente. Fazia parte de uma minoria: as únicas outras mulheres na guilda eram uma fabricante de cerveja com reputação de produzir uma bebida boa e forte, uma costureira que empregava outras duas, além de aprendizes, e a viúva de um sapateiro que administrava o negócio deixado pelo marido. Aliena era a mais jovem das mulheres à mesa e também mais nova do que todos os demais, exceto Alfred, que tinha um ou dois anos a menos.

Ela sentia falta de Jack. Ainda não havia escutado o segundo capítulo da história do jovem escudeiro. Era feriado e ela gostaria de ter ido encontrá-lo na clareira. Talvez ainda conseguisse ir, mais tarde.

À mesa, conversava-se sobre a guerra civil. A rainha Matilda, esposa de Estêvão, havia lutado com afinco maior do que qualquer um imaginara: as notícias recentes eram de que tinha invadido a cidade de Winchester e capturado Robert de Gloucester. Robert era irmão da imperatriz Matilda, adversária de Estêvão, e comandante-chefe de suas forças militares. Alguns diziam que ela era só um fantoche e que o verdadeiro líder da rebelião era Robert. De toda forma, sua captura era quase tão ruim para Matilda quanto a de Estêvão tinha sido para os defensores do rei, e cada

um à mesa tinha sua opinião sobre que rumo a guerra iria tomar agora.

A bebida era mais forte do que a que fora servida pelo prior Philip e, à medida que a refeição avançou, os convivas começaram a falar mais alto. O padre não conseguiu impor nenhum comedimento, decerto porque ele mesmo estava bebendo tanto quanto os demais. Alfred, sentado ao lado de Aliena, parecia preocupado, mas até mesmo ele ficou com o rosto corado. Já Aliena, que não gostava de bebidas fortes, tomou apenas uma caneca de sidra enquanto comia.

Quando a maior parte da comida já havia sido consumida, alguém propôs um brinde a Alfred e Aliena, o que o deixou radiante. Em seguida começaram os cantos, e Aliena se perguntou em quanto tempo conseguiria sair sem ser notada.

– Nós conseguimos, juntos – disse-lhe Alfred.

Ela sorriu.

– Vamos ver quantos deles ainda estarão pagando 6 *pence* por semana daqui a exatamente um ano.

Mas Alfred não queria ouvir falar em incertezas ou restrições naquele momento.

– Nós conseguimos – repetiu. – Formamos uma boa equipe. – Ele ergueu sua caneca para ela e bebeu. – Não acha que formamos uma boa equipe?

– Com certeza sim – respondeu ela para agradá-lo.

– Eu gostei – prosseguiu ele. – De fazer isso com você... a guilda, quero dizer.

– Também gostei – disse ela, educada.

– Gostou mesmo? Isso me deixa muito feliz.

Ela o observou com mais atenção. Por que ele insistia naquele ponto? Sua fala estava clara e precisa, e ele não dava sinais de estar realmente embriagado.

– Foi tudo bem – falou, indiferente.

Ele pôs a mão em seu ombro. Aliena detestava ser tocada, mas havia se condicionado a não se retrair, pois os homens se ofendiam muito com isso.

– Me diga uma coisa – falou ele, baixando a voz para um tom de intimidade. – O que você procura em um marido?

Ele não pode estar pensando em me pedir em casamento, pensou ela, consternada. Deu sua resposta de sempre.

– Não preciso de marido. Meu irmão já dá trabalho suficiente.

– Mas você precisa de amor – disse ele.

Ela reprimiu um grunhido. Estava a ponto de responder quando ele ergueu uma das mãos para detê-la, um hábito masculino que ela considerava particularmente irritante.

– Não venha me dizer que não precisa de amor – continuou ele. – Todo mundo precisa.

Ela o encarou com firmeza. Sabia que era diferente das outras mulheres: a maioria queria se casar e, se aos 22 anos, ainda fossem solteiras, como ela, ficavam desesperadas. Qual é o problema comigo?, pensou ela. Alfred era jovem, estava em boa condição física e era próspero. Metade das moças de Kingsbridge gostaria de se casar com ele. Por um instante, brincou com a ideia de dizer sim. Mas a perspectiva de morar com Alfred, de jantar com ele todas as noites, de ir com ele à igreja e dar à luz seus filhos era repulsiva. Ela preferia a solidão. Balançou a cabeça.

– Esqueça, Alfred – falou, firme. – Eu não preciso de um marido, nem para ter amor nem para qualquer outra coisa.

Aquilo não bastou para desencorajá-lo.

– Eu amo você, Aliena – declarou. – Trabalhar com você me fez muito feliz. Preciso de você. Quer ser minha mulher?

Pronto, agora ele havia pedido. Era uma pena, pois significava que teria que rejeitá-lo de forma bem direta. Havia aprendido que de nada adiantava tentar ser delicada nessa hora: os homens interpretavam uma recusa gentil como sinal de indecisão e a pressionavam ainda mais.

– Não, não quero – respondeu. – Eu não o amo nem gostei tanto assim de trabalhar com você. Não o desposaria nem se você fosse o único homem da face da Terra.

Ele ficou magoado. Devia ter pensado que tinha boas chances. Aliena estava certa de não ter feito nada para encorajá-lo. Tratara-o de igual para igual, como um colega, escutara-o, conversara com ele de modo franco, cumprira suas responsabilidades e esperara que ele cumprisse as dele. Mas alguns homens interpretavam isso como incentivo.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? – gaguejou ele.

Aliena suspirou. Ele havia sentido o golpe. Teve pena dele. Dali a instantes, porém, ele iria se mostrar indignado e agir como se ela o tivesse

acusado de forma injusta. Então, por fim, se convenceria de que ela o havia ofendido e ficaria agressivo. Nem todos os pretendentes rejeitados se comportavam assim, mas havia alguns que sim, e era o que esperava de Alfred. Ela precisava ir embora.

Levantou-se.

– Respeito seu pedido e agradeço a honra que você me faz – falou. – Por favor, respeite a minha recusa e não insista.

– Imagino que você esteja correndo para ver aquele meu irmãozinho adotivo arrogante – disse ele, maldoso. – Não imagino que ele dê conta de você.

Aliena corou de vergonha. Isso significava que as pessoas estavam começando a notar sua amizade com Jack. Era típico de Alfred interpretar aquela amizade de maneira obscena. Bem, ela estava mesmo fugindo para ver Jack e não iria se deixar deter por Alfred. Abaixou-se e aproximou o rosto do dele. Ele se assustou. Com uma voz baixa e bem pausada, ela falou:

– Vá. Para. O. Inferno.

Então virou as costas e saiu.



O prior Philip julgava as contendas na cripta uma vez por mês. Antigamente, era uma vez por ano, e mesmo assim raramente levava o dia todo. Como a população havia triplicado, porém, as infrações eram agora dez vezes mais numerosas.

A natureza dos crimes também havia mudado. Antes, a maioria tinha a ver com terras, colheitas ou rebanhos. Um camponês ganancioso tentava modificar os limites de um campo para aumentar suas terras em prejuízo de um vizinho; um trabalhador roubava um saco de milho da viúva para quem trabalhava; uma mulher pobre, com filhos para alimentar, ordenhava uma vaca que não lhe pertencia. Agora a maioria dos casos envolvia dinheiro, pensou Philip durante a sessão do primeiro dia de dezembro. Aprendizinhos roubavam de seus mestres, um homem pegava as economias da sogra, negociantes faziam circular moedas falsas e mulheres ricas enganavam criados ignorantes que mal sabiam contar seu ordenado

semanal. Cinco anos antes, não havia crimes assim em Kingsbridge, pois naquela época ninguém tinha muito dinheiro.

Philip resolvia quase todas as questões com uma multa. Também podia mandar açoitar os infratores, colocá-los no tronco, ou então encarcerá-los nas celas localizadas sob o dormitório dos monges, mas eram punições mais raras, reservadas sobretudo a crimes violentos. Tinha o direito de enforcar ladrões, e o priorado possuía um sólido patíbulo de madeira, mas ele não o havia usado, não ainda, e acalentava uma esperança secreta de nunca vir a usar. Os crimes mais sérios – assassinato, abater os cervos do rei, roubar nas estradas – eram responsabilidade do tribunal real em Shiring, presidido pelo representante do rei, e Eustace já enforcava gente mais do que suficiente.

Nesse dia, Philip teve sete casos de moagem de grãos sem autorização. Deixou-os para o final e resolveu todos juntos. O priorado acabara de construir um novo moinho d'água para funcionar junto com o antigo, já que Kingsbridge agora precisava de dois. Só que a construção tinha um preço, de forma que todos eram obrigados a levar seus grãos para serem moídos no priorado e pagar por isso. Estritamente falando, a lei sempre fora essa, assim como em qualquer outro feudo do país: os camponeses não podiam moer seus grãos em casa, tinham que pagar para que o senhor o fizesse. Nos últimos anos, à medida que a cidade crescera e o moinho velho começara a quebrar com frequência, Philip fingira não ver uma quantidade crescente de moagem ilícita. Agora, porém, precisava conter os estragos.

Escrevera o nome dos infratores em uma lousa e os leu em voz alta, um a um, a começar pelo mais rico.

– Richard Longacre, irmão Franciscus, moleiro do priorado, disse que você tem uma grande moenda girada por dois homens.

Um pequeno proprietário de aspecto próspero deu um passo à frente.

– Sim, senhor meu prior, mas agora já a quebrei.

– Pague 60 *pence*. Enid Brewster, você tinha uma moenda manual na sua cervejaria. Eric Enidson foi visto usando-a, e ele também está sendo acusado.

– Sim, senhor prior – confessou Enid, uma mulher de rosto vermelho e ombros fortes.

– E onde está essa moenda agora? – indagou Philip.

– Joguei no rio, senhor prior.

Philip não acreditou, mas não havia grande coisa que pudesse fazer.

– Multa de 24 *pence* e 12 para seu filho. Walter Tanner?

Ele foi percorrendo a lista, multando as pessoas conforme a escala de suas operações ilegais, até chegar à última e mais pobre.

– Viúva Goda?

Uma velha de rosto emaciado, toda vestida de preto, deu um passo à frente.

– Irmão Franciscus a viu moendo grãos com uma pedra.

– Eu não tinha 1 *penny* para pagar pelo moinho, senhor prior – explicou ela, com amargura.

– Mas tinha 1 *penny* para comprar o grão – retrucou Philip. – Será punida como os outros.

– O senhor quer que eu morra de fome? – perguntou ela, em tom desafiador.

Philip suspirou. Preferiria que irmão Franciscus tivesse fingido que não vira Goda violando a lei.

– Quando foi a última vez que alguém morreu de fome em Kingsbridge? – indagou. Olhou em volta para os cidadãos reunidos. – Alguém se lembra da última vez que alguém morreu de fome na nossa cidade? – Fez uma pausa, como se esperasse uma resposta, e então prosseguiu: – Acho que vão constatar que foi antes do meu tempo.

– Dick Shorthouse morreu no inverno passado – argumentou Goda.

Philip se lembrava dele, um mendigo que dormia em chiqueiros e estábulos.

– Dick caiu bêbado na rua à meia-noite e morreu congelado quando nevou – retrucou o prior. – Ele não morreu de fome, e se estivesse sóbrio o bastante para andar até o priorado tampouco teria morrido de frio. Se estiver com fome, não tente me ludibriar, venha me pedir caridade. E se for orgulhosa demais para fazer isso e preferir violar a lei, deve aceitar a punição como todos os outros. Está me ouvindo?

– Sim, senhor prior – concordou a mulher, emburrada.

– Multa de um quarto de *penny* – disse Philip. – Sessão encerrada.

Ele se levantou e saiu, subindo a escada que conduzia da cripta ao térreo.

O ritmo da obra da catedral nova havia diminuído drasticamente, como

sempre acontecia quando estavam a cerca de um mês do Natal. As extremidades laterais e superiores expostas e inacabadas das estruturas de cantaria eram cobertas de palha e estrume, trazidos dos estábulos do priorado, para impedir que a argamassa nova congelasse. Os pedreiros não podiam trabalhar no inverno por causa do gelo, diziam. Philip havia perguntado por que não podiam descobrir as paredes toda manhã e tornar a cobri-las à noite, já que durante o dia não costumava esfriar tanto. Segundo Tom, o que se construía no inverno desabava. Philip acreditava, mas não achava que a causa fosse o gelo. Achava que o verdadeiro motivo fosse que a argamassa levava muitos meses para assentar como devia. O intervalo do inverno a deixava dura demais antes de a cantaria do ano seguinte fosse construída por cima. Isso também poderia explicar a superstição dos pedreiros de que dava má sorte levantar mais de 6 metros de construção em um único ano: acima disso, as partes baixas seriam deformadas pelo peso antes que argamassa secasse.

Philip se espantou ao perceber todos os pedreiros ao ar livre no que seria a chancela da igreja. Foi ver o que estavam fazendo.

Eles haviam construído uma estrutura de madeira semicircular, que escoraram com varas de ambos os lados. Philip sabia que o arco de madeira fazia parte do que eles chamavam de moldes, cujo objetivo era sustentar o arco de pedra durante a construção. Nesse momento, contudo, os pedreiros estavam montando o arco no nível do chão, sem argamassa, certificando-se que as pedras se encaixassem perfeitamente. Aprendizes e serventes levantavam as pedras por cima da estrutura enquanto os pedreiros supervisionavam.

Tom viu que o prior se aproximava.

– O que é isso? – perguntou Philip.

– Um arco para a galeria da tribuna.

Philip olhou para cima, pensativo. A arcada tinha sido concluída no ano anterior e a tribuna ficaria pronta no ano seguinte. Faltaria então apenas o último nível, o clerestório, antes de instalar o telhado. Agora que as paredes haviam sido cobertas para o inverno, os pedreiros estavam preparando as pedras para o trabalho do ano seguinte. Se aquele arco ficasse como devia, as pedras para todos os outros seriam cortadas nos mesmos formatos.

Os aprendizes, entre os quais Jack, enteado de Tom, montavam o arco a

partir das laterais, colocando as pedras em formato de cunha chamadas aduelas. Embora a estrutura fosse ficar bem alta na igreja, seria decorada por intrincados relevos, de modo que a superfície visível de cada pedra tinha uma linha com afrescos piramidais, outra linha de pequenos medalhões e uma linha inferior de espirais simples. Quando as pedras eram unidas, os relevos se alinhavam de forma exata, formando três arcos contínuos, um de pirâmides, outro de medalhões e um terceiro de espirais. Isso dava a impressão de que o arco era feito de vários arcos semicirculares de pedra posicionados uns por cima dos outros, quando na verdade era constituído por aduelas posicionadas lado a lado. Mas as pedras tinham de se encaixar de forma precisa, caso contrário os relevos não se alinhariam e a ilusão daria errado.

Philip observou Jack posicionar a pedra central no topo. O arco agora estava pronto. Quatro pedreiros pegaram martelos e retiraram as cunhas que sustentavam o molde de madeira alguns centímetros acima do chão. A estrutura de madeira desabou de modo impressionante. Embora não houvesse argamassa entre as pedras, o arco permaneceu de pé. Tom Builder deu um grunhido de satisfação.

Alguém puxou a manga de Philip. Ao se virar, ele deparou com um jovem monge.

– Visita para o senhor, padre. Ele está aguardando na sua casa.

– Obrigado, filho.

Philip se afastou dos construtores. Se os monges tinham levado o visitante para esperar na casa do prior era porque se tratava de alguém importante. Atravessou o terreno e andou até sua casa.

O visitante era seu irmão Francis. Philip o abraçou com carinho. Francis parecia preocupado.

– Eles lhe ofereceram algo para comer? – perguntou Philip. – Você parece cansado.

– Deram-me um pouco de pão e de carne, obrigado. Passei o outono percorrendo a cavalo o caminho entre Bristol, onde o rei Estêvão estava preso, e Rochester, onde o conde Robert estava detido.

– “Estava”, você disse.

Francis aquiesceu.

– Negocieei a troca: Estêvão por Robert. Ela foi feita no dia de Todos os Santos. O rei Estêvão está de volta a Winchester.

Philip ficou espantado.

– Parece-me que a imperatriz Matilda saiu em desvantagem nesse acordo... Entregou um rei em troca de um conde.

Francis balançou a cabeça.

– Sem Robert ela estava indefesa. Ninguém gosta dela, ninguém confia nela. O apoio que tinha estava ruindo. Ela precisava dele de volta. A rainha Matilda, esposa de Estêvão, foi inteligente. Não aceitou ninguém em troca a não ser o marido. Fincou o pé e conseguiu.

Philip foi até a janela e olhou para fora. Havia começado a chover, uma chuva fria e enviesada que fustigava o canteiro de obras, escurecendo as paredes altas da catedral e pingando dos telhados baixos de colmo dos barracões dos artesãos.

– O que isso significa? – indagou.

– Significa que Matilda é outra vez apenas uma aspirante ao trono. Afinal, seu adversário, o rei Estêvão, foi coroado, enquanto ela nunca conseguiu que a coroassem.

– Mas quem concedeu a licença para o meu mercado foi Matilda.

– Sim. Isso talvez seja um problema.

– Minha licença é inválida?

– Não. Ela foi concedida de modo correto por uma governante legítima que havia sido aprovada pela Igreja. O fato de ela não ter sido coroada não faz diferença. Mas Estêvão pode revogar a licença.

– É com o dinheiro do mercado que estou pagando pelas pedras – disse Philip, angustiado. – Sem ele eu não posso construir. Que má notícia!

– Eu sinto muito.

– E as minhas 100 libras?

Francis deu de ombros.

– Estêvão lhe dirá que as peça a Matilda.

Philip estava nauseado.

– Todo aquele dinheiro – falou. – Era o dinheiro de Deus e eu o perdi.

– Ainda não – consolou-o Francis. – Estêvão talvez não revogue sua licença. Afinal, ele nunca demonstrou grande interesse por mercados.

– O conde William talvez o pressione.

– William mudou de lado, lembra? Ele virou aliado de Matilda. Já não vai ter muita influência sobre Estêvão.

– Espero que você esteja certo – disse Philip com fervor. – Por Deus,

espero que esteja certo.



Quando ficou frio demais para Aliena e Jack se encontrarem na clareira, ela passou a visitar a casa de Tom Builder à noite. Como Alfred em geral estava na taberna, o grupo familiar era composto por Tom, Ellen, Jack e Martha. Agora que Tom tinha uma posição profissional estabelecida, a casa tinha assentos confortáveis, um fogo forte e muitas velas. Ellen e Aliena ficavam trabalhando na tecelagem. Tom desenhava plantas e diagramas, usando uma pedra afiada para riscar placas ardósia. Jack fingia fabricar um cinto, afiar facas ou trançar um cesto, mas passava a maior parte do tempo espiando furtivamente o rosto de Aliena à luz das velas, vendo seus lábios se moverem quando ela falava ou estudando seu pescoço branco quando ela bebia uma caneca de cerveja. Eles riram muito nesse inverno. Jack adorava fazer Aliena rir. Ela era em geral tão controlada e reservada que vê-la se soltar era uma alegria, quase como ter um lampejo da sua nudez. Ele vivia pensando em como diverti-la. Imitava os trabalhadores da obra, copiando o sotaque de um artesão parisiense ou o andar torto de um ferreiro. Certa vez, inventou um relato cômico da vida dos monges, atribuindo a cada um deles pecados plausíveis: para Remigius, o orgulho; gula no caso do cozinheiro Bernard; embriaguez para o mestre hospedeiro e luxúria para Pierre, o inspetor. Martha muitas vezes engasgou de tanto rir, e até mesmo o taciturno Tom abriu um sorriso.

– Não sei se vou conseguir vender todo esse tecido – disse Aliena numa dessas noites.

A família ficou um pouco espantada.

– Então por que estamos tecendo? – perguntou Ellen.

– Ainda não perdi as esperanças – disse Aliena. – Só estou com um problema.

Tom ergueu os olhos da lousa.

– Pensei que o prior estivesse disposto a comprar tudo.

– O problema não é esse. Não consigo encontrar quem faça a fula, e o priorado não quer lã de trama aberta... Nem o priorado nem ninguém.

– A fula é um trabalho extenuante – comentou Ellen. – Não me espanta

que ninguém queira fazê-lo.

– Você não consegue contratar homens para isso? – sugeriu Tom.

– Não na próspera Kingsbridge. Todos os homens aqui têm trabalho suficiente. Nas grandes cidades há fulões profissionais, mas a maioria trabalha para os tecelões, que os proíbem de fuloar para a concorrência. De toda forma, transportar a lã tecida até Winchester e trazê-la de volta custaria caro demais.

– É mesmo um problema – concordou Tom e voltou a seus desenhos.

Jack teve uma ideia.

– É uma pena não podermos colocar bois para fuloar.

Os outros riram.

– Seria como ensinar bois a construir igrejas – disse Tom.

– Ou um moinho – insistiu Jack. – Há sempre uma maneira mais fácil de fazer um trabalho árduo.

– Ela quer fuloar o tecido, não moê-lo – disse Tom.

Mas Jack não estava escutando.

– Nós usamos polias e roldanas para erguer as pedras até os andaimes mais altos.

– Ah, seria maravilhoso se houvesse algum mecanismo para fuloar o tecido – disse Aliena.

Jack pensou em como ela ficaria satisfeita caso ele conseguisse resolver aquele problema. Estava determinado a encontrar um jeito.

– Já ouvi falar em um moinho d'água sendo usado para acionar os foles de uma fundição, mas nunca vi ser feito – comentou Tom, pensativo.

– É mesmo? Olhem aí a prova! – exclamou Jack.

– A roda do moinho apenas gira e a moenda também gira e gira, então um pode acionar o outro – disse Tom. – Mas o pisão de um fulão se move para cima e para baixo. Não é possível fazer um moinho d'água acionar pisões para cima e para baixo.

– Mas um fole se move para cima e para baixo.

– É verdade, é verdade... Mas eu nunca vi essa fundição, só ouvi falar.

Jack tentou visualizar o mecanismo de um moinho. A força da água fazia a roda do moinho girar. O eixo da roda era preso a outra roda no interior da construção. Essa segunda roda, vertical, tinha dentes que engatavam nos dentes de outra roda, esta deitada. A roda deitada fazia girar a moenda.

– Uma roda vertical pode acionar uma roda horizontal – murmurou Jack, pensando em voz alta.

Martha riu.

– Pare, Jack! Se moinhos pudessem fuloar tecido, pessoas inteligentes já teriam pensado nisso.

Jack a ignorou.

– Os pisões poderiam ser presos ao eixo da roda do moinho – continuou ele. – O tecido poderia ser estendido no ponto em que os pisões batessem.

– Mas os pisões bateriam uma vez, depois ficariam presos e a roda iria parar – disse Tom. – Eu já disse: rodas giram, mas pisões precisam ir para cima e para baixo.

– Deve haver um jeito – insistiu Jack.

– Não há nenhum jeito – retrucou Tom, no tom de voz que usava para encerrar uma conversa.

– Mas eu aposto que há – rebelou-se Jack, e Tom fingiu não escutar.



No domingo seguinte, Jack sumiu.

Foi à igreja de manhã e almoçou em casa como sempre. Na hora do jantar, contudo, não apareceu. Aliena estava na cozinha de casa, preparando um caldo grosso com presunto, repolho e pimenta, quando Ellen apareceu à procura de Jack.

– Não o vejo desde a missa – disse Aliena.

– Ele sumiu depois do almoço – contou Ellen. – Imaginei que estivesse com você.

Aliena ficou um pouco envergonhada por Ellen ter feito essa suposição.

– Está preocupada?

Ellen deu de ombros.

– As mães sempre ficam.

– Ele brigou com Alfred? – perguntou Aliena, aflita.

– Perguntei a mesma coisa. Alfred diz que não. – Ellen deu um suspiro.

– Não acho que tenha acontecido nada de ruim. Ele já fez isso antes e me

atrevo a dizer que fará de novo. Eu nunca o ensinei a ter horários regulares.

Mais tarde nessa noite, logo antes de ir se deitar, Aliena passou na casa de Alfred para ver se Jack tinha reaparecido. Não tinha. Foi para a cama preocupada. Como Richard estava fora, em Winchester, ela estava sozinha. Ficou pensando que Jack poderia ter caído no rio e se afogado ou algo assim. Que coisa terrível seria para sua mãe. Jack era seu único filho. Aliena ficou com os olhos cheios d'água ao imaginar a tristeza de Ellen por perder Jack. Que bobagem, pensou: estou chorando por causa da tristeza de uma pessoa por algo que não aconteceu. Controlou-se e tentou pensar em outro assunto. O excesso de tecido era seu grande problema. Às vezes ela passava metade da noite preocupada com os negócios, mas nessa noite seus pensamentos ficaram voltando sem cessar para Jack. E se ele tivesse quebrado a perna e estivesse caído na floresta, sem conseguir se mexer?

Depois de um tempo, ela pegou num sono inquieto. Acordou com a primeira luz do dia, ainda cansada. Vestiu a pesada capa por cima da camisola, calçou as botas forradas de pele e saiu para procurá-lo.

Ele não estava no quintal atrás da taberna, onde os homens costumavam pegar no sono e só não morriam congelados por causa do calor do fétido monturo de esterco. Ela desceu até a ponte e percorreu a margem do rio, temerosa, até chegar a uma curva onde os detritos ficavam presos. Uma família de patos fuçava na margem entre os pedaços de madeira, sapatos usados, facas velhas enferrujadas e ossos apodrecidos. Graças a Deus, Jack não estava ali.

Ela tornou a subir o morro e entrou no priorado, onde os trabalhadores começavam o dia de labuta na catedral. Encontrou Tom dentro de seu barracão.

– Jack voltou? – perguntou, cheia de esperança.

Tom balançou a cabeça:

– Ainda não.

Quando ela estava saindo, o mestre carpinteiro apareceu com um ar preocupado.

– Todos os nossos martelos sumiram – disse ele.

– Que engraçado – retrucou Tom. – Estava mesmo procurando um martelo e não consegui encontrar.

Alfred então passou a cabeça pela porta.

– Onde estão os cinzéis de pedreiro? – perguntou.

Tom coçou a cabeça.

– Parece que todos os martelos da obra sumiram – disse ele, perplexo. Sua expressão então mudou e ele tornou a falar. – Aquele garoto está por trás disso, tenho certeza.

É claro, pensou Aliena. Martelos. A fula. O moinho.

Sem dizer o que estava pensando, saiu do barracão de Tom e atravessou depressa o terreno do priorado, passou pela cozinha e foi até o canto sudoeste, onde um canal desviado do rio acionava dois moinhos, um velho, o outro novinho. Como desconfiava, a roda do moinho velho estava girando. Ela entrou.

Primeiro, o que viu a deixou confusa e assustada. Uma fileira de martelos estava presa a uma barra horizontal. Aparentemente por vontade própria, os martelos levantaram as cabeças, como cavalos diante de um cocheiro. Então desceram, todos juntos, e bateram ao mesmo tempo com um estrondo fortíssimo que fez o coração dela dar um salto. Aliena gritou de susto. Os martelos ergueram as cabeças como se a houvessem escutado, então tornaram a baixar. Estavam batendo um pedaço de seu tecido frouxo, estendido sob uns 4 ou 5 centímetros de água dentro de um cocheiro raso de madeira como os usados pelos serventes para fabricar argamassa. Os martelos estavam fuloando a lã, ela entendeu, e seu medo passou, embora eles ainda lhe parecessem perturbadoramente vivos. Mas como aquilo era feito? Ela viu que a barra à qual os martelos estavam presos era paralela ao eixo da roda do moinho. Uma tábua presa ao eixo ia girando seguindo o movimento dele. Quando a tábua completava uma volta, encostava nos cabos dos martelos, empurrando-os para baixo e fazendo as cabeças se levantarem. A tábua continuava a girar e por fim os cabos eram soltos. Os martelos então caíam e batiam no tecido dentro do cocheiro. Era exatamente sobre aquilo que Jack havia falado poucas noites antes: um moinho capaz de fuloar tecidos.

Ela ouviu a voz dele.

– Os martelos deveriam estar lastreados para baterem com mais força.

Ela se virou e o viu. Exibia um ar cansado, mas triunfante.

– Acho que resolvi seu problema – disse ele, com um sorriso acanhado.

– Que bom que você está bem... Estávamos preocupados! – exclamou

ela.

Sem pensar, abraçou-o e lhe deu um beijo. Foi um beijo muito rápido, pouco mais do que um breve contato. Quando seus lábios se separaram, no entanto, ele a segurou pela cintura e pressionou o corpo dela contra o seu de maneira delicada, porém firme, e ela se pegou a encará-lo nos olhos. Só conseguia pensar em quanto estava feliz por ele estar vivo e ileso. Apertou-o com afeto. De repente, tomou consciência da própria pele: sentiu a aspereza da camisola de linho e o couro macio das botas, e seus mamilos latejaram quando os seios foram pressionados contra o peito dele.

– Você estava preocupada comigo? – indagou ele, surpreso.

– É claro! Mal consegui dormir!

Ela sorria, feliz, mas ele ostentava um ar muito sério, e após alguns segundos sua expressão a contagiou e ela se sentiu estranhamente comovida. Podia ouvir o próprio coração batendo e começou a respirar mais depressa. Atrás dela, os martelos batiam em uníssono, fazendo a estrutura de madeira do moinho balançar a cada golpe, e ela teve a impressão de sentir aquela vibração bem fundo dentro de si.

– Eu estou bem – disse ele. – Está tudo bem.

– Que bom – repetiu ela, e desta vez sua voz foi um sussurro.

Ela o viu fechar os olhos e baixar o rosto em direção ao seu, em seguida sentiu a boca dele sobre a sua. Foi um beijo suave. Ele tinha os lábios cheios e a barba macia. Ela fechou os olhos para se concentrar na sensação. A boca dele se moveu na sua e lhe pareceu natural afastar os lábios. Sentiu a boca de repente muito sensível, fazendo-a perceber o mais leve toque, o mais tênue movimento. A ponta da língua dele acariciou a parte interna de seu lábio superior. Ela ficou tão tomada pela felicidade que teve vontade de chorar. Colou o corpo no dele, esmagando os seios macios contra aquele peito duro, sentindo os ossos do quadril dele se cravarem no seu ventre. Já não estava apenas aliviada por ele estar seguro e feliz por tê-lo ali. Agora havia uma emoção nova. A presença física dele fazia com que Aliena fosse tomada por uma sensação de êxtase que a deixava levemente tonta. Seus braços estavam em volta do corpo de Jack e ela queria tocá-lo mais, senti-lo mais, chegar ainda mais perto. Acariciou-lhe as costas com as mãos. Queria sentir sua pele, mas as roupas atrapalhavam. Sem pensar, ela abriu a boca e pôs a língua entre seus

lábios. Ele emitiu um leve ruído animal no fundo da garganta, como um gemido abafado de prazer.

A porta do moinho se abriu com um estrondo. Aliena se afastou de Jack. Como se estivesse num sono profundo e alguém a houvesse acordado com um tapa, sentiu-se subitamente chocada. Ficou horrorizada com o que estavam fazendo: beijando-se e esfregando-se como uma prostituta e um bêbado em uma taberna! Deu um passo para trás e se virou, consternada de vergonha. Ainda por cima, o intruso era Alfred. Aquilo a fez se sentir ainda pior. Três meses antes, Alfred a pedira em casamento e ela o recusara com desdém. Agora ele a tinha flagrado comportando-se como uma cadela no cio. Parecia de certa forma uma hipocrisia. Ela corou de vergonha. Alfred a encarava com um misto de luxúria e desprezo que a fez lembrar-se vividamente de William Hamleigh. Ela se recriminou por ter dado a Alfred um motivo para demonstrar desprezo por ela e ficou furiosa com Jack por ele ter participado desse momento.

Virou as costas para Alfred e olhou para Jack. Ao encarar Aliena, o rapaz percebeu seu choque. Ela entendeu que a raiva era visível no próprio rosto, mas não conseguia evitar. A expressão de felicidade enlevada de Jack se transformou em confusão e mágoa. Em qualquer outra ocasião, isso a teria feito ceder, mas ela estava abalada demais. Detestava-o pelo que ele a havia levado a fazer. Rápida como um raio, deu-lhe um tapa na cara. Ele não se moveu, mas seu rosto era uma máscara de agonia e sua bochecha ficou vermelha no lugar em que a mão o atingiu. Ela não suportou ver a dor nos olhos dele e desviou o olhar.

Não podia ficar ali. Correu até a porta, com as batidas incessantes dos martelos a ecoar nos ouvidos. Alfred saiu depressa de seu caminho, com um ar quase amedrontado. Ela passou como um raio por ele e sumiu pela porta. Tom Builder estava bem em frente ao moinho com um pequeno grupo de trabalhadores. Todos tinham ido até lá descobrir o que estava acontecendo. Aliena cruzou depressa com eles sem dizer nada. Um ou dois a encararam com curiosidade, o que a fez arder de vergonha, mas estavam mais interessados nos barulhos vindos do moinho. A parte fria e lógica da mente de Aliena recordou que Jack havia solucionado o problema da fula de sua lã, e pensar que ele tinha passado a noite inteira acordado fazendo algo por ela a fez sentir-se ainda pior. Ela seguiu correndo pelo estábulo, saiu pelo portão do priorado e desceu a rua, escorregando e deslizando na

lama até chegar em casa.

Ao entrar, deparou-se com Richard. O irmão estava sentado à mesa da cozinha diante de um pão inteiro e de uma jarra de cerveja.

– O rei Estêvão começou seu avanço – contou ele. – A guerra recomeçou. Preciso de um cavalo novo.

IV

Nos três meses seguintes, Aliena mal trocou duas palavras com Jack.

Ele ficou arrasado. Aliena o havia beijado como se o amasse, quanto a isso não restava dúvida. Ao vê-la sair do moinho, ele tivera certeza de que os dois tornariam a se beijar em breve. Passou a viver imerso em uma névoa de erotismo. Aliena me ama! Aliena me ama!, pensava. Ela havia acariciado suas costas, colocado a língua dentro de sua boca, pressionado os seios no peito dele. No início, supôs que ela agora o evitasse apenas por estar constrangida. Não era possível fingir que não o amava, não depois daquele beijo. Esperou que ela superasse a timidez. Com a ajuda do carpinteiro do priorado, fabricou um mecanismo de fula mais forte e mais resistente para o moinho velho e Aliena conseguiu fuloar sua lã. Agradeceu-lhe com sinceridade, mas com a voz fria e sem encará-lo.

Isso, porém, não durou apenas alguns dias, mas várias semanas. Ele foi forçado a admitir que algo estava seriamente errado. Foi engolfado por uma onda de decepção e teve a sensação de que iria se afogar na tristeza. Não entendia o que estava acontecendo. Arrasado, desejou ser mais velho e ter mais experiência com as mulheres para poder julgar se aquilo era normal ou não, se a distância era temporária ou permanente, se deveria ignorá-la ou confrontá-la. Como não tinha certeza e morria de medo de dizer ou fazer a coisa errada e piorar ainda mais sua situação, não fez nada. Então o sentimento constante de rejeição começou a afetá-lo e ele se sentiu inútil, estúpido e impotente. Pensou em como fora tolo por ter imaginado que a mulher mais desejada e inatingível do condado pudesse se apaixonar por ele, um simples garoto. Ele a havia divertido por um tempo com suas histórias e brincadeiras, mas no instante em que a beijara como homem, ela havia fugido. Que bobo ele era por ter esperado outra

coisa!

Depois de uma ou duas semanas pensando em quanto era estúpido, ele começou a sentir raiva. Mostrava-se irritado no trabalho, e as pessoas passaram a tratá-lo com cautela. Foi cruel com a irmã de criação, Martha, que ficou quase tão magoada com ele quanto ele estava com Aliena. Nas tardes de domingo, gastava seu ordenado apostando em brigas de galo. Toda a sua paixão era dedicada ao trabalho. Ele vinha esculpindo mísulas, as pedras salientes que parecem sustentar arcos ou colunas que não chegam até o chão. Mísulas em geral eram decoradas com folhas, mas uma alternativa tradicional era esculpir um homem que parecesse segurar o arco com as mãos ou suportá-lo nas costas. Jack alterou só um pouquinho o padrão habitual, representando uma figura humana perturbadora e contorcida, com uma expressão de dor, como se condenada à agonia eterna de segurar aquele enorme peso de pedra. Jack sabia que era uma ideia brilhante: ninguém mais era capaz de esculpir um rosto que parecesse sentir dor. Ao ver o entalhe, Tom balançou a cabeça, sem saber se ficava maravilhado com a expressividade do relevo ou se o desaprovava. Já Philip adorou. Jack estava pouco ligando para o que eles pensavam: achava que qualquer um que não gostasse era cego.

Em uma segunda-feira durante a Quaresma, quando todos estavam de mau humor por não comerem carne havia três semanas, Alfred chegou para trabalhar com um ar de triunfo. Estivera em Shiring na véspera. Jack não sabia o que tinha feito lá, mas era óbvio que ele estava satisfeito.

Durante a pausa da manhã, quando Enid Brewster abriu um barril de cerveja no meio da chancela e começou a vendê-la para os trabalhadores, Alfred estendeu 1 *penny* e chamou Jack.

– Ei, Jack, filho de Tom, vá pegar uma cerveja para mim.

Ele vai falar sobre o meu pai, pensou Jack. Ignorou-o.

– É melhor fazer o que mandam, aprendiz – disse um dos carpinteiros, um homem mais velho chamado Peter. Um aprendiz sempre devia obedecer a um mestre artesão.

– Eu não sou filho de Tom – rebateu Jack. – Tom é meu padrasto e Alfred sabe disso.

– Mesmo assim, faça o que ele está pedindo – ponderou Peter.

Relutante, Jack pegou o dinheiro de Alfred e entrou na fila.

– O nome do meu pai era Jack Shareburg – disse ele em voz alta. – Se

quiser me diferenciar de Jack Blacksmith, o ferreiro, pode me chamar de Jack Jackson, o filho de Jack.

– Jack Bastardo seria mais adequado – rebateu Alfred.

Jack falou para quem quisesse ouvir:

– Vocês já imaginaram por que Alfred nunca amarra os cadarços das botas?

Todos olharam para os pés do rapaz. De fato, suas botas pesadas e sujas de lama, feitas para serem amarradas no alto com cadarços, estavam abertas.

– É para ele poder liberar os dedos dos pés depressa... caso precise contar acima de dez.

Os artesãos sorriram e os aprendizes deram risada. Jack entregou a Enid a moeda de Alfred e recebeu uma jarra de cerveja. Levou-a até Alfred e lhe passou a jarra com uma pequena medida zombeteira. Alfred ficou irritado, mas não muito: ainda tinha um trunfo na manga. Jack se afastou e foi beber a cerveja com os aprendizes, torcendo para Alfred deixá-lo em paz.

Mas não se safaria tão fácil. Alguns segundos depois, Alfred foi atrás dele.

– Se Jack Shareburg fosse meu pai – disse ele –, eu não alardearia isso. Você não sabe o que ele era?

– Ele era um menestrel – respondeu Jack. Imprimiu à voz um tom confiante, mas estava com medo do que Alfred iria dizer. – Não acho que você saiba o que é um menestrel.

– Ele era um ladrão – disse Alfred.

– Ah, cale essa boca, seu cabeça oca. – Jack virou as costas e deu um gole na sua cerveja, mas mal conseguiu engolir. Alfred não havia falado aquilo à toa.

– Você sabe como ele morreu? – insistiu o rapaz.

Pronto, pensou Jack, foi isso que ele descobriu ontem em Shiring, e é por isso que está com esse sorriso imbecil na cara. Relutante, virou-se e encarou Alfred.

– Não, eu não sei como meu pai morreu, Alfred, mas tenho a impressão de que você vai me contar.

– Ele morreu pendurado na forca, como o ladrão miserável que era.

Jack soltou um grito involuntário de angústia. De algum modo, teve

certeza de que era verdade. Alfred estava tão seguro de si que não poderia ter inventado aquilo. E Jack entendeu, num lampejo, que essa informação explicava o comportamento reticente de sua mãe. Havia passado anos temendo secretamente descobrir algo assim. Passara o tempo todo fingindo que não havia nada de errado, que ele não era um bastardo, que tinha um pai de verdade com um nome de verdade. Mas na realidade sempre temera que houvesse alguma desonra na história do pai, que as provocações tivessem um fundo de verdade e que ele tivesse mesmo motivo para se envergonhar. Já andava arrasado: desde a rejeição de Aliena, sentia-se pequeno e sem valor. Agora a verdade sobre seu pai o atingia como um soco.

Alfred ficou parado, sorrindo, muito satisfeito consigo mesmo: o efeito da sua revelação o deixara exultante. Aquela expressão de júbilo enlouqueceu Jack. Já era ruim suficiente seu pai ter sido enforcado. Alfred estar feliz com isso era demais para aguentar. Sem pensar, Jack jogou a cerveja na cara sorridente do rapaz.

Os aprendizes em volta, que até então observavam os dois irmãos de criação e saboreavam a discussão, deram depressa um passo ou dois para trás. Alfred limpou a cerveja dos olhos, rugiu de raiva e desferiu um soco num movimento surpreendentemente rápido para um homem tão grande. Seu punho acertou com tanta força a bochecha de Jack que, em vez de dor, ele sentiu apenas uma dormência. Antes de ter tempo de reagir, o outro punho de Alfred afundou no seu estômago. Esse soco doeu demais. Jack achou que nunca mais conseguiria respirar. Desmoronou no chão. Quando aterrisou, Alfred o chutou na cabeça com uma das botas pesadas e por alguns segundos ele não viu nada exceto uma luz branca.

Rolou o corpo às cegas e tentou se levantar. Mas Alfred ainda não estava satisfeito. Quando Jack se endireitou, sentiu alguém agarrá-lo. Começou a se contorcer. Agora estava com medo. Alfred não teria dó. Se Jack não conseguisse escapar, seria espancado até desfalecer. Alfred o segurava com força e Jack não conseguiu se soltar, mas então o rapaz recuou um imenso punho para dar um soco e nessa hora Jack se desvencilhou.

Saiu correndo, e Alfred se lançou atrás dele. Jack desviou de um barril de cal e o derrubou, espalhando seu conteúdo pelo chão. Alfred pulou por cima do barril, mas trombou com outro, cheio de água, que também caiu.

Em contato com a cal, a água começou a ferver com um chiado alto. Ao verem aquele desperdício de material caro, alguns dos trabalhadores gritaram em protesto, mas Alfred não lhes deu ouvidos e Jack não conseguia pensar em nada a não ser fugir. Continuou a correr, ainda encolhido de dor e meio cego por causa do chute na cabeça.

Bem no seu encalço, Alfred esticou um dos pés para fazê-lo tropeçar. Jack mergulhou de cabeça no chão. Vou morrer, pensou, enquanto rolava. Agora Alfred vai me matar. Foi parar debaixo de uma escada apoiada no andaime que subia até o alto da construção. Alfred pairava sobre ele. Jack se sentiu um coelho acuado, mas a escada o salvou. Quando o mais velho se encolheu para passar atrás dela, Jack correu para a frente e se lançou degraus acima. Subiu a escada como um rato na sarjeta.

Sentiu a escada balançar quando Alfred começou a subir atrás dele. Em geral, conseguia correr mais depressa do que o outro, mas ainda estava tonto e sem ar. Chegou ao alto e se jogou em cima do andaime. Cambaleou e caiu contra a parede. A cantaria havia sido assentada naquele mesmo dia e a argamassa ainda estava úmida. Com o impacto do corpo de Jack, toda uma parte da parede vergou e três ou quatro pedras escorregaram e caíram. Jack pensou que fosse cair com elas. Equilibrou-se na borda e, ao olhar para baixo, viu as grandes pedras girando no espaço vazio até aterrissarem 25 metros abaixo, sobre os telhados dos barracões de meia-água colados à parede. Endireitou-se e torceu para não haver ninguém lá dentro. Alfred havia alcançado o topo da escada e avançava na sua direção pelo andaime precário.

Vermelho e ofegante, Alfred tinha os olhos cheios de ódio. Jack não teve dúvidas de que, naquele estado, ele seria capaz de matá-lo. Se ele me pegar, pensou, vai me jogar lá embaixo. Alfred avançou e Jack recuou. Pisou em algo mole e percebeu que era argamassa. Num impulso, abaixou-se depressa, pegou um punhado de massa e o lançou em cheio nos olhos de Alfred.

Cego, o outro parou de avançar e balançou a cabeça para tentar se livrar da argamassa. Jack enfim teve uma chance de fugir. Correu até a outra ponta da plataforma do andaime na intenção de descer, fugir correndo do priorado e passar o resto do dia escondido na floresta. Para seu horror, contudo, não havia escada na outra extremidade da plataforma. Ele não podia descer pelo andaime, que não ia até o chão: fora montado

sobre traves cravadas em buracos na parede. Estava encurralado.

Olhou para trás. Alfred tinha recuperado a visão e vinha na sua direção.

Havia outra descida possível.

No canto inacabado da parede, onde a chancela se juntaria ao transepto, cada nível de cantaria era meia pedra mais curto do que o de baixo, criando uma escada íngreme às vezes usada pelos serventes mais destemidos como alternativa para subir até a plataforma. Com o coração na boca, Jack seguiu pelo alto da parede e foi avançando, com cuidado mas depressa, tentando não olhar para o vazio em que cairia caso escorregasse. Chegou ao ponto em que começavam os degraus, parou na borda e olhou para baixo. Sentiu uma leve náusea. Espiou por cima do ombro: Alfred ia atrás dele. Começou a descer.

Não entendia por que Alfred se mostrava tão destemido: nunca tinha sido corajoso. Era como se o ódio houvesse embotado sua noção do perigo. Enquanto os dois desciam correndo os degraus vertiginosamente íngremes, Alfred começou a encurtar a distância. Os dois ainda estavam a cerca de 4 metros do chão quando Jack percebeu que Alfred quase o alcançava. Desesperado, pulou em direção ao telhado de colmo do barracão de carpintaria ao lado. Quicou no telhado e resvalou até o chão, mas aterrisou sem jeito, torceu o tornozelo e caiu.

Levantou-se cambaleando. Os segundos que perdeu permitiram a Alfred chegar ao solo e correr até o barracão. Por uma fração de segundo, Jack ficou parado, com as costas coladas na parede, e Alfred parou, esperando para ver em que direção ele iria pular. Jack experimentou um instante de indecisão e pânico, e então, deu um passo para o lado e entrou no barracão.

Não havia nenhum carpinteiro lá dentro, pois estavam todos em volta do barril de Enid. Sobre os bancos se viam martelos, serrotes e cinzéis dos artesãos, bem como os pedaços de madeira nos quais estavam trabalhando. No chão, no meio do barracão, havia um molde novo e bem grande, que seria usado na construção de um arco, e nos fundos, apoiada na parede da igreja, ardia uma fogueira alimentada por aparas e sobras de madeira, restos do trabalho dos carpinteiros.

Não havia saída.

Jack se virou para encarar Alfred. Estava encurralado. Passou um

segundo paralisado de medo. Então o medo se transformou em ódio. Não me importo se morrer, pensou, contanto que antes faça Alfred sangrar. Não esperou que o outro batesse. Abaixou a cabeça e atacou. Estava enlouquecido demais até para usar os punhos. Apenas partiu para cima dele com toda a força.

Era a última coisa que Alfred esperava. A testa de Jack bateu na sua boca. Jack era uns 5 ou 7 centímetros mais baixo e muito mais leve, mas mesmo assim o impacto projetou Alfred para trás. Enquanto recuperava o equilíbrio, Jack teve a satisfação de ver sangue nos lábios do outro.

Alfred passou alguns segundos surpreso demais para reagir. Nesse intervalo, Jack avistou um grande malho de madeira apoiado em um banco. Enquanto Alfred se recuperava e partia para cima dele, Jack ergueu o malho e desferiu um golpe a esmo. Alfred se esquivou. De repente, Jack se viu em vantagem. Encorajado, foi atrás de Alfred, já saboreando a sensação da madeira dura esmagando-lhe os ossos. Dessa vez, imprimiu no golpe toda a força que tinha. Mais uma vez errou, mas o martelo acertou a vara que sustentava o telhado do barracão.

Não era uma construção sólida. Ninguém morava ali. A única função do barracão era permitir que os carpinteiros trabalhassem em dias de chuva. Quando Jack bateu com o malho na madeira, a vara saiu do lugar. As paredes eram armações frágeis de gravetos trançados, que não davam suporte ao barracão. O telhado de colmo tombou. Alfred olhou para cima, assustado. Jack ergueu o martelo. Alfred andou de costas até porta. Jack tornou a tentar acertá-lo. Alfred se esquivou novamente, tropeçou em uma pequena pilha de madeira e caiu sentado no chão. Jack empunhou o malho para o golpe de misericórdia, mas alguém segurou com força seus braços. Ele olhou para trás e viu Philip com um semblante enfurecido. O prior arrancou o malho das mãos do rapaz.

Atrás deles, o telhado do barracão desabou. Jack e Philip olharam para lá. Ao cair sobre o fogo aceso, o colmo seco se incendiou na hora, e instantes depois uma enorme chama se ergueu.

Tom apareceu e apontou para os três trabalhadores mais próximos.

– Você, você e você: tragam a água daquele barril em frente à forja. – Virou-se para três outros. – Peter, Rolf, Daniel, vão buscar baldes. Aprendiz, joguem terra em cima do fogo com pás. Todos vocês, rápido!

Nos minutos que se seguiram, todos se concentraram no incêndio e

Alfred e Jack foram esquecidos. Jack saiu de perto e ficou observando, sentindo-se atordoado e impotente. Alfred também se manteve um pouco afastado. Eu estava mesmo a ponto de esmagar a cabeça dele com um malho?, pensava Jack, sem poder acreditar. A coisa toda parecia irreal. Continuava tonto e em choque quando a combinação de água e terra apagou as chamas.

O prior Philip ficou parado olhando para o estrago, ofegante após tanto esforço.

– Olhe só para isso – disse para Tom. Estava uma fera. – Um barracão inteiro destruído. O trabalho de carpintaria arruinado. Um barril de cal desperdiçado e uma seção inteira de cantaria desmoronada.

Jack entendeu que Tom teria problemas: era responsabilidade dele manter a ordem na obra, e Philip iria culpá-lo. O fato de os responsáveis pelo estrago serem seus filhos piorava ainda mais a situação.

Tom tocou o braço de Philip e falou com suavidade.

– A guilda cuidará disso – disse ele.

Mas Philip não se deixou abrandar.

– Quem vai cuidar disso sou eu – disparou. – Eu sou o prior e todos vocês trabalham para mim.

– Então deixe os pedreiros debaterem a questão antes de tomar uma decisão – pediu Tom com uma voz baixa e ponderada. – Talvez nós cheguemos a uma proposta que lhe agrade. Caso contrário, ainda estará livre para fazer o que quiser.

Estava claro que Philip relutava em deixar a iniciativa fugir ao seu controle, mas a tradição dava razão a Tom: os pedreiros disciplinavam uns aos outros. Após uma pausa, o prior tornou a falar.

– Muito bem. Mas, seja qual for sua decisão, não quero mais seus dois filhos trabalhando nesta obra. Um deles precisa sair. – Ainda furioso, ele se afastou a passos largos.

Lançando um olhar sombrio na direção de Jack e Alfred, Tom virou as costas e entrou no maior dos alojamentos dos pedreiros.

Jack o seguiu e, dentro do alojamento, percebeu que estava em sérios apuros. Em geral, quando os pedreiros precisavam disciplinar um dentre eles, era por faltas como trabalhar embriagado ou roubar material de construção, e a punição mais frequente era uma multa. O castigo por uma briga entre aprendizes em geral era um dia no tronco, mas Alfred,

naturalmente, não era um aprendiz, e de toda forma as brigas não costumavam causar tantos danos. A guilda podia expulsar um membro que trabalhasse por menos do que o salário mínimo combinado. Podia também punir um membro que cometesse adultério com a esposa de outro pedreiro, embora Jack nunca tivesse visto isso acontecer. Em teoria, os aprendizes podiam ser açoitados, mas, embora às vezes ameaçassem aplicar essa punição, ele nunca a testemunhara.

Os mestres pedreiros se reuniram dentro do alojamento de madeira, sentaram-se nos bancos e se recostaram na parede dos fundos, na realidade a lateral da catedral.

– Nosso patrão está zangado, e com razão – começou Tom depois que todos estavam presentes. – Esse incidente causou muitos estragos caros. Pior: cobriu a nós, pedreiros, de vergonha. Precisamos ser firmes com os culpados. É a única forma de recuperar nossa boa reputação como construtores dignos e disciplinados, homens em pleno controle de nós mesmos e de nosso ofício.

– Bem falado – elogiou Jack Blacksmith, o ferreiro, seguido por um murmúrio de aprovação.

– Eu só vi o final dessa briga – prosseguiu Tom. – Alguém a viu começar?

– Alfred partiu para cima do garoto – disse Peter Carpenter, o carpinteiro, aquele que mandara Jack obedecer e ir buscar a cerveja de Alfred.

– Jack jogou cerveja na cara de Alfred – falou um jovem pedreiro chamado Dan, que trabalhava para Alfred.

– Mas o garoto foi provocado – interveio Peter. – Alfred ofendeu o pai verdadeiro dele.

Tom olhou para Alfred.

– É verdade?

– Eu disse que o pai dele era ladrão – respondeu seu filho. – É verdade. Ele foi enforcado por isso em Shiring. Eustace, o representante do rei no condado, me contou ontem.

– Não é certo um mestre artesão ter que segurar a língua temendo que um aprendiz não goste do que ele diz – opinou Jack Blacksmith.

Ouviu-se outro murmúrio de aprovação. Jack entendeu, desanimado, que, não importava o que acontecesse, ele não iria se safar com facilidade.

Talvez eu esteja fadado a ser um criminoso como meu pai, pensou. Talvez também acabe na forca.

Peter Carpenter, que estava virando seu defensor, tomou a palavra.

– Ainda acho que faz diferença se o artesão irritou o aprendiz de propósito.

– Mesmo assim, o aprendiz tem que ser punido – disse Jack Blacksmith.

– Não estou negando isso – falou Peter. – Só acho que o artesão também precisa ser disciplinado. Mestres artesãos deveriam usar a sabedoria conferida pelos anos para criar um ambiente de paz e harmonia em uma obra. Se eles provocam brigas, estão faltando com seu dever.

Alguns presentes pareceram concordar com isso, mas Dan, que estava do lado de Alfred, falou:

– Perdoar o aprendiz porque o artesão foi indelicado é um princípio perigoso. Os aprendizes sempre acham que os artesãos são indelicados. Se você abrir esse precedente, vai acabar com mestres que nunca falam com seus aprendizes por medo de que eles os acusem de descortesia.

Para revolta de Jack, o discurso foi bem recebido. Aquilo só mostrava que a autoridade dos mestres precisava ser afirmada, sem levar em conta quem estava certo ou errado. Perguntou-se qual seria sua punição. Não tinha dinheiro para pagar uma multa. Detestava a ideia de ser posto no tronco: o que Aliena iria pensar? Mas pior ainda seria ser açoitado. Refletiu que seria capaz de esfaquear qualquer um que tentasse açoitá-lo.

– Não podemos esquecer que nosso patrão também tem uma opinião forte em relação ao assunto – observou Tom. – Ele disse que não quer Alfred e Jack trabalhando juntos na obra. Um deles precisa sair.

– Será que ele pode ser convencido a mudar de ideia? – perguntou Peter.

Tom pensou um pouco, mas após um intervalo respondeu:

– Não.

Jack ficou estarecido. Não tinha levado a sério o ultimato do prior, mas Tom sim.

– Se um deles tem que sair, acho que não há discussão sobre quem deve ser – disse Dan. Ele era um dos pedreiros que trabalhavam para Alfred, e não diretamente para o priorado. Se Alfred fosse embora, provavelmente Dan também teria que ir.

Mais uma vez Tom pareceu refletir.

– Não, não há discussão – falou por fim. Olhou para Jack. – Jack vai ter que sair.

O rapaz entendeu que havia subestimado fatalmente as consequências da briga. Mesmo assim, não conseguia acreditar que fossem expulsá-lo. Como seria sua vida caso não trabalhasse na catedral de Kingsbridge? Desde que Aliena havia se fechado dentro de sua concha, a catedral era tudo o que lhe importava. Como ele poderia ir embora?

– O priorado talvez aceite um meio-termo – sugeriu Peter Carpenter. – Jack poderia ser suspenso por um mês.

Sim, por favor, pensou Jack.

– É pouco – disse Tom. – Nossa atitude precisa ser vista como enérgica. O prior Philip não vai aceitar nada menos do que isso.

– Que seja – falou Peter, cedendo. – Esta catedral vai perder o mais talentoso jovem entalhador que a maioria de nós já viu, tudo porque Alfred não consegue manter a maldita boca fechada.

Vários pedreiros aprovaram a opinião do carpinteiro. Encorajado, Peter prosseguiu:

– Eu o respeito, Tom Builder, mais do que já respeitei qualquer mestre construtor com quem tenha trabalhado, mas preciso dizer que você fica cego quando se trata desse seu filho cabeça-dura, Alfred.

– Sem insultos, por favor – disse Tom. – Vamos nos ater aos fatos.

– Certo – falou Peter. – Acho que Alfred deve ser punido.

– Concordo – disse Tom, para surpresa de todos. Jack achava que o comentário de Peter o havia atingido. – Alfred deve ser disciplinado.

– Por quê? – indagou o filho de Tom, indignado. – Por ter batido em um aprendiz?

– Ele não é seu aprendiz, e sim meu – disse Tom. – E você fez mais do que bater nele. Você o perseguiu por todo o canteiro de obras. Se o tivesse deixado fugir, a cal não teria sido derramada, a cantaria não teria sido estragada e o barracão dos carpinteiros não teria pegado fogo, e você poderia ter lidado com ele assim que ele voltasse. Não havia necessidade de fazer o que você fez.

Os pedreiros concordaram.

Dan, que parecia ter virado o porta-voz da equipe de Alfred, mais uma vez interveio.

– Espero que você não esteja propondo expulsar Alfred da guilda. Não sei quanto os outros, mas eu vou lutar contra isso.

– Não – disse Tom. – Já é ruim o suficiente perder um aprendiz talentoso. Não quero perder também um bom pedreiro, que chefia uma equipe confiável. Alfred precisa ficar, mas deve pagar uma multa.

Os homens de Alfred pareceram aliviados.

– Uma multa alta – falou Peter.

– Uma semana de salário – sugeriu Dan.

– Um mês – contrapôs Tom. – Duvido que o prior Philip se satisfaça com menos.

– Sim – concordaram vários homens.

– Estamos de acordo, irmãos pedreiros? – indagou Tom, usando o tratamento que ditava a tradição.

– Sim – responderam todos.

– Então vou informar nossa decisão ao prior. É melhor vocês voltarem ao trabalho.

Jack os observou sair, arrasado. Alfred lhe lançou um olhar arrogante de triunfo. Tom esperou todos saírem, então se dirigiu a Jack.

– Eu fiz o melhor que pude por você. Espero que sua mãe entenda isso.

– Você nunca fez nada por mim! – explodiu Jack. – Não foi capaz de me dar comida, nem roupas, nem casa! Nós éramos felizes até você aparecer e depois quase morremos de fome!

– Mas no fim...

– Você não consegue nem me proteger desse brutamontes sem cérebro que chama de filho!

– Eu tentei...

– E nem teria esse emprego se eu não tivesse incendiado a velha catedral!

– Como é?

– É, eu incendiei a catedral antiga.

Tom empalideceu.

– Foi um raio que...

– Não houve raio nenhum. A noite estava clara. E tampouco tinham acendido fogueira nenhuma dentro da igreja. Eu ateei fogo no telhado.

– Mas por quê?

– Para você arrumar trabalho. Senão minha mãe teria morrido na

floresta.

– Ela não teria...

– Sua primeira mulher morreu, não foi?

Tom ficou ainda mais pálido. De repente, pareceu mais velho. Jack entendeu que o havia magoado profundamente. Tinha ganhado a discussão, mas provavelmente perdera um amigo. Sentiu-se amargurado e triste.

– Saia daqui – sussurrou Tom.

Jack saiu.

Quase chorando, afastou-se dos muros altíssimos da catedral. Sua vida tinha sido arruinada em poucos instantes. Não acreditava que teria de ir embora daquela igreja para sempre. No portão do priorado, virou-se e olhou para trás. Tinha tantos planos... Queria esculpir uma porta inteira sozinho. Queria convencer Tom a colocar anjos de pedra no clerestório. Tinha um projeto inovador para uma arcatura nos transeptos que ainda não havia mostrado a ninguém. Agora jamais faria nenhuma dessas coisas. Aquilo era uma grande injustiça. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Caminhou até sua casa com a visão borrada. Encontrou a mãe e Martha sentadas à mesa da cozinha. A mãe ensinava Martha a escrever com uma pedra afiada e uma lousa. As duas se espantaram ao vê-lo.

– Não é possível que já seja hora do almoço – disse Martha.

A mãe interpretou a expressão de Jack.

– O que houve? – indagou ela, ansiosa.

– Tive uma briga com Alfred e fui expulso da obra – respondeu ele, infeliz.

– Alfred não foi expulso? – perguntou Martha.

Jack balançou a cabeça.

– Não é justo! – exclamou Martha.

– Por que vocês brigaram dessa vez? – quis saber a mãe, com ar de enfado.

– Meu pai era um ladrão e foi enforcado em Shiring? – rebateu Jack.

Martha levou um susto.

A mãe fez uma cara triste.

– Ele não era ladrão – falou. – Mas, sim, foi enforcado em Shiring.

Jack estava farto de afirmações vagas sobre o pai.

– Por que você nunca me conta a verdade? – perguntou, com raiva.

– Porque fico muito triste com tudo isso! – exclamou a mãe, e para

horror de Jack começou a chorar.

Ele nunca a tinha visto chorar. Sua mãe sempre fora muito forte. Ele próprio estava à beira das lágrimas. Engoliu em seco e insistiu:

– Se ele não era ladrão, por que foi enforcado?

– Eu não sei! – gritou a mãe. – Nunca soube. Ele também nunca soube. Disseram que ele roubou um cálice cravejado de pedras preciosas.

– De quem?

– Daqui... Do priorado de Kingsbridge.

– Kingsbridge! O prior Philip o acusou?

– Não, não, foi bem antes de Philip. – Ela encarou o filho através das lágrimas. – Não me pergunte quem o acusou e por quê. Não caia nessa armadilha. Você corre o risco de passar o resto da vida tentando consertar um mal feito antes de você nascer. Eu não o criei para se vingar. Não faça disso sua vida.

Apesar das palavras da mãe, Jack jurou que um dia descobriria mais. Agora, porém, queria que ela parasse de chorar. Sentou-se ao seu lado no banco e passou o braço em volta de seus ombros.

– Bem, parece que a catedral agora não vai ser a minha vida.

– O que você vai fazer, Jack? – perguntou Martha.

– Não sei. Não posso ficar morando em Kingsbridge, não é?

Martha estava muito preocupada.

– Mas por que não?

– Alfred tentou me matar e Tom me expulsou da obra. Não vou ficar morando com eles. Mas, enfim, já sou um homem. Deveria deixar minha mãe.

– Mas o que você vai fazer?

Jack deu de ombros.

– A única coisa que sei é como construir.

– Você poderia trabalhar em outra igreja.

– Imagino que possa vir a amar outra catedral tanto quanto amo esta – disse ele, desanimado. O que estava pensando era: mas nunca vou amar outra mulher como amo Aliena.

– Como Tom pôde fazer isso com você? – indagou a mãe.

Jack deu um suspiro.

– Acho que na verdade ele não queria. O prior Philip disse que não aceitaria que Alfred e eu trabalhássemos mais na mesma obra.

– Quer dizer que quem está por trás disso é aquele maldito monge! – exclamou a mãe, zangada. – Eu juro que...

– Ele ficou muito chateado com os estragos que nós causamos.

– Será que podemos mostrar a Philip o bom senso?

– Como assim?

– Dizem que Deus é misericordioso. Talvez os monges também devam ter.

– Você acha que eu deveria implorar a Philip? – indagou Jack, um pouco surpreso com a linha de raciocínio da mãe.

– Estava pensando que eu poderia falar com ele – disse ela.

– Você!

Aquilo era menos típico ainda. Jack estava chocado. A mãe deveria estar muito abalada para se dispor a pedir misericórdia a Philip.

– O que você acha? – perguntou-lhe ela.

Jack lembrou que, pelo que percebera, Tom pensava que Philip não teria misericórdia. Pensando bem, contudo, a principal preocupação do mestre construtor era que a guilda tomasse uma decisão firme. Depois de ter prometido firmeza ao prior, não podia chegar pedindo clemência. A mãe, por sua vez, não estava na mesma situação. Jack se sentiu um pouco mais esperançoso. Talvez, no fim das contas, não precisasse ir embora. Talvez pudesse ficar em Kingsbridge, perto da catedral e de Aliena. Não tinha mais a expectativa de que ela o amasse, mas mesmo assim detestava a ideia de ir embora e nunca mais vê-la.

– Está bem – falou. – Vamos implorar a Philip. A única coisa que temos a perder é nosso orgulho.

A mãe vestiu a capa e eles saíram juntos, deixando Martha sentada sozinha à mesa com um ar aflito.

Não era frequente Jack e sua mãe caminharem lado a lado e ele então se deu conta de como ela era miúda. Ao seu lado, ele parecia um gigante. Sentiu uma súbita onda de afeto. Ela estava sempre pronta para brigar feito um gato por sua causa. Passou o braço em volta dela e lhe deu um abraço. Ela lhe sorriu como se soubesse o que ele estava pensando.

Eles entraram no priorado e foram até a casa do prior. A mãe bateu à porta e entrou. Tom estava lá dentro com Philip. Pela expressão dos dois, Jack soube que Tom não havia contado ao prior que ele havia ateado fogo na catedral velha. Aquilo foi um alívio. Provavelmente, nunca iria contar.

O segredo estava seguro.

Ao ver a mulher, Tom pareceu nervoso, talvez até mesmo um pouco assustado. Jack se lembrou do que ele dissera: *Eu fiz o melhor que pude por você. Espero que sua mãe entenda isso*. Possivelmente se lembrava da última vez que Jack e Alfred tinham brigado e, em consequência, Ellen o havia abandonado. Tom temia que ela fosse embora outra vez.

Philip não parecia mais estar com raiva, pensou Jack. Talvez a decisão da guilda tivesse amolecido seu coração. Ele talvez estivesse até sentindo um pouco de culpa por ter sido tão duro.

– Vim até aqui lhe pedir clemência, prior Philip – disse a mãe.

Tom pareceu tomado por uma onda de alívio.

– Estou escutando – falou Philip.

– O senhor está propondo mandar meu filho para longe de tudo o que ele ama: sua casa, sua família, seu trabalho – continuou a mãe.

E a mulher que ele adora, pensou Jack.

– Estou? – indagou Philip. – Pensei que ele tivesse sido apenas dispensado do trabalho.

– Jack nunca aprendeu nenhum outro tipo de trabalho que não a construção e não existe outra obra em Kingsbridge para ele trabalhar. Além do mais, o desafio de construir esta imensa igreja o contagiou. Onde alguém estiver construindo uma catedral, é para lá que ele irá. Se houver pedras em Jerusalém a serem esculpidas no formato de anjos e demônios, é para lá que ele irá.

Como ela sabe tudo isso?, pensou Jack. Ele próprio mal havia pensado naquilo, embora fosse verdade.

– Eu talvez nunca torne a vê-lo – acrescentou ela.

Sua voz tremeu um pouco no final, e Jack refletiu que ela devia amá-lo muito. Sabia que ela jamais imploraria desse jeito por si própria.

Philip ostentava um ar compreensivo, mas quem respondeu foi Tom.

– Não podemos ter Jack e Alfred trabalhando na mesma obra – insistiu o construtor. – Eles vão brigar de novo. Você sabe.

– Alfred poderia ir embora – sugeriu a mãe.

Tom fez uma cara de tristeza.

– Alfred é meu filho.

– Mas ele tem 20 anos e é cruel como um urso! – Embora a voz da mãe estivesse firme, suas faces estavam molhadas de lágrimas. – Liga tão

pouco para esta catedral quanto eu... Ficaria perfeitamente feliz construindo casas para açougueiros e padeiros em Winchester ou Shiring.

– A guilda não pode expulsar Alfred e manter Jack – explicou Tom. – Além do mais, a decisão já está tomada.

– Mas é a decisão errada!

Philip se pronunciou.

– Pode ser que haja outra solução.

Todos olharam para ele.

– Pode haver um jeito de Jack permanecer em Kingsbridge, e até mesmo se dedicar à catedral, sem entrar em conflito com Alfred.

Jack se perguntou o que estaria por vir. Aquilo soava bom demais para ser verdade.

– Eu preciso de alguém para trabalhar comigo – continuou Philip. – Gasto tempo de mais tomando decisões sobre cada detalhe da obra. Preciso de uma espécie de assistente para exercer o cargo de mestre de obras. Ele lidaria com a maior parte das questões e me consultaria apenas em relação às mais importantes. Também manteria controle do dinheiro e da matéria-prima, gerenciaria o pagamento dos fornecedores e dos transportadores, além dos salários. Jack sabe ler e escrever e faz contas mais depressa do que qualquer outra pessoa que já conheci...

– E entende todos os aspectos da construção – interveio Tom. – Eu mesmo me encarreguei disso.

A cabeça de Jack girava. Então ele poderia ficar, afinal! Seria o mestre de obras. Não esculpiria pedras, mas supervisionaria o projeto inteiro em nome de Philip. Era uma proposta espantosa. Teria que lidar com Tom como seu igual, mas sabia que era capaz. E Tom também sabia.

Havia um senão, e Jack o mencionou.

– Eu não posso mais morar com Alfred.

– De todo modo, já está na hora de Alfred ter sua própria casa – disse Ellen. – Quem sabe, se ele sair da nossa, comece mais seriamente a procurar uma esposa.

– Você vive pensando em um jeito de se livrar de Alfred – falou Tom, com raiva. – Eu não vou expulsar meu próprio filho de casa!

– Vocês não estão me entendendo, nenhum dos dois – interrompeu Philip. – Não compreenderam minha proposta inteiramente. Jack não ficaria morando com vocês.

Ele fez uma pausa. Jack adivinhou o que estava por vir, e aquele foi o último e maior choque do dia.

– Jack teria que morar aqui, no priorado – explicou Philip. Olhou para os outros com o cenho levemente franzido, como se não conseguisse ver por que ainda não haviam compreendido o que ele estava querendo dizer.

Mas Jack havia entendido. Lembrou-se de ouvir a mãe dizer, na véspera do solstício do ano anterior: *Aquele prior artiloso tem o dom de sempre conseguir o que quer*. Ela estava certa. Philip estava refazendo a proposta que fizera então. Só que desta vez era diferente. Jack agora tinha uma dura escolha diante de si. Podia ir embora de Kingsbridge e abandonar tudo o que amava. Ou podia ficar e perder a liberdade.

– Meu mestre de obras não pode ser laico, naturalmente – concluiu Philip no tom de quem afirma o óbvio. – Jack teria que virar monge.

V

Na noite anterior à Feira de Lã de Kingsbridge, como sempre, o prior Philip não dormiu depois do ofício da meia-noite, mas em vez de ficar lendo e meditando em casa, percorreu todo o terreno do priorado. Era uma noite quente de verão, de céu claro e enluarado, e ele conseguia ver sem o auxílio de um lampião.

O adro inteiro seria usado na feira, com exceção das construções monásticas e do claustro, que eram sagrados. Em cada um dos quatro cantos, uma imensa fossa sanitária havia sido escavada para que o restante do terreno não ficasse completamente imundo, e as fossas tinham sido escondidas por tapumes para proteger a sensibilidade dos monges. Literalmente centenas de barracas haviam sido montadas. As mais simples não passavam de pranchas grosseiras de madeira apoiadas em cavaletes. A maioria era um pouco mais elaborada: tinha uma plaquinha com o nome do comerciante e uma ilustração de seus artigos, uma mesa separada para a pesagem e um armário ou barracão trancado para guardar as mercadorias. Algumas das barracas eram cobertas para proteger da chuva ou para permitir transações privadas. As mais elaboradas eram pequenas casas, com grandes áreas de armazenagem, várias bancadas, e mesas e

cadeiras nas quais o negociante podia receber com hospitalidade os clientes importantes. Philip se espantara ao ver chegarem os primeiros carpinteiros dos comerciantes, uma semana antes da feira, pedindo que lhes mostrassem onde montar sua barraca. Levaram quatro dias para erguer a estrutura e precisaram de mais dois para estocar.

O plano original de Philip fora dividir as barracas em duas grandes avenidas na parte oeste do terreno, mais ou menos na mesma configuração do mercado semanal. Logo, porém, havia percebido que isso não bastaria. As duas avenidas agora margeavam também o lado norte da igreja, depois desciam pelo lado leste até a casa de Philip. Na verdade havia outras barracas até dentro da igreja inacabada, nos corredores entre as colunas. Nem todos os comerciantes negociavam lã, longe disso: vendia-se de tudo na feira, de pão preto a rubis.

Philip percorreu as fileiras iluminadas pelo luar. Já estava tudo pronto, claro: não seria permitido montar nenhuma barraca nesse dia. A maioria delas estava abastecida, e o priorado já havia coletado mais de 10 libras em tarifas e impostos. As únicas mercadorias que poderiam ser trazidas no dia da feira seriam alimentos recém-preparados, pães, tortas quentes e maçãs assadas. Até mesmo os tonéis de cerveja tinham sido providenciados na véspera.

Enquanto caminhava, Philip foi observado por dezenas de olhos semicerrados e cumprimentado por vários grunhidos sonolentos. Os negociantes não deixavam suas preciosas mercadorias sem proteção. A maioria dormia na barraca, e os mais ricos colocaram criados de vigia.

Ainda não tinha certeza de quanto dinheiro iria ganhar com a feira, mas era praticamente garantido que seria um sucesso, e ele estava confiante de conseguir a soma que havia previsto: 50 libras. Nos últimos meses, em alguns momentos temera que a feira não chegasse a se realizar. A guerra civil se arrastava sem que Estêvão ou Matilda conseguissem uma vantagem, mas sua licença não fora revogada. William Hamleigh tentara sabotar o evento de várias maneiras. Tinha pedido ao representante do rei no condado que a proibisse, mas este havia solicitado a aprovação de um dos monarcas rivais, e a aprovação não chegara. William então havia proibido seus arrendatários de venderem lã em Kingsbridge, mas a maioria já vendia para negociantes como Aliena em vez de negociar eles próprios, de modo que o principal efeito da proibição foi aumentar o volume de

negócios dela. Por fim, ele havia anunciado uma redução dos aluguéis e impostos da Feira de Lã de Shiring para os mesmos valores praticados por Philip, mas o anúncio chegou tarde demais para fazer diferença, pois os grandes compradores e vendedores já haviam se organizado.

Agora que o céu começava a clarear no leste na manhã do grande dia, William não podia fazer mais nada. Os vendedores já estavam ali com seus artigos e dali a pouco começariam a chegar os compradores. Philip pensou que William acabaria constatando que a Feira de Lã de Kingsbridge prejudicava a de Shiring menos do que ele temia. As vendas de lã pareciam aumentar a cada ano, sem exceção: havia negócios suficientes para as duas feiras.

Ele completou a volta inteira no adro até o canto sudoeste, onde ficavam os moinhos e o viveiro de peixes. Passou um tempo ali, observando a água passar pelas duas rodas silenciosas. Uma delas agora era usada apenas para fuloar a lã e rendia bastante dinheiro. O responsável por isso era o jovem Jack. O rapaz tinha uma mente engenhosa. Seria um trunfo tremendo para o priorado. Parecia ter se adaptado muito bem como noviço, embora tendesse a considerar os ofícios uma distração da obra da catedral, e não o contrário. Mas ele iria aprender. A vida monástica era uma influência purificadora. Philip acreditava que Deus tinha um plano para Jack. Bem no fundo, acalentava uma esperança secreta para o futuro: que um dia Jack assumisse o seu lugar como prior de Kingsbridge.



Jack se levantou quando o dia raiou e saiu do dormitório antes do ofício da prima para fazer uma última inspeção do canteiro de obras. O ar matinal estava fresco e limpo, como a água de uma nascente. Seria um dia quente e ensolarado, bom para os negócios, bom para o priorado.

Deu a volta nas paredes da catedral para se certificar de que todas as ferramentas e todo o trabalho inacabado estivessem trancados na segurança dos barracões. Tom havia construído cercas de madeira leves em volta dos estoques de madeira e pedra para proteger a matéria-prima contra danos acidentais causados por visitantes descuidados ou bêbados. Como não queriam nenhum aventureiro escalando a construção, todas as

escadas móveis foram escondidas, as escadas em espiral dentro das paredes foram fechadas com portas temporárias e as bordas das paredes inacabadas, que formavam degraus, foram interditadas por barreiras de madeira. Alguns dos mestres construtores ficariam patrulhando o canteiro durante o dia para garantir que não houvesse danos.

De uma forma ou de outra, Jack dava um jeito de faltar a muitos dos ofícios. Sempre havia algo a ser feito na obra. Não nutria o mesmo ódio da mãe pela religião cristã, mas era um tanto indiferente. Embora sem entusiasmo, dispunha-se a cumprir as obrigações caso isso conviesse a seus objetivos. Tomava o cuidado de assistir a um ofício por dia, em geral algum no qual estivesse presente também o prior ou o mestre-escola, os dois irmãos graduados mais propensos a notar sua presença. Não teria suportado se tivesse sido obrigado a assistir a todos.

Ser monge era o modo de vida mais estranho que se poderia imaginar. Os monges passavam metade da vida amargando dores e desconfortos que poderiam com facilidade evitar e a outra metade balbuciando uma algaravia sem sentido em igrejas vazias em horas diversas da noite e do dia. Evitavam deliberadamente qualquer coisa que fosse boa: mulheres, esportes, banquetes, vida familiar. No entanto, havia notado que os mais felizes dentre eles em geral tinham encontrado uma vocação que lhes proporcionava profunda satisfação: ilustrar manuscritos, escrever histórias, cozinhar, estudar filosofia, ou então, como Philip, transformar um povoado sonolento como Kingsbridge em uma próspera cidade com uma catedral.

Jack não gostava de Philip, mas apreciava trabalhar com ele. Tinha tão pouco apreço por sacerdotes profissionais quanto a mãe. A fé de Philip o constrangia; sua obstinação em não pecar lhe desagradava; e sua tendência a acreditar que Deus iria cuidar de tudo o que ele, Philip, não fosse capaz de controlar o deixava desconfiado. Apesar disso, era bom trabalhar para ele. Suas ordens eram claras, ele dava a Jack espaço para tomar as próprias decisões e jamais culpava os subordinados pelos próprios erros.

Fazia só três meses que Jack era noviço, portanto só teria de fazer os votos dali a nove. Os três votos eram pobreza, celibato e obediência. O voto de pobreza não era tudo o que parecia ser. Monges não tinham bens pessoais nem seu próprio dinheiro, mas viviam mais como senhores do que como camponeses: desfrutavam de boa comida, roupas quentes e

construções de pedra para morar. O celibato não era um problema, pensou Jack com amargura. Contar pessoalmente para Aliena que ele iria entrar para o mosteiro lhe proporcionara amarga satisfação. Ela parecera assustada e culpada. Agora, sempre que ele sentia a ansiedade causada pela falta de companhia feminina, pensava em como Aliena o havia tratado – os encontros secretos na floresta, as noites de inverno, as duas vezes que ele a havia beijado – e depois recordava como ela de repente havia ficado fria e dura feito pedra, e lembrar-se disso o fazia sentir que não queria ter envolvimento com mulheres, nunca mais. Mas desde já ele sabia que o voto de obediência seria difícil de cumprir. Estava satisfeito em receber ordens de Philip, que era inteligente e organizado, mas obedecer ao tolo subprior Remigius, ao bêbado mestre hospedeiro ou ao pomposo sacristão era pedir muito.

Mesmo assim, cogitava fazer os votos. Não precisaria respeitá-los. Tudo o que importava era construir a catedral. Os problemas de abastecimento, construção e administração absorviam todo o seu tempo. Ele podia, em um dia, ter de ajudar Tom a inventar um método para verificar se a quantidade de pedras que chegava à obra era a mesma que deixava a pedreira, um problema complexo, pois o tempo de viagem variava de dois a quatro dias, de modo que não era possível manter uma simples contagem diária. No outro dia, eram os pedreiros que reclamavam que os carpinteiros não estavam fabricando direito os moldes. Os problemas mais desafiadores eram os de engenharia. Por exemplo, como erguer toneladas de pedra até o alto das paredes usando máquinas improvisadas presas a andaimes precários. Tom conversava com Jack sobre essas questões de igual para igual. O mestre construtor parecia tê-lo perdoado por Jack, enfurecido, tê-lo acusado de nunca ter feito nada por ele. E agia como se houvesse esquecido que o rapaz revelara que havia posto fogo na velha catedral. Os dois trabalhavam juntos alegremente, e os dias passavam depressa. Mesmo durante os tediosos ofícios, a mente de Jack vivia ocupada com alguma questão complexa de construção ou planejamento. Seu conhecimento aumentava depressa. Em vez de passar anos esculpindo pedras, ele aprendia a projetar catedrais. Não poderia haver treinamento melhor para alguém que desejava ser mestre construtor. Em troca disso, Jack estava disposto a aguentar com bocejos quantas matinas à meia-noite fossem necessárias.

O sol ia surgindo por cima do muro leste do priorado. Tudo estava em ordem no canteiro de obras. Os negociantes que haviam passado a noite com suas mercadorias já começavam a dobrar os colchões improvisados e a expor seus artigos. Os primeiros clientes não demorariam a chegar. Uma padeira passou por Jack equilibrando sobre a cabeça uma bandeja de pães recém-assados. O cheiro de pão novo fez Jack salivar. Ele deu meia-volta, retornou ao mosteiro e foi direto para o refeitório, onde o desjejum logo seria servido.



Os primeiros clientes a chegar foram os parentes dos negociantes e os moradores da cidade, todos curiosos para conhecer a primeira Feira de Lã de Kingsbridge e nenhum muito interessado em comprar. Os mais econômicos encheram a barriga com pão preto e mingau antes de sair de casa, para que não fossem tentados pelas comidas temperadas e coloridas oferecidas nas barracas. As crianças percorriam a feira com os olhos arregalados, maravilhadas pela visão de tantas coisas desejáveis. Uma prostituta otimista e madrugadora, de lábios vermelhos e botas também vermelhas, rebolava para cá e para lá enquanto sorria esperançosa para os homens de meia-idade, mas a essa hora não havia clientes.

Aliena observava tudo da sua barraca, uma das maiores da feira. Nas últimas semanas, havia recebido a entrega de toda a produção de lã do priorado de Kingsbridge daquele ano, pela qual havia pagado 107 libras no verão anterior. Havia comprado também de outros criadores, como sempre fazia, e nesse ano houvera mais vendedores do que de costume. William Hamleigh tinha proibido seus arrendatários de levarem a produção para a feira de Kingsbridge e eles tiveram que vender tudo a intermediários. De todos os negociantes, Aliena era quem tinha feito mais negócios, pois sua base era em Kingsbridge, onde aconteceria a feira. Os negócios tinham sido tão bons que ela ficara sem dinheiro para seguir comprando e pedira 40 libras emprestadas a Malachi. Agora, no armazém que constituía a metade traseira da sua barraca, tinha 160 sacos de lã crua produzida por 40 mil ovelhas e que haviam lhe custado mais de 200 libras, mas que ela venderia por 300, dinheiro que bastaria para pagar o salário de um

pedreiro qualificado durante mais de um século. Sempre que ela pensava nos números, a simples escala de seus negócios a deixava assombrada.

Não esperava ver seus compradores antes do meio-dia. Seriam só uns cinco ou seis. Todos se conheceriam, e ela conheceria a maioria dos anos anteriores. Serviria a cada um seu cálice de vinho, e eles se sentariam para uma conversa. Ela então mostraria sua lã. O comprador lhe pediria que abrisse um ou dois sacos, nunca os do alto da pilha, claro. Mergulharia a mão bem fundo e pegaria um punhado de lã. Isolaria os fios para determinar seu comprimento, os esfregaria entre o polegar e o indicador para testar a maciez e em seguida os cheiraria. Por fim, proporia comprar o estoque inteiro por um preço ridiculamente baixo, e Aliena recusaria. Informaria seu preço e o comprador balançaria a cabeça. Tomariam um segundo cálice de vinho.

Aliena então faria o mesmo ritual com outro comprador. Serviria o almoço para quantos deles estivessem ali ao meio-dia. Alguém lhe proporia comprar uma grande quantidade de lã a um preço não muito acima do que ela havia pagado. Ela rebateria diminuindo um pouco o preço que estava pedindo. No início da tarde, começaria a fechar negócios. O primeiro seria a um preço um pouco baixo. Os outros compradores pediriam que ela lhes fizesse o mesmo preço, mas ela negaria. Seu preço iria subindo ao longo da tarde. Se subisse depressa demais, os negócios seriam escassos e os compradores iriam calcular em quanto tempo conseguiriam preencher suas cotas comprando de outros fornecedores. Se ela estivesse pedindo menos do que eles estavam dispostos a pagar, saberia pela relativa pressa com a qual aceitariam sua proposta. Fecharia os negócios um a um, e os criados dos compradores começariam a levar os imensos sacos de lã para os carros de boi com suas enormes rodas de madeira enquanto ela pesava os sacos cheios de prata em *pennies* e florins.

Não restava dúvida de que nesse dia ela iria conseguir mais dinheiro do que nunca. Tinha o dobro de lã para vender e os preços estavam em alta. Planejava comprar novamente a produção de Philip com um ano de antecedência e alimentava um plano secreto de construir uma casa de pedra para morar, com um porão espaçoso para armazenar a lã, um salão elegante e confortável e um belo quarto só para ela no andar de cima. Seu futuro estava garantido, e ela estava confiante de que conseguiria sustentar Richard enquanto ele precisasse dela. Tudo estava perfeito.

Por isso era tão estranho que ela se sentisse total e completamente infeliz.



Fazia quase quatro anos que Ellen tinha voltado para Kingsbridge, e foi o melhor período da vida de Tom.

O sofrimento pela morte de Agnes havia se transformado em uma dor difusa. Ainda o acompanhava, mas ele não tinha mais aquela sensação embaraçosa de que iria cair em prantos sem qualquer motivo aparente. Ainda mantinha conversas imaginárias com ela, nas quais lhe falava sobre as crianças, o prior Philip e a catedral, mas eram menos frequentes. A lembrança agriçosa de Agnes não atrapalhava seu amor por Ellen. Ele conseguia viver no presente. Ver Ellen, tocá-la, conversar e dormir com ela eram alegrias cotidianas.

No dia da briga entre Jack e Alfred, o enteado o magoara profundamente ao acusá-lo de nunca ter cuidado dele, e essa acusação havia obscurecido até mesmo a terrível revelação de que Jack pusera fogo na antiga catedral. Aquilo o havia atormentado por várias semanas, mas no fim decidira que Jack estava errado. Tom tinha feito o melhor que podia. Homem nenhum poderia ter feito mais. Depois de chegar a essa conclusão, ele parara de se preocupar.

Construir a catedral de Kingsbridge era o trabalho mais profundamente prazeroso de sua vida. Era responsável pelo projeto e pela execução. Ninguém interferia em seu trabalho e não havia ninguém a culpar caso algo saísse errado. À medida que as paredes colossais iam subindo, com seus arcos harmoniosos, seus entalhes graciosos e seus relevos, ele olhava em volta e pensava: eu fiz tudo isso, e fiz bem.

Seu maior medo, o de um dia se ver novamente na estrada sem trabalho, sem dinheiro e sem ter como dar de comer aos filhos, parecia muito distante agora que havia uma sólida caixa abarrotada com moedas de prata sob a palha de sua cozinha. Ainda estremecia ao recordar aquela noite gélida em que Agnes dera à luz Jonathan e em seguida morrera, mas tinha certeza de que nada tão ruim jamais tornaria a acontecer.

Às vezes se perguntava por que Ellen e ele não tiveram filhos. Ambos

havam sido férteis no passado e oportunidades não faltavam para que ela engravidasse: mesmo depois de quatro anos, eles ainda faziam amor quase todas as noites. Não pensava nisso, porém, com tanta tristeza. O pequeno Jonathan era sua grande fonte de alegria.

Ele sabia, por experiência, que a melhor maneira de aproveitar uma feira era com uma criança pequena, então foi buscá-lo lá pelo meio da manhã, quando as pessoas começaram a chegar em quantidade. Vestido com seu hábito em miniatura, Jonathan era quase uma atração em si. Recentemente, havia pedido para raspar a cabeça e Philip havia deixado. O prior gostava tanto do menino quanto Tom. De cabeça raspada, o garoto ficou ainda mais parecido com um pequenino monge. Entre os visitantes da feira havia vários anões de verdade, que executavam truques ou pediam dinheiro, e eles deixaram Jonathan fascinado. Tom teve de afastá-lo às pressas de um deles, que juntou uma plateia ao exhibir seu grande pênis. Malabaristas, acrobatas e músicos se apresentavam e passavam o chapéu de mão em mão; videntes, cirurgiões e prostitutas ofereciam seus serviços; havia disputas de força, torneios de luta e jogos de azar. As pessoas usavam suas roupas mais coloridas, e as que tinham dinheiro passaram colônia e óleo nos cabelos. Todos pareciam ter dinheiro para gastar, e o tilintar de moedas de prata ecoava.

Estava quase na hora da rinha de urso. Jonathan, que nunca tinha visto o animal, ficou fascinado. Sua pelagem marrom acinzentada exibia várias cicatrizes, indicando que ele havia sobrevivido a pelo menos uma briga. Havia uma pesada corrente ao redor de sua cintura, presa a uma estaca cravada bem fundo no chão, e ele andava de quatro em volta dela com a corrente esticada até o limite, observando a multidão com um olhar hostil. Tom pensou ter visto um brilho de astúcia nos olhos do urso. Se fosse um homem dado a jogar, teria apostado nele.

De um baú trancado um pouco distante vinham latidos furiosos. Era lá que estavam os cães, e eles já podiam sentir o cheiro do inimigo. De vez em quando, o urso parava de andar, olhava para a caixa e rosnava, então os latidos se tornavam histéricos.

O dono dos animais, o tratador do urso, recolhia as apostas. Jonathan começou a ficar impaciente e Tom estava prestes a seguir em frente quando o tratador por fim destrancou a caixa. O urso ficou em pé sobre as patas traseiras, esticando a corrente até o limite, e rosnou. O tratador

gritou alguma coisa e abriu a caixa.

Cinco galgos saltaram lá de dentro. Eram leves, rápidos, e suas bocas abertas exibiam pequenos dentes afiados. Correram imediatamente na direção do urso, que os golpeou com as patas imensas. Acertou um dos cães e o jogou longe. Os outros então recuaram.

Os espectadores chegaram mais perto. Tom olhou para Jonathan: o menino se encontrava na primeira fila, mas bem longe do alcance do urso. O animal gigantesco foi esperto e recuou outra vez até a estaca, deixando a corrente afrouxar para não ser contido quando atacasse. Mas os cães também eram espertos. Depois do primeiro ataque desordenado, reorganizaram-se e se espalharam até formar um círculo. O urso girou o corpo, nervoso, tentando enxergar de todos os lados ao mesmo tempo.

Um dos cães partiu para cima dele com ganidos ferozes. O urso se virou na direção dele e o atacou. O cão recuou rapidamente até fora do seu alcance e então os outros quatro atacaram, cada um de um lado. O urso continuou a girar, desferindo patadas. A multidão vibrou quando três cães cravaram os dentes na anca do urso. Com um rugido de dor, o animal se levantou sobre as patas traseiras para se desvencilhar dos cães, que correram para longe.

Ainda tentaram aquela tática mais uma vez. Tom pensou que o urso fosse ser enganado de novo. O primeiro cão correu até chegar perto o suficiente, o urso o atacou e o cão recuou. No entanto, quando os outros avançaram, o urso estava preparado: virou-se rapidamente e atingiu o mais próximo com uma patada no flanco. A multidão vibrou tanto quanto tinha vibrado quando o ataque dos cães havia funcionado. As garras afiadas do urso rasgaram a pele sedosa do galgo e deixaram três rastros fundos de sangue. O cão soltou um ganido doloroso e se retirou da briga para lamber as feridas. Os espectadores gracejaram e vaiaram o animal.

Os quatro cães remanescentes rodearam o urso com cautela, atacando de vez em quando, mas recuando bem antes do ponto de perigo. Alguém começou a bater palmas devagar. Um dos cães então partiu para um ataque frontal. Avançou depressa como um raio, abaixou-se para evitar a patada do urso e saltou para alcançar o pescoço dele. A multidão enlouqueceu. O cão cravou os dentes brancos e pontudos no urso. Os outros também atacaram. O urso ficou de pé em duas patas, deu uma patada no cão que lhe mordia, então se abaixou e rolou o corpo. Por um instante, Tom não

conseguiu entender o que estava acontecendo. Tudo o que viu foi uma confusão de pelos. Então três cães recuaram e o urso se endireitou e ficou de quatro, deixando um dos galgos morto no chão, esmagado.

Os espectadores estavam tensos. O urso já havia eliminado dois cães e restavam apenas três, mas ele sangrava nas costas, no pescoço e nas patas traseiras e parecia assustado. O ar estava tomado pelo cheiro de sangue e do suor das pessoas. Os cães haviam parado de ganir e rodeavam o urso em silêncio. Também pareciam assustados, mas haviam sentido gosto de sangue e agora queriam matar.

O novo ataque começou do mesmo jeito: um dos cães partiu para cima do urso e logo recuou. O urso o atacou sem vontade e se virou para se defender do outro cão, mas desta vez o segundo cachorro também interrompeu o ataque e recuou para longe, e em seguida o terceiro fez o mesmo. Os cães começaram a atacar e recuar, um de cada vez, obrigando o urso a se mover e girar continuamente. A cada ataque, aproximavam-se um pouco mais e as garras do urso chegavam um pouco mais perto de alcançá-los. Os espectadores perceberam o que estava acontecendo e a animação aumentou. Jonathan continuava na primeira fila, a poucos passos de Tom, com uma expressão de assombro e um pouco de medo. Tom tornou a olhar para a briga a tempo de ver as garras do urso roçarem em um dos cães enquanto outro corria entre as patas traseiras do imenso animal e atacava seu ventre macio. O urso pareceu emitir um grito. O cão saiu correndo de baixo dele e fugiu. Outro cachorro atacou. O urso revidou com patadas que erraram por poucos centímetros e então o mesmo cão tornou a atacar sua barriga. Dessa vez, ao recuar, deixou um imenso talho sangrento no ventre do urso, que empinou e tornou a descer até ficar de quatro. Por um segundo, Tom pensou que estivesse acabado, mas ainda não: o urso ainda tinha alguma energia para lutar. Outro cão atacou e o urso lhe desferiu uma patada débil, virou a cabeça, viu o segundo cão vindo na sua direção, girou o corpo com uma velocidade surpreendente e o acertou com um golpe fortíssimo, que fez o cão sair voando. A multidão urrou, deliciada. O animal aterrissou como se fosse um saco de carne. Tom o observou por alguns segundos. Estava vivo, mas parecia incapaz de se mover. Talvez tivesse quebrado a espinha. O urso o ignorou, pois aquele oponente já estava fora de alcance e de combate.

Agora restavam apenas dois cães. Eles correram até o raio de alcance

do urso e recuaram várias vezes, até as tentativas de atingi-los se tornarem inúteis. Então começaram a rodeá-lo, movendo-se cada vez mais depressa. O urso se virava para um lado e para outro, tentando manter os dois adversários em seu campo de visão. Exausto e sangrando muito, mal conseguia se manter de pé. Os cães foram diminuindo cada vez mais os círculos. A terra debaixo das grandes patas do urso tinha virado uma lama de sangue. De qualquer forma, o desfecho parecia próximo. Por fim, os dois cães atacaram ao mesmo tempo. Um deles mirou o pescoço, o outro a barriga. Com uma última e desesperada patada, o urso acertou um dos cães no pescoço. Um medonho chafariz de sangue jorrou. A multidão aprovou com berros. Tom primeiro pensou que o cão tivesse matado o urso, mas era o contrário: o sangue vinha do cão, que em seguida caiu no chão com o pescoço dilacerado. O sangue ainda bombeou por alguns instantes, então parou. O cão estava morto. Enquanto isso, porém, o outro havia rasgado a barriga do urso, cujas entranhas agora pendiam para fora. O urso desferiu uma patada fraca no cão, que se esquivou com facilidade e tornou a atacar, dilacerando os intestinos do urso. O imenso animal cambaleou e pareceu prestes a cair. O rugido da multidão foi aumentando de volume aos poucos. As entranhas rasgadas do urso exalaram um cheiro nauseabundo. Ele reuniu forças e tornou a atacar o cão. A patada acertou o galgo, que pulou de lado com sangue escorrendo de um corte nas costas, mas o ferimento era superficial e o cão sabia que o urso estava derrotado. Voltou a atacar quase na mesma hora, mordendo as entranhas do urso até que, por fim, seu adversário fechou os olhos e desabou no chão, morto.

O tratador se aproximou e segurou o cão vitorioso pela coleira. O açougueiro de Kingsbridge e seu aprendiz saíram do meio da multidão e começaram a esquartejar o urso para usar a carne. Tom imaginou que deviam ter combinado o preço de antemão com o tratador. Os que haviam ganhado as apostas exigiam que lhes pagassem. Todos quiseram afagar o cão sobrevivente. Tom procurou Jonathan. Não o viu.

O menino passara a briga inteira a poucos metros de distância. Como podia não estar ali? Devia ter sumido quando o combate estava no auge e Tom concentrado no espetáculo. Ele sentiu raiva de si mesmo. Correu os olhos pelos espectadores. Era uma cabeça mais alto do que todos os outros e Jonathan era fácil de encontrar com seu hábito de monge e sua cabeça raspada, mas não o viu em lugar nenhum.

O menino não corria grandes riscos dentro do priorado, mas talvez testemunhasse coisas que o prior Philip teria preferido que não visse: prostitutas atendendo clientes junto ao muro, por exemplo. Ao olhar em volta, Tom relanceou os olhos para o andaime alto da obra da catedral e lá, para seu horror, viu uma pequena silhueta vestida de monge.

Teve um instante de pânico. Quis gritar *Não se mexa, você vai cair!*, mas suas palavras teriam se perdido na balbúrdia da feira. Abriu caminho, empurrando as pessoas na direção da catedral. Absorto em alguma brincadeira imaginária, Jonathan corria pelo andaime, alheio ao perigo de escorregar e despencar 25 metros rumo à morte...

Tom engoliu o terror que subia feito bile pela sua garganta.

O andaime não repousava no chão, mas sim em grossas toras enfiadas dentro de buracos abertos nas paredes, bem acima do chão. Os troncos deviam ter pouco menos de 2 metros de comprimento. Estacas sólidas eram colocadas sobre as toras e amarradas, e sobre as estacas havia armações feitas com galhos flexíveis e juncos trançados. Em geral chegava-se aos andaimes pelas escadas de pedra em caracol construídas dentro das paredes, mas nesse dia elas haviam sido fechadas. Como Jonathan tinha subido até lá? Não havia escadas móveis: Tom tinha cuidado para que fossem guardadas, e Jack verificara para ter certeza. O menino devia ter subido pela lateral da parede inacabada. As extremidades haviam sido bloqueadas com lenha e não proporcionavam um acesso fácil, mas Jonathan poderia ter escalado as barreiras. O menino era muito confiante, embora caísse pelo menos uma vez por dia.

Tom chegou ao pé da parede e olhou para cima, temeroso. Jonathan brincava alegremente 25 metros acima. A mão fria do medo apertou seu coração.

– Jonathan! – gritou o mais alto que conseguiu.

As pessoas em volta se espantaram e olharam para cima, querendo ver para quem ele estava gritando. Ao notarem a criança no andaime, apontaram-na para os amigos. Um pequeno grupo se juntou.

Jonathan não tinha escutado. Tom levou as mãos em concha à boca e tornou a gritar:

– Jonathan! Jonathan!

Dessa vez o menino ouviu. Olhou para baixo, viu Tom e acenou.

– Desça! – gritou Tom.

Jonathan pareceu prestes a obedecer, mas então olhou para a parede pela qual teria de caminhar e para os degraus íngremes que teria de descer e mudou de ideia.

– Não consigo! – gritou de volta, e sua voz aguda flutuou lá embaixo, onde estava a multidão.

Tom percebeu que teria de subir para pegá-lo.

– Fique onde está até eu chegar aí! – gritou.

Afastou as barreiras de madeira que impediam o acesso aos primeiros degraus e começou a subir.

Rente ao chão, a parede tinha pouco mais de cinco palmos de largura, mas se estreitava conforme subia. Tom a galgava em ritmo regular. Sentiu-se tentado a se apressar, mas se forçou a permanecer calmo. Ao olhar para cima, viu Jonathan sentado na borda do andaime, balançando as perninhas naquela altura descomunal.

Bem no alto, a parede tinha pouco mais de meio metro de espessura. Mesmo assim, era um espaço suficiente para caminhar, bastava ter nervos de aço, coisa que Tom tinha. Ele avançou pela parede, pulou para o andaime mais abaixo e pegou Jonathan no colo. Sentiu o alívio inundá-lo.

– Seu menino bobo – falou, mas com uma voz cheia de amor, e Jonathan o abraçou.

Após alguns instantes, tornou a olhar para baixo. Viu um mar de rostos virados na sua direção. Cem ou mais pessoas o observavam. Provavelmente achavam que aquilo era mais um espetáculo, como a rinha do urso.

– Certo, vamos descer – disse para Jonathan. Colocou o menino na parede. – Vou logo atrás de você, então não se preocupe.

Jonathan não se convenceu.

– Estou com medo – falou.

Estendeu os braços pedindo colo. Tom hesitou e o menino desatou a chorar.

– Tudo bem, eu levo você no colo – concordou Tom.

Não ficou muito feliz com isso, mas Jonathan agora estava assustado demais para, àquela altura, confiar nele. Tom subiu até a parede, ajoelhou-se ao lado de Jonathan, pegou-o no colo e se levantou.

Jonathan segurou firme.

Tom deu um passo à frente. Como estava com o menino no colo, não

conseguia ver as pedras logo abaixo de seus pés. Não havia remédio. Com o coração na boca, foi avançando devagar pela parede, pousando os pés com cuidado. Não temia por si, mas o menino em seu colo o deixava aterrorizado. Por fim, chegou aonde começavam os degraus. Os primeiros não eram muito mais largos, mas a queda parecia de certo modo menos vertiginosa com os degraus à sua frente. Começou a descer, aliviado. A cada passo, ia ficando mais calmo. Quando chegou à altura da galeria e a largura da parede aumentou para quase 1 metro, parou para esperar o coração desacelerar.

Olhou para longe, além do priorado e da cidade, onde se estendiam os campos, e viu algo que o deixou intrigado. Uma nuvem de poeira ocupava a estrada que conduzia a Kingsbridge, a pouco mais de 1 quilômetro de distância. Após alguns segundos, entendeu que aquilo era um numeroso grupo de homens a cavalo se aproximando a trote acelerado. Estreitou os olhos para tentar distinguir quem eram. No início pensou que devia ser um negociante muito rico, ou um grupo de negociantes com uma grande comitiva, mas eram muitos, e por algum motivo não pareciam comerciantes. Tentou identificar o que o fazia ter essa impressão. Quando eles chegaram mais perto, viu que alguns montavam cavalos de combate, a maioria usava capacete e vinham todos armados até os dentes.

De repente, sentiu medo.

– Jesus Cristo, quem são essas pessoas? – perguntou em voz alta.

– Não diga “Jesus Cristo” – repreendeu Jonathan.

Quem quer que fossem, significavam problemas.

Tom desceu depressa os degraus restantes. A multidão aplaudiu quando ele pulou no chão. Ele a ignorou. Onde estavam Ellen e seus filhos? Olhou em volta, mas não os viu.

Jonathan tentou se contorcer para sair do seu colo. Tom o segurou firme. Como seu filho caçula estava bem ali, a primeira coisa a fazer era levá-lo para um lugar seguro. Depois poderia encontrar os outros. Abriu caminho em meio à multidão até a porta que conduzia ao claustro. Para garantir a privacidade do mosteiro durante a feira, a porta estava trancada por dentro. Tom a esmurrou.

– Abram! Abram! – gritou.

Nada aconteceu.

Tom nem sequer tinha certeza de que havia alguém no claustro. Não

havia tempo para perguntas. Deu um passo para trás, pôs Jonathan no chão, levantou o pé direito, calçado com uma bota imensa, e chutou a porta. A madeira em volta da fechadura lascou. Tornou a chutar, dessa vez com mais força. A porta se escancarou. Do outro lado, um monge de idade avançada parecia assustado. Ele pegou Jonathan do chão e o pôs lá dentro.

– Faça com que ele fique aqui – disse para o velho monge. – Vai haver confusão.

O monge aquiesceu, calado, e deu a mão para Jonathan.

Tom fechou a porta.

Agora precisava encontrar o resto de sua família em uma multidão de mil pessoas ou mais.

A natureza quase impossível da missão o amedrontou. Ele não viu sequer um rosto conhecido. Subiu em um barril vazio de cerveja para procurar melhor. Era meio-dia e a feira estava no auge. As pessoas se moviam pelos corredores entre as barracas como um rio vagaroso, e redemoinhos se formavam em volta dos vendedores de comida e bebida, onde as pessoas faziam fila para comprar o almoço. Tom vasculhou a multidão, mas não viu ninguém da sua família. Começou a se desesperar. Olhou por cima dos telhados das casas. Os soldados estavam quase na ponte e agora galopavam. Eram homens de armas, todos eles, e vinham carregando tochas. Tom ficou horrorizado. Aquilo seria o caos.

De repente, viu Jack bem ao seu lado, os olhos erguidos para ele com uma expressão divertida.

– Por que você está de pé em cima de um barril? – perguntou o rapaz.

– Vai haver confusão! – respondeu Tom com urgência. – Onde está sua mãe?

– Na barraca de Aliena. Confusão de que tipo?

– Do tipo grave. Onde estão Alfred e Martha?

– Martha está com minha mãe. Alfred está assistindo à rinha de galos.

O que aconteceu?

– Venha ver você mesmo.

Tom estendeu a mão para ajudá-lo a subir. Jack se equilibrou mal na borda do barril na frente de Tom. Os soldados agora atravessavam com um estrondo a ponte em direção à cidade.

– Por Cristo Jesus, quem são esses?

Tom estreitou os olhos para ver o líder, um homem de porte grande

montado em um cavalo de combate. Reconheceu os cabelos amarelos e o corpo grandalhão.

– É William Hamleigh – falou.

Quando alcançaram as casas, os soldados começaram a encostar as tochas nos telhados para atear fogo à palha.

– Eles estão incendiando a cidade! – exclamou Jack.

– Vai ser ainda pior do que eu pensei – disse Tom. – Desça daí.

Os dois pularam para o chão.

– Vou buscar a mãe e Martha – falou Jack.

– Leve-as para o claustro – ordenou Tom com urgência. – Lá vai ser o único lugar seguro. Se os monges fizerem objeção, mande-os à merda.

– E se eles trancarem a porta?

– Eu acabei de arrombar o fecho. Vá depressa! Eu vou buscar Alfred. Vá!

Jack se afastou correndo. Tom partiu na direção da rinha de galos, empurrando com truculência as pessoas no caminho. Vários homens se revoltaram com os empurrões, mas ele os ignorou e, quando viram a altura de Tom e a expressão de pétrea determinação em seu rosto, todos se calaram. Não demorou muito para o cheiro das casas queimadas chegasse ao priorado. Tom sentiu e notou uma ou duas pessoas farejando o ar com curiosidade. Tinha apenas alguns segundos antes de o pânico se generalizar.

A rinha de galos ficava perto do portão. Ao seu redor estava reunida uma turba grande e barulhenta. Tom abriu caminho aos empurrões, à procura de Alfred. No meio da multidão havia um buraco raso aberto no chão com poucos metros de diâmetro. No meio dele, dois galos se estraçalhavam com bicadas e golpes de esporão. Havia penas e sangue por toda parte. Em meio aos espectadores mais próximos da rinha, Alfred observava com atenção e gritava a plenos pulmões para incentivar uma ou outra das infelizes aves. Tom forçou passagem entre as pessoas aglomeradas e segurou o filho pelo ombro.

– Venha! – gritou.

– Eu apostei 6 *pence* no preto! – gritou Alfred de volta.

– Temos de sair daqui! – berrou Tom. Nesse instante, uma nuvem de fumaça passou por cima da rinha. – Não está sentindo o cheiro de fogo?

Um ou dois espectadores ouviram a palavra “fogo” e olharam para

Tom com curiosidade. O cheiro voltou e eles sentiram, assim como Alfred.

– O que é isso? – perguntou.

– A cidade está pegando fogo! – respondeu Tom.

De repente, todos começaram a sair dali. Os homens se dispersaram em todas as direções, dando empurrões e trancos. Na rinha, o galo preto matou o marrom, mas ninguém prestou atenção. Alfred começou a andar na direção errada. Tom o segurou.

– Vamos para o claustro – disse. – É o único lugar seguro.

Nuvens espessas de fumaça invadiram o ambiente e o medo tomou conta da multidão. Apesar da agitação, ninguém sabia o que fazer. Tom olhou por cima das cabeças e viu pessoas saindo do priorado, mas o portão era estreito, e de toda forma elas não estariam mais seguras fora do que ali dentro. Ainda assim, muitos tentavam chegar ao portão, e Tom e Alfred se viram obrigados a enfrentar uma correnteza de gente desesperada indo na direção oposta. Então, em questão de segundos, a correnteza se inverteu e todos começaram a andar na mesma direção que eles. Tom olhou em volta para descobrir o motivo da mudança e viu os primeiros soldados entrando no priorado.

Foi nessa hora que o tumulto fugiu ao controle.

Os soldados eram uma imagem aterrorizante. Seus cavalos imensos, tão amedrontados quanto as pessoas no chão, avançavam, empinavam e atacavam, pisoteando gente por todos os lados. Os soldados, armados e usando capacetes, golpeavam em volta com porretes e tochas, derrubando homens, mulheres e crianças e ateando fogo a barracas, roupas e cabelos. Todos gritavam. Mais soldados entraram pelo portão e mais pessoas desapareceram sob os imensos cascos.

– Vá indo para o claustro! – gritou Tom no ouvido de Alfred. – Quero me certificar de que os outros conseguiram escapar. Corra!

E lhe deu um empurrão. Alfred saiu correndo.

Tom foi até a barraca de Aliena. Quase na mesma hora, tropeçou em alguém e caiu no chão. Ajoelhou-se, soltando um palavrão, mas antes de conseguir ficar em pé viu um cavalo de combate vindo na sua direção. O animal tinha as orelhas encolhidas para trás e as narinas infladas, e Tom pôde ver o branco de seus olhos apavorados. Acima da cabeça do cavalo, viu o rosto cheio de William Hamleigh, distorcido em um esgar de ódio e triunfo. Pensou que seria bom abraçar Ellen uma última vez. Então um

imenso casco o acertou bem no meio da testa, ele foi tomado por uma dor terrível e assustadora como se o seu crânio tivesse rachado e o mundo inteiro ficou preto.



Ao sentir pela primeira vez o cheiro de fumaça, Aliena pensou que fosse do almoço que estava servindo.

Havia três compradores flamengos sentados à mesa ao ar livre em frente ao seu armazém. Eram homens corpulentos, de barba preta, que falavam inglês com forte sotaque germânico e usavam roupas feitas com tecidos de finíssima qualidade. Tudo corria bem. Ela estava prestes a iniciar as vendas e havia decidido servir o almoço primeiro, para que os compradores ficassem ansiosos. Apesar disso, ia se sentir aliviada quando aquela imensa fortuna em lã passasse para as mãos de outra pessoa. Pousou diante dos clientes a travessa de costeletas de porco assadas com mel e a examinou com olho experiente. A carne estava no ponto exato, com a borda de gordura crocante e dourada. Serviu mais vinho. Um dos flamengos farejou o ar e então os três olharam em volta com um ar aflito. Aliena sentiu um medo repentino. O fogo era o pesadelo de todo negociante de lã. Olhou para Ellen e Martha, que a ajudavam a servir o almoço.

– Estão sentindo cheiro de fumaça? – indagou.

Antes que elas respondessem, Jack apareceu. Aliena ainda não tinha se acostumado a vê-lo trajando o hábito de monge, com os cabelos cor de cenoura raspados no alto da cabeça. O rosto doce do rapaz exibia um ar aflito. Sentiu um impulso repentino de tomá-lo nos braços e espantar com beijos a preocupação de seu rosto, mas lhe deu as costas depressa, lembrando-se de como havia perdido o controle no moinho velho, seis meses antes. Ainda corava de vergonha sempre que recordava o incidente.

– Problemas! – gritou ele com urgência. – Precisamos nos refugiar no claustro.

Ela o encarou.

– O que está acontecendo? Um incêndio?

– É o conde William e seus homens de armas – respondeu ele.

Aliena sentiu o corpo gelar como o de um cadáver. William. Outra vez.

– Eles atearam fogo à cidade – disse Jack. – Tom e Alfred estão indo para o claustro. Venham comigo, por favor.

Sem a menor cerimônia, Ellen deixou cair a tigela de verduras bem na frente de um comprador flamengo atônito.

– Certo – falou. Segurou Martha pelo braço. – Vamos lá.

Aliena lançou um olhar de pânico para seu armazém. Lá dentro havia centenas de libras em lã crua que ela precisava proteger do fogo... Mas como? Olhou para Jack, que a encarava com expectativa. Os compradores deixaram a mesa às pressas.

– Vá na frente – disse Aliena para Jack. – Preciso cuidar da minha barraca.

– Jack, vamos! – exclamou Ellen.

– Já vou – respondeu ele, e tornou a se virar para Aliena.

Ela viu que Ellen hesitava. Estava claramente dividida entre salvar Martha e esperar Jack.

– Jack! Jack! – insistiu ela.

O rapaz se virou para a mãe.

– Mãe! Leve Martha daqui!

– Está bem! Mas, por favor, se apresse!

Ela e Martha saíram.

– A cidade está pegando fogo – disse Jack. – O claustro é o lugar mais seguro, pois é feito de pedra. Venha comigo, rápido.

Aliena ouviu gritos vindos do portão do priorado. De repente, a fumaça tomou conta de tudo. Ela olhou em volta para tentar entender o que estava acontecendo. Tinha as entranhas contraídas de medo. Tudo pelo qual havia trabalhado durante mais de seis anos estava estocado no armazém.

– Aliena! – gritou Jack. – Vamos para o claustro! Lá ficaremos seguros!

– Eu não posso! – gritou ela de volta. – Minha lã!

– Sua lã que vá para o inferno!

– Ela é tudo o que eu tenho!

– E não vai servir de nada se você morrer!

– Para você é fácil falar, mas eu levei todos esses anos para chegar a esta condi...

– Aliena! *Por favor!*

De repente, as pessoas bem em frente à barraca começaram a gritar, aterrorizadas. Os soldados entraram no priorado e avançavam pelo meio da multidão incendiando as barracas, sem ligar para quem atropelassem. Tomadas de pânico, as pessoas esmagavam umas às outras na tentativa desesperada de sair do caminho dos cascos poderosos e das tochas. Aglomeraram-se contra a frágil cerca de madeira que formava a frente da barraca de Aliena, e a cerca desabou na hora. A multidão invadiu o espaço aberto em frente ao armazém e derrubou a mesa com suas travessas de comida e seus cálices de vinho. Jack e Aliena foram forçados a recuar. Dois soldados invadiram a barraca, um deles brandindo um porrete a esmo, o outro empunhando uma tocha acesa. Jack ficou na frente de Aliena. O porrete desceu na direção da cabeça dela, mas Jack esticou o braço para protegê-la e a arma o acertou com força no pulso. Ela sentiu o impacto, mas quem o absorveu foi ele. Quando Aliena ergueu os olhos, viu o rosto do segundo cavaleiro.

Era William Hamleigh.

Ela gritou.

William passou alguns instantes olhando para ela, segurando a tocha acesa e com uma luz de triunfo nos olhos. Então esporeou o cavalo e invadiu o armazém.

– Não! – gritou Aliena.

Ela se debateu para tentar sair do meio das pessoas, empurrando e socando quem estava no caminho, inclusive Jack. Por fim conseguiu se libertar e entrou correndo no armazém. Inclinado na sela, William encostava a tocha nos sacos de lã empilhados.

– Não! – gritou ela.

Atirou-se em cima dele e tentou puxá-lo de cima do cavalo. William a empurrou e ela caiu no chão. Ele tornou a encostar a tocha nos sacos de lã, que pegaram fogo com um rugido estrondoso. O cavalo empinou e relinchou de pavor ao ver as chamas. De repente, Jack apareceu e puxou Aliena para longe. William fez o cavalo se virar e saiu depressa do armazém. A moça se levantou, pegou um saco vazio e tentou abafar as chamas.

– Aliena, você vai morrer! – gritou Jack.

A temperatura ficou insuportável. Ela agarrou um saco de lã que ainda não havia pegado fogo e tentou tirá-lo da pilha. De repente, ouviu um

rugido, sentiu um calor intenso no rosto e percebeu, em pânico, que seus cabelos estavam em chamas. Segundos depois, Jack se jogou em cima dela, envolveu sua cabeça com os dois braços e a puxou com força para junto do corpo. Os dois caíram no chão. Ele a segurou com força por alguns instantes, então a soltou. Ela sentiu cheiro de cabelo queimado, mas o fogo fora apagado. Viu queimaduras no rosto de Jack e que suas sobrancelhas tinham sumido. Ele a segurou por um dos tornozelos e a arrastou pela porta. Apesar de ela se debater, continuou a arrastá-la até se afastarem o suficiente.

A área da barraca havia esvaziado. Jack a soltou. Ela tentou se levantar, mas ele a segurou de novo e a manteve no chão. Ela não parou de se debater, encarando enlouquecida o fogo que consumia todos os seus anos de trabalho e preocupação, toda a sua fortuna e segurança, até não lhe restarem mais forças para lutar contra o rapaz. Então ficou apenas deitada ali, gritando.



Philip estava na despensa abaixo da cozinha do priorado, contando dinheiro com Cuthbert Whitehead, quando ouviu o barulho. Ele e Cuthbert se entreolharam, com o cenho franzido, em seguida se levantaram para ir ver o que estava acontecendo.

Quando saíram pela porta, depararam com o tumulto.

Philip ficou horrorizado. Pessoas corriam para todos os lados, empurrando e se esbarrando, caindo e se pisoteando. Homens e mulheres gritavam, crianças choravam. O ar estava tomado de fumaça. Pareciam tentar sair do priorado. Além do portão principal, a única saída era pela brecha entre a cozinha e o moinho. Ali não havia muro, mas uma vala funda que levava água do reservatório do moinho até a cervejaria. Philip quis avisar às pessoas que tomassem cuidado com a vala, mas ninguém conseguia escutar nada.

O motivo da confusão era obviamente um incêndio, e dos grandes. A fumaça produzida pelo fogo tornava o ar denso. Philip foi dominado pelo medo. Com tanta gente aglomerada, a matança seria pavorosa. O que ele poderia fazer?

Em primeiro lugar, precisava descobrir exatamente o que estava acontecendo. Subiu correndo os degraus até a porta da cozinha para ver melhor. A cena que lhe assomou aos olhos o encheu de temor.

A cidade de Kingsbridge inteira estava em chamas.

Um grito de horror e desespero lhe escapou da garganta.

Como aquilo podia ter acontecido?

Então viu os soldados avançando pelo meio das pessoas com seus cavalos e tochas acesas e entendeu que não fora um acidente. A primeira coisa que pensou foi que aquele era um combate entre os dois lados da guerra civil, que de alguma forma havia engolfado Kingsbridge. Mas os homens de armas atacavam as pessoas da cidade, não uns aos outros. Aquilo não era uma batalha: era um massacre.

Viu um homem grande e louro, montando um cavalo de combate enorme, avançar entre as pessoas aglomeradas. Era William Hamleigh.

Sentiu o ódio lhe subir pela garganta. Pensar que toda aquela morte e destruição fora provocada de forma deliberada, motivada por cobiça e orgulho, quase o fez enlouquecer.

– Estou vendo você, William Hamleigh! – gritou o mais alto que conseguiu.

William ouviu seu nome acima dos gritos da multidão. Puxou as rédeas do cavalo e encarou Philip.

– Você vai para o inferno por isso! – avisou o prior.

A sede de sangue deixara o rosto de William vermelho. Nesse dia, nem mesmo a ameaça que ele mais temia surtiu efeito. Ele parecia ter enlouquecido. Acenou com a tocha acesa no ar como se fosse um estandarte.

– O inferno é aqui, monge! – berrou de volta.

Então fez o cavalo dar meia-volta e se foi.



De uma hora para outra, todos sumiram, tanto os soldados quanto as pessoas. Jack soltou Aliena e se levantou. Sentia a mão direita dormente. Lembrou-se de que havia levado o golpe dirigido para a cabeça de Aliena. Ficou satisfeito porque a mão doía. Torceu para doer por muito tempo,

para lembrá-lo.

O armazém parecia um inferno e pequenas fogueiras ardiam por todos os lados. O chão estava forrado de corpos. Alguns se mexiam, outros sangravam, outros jaziam inertes. Tirando o crepitar das chamas, tudo era silêncio. As pessoas tinham conseguido sair, de um jeito ou de outro, deixando para trás seus mortos e feridos. Jack estava atordoado. Nunca vira um campo de batalha, mas imaginou que devesse ser assim.

Aliena começou a chorar. Para reconfortá-la, Jack pousou a mão no ombro dela. Ela a afastou. Ele havia lhe salvado a vida, mas ela não se importava com isso. Ligava apenas para sua maldita mãe, agora irremediavelmente perdida, transformada em fumaça. Passou alguns segundos olhando para ela, tomado de tristeza. Quase todo o cabelo dela tinha queimado e ela não estava bonita, mas ele a amava mesmo assim. Magoava-o vê-la tão arrasada e não poder reconfortá-la.

Teve certeza de que Aliena agora não tentaria mais entrar no armazém. Estava preocupado com o resto de sua família, então a deixou ali e foi procurar os outros.

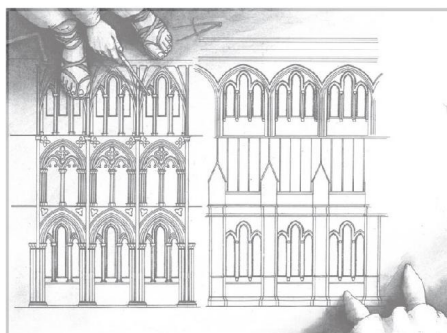
Seu rosto doía. Ele levou uma das mãos à bochecha e seu próprio toque ardeu. Devia ter se queimado também. Olhou para os corpos no chão. Queria fazer algo pelos feridos, mas não sabia por onde começar. Procurou rostos familiares entre os estranhos, torcendo para não reconhecer nenhum. A mãe e Martha tinham se refugiado no claustro. Conseguiram chegar lá bem antes do tumulto, pensou. Será que Tom havia encontrado Alfred? Ele se virou na direção do claustro. Foi então que viu o construtor.

O corpo alto de seu padrasto estava esticado no chão coberto de lama, totalmente imóvel. Das sobrancelhas para baixo, o rosto estava reconhecível, tranquilo até, mas a testa estava aberta e o crânio inteiramente esmagado. Jack ficou horrorizado. Não conseguiu acreditar naquilo. Tom não podia estar morto. Mas aquela coisa não podia estar viva. Desviou os olhos, então tornou a olhar. Era mesmo Tom, e ele estava morto.

Ajoelhou-se junto ao corpo. Sentiu o impulso de fazer alguma coisa, de dizer algo, e pela primeira vez entendeu por que as pessoas gostavam de orar pelos mortos.

– A mãe vai sentir muito sua falta – disse. Então se lembrou do que falara para Tom, cheio de raiva, no dia da briga com Alfred. – A maior

parte daquilo que eu disse não era verdade – continuou, e as lágrimas começaram a rolar. – Você não me deixou na mão. Você me alimentou e cuidou de mim, e fez minha mãe feliz, feliz de verdade. – Mas havia algo mais importante do que isso, pensou. O que Tom lhe dera não era algo banal como comida e abrigo. Ele lhe dera algo único, algo que nenhum outro homem poderia dar, nem mesmo seu próprio pai. Uma paixão, uma técnica, uma arte e um modo de vida. – Você me deu a catedral – sussurrou Jack para o morto. – Obrigado.



PARTE IV
1142-1145

CAPÍTULO 11

I

A profecia de Philip havia estragado o triunfo de William: em vez de satisfação e júbilo, o que ele sentiu foi pavor de ir para o inferno pelo que tinha feito.

Havia respondido ao prior com relativa coragem, zombando: “O inferno é aqui, monge!”, mas apenas porque estava no calor do combate. Uma vez terminado, quando ele conduziu seus homens para longe da cidade em chamas, quando os cavalos e o ritmo de seus corações desaceleraram, quando ele teve tempo de relembrar o ataque e pensar em quantas pessoas havia ferido, queimado e matado, lembrou-se então do rosto irado de Philip, de seu dedo apontado para as entranhas da terra e das palavras que pesavam como uma maldição: “Você vai para o inferno por isso!”

Ao cair da noite, já estava totalmente deprimido. Seus homens queriam falar sobre a operação, relembrar os pontos altos e se vangloriar da matança, mas logo entenderam o humor do patrão e caíram em um silêncio mal-humorado. Eles passaram a noite na casa de um dos maiores arrendatários de William. Durante o jantar, com a cara fechada, os homens se embriagaram até perder os sentidos. Sabendo como soldados em geral se sentiam depois de uma batalha, o arrendatário levava algumas prostitutas de Shiring, mas elas não conseguiram trabalhar muito. William passou a noite inteira em claro, apavorado de morrer dormindo e ir direto para o inferno.

Na manhã seguinte, em vez de voltar para Earlscastle, foi falar com Waleran. O bispo não estava no palácio quando eles chegaram, mas o deão Baldwin disse que deveria voltar naquela mesma tarde. William ficou esperando na capela, com os olhos pregados no crucifixo do altar e

tremendo apesar do calor de verão.

Quando Waleran por fim chegou, sentiu vontade de beijar seus pés.

O bispo entrou na capela com suas vestes negras.

– O que está fazendo aqui? – indagou, frio.

William se levantou, tentando esconder, por trás de uma fachada de autocontrole, o terror abjeto que sentia.

– Acabei de incendiar a cidade de Kingsbridge...

– Eu sei – interrompeu Waleran. – Não ouvi falar de outra coisa o dia inteiro. O que deu em você? Ficou maluco?

A reação pegou William totalmente de surpresa. Ele não havia conversado sobre o ataque com Waleran antes porque tinha certeza de que o bispo aprovaria: Waleran odiava tudo o que tivesse a ver com Kingsbridge, sobretudo o prior Philip. Imaginara que ele fosse ficar satisfeito, talvez até mesmo feliz.

– Acabei de arruinar seu maior inimigo – falou William. – Agora preciso confessar meus pecados.

– Não me espanta – disse Waleran. – Dizem que mais de cem pessoas foram queimadas. – Ele estremeceu. – Que jeito horrível de morrer.

– Estou pronto para a confissão.

Waleran balançou a cabeça.

– Não sei se posso absolvê-lo.

William deixou escapar uma exclamação de medo.

– Por que não?!

– Você sabe que o bispo Henrique de Winchester e eu passamos de novo para o lado do rei Estêvão. Não acho que o rei vá aprovar que eu absolva um partidário da imperatriz Matilda.

– Maldito Waleran, foi você quem me convenceu a mudar de lado!

O bispo deu de ombros.

– Mude outra vez.

William entendeu que era esse o objetivo de Waleran. Ele queria que William passasse de novo para o lado de Estêvão. O horror do bispo em relação ao incêndio de Kingsbridge fora fingido: ele só marcou uma posição para poder negociar. William se sentiu profundamente aliviado, pois isso significava que Waleran não era irreversivelmente contra lhe dar a absolvição. Mas ele próprio queria mudar de lado outra vez?, pensou William. Passou alguns instantes sem dizer nada enquanto tentava refletir

com calma sobre a questão.

– Estêvão obteve vitórias durante todo o verão – prosseguiu Waleran. – A esposa está implorando que ele volte da Normandia para ajudá-la, mas ele não quer. A maré está a nosso favor.

Uma perspectiva terrível se descortinou diante de William: a Igreja se recusava a absolvê-lo de seus crimes, o representante do rei no condado o acusava de assassinato, o rei Estêvão, vitorioso, apoiava o representante do rei e a Igreja, e William era julgado e enforcado...

– Faça como eu e siga o bispo Henrique. Ele sabe em que direção o vento sopra – insistiu Waleran. – Se tudo der certo, Winchester vai virar uma arquidiocese e Henrique será arcebispo, na mesma posição do arcebispo de Canterbury. E quando Henrique morrer, quem sabe? Eu poderia ser o próximo no cargo. Depois disso... Bem, já existem cardeais ingleses. Um dia pode ser que haja um papa inglês.

Apesar do medo que sentia, William encarou o bispo fascinado com a ambição crua exposta no seu semblante em geral impassível. Waleran como papa? Tudo era possível. Mas as consequências imediatas daquelas aspirações eram bem mais importantes. William percebia que era um peão no jogo do bispo. Waleran aumentava seu prestígio junto a Henrique conseguindo fazer William e os cavaleiros de Shiring passarem de um campo para outro da guerra civil. Era esse o preço que William tinha de pagar para que a Igreja fingisse não ver seus crimes.

– Está dizendo que... – Sua voz saiu rouca. Ele tossiu e continuou: – Está dizendo que vai ouvir minha confissão se eu jurar lealdade a Estêvão e passar de novo para o lado dele?

O brilho nos olhos de Waleran desapareceu e seu rosto tornou a ficar inexpressivo.

– É exatamente isso que eu estou dizendo – falou.

William não tinha escolha, mas de todo modo não via por que recusar. Havia passado para o lado de Matilda quando ela parecia estar vencendo, e estava pronto para mudar outra vez agora que Estêvão recuperava a vantagem. Fosse como fosse, teria aceitado qualquer coisa para se livrar daquele terrível medo do inferno.

– Então concordo – falou, sem mais hesitar. – Mas ouça minha confissão, rápido.

– Muito bem – disse Waleran. – Oremos.

À medida que eles rezavam rapidamente uma missa, William sentiu o peso da culpa sair de suas costas e aos poucos começou a pensar em seu triunfo com satisfação. Quando saiu da capela, seus homens perceberam que o conde estava mais animado e se alegraram na hora. William comunicou que passariam a lutar pelo rei Estêvão outra vez, segundo a vontade divina expressa pelo bispo, e eles transformaram a mudança de lado em desculpa para comemorar. Waleran pediu vinho.

– Estêvão agora deveria me confirmar como conde – observou William enquanto esperavam o almoço.

– Deveria – concordou Waleran. – Mas não quer dizer que vá.

– Mas eu agora estou do lado dele!

– Richard de Kingsbridge nunca saiu do lado dele.

William se permitiu um sorriso de superioridade.

– Eu acho que acabei com a ameaça de Richard.

– Ah, é? Como?

– Ele nunca teve terras. O único jeito que encontrou de financiar seus cavaleiros foi usando o dinheiro da irmã.

– Não é muito ortodoxo, mas até agora deu certo.

– Só que agora a irmã dele não tem mais dinheiro. Ontem incendiei o estoque dela. Ela está na miséria. E Richard também.

Waleran aquiesceu com um meneio de cabeça.

– Nesse caso, é só uma questão de tempo até ele sumir. E quando isso acontecer, acredito que o condado será seu.

O almoço ficou pronto. Os homens de William se sentaram com os criados e começaram a flertar com as lavadeiras do palácio. William se sentou à cabeceira com Waleran e seus arcediagos. Agora que estava calmo, sentiu certa inveja dos homens com as lavadeiras. Arcediagos eram uma companhia maçante.

O deão Baldwin lhe ofereceu um prato de ervilhas e perguntou:

– Milorde William, como o senhor vai impedir que outra pessoa tente o mesmo que o prior Philip e crie a própria feira de lã?

A pergunta deixou William espantado.

– Ninguém se atreveria!

– Outro monge talvez não se atreva, mas um conde, sim.

– Ele precisaria de uma licença.

– E talvez consiga, se lutar por Estêvão.

– Não neste condado.

– Baldwin tem razão, William – interveio Waleran. – Em todas as fronteiras do seu condado há cidades que poderiam abrigar uma feira de lã: Wilton, Devizes, Wells, Marlborough, Wallingford...

– Eu incendiei Kingsbridge, posso incendiar qualquer lugar – retrucou William, irritado.

Tomou um longo gole de vinho. Ver sua vitória ser diminuída o enfureceu.

Waleran pegou um pão fresco e o partiu, mas não comeu nenhum pedaço.

– Kingsbridge é um alvo fácil – argumentou ele. – Não tem muralha, nem castelo, nem mesmo uma igreja grande para servir de refúgio. E é governada por um monge sem cavaleiros e sem homens de armas. Kingsbridge é indefesa. A maioria das cidades, não.

– E quando a guerra civil terminar – acrescentou o deão Baldwin –, seja quem for o vencedor, você não vai poder incendiar uma cidade como Kingsbridge e se safar. Isso é uma violação da paz real. Em circunstâncias normais, nenhum rei deixaria passar.

William viu que eles tinham razão, o que aumentou sua raiva.

– Então talvez tudo aquilo não tenha adiantado nada – falou.

Pousou a faca na mesa. Ficou tenso e sentiu seu ventre se contrair, e não conseguiu mais comer.

– É claro que, se Aliena estiver na miséria, isso abre uma espécie de vaga – comentou Waleran.

William não entendeu.

– Como assim?

– A maior parte da lã do condado este ano foi vendida para ela. O que vai acontecer no ano que vem?

– Não sei.

Waleran prosseguiu no mesmo tom reflexivo:

– Com exceção do prior Philip, todos os produtores de lã em um raio de muitos quilômetros são arrendatários ou do conde ou do bispo. Você é o conde em tudo, menos no nome, e eu sou o bispo. Se obrigássemos todos os nossos arrendatários a nos vender sua lã, controlaríamos dois terços do mercado do condado. E venderíamos tudo na Feira de Lã de Shiring. Mesmo que alguém conseguisse uma licença, não haveria volume

suficiente para justificar outra feira.

William percebeu na hora que aquela ideia era brilhante.

– E nós ganharíamos tanto dinheiro quanto Aliena – observou ele.

– De fato. – Waleran deu uma mordida delicada na carne à sua frente e mastigou, sempre com ar pensativo. – Isso significa que você incendiou Kingsbridge, arruinou nosso pior inimigo e criou uma nova fonte de renda para si. Nada mau para um dia de trabalho.

William sorveu um grande gole de vinho e sentiu um calor no estômago. Olhou para a mesa baixa dos criados e seu olhar recaiu sobre uma moça roliça de cabelos escuros que sorria sedutoramente para dois de seus homens. Talvez ficasse com ela à noite. Já sabia como seria. Quando a encurralasse num canto, quando a jogasse no chão e levantasse sua saia, iria se lembrar do rosto de Aliena e da sua expressão de pavor e desespero ao ver sua lâ virar fumaça, então conseguiria ir até o fim. Essa ideia o fez sorrir, e ele se serviu de mais uma fatia do pernil de cervo.



O incêndio de Kingsbridge abalou profundamente o prior Philip. A surpresa da incursão de William, a brutalidade do ataque, as cenas terríveis de pânico da multidão, a horrenda matança e sua total impotência se combinavam para deixá-lo atordoado.

O pior de tudo era a morte de Tom Builder. Um homem no auge de suas capacidades, um mestre em todos os aspectos de seu ofício, Tom deveria ter administrado a construção da catedral até o fim. Ele era também o amigo mais próximo de Philip fora do claustro. Os dois conversavam pelo menos uma vez ao dia e juntos lutavam em busca de soluções para a infinita variedade de problemas que surgiam naquele gigantesco projeto. Tom possuía uma rara combinação de conhecimento e humildade que tornava uma alegria trabalhar ao seu lado. Parecia impossível que estivesse morto.

Philip tinha a sensação de que não conseguia mais entender nada, de que não tinha nenhum poder real e de que não era competente para administrar nem um curral, quanto mais uma cidade do tamanho de Kingsbridge. Sempre havia acreditado que, caso fizesse honestamente o

melhor que pudesse e confiasse em Deus, tudo acabaria dando certo. O incêndio de Kingsbridge parecia provar que estava enganado. Ele perdeu toda a motivação e passava os dias sentado em sua casa observando a vela derreter no pequeno altar, consumido por pensamentos desconexos e desolados.

Quem cuidou do que precisava ser feito foi o jovem Jack. Providenciou que os cadáveres fossem levados para a cripta, alojou os feridos no dormitório dos monges e organizou refeições emergenciais para os sobreviventes no campo do outro lado do rio. Fazia calor e todos dormiam ao relento. No dia seguinte ao massacre, Jack dividiu os moradores ainda atordoados em equipes para limpar as cinzas e os destroços de dentro do priorado, enquanto Cuthbert Whitehead e Milius, o bolseiro, mandavam vir alimentos das fazendas ao redor. No segundo dia, enterraram seus mortos em 193 covas abertas no lado norte do priorado.

Philip simplesmente dava as ordens que Jack sugeria. O rapaz assinalou que a maior parte dos cidadãos que haviam sobrevivido ao incêndio tinha perdido muito pouca coisa de valor material – apenas um casebre e uns poucos móveis. As colheitas continuavam nos campos, os animais nos pastos, e as economias de todos continuavam enterradas, em geral sob a lareira de suas casas, intocadas pelas chamas que consumiram a cidade. Os negociantes cujos estoques tinham queimado eram os mais prejudicados: alguns, como Aliena, estavam arruinados; outros guardaram enterrada parte de sua riqueza em moedas de prata e poderiam recomeçar. Jack propôs reconstruir a cidade sem demora.

Por sugestão sua, Philip deu uma autorização extraordinária para que as árvores fossem derrubadas sem restrição nas florestas do priorado de modo que pudessem reconstruir as casas, mas só por uma semana. Por isso, Kingsbridge passou sete dias deserta enquanto as famílias escolhiam e cortavam as árvores que usariam para suas casas novas. Durante essa semana, Jack propôs a Philip que desenhasse uma planta da nova cidade. A ideia atizou a imaginação do prior e o fez sair da depressão.

Ele passou quatro dias ininterruptos trabalhando na planta. Para os artesãos e comerciantes ricos, haveria casas grandes em torno dos muros do priorado. Ele recordou o padrão quadriculado das ruas de Winchester e planejou Kingsbridge com o mesmo desenho prático. Ruas retas, largas o bastante para que duas carroças passassem, se estenderiam até o rio, e as

transversais seriam mais estreitas. Previu um lote padronizado com 7,5 metros de frente, fachada bem grande para uma casa de cidade. Cada lote teria cerca de 35 metros de lado, o que proporcionaria um quintal decente, com latrina, horta e um estábulo, curral de vacas ou chiqueiro. A ponte havia queimado e a nova seria construída em um ponto mais adequado, no fim da nova rua principal. Essa rua, que atravessaria a cidade, agora iria da ponte até o outro lado da cidade, subindo o morro e passando pela catedral, como em Lincoln. Outra rua larga partiria do portão do priorado e se estenderia até um novo cais na beira do rio, situado correnteza abaixo em relação à ponte e depois da curva do rio. Assim, os grandes carregamentos de suprimentos poderiam chegar ao priorado sem usar a rua de comércio principal. Em volta do cais novo haveria um bairro de pequenas casas: os pobres ficariam correnteza abaixo em relação ao priorado, assim seus hábitos insalubres não contaminariam o fornecimento de água fresca do mosteiro.

Planejar a reconstrução tirou Philip de seu transe impotente, mas toda vez que ele erguia os olhos dos desenhos era invadido pela raiva e pela tristeza ao se lembrar das pessoas que tinham morrido. Perguntou-se se William Hamleigh seria na verdade o diabo encarnado: o homem causava mais sofrimento do que parecia possível. No rosto dos moradores da cidade que voltavam da floresta com seus carregamentos de madeira viu a mesma mistura de esperança e desconsolo. Jack e os outros irmãos haviam marcado o plano da nova cidade no chão com estacas e barbante e, enquanto as pessoas escolhiam seus lotes, de vez em quando alguém dizia, desanimado: “Mas de que adianta? Pode ser que queimem tudo de novo ano que vem.” Se houvesse alguma esperança de justiça, alguma expectativa de os responsáveis serem punidos, talvez os moradores não se mostrassem tão inconsoláveis. No entanto, embora Philip tivesse escrito para Estêvão, Matilda, o bispo Henrique, o arcebispo de Canterbury e o papa, sabia que em tempos de guerra eram pequenas as chances de um homem poderoso e importante como William ser levado a julgamento.

Apesar dos aluguéis mais altos, os lotes maiores planejados por Philip foram muito disputados, então ele alterou a planta para aumentar a quantidade deles. Quase ninguém quis construir no bairro mais pobre, mas ele decidiu deixar o plano como estava, para uso futuro. Dez dias depois do incêndio, novas casas de madeira já estavam sendo erguidas em quase

todos os lotes, e em uma semana a maioria estava terminada. Depois disso, a obra da catedral foi retomada. Os construtores foram pagos e quiseram gastar o dinheiro, de modo que as lojas reabriram e os pequenos fazendeiros começaram a trazer para a cidade os ovos e as cebolas que produziam; as criadas e as lavadeiras retomaram o trabalho para os comerciantes e artesãos; e assim, dia após dia, a vida material de Kingsbridge voltou ao normal.

Mas os mortos eram tantos que o lugar parecia uma cidade de fantasmas. Todas as famílias haviam perdido pelo menos um membro: um filho, a mãe, o marido, uma irmã. Ninguém usava sinais de luto, mas as rugas nos rostos indicavam sua dor de forma tão evidente quanto as árvores desfolhadas anunciam o inverno. Um dos que mais sofreram foi o pequeno Jonathan, agora com 6 anos. Ele vagava pelo priorado como uma alma penada e, depois de um tempo, Philip entendeu que estava com saudade de Tom, que aparentemente havia passado mais tempo com o menino do que haviam percebido. Desde então, Philip começou a tomar cuidado para reservar uma hora por dia para Jonathan a fim de contar histórias, brincar de fazer contas e escutar sua tagarelice incessante.

Escreveu para os abades de todos os principais mosteiros beneditinos da Inglaterra e da França perguntando se poderiam recomendar um mestre construtor para substituir Tom. Um prior na sua posição em geral consultaria seu bispo sobre esse assunto, pois os bispos viajavam muito e podiam ouvir falar em bons construtores, mas Waleran não iria ajudá-lo. A desavença permanente entre os dois tornava o cargo de Philip mais solitário do que deveria ser.

Enquanto o prior esperava a resposta dos abades, os artesãos instintivamente recorreram a Alfred em busca de uma liderança. O rapaz era filho do construtor, era mestre pedreiro e já fazia algum tempo que gerenciava a própria equipe semiautônoma na obra. Infelizmente, ele não tinha a mesma inteligência do pai, mas era letrado e sabia mandar, e assim foi ocupando aos poucos o vazio aberto pela morte dele.

Os problemas e as dúvidas relacionados à construção pareciam bem mais numerosos do que na época de Tom, e Alfred dava a impressão de sempre inventar uma pergunta quando Jack não estava por perto para responder. Isso sem dúvida era natural: todos em Kingsbridge sabiam que os meios-irmãos se detestavam. Em consequência, porém, Philip se viu

mais uma vez importunado por intermináveis detalhes.

Com o passar das semanas, contudo, Alfred foi ganhando confiança, até o dia em que procurou Philip.

– O senhor não iria preferir que o teto da catedral tivesse abóbadas? – perguntou.

O projeto de Tom previa um teto de madeira no centro da igreja e abóbadas de pedra nas galerias laterais mais estreitas.

– Sim, iria – respondeu Philip. – Mas nós optamos por um telhado de madeira para economizar dinheiro.

Alfred aquiesceu.

– O problema é que um telhado de madeira pode pegar fogo. Uma abóbada de pedra é à prova de incêndio.

Philip estudou o rapaz por alguns instantes, pensando se o teria subestimado. Não esperava que Alfred fosse propor uma alteração no projeto do pai: isso mais parecia o feitio de Jack. Mas era muito sedutora a ideia de uma igreja à prova de incêndio, principalmente depois de a cidade inteira ter pegado fogo.

Alfred seguiu a mesma linha de raciocínio.

– A única construção da cidade a ficar de pé depois do incêndio foi a nova igreja paroquial – argumentou.

E a nova igreja paroquial, construída por Alfred, tinha o teto em abóbada, pensou Philip. No entanto, um empecilho lhe ocorreu.

– As paredes que já subiram conseguem suportar o peso de um teto de pedra?

– Teríamos de reforçar os contrafortes. Eles ficariam um pouco mais salientes, só isso.

Philip percebeu que ele havia mesmo pensado em todos os aspectos.

– E o custo?

– Vai ser mais caro a longo prazo, claro, e a igreja inteira vai levar três ou quatro anos a mais para ficar pronta. Mas não vai fazer nenhuma diferença no seu orçamento anual.

Philip gostava cada vez mais da ideia.

– No entanto, isso quer dizer que vamos ter de esperar outro ano antes de usar a igreja para os ofícios?

– Não. Não podemos começar o telhado, seja de pedra ou de madeira, antes da próxima primavera, pois o clerestório precisa endurecer para

apoiarmos qualquer peso nele. O telhado de madeira leva alguns meses a menos para ser construído, mas a chancela, de toda forma, vai estar coberta no final do ano que vem.

Philip pensou a respeito. Era uma questão de pesar a vantagem de um telhado à prova de incêndio contra a desvantagem de mais quatro anos de obra e mais quatro anos de despesas. O custo extra parecia muito distante no futuro, e o ganho de segurança seria imediato.

– Acho que vou debater a questão com os irmãos no capítulo – disse ele. – Mas me parece uma boa ideia.

Alfred agradeceu e se retirou, e quando ele saiu Philip ficou parado, encarando a porta, pensando se no fim das contas precisava mesmo procurar um novo mestre construtor.



No festival da primeira colheita, Kingsbridge fez uma bela demonstração de coragem. Pela manhã, cada casa da cidade preparou um pão. A colheita acabara de entrar, e a farinha estava barata e abundante. Quem não tinha forno assou o pão na casa de um vizinho ou nos grandes fornos que pertenciam ao priorado e aos dois padeiros da cidade, Peggy Baxter e Jackatte-Novén. Ao meio-dia, o ar já tomado pelo aroma de pão fresco deixou todos com água na boca. Os pães foram dispostos sobre mesas montadas no campo do outro lado do rio e os moradores andaram em volta para admirá-los. Não havia dois iguais. Muitos eram recheados com frutas ou especiarias: havia pães de ameixa, de passas, de gengibre, pão doce, pães de cebola, de alho, e muitos mais. Outros tinham uma cor verde por causa da salsa, amarela por causa da gema de ovo, vermelha de sândalo ou roxa de tornassol. Tinham diversos formatos esquisitos: triângulos, cones, esferas, estrelas, ovais, pirâmides, cilindros finos e grossos, e havia até mesmo um com a forma do número oito. Havia aqueles ainda mais ambiciosos: pães em formato de coelhos, ursos, macacos e dragões. Havia casas e castelos de pão. Porém, o mais espantoso, na opinião de todos, era o pão feito por Ellen e Martha, uma representação da catedral com o aspecto que teria quando concluída, baseado no projeto do falecido marido de Ellen.

Fora horrível ver o luto dela. A mulher uivara como uma alma em suplício, por noites a fio, sem que ninguém conseguisse reconfortá-la. Mesmo agora, dois meses depois, ainda estava emaciada e com os olhos encovados. No entanto, ela e Martha pareciam ajudar uma à outra, e preparar o pão da catedral lhes proporcionara algum consolo.

Aliena passou muito tempo observando o pão feito por Ellen. Desejava ter algo que a pudesse reconfortar. Nada a animava. Quando os pães começaram a ser provados, foi passando apática de mesa em mesa e não comeu nada. Nem sequer quisera construir uma casa para si até que o prior Philip lhe dissesse para reagir e Alfred lhe trouxesse madeira e ordenasse que alguns de seus homens a ajudassem. Ainda comia no mosteiro todos os dias, isso quando se lembrava de se alimentar. Não tinha energia. Quando lhe ocorria fazer algo ela mesma – fabricar um banco de cozinha com sobras de madeira, arrematar as brechas das paredes com lama do rio ou construir uma arapuca para capturar aves e se alimentar –, lembrava-se de quanto havia batalhado para se estabelecer como negociante de lã e a rapidez com que tudo fora por água abaixo. Então perdia o ânimo. E assim passava os dias, acordando tarde, indo ao mosteiro almoçar quando tinha fome, vendo o rio correr e indo dormir na palha do chão de sua casa nova quando a noite caía.

Apesar da letargia, sabia que aquela celebração da colheita era uma farsa. A cidade fora reconstruída e as pessoas cuidavam de suas vidas como antes, mas o massacre ainda era uma lembrança forte e, por baixo do verniz de bem-estar, ela podia sentir uma profunda corrente de medo. A maioria tinha mais talento do que ela para agir como se tudo estivesse bem. Na verdade, porém, todos se sentiam da mesma forma: achavam que aquilo não poderia durar, que tudo o que construísem agora seria destruído outra vez.

Enquanto ela fitava com um olhar vazio as pilhas de pão, seu irmão Richard chegou. Atravessou a ponte vindo da cidade deserta, puxando o cavalo pelas rédeas. Estava fora, lutando por Estêvão, desde antes do massacre, e ficou pasmo com o que viu.

– Que diabo aconteceu aqui? – perguntou a ela. – Não estou encontrando nossa casa! A cidade inteira mudou.

– William Hamleigh apareceu no dia da feira de lã com um bando de homens de armas e pôs fogo na cidade – explicou Aliena.

Richard empalideceu, em choque, e a cicatriz em sua orelha direita ficou lívida.

– William! – disse ele entre os dentes. – Aquele demônio!

– Mas nós temos uma nova casa – prosseguiu Aliena, sem demonstrar emoção. – Os homens de Alfred a construíram para mim. Só que é bem menor, e fica perto do cais novo.

– O que houve com você? – indagou ele, olhando para ela com atenção.

– Está quase careca e não tem mais sobancelhas.

– Meu cabelo pegou fogo.

– Ele não...

Aliena balançou a cabeça.

– Dessa vez, não.

Uma das moças trouxe um pão salgado para Richard provar. Ele pegou um pedaço, mas não comeu. Parecia atordoado.

– Mas que bom que você está bem – disse Aliena.

Ele aquiesceu.

– Estêvão está marchando em direção a Oxford, onde Matilda está escondida. Pode ser que a guerra termine em breve. Mas eu preciso de uma boa espada. Vim buscar um pouco de dinheiro. – Ele comeu um pouco de pão. Seu rosto recobrou a cor. – Meu Deus, que delícia. Mais tarde você pode preparar um pouco de carne para mim.

De repente, Aliena sentiu medo de Richard. Sabia que ele ficaria uma fera com ela, e não tinha forças para enfrentá-lo.

– Eu não tenho carne – falou.

– Bom, então pegue alguma com o açougueiro!

– Não se zangue, Richard – disse ela, e começou a tremer.

– Não estou zangado – retrucou ele, irritado. – O que há com você?

– Toda a minha lã queimou no incêndio – contou ela, e o encarou temerosa, à espera da sua explosão.

Ele franziu o cenho, olhou para ela, engoliu em seco e jogou longe a casca do pão.

– Toda?

– Toda.

– Mas você ainda deve ter algum dinheiro.

– Nenhum.

– Por quê? Você sempre tinha um baú cheio de moedas enterrado no

piso...

– Não no mês de maio. Gastei tudo em lâ, até o último *penny*. E ainda peguei 40 libras emprestadas do pobre Malachi, que não vou conseguir pagar. Não tenho como lhe comprar uma espada nova. Não posso sequer lhe comprar um pedaço de carne para o almoço. Estamos totalmente arruinados.

– Então como eu vou poder continuar? – gritou ele, furioso.

Seu cavalo levantou as orelhas e se mexeu, nervoso.

– Não sei! – respondeu Aliena, à beira das lágrimas. – Não grite, você está assustando o cavalo.

Ela começou a chorar.

– Foi William Hamleigh quem fez isso – falou Richard entre os dentes.

– Um dia vou esquartejá-lo feito um porco cevado, juro por todos os santos.

Alfred se aproximou deles, com a barba volumosa cheia de migalhas e um pedaço de pão de ameixa na mão.

– Prove este aqui – falou para Richard.

– Estou sem fome – retrucou ele, de maneira rude.

Alfred olhou para Aliena.

– Qual é o problema? – perguntou.

Quem respondeu foi Richard:

– Ela acabou de me dizer que estamos arruinados.

Alfred aquiesceu.

– Todo mundo perdeu alguma coisa, mas Aliena perdeu tudo.

– Você entende o que isso significa para mim? – continuou Richard, falando com Alfred, mas olhando para a irmã com uma expressão acusadora. – É o fim da linha. Se eu não puder substituir minhas armas nem pagar meus homens, se não puder comprar cavalos, não vou conseguir lutar pelo rei Estêvão. Minha carreira de cavaleiro acabou... E eu jamais serei o conde de Shiring.

– Aliena talvez se case com um homem rico – disse Alfred.

Richard deu uma risada desdenhosa.

– Ela dispensou todos eles.

– Talvez um deles peça de novo.

– Sei. – O rosto de Richard se contorceu com um sorriso cruel. – Poderíamos mandar cartas para todos os pretendentes que ela rejeitou

dizendo que ela perdeu todo o dinheiro e agora está disposta a reconsiderar.

– Chega – falou Alfred, pousando a mão no braço de Richard, que se calou. Alfred se virou para Aliena. – Você se lembra do que eu lhe disse há um ano, no primeiro jantar da guilda da paróquia?

A moça sentiu um peso no coração. Mal conseguia acreditar que Alfred fosse recomeçar aquela conversa. Não tinha forças para lidar com aquilo.

– Lembro – respondeu. – E espero que você se lembre da minha resposta.

– Eu ainda a amo – falou Alfred.

Richard pareceu espantado.

– Ainda quero me casar com você – continuou Alfred. – Aceita ser minha esposa?

– Não! – exclamou Aliena.

Queria dizer mais, acrescentar algo que tornasse sua resposta definitiva e irreversível, mas estava muito cansada. Olhou para Alfred, depois para Richard, mais uma vez para Alfred, e de repente não aguentou mais. Deu as costas para eles, saiu rapidamente da campina e atravessou a ponte em direção à cidade.

Sentia uma raiva cansada de Alfred por ter repetido a proposta na frente de Richard. Teria preferido que o irmão não soubesse. O incêndio ocorrera três meses antes. Por que Alfred havia esperado até agora? Era como se esperasse Richard chegar e tivesse decidido agir assim que o visse.

Ela atravessou as ruas desertas. Todos estavam no priorado provando os pães. Sua casa ficava no novo bairro pobre, perto do cais. Os aluguéis lá eram baixos, mas mesmo assim ela não fazia a menor ideia de como iria pagar.

Richard a alcançou a cavalo, então apeou e foi andando ao seu lado.

– A cidade inteira está com cheiro de madeira nova – disse ele, em tom casual. – E está tudo tão limpo!

Aliena havia se acostumado à nova aparência da cidade, mas era a primeira vez que ele a via. Tudo exibia uma limpeza *artificial*. O fogo levava embora a madeira úmida e apodrecida das construções mais antigas, os telhados de colmo grossos com a fuligem de anos de fogueiras, os

imundos estábulos antigos e as fétidas esterqueiras velhas. Um cheiro de novo pairava no ar: madeira nova, colmo novo, palha nova no chão e até mesmo cal nova nas paredes das casas mais ricas. O fogo parecia ter enriquecido o solo, fazendo brotar flores selvagens em cantos improváveis. Alguém havia comentado como poucas pessoas tinham adoecido desde o incêndio e como isso talvez confirmasse a teoria, defendida por muitos filósofos, de que as doenças eram propagadas por vapores mórbidos.

Aliena estava distraída e não ouvira o que Richard tinha dito.

– O quê? – indagou.

– Eu disse que não sabia que Alfred tinha pedido você em casamento ano passado.

– Você tinha coisas mais importantes com que se preocupar. Foi mais ou menos na época em que Robert de Gloucester foi preso.

– Que bondade a dele ter construído uma casa para você.

– Sim, foi mesmo. E aqui está ela.

Encarou o irmão enquanto ele observava a casa. Richard ficou abismado. Ela sentiu pena dele: o irmão havia crescido em um castelo de conde, e até mesmo a casa grande que eles tinham na cidade antes do incêndio fora para ele um declínio. Agora, Richard havia de se acostumar ao tipo de moradia habitada por serventes e viúvas.

Ela segurou as rédeas do cavalo.

– Venha. Tem lugar para o cavalo nos fundos.

Ela conduziu o imenso animal pelo único cômodo da casa e saiu pela porta dos fundos. Cercas baixas e grosseiras separavam os quintais. Ela amarrou o cavalo a uma das estacas e começou a remover a pesada sela de madeira. Vindas do nada, grama e ervas daninhas haviam brotado na terra queimada. As pessoas tinham escavado uma latrina, plantado legumes e construído um chiqueiro ou um galinheiro no quintal, mas o de Aliena continuava intocado.

Richard ficou dentro de casa, mas não havia muita coisa para ver e após alguns segundos saiu para o quintal atrás da irmã.

– A casa está meio vazia, sem móveis, panelas ou tigelas.

– Não tenho dinheiro nenhum – disse Aliena, apática.

– E você também não fez nada no jardim – acrescentou ele, olhando em volta, parecendo incomodado.

– Não tive energia – respondeu ela, irritada, entregando-lhe a enorme sela e tornando a entrar em casa.

Sentou-se no chão, de costas para a parede. Estava fresco lá dentro. Ficou escutando Richard cuidar do cavalo no quintal. Depois de passar alguns instantes sentada, viu um rato espichar o focinho sobre a palha. Milhares de ratos e camundongos deviam ter morrido no incêndio, mas agora começavam a reaparecer. Ela olhou em volta à procura de algo com que matá-lo, porém não havia nada à mão, e de toda forma o bicho já havia sumido.

O que vou fazer?, pensou. Não posso viver assim o resto da vida. No entanto, a simples ideia de um novo negócio a deixava exausta. Já havia salvado a si e ao irmão da miséria uma vez, mas o esforço tinha lhe custado todas as suas reservas e ela não conseguiria repetir o feito. Teria de encontrar algum modo de vida passivo, controlado por outra pessoa, para poder viver sem tomar decisões ou iniciativas. Pensou em madame Kate, em Winchester, que beijara sua boca, apertara seu seio e dissera: “Minha cara jovem, você nunca precisará se preocupar com dinheiro nem com qualquer outra coisa. Se trabalhar para mim, nós duas vamos ficar ricas.” Não, pensou, aquilo não, nunca.

Richard entrou trazendo seus alforjes.

– Se você não consegue cuidar de si mesma, é melhor encontrar alguém que cuide – disse ele.

– Sempre terei você.

– Eu não posso cuidar de você! – protestou ele.

– Por que não? – Uma pequena centelha de raiva se acendeu dentro dela. – Eu cuidei de você por seis longos anos!

– Eu estava lutando em uma guerra. Tudo o que você fez foi vender lã.

E esfaquear um fora da lei, pensou ela, e derrubar no chão um padre desonesto, e alimentá-lo, vesti-lo e protegê-lo quando você não prestava para nada exceto morder os nós dos dedos, aterrorizado. Mas a centelha havia se apagado, e a raiva, desaparecido.

– Eu estava brincando, claro – disse ela apenas.

Ele grunhiu, sem saber se devia se ofender com aquele comentário, então balançou a cabeça com irritação.

– Enfim – continuou ele –, você não deveria descartar Alfred tão depressa assim.

– Ah, pelo amor de Deus, cale a boca – falou.

– O que há de errado com ele?

– Não há nada de errado com Alfred. Será que você não entende? Há algo de errado *comigo*.

Ele pôs a sela no chão e apontou um dedo para ela.

– Há mesmo, e eu sei o que é. Você é totalmente egoísta. Só pensa em si própria.

Aquilo era uma injustiça tão monstruosa que ela não conseguiu sentir raiva. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? – protestou, arrasada.

– Porque bastaria você se casar com Alfred para tudo ficar bem, mas mesmo assim você se recusa.

– Meu casamento com Alfred não ajudaria você.

– Ajudaria, sim.

– Como?

– Ele disse que, se eu virasse cunhado dele, me ajudaria a continuar lutando. Eu teria de cortar algumas despesas, já que ele não tem dinheiro para sustentar todos os meus homens de armas, mas me prometeu o suficiente para um cavalo de combate e armas novas, além do meu próprio escudeiro.

– Quando? – quis saber Aliena, pasma. – Quando ele disse isso?

– Agorinha mesmo. No priorado.

Aliena se sentiu humilhada, e Richard teve a elegância de exibir certo embaraço. Os dois homens a haviam negociado como comerciantes de cavalos. Ela se levantou e sem dizer mais nada saiu da casa.

Voltou até o priorado e entrou no terreno pelo lado sul, depois de pular por cima da vala perto do moinho velho. Como era feriado, o moinho estava silencioso. Ela não teria passado por ali caso estivesse em operação, pois as batidas dos martelos que fuloavam a lã sempre a deixavam com dor de cabeça.

Como ela esperava, o priorado estava deserto. Não havia nenhum barulho no canteiro de obras. Aquele era o horário em que os monges estudavam ou descansavam, e nesse dia todos os outros estavam no campo. Ela foi seguindo a esmo até o cemitério, ao norte da obra. As lápides cuidadas, com suas cruzes de madeira bem-feitas e seus ramos de flores frescas, diziam a verdade: a cidade ainda não havia superado o

massacre. Ela parou junto à lápide de pedra de Tom, enfeitada com um anjo de mármore bem simples esculpido por Jack. Sete anos antes, pensou, meu pai organizou para mim um casamento totalmente aceitável. William Hamleigh não era velho, não era feio nem pobre. Teria sido aceito com um suspiro de alívio por qualquer outra moça na minha posição. Mas eu o recusei, e vejam só quantos problemas isso causou: nosso castelo foi atacado, meu pai foi preso, meu irmão e eu ficamos na miséria. Até mesmo o incêndio de Kingsbridge e a morte de Tom são consequências da minha teimosia.

Por algum motivo, a morte do construtor parecia pior do que todas as outras desgraças, talvez porque ele tivesse sido amado por tantas pessoas, talvez por ter sido o segundo pai que Jack perdera.

E agora estou recusando outra proposta de casamento inteiramente razoável, pensou ela. O que me dá o direito de ser tão exigente? Esse meu rigor já causou muitos problemas. Eu deveria aceitar Alfred e agradecer por não precisar trabalhar para madame Kate.

Ela deu as costas para o túmulo e caminhou até o canteiro de obras. Ficou parada no que seria o coro e olhou para a chancela. Estava quase pronta, menos o telhado, e os trabalhadores já se preparavam para a fase seguinte, os transeptos. O desenho já fora disposto no chão com estacas e barbante de um lado e de outro de onde ela estava, e os homens começaram a escavar as fundações. As paredes altíssimas à sua frente lançavam sombras compridas sob o sol do fim de tarde. Apesar do dia ameno, dentro da catedral fazia frio. Aliena passou um longo tempo olhando para as três fileiras de arcos arredondados, grossos no nível do chão, pequenos na fileira logo acima, e de tamanho médio no alto. A regularidade de arco, coluna, arco, coluna provocava por algum motivo uma profunda satisfação.

Se Alfred estava disposto a financiar Richard, Aliena ainda teria chance de cumprir a promessa feita ao pai de cuidar do irmão até ele conseguir de volta o condado. No fundo, sabia que deveria aceitar a proposta do rapaz, mas não era algo que conseguia encarar.

Foi avançando pela galeria lateral sul, passando a mão pela parede para sentir a textura áspera das pedras, correndo as unhas pelos sulcos rasos gravados pelo cinzel dentado dos canteiros. Ali nas galerias, debaixo das janelas, a parede era decorada com uma arcatuta, como se fosse uma

fileira de arcos preenchidos. Essa arcatura não tinha função, mas aumentava a sensação de harmonia que Aliena sentia ao olhar a construção. Tudo na catedral de Tom parecia ser exatamente como deveria. Talvez a vida dela fosse assim, tudo preordenado e parte de um projeto maior, e ela fosse como um construtor tolo que quisesse construir um chafariz no meio do presbitério.

No canto sudeste da igreja, uma porta baixa conduzia a uma escada estreita em espiral. Por impulso, Aliena passou pela entrada e subiu a escada. Depois de um tempo, quando perdeu de vista a porta, mas ainda não conseguia ver o alto da escada, começou a se sentir estranha. A escada parecia continuar subindo até o infinito. Então viu a luz do dia: na parede da torre havia uma pequena janela muito estreita, aberta ali para iluminar a escada. Algum tempo depois, chegou à galeria larga acima da lateral do andar térreo. O espaço não tinha janelas abertas para fora, mas podia ver o interior da igreja, ainda sem telhado. Ela se sentou no peitoril de um dos arcos internos e se apoiou na coluna. A pedra fria acariciou sua face. Perguntou-se se Jack teria esculpido aquela coluna. Ocorreu-lhe que, se caísse lá de cima, talvez morresse. Mas na verdade não era alto o suficiente: ela poderia apenas quebrar as pernas, e ficar ali caída, devorada pela dor, até que os monges a encontrassem.

Resolveu ir até o clerestório. Voltou para a escada e continuou a subir. A etapa seguinte foi mais curta, mas mesmo assim ela sentiu medo, e quando chegou lá em cima seu coração batia forte. Entrou no corredor do clerestório, um túnel estreito dentro da parede. Esgueirou-se até o peitoril interno de uma das janelas. Segurou-se na coluna que a dividia. Quando olhou para baixo e viu o chão a mais de 20 metros, começou a tremer.

Ouviu passos na escada. Pegou-se ofegando, como se tivesse corrido. Não vira ninguém por perto. Teria alguém a seguido para tentar surpreendê-la? Os passos avançaram pelo corredor do clerestório. Ela soltou a coluna e equilibrou-se na borda. Uma silhueta surgiu no peitoril. Era Jack. Seu coração bateu tão forte que ela pôde ouvi-lo.

– O que está fazendo? – perguntou ele, desconfiado.

– Eu vim... vim ver em que pé estava a sua catedral.

Ele apontou para o capitel acima da cabeça dela.

– Fui eu que fiz isso aí.

Aliena ergueu os olhos. Na pedra estava esculpido o relevo de um

homem que parecia sustentar nas costas o peso do arco. Seu corpo estava contorcido, como se ele sofresse. Ela ficou encarando o entalhe. Nunca vira nada como aquilo.

– É assim que eu me sinto – disse, sem pensar.

Quando tornou a olhar para Jack, ele estava do seu lado e segurava seu braço com firmeza, mas delicadamente.

– Eu sei – falou ele.

Aliena olhou lá para baixo. Pensar em cair daquela altura a deixava enjoada de medo. Jack puxou seu braço. Ela se deixou conduzir até o corredor do clerestório.

Os dois desceram juntos a escada e chegaram ao térreo. Aliena se sentia fraca. Jack se virou para ela.

– Eu estava lendo no claustro e quando olhei para cima vi você no clerestório – disse ele, num tom casual.

Ela encarou o rosto jovem dele, tão cheio de afeto e preocupação, e lembrou por que tinha fugido de todo mundo e ido buscar solidão ali. Ansiava por beijá-lo e nos olhos dele viu o mesmo desejo. Cada fibra do seu corpo lhe dizia para se atirar nos braços dele, mas ela sabia o que tinha de fazer. Sua vontade era dizer: *Meu amor por você é como uma tempestade, como um leão, como uma raiva que não se pode conter*. Mas em vez disso falou:

– Acho que vou me casar com Alfred.

Jack a encarou. Estava estupefato. Então seu semblante se fez triste, uma tristeza antiga e sábia, muito maior do que sua pouca idade. Aliena pensou que ele ia chorar, mas não. Havia raiva em seus olhos, isso sim. Jack abriu a boca para falar, mudou de ideia, hesitou, então por fim falou, com uma voz que parecia o gélido vento do norte:

– Teria sido melhor que você tivesse se jogado do clerestório.

Deu-lhe as costas e voltou andando para o mosteiro.

Eu o perdi para sempre, pensou Aliena, e teve a sensação de que seu coração ia se partir ao meio.

Jack foi visto saindo furtivamente do mosteiro no dia do festival da primeira colheita. Aquilo não era uma ofensa muito grave, mas ele já fora flagrado várias vezes, e o fato de nesse dia ter ido falar com uma mulher solteira tornava tudo bem mais sério. Sua transgressão foi debatida no capítulo do dia seguinte e ele recebeu uma punição de confinamento. Isso significava que deveria restringir sua presença às dependências do mosteiro, ao claustro e à cripta, e teria de estar acompanhado sempre que transitasse de um para outro.

Ele mal notou. Estava tão arrasado com o que Aliena lhe dissera que nada mais fazia diferença. Se houvesse sido açoitado em vez de apenas confinado, teria se mostrado igualmente indiferente.

Agora, é claro, trabalhar na catedral estava fora de cogitação. A verdade, porém, era que, desde que Alfred assumira o comando, ele quase já não sentia prazer na construção. Agora passava as tardes livres lendo. Seu latim havia melhorado rapidamente e ele conseguia ler qualquer coisa, ainda que devagar. E, como não havia outra finalidade em sua leitura a não ser melhorar seu latim, tinha permissão para usar qualquer livro que quisesse. Embora a biblioteca fosse pequena, tinha várias obras de filosofia e matemática, e Jack havia mergulhado nelas com entusiasmo.

Muito do que leu o decepcionou. Havia páginas e páginas sobre genealogia, relatos repetitivos de milagres operados por santos mortos havia muito tempo e intermináveis especulações teológicas. O primeiro livro que realmente lhe agradou contava a história inteira do mundo, da Criação à fundação do priorado de Kingsbridge, e ao concluir a leitura ele teve a sensação de saber tudo o que havia acontecido até então. Percebeu, depois de um tempo, que a alegação de que o livro relatava *todos* os acontecimentos não era plausível, pois, afinal, aconteciam coisas em todos os lugares o tempo todo, não só em Kingsbridge e na Inglaterra, mas também na Normandia, em Anjou, em Paris, em Roma, na Etiópia e em Jerusalém, de modo que o autor devia ter deixado muitos fatos de fora. Mesmo assim, o livro lhe proporcionou uma nova sensação: a de que o passado era como uma história na qual uma coisa levava a outra e de que o mundo não era um mistério eterno, mas sim algo finito que podia ser compreendido.

Mais intrigantes ainda eram os enigmas. Um filósofo perguntava por que um homem fraco era capaz de mover uma pedra pesada com uma

alavanca. Jack nunca havia estranhado aquilo, mas a questão passou a atormentá-lo. Lembrava que, em certa ocasião, havia passado várias semanas na pedreira e notara que, quando uma pedra não podia ser movida com uma alavanca de um palmo, a solução em geral era usar uma com o dobro do comprimento. Por que o mesmo homem que era incapaz de mover a pedra com uma alavanca curta conseguia com uma alavanca longa? Essa pergunta gerou outras. Os construtores da catedral usavam uma imensa roldana para erguer até o telhado pedras grandes e toras de madeira. A carga na ponta da corda era pesada demais para que um homem a erguesse com as mãos, mas ele conseguia girar a manivela que puxava a corda, fazendo a carga subir. Como era possível?

Tais especulações o distraíam por um tempo, mas ele sempre acabava voltando a pensar em Aliena. Ficava em pé no claustro, com um pesado livro apoiado no atril à sua frente, e se lembrava da manhã em que a havia beijado no moinho velho. Era capaz de recordar cada instante daquele beijo: do primeiro e suave contato dos lábios até a empolgante sensação da língua de Aliena dentro da sua boca. Seu corpo encostara no dela das coxas até os ombros, permitindo-lhe sentir os contornos dos seios e dos quadris. A lembrança era tão intensa que ele parecia viver tudo outra vez.

Por que ela havia mudado? Ele continuava acreditando que o beijo tinha sido verdadeiro, e a frieza posterior, falsa. Sentia conhecê-la. Ela era uma mulher amorosa, sensual, romântica, calorosa e cheia de imaginação. Era também insensível e arrogante, e aprendera a ser dura, mas não era fria, cruel ou sem coração. Não era do seu feitio casar por dinheiro com um homem que não amava. Ela seria infeliz, iria se arrepender, adoeceria de tanto pesar. Jack sabia disso e, no fundo de seu coração, Aliena também devia saber.

Um dia, quando ele estava na sala de escrita, um criado que varria o chão parou para descansar, apoiou-se na vassoura e puxou conversa:

– Quer dizer que teremos em breve uma grande comemoração na sua família?

Jack estudava um mapa-múndi desenhado sobre um grande pergaminho. Ergueu os olhos. Quem havia falado era um velho encarquilhado, fraco demais para qualquer trabalho pesado. Decerto havia confundido Jack com outra pessoa.

– Como assim, Joseph?

– Você não sabia? Seu irmão vai se casar.
– Eu não tenho irmãos – respondeu Jack automaticamente, mas seu coração gelou.
– Meio-irmão, que seja – insistiu Joseph.
– Não, eu não sabia. – Tinha de fazer a pergunta. Cerrou os dentes. – Com quem ele vai se casar?
– Com aquela Aliena.

Então ela estava decidida a fazer mesmo aquilo. Jack vinha acalentando uma esperança secreta de que ela mudasse de ideia. Desviou os olhos para que Joseph não visse o desespero em seu rosto.

– Ora, veja – falou, tentando não deixar a emoção transparecer na voz.
– Pois é... Ela, que antes se dava ares de grande importância, até perder tudo no incêndio.
– E... você disse quando vai ser?
– Amanhã. Eles vão se casar na nova igreja paroquial que Alfred construiu.

No dia seguinte!

Aliena iria se casar com Alfred no dia seguinte. Até então, Jack não havia acreditado que aquilo fosse mesmo acontecer. Nesse instante, a realidade o fulminou feito um raio. Aliena iria se casar no dia seguinte. No dia seguinte, a vida de Jack iria acabar.

Ele baixou os olhos para o mapa sobre o atril à sua frente. Que diferença fazia se o centro do mundo era Jerusalém ou Wallingford? Por acaso ele ficaria mais feliz se soubesse como funcionavam as alavancas? Tinha dito a Aliena que seria melhor se ela tivesse se jogado do clerestório do que desposar Alfred. O que deveria ter dito era que teria sido melhor se ele, Jack, também tivesse se jogado.

Ele desprezava o priorado. Ser monge era um estilo de vida idiota. Se não podia trabalhar na catedral e Aliena se casasse com outra pessoa, ele não teria por que viver.

Para piorar, sabia como ela seria infeliz vivendo com Alfred. Não pensava assim só porque odiava o filho de Tom. Algumas moças talvez houvessem ficado razoavelmente contentes casando-se com ele: Edith, por exemplo, aquela que tinha rido quando Jack lhe dissera quanto amava entalhar pedras. Edith não esperaria grande coisa de Alfred e ficaria contente em lisonjeá-lo e obedecer às suas ordens, contanto que ele

continuasse a prosperar e amasse os filhos. Mas Aliena detestaria cada minuto. Odiaria sua rudeza física, sentiria desprezo por seus modos truculentos, ficaria enojada com sua mesquinhez e enlouqueceria com sua ignorância. Para ela, casar-se com Alfred seria um inferno.

Por que ela não via isso? Jack não conseguia entender. O que lhe passava pela cabeça? Com certeza *qualquer coisa* seria melhor do que se casar com um homem que ela não amava. Sete anos antes, ela causara um escândalo ao recusar o pedido de William Hamleigh, mas agora havia aceitado passivamente o de outro homem tão inadequado quanto. O que ela estaria pensando?

Jack precisava saber.

Tinha de falar com ela, e o mosteiro que fosse para o inferno.

Enrolou o mapa, tornou a guardá-lo no armário e foi até a porta. Joseph continuava apoiado no cabo da vassoura.

– Está indo embora? – perguntou ele a Jack. – Pensei que você tivesse de ficar aqui até o inspetor vir buscá-lo.

– O inspetor que vá à merda – retrucou Jack, e saiu.

Ao pisar na galeria leste do claustro, seu olhar cruzou com o do prior Philip, que vinha do canteiro de obras ao norte. Virou-se depressa, mas Philip chamou:

– Jack! O que está fazendo? Você tem de ficar confinado.

Ele agora não estava com paciência para a disciplina monástica. Ignorou Philip e seguiu andando na direção contrária, rumo ao corredor que levava da galeria sul até as pequenas casas perto do novo cais. Mas estava sem sorte. Nessa hora, irmão Pierre, o inspetor, emergiu do corredor, seguido por seus dois assistentes. Quando viram Jack, os três estacaram. O rosto redondo de Pierre estampou uma expressão de indignação estupefata.

– Irmão inspetor, segure esse noviço! – gritou Philip.

Pierre estendeu uma das mãos para deter Jack, que o empurrou de lado. Pierre ficou vermelho e o segurou pelo braço. O rapaz se desvencilhou com um tranco e deu um soco no nariz do inspetor, que soltou um grito, mais de indignação do que de dor. Então seus dois assistentes se jogaram em cima de Jack.

O rapaz se debateu feito um louco e quase conseguiu se soltar, mas, quando Pierre se recuperou e se juntou aos assistentes, os três conseguiram

derrubar Jack no chão e segurá-lo. Ele continuou a se debater, furioso por aquela bobagem monástica impedi-lo de fazer algo de fato importante: falar com Aliena.

– Soltem-me, seus imbecis! – repetia ele.

Os dois assistentes se sentaram em cima dele. Pierre se levantou e limpou o sangue do nariz na manga do hábito. Philip chegou ao lugar da confusão.

Apesar da raiva que sentia, Jack pôde ver que Philip também estava bravo, mais bravo do que nunca.

– Não vou tolerar esse comportamento de ninguém – disse ele, com uma voz dura como ferro. – Você é um noviço e *vai* me obedecer. – Virou-se para Pierre. – Leve-o para o quarto da obediência.

– Não! – gritou Jack. – Você não pode fazer isso!

– É claro que posso – respondeu Philip, irado.

O quarto da obediência era uma cela pequena e sem janelas situada em um porão sob o dormitório no canto sul, perto das latrinas. Era usado principalmente para prender ofensores da lei que estivessem esperando o julgamento do prior ou a transferência para a cadeia do representante do rei no condado, mas de vez em quando servia de punição para irmãos que cometiam ofensas disciplinares graves, como atos impuros com criados do priorado.

O que assustava Jack não era o confinamento solitário, e sim o fato de que não poderia sair para falar com Aliena.

– Você não entende! – berrou ele para Philip. – Eu preciso falar com Aliena!

Era a pior coisa que ele deveria ter dito. Philip ficou ainda mais zangado.

– Foi por falar com ela que você foi punido da primeira vez – retrucou o prior, furioso.

– Mas eu tenho de falar com ela!

– A única coisa que você tem de fazer é aprender a temer a Deus e obedecer a seus superiores.

– Você não é meu superior, seu imbecil estúpido! Você não é nada para mim. Soltem-me, seus desgraçados!

– Levem-no daqui – disse Philip, severo.

A essa altura, um pequeno grupo já havia se juntado e vários irmãos

levantaram Jack pelos braços e pelas pernas. Ele se contorceu feito um peixe no anzol, mas eram muitos monges. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Foi carregado pelo corredor, chutando e se debatendo, até a porta do quarto da obediência. Alguém a abriu.

– Joguem-no lá dentro! – exclamou o irmão Pierre, vingativo.

Os irmãos o balançaram para trás e depois o arremessaram. Ele aterrissou de qualquer maneira no chão de pedra. Apoiou as mãos no chão e se levantou, sem sentir as feridas, então correu até a porta, que foi fechada bem na hora que ele se jogou em cima dela. Um segundo depois, a pesada barra de ferro foi colocada do outro lado e a chave girou na fechadura.

Jack começou a esmurrar a porta com toda a força.

– Deixem-me sair! – berrou, histérico. – Preciso impedi-la de se casar com ele! Deixem-me sair!

Não se ouvia um som sequer do lado de fora. Ele continuou a gritar, e seus pedidos foram se transformando em súplicas e sua voz virou um lamento, depois um sussurro, e ele deixou que corressem lágrimas de raiva e frustração.

Por fim, seus olhos secaram e ele não conseguiu mais chorar.

Afastou-se da porta. A cela não estava totalmente escura: alguma luz passava por baixo da porta e ele conseguiu distinguir algo do ambiente que o cercava. Deu a volta pelas paredes tateando com as duas mãos. Pelo padrão das marcas de cinzel nas pedras, sabia que a cela tinha sido construída havia muito tempo. As pedras não tinham quase nenhum detalhe. A cela tinha pouco menos de 4 metros quadrados de área com uma coluna no canto, e o teto parecia parte de um arco ascendente: era claro que antes fazia parte de um cômodo maior e havia sido isolado para servir de cela. Em uma das paredes um espaço parecia uma abertura para uma seteira, mas estava muito bem vedado, e mesmo aberto teria sido pequeno demais para qualquer um passar. O chão de pedra estava úmido. Jack percebeu um ruído constante de água correndo e entendeu que o canal que levava água do reservatório do moinho até as latrinas do priorado devia passar por baixo da cela. Isso explicaria o piso de pedra em vez de terra batida.

Sentia-se exaurido. Sentou-se no chão, com as costas apoiadas na parede, e ficou olhando fixamente para a nesga de luz debaixo da porta,

um torturante lembrete de onde ele queria estar. Como havia se metido naquela enrascada? Nunca acreditara no mosteiro, nunca tivera a intenção de dedicar a vida a Deus... Na verdade, não acreditava em Deus. Havia se tornado noviço para remediar um problema imediato, como uma forma de permanecer em Kingsbridge, perto de tudo o que amava. Havia pensado que poderia ir embora, se quisesse. Mas agora ele *queria* ir embora, queria mais do que já imaginara ser possível, e não podia: era um prisioneiro. Assim que sair daqui vou estrangular o prior Philip, pensou, mesmo que depois seja enforcado por isso.

Começou então a pensar em quando seria solto. Ouviu o sino anunciar o jantar. Eles com certeza pretendiam deixá-lo a noite inteira ali. Deveriam estar discutindo o assunto naquele exato momento. Os piores irmãos defenderiam uma semana de castigo. Podia até ver Pierre e Remigius exigindo uma punição firme. Aqueles que gostavam dele talvez argumentassem que uma noite já era pena suficiente. O que Philip iria achar? Ele gostava de Jack, mas devia estar muito bravo agora, principalmente depois que Jack disse: *Você não é meu superior, seu imbecil estúpido! Você não é nada para mim.* Ficaria tentado a acatar as exigências dos irmãos mais linha-dura. A única esperança era decidirem que Jack seria expulso do mosteiro sem demora, o que, na opinião deles, seria uma punição mais severa. Se isso acontecesse, ele talvez conseguisse falar com Aliena antes do casamento. No entanto, tinha certeza de que Philip seria contra. O prior veria a expulsão de Jack como uma admissão de fracasso.

A luz sob a porta foi ficando mais fraca: escurecia lá fora. Jack se perguntou como os prisioneiros faziam suas necessidades. Não havia penico na cela. Era estranho que os monges não prestassem atenção a esse detalhe específico: eles acreditavam na limpeza, mesmo para os pecadores. Tornou a inspecionar o chão, centímetro por centímetro, e perto de um dos cantos encontrou um buraco. O barulho da água era mais alto ali e ele imaginou que levaria ao canal subterrâneo. Aquilo provavelmente era a latrina.

Pouco depois de fazer essa descoberta, a portinhola se abriu e Jack se levantou com um pulo. Uma tigela e um pedaço de pão foram postos na abertura. Ele não conseguiu ver o rosto de quem os deixou ali.

– Quem está aí? – perguntou.

– Não tenho autorização para conversar com você – respondeu o homem, sem entonação.

Mesmo assim Jack a reconheceu: era a voz de um velho monge chamado Luke.

– Luke, eles disseram quanto tempo vou ficar aqui? – gritou Jack.

O monge repetiu a frase:

– Não tenho autorização para conversar com você.

– Por favor, Luke, se souber, me diga! – implorou Jack, sem ligar para o tom patético da própria voz.

Luke respondeu em um sussurro:

– Pierre disse uma semana, mas Philip encurtou para dois dias.

A portinhola se fechou abruptamente.

– Dois dias! – repetiu Jack, desesperado. – Mas ela já vai ter casado!

Não houve resposta.

Jack ficou parado, olhando para o nada. A luz que havia entrado pela fresta tinha sido forte em comparação com a quase escuridão lá de fora, e ele passou alguns segundos sem conseguir enxergar até se acostumar com a penumbra, e então seus olhos se inundaram com novas lágrimas, que nublaram sua visão outra vez.

Deitou-se no chão. Não havia mais nada a fazer. Ficaria trancado ali até segunda-feira, e na segunda-feira Aliena já seria a esposa de Alfred e teria acordado na cama dele, com seu sêmen dentro do corpo. Esse pensamento lhe deu náuseas.

Em pouco tempo, estava escuro como o breu. Ele tateou para chegar até a portinhola e bebeu o líquido da tigela. Era apenas água. Pegou um pedacinho de pão e pôs na boca, mas não estava com fome e mal conseguiu engolir. Bebeu o resto da água e tornou a se deitar.

Não dormiu, mas entrou em uma espécie de torpor, quase um transe, no qual reviveu, como num sonho ou numa visão, as tardes de domingo passadas com Aliena no verão anterior, quando havia lhe contado a história do escudeiro que amava a princesa e saía em busca da videira que dava pedras preciosas.

O sino da meia-noite o tirou do torpor. Ele já estava acostumado com os horários monásticos, e à meia-noite sentia-se inteiramente desperto, embora muitas vezes precisasse dormir à tarde, sobretudo se houvesse comido carne no almoço. Os irmãos deviam estar levantando da cama e

formando filas para seguir em procissão do dormitório até a igreja. Embora estivessem logo acima de Jack, ele não conseguia ouvir nada. A cela era à prova de som. Pouco tempo depois, pareceu-lhe, o sino tocou de novo para a prima, ofício celebrado uma hora após a meia-noite. O tempo estava passando depressa, depressa demais, pois no dia seguinte Aliena estaria casada.

Durante a madrugada, apesar de seu sofrimento, pegou no sono.

Acordou sobressaltado. Havia alguém na cela junto com ele.

Ficou apavorado.

A cela estava totalmente escura. O barulho da água parecia mais alto.

– Quem está aí? – perguntou ele com uma voz trêmula.

– Sou eu. Não tenha medo.

– Mãe! – Ele quase desfaleceu de alívio. – Como você sabia que eu estava aqui?

– O velho Joseph me contou o que aconteceu – respondeu ela, sem diminuir a voz.

– Mais baixo! Os monges vão escutá-la!

– Não vão, não. Dá para cantar e gritar aqui dentro e ninguém lá em cima vai escutar. Eu sei, já fiz isso.

A cabeça de Jack estava tão cheia de perguntas que nem soube com qual começar.

– Como você entrou aqui? A porta está aberta? – Moveu-se na direção da mãe com as mãos estendidas à frente do corpo. – Ah... você está molhada!

– O canal passa bem aqui embaixo. Tem uma pedra solta no chão.

– Como você sabia?

– Seu pai passou dez meses nesta cela – respondeu ela, e na sua voz havia uma amargura ressentida.

– Meu pai? *Nesta* cela? Dez meses?

– Foi quando ele me ensinou todas aquelas histórias.

– Mas por que ele ficou aqui?

– Nós nunca descobrimos – respondeu ela. – Ele foi raptado na Normandia, ou preso, nunca soubemos qual das duas coisas, e trazido para cá. Não falava inglês nem latim e não fazia ideia de onde estava. Passou um ano ou mais ou menos trabalhando nos estábulos... Foi assim que eu o conheci. – A nostalgia abrandou sua voz. – Amei-o desde o primeiro

instante que o vi. Ele era tão delicado, parecia tão assustado e infeliz, mas mesmo assim cantava feito um pássaro. Fazia meses que ninguém lhe dirigia a palavra. Ficou muito feliz quando eu falei umas poucas palavras em francês, e acho que se apaixonou por mim só por causa disso. – A raiva fez sua voz endurecer outra vez. – Depois de um tempo, eles o puseram nesta cela. Foi quando descobri como entrar aqui.

Jack pensou que devia ter sido concebido ali mesmo, no chão frio de pedra. Essa conclusão o deixou constrangido, e ele ficou contente por estar escuro demais para os dois se verem.

– Mas meu pai deve ter feito alguma coisa para ser preso assim – disse ele.

– Ele não conseguia entender o quê. E no final eles acabaram inventando um crime. Alguém lhe deu um cálice incrustado de pedras preciosas e falou que ele podia ir embora. A uns 2, 3 quilômetros daqui, ele foi preso e acusado de ter roubado o cálice. Por isso eles o enforcaram.

Ela chorava.

– Quem fez tudo isso?

– O representante do rei em Shiring, o prior de Kingsbridge... não importa.

– E a família do meu pai? Ele devia ter pai, mãe e irmãos...

– Sim, a família dele era grande lá na França.

– Por que ele não fugiu e voltou para lá?

– Ele tentou uma vez. Eles o pegaram e o trouxeram de volta. Foi depois disso que o puseram na cela. Ele poderia ter tentado fugir de novo, claro, depois que descobrimos como sair daqui. Só que não sabia o caminho de casa, não falava uma palavra de inglês e não tinha dinheiro nenhum. Suas chances eram mínimas. Agora sabemos que ele deveria ter tentado mesmo assim, mas na época não pensamos que fossem enforcá-lo.

Jack passou os braços em volta da mãe para reconfortá-la. Ellen estava encharcada e trêmula. Precisava sair dali e se secar. Jack entendeu, com um choque, que, se ela podia sair, ele também podia. Por alguns instantes, enquanto ouvia a mãe falar sobre seu pai, quase esquecera Aliena, mas então entendeu que seu desejo havia sido atendido: ele poderia falar com ela antes do casamento.

– Me mostre a saída – pediu, subitamente.

Ellen fungou e engoliu o choro.

– Segure meu braço, vou guiá-lo.

Os dois atravessaram a cela e então ele percebeu que ela se abaixava.

– É só se esgueirar para dentro do canal – explicou. – Inspire fundo e mergulhe a cabeça. Depois vá rastejando contra a correnteza. Não siga a correnteza, senão você vai dar na latrina dos monges. Vai ficar sem ar quando estiver quase chegando, mas é só manter a calma e continuar.

Ela se abaixou mais ainda e ele perdeu contato com ela.

Jack encontrou o buraco e se abaixou entrar nele. Sentiu os pés tocarem a água quase no mesmo instante. Em pé no canal, seus ombros ainda estavam dentro da cela. Antes de se abaixar mais, encontrou a pedra e a recolocou no lugar, pensando travessamente que os monges ficariam perplexos quando encontrassem a cela vazia.

A água estava fria. Ele inspirou bem fundo, ficou de quatro dentro d'água e começou a engatinhar contra a correnteza. Avançou o mais depressa que conseguiu. Enquanto engatinhava, imaginou as construções que havia acima dele. Passava agora por baixo do corredor, depois do refeitório, então da cozinha e da padaria. Não era uma distância grande, mas pareceu demorar uma eternidade. Tentou subir à superfície, mas bateu com a cabeça no teto do túnel. Sentiu um início de pânico, então se lembrou do que a mãe tinha dito. Estava quase lá. Segundos depois, viu uma luz à frente. O dia devia ter raiado enquanto eles estavam conversando na cela. Engatinhou até a luz ficar acima dele, então se pôs de pé e sorveu com alívio o ar puro. Depois de recuperar o fôlego, escalou a vala.

Sua mãe havia trocado de roupa. Estava usando um vestido limpo e seco e torcia o outro molhado. Havia trazido roupas secas também para Jack. Empilhadas na borda da vala estavam as roupas que ele não usava havia seis meses: camisa de linho, túnica de lã verde, meias cinza e botas de couro. A mãe virou de costas e Jack despiu o hábito de monge, descalçou as sandálias e se vestiu rapidamente.

Jogou o hábito dentro da vala. Nunca mais iria usá-lo.

– O que vai fazer agora? – indagou a mãe.

– Procurar Aliena.

– Agora? Está cedo.

– Não posso esperar.

Ellen aquiesceu.

– Tome cuidado. Ela está sensível.

Jack se inclinou para beijá-la, e então, por impulso, tomou-a nos braços e a apertou contra si.

– Você me tirou da prisão – disse ele, e riu. – Isso é que é mãe!

Ellen sorriu, mas seus olhos estavam úmidos.

Jack lhe deu um último apertão de adeus e se afastou.

Embora já estivesse claro, não havia ninguém na rua. Como era domingo e as pessoas não precisavam trabalhar, aproveitavam para dormir até depois de o sol nascer. Jack não soube ao certo se devia temer ser visto. Teria o prior Philip o direito de perseguir um noviço fugitivo e obrigá-lo a voltar? Mesmo que tivesse esse direito, será que iria querer fazer isso? Jack não sabia. No entanto, quem ditava a lei em Kingsbridge era Philip, e Jack o havia desafiado, de modo que com certeza haveria algum tipo de problema. Mas ele não conseguia pensar além dos minutos seguintes.

Chegou à pequena casa de Aliena. Ocorreu-lhe que Richard poderia estar lá. Torceu para que não estivesse, mas não havia nada que pudesse fazer. Foi até a porta e bateu com delicadeza.

Inclinou a cabeça e apurou os ouvidos. Nada se moveu lá dentro. Tornou a bater, com mais força, e dessa vez foi recompensado pelo barulho de palha farfalhando quando alguém se mexeu.

– Aliena! – sussurrou um pouco alto.

Ouviu-a vir até a porta.

– Pois não? – indagou uma voz assustada.

– Abra a porta!

– Quem é?

– Jack.

– Jack!

Houve uma pausa. Jack aguardou.



Aliena fechou os olhos, desesperada, e se deixou cair para a frente até encostar o rosto na madeira áspera da porta. Jack não, pensou, não hoje, não agora.

A voz dele tornou a soar, um sussurro baixo e urgente:

– Aliena, por favor, abra a porta, rápido! Se eles me pegarem, vão me pôr na cela outra vez!

Ela ouvira dizer que ele tinha sido preso. A notícia havia corrido a cidade. Era óbvio que conseguira escapar. E fora direto falar com ela. Sentiu o coração acelerar. Não podia mandá-lo embora.

Ergueu a barra e abriu a porta.

Jack tinha os cabelos ruivos colados à cabeça, como se tivesse tomado banho. Estava usando roupas normais, não o hábito de monge. Sorriu para ela, como se vê-la fosse a melhor coisa que já houvesse lhe acontecido. Então franziu o cenho.

– Você chorou – disse ele.

– Por que veio até aqui? – perguntou ela.

– Eu precisava vê-la.

– Vou me casar hoje.

– Eu sei. Posso entrar?

Seria errado deixá-lo entrar, ela sabia, mas então lhe ocorreu que no dia seguinte seria mulher de Alfred e que, portanto, aquela talvez fosse a última vez que falaria com Jack a sós. Estou pouco ligando se é errado, pensou. Abriu mais um pouco a porta. Ele entrou e ela tornou a fechá-la, recolocando a trava.

Os dois ficaram parados se encarando. Ela agora se sentia constrangida. Ele a fitava com um desejo desesperado, como um morto de sede ao ver uma queda-d’água.

– Não me olhe assim – disse ela, e lhe deu as costas.

– Não se case com ele – implorou Jack.

– Eu preciso.

– Você vai ser infeliz.

– Estou infeliz agora.

– Pode olhar para mim, por favor?

Ela se virou para ele e ergueu os olhos.

– Por favor, me diga por que está fazendo isso – pediu ele.

– Por que deveria?

– Por causa do jeito como me beijou no moinho.

Ela olhou para o chão e sentiu as faces arderem e corarem. Havia se deixado levar naquele dia e desde então sentia vergonha de si mesma. Agora ele usava o que acontecera contra ela. Não disse nada. Não tinha

defesa.

– Depois daquilo, você ficou fria – retomou ele.

Ela manteve os olhos baixos.

– Nós éramos tão amigos... – prosseguiu ele, impiedoso. – Durante todo aquele verão, na clareira, perto da cascata... as minhas histórias... Fomos tão felizes. Eu a beijei lá uma vez. Você lembra?

Ela lembrava, claro, embora fingisse para si mesma que aquilo nunca havia acontecido. Agora sentiu aquilo lhe derreter o coração e ergueu os olhos úmidos para ele.

– Então eu adaptei o moinho para fuloar sua lã – disse ele. – Fiquei tão feliz de poder ajudá-la nos seus negócios. Você ficou encantada quando viu. Aí nós nos beijamos de novo, mas não foi um beijinho igual ao primeiro. Dessa vez foi... foi apaixonado.

Ah, Deus, sim, foi mesmo, pensou ela, tornando a corar e sentindo a respiração mais rápida. Desejou que ele parasse de falar, mas ele não parou.

– Nós nos abraçamos com força. Ficando nos beijando por muito tempo. Você abriu a boca...

– Pare! – exclamou ela.

– Por quê? – indagou ele, brutal. – O que isso tem de errado? Por que você ficou diferente?

– Porque eu tenho medo! – respondeu ela sem pensar, e desatou a chorar.

Enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar. Logo sentiu as mãos dele nos ombros convulsionados. Ficou parada e depois de um tempo ele a abraçou delicadamente. Ela tirou as mãos do rosto e chorou sobre a túnica verde de Jack.

Algum tempo depois, enlaçou-o pela cintura.

Ele pousou o rosto sobre seus cabelos, seus cabelos feios, curtos e sem forma, que ainda não haviam crescido depois do incêndio, e lhe afagou as costas como se ela fosse um bebê. Aliena quis ficar assim para sempre. No entanto, ele se afastou para poder olhar para ela.

– Medo de quê? – perguntou.

Ela sabia, mas não podia lhe dizer. Balançou a cabeça e deu um passo para trás, mas ele a segurou pelos pulsos para não deixá-la se afastar.

– Aliena, escute – falou. – Quero que você saiba como essa situação

toda foi terrível para mim. Você parecia me amar, depois parecia me detestar, e agora vai se casar com o filho do meu padrasto. Eu não entendo. Não sei nada sobre essas coisas, nunca tinha me apaixonado antes. É tudo tão *doloroso*. Não consigo nem encontrar palavras para descrever como é ruim. Você não acha que deveria pelo menos tentar me explicar por que tenho de passar por isso?

Ela se sentiu tomada de remorso ao pensar que o havia magoado dessa forma quando tinha tanto amor por ele. Sentiu vergonha de como o havia tratado. Jack não tinha feito nada a não ser ser gentil e ela havia estragado a vida dele. Ele tinha direito a uma explicação. Ela reuniu coragem.

– Jack, aconteceu uma coisa comigo muito tempo atrás, algo realmente terrível, que eu me obriguei a esquecer durante anos. Nunca mais queria pensar nisso, mas quando você me beijou daquele jeito tudo voltou e eu não consegui suportar.

– O quê? O que aconteceu?

– Depois que meu pai foi preso, continuamos morando no castelo, Richard, eu e um criado chamado Matthew, e uma noite William Hamleigh apareceu e nos expulsou.

Ele estreitou os olhos.

– E...?

– Eles mataram o pobre Matthew.

Jack sabia que ela não estava lhe contando toda a verdade.

– Por quê?

– Como assim?

– Por que eles mataram o criado?

– Porque ele estava tentando impedi-los.

As lágrimas agora rolavam pelas faces de Aliena e ela sentia a garganta entalada toda vez que tentava falar, como se as palavras a sufocassem. Balançou a cabeça, sem forças para continuar, e tentou dar as costas para Jack, mas ele não a soltou.

– Impedi-los de quê? – perguntou ele com uma voz delicada como um beijo.

De repente, ela entendeu que podia lhe contar, e as palavras jorraram de sua boca.

– Eles me forçaram – disse ela. – O laçao me segurou e William se deitou em cima de mim, mas mesmo assim eu não deixei, então eles

cortaram um pedaço da orelha de Richard e disseram que iriam cortá-lo mais. – Ela agora soluçava de alívio, sentindo uma gratidão que não conseguia expressar por finalmente poder contar aquilo. Encarou Jack e tornou a falar: – Então eu abri as pernas e William me violentou enquanto o laçao obrigava Richard a assistir.

– Eu sinto muito... – sussurrou Jack. – Ouvi boatos, mas nunca pensei... Minha Aliena querida, como eles puderam fazer isso?

Ela precisava lhe contar tudo.

– Então, depois de William me violentar, foi a vez do laçao.

Jack fechou os olhos. Tinha o rosto branco e tenso.

– Então, quando nos beijamos, eu quis que você fizesse a mesma coisa comigo, entende? E comecei a pensar em William e no laçao dele... e me senti tão horrível, fiquei com tanto medo que saí correndo. E por isso fui cruel e fiz você infeliz. Eu sinto muito.

– Eu a perdoo – sussurrou ele.

Puxou-a para si e ela deixou que ele a abraçasse de novo. Era muito reconfortante.

Sentiu-o estremecer.

– Está com nojo de mim? – perguntou, nervosa.

Ele a olhou.

– Eu adoro você – disse ele.

Abaixou a cabeça e a beijou na boca.

Aliena gelou. Não era aquilo que ela queria. Ele se afastou um pouco, então tornou a beijá-la. O contato dos lábios de Jack nos dela foi muito suave. Sentindo gratidão e amizade por ele, ela contraiu um pouco os lábios, então tornou a relaxá-los, numa débil imitação do beijo dele. Encorajado, ele voltou a mover os lábios nos dela. Aliena sentiu seu hálito quente. Ele abriu levemente a boca. Ela se afastou depressa.

Jack pareceu magoado.

– Foi tão ruim assim?

Ela já não estava tão assustada quanto antes. Tinha lhe contado a terrível verdade sobre si mesma e ele não havia se retraído de nojo. Parecia mais carinhoso e gentil do que nunca. Ela ergueu a cabeça e ele tornou a beijá-la. Aquilo não tinha nada de amedrontador. Não havia ameaça, nenhuma violência incontrolável, nenhuma força, ódio ou controle, mas justamente o contrário. Aquele beijo era um prazer

compartilhado.

Os lábios dela se abriram e ela sentiu a ponta da língua dele. Ficou um pouco tensa. Jack abriu os lábios dela de leve e ela tornou a relaxar. Ele chupou com delicadeza seu lábio inferior. Aliena sentiu-se levemente tonta.

– Pode fazer o que fez da última vez? – pediu ele.

– O que foi que eu fiz?

– Vou mostrar. Abra a boca, só um pouquinho.

Ela obedeceu e tornou a sentir a língua dele tocar seus lábios, passar entre os dentes entreabertos e penetrar na sua boca até tocar a língua. Afastou-se.

– Pronto – disse ele. – Foi isso que você fez.

– Eu fiz isso?

Ela estava estupefata.

– Sim. – Ele sorriu, então ficou subitamente sério. – Se fizer de novo, apenas isso, vai compensar toda a tristeza dos últimos nove meses.

Aliena tornou a inclinar a cabeça para trás e fechou os olhos. Em seguida, sentiu a boca dele encostar na sua. Abriu os lábios, hesitou, empurrou um pouco nervosa a língua para dentro da boca dele. Nesse momento, recordou a sensação que tivera da última vez, no moinho velho, e experimentou o mesmo êxtase. Foi tomada pela necessidade de abraçá-lo, de tocar sua pele e seus cabelos, de sentir seus músculos e ossos, de entrar nele e senti-lo entrar nela. Suas línguas se tocaram e, em vez de sentir vergonha e uma leve repulsa, ficou excitada por experimentar algo tão íntimo quanto tocar a língua dele com a sua.

Os dois tinham a respiração pesada. Jack segurou a cabeça dela com as duas mãos. Ela acariciou os braços dele, as costas e o quadril, e sentiu os músculos rijos e compactos. Seu coração martelava dentro do peito. Por fim, sem ar, ela interrompeu o beijo.

Olhou para ele. Jack estava corado e ofegante e tinha o rosto aceso de desejo. Após alguns instantes, tornou a se inclinar para a frente, mas, em vez de lhe beijar a boca, levantou o queixo de Aliena e beijou a pele delicada do pescoço. Ela se ouviu gemer de prazer. Ele abaixou um pouco mais a cabeça e roçou os lábios na curva do seio. Os mamilos estavam inchados sob o pano áspero da camisola de linho e tão sensíveis que quase não dava para suportar. Os lábios dele se fecharam em volta de um

mamilo. Ela sentiu na pele o calor do hálito dele.

– Devagar – sussurrou, temerosa.

Ele beijou o mamilo por cima da camisola e, por mais leve que tenha sido o contato, o prazer foi tão forte quanto se a tivesse mordido e ela arfou.

Jack então se ajoelhou em frente a Aliena.

Pressionou o rosto no colo dela. Até então, a sensação toda estivera concentrada em seus seios, mas de repente ela sentiu o formigamento migrar para a virilha. Ele pegou a barra da camisola e a ergueu até a cintura dela, que o observou, com medo da sua reação. Sempre sentira vergonha por ser tão peluda lá embaixo, mas Jack não sentiu repulsa. Pelo contrário, inclinou-se para a frente e a beijou com delicadeza bem ali, como se fosse a coisa mais agradável do mundo.

Ela caiu ajoelhada na frente dele. Tinha a respiração arquejante, como se tivesse corrido um quilômetro sem parar. Ela o queria desesperadamente. Sentia a garganta seca de desejo. Pousou as mãos nos joelhos dele e deslizou uma delas por baixo da túnica. Nunca havia tocado o pênis de um homem. Era quente, seco e duro feito uma tábua. Jack fechou os olhos e grunhiu enquanto ela explorava com a ponta dos dedos todo o comprimento de seu sexo. Ela levantou sua túnica, curvou-se e o beijou ali, do mesmo modo como ele a havia beijado, um leve toque dos lábios. A ponta estava esticada feito um tambor e úmida.

De repente, foi tomada pela vontade de lhe mostrar os seios. Tornou a se levantar. Jack abriu os olhos. Sem desviar o olhar dele, ela despiu a camisola depressa por cima da cabeça e a jogou longe. Agora estava completamente nua. Sentiu muita vergonha, mas foi uma sensação boa, indecente e deliciosa. Jack encarou seus seios com fascínio.

– Como são lindos – disse ele.

– Você acha mesmo? Eu sempre pensei que fossem grandes demais.

– Grandes demais! – repetiu ele, como se aquela ideia fosse um ultraje.

Estendeu a mão direita e tocou o seio esquerdo. Acariciou a pele delicadamente com as pontas dos dedos. Aliena baixou os olhos para ver o que ele estava fazendo. Depois de um tempo, quis que o toque fosse mais firme. Segurou-lhe as mãos com as suas e as apertou contra os próprios seios.

– Mais forte – pediu, rouca. – Quero sentir mais você.

As palavras dela o inflamaram. Primeiro ele apertou os seios, depois segurou os mamilos com os dedos e beliscou, apenas para machucar um pouco. Aquilo a deixou louca. Todos os pensamentos sumiram de sua cabeça e Aliena foi inteiramente possuída pela sensação do corpo dele e do seu.

– Tire a roupa – pediu. – Quero ver você.

Jack tirou a túnica e a camisa de baixo, as botas e as meias e tornou a se ajoelhar na frente dela. Seus cabelos ruivos já estavam começando a secar, formando cachos indisciplinados. Seu corpo era magro, branco, com ombros e quadris ossudos. Tinha um aspecto rijo e ágil, jovem e disposto. O pênis se erguia como uma árvore em meio aos pelos ruivos do púbis. De repente, ela quis beijar seu peito. Inclinou-se para a frente e roçou os lábios nos pequenos mamilos masculinos, que se contraíram como havia acontecido com os seus. Chupou-os de leve, querendo que ele sentisse o mesmo prazer que havia lhe proporcionado. Ele afagou seus cabelos.

Queria Jack dentro dela, rápido.

Percebeu que ele não sabia muito bem o que fazer agora.

– Jack, você é virgem? – perguntou.

Ele aquiesceu, sentindo-se bobo.

– Que bom! – disse ela, emocionada. – Que bom.

Então segurou a mão dele e a pôs entre as próprias pernas. Estava inchada e sensível ali, e o toque dos dedos foi como um choque.

– Me sinta – pediu.

Jack moveu os dedos para explorá-la.

– Sinta lá dentro.

Com hesitação, ele enfiou um dedo dentro dela. O desejo a tinha deixado molhada.

– Aí – disse ela, com um suspiro de satisfação. – É aí que ele precisa entrar.

Ela afastou a mão dele e se deitou na palha. Jack se deitou por cima dela apoiado em um dos cotovelos e a beijou na boca. Ela o sentiu entrar um pouquinho, então se deter.

– O que houve? – perguntou.

– Parece pequeno demais – disse ele. – Estou com medo de machucar você.

– Empurre com mais força – respondeu ela. – Quero tanto você que

não ligo se doer.

Ela o sentiu empurrar. Doeu mesmo, mais do que ela imaginava, mas logo depois se sentiu incrivelmente preenchida. Olhou para Jack. Ele recuou um pouco o quadril e tornou a avançar, e ela fez o mesmo. Sorriu para ele.

– Nunca imaginei que pudesse ser tão bom – falou, surpresa.

Jack fechou os olhos, como se a felicidade fosse de mais para suportar.

Então começou a fazer movimentos ritmados. Os avanços constantes criaram uma pulsação de prazer no sexo de Aliena. Ela se pegou soltando pequenos gemidos toda vez que seus corpos se encontravam. Jack se abaixou para que o peito encostasse nos mamilos dela, e Aliena pôde sentir seu hálito quente. Ela cravou os dedos em suas costas rijas. Os gemidos regulares se transformaram em gritos. De repente, ela sentiu vontade de beijá-lo. Enterrou os dedos em seus cachos e puxou a cabeça dele. Beijou-lhe os lábios com força, então enfiou a língua na sua boca e começou a movê-la cada vez mais depressa. Ter o pau dele dentro da boceta e a língua dentro da boca a enlouqueceu de prazer. Sentiu o corpo ser sacudido por um grande espasmo de alegria, tão violento que foi como cair de um cavalo e bater no chão. Deu um grito bem alto. Abriu os olhos, encarou os de Jack e disse o nome dele, e uma nova onda a submergiu, depois outra. Percebeu então que o corpo dele convulsionou e ele também gritou, e ela sentiu jorrar dentro de si um jato quente que a deixou ainda mais excitada, fazendo-a estremecer de prazer mais algumas vezes, tantas que perdeu a conta, até finalmente a sensação começar a se dissipar e ela aos poucos ficar relaxada e sem força.

Estava exausta demais para falar ou se mexer, mas podia sentir o peso de Jack sobre ela, os quadris ossudos por cima dos seus, o peito plano que pressionava seus seios macios, a boca próxima à sua orelha, os dedos emaranhados em seus cabelos. Parte de sua mente pensou, de modo vago: é assim que tem de ser entre um homem e uma mulher, é por isso que todo mundo se importa tanto com esse assunto e é por isso que maridos e mulheres se amam tanto.

A respiração de Jack voltou a ficar leve e regular, e seu corpo relaxou até se tornar inteiramente imóvel. Ele havia pegado no sono.

Aliena virou a cabeça e o beijou no rosto. Ele não era muito pesado. Queria que ficasse ali para sempre, dormindo em cima dela.

Mas isso a fez se lembrar.

Aquele era o dia do seu casamento.

Ai, meu Deus, o que foi que eu fiz?, pensou.

Começou a chorar.

Segundos depois, Jack acordou.

Com uma ternura insuportável, beijou as lágrimas que lhe molhavam as faces.

– Ai, Jack, eu queria me casar com você – disse Aliena.

– Então é isso que nós vamos fazer – respondeu ele, parecendo muito feliz.

Ele não a tinha entendido, o que tornava tudo ainda pior.

– Só que nós não podemos... – começou ela, e as lágrimas brotaram mais depressa.

– Mas depois do que aconteceu...

– Eu sei...

– Depois do que aconteceu, você tem de se casar comigo!

– Não podemos nos casar – disse ela. – Eu perdi todo o meu dinheiro e você não tem nada.

Ele se ergueu sobre os cotovelos.

– Tenho minhas mãos – falou, com orgulho. – Sou o melhor entalhador num raio de muitos quilômetros.

– Você foi dispensado...

– Não faz diferença. Posso arrumar emprego em qualquer canteiro de obras do mundo.

Aliena balançou a cabeça com tristeza.

– Não é suficiente. Preciso pensar em Richard.

– Por quê? – perguntou Jack, indignado. – O que tudo isso tem a ver com Richard? Ele pode cuidar de si mesmo.

De repente, Jack pareceu muito criança e Aliena sentiu pesar a diferença de idade: cinco anos mais jovem, ele ainda achava que tinha o direito de ser feliz.

– Eu fiz uma promessa ao meu pai quando ele estava morrendo – contou ela. – Prometi que cuidaria de Richard até ele virar o conde de Shiring.

– Mas pode ser que isso nunca aconteça!

– Promessa é dívida.

Jack pareceu não entender. Rolou para o lado. Seu pênis flácido escorregou de dentro dela e Aliena experimentou uma sensação de vazio que quase doeu. Nunca mais vou senti-lo dentro de mim, pensou com tristeza.

– Você não pode estar falando sério! – exclamou ele. – São só palavras! Não é nada em comparação com *isto*. Isto aqui é real, isto aqui somos você e eu.

Ele olhou para os seios dela, então estendeu a mão e acariciou os pelos cacheados entre suas pernas. Foi uma sensação tão aguda que pareceu uma chibatada. Ele a sentiu se contrair e parou.

Por um instante, ela quase disse: *Sim, está bem, vamos fugir juntos*, e talvez tivesse dito caso ele houvesse continuado a acariciá-la daquele jeito, mas sua razão voltou.

– Vou me casar com Alfred – falou ela.

– Deixe de ser ridícula.

– É o único jeito.

Jack a encarou.

– Não acredito em você – disse ele.

– É verdade.

– Eu não posso desistir de você. Não consigo, não consigo.

A voz dele falhou e ele reprimiu um soluço.

Tentando ser racional, ela se pôs a argumentar tanto consigo mesma quanto com ele.

– De que adianta quebrar o voto feito a meu pai para fazer um voto de casamento a você? Se eu quebrar o primeiro, o segundo não vale nada.

– Estou pouco ligando. Não preciso das suas promessas. Só quero que fiquemos juntos o tempo todo para podermos nos amar sempre que quisermos.

Era a visão do casamento de um rapaz de 18 anos, pensou ela, mas não disse nada. Caso fosse livre, teria aceitado facilmente.

– Não posso fazer o que eu quero – falou, com pesar. – Não é o meu destino.

– O que você está fazendo é errado – disse ele. – Errado não, *ruim para todos*. Abrir mão da felicidade assim é como atirar joias no oceano. É muito pior do que qualquer pecado.

De repente e de modo inesperado lhe ocorreu que sua mãe teria

concordado com isso. Não soube direito como tinha essa certeza. Afastou-a da mente.

– Eu nunca poderia ser feliz, nem mesmo ao seu lado, se tivesse de viver sabendo que quebrei a promessa feita ao meu pai.

– Você se importa mais com seu pai e seu irmão do que comigo – disse ele, soando pela primeira vez levemente petulante.

– Não...

– Então o que é?

Jack apenas prolongava a discussão, mas Aliena considerou a pergunta com muita seriedade.

– Acho que a promessa que fiz ao meu pai é mais importante do que meu amor por você.

– E é? – indagou ele, incrédulo. – É mesmo?

– É, sim – respondeu ela com um peso no coração, e as palavras lhe pareceram o dobre fúnebre de um sino.

– Então não resta mais nada a ser dito.

– Só... só que eu sinto muito.

Jack se levantou. Deu as costas para ela e pegou no chão a camisa de baixo. Ela observou aquele corpo esguio e comprido. As pernas eram peludas, com fios ruivos alourados. Ele vestiu depressa a camisa e a túnica, em seguida calçou as meias e as botas. Tudo aconteceu depressa demais.

– Você vai ser profundamente infeliz – disse ele.

Ele tentava ser cruel, mas fracassou, pois Aliena detectou compaixão na sua voz.

– Vou mesmo – retrucou. – Pelo menos... pelo menos você pode dizer que me respeita pela minha decisão?

– Não – respondeu ele sem hesitar. – Não respeito. Desprezo você por ela.

Aliena ficou ali sentada olhando para ele, nua, e começou a chorar.

– É melhor eu ir embora – disse ele, e na última palavra sua voz falhou.

– Sim, vá embora – soluçou ela.

Ele andou até a porta.

– Jack!

Ele se virou.

– Me deseje boa sorte – pediu ela.

Jack levantou a barra da porta.

– Boa... – Ele se interrompeu, sem conseguir continuar. Baixou os olhos para o chão, então tornou a erguê-los na direção dela. Dessa vez, sua voz saiu num sussurro. – Boa sorte – falou.

E saiu.



A casa que antes era de Tom pertencia agora a Ellen, mas Alfred também morava lá, de modo que nessa manhã estava cheia de gente preparando o banquete de casamento organizado por Martha, agora com 13 anos, enquanto a mãe de Jack observava desconsolada. Com uma toalha na mão, Alfred estava prestes a descer até o rio: as mulheres tomavam banho uma vez por mês e os homens na Páscoa e no dia de São Miguel Arcanjo, mas era tradição se lavar na manhã do casamento. Quando Jack entrou, todos se calaram.

– O que você quer? – perguntou Alfred.

– Que você cancele o casamento – respondeu Jack.

– Suma daqui – disse Alfred.

Jack se deu conta de que havia começado errado. Não deveria transformar aquilo em um confronto. O que estava propondo era do interesse de Alfred também, bastava fazê-lo entender.

– Alfred, ela não ama você – argumentou, com a maior delicadeza de que foi capaz.

– Você não sabe nada sobre isso, garoto.

– Sei, sim – insistiu Jack. – Ela não o ama. Está se casando com você por causa de Richard. Ele é o único que vai ficar feliz com esse arranjo.

– Volte para o mosteiro – falou Alfred com desprezo. – Aliás, onde está seu hábito?

Jack inspirou fundo. Não havia outro jeito a não ser lhe dizer a verdade:

– Alfred. É *a mim* que ela ama.

Imaginou que o outro fosse ficar uma fera, mas em vez disso a sombra de um sorriso malicioso surgiu no semblante de Alfred. Jack não entendeu.

O que significava aquilo? Aos poucos, percebeu o motivo.

– Você já sabe – falou, incrédulo. – Sabe que ela me ama e não liga! Você a quer de qualquer maneira, ela o amando ou não. Só deseja tê-la e pronto.

O sorriso furtivo de Alfred se alargou e Jack soube que era verdade o que acabara de dizer. Mas havia outra coisa, algo mais a ser lido na expressão do outro rapaz. Uma desconfiança inacreditável surgiu na mente de Jack.

– Por que você a quer? – indagou ele. – Só quer se casar com ela para tirá-la de mim? – A raiva fez subir a voz. – Está se casando com ela por *despeito*?

Uma expressão triunfante e ardilosa tomou conta do rosto estúpido de Alfred, e Jack entendeu que havia acertado outra vez. Ficou arrasado. Pensar que o outro fazia tudo aquilo não por causa de um compreensível desejo por Aliena, mas por pura maldade, era de mais para suportar.

– É melhor tratá-la bem, seu desgraçado! – berrou.

Alfred riu.

A derradeira maldade do plano de Alfred atingiu Jack como um soco. Não, ele não a trataria bem. Essa seria sua última vingança contra Jack. Alfred iria se casar com Aliena e fazê-la infeliz.

– Seu lixo – disse Jack com amargura. – Seu pústula. Seu bosta. Seu verme horroroso, burro, mau, *repugnante*.

O desprezo dele enfim atingiu Alfred, que largou a toalha e veio em sua direção com um dos punhos cerrados. Jack estava preparado e deu um passo à frente para acertá-lo primeiro. Então Ellen se intrometeu e, apesar de ser menor do que ambos, conseguiu detê-los com uma simples frase:

– Alfred, vá tomar seu banho.

O rapaz logo se acalmou. Entendeu que vencera a batalha sem precisar brigar, o que ficou claro em sua expressão de superioridade. Saiu de casa.

– O que você vai fazer, Jack? – perguntou Ellen.

Jack percebeu que tremia de raiva. Respirou fundo várias vezes antes de conseguir responder. Não podia impedir o casamento, sabia disso, mas também não podia participar dele.

– Preciso ir embora de Kingsbridge.

Ele viu uma dor atravessar o semblante da mãe, que apesar disso concordou.

– Estava com medo de você dizer isso, mas acho que tem razão.

Um sino começou a bater no priorado.

– A qualquer momento vão descobrir que fugi – falou Jack.

Ellen baixou a voz.

– Vá depressa, mas se esconda perto do rio, de algum lugar que dê para ver da ponte. Vou levar algumas coisas para você.

– Está bem – disse Jack, virando-se.

Martha estava em pé entre ele e a porta, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele a abraçou. Ela o apertou com força. Seu corpo de menina era ossudo e sem curvas, como o de um menino.

– Volte um dia – pediu ela, emocionada.

Ele a beijou uma vez, depressa, e saiu pela porta.

Agora já havia muitas pessoas acordadas, indo buscar água e aproveitando a manhã amena de outono. A maioria sabia que ele tinha virado noviço. A cidade ainda era pequena o bastante para todo mundo estar a par dos assuntos alheios. Seus trajes laicos, portanto, atraíram olhares de espanto, mas ninguém chegou a questioná-lo. Ele desceu o morro depressa, atravessou a ponte e foi andando pela beira do rio até chegar a uma touceira de juncos. Agachou-se junto ao mato e ficou perto da ponte, à espera da mãe.

Não tinha a menor ideia do que iria fazer. Talvez saísse andando em linha reta até chegar a uma cidade onde estivessem construindo uma catedral e lá parasse. Tinha dito a verdade para Aliena sobre procurar trabalho: sabia que era bom o suficiente para ser contratado em qualquer lugar. Mesmo em uma obra na qual não houvesse vagas, bastaria mostrar seus talentos com entalhador ao mestre construtor para ser contratado. Mas isso agora não tinha mais importância. Ele jamais amaria outra mulher depois de Aliena e sentia mais ou menos a mesma coisa em relação à catedral de Kingsbridge. Queria construir *ali*, não em qualquer lugar.

Talvez simplesmente entrasse na floresta, deitasse e morresse. Pareceu-lhe uma boa ideia. O tempo estava ameno, as árvores verdes e douradas. Poderia ter um fim tranquilo. Seu único arrependimento seria não ter descoberto mais sobre o pai antes de morrer.

Já se imaginava deitado sobre um leito de folhas de outono, deixando-se levar suavemente pela morte, quando viu a mãe atravessar a ponte. Ela

conduzia um cavalo.

Levantou-se e correu até ela. Trazia a égua alazã que ela sempre gostava de montar.

– Quero que você leve a minha égua – disse ela.

Jack segurou sua mão e a apertou em agradecimento.

Os olhos de Ellen estavam marejados.

– Nunca cuidei muito bem de você – falou. – Primeiro o criei feito um selvagem, na floresta. Depois quase o deixei morrer de fome com Tom. E então o fiz morar com Alfred.

– Você cuidou de mim, sim, mãe – disse ele. – Eu fiz amor com Aliena hoje de manhã. Agora posso morrer feliz.

– Seu menino bobo. Você é igualzinho a mim. Se não puder ter o amor que deseja, não quer mais ninguém.

– Você é assim?

Ela aquiesceu.

– Depois que seu pai morreu, preferi viver sozinha a aceitar uma segunda opção. Nunca quis homem nenhum até conhecer Tom. E isso aconteceu onze anos depois. – Ela largou a mão dele. – Estou dizendo isso por um motivo: pode ser que leve onze anos, mas um dia você *vai* amar outra pessoa. Juro que vai.

Jack balançou a cabeça.

– Não acho possível.

– Eu sei. – Ela olhou nervosa por cima do ombro, na direção da cidade.

– É melhor ir andando.

Ele foi até o cavalo. No lombo do animal havia dois alforjes abarrotados.

– O que tem aí dentro? – perguntou ele.

– Neste aqui um pouco de comida e dinheiro e um odre cheio de vinho

– respondeu ela. – No outro, as ferramentas de Tom.

Jack ficou comovido. Depois da morte de Tom, a mãe insistira para ficar com as ferramentas dele de lembrança. E agora as passava para ele. Abraçou-a.

– Obrigado.

– Para onde você vai? – indagou ela.

Ele tornou a pensar no pai.

– Onde os menestrelis contam suas histórias? – perguntou.

– No caminho de romaria que vai até Santiago de Compostela.
– Você acha que talvez os outros menestréis se lembrem de Jack Shareburg?

– Talvez. Diga que ele era parecido com você.

– Onde fica Compostela?

– Na Espanha.

– Então é para lá que eu vou.

– É longe, Jack.

– Eu tenho tempo.

Ela passou os braços em volta dele e o abraçou com força. Jack se perguntou quantas vezes ela teria feito isso nos últimos 18 anos, reconfortado o filho por causa de um joelho ralado, de um brinquedo perdido, de uma decepção infantil... e agora de uma tristeza adulta demais. Pensou nas coisas que ela havia feito, desde criá-lo na floresta até tirá-lo da prisão. Ellen sempre se mostrara disposta a brigar como uma leoa pelo filho. Doía-lhe ter que deixá-la.

Ela o soltou e ele montou a égua.

Olhou para Kingsbridge, lá atrás. Quando chegara ali, o lugar era um povoado modorrento com uma catedral velha caindo aos pedaços. Jack havia posto fogo nessa velha catedral, embora só ele soubesse disso. Agora Kingsbridge era uma pequena cidade agitada e orgulhosa. Bem, haveria outras. Ir embora era difícil, mas ele estava prestes a mergulhar no desconhecido, a embarcar numa aventura, e isso aliviou a dor de abandonar tudo o que amava.

– Volte um dia, Jack – pediu a mãe. – Por favor.

– Vou voltar.

– Você jura?

– Juro.

– Se seu dinheiro acabar antes de arrumar trabalho, venda a égua, não as ferramentas.

– Eu amo você, mãe – disse ele.

As lágrimas dela rolaram.

– Cuide-se, meu filho.

Ele tocou a égua, que começou a andar. Virou-se e acenou. Ellen acenou de volta. Ele então tocou a égua para fazê-la trotar e depois disso não olhou mais para trás.



Richard chegou à cidade bem a tempo para o casamento.

Explicou que o rei Estêvão fora generoso e lhe dera dois dias de folga. O exército real estava em Oxford, sitiando o castelo onde havia encurralado Matilda, de modo que não havia muito para os cavaleiros fazerem.

– Eu não poderia perder o casamento da minha irmã – disse ele, e Aliena pensou com amargura: você quer é ter certeza de que a coisa vai acontecer, só isso, para poder ganhar o que Alfred lhe prometeu.

Mesmo assim, ficou feliz por ele estar lá para acompanhá-la na igreja e entregá-la ao marido. Sem ele, não teria ninguém.

Aliena usava uma camisa de baixo nova, de linho, e um vestido branco da última moda. Não havia grande coisa que pudesse fazer em relação ao cabelo mutilado, mas trançou as mechas mais longas e as envolveu em casulos de seda branca, como estava na moda. Uma vizinha lhe emprestou um espelho. Ela estava pálida, e seus olhos denunciavam que havia passado a noite em claro. Bem, quanto a isso não havia nada que pudesse fazer. Richard a observava. Exibia um ar levemente constrangido, como se se sentisse culpado, e não parava de se remexer. Talvez temesse que ela cancelasse tudo na última hora.

Havia momentos em que se sentia dolorosamente tentada a fazer justamente isso. Imaginava-se indo embora de Kingsbridge de mãos dadas com Jack para começar uma vida nova em outro lugar, uma vida simples, de trabalho duro e honesto, livre das amarras de velhas promessas e pais falecidos. Mas era um sonho bobo. Ela jamais conseguiria ser feliz se abandonasse o irmão.

Diante dessa conclusão, Aliena se imaginou descendo até o rio e se jogando na água. Viu seu corpo inerte, envolto em um vestido de noiva encharcado, flutuar correnteza abaixo, com o rosto virado para o céu e os cabelos a boiar em volta da cabeça, então entendeu que se casar com Alfred era melhor do que isso e voltou para o ponto em que havia começado, em que o matrimônio era a melhor solução disponível para a maioria de seus problemas.

Como Jack desprezaria esse tipo de raciocínio. Ouviu um sino de

igreja badalar.

Aliena se pôs de pé.

Nunca imaginara que o dia de seu casamento seria assim. Quando menina, sempre sonhava que estaria de braço dado com o pai, atravessando a ponte levadiça da torre de menagem até a capela no pátio inferior, com todos os cavaleiros e homens de armas do conde, todos os criados e arrendatários imprensados entre os muros do castelo para saudá-la e desejar felicidades. Nesse devaneio, o rapaz que a aguardava na capela sempre fora um tanto vago, mas ela sabia que ele a adorava e a fazia rir, e ela o acharia maravilhoso. Bem. Nada na sua vida tinha saído como ela esperava. Richard segurou a porta da pequena casa de um cômodo só e ela saiu para a rua.

Para sua surpresa, alguns vizinhos aguardavam do lado de fora para vê-la passar. Quando ela apareceu, vários saudaram “Que Deus a abençoe!” e “Boa sorte!”. Sentiu por eles uma gratidão imensa. Uma chuva de milho a cobriu quando começou a subir a rua. O milho era símbolo de fertilidade. Ela teria filhos, e esses filhos a amariam.

A igreja paroquial ficava na outra ponta da cidade, no bairro rico, onde ela passaria a morar depois daquela noite. Passaram em frente ao mosteiro. Os irmãos deviam estar praticando um dos ofícios na cripta naquele exato momento, mas o prior Philip prometera dar uma passada na festa de casamento para abençoar o feliz casal. Aliena torceu para que ele conseguisse. O prior era um personagem importante da sua vida desde o dia em que comprara sua lã em Winchester, seis anos antes.

Eles chegaram à igreja nova, construída por Alfred, com a ajuda de Tom. Uma multidão se reunia do lado de fora. O casamento seria celebrado no pórtico, em inglês. Em seguida haveria uma missa em latim dentro da igreja. Todos os homens que trabalhavam para Alfred estavam presentes, bem como a maioria das pessoas que haviam tecido para Aliena. Todos aplaudiram ao vê-la chegar.

Alfred aguardava lá dentro com a irmã Martha e Dan, um de seus pedreiros. Vestia uma túnica vermelha nova e calçava botas limpas. Tinha cabelos compridos e lustrosos como os de Ellen. Aliena notou que a mãe de Jack não se encontrava ali. Ficou decepcionada. Já ia perguntar a Martha pela madrasta quando o padre apareceu e a cerimônia começou.

Aliena refletiu que sua vida havia embarcado em um novo rumo seis

anos antes, desde que fizera o juramento ao pai, e que agora uma nova estava sendo inaugurada por outro juramento a um homem diferente. Raramente ela fazia algo por si mesma. Aquela manhã com Jack fora uma chocante exceção. Ao recordar, mal conseguia acreditar no que fizera. Parecia um sonho, ou então uma das fantasiosas histórias contadas por Jack, algo sem relação com a vida real. Jamais contaria a ninguém. Aquilo permaneceria um lindo segredo que guardaria só para si e recordaria de vez em quando, como um sovina que conta dinheiro de um baú secreto no meio da noite.

Estava quase na hora dos votos.

– Alfred, filho de Tom Builder – começou Aliena, instada pelo padre –, eu o aceito como esposo e juro lhe ser sempre fiel.

Depois de dizer isso, quis chorar.

Alfred então pronunciou seus votos. Uma confusão irrompeu nas bordas da congregação quando ele começou a falar, e uma ou duas pessoas olharam para trás. Aliena fitou Martha.

– É Ellen – sussurrou a menina.

– Alfred e Aliena – disse o padre, zangado e com o cenho franzido –, estão agora casados aos olhos de Deus, e que esta bênção...

Ele não chegou a terminar a frase. Uma voz bem alta ribombou atrás de Aliena.

– Eu amaldiçoo esse casamento!

Era Ellen.

A multidão soltou um arquejo de horror.

O padre ainda tentou prosseguir:

– E que esta bênção...

Então se calou, ficou lívido e fez o sinal da cruz.

Aliena se virou. Em pé logo atrás dela estava Ellen. A multidão havia se afastado. A mulher segurava em uma das mãos um frango vivo e na outra uma faca comprida. A faca estava suja de sangue, que também jorrava do pescoço cortado da ave.

– Eu amaldiçoo esse casamento com tristeza – disse ela, e suas palavras fizeram o coração de Aliena gelar. – Amaldiçoo esse casamento com infertilidade – continuou. – Amaldiçoo com amargura, ódio, perda e remorso. Amaldiçoo com impotência.

Ao dizer a palavra *impotência*, atirou para cima o galo ensanguentado.

Várias pessoas gritaram e se encolheram. Aliena ficou parada onde estava. O animal voou pelos ares, espirrando sangue, e aterrissou bem em cima de Alfred. Ele deu um pulo para trás, apavorado. Ainda sangrando, o bicho nojento se estatelou no chão.

Quando todos ergueram os olhos, Ellen tinha sumido.



Martha havia posto lençóis de linho limpos e um cobertor de lã novo sobre a cama, o grande móvel de plumas que pertencera a Ellen e Tom e agora seria de Alfred e Aliena. Ellen não fora vista desde a cerimônia. O banquete fora comedido, como um piquenique em um dia frio, e todos comeram e beberam de maneira sombria e automática porque não havia mais nada a fazer. Os convidados tinham se retirado ao pôr do sol, sem nenhuma das piadas grosseiras habituais sobre a noite de núpcias dos recém-casados. Martha estava agora em sua pequena cama no quarto ao lado. Richard tinha voltado para a pequena casa de Aliena, que agora seria sua.

Alfred vinha falando em construir uma casa de pedra para eles no verão seguinte. Durante o banquete, ficara se gabando disso com Richard.

– Vai ter quarto de dormir, salão e depósito embaixo – dissera ele. – Quando a esposa de John Silversmith, o ourives, vir essa casa, vai querer uma igualzinha. Em breve todos os homens prósperos da cidade vão desejar uma casa de pedra.

– Você já tem o projeto? – quisera saber Richard, e Aliena tinha percebido na voz do irmão um leve ceticismo, embora ninguém mais parecesse notar.

– Tenho uns desenhos velhos do meu pai, em tinta sobre pergaminho. Um deles é da casa que estávamos construindo para Aliena e William Hamleigh tantos anos atrás. Vou me basear neles.

Enojada, Aliena lhes dera as costas. Como alguém seria tão insensível de mencionar isso no dia do seu casamento? Alfred passara a tarde inteira gabando-se, servindo vinho, contando piadas e trocando olhares sugestivos com os colegas de trabalho. Parecia feliz.

Agora estava tirando as botas sentado na borda da cama. Aliena

removeu as fitas dos cabelos. Não sabia o que pensar sobre a maldição de Ellen. As palavras a tinham chocado e ela não fazia ideia do que passava pela cabeça da outra, mas por algum motivo não sentira tanto medo quanto a maioria.

O mesmo não se podia dizer de Alfred. Quando o galo morto aterrissou em cima dele, o rapaz ficara quase sem voz. Fora Richard quem, literalmente, o sacudira, segurando-o pela túnica e puxando-o para a frente e para trás. Mas Alfred havia se recuperado depressa e desde então a única demonstração de medo fora o exagero daquele seu contentamento movido a tapinhas nas costas e cerveja.

Aliena sentia uma estranha calma. Não apreciava o que estava prestes a fazer, mas pelo menos não fora forçada e, embora fosse desagradável, não seria humilhante. Era apenas um homem e ninguém mais estaria assistindo.

Ela tirou o vestido.

– Por Cristo, que faca comprida – comentou Alfred.

Ela soltou a correia que prendia a faca ao antebraço esquerdo, então se deitou na cama só com a camisa de baixo.

Alfred finalmente conseguiu tirar as botas. Tirou também as meias e se levantou. Encarou-a com um olhar lascivo.

– Tire a roupa de baixo – falou. – Tenho o direito de ver os seios da minha mulher.

Aliena hesitou. Por algum motivo, relutava em ficar nua, mas seria tolice negar a ele a primeira coisa que pedia. Obediente, sentou-se e tirou a camisa por cima da cabeça, reprimindo com força a lembrança de como a sensação fora diferente naquela manhã com Jack.

– Que par de belezuras – disse Alfred.

Chegou junto da cama e segurou seu seio direito. Suas mãos grandes tinham a pele áspera e havia sujeira debaixo das unhas. Ele a apertou com muita força, e Aliena fez uma careta. Ele riu e a soltou. Deu um passo para trás, tirou a túnica e a pendurou em um gancho. Então voltou para a cama e tirou o lençol de cima dela.

Aliena engoliu em seco. Sentia-se vulnerável assim, nua diante do olhar dele.

– Por Deus, como é cabeluda – falou ele. Então esticou a mão e a tocou entre as pernas. Ela se retesou, depois se obrigou a relaxar e afastar as

coxas. – Boa menina – disse ele, e enfiou um dedo dentro dela.

Doeu: ela estava seca. Não conseguiu entender. De manhã, com Jack, estava toda molhada e escorregadia. Alfred grunhiu e enfiou o dedo mais fundo.

Aliena sentiu vontade de chorar. Sabia que não iria gostar muito, mas não imaginou que ele pudesse ser tão insensível. Nem a havia beijado ainda. Ele não me ama, pensou. Nem mesmo gosta de mim. Eu sou uma bela potranca que ele está prestes a montar. Na verdade, ele trataria até um cavalo melhor do que isso: daria tapinhas em seu focinho e o acariciaria para que ele se acostumasse com sua presença e falaria suavemente para acalmá-lo. Segurou o choro. Fui eu que escolhi isso, pensou. Ninguém me obrigou a casar com ele, então agora preciso aguentar e pronto.

– Seca feito serragem – resmungou Alfred.

– Desculpe – sussurrou ela.

Ele recolheu a mão, cuspiu nela duas vezes e esfregou o cuspe entre as pernas dela. Aquilo lhe pareceu um terrível desrespeito. Ela mordeu o lábio e olhou para o outro lado.

Ele abriu suas coxas. Ela fechou os olhos, então os abriu e se obrigou a olhar para ele, pensando: vá se acostumando, você vai passar o resto da vida fazendo isso. Alfred subiu na cama se ajoelhou entre as pernas dela. Seu cenho pareceu se franzir por um instante. Abriu as pernas dela com uma das mãos e enfiou a outra debaixo da própria túnica. Aliena viu a mão se mover sob o tecido. O cenho dele se franziu mais ainda.

– Meu Deus do céu – resmungou Alfred. – Você é tão inerte que fico até sem vontade, parece que estou tocando um cadáver.

Achou injusto que ele a culpasse.

– Eu não sei o que devo fazer! – falou, chorosa.

– Algumas garotas gostam – disse ele.

Gostam!, pensou ela. Impossível! Então lembrou como, naquela mesma manhã, havia gemido e gritado de prazer. Era como se não houvesse relação entre o que ela tinha feito mais cedo e o que estava fazendo agora.

Que bobagem. Sentou-se na cama. Alfred se esfregava por baixo da camisa.

– Deixe que eu faço – disse ela, e levou a mão até entre as pernas dele. Sentiu o membro flácido e sem vida. Não soube muito bem o que fazer

com ele. Apertou-o de leve, então começou a alisá-lo com os dedos. Encarava o marido à espera de uma reação. Ele parecia apenas bravo. Ela continuou, mas não adiantou.

– Mais forte – pediu ele.

Ela começou a esfregar vigorosamente. O membro de Alfred continuou mole, mas ele passou a mover os quadris como se estivesse gostando. Com aquele incentivo, ela aumentou a pressão. De repente, Alfred soltou um grito de dor e se afastou. Ela havia esfregado com força de mais.

– Sua vaca estúpida! – exclamou ele, e lhe deu um tapa no rosto com as costas da mão que a derrubou de lado.

Ela ficou deitada na cama, choramingando de dor e de medo.

– Você não presta para nada, está amaldiçoada! – gritou ele com fúria.

– Eu fiz o melhor que pude!

– Você tem uma boceta morta – vociferou. Segurou-a pelos braços, a ergueu e a empurrou para fora da cama. Aliena caiu sobre a palha do chão. – Aquela bruxa da Ellen falou que isso ia acontecer – disse Alfred. – Ela sempre me detestou.

Aliena rolou de lado e se ajoelhou no chão, com os olhos pregados nele. Não parecia que ele tornaria a lhe bater. Não estava mais furioso, apenas amargurado.

– Pode ficar aí – continuou ele. – Você não me serve mais como esposa, então fique longe da minha cama. Pode dormir aí no chão como um cachorro. – Ele fez uma pausa. – Não suporto você olhando para mim!

Havia uma nota de pânico em sua voz. Olhou em volta à procura da vela, encontrou-a e a apagou com um tabefe, derrubando-a no chão.

Aliena ficou parada no escuro. Ouviu Alfred se mexer sobre a cama de penas, deitar-se, puxar o cobertor e mudar a posição dos travesseiros. Quase nem ousava respirar. Ele passou um longo tempo sem conseguir se aquietar, virando-se e revirando-se na cama, mas não tornou a se levantar nem falou com ela. Por fim, parou de se mexer e sua respiração se regularizou. Quando Aliena teve certeza de que ele estava dormindo, engatinhou até o outro lado do quarto, tentando não fazer a palha farfalhar, até o canto. Encolheu-se e ficou deitada, sem conseguir dormir. Depois de um tempo, começou a chorar. Tentou se conter por medo de acordar Alfred, mas não conseguiu segurar as lágrimas e ficou soluçando baixinho. Se o barulho o despertou, ele não deu sinal. Ela ficou assim, deitada na

palha do canto, chorando baixinho, até por fim pegar no sono.

CAPÍTULO 12

I

Aliena se sentiu péssima durante todo aquele inverno.

Dormia mal todas as noites, enrolada em sua capa ao pé da cama de Alfred, e passava o dia dominada por uma lassidão incontrolável. Como muitas vezes se sentia enjoada, comia bem pouco, mas apesar disso pareceu engordar: teve certeza de que os seios e os quadris aumentaram de tamanho e de que a cintura tinha se alargado.

Deveria cuidar da casa de Alfred, mas na verdade era Martha quem fazia quase todo o trabalho. Os três viviam juntos e formavam uma família triste. Martha nunca havia gostado do irmão e Aliena agora o detestava com todas as forças, de modo que não era de espantar que ele passasse o máximo de tempo possível fora de casa, no trabalho durante o dia e na taberna à noite. Martha e Aliena compravam comida e a preparavam sem entusiasmo, e mais tarde costuravam roupas. Aliena não via a hora de chegar a primavera, quando novamente faria calor suficiente para ela visitar sua clareira secreta nas tardes de domingo. Lá poderia ficar deitada em paz e pensar em Jack.

Enquanto isso, consolava-se com Richard. Seu irmão tinha agora um corcel negro cheio de energia, uma espada nova e um escudeiro com um pônei, e mais uma vez combatia pelo rei Estêvão, ainda que com um grupo reduzido. A guerra havia entrado pelo novo ano: Matilda conseguira fugir do castelo de Oxford e escapar outra vez por entre os dedos de Estêvão, e seu irmão Robert de Gloucester reconquistara Wareham, dando assim continuidade à velha gangorra na qual um dos lados ganhava um pouquinho e em seguida perdia. Mas Aliena cumpria sua promessa, e pelo menos nisso podia encontrar algum consolo.

Na primeira semana do ano, Martha começou a sangrar pela primeira

vez. Aliena lhe preparou uma bebida quente com ervas e mel para aliviar as cólicas, respondeu a suas perguntas sobre a maldição das mulheres e foi procurar a caixa de trapos que usava para a própria menstruação. Só que não a encontrou em casa e acabou atinando que não a trouxera da casa velha depois de se casar.

Mas isso já fazia três meses.

Ou seja, fazia três meses que ela não sangrava.

Desde o dia do casamento.

Desde o dia em que fizera amor com Jack.

Deixou Martha junto ao fogo da cozinha, bebericando a infusão de mel e esquentando os pés, e foi até sua antiga casa. Richard não estava, mas ela ainda tinha a chave. Encontrou a caixa sem dificuldade, mas não voltou na mesma hora. Em vez disso, sentou-se junto à lareira fria envolta em sua capa e pôs-se a refletir.

Havia se casado com Alfred no dia de São Miguel Arcanjo. Agora era pouco depois do Natal. Ou seja, um quarto de ano. Passaram três luas novas. Ela deveria ter sangrado três vezes. No entanto, sua caixa de trapos estava na prateleira de cima, junto à pequena pedra que Richard usava para afiar as facas de cozinha. Ela a segurou no colo. Correu um dedo pela madeira áspera. O dedo saiu sujo. A caixa estava coberta de pó.

O pior era que ela *nunca* tinha feito amor com Alfred.

Depois daquela primeira noite horrível, ele tentara novamente mais três vezes: uma na noite seguinte, a segunda uma semana depois, e por fim após mais um mês, numa noite em que chegara em casa mais embriagado do que o habitual. Mas sempre se mostrara completamente incapaz. No início, ciente de seu dever conjugal, Aliena tentara incentivá-lo, mas cada novo fracasso o deixava mais bravo do que o anterior e ela começou a sentir medo. Pareceu-lhe mais prudente ficar longe, usar roupas pouco atraentes, garantir que ele nunca a visse se despindo e permitir que esquecesse o assunto. Agora pensava que deveria ter tentado mais. Na verdade, porém, sabia que não adiantaria. Era inútil. Não sabia ao certo por quê: talvez fosse a maldição de Ellen, talvez Alfred fosse simplesmente impotente ou talvez fosse por causa da lembrança de Jack, mas sabia que Alfred jamais faria amor com ela.

Portanto, ele teria certeza de que o filho não era seu.

Aliena encarou desconsolada as cinzas velhas e frias da lareira de

Richard e se perguntou por que sempre tinha tanto azar. Ali estava ela, tentando tirar o melhor partido de um casamento ruim, e engravidava de outro homem após uma única relação.

De nada adiantava se apiedar de si mesma. Precisava decidir o que fazer.

Pousou a mão na barriga. Agora sabia por que vinha engordando, por que não parava de enjoar, por que vivia sempre tão cansada. Havia uma pessoinha lá dentro. Sorriu para si mesma. Que bom seria ter um bebê.

Balançou a cabeça. Não seria nada bom. Alfred ficaria bravo como um touro. Não havia como prever o que faria: se a mataria, se a expulsaria de casa, se mataria o bebê. Teve a súbita e terrível premonição de que ele tentaria machucar o bebê antes de nascer, chutando-a na barriga. Enxugou a testa: estava suando frio.

Não vou contar a ele, pensou.

Será que conseguiria esconder a gravidez? Quem sabe. Adquirira o hábito de usar roupas largas e disformes. Talvez não ficasse muito gorda. Algumas mulheres não ficavam. Não havia homem menos observador que Alfred. As mulheres mais experientes da cidade sem dúvida perceberiam, mas ela decerto poderia contar com a discrição delas, ou pelo menos ter certeza de que elas não comentariam com os homens. Sim, decidiu, talvez eu consiga esconder a gravidez de Alfred até o bebê nascer.

Mas e depois? Bem, pelo menos o pequenino teria vindo ao mundo em segurança. Alfred não poderia matá-lo chutando Aliena, mas mesmo assim saberia que o filho não era seu. Com certeza iria odiar o pobrezinho, que se transformaria em uma ofensa constante à sua masculinidade. Seria um inferno.

Mas Aliena foi incapaz de pensar tão à frente. Havia decidido a estratégia mais segura para os seis meses seguintes. Enquanto isso, tentaria decidir o que fazer depois do nascimento do bebê.

Será que é menino ou menina?, pensou.

Levantou-se com a caixa de trapos na mão para a primeira menstruação da cunhada. Sinto pena de você, Martha, pensou, cansada. Ainda vai ter de passar por tudo isso.



Philip passou o inverno inteiro cismado com seus problemas.

Ficara horrorizado com a maldição pagã de Ellen, feita em frente à igreja durante uma missa. Não tinha mais qualquer dúvida de que ela era uma bruxa. Seu único arrependimento era ter cometido a tolice de perdoá-la pelo insulto feito à Regra de São Benedito tantos anos antes. Ele deveria ter percebido que uma mulher capaz de uma coisa daquelas jamais se arrependeria de verdade. No entanto, uma feliz consequência de toda aquela história terrível era que Ellen mais uma vez fora embora de Kingsbridge e não tinha sido vista desde então. Philip torceu com fervor para que ela nunca mais voltasse.

Aliena era visivelmente infeliz como esposa de Alfred, embora Philip não achasse que isso se devesse à maldição. Não sabia quase nada sobre a vida de um casal, mas podia imaginar que uma pessoa inteligente, culta e cheia de vida como Aliena seria infeliz vivendo com um homem de mente estreita e raciocínio lento como Alfred, fosse como marido e mulher ou como qualquer outra coisa.

Aliena deveria ter se casado com Jack, claro. Philip agora entendia isso e se sentia culpado por ter se prendido tanto aos próprios planos para o rapaz que não conseguira ver do que ele realmente precisava. Jack nunca tivera vocação para a vida no claustro, e Philip errara ao pressioná-lo. Kingsbridge tinha perdido a inteligência e a energia do rapaz para sempre.

Desde a tragédia da feira de lã, tudo parecia ter dado errado. O priorado estava mais endividado do que nunca. Precisara dispensar metade dos trabalhadores pois não tinha mais dinheiro para pagá-los. Consequentemente, a população da cidade havia diminuído, fazendo encolher o mercado de domingo e derrubando a renda dos aluguéis. Kingsbridge se encontrava em uma espiral descendente.

O problema principal era a disposição dos habitantes. Embora eles houvessem reconstruído suas casas e retomado seus pequenos negócios, não se sentiam confiantes no futuro. Tudo o que planejassem e construíssem poderia ser destruído em um único dia por William Hamleigh caso ele decidisse atacar outra vez. Essa insegurança permeava o pensamento de todos e paralisava qualquer iniciativa.

Depois de um tempo, Philip entendeu que precisava tomar alguma providência para conter o declínio. Era necessário um gesto dramático que dissesse ao mundo todo, sobretudo aos moradores da cidade, que

Kingsbridge estava reagindo. Gastou muitas horas de preces e meditação tentando decidir qual exatamente deveria ser esse gesto.

Precisava mesmo era de um milagre. Se os ossos de Santo Adolfo curassem uma princesa da peste ou fizessem um poço de água salobra verter água doce, Kingsbridge se encheria de romeiros. Mas fazia muitos anos que o santo não operava nenhum milagre. Philip às vezes se perguntava se seu método firme e prático de administrar o priorado desagradava a Santo Adolfo, pois os milagres pareciam ocorrer com mais frequência em lugares onde a regra era menos sensata e a atmosfera era carregada de fervor religioso, quando não de uma histeria declarada. Mas Philip pertencia a uma escola mais objetiva. Padre Pedro, abade do seu primeiro mosteiro, costumava dizer: “Rezem por milagres, mas plantem repolhos.”

O símbolo da vida e do vigor de Kingsbridge era a catedral. Quem dera um milagre pudesse concluí-la! Certa vez, à noite, chegou a rezar por esse milagre, mas pela manhã a chancela continuava sem telhado e exposta às intempéries, e a borda de suas paredes altas continuava irregular no cruzamento com os transeptos.

Philip ainda não havia contratado um novo mestre construtor. Ficara chocado ao saber quanto cobravam. Nunca se dera conta de como Tom era barato. De qualquer forma, Alfred administrava a força de trabalho reduzida sem grandes dificuldades. O rapaz havia se tornado um tanto mais desanimado desde o casamento, como um homem que derrota muitos rivais para virar rei e depois descobre que a realeza é um pesado fardo de preocupação. No entanto, ele tinha autoridade e firmeza, e os outros o respeitavam.

Mas não havia como preencher o vazio deixado por Tom. Philip sentia sua falta não apenas como mestre construtor, mas como pessoa. Tom se interessava em saber por que as igrejas deviam ser construídas de um jeito e não de outro e Philip gostava de dividir com ele especulações sobre o que fazia alguns edifícios ficarem em pé enquanto outros ruíam. Tom não fora um homem particularmente devoto, mas vez por outra fazia a Philip alguma pergunta sobre teologia que demonstrava que aplicava tanta inteligência à sua religião quanto ao seu trabalho. O raciocínio do construtor combinava mais ou menos com o de Philip. O prior conseguia conversar com ele sem ter de se rebaixar. Havia muito pouca gente assim

em sua vida. Jack, apesar da pouca idade, era um deles. Aliena também, mas acabara tragada para um matrimônio infeliz. Cuthbert Whitehead estava agora ficando velho, e o bolseiro Milius passava quase o tempo inteiro longe do priorado visitando as criações de carneiros, contando hectares, ovelhas e sacos de lã. Com o tempo, um priorado cheio de vida e atividade, situado em uma próspera cidade e com uma catedral, atrairia estudiosos como um exército vitorioso atrai soldados. Philip não via a hora de esse momento chegar. Mas isso jamais aconteceria se ele não conseguisse arrumar um jeito de revitalizar Kingsbridge.

– Não tem feito muito frio neste inverno – disse Alfred certa manhã, pouco depois do Natal. – Vamos poder começar mais cedo do que de costume.

A informação deixou Philip pensativo. A abóbada seria construída no verão. Uma vez concluída, daria para usar a chancela e Kingsbridge não seria mais uma sé sem catedral. A chancela era a parte mais importante de uma igreja: o altar-mor e as relíquias sagradas ficavam na ponta mais a leste, no chamado presbitério, e a maioria dos ofícios era celebrada no coro, onde se sentavam os irmãos. O restante da igreja só era usado aos domingos e nos dias santos. Uma vez consagrada a chancela, o que antes era um canteiro de obras viraria uma igreja, mesmo que incompleta.

Pena eles precisarem esperar quase um ano para isso acontecer. Alfred havia prometido concluir a abóbada no final da temporada de construção daquele ano, que em geral, dependendo do tempo, terminava em novembro. Philip pensou, porém, que, já que poderia começar mais cedo, talvez também pudesse terminar mais cedo. Todos ficariam assombrados se a igreja fosse inaugurada naquele verão. Era o tipo de acontecimento que ele vinha buscando: algo que surpreendesse o condado inteiro e transmitisse a mensagem de que Kingsbridge não podia ser derrotada por muito tempo.

– Você consegue terminar até o Pentecostes? – indagou ele, num impulso.

Alfred sorveu o ar entre os dentes e pareceu em dúvida.

– A abóbada é o trabalho mais especializado de todos – disse ele. – Não se pode apressá-lo nem deixar que aprendizes o façam.

O pai dele teria respondido sim ou não, pensou Philip, irritado.

– E se eu lhe desse mais serventes... monges? Isso poderia ajudar?

– Um pouco. Na verdade, é de mais pedreiros que iríamos precisar.

– Talvez eu consiga arrumar mais um ou dois – argumentou Philip, de maneira irrefletida.

Um inverno ameno significava que a tosquia seria mais cedo e ele poderia vender sua lã também mais cedo do que de costume.

– Não sei.

Alfred ainda parecia pessimista.

– E se eu oferecesse um bônus aos pedreiros? – perguntou Philip. – Uma semana a mais de ordenado se a abóbada ficar pronta para o Pentecostes.

– Nunca ouvi falar numa coisa dessas – disse Alfred.

Pela sua cara, achava imprópria a sugestão do prior.

– Bem, sempre existe uma primeira vez para tudo – insistiu Philip. A cautela do rapaz estava lhe dando nos nervos. – O que me diz?

– Não posso responder sim ou não – falou Alfred, impassível. – Vou consultar os homens.

– Hoje?

– Hoje.

Philip teve de se contentar com isso.



William Hamleigh e seus cavaleiros chegaram ao palácio do bispo Waleran logo atrás de um carro de boi abarrotado de sacos de lã. A nova temporada de tosquia havia começado. Como William, Waleran comprava lã dos produtores ao preço do ano anterior e pretendia revendê-la por uma quantia consideravelmente maior. Nenhum dos dois tivera grandes dificuldades para forçar seus arrendatários a lhes vender a lã: uns poucos produtores que haviam desafiado a ordem tinham sido despejados e suas propriedades foram incendiadas, e depois disso não houvera mais resistência.

Ao passar pelo portão, William ergueu os olhos para o alto do morro. Fazia sete anos que estavam ali as muralhas inacabadas do castelo que o bispo jamais terminara de construir, um lembrete permanente de como Waleran fora passado para trás pelo prior Philip. Assim que colhesse os

frutos da venda da lã, o bispo provavelmente retomaria a obra. Nos tempos do velho rei Henrique, um bispo não precisava de outras defesas além de uma frágil cerca de estacas de madeira atrás de uma pequena vala em volta de seu palácio. Agora, após cinco anos de guerra civil, homens que não eram sequer condes ou bispos construía verdadeiras fortalezas.

As coisas estavam indo bem para Waleran, pensou William amargamente enquanto apeava no estábulo. Ele permanecera leal a Henrique ao longo de todas as mudanças de campo do bispo de Winchester e conseqüentemente era agora um de seus aliados mais próximos. Ano após ano, Waleran fora enriquecendo graças a um fluxo constante de propriedades e privilégios e estivera em Roma duas vezes.

William não tivera a mesma sorte, daí o azedume. Apesar de ter acompanhado todas as mudanças de lado de Waleran, e apesar de ter fornecido exércitos numerosos para ambos os adversários naquela guerra civil, ainda não tinha sido confirmado como conde de Shiring. Começara a refletir sobre isso durante uma trégua na guerra e ficara com tanta raiva que decidira confrontar o bispo.

Subiu os degraus até a entrada do salão com Walter e os outros cavaleiros em seu encalço. O camareiro a postos do lado de dentro do salão estava armado, mais um sinal dos tempos. O bispo Waleran, como sempre, se encontrava sentado em uma grande cadeira no meio do recinto, com os braços e as pernas ossudos abertos para todos os lados como se alguém o houvesse largado ali de qualquer maneira. Baldwin, agora arcediogo, estava em pé ao seu lado, e sua postura indicava que aguardava instruções. Absorto em pensamentos, Waleran encarava o fogo, mas ergueu os olhos com um movimento brusco ao perceber a chegada de William.

Ao cumprimentar o bispo e se sentar, William sentiu o velho ódio. As mãos finas e macias de Waleran, seus cabelos pretos escorridos, a pele branca feito a de um cadáver e os olhos claros e maldosos o deixavam arrepiado. O bispo era tudo o que William detestava: calculista, fraco fisicamente, arrogante e esperto.

Podia ver que Waleran sentia mais ou menos a mesma coisa a seu respeito. O bispo nunca conseguia esconder todo seu desagrado quando William aparecia. Empertigou-se, cruzou os braços, franziu um pouco os lábios e enrugou o cenho de leve, como se estivesse tendo uma crise de

indigestão.

Os dois passaram algum tempo falando da guerra. Foi uma conversa tensa, os dois constrangidos, e William ficou aliviado quando um mensageiro a interrompeu trazendo uma carta escrita em um rolo de pergaminho e lacrada com cera. Waleran mandou o mensageiro ir para a cozinha comer alguma coisa. Não abriu a carta.

William aproveitou a oportunidade para mudar de assunto:

– Não vim até aqui trocar novidades sobre as batalhas. Vim lhe dizer que minha paciência acabou.

Waleran arqueou as sobrancelhas e não disse palavra. O silêncio era sua resposta para assuntos desagradáveis.

William persistiu:

– Já faz quase três anos que meu pai morreu, mas Estêvão ainda não me confirmou como conde. É um acinte.

– Eu não poderia concordar mais – respondeu Waleran lentamente.

Ficou brincando com a carta, examinando o lacre e mexendo na fita.

– Que bom, porque terá de fazer algo a respeito – disse William.

– Meu caro William, não posso torná-lo conde.

William sabia que a atitude do bispo seria essa, mas estava decidido a não aceitá-la.

– O irmão do rei o escuta.

– Mas o que eu tenho a dizer a Henry? Que William Hamleigh serviu bem ao rei? Se for verdade, o rei já sabe, e se não for, também.

William não era páreo para Waleran em lógica, de modo que simplesmente ignorou o comentário.

– Você me deve isso, Waleran Bigod.

O bispo pareceu levemente irritado. Apontou para William com a carta.

– Eu não lhe devo nada. Você sempre teve em mente os próprios interesses, mesmo quando fez o que eu queria. Não existem dívidas de gratidão entre nós.

– Estou lhe dizendo, não vou esperar mais.

– E o que você vai fazer? – indagou Waleran com um sorriso de desdém quase imperceptível.

– Bem, primeiro vou falar pessoalmente com o bispo Henrique.

– E...?

– Direi a ele que o senhor não deu ouvidos a meus pedidos e por isso vou mudar de lado e apoiar a imperatriz Matilda.

William ficou grato ao ver a expressão de Waleran mudar: o bispo ficou um tom mais pálido e adotou um ar de leve surpresa.

– Mudar outra vez? – perguntou, cético.

– Só uma vez a mais do que o senhor – respondeu William, firme.

A indiferença arrogante de Waleran se abalou, mas não muito. Sua carreira havia se beneficiado imensamente da capacidade de levar William e seus cavaleiros para o lado que o bispo Henrique apoiasse no momento: se William de uma hora para outra se tornasse independente, seria um golpe para ele, mas não um golpe fatal. Enquanto Waleran meditava sobre sua ameaça, William ficou estudando seu rosto. Pôde ler o que o outro homem estava pensando: desejava manter a lealdade de William, mas não sabia ainda quanto devia se esforçar para isso.

Para ganhar tempo, Waleran rompeu o lacre da carta e a desenrolou. Quando a leu, um leve rubor de raiva surgiu em suas faces pálidas.

– Que homem maldito – sibilou ele.

– O que foi? – quis saber William.

Waleran estendeu a carta.

William a pegou e examinou as letras atentamente.

– Ao... mais... gracioso... e santo... bispo...

Sem paciência para a leitura vagarosa de William, Waleran lhe arrancou a carta das mãos.

– É do prior Philip – disse ele. – Ele me informa que a chancela da nova catedral vai estar pronta no domingo de Pentecostes, e tem a ousadia de me pedir para celebrar o ofício.

William se espantou.

– Como ele conseguiu? Pensei que tivesse demitido metade dos trabalhadores!

Waleran balançou a cabeça.

– Não importa o que aconteça, ele sempre parece se recuperar. – Ele avaliou William por um momento. – Ele odeia você, claro. Acha que você é o demônio encarnado.

William se perguntou o que estaria acontecendo agora na mente ardilosa de Waleran.

– E daí? – indagou.

– Seria um baque e tanto se você fosse confirmado conde no domingo de Pentecostes.

– Você não faria isso por mim, mas para atingir Philip – disse William num tom mal-humorado, mas na verdade havia ficado esperançoso.

– Eu não posso fazer isso de forma nenhuma – retrucou Waleran. – Mas vou falar com o bispo Henrique.

Ele ergueu o rosto para William com um ar de quem aguarda alguma coisa.

William hesitou. Por fim, com relutância, murmurou:

– Obrigado.



A primavera daquele ano foi fria e escura, e o domingo de Pentecostes amanheceu chuvoso. Aliena tinha acordado no meio da noite com dor nas costas e ainda sentia de vez em quando uma pontada. Sentada na cozinha fria, trançava os cabelos de Martha antes de ir para a igreja, enquanto Alfred fazia um lauto desjejum de pão branco, queijo macio e cerveja forte. Uma fígada particularmente forte nas costas a fez parar o que estava fazendo e se levantar por um instante, com o rosto contraído, e Martha percebeu.

– O que houve? – quis saber.

– Dor nas costas – respondeu Aliena, seca.

Não queria falar no assunto, pois a dor certamente era causada por ela dormir no chão do frio quarto dos fundos, e ninguém sabia disso, nem mesmo Martha.

A menina se levantou e tirou uma pedra do fogo. Aliena se sentou. Martha envolveu a pedra em um velho pedaço de couro chamuscado e a encostou nas suas costas. O alívio foi imediato. Martha começou a trançar os cabelos da cunhada, que haviam tornado a crescer e formavam novamente uma profusão indisciplinada de cachos escuros. Aliena se sentiu reconfortada.

Ela e a menina tinham ficado bem próximas desde a partida de Ellen. Pobre Martha: perdera a mãe, depois a madrastra. Aliena se considerava uma substituta sofrível como mãe. Além do mais, era apenas dez anos

mais velha do que a garota. Na verdade, seu papel era o de irmã. Era estranho, mas a pessoa de quem Martha mais sentia falta era o meio-irmão, Jack.

Mas, na verdade, todos sentiam falta de Jack.

Aliena se perguntou onde ele estaria. Talvez bem perto, trabalhando em uma catedral em Gloucester ou Salisbury. O mais provável era que tivesse ido para a Normandia, mas podia ter chegado bem mais longe: Paris, Roma, Jerusalém, Egito. Relembrou as histórias que os peregrinos contavam sobre esses lugares distantes e imaginou Jack em um deserto de areia, sob um sol ofuscante, esculpindo pedras para uma fortaleza sarracena. Será que pensaria nela agora?

Seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de cascos do lado de fora, e segundos depois Richard entrou conduzindo o cavalo. Tanto ele quanto o animal estavam encharcados e cobertos de lama. Aliena pegou no fogo um pouco de água quente para ele lavar as mãos e o rosto enquanto Martha conduzia o cavalo até o quintal dos fundos. Aliena colocou pão e carne fria sobre a mesa da cozinha e serviu ao irmão uma caneca de cerveja.

– Que notícias você traz da guerra? – perguntou Alfred.

Richard secou o rosto com um trapo e se sentou para comer.

– Fomos derrotados em Wilton – respondeu.

– Estêvão foi capturado?

– Não, ele fugiu, como Matilda fugiu em Oxford. Agora ele está em Winchester, e ela em Bristol, os dois lambendo as feridas e consolidando o domínio das áreas que controlam.

As notícias pareciam sempre as mesmas, pensou Aliena. Um dos lados – ou ambos – tinha conquistado uma pequena vitória ou sofrido uma pequena derrota, mas nunca havia perspectiva do término da guerra.

Richard olhou para ela.

– Você está ficando gorda – comentou.

Ela aquiesceu e não disse palavra. Estava no oitavo mês de gestação, mas ninguém sabia. Por sorte, fazia frio, então ela continuava usando várias camadas de roupas largas de inverno, que escondiam sua silhueta. Dali a poucas semanas o bebê iria nascer e a verdade seria revelada. Ainda não fazia ideia do que faria quando essa hora chegasse.

O sino tocou, chamando os moradores para a missa. Alfred calçou as

botas e olhou para Aliena com um ar inquisitivo.

– Acho que não consigo ir – disse ela. – Não estou me sentindo nada bem.

Ele deu de ombros, indiferente, e se virou para o cunhado.

– Você deveria ir, Richard. Todos estarão lá hoje. É a primeira missa na igreja nova.

Ele ficou espantado.

– Vocês já fizeram o telhado? Pensei que fosse demorar até o final do ano.

– Nós corremos. O prior ofereceu aos homens uma semana de salário extra se conseguissem terminar até hoje. É incrível como trabalharam mais rápido. Mesmo assim, foi por um triz. Retiramos os moldes hoje de manhã.

– Preciso ver isso – disse Richard.

Enfiou na boca o que restava do pão com carne e se levantou.

– Quer que eu fique com você? – perguntou Martha a Aliena.

– Não, obrigada. Estou bem. Pode ir. Vou deitar um pouco e pronto.

Os três vestiram suas capas e saíram. Aliena se dirigiu ao quarto dos fundos levando consigo a pedra quente enrolada no couro. Deitou-se na cama de Alfred com a pedra debaixo das costas. Havia se tornado letárgica depois do casamento. Antes, administrava uma casa e era a maior negociante de lã do condado. Agora tinha dificuldade para administrar a casa para Alfred mesmo não tendo mais nada para fazer.

Passou um tempo ali deitada, com pena de si mesma, tentando pegar no sono. De repente, sentiu um filete morno escorrer pela parte interna da coxa. Levou um susto. Era quase como se estivesse urinando, mas não era isso, e instantes depois o filete virou uma cachoeira. Sentou-se de repente. Sabia o que aquilo significava. Sua bolsa havia estourado. O bebê ia nascer.

Sentiu medo. Precisava de ajuda.

– Mildred! Mildred, venha cá! – chamou a vizinha, gritando o mais alto que conseguiu.

Então lembrou que não havia ninguém em casa. Todos tinham ido para a igreja.

O fluxo diminuiu, mas a cama de Alfred estava encharcada. Ele ficaria furioso, pensou ela com medo. Então lembrou que ele ficaria furioso de

toda forma, pois saberia que o filho não era seu. Meu Deus, o que vou fazer?, perguntou-se.

A dor nas costas voltou e ela entendeu que aquilo devia ser o que chamavam de dores do parto. Esqueceu Alfred. Ia dar à luz em instantes, mas estava assustada demais para fazer aquilo sozinha. Queria alguém para ajudá-la. Decidiu ir até a igreja.

Pôs as pernas para fora da cama. Uma nova contração veio e ela parou, com o rosto contorcido de dor, esperando passar. Então desceu da cama e saiu de casa.

Com a mente em turbilhão, avançou cambaleando pela rua enlameada. Chegando ao portão do priorado, sentiu outra contração e teve de se apoiar na parede e trincar os dentes até a dor passar. Então entrou.

A maior parte da população da cidade estava aglomerada dentro do túnel alto da chancela e dos túneis mais baixos das galerias laterais. Lá no fundo estava o altar. A igreja nova tinha um aspecto esquisito: o teto de pedra arredondado ainda seria coberto por um telhado de madeira triangular, mas agora parecia desprotegido, como um homem calvo sem chapéu. Os fiéis estavam em pé de costas para Aliena.

Enquanto ela avançava a duras penas, Waleran Bigod se levantou para falar. Como num pesadelo, Aliena viu que William Hamleigh estava em pé ao lado do bispo. As palavras de Waleran conseguiram penetrar sua aflição:

– Tenho grande orgulho e prazer de lhes informar que o senhor nosso rei Estêvão confirmou lorde William como conde de Shiring.

Apesar da dor e do medo que sentia, Aliena ficou horrorizada ao ouvir aquilo. Durante seis anos, desde o dia terrível em que ela e o irmão viram o pai na cadeia de Winchester, ela havia dedicado a vida a recuperar os bens da família. Ela e Richard tinham sobrevivido a ladrões e estupradores, a incêndios e à guerra civil. Em várias ocasiões, o prêmio parecera ao alcance deles, mas agora o haviam perdido.

Um murmúrio de raiva percorreu os fiéis. Todos haviam sofrido nas mãos de William e ainda viviam com medo dele. Não ficaram felizes em vê-lo condecorado por um rei cuja obrigação em teoria era protegê-los. Aliena olhou em volta à procura de Richard para ver como ele estaria absorvendo aquele golpe definitivo, mas não conseguiu encontrá-lo.

O prior Philip se levantou, com o semblante furioso, e deu início aos

hinos. A congregação começou a cantar sem vontade. Aliena foi tomada por mais uma contração e se apoiou em uma coluna. Estava atrás dos fiéis e ninguém a notou. Por algum motivo, a má notícia a havia acalmado. Vou apenas ter um bebê, pensou. Isso acontece todos os dias. Só preciso achar Martha ou Richard e eles cuidarão de tudo.

Quando a dor passou, abriu caminho na multidão em busca de Martha. No túnel baixo da galeria norte havia um grupo de mulheres e ela seguiu nessa direção. Algumas pessoas a fitaram com curiosidade, mas a atenção delas foi distraída por outra coisa: um barulho estranho, que parecia um ronco. No início, mal deu para distingui-lo do canto, que, no entanto, foi rapidamente se calando à medida que o ronco ficou mais forte.

Aliena chegou ao grupo de mulheres. Todas olhavam em volta, angustiadas, à procura da origem daquele barulho. Aliena tocou o ombro de uma delas.

– Você viu minha cunhada Martha? – perguntou.

A mulher a encarou e Aliena reconheceu Hilda, esposa do curtidor de couro.

– Está lá do outro lado, acho – respondeu a mulher, então o ronco se tornou ensurdecedor e ela olhou para o outro lado.

Aliena acompanhou seu olhar. No meio da igreja, todos tinham o rosto erguido em direção ao topo das paredes. Nas galerias laterais, as pessoas espichavam o pescoço para ver entre as colunas da arcada. Alguém deu um grito. Aliena viu uma rachadura surgir na parede mais afastada, entre duas janelas vizinhas do clerestório. Bem diante dos seus olhos, pedras imensas caíram sobre as pessoas no meio da igreja. O espaço foi tomado por uma cacofonia de gritos e todos se viraram para fugir.

O chão que ela pisava tremeu. Enquanto tentava abrir caminho para fora da igreja, teve consciência de que as paredes altíssimas se afastavam no topo e de que a abóbada arredondada estava rachando. Hilda, a esposa do curtidor, caiu na sua frente, e Aliena tropeçou na mulher e caiu também. Quando tentou se levantar, foi atingida por uma chuva de pedrinhas. Então o telhado baixo da galeria rachou e desabou, algo a acertou na cabeça e tudo ficou preto.



Philip havia começado a missa tomado de orgulho e gratidão. Fora por pouco, mas o teto tinha ficado pronto a tempo. Na verdade, apenas três dos tramos da chancela tinham sido cobertos com abóbadas, pois o quarto só poderia ser terminado depois de concluído o coro e de as extremidades irregulares das paredes da chancela terem sido unidas aos transeptos. Mas três tramos eram suficientes. Todo o equipamento dos construtores tinha sido impiedosamente retirado: ferramentas, pilhas de pedra e madeira, as varas e as esteiras dos andaimes, os montes de entulho e lixo. A chancela fora varrida. Os monges tinham caiado as paredes e pintado de vermelho as linhas retas de argamassa de modo a fazer o arremate parecer mais caprichado do que era, como mandava o costume. O altar e o trono do bispo tinham sido trazidos da cripta, mas a ossada do santo, dentro de seu caixão de pedra, continuava lá embaixo. Transportá-la era uma cerimônia solene, chamada traslado, que iria constituir o ápice da missa daquele dia. No início da celebração, com o bispo sentado em seu trono, os irmãos enfileirados atrás do altar em seus hábitos novos e os moradores da cidade aglomerados no centro da igreja e nas galerias abarrotadas, Philip se sentira realizado e agradecera a Deus por ter lhe permitido concluir com sucesso o primeiro e crucial estágio da reconstrução da catedral.

Quando Waleran anunciara a titulação de William, Philip ficara furioso. Era óbvio que orquestrara aquilo para ofuscar a vitória da inauguração e lembrar aos moradores da cidade que continuavam à mercê de seu cruel senhor. Philip estava refletindo em busca de alguma resposta adequada quando o ronco começou.

Parecia um pesadelo que ele às vezes tinha, no qual andava sobre o andaime, bem lá no alto, totalmente confiante da própria segurança, quando percebia um nó frouxo nas cordas que uniam as varas, nada muito grave, mas ao se inclinar para apertar o nó a superfície que estava pisando se inclinava um pouco – no início não muito, mas o suficiente para fazê-lo tropeçar –, e então, de repente, ele desabava pelo imenso espaço da chancela da catedral, a uma velocidade nauseante, e sabia que ia ao encontro da morte.

A princípio, não entendeu o que seria aquele ronco. Por um ou dois segundos pensou que fosse um trovão, mas então o barulho foi aumentando e as pessoas pararam de cantar. Mesmo assim, Philip continuou imaginando que fosse apenas algum estranho fenômeno que em

breve seria explicado, cujo pior efeito seria interromper a missa. Então olhou para cima.

No terceiro tramo, onde os moldes haviam sido removidos naquela manhã, surgiram rachaduras na cantaria bem no alto das paredes, no nível do clerestório. Surgiram depressa e foram se espalhando pela parede, de uma janela até outra, como serpentes dando o bote. A primeira reação de Philip foi se decepcionar: ficara feliz com a conclusão da chancela, mas agora teria de promover reformas e todos os que haviam se impressionado tanto com o trabalho dos construtores diriam: “A pressa é inimiga da perfeição.” Então a parte mais alta das paredes pareceu se inclinar para fora e ele entendeu, com um pavor terrível, que aquilo não apenas interromperia a missa: seria uma catástrofe.

Rachaduras surgiram na abóbada. Uma pedra grande se soltou da trama de cantaria e desabou lentamente pelo ar. As pessoas começaram a gritar, tentando sair do seu caminho. Antes de Philip conseguir ver se alguém tinha se ferido gravemente, mais pedras caíram. Os fiéis entraram em pânico e começaram a empurrar e pisotear uns aos outros na tentativa de se desviar das pedras. Por um instante, Philip chegou a ter a ideia maluca de que aquilo seria mais um ataque de William Hamleigh, mas então o viu na frente dos fiéis, derrubando gente à sua volta na tentativa aterrorizada de fugir, e entendeu que ele não teria feito aquilo consigo mesmo.

A maioria das pessoas se afastava do altar e tentava sair da catedral pelo lado oeste, ainda aberto. Mas era justamente a parte oeste da construção que estava ruindo. O problema era no terceiro tramo. No segundo, onde Philip se encontrava, a abóbada parecia aguentar, e atrás dele, o primeiro, onde os irmãos se encontravam enfileirados, pelo visto era sólido. Nessa extremidade, as paredes opostas eram sustentadas pela fachada leste.

Ele viu o pequeno Jonathan e Johnny Eightpence encolhidos no ponto mais extremo da galeria norte. Ali estavam mais seguros do que em qualquer outro lugar, concluiu ele, então percebeu que deveria tentar levar o resto de seu rebanho para um lugar protegido.

– Venham por aqui! – gritou. – Todos vocês! Por aqui!

Não sabia se conseguiam escutá-lo, pois ninguém lhe deu atenção.

No terceiro tramo, a parte mais alta das paredes começou a se desintegrar e a desabar, e a abóboda inteira ruiu, fazendo pedras grandes e

pequenas despencarem pelo ar como uma chuva mortal de granizo e aterrissarem sobre os fiéis histéricos. Philip fez um movimento rápido para a frente e segurou um morador.

– Para trás! – berrou, e o empurrou em direção ao extremo leste.

O homem espantado viu os monges encolhidos junto à parede dos fundos e correu na direção deles. Philip repetiu o gesto com duas mulheres. As pessoas em volta perceberam o que ele fazia e começaram a ir para o leste sem precisar ser empurradas. Outras começaram a entender, então iniciou-se um movimento generalizado para o leste entre os fiéis que estavam mais na frente da igreja. Ao erguer os olhos por um instante, Philip percebeu, horrorizado, que o segundo tramo também ia desabar: as mesmas rachaduras já se alastravam pelo clerestório e cobriam a abóboda logo acima da sua cabeça. Continuou guiando as pessoas para a segurança do lado leste, sabendo que cada uma seria uma vida salva. Uma chuva de argamassa esfarelada desabou sobre sua cabeça raspada e então as pedras começaram a cair. As pessoas se espalharam. Algumas haviam buscado abrigo nas galerias laterais; outras, entre elas o bispo Waleran, aglomeravam-se junto à parede leste. Havia ainda aquelas que tentavam escapar pela extremidade oeste, engatinhando por cima do entulho e dos corpos no terceiro tramo. Uma pedra acertou Philip no ombro. Foi de raspão, mas mesmo assim sentiu a dor. Ele ergueu as mãos acima da cabeça e olhou em volta, atarantado. Encontrava-se sozinho no meio do segundo tramo. Todos os outros estavam agora nas periferias da zona de perigo. Ele havia feito tudo o que podia. Correu para o lado leste.

Uma vez lá, virou-se e olhou para cima. Agora, o clerestório do segundo tramo estava ruindo e a abóbada caía em uma reprodução exata do que havia acontecido no terceiro tramo. No entanto, houve menos vítimas, pois as pessoas tiveram tempo de sair do caminho, e também porque nessa parte o teto das galerias laterais pareceu aguentar, ao passo que no terceiro tramo havia cedido. As pessoas aglomeradas do lado leste recuaram, espremendo-se contra a parede, e ergueram o rosto para observar a abóbada e ver se o desabamento iria se alastrar até o primeiro tramo. O estrondo da cantaria vindo abaixo pareceu diminuir, mas o ar estava tomado por uma névoa de poeira e pequenas pedras e por alguns instantes ninguém conseguiu enxergar nada. Philip prendeu a respiração. A poeira se dissipou e ele observou outra vez a abóbada. O teto havia

desabado até o limite do primeiro tramo, mas agora parecia estar aguentando.

A poeira assentou e houve um silêncio. Horrorizado, Philip observou as ruínas de sua igreja. Apenas o primeiro tramo continuava intacto. As paredes do segundo chegavam até a altura da tribuna, mas no terceiro e no quarto tramos sobraram apenas as galerias laterais, muito danificadas. O chão da igreja era uma pilha de entulho coalhada de mortos e feridos, imóveis ou a esboçar movimentos débeis. Sete anos de trabalho e centenas de libras tinham sido destruídos e dezenas, talvez centenas, de pessoas morrido, tudo em poucos instantes de terror. Philip sentiu uma dor no coração por todo aquele trabalho desperdiçado, por todas as pessoas perdidas e pelas viúvas e órfãos que haviam sobrado. Lágrimas de amargura inundaram seus olhos.

Uma voz dura falou junto ao seu ouvido:

– Foi nisso que deu sua maldita arrogância, Philip!

Ele se virou e deu de cara com o bispo Waleran, com as roupas pretas cobertas de poeira, a encará-lo com uma expressão de triunfo. Foi como se tivesse levado uma punhalada. Presenciar uma tragédia como aquela era doloroso, mas *ser culpado* por ela era insuportável. Quis dizer *Eu tentei fazer o melhor que pude!*, mas as palavras não saíram. Era como se sua garganta estivesse fechada e ele não pudesse mais falar.

Seu olhar recaiu sobre Johnny Eightpence e o pequeno Jonathan, que saíam do abrigo da galeria, e de repente ele se lembrou de suas responsabilidades. Haveria tempo de sobra para se torturar pensando em quem era o culpado. No momento, havia dezenas de feridos e muitos outros presos nos escombros. Ele precisava organizar o resgate. Encarou Waleran com um olhar irado.

– Saia da minha frente – disse, furioso.

O bispo, espantado, deu um passo para o lado e Philip subiu no altar.

– Escutem-me! – gritou Philip o mais alto que conseguiu. – Precisamos cuidar dos feridos, resgatar quem estiver preso, depois enterrar os mortos e rezar pelas almas deles. Vou nomear três líderes para organizar o trabalho. – Examinou os rostos à sua volta para verificar quem ainda estava vivo e em boa condição. Viu Alfred. – Alfred Builder vai ficar responsável por remover os escombros e resgatar quem estiver preso, e quero todos os pedreiros e carpinteiros trabalhando com ele. – Observou

os monges e ficou aliviado ao ver Milius, seu fiel confidente, são e salvo. – Milius, o bolseiro, cuidará de transportar os mortos e os feridos para fora da igreja, e vai precisar de ajudantes fortes e jovens. O enfermeiro Randolph vai cuidar dos feridos à medida que forem tirados deste caos, e os mais velhos poderão ajudá-lo, sobretudo as mulheres idosas. Muito bem, vamos começar.

Ele desceu do altar. Um burburinho se espalhou quando todos começaram a dar ordens e fazer perguntas.

Philip foi até Alfred, que parecia abalado e assustado. Se havia um culpado por aquilo, era ele, na condição de mestre construtor, mas aquela não era hora para recriminações.

– Divida seus homens em equipes e atribua a cada equipe uma área diferente.

Por alguns segundos, Alfred pareceu não ter escutado, mas então seu semblante clareou.

– Sim. Certo. Vamos começar pela extremidade oeste e levar os escombros para fora da igreja.

– Ótimo.

Philip se afastou e abriu caminho pela multidão até Milius.

– Levem os feridos para bem longe da igreja e os coloque no gramado – ouviu Milius dizer. – Carreguem os mortos até o lado norte.

Philip seguiu na frente, satisfeito, como sempre, por saber que Milius faria a coisa certa. Viu Randolph, o enfermeiro, escalar os escombros e seguiu apressado atrás dele. Os dois avançaram por entre as pilhas de pedras. Do lado de fora da igreja, no lado oeste, estava reunido um grupo de pessoas que havia conseguido sair antes que o desabamento se agravasse e que, portanto, não se feriu.

– Use essas pessoas – disse Philip para Randolph. – Mande alguém buscar na enfermaria seus instrumentos e suprimentos. Mande alguns deles pegar água quente na cozinha. Peça ao despenseiro um vinho forte para quem precisar ser reanimado. Certifique-se de dispor os mortos e feridos em fileiras retas, com espaços entre elas, para que seus ajudantes não tropecem nos corpos.

Olhou em volta. Os sobreviventes começavam a trabalhar. Muitos dos que haviam se abrigado no lado leste tinham seguido Philip pelos escombros e já começavam a retirar os corpos. Um ou dois feridos, apenas

atordoados ou em estado de choque, se levantavam sem ajuda. Philip viu uma mulher de idade avançada sentada no chão, atordoada. Reconheceu-a: era Maud Silver, viúva de um ourives. Ajudou-a a se levantar e a conduziu para longe dos escombros.

– O que aconteceu? – indagou ela, sem encará-lo. – Não sei o que aconteceu.

– Nem eu, Maud – respondeu ele.

Quando ele voltou para ajudar outra pessoa, as palavras do bispo Waleran tornaram a ecoar em sua mente: *Foi nisso que deu sua maldita arrogância, Philip*. A acusação o feriu fundo porque ele achava que aquilo talvez fosse verdade. Ele vivia pressionando para fazer mais, melhor, mais depressa. Obrigara Alfred a concluir a abóbada, assim como havia pressionado para ter uma feira de lã e para explorar a pedreira do conde de Shiring. Em todos os casos, o resultado fora uma tragédia: o massacre dos canteiros, o incêndio de Kingsbridge e agora aquilo. Obviamente, a culpa era da ambição. Os monges deviam levar uma vida de resignação e aceitar as tribulações e os revezes do mundo como parte de um aprendizado de paciência ministrado pelo Todo-Poderoso.

Enquanto ajudava a transportar os feridos que gemiam e os mortos inertes para fora das ruínas de sua catedral, Philip decidiu que, no futuro, deixaria a ambição e a pressão a cargo de Deus. Ele, Philip, aceitaria passivamente o que acontecesse. Se Deus quisesse uma catedral, iria providenciar uma pedreira; se a cidade fosse queimada, o incêndio deveria ser interpretado como um sinal de que Deus não queria uma feira de lã; e, agora que a igreja havia desabado, Philip não iria reconstruí-la.

Ao tomar essa decisão, deu de cara com William Hamleigh.

O novo conde de Shiring estava sentado no chão do terceiro tramo, perto da galeria norte, com o rosto cinza e trêmulo de dor, um dos pés preso sob uma pedra grande. Enquanto ajudava a rolar a pedra, Philip se perguntou por que Deus teria escolhido tantas pessoas boas para morrer, mas poupado um animal como William.

Apesar de reclamar muito da dor no pé, William estava bem. Ajudaram-no a se levantar. Ele se apoiou no ombro de um homem mais ou menos do seu tamanho e começou a saltitar para longe. Foi então que ouviram um choro.

Todos escutaram. Não havia bebê nenhum à vista. Eles olharam em

volta, confusos. O choro recomeçou e Philip percebeu que vinha de baixo de uma imensa pilha de pedras caídas na galeria.

– Ali! – exclamou. Viu Alfred e o chamou com um aceno. – Tem um bebê vivo debaixo daquilo tudo.

Todos prestaram atenção no choro. Pelo som, era um bebê muito pequeno, com menos de um mês de idade.

– Tem razão – disse Alfred. – Vamos mover algumas dessas pedras grandes.

Ele e os ajudantes começaram a retirar o entulho de uma pilha que fechava completamente o arco do terceiro tramo. Philip ajudou. Não conseguia pensar em qual das moradoras da cidade tinha dado à luz nas últimas semanas. Era possível que um nascimento não tivesse chegado ao seu conhecimento, claro: embora a cidade houvesse diminuído no último ano, ainda era grande o suficiente para ele deixar passar um acontecimento tão banal.

O choro cessou de repente. Todos pararam para escutar, mas não recomeçou. Com pesar, eles se colocaram a retirar as pedras novamente. Era um trabalho arriscado, pois a retirada de uma pedra podia desequilibrar as outras. Por isso Philip havia posto Alfred no comando. No entanto, ele não se mostrou tão cuidadoso quanto o prior teria desejado e parecia deixar todos fazerem o que quisessem, removendo as pedras sem qualquer planejamento. Em determinado momento, a pilha inteira se moveu perigosamente.

– Esperem! – disse Philip.

Todos pararam. Alfred estava atordoado demais para organizar as pessoas como devia, notou Philip. Ele próprio teria de assumir as rédeas.

– Se houver alguém vivo aí debaixo, deve estar protegido por alguma coisa – falou. – Se deixarmos a pilha se mover, talvez perca a proteção e nossos esforços podem matá-lo. Vamos agir com cuidado. – Apontou para um grupo de pedreiros em pé. – Vocês três, subam na pilha e comecem a retirar as pedras do alto. Em vez de as carregarem vocês mesmos, passem cada pedra para um de nós que nos encarregaremos de levá-la.

Eles recomeçaram a trabalhar seguindo o plano de Philip, que, além de mais seguro, lhes pareceu mais rápido.

Agora que o bebê tinha parado de chorar, nenhum deles sabia mais em que direção cavar, de modo que passaram a remover pedras de uma área

ampla, que abarcava quase a largura inteira do tramo. Parte do entulho era um trecho da abóbada que havia desabado, mas, como o telhado da galeria também havia ruído parcialmente, além das pedras e da argamassa havia madeira e telhas de ardósia.

Philip trabalhou sem descanso. Queria que aquele bebê sobrevivesse. Embora soubesse que dezenas de pessoas tinham morrido, por algum motivo o bebê lhe parecia mais importante. Sentia que, se conseguisse resgatá-lo, ainda haveria esperança para o futuro. À medida que removia as pedras, tossindo e quase cego por causa da poeira, rezou com fervor para que a criança fosse encontrada com vida.

Por fim conseguiu ver, em meio aos escombros, a parede externa da nave e parte de uma janela encravada na parede. Parecia haver um espaço atrás da pilha. Talvez houvesse alguém vivo lá dentro. Um pedreiro subiu cuidadosamente na pilha e olhou dentro do espaço.

– Jesus Cristo! – exclamou ele.

Dessa vez Philip ignorou a blasfêmia.

– O bebê está vivo? – indagou.

– Não dá para saber – respondeu o pedreiro.

Philip quis perguntar o que ele tinha visto ou, melhor ainda, ver com os próprios olhos, mas o homem recomeçou a retirar as pedras com vigor renovado, e ele não pôde fazer nada senão continuar ajudando, tremendo de curiosidade.

A altura da pilha diminuiu depressa. Perto do chão havia uma pedra grande que precisou de três homens para ser retirada. Quando ela foi rolada para o lado, Philip viu o bebê.

Estava nu. Havia acabado de nascer. Tinha a pele branca toda suja de sangue e poeira, mas Philip viu a cabeça coberta por cabelos de uma surpreendente cor de cenoura. Olhou mais de perto e viu que era um menino. O bebê estava deitado sobre o peito de uma mulher, de quem sugava o seio. Constatou que a criança estava viva e sentiu uma alegria brotar no peito. Olhou para a mulher. Ela também estava viva. Ela devolveu o olhar e abriu um sorriso cansado e feliz.

Era Aliena.



Aliena nunca mais voltou para a casa de Alfred.

Ele disse a todos que o filho não era seu e, como prova, apontava para os cabelos ruivos do menino, da mesma cor dos de Jack. Apesar disso, não tentou fazer mal nem ao bebê nem a Aliena. Avisou apenas que não os deixaria morar na sua casa.

Aliena voltou para a casa de um cômodo só que dividia com o irmão, Richard, no bairro pobre. A brandura da vingança de Alfred a deixou aliviada. Estava feliz por não ter mais de dormir no chão ao pé da cama de Alfred como um cachorro. Mais do que tudo, porém, sentia-se empolgada e orgulhosa de seu amado bebê. O menino tinha cabelos ruivos, olhos azuis e uma pele branca e perfeita, e a fazia pensar muito em Jack.

Ninguém sabia por que a igreja tinha desabado, mas as teorias eram muitas. Alguns diziam que Alfred não tinha competência para ser mestre construtor. Outros culpavam Philip por ter apressado a obra de modo a ter as abóbadas prontas para o Pentecostes. Segundo alguns pedreiros, os moldes tinham sido retirados antes de a argamassa estar devidamente seca. Um pedreiro mais velho afirmou que as paredes não tinham sido projetadas para suportar o peso de um teto de pedra.

Havia 79 mortos, incluindo os que sucumbiram posteriormente aos ferimentos. Todos diziam que teria morrido mais gente se o prior não tivesse levado tantas pessoas para a extremidade leste da igreja. O cemitério do priorado já estava cheio por causa do incêndio na feira de lâ do ano anterior e a maioria dos mortos foi sepultada junto à igreja paroquial. Muitos disseram que a catedral havia sido amaldiçoada.

Alfred levou seus pedreiros para Shiring, onde agora construía casas de pedra para os cidadãos mais ricos. Os outros artesãos aos poucos foram abandonando Kingsbridge. Ninguém chegou a ser demitido, e Philip continuou a pagar seus ordenados, mas não havia nada a fazer a não ser limpar os escombros. Depois de algumas semanas todos já tinham sumido. Nenhum voluntário vinha trabalhar aos domingos, o mercado se reduziu a umas poucas barracas humildes, e Malachi reuniu seus parentes e seus bens em uma imensa carroça puxada por quatro bois e saiu da cidade em busca de pastos mais verdejantes.

Richard alugou seu belo garanhão negro para um agricultor, e ele e Aliena passaram a viver desse dinheiro. Sem o patrocínio de Alfred, não podia continuar cavaleiro, e de toda forma não havia mais por quê, agora

que William tinha sido confirmado como conde. Aliena ainda se sentia presa à promessa feita ao pai, mas no momento parecia não haver nada que pudesse fazer para cumpri-la. Richard se entregou à letargia. Acordava tarde, passava a maior parte do dia sentado ao sol e as noites na taberna.

Martha continuou morando na casa grande, com uma criada idosa como única companhia. No entanto, passava a maior parte do tempo com Aliena. Adorava ajudar com o bebê, principalmente porque ele se parecia tanto com seu adorado Jack. Queria que o batizassem de Jack, mas Aliena, por motivos que nem ela própria entendia, relutou em dar um nome à criança.

Aliena passou o verão imersa na alegria da maternidade. Uma vez terminada a colheita, porém, quando o tempo esfriou um pouco e os dias ficaram mais curtos, começou a se sentir triste.

Sempre que pensava no futuro, Jack lhe vinha à mente. Não sabia para onde ele tinha ido, e provavelmente nunca iria voltar, mas continuava ali com ela, dominando seus pensamentos, cheio de vida e de energia, tão claro e nítido quanto se ela o houvesse visto na véspera. Cogitou se mudar para outra cidade e se fazer passar por viúva. Pensou em tentar convencer Richard a ganhar a vida de alguma forma. Pensou que poderia tecer, lavar roupa para fora ou então trabalhar para um dos poucos moradores da cidade que ainda tinham dinheiro para contratar criados. Cada ideia nova era recebida com risadas desdenhosas pelo Jack imaginário que vivia dentro de sua cabeça e dizia: “Nada vai dar certo sem mim.”

Ter feito amor com Jack na manhã de seu casamento fora o maior pecado que Aliena já havia cometido, e não tinha dúvidas de que agora estava sendo punida por isso. Mesmo assim, havia momentos em que pensava que aquilo era a única coisa boa que fizera em toda a sua vida, e quando olhava para o filho não conseguia se sentir arrependida. Porém, estava inquieta. Um bebê só não bastava. Sentia-se incompleta, não realizada. Sua casa lhe parecia pequena demais, Kingsbridge semimorta, a vida monótona. Começou a ficar impaciente com o bebê e ríspida com Martha.

No final do verão, o agricultor trouxe o cavalo de volta: não precisava mais do animal e de repente Richard e Aliena se viram sem renda. Certo dia, no início do outono, Richard foi a Shiring vender sua armadura. Enquanto ele estava fora e Aliena almoçava maçãs para poupar dinheiro, a

mãe de Jack entrou na casa.

– Ellen! – exclamou Aliena.

Estava mais do que surpresa. Em sua voz havia também preocupação, pois Ellen tinha amaldiçoado um casamento na igreja e o prior Philip talvez ainda a punisse por isso.

– Vim conhecer meu neto – disse Ellen com calma.

– Mas como você soube que...?

– Mesmo na floresta se ouvem coisas. – Ela foi até o berço no canto da casa e espiou o menino adormecido. Sua expressão se suavizou. – Bem... Não resta dúvida de quem ele é filho. Tem boa saúde?

– Nunca houve nada de errado com ele. O menino é miúdo, mas forte – respondeu Aliena, orgulhosa. – Igual à avó – completou. Estudou Ellen. Achou-a mais magra do que quando partiu, mais morena também, e usava uma túnica de couro curta que deixava à mostra as canelas bronzeadas. Estava descalça. Parecia jovem e em forma: a vida na floresta pelo visto lhe convinha. Aliena calculou que ela devia ter 35 anos. – Você parece muito bem – falou.

– Sinto falta de todos vocês – disse Ellen. – De você, de Martha e até do seu irmão Richard. Sinto falta do meu Jack. E de Tom.

Parecia triste.

Aliena continuava preocupada com a segurança de Ellen.

– Alguém a viu entrar aqui? Os monges talvez ainda queiram puni-la.

– Não existe um só monge em toda Kingsbridge que tenha coragem de me prender – disse Ellen com um sorriso. – Mesmo assim, tomei cuidado. Ninguém me viu. – Ficaram em silêncio. Ellen estudou Aliena com atenção. O olhar penetrante daqueles curiosos olhos cor de mel deixou Aliena levemente constrangida. Por fim, Ellen tornou a falar: – Você está jogando sua vida fora.

– Como assim? – perguntou Aliena, embora as palavras de Ellen a tivessem atingido na hora.

– Deveria tentar encontrar Jack.

Aliena sentiu a físgada de uma deliciosa esperança.

– Mas não posso – falou.

– Por que não?

– Para começar, não sei onde ele está.

– Eu sei.

O coração de Aliena bateu mais depressa. Pensava que ninguém soubesse para onde Jack tinha ido. Era como se ele houvesse desaparecido da face da terra. Agora, porém, poderia imaginá-lo em um lugar específico, real. Aquilo mudava tudo. Ele talvez estivesse em algum lugar ali perto. Ela poderia lhe mostrar seu filho.

– Pelo menos sei para onde ele estava indo – continuou Ellen.

– Para onde? – perguntou Aliena, ansiosa.

– Santiago de Compostela.

– Ah, meu Deus.

Aliena sentiu um aperto no coração. Sua decepção foi imensa. Santiago era a cidade espanhola onde estava enterrado o apóstolo Tiago. Ficava a meses de viagem. Era como se Jack estivesse do outro lado do mundo.

– Ele partiu esperando conseguir falar com os menestrelis do caminho de Compostela e descobrir alguma coisa sobre o pai – explicou Ellen.

Aliena aquiesceu, desconsolada. Fazia sentido. Jack sempre se ressentira por saber tão pouco sobre o pai. Mas talvez ele nunca mais voltasse. Em uma viagem tão longa, era quase certo que encontrasse uma catedral na qual gostaria de trabalhar, e então poderia fixar residência. Ao sair à procura do pai, ele provavelmente havia perdido o filho.

– Mas fica tão longe – comentou Aliena. – Quem dera eu pudesse ir atrás dele.

– E por que não pode? – indagou Ellen. – Milhares de pessoas vão até lá em romaria. O que a impede?

– Prometi a meu pai cuidar de Richard até ele se tornar conde – respondeu ela. – Não posso abandoná-lo.

Ellen pareceu cética.

– E como exatamente você acha que está ajudando agora? – perguntou. – Você não tem um tostão, e William é o novo conde. Richard perdeu qualquer chance de recuperar o condado. Você não é mais útil para ele aqui em Kingsbridge do que seria em Santiago de Compostela. Dedicou a vida inteira a essa infeliz promessa, mas agora não há nada que possa fazer. Não vejo como seu pai poderia recriminá-la. Se quiser saber minha opinião, o maior favor que você poderia fazer a Richard seria abandoná-lo por um tempo e lhe dar a chance de aprender a ser independente.

Era verdade, pensou Aliena, que no momento ela não tinha serventia para o irmão, ficasse em Kingsbridge ou não. Seria possível que agora

estivesse livre? Livre para ir à procura de Jack? Essa simples ideia fez seu coração acelerar.

– Mas eu não tenho dinheiro para partir em romaria – disse ela.

– O que houve com aquele cavalo grande?

– Ainda é nosso.

– Venda.

– Como? O cavalo é de Richard.

– Pelo amor de Deus, quem comprou esse bicho, afinal? – indagou Ellen, irritada. – Richard por acaso trabalhou durante anos para montar o negócio de lã? Por acaso negociou com camponeses gananciosos e duros compradores flamengos? Por acaso recolheu a lã, armazenou-a e montou uma barraca no mercado para vendê-la? Não venha me dizer que o cavalo é de Richard!

– Ele ficaria tão bravo...

– Ótimo. Tomara que fique bravo o suficiente para trabalhar pela primeira vez na vida.

Aliena abriu a boca para discutir e tornou a fechá-la. Ellen tinha razão. Richard sempre havia dependido dela para tudo. Enquanto ele lutava para recuperar seu patrimônio, ela fora obrigada a sustentá-lo. Só que agora ele não lutava por nada. Não tinha mais poder nenhum sobre ela.

Imaginou-se encontrando Jack outra vez. Pôde ver o rosto dele sorrindo para ela. Eles iriam se beijar. Sentiu uma onda de prazer em seu sexo. Percebeu que estava ficando molhada lá embaixo só de pensar nele. Ficou envergonhada.

– Viajar é perigoso, claro – falou Ellen.

Aliena sorriu.

– Isso é uma coisa com a qual não me preocupo. Eu viajo desde os 17 anos. Sei cuidar de mim mesma.

– De qualquer forma, vai haver centenas de pessoas na estrada para Compostela. Você pode se juntar a um grupo grande de peregrinos. Não precisará viajar sozinha.

Aliena suspirou.

– Sabe de uma coisa? Se eu não tivesse o bebê, acho que iria.

– É justamente por causa dele que precisa ir – rebateu Ellen. – Ele precisa de um pai.

Aliena ainda não havia considerado a questão por esse viés. Pensava na

viagem como algo inteiramente egoísta. Então percebeu que tanto o bebê quanto ela precisavam de Jack. Em sua obsessão com os cuidados diários que a criança inspirava, não havia pensado no seu futuro. De repente, pareceu-lhe muito injusto o menino crescer sem conhecer o gênio brilhante, único e adorável que era seu pai.

Percebeu que estava se convencendo a partir e sentiu um arrepio de apreensão.

Ocorreu-lhe um obstáculo.

– Eu não poderia levar o bebê para Compostela.

Ellen deu de ombros.

– Ele não saberia a diferença entre Espanha e Inglaterra. Mas você não precisa levá-lo.

– E o que mais eu poderia fazer?

– Deixá-lo comigo. Posso lhe dar leite de cabra e mel silvestre.

Aliena balançou a cabeça.

– Eu não aguentaria ficar longe dele. Eu o amo demais.

– Se você o ama mesmo, vá atrás do pai dele.

II

Aliena conseguiu lugar em um navio em Wareham. Ainda menina, ela havia atravessado até a França com o pai, e os dois tinham feito a travessia a bordo de um navio de guerra normando. Eram embarcações compridas, estreitas, cujos costados curvos formavam uma ponta alta e afiada na frente e atrás. Tinham fileiras de remos em cada um dos lados e uma vela de couro quadrada. A embarcação que a levaria até a Normandia agora se parecia com esses navios de guerra, mas era mais larga no meio e também mais funda, de modo a poder transportar cargas. Viera de Bordeaux, e ela vira os marinheiros descalços descarregando grandes tonéis de vinho destinados às adegas dos ricos.

Aliena sabia que precisava deixar o filho, mas isso lhe partia o coração. Sempre que olhava para ele, ensaiava todos os argumentos e renovava a decisão de partir, mas não adiantava: não queria se separar do menino.

Ellen a acompanhara até Wareham. Ali, Aliena tinha se juntado a dois monges da abadia de Glastonbury que iriam visitar as terras que possuíam na Normandia. Três outros passageiros viajariam no mesmo navio: um jovem escudeiro que havia passado quatro anos vivendo com um parente na Inglaterra e voltava para junto dos pais em Toulouse e dois jovens pedreiros que tinham ouvido dizer que do outro lado do mar os salários eram mais altos e as moças mais bonitas. Na manhã em que iriam zarpar, todos ficaram aguardando na taberna enquanto a tripulação carregava o navio com pesados lingotes de estanho da Cornualha. Os pedreiros beberam várias jarras de cerveja, mas não pareceram se embriagar. Aliena abraçou o filho e chorou em silêncio.

Por fim, o navio ficou pronto para partir. A robusta égua cinza que Aliena havia comprado em Shiring nunca tinha visto o mar e refugou ao subir na passarela. Mas o escudeiro e os pedreiros colaboraram com grande entusiasmo e acabaram conseguindo embarcar o animal.

Ao entregar o filho para Ellen, as lágrimas turvavam os olhos de Aliena. Ellen pegou a criança, mas falou:

– Você não é capaz. Eu errei ao sugerir que fosse.

Aliena chorou mais ainda.

– Mas e Jack? – perguntou, aos soluços. – Não consigo viver sem ele, sei que não consigo. Preciso procurá-lo.

– Ah, sim – disse Ellen. – Não estou sugerindo que você desista da viagem. Mas não pode deixar seu filho para trás. Leve-o com você.

Aliena foi tomada pela gratidão e chorou mais ainda.

– Você acha mesmo que vai ficar tudo bem?

– Ele estava feliz da vida durante todo o caminho até aqui, montado no cavalo junto com você. O resto da viagem vai ser apenas mais do mesmo. E ele não gosta muito de leite de cabra.

– Vamos lá, senhoras, a maré está virando – avisou o capitão do navio.

Aliena pegou o bebê e deu um beijo em Ellen.

– Obrigada. Estou muito feliz.

– Boa sorte – disse Ellen.

Aliena se virou e subiu correndo a passarela.

O navio zarpar na mesma hora. Aliena esperou até que Ellen virasse apenas um pontinho no cais. Enquanto eles saíam a remo do porto de Poole, começou a chover. Como não havia abrigo no convés, ela se sentou

no porão junto com os cavalos e a carga. O pedaço de convés acima da sua cabeça no qual ficavam os remadores não a protegia completamente da chuva, mas ela conseguiu manter o filho seco dentro da capa. O balanço do navio pareceu agradar ao menino, que adormeceu. Quando a noite caiu e o navio ancorou, Aliena rezou junto com os monges. Em seguida dormiu um sono entrecortado, sentada com o bebê no colo.

Chegaram a Barfleur no dia seguinte, e ela encontrou um lugar para dormir na cidade mais próxima, chamada Cherbourg. Passou um dia percorrendo a cidade e falando com donos de hospedaria e construtores para saber se eles se lembravam de um jovem pedreiro inglês com cabelos cor de fogo. Ninguém pareceu recordar. Havia muitos normandos ruivos, de modo que talvez não tivessem reparado nele. Ou então ele talvez tivesse atracado em outro porto.

Na verdade, não esperava mesmo encontrar o rastro de Jack tão cedo, mas ainda assim ficou desanimada. No dia seguinte, partiu em direção ao sul. Viajou com um vendedor de facas, sua gorda e alegre esposa e os quatro filhos do casal. O grupo ia bastante devagar, e Aliena ficou feliz por poder avançar no mesmo ritmo e poupar a força da égua, que teria de carregá-la por uma longa distância. Apesar de protegida pela companhia de uma família, mantinha presa à manga esquerda a faca afiada de lâmina comprida. Não aparentava ser rica: apesar de quentes, suas roupas não eram vistosas e sua égua era mais robusta do que vigorosa. Tomava cuidado para sempre manter algumas moedas à mão dentro de uma bolsinha e para nunca mostrar a ninguém o pesado cinto de dinheiro que levava preso à cintura por baixo da túnica. Amamentava o bebê com discrição, sem deixar que desconhecidos vissem seus seios.

Nessa noite, um tremendo golpe de sorte a deixou muito animada. Eles pararam em um povoado minúsculo chamado Lessay e lá ela encontrou um monge que recordava perfeitamente um jovem pedreiro inglês que ficara fascinado com a revolucionária abóbada em cruzaria da igreja da abadia. Aliena ficou exultante. O monge se lembrava até de Jack contar que havia desembarcado em Honfleur, o que explicava por que não houvera sinal dele em Cherbourg. Embora já fizesse um ano, o homem falou animadamente sobre Jack, e era óbvio que tinha se encantado com o rapaz. Aliena ficou empolgada por conversar com alguém que o tivesse visto. Aquilo confirmava que ela estava na trilha certa.

Por fim, despediu-se do monge e se deitou para dormir no chão da casa de hóspedes da abadia. Quando estava pegando no sono, abraçou o filho com força e sussurrou em sua minúscula orelha cor-de-rosa:

– Nós vamos encontrar seu papai.



Em Tours, o bebê adoeceu.

Era uma cidade rica, suja e cheia. Ratos corriam em bandos pelos imensos armazéns de cereais junto ao rio Loire. Havia muitos romeiros. Tours era um ponto de partida tradicional do caminho de Santiago de Compostela. Além disso, chegava o dia de São Martinho, primeiro bispo da cidade, e muita gente tinha ido à igreja da abadia visitar seu túmulo. São Martinho era conhecido por ter cortado sua capa ao meio e dado a metade para um mendigo nu. Por causa da comemoração, as hospedarias e os albergues de Tours estavam lotados. Aliena foi obrigada a aceitar o que conseguiu e se hospedou em uma taberna sem conforto na beira do rio administrada por duas irmãs idosas e fracas demais para manter o lugar limpo.

No início, não passou muito tempo lá. Com o bebê no colo, saiu pelas ruas perguntando por Jack. Logo percebeu que a cidade vivia sempre tão lotada de visitantes que os donos das hospedarias não conseguiam nem se lembrar dos hóspedes da semana retrasada, de modo que era inútil indagar sobre alguém que talvez tivesse passado por ali um ano antes. Mesmo assim, parou em todos os canteiros de obras para questionar se eles haviam contratado um jovem pedreiro inglês ruivo chamado Jack. Ninguém havia.

Aliena ficou decepcionada. Desde Lessay não ouvia ninguém falar nele. Se Jack tivesse mantido seu plano de ir até Santiago, quase com certeza teria passado por Tours. Começou a temer que ele tivesse mudado de ideia.

Foi até a igreja de São Martinho, como todos faziam, e lá viu uma equipe de construtores executando uma extensa reforma. Procurou o mestre, um homem baixo e mal-humorado de cabelos ralos, e perguntou se ele contratara um pedreiro inglês.

– Eu nunca contrato ingleses – respondeu ele, abrupto, antes mesmo de ela terminar de falar. – Os pedreiros ingleses não prestam.

– Esse é *muito* bom – disse ela. – E fala bem francês, então o senhor pode não ter percebido que ele era inglês. Ele é ruivo e...

– Não, nunca vi – disse o mestre, de maneira rude, e deu-lhe as costas.

Aliena voltou para sua taberna um pouco deprimida. Ser maltratada sem motivo era muito desanimador.

Nessa noite, ela teve um desarranjo intestinal e não conseguiu dormir. No dia seguinte, sentiu-se mal demais para sair e passou o dia inteiro deitada na taberna, com o fedor do rio entrando pela janela e o cheiro de vinho derramado e óleo de cozinha subindo pela escada. No dia seguinte, o bebê amanheceu doente.

Ela acordou com seu choro. Não era o berreiro de sempre, faminto e exigente, mas um lamento fino, fraco e triste. O menino estava tão desarranjado quanto ela, mas também tinha febre. Seus olhos azuis em geral espertos estavam fechados de dor e os pequenos punhos cerrados. Sua pele estava vermelha e toda manchada.

Ele nunca tinha adoecido e Aliena não soube o que fazer.

Deu-lhe o seio. Ele mamou com vigor por um tempo, então tornou a chorar e depois voltou a mamar. O leite passava direto por seu corpinho sem parecer lhe proporcionar qualquer alívio.

Uma jovem criada simpática trabalhava na taberna e Aliena lhe pediu que fosse à abadia comprar água benta. Cogitou mandar chamar um médico, mas médicos sempre queriam fazer sangrias, e ela não conseguia acreditar que sangrar o bebê fosse ajudá-lo.

A criada voltou acompanhada da mãe, que queimou um punhado de ervas secas dentro de uma tigela de ferro. As ervas exalaram uma fumaça acre que pareceu absorver os cheiros desagradáveis do local.

– O bebê vai sentir sede. Dê o seio sempre que ele pedir – instruiu ela.

– Beba bastante para ter leite suficiente. É tudo o que você pode fazer.

– Ele vai ficar bem? – perguntou Aliena, aflita.

A mulher olhou para Aliena com compaixão.

– Não sei, querida. Quando eles são pequenos assim, não há como saber. Em geral sobrevivem a coisas desse tipo. Mas às vezes não. É seu primeiro?

– Sim.

– Lembre sempre que você pode ter outros.

Mas este é o filho de Jack, e eu perdi Jack, pensou Aliena. Guardou o pensamento para si, agradeceu à mulher e pagou pelas ervas.

Depois que elas saíram, diluiu a água benta em água normal, embebeu nela um pedaço de pano e refrescou a cabeça do bebê.

Conforme o dia avançou, ele pareceu piorar. Aliena lhe dava o seio quando ele chorava, cantava quando o via acordado e o refrescava com água benta quando ele dormia. Ele mamava continuamente, mas de forma entrecortada. Por sorte, Aliena desde o início tivera muito leite. Ela própria continuava adoentada e se aguentava à base de pão duro e vinho diluído. À medida que as horas se sucediam, passou a detestar o quarto em que estava, com suas paredes nuas infestadas de moscas, seu piso áspero de madeira, sua porta que não encaixava direito no batente e sua janelinha mirrada. Havia exatamente quatro peças de mobília: a cama bamba, um banquinho de três pernas, um cabideiro para roupas e um candelabro de chão com três bocais, mas apenas uma vela.

Quando a noite caiu, a criada veio acender a vela. Olhou para o bebê, que, deitado na cama, agitava os braços e as pernas e choramingava.

– Pobrezinho – comentou. – Ele não entende por que está se sentindo tão mal.

Aliena passou do banquinho para a cama, mas manteve a vela acesa para poder ver o filho. Durante toda a noite, os dois cochilaram de modo descontínuo. Quando surgiram os primeiros raios de sol, a respiração do bebê ficou curta e ele parou de chorar e de se mexer.

Ela começou a chorar em silêncio. Havia perdido o rastro de Jack e seu filho iria morrer ali, em um lugar cheio de gente desconhecida e longe de casa. Jamais haveria outro Jack, e ela jamais teria outro filho. Talvez morresse também. Quem sabe fosse melhor assim.

Quando a aurora despontou, ela apagou a vela e pegou em um sono exausto.

Um barulho alto vindo do andar de baixo a acordou abruptamente. O sol estava alto e a margem do rio, que podia ver da janela, tinha movimento e barulho. O bebê não se mexia e seu rostinho finalmente estava em paz. Um arrepio de medo apertou o coração de Aliena. Ela tocou seu peito: não estava quente nem frio. Ofegou, assustada. Ele então deu um suspiro fundo e trêmulo e abriu os olhos. Aliena quase desmaiou de

tanto alívio.

Arrancou-o da cama e o abraçou, e o menino começou a chorar de fome. Ela entendeu que ele estava bem de novo: sua temperatura estava normal e não se sentia mal. Ela o levou ao seio e ele mamou com vontade. Em vez de virar a cara depois de algumas sugadas, continuou a sugar, e quando um seio secou, ele esvaziou o outro. Então pegou em um sono profundo e satisfeito.

Aliena percebeu que seus sintomas também haviam desaparecido, embora estivesse exausta. Dormiu ao lado do bebê até o meio-dia, então tornou a amamentá-lo, depois desceu até o salão da taberna e almoçou queijo de cabra e pão fresco com um pouco de toucinho.

Talvez fosse a água benta de São Martinho que tivesse curado o bebê. Nessa tarde, ela voltou ao túmulo do santo para agradecer.

Quando estava na grande igreja da abadia, ficou observando os construtores trabalharem e pensando em Jack, que, afinal, talvez viesse a conhecer o filho. Imaginou se ele teria desviado da rota que pretendia seguir. Talvez estivesse trabalhando em Paris, talhando pedras para uma nova catedral. Enquanto pensava nele, seu olhar recaiu sobre uma nova mísula que estava sendo instalada pelos construtores. Nela estava esculpida a figura de um homem que parecia sustentar nas costas o peso da coluna. Ela suspirou alto. Soube na hora, sem sombra de dúvida, que aquela figura retorcida e agonizante tinha sido esculpida por Jack. Então ele tinha passado por ali!

Com o coração disparado, foi até os homens que faziam o serviço.

– Aquela mísula ali – falou, ofegante. – O homem que a esculpiu era inglês, não era?

Um servente de idade avançada e nariz quebrado respondeu:

– Isso mesmo... Jack Fitzjack. Nunca vi nada igual em toda a minha vida.

– Quando ele esteve aqui? – perguntou Aliena.

Prendeu a respiração enquanto o velho coçava a cabeça grisalha por cima de uma boina sebenta.

– Já deve fazer quase um ano. Mas ele não ficou muito tempo. O mestre não gostou dele. – O velho baixou a voz. – Se quiser mesmo saber a verdade, Jack era bom demais. Deixava o mestre no chinelo. Então teve de partir.

Ele levou o dedo à lateral do nariz como quem pede segredo.

– Ele disse para onde estava indo? – quis saber Aliena, animada.

O velho olhou para o bebê.

– A julgar pelos cabelos, esse menino deve ser filho dele.

– É, sim.

– E você acha que Jack vai ficar feliz em vê-la?

Aliena entendeu que o servente devia pensar que Jack poderia estar fugindo dela. Desatou a rir.

– Ah, vai, sim! – respondeu. – Ele vai ficar feliz em me ver.

O homem deu de ombros.

– Ele disse que estava indo para Santiago de Compostela, se é que isso vale alguma coisa.

– Obrigada! – disse Aliena, feliz, e para espanto e deleite do velho, tascou-lhe um beijo.



As rotas de peregrinação que cruzavam a França convergiam para Ostabat, no sopé dos Pireneus. Ali, o grupo de vinte e poucos romeiros com os quais Aliena viajava aumentou para uns setenta. Apesar dos pés doloridos, eles eram alegres: alguns cidadãos prósperos, outros decerto foragidos da justiça, uns poucos bêbados e vários monges e clérigos. Os religiosos estavam ali motivados pela fé, mas a maior parte dos outros parecia decidida a se divertir. Falavam-se diversos idiomas, entre eles o flamengo, uma língua germânica, e um idioma do sul da França chamado occitano. Apesar disso, não faltava comunicação entre todos, e durante a travessia dos Pireneus eles cantaram, jogaram, contaram histórias e, em muitos casos, viveram casos de amor.

Infelizmente, depois de Tours, Aliena não cruzou com mais ninguém que se lembrasse de Jack. No entanto, não havia tantos menestréis na travessia da França quanto ela havia imaginado. Um dos peregrinos flamengos, que já havia percorrido o caminho, disse que eles seriam mais numerosos no lado espanhol.

Ele estava certo. Em Pamplona, Aliena ficou animada ao encontrar um menestrel que se lembrava de ter falado com um rapaz inglês ruivo que

fazia perguntas sobre o pai.

À medida que os peregrinos cansados avançavam lentamente pelo norte da Espanha em direção ao litoral, ela encontrou vários outros menestréis, e a maioria se lembrava de Jack. Percebeu, cada vez mais animada, que todos eles diziam que Jack estava indo para Santiago: ninguém o havia encontrado no caminho de volta.

Ou seja, ele ainda estava lá.

Conforme seu corpo ficava mais dolorido, seu ânimo aumentava. Nos últimos dias da viagem, ela mal conseguiu conter o otimismo. Apesar de ser pleno inverno, o tempo estava ameno e ensolarado. O bebê, agora com seis meses, estava feliz e com saúde. Aliena teve certeza de que iria encontrar Jack em Santiago de Compostela.

Eles chegaram à cidade no Natal.

Foram direto para a catedral assistir à missa. Como era de esperar, a igreja estava lotada. Aliena ficou andando para lá e para cá entre os fiéis, observando com atenção, mas Jack não se encontrava ali. É claro, ele não era muito religioso. Na verdade, quase não ia à igreja a não ser para trabalhar. Quando ela conseguiu arrumar um lugar para ficar, já estava escuro. Foi para a cama, mas estava tão agitada que mal conseguiu dormir, sabendo que Jack talvez estivesse a poucos passos dela e que no dia seguinte iria vê-lo, beijá-lo e lhe mostrar seu bebê.

Acordou com o primeiro clarão da aurora. O bebê sentiu que ela estava impaciente e mamou com irritação, mordendo seus mamilos com as gengivas. Ela o limpou às pressas e então saiu com ele no colo.

Percorria as ruas poeirentas imaginando que fosse topar com Jack a cada esquina. Como ele ficaria espantado ao vê-la! E como ficaria feliz! No entanto, não o viu pelas ruas, de modo que foi perguntar nas hospedarias. Assim que as pessoas começaram a trabalhar, correu até os canteiros de obras para falar com os pedreiros. Sabia dizer *pedreiro* e *ruivo* no dialeto castelhano, e os moradores da cidade estavam acostumados com forasteiros, de modo que conseguiu que a entendessem, mas não encontrou sinal de Jack. Começou a ficar preocupada. As pessoas deviam conhecê-lo, não? Não havia como ignorá-lo com facilidade, e já devia morar ali fazia vários meses. Também ficou atenta para ver se identificava um de seus entalhes característicos, mas não encontrou nenhum.

Por volta do meio da manhã, conheceu uma taberneira desalinhada de meia-idade que falava francês e se lembrava de Jack.

– Rapaz bonito... Ele é seu? Enfim, nenhuma das moças daqui conseguiu ir muito longe com ele. Ele chegou no meio do verão, mas não ficou muito. Uma pena. Também não disse para onde estava indo. Gostei dele. Se você o encontrar, mande um grande beijo meu.

Aliena voltou para o quarto, deitou-se na cama e ficou encarando o teto. O bebê choramingou, mas pela primeira vez ela o ignorou. Estava exausta, decepcionada, com saudade de casa. Não era justo: tinha seguido o rastro dele até Compostela, mas Jack tinha ido para outro lugar!

Como ele não voltara aos Pireneus e a oeste de Compostela não havia nada a não ser uma faixa de litoral e o oceano, que ia até o fim do mundo, Jack devia ter ido mais para o sul. Ela teria de partir outra vez, montada em sua égua cinza, com o bebê no colo, rumo ao coração da Espanha.

Perguntou-se quão longe de casa teria de chegar antes de terminar sua romaria.



Jack passou o Natal com seu amigo Raschid Alharoun em Toledo. Sarraceno batizado, Raschid tinha feito fortuna importando especiarias do Oriente, principalmente pimenta. Os dois se encontraram na missa do meio-dia na grande catedral e voltaram devagar sob o sol brando de inverno, percorrendo as ruas estreitas e o perfumado bazar até chegar ao bairro rico.

A casa de Raschid era feita de uma pedra branca ofusante e construída ao redor de um pátio com um chafariz. Os arcos sombreados do pátio lembravam a Jack o claustro do priorado de Kingsbridge. Na Inglaterra, eles protegiam do vento e da chuva, mas ali sua finalidade era bloquear o calor do sol.

Raschid e seus convidados se sentaram em almofadas no chão e almoçaram sobre uma mesa baixa. Os homens foram servidos pelas esposas e filhas e por diversas criadas cujo papel era de certa forma dúbio: como cristão, Raschid só podia ter uma esposa, mas Jack desconfiava de que ele ignorava discretamente o fato de a Igreja reprovar concubinas.

As mulheres eram a grande atração da hospitaleira casa de Raschid. Eram todas bonitas. Sua esposa era escultural e graciosa, dona de uma pele sedosa marrom-escura, cabelos negros lustrosos e grandes olhos castanhos, e as filhas eram versões mais esguias do mesmo tipo. Eram três. A mais velha estava noiva de outro conviva daquele almoço, filho de um negociante de seda da cidade.

– Minha Raya é a filha perfeita – disse Raschid enquanto ela dava a volta na mesa com uma tigela de água perfumada para os convidados molharem as mãos. – É atenciosa, obediente e linda. Josef é um homem de sorte.

O noivo curvou a cabeça, reconhecendo sua felicidade.

A segunda filha era orgulhosa, arrogante, até. Parecia se ressentir dos elogios feitos à irmã. Olhou para Jack enquanto enchia seu copo com a bebida de uma jarra de cobre.

– O que é? – quis saber ele.

– Licor de hortelã – respondeu ela com desdém.

Desagradava-lhe ter de servir a Jack, pois ela era filha de um homem importante e ele um andarilho sem dinheiro.

A preferida de Jack era Aysha, a caçula. Nos três meses desde que havia chegado, passara a conhecê-la bastante bem. Era uma moça de seus 15, 16 anos, baixinha, sorridente e cheia de vida. Embora tivesse três ou quatro anos a menos do que ele, não parecia imatura. Aysha tinha uma inteligência rápida e curiosa. Fazia perguntas intermináveis sobre a Inglaterra e o modo de vida de lá. Muitas vezes zombava do comportamento da alta sociedade de Toledo: o esnobismo dos árabes, a meticulosidade dos judeus, o mau gosto dos novos-ricos cristãos. De vez em quando, provocava acessos de riso em Jack. Embora fosse a caçula, parecia a menos ingênua das três irmãs: algo no modo como olhou para Jack ao se inclinar perto dele para servir uma travessa de camarões condimentados revelava um inconfundível temperamento libertino. Seus olhares se cruzaram e ela disse “licor de hortelã” imitando perfeitamente os modos esnobes da irmã, e Jack deu uma risadinha. Com Aysha, ele conseguia esquecer Aliena por horas a fio.

Quando estava longe daquela casa, porém, pensava tanto nela quanto se a houvesse deixado na véspera. Embora fizesse mais de um ano que não a via, as lembranças que tinha dela eram dolorosamente nítidas. Bastava

querer que recordava cada expressão de Aliena: risonha, pensativa, desconfiada, aflita, satisfeita, espantada e, a mais constante de todas, apaixonada. Não se esquecera de nenhum detalhe do seu corpo, e ainda podia ver a curva do seio, tocar a pele macia na parte interna da coxa, sentir o sabor do seu beijo e o cheiro da sua excitação. Muitas vezes ansiava por estar junto dela.

Para se curar desse desejo inútil, costumava imaginar o que Aliena devia estar fazendo. Sua mente a visualizava tirando as botas de Alfred no final do dia, sentando-se para comer com ele, beijando-o, fazendo amor com ele e dando o seio a um bebê igualzinho a Alfred. Essas imagens o torturavam, mas não o impediam de desejá-la.

Imaginava que, naquele Natal, Aliena assaria um cisne e o enfeitaria com as próprias penas para levar à mesa, e para beber haveria uma mistura de cerveja, ovos, leite e noz-moscada. A comida que Jack tinha diante de si não poderia ser mais diferente. Eram pratos de dar água na boca: cordeiro aromatizado com estranhas especiarias, arroz com castanhas, saladas temperadas com limão e azeite. Ele havia levado tempo para se acostumar à culinária espanhola. Nunca serviam as grandes peças de carne bovina, pernis de porco ou de cervo sem os quais nenhum banquete na Inglaterra estaria completo. Tampouco tinham o costume de comer grossas fatias de pão. Não havia pastos verdejantes para alimentar grandes rebanhos nem um solo propício a vastos campos de trigo. Compensavam a pouca carne de modo criativo, cozinhando-a com todo tipo de especiarias, e no lugar do onipresente pão dos ingleses consumiam diversos vegetais e frutas.

Jack estava morando com um pequeno grupo de religiosos ingleses em Toledo. Eles faziam parte de uma comunidade internacional de estudiosos formada por judeus, muçulmanos e cristãos árabes. Os ingleses traduziam obras de matemática do árabe para o latim, de modo que pudessem ser lidas por cristãos. Uma animação febril reinava entre eles conforme iam descobrindo e exploravam os tesouros do conhecimento árabe, e eles haviam recebido Jack como aluno de modo natural: acolhiam qualquer um que entendesse o que estavam fazendo e compartilhasse o mesmo entusiasmo pelo trabalho. Eram como camponeses que, após muitos anos trabalhando para arrancar colheitas de um solo ruim, de repente se encontravam em um rico vale aluvial. Jack deixara de lado a construção

para estudar matemática. Ainda não precisara trabalhar para ganhar dinheiro: sem formalidades, os religiosos lhe davam uma cama e todas as refeições que pedisse, e caso ele precisasse teriam lhe providenciado um hábito e sandálias novas.

Raschid era um dos patrocinadores do projeto. Como negociava com diversos países, dominava vários idiomas e tinha modos cosmopolitas. Em casa, não falava moçárabe, mas sim castelhano, a língua da Espanha cristã. Sua família também sabia francês, a língua dos normandos, importantes negociantes. Embora fosse do ramo do comércio, Raschid era dono de um poderoso intelecto e de uma curiosidade abrangente. Adorava conversar com os estudiosos sobre suas teorias. Assim que conhecera Jack, havia simpatizado com o rapaz, que almoçava em sua casa muitas vezes por semana.

Nesse dia, enquanto eles se preparavam para comer, Raschid perguntou a Jack:

– O que os filósofos nos ensinaram esta semana?

– Andei lendo Euclides.

Elementos de geometria fora um dos primeiros livros traduzidos.

– Euclides... que nome engraçado para um árabe – comentou Ismail, irmão de Raschid.

– Ele era grego – explicou Jack. – Viveu antes do nascimento de Cristo. A obra dele foi perdida pelos romanos, mas preservada pelos egípcios. Por isso chegou até nós em árabe.

– E agora ingleses a traduzem para o latim! – exclamou Raschid. – Acho isso engraçado.

– Mas o que você aprendeu? – quis saber Josef, o noivo de Raya.

Jack hesitou. Era difícil explicar. Tentou dar uma resposta prática:

– Meu padasto era construtor e me ensinou a realizar algumas operações de geometria: dividir uma linha em duas partes idênticas, desenhar um ângulo reto, traçar um quadrado dentro do outro de modo que o menor tenha metade da área do maior.

– Para que servem essas habilidades? – interrompeu Josef.

Sua voz traía certo desprezo. Ele considerava Jack uma espécie de arrivista e tinha ciúme da atenção que Raschid lhe dedicava.

– São operações fundamentais para projetar edifícios – respondeu Jack em uma voz afável, fingindo não ter notado o tom do outro. – Vejam só

este pátio. A área coberta em volta é exatamente igual à área aberta no meio. A maioria dos pátios pequenos é assim, inclusive os claustros dos mosteiros, porque são proporções mais agradáveis. Se o meio for maior, o pátio fica parecendo uma praça de mercado, e se for menor parece apenas um buraco no telhado. Mas, para chegar à proporção exata, o construtor deve ser capaz de desenhar a parte do meio com exatamente metade da área total.

– Eu não sabia disso! – exclamou Raschid, triunfante.

Nada lhe dava mais satisfação do que aprender algo novo.

– Euclides explica por que essas técnicas funcionam – continuou Jack.

– Por exemplo, as duas partes da linha dividida são iguais porque constituem os lados correspondentes de triângulos congruentes.

– Congruentes? – estranhou Raschid.

– Significa exatamente iguais.

– Ah... agora entendi.

Jack, porém, percebeu que ninguém mais tinha entendido.

– Mas você já sabia fazer todas essas operações geométricas antes de ler Euclides – disse Josef. – Então não entendo que vantagem isso lhe trouxe.

– Compreender alguma coisa é sempre uma vantagem! – protestou Raschid.

– Além disso, agora que entendo os princípios da geometria, talvez consiga encontrar soluções para problemas que intrigavam meu padraço – falou Jack. A conversa o deixava um tanto frustrado. A leitura de Euclides lhe parecera o clarão ofuscante de uma revelação, mas ele não estava conseguindo explicar sua empolgação com a importância dessas novas descobertas. Mudou um pouco de estratégia: – O mais interessante de tudo é o método dele. Euclides parte de cinco axiomas, cinco verdades evidentes, e deduz todo o restante desses axiomas por meio da lógica.

– Me dê um exemplo de axioma – pediu Raschid.

– Uma linha pode ser prolongada indefinidamente.

– Não pode, não – interveio Aysha, que passava de mão em mão uma tigela de figos.

Os convidados ficaram um pouco surpresos ao ouvir uma menina se meter na conversa, mas Raschid deu uma risada indulgente. Aysha era sua filha preferida.

– E por que não? – indagou ele.
– Alguma hora ela precisa terminar – respondeu ela.
– Mas na sua imaginação a linha poderia se prolongar indefinidamente – falou Jack.

– Na minha imaginação, a água poderia correr morro acima e os cachorros falarem latim – retrucou ela.

Sua mãe entrou na sala e ouviu a resposta.

– Aysha! – exclamou, em tom severo. – Fora daqui!

Todos os homens riram. A menina fez uma careta e se retirou.

– Quem se casar com ela vai ter um trabalhão! – comentou o pai de Josef.

Houve mais risadas. Jack também riu, então percebeu que olhavam na sua direção, como se fosse ele o motivo da piada.

Depois do almoço, Raschid exibiu sua coleção de brinquedos mecânicos. Havia um tanque no qual se misturavam água e vinho e do qual os dois líquidos saíam separados; um maravilhoso relógio movido a água que contava as horas do dia com uma exatidão impressionante; uma jarra que se enchia sozinha sem nunca transbordar; e uma estatueta de madeira em forma de mulher com os olhos feitos de algum tipo de cristal que absorvia a água com o calor do dia e a liberava no frescor da noite, dando a impressão de que chorava. Jack compartilhava o fascínio de Raschid com esses brinquedos, mas o que mais o intrigava era a estátua que chorava, pois, enquanto o mecanismo das outras se mostrava simples depois de explicado, ninguém de fato entendia como a estátua funcionava.

À tarde, eles se sentaram sob os arcos do pátio e se distraíram com jogos, cochilaram e jogaram conversa fora. Jack pensou como seria bom pertencer a uma família como aquela, com irmãs, tios e cunhados, ter uma casa que todos pudessem visitar e uma posição respeitável em uma pequena cidade. De repente, lembrou-se da conversa com a mãe na noite em que ela o resgatara da cela do priorado. Havia lhe perguntado sobre os parentes do pai e ela respondera: *Sim, a família dele era grande lá na França*. Eu tenho uma família assim em algum lugar, pensou Jack. Os irmãos e as irmãs do meu pai são meus tios e minhas tias. Talvez eu tenha primos da minha idade. Será que um dia os encontrarei?

Sentia-se à deriva. Conseguia sobreviver em qualquer lugar, mas não pertencia a nenhum. Já tinha sido entalhador, construtor, monge e

matemático, e não sabia qual desses, se é que algum, era o verdadeiro Jack. Às vezes se perguntava se devia virar menestrel como o pai, ou fora da lei como a mãe. Aos 19 anos, não tinha casa nem raízes, família ou objetivo na vida.

Jogou xadrez com Josef e ganhou. Então Raschid apareceu.

– Josef, me deixe sentar aí. – disse. – Quero ouvir mais sobre Euclides.

Josef cedeu obedientemente a cadeira para o futuro sogro, em seguida se afastou. Já ouvira tudo o que queria saber sobre Euclides. Raschid se acomodou.

– Está satisfeito? – perguntou a Jack.

– Sua hospitalidade é inigualável – respondeu Jack, de maneira polida.

Tinha aprendido boas maneiras em Toledo.

– Obrigado, mas eu quis dizer com Euclides.

– Estou. Acho que não consegui explicar direito a importância do livro.

O fato é que...

– Eu acho que entendi – interrompeu Raschid. – Como você, amo o conhecimento pelo conhecimento.

– Sim.

– Mesmo assim, todo homem precisa ganhar a vida.

Jack não compreendeu a relevância do comentário, então esperou Raschid continuar, mas o sarraceno se manteve sentado, com os olhos semicerrados, pelo visto satisfeito com aquele silêncio amigável. Jack se perguntou se ele o estaria repreendendo por não trabalhar.

– Acho que um dia vou acabar voltando à construção – disse, por fim.

– Ótimo.

Jack sorriu.

– Quando saí de Kingsbridge montado na égua de minha mãe, com as ferramentas do meu padraсто dentro de uma bolsa pendurada no ombro, pensava que só existia uma forma de construir uma igreja: paredes grossas, arcos redondos e janelas pequenas, tudo arrematado por um teto de madeira ou por uma abóbada de berço feita de pedra. As catedrais que vi no caminho de Kingsbridge para Southampton não me mostraram nada diferente. Mas a Normandia mudou minha vida.

– Posso imaginar – disse Raschid, sonolento.

Como o comerciante não estava muito interessado, Jack rememorou esses dias em silêncio. Poucas horas depois de atracar em Honfleur, vira-

se diante da igreja da abadia de Jumièges. Era a igreja mais alta que ele já tinha visto, mas, exceto por esse aspecto, apresentava os mesmos arcos redondos e o mesmo telhado de madeira de sempre, a não ser no capítulo, em que o abade Urso havia construído um teto de pedra revolucionário. Em vez de uma abóbada arredondada contínua ou de uma abóbada de aresta, levemente franzida, aquele teto tinha nervuras que partiam das colunas e se encontravam no ponto mais alto. Eram nervuras grossas, sólidas, e as seções triangulares entre elas eram finas e leves. O monge responsável pela conservação da igreja explicou a Jack que era mais fácil construir assim: as nervuras eram feitas primeiro e as seções entre elas ficavam então mais fáceis de construir. Aquele tipo de abóbada era também mais leve. O monge esperava ouvir o rapaz falar sobre as inovações técnicas na Inglaterra, mas Jack foi obrigado a decepcioná-lo. No entanto, sua óbvia admiração pelas abóbadas em cruzaria agradou o monge, que então lhe falou de uma igreja em Lessay, não muito longe dali, toda feita com aquele tipo de abóbada.

No dia seguinte, Jack foi até Lessay e passou a tarde inteira na igreja, olhando maravilhado as abóbadas. O mais espantoso, concluiu, era o modo como as nervuras, que desciam do ponto mais alto até os capitéis no topo das colunas, *realçavam* a maneira como o peso do telhado era sustentado pelos elementos mais resistentes. As nervuras tornavam visível a lógica da construção.

Jack continuou rumo ao sul e foi até o condado de Anjou, onde arrumou trabalho na reforma da igreja da abadia de Tours. Não teve dificuldade em convencer o mestre construtor a fazer um teste com ele. As ferramentas que carregava provavam que ele era pedreiro, e depois do primeiro dia de trabalho o mestre viu que ele era bom. Havia certa verdade quando se gabara para Aliena de que conseguiria trabalho em qualquer lugar do mundo.

Entre as ferramentas que ele havia herdado estava a régua de 30 centímetros de Tom. Só os mestres construtores tinham uma régua dessas, e quando os outros trabalhadores descobriram que Jack possuía uma, perguntaram como ele havia se tornado mestre tão jovem. Seu primeiro impulso foi explicar que não era um mestre construtor de verdade, mas acabou decidindo dizer que era. Afinal, havia mesmo administrado o canteiro de obras de Kingsbridge quando era monge e sabia desenhar

plantas tão bem quanto o padrao. Mas o mestre para o qual trabalhava não gostou de descobrir que havia contratado um possível rival. Certo dia, Jack sugeriu uma modificação ao monge encarregado da obra e traçou sua sugestão no pedaço de chão usado para os desenhos. Foi o início de seus problemas. O mestre construtor ficou convencido de que Jack queria roubar seu posto. Começou a achar defeito em seu trabalho e o encarregou da tediosa tarefa de talhar blocos simples.

Em pouco tempo, Jack tornou a partir. Foi até a abadia de Cluny, sede de um império monástico que se estendia por toda a Cristandade. Fora a ordem de Cluny que criara e promovera a agora famosa romaria até o túmulo de São Tiago em Compostela. Por todo o caminho havia igrejas dedicadas ao santo e mosteiros da ordem de Cluny para acolher os peregrinos. Como o pai de Jack tinha sido menestrel nessa rota de peregrinação, parecia provável que houvesse visitado Cluny.

Mas não havia. Em Cluny não havia menestréis e Jack não descobriu nada sobre o pai lá.

Mesmo assim, a viagem nem de longe fora em vão. Até o instante em que entrou na igreja da abadia de Cluny, todos os arcos que Jack tinha visto eram semicirculares e todas as abóbadas tinham ou o formato de berço, como uma longa sucessão de arcos redondos colados uns aos outros, ou então eram abóbadas de aresta, como o cruzamento de dois túneis. Mas os arcos em Cluny não eram semicirculares.

Eles terminavam em ponta.

Havia arcos em ponta, na forma de ogivas, nas arcadas principais; as abóbadas de aresta das galerias laterais tinham arcos ogivais; e o mais espantoso de tudo: a nave era encimada por um telhado de pedra que só poderia ser descrito como uma abóbada de berço em ogiva. Jack havia aprendido que o círculo era forte por ser perfeito, e que um arco redondo era forte porque fazia parte de um círculo. Pensava que arcos ogivais seriam fracos. Na verdade, segundo lhe informaram os monges, os arcos ogivais eram consideravelmente mais robustos do que os antigos arcos redondos. A igreja de Cluny parecia provar isso, pois, apesar do enorme peso da cantaria em sua abóbada ogival, era muito alta.

Jack não demorou muito em Cluny. Continuou descendo para o sul, seguindo o caminho dos romeiros e desviando sempre que tinha vontade. No início do verão, havia menestréis por todo o caminho, nas cidades de

maior porte ou perto dos mosteiros da ordem de Cluny. Eles recitavam suas narrativas em verso para aglomerações de romeiros em frente a igrejas e santuários, às vezes tocando uma viola de gamba, exatamente como Aliena tinha lhe contado. Jack abordou todos eles e perguntou se tinham conhecido Jack Shareburg. Todos responderam que não.

As igrejas que ele viu ao atravessar o sudoeste da França e o norte da Espanha continuaram a impressioná-lo. Eram todas muito mais altas do que as catedrais inglesas. Algumas tinham abóbadas de berço reforçadas por arcos de cinta. As cintas, que uniam as colunas de um lado e de outro da nave, tornavam possível construir em etapas, tramo por tramo, e não tudo de uma vez. Além disso, modificavam o aspecto de uma igreja. Ao enfatizar as divisões entre os tramos, revelavam que a construção consistia em uma série de unidades idênticas, como um pão fatiado, o que, por sua vez, proporcionava ordem e lógica ao imenso espaço interno.

Chegou a Compostela no meio do verão. Não sabia que havia no mundo lugares onde fazia tanto calor. A igreja da cidade era mais uma construção espantosamente alta, e a nave, ainda inacabada, também tinha uma abóbada de berço com cintas. De lá, ele desceu mais para o sul.

Os reinos da Espanha tinham vivido até recentemente sob o domínio dos sarracenos. Na verdade, a maior parte do país ao sul de Toledo ainda era dominada pelos muçulmanos. O aspecto das construções sarracenas fascinou Jack: os interiores altos e frescos, as arcadas, as pedras brancas ofuscantes sob a luz do sol. O mais interessante de tudo, porém, foi descobrir que a arquitetura muçulmana tinha tanto abóbadas em cruzaria quanto arcos ogivais. Talvez tivesse sido dali que os franceses copiaram suas inovações.

Sentado naquela tarde quente espanhola, ouvindo ao longe os risos das mulheres em algum lugar dentro da casa grande e fresca, pensou que nunca mais poderia trabalhar em outra igreja igual à catedral de Kingsbridge. Ainda queria construir a catedral mais bonita do mundo, mas ela não seria uma estrutura maciça e sólida como uma fortaleza. Queria usar as novas técnicas, as abóbadas em cruzaria e os arcos ogivais. Pensou, porém, que não iria aplicá-los exatamente como tinham sido usados até então. Nenhuma das construções que ele vira havia aproveitado ao máximo as possibilidades daqueles elementos. A imagem de uma igreja começava a se formar na sua mente. Os detalhes ainda eram nebulosos,

mas a sensação do conjunto era muito forte: um edifício espaçoso e arejado, com a luz do sol entrando por janelas imensas e uma abóbada curva tão alta que pareceria alcançar o céu.

– Josef e Raya vão precisar de uma casa – disse Raschid de repente. – Se você a construísse, depois viriam outros trabalhos.

Jack levou um susto. Se havia algo em que não tinha pensado era em construir casas.

– Acha que eles vão querer que eu construa a casa deles? – perguntou.

– Pode ser.

Houve outro longo silêncio, durante o qual Jack ficou pensando em como seria a vida de construtor de casas para os ricos comerciantes de Toledo.

Por fim, Raschid pareceu despertar. Sentou-se ereto e abriu bem os olhos.

– Jack, eu gosto de você – falou. – Você é um homem honesto e com quem vale a pena conversar, o que não se pode dizer de muitas pessoas que conheci. Espero que sejamos sempre amigos.

– Eu também – disse Jack, um pouco surpreso com aquele elogio inesperado.

– Como sou cristão, não mantenho minhas mulheres trancafiadas como fazem alguns dos meus irmãos muçulmanos. Por outro lado, sou árabe, então não dou a elas exatamente a mesma... me perdoe... a mesma liberdade com a qual outras mulheres estão acostumadas. Deixo que encontrem e conversem com os convidados homens desta casa. Permito até que amizades se formem. Mas quando essa amizade começa a virar outra coisa, como acontece tão naturalmente entre os jovens, nessa hora espero que o homem faça um pedido formal. Qualquer outra coisa seria um insulto.

– É claro – concordou Jack.

– Sabia que você iria entender. – Raschid se levantou e pousou a mão afetuosamente no ombro de Jack. – Nunca fui abençoado com um filho homem, mas se tivesse acho que ele seria como você.

– Só que mais moreno, espero – falou Jack por impulso.

Por um instante, Raschid pareceu não entender, então deu uma sonora gargalhada, assustando os outros convidados no pátio.

– Sim! – disse ele, alegre. – Mais moreno!

E entrou em casa ainda rindo.

Os convidados mais velhos começaram a se retirar. Enquanto a tarde ia esfriando, Jack ficou sentado sozinho pensando no que havia escutado. Não restava dúvida: Raschid tinha lhe proposto um acordo. Se ele se casasse com Aysha, iria patrociná-lo como construtor entre os ricos de Toledo. Havia também um alerta: se ele não tivesse a intenção de se casar com ela, deveria manter distância. Os espanhóis tinham modos mais rebuscados do que os ingleses, mas quando necessário sabiam deixar bem claro o que queriam dizer.

Ao refletir sobre a situação em que se encontrava, Jack custava a acreditar. Está mesmo acontecendo comigo?, pensou. Será que este é mesmo Jack Jackson, filho bastardo de um homem que morreu na forca, criado na floresta, aprendiz de pedreiro e monge foragido? Estão mesmo me oferecendo a mão da linda filha de um rico negociante árabe, além de um trabalho garantido como construtor nesta cidade agradável? Parece bom demais para ser verdade. E eu até gosto da moça!

O sol já ia se pondo, e o pátio agora estava imerso em sombras. Restavam apenas duas pessoas na arcada: Jack e Josef. Ele estava justamente pensando se aquela situação teria sido planejada quando Raya e Aysha apareceram, provando que sim. Apesar da teórica rigidez em relação ao contato físico entre moças e rapazes, a mãe delas sabia exatamente o que acontecia ali, e Raschid também devia saber. Eles dariam aos namorados uns poucos instantes de privacidade, então, antes de terem tempo de fazer algo sério, a mãe apareceria no pátio, fingiria indignação e mandaria as filhas para dentro.

Do outro lado do pátio, Raya e Josef começaram a se beijar na mesma hora. Jack se levantou quando Aysha se aproximou. Ela usava um vestido longo branco feito de algodão egípcio, fazendo que Jack nunca tinha visto antes de chegar à Espanha. Mais macio do que a lã e mais fino do que o linho, o tecido adería aos membros de Aysha quando ela se movia, e sua brancura parecia cintilar à luz do crepúsculo. A cor do tecido fazia os olhos castanhos da moça parecerem quase negros. Ela chegou bem perto, com um sorriso travesso estampado no rosto.

– O que ele falou com você? – perguntou.

Jack supôs que ela estivesse se referindo ao pai.

– Ele me ofereceu trabalho como construtor de casas.

– Que dote! – exclamou ela com desdém. – Não posso acreditar! Pelo menos ele poderia ter oferecido dinheiro.

Aysha não tinha paciência para as indiretas típicas dos sarracenos, observou Jack com ironia. Achou a franqueza dela revigorante.

– Acho que não quero construir casas – falou ele.

Ela adotou de repente uma expressão séria.

– Você gosta de mim?

– Você sabe que sim.

Ela deu um passo à frente, ergueu o rosto, fechou os olhos, ficou na ponta dos pés e o beijou. Tinha cheiro de almíscar e âmbar-gris. Ela abriu a boca e sua língua se enfiou brincalhona entre os lábios de Jack. Ele a envolveu nos braços quase sem querer. Pousou as mãos na sua cintura. O algodão era bem fino, e foi quase como tocar a pele nua. Ela pegou a mão dele e a levou até o seio. Tinha um corpo esguio e rijo, e seu seio era miúdo, como um montinho pequenino e firme com um minúsculo mamilo duro na ponta. Ela foi ficando excitada e seu peito começou a se mover para cima e para baixo. Jack ficou chocado ao sentir a mão dela se agitar entre suas pernas. Beliscou-lhe o mamilo com a ponta dos dedos. Ela soltou um arquejo e se afastou, ofegante. Ele baixou as mãos.

– Machuquei você? – sussurrou.

– Não! – respondeu ela.

Jack pensou em Aliena e sentiu culpa, então se deu conta de quanto isso era bobo. Por que deveria se sentir traindo uma mulher que havia se *casado* com outro homem?

Aysha o encarou por alguns segundos. Já estava quase escuro, mas ele pôde perceber sua expressão inundada de desejo. Ela levantou a mão dele e tornou a colocá-la no próprio seio.

– Faça de novo, só que mais forte – ordenou, com avidez.

Ele encontrou o mamilo e se inclinou para beijá-la, mas ela recuou a cabeça e ficou observando seu rosto enquanto ele a acariciava. Jack apertou o mamilo de leve, e então, obediente, beliscou com força. Ela arqueou as costas, projetando os pequenos seios para a frente, e os mamilos marcaram a fazenda do vestido. Jack baixou a cabeça até seu seio e fechou os lábios em volta do mamilo por cima do algodão. Então, num impulso, colocou-o entre os dentes e mordeu. Ouviu-a sugar o ar com força.

Sentiu um arrepio percorrer o corpo de Aysha. Ela afastou a cabeça dele do seio e pressionou o corpo contra o dele com força. Ele baixou o rosto até o dela. Ela o beijou com avidez, como se quisesse devorar sua cabeça inteira com a boca, e puxou o corpo dele em direção ao seu enquanto emitia leves ruídos nervosos. Jack estava excitado, assombrado e até um pouco assustado: nunca tinha vivido nada como aquilo. Achou que ela estivesse prestes a atingir o orgasmo. Então eles foram interrompidos.

A voz da mãe das meninas veio da porta.

– Raya! Aysha! Entrem já!

Aysha ergueu os olhos para ele, ofegante. Logo depois, tornou a beijá-lo com força, pressionando os lábios nos seus até machucá-lo. Então se afastou.

– Eu te amo – sussurrou.

E saiu correndo para dentro de casa.

Jack a observou partir. Raya a seguiu em um ritmo mais vagaroso. A mãe das garotas lançou a Jack e Josef um olhar de reprovação e então foi atrás das filhas, fechando a porta atrás de si com força. Jack ficou encarando a porta fechada e se perguntando como interpretar tudo aquilo.

Josef atravessou o pátio e interrompeu seu devaneio.

– Que moças lindas... as duas! – falou, e deu uma piscadela cúmplice.

Jack aquiesceu distraído e começou a andar em direção ao portão. Josef caminhou com ele. Quando estavam passando por baixo do arco, um criado se materializou das sombras e fechou o portão atrás deles.

– O problema de estar noivo é que dá uma baita dor entre as pernas – comentou Josef. Jack não respondeu. – Talvez eu vá à casa de Fátima me aliviar – continuou o outro. A casa de Fátima era o prostíbulo. Apesar do nome sarraceno, quase todas as moças tinham a pele clara, e as poucas prostitutas árabes eram muito caras. – Quer vir também? – indagou Josef.

– Não – respondeu Jack. – Minha dor é de outro tipo. Boa noite.

Afastou-se depressa. Nem nas melhores circunstâncias Josef era sua companhia preferida, e nessa noite ele se sentia cheio de rancor.

Durante o trajeto de volta até a cama dura no dormitório da universidade, o ar da noite esfriou. Ele sentiu que aquele era um momento decisivo. Estavam lhe oferecendo uma vida de conforto e prosperidade, e tudo o que ele precisava fazer era esquecer Aliena e abandonar sua aspiração de construir a catedral mais bonita do mundo.

Nessa noite, sonhou que Aysha vinha ao seu encontro com o corpo coberto de óleo perfumado e se esfregava nele, mas não deixava que fizessem amor.

Quando acordou de manhã, tinha tomado sua decisão.



Os criados não deixaram Aliena entrar na casa de Raschid Alharoun. Parada em frente ao portão, com a túnica suja de poeira, as botas gastas e o bebê no colo, devia parecer uma mendiga.

– Informe a Raschid Alharoun que estou procurando seu amigo Jack Fitzjack, da Inglaterra – disse em francês, sem saber se os criados de pele morena conseguiriam entender uma só palavra.

Após uma confabulação em voz baixa em algum idioma sarraceno, um dos criados, de pele escura feito carvão e cabelos que pareciam a pelagem de uma ovelha negra, entrou na casa.

Aliena se remexia de ansiedade enquanto os outros criados a encaravam sem disfarçar. Nem mesmo naquela interminável peregrinação havia aprendido a ser paciente. Depois da decepção em Compostela, seguira pela estrada que levava ao interior da Espanha até Salamanca. Ninguém lá se lembrava de um rapaz ruivo interessado em catedrais e menestréis, mas um monge bondoso lhe disse que em Toledo havia uma comunidade de estudiosos ingleses. Pareceu-lhe uma esperança tênue, mas Toledo não ficava muito longe naquela mesma estrada poeirenta, então ela prosseguiu.

Outra terrível decepção a aguardava ali. Sim, Jack estivera na cidade. Que sorte! Mas infelizmente já tinha ido embora. Ela o estava alcançando: agora, apenas um mês de viagem os separava. Mais uma vez, porém, ninguém sabia para onde ele tinha ido.

Em Compostela, conseguira calcular que ele devia ter ido para o sul, pois ela viera do leste, e a norte e oeste só havia o mar. Ali, para seu azar, havia inúmeras possibilidades. Ele poderia ter ido para nordeste, de volta na direção da França; para oeste, rumo a Portugal; ou então para o sul, onde ficava Granada; e do litoral da Espanha poderia ter pegado um navio para Roma, Túnis, Alexandria ou Beirute.

Aliena resolveu que, se não conseguisse um forte indício da direção que ele havia tomado ao deixar Toledo, desistiria da busca. Estava no limite de suas forças e muito longe de casa. Restava-lhe muito pouca energia e determinação, e não conseguiria prosseguir apenas com uma tênue esperança de sucesso. Estava preparada para dar meia-volta, retornar à Inglaterra e tentar esquecer Jack para sempre.

Outro criado emergiu da casa branca. Ele vestia roupas mais caras e falava francês. Olhou para Aliena com cautela, mas foi educado quando se dirigiu a ela:

– A senhora é amiga do Sr. Jack?

– Sim, uma velha amiga da Inglaterra. Gostaria de falar com Raschid Alharoun.

O criado olhou de relance para o bebê.

– Sou parente de Jack – informou Aliena.

Não chegava a ser mentira: ela era a ex-esposa de seu meio-irmão, ou seja, havia parentesco.

O criado abriu mais o portão.

– Por favor, me acompanhe – disse ele.

Agradecida, Aliena entrou. Se a tivessem mandado embora ali, teria sido o fim da linha.

Seguiu o criado por um pátio agradável, onde havia um chafariz borbulhante. Perguntou-se o que teria levado Jack até a casa daquele rico negociante. A amizade entre os dois lhe parecia improvável. Teria Jack recitado suas narrativas à sombra daqueles arcos?

Eles entraram na casa. Era uma residência suntuosa: cômodos de pé-direito alto e frescos, pisos de pedra e mármore, móveis com intrincados entalhes e ricos estofados. Eles atravessaram dois arcos e uma porta de madeira, então Aliena teve a sensação de que deviam ter entrado na ala das mulheres. O criado ergueu a mão para que ela esperasse e pigarreou.

Um segundo depois, uma sarracena alta vestida com uma túnica preta entrou deslizando no recinto, segurando o canto da roupa na frente da boca em uma postura ofensiva em qualquer idioma. Olhou para Aliena e perguntou, em francês:

– Quem é você?

Aliena se empertigou até o máximo de sua estatura.

– Sou lady Aliena, filha do falecido conde de Shiring – falou no tom

mais ativo de que foi capaz. – Suponho que tenho o prazer de falar com a esposa de Raschid, o vendedor de pimentas.

Era capaz de jogar aquele jogo tão bem quanto qualquer um.

– O que você quer?

– Vim falar com Raschid.

– Ele não recebe mulheres.

Aliena entendeu que não tinha a menor chance de conseguir a cooperação daquela mulher. Mas como não tinha mais para onde ir, continuou tentando:

– Talvez ele receba uma amiga de Jack – insistiu.

– Jack é seu marido?

– Não. – Aliena hesitou. – Meu cunhado.

A mulher fez cara de cética. Como a maioria das pessoas, devia supor que Jack havia engravidado Aliena e depois a abandonado, e que ela o perseguia para obrigá-lo a se casar e sustentar a criança.

A sarracena se virou parcialmente para trás e gritou algo numa língua que Aliena não entendeu. Instantes depois, três jovens mulheres entraram no recinto. Pela aparência, era óbvio que se tratava das filhas da primeira. A mãe se dirigiu a elas na mesma língua, e todas encararam Aliena. Seguiu-se um diálogo rápido no qual o nome Jack ocorreu várias vezes.

Aliena se sentiu humilhada. Teve vontade de dar meia-volta e sair dali, mas isso significaria desistir completamente da busca. Aquelas pessoas horríveis eram sua última esperança. Ergueu a voz para interromper a conversa.

– Onde está Jack? – perguntou.

Queria soar enérgica, mas para sua consternação a voz saiu em tom de súplica.

As filhas se calaram.

– Não sabemos onde ele está – disse a mãe.

– Quando o viram pela última vez?

A mulher hesitou. Não queria responder, mas tampouco podia fingir não saber.

– Ele foi embora de Toledo um dia depois do Natal – respondeu ela, relutante.

Aliena forçou um sorriso simpático.

– Lembra-se de ele ter dito para onde estava indo?

- Já disse, não sabemos onde ele está.
- Talvez ele tenha dito algo para seu marido.
- Não, não disse.

Aliena começou a ficar desesperada. Teve a intuição de que aquela mulher sabia algo mais, mas não iria revelar. De repente, sentiu-se fraca e cansada.

– Jack é o pai do meu filho – falou, com lágrimas nos olhos. – A senhora não acha que ele ia gostar de conhecer o menino?

A mais nova das três jovens começou a dizer algo, mas a mãe a interrompeu. Seguiu-se um diálogo curto e virulento: mãe e filha tinham o mesmo temperamento impetuoso. No fim, porém, a filha se calou.

Aliena aguardou, mas nada mais foi dito. As quatro se limitaram a encará-la. Não restava dúvida quanto à hostilidade, mas elas estavam tão curiosas que não tinham pressa de vê-la partir. No entanto, de nada adiantava ficar. Era melhor que ela fosse embora, voltasse para a hospedaria e tomasse providências para a longa viagem de volta para Kingsbridge. Inspirou fundo e falou, com uma voz fria e firme:

– Agradeço a hospitalidade.

A mãe teve a elegância de aparentar um leve embaraço.

Aliena se retirou.

O criado aguardava do lado de fora. Acertou o passo com o dela e a acompanhou até a saída. Ela piscou os olhos para conter as lágrimas. Era uma frustração insuportável saber que toda a sua viagem havia fracassado por causa da maldade de uma mulher.

O criado a conduziu pelo pátio. Quando estavam chegando ao portão, Aliena ouviu alguém correndo em sua direção. Ao se virar, deu com a filha caçula. Parou e esperou. O criado pareceu constrangido.

A moça era baixa, esguia e muito bonita, com a pele dourada e os olhos quase negros de tão escuros. Usava um vestido branco que fez Aliena se sentir suja. Falava um francês capenga.

– Você o ama? – disparou ela.

Aliena hesitou. Entendeu que não tinha mais dignidade nenhuma a perder.

– Sim, amo – confessou.

– Ele ama você?

Aliena estava a ponto de responder que sim, mas então se deu conta de

que fazia mais de um ano que não o via.

– Amava – respondeu.

– Acho que ele a ama – concluiu a moça.

– Por que diz isso?

Os olhos dela ficaram marejados.

– Eu o queria para mim. E quase consegui. – Ela olhou para o bebê. – Cabelos ruivos e olhos azuis.

As lágrimas começaram a rolar por suas faces delicadas e morenas.

Aliena a encarou. Aquilo explicava a recepção hostil. A mãe queria que Jack se casasse com a filha. Ela não devia ter mais do que 16 anos, mas a aparência sensual a fazia parecer mais velha. Aliena se perguntou o que exatamente teria acontecido entre os dois.

– “Quase” conseguiu? – indagou.

– Sim – disse a moça, em tom de desafio. – Eu sei que ele gostava de mim. Ele partiu meu coração quando foi embora. Mas agora compreendo.

Ela perdeu o autocontrole e seu rosto se contorceu de dor.

Aliena entendia a dor de uma mulher que havia amado e perdido Jack. Em um gesto de reconforto, tocou o ombro da moça. Mas havia algo mais importante do que compaixão.

– Escute – disse, com urgência. – Você sabe para onde ele foi?

A moça ergueu o rosto e aquiesceu, aos soluços.

– Me diga!

– Para Paris.

Paris!

Aliena ficou radiante. Estava de volta à trilha certa. Paris ficava muito longe, mas a viagem seria quase toda por terreno conhecido. E Jack estava apenas um mês na sua frente. Ela se sentiu rejuvenescida. Vou conseguir encontrá-lo, pensou. Eu sei que vou!

– Você vai para Paris agora? – quis saber a moça.

– Ah, vou – respondeu Aliena. – Já vim de tão longe... Não posso parar agora. Obrigada por me ajudar. Obrigada.

– Eu quero que ele seja feliz – revelou a outra.

O criado se remexeu, incomodado. Pelo visto, pensava que aquilo poderia lhe causar problemas.

– Ele disse mais alguma coisa? – perguntou Aliena à moça. – Que estrada iria seguir, ou qualquer outra informação que possa me ajudar?

– Ele quer ir a Paris porque alguém lhe contou que lá estão construindo lindas igrejas.

Aliena aquiesceu. Devia ter imaginado.

– E ele levou a mulher que chora.

Não entendeu a que a moça estava se referindo.

– Mulher que chora?

– Meu pai deu a ele a mulher que chora.

– Uma mulher?

A moça balançou a cabeça.

– Não sei as palavras certas. Uma mulher. Ela chora. Pelos olhos.

– Um quadro, você quer dizer? Uma mulher pintada?

– Não entendo – disse a moça. Olhou por cima do ombro, aflita. – Preciso ir.

O que quer que fosse aquela mulher que chorava não parecia muito importante.

– Obrigada por me ajudar – falou Aliena.

A moça se curvou e beijou a cabeça do bebê. As lágrimas caíram nas bochechas rechonchudas. Ela ergueu os olhos para Aliena.

– Eu queria ser você – falou.

Então ela se virou e voltou correndo para dentro de casa.



O quarto de Jack ficava na Rue de la Boucherie, num bairro de Paris situado à margem esquerda do Sena. Ele selou o cavalo quando o dia raiou. No final da rua, dobrou à direita e passou pelo portão fortificado que protegia a Petit Pont, ponte que conduzia à cidade-ilha no meio do rio.

As casas de madeira de um lado e de outro se projetavam sobre o rio, nas bordas da ponte. Nas brechas entre as construções havia bancos de pedra nos quais, mais tarde pela manhã, professores famosos dariam aulas ao ar livre. A ponte levou Jack até a Juiverie, principal rua da ilha. As padarias estavam apinhadas de estudantes fazendo o desjejum. Jack comprou uma torta recheada de enguia.

Virou à esquerda em frente à sinagoga, depois à direita no palácio do rei e atravessou a Grand Pont, que conduzia à margem direita. As

pequenas e sólidas casas de câmbio e oficinas de ourives de ambos os lados começavam a abrir as portas. No final da ponte, ele atravessou outro portão e entrou no mercado de peixe, que já estava em plena atividade. Abriu caminho por entre a multidão e pegou a estrada enlameada que conduzia à cidade de Saint-Denis.

Quando ainda estava na Espanha, um pedreiro viajante havia lhe falado sobre o abade Suger e a nova igreja que ele estava construindo em Saint-Denis. Naquela primavera, enquanto atravessava a França rumo ao norte, trabalhando por alguns dias sempre que precisava de dinheiro, ouvira falar muitas vezes naquela cidade. Ao que parecia, os construtores colocavam em prática as novas técnicas – abóbadas em cruzaria e arcos ogivais –, e a combinação era impressionante.

Jack percorreu por mais de uma hora campos e vinhedos. A estrada não era calçada, mas havia marcos para contar os quilômetros. Passou pela colina de Montmartre, sobre a qual havia um templo romano em ruínas, e atravessou Clignancourt. Uns 5 quilômetros depois desse povoado, chegou à pequena cidade murada de Saint-Denis.

Denis fora o primeiro bispo de Paris. Decapitado em Montmartre, caminhara com a própria cabeça nas mãos até aquela localidade na zona rural, onde finalmente caíra morto. Uma mulher religiosa o havia enterrado e um mosteiro fora construído sobre seu túmulo. A igreja se tornara o local de sepultamento dos reis da França. O atual abade, Suger, homem de grande poder e ambição, tinha reformado o mosteiro e estava agora modernizando a igreja.

Jack entrou na cidade e parou a égua no meio da praça do mercado para poder erguer os olhos e observar a fachada oeste da igreja. Ali não havia nada de revolucionário. Era uma fachada simples, à moda antiga, com duas torres gêmeas e três entradas encimadas por arcos redondos. Ele gostava bastante do modo como as colunas se destacavam da parede, mas não teria percorrido quase 10 quilômetros para ver aquilo.

Amarrou o cavalo a uma estaca em frente à igreja e se aproximou. As esculturas ao redor das três portas eram muito boas: personagens vívidos, talhados com precisão. Ele entrou.

Lá dentro, a mudança foi imediata. Antes da nave em si havia um vestíbulo baixo, ou nártex. Quando ergueu os olhos para o teto, foi tomado por uma onda de emoção. Os construtores haviam usado uma combinação

de abóbadas em cruzaria e arcos ogivais, e ele viu na hora que as duas técnicas se encaixavam perfeitamente: a graça do arco ogival era acentuada pelas nervuras que acompanhavam seu contorno.

E havia mais. Entre as nervuras, no lugar do preenchimento normal de argamassa e entulho, haviam usado pedras, como em uma parede. Por ser mais forte, a camada de pedra decerto podia ser mais fina, notou Jack, e portanto mais leve.

Com o rosto virado para cima e o pescoço esticado até ficar dolorido, percebeu mais um aspecto notável daquela combinação. Dois arcos ogivais de larguras diferentes podiam subir até a mesma altura, bastando para isso ajustar a curva de cada um. Isso dava ao tramo um aspecto mais regular. Naturalmente, aquilo não podia ser feito com arcos redondos: a altura de um arco semicircular era sempre igual à metade da largura, de modo que um arco mais largo tinha de ser mais alto do que outro mais estreito. Ou seja, em um tramo retangular, os arcos estreitos precisavam partir de um ponto na parede mais alto do que os mais largos para que os topos ficassem no mesmo nível e o teto fosse reto. O resultado era sempre desequilibrado. Esse problema agora havia desaparecido.

Jack baixou a cabeça para descansar o pescoço. Sentia o júbilo de um rei que acabava de ser coroado. Era assim que ele iria construir sua catedral, pensou.

Olhou para o corpo principal da igreja. A nave em si, embora relativamente comprida e larga, era obviamente muito antiga: fora construída anos antes por um mestre diferente do atual, e era bastante convencional. No ponto em que a nave cruzava com o transepto, porém, parecia haver degraus que desciam, sem dúvida, em direção à cripta e aos túmulos reais, e outros que subiam para a chancela, que parecia flutuar um pouco acima do chão. Daquele ângulo, a estrutura estava oculta por uma luz ofuscante que entrava pelas janelas do lado leste, e Jack chegou a imaginar que as paredes estariam inacabadas, deixando o sol entrar pelos buracos.

Avançou pela galeria sul até o transepto. Ao se aproximar da chancela, viu à sua frente algo notável. De fato, a luz do sol entrava, mas a abóbada parecia concluída e não havia buracos nas paredes. Quando saiu da galeria para o coro, descobriu que o sol entrava por fileiras de janelas altas, algumas feitas de vidro colorido, e toda aquela claridade parecia encher de

calor e luz o imenso corpo vazio da igreja. Não entendeu como eles haviam conseguido uma área de janelas tão grande: era como se houvesse mais janelas do que parede. Ficou embasbacado. Como era possível uma coisa daquelas a não ser por magia?

Um arrepio de medo e superstição o transpassou quando ele subiu os degraus até a chancela. No alto da escada, parou e encarou a confusão de fachos coloridos de luz e pedras à sua frente. Aos poucos, entendeu que tinha visto algo parecido com aquilo, só que na própria imaginação. Aquela era a igreja que ele havia sonhado em construir, com janelas imensas e abóbadas altíssimas, uma estrutura de luz e espaço que parecia sustentada por encanto.

Instantes depois, viu as coisas de outro modo. De repente tudo se encaixou no lugar e em um clarão revelador Jack entendeu o que o abade Suger e seu construtor tinham feito.

O princípio das abóbadas em cruzaria eram nervuras sólidas, e as brechas que as separavam, preenchidas com material leve. *Eles haviam aplicado aquele princípio ao edifício inteiro.* A parede da chancela era formada por colunas fortes unidas por janelas. A arcada que separava a chancela das galerias laterais não era uma parede, mas sim uma sequência de colunas unidas por arcos ogivais que deixava grandes vazios pelos quais a luz das janelas podia iluminar o meio da igreja. A nave em si era dividida ao meio por uma fileira de colunas finas.

Arcos ogivais e abóbadas em cruzarias haviam sido combinados ali da mesma forma que no nártex, mas agora estava claro que o vestíbulo fora apenas um teste cauteloso daquela nova tecnologia. Em comparação com a nave, o nártex era grosseiro, as nervuras e os relevos, pesados, e os arcos, pequenos demais. Ali, por sua vez, tudo era fino, leve, delicado e arejado. Os relevos de volutas simples eram estreitos, e as colunetas, compridas e finas.

Tudo aquilo parecia frágil demais para se manter em pé, mas as nervuras demonstravam claramente como o peso da estrutura era sustentado pelos pilares e pelas colunas. A igreja era uma demonstração visível de que um edifício grande não precisava de paredes grossas com janelas diminutas e imensos pilares. Contanto que o peso fosse distribuído de forma precisa em um esqueleto de sustentação, o resto da estrutura podia ser cantaria leve, vidro ou espaços vazios. Jack estava fascinado. Era

quase como se apaixonar. Euclides fora uma revelação, mas aquilo era mais do que uma revelação, pois também tinha beleza. Ele já tivera visões de uma igreja assim, e agora estava realmente ali, sob sua abóbada alta como o céu, e podia olhá-la e tocá-la.

Caminhou meio zozzo até a extremidade leste, que terminava em curva, examinando as abóbadas da nave dupla. As nervuras se curvavam acima de sua cabeça feitos galhos de uma floresta de árvores de pedra perfeitas. Ali, como no nártex, o espaço entre as nervuras do teto era preenchido com pedras unidas por argamassa em vez da técnica mais fácil, porém mais pesada, do entulho com argamassa. A parede externa da nave tinha pares de grandes janelas ogivais para combinar com os arcos. A arquitetura revolucionária era complementada com perfeição pelas janelas coloridas. Jack nunca vira vidro colorido na Inglaterra, mas na França havia topado com vários exemplos. Nas pequenas janelas de uma igreja construída à moda antiga, porém, esse vidro não alcançava seu pleno potencial. Ali, o efeito do sol matinal a entrar pelas janelas multicoloridas era mais do que belo, era assombroso.

Como a igreja tinha os fundos em curva, as galerias laterais se dobraram até se encontrar na extremidade, formando um corredor semicircular chamado deambulatório. Jack deu a volta inteira no semicírculo, então se virou e, ainda maravilhado, fez o caminho de volta até o ponto de partida.

Ali viu uma mulher.

Reconheceu-a.

Ela sorriu.

O coração dele parou de bater.



Aliena protegia os olhos. O sol que entrava pelas janelas na extremidade leste da igreja ofuscava sua visão. Como uma aparição, uma silhueta emergiu de um clarão de luz colorida e veio andando na sua direção. Parecia que seus cabelos estavam em chamas. Foi chegando mais perto. Era Jack.

Ela teve a sensação de que ia desmaiar.

Ele se aproximou e ficou parado na sua frente. Estava magro, muito magro, mas seus olhos tinham um brilho intenso de emoção. Passaram alguns instantes se encarando em silêncio.

Quando ele falou, sua voz saiu rouca:

– É mesmo você?

– Sim – respondeu ela, num sussurro. – Sim, Jack. Sou mesmo eu.

A tensão foi forte demais e ela começou a chorar. Ele a tomou nos braços e a apertou contra si, com o bebê no colo dela entre os dois, e afagou-lhe as costas enquanto dizia “Pronto, pronto”, como se ela fosse uma criança. Aliena se apoiou nele e sentiu seu cheiro conhecido de poeira, ouviu sua voz querida a tranquilizá-la e deixou que as lágrimas molhassem seu ombro ossudo.

Por fim, ele olhou para ela.

– O que está fazendo aqui? – perguntou.

– Procurando você – respondeu ela.

– Me procurando? – repetiu ele, sem acreditar. – Mas... como me achou?

Ela enxugou os olhos e fungou.

– Eu segui você.

– Como?

– Perguntei às pessoas se elas o tinham visto. Pedreiros, sobretudo, mas também alguns monges e donos de hospedaria.

Ele arregalou os olhos.

– Quer dizer que você esteve na Espanha?

Ela aquiesceu.

– Fui a Compostela, depois a Salamanca, e então Toledo.

– Há quanto tempo está viajando?

– Três quartos de ano.

– Mas por quê?

– Porque eu amo você.

Foi a vez de Jack sucumbir à emoção e seus olhos ficaram marejados.

– Eu também amo você – sussurrou ele.

– Ama mesmo? Ainda?

– Ah, amo, sim.

Ela sabia que ele estava dizendo a verdade. Inclinou o rosto em direção ao dele. Ele se curvou por cima do bebê e a beijou de leve. O contato da

boca de Jack a deixou tonta.

O bebê chorou.

Ela interrompeu o beijo e o ninou um pouco, até o menino se aquietar.

– Qual é o nome do bebê? – quis saber Jack.

– Ainda não escolhi.

– Por que não? Ele já deve ter 1 ano!

– Queria consultar você.

– A mim? – Jack franziu o cenho. – Mas e Alfred? É ao pai que cabe – Não terminou a frase. – Por quê? Ele... ele é meu?

– Olhe para a cara dele – respondeu Aliena.

Jack olhou.

– Cabelos ruivos... Deve fazer um ano e três quartos desde que...

Aliena aquiesceu.

– Meu Deus! – exclamou Jack. Estava assombrado. – Meu filho.

Ele engoliu em seco.

Aliena observou aflita o rosto dele enquanto ele tentava absorver a notícia. Será que veria aquilo como o fim de sua juventude e liberdade? Seu rosto estava sério agora. Em geral, um homem tinha nove meses para se acostumar com a ideia de ser pai. Jack teve de lidar com aquilo de uma só vez. Tornou a olhar para a criança e por fim sorriu.

– Nosso filho – falou. – Estou tão feliz.

Aliena deu um suspiro de alegria. Tudo estava bem, enfim.

Outro pensamento ocorreu a Jack.

– E Alfred? Ele sabe que...?

– Claro. Bastou olhar para o menino. Além do mais... – Ela ficou encabulada. – Além do mais, sua mãe amaldiçoou o casamento e Alfred nunca conseguiu...você sabe... fazer nada.

Jack deu uma risada cruel.

– Eis a verdadeira justiça – falou.

Aliena não gostou do prazer com o qual ele disse aquilo.

– Foi muito difícil para mim – disse, num leve tom de reprovação.

A expressão de Jack mudou depressa.

– Sinto muito – falou. – O que Alfred fez?

– Quando viu o bebê, me expulsou de casa.

Aquilo deixou Jack com raiva.

– Ele machucou você?

– Não.

– É um porco mesmo assim.

– Achei bom ele ter nos expulsado. Foi por isso que vim procurar você. E agora o encontrei. Estou tão feliz que nem sei o que fazer.

– Você foi muito corajosa – disse Jack. – Ainda não consigo acreditar. Você me seguiu por toda essa distância!

– E faria tudo outra vez – retrucou ela, emocionada.

Ele tornou a beijá-la.

– Se vocês insistirem em se comportar desse modo libertino na igreja – disse uma voz em francês –, por favor, permaneçam na nave.

Era um jovem monge.

– Desculpe, padre – falou Jack. Segurou Aliena pelo braço. Os dois desceram os degraus e atravessaram o transepto sul – Já fui monge – comentou ele. – Sei como é difícil para eles ver um casal feliz se beijando.

Um casal feliz, pensou Aliena. É isso que nós somos.

Atravessaram toda a igreja e saíram para a movimentada praça do mercado. Aliena mal pôde acreditar que estava ali, sob aquele sol, com Jack ao seu lado. A felicidade era quase grande demais para suportar.

– Bem – disse ele –, o que vamos fazer?

– Não sei – respondeu ela com um sorriso.

– Vamos comprar um pão e um odre de vinho e ir até os campos almoçar.

– Parece o paraíso.

Eles passaram na padaria e numa taberna, em seguida compraram uma fatia de queijo de uma queijeira no mercado. Em pouquíssimo tempo, estavam saindo do vilarejo em direção ao campo. Aliena teve de olhar várias vezes para Jack para se certificar de que ele estava realmente ali, cavalgando ao seu lado, respirando e sorrindo.

– Como Alfred está dando conta da obra? – indagou ele.

– Ah! Ainda não lhe contei! – Aliena havia esquecido quanto tempo ele passara fora. – Houve um desastre horrível. O telhado desabou.

– O quê? – A exclamação de Jack foi quase um grito e assustou sua égua, que deu uns passos nervosos para o lado, até ele conseguir acalmá-la. – Como isso aconteceu?

– Ninguém sabe. Eles conseguiram terminar a abóbada em três tramos para o domingo de Pentecostes e aí tudo desabou durante a missa. Foi um

horror. Morreram 79 pessoas.

– Que coisa terrível. – Jack estava abalado. – Como o prior Philip reagiu?

– Mal. Ele desistiu completamente da obra. Parece ter perdido toda a energia. Agora não faz mais nada.

Jack achou difícil imaginar Philip nesse estado. O prior sempre lhe pareceram um homem cheio de entusiasmo e determinação.

– E o que aconteceu com os artesãos?

– Foram embora aos poucos. Alfred agora mora em Shiring e constrói casas.

– Kingsbridge deve ter esvaziado muito.

– Está virando um povoado outra vez, como antigamente.

– Onde será que Alfred errou? – indagou Jack, mais para si mesmo. – A abóbada de pedra nunca fez parte do projeto original de Tom, mas Alfred aumentou os contrafortes para suportar o peso, então não deveria ter havido problemas.

Jack ainda estava absorvendo a notícia e os dois seguiram seu caminho em silêncio. Pouco mais de 1 quilômetro após sair de Saint-Denis, amarraram os cavalos à sombra de um olmo e se sentaram para almoçar na borda de uma plantação de trigo verdejante, ao lado de um pequeno regato. Jack tomou um gole de vinho e estalou os lábios.

– A Inglaterra não tem nada que se compare ao vinho francês – comentou.

Partiu o pão e deu um pedaço para Aliena.

Envergonhada, ela abriu o cordão que fechava o vestido e deu o seio ao filho. Pegou Jack olhando e corou. Então limpou a garganta com um pigarro e, para disfarçar o constrangimento, puxou conversa.

– Como você gostaria de chamá-lo? – indagou, embaraçada. – Jack, talvez?

– Não sei. – Ele pareceu pensar um pouco. – Jack foi o pai que eu nunca conheci. Talvez dê azar pôr o mesmo nome no nosso filho. O mais perto que cheguei de ter um pai foi Tom Builder.

– Gostaria de chamá-lo de Tom?

– Acho que sim.

– Tom era um homem tão alto... Que tal Tommy?

Jack concordou.

– Tommy, então.

Alheio à importância daquele momento, Tommy havia pegado no sono após se saciar de leite. Aliena o deitou no chão com um lenço dobrado debaixo da cabeça servindo de travesseiro. Então olhou para Jack. Sentia-se encabulada. Queria que ele fizesse amor com ela ali mesmo em cima da grama, mas tinha certeza de que ele ficaria chocada caso pedisse, então apenas olhou para ele e esperou.

– Se eu disser uma coisa – falou ele –, promete que não vai pensar mal de mim?

– Prometo.

– Desde que eu vi você – começou, envergonhada –, só consigo pensar no seu corpo nu debaixo desse vestido.

Ela sorriu.

– Isso não me faz pensar mal de você – disse ela. – Fico feliz.

Jack a encarou com desejo.

– Adoro quando você me olha assim – completou ela.

Ele engoliu em seco.

Aliena estendeu os braços e ele chegou perto e a abraçou.

Fazia quase dois anos desde a única vez que eles tinham se amado. Naquela manhã, ambos haviam sido engolfados pelo desejo e pelo arrependimento. Agora, eram apenas dois amantes em uma campina. De repente, Aliena ficou nervosa. Será que agora as coisas ficariam bem? Seria terrível se tudo desse errado depois de todo aquele tempo.

Eles se deitaram na grama lado a lado e se beijaram. Ela fechou os olhos e abriu a boca. Sentiu as mãos ávidas de Jack sobre seu corpo, explorando com urgência. Uma fisgada contraiu seu sexo. Ele a beijou nas pálpebras e na ponta do nariz.

– Passei esse tempo todo desejando você, todos os dias – disse ele.

Ela o abraçou com força.

– Estou tão feliz por ter encontrado você... – falou.

Eles se amaram ao ar livre, tranquilos e felizes, com o sol a aquecê-los e o regato a borbulhar ao seu lado. Tommy dormiu o tempo todo, e acordou apenas quando tinham acabado.



A estátua de madeira da mulher que chorava não tinha vertido uma só lágrima desde a Espanha. Como Jack não compreendia seu funcionamento, não sabia por que ela não chorava fora de seu país natal. No entanto, supunha que as lágrimas que surgiam ao cair da noite eram causadas pelo súbito resfriamento do ar e havia percebido que o poente nos territórios do norte era mais gradual. Desconfiava, portanto, de que o problema tivesse a ver com o anoitecer mais lento. Mesmo assim, guardou a estátua consigo. Apesar de ser um tanto grande para carregar, era uma recordação de Toledo e o fazia se lembrar de Raschid e (embora ele não tenha contado isso a Aliena) de Aysha também. No entanto, quando um canteiro de Saint-Denis quis um modelo para uma estátua da Virgem Maria, Jack levou a mulher de madeira para a oficina dos pedreiros e a deixou lá.

Fora contratado pela abadia para trabalhar na reforma da igreja. A nova chancela, que tanto o havia impressionado, ainda não estava concluída, e precisava ser terminada a tempo para a cerimônia de dedicação no meio do verão. Mas o enérgico abade já estava se preparando para reconstruir a nave no mesmo estilo revolucionário, e Jack teria de talhar pedras antecipadamente para esse fim.

A abadia alugou uma casa no vilarejo e ele se mudou para lá junto com Aliena e Tommy. Na primeira noite que os dois passaram na casa, fizeram amor cinco vezes. Viver juntos como marido e mulher lhes pareceu a coisa mais natural do mundo. Bastaram alguns dias para que Jack tivesse a sensação de que sempre haviam vivido juntos, e ninguém perguntou se a união deles tivera a bênção da igreja.

O mestre construtor de Saint-Denis era de longe o pedreiro mais talentoso que Jack já conhecera. Conforme eles concluía a chancela e se preparavam para reconstruir a nave, prestou atenção para absorver tudo o que ele fazia. Os avanços técnicos eram obra sua, não do abade. Suger de modo geral defendia as novas ideias, mas os ornamentos lhe interessavam mais do que a estrutura. A menina dos seus olhos era o novo túmulo que abrigaria os restos mortais de São Dinis e de seus dois companheiros, Rústico e Eleutério. As relíquias estavam guardadas na cripta, mas Suger planejava levá-las para a nova chancela de modo que o mundo inteiro as pudesse ver. Os três caixões repousariam dentro de um túmulo de pedra revestido de mármore negro. A parte superior do túmulo seria uma igreja em miniatura feita de madeira folheada a ouro, e na nave e nas galerias

laterais da miniatura haveria três caixões vazios, um para cada mártir. O túmulo ficaria no centro da chancela, colado à parte de trás do novo altar-mor. Tanto o altar quanto a base do túmulo já estavam prontos, e a igreja em miniatura estava na oficina de carpintaria, onde um artesão meticuloso cuidava de dourar a madeira com uma caríssima folha de ouro. Suger não era homem de fazer as coisas pela metade.

Conforme os preparativos para a cerimônia de consagração se aceleravam, Jack percebeu como o abade era um organizador formidável. Suger convidou todos que tinham alguma importância e a maioria aceitou, inclusive o rei e a rainha da França e dezenove arcebispos e bispos, entre eles o arcebispo de Canterbury. Essas migalhas de notícias eram ouvidas pelos artesãos enquanto trabalhavam na igreja. Jack muitas vezes viu Suger em pessoa, trajando seu hábito grosseiro, andando pelo mosteiro a passos largos e dando instruções a um bando de monges que o seguia como patinhos atrás da mãe. Ele o fazia pensar em Philip de Kingsbridge. Assim como o inglês, Suger tinha origem pobre e fora criado no mosteiro. Como Philip, havia reorganizado as finanças e reforçado a administração de suas propriedades, que agora geravam muito mais renda; também gastava o dinheiro extra na construção. E, como Philip, era um homem ocupado, enérgico e decidido.

A não ser pelo fato de, segundo Aliena, Philip não ser mais nenhuma dessas coisas.

Jack achava difícil imaginar isso. Um Philip passivo parecia tão improvável quanto um Waleran Bigod bondoso. No entanto, o prior havia amargado uma série de terríveis decepções. Primeiro houvera o incêndio da cidade. Jack estremeceu ao recordar aquele dia terrível: a fumaça, o medo, os medonhos soldados sobre os cavalos e com suas tochas acesas e o pânico cego da multidão histérica. Talvez Philip tenha desanimado nesse dia. Certamente a cidade havia perdido a coragem após o episódio. Jack se lembrava bem da atmosfera de medo e incerteza que continuara a pairar sobre Kingsbridge como um leve mas inconfundível cheiro de putrefação. Sem dúvida, Philip quisera que a inauguração da nova chancela fosse um símbolo de esperança renovada. Então, quando aquilo se transformou em um novo desastre, deve ter desistido.

Agora os construtores tinham partido, o mercado declinara e a população estava diminuindo. Segundo Aliena, os jovens começavam a se

mudar para Shiring. Era apenas um problema de ânimo, claro: o priorado ainda tinha todas as suas propriedades, inclusive os imensos rebanhos de ovelhas que rendiam centenas de libras por ano. Se fosse apenas uma questão de dinheiro, Philip com certeza teria como recomeçar a construção em alguma escala. É claro, não seria fácil: os pedreiros relutariam, supersticiosos, em trabalhar em uma igreja que já havia desabado uma vez e seria complicado instigar novamente o entusiasmo dos moradores. Mas o principal problema, a julgar pelo que Aliena tinha dito, era que Philip perdera a vontade. Jack queria poder fazer alguma coisa.

Enquanto isso, os bispos, arcebispos, duques e condes começaram a chegar a Saint-Denis dois ou três dias antes da cerimônia. Todas as pessoas importantes eram levadas para fazer uma visita guiada ao edifício. Os mais distintos eram acompanhados pelo próprio Suger, e os dignatários menores por monges ou artesãos. Sem exceção, ficaram pasmos com a leveza da nova construção e com o efeito luminoso dos imensos vitrais coloridos das janelas. Como quase todos os líderes importantes da Igreja na França estavam vendo aquilo, Jack se deu conta de que o novo estilo decerto seria largamente imitado. Os pedreiros que pudessem comprovar que de fato trabalharam em Saint-Denis certamente seriam muito requisitados. Ir para lá tinha sido uma escolha inteligente, mais do que ele imaginara: suas chances de projetar e construir a própria catedral eram agora muito maiores.

O rei Luís chegou no sábado, junto com a esposa e a mãe, e se hospedaram na casa do abade. Nessa noite, cantaram-se as matinas desde o crepúsculo até a aurora. Quando o sol nasceu, camponeses e cidadãos parisienses já estavam amontoados em frente à igreja à espera do que prometia ser a maior reunião de homens santos e poderosos que a maioria deles veria na vida. Jack e Aliena foram se juntar à multidão assim que Tommy acabou de se alimentar. Um dia, pensou Jack, vou dizer ao meu filho: “Você não se lembra, mas quando tinha apenas 1 ano viu o rei da França.”

Eles compraram pão e sidra para o desjejum e comeram enquanto esperavam a cerimônia começar. O público não podia entrar na igreja, é claro, e os homens de armas do rei o mantinham afastado, mas todas as portas estavam abertas e as pessoas se aglomeravam nos pontos de onde podiam ver lá dentro. A nave se encontrava repleta de homens e mulheres

nobres. Felizmente, por causa da grande cripta que havia embaixo, a chancela ficava vários palmos acima do nível do chão, de modo que Jack pôde assistir a tudo.

Houve uma agitação no outro extremo da nave e de repente todos os nobres se curvaram. Por cima das cabeças abaixadas, Jack viu o rei entrar na igreja pelo sul. Não conseguiu ver seu rosto para distinguir os traços, mas a túnica roxa criou uma intensa mancha colorida à medida que ele avançava até o meio do coro e se ajoelhava diante do altar-mor.

Os bispos e os arcebispos foram logo atrás. Todos usavam vestes brancas ofuscantes bordadas a ouro, e cada um carregava seu báculo cerimonial. Em teoria, o báculo devia ser um simples cajado de pastor, mas tantos deles eram cravejados de joias esplêndidas que a procissão inteira cintilava feito um riacho cortando uma encosta sob o sol.

Avançaram lentamente pela igreja, subiram os degraus da chancela e ocuparam seus lugares previamente designados em torno da pia batismal, que, Jack sabia, por ter observado os preparativos, continha vários litros de água benta. Seguiu-se um intervalo, no qual foram ditas preces e cantados hinos. A plateia começou a se agitar e Tommy ficou entediado. Então os bispos tornaram a se mover em procissão.

Para grande decepção dos espectadores, eles deixaram a igreja pela porta sul e desapareceram no claustro, mas então saíram dos edifícios monásticos e seguiram em fila até a frente da igreja. Cada bispo carregava na mão uma escovinha chamada aspersório e um recipiente com água benta e, conforme avançavam, sem parar de cantar, mergulhavam as escovinhas na água e salpicavam as paredes da igreja. A multidão se moveu para a frente. Os fiéis imploravam por uma bênção e tentavam tocar as vestes brancas como a neve dos religiosos. Os homens de armas do rei as golpearam com porretes para fazê-las recuar. Jack ficou bem para trás no meio da multidão. Não queria bênção nenhuma e preferia manter distância daqueles porretes.

Aquela impressionante procissão então avançou pelo lado norte da igreja e a multidão a seguiu, pisando em cima dos túmulos do cemitério. Alguns espectadores haviam se posicionado ali de antemão e resistiram à pressão dos recém-chegados. Uma ou duas brigas irromperam.

Os bispos passaram pelo pórtico norte e continuaram dando a volta no semicírculo do lado leste, a parte nova da igreja. Era ali que tinham sido

construídas as oficinas dos artesãos, e a multidão se espalhou em volta dos frágeis barracões de madeira, quase os derrubando. Quando os primeiros bispos da procissão começaram a desaparecer outra vez dentro da abadia, os espectadores mais histéricos se desesperaram e começaram a empurrar com mais força e os homens do rei reagiram de maneira mais violenta.

Jack começou a ficar nervoso.

– Não estou gostando disso – comentou com Aliena.

– Eu ia dizer a mesma coisa – retrucou ela. – Vamos sair do meio dessa gente.

Antes que conseguissem se mexer, armou-se uma confusão entre os homens do rei e um grupo de jovens na frente da multidão. Os homens de armas brandiam seus porretes com selvageria para todos os lados, mas, em vez de se encolher, os jovens reagiam. Os últimos bispos entraram depressa no claustro com uma última e protocolar aspersão de água benta na parte final da chancela. Quando os religiosos sumiram de vista, a multidão voltou sua atenção para os homens de armas. Alguém atirou uma pedra e acertou um deles bem no meio da testa. A multidão urrou quando ele caiu. Os embates corpo a corpo se multiplicaram depressa. Homens de armas vieram correndo da fachada oeste da igreja para defender os colegas.

Aquilo estava virando um motim.

Não havia esperança de a cerimônia servir de distração tão cedo. Jack sabia que os bispos e o rei estavam agora descendo para a cripta, de onde trariam os restos mortais de São Dinis. Então os carregariam por todo o claustro, mas não os levariam para o lado de fora. Os dignatários só tornariam a aparecer quando a missa acabasse. O abade Suger não previra uma multidão de espectadores tão grande e tampouco tomara qualquer providência para mantê-la feliz. Agora as pessoas estavam insatisfeitas, com calor – o sol já ia alto –, e queriam descarregar as emoções.

Os homens do rei estavam armados e os espectadores não, então os soldados armados levaram a melhor no início, até que alguém teve a brilhante ideia de arrombar os barracões dos artesãos em busca de armas. Dois rapazes derrubaram a chutes a porta do galpão dos pedreiros e saíram instantes depois trazendo pesados martelos. Havia pedreiros entre os espectadores, e alguns deles tentaram abrir caminho até o barracão para impedi-las de entrar, mas não conseguiram segurar a multidão e foram

afastados.

Jack e Aliena procuravam recuar para sair do meio das pessoas, mas quem estava mais atrás não parava de empurrar e eles se viram encurralados. Jack manteve Tommy bem apertado contra o peito, protegendo as costas do bebê com os braços e cobrindo a cabecinha com as mãos ao mesmo tempo que lutava para continuar perto de Aliena. Viu um homem baixo, de ar furtivo e barba preta, sair do barracão dos pedreiros segurando a estatueta de madeira da mulher que chorava. Nunca mais a verei na vida, pensou com uma pontada de arrependimento, mas estava ocupado demais tentando escapar da confusão para se preocupar em ser roubado.

O barracão de carpintaria foi o segundo a ser invadido. Os artesãos tinham desistido de proteger suas oficinas e nem tentaram conter a multidão. A fundição se revelou mais resistente, mas as pessoas derrubaram a fina parede do barracão dos telhadores e lá pegaram as pesadas e afiadas ferramentas usadas para aparar e prender placas de chumbo. Jack pensou: alguém vai ser morto antes de isso acabar.

Apesar de todos os seus esforços, ele foi empurrado para a frente, em direção ao pátio norte, onde os embates estavam mais violentos. Notou que o mesmo aconteceu com o ladrão de barba preta: apesar de estar tentando escapar com seu butim, abraçando a estátua do mesmo jeito que Jack abraçava Tommy, ele também estava sendo impelido para o meio do tumulto pela força da multidão.

De repente, Jack teve uma ideia. Passou o filho para Aliena.

– Fique perto de mim – disse, então agarrou o ladrãozinho e arrancou a estatueta da sua mão.

O homem ainda tentou resistir, mas Jack era maior do que ele e de toda forma o ladrão estava agora mais preocupado em salvar a própria pele, então depois de alguns instantes acabou soltando.

Jack ergueu a estatueta acima da cabeça.

– Respeitem Nossa Senhora! – começou a gritar.

No início, ninguém prestou atenção. Então uma ou duas pessoas olharam para ele.

– Não toquem na Santa Madre! – gritou a plenos pulmões. As pessoas que estavam mais perto, supersticiosas, afastaram-se, o que criou um espaço à sua volta. Ele começou a se entusiasmar. – É pecado conspurcar a

imagem da Virgem!

Segurando a estatueta bem alto acima da cabeça, avançou na direção da igreja. Aquilo talvez funcionasse, pensou, tomado por uma onda de esperança. Mais pessoas pararam de brigar para ver o que estava acontecendo.

Ele olhou para trás. Empurrada pela multidão, Aliena conseguiu apenas segui-lo. Mas o tumulto estava se extinguindo depressa. As pessoas começaram a avançar junto com Jack e a repetir suas palavras num murmúrio assombrado:

– É a Mãe de Deus, Ave Maria... Abram caminho para a estátua da Santa Virgem!

Tudo o que elas queriam era um espetáculo, e agora que ele dava isso a elas, a briga cessou quase por completo – somente duas ou três confusões continuaram em pontos mais afastados. Jack seguiu andando, solene. Estava um tanto surpreso diante da facilidade com a qual havia encerrado o distúrbio. A multidão se abriu na sua frente e ele chegou ao pórtico norte da igreja. Ali, pôs a estátua no chão com grande reverência, na sombra fresca do vão da porta. Com pouco mais de meio metro de altura, ela parecia menos impressionante pousada no chão.

Em grande expectativa, as pessoas se juntaram ao redor da porta. Jack não soube o que fazer. Provavelmente esperavam um sermão. Ao carregar a estátua erguida e bradar sonoros alertas, ele agira como um homem de fé, mas suas habilidades religiosas se limitavam a isso. Ficou assustado: o que aquela multidão poderia fazer com ele caso a decepcionasse agora?

De repente, ouviu-se um assombro coletivo.

Jack olhou para trás. Alguns dos nobres da congregação haviam se reunido no transepto norte e olhavam para fora da igreja, mas ele nada viu que pudesse justificar o aparente espanto da multidão.

– Milagre! – exclamou alguém.

– Milagre! Milagre! – ecoaram outros.

Ele fitou a estátua e foi então que entendeu. Lágrimas pingavam de seus olhos. No início, ficou tão pasmo quanto os demais, mas um segundo depois recordou sua teoria de que a estátua chorava quando ocorria uma mudança brusca do calor para o frio, como acontecia ao anoitecer nas regiões mais ao sul. A estátua acabara de ser movida do calor do dia para o frescor do poitço norte. Isso devia explicar as lágrimas. Só que a

multidão, é claro, desconhecia esse fato. Tudo o que as pessoas viam era uma estátua chorando e ficaram maravilhadas.

Uma mulher na primeira fila jogou aos pés da estátua 1 denário francês, que equivalia a 1 *penny* de prata. Jack sentiu vontade de rir. De que adiantava dar dinheiro a um pedaço de madeira? No entanto, as pessoas tinham sido tão doutrinadas pela Igreja que sua reação automática a qualquer coisa sagrada era dar dinheiro, e várias outras ali reunidas seguiram o exemplo da mulher.

Jack nunca tinha pensado que o brinquedo de Raschid pudesse gerar dinheiro. Na verdade, não para ele, pois ninguém doaria se pensasse que o dinheiro ia parar no seu bolso, mas para qualquer igreja aquele brinquedo podia valer uma fortuna.

Ao entender isso, de repente descobriu o que tinha de fazer. A ideia lhe ocorreu de uma vez só e ele começou a falar antes mesmo de considerar todos os desdobramentos: as palavras vieram ao mesmo tempo que os pensamentos.

– A Virgem que Chora não pertence a mim, mas a Deus – começou.

A multidão silenciou. Aquele era o sermão pelo qual esperavam. Atrás de Jack, dentro da igreja, os bispos cantavam, mas agora ninguém mais estava interessado neles.

– Por centenas de anos, ela ficou esquecida na terra dos sarracenos – continuou ele. Não fazia ideia de qual era a história daquela estátua, mas isso não importava: os próprios padres nunca examinavam muito a fundo se as histórias sobre milagres e relíquias santas eram verdadeiras. – Percorreu muitos quilômetros, mas sua viagem ainda não terminou. Seu destino é a catedral de Kingsbridge, na Inglaterra.

Olhou para Aliena, que o encarava perplexa. Jack teve de conter o impulso de lhe dar uma piscadela para avisar que inventava tudo naquele instante.

– Minha missão sagrada é levá-la de volta a Kingsbridge. Lá ela irá encontrar seu local de descanso. Lá estará em paz. – Enquanto olhava para Aliena, foi tomado pela mais brilhante inspiração e completou: – Fui nomeado mestre construtor da nova igreja de Kingsbridge.

O queixo de Aliena caiu. Jack desviou os olhos dela.

– A Virgem que Chora ordenou que seja erguida em Kingsbridge uma igreja nova e esplêndida em sua homenagem, e com a ajuda dela criarei

um santuário para a Virgem tão bonito quanto a nova chancela construída neste local para as santas relíquias de São Dinis.

Ele olhou para baixo e o dinheiro ali jogado lhe deu a ideia para o toque final.

– O dinheiro de vocês será usado para a nova igreja – falou. – A Virgem abençoa cada homem, mulher e criança que fizer uma oferenda para ajudá-la a construir sua nova morada.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio, então as pessoas que haviam escutado o discurso começaram a jogar moedas no chão em volta do pé da estátua. Cada um dizia algo em voz alta ao fazer a oferenda. Alguns diziam “Aleluia” ou “Glória a Deus”, outros pediam bênçãos, outros ainda algum favor mais específico: “Que Robert fique bom”, “Que Anne engravide” ou “Que a colheita seja farta”. Jack estudou suas expressões: estavam todos animados, extasiados, felizes. Não paravam de avançar, empurrando uns aos outros na ânsia de dar seus denários à Virgem que Chora. Jack olhou para baixo e ficou observando, maravilhado, o dinheiro se acumular feito neve ao redor de seus pés.



A Virgem que Chora teve o mesmo efeito em todas as cidades e vilarejos no caminho até Cherbourg. Quando chegavam em procissão pela rua principal, uma multidão se juntava. Então, depois de pararem em frente à igreja para dar tempo de todos os moradores aparecerem, carregavam a estátua até o interior fresco e ela chorava. Nessa hora, as pessoas se jogavam umas por cima das outras na ânsia de contribuir para a construção da catedral de Kingsbridge.

Quase a perderam, logo no começo. Os bispos e os arcebispos examinaram a estátua e a declararam genuinamente milagrosa, e o abade Suger quisera mantê-la em Saint-Denis. Ofereceu a Jack 1 libra, depois 10, e por fim 50. Ao perceber que o rapaz não estava interessado em dinheiro, ameaçou confiscar a estátua à força, mas foi impedido pelo arcebispo Teobaldo de Canterbury. Teobaldo também via o potencial financeiro da estátua e queria que ela fosse para Kingsbridge, que ficava na sua arquidiocese. Suger cedeu com má vontade e, de maneira mesquinha,

expressou reservas quanto à veracidade do milagre.

Jack dissera aos artesãos de Saint-Denis que contrataria todos que se dispusessem a segui-lo até Kingsbridge. Isso tampouco agradou Suger. Na realidade, a maioria ficaria ali mesmo, seguindo o princípio de que mais valia um pássaro na mão do que dois voando, mas uns poucos originários da Inglaterra talvez se sentissem tentados a voltar e os outros espalhariam a notícia, pois todo pedreiro tinha o dever de informar os irmãos sobre novos canteiros de obras. Em poucas semanas, artesãos de toda a Cristandade começariam a chegar a Kingsbridge, assim como Jack havia chegado a seis ou sete obras diferentes ao longo dos últimos dois anos. Aliena lhe perguntou o que faria caso o priorado de Kingsbridge não o nomeasse mestre construtor. Jack não tinha ideia. Fizera o anúncio no calor do momento e não tinha nenhum plano de contingência caso as coisas saíssem errado.

Após defender a permanência da Virgem que Chora na Inglaterra, o arcebispo Teobaldo não deixaria simplesmente que Jack a levasse embora. Mandou dois padres do seu séquito, Reynold e Edward, acompanharem o casal durante a viagem. No início, Jack ficou contrariado, mas rapidamente simpatizou com os dois. Reynold era um rapaz jovem, mente arguta e questionador, e ficou muito interessado na matemática que Jack havia aprendido em Toledo. Edward era um homem mais velho, de modos afáveis e um pouco glutão. A principal função de ambos, claro, era garantir que nenhuma das doações fosse parar no bolso de Jack. Na verdade, eles gastavam livremente o dinheiro para custear suas despesas de viagem, enquanto Jack e Aliena pagavam a própria parte, de modo que confiar no rapaz teria sido mais rentável para o arcebispo.

Eles passaram por Cherbourg a caminho de Barfleur, onde pegariam um navio até Wareham. Jack percebeu que havia algo errado muito antes de chegarem ao centro da pequena cidade costeira. As pessoas não olhavam para a Virgem.

Olhavam para ele.

Depois de um tempo, os dois padres repararam. Como sempre faziam ao entrar na cidade, transportavam a estátua sobre um suporte de madeira.

– O que está acontecendo? – sussurrou Reynold para Jack quando as pessoas começaram a segui-los.

– Não sei.

– Elas estão mais interessadas em você do que na estátua! Já esteve aqui antes?

– Nunca.

– São os mais velhos que ficam encarando Jack – comentou Aliena. – Os mais jovens olham para a estátua.

Ela estava certa. As crianças e os jovens reagiam à estátua com a curiosidade normal. Quem encarava Jack eram as pessoas de meia-idade. Ele tentou fitá-las de volta e descobriu que elas o temiam. Uma delas fez o sinal da cruz.

– O que essas pessoas têm contra mim? – perguntou-se ele em voz alta.

Mas a procissão atraiu seguidores com a mesma rapidez de sempre e eles chegaram à praça do mercado seguidos por uma numerosa multidão. Colocaram a Virgem no chão em frente à igreja. O ar recendia a maresia e peixe fresco. Vários moradores da cidade entraram na igreja. O que costumava acontecer a seguir era que os clérigos locais saíam para falar com Reynold e Edward. Havia uma conversa, explicações, e a estátua então era levada para dentro, onde chorava. A Virgem só tinha falhado uma vez: em um dia frio, quando Reynold insistira em manter o procedimento apesar de Jack alertar que talvez não funcionasse. Agora os dois padres respeitavam sua opinião.

A temperatura nesse dia estava perfeita, mas havia algo errado. O rosto curtido dos marinheiros e dos pescadores em volta estava tomado por um medo supersticioso. Os jovens sentiram o incômodo dos mais velhos e todos agora se mostravam desconfiados e levemente hostis. Ninguém se aproximou do pequeno grupo para perguntar sobre a estátua. Todos mantiveram distância, conversando em voz baixa e esperando que algo acontecesse.

Por fim, o padre surgiu. Em outras cidades, os padres tinham se aproximado com uma curiosidade cautelosa, mas esse saiu da igreja como um exorcista, segurando uma cruz em frente ao corpo como se fosse um escudo e na outra mão um cálice de água benta.

– O que ele acha que vai fazer? Expulsar demônios? – indagou Reynold.

Entoando um cântico em latim, o padre foi até o grupo e se aproximou de Jack.

– Eu lhe ordeno – disse em francês –, espírito mau, volte para o Lugar

dos Fantasmas! Em nome do...

– Eu não sou um fantasma, seu tolo maldito! – exclamou Jack, irritado.

– ...do Pai, do Filho e do Espírito Santo... – continuou o padre.

– Nós estamos em missão para o arcebispo de Canterbury – protestou Reynold. – Temos a bênção dele.

– Ele não é um fantasma – acrescentou Aliena. – Eu o conheço desde que ele tinha 12 anos!

O padre pareceu ter um princípio de dúvida.

– Você é o fantasma de um homem desta cidade que morreu há 24 anos – disse ele.

Várias pessoas na multidão concordaram e o padre recomeçou a cantilena.

– Eu tenho só 20 anos – disse Jack. – Talvez seja só parecido com o homem que morreu.

Alguém se destacou do meio da multidão.

– Você não é só parecido – falou o homem. – Você é ele... Igualzinho ao dia em que morreu.

Um murmúrio de medo percorreu os presentes. Incomodado, Jack olhou para o homem que falara. Era um sujeito de barba grisalha e 40 e poucos anos, vestido com as roupas de um artesão bem-sucedido ou pequeno comerciante. Não era do tipo histérico. Jack se dirigiu a ele com a voz um pouco trêmula:

– Meus companheiros de viagem me conhecem – disse ele. – Dois deles são padres. A mulher é minha esposa. O bebê é meu filho. Eles também são fantasmas?

O homem pareceu confuso.

Uma mulher de cabelos brancos ao lado dele então falou:

– Não está me reconhecendo, Jack?

O rapaz deu um pulo como se tivesse levado uma picada. Agora estava com medo.

– Como você sabe meu nome? – indagou.

– Porque eu sou sua mãe – respondeu a mulher.

– Não é, não! – protestou Aliena, e Jack pôde ouvir uma nota de pânico em sua voz. – Eu conheço a mãe dele, e não é a senhora! O que está acontecendo aqui?

– Magia negra! – exclamou o padre.

– Esperem um instante – interveio Reynold. – Jack pode ser parente do tal homem que morreu. Ele tinha filhos?

– Não – respondeu o homem grisalho.

– Tem certeza?

– Ele nunca se casou.

– Não é a mesma coisa.

Uma ou duas pessoas deram risadinhas sarcásticas e o padre lhes lançou um olhar severo.

O homem grisalho tornou a falar:

– Mas ele morreu faz 24 anos e esse Jack está dizendo que tem só 20.

– Morreu como? – quis saber Reynold.

– Afogado.

– Vocês viram o corpo?

Fez-se um silêncio.

– Não, eu nunca vi o corpo dele – respondeu por fim o homem de barba grisalha.

– *Alguém* viu? – indagou Reynold, erguendo a voz ao sentir cheiro de vitória.

Ninguém disse nada.

Reynold se virou para Jack.

– Seu pai está vivo?

– Ele morreu antes de eu nascer.

– O que ele fazia?

– Era menestrel.

A multidão soltou um murmúrio de surpresa.

– Meu Jack era menestrel – disse a mulher de cabelos brancos.

– Mas *este* Jack aqui é pedreiro – explicou Reynold. – Já vi o trabalho dele. No entanto, ele talvez seja *filho* do Jack menestrel. – Virou-se para Jack. – Como chamavam o seu pai? Apenas Jack, o menestrel, suponho.

– Não. As pessoas o chamavam de Jack Shareburg.

O padre repetiu o nome, com uma pronúncia ligeiramente diferente.

– Jacques Cherbourg?

Jack ficou pasmo. Nunca tinha entendido o nome do pai, mas agora estava claro. Como muitos viajantes, ele era chamado pelo nome de sua cidade natal.

– Sim. – Jack tinha um ar pensativo. – Claro. Jacques Cherbourg.

Finalmente havia encontrado o rastro do pai, muito tempo depois de desistir de procurar. Fora até a Espanha, mas o que ele queria estava ali, na costa da Normandia. Ele havia terminado sua busca. Sentiu uma mistura de satisfação e cansaço, como se houvesse largado um peso enorme após tê-lo carregado por um longo caminho.

– Então está tudo explicado – disse Reynold, olhando para a multidão com um ar de triunfo. – Jacques Cherbourg não morreu afogado, ele sobreviveu. Foi para a Inglaterra, morou lá por um tempo, engravidou uma moça e morreu. A moça deu à luz um menino e o batizou com o nome do pai. Este Jack aqui tem hoje 20 anos e é idêntico ao pai 24 anos atrás. – Ele olhou para o padre. – Não é preciso nenhum exorcismo aqui, padre. É só um reencontro de família.

Aliena passou o braço pelo de Jack e apertou sua mão. Ele estava pasmo. Queria fazer uma centena de perguntas e não sabia por onde começar. Disparou uma a esmo:

– Por que vocês tinham tanta certeza da morte dele?

– Todo mundo a bordo do *Navio Branco* morreu – respondeu o homem da barba grisalha.

– *Navio Branco*?

– Eu me lembro do *Navio Branco* – disse Edward. – Foi um desastre famoso. O herdeiro do trono se afogou. Então Matilda virou a herdeira, e é por isso que hoje temos Estêvão.

– Mas o que ele estava fazendo nesse navio? – perguntou Jack.

Quem respondeu foi a idosa que havia falado antes:

– Entretendo os nobres durante a viagem. – Ela olhou para Jack. – Então você deve ser filho dele. Meu neto. Me desculpe por tê-lo tomado por um fantasma. Você é tão parecido com ele...

– Seu pai era meu irmão – explicou o homem da barba grisalha. – Sou seu tio Guillaume.

Com uma onda de prazer, Jack entendeu que aquela era a família que ele tanto ansiava conhecer, os parentes do pai. Não estava mais sozinho no mundo. Finalmente havia encontrado suas raízes.

– Bem, este aqui é meu filho, Tommy – disse. – Olhem só os cabelos ruivos dele.

A mulher de cabelos brancos olhou para o bebê com afeto e então exclamou, surpresa:

– Meu Deus! Eu sou bisavó!

Todos riram.

– Como será que o meu pai chegou à Inglaterra? – perguntou-se Jack.

CAPÍTULO 13

I

— Disse então o Senhor a Satanás: “Reparou em meu servo Jó? É um homem bom como jamais vi.” — Philip fez uma pausa de efeito. Aquilo não era uma tradução, claro, mas uma reinterpretação livre da história. — “Diga-me se este não é um homem irrepreensível e íntegro, temente a Deus e que evita o mal.” E Satanás falou: “É claro que ele o venera. Você lhe deu tudo. Olhe só para ele. Sete filhos e três filhas. Sete mil ovelhas, 3 mil camelos, quinhentas parelhas de bois e quinhentos asnos. Por isso ele é um homem bom.” E Deus disse: “Está bem. Tire tudo dele e veja o que acontece.” Foi o que Satanás fez.

Enquanto pregava, Philip não parava de pensar na carta do arcebispo de Canterbury recebida naquela manhã. O texto começava dando-lhe os parabéns por ter obtido a milagrosa Virgem que Chora. Philip não sabia o que era uma Virgem que chorava, mas tinha certeza de que não possuía nenhuma. O arcebispo se dizia feliz em saber que Philip recomençaria a construção da nova catedral. Não era o que Philip estava fazendo. Aguardava um sinal de Deus antes de qualquer coisa e enquanto isso rezava as missas de domingo na pequena igreja paroquial. Por fim, o arcebispo Teobaldo comentava sobre sua astúcia ao nomear um mestre construtor que havia trabalhado na nova chancela de Saint-Denis. Philip ouvira falar na abadia de Saint-Denis, claro, e no célebre abade Suger, o clérigo mais poderoso do reino da França, mas não sabia nada sobre a nova chancela de sua igreja nem havia nomeado um mestre construtor. Pensou que a carta devia ter sido escrita para outra pessoa e enviada para ele por engano.

— E o que Jó disse ao perder toda a riqueza e ver os filhos morrerem? Ele amaldiçoou Deus? Passou a venerar Satanás? Não! Ele disse: “Saí nu

do ventre da minha mãe, e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor.” Foi isso que Jó falou. E Deus então disse a Satanás: “O que eu falei?” E Satanás retrucou: “Está bem, mas ele ainda tem saúde, não é? Um homem é capaz de aguentar qualquer coisa enquanto tiver saúde.” E Deus viu que precisava deixar Jó sofrer um pouco mais para provar seu argumento, de modo que falou: “Tire a saúde dele, então, e veja o que acontece.” Então Satanás fez Jó adoecer, e ele ficou coberto de pústulas do alto da cabeça até as solas dos pés.

Os sermões estavam ficando mais comuns nas igrejas. Quando Philip era menino, raramente aconteciam. O abade Peter era contra sermões, pois dizia que eles tentavam o padre a buscar uma satisfação egoísta. Os religiosos tradicionais achavam que a congregação devia ser composta apenas de espectadores, que testemunhariam em silêncio os misteriosos ritos sagrados, ouviriam as palavras latinas sem compreendê-las, confiando cegamente na eficácia da intervenção do padre. Mas essas ideias haviam mudado. Os pensadores progressistas agora não viam mais os fiéis como observadores mudos de uma cerimônia mística. A Igreja devia ser parte integrante da sua existência cotidiana. Ela marcava os momentos mais importantes de suas vidas, do batismo até a extrema-unção e o sepultamento em terreno consagrado, passando pelo casamento e pelo nascimento dos filhos. A Igreja podia ser seu senhorio, seu juiz, seu patrão ou seu cliente. Cada vez mais, esperava-se que as pessoas fossem cristãs todos os dias, não só aos domingos. Segundo essa visão moderna, elas precisavam de mais do que simples rituais: queriam explicações, regras, incentivo, exortação.

— Eu acredito que Satanás tenha conversado com Deus sobre Kingsbridge — continuou Philip. — Acredito que Deus tenha dito a Satanás: “Reparou em meu povo de Kingsbridge? Eles não são bons cristãos? Reparou como dão duro a semana inteira nos campos e nas oficinas e depois passam o domingo inteiro construindo uma nova catedral para mim? Diga-me, se puder, que eles não são uma gente de bem!” E Satanás retrucou: “Eles são bons porque estão prosperando. Você lhes deu colheitas fartas, tempo bom, clientes para suas lojas e proteção contra condes maus. Mas tire tudo isso e verá que passarão para o meu lado.” Deus então falou: “O que você quer fazer?” E Satanás respondeu: “Queimar a cidade.” E Deus disse: “Está bem, pode queimá-la e veja o que

acontece.” Satanás então mandou William Hamleigh para pôr fogo na feira de lã.

A história de Jó era reconfortante para Philip. Como Jó, ele havia trabalhado duro a vida inteira para cumprir a vontade de Deus da melhor maneira que fora capaz e, como Jó, havia sido recompensado com má sorte, fracasso e desonra. Mas o objetivo daquele sermão era dar ânimo aos moradores da cidade, e ele podia ver que não estava funcionando. A história, porém, ainda não havia terminado.

– E Deus então disse a Satanás: “Veja agora! Você reduziu a cidade inteira a cinzas e eles mesmo assim estão construindo a nova catedral. Agora me diga se não são uma gente de bem!” Mas Satanás retrucou: “Eu fui brando demais com eles. A maioria sobreviveu ao incêndio e todos logo reconstruíram suas casinhas de madeira. Deixe-me mandar uma tragédia de verdade e então vamos ver o que acontece.” E Deus suspirou e disse: “O que você quer fazer agora?” Satanás respondeu: “Vou derrubar o telhado dessa nova igreja em cima da cabeça deles.” E ele assim fez... como todos sabemos.

Ao correr os olhos pela congregação, Philip viu muito poucas pessoas que não tinham perdido um parente no terrível desabamento. Lá estava a viúva Meg, antes esposa de um bom marido e mãe de três rapagões, todos mortos no acidente. Ela não dissera uma só palavra desde então e seus cabelos tinham ficado inteiramente brancos. Outros haviam sido mutilados. Peter Pony tivera a perna direita esmagada e hoje mancava. Antes domava cavalos selvagens, mas agora trabalhava para o irmão na fabricação de selas. Praticamente nenhuma família na cidade escapara. Sentado no chão à frente dos fiéis estava um homem paraplégico. Philip franziu o cenho. Quem seria? Ele não fora ferido no desabamento do telhado e Philip nunca o tinha visto na vida. Então recordou ter ouvido falar de um aleijado que vinha mendigando na cidade e dormindo nas ruínas da catedral. Havia ordenado que lhe providenciassem uma cama na casa de hóspedes.

Estava se afastando do assunto outra vez. Retomou o sermão.

– E Jó, o que fez? Sua mulher lhe disse: “Amaldiçoe Deus e morra.” Mas foi isso que ele fez? Não, não foi. Ele perdeu a fé? Não, não perdeu. Satanás ficou decepcionado com Jó. E uma coisa eu lhes digo... – Em um gesto dramático, Philip ergueu a mão para dar mais ênfase às suas

palavras. – Satanás vai se decepcionar com o povo de Kingsbridge! Pois nós continuamos a venerar o verdadeiro Deus, como Jó diante de todas as suas tribulações.

Ele fez outra pausa para permitir que os fiéis digerissem o sermão, mas percebeu que não conseguira comovê-los. Os rostos erguidos na sua direção expressavam interesse, mas não pareciam inspirados. Na verdade, Philip não era um pregador que inspirava as pessoas. Era um homem prático. Não sabia cativar uma congregação com a força de sua personalidade. As pessoas desenvolviam por ele uma lealdade absoluta, é bem verdade, mas não imediata: era um processo lento, demorado, conforme iam entendendo como ele vivia e o que havia conquistado. Seu trabalho às vezes inspirava os outros, ou pelo menos havia inspirado no passado, mas suas palavras não.

No entanto, a melhor parte da história ainda estava por vir.

– O que aconteceu com Jó depois de Satanás destruir a vida dele? Bem, Deus lhe deu muito mais do que ele tinha antes, duas vezes mais! Enquanto ele antes possuía setecentas ovelhas, passou a ter 1.400. Os 3 mil camelos perdidos foram substituídos por 6 mil. E ele teve mais sete filhos e três filhas.

Todos aparentaram indiferença. Philip insistiu:

– E Kingsbridge tornará a prosperar um dia. As viúvas se casarão outra vez, os viúvos encontrarão esposas. Aqueles que perderam filhos conceberão novamente. Nossas ruas ficarão cheias e nossas lojas repletas de pão e vinho, couro e metal, fivelas e sapatos, e um dia reconstruiremos nossa catedral.

O problema era que ele próprio não estava certo se acreditava naquilo, por isso não conseguia falar com grande convicção. Não era de espantar que os fiéis reagissem com frieza.

Baixando os olhos para o pesado livro à sua frente, ele traduziu do latim para o inglês:

– “Depois disso Jó viveu 140 anos; viu seus filhos e os descendentes deles até a quarta geração. E então morreu, em idade muito avançada.”

Ele fechou o livro.

Houve uma agitação nos fundos da pequena igreja. Philip ergueu os olhos, irritado. Tinha consciência de que o sermão não tivera o efeito esperado, mas mesmo assim queria alguns instantes de silêncio no final. A

porta da igreja estava aberta e quem estava no fundo olhava para fora. Philip viu que uma multidão considerável se reunia na rua. Todos os moradores que não se encontravam dentro da igreja deviam estar lá, pensou. O que podia ter acontecido?

Diversas possibilidades lhe passaram pela cabeça: uma briga, um incêndio, alguém morrendo, um grande grupo de soldados se aproximava a cavalo, mas ele estava totalmente despreparado para o que de fato aconteceu. Primeiro, dois padres entraram na igreja carregando uma estátua de mulher em cima de uma tábua coberta por uma toalha de altar bordada. A atitude solene dos religiosos sugeria que a estátua representava um santo, decerto a Virgem Maria. Atrás dos padres vinham duas outras pessoas, e estas foram a maior das surpresas: uma era Aliena, a outra era Jack.

Philip olhou para o rapaz com um misto de afeto e exasperação. Que garoto, pensou: no primeiro dia em que apareceu aqui, a catedral pegou fogo; desde então nada relacionado a ele se mostrou normal. No entanto, a aparição de Jack o deixou mais contente do que irritado. Apesar de todos os problemas que o garoto causava, ele tornava a vida interessante. Garoto? Tornou a olhar para ele. Jack não era mais um garoto. Nos dois anos que passara fora, havia envelhecido dez, e exibia um olhar cansado e experiente. Por onde teria andado? E como Aliena o encontrara?

A procissão avançou até o meio da igreja. Philip decidiu não fazer nada e ver no que daria. Uma onda de animação percorreu os presentes à medida que eles reconheciam Jack e Aliena. Então um novo ruído se fez ouvir, como um murmúrio de assombro.

– Ela está chorando! – exclamou alguém.

Outros repetiram as mesmas palavras como uma litania.

– Ela está chorando! Está chorando!

Philip espiou a estátua. Não restava dúvida de que seus olhos vertiam água. De repente, ele se lembrou da enigmática carta do arcebispo sobre a milagrosa Virgem que Chora. Então era aquilo. Ainda não estava pronto para afirmar que o pranto fosse um milagre. Podia ver que os olhos pareciam feitos de pedra, ou talvez de algum tipo de cristal, enquanto o resto da estátua era de madeira. Talvez isso tivesse algo a ver com o fenômeno.

Os padres se viraram e pousaram a tábua no chão, deixando a Virgem

de frente para os fiéis. Jack então começou a falar:

– A Virgem que Chora me foi dada em uma terra muito, muito distante.

Philip não gostou de o rapaz assumir o ofício, mas resolveu não agir de modo precipitado. Deixaria Jack dizer o que precisava. De toda forma, estava intrigado.

– Quem a entregou a mim foi um sarraceno batizado – continuou Jack.

Os fiéis murmuraram surpresos: nessas histórias, os sarracenos em geral eram inimigos bárbaros de rosto negro, e poucos sabiam que alguns deles na verdade eram cristãos.

– No início me perguntei por que ela viera para mim. Mesmo assim, carreguei-a por muitos quilômetros.

Jack tinha conseguido enfeitiçar a congregação. Ele é um pregador melhor do que eu, pensou Philip com tristeza.

– Por fim, me dei conta de que ela queria ir para casa. Mas onde ficava sua casa? Finalmente entendi: ela queria vir para Kingsbridge.

Os fiéis irromperam em um burburinho de assombro. Philip permaneceu cético. Havia uma diferença entre o modo como Deus funcionava e o modo de Jack, e aquilo parecia coisa do rapaz. No entanto, continuou calado.

– Mas então pensei: para que a estou levando? Qual será o santuário dela em Kingsbridge? Em que igreja encontrará descanso? – Ele correu os olhos pelo interior simples da igreja paroquial, apenas caiado, como quem diz: “É evidente que isto aqui não vai servir.” – E foi como se ela tivesse falado em voz alta: “Você, Jack Jackson, me fará um santuário e construirá para mim uma igreja.”

Philip começou a entender o que Jack estava tentando fazer. A Virgem seria a centelha que reacenderia o entusiasmo das pessoas pela construção de uma nova catedral. Faria o que o sermão de Philip sobre Jó não conseguira. Mesmo assim, o prior teve de se perguntar: será que essa é a vontade de Deus ou somente a vontade de Jack?

– Então perguntei a ela: “Como? Não tenho dinheiro.” E ela disse: “Eu providenciarei o dinheiro.” Então nós partimos, com a bênção do arcebispo Teobaldo de Canterbury.

Ao citar o arcebispo, Jack olhou para Philip. Ele está tentando me dizer alguma coisa, pensou o prior. Está dizendo que esta história toda tem o

apoio de um homem poderoso.

Jack desviou o olhar para a congregação.

– E ao longo do caminho desde Paris, passando pela Normandia, cruzando o mar, até chegar a Kingsbridge, cristãos devotos doaram dinheiro para a construção do santuário da Virgem que Chora.

Assim que disse isso, Jack acenou para alguém do lado de fora. Segundos depois, dois sarracenos de turbante marcharam solenemente igreja adentro carregando sobre os ombros um baú de madeira reforçado com ferro.

Os moradores se encolheram de medo. Até Philip se espantou. Sabia que os sarracenos tinham a pele escura, mas nunca tinha visto um, e a realidade era assombrosa. Suas vestes esvoaçantes de cores vivas eram igualmente notáveis. Eles passaram pela congregação estarecida e se ajoelharam diante da Virgem, pousando o baú no chão com reverência.

Em silêncio e quase sem fôlego, os fiéis observaram Jack destrancar o baú com uma chave imensa e erguer a tampa. Todos esticaram o pescoço para ver. De repente, Jack virou o baú.

Ouviu-se um barulho semelhante a uma cascata e uma enxurrada de moedas de prata se derramou da arca, centenas, milhares delas. Os moradores chegaram mais perto para ver: ninguém ali jamais pusera os olhos em tanto dinheiro.

Jack ergueu a voz para se fazer ouvir apesar das exclamações:

– Eu a trouxe para casa e agora a entrego à construção da nova catedral.

Então se virou, olhou Philip nos olhos e inclinou a cabeça em uma leve mesura como quem diz: agora é com você.

Philip detestava ser manipulado daquele jeito, mas precisava reconhecer que aquilo fora conduzido de maneira magistral. No entanto, não significava que iria ceder. As pessoas podiam até aclamar a Virgem que Chora, mas cabia apenas a Philip decidir se ela teria permissão para repousar na catedral de Kingsbridge ao lado dos ossos de Santo Adolfo. E ele ainda não estava convencido.

Alguns fiéis começaram a interrogar os sarracenos. Philip desceu do púlpito e se aproximou para escutar.

– Eu venho de um país muito, muito distante – dizia um deles.

Philip se espantou ao perceber que ele falava inglês como um pescador

de Dorset, mas a maioria dos moradores nem mesmo sabia que os sarracenos tinham seu próprio idioma.

– Como se chama o seu país? – perguntou alguém.

– Meu país se chama África – respondeu o sarraceno.

Havia mais de um país na África, claro, como Philip bem sabia, embora os habitantes ignorassem, e o prior se perguntou de qual deles vinha aquele estrangeiro. Seria emocionante se ele tivesse vindo de algum lugar citado na Bíblia, como o Egito ou a Etiópia.

Uma menininha estendeu um dedo hesitante e tocou a mão marrom-escura do homem. O sarraceno sorriu. Tirando a cor, pensou Philip, ele era igualzinho a qualquer outra pessoa.

– Como é lá na África? – perguntou a menina, encorajada.

– Há grandes desertos e pés de figo.

– O que são figos?

– Figos são... uma fruta que parece um morango, mas tem gosto de pera.

De repente, Philip foi invadido por uma terrível suspeita.

– Diga-me, sarraceno, em que cidade você nasceu? – perguntou ele.

– Damasco – respondeu o homem.

A desconfiança de Philip se confirmou e ele foi tomado pela raiva. Tocou o braço de Jack e o puxou de lado.

– Que brincadeira é essa? – perguntou em uma voz baixa e furiosa.

– Como assim? – indagou Jack, tentando bancar o inocente.

– Esses dois não são sarracenos. São pescadores de Wareham com o rosto e as mãos cobertos de tinta marrom.

Jack não pareceu incomodado por ter sido desmascarado.

– Como você adivinhou? – disse, abrindo um sorriso.

– Não acho que esse homem algum dia tenha visto um figo e Damasco não fica na África. Qual é o significado dessa trapaça?

– É uma farsa inofensiva – respondeu Jack, abrindo outra vez seu sorriso sedutor.

– Não existe farsa inofensiva – retrucou Philip com frieza.

– Está bem – falou Jack, sério, percebendo que irritara o prior. – O objetivo é o mesmo de uma iluminura em uma página da Bíblia. Não é a verdade, é uma ilustração. Meus homens de Dorset pintados de marrom estão encenando o fato verdadeiro de que a Virgem que Chora vem de um

país sarraceno.

Os dois padres e Aliena haviam se afastado do grupo ao redor da Virgem e foram se juntar a Philip e Jack.

– Ninguém tem medo do desenho de uma cobra – disse o prior ao rapaz, ignorando os recém-chegados. – Uma ilustração não significa que seja uma mentira. Seus sarracenos não são ilustrações, e sim impostores.

– Nós arrecadamos muito mais dinheiro depois que arrumamos os sarracenos – argumentou Jack.

Philip olhou para a pilha de moedas no chão.

– Os moradores devem pensar que esse dinheiro basta para construir uma catedral inteira – falou. – Para mim parece haver 100 libras nessa pilha. Você sabe que isso não paga nem um ano de trabalho.

– O dinheiro é como os sarracenos – disse Jack. – É simbólico. Você sabe que tem dinheiro para começar a construir.

Isso era verdade. Nada impedia Philip de começar a construção. A Virgem era exatamente o tipo de coisa de que ele necessitava para fazer Kingsbridge voltar à vida. Atrairia gente para a cidade: peregrinos, estudiosos e simples curiosos. Daria um novo ânimo aos habitantes. Seria vista como um bom presságio. Philip estava esperando um sinal divino e queria muito acreditar que fosse esse. Só que aquilo não lhe parecia um sinal divino, mas uma farsa montada por Jack.

– Meu nome é Reynold, e este aqui é Edward – disse o padre mais jovem. – Nós trabalhamos para o arcebispo de Canterbury. Ele nos mandou acompanhar a Virgem que Chora.

– Se vocês têm a bênção do arcebispo, por que precisam de dois sarracenos fajutos para legitimar a Virgem? – indagou Philip.

Edward pareceu meio envergonhado.

– Foi ideia de Jack – respondeu Reynold. – Mas confesso que não vi nenhum mal. Você não está duvidando da Virgem, Philip, ou está?

– Pode me chamar de padre – disparou o prior. – Trabalhar para o arcebispo não lhe dá o direito de tratar seus superiores de igual para igual. A resposta para a sua pergunta é sim. Estou duvidando da Virgem. Não vou abrigar essa estátua dentro da catedral de Kingsbridge enquanto não me convencer de que é um artefato sagrado.

– Uma estátua de madeira que chora – disse Reynold. – Quer milagre maior do que isso?

– O choro não foi explicado, mas isso não prova que é um milagre. A transformação da água líquida em gelo sólido também é inexplicável, mas não é um milagre.

– O arcebispo vai ficar muito decepcionado se você recusar a Virgem. Ele lutou para impedir que o abade Suger a tomasse para Saint-Denis.

Philip entendeu que estava sendo ameaçado. O jovem Reynold terá de se esforçar bem mais se quiser me intimidar, pensou.

– Tenho certeza de que o arcebispo não iria querer que eu aceitasse a Virgem sem fazer as investigações de rotina quanto à sua legitimidade – falou, com suavidade.

Houve um movimento a seus pés. Philip olhou para baixo e viu o aleijado em quem tinha reparado mais cedo. O infeliz rastejava pelo chão, arrastava as pernas paralisadas para tentar chegar perto da estátua. Para onde quer que se virasse, era impedido pela multidão. Em um gesto automático, Philip se afastou para deixá-lo passar. Os sarracenos impediam as pessoas de tocar a estátua, mas o aleijado conseguiu escapar da vigilância. Philip viu a mão do homem se esticar. Em geral, impedia qualquer um de tocar uma relíquia sagrada, mas, como ainda não havia aceitado aquela estátua como sagrada, não fez nada. O aleijado tocou a barra do vestido de madeira. De repente, deu um grito de triunfo.

– Estou sentindo! – berrou. – Estou sentindo!

Todos olharam para ele.

– Estou sentindo a força voltar! – gritou o aleijado.

Philip o observava, incrédulo, já sabendo o que iria acontecer. O homem dobrou uma das pernas, depois a outra. Ouviu-se um murmúrio coletivo de assombro. Ele estendeu uma das mãos e alguém a segurou. Com esforço, o homem se pôs de pé.

A multidão pareceu emitir um gemido de paixão.

– Tente andar! – exclamou alguém.

Ainda segurando a mão de quem o ajudava, o homem deu um passo hesitante, depois outro. Todos observavam em completo silêncio. No terceiro passo, ele cambaleou, e as pessoas suspiraram, mas acabou recuperando o equilíbrio e recomeçou a andar.

Todos aplaudiram.

O homem desceu a nave, seguido por outras pessoas. Dali a mais alguns passos, começou a correr. A ovação foi crescendo à medida que ele

andava em direção à porta da igreja e saía para o sol, seguido pela maior parte dos fiéis.

Philip olhou para os dois padres. Reynold estava pasmo, e lágrimas escorriam pelo rosto de Edward. Era evidente que eles tinham sido pegos de surpresa. Então se virou para Jack.

– Como você se atreve a armar um truque desses? – indagou, furioso.

– Truque? – repetiu Jack. – Que truque?

– Esse homem nunca tinha sido visto nesta região até poucos dias atrás. Daqui a mais um dia ou dois, vai desaparecer para nunca mais ser visto, com os bolsos recheados com seu dinheiro. Eu sei como essas coisas funcionam, Jack. Infelizmente, você não é a primeira pessoa a forjar um milagre. Nunca houve nada de errado com as pernas dele, não é? É só mais um pescador de Wareham.

A acusação foi confirmada pelo ar contrito do rapaz.

– Eu disse que você não devia ter tentado isso – disse Aliena para Jack.

Os dois padres estavam abismados. Tinha sido completamente enganados. Reynold estava uma fera e virou-se para Jack.

– Você não tinha o direito! – vociferou.

Além de zangado, Philip estava triste. Bem lá no fundo, tinha esperanças de que a Virgem se mostrasse legítima, pois sabia exatamente como a usaria para dar vida nova ao priorado e à cidade. Mas não era assim que as coisas iriam acontecer. Olhou em volta para o interior da pequena igreja paroquial. Restava apenas um punhado de fiéis, ainda a encarar a estátua.

– Desta vez você foi longe demais – disse a Jack.

– As lágrimas são de verdade. Não há truque nenhum nisso – falou o rapaz. – Mas o aleijado foi um erro, admito.

– Foi pior do que um erro – disse Philip com raiva. – Quando as pessoas descobrirem a verdade, vai abalar a fé delas em *todos* os milagres.

– E por que elas precisam descobrir a verdade?

– Porque eu terei de explicar por que a Virgem não poderá ser instalada na catedral. Aceitar a estátua agora está fora de cogitação, claro.

– Acho que você está sendo meio precipitado... – começou Reynold.

– Rapaz, quando eu quiser sua opinião, pedirei – interrompeu Philip.

Reynold se calou, mas Jack insistiu:

– Tem certeza de que tem o direito de privar as pessoas da Virgem?

Olhe só para elas.

Jack apontou para o punhado de fiéis que ficara para trás. Entre eles estava a viúva Meg, ajoelhada diante da estátua, com lágrimas a escorrer pelo rosto. Philip entendeu que Jack não sabia que a mulher havia perdido a família toda no desabamento do teto da catedral. A emoção dela lhe tocou o coração e ele se perguntou se, no fundo, Jack estaria certo. Por que tirar aquilo do seu povo? É desonesto, lembrou a si mesmo com severidade. Eles acreditaram na estátua porque viram um milagre forjado. Esforçou-se para endurecer o próprio coração.

Jack se ajoelhou ao lado de Meg.

– Por que você está chorando? – perguntou a ela.

– Ela é muda – avisou Philip.

Mas então Meg falou:

– A Virgem sofreu como eu sofri. Ela entende.

Philip ficou abismado.

– Está vendo? – exclamou Jack. – A estátua alivia o sofrimento dela...

O que você está olhando?

– Ela é muda. Faz mais de um ano que não pronuncia uma só palavra.

– É verdade! – confirmou Aliena. – Meg ficou muda depois que o marido e os filhos morreram no desabamento da igreja.

– Esta mulher? – estranhou Jack. – Mas ela acabou de...

Reynold parecia estupefato.

– Quer dizer que isto é um milagre? – indagou. – Um milagre verdadeiro?

Philip encarou Jack. O rapaz era o mais chocado de todos. Não havia truque ali.

Philip estava profundamente comovido. Tinha visto a mão de Deus se mover e realizar um milagre. Chegava até a tremer um pouco.

– Bem, Jack – disse, com a voz vacilante. – Apesar de tudo o que você fez para desacreditar a Virgem que Chora, parece que Deus pretende operar maravilhas por meio dela.

Desta vez, Jack não soube o que dizer.

Philip deu as costas a ele e foi até Meg. Segurou as mãos dela e, com toda a delicadeza, a fez se levantar.

– Deus a curou, Meg. – Sua voz estava trêmula de emoção. – Agora você pode começar uma vida nova.

Ele se lembrou do sermão sobre a história de Jó. As palavras da Bíblia lhe voltaram à mente: “O Senhor o restabeleceu de novo em seu primeiro estado e lhe tornou em dobro tudo o que tinha possuído.” Tinha dito ao povo de Kingsbridge que o mesmo aconteceria com eles. Pensou, olhando o êxtase no rosto molhado de Meg: será que isto é o começo?



Quando Jack apresentou seu projeto para a nova catedral, houve um alvoroço no capítulo.

Philip tinha avisado que esperasse problemas. O prior, é claro, vira as plantas de antemão. Jack levou os desenhos até sua casa um dia de manhã bem cedo, uma planta baixa e uma elevação, traçadas em gesso dentro de molduras de madeira. Eles as examinaram juntos à luz do início da manhã.

– Jack – disse Philip –, esta vai ser a igreja mais linda da Inglaterra... mas nós vamos ter problemas com os irmãos.

Jack sabia, desde seu tempo de noviço, que Remigius e seus asseclas ainda se opunham de modo rotineiro a qualquer plano que fosse caro ao prior, muito embora já fizesse oito anos que Philip derrotara Remigius na eleição. Porém raramente tinham o apoio dos outros irmãos, mas nesse caso Philip estava inseguro: os monges eram tão conservadores que poderiam ficar com medo daquele projeto revolucionário. No entanto, não havia outro jeito senão lhes mostrar os desenhos e tentar convencê-los. Philip com certeza não poderia seguir em frente e construir a catedral sem o apoio sincero da maioria de seus irmãos.

No dia seguinte, Jack participou da reunião do capítulo e apresentou as plantas. Os desenhos foram dispostos em pé sobre um banco encostado na parede e os irmãos se aproximaram para examiná-los. Quando começaram a absorver os detalhes, o burburinho logo se transformou em confusão. Jack ficou desanimado: o tom era de reprovação, quase de ultraje. O barulho foi ficando mais alto à medida que eles discutiam entre si, alguns atacando e outros defendendo o projeto.

Depois de um tempo, Philip pediu ordem e eles se acalmaram. O bolseiro Milius fez uma pergunta que eles já haviam combinado:

– Por que os arcos são como ogivas?

– É uma técnica nova que está sendo usada na França – respondeu Jack. – Já a vi em várias igrejas. O arco ogival é mais forte e é o que me permitirá construir a igreja tão alta. Provavelmente será a nave mais alta da Inglaterra.

Jack percebeu que os irmãos gostavam dessa ideia.

– As janelas são tão *grandes* – comentou outro irmão.

– Não são necessárias paredes grossas – disse Jack. – Isso já foi demonstrado na França. O que sustenta o edifício são as colunas, principalmente com abóbadas em cruzaria. E o efeito das janelas grandes é de tirar o fôlego. Em Saint-Denis, o abade instalou vidros coloridos com desenhos. A igreja se torna um lugar iluminado e arejado, em vez de sombrio e escuro.

Vários irmãos assentiram, aprovando a ideia. Talvez não fossem tão conservadores quanto ele havia pensado.

Mas quem falou a seguir foi o sacristão Andrew:

– Dois anos atrás, você era um noviço. Foi punido por bater no prior, fugiu do castigo e saiu da cidade. Agora volta e quer nos dizer como construir nossa igreja?

Antes de Jack poder se pronunciar, um dos monges mais jovens protestou:

– Isso não tem nada a ver com o assunto! Estamos debatendo o projeto, não o passado de Jack!

Vários irmãos tentaram falar ao mesmo tempo, alguns aos gritos. Philip fez todos se calarem e pediu a Jack que respondesse.

Ele já esperava algo desse tipo e estava preparado.

– Eu fiz a romaria até Santiago de Compostela para me redimir desse pecado, padre Andrew, e espero que o fato de ter trazido a Virgem que Chora possa servir de penitência pelos meus erros – respondeu, dócil. – Não tenho vocação para ser monge, mas espero poder servir a Deus de outra forma, como Seu construtor.

Os monges pareceram concordar com a sugestão.

Mas Andrew ainda não tinha terminado.

– Quantos anos você tem? – indagou, embora certamente soubesse a resposta.

– Vinte.

– É muito jovem para ser mestre construtor.

– Todo mundo aqui me conhece. Eu moro em Kingsbridge desde menino. – Desde que incendiei a antiga igreja, pensou, sentindo-se culpado. – Fui aprendiz do primeiro mestre construtor. Vocês já viram meu trabalho com pedra. Quando era noviço, trabalhei com o prior e Tom Builder como mestre de obras. Peço humildemente aos irmãos que me julguem pelo trabalho, não pela idade.

Era outro discurso preparado. Viu um dos irmãos sorrir ao ouvir a palavra “humildemente” e entendeu que aquele talvez tivesse sido um pequeno erro: todos ali sabiam que, por mais que ele tivesse qualidades, a humildade não era uma delas.

Andrew logo tirou vantagem desse tropeço.

– Humildemente? – perguntou, e o rosto dele começou a ficar vermelho de indignação fingida. – Você não foi muito humilde quando anunciou aos pedreiros de Paris, há três meses, que *já havia sido* nomeado mestre construtor daqui.

Mais uma vez, ouviu-se uma algaravia de irmãos indignados. Jack reprimiu um grunhido. Como Andrew ficara sabendo desse detalhe? Reynold ou Edward devia ter cometido uma indiscrição. Tentou não dar importância.

– Eu esperava atrair alguns desses artesãos para Kingsbridge – defendeu-se quando a discussão arrefeceu. – Eles serão úteis independentemente de quem for nomeado mestre construtor. Não acho que minha ousadia tenha causado qualquer dano. – Ele ensaiou um sorriso cativante. – Mas sinto muito por não ter sido mais humilde.

Não estava sendo muito convincente.

Milius, o bolseiro, o tirou da enrascada fazendo outra pergunta combinada de antemão.

– O que você propõe fazer com a chancela existente, que em parte desabou?

– Eu a examinei com muito cuidado – respondeu Jack. – Ela pode ser consertada. Se vocês me nomearem mestre construtor hoje, posso torná-la utilizável outra vez daqui a um ano. Além do mais, vocês podem continuar a usá-la enquanto eu estiver construindo os transeptos e a nave do projeto novo. Então, quando a nave estiver concluída, proponho demolir a chancela e construir uma nova no mesmo estilo do restante da igreja.

– Mas como podemos saber que a velha chancela não vai desabar outra

vez? – indagou Andrew.

– O desabamento foi causado pela abóbada de pedra construída por Alfred, que não fazia parte do projeto original. As paredes não eram fortes o bastante para sustentá-la. Proponho voltar ao projeto original de Tom e fazer um teto de madeira.

Houve um murmúrio de surpresa. A razão do desabamento tinha sido motivo de controvérsia.

– Mas Alfred aumentou o tamanho dos contrafortes para sustentar o peso extra – argumentou Andrew.

Aquilo também intrigara Jack, mas ele pensava ter encontrado a explicação.

– Eles ainda não eram fortes o suficiente, particularmente no alto. Se vocês observarem as ruínas, verão que a parte da estrutura que cedeu foi o clerestório. Havia muito pouco reforço nesse nível.

Eles pareceram satisfeitos com a explicação. Jack sentiu que sua capacidade de dar uma resposta segura havia aumentado seu prestígio como mestre construtor.

Remigius se levantou. Jack estava se perguntando quando ele iria dar sua contribuição.

– Eu gostaria de ler um versículo da Santa Escritura para os irmãos do capítulo – disse ele, com certo ar teatral.

Olhou para Philip, que concordou com um meneio de cabeça.

Remigius foi até o atril e abriu a imensa Bíblia. Jack o estudou. Sua boca fina movia-se nervosamente, e os olhos azuis desbotados e um pouco saltados lhe conferiam uma expressão de indignação permanente. Ele era um retrato do ressentimento. Anos antes, chegara a acreditar que estivesse destinado a ser um líder, mas na verdade tinha um temperamento demasiado fraco e agora estava condenado a levar uma vida de decepção e a criar problemas para homens melhores do que ele.

– O Livro do Êxodo – entoou ele, virando as páginas de pergaminho. – Capítulo 20, versículo 14. – Jack se perguntou o que estaria por vir. – “Não cometerás adultério” – leu Remigius.

Então fechou o livro com força e voltou para seu lugar.

– Irmão Remigius – disse Philip, começando a se exasperar –, talvez você queira ter a bondade de nos dizer por que decidiu ler esse curto versículo no meio de nosso debate sobre as plantas da catedral.

Remigius apontou para Jack um dedo acusador.

– Porque o homem que deseja ser nosso mestre construtor está vivendo em pecado! – bradou ele.

Jack quase não conseguia acreditar que ele estivesse falando sério.

– É verdade que nossa união não foi abençoada pela Igreja por causa das nossas circunstâncias especiais – disse ele, indignado –, mas vamos nos casar assim que vocês quiserem.

– Vocês não podem se casar – disse Remigius, triunfante. – Aliena já é casada.

– Mas a união nunca foi consumada.

– Mesmo assim, eles se casaram na igreja.

– Se vocês não deixarem que eu me case com ela, como posso evitar o adultério? – indagou Jack, com raiva.

– Chega! – Quem falou foi Philip. Jack olhou para ele. O prior parecia furioso. – Jack, você está vivendo em pecado com a mulher do seu irmão? – perguntou.

Jack estava estarrecido.

– Você não sabia?

– É claro que não! – rugiu Philip. – Acha que eu teria ficado calado se soubesse?

Fez-se silêncio. Philip quase nunca gritava. Jack percebeu que estava muito encrencado. Seu erro era meramente técnico, é claro, mas monges deviam ser rígidos em relação a esse tipo de coisa. E piorava muito as coisas o fato de Philip ter descoberto agora que ele estava morando com Aliena. Isso permitira a Remigius pegar Philip de surpresa e fazê-lo passar por bobo. Agora o prior teria de ser firme para provar que era rígido.

– Mas vocês não podem construir o tipo errado de igreja só para me punir – argumentou Jack, desolado.

– Você vai ter que deixar a mulher – disse Remigius com deleite.

– Vá se danar, Remigius – falou Jack. – Ela é mãe do meu filho... Ele já tem 1 ano!

Remigius se recostou na cadeira com um ar satisfeito.

– Jack, se você falar desse jeito no capítulo vai ter de se retirar – ralhou Philip.

Jack sabia que deveria se acalmar, porém não conseguiu.

– Mas isso é ridículo! – exclamou. – Vocês estão me dizendo para

abandonar minha mulher e nosso filho! Isso não é agir com moralidade, é se preocupar com uma ninharia!

A ira de Philip diminuiu um pouco e Jack viu em seus claros olhos azuis a expressão de compaixão que lhe era familiar.

– Jack, você pode ter uma interpretação pragmática das leis de Deus, mas nós preferimos ser rígidos. Por isso somos monges. E não podemos aceitá-lo como construtor enquanto viver em adultério.

Jack se lembrou de uma frase das Escrituras.

– Jesus disse: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.”

– Sim – retrucou o prior. – Mas Jesus disse à adúltera: “Vai e não tornes a pecar.” – Ele se virou para Remigius. – Imagino que se o adultério cessar você retirará a objeção.

– Claro! – respondeu Remigius.

Apesar da raiva e da infelicidade que sentia, Jack percebeu que Philip conseguira manipular Remigius com grande perícia. Havia transformado o adultério na questão decisiva e assim passara por cima de todas as dúvidas quanto ao novo projeto. Mas Jack não estava disposto a aceitar a proposta.

– Eu não vou deixá-la! – falou.

– Talvez não seja por muito tempo – disse Philip.

Jack se deteve. Aquilo o pegara de surpresa.

– Como assim?

– Se o primeiro casamento de Aliena for anulado, você poderá se casar com ela.

– E isso é possível?

– Se, como você diz, o casamento nunca foi consumado, deve ser automático.

– O que eu tenho de fazer?

– Uma solicitação ao tribunal eclesiástico. Em geral teria de recorrer ao do bispo Waleran, mas nesse caso você provavelmente deverá pedir direto ao arcebispo de Canterbury.

– E o arcebispo deve aceitar?

– Pela lei, sim.

Jack notou que a resposta não tinha sido de todo inequívoca.

– Enquanto isso, nós teríamos de viver separados?

– Se você quiser ser nomeado mestre construtor da catedral de

Kingsbridge, sim.

– Você está me pedindo que eu escolha entre as duas coisas que mais amo no mundo – falou Jack.

– Não por muito tempo – disse Philip.

A voz do prior fez Jack erguer a cabeça com um movimento brusco para encará-lo: havia no rosto do prior uma compaixão genuína. Jack entendeu que Philip lamentava muito ter de fazer aquilo e ficou menos zangado e mais triste.

– Quanto?

– Pode ser que leve até um ano.

– Um ano!

– Vocês não precisam morar em cidades diferentes – explicou Philip. – Você ainda poderá ver Aliena e o menino.

– Vocês sabiam que ela foi até a Espanha me procurar? – indagou Jack.

– Conseguem imaginar uma coisa dessas? – Mas os monges não tinham a menor noção do que era o amor. – E agora vou ter de dizer a ela que precisamos viver separados – completou ele com amargura.

Philip se levantou e pôs a mão em seu ombro.

– O tempo vai passar mais depressa do que você pensa, prometo – disse ele. – E você vai estar ocupado construindo a nova catedral.

>II

Em oito anos, a floresta havia crescido e se modificado. Jack jamais pensara que um dia fosse se perder naquela área que antes conhecia como a palma da mão, mas estava enganado. As antigas trilhas tinham sido tomadas pelo mato e outras novas foram abertas na vegetação rasteira por cervos, javalis e põneis selvagens; regatos tinham mudado de curso; árvores velhas tinham caído e as novas, crescido. Tudo estava menor: as distâncias pareciam mais curtas, os morros menos íngremes. O mais notável de tudo foi que ele se sentia um estranho ali. Quando um jovem cervo o encarou assustado do outro lado de uma clareira, Jack não soube dizer a que família ele pertencia nem onde se encontrava a mãe dele. Uma revoada de patos levantou voo e ele não soube identificar imediatamente

de que curso d'água eles haviam partido e por quê. Para completar, estava nervoso, pois não tinha a menor ideia de onde poderiam estar os fora da lei.

Havia percorrido a maior parte do caminho desde Kingsbridge a cavalo, mas assim que deixara a estrada principal fora obrigado a apear, pois os galhos das árvores cresciam baixo demais ao longo da trilha para que seguisse montado. Voltar ao território da sua infância lhe causou uma tristeza inexplicável. Ele nunca valorizara a simplicidade da vida na época pelo simples fato de nunca a ter percebido. Sua maior paixão eram os morangos e ele sabia que todo verão, durante alguns dias, mais morangos do que ele seria capaz de comer brotariam no chão da floresta. Agora tudo era um problema: sua amizade combativa com o prior Philip; seu amor frustrado por Aliena; sua imensa ambição de construir a catedral mais linda do mundo; sua ânsia em descobrir a verdade sobre o pai.

Perguntou-se quanto a mãe teria mudado nos dois anos que havia passado fora. Estava muito ansioso para revê-la. Ele conseguira se virar perfeitamente bem sozinho, claro, mas era muito tranquilizador ter alguém sempre disposto a lutar por você, e ele havia sentido falta dessa sensação de segurança.

Fora preciso quase o dia inteiro para chegar ao trecho da floresta onde antes morava com a mãe. A tarde curta de inverno escurecia depressa. Em breve ele precisaria desistir de procurar a antiga caverna e se concentrar em encontrar um lugar protegido para a noite. Faria frio. Por que estou preocupado?, pensou. Antes eu passava todas as noites na floresta.

No fim, quem o encontrou foi ela.

Jack já ia desistir. Uma trilha estreita e quase invisível através da vegetação, decerto usada apenas por texugos e raposas, terminava em meio a um denso matagal. Não havia outro jeito a não ser dar meia-volta. Quando ele fez isso com o cavalo, quase a atropelou.

– Você esqueceu como se anda na floresta sem fazer barulho – disse ela. – Ouvi o mato farfalhando a mais de 1 quilômetro de distância.

Jack sorriu. Ela não havia mudado.

– Oi, mãe – falou.

Deu-lhe um beijo no rosto e então, num impulso de afeto, um abraço.

Ela tocou seu rosto.

– Você está mais magro do que nunca.

Ele a observou. Estava morena e com a aparência saudável, os cabelos ainda fartos e escuros, sem qualquer fio grisalho. Os olhos exibiam o mesmo tom dourado e ainda pareciam ver o fundo da alma de Jack.

– Você continua igualzinha – comentou ele.

– Para onde você foi?

– Fui até Compostela e depois além, até Toledo.

– Aliena foi atrás de você...

– Ela me encontrou. Graças a você.

– Que bom. – Ellen fechou os olhos como quem faz uma prece de agradecimento. – Fico muito feliz.

Ela o conduziu pela floresta até uma caverna situada a menos de 1 quilômetro dali: a memória de Jack não estava tão ruim, afinal. Lá dentro havia uma grande fogueira acesa e três lamparinas tremeluziam. Ela lhe deu uma caneca de sidra preparada com maçãs e mel silvestres e os dois assaram algumas castanhas. Jack se lembrava dos objetos que um morador da floresta não podia fabricar sozinho e havia trazido para a mãe facas, corda, sabão e sal. Ela começou a esfolar um coelho.

– Como você está, mãe? – perguntou ele.

– Bem – respondeu Ellen. Então olhou para o filho e percebeu que a pergunta era séria. – Sinto falta de Tom Builder – falou. – Mas ele morreu e não tenho vontade de arrumar outro marido.

– Fora isso, você é feliz aqui?

– Sim e não. Estou acostumada a viver na floresta. Gosto de ficar sozinha. Nunca me acostumei direito com padres enxeridos dizendo como eu deveria me comportar. Mas sinto falta de você, de Martha e de Aliena, e gostaria de poder ver mais o meu neto. – Ela sorriu. – No entanto, nunca mais vou poder voltar a morar em Kingsbridge, não depois de ter amaldiçoado um casamento cristão. O prior jamais me perdoará por isso. Mas, enfim, tudo valeu a pena se eu finalmente consegui juntar você e Aliena. – Ela ergueu os olhos do coelho com um sorriso satisfeito. – Então, o que está achando da vida de casado?

– Hum... – começou ele, hesitante. – Nós não estamos casados. Aos olhos da Igreja, Aliena ainda é casada com Alfred.

– Não seja bobo. O que a Igreja entende disso?

– Bem, eles sabem quem já casou e não quiseram me deixar construir a catedral enquanto eu estivesse vivendo com a esposa de outro homem.

Os olhos de Ellen faiscaram de raiva.

– Então você a deixou?

– Sim. Até ela conseguir uma anulação.

A mãe pôs de lado a pele do coelho. Com uma faca afiada nas mãos sujas de sangue, começou a desossar a carne e a jogar os pedaços dentro da panela que borbulhava no fogo.

– O prior já fez isso comigo uma vez quando eu estava com Tom – disse ela, enquanto cortava a carne crua com gestos rápidos. – Ele fica muito nervoso quando as pessoas fazem amor. É porque ele próprio não pode e não gosta que os outros tenham liberdade para fazer o que para ele é proibido. Se um casal se casa na igreja, é claro, não há nada que ele possa fazer. Caso contrário, ele tem a chance de estragar a vida deles e isso o faz se sentir melhor.

Ela cortou os pés do coelho e os jogou dentro de um balde de madeira cheio de lixo.

Jack assentiu. Tinha de aceitar o inevitável, mas sempre que dava boa-noite a Aliena e se afastava da porta da casa dela sentia raiva de Philip e entendia o ressentimento persistente da mãe.

– Mas não é para sempre – observou ele.

– E o que Aliena acha disso?

Jack fez uma careta.

– Ela não gosta, mas acha que a culpa é dela por ter se casado com Alfred.

– E é mesmo. E sua por fazer tanta questão de construir igrejas.

Ele lamentava o fato de a mãe não compartilhar seu sonho.

– Mãe, não vale a pena construir mais nada. As igrejas são maiores, mais altas, mais bonitas e mais difíceis de construir, e têm mais ornamentos e esculturas do que qualquer outro tipo de edifício.

– E você não se satisfaria com nenhuma outra coisa.

– Não.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

– Nunca vou entender onde você foi arrumar essa ideia de que estava destinado à grandeza. – Ela pôs o resto do coelho na panela e começou a limpar a parte interna da pele, que iria usar depois. – Com certeza não herdou isso dos seus antepassados.

Era a deixa que ele vinha aguardando.

– Mãe, quando eu estava no além-mar, descobri mais coisas sobre meus antepassados.

Ela parou de raspar e o encarou.

– Que conversa é essa?

– Encontrei a família do meu pai.

– Meu Deus do céu! – Ellen largou a pele do coelho. – Como? Onde eles estão? Como são?

– Existe uma cidade na Normandia chamada Cherbourg. Foi de lá que ele veio.

– Como pode ter tanta certeza?

– Sou tão parecido com ele que todos pensaram que eu fosse um fantasma. – Ellen se jogou em um banquinho. Jack sentiu culpa por tê-la deixado tão chocada, mas não imaginava que a notícia fosse abalá-la tanto.

– Como... como é a família dele? – quis saber ela.

– O pai já morreu, mas a mãe dele ainda está viva. Uma vez convencida de que eu não era o fantasma do meu pai, ela foi gentil. O irmão mais velho dele é carpinteiro, casado e com três filhos. Meus primos. – Ele sorriu. – Não é ótimo? Nós temos parentes.

Esse pensamento pareceu incomodá-la e ela adquiriu um ar preocupado.

– Ah, Jack, lamento muito não ter lhe dado uma criação normal.

– Eu não lamento – retrucou ele com leveza. Ficava constrangido quando a mãe expressava remorso, uma atitude que não combinava com ela. – Mas estou feliz por ter conhecido meus primos. Mesmo que nunca mais os veja, é bom saber que eles existem.

Ela concordou com tristeza.

– Entendo.

Jack inspirou fundo.

– Eles pensavam que meu pai tivesse morrido em um naufrágio há 24 anos. Ele estava a bordo de uma embarcação chamada *Navio Branco*, que afundou perto de Barfleur. Acreditava-se que todos tivessem se afogado, mas é óbvio que meu pai sobreviveu. Porém, ninguém nunca ficou sabendo disso, porque, por algum motivo, ele nunca voltou para Cherbourg.

– Ele veio para Kingsbridge – falou Ellen.

– Mas *por quê?*

Ela suspirou.

– Ele se agarrou a um barril e foi dar perto de um castelo – explicou. – Foi até lá avisar sobre o naufrágio. No castelo havia vários nobres poderosos, que ficaram consternadíssimos ao vê-lo chegar. Eles o prenderam e o trouxeram para a Inglaterra. Depois de algumas semanas ou meses, seu pai não sabia direito, estava meio confuso, ele veio parar em Kingsbridge.

– Ele disse alguma coisa sobre o naufrágio?

– Só que o navio afundou muito depressa, como se estivesse furado.

– Pelo visto eles precisavam manter meu pai escondido.

Ela aquiesceu.

– Então, quando perceberam que não poderiam mantê-lo preso para sempre, eles o mataram.

Jack se ajoelhou na frente dela e a forçou a encará-lo.

– Quem eram eles, mãe? – perguntou, com a voz trêmula de emoção.

– Você já me perguntou isso antes.

– E você nunca me respondeu.

– Porque não quero que você passe a vida inteira tentando vingar a morte do seu pai!

Jack sentiu que ela o tratava como a uma criança, sonegando informações que talvez não fossem boas para ele. Tentou agir de modo calmo e maduro.

– Eu vou passar minha vida inteira construindo a catedral de Kingsbridge e tendo filhos com Aliena, mas quero saber por que meu pai foi enforcado. E as únicas pessoas que têm essa resposta são os homens que prestaram falso testemunho contra ele. Então preciso saber quem eram eles.

– Na época eu não sabia o nome deles.

Jack percebeu que Ellen estava sendo evasiva e se irritou.

– *Mas agora sabe!*

– Sim, agora eu sei – disse ela, chorosa, e ele entendeu que aquilo era tão doloroso para sua mãe quanto para ele. – E vou falar, porque estou vendo que você nunca vai parar de perguntar.

Ela fungou e enxugou os olhos.

Jack aguardou, ansioso.

– Eram três: um monge, um padre e um cavaleiro.

Jack a encarou com atenção.

– Os nomes.

– Você vai perguntar por que eles mentiram sob juramento?

– Vou.

– E acha que eles vão responder?

– Talvez não. Vou encará-los quando fizer a pergunta e pode ser que isso me diga tudo o que eu preciso saber.

– Talvez nem isso seja possível.

– Mãe, eu quero tentar!

Ellen suspirou.

– O monge era o prior de Kingsbridge.

– Philip!

– Não, não Philip. Isso foi antes de ele assumir. O prior de antes, James.

– Mas ele já morreu.

– Falei que talvez não fosse possível interrogá-los.

Jack estreitou os olhos.

– E os outros, quem eram?

– O cavaleiro era Percy Hamleigh, conde de Shiring.

– O pai de William!

– Isso.

– Ele também morreu!

– Sim.

Jack teve a terrível intuição de que todos os três estariam mortos e o segredo fora enterrado junto com seus ossos.

– E o padre, quem era? – indagou, angustiado.

– Chamava-se Waleran Bigod. Ele hoje é o bispo de Kingsbridge.

Jack deu um suspiro de profunda satisfação.

– E ainda está vivo – falou.



O castelo do bispo Waleran ficou pronto no Natal. William Hamleigh e sua mãe foram a cavalo até lá em uma bela manhã no início do novo ano. Divisaram-no de longe, do outro lado do vale. O castelo ficava no ponto

mais alto da encosta à frente e dominava os campos em volta com um olhar intimidador.

Ao atravessarem o vale, passaram pelo antigo palácio, agora usado como depósito de lã. A renda da lã havia financiado boa parte do novo castelo.

Eles subiram trotando a suave encosta do outro lado do vale e entraram por uma brecha nas muralhas de terra e sobre o fosso seco até um portão incrustado em um muro de pedra. Com muralhas, um fosso e um muro de pedra, aquele era um castelo muito seguro, mais do que o de William e muitos dos castelos do rei.

O pátio interno era dominado por uma imensa torre de menagem quadrada de três andares, que tornava minúscula a igreja de pedra ao seu lado. William ajudou a mãe a descer do cavalo. Eles deixaram os cavaleiros levarem os animais até o estábulo e subiram os degraus que conduziam ao salão.

Era meio-dia e os criados de Waleran arrumavam a mesa. Alguns de seus arcediagos, deões, empregados e agregados aguardavam o almoço, espalhados pelo recinto. William e Regan ficaram esperando enquanto um encarregado subia até os aposentos particulares do bispo para anunciar a chegada deles.

William ardia com um ciúme feroz e torturante. Aliena estava apaixonada e o condado inteiro sabia. Tivera um filho gerado fora do casamento e o marido a expulsara de casa. Com o bebê no colo, ela saíra em busca do amado, que encontrara após procurar por meia cristandade. A história era contada e recontada por todo o sul da Inglaterra. Sempre que a ouvia, William espumava de ódio. Mas já havia pensado em uma forma de se vingar.

Eles foram conduzidos escada acima até os aposentos de Waleran. Encontraram-no sentado diante de uma mesa com Baldwin, agora arcediago. Os dois religiosos contavam dinheiro sobre uma toalha quadriculada, separando as moedas de prata em pilhas de doze e passando-as de quadrados pretos para brancos. Baldwin se levantou, fez uma medida para lady Regan, em seguida recolheu depressa a toalha e as moedas.

Waleran se levantou e foi até a cadeira junto à lareira. Moveu-se depressa, como uma aranha, e William sentiu o mesmo velho e conhecido ódio. No entanto, decidiu se mostrar servil. Ouvira falar recentemente na

morte horrível do conde de Hereford, que havia brigado com o bispo de Hereford e morrido excomungado. Seu corpo fora sepultado em terreno não consagrado. Quando William imaginava o próprio corpo enterrado em uma terra qualquer, vulnerável a todos os demônios e monstros que habitam o mundo das trevas, chegava a tremer de medo. Jamais iria brigar com *seu* bispo.

Bigod estava mais pálido e magro do que nunca, e suas vestes negras pendiam do corpo dele como roupas que secam em uma árvore. Ele nunca parecia mudar. Já William sabia que estava transformado. A comida e o vinho eram seus principais prazeres e, apesar da vida ativa que levava, a cada ano se tornava um pouco mais gordo, obrigando-o a substituir duas vezes ao longo dos últimos sete anos a cota de malha feita sob medida quando tinha 21.

Waleran acabara de voltar de York. Passara quase meio ano fora.

– Teve uma viagem proveitosa? – perguntou William, educadamente.

– Não – respondeu ele. – O bispo Henrique me mandou lá na tentativa de resolver uma contenda de quatro anos para saber quem é o arcebispo de York. Eu fracassei. A disputa continua.

Quanto menos falarmos sobre isso, melhor, pensou William.

– Houve muitas mudanças por aqui enquanto o senhor esteve fora. Principalmente em Kingsbridge.

– Em Kingsbridge? – Waleran estava surpreso. – Pensei que esse problema já estivesse resolvido de uma vez por todas.

William balançou a cabeça.

– Agora eles têm a Virgem que Chora.

Waleran fez uma cara irritada.

– Que diabo de conversa é essa?

Quem respondeu foi Regan:

– É uma estátua de madeira da Virgem Maria que eles usam em procissões. Em determinados momentos, a estátua verte água pelos olhos. As pessoas acham que é um milagre!

– E é mesmo um milagre! – exclamou William. – Uma estátua que chora!

Waleran o encarou com desdém.

– Milagre ou não, milhares de pessoas foram lá vê-la nos últimos meses – explicou Regan. – Enquanto isso, o prior Philip recomeçou a

construir a catedral. Estão consertando a chancela e instalando um novo teto de madeira e já estão trabalhando no resto da igreja. As fundações do coro foram escavadas e alguns pedreiros chegaram de Paris.

– Paris? – estranhou Waleran.

– A nova igreja vai ser construída no mesmo estilo de Saint-Denis, seja lá o que for isso – respondeu Regan.

Waleran aquiesceu.

– Arcos em ogiva. Ouvi falar nisso lá em York.

William estava pouco ligando para o estilo da catedral de Kingsbridge.

– A questão é que jovens das minhas propriedades rurais estão se mudando para Kingsbridge para trabalhar como serventes e o mercado de lá foi reaberto e funciona todos os domingos, esvaziando o de Shiring... A mesma história de sempre!

Ele olhou de relance para Waleran e Regan com um ar nervoso, pensando se desconfiariam de seu motivo oculto, mas nem o bispo nem sua mãe notaram alguma coisa.

– O pior erro que cometi foi ter ajudado Philip a virar prior – disse Waleran.

– Eles vão aprender que não podem simplesmente agir assim – falou William.

Waleran o encarou com uma expressão pensativa.

– O que você quer fazer?

– Vou saquear a cidade outra vez.

E vou aproveitar para matar Aliena e o amante dela, pensou, o rosto voltado para o fogo a fim de que a mãe não notasse seu olhar e lesse seus pensamentos.

– Não acho que isso seja possível – falou Waleran.

– Eu já fiz uma vez. Por que não poderia fazer de novo?

– Da última vez você teve um bom motivo: a feira de lã.

– E agora é o mercado. Eles também nunca tiveram autorização do rei Estêvão para isso.

– Não é exatamente a mesma coisa. Philip abusou da sorte ao fazer uma feira de lã e você a atacou de imediato. O mercado dominical já vem acontecendo em Kingsbridge há seis anos e, de toda forma, fica a 32 quilômetros de Shiring, então deveria ser autorizado.

William reprimiu a raiva. Queria dizer a Waleran que parasse de se

comportar feito uma mulherzinha velha e fraca, mas não podia.

Enquanto William engolia o protesto, um encarregado entrou e postou-se junto à porta por algum tempo, sem dizer nada.

– O que foi? – perguntou Waleran.

– Tem um homem aqui insistindo em lhe falar, meu senhor bispo. O nome dele é Jack Jackson. Um construtor de Kingsbridge. Devo mandá-lo embora?

William sentiu o coração disparar. Era o amante de Aliena. Como o sujeito podia aparecer ali justamente quando ele estava planejando a sua morte? Talvez tivesse poderes sobrenaturais. William se sentiu invadido pelo medo.

– De Kingsbridge? – indagou Waleran, curioso.

– É o novo mestre construtor de lá – explicou Regan. – O que trouxe a Virgem que Chora da Espanha.

– Interessante – falou Waleran. – Vamos ver qual é a cara dele. – Dirigiu-se ao encarregado. – Mande-o entrar.

William olhava atentamente a porta, tomado por um terror supersticioso. Imaginava um homem alto e assustador, vestido com uma capa preta, que chegaria e apontaria diretamente para ele com um dedo acusador. Mas quando Jack surgiu ficou chocado ao constatar como era jovem. Não podia ter muito mais que 20 anos. Tinha cabelos ruivos e olhos azuis alertas que passaram rapidamente por William, se detiveram em Regan, cujas horrendas pústulas atraíam o olhar de qualquer um que não estivesse acostumado, até que pararam em Waleran. O construtor não se mostrava muito intimidado por estar diante dos dois homens mais poderosos do condado, mas, tirando essa surpreendente indiferença, não impunha muito medo.

Como William, Waleran percebeu a atitude insubordinada do jovem construtor e reagiu com uma voz fria e arrogante:

– Bem, rapaz, o que você quer comigo?

– A verdade – respondeu Jack. – Quantos homens o senhor viu serem enforcados?

William levou um susto. Era uma pergunta chocante e insolente. Olhou para os outros. Sua mãe, inclinada para a frente e muito concentrada em Jack, tinha o cenho franzido como se o reconhecesse e estivesse tentando situá-lo. Waleran exibia uma atitude fria e bem-humorada.

– Isso por acaso seria uma charada? – indagou. – Já vi tanta gente ser enforcada que perdi a conta, e mandarei enforcar mais um se você não me falar com respeito.

– Perdoe-me, meu senhor bispo – disse Jack, mas não sou amedrontado. – O senhor se lembra de todos?

– Acho que sim – respondeu Waleran, parecendo intrigado, ainda que a contragosto. – Imagino que você esteja interessado em um especificamente.

– Há 22 anos, em Shiring, o senhor viu um homem chamado Jack Shareburg morrer na forca.

William ouviu a mãe abafar um murmúrio assustado.

– Ele era menestrel – prosseguiu Jack. – Lembra-se dele?

William sentiu uma tensão tomar a atmosfera subitamente. Jack Jackson tinha algo assustador que não era natural, só assim para explicar o efeito que causava em Waleran e Regan.

– Acho que talvez me lembre – falou Waleran, e William ouviu na voz do bispo o esforço que fazia para se controlar.

O que estaria acontecendo?

– Imagino que sim – retrucou Jack, soando novamente insolente. – O homem foi condenado pelo testemunho de três pessoas. Duas delas estão mortas. A terceira era o senhor.

Waleran aquiesceu.

– Ele tinha roubado um objeto do priorado de Kingsbridge. Um cálice cravejado de pedras preciosas.

Uma expressão dura tomou os olhos azuis de Jack.

– Ele não tinha feito nada disso.

– Eu mesmo o surpreendi com o cálice.

– O senhor mentiu.

Houve uma pausa. Quando Waleran tornou a falar, o tom foi brando, mas seu semblante estava duro como ferro:

– Posso mandar arrancar sua língua por isso.

– Só quero saber por que o senhor mentiu – insistiu Jack, como se não tivesse escutado a sinistra ameaça. – Seja franco. William não é uma ameaça para o senhor e a mãe dele já parece saber tudo a respeito.

William olhou para a mãe. Era verdade: ela parecia mesmo saber do que se tratava. Ele, porém, não estava entendendo nada. Pelo visto – mal

podia acreditar –, a visita do rapaz não tinha nada a ver com ele e seus planos secretos de matar o amante de Aliena.

– Você está acusando o bispo de perjúrio! – disse Regan a Jack.

– Não vou repetir a acusação em público – retrucou ele, sem se abalar.

– Não tenho provas e, de todo modo, não estou interessado em vingança. Gostaria apenas de entender por que o senhor mandou enforcar um inocente.

– Saia daqui – disse Waleran, hostil.

Jack aquiesceu, como se não esperasse nada além disso. Embora não tivesse obtido respostas para suas perguntas, seu rosto exibia uma expressão satisfeita, como se suas suspeitas houvessem de algum modo sido confirmadas.

William continuava desconcertado por todo aquele diálogo.

– Espere um instante – disse, por impulso.

Jack se virou na soleira da porta e o encarou com aqueles olhos azuis zombeteiros.

– Qual... – William engoliu em seco e controlou a voz. – Qual seu interesse nisso? Por que veio aqui fazer essas perguntas?

– Porque o homem que eles enforcaram era meu pai – respondeu Jack, e saiu.

O salão permaneceu em silêncio. Quer dizer que o amante de Aliena, o mestre construtor de Kingsbridge, era filho de um ladrão enforcado em Shiring?, pensou William. E daí? Mas a mãe estava aflita, e Waleran na verdade parecia abalado.

– Aquela mulher me persegue há vinte anos – falou o bispo depois de um tempo, com amargura.

Ele costumava ser tão contido que William ficou chocado ao vê-lo demonstrar os próprios sentimentos.

– Ela sumiu depois que a catedral desabou – disse Regan. – Pensei que não fôssemos mais vê-la.

– E agora o filho dela veio nos assombrar.

Havia na voz de Waleran algo próximo a um medo genuíno.

– Por que o senhor não o prende por tê-lo acusado de perjúrio? – indagou William.

Waleran lhe lançou um olhar de desdém.

– Esse seu menino é mesmo um tolo, Regan – disse.

William entendeu que a acusação de perjúrio era verdadeira. E, se ele conseguia entender isso, Jack também conseguira.

– Alguém mais sabe?

– O prior James confessou o perjúrio ao subprior Remigius antes de morrer – falou Regan. – Mas Remigius sempre esteve do nosso lado contra Philip, de modo que não representa perigo. A mãe de Jack sabe alguma coisa, mas não tudo, caso contrário a esta altura já teria usado a informação. Mas Jack viajou bastante... Talvez tenha descoberto algo que a mãe não sabe.

William percebeu que aquela estranha história do passado talvez pudesse ser usada a seu favor.

– Vamos matar Jack Jackson – disse, como se o pensamento houvesse acabado de lhe ocorrer.

Waleran apenas balançou a cabeça com desprezo.

– Isso só chamaria atenção para ele e suas acusações – discordou Regan.

William ficou decepcionado. Aquilo lhe parecera quase providencial. Enquanto o silêncio se prolongava, pensou um pouco. Então uma nova ideia lhe ocorreu.

– Não necessariamente – disse.

Os outros dois olharam para ele com ceticismo.

– Jack poderia ser morto sem atrair atenção para si – insistiu William.

– Está bem, diga como – pediu Waleran.

– Ele poderia ser morto em um ataque a Kingsbridge – disse o cavaleiro, e teve a satisfação de ver a mesma expressão de surpresa e respeito nos rostos da mãe e do bispo.



Jack deu a volta no canteiro de obras com o prior Philip no final da tarde. As ruínas da chancela tinham sido removidas e o entulho formava duas enormes pilhas no lado norte do priorado. Novos andaimes foram montados e os pedreiros reconstruíam as paredes desmoronadas. Junto à enfermaria havia um grande estoque de madeira.

– Você está avançando depressa – comentou Philip.

– Não tão depressa quanto gostaria – retrucou Jack.

Eles inspecionaram as fundações dos transeptos. Dentro dos buracos, entre quarenta e cinquenta serventes enchiam baldes com lama, enquanto outros no nível do chão operavam as manivelas que faziam os baldes subirem. Imensos blocos de pedra talhados grosseiramente para formar os alicerces foram empilhados ali perto.

Jack levou Philip até sua oficina, muito maior do que o antigo barracão de Tom. Um dos lados era completamente aberto para deixar entrar bastante luz. Metade da área era ocupada pelos desenhos. Ele havia disposto tábuas no chão de terra batida e pregara uma moldura de madeira ao redor das tábuas, despejando sobre elas gesso até quase transbordar pela moldura. Após endurecer, era possível caminhar em cima do gesso, mas também riscar desenhos com o auxílio de um pedaço curto de arame afiado em uma das pontas. Era ali que Jack projetava os detalhes da construção. Usava compassos, uma régua e um esquadro. Assim que eram feitos, os riscos ficavam brancos e nítidos, mas logo se tornavam acinzentados, permitindo que fizessem novos desenhos por cima sem confundi-los. Era uma ideia que havia trazido da França.

A maior parte do restante do barracão era ocupada pela bancada na qual Jack trabalhava nos modelos de madeira que mostrariam aos pedreiros como esculpir as pedras. A luz começava a enfraquecer: não haveria mais trabalho com madeira nesse dia. Começou a guardar as ferramentas.

Philip pegou um dos modelos.

– Para que é isso?

– Para o plinto na base de uma coluna.

– Você prepara as coisas com bastante antecedência.

– Mal posso esperar para começar a construir de verdade.

Nos últimos tempos, todas as suas conversas eram tensas e se atinham aos fatos.

Philip devolveu o modelo.

– Preciso entrar para rezar as completas.

Virou-se para sair.

– E eu vou *visitar* minha família – falou Jack, ácido.

Philip parou por um instante como se fosse dizer alguma coisa, seu rosto tomado de tristeza, e saiu.

Jack trancou sua caixa de ferramentas. Tinha sido um comentário bobo. Ele havia aceitado o trabalho nas condições impostas por Philip e de nada adiantava reclamar agora. Mas sentia uma raiva constante do prior e nem sempre conseguia mantê-la escondida.

Saiu do priorado no lusco-fusco e foi até a pequena casa no bairro pobre onde Aliena vivia com o irmão, Richard. Ela abriu um sorriso feliz ao vê-lo entrar, mas eles não se beijaram. Nunca se tocavam. Tinham medo de ficar excitados e depois ter de se despedir frustrados, ou então de ceder ao desejo e correr o risco de serem surpreendidos violando a promessa feita ao prior.

Tommy brincava no chão. Tinha agora 1 ano e meio e sua obsessão atual era colocar coisas dentro de outras. Havia umas quatro ou cinco tigelas de cozinha na sua frente e ele não se cansava de pôr as menores dentro das maiores e de tentar pôr as maiores dentro das menores. Jack pensou, muito impressionado, que o filho não sabia instintivamente que uma tigela grande não caberia dentro de uma menor, e que, portanto, isso era algo que os humanos precisavam aprender. Tommy estava se esforçando para entender as relações espaciais do mesmo modo que Jack ao tentar imaginar algo como o formato de uma pedra em uma abóbada.

O menino fascinava Jack, mas também o deixava nervoso. Até então, ele nunca havia se preocupado com sua capacidade de conseguir trabalho, manter um emprego e se sustentar. Iniciara a travessia da França sem pensar por um segundo sequer na possibilidade de ficar na miséria e morrer de fome. Agora, porém, queria segurança. A necessidade de cuidar do filho era muito mais intensa do que a de cuidar de si mesmo. Pela primeira vez na vida, tinha responsabilidades.

Aliena pôs sobre a mesa uma jarra de vinho e um bolo com especiarias e se sentou na frente de Jack. Ele serviu o vinho em uma caneca e bebeu agradecido. Aliena pôs um pouco do bolo na frente do filho, mas Tommy não estava com fome e espalhou a comida sobre a palha do chão.

– Jack, eu preciso de mais dinheiro – disse ela.

Ele ficou espantado.

– Eu lhe dou 12 *pence* por semana. Só ganho 24.

– Me desculpe – continuou ela. – Você mora sozinho... Não precisa de tanto assim.

Jack achou aquilo bem pouco razoável.

– Mas um servente ganha só 6 *pence* por semana, e alguns deles têm cinco ou seis filhos!

Aliena parecia aborrecida.

– Jack, eu não sei como as esposas dos serventes cuidam de suas casas. Nunca aprendi isso. E não gasto nada comigo mesma. Mas você almoça aqui todos os dias. E tem também Richard...

– Bom, o que tem Richard? – indagou Jack, bravo. – Por que ele não se sustenta?

– Ele nunca fez isso.

Para Jack, Aliena e Tommy já eram um fardo pesado o suficiente para ele carregar.

– Não sabia que Richard era responsabilidade minha!

– Bem, minha ele é – falou ela baixinho. – Quando você me assumiu, assumiu Richard também.

– Não me lembro de ter concordado com isso! – exclamou ele, com raiva.

– Não fique bravo.

Tarde demais. Jack já estava bravo.

– Richard já tem 23 anos de idade, é dois anos mais velho do que eu. Por que eu deveria sustentá-lo? Por que devo comer pão seco no desjejum e pagar pelo toucinho dele?

– De toda forma, estou grávida de novo.

– O quê?

– Vou ter outro filho.

A raiva de Jack se evaporou. Ele agarrou a mão dela.

– Que maravilha!

– Está feliz? – indagou ela. – Tive medo de você ficar bravo.

– Bravo?! Estou nas nuvens! Não conheci Tommy quando ele era pequenininho... agora vou saber o que perdi.

– Mas e a responsabilidade, os custos a mais?

– Ah, os custos que vão para o inferno. Só estou mal-humorado por termos de viver separados. Dinheiro nós temos de sobra. E outro bebê! Tomara que seja menina. – Veio-lhe um pensamento e ele franziu o cenho.

– Mas quando...?

– Deve ter sido logo antes de o prior Philip nos obrigar a viver separados.

– Quem sabe na véspera do Dia de Todos os Santos? – Ele sorriu. – Lembra-se dessa noite? Você montou em mim como se eu fosse um cavalo...

– Lembro – disse ela, corando.

Ele a encarou com afeto.

– Queria estar com você agora.

Ela sorriu.

– Eu também.

Eles ficaram de mãos dadas por cima da mesa.

Então Richard chegou.

Escancarou a porta e entrou na casa, afogueado e sujo de poeira, conduzindo seu cavalo suado.

– Tenho más notícias – disse, ofegante.

Aliena pegou Tommy do chão para tirá-lo da frente dos cascos.

– O que houve? – perguntou Jack.

– Temos todos de sair de Kingsbridge amanhã – respondeu Richard.

– Por quê?

– William Hamleigh vai incendiar a cidade de novo no domingo.

– Não! – gritou Aliena.

Jack gelou. Tornou a ver a cena de três anos antes, quando os homens de William invadiram a feira de lã com suas tochas e seus porretes brutais. Recordou o pânico, os gritos, o cheiro de carne queimada. Tornou a ver o corpo do padraço com a testa esmagada. Sentiu um aperto no peito.

– Como você sabe? – perguntou a Richard.

– Eu estava em Shiring e vi que alguns dos homens dele compravam armas no armeiro.

– Isso não quer dizer que...

– Tem mais. Eu os segui até uma taberna e escutei a conversa. Um deles perguntou que defesas Kingsbridge tinha, e outro respondeu que não tinha nenhuma.

– Ah, meu Deus, então é verdade – gemeu Aliena.

Olhou para Tommy e levou a mão ao ventre no qual crescia o novo bebê. Então ergueu o rosto e seu olhar encontrou o de Jack. Estavam pensando a mesma coisa.

– Mais tarde, puxei conversa com alguns mais jovens, que não me conhecem – continuou Richard. – Contei a eles sobre a batalha de Lincoln

e tudo o mais, e disse que estava atrás de um combate. Eles me disseram para ir até Earlscastle, mas tinha de ser hoje, pois amanhã eles iriam partir e o combate seria no domingo.

– Domingo – sussurrou Jack, invadido pelo medo.

– Fui até Earlscastle para ter certeza.

– Richard, que perigo! – exclamou Aliena.

– Todos os sinais estavam lá: mensageiros entrando e saindo, armas sendo afiadas, cavalos se exercitando, arreios sendo limpos... Não resta dúvida. – Com uma voz cheia de ódio, Richard arrematou: – Não há mal que satisfaça aquele demônio chamado William. Ele sempre quer mais.

Sem perceber, levou a mão à orelha direita e tocou a feia cicatriz com um gesto nervoso.

Jack estudou o rapaz por alguns instantes. Apesar de preguiçoso e esbanjador, havia um domínio em que seu juízo era confiável: o militar. Se ele dizia que William estava planejando um ataque, provavelmente estava certo.

– Vai ser uma catástrofe – murmurou Jack, quase para si mesmo.

Kingsbridge estava apenas começando a se recuperar. Três anos antes a feira de lã pegara fogo, no ano seguinte a catedral desabara sobre os fiéis e agora aquilo. As pessoas diriam que a má sorte de Kingsbridge tinha voltado. Mesmo que eles conseguissem fugir e evitar um banho de sangue, a cidade estaria arruinada. Ninguém iria querer morar, ir ao mercado ou trabalhar ali. Aquilo poderia impedir até mesmo a construção da catedral.

– Precisamos avisar o prior Philip – disse Aliena. – Agora mesmo.

Jack assentiu.

– Os monges devem estar jantando. Vamos.

Aliena pegou Tommy e todos subiram apressados o morro em direção ao mosteiro à luz daquele princípio de noite.

– Quando a catedral estiver concluída, vai ser possível fazer o mercado lá dentro – disse Richard. – Assim ele ficará protegido de ataques.

– Mas, enquanto isso, precisamos da renda do mercado para pagar a catedral – falou Jack.

Richard, Aliena e Tommy ficaram esperando do lado de fora enquanto Jack entrava no refeitório dos monges. Um jovem irmão lia em voz alta em latim enquanto os outros comiam em silêncio. Jack reconheceu um trecho catastrófico do Apocalipse. Parou no vão da porta e conseguiu

chamar a atenção de Philip, que se espantou ao vê-lo, mas se levantou e saiu na mesma hora.

– Más notícias – disse Jack, soturno. – Vou deixar que Richard lhe conte.

Conversaram na penumbra cavernosa da chancela reconstruída. Richard comunicou os detalhes ao prior em poucas frases.

– Mas nós não temos uma feira de lã, só um pequeno mercado! – disse Philip quando Richard terminou de falar.

– Pelo menos temos tempo de evacuar a cidade amanhã – ponderou Aliena. – Ninguém vai se machucar. E podemos reconstruir nossas casas como da última vez.

– Isso se William não decidir perseguir quem tiver saído da cidade – argumentou Richard, sombrio. – Acho que ele é bem capaz.

– Mesmo que todos fujamos, acho que isso significa o fim da feira – disse Philip com pessimismo. – As pessoas vão ficar com medo de montar barracas aqui.

– Talvez signifique o fim da catedral – acrescentou Jack. – Nos últimos dez anos, esse edifício já pegou fogo e desabou, e vários pedreiros morreram no incêndio da cidade. Acho que mais um desastre seria o último. As pessoas diriam que é má sorte.

Philip parecia arrasado. Jack calculava que ele ainda não contasse 40 anos, mas seu rosto já estava ficando enrugado e os cabelos que lhe rodeavam a cabeça eram agora mais grisalhos do que pretos. Mesmo assim, havia um brilho perigoso em seus olhos quando ele disse:

– Não vou aceitar isso. Não acredito que esta seja a vontade de Deus.

Jack se perguntou do que ele estava falando. Como poderia “não aceitar” aquilo? As galinhas podiam muito bem se recusar a aceitar a raposa, mas isso não faria diferença no destino delas.

– E o que você vai fazer? – indagou, cético. – Rezar para que William caia da cama hoje à noite e quebre o pescoço?

A ideia de resistir animou Richard.

– Vamos lutar – disse ele. – Por que não? Nós somos centenas. William vai trazer cinquenta homens, cem no máximo. Poderíamos vencer pelo simples peso dos números.

– E quantos dos nossos vão morrer? – protestou Aliena.

Philip apenas balançava a cabeça.

– Monges não lutam – disse, pesaroso. – E não posso pedir aos moradores da cidade que deem a vida quando eu não estou disposto a arriscar a minha.

– Também não adianta contar com meus pedreiros para resistir – falou Jack. – Isso não faz parte do trabalho deles.

Philip olhou para Richard, que era o mais perto que eles tinham de um perito militar.

– Existe algum jeito de defendermos a cidade sem um confronto direto?

– Não sem um muro – respondeu Richard. – A única coisa que temos para colocar diante do inimigo são corpos.

– Um muro – repetiu Jack, pensativo.

– Poderíamos desafiar William a resolver a questão em um confronto individual... um combate entre dois lutadores – continuou Richard. – Mas duvido que ele concorde.

– Muros resolveriam? – indagou Jack.

– Talvez nos salvem na próxima vez, mas não nesta – respondeu Richard com impaciência. – Não podemos erguer muros da noite para o dia.

– Não?

– É claro que não, deixe de ser...

– Cale a boca, Richard – interrompeu Philip, enérgico. Olhou para Jack com expectativa. – Qual é a sua ideia?

– Um muro não é tão difícil assim de construir – disse Jack.

– Continue.

A mente de Jack era um verdadeiro turbilhão. Os outros escutavam prendendo a respiração.

– Não há arcos, nem abóbadas, nem janelas ou telhado... Um muro *pode* ser erguido da noite para o dia, contanto que haja homens e material.

– E o que nós usaríamos? – quis saber Philip.

– Olhe em volta – falou Jack. – Temos blocos de pedra já talhados para os alicerces. Há uma pilha de madeira maior do que uma casa. No cemitério temos uma montanha de entulho do desabamento. Na beira do rio há mais uma grande quantidade de pedras que chegaram da pedreira. O que não falta é material.

– E a cidade tem construtores de sobra – disse Philip.

Jack concordou.

– Os irmãos podem organizar o trabalho. Os construtores se encarregam dos serviços qualificados. E como serventes teremos a população inteira da cidade. – Jack pensava depressa. – O muro teria de se estender por toda a margem mais próxima do rio. Vamos desmontar a ponte. Depois teríamos de construir o muro morro acima, contornando o bairro pobre, até se juntar com o muro leste do priorado... Então seguir para o norte e descer o morro de novo até a margem do rio. Não sei se há pedra suficiente para isso...

– Não precisa ser de pedra para ser eficaz – interveio Richard. – Um simples fosso com uma barreira de terra feita com a lama retirada do buraco já serve para o que precisamos, sobretudo nos pontos em que o inimigo estiver atacando morro acima.

– Com certeza de pedra é melhor – observou Jack.

– Melhor, mas não essencial. O objetivo do muro é atrasar o inimigo enquanto estiver exposto e permitir que o defensor o bombardeie de uma posição abrigada.

– Bombardeie? – indagou Aliena. – Com o quê?

– Pedras, óleo fervente, flechas. Quase todas as casas da cidade têm arcos...

Aliena estremeceu.

– Então ainda assim vamos acabar lutando – disse ela.

– Mas não corpo a corpo, não totalmente.

Jack estava dividido. Era mais seguro que todos se refugassem na floresta e torcessem para William se contentar em queimar as casas. Mesmo assim, havia o risco de ele e seus homens saírem à caça dos moradores. Seria maior o perigo caso todos ficassem ali mesmo, na cidade, atrás de uma muralha? Se algo desse errado, e William e seus homens encontrassem um jeito de transpor o muro, haveria uma carnificina medonha. Jack olhou para Aliena e Tommy e pensou na outra criança que já crescia na barriga dela.

– Existe algum meio-termo? – perguntou. – Poderíamos retirar as mulheres e crianças, e os homens ficariam para defender a cidade.

– Não, obrigada – disse Aliena, firme. – Esse é o pior dos dois mundos. Não teríamos muros e tampouco homens para nos defender.

Jack entendeu que ela estava certa. Muros de nada adiantavam sem

gente para defendê-los, e as mulheres e as crianças não podiam ser deixadas indefesas na floresta: William poderia ignorar a cidade e matá-las.

– Jack, o construtor é você – falou Philip. – É possível murar a cidade em um dia?

– Eu nunca construí um muro – respondeu Jack. – Não temos tempo para projetos, claro. Teríamos de designar um setor para cada artesão e deixá-lo usar o próprio juízo. No domingo de manhã, a argamassa mal vai ter assentado. Será o muro mais mal-construído de toda a Inglaterra. Mas, sim, é possível.

Philip se virou para Richard.

– Você já esteve em batalhas. Se construirmos um muro, podemos conter William?

– Com certeza – respondeu o rapaz. – Ele virá preparado para um ataque-relâmpago, e não para um cerco. Se encontrar uma cidade fortificada, não poderá fazer nada.

Por fim, Philip olhou para Aliena.

– Você é uma das pessoas vulneráveis e tem um filho para proteger. O que acha? Vale a pena fugirmos para a floresta e torcer para que William não nos persiga, ou ficamos aqui e construímos um muro para contê-lo?

Jack prendeu a respiração.

– Não é só uma questão de segurança – disse Aliena após uma pausa. – Philip, você dedicou toda a sua vida a este priorado. Jack, a catedral é seu sonho. Se fugirmos, vocês vão perder tudo pelo que viveram até aqui. Quanto a mim... Bem, eu tenho um motivo especial para querer ver o poder de William Hamleigh contido. Por mim, nós ficamos.

– Está bem – concordou Philip. – Vamos construir o muro.



Ao cair da noite, Jack, Richard e Philip percorreram o perímetro da cidade com lampiões para decidir onde erguer o muro. A cidade ficava em um morro baixo e o rio marcava seu limite em dois de seus lados. Como as margens eram lamacentas demais para sustentar um muro de pedra sem fundações sólidas, Jack sugeriu colocar ali uma cerca de madeira. Richard

achou que seria suficiente. O inimigo só poderia atacar a cerca se estivesse no rio, o que era quase impossível.

Nos dois lados restantes, alguns trechos do muro seriam simples barreiras de terra com uma vala na frente. Richard afirmou que isso bastaria nos pontos em que o terreno fosse inclinado e o inimigo tivesse de atacar morro acima. Onde o chão fosse plano, contudo, seria preciso um muro de pedra.

Jack então saiu pela cidade reunindo seus construtores, tirando-os de suas casas – até mesmo de suas camas – ou então da taberna. Explicou a emergência e o modo como a cidade iria lidar com ela, então percorreu com eles o perímetro e atribuiu a cada homem um trecho do muro: a cerca de madeira aos carpinteiros, o muro de pedra aos pedreiros e as barreiras de terra aos aprendizes e aos serventes. Pediu a eles que delimitassem seu trecho com estacas e barbante antes de ir dormir e que pensassem, antes de pegar no sono, em como iriam construí-lo. Em pouco tempo, o perímetro da cidade havia se transformado em uma linha pontilhada de luzinhas tremeluzentes onde os artesãos traçavam seus limites à luz dos lampiões. O ferreiro acendeu sua fornalha e se preparou para passar o resto da noite fabricando pás. A atividade atípica para o horário noturno atrapalhou o ritual de sono da maioria dos habitantes, e os artesãos gastaram um bom tempo explicando o que estavam fazendo para curiosos sonolentos. Somente os monges, que tinham se deitado ao cair da noite, seguiram dormindo em uma feliz ignorância.

À meia-noite, porém, quando os artesãos encerravam seus preparativos e a maioria dos moradores já havia se recolhido, mesmo que apenas para debater a notícia em sussurros animados debaixo das cobertas, os monges foram acordados. O ofício foi abreviado e eles receberam pão e cerveja no refeitório enquanto Philip os colocava a par das novidades. No dia seguinte, eles teriam de organizar as atividades. Foram divididos em equipes, cada qual subordinada a um construtor. As equipes receberiam ordens do artesão e supervisionariam as escavações, o içamento, o fornecimento de matéria-prima e o transporte. Sua prioridade, ressaltou Philip, seria garantir que o construtor tivesse um abastecimento ininterrupto dos materiais necessários: pedra e argamassa, madeira e ferramentas.

Enquanto Philip falava, Jack se perguntou o que William Hamleigh

estaria fazendo. Earls castle ficava a um dia de cavalgada pesada de Kingsbridge, mas o conde não tentaria fazer o trajeto nesse tempo, pois seu exército chegaria exausto. Eles partiriam naquela manhã, quando o sol raiasse. Não seguiriam todos juntos, mas separados, e esconderiam as armas e as armaduras durante a viagem para não fazer alarde. À tarde, iriam se reunir discretamente em algum ponto a uma ou duas horas de Kingsbridge, decerto na casa de um dos grandes arrendatários de William. Ao cair da noite, tomariam cerveja, afiariam suas lâminas e trocariam histórias brutais sobre triunfos passados, rapazes mutilados, velhos pisoteados pelos cascos dos cavalos de combate, moças violentadas e mulheres sodomizadas, crianças decapitadas e bebês espetados na ponta de espadas enquanto as mães urravam de aflição. Atacariam na manhã seguinte. Jack estremeceu de medo. Desta vez iriam detê-los, pensou. Mesmo assim, estava assustado.

Cada equipe de monges localizou seu trecho da muralha e sua fonte de matéria-prima. Então, quando o primeiro clarão da aurora iluminou o horizonte ao leste, dirigiram-se ao setor atribuído a eles e começaram a bater nas portas para acordar os moradores enquanto o sino do mosteiro badalava com urgência.

Quando o sol nasceu, a operação já estava a todo vapor. Os homens e as mulheres mais jovens faziam o trabalho de serventes, enquanto os mais velhos providenciaram comida e bebida e as crianças cuidavam de pequenas tarefas e levavam recados. Ansioso, Jack não parava de percorrer o perímetro para monitorar o avanço do trabalho. Disse a um dos homens que fabricavam argamassa que usasse menos cal, assim a massa assentaria mais depressa. Viu um carpinteiro fazendo sua cerca com as varas usadas nos andaimes e pediu aos serventes que o ajudavam que pegassem a madeira cortada de outra pilha. Certificou-se de que os diferentes setores do muro iriam se unir de modo correto. Tudo isso sempre brincando, sorrindo e incentivando as pessoas.

O sol subiu em um céu azul limpo. Seria um dia quente. A cozinha do priorado forneceu tonéis de cerveja, mas Philip mandou que a diluíssem em água e Jack aprovou, pois as pessoas estavam trabalhando pesado e iriam beber bastante naquele calor, e ele não queria que pegassem no sono.

Apesar do perigo terrível, reinava na cidade uma incongruente atmosfera de alegria. Parecia um feriado, quando todos faziam algo juntos,

como o pão do festival da primeira colheita, ou as velas lançadas no rio na véspera do solstício. Era como se ninguém se lembrasse da ameaça que havia sido a causa de toda aquela atividade. No entanto, Philip viu que algumas pessoas saíam discretamente da cidade. Tentariam se abrigar na floresta ou, mais provavelmente, tinham parentes em vilarejos próximos que iriam acolhê-las. Mesmo assim, quase todo mundo ficou.

Ao meio-dia, Philip tocou o sino outra vez e o trabalho foi interrompido para o almoço. Enquanto os trabalhadores comiam, deu a volta no muro com Jack. Apesar de toda a atividade, eles não pareciam ter avançado muito. Os muros de pedra chegavam apenas à altura do chão, as barreiras de terra ainda eram pequenos montinhos e havia grandes brechas nas cercas de madeira.

– Vamos conseguir terminar a tempo? – perguntou Philip ao final da inspeção.

Jack havia passado a manhã inteira alegre e otimista, mas nessa hora se forçou a fazer uma avaliação realista.

– Nesse ritmo, não – respondeu, desanimado.

– O que podemos fazer para apressar o trabalho?

– Em geral, o único jeito de construir mais depressa é construir pior.

– Então vamos construir pior. Mas como?

Jack pensou um pouco.

– No momento, os pedreiros estão construindo a muralha de pedra, os carpinteiros erguendo cercas, os serventes abrindo valas e os habitantes carregando os materiais. Mas a maioria dos carpinteiros é capaz de construir um muro reto e a maioria dos serventes consegue subir uma cerca de madeira. Então vamos pôr os carpinteiros para ajudar os pedreiros nos muros de pedra, os serventes construindo as cercas e os moradores cavando a vala e subindo a barreira de terra. Assim que a operação estiver correndo bem, os monges mais jovens podem deixar a organização de lado e ajudar os moradores.

– Certo.

Eles deram as novas ordens quando todos acabavam de almoçar. Aquele não seria apenas o muro mais malfeito de toda a Inglaterra, pensou Jack, como também o de vida mais curta. Se ainda estivesse de pé dali a uma semana, seria um milagre.

Durante a tarde, as pessoas começaram a ficar cansadas,

principalmente as que tinham permanecido acordadas à noite. O clima de feriado se evaporou e os trabalhadores passaram a demonstrar uma sombria determinação. Os muros de pedra subiram, a vala ficou mais funda e as brechas na cerca começaram a se fechar. Quando o sol já descia no horizonte a oeste, eles pararam para jantar e depois recomeçaram.

A noite caiu e o muro ainda não estava pronto.

Philip organizou uma sentinela, mandou todos com exceção dos vigias irem dormir algumas horas e avisou que tocaria o sino à meia-noite. Exaustos, os moradores foram se deitar.

Jack foi até a casa de Aliena. Ela e o irmão ainda estavam acordados.

– Quero que você pegue Tommy e vá se esconder na floresta – disse a Aliena.

Aquele pensamento o atormentava durante o dia inteiro. No início, havia rejeitado a ideia, mas conforme o tempo foi passando não conseguiu parar de relembrar o dia terrível em que William incendiara a feira de lã e por fim decidiu mandá-la sair da cidade.

– Prefiro ficar – retrucou ela, decidida.

– Aliena, não sei se isso vai dar certo e não quero que você esteja aqui se William Hamleigh conseguir superar esse muro – disse Jack.

– Eu não posso ir embora quando você está tomando providências para todos os outros ficarem e lutarem – argumentou ela, sensata.

Mas havia tempo Jack tinha parado de se preocupar com o que era sensato.

– Ninguém vai saber que você foi embora.

– Eles vão acabar descobrindo.

– Mas aí já vai estar tudo acabado.

– Pense só na humilhação.

– Que se dane a humilhação! – gritou ele. Estava louco de raiva por não conseguir encontrar as palavras para convencê-la. – Quero que você fique em segurança!

A voz zangada do pai acordou Tommy, que começou a chorar. Aliena pegou o filho no colo e o embalou.

– Não tenho nem certeza de que eu ficaria mais segura na floresta – ponderou ela.

– William não vai procurar na floresta. É na cidade que ele está interessado.

- Talvez esteja interessado em mim.
- Você poderia se esconder na clareira. Ninguém vai lá, nunca.
- Ele poderia encontrá-la por acaso.
- Acredite, você vai ficar mais segura lá do que aqui. Tenho certeza.
- Mesmo assim, quero ficar.
- Não quero você aqui – disse ele, ríspido.
- Bem, eu vou ficar mesmo assim – respondeu ela com um sorriso, ignorando o tom deliberadamente rude.

Jack reprimiu um palavrão. Quando Aliena decidia, não adiantava discutir: ela era teimosa como uma mula. Em vez de xingar, ele implorou:

- Aliena, estou com medo do que vai acontecer amanhã.
- Eu também – disse ela. – E acho que deveríamos sentir medo juntos. Ele sabia que devia ser gentil e ceder, mas estava preocupado demais.
- Então que se dane – falou, irado, e saiu batendo o pé.

Ficou parado em frente à casa respirando o ar da noite. Em alguns instantes, acalmou-se. Continuava muito preocupado, mas era uma tolice se zangar com ela. Na manhã seguinte, ambos poderiam estar mortos.

Tornou a entrar. Aliena estava parada no mesmo lugar em que ele a havia deixado, com uma expressão de tristeza.

- Amo você – disse ele.

Os dois se abraçaram e ficaram assim por muito tempo.

Quando ele tornou a sair, havia lua no céu. Acalmou-se pensando que Aliena poderia estar certa: talvez estivesse mais segura ali do que na floresta. Pelo menos assim ele saberia se ela corresse perigo e poderia dar o melhor de si para protegê-la.

Sabia que não conseguiria dormir, mesmo se fosse para a cama. Tinha um medo tolo de que todos continuassem dormindo após a meia-noite e ninguém acordasse até o raiar do dia, quando os homens de William chegassem destruindo e incendiando tudo. Percorreu os limites da cidade sem descanso. Era estranho: até esse dia, Kingsbridge nunca tinha tido uma fronteira.

Os muros de pedra batiam na cintura, o que não bastava. As cercas estavam altas, mas ainda havia brechas suficientes para cem homens passarem a cavalo em poucos segundos. As barreiras de terra não eram altas o suficiente para deter um bom cavalo. Havia muito a fazer.

Parou no local onde antes ficava a ponte. Ela fora desmontada, e os

pedaços, guardados no priorado. Ele observou a água do rio, que refletia o luar. Viu uma figura escura se aproximar margeando a cerca de madeira e sentiu um arrepio de apreensão supersticiosa, mas era apenas Philip, tão insone quanto ele.

Por ora, a ameaça de William havia suplantado sua mágoa e o prior não lhe inspirava antipatia.

– Se sobrevivemos a isso, deveríamos reconstruir o muro, pedaço por pedaço – sugeriu.

– Concordo – disse Philip, enfático. – Deveríamos ter uma muralha de pedra em volta da cidade daqui a um ano.

– Aqui neste ponto, onde a ponte atravessa o rio, eu colocaria um portão e uma barbacã, para podermos impedir um ataque sem ter de desmanchar a ponte.

– Nós monges não temos talento para esse tipo de coisa: organizar as defesas de uma cidade.

Jack aquiesceu. Monges não deviam se envolver com nenhum tipo de violência.

– Mas, se vocês não cuidarem disso, quem vai?

– Que tal Richard, irmão de Aliena?

Jack levou um susto com essa ideia, mas depois de refletir por alguns instantes entendeu que era brilhante.

– Ele faria um bom trabalho, isso o tiraria do ócio e eu não teria mais de sustentá-lo – disse, animado. Olhou para Philip com uma admiração relutante. – Você nunca para, não é?

O prior deu de ombros.

– Quem dera todos os nossos problemas pudessem ser resolvidos com essa simplicidade.

Jack voltou a pensar no muro.

– Imagino que Kingsbridge se tornará uma cidade fortificada para todo o sempre.

– Para sempre não, mas com certeza até Jesus reencarnar.

– Nunca se sabe – especulou Jack. – Talvez chegue um dia em que selvagens como William Hamleigh não estejam mais no poder, em que as leis protejam o povo comum em vez de escravizá-lo, em que os reis promovam a paz e não a guerra. Pense só... Um dia em que a Inglaterra não precisará de muros!

Philip balançou a cabeça.

– Quanta imaginação – comentou. – Isso não vai acontecer antes do Juízo Final.

– É, imagino que não.

– Já deve ser quase meia-noite. Hora de voltar ao trabalho.

– Philip. Antes de você ir...

– Sim?

Jack inspirou fundo.

– Ainda temos tempo de mudar os planos. Poderíamos evacuar a cidade agora.

– Está com medo, Jack? – perguntou o prior, com alguma simpatia.

– Estou. Mas não por mim. Pela minha família.

Philip assentiu.

– Pense da seguinte forma. Se você for embora agora, provavelmente estará seguro... amanhã. Mas William pode vir outro dia. Se o deixarmos fazer o que quer amanhã, *sempre* viveremos com medo. Você, eu, Aliena e o pequeno Tommy: ele vai crescer com medo de William ou de alguém igual a William.

Ele tem razão, pensou Jack. Para que crianças como Tommy possam crescer livres, seus pais precisam parar de fugir de William.

Deu um suspiro.

– Está certo.

Philip se afastou para tocar o sino. Ele era um líder que mantinha a paz, cuidava da justiça e não oprimia os pobres, pensou Jack. Mas precisava mesmo viver em celibato para fazer isso?

O sino se pôr a dobrar. Lâmpioes se acenderam nas casas fechadas e os artesãos saíram pelas portas cambaleando, esfregando os olhos e bocejando. Começaram o trabalho devagar e deram algumas respostas atravessadas para os serventes, mas Philip ordenou que a padaria do priorado começasse a funcionar e logo havia pão quente e manteiga fresca, animando a todos.

Quando a aurora despontou, Jack deu outra volta no muro com o prior. Ficaram vasculhando o horizonte, nervosos, em busca de sinais da tropa do conde. A cerca na beira do rio estava quase pronta e todos os carpinteiros trabalhavam juntos para preencher os últimos metros. Nas margens do rio, as barreiras de terra tinham agora a altura de um homem e a profundidade

da vala do lado exterior a aumentava em mais ou menos 1 metro. Um homem conseguiria ultrapassá-la com certa dificuldade, mas teria de apear do cavalo. O muro também chegava à altura de um homem, mas as últimas três ou quatro fileiras de pedra estavam completamente soltas, pois a argamassa ainda não havia secado. O inimigo, no entanto, só descobriria isso quando tentasse escalar o muro, então ele serviria para distraí-lo.

A não ser pelas brechas na cerca, o trabalho estava concluído, e Philip deu novas ordens. Os mais velhos e as crianças deveriam ir para o mosteiro e se refugiar no dormitório. Jack se sentiu aliviado: Aliena teria de ficar com Tommy, e os dois estariam bem afastados da linha de frente. Os artesãos seguiriam trabalhando, mas alguns dos serventes agora iriam se preparar para o combate sob o comando de Richard. Cada grupo ficaria responsável por defender o trecho que construía. Os homens e as mulheres que tivessem arcos ficariam a postos no alto do muro para atirar flechas no inimigo. Os que não tivessem armas jogariam pedras, e era preciso providenciar pilhas delas para servir de munição. Água fervente era outra arma bem útil, e caldeirões começaram a ser aquecidos para serem despejados nos invasores em pontos estratégicos. Muitas pessoas tinham espadas, mas não seriam tão úteis: se o confronto virasse um embate corpo a corpo, o inimigo já teria entrado na cidade e a construção do muro teria sido em vão.

Jack não dormia havia 48 horas. Estava com dor de cabeça e seus olhos ardiam. Sentou-se no telhado de colmo de uma casa perto do rio e ficou olhando para os campos enquanto os carpinteiros se apressavam para concluir a cerca. De repente, ocorreu-lhe que os homens de William poderiam disparar flechas incendiárias para tentar pôr fogo na cidade sem ter de superar o muro. Exausto, desceu do telhado e subiu trotando o morro até dentro do priorado. Lá descobriu que Richard pensara a mesma coisa e já tinha pedido a alguns monges que providenciassem tonéis e baldes d'água em pontos estratégicos nas franjas da cidade.

Estava saindo do priorado quando escutou o que pareceram gritos de alerta.

Com o coração disparado, trepou atabalhoadamente no telhado do estábulo e olhou para os campos a oeste. Na estrada que conduzia à ponte, a mais ou menos 1 quilômetro, uma nuvem de poeira denunciava a aproximação de um grupo grande de homens a cavalo.

Até aquele momento, havia em tudo aquilo algo de irreal, mas agora os homens que pretendiam incendiar Kingsbridge estavam bem ali, vindo pela estrada, e de repente o perigo se tornou terrivelmente concreto.

Jack teve um impulso de ir ao encontro de Aliena, mas não havia tempo. Pulou do telhado e desceu correndo o morro até a beira do rio. Um grupo de homens estava reunido em volta da última brecha. Ele os observou cravarem estacas no chão, preencherem o espaço e pregarem apressadamente as duas últimas traves para concluir o serviço. A maioria dos moradores estava ali, exceto os que haviam se refugiado no refeitório. Assim que Jack chegou, Richard desceu o morro correndo.

– Não tem ninguém do outro lado da cidade! – gritou. – Pode haver outro grupo vindo por trás! Voltem para seus postos, depressa! – Quando as pessoas começaram a se afastar, ele murmurou para Jack: – Não há disciplina Não há disciplina.

Jack ficou olhando para os campos enquanto a nuvem de poeira ia se aproximando e as silhuetas dos soldados se tornaram mais distintas. Pareciam demônios saídos do inferno, pensou, consumidos por sua sanha de morte e destruição. Aqueles homens existiam porque condes e reis precisavam deles. Philip podia ser um tolo no que dizia respeito ao amor e ao casamento, pensou, mas pelo menos havia encontrado um jeito de governar uma comunidade sem a ajuda de selvagens assim.

Era uma hora estranha para reflexões. Seria nesse tipo de coisa que os homens pensavam quando estavam diante da morte?

Os cavaleiros se aproximavam. Eram mais do que os cinquenta previstos por Richard. Jack calculou que estivessem mais perto de cem. Dirigiam-se para o lugar em que ficava a ponte, então começaram a diminuir a velocidade. Jack se animou ao vê-los parar desordenadamente na campina do outro lado do rio, puxando as rédeas dos cavalos. Enquanto os soldados olhavam por cima das águas para o muro recém-construído, alguém perto de Jack começou a rir. Outra pessoa a imitou, e então as risadas se espalharam feito fogo no mato e logo eles eram cinquenta, cem, duzentos homens e mulheres urrando de rir dos homens de armas confusos, presos do outro lado do rio, sem ninguém para combater.

Vários cavaleiros desmontaram e se reuniram. Esforçando-se para ver através da fina névoa matinal, Jack pensou poder distinguir os cabelos amarelos e o rosto vermelho de William Hamleigh no centro do grupo,

mas não tinha certeza.

Depois de um tempo, eles tornaram a montar, se reorganizaram e foram embora. O povo de Kingsbridge comemorou bem alto, mas Jack não achava que William tivesse desistido. Eles não voltavam por onde tinham vindo. Margeavam o rio correnteza acima. Richard ficou ao lado de Jack.

– Eles estão procurando um vau – disse ele. – Vão atravessar o rio e entrar na floresta para nos atacar pelo outro lado. Espalhe a notícia.

Jack percorreu o muro depressa, transmitindo a previsão de Richard. A norte e a leste, o muro era feito de terra ou pedra, mas não havia rio no caminho, e unia-se ao muro leste do priorado, a poucos passos do refeitório onde Aliena e Tommy haviam buscado abrigo. Richard tinha colocado Oswald, o vendedor de cavalos, e Dick Richards, filho do curtidor de couro, em cima do telhado da enfermaria com seus arcos e flechas, pois tinham a melhor pontaria da cidade. Jack foi até o canto nordeste e subiu na barreira de terra para olhar a floresta além do campo, da qual os homens de William iriam emergir.

O sol subia no céu. Mais um dia quente e sem nuvens. Os monges distribuíram em volta do muro pão e cerveja. Jack se perguntou até onde William subiria a correnteza. Havia um ponto a um quilômetro e meio da cidade onde um bom cavalo podia atravessar a nado, mas para um forasteiro a travessia iria parecer arriscada. William decerto continuaria por mais uns 3 quilômetros, onde havia um vau raso.

Pensou em como Aliena estaria se sentindo. Queria ir até o refeitório vê-la, mas relutava em sair dali, temendo que outros quisessem imitá-lo e o muro ficasse sem defesa.

Enquanto lutava contra a tentação de descer, ouviu um grito e os cavaleiros reapareceram.

Emergiram da floresta a leste, obrigando Jack a tentar distingui-los contra o sol. Sem dúvida era intencional. Após alguns segundos, viu que eles não apenas se aproximavam, como atacavam. Deviam ter parado dentro da mata, onde não podiam ser vistos, avaliado o terreno e planejado o ataque. Jack se encolheu de medo. Eles não iriam deparar com o muro e dar meia-volta: tentariam rompê-lo.

Os cavalos atravessaram o campo a galope. Um ou dois habitantes disparou flechas. Richard, em pé perto de Jack, berrou zangado:

– Cedo demais! Cedo demais! Esperem os soldados chegarem à vala,

aí não terão como errar!

Poucos o escutaram, e uma chuva de flechas inúteis caiu no campo sobre os brotos verdes de cevada. Como força militar nós somos um fracasso, pensou Jack. Apenas o muro pode nos salvar.

Em uma das mãos ele segurava uma pedra, na outra uma funda igualzinha à que usava quando menino para caçar patos para o almoço. Pensou se sua mira ainda seria boa. Percebeu que segurava as armas com toda a força que tinha e obrigou-se a relaxar a pressão. Pedras eram eficazes contra patos, mas pareciam terrivelmente fracas contra aqueles homens de armadura montando imensos cavalos que se aproximavam com um barulho ensurdecedor. Engoliu em seco. Viu que alguns dos inimigos portavam flechas acesas e segundos depois percebeu que os homens com arcos rumavam para o muro de pedra, enquanto os outros seguiam para as barreiras de terra. William supôs que não podia atacar o muro de pedra. Não havia percebido que a argamassa era tão nova que o muro poderia ser derrubado com as mãos. Tinham conseguido enganá-lo. Jack saboreou um curto instante de triunfo.

Então os cavaleiros chegaram ao muro.

Os moradores começaram a disparar a esmo e uma chuva de flechas apressadas se abateu sobre os soldados. Apesar da mira ruim, foi impossível não fazer algumas vítimas. Os cavalos chegaram à vala. Alguns empacaram, outros desceram até o fundo e começaram a subir do outro lado. Bem no ponto em que Jack estava, um homem imenso vestido com uma cota de malha gasta saltou a vala com seu cavalo, que chegou ao pé da barreira e continuou a subir. Jack carregou a funda e atirou. Sua mira estava tão boa quanto sempre fora: a pedra acertou o cavalo bem na ponta do nariz. O animal, que já derrapava na terra solta, relinchou de dor, empinou e deu meia-volta. Afastou-se num meio galope, mas o cavaleiro apeou e sacou a espada.

A maioria dos cavalos começara a voltar, quer por vontade própria, quer por decisão dos soldados, mas vários inimigos agora atacavam a pé, e outros, ainda montados, se viravam para preparar um segundo ataque. Jack olhou por cima do ombro e viu telhados em chamas, por mais que as mulheres mais jovens tentassem apagar os focos. Passou-lhe pela mente a terrível possibilidade de aquilo não dar certo. Apesar dos esforços heroicos das últimas 36 horas, aqueles selvagens iriam transpor o muro,

incendiar a cidade e aniquilar as pessoas.

A perspectiva de um combate corpo a corpo o deixava apavorado. Ele nunca havia aprendido a lutar, nunca havia empunhado uma espada, nem mesmo possuía uma, e sua única experiência em lutas se resumia a quando Alfred o espancava. Sentia-se impotente.

Os cavaleiros tornaram a investir, e os que haviam perdido a montaria começaram a escalar as barreiras a pé. Pedras e flechas choveram em cima deles. Jack não parou de usar a funda, carregando-a e disparando, carregando-a e disparando como se fosse uma máquina. Muitos agressores foram derrubados pela chuva de projéteis. Bem na frente de Jack, um cavaleiro caiu e perdeu o capacete, deixando à mostra os cabelos amarelos: era William Hamleigh.

Os inimigos não conseguiram que nenhum dos cavalos chegasse ao alto da barreira de terra, mas alguns dos homens a pé sim, e, para horror de Jack, os moradores foram obrigados a enfrentá-los, resistindo às espadas e às lanças com pedaços de madeira e machados. Alguns inimigos conseguiram chegar ao topo e Jack viu três ou quatro habitantes caírem perto dele. Seu coração se encheu de terror: o povo da cidade estava perdendo.

No entanto, oito ou dez moradores cercavam cada agressor que conseguia superar a barreira, batendo nele com paus e golpeando-o sem dó com machados, e, embora muitos tenham se ferido, todos os agressores foram rapidamente aniquilados. Os habitantes então começaram a obrigar os outros soldados a recuar pela encosta da barreira. O ataque foi perdendo força. Os inimigos ainda montados assistiam, sem saber o que fazer, enquanto algumas lutas isoladas prosseguiram no alto das barreiras. Jack descansou por uns segundos, ofegante, grato pelo intervalo e aguardando apreensivo o movimento seguinte.

William ergueu a espada no ar e gritou para chamar a atenção de seus homens. Acenou-a no ar desenhando um círculo para reuni-los, em seguida apontou para o muro. Eles se reorganizaram e se prepararam para atacar outra vez.

Jack viu uma oportunidade.

Pegou uma pedra, carregou a funda e mirou cuidadosamente em William.

Sua pedra rasgou o ar numa trajetória reta como a régua de um

pedreiro e acertou William bem no meio da testa, com tanta força que Jack pôde ouvir o barulho da rocha acertando o osso.

William caiu no chão.

Seus homens hesitaram, sem saber ao certo como agir, e o ataque foi suspenso.

Um homem grande e moreno saltou do cavalo e correu até junto de William. Jack pensou reconhecer o laçao do conde, Walter, que sempre o acompanhava. Ainda segurando as rédeas de seu cavalo, Walter se ajoelhou junto ao corpo caído de William. Por um instante, Jack teve esperança de que o conde estivesse morto. Então William se mexeu e o laçao o ajudou a se levantar. Parecia atordoado. Todos os combatentes, em ambos os campos da batalha, observavam os dois. Por alguns instantes, a chuva de pedras e flechas cessou.

Ainda trôpego, William montou o cavalo de Walter auxiliado pelo laçao, que então subiu na garupa. Seguiu-se um instante de hesitação, enquanto todos se perguntavam se William conseguiria continuar. Walter girou a espada no ar, sinalizando para que os homens se reunissem, e então, para indescritível alívio de Jack, apontou para a mata.

Walter esporeou o cavalo e o animal partiu a galope.

Os outros o seguiram. Os que ainda lutavam no alto das barreiras de terra desistiram, recuaram e saíram correndo pelo campo atrás de seu líder. Umas poucas pedras e flechas os perseguiram pelo campo de cevada.

Os moradores da cidade comemoraram.

Jack olhou em volta, perplexo. Será que tudo havia terminado? Mal conseguia acreditar. Os focos de incêndio já se extinguíam. As mulheres tinham conseguido apagá-los. Homens dançavam e se abraçavam no alto das barreiras. Richard se aproximou dele e lhe deu um tapinha nas costas.

– Foi o muro que os derrotou, Jack – disse ele. – O seu muro.

Moradores e monges se amontoaram em volta deles, todos se congratulando e querendo parabenizar Jack.

– Eles foram embora de vez? – perguntou Jack.

– Ah, foram – respondeu Richard. – Agora que descobriram que resolvemos defender a muralha, não vão voltar. William sabe que é impossível invadir uma cidade murada se o povo estiver decidido a resistir, não sem um grande exército e seis meses de cerco.

– Então acabou – disse Jack, ainda atordoado.

Aliena veio abrindo caminho pela multidão com Tommy no colo. Jack a abraçou, aliviado. Eles estavam vivos e juntos, e ele agradeceu por isso.

De repente, sentiu o efeito dos dois dias insones e quis se deitar, mas não seria possível. Dois jovens pedreiros o seguraram e o suspenderam nos ombros. Começaram a aplaudir. O grupo que carregava Jack se afastou, levando a multidão junto. Jack quis lhes dizer que não tinha sido ele quem os havia salvado, e sim eles próprios, mas sabia que ninguém o escutaria, pois queriam um herói. À medida que a notícia se espalhou e a cidade inteira entendeu que haviam vencido, a comemoração se tornou ensurdecadora. Há anos eles vivem com medo de William, pensou Jack, mas hoje conquistaram liberdade. Ele foi carregado pela cidade em uma procissão triunfal, acenando e sorrindo, ansiando pelo instante em que poderia deitar a cabeça, fechar os olhos e se entregar a um sono feliz.

III

A Feira de Lã de Shiring estava maior e melhor do que nunca. Havia barracas e pessoas em toda a praça em frente à igreja paroquial, onde, além da feira anual, eram realizados os mercados e as execuções. A lã era o principal artigo à venda, mas um pouco de tudo também podia ser comprado e vendido na Inglaterra: espadas novas e reluzentes, selas com relevos decorativos, gordos leitões, botas vermelhas, bolos de gengibre, chapéus de palha. Ao circular pela praça junto com o bispo Waleran, William calculou que a feira iria lhe render mais dinheiro do que nunca. Entretanto, não sentiu prazer.

A humilhação de sua derrota em Kingsbridge ainda o fazia sofrer. Imaginara que conseguiria atacar sem qualquer resistência e poria fogo no lugar, mas na realidade havia perdido homens e cavalos e fora repellido sem atingir nenhum objetivo. O pior era saber que a construção do muro fora organizada por Jack Jackson, o amante de Aliena, o homem que ele queria matar.

Falhara em matar Jack, mas continuava decidido a se vingar.

Waleran também estava pensando em Kingsbridge.

– Ainda não sei como eles ergueram aquele muro tão depressa –

comentou.

– O muro não devia ser grande coisa – disse William.

O bispo aquiesceu.

– Mas tenho certeza de que o prior Philip está agora ocupado fazendo melhorias. Se eu fosse ele, tornaria o muro mais forte e mais alto, faria um barbacã na ponte e escalaria uma sentinela noturna. Seus dias de ataques a Kingsbridge acabaram.

William fingiu que discordava.

– Ainda posso sitiá-la cidade.

– Isso é outra história. Um ataque rápido pode ser ignorado pelo rei. Já um cerco prolongado, durante o qual os moradores podem mandar um recado implorando a proteção real, talvez seja mais complicado.

– Estêvão não vai fazer nada contra mim – argumentou William. – Ele precisa de mim.

Mas ele próprio não estava convencido. Pretendia por fim aceitar o que o bispo dizia, mas queria obrigá-lo a se esforçar por isso e assim fazê-lo sentir que devia algo a ele, William. Então faria o pedido que não tirava da cabeça.

Uma mulher magra e feia apareceu, empurrando à sua frente uma menina bonita de seus 13 anos, decerto a filha. A mãe afastou a parte de cima do fino vestido da menina para expor seus seios pequenos e ainda imaturos.

– Sessenta *pence* – sussurrou a mãe.

William sentiu um princípio de excitação, mas balançou a cabeça e passou roçando nas duas.

A menina prostituta o fez pensar em Aliena. Ela era pouco mais que uma criança quando ele a estuprou. Embora já fizesse quase uma década, não conseguia esquecê-la. Talvez nunca mais a tivesse para si, mas ainda podia impedir qualquer outra pessoa de tê-la.

Waleran estava imerso em pensamentos. Mal parecia olhar para onde estava indo, mas as pessoas se encolhiam quando ele passava, como se tivessem medo até de serem tocadas pela barra de suas vestes negras.

– Você ficou sabendo que o rei conquistou Farringdon? – disse, após alguns instantes.

– Eu estava lá.

Aquela fora a vitória mais importante de toda a longa guerra civil.

Estêvão havia capturado centenas de cavaleiros e um grande arsenal, obrigando Robert de Gloucester a recuar para os territórios do oeste. Fora uma vitória tão crucial que Ranulfo de Chester, velho inimigo de Estêvão no norte, depusera as armas e jurara lealdade ao rei.

– Agora que está em uma posição mais segura, Estêvão não vai ser tão tolerante em relação aos nobres e suas guerrinhas particulares – continuou Waleran.

– Pode ser – respondeu William.

Pensou se aquele seria o momento de concordar com Waleran e fazer seu pedido. Hesitou. Estava constrangido. Iria revelar algo sobre sua alma e detestava a ideia de se abrir com um homem tão impiedoso quanto o bispo.

– Você deveria deixar Kingsbridge em paz, pelo menos por enquanto – prosseguiu Waleran. – Já tem a feira de lã. Ainda tem um mercado semanal, mesmo que seja menor do que antes. Tem o comércio da lã. E tem todas as terras mais férteis do condado sob seu controle direto ou exploradas por seus arrendatários. Minha situação também está melhor do que antes. Aumentei meus bens e racionalizei minhas propriedades. Construí meu castelo. É cada vez menos necessário brigar com o prior Philip, ainda mais agora que a briga está ficando politicamente perigosa.

Por toda a praça do mercado, pessoas preparavam e vendiam comida, e o ar fora tomado por odores: sopa apimentada, pão fresco, doces, presunto cozido, toucinho frito, torta de maçã. William se sentiu enjoado.

– Vamos para o castelo – falou.

Os dois saíram da praça e subiram o morro. O representante do rei lhes serviria o almoço. Ao atravessarem o portão do castelo, William parou.

– Talvez o senhor esteja certo em relação a Kingsbridge.

– Fico feliz por você concordar.

– Mas ainda quero me vingar de Jack Jackson, e o senhor pode me ajudar se quiser.

Waleran arqueou uma das sobrancelhas num gesto dramático. Sua expressão informava que ele ficaria fascinado em ouvir, mas não se considerava nem um pouco comprometido a ajudar.

– Aliena pediu anulação de seu casamento – continuou William.

– Sim, eu sei.

– Qual será o desfecho disso, na sua opinião?

– Parece que o casamento não chegou a ser consumado.

– Simples assim?

– Provavelmente. Segundo Graciano, um erudito que, aliás, já conheci pessoalmente, o que constitui um matrimônio é o consentimento mútuo de duas pessoas, mas também afirma que a união física “completa” ou “aperfeiçoa” o casamento. Ele afirma especificamente que, se um homem desposa uma mulher mas não copula com ela, depois desposa uma segunda mulher com quem copula, o que tem validade é o segundo casamento, ou seja, o que foi consumado. Caso tenha sido bem aconselhada, a fascinante Aliena sem dúvida deve ter mencionado isso em seu pedido, e imagino que o prior Philip tenha sido seu conselheiro.

William não tinha paciência para tanta teoria.

– Quer dizer que eles vão conseguir a anulação.

– A não ser que alguém cite os argumentos contra Graciano. Na verdade são dois: um teológico e outro prático. O argumento teológico é que a definição de Graciano denigre o casamento de José e Maria, uma vez que não consumaram. O prático é que, por motivos políticos ou para unificar duas heranças, é comum os casamentos serem arranjados entre duas crianças fisicamente incapazes de consumir a união. Se a noiva ou o noivo morrer antes da puberdade, pela definição de Graciano, o matrimônio deve ser invalidado, o que poderia ter consequências bem desagradáveis.

William nunca conseguia acompanhar aqueles complexos debates religiosos, mas sabia bastante bem como eles se resolviam.

– Ou seja, o senhor quer dizer que a balança poderia pender para um lado ou para outro.

– Isso.

– E o lado para o qual vai pender depende de quem estiver fazendo pressão.

– Sim. Nesse caso, nada depende do desfecho: não há bens, nenhuma questão de lealdade, nenhuma aliança militar. Mas, se houvesse outra coisa em jogo, e se alguém, um arcediogo, por exemplo, usasse de modo firme os argumentos contra Graciano, a anulação provavelmente seria recusada.

– Waleran lhe lançou um olhar cúmplice que fez William se arrepiar. – Acho que já sei o que você vai me pedir agora.

– Quero que o senhor conteste a anulação.

Waleran estreitou os olhos.

– Não consigo entender se você ama ou odeia essa maldita mulher.

– Não – disse William. – Nem eu consigo.



Aliena estava sentada sobre a grama na penumbra esverdeada à sombra da imensa faia. A cascata lançava nas pedras aos seus pés gotas que pareciam lágrimas. Aquela era a clareira na qual Jack tinha lhe contado tantas histórias. Fora ali que os dois tinham trocado seu primeiro beijo, tão casual e rápido que ela fingira jamais ter acontecido. Fora ali que ela havia se apaixonado por ele e se recusado a admitir até para si mesma. Agora, desejava com todas as forças ter se entregado a ele na época, com ele se casado e tido seus filhos, para agora, não importasse o que acontecesse, ser sua esposa.

Deitou-se para aliviar as costas doloridas. Era o auge do verão e o ar estava quente e parado. A barriga pesava, e ainda faltavam pelo menos seis semanas. Pensou que poderia estar esperando gêmeos, mas sentia chutes em um só lugar e, quando Martha, meia-irmã de Jack, encostou o ouvido em sua barriga, conseguira escutar apenas um batimento.

Nessa tarde de domingo, Martha cuidava de Tommy enquanto Aliena e Jack se encontravam na floresta para ficar um pouco a sós e conversar sobre o futuro. O arcebispo havia recusado a anulação, aparentemente porque o bispo Waleran a tinha contestado. Segundo Philip, eles poderiam fazer uma nova solicitação, mas enquanto isso tinham de viver separados. Ele concordava que era injusto, mas devia ser a vontade de Deus. Para Aliena, parecia mais má vontade do que outra coisa.

A amargura do arrependimento era um peso que ela sempre carregava consigo, como a gestação. Às vezes prestava mais atenção nela, outras vezes quase a esquecia, mas ela sempre se fazia presente. Muitas vezes doía, mas era uma dor familiar. Arrependia-se de ter magoado Jack, arrependia-se do que fizera consigo mesma, arrependia-se até pelos sofrimentos do desprezível Alfred, que agora morava em Shiring e nunca mais dava as caras em Kingsbridge. Casara-se com Alfred por um único motivo: sustentar o irmão na tentativa de conquistar o condado. Não

conseguira alcançar seu objetivo e seu amor verdadeiro por Jack saíra prejudicado. Estava com 26 anos de idade e a vida arruinada, e tudo por culpa sua.

Relembrou com nostalgia os primeiros dias com Jack. Quando o encontrou pela primeira vez, ele não passava de um menino, ainda que incomum. Depois que ele cresceu, continuara pensando nele como uma criança, por isso ela baixara a guarda. Ela havia recusado todos os pretendentes, mas, como não o considerava um, deixara que ele a conhecesse. Perguntou-se por que havia resistido tanto ao amor. Adorava Jack e não havia prazer na vida que se comparasse à alegria de viver com ele. No entanto, houvera um tempo em que fechara os olhos para essa felicidade.

Em retrospecto, sua existência antes de Jack parecia vazia. Ela levara uma vida extremamente ocupada cuidando de seu comércio de lã. Agora, porém, esses dias atarefados pareciam desprovidos de alegria, como um palácio vazio ou uma mesa posta com travessas de prata e cálices de ouro, mas sem nenhuma comida.

Ela ouviu passos e se endireitou depressa. Era Jack, esguio e gracioso como um gato magrelo. Ele se sentou ao seu lado e a beijou de leve na boca. Recendia a suor e pó de pedra.

– Que calor – disse ele. – Vamos tomar banho no regato.

A tentação foi irresistível.

Jack tirou a roupa. Ela o observou, tomada de desejo. Fazia meses que não via seu corpo nu. Ele tinha muitos pelos ruivos nas pernas, mas nenhum no peito. Jack ficou olhando para ela esperando que se despisse. Aliena sentiu vergonha: ele nunca a tinha visto nua grávida. Desatou lentamente o cordão que prendia o vestido de linho em volta do pescoço, depois o tirou por cima da cabeça. Examinou aflita a expressão dele, com medo de ele detestar seu corpo deformado, mas Jack não demonstrou repulsa: pelo contrário, a ternura cruzou seu rosto. Eu deveria saber, pensou ela, deveria saber que ele iria me amar do mesmo jeito.

Com um movimento rápido, ele se ajoelhou no chão diante dela e beijou a pele tesa do ventre. Ela riu, acanhada. Jack tocou seu umbigo.

– Seu umbigo está para fora – falou.

– Sabia que você ia dizer isso!

– Antes parecia um buraquinho, agora está igual a um biquinho.

Ela sentiu vergonha.

– Vamos entrar – falou.

Dentro d'água ficaria menos encabulada.

A piscina formada sob a cascata tinha mais ou menos 1 metro de profundidade. Aliena deslizou para dentro. A água que tocou sua pele quente estava deliciosamente fresca e ela estremeceu de prazer. Jack entrou. A piscina tinha apenas 1 ou 2 metros de diâmetro e não havia espaço para nadar. Ele pôs a cabeça debaixo da cascata e limpou o pó de pedra dos cabelos. Aliena se sentia bem dentro d'água, que aliviava o peso da gestação. Mergulhou a cabeça para lavar os cabelos.

Quando subiu para respirar, Jack lhe deu um beijo.

Ela engasgou e riu, sem ar, enquanto tirava a água dos olhos. Ele tornou a beijá-la. Ela estendeu os braços para se equilibrar e sua mão se fechou em volta do sexo duro ereto entre as pernas de Jack feito um mastro de bandeira. Ela arfou de prazer.

– Que saudade disso – sussurrou Jack no seu ouvido, com a voz rouca de volúpia e outra emoção, talvez tristeza.

Aliena sentiu a garganta seca de desejo.

– Vamos quebrar nossa promessa? – perguntou.

– Agora e para sempre.

– Como assim?

– Não vamos mais viver separados. Vamos embora de Kingsbridge.

– Mas o que você vai fazer?

– Ir para outra cidade, construir outra catedral.

– Mas você não será mestre construtor. O projeto não será seu.

– Um dia eu talvez tenha outra oportunidade. Sou jovem.

Era possível, mas Aliena sabia que as chances eram pequenas, e Jack também. O sacrifício que ele estava disposto a fazer por ela a emocionou. Ninguém nunca a amara daquele jeito e ninguém mais amaria, mas ela não estava disposta a deixá-lo desistir de tudo.

– Não vou fazer isso – disse ela.

– Como assim?

– Não vou embora de Kingsbridge.

Jack pareceu chateado.

– Por que não? Em qualquer outro lugar nós podemos viver como marido e mulher sem que ninguém dê a mínima. Poderíamos até nos casar

na igreja.

Ela tocou o rosto dele.

– Eu o amo demais para querer que você se afaste da catedral de Kingsbridge.

– Isso quem decide sou eu.

– Jack, amo você pelo que propôs. O fato de estar pronto para abrir mão do trabalho da sua vida para viver comigo é... Meu coração quase arrebenta ao pensar que você me ama tanto assim. Mas não quero ser a mulher que o afastou do trabalho dos seus sonhos. Não quero partir com você assim. Isso vai lançar uma sombra sobre a nossa vida inteira. Você pode até me perdoar, mas eu jamais perdoarei a mim mesma.

Jack estava triste.

– Sei que não adianta brigar com você depois que tomou uma decisão, mas o que vamos fazer?

– Pedir a anulação de novo. Viver separados.

Ele pareceu arrasado.

– E todo domingo viremos aqui e quebraremos a nossa promessa – completou ela.

Jack pressionou o corpo dela contra o seu e Aliena sentiu que ele estava ficando excitado de novo.

– Todo domingo?

– Sim.

– Você talvez engravide outra vez.

– Vamos arriscar. E vou começar a fabricar tecido como fazia antigamente. Comprei de novo a sobra de lã de Philip e vou organizar os moradores para fiá-la e tecê-la. Depois vou fuloar a lã no moinho.

– Como você pagou? – indagou Jack, espantado.

– Ainda não paguei. Vou pagá-lo com peças do tecido pronto.

Jack assentiu.

– Ele concordou porque, se você ficar, eu fico também – falou, amargo.

Foi a vez de Aliena assentir.

– E para completar ainda vai conseguir tecido barato.

– Maldito Philip. Ele sempre consegue o que quer.

Aliena viu que tinha vencido.

– Eu amo você – disse, depois o beijou.

Ele retribuiu o beijo, passando as mãos pelo corpo dela e tocando com avidez os pontos mais secretos. Então parou.

– Mas eu quero estar com você todas as noites – disse ele –, não só aos domingos.

Ela beijou sua orelha.

– Um dia ficaremos juntos – sussurrou. – Eu juro.

Ele flutuou na água até ficar por trás e a puxou para si, com as pernas por baixo dela. Ela afastou as coxas e flutuou delicadamente em direção a seu corpo. Ele acariciou os seios fartos e brincou com os mamilos inchados. Por fim a penetrou e ela estremeceu de prazer.

Os dois se amaram lenta e delicadamente dentro da piscina fria, ouvindo o burburinho da cascata. Jack passou os braços em volta da barriga de Aliena e suas mãos experientes a tocaram entre as pernas, pressionando e acariciando conforme entrava e saía. Eles nunca tinham feito aquilo antes, nunca haviam se amado daquele jeito, e ele podia acariciar os pontos mais sensíveis do corpo dela ao mesmo tempo. Foi uma sensação bem diferente, um prazer mais intenso, da mesma forma que uma pontada é diferente de uma dor mais difusa, mas talvez fosse por causa da enorme tristeza que ela sentia. Depois de um tempo, entregou-se à sensação, que se intensificou tão depressa que o orgasmo a pegou de surpresa e quase a assustou, e ela foi tomada por espasmos de prazer tão convulsos que chegou a gritar.

Jack permaneceu dentro dela, duro e insatisfeito, esperando que ela recuperasse o fôlego. Ficou parado, sem mover o quadril, mas ela percebeu que ele não havia chegado ao clímax. Depois de um tempo, começou a se movimentar outra vez para estimulá-lo, mas ele não reagiu. Ela virou a cabeça e o beijou por cima do ombro. Sentiu uma água morna no seu rosto. Ele estava chorando.



PARTE V
1152-1155

CAPÍTULO 14

I

Em sete anos, Jack havia concluído os transeptos – os dois braços da igreja em formato cruciforme – e eles corresponderam totalmente às suas expectativas. Tinha aprimorado as ideias de Saint-Denis, projetando tudo mais alto e mais estreito: janelas, arcos e a própria abóbada. Os fustes que se uniam para formar as colunas subiam graciosos pela galeria até se transformarem nas nervuras das abóbadas, curvando-se para se encontrarem no meio do teto, e as altas janelas terminadas em ponta inundavam o espaço de luz. As cornijas eram belas, delicadas, e os adornos pareciam uma luxuriante folhagem de pedra.

E havia rachaduras no clerestório.

Em pé na alta galeria, contrariado, ele observava o vazio do transepto norte à luz clara de uma manhã de primavera. Estava chocado e confuso. De acordo com todas as avaliações dos pedreiros, a estrutura era sólida. No entanto, uma rachadura significava fraqueza. Sua abóbada era mais alta do que qualquer outra que ele já houvesse visto, mas não muito. Ele não cometera o mesmo erro de Alfred: construir uma abóbada de pedra sobre uma estrutura que não fora planejada para sustentar o peso. Suas paredes tinham sido projetadas para esse objetivo. Apesar disso, as rachaduras surgiram no clerestório que construía mais ou menos nos mesmos pontos. Alfred tinha errado nos cálculos, mas Jack estava seguro de não ter cometido o mesmo equívoco. Algum fator novo estava influenciando a construção, e ele não sabia qual era.

Não havia risco, pelo menos a curto prazo. As rachaduras tinham sido preenchidas com argamassa e não tornaram a aparecer. O edifício estava seguro, mas fraco, e para Jack essa vulnerabilidade estragava tudo. Ele queria que sua igreja durasse até o dia do Juízo Final.

Saiu do clerestório e desceu a escada no meio da parede até a galeria da tribuna, onde havia montado sua superfície de desenhos, num canto iluminado por uma das janelas da fachada norte. Começou a desenhar o plinto de uma das colunas da nave. Traçou um losango, depois um quadrado dentro do losango e por fim um círculo dentro do quadrado. Os fustes principais da coluna partiriam das quatro pontas do losango e subiriam pela coluna até se dividirem para norte, sul, leste e oeste, transformando-se em arcos ou nervuras. Fustes secundários, que partiriam das pontas do quadrado, subiriam para se tornar as nervuras diagonais da abóbada, tanto da nave quanto, do outro lado, da galeria lateral. O círculo no meio representava o núcleo da coluna.

Todos os projetos de Jack tinham por base formatos geométricos simples e algumas proporções complexas, como a relação entre a raiz quadrada de dois com a raiz quadrada de três. Ele havia aprendido raízes quadradas em Toledo, mas a maioria dos pedreiros não sabia fazer o cálculo e as substituíam por desenhos geométricos simples. Sabiam que, se um círculo fosse desenhado em volta dos quatro cantos de um quadrado, o diâmetro do círculo seria maior do que a lateral do quadrado na proporção da raiz quadrada de dois para um. Essa proporção era a mais antiga fórmula utilizada em construção, pois representava, em um edifício simples, a proporção entre as larguras externa e interna, e portanto determinava a grossura da parede.

A tarefa de Jack era consideravelmente complicada pelo significado religioso de diversos números. Como a Virgem que Chora fazia mais milagres do que os ossos de Santo Adolfo, o prior Philip planejava dedicar a igreja a Nossa Senhora, por isso queria que Jack usasse nove e sete, que eram os números de Maria. Ele projetara a nave com nove tramos e a nova chancela, a ser construída depois de todo o restante estar pronto, com sete. As arcaturas entrelaçadas nas galerias laterais teriam sete arcos por tramo, e a fachada oeste nove janelas ogivais estreitas e compridas. Jack não tinha opinião sobre o significado religioso dos números, mas sabia, por instinto, que o uso consistente dos mesmos números certamente iria contribuir para a harmonia do edifício.

Antes de conseguir terminar o desenho do plinto, foi interrompido pelo mestre telhador, que havia se deparado com um problema e queria que Jack o resolvesse.

Seguiu o homem pela escada, passou pelo clerestório e entrou no vão sob o telhado. Os dois caminharam em volta das cúpulas que formavam o exterior da abóbada em cruzaria. Lá em cima, os telhadores estendiam imensas folhas de chumbo, que iam pregando aos caibros, começando por baixo e subindo de modo que as folhas de cima se sobrepussem às de baixo, não permitindo que a chuva entrasse.

Jack percebeu na hora qual era o problema. Ele havia previsto um pináculo decorativo no final do vale entre duas águas do telhado, mas deixara o projeto a cargo de um dos mestres pedreiros, que não previra o escoamento da chuva do telhado por dentro ou por baixo do pináculo. O pedreiro teria de alterá-lo. Jack disse ao mestre telhador que transmitisse essa instrução a ele e voltou para onde estava fazendo seus desenhos.

Ficou espantado ao encontrar Alfred ali à sua espera.

Não falava com o irmão de criação havia dez anos. Vira-o de longe algumas vezes em Shiring ou Winchester. Já Aliena nem mesmo pusera os olhos nele por nove anos, muito embora, segundo a Igreja, os dois continuassem casados. Martha ainda o visitava em sua casa de Shiring uma vez por ano, mais ou menos. Sempre trazia as mesmas notícias: ele prosperava construindo casas para os habitantes, vivia sozinho e continuava o mesmo de sempre.

Mas nesse dia Alfred não parecia um homem próspero. Jack o achou cansado, derrotado. O mais velho, que sempre fora grande e forte, agora parecia emaciado: tinha o rosto mais magro e a mão outrora carnuda com a qual afastou os cabelos dos olhos era puro osso.

– Olá, Jack – disse ele.

Sua expressão era agressiva, mas o tom de voz era servil, uma combinação nem um pouco cativante.

– Olá, Alfred – respondeu Jack com cautela. – Na última vez em que o vi, você estava usando uma túnica de seda e tinha engordado bastante.

– Isso faz três anos. Foi antes da primeira safra ruim.

– É verdade.

Três anos seguidos de safras ruins haviam causado uma crise alimentar. Servos haviam morrido de fome, muitos arrendatários estavam na miséria e os moradores de Shiring provavelmente não tinham mais como bancar novas e esplêndidas casas de pedra. Alfred devia estar sentindo o aperto.

– O que o traz a Kingsbridge depois de todo esse tempo?

– Ouvi falar dos seus transeptos e vim dar uma olhada. – Seu tom traía uma admiração relutante. – Onde aprendeu a construir desse jeito?

– Em Paris – respondeu Jack, sucinto.

Não queria falar sobre essa fase da vida com Alfred, que fora o motivo do seu exílio.

– Bem... – Alfred adotou uma expressão envergonhada e quando falou foi com uma indiferença forçada: – Eu estaria disposto a trabalhar aqui, só para aprender alguns desses novos truques.

Jack ficou pasmo. Alfred tinha mesmo a coragem de lhe pedir emprego?

– E a sua equipe? – perguntou para ganhar tempo.

– Eu trabalho sozinho agora – respondeu Alfred, ainda tentando parecer indiferente. – Não havia serviço suficiente para todo mundo.

– De toda forma, não estamos contratando – disse Jack com a mesma indiferença. – Nossa equipe está completa.

– Mas vocês sempre têm lugar para um bom pedreiro, não?

Jack ouviu na voz do outro um leve tom de súplica e percebeu que Alfred estava desesperado. Decidiu ser sincero.

– Depois do que vivemos juntos, Alfred, eu sou a última pessoa a quem você deveria vir pedir ajuda.

– E é mesmo a última – respondeu o outro com franqueza. – Já tentei em todo lugar. Ninguém está contratando. É a fome.

Jack pensou em todas as vezes que Alfred o havia maltratado, atormentado, espancado. Obrigara-o a entrar para o mosteiro e depois a sair de casa e se afastar da família. Ele não tinha motivo para ajudar aquele homem. Na verdade, tinha era motivos para se alegrar com seu infortúnio.

– Eu não contrataria você nem se estivesse precisando de trabalhadores – falou.

– Achei que talvez me contratasse – disse Alfred com uma teimosia irredutível. – Afinal, meu pai ensinou tudo o que você sabe. É por causa dele que você é mestre construtor. Não pode me ajudar em memória dele?

Por Tom. De repente, Jack sentiu uma pontada de culpa. A seu modo, Tom tentara ser um bom padrasto. Não fora delicado nem compreensivo, mas havia tratado Jack praticamente da mesma forma que os próprios

filhos, além de se mostrar paciente e generoso ao transmitir seus conhecimentos e suas técnicas. Também tinha feito sua mãe feliz na maior parte do tempo. E afinal de contas, pensou Jack, aqui estou eu, um mestre construtor próspero e bem-sucedido, bem encaminhado para concretizar minha ambição de construir a mais linda catedral do mundo, e aí está Alfred, pobre, faminto e desempregado. Isso não basta como vingança?

Não, pensou. Não basta.

Então cedeu.

– Está bem – falou. – Em memória de Tom, você está contratado.

– Obrigado – disse Alfred com uma expressão inescrutável. – Devo começar agora mesmo?

Jack aquiesceu.

– Estamos trabalhando nos alicerces da nave. É só se juntar aos outros.

Alfred estendeu a mão. Jack hesitou por um instante, então a apertou. O aperto de Alfred tinha a mesma força de sempre.

O mais velho desapareceu. Jack ficou parado olhando para o desenho de um dos plintos da nave. Fizera em tamanho real, para que, quando estivesse pronto, um mestre carpinteiro pudesse fabricar um modelo em madeira diretamente a partir do desenho. O modelo então seria usado pelos pedreiros para marcar as pedras a serem talhadas.

Será que havia tomado a decisão certa? Recordou que a abóbada de Alfred havia desabado. Mas Jack não atribuiria a ele trabalhos difíceis como abóbadas ou arcos: cuidaria de coisas mais simples, como paredes e pisos.

Enquanto estava pensando, o sino do meio-dia tocou anunciando o almoço. Ele pousou o arame afiado que usava para desenhar e desceu a escada até o térreo.

Os pedreiros casados almoçavam em casa e os solteiros comiam no alojamento. Em algumas obras servia-se o almoço como forma de evitar atrasos, faltas ou embriaguez no período da tarde, mas a comida dos monges em geral era espartana e a maioria dos trabalhadores preferia levar marmitta. Jack estava morando na antiga casa de Tom Builder junto com a irmã de criação, Martha, que cuidava da casa para ele. Quando Aliena estava ocupada, Martha também cuidava de Tommy e da segunda filha do casal, uma menina que eles haviam batizado de Sally. Martha costumava preparar o almoço para Jack e as crianças, e Aliena às vezes comia com

eles.

Ele saiu do priorado e foi andando depressa para casa. No caminho, um pensamento lhe ocorreu. Será que Alfred imaginava que poderia voltar a morar com Martha? Afinal, ela era sua irmã de sangue. Jack não tinha pensado nisso quando lhe dera o emprego.

Instantes depois, concluiu que era um medo bobo. A época em que Alfred podia machucá-lo pertencia ao passado. Ele era o mestre construtor de Kingsbridge e, se dissesse que Alfred não podia se mudar para a casa, Alfred não se mudaria.

Temeu encontrá-lo sentado à mesa da cozinha e ficou aliviado ao constatar que não estava lá. Aliena observava as crianças comerem enquanto Martha mexia uma panela no fogo. O aroma do ensopado de cordeiro dava água na boca.

Ele deu um beijo rápido na testa de Aliena. Ela contava agora 33 anos, mas tinha o mesmo aspecto de uma década antes: os cabelos ainda eram uma profusão de cachos castanho-escuros, a boca continuava carnuda, os olhos belos e escuros. Só nua ela exibia marcas do tempo e das gestações: os esplendorosos seios fartos mais caídos, o quadril mais largo e a barriga que nunca havia recuperado o formato liso e firme de antes.

Jack olhou com afeto para os dois filhos que Aliena dera à luz: Tommy era um saudável garoto ruivo, grande para seus 9 anos, que enfiava pedaços de cordeiro na boca como quem não comia havia uma semana, e Sally, de 7, tinha os mesmos cachos escuros da mãe e sorria feliz, exibindo entre os dentes da frente um buraco igualzinho ao que Martha tinha quando Jack a conhecera, quase duas décadas antes. Tommy frequentava a escola do priorado todo dia de manhã para aprender a ler e escrever, mas, como os monges não aceitavam meninas, a própria Aliena estava ensinando Sally.

Jack se sentou e Martha tirou a panela do fogo e a colocou na mesa. Era uma moça estranha. Tinha mais de 20 anos, mas não mostrava interesse nenhum pelo casamento. Sempre fora muito apegada a Jack e agora parecia completamente satisfeita em administrar sua casa.

Jack sem dúvida chefiava a família mais esquisita do condado. Ele e Aliena eram dois dos principais cidadãos de Kingsbridge: o mestre construtor da catedral e a maior fabricante de tecido fora de Winchester. Todos os tratavam como marido e mulher, embora eles não pudessem

dormir juntos e morassem em casas separadas: Aliena com o irmão, Jack com a irmã de criação. Todos os domingos à tarde, assim como em todos os feriados, os dois sumiam, e a cidade inteira sabia o que estavam fazendo, com exceção, claro, do prior Philip. Enquanto isso, a mãe de Jack vivia em uma caverna na floresta, pois supunham que ela fosse uma bruxa.

De vez em quando, Jack se zangava por não poder desposar Aliena. Ficava deitado sem dormir, ouvindo Martha roncar no cômodo ao lado, e pensava: tenho 28 anos. Por que estou dormindo sozinho? No dia seguinte, tratava o prior de modo mal-humorado e rejeitava todas as sugestões do capítulo, afirmando serem impraticáveis ou caras demais e recusando-se a discutir alternativas ou meios-termos, como se só existisse um jeito de construir uma catedral – o jeito de Jack. Philip então mantinha distância por alguns dias, até a nuvem negra passar.

Aliena também se sentia infeliz e descontava nele. Mostrava-se impaciente e intolerante, criticava tudo o que ele fazia, punha as crianças na cama assim que ele chegava, dizia estar sem fome quando ele comia. Depois de um ou dois dias assim, ela caía em prantos e pedia desculpas, e os dois ficavam felizes outra vez até a situação se tornar novamente difícil demais para ela.

Jack serviu um pouco de ensopado em uma tigela e começou a comer.

– Adivinhem quem apareceu na obra hoje – disse. – Alfred.

Martha deixou cair a tampa de uma panela de ferro sobre a pedra do fogo, fazendo um estrondo. Jack olhou para a moça e viu medo em seu rosto. Virou-se para Aliena e viu que ela havia empalidecido.

– O que ele está fazendo aqui em Kingsbridge? – perguntou Aliena.

– Procurando trabalho. Acho que a fome levou à falência os comerciantes de Shiring, que não estão mais construindo casas de pedra como antes. Ele demitiu a equipe e não consegue arrumar nada.

– Espero que tenha mandado Alfred embora – falou Aliena.

– Ele disse que eu deveria lhe dar um emprego em memória de Tom – contou Jack, nervoso. Não havia previsto uma reação tão forte das duas. – Afinal de contas, eu devo tudo a Tom.

– Grande coisa – disse Aliena, e Jack pensou: ela aprendeu essa expressão com a minha mãe.

– Bom, eu o contratei mesmo assim – falou.

– Jack! – gritou Aliena. – Como pôde fazer isso? Não pode deixar que

aquele demônio volte para cá!

Sally começou a chorar. Tommy encarava a mãe com os olhos arregalados.

– Alfred não é um demônio – discordou Jack. – Ele está na miséria e não tem o que comer. Eu o salvei, em memória do pai dele.

– Você não sentiria pena se ele tivesse obrigado você a dormir no chão ao pé da cama por nove meses, como um cachorro.

– Ele fez coisas piores comigo... Pergunte só para Martha.

– E comigo – falou Martha.

– Decidi que vê-lo desse jeito era vingança suficiente para mim.

– Bom, mas para mim não é! – vociferou Aliena. – Por Jesus Cristo, você é mesmo um bobão, Jack Jackson. Às vezes agradeço a Deus por não termos nos casado.

Aquilo o magoou. Jack desviou o olhar. Sabia que ela não estava falando sério, mas ouvi-la dizer aquilo já era ruim o suficiente, mesmo que estivesse com raiva. Ele pegou a colher e começou a comer. Foi difícil engolir.

Aliena afagou a cabeça de Sally e pôs um pedaço de cenoura na boca dela. A menina parou de chorar.

Jack olhou para Tommy, que continuava a encarar a mãe com um olhar assustado.

– Coma, filho – disse Jack. – Está gostoso.

Eles terminaram de almoçar em silêncio.



Na primavera daquele mesmo ano em que os transeptos ficaram prontos, o prior Philip foi visitar as propriedades ao sul do mosteiro. Depois de três anos ruins, eles precisavam de uma boa safra, e ele queria verificar a condição das terras.

Levou Jonathan. O órfão do priorado era agora um rapaz de 16 anos, alto, desengonçado e inteligente. Como Philip na mesma idade, não parecia duvidar por um instante sequer do que desejava fazer da vida: havia completado o noviciado e feito seus votos, e agora era o irmão Jonathan. Também como Philip, interessava-lhe o lado prático do serviço

de Deus, e ele trabalhava como ajudante de Cuthbert Whitehead, o velho despenseiro. Philip sentia orgulho do rapaz: era devoto, trabalhador e querido por todos.

Richard, irmão de Aliena, os acompanhava. Ele finalmente havia encontrado seu lugar em Kingsbridge. Após a construção do muro, Philip sugerira à guilda da paróquia nomear Richard chefe da guarda, responsável pela segurança da cidade. Era ele quem organizava as sentinelas noturnas e promovia a manutenção e melhorias da muralha, e nos dias de mercado e nos feriados tinha autoridade para prender bêbados e arruaceiros. Essas tarefas, que se tornaram essenciais à medida que o vilarejo se transformava em cidade, eram tudo o que um monge não devia fazer. No fim, a guilda da paróquia, que Philip no início vira como uma ameaça à sua autoridade, acabara se mostrando útil. E Richard estava feliz. Tinha agora cerca de 30 anos, mas a vida ativa que levava o deixava com um aspecto jovem.

Philip desejava que a irmã dele estivesse com a vida igualmente resolvida. Se havia alguém a quem a Igreja não conseguira proteger, essa pessoa era Aliena. Jack era o homem que ela amava, pai de seus filhos, mas a Igreja insistia que ela era casada com Alfred, embora eles jamais houvessem tido relações carnavais. Apenas a má vontade do bispo a impedia de anular o casamento. Era uma vergonha, e, ainda que Philip não fosse o responsável, sentia culpa.

Quase no final da viagem, quando voltavam para casa pela floresta naquela clara manhã de primavera, o jovem Jonathan falou:

– Me pergunto por que Deus permite que pessoas morram de fome.

Era uma pergunta que todo monge mais cedo ou mais tarde fazia a si mesmo, e as respostas eram muitas.

– Não culpe Deus pela fome – retrucou Philip.

– Mas foi Deus quem mandou o tempo que prejudicou as colheitas.

– A fome não se deve apenas às colheitas ruins – disse Philip. – Sempre houve colheitas ruins, de tantos em tantos anos, mas as pessoas não morriam de fome. O que esta crise de agora tem de especial é que ela veio depois de muitos anos de guerra civil.

– E que diferença isso faz? – indagou Jonathan.

Quem respondeu foi Richard, o soldado:

– A guerra é péssima para o campo. Animais são mortos para

alimentar os exércitos, colheitas queimadas para o inimigo não poder aproveitá-las e propriedades abandonadas quando os cavaleiros partem para a batalha.

– E quando o futuro é incerto as pessoas não querem investir tempo e energia preparando novos campos cultiváveis, aumentando os rebanhos, cavando valas e construindo celeiros – acrescentou Philip.

– Nós não paramos de fazer essas coisas – rebateu Jonathan.

– Mosteiros são diferentes. Mas a maioria dos agricultores comuns deixa suas propriedades se deteriorarem durante a guerra, então quando vem o tempo ruim não estão preparados para resistir. Os monges planejam a longo prazo. No entanto, temos outro problema. Por causa da fome, o preço da lã despencou.

– Não entendo a relação – disse Jonathan.

– Acho que deve ser porque gente faminta não compra roupas. – Era a primeira vez, até onde a memória de Philip alcançava, que o preço da lã não subia de um ano para outro. Ele fora forçado a diminuir o ritmo da construção da catedral, a suspender a entrada de novos noviços e a eliminar o vinho e a carne do cardápio dos monges. – Infelizmente, isso significa que temos de economizar justamente quando uma quantidade cada vez maior de miseráveis está chegando a Kingsbridge em busca de trabalho.

– E eles acabam fazendo fila no portão do priorado para ganhar pão preto e sopa de graça – disse Jonathan.

Philip aquiesceu, triste. Partia-lhe o coração ver homens fortes obrigados a mendigar pão por não conseguirem arrumar trabalho.

– Mas lembre-se: a culpa é da guerra, não do mau tempo – falou.

– Tomara que haja no inferno um lugar especial para os condes e os reis que causam tanta infelicidade – disse, com a paixão típica dos jovens.

– Tomara que sim... Que os santos nos preservem, o que é aquilo?

Uma figura estranha acabara de irromper dos arbustos e corria a toda a velocidade na direção do prior. Tinha as roupas em frangalhos, os cabelos revoltos e o rosto negro de sujeira. Philip pensou que o pobre homem devia estar fugindo de um javali raivoso, ou mesmo de um urso.

Então o sujeito o alcançou e se atirou em cima dele.

Philip levou um susto tão grande que caiu do cavalo.

O agressor se jogou sobre ele. O homem tinha o cheiro e produzia os

ruídos de um animal, um grunhido constante e desarticulado. Philip se contorceu e chutou. O homem parecia tentar agarrar a bolsa de couro que o prior trazia a tiracolo. Então entendeu: aquele homem estava tentando roubá-lo. Tudo o que a bolsa continha era um livro, o *Cântico dos Cânticos*. Debateu-se desesperadamente para se soltar, não por ter qualquer apreço especial pelo livro, mas pelo fato de o ladrão estar tão repulsivamente sujo.

Philip tinha se enrolado na correia da bolsa e o ladrão não quis soltar. Os dois rolaram pelo chão, Philip tentando se desvencilhar e o ladrão tentando não soltar a bolsa. Philip percebeu de relance que seu cavalo havia fugido.

De repente, o ladrão foi puxado para trás por Richard. Philip rolou de costas e se sentou, mas demorou alguns instantes para se levantar. Estava atordoado e sem fôlego. Respirou o ar puro, aliviado por se ver livre do abraço nauseabundo daquele fora da lei. Apalpou os lugares doloridos. Não havia nada quebrado. Voltou a atenção para o que estava acontecendo.

Richard derrubara o estranho no chão e estava sobre ele, com um pé entre as suas omoplatas e a ponta da espada encostada em sua nuca. Jonathan segurava seu cavalo e o de Richard com um ar atarantado.

Philip se levantou com cuidado, sentindo-se fraco. Quando eu tinha a idade de Jonathan, pensou, podia cair do cavalo e pular na mesma hora para seu lombo outra vez.

– Se o senhor ficar de olho neste verme, eu pego seu cavalo – falou Richard, e ofereceu a espada.

– Está bem – respondeu Philip. Acenou na direção da espada. – Não vou precisar disso.

Richard hesitou antes de embainhar a arma. O ladrão permaneceu parado. As pernas que despontavam por baixo da túnica eram finas como gravetos e tinham a mesma cor da casca de uma árvore; além disso, ele estava descalço. Philip não havia corrido perigo grave: aquele pobre homem estava fraco demais até para esganar uma galinha. Richard se afastou para buscar o cavalo.

O fora da lei o viu partir e retesou o corpo. Philip entendeu que ele estava prestes a fugir.

– Quer comer alguma coisa?

Philip fez a pergunta que deteve o ladrão.

O homem ergueu a cabeça e o encarou como se ele estivesse louco.

Philip foi até o cavalo de Jonathan e abriu um dos alforjes. Pegou um pão, partiu-o e ofereceu metade ao ladrão. Incrédulo, o homem agarrou o pão e na mesma hora o enfiou quase inteiro na boca.

O prior ficou sentado no chão a observá-lo. O homem comia feito um bicho, tentando engolir o máximo possível antes que alguém lhe arrancasse a comida. No início, Philip o tomara por um velho, mas agora que o via melhor percebeu que era bem jovem, talvez uns 25 anos.

Richard voltou puxando o cavalo do prior. Ao ver o fora da lei sentado comendo, ficou indignado.

– Por que o senhor lhe deu nossa comida? – indagou ao prior.

– Porque ele está faminto – respondeu Philip.

Richard não retrucou, mas sua expressão deu a entender que ele achava os monges loucos.

– Como você se chama? – perguntou Philip depois que o homem terminou o pão.

Ele fez uma cara desconfiada. Hesitou. Por algum motivo, Philip pensou que ele não devia falar com outro ser humano havia tempo.

– David – respondeu por fim.

Pelo menos ele ainda está são, pensou Philip.

– O que houve com você, David? – inquiriu.

– Perdi minha fazenda depois da última colheita.

– Quem era seu senhor?

– O conde de Shiring.

William Hamleigh. Philip não estava surpreso.

Milhares de arrendatários não haviam conseguido pagar seus aluguéis depois de três safras ruins. Quando os camponeses de Philip ficavam devendo, ele simplesmente lhes perdoava a dívida. Caso deixasse as pessoas na miséria, elas acabariam indo ao priorado pedir caridade. Outros senhores feudais, em especial o conde William, se aproveitavam da crise para despejar os arrendatários e retomar as propriedades. O resultado era um número cada vez maior de fora da lei vivendo na floresta e atacando os viajantes. Era por isso que Philip precisava levar Richard consigo para todo lado, como guarda-costas.

– E sua família? – perguntou Philip ao ladrão.

– Minha mulher levou o bebê e voltou para a casa da mãe. Mas não

havia lugar para mim.

Era uma história comum.

– Atacar um monge é pecado, David, e é errado viver de roubos.

– Mas como é que eu vou viver? – lamentou-se o homem.

– Se ficar na floresta, é melhor caçar aves e pescar peixes.

– Eu não sei fazer isso!

– Como ladrão você é um fracasso – continuou Philip. – Quais eram suas chances, sem armas, contra nós três, sendo que Richard está armado até os dentes?

– Eu estava desesperado.

– Bem, da próxima vez que ficar desesperado, vá a um mosteiro. Lá sempre tem alguma coisa para um pobre comer.

Philip se levantou. Sentia na boca o gosto amargo da hipocrisia. Sabia que os mosteiros não conseguiriam alimentar todos os fora da lei. Para a maioria, a única alternativa de fato era roubar. Porém seu papel na vida era recomendar uma existência virtuosa, não inventar desculpas para o pecado.

Não havia mais nada que pudesse fazer por aquele homem miserável. Pegou as rédeas das mãos de Richard e montou em seu cavalo. Já podia sentir que as dores da queda iriam afligi-lo por muitos dias.

– “Vai e não tornes a pecar” – falou, citando Jesus, então conduziu o cavalo.

– O senhor é bom demais, isso sim – resmungou Richard enquanto eles se afastavam.

Philip balançou a cabeça com tristeza.

– Não. O problema é que eu não sou bom o suficiente.



No domingo antes de Pentecostes, William Hamleigh se casou.

Foi ideia de sua mãe.

Regan o atormentava havia muitos anos para que encontrasse uma esposa e gerasse um herdeiro, mas ele sempre adiara a questão. As mulheres o entediavam e, por um motivo que ele não entendia e no qual na verdade não queria pensar, o deixavam nervoso. Ele vivia dizendo à mãe

que se casaria em breve, mas nunca tomava providência.

Por fim, ela lhe arrumou uma noiva.

O nome da moça era Elizabeth. Era filha de Harold de Weymouth, um rico cavaleiro e leal defensor de Estêvão. Conforme a mãe explicou para William, com um pouco de esforço ele poderia ter encontrado um partido melhor, talvez a filha de um conde, mas, como ele não se dedicava à procura, Elizabeth iria servir.

William a vira na corte do rei em Winchester e a mãe o percebera olhando para ela. Elizabeth tinha um rosto bonito, uma profusão de cachos castanho-claros, busto grande e quadril estreito, exatamente o tipo de que William gostava.

Tinha 14 anos.

Ao olhar para ela, William imaginara encontrá-la em uma noite escura e possuí-la à força nos becos de Winchester. O casamento nem mesmo lhe passara pela cabeça. No entanto, a mãe logo descobrira que o pai dela seria a favor do enlace, e a própria moça era uma filha obediente, que faria o que mandassem. Após garantir a William que a humilhação infligida por Aliena à família não iria se repetir, a mãe havia organizado um encontro.

William ficou nervoso. Na última vez, era um jovem inexperiente de 20 anos, filho de cavaleiro, conhecendo uma nobre jovem e arrogante. Mas agora era um homem endurecido pelas batalhas, com 37 anos de idade, e conde de Shiring havia uma década. Era bobagem ficar nervoso por se encontrar com uma menina de 14 anos.

Ela, porém, estava mais nervosa ainda. Estava também desesperada para agradá-lo. Falou animadamente sobre sua casa e sua família, sobre seus cavalos e cães, conhecidos e amigos. William ficou sentado sem dizer nada, observando o rosto dela, imaginando como a garota ficaria sem roupa.

O bispo Waleran os casou em uma capela de Earlscastle e houve um grande banquete que se prolongou pelo resto do dia. Segundo o costume, todos que tivessem alguma importância no condado deveriam ser convidados, e seria aviltante se William não oferecesse um lauto banquete. Três bois inteiros, dezenas de ovelhas e porcos foram assados no pátio do castelo, e os convidados secaram as reservas de cerveja, sidra e vinho. A mãe de William conduziu os festejos com uma expressão de triunfo no rosto desfigurado. Waleran considerava as celebrações vulgares um tanto

de mau gosto e se retirou quando o tio da noiva começou a contar histórias engraçadas sobre recém-casados.

Os noivos se recolheram ao cair da noite, deixando que os convidados continuassem a comemoração. William já havia comparecido a casamentos suficientes para saber o que passava pela cabeça dos convidados mais jovens, de modo que mandou Walter ficar a postos diante do quarto e bloqueou a porta para impedir qualquer interrupção.

Elizabeth tirou a túnica e os sapatos e ficou em pé, parada, vestida apenas com a camisola de baixo de linho.

– Não sei o que fazer – disse apenas. – Você vai ter de me mostrar.

Aquilo não era exatamente o que William havia imaginado. Foi até ela. Elizabeth ergueu o rosto e ele beijou seus lábios macios. Por algum motivo, o beijo não provocou nenhuma faísca.

– Tire a roupa e deite-se na cama – ordenou.

Ela despiu a camisola por cima da cabeça. Era um tanto roliça. Os seios grandes tinham mamilos pequeninos para dentro. Uma leve penugem castanha cobria o triângulo entre as pernas. Obediente, ela foi até a cama e se deitou de barriga para cima.

William se livrou das botas. Sentou-se na cama ao seu lado e lhe apertou os seios. A pele dela era macia. Aquela menina doce e sorridente não se parecia em nada com a imagem que deixava sua garganta seca, uma mulher arrebatada pela paixão, gemendo e suando debaixo dele, e ele se sentiu trapaceado.

Pôs as mãos entre as coxas dela e a garota abriu as pernas na mesma hora. Enfiou o dedo lá dentro. Ela arquejou de dor, mas disse depressa:

– Tudo bem, não tem problema.

Ele se perguntou por um breve instante se estaria fazendo da forma errada. Teve uma visão momentânea de uma cena diferente, em que os dois, deitados lado a lado, tocavam-se, conversavam e se conheciam aos poucos. Mas sentira finalmente o desejo se manifestar quando ela arquejou de dor, e ele abandonou as dúvidas e enfiou o dedo com mais força. Ficou observando seu rosto enquanto ela lutava para suportar a dor em silêncio.

Subiu na cama e se ajoelhou entre as pernas dela. Não estava totalmente excitado ainda. Esfregou-se para enrijecer o sexo, mas não adiantou muito. Era aquele maldito sorriso que o estava deixando impotente, teve certeza. Cravou-lhe dois dedos lá dentro e ela soltou um

pequeno grito de dor. Assim era melhor. Então a vaca idiota recomeçou a sorrir. William entendeu que teria de arrancar aquele sorriso da cara dela. Deu-lhe um tapa bem forte. Ela gritou e saiu sangue de seu lábio. Assim era melhor.

Ele bateu de novo.

Ela começou a chorar.

Depois disso, tudo correu bem.



O domingo seguinte era Pentecostes, quando uma grande multidão compareceria à catedral. A missa seria celebrada pelo bispo Waleran. Haveria mais pessoas ainda do que de costume, pois todos queriam dar uma olhada nos transeptos novos concluídos recentemente. Segundo os boatos que corriam, eram espantosos. Durante o ofício, William exibiria sua nova esposa ao povo do condado. Não ia a Kingsbridge desde o dia da construção do muro, mas Philip não podia impedi-lo de entrar na igreja.

Dois dias antes do domingo de Pentecostes, sua mãe morreu.

Tinha uns 60 anos. Foi morte súbita. Ela sentiu falta de ar depois de almoçar na sexta-feira e foi se deitar cedo. Pouco antes de o dia nascer, sua criada acordou William para informar que a mãe estava passando mal. Ele se levantou da cama e foi cambaleando até o quarto dela, esfregando o rosto. Encontrou-a lutando terrivelmente para respirar, sem conseguir dizer nada, com os olhos tomados por uma expressão de terror.

William se assustou com aqueles arquejos profundos e trêmulos e com o olhar fixo da mãe. Ela não desgrudava os olhos dele, como se esperasse que o filho fizesse alguma coisa. William sentiu tanto medo que decidiu sair do quarto e se virou. Ao ver a criada parada junto à porta, sentiu vergonha do próprio medo. Forçou-se a olhar para a mãe outra vez. À luz de uma única vela, seu rosto parecia mudar de forma continuamente. A respiração rouca e irregular foi se tornando cada vez mais alta, até parecer preencher toda a cabeça de William. Ele não conseguia entender como aquilo não acordara o castelo inteiro. Cobriu as orelhas com as mãos para abafar o barulho, mas mesmo assim continuou a escutá-lo. Era como se ela estivesse gritando com ele, do jeito que fazia quando ele era menino, uma

louca e furiosa bronca, e seu rosto também parecia zangado: boca muito aberta, olhos fixos, cabelos desalinhados. A convicção de que ela exigia algo foi crescendo, e ele se sentiu ficando cada vez mais jovem, cada vez menor, até ser possuído por um terror cego que não sentia desde a infância, o terror de saber que a única pessoa que ele amava era um monstro furioso. Sempre fora assim: ela o chamava, ou então ordenava que saísse, montasse seu pônei ou desmontasse; como ele demorava a reagir, ela gritava, e William então ficava tão assustado que não conseguia entender o que ela estava lhe pedindo; armava-se um impasse histérico, no qual os gritos dela ficavam cada vez mais altos e ele, William, ia ficando cego, surdo e mudo de pavor.

Mas dessa vez foi diferente.

Dessa vez ela morreu.

Primeiro seus olhos se fecharam. Nesse momento, William começou a se acalmar. Aos poucos, a respiração dela foi encurtando. Apesar das pústulas, seu rosto ficou cinza. Até mesmo a vela pareceu arder com menos intensidade e as sombras agitadas deixaram de meter medo em William. Por fim, a respiração dela simplesmente cessou.

– Pronto – disse ele. – Ela está bem agora, não está?

A criada desatou a chorar.

Ele ficou sentado junto à cama, olhando para o semblante imóvel da mãe. A criada foi chamar o padre.

– Por que não me chamaram mais cedo? – perguntou o religioso, zangado.

William mal o escutou. Ficou com ela até o sol nascer. Depois, as criadas pediram que ele saísse de modo que pudessem “prepará-la”. Ele desceu para o salão, onde os moradores do castelo faziam o desjejum em silêncio: cavaleiros, homens de armas, clérigos, criados. Sentou-se à mesa ao lado da jovem esposa e bebeu um pouco de vinho. Um ou dois dos cavaleiros e o encarregado do castelo lhe dirigiram a palavra, mas ele não respondeu. Depois de um tempo, Walter se sentou ao seu lado. Trabalhava para ele havia muitos anos, e sabia a hora de ficar calado.

– Os cavalos estão prontos? – perguntou William por fim.

Walter fez cara de surpresa.

– Para quê?

– Para ir a Kingsbridge. A viagem leva dois dias. Temos de partir hoje

de manhã.

– Não achei que fôssemos mais, nas atuais circunstâncias.

Por algum motivo, isso deixou William irritado.

– Eu disse que não iríamos?

– Não, milorde.

– Então nós vamos!

– Sim, milorde. – Walter se levantou. – Vou tomar as providências.

Eles partiram no meio da manhã: William, Elizabeth e a comitiva habitual de cavaleiros e lacaios. William teve a sensação de estar vivendo um sonho. A paisagem parecia passar por ele, e não o contrário. Elizabeth ia montada ao seu lado, machucada e silenciosa. Quando eles paravam, Walter cuidava de tudo. A cada refeição, William comia um pouco de pão e bebia várias canecas de vinho. À noite, dormia um sono leve e agitado.

Quando estavam perto de Kingsbridge, puderam ver ao longe, após os campos verdes, a nova catedral. A antiga era uma construção atarracada e larga, com janelinhas que mais pareciam olhos miúdos sob as sobancelhas dos arcos redondos. Mesmo que ainda não estivesse concluída, a nova tinha um aspecto radicalmente diferente. Era alta e esguia, e as janelas pareciam impossíveis de tão grandes. À medida que eles se aproximaram, William notou que ela fazia as construções do priorado parecerem minúsculas como a antiga catedral nunca fizera.

A estrada estava cheia de pessoas a cavalo e a pé, todas seguindo em direção a Kingsbridge. A missa do domingo de Pentecostes era muito popular, pois ocorria no início do verão, quando o tempo estava bom, e as estradas, secas. Nesse ano, havia mais pessoas do que de costume, atraídas pela novidade da igreja nova.

William e sua comitiva percorreram o último quilômetro a galope, assustando os pedestres incautos, e atravessaram com alarde a ponte levadiça de madeira que cruzava o rio. Kingsbridge era agora uma das cidades mais bem fortificadas da Inglaterra. Tinha um sólido muro de pedra com parapeito de ameias e, bem naquele ponto em que antes a ponte conduzia direto até a rua principal, o caminho era interrompido por um barbacã de pedra com imensas e pesadas portas reforçadas de ferro, que agora estavam abertas, mas que deviam ficar muito bem fechadas à noite. Duvido que eu consiga incendiar esta cidade outra vez, pensou William vagamente.

As pessoas o observavam subir a rua principal em direção ao priorado. Todos sempre olhavam para William, claro: ele era o conde. Nesse dia, estavam também interessados na jovem esposa que seguia à sua esquerda. À sua direita, como sempre, ia Walter.

Eles passaram pelo portão do priorado e apearam nos estábulos. William deixou seu cavalo com Walter e virou-se para olhar a igreja. A extremidade leste, a parte superior da cruz, ficava do outro lado do adro e não podia ser vista dali. A extremidade oeste, a base da cruz, ainda não estava pronta, mas o formato fora marcado no chão com estacas e barbante e alguns dos alicerces já haviam sido instalados. Entre os dois ficava a parte nova, os braços da cruz, formado pelos transeptos sul e norte e pelo espaço entre eles, chamado de coro. As janelas eram tão grandes quanto pareciam de longe. William nunca na vida tinha visto um edifício como aquele.

– É fantástico – comentou Elizabeth, rompendo seu silêncio submisso. William desejou não tê-la trazido.

Um pouco assombrado, subiu a nave devagar entre as estacas e o barbante, com Elizabeth logo atrás. O primeiro tramo da nave estava parcialmente pronto e parecia sustentar o imenso arco ogival que formava o acesso oeste do coro. William passou por baixo desse arco incrível e chegou ao coro abarrotado.

A nova construção parecia irreal: era alta, esguia, graciosa e frágil demais para ficar em pé. Parecia não ter paredes nem nada que sustentasse o telhado a não ser uma fileira de colunas finas que se estendiam de modo eloquente rumo ao céu. Como todos à sua volta, William esticou o pescoço para olhar para cima e viu que as colunas prosseguiam até o teto curvo e se encontravam no ápice da abóbada, como os altíssimos galhos de um dossel de olmos antigos na floresta.

A missa começou. O altar fora montado no lado mais próximo da chancela e os monges ficaram logo atrás, deixando o coro e os transeptos livres para os fiéis, que mesmo assim transbordavam para dentro da nave inacabada. William abriu caminho até a frente, como era seu direito, e se postou perto do altar junto com os outros nobres do condado, que o cumprimentaram com um meneio e se puseram a cochichar entre si.

O teto de madeira pintado da antiga chancela se justapunha de modo esquisito ao alto arco leste do coro, e era evidente que a intenção do

construtor no final era demolir a chancela e reconstruí-la no mesmo estilo das partes novas.

Instantes depois de esse pensamento cruzar a mente de William, seu olhar recaiu no construtor em questão, Jack Jackson. Era um demônio bonito, com sua juba de cabelos ruivos, e vestia uma túnica vermelho-escura bordada na bainha e na gola, como um nobre. Parecia bem satisfeito consigo mesmo, sem dúvida por ter construído os transeptos tão depressa e por todos estarem tão estupefatos com seu projeto. Estava de mãos dadas com um menino de cerca de 9 anos igualzinho a ele. William entendeu, com um choque, que aquele devia ser o filho de Aliena, e sentiu uma forte pontada de inveja. Segundos depois, viu a própria, em pé um pouco para trás e para um dos lados de Jack, com um leve sorriso de orgulho no rosto. O coração de William deu um pulso: ela continuava bonita como sempre. Elizabeth era uma substituta sofrível, uma pálida imitação da verdadeira e vigorosa Aliena. Ela segurava no colo uma menininha de uns 7 anos, e William recordou que ela dera à luz o segundo filho de Jack, embora os dois não fossem casados.

Estudou-a com mais atenção. No final das contas, ela não era mais tão bonita quanto antes: havia rugas de preocupação em volta de seus olhos e, por trás do sorriso de orgulho, dava para ver um traço de tristeza. Depois de todos aqueles anos, ela ainda não podia se casar com Jack, é claro, pensou William com satisfação: o bispo Waleran mantivera sua promessa e contestara repetidamente o pedido de anulação. Saber disso muitas vezes servia de consolo a William.

Ele então percebeu que quem estava em pé no altar, erguendo a hóstia acima da cabeça para que todos os fiéis pudessem ver, era Waleran. Centenas de pessoas se ajoelharam. Nesse instante, o pão virou o corpo de Cristo, uma transformação que o enchia de assombro, embora ele não fizesse ideia de como ocorria.

Concentrou-se na missa por um tempo, observando as ações místicas dos padres, ouvindo as frases latinas sem significado e resmungando fragmentos conhecidos dos responsórios. O atordoamento que o havia acompanhado no último dia ou dois ainda perdurava, e aquela nova e mágica igreja, com a luz do sol brincando em suas colunas impossíveis, apenas intensificou a sensação de que sonhava.

A missa estava terminando. O bispo se virou para falar à congregação.

– Oremos agora pela alma da condessa Regan Hamleigh, mãe do conde William de Shiring, que morreu na sexta-feira à noite.

Um zumbido tomou conta da igreja quando as pessoas receberam a notícia e começaram a comentar, mas William agora encarava o bispo, horrorizado. Finalmente entendeu o que a mãe tentara lhe dizer enquanto morria. Ela estava pedindo que chamasse um padre, *mas William não mandara buscá-lo*. Vira-a ficar cada vez mais fraca, vira seus olhos se fecharem, ouvira sua respiração parar e a deixara morrer sem confissão. Como podia ter feito uma coisa dessas? Desde a sexta-feira à noite, sua alma estava no inferno, sofrendo os tormentos que ela mesma havia lhe descrito muitas vezes com tanta riqueza de detalhes, sem nenhuma prece para aliviá-la! O coração de William ficou tão pesado de culpa que ele teve a sensação de que diminuía de ritmo. Por um instante pensou que também fosse morrer. Como permitiu que a mãe padecesse naquele lugar medonho, com a alma tão desfigurada pelos pecados quanto o rosto era pelas pústulas, enquanto ela ansiava pela paz do céu?

– O que vou fazer? – perguntou em voz alta, e as pessoas em volta olharam para ele espantadas.

Depois que a oração terminou e os monges saíram da igreja em procissão, William permaneceu ajoelhado diante do altar. O restante da congregação deixou a catedral e o ignorou, com exceção de Walter, que permaneceu perto, observando e aguardando. William rezou com todo o seu fervor, pensando na imagem da mãe enquanto repetia o pai-nosso e todos os outros fragmentos de orações e ofícios de que conseguiu se lembrar. Depois de um tempo, atinou que poderia fazer outras coisas. Acender velas, por exemplo. Pagar a padres e monges para rezarem missas regulares pela alma dela. Até mandar construir uma capela especial em prol de sua alma. Mas tudo em que pensava parecia insuficiente. Era como se pudesse vê-la balançando a cabeça, com um ar magoado e decepcionado, perguntando: “Por quanto tempo você vai deixar sua mãe sofrer?”

Sentiu a mão de alguém no ombro e levantou a cabeça. Era o bispo Waleran, em pé na sua frente, ainda trajado com as deslumbrantes vestes vermelhas que havia usado para a missa. Seus olhos mergulharam fundo nos de William, que sentiu que não podia esconder nada daquele olhar penetrante.

– Por que está chorando? – indagou Waleran.
William percebeu que estava com o rosto banhado em lágrimas.
– Onde ela está? – perguntou.
– Ela foi ser purificada pelo fogo.
– Está sentindo dor?
– Uma dor terrível. Mas podemos apressar a travessia da alma de quem amamos por esse lugar medonho.
– Eu farei qualquer coisa! – soluçou William. – Basta me dizer o quê!
Os olhos do bispo cintilaram de cobiça.
– Construa uma igreja – disse ele. – Igualzinha a esta. Só que em Shiring.



Uma fúria quase incontrolável tomava conta de Aliena sempre que visitava as propriedades que um dia o pai comandara. Os canais bloqueados, as cercas quebradas e os currais vazios e em ruínas lhe davam raiva; as campinas incultas a deixavam triste; e os povoados desertos lhe partiam o coração. O problema não eram apenas as safras ruins. Mesmo naquele ano, o condado poderia ter alimentado seus habitantes se houvesse sido bem administrado. No entanto, William Hamleigh não entendia nada sobre o manejo da terra. Para ele, o condado era seu baú do tesouro particular, não uma propriedade que alimentava milhares de pessoas. Quando seus servos não tinham o que comer, morriam de fome. Quando seus arrendatários não podiam lhe pagar, ele os despejava. Desde que William tinha virado conde, a área de terras cultivadas vinha diminuindo, pois os quinhões de alguns arrendatários despejados haviam retornado ao seu estado natural. E ele não tinha inteligência suficiente para ver que, a longo prazo, aquilo não atendia a seus próprios interesses.

O pior de tudo era que Aliena se sentia em parte responsável por isso. Aquelas eram as terras de seu pai, e ela e Richard não tinham conseguido retomá-las. Havia desistido depois que William se tornara conde e ela perdera todo o dinheiro, mas o fracasso ainda lhe doía e ela não havia esquecido a promessa feita ao pai.

Na estrada de Winchester até Shiring, com uma carroça cheia de fio,

guiada por um carroceiro parrudo com uma espada no cinto, lembrou-se de ter percorrido com o pai aquele mesmo caminho. Ele vivia desmatando trechos de floresta, secando charcos ou arando encostas para abrir novas terras para cultivo. Nos anos ruins, guardava sementes suficientes para suprir as necessidades daqueles que tivessem sido incautos ou simplesmente famintos demais para armazenar as suas. Nunca obrigara seus arrendatários a vender seus animais ou arados para pagar o aluguel, pois sabia que, caso o fizessem, não poderiam cuidar das lavouras no ano seguinte. Travava bem a terra, conservando sua capacidade de produção do mesmo jeito que um bom fazendeiro cuida de uma vaca leiteira.

Sempre que pensava naqueles dias na companhia de seu inteligente, orgulhoso e rígido pai, ela sentia a dor da perda como uma ferida. A vida tinha começado a dar errado quando o levaram embora. Em retrospecto, tudo o que ela fizera desde então parecia sem propósito: viver no castelo com Matthew num mundo fantasioso, ir a Winchester na vã esperança de falar com o rei, e até mesmo se esforçar tanto para sustentar Richard enquanto ele lutava na guerra civil. Havia conquistado o que os outros viam como sucesso ao se tornar uma próspera negociante de lã, mas aquilo só lhe proporcionara um arremedo de felicidade. Ela encontrara um modo de vida e um lugar na sociedade que lhe davam segurança e estabilidade, mas bem lá no fundo continuara machucada e perdida... até Jack aparecer.

Desde então, a impossibilidade de se casar com ele havia lançado uma sombra sobre tudo. Ela passara a odiar o prior Philip, que antes via como seu salvador e mentor. Fazia anos que não tinha uma conversa feliz e amigável com ele. Não era por culpa do prior que eles não conseguiam uma anulação, claro, mas era ele quem insistia para que os dois vivessem separados, e ela não podia evitar que isso a magoasse.

Amava os filhos e se preocupava com o fato de criar os dois em uma casa tão atípica, com um pai que ia embora na hora de dormir. Até ali, felizmente, as crianças não davam mostras de qualquer efeito negativo: Tommy era um menino grande e bonito, que gostava de jogar bola, correr e brincar de soldado, e Sally uma menina doce e pensativa, que contava histórias para suas bonecas e adorava observar Jack fazer seus projetos. As necessidades constantes dos filhos e seu amor eram os únicos elementos sólidos e normais da excêntrica vida de Aliena.

Ela também tinha seu trabalho, claro. Havia sido negociante durante a

maior parte da vida adulta. Naquele momento, dezenas de homens e mulheres espalhados por várias aldeias fiavam e teciam para ela em suas casas. Alguns anos antes eram centenas, mas os negócios dela – como os de todo mundo – vinham sendo afetados pela fome e de nada adiantava fabricar mais tecido do que conseguiria vender. Mesmo que fosse casada com Jack, ela ainda iria querer ter o próprio trabalho.

O prior Philip vivia dizendo que a anulação podia sair a qualquer momento, mas já fazia sete anos que Aliena e Jack levavam aquela vida enlouquecedora, fazendo as refeições juntos, criando os filhos e depois dormindo separados.

A infelicidade de Jack lhe causava mais dor do que a sua. Ela o adorava. Ninguém sabia quanto o amava a não ser, talvez, Ellen, a mãe dele, que tudo via. Amava-o porque ele a trouxera de volta à vida. Antes era uma lagarta dentro de um casulo, e ele a fizera sair e lhe mostrara que ela era uma borboleta. Teria passado a vida inteira insensível às alegrias e às dores do amor caso ele não tivesse aparecido na sua clareira secreta e compartilhado com ela suas histórias, caso não a tivesse beijado tão de leve e depois despertado lenta e delicadamente o amor adormecido em seu coração. Apesar de jovem, ele fora paciente e tolerante. Por isso ela sempre o amaria.

Ao atravessar a floresta, pensou se iria encontrar a mãe de Jack. Aliena tinha uma afinidade com Ellen: ambas eram mulheres que não se encaixavam nos moldes da sociedade. Eles a viam de vez em quando nas feiras de alguma cidade, e mais ou menos uma vez por ano ela entrava sorrateiramente em Kingsbridge ao cair da tarde e passava a noite com os netos. No entanto, passou pela floresta nesse dia sem vê-la.

Conforme atravessava as terras cultivadas, foi verificando as plantações que amadureciam nos campos. A colheita seria razoável, calculou. Não tiveram um bom verão, pois havia chovido um pouco e feito frio. Por outro lado, não tiveram as enchentes e as pragas que haviam prejudicado as últimas três safras. Aliena estava grata. Milhares de pessoas vinham enfrentando o limite da fome. Outro inverno ruim mataria quase todas.

Ela parou para os bois beberem no lago que ficava no meio de um povoado chamado Monksfield, que fazia parte das propriedades do conde. Era um povoado relativamente grande, cercado por algumas das melhores

terras do condado, e tinha seu próprio padre e uma igreja de pedra. No entanto, somente cerca da metade dos campos fora semeado naquele ano e estava agora coberta de trigo amarelo, enquanto no restante só cresciam ervas daninhas.

Dois outros viajantes haviam parado no mesmo tanque para dar de beber aos cavalos. Aliena os observou com cautela. Às vezes valia a pena se juntar a outras pessoas para proteção mútua, mas isso também podia também representar um grande risco para uma mulher. Na opinião de Aliena, o mesmo carroceiro que se mostrava perfeitamente disposto a obedecê-la quando estavam só os dois poderia se insubordinar se houvesse outros homens junto.

No entanto, um dos viajantes do lago de Monksfield era uma mulher. Aliena a observou com mais atenção e reconsiderou: *mulher* não, *menina*. Reconheceu-a. Já vira aquela menina na catedral de Kingsbridge no domingo de Pentecostes. Era a condessa Elizabeth, esposa de William Hamleigh.

Parecia infeliz e assustada. Estava acompanhada por um homem de armas com cara de poucos amigos, obviamente seu guarda-costas. Essa poderia ter sido minha sina, pensou Aliena, caso eu tivesse me casado com William. Graças a Deus me rebelei.

O guarda-costas deu um curto cumprimento de cabeça para o carroceiro e ignorou Aliena. Ela decidiu não sugerir que eles viajassem juntos.

Enquanto estavam descansando, o céu escureceu e um vento forte começou a soprar.

– Tempestade de verão – pontificou o carroceiro de Aliena, sucinto.

Ela ergueu os olhos para o céu, aflita. Molhar-se não a incomodava, mas o temporal iria atrapalhar seu avanço e talvez eles fossem obrigados a passar a noite ao relento. Umas poucas gotas de chuva caíram. Relutante, concluiu que precisariam procurar abrigo.

– É melhor ficarmos aqui um pouco – disse a jovem condessa ao homem de armas.

– Não podemos – retrucou o guarda-costas com brusquidão. – Ordens do patrão.

Aliena ficou indignada ao ouvir o homem falar com a moça daquele jeito.

– Não seja tolo! – interveio ela. – Seu dever é cuidar de sua senhora.

O guarda olhou para ela com um ar espantado.

– E o que você tem a ver com isso? – indagou, rude.

– Vai cair uma tempestade, seu idiota – disse Aliena com sua voz mais aristocrática. – Você não pode pedir a uma dama que viaje com esse tempo. Seu senhor vai açoitá-lo por ter sido tão estúpido.

Ela se virou para a condessa Elizabeth. A moça a encarava com um ar ansioso, claramente satisfeita por ver alguém se insurgir contra aquele guarda-costas truculento. Começou a chover forte. Aliena tomou uma decisão rápida.

– Venha comigo – falou para Elizabeth.

Antes que o guarda pudesse fazer qualquer coisa, pegou a moça pela mão e se afastou. Elizabeth se deixou levar de bom grado, sorrindo como uma criança dispensada de aula. Aliena desconfiou que o guarda partiria atrás delas e puxaria a senhora de volta, mas nesse instante um raio brilhou e a chuva se transformou em temporal. Aliena começou a correr, puxando Elizabeth consigo, e elas atravessaram o cemitério até uma casinha de madeira situada ao lado da igreja.

A porta estava aberta e elas correram para dentro. Aliena imaginara que aquela fosse a casa do padre, e estava certa. Um homem mal-humorado, vestido com uma túnica preta e com uma pequena cruz numa corrente em volta do pescoço, levantou-se ao vê-las entrar. Aliena sabia que o dever da hospitalidade era um fardo para muitos padres de paróquia, sobretudo nos últimos tempos.

– Meus companheiros e eu precisamos de abrigo – anunciou com firmeza, antecipando qualquer resistência.

– Sejam bem-vindos – disse o padre entre os dentes cerrados.

Era uma casa de dois cômodos com um barracão de meia-água para os animais em um dos lados. Sobre a mesa havia um barril de vinho. Embora o lugar dos animais fosse fora da casa, ela não estava muito limpa. Um cachorro pequeno latiu agressivamente quando elas se sentaram.

Elizabeth apertou o braço de Aliena.

– Muito obrigada – agradeceu. Seus olhos exibiam lágrimas de gratidão. – Ranulf teria me obrigado a continuar... Ele nunca ouve o que eu digo.

– De nada – respondeu Aliena. – Esses homens grandes e fortes no

fundo são todos uns covardes.

Ela avaliou Elizabeth e percebeu com horror que a pobre moça era bem parecida com ela. Já era ruim o suficiente casar-se com William, mas ser sua segunda escolha devia ser o inferno.

– Sou Elizabeth de Shiring – apresentou-se a moça. – E você, quem é?

– Meu nome é Aliena. Sou de Kingsbridge.

Ela prendeu a respiração, imaginando se a outra iria reconhecer o nome e entender que Aliena era a mulher que havia rejeitado William Hamleigh. Mas Elizabeth era jovem demais para se lembrar desse escândalo.

– Que nome incomum – disse apenas.

Uma mulher desalinhada, de rosto sem graça, braços gordos e expressão desafiadora, surgiu do cômodo dos fundos e lhes ofereceu uma caneca de vinho. Aliena supôs que fosse a esposa do padre. Ele provavelmente a apresentaria como criada, uma vez que, em teoria, padres não podiam se casar. Esposas de padres causavam aborrecimentos sem fim. Forçar o marido a expulsá-la era uma crueldade e em geral causava constrangimento para a Igreja. E, embora a maioria das pessoas dissesse que padres deviam ser castos, muitas vezes, quando conheciam a mulher em questão, elas se mostravam permissivas. Assim, a Igreja continuava fingindo não ver relações como aquela. Aliena pensou: Agradeça, mulher; pelo menos você mora com seu homem.

O guarda e o carroceiro entraram com os cabelos molhados. Ranulf se postou em frente a Elizabeth.

– Não podemos parar aqui – disse.

Para espanto de Aliena, Elizabeth cedeu na hora.

– Está bem – falou, levantando-se.

– Sente-se – interferiu Aliena, puxando-a de volta. Ficou em pé na frente do guarda e brandiu o dedo na cara dele. – Se eu ouvir mais uma palavra da sua boca, chamo os aldeões para virem resgatar a condessa de Shiring. Eles sabem como tratar sua senhora, mesmo que você não saiba.

Percebeu que Ranulf avaliava a situação. Em caso de necessidade, ele poderia dar um jeito em Elizabeth e Aliena, no carroceiro e no padre também. No entanto, se algum dos aldeões se metesse, estaria encrencado.

– Talvez a condessa *prefira* seguir viagem – disse por fim, e olhou para Elizabeth com um ar agressivo.

A moça pareceu apavorada.

– Bem, milady... – disse Aliena. – Ranulf está pedindo humildemente que a senhora diga o que prefere.

Elizabeth a encarou.

– É só dizer a ele o que quer – continuou Aliena, encorajadora. – A obrigação dele é fazer o que lhe ordenar.

A atitude de Aliena deu coragem a Elizabeth.

– Vamos descansar aqui – disse ela, depois de inspirar fundo. – Vá cuidar dos cavalos, Ranulf.

O homem concordou com um grunhido e saiu.

Com uma expressão de assombro, Elizabeth o observou se retirar.

– Vai desabar o mundo – disse o carroceiro.

O padre fechou a cara:

– Tenho certeza que será apenas a chuva de sempre – falou, em tom pudico.

Aliena não conseguiu conter uma risada e Elizabeth a acompanhou. Aliena teve a sensação de que a moça não ria muito.

O ruído da chuva se transformou em um tamborilar bem alto. Aliena olhou pela porta aberta. A igreja ficava a poucos metros dali, mas a chuva já impedia que fosse vista. Seria um temporal e tanto.

– Você pôs a carroça em um lugar protegido? – indagou Aliena ao carroceiro.

O homem aquiesceu.

– Os animais também.

– Ótimo. Não quero que meu fio encolha.

Ranulf reapareceu, encharcado.

Um raio iluminou a casa, seguido por um longo trovão.

– Isso não vai ser nada bom para as colheitas – comentou o padre, lúgubre.

Ele tinha razão, pensou Aliena. O que eles precisavam era de três semanas de sol e calor.

Houve outro clarão e uma trovoada mais longa, e uma rajada de vento sacudiu a casa de madeira. Aliena sentiu pingos de água fria na cabeça e, ao olhar para cima, viu uma goteira no telhado de colmo. Mudou a cadeira de lugar para se afastar da goteira. A chuva também fustigava a porta, mas ninguém parecia querer fechá-la. Aliena preferia ficar observando a

tempestade e, pelo visto, os outros também.

Ela olhou para Elizabeth. A moça estava branca. Aliena pôs um braço à sua volta. Embora não estivesse frio, ela tremia. Aliena a abraçou.

– Estou com medo – sussurrou Elizabeth.

– É só um temporal – disse Aliena.

Ficou muito escuro do lado de fora. Aliena pensou que já devia ser quase a hora do jantar, então se deu conta de que ainda não havia almoçado: era só meio-dia. Levantou-se e foi até a porta. O céu estava cor de chumbo. Ela nunca tinha visto um tempo tão estranho assim no verão. O vento soprava em rajadas fortes. Um raio iluminou vários objetos soltos que passaram voando em frente à porta: um cobertor, um pequeno arbusto, uma tigeira de madeira, um tonel vazio.

Com o cenho franzido, tornou a se virar para dentro e se sentou. Estava começando a ficar preocupada. A casa tornou a balançar. A estaca central que sustentava o cume do telhado vibrava. Aquela era uma das casas mais sólidas do povoado, pensou. Se aquela estava bamba, algumas das construções mais pobres deviam estar correndo o risco de desabar. Ela olhou para o padre.

– Se isso piorar, talvez tenhamos que reunir os aldeões e abrigar todos na igreja – falou ela.

– Eu não vou sair com esse tempo – disse o padre com uma risada curta.

Aliena o encarou, incrédula.

– Eles são o seu rebanho – argumentou. – O senhor é o pastor deles.

O padre a encarou com insolência.

– Eu respondo ao bispo de Kingsbridge, não à senhora, e não vou agir como um tolo só porque a senhora quer.

– Pelo menos abrigue os bois do arado – sugeriu Aliena.

O bem mais precioso de um povoado como aquele eram as quatro parrelhas de bois que puxavam o arado. Sem eles, os camponeses não podiam cultivar a terra. Nenhum camponês tinha dinheiro para possuir os próprios bois, por isso eles eram propriedade coletiva. O padre com certeza entenderia o valor deles, pois sua prosperidade também dependia da produção vinda das terras.

– Não temos bois – respondeu ele.

Aliena ficou pasma.

– Por quê?

– Tivemos que vender quatro para pagar o aluguel e matamos os outros no inverno para comer.

Isso explicava os campos semeados pela metade, pensou Aliena. Eles só tinham conseguido arar os solos mais leves, usando a força de cavalos ou de homens. Aquela história a enfureceu. Além de cruel, William era tolo por deixar aquela gente vender seus bois. Isso significava que eles teriam dificuldade para pagar o aluguel daquele ano também, muito embora o tempo houvesse sido bom. Quis agarrar William pelo pescoço e esganá-lo.

Outra rajada violenta sacudiu a casa de madeira. De repente, um dos lados do telhado pareceu se mover. Então se levantou vários centímetros, descolando-se da parede, e pela brecha Aliena viu o céu negro riscado por raios. Quando a rajada passou e o telhado caiu violentamente de volta no lugar, ela se levantou com um pulo. Aquilo estava ficando perigoso. Em pé, ela começou a gritar com o padre mais alto do que a tempestade.

– Pelo menos vá abrir a porta da igreja! – disse ela.

Embora a contragosto, ele obedeceu. Pegou uma chave dentro de um baú, vestiu uma capa, saiu da casa e desapareceu no meio da chuva. Aliena começou a organizar os outros.

– Carroceiro, leve minha carroça e meus bois para dentro da igreja. Ranulf, vá pegar os cavalos. Elizabeth, venha comigo.

Todos vestiram suas capas e saíram. Por causa do vento, era difícil andar em linha reta, e eles se deram as mãos para aumentar a estabilidade. Com grande esforço, atravessaram o cemitério. Agora chovia granizo, e grandes pelotas de gelo ricocheteavam nas lápides. Em um dos cantos do cemitério, Aliena viu uma macieira nua como no inverno: todos os frutos e as folhas tinham sido arrancados dos galhos pela tormenta. Não haverá muitas maçãs no condado nesse outono, pensou ela.

Instantes depois, chegaram à igreja e entraram. O silêncio foi tão repentino que pareceu que haviam ficado surdos. O vento seguiu uivando e a chuva tamborilando no telhado, e de vez em quando se ouvia um trovão, mas tudo agora estava mais distante. Alguns aldeões já se encontravam lá dentro, com as capas ensopadas. Tinham trazido consigo seus bens mais valiosos: galinhas dentro de sacos, porcos amarrados, vacas presas a cabrestos. Embora estivesse escuro na igreja, o ambiente era iluminado

vez ou outra pelos raios. Alguns instantes depois, o carroceiro entrou com a carroça de Aliena e Ranulf veio atrás com os cavalos.

– Vamos levar os animais para o lado oeste e as pessoas para o leste, antes que a igreja fique igual a um estábulo – disse Aliena ao padre.

Todos agora pareciam ter aceitado que ela estava no comando e o padre acatou a ordem com um meneio de cabeça. Os dois se afastaram, e o padre foi falar com os homens e Aliena com as mulheres. Aos poucos, as pessoas se separaram dos animais. As mulheres levaram as crianças para a pequena chancela e os homens prenderam os bichos às colunas da nave. Assustados, os cavalos se remexiam e tentavam escapar. As vacas se deitaram. Os aldeões formaram grupos familiares e começaram a passar comida e bebida de mão em mão. Tinham se preparado para uma longa estadia.

A tempestade estava tão violenta que Aliena pensou que fosse passar logo, mas, em vez disso, piorou. Ela foi até uma janela. Elas não eram feitas de vidro, mas de um linho fino e translúcido que agora pendia dos caixilhos em frangalhos. Aliena ergueu o corpo até o peitoril para olhar para fora, mas tudo o que conseguiu ver foi chuva.

O vento ficou mais forte e começou a silvar ao redor da igreja e Aliena começou a se perguntar se até mesmo aquela construção era segura. Discretamente, deu a volta no recinto. Havia passado tempo suficiente com Jack para saber a diferença entre boa e má construção, e ficou aliviada ao ver que a cantaria ali era bem-feita e cuidadosa. Não havia rachaduras. O edifício fora erguido com blocos de pedra talhados, não de entulho, e parecia sólido como uma montanha.

A criada do padre acendeu uma vela, e foi então que Aliena notou que a noite caía. O dia fora tão escuro que a diferença era pouca. Cansadas de correr para lá e para cá pelas naves, as crianças se enroscaram em suas capas para dormir. As galinhas enfiaram as cabeças sob as asas. Elizabeth e Aliena ficaram sentadas lado a lado no chão, de costas para a parede.

Aliena estava louca de curiosidade em relação àquela pobre garota que havia assumido o papel de esposa de William, um papel que ela própria havia recusado dezessete anos antes.

– Conheci William quando era moça. Como ele é agora? – perguntou, incapaz de se conter.

– Eu o odeio – respondeu Elizabeth, arrebatada.

Aliena sentiu uma pena profunda.

– Como você o conheceu? – quis saber Elizabeth.

Aliena entendeu que precisaria se expor.

– Para dizer a verdade, quando eu tinha mais ou menos a sua idade, fui prometida a ele em casamento.

– Não! E por que não se casou?

– Eu me recusei e meu pai me apoiou. Mas foi uma confusão horrível... Eu causei muito derramamento de sangue. Mas ficou tudo no passado.

– Você o rejeitou! – Elizabeth estava empolgada. – Que coragem! Queria ser igual a você. – De repente, ela voltou a ficar cabisbaixa. – Mas nem com os criados eu consigo me impor.

– Você poderia, sabe?

– Mas como? Tenho só 14 anos, eles nem prestam atenção em mim.

Aliena pensou cuidadosamente no problema e deu uma resposta completa.

– Para começar, você precisa ser a portadora dos desejos do seu marido. Pela manhã, pergunte o que ele gostaria de comer nesse dia, com quem quer se encontrar, que cavalo deseja montar, qualquer coisa em que consiga pensar. Então procure o cozinheiro, o encarregado do salão e o cavalariaço e transmita as ordens do conde. Seu marido lhe ficará grato e se zangará com qualquer um que a ignorar. Assim, as pessoas vão se acostumar a fazer o que você diz. Depois tome nota de quem a ajuda de bom grado e de quem se mostra relutante. Certifique-se de que as pessoas prestativas sejam favorecidas, dando-lhes trabalhos que elas gostam de fazer, e de que as pouco prestativas fiquem com todo o trabalho sujo. Assim as pessoas começarão a se dar conta de que vale a pena agradar a condessa. Também vão amá-la muito mais do que amam William, que, afinal, não é lá muito amável. Depois de algum tempo, você ter um poder próprio. A maioria das condessas tem.

– Você faz tudo parecer tão fácil – comentou Elizabeth, melancólica.

– Fácil não, mas se tiver paciência e não desanimar depressa demais, você consegue.

– Acho que consigo – retrucou ela com determinação. – Acho mesmo que consigo.

Por fim, elas começaram a cochilar. De vez em quando, o uivo do

vento acordava Aliena. Ao correr os olhos pelo espaço iluminado pela luz bruxuleante das velas, percebeu que a maioria dos adultos fazia a mesma coisa: eles ficavam sentados parados, cochilavam um pouco, depois acordavam de repente.

Devia ser por volta da meia-noite quando ela acordou sobressaltada e percebeu que dessa vez tinha dormido uma hora ou mais. Quase todos à sua volta estavam em sono profundo. Ela mudou de posição, deitou-se no chão e se enrolou bem na capa. A tempestade não cedia, mas o cansaço acabara derrotando a aflição das pessoas. O barulho da chuva nas paredes da igreja parecia ondas quebrando numa praia; em vez de mantê-la acordada, embalou seu sono.

De novo, ela acordou com um susto. Perguntou-se o que a teria incomodado. Apurou os ouvidos: silêncio. O temporal tinha passado. Uma luz débil vazava pelas janelas. Todos os aldeões dormiam profundamente.

Aliena se levantou. Seu movimento incomodou Elizabeth, que acordou na mesma hora.

Elas pensaram a mesma coisa. Foram até a porta da igreja, abriram-na e saíram.

A chuva tinha parado e o vento agora não passava de uma brisa. O sol ainda não havia nascido, mas a aurora coloria o céu com um cinza perolado. As duas mulheres olharam em volta sob o céu limpo, de um branco pálido.

O povoado tinha desaparecido.

Com exceção da igreja, não restava uma só construção de pé. A área inteira fora arrasada. Algumas toras pesadas tinham ido parar junto à lateral da igreja, mas, além disso, apenas as pedras dos fogareiros espalhadas pelo mar de lama indicavam onde antes ficavam as casas. Nos limites do que fora o povoado, cinco ou seis árvores adultas continuavam de pé, carvalhos e castanheiras, embora todas parecessem ter perdido vários galhos. Não restava uma árvore jovem sequer.

Estarrecidas com aquela devastação total, Aliena e Elizabeth andaram pelo que antes era a rua. O chão estava repleto de madeira quadrada e aves mortas. Chegaram ao campo de trigo mais próximo. Era como se um grande rebanho de gado houvesse pernoitado ali. Os talos ainda imaturos haviam sido amassados, quebrados, arrancados e levados embora. A terra revirada parecia um charco.

Aliena estava horrorizada.

– Meu Deus – murmurou. – O que as pessoas vão comer?

Elas avançaram pelo campo. Por toda parte, o estrago era o mesmo. Subiram um morro baixo para observar as terras em volta. Para onde quer que olhassem, viam colheitas arruinadas, ovelhas mortas, árvores derrubadas, alagamentos e casas em ruínas. A destruição era assustadora e fez Aliena ser invadida por um terrível sentimento de tragédia. Era como se a mão de Deus houvesse se abatido sobre a Inglaterra e dado um tapa na terra, destruindo tudo que o homem houvesse erguido, com exceção das igrejas.

Elizabeth também estava chocada com a devastação.

– Que coisa terrível – comentou ela. – Não consigo acreditar. Não sobrou nada.

Aliena aquiesceu, sombria.

– Nada – repetiu. – Não haverá safra este ano.

– O que as pessoas vão fazer?

– Não sei. – Com um misto de compaixão e medo, Aliena arrematou: – Vai ser um inverno sangrento.

II

Um dia de manhã, quatro semanas depois do grande temporal, Martha pediu mais dinheiro para Jack. Ele ficou surpreso. Já lhe dava 6 *pence* por semana para cuidar da casa e sabia que Aliena lhe dava a mesma quantia. Com isso, Martha precisava alimentar quatro adultos e duas crianças e abastecer duas casas com lenha para o fogo e juncos. No entanto, muitas famílias em Kingsbridge tinham apenas 6 *pence* para tudo, inclusive comida, roupas e aluguel. Perguntou à irmã por que ela precisava de mais dinheiro.

Martha pareceu constrangida.

– Todos os preços aumentaram. O padeiro quer 1 *penny* por um pão de 2 quilos.

– Um *penny*! Por um pão de 2 quilos? – Jack estava indignado. – Nós deveríamos construir um forno e assar o nosso.

– Bem, às vezes eu faço pão sem fermento.

– É verdade.

Jack percebeu que eles tinham comido pão feito em casa umas duas ou três vezes na última semana ou algo assim.

– Só que o preço da farinha também aumentou, de modo que não economizamos grande coisa – disse Martha.

– Deveríamos comprar o trigo e moer nós mesmos.

– Não é permitido. Somos obrigados a usar a moenda do priorado. Enfim, o trigo também está caro.

– Claro.

Jack entendeu que estava sendo tolo. O pão estava caro porque a farinha estava cara, e a farinha estava cara porque o trigo estava caro, e o trigo estava caro porque o temporal havia arrasado as colheitas e não havia como fugir disso. Viu que Martha parecia aflita. Ela ficava sempre muito abalada quando pensava tê-lo contrariado. Sorriu para lhe mostrar que estava tudo bem e lhe deu alguns tapinhas no ombro.

– Não é culpa sua – falou.

– Você pareceu zangado.

– Não com você.

Ele se sentiu culpado. Sabia que Martha preferiria cortar a própria mão a trapaceá-lo. Na verdade, não entendia por que ela era tão dedicada. Se fosse amor, pensou, com certeza a essa altura já teria se cansado, pois ela e o mundo inteiro sabiam que Aliena era o amor da sua vida. Já havia pensando em mandar Martha embora para forçá-la a mudar de vida: assim, quem sabe, ela se apaixonaria por um homem adequado. Mas no fundo sabia que aquilo não daria certo e só conseguiria fazê-la extremamente infeliz, então deixava as coisas como estavam.

Levou a mão até dentro da túnica para pegar a bolsinha de dinheiro e tirou três moedas de prata.

– É melhor então você receber 12 *pence* por semana e ver se consegue se virar com isso – falou.

Parecia muito dinheiro. Seu salário era apenas 24 *pence* por semana, embora ele recebesse também benefícios, como velas, túnicas e botas.

Engoliu o que restava de uma caneca de cerveja e saiu. Fazia um frio incomum para o início do outono. O tempo continuava estranho. Foi caminhando depressa pela rua e entrou pelo portão do priorado. Ainda

faltava um pouco para o sol nascer e só havia uns poucos artesãos na obra. Subiu a nave observando os alicerces. Estavam quase prontos, o que era uma coisa boa, já que o trabalho com argamassa decerto teria de parar cedo nesse ano por causa do frio.

Ergueu os olhos para os novos transeptos. O prazer que sentia com a própria criação era prejudicado pelas rachaduras. Havia surgido no dia seguinte ao grande temporal. Sentia uma decepção terrível. Fora uma tempestade excepcional, claro, mas sua igreja havia sido projetada para resistir a centenas de tormentas como aquela. Ele balançou a cabeça, ainda perplexo, e subiu a escada até a galeria da tribuna. Queria poder conversar com alguém que houvesse construído uma igreja parecida, mas ninguém na Inglaterra tinha feito isso, e nem na França elas tinham chegado àquela altura.

Por impulso, não foi até o local onde fazia seus desenhos, mas continuou a subir até chegar ao telhado. As placas de chumbo já haviam sido todas instaladas, e ele viu que o pináculo que impedia a água da chuva de escorrer agora tinha uma bela goteira passando pela base. Estava ventando lá em cima e sempre que ele se aproximava das beiradas do telhado tentava se segurar em alguma coisa. Não seria o primeiro construtor a morrer ao cair do telhado, desequilibrado por uma rajada de vento. O vento sempre parecia mais forte lá em cima do que no chão. Na verdade, o vento parecia aumentar de maneira desproporcional à medida que se subia.

Ficou parado, com o olhar perdido no vazio. Era essa a solução do enigma. Não era o *peso* da abóbada que estava causando as rachaduras, mas sim a *altura*. Tinha certeza de ter construído a igreja forte o suficiente para sustentar o peso, mas não havia considerado o vento. Aquelas paredes altíssimas eram fustigadas sem parar e o vento bastava para rachá-las. Em pé sobre o telhado, sentindo sua força, ele conseguiu imaginar o efeito do vento sobre a estrutura perfeitamente equilibrada mais abaixo. Conhecia aquela construção tão bem que quase podia sentir a tensão, como se as paredes fizessem parte do seu corpo. O vento atingia a igreja de lado, do mesmo modo que o atingia, e, como a igreja não podia se dobrar, ela rachava.

Tinha quase certeza de ter encontrado a explicação, mas o que faria a respeito? Precisava reforçar o clerestório para que suportasse o vento. Mas

como? Construir imensos contrafortes apoiados nas paredes destruiria o efeito espantoso de leveza e graça que ele tão bem conseguira obter.

Mas, se isso fosse o necessário para manter o edifício de pé, teria de fazê-lo.

Tornou a descer a escada. Embora houvesse finalmente compreendido o problema, não se sentia mais alegre do que antes, pois pelo visto a solução iria destruir seu sonho. Talvez eu tenha sido arrogante, pensou. Tive tanta certeza de poder construir a catedral mais bonita do mundo. Por que imaginei que fosse me sair melhor do que todos os outros? O que me fez pensar que era especial? Deveria ter copiado o projeto de outro mestre em cada detalhe e me contentado com isso.

Philip o aguardava no local dos desenhos. O prior exibia um cenho franzido de preocupação e a franja de cabelos grisalhos em volta do crânio raspado estava despenteada. Ele parecia ter passado a noite em claro.

– Temos de reduzir os gastos – disse ele, sem preâmbulo. – Simplesmente não temos dinheiro para continuar a construir no ritmo atual.

Jack temia que isso fosse acontecer. O furacão havia destruído as plantações em quase todo o sul da Inglaterra. Com certeza teria algum efeito nas finanças do priorado. Falar sobre cortes sempre o deixava nervoso. Bem lá no fundo, temia que, caso o ritmo da construção diminuísse demais, não fosse viver o suficiente para ver a catedral concluída, mas não deixou esse medo transparecer.

– O inverno está chegando – falou, sem demonstrar emoção. – O trabalho sempre diminui nessa época. E o inverno este ano vai começar cedo.

– Não cedo o bastante – rebateu Philip, sombrio. – Quero cortar nossas despesas pela metade imediatamente.

– Pela metade!

Isso parecia impossível.

– As dispensas de inverno começam hoje.

Aquilo era pior do que Jack previra. Em geral, os trabalhadores de verão iam embora no início de dezembro. Passavam os meses do inverno construindo casas de madeira ou fabricando arados e carroças para as próprias famílias ou para ganhar dinheiro. Nesse ano, as famílias não ficariam felizes em vê-los.

– Você sabe que vai mandá-los para casas onde as pessoas já não têm o que comer? – indagou Jack.

Philip apenas o encarou de volta, irritado.

– É claro que sabe – disse Jack. – Desculpe-me por ter perguntado.

– Se eu não fizer isso agora, vai chegar um sábado no meio do inverno em que toda a força de trabalho fará fila para receber e eu terei de mostrar um baú vazio – falou Philip, decidido.

Jack deu de ombros, impotente.

– Com isso não há como discutir.

– E tem mais – alertou Philip. – De agora em diante não vai haver mais nenhuma contratação, nem mesmo para substituir quem for embora.

– Há meses não contratamos ninguém.

– Você contratou Alfred.

– Isso foi diferente. – Jack estava constrangido. – Enfim, sem contratações.

– E sem promoções.

Jack balançou a cabeça. De vez em quando, um aprendiz ou servente pedia para ser promovido a pedreiro ou canteiro. Se os demais artesãos julgassem suas habilidades adequadas, o pedido era aceito e o priorado era obrigado a aumentar seu salário.

– As promoções são uma decisão da guilda de pedreiros – argumentou Jack.

– Não quero alterar isso – disse o prior. – Estou pedindo aos pedreiros que adiem as promoções até a fome passar.

– Vou falar com eles – concordou Jack, sem se comprometer.

Tinha a sensação de que aquilo iria causar problemas.

Philip ainda não tinha acabado.

– De agora em diante, não haverá trabalho nos dias santos.

Havia dias santos de mais. Em princípio, eram todos feriados, mas se os trabalhadores era pagos ou não pelos feriados era motivo de negociação. Em Kingsbridge, a regra era que, quando dois ou mais feriados caíssem na mesma semana, o primeiro era remunerado, e o segundo era um dia de descanso opcional sem remuneração. A maioria dos trabalhadores optava por trabalhar no segundo dia. Agora, contudo, não teriam mais essa escolha. O segundo dia santo seria um feriado não remunerado compulsório.

Jack se sentia desconfortável com a perspectiva de explicar essas mudanças à guilda.

– Tudo isso seria aceito com muito mais facilidade se eu pudesse apresentar a questão como aberta ao debate, em vez de algo já decidido.

Philip balançou a cabeça.

– Nesse caso, eles iriam pensar que a questão é negociável e algumas das propostas poderiam ser abrandadas. Sugeririam trabalhar meio expediente nos dias santos e permitir um número limitado de promoções.

Ele tinha razão, claro.

– E isso não é razoável? – indagou Jack.

– É claro que é razoável – respondeu Philip com irritação. – Mas não há espaço para ajustes. Temo que nem mesmo essas medidas bastem. Não posso fazer nenhuma concessão.

– Está certo – disse Jack. O prior obviamente não estava disposto a ceder em nada agora. – Mais alguma coisa? – perguntou, com cautela.

– Sim. Pare de comprar materiais. Esgote seu estoque de pedra, ferro e madeira.

– Nossa madeira é de graça! – protestou Jack.

– Mas temos de pagar pelo transporte até aqui.

– Verdade. Está certo. – Jack foi até a janela e olhou para as pedras e os troncos de árvore empilhados no priorado. Foi um gesto automático, pois na verdade já sabia quanto tinha em estoque. – Isso não é um problema – acrescentou após alguns instantes. – Com a força de trabalho reduzida, o material vai bastar até o próximo verão.

Philip deu um suspiro cansado.

– Não há garantia nenhuma de que iremos contratar trabalhadores no próximo verão – disse ele. – Tudo depende do preço da lã. É melhor já avisá-los.

Jack assentiu.

– A situação é tão ruim?

– A pior que eu já vi – respondeu Philip. – O que este país precisa é de três anos de tempo bom. E de um novo rei.

– Amém para isso – falou Jack.

Philip voltou para sua casa. Jack passou a manhã pensando em como lidar com as mudanças. Havia duas formas de se construir uma nave: tramo por tramo, partindo do coro em direção ao oeste, ou nível por nível,

erguendo primeiro toda a base da nave e subindo aos poucos. A segunda forma era mais rápida, mas precisava de mais pedreiros. Era o método que Jack pretendia usar. Agora, estava reconsiderando. Construir cada tramo por vez era mais adequado a uma força de trabalho reduzida. E tinha também outra vantagem: qualquer modificação que ele fizesse no projeto para levar em conta a resistência ao vento poderia ser testada em um ou dois tramos antes de ser usada no edifício inteiro.

Ele também estava preocupado com o efeito a longo prazo da crise financeira. No correr dos anos, o ritmo do trabalho poderia diminuir ainda mais. Melancólico, imaginou-se ficando velho, grisalho e fraco sem alcançar a ambição de sua vida e no fim sendo enterrado no cemitério do priorado à sombra de uma catedral ainda inacabada.

Quando o sino do meio-dia tocou, foi até o alojamento dos pedreiros. Os homens estavam sentados em frente à sua cerveja e ao seu queijo, e ele notou pela primeira vez que muitos deles não tinham pão. Pediu aos que em geral almoçavam em casa que ficassem um instante.

– O priorado está ficando sem dinheiro – disse.

– Nunca vi um monastério que mais cedo ou mais tarde não ficasse sem dinheiro – comentou um dos mais velhos.

Jack olhou para ele. Chamava-se Edward Twonose, “Dois Narizes”, porque tinha uma verruga no rosto quase tão grande quanto o nariz. Era um bom entalhador, com um olhar aguçado para curvas exatas, e Jack sempre o usava para os fustes das colunas e as paredes curvas.

– Vocês têm de reconhecer que este priorado administra o dinheiro melhor do que a maioria – observou. – Mas o prior não pode fazer nada contra as tempestades e as safras ruins, e agora precisa conter gastos. Vou lhes contar tudo antes de vocês almoçarem. Em primeiro lugar, não vamos receber mais nenhum carregamento de pedra ou de madeira.

Os artesãos dos outros barracões foram entrando para escutar.

– A madeira que temos não vai durar o inverno – disse Peter, um dos velhos carpinteiros.

– Vai, sim – contrapôs Jack. – Como teremos menos artesãos, vamos construir mais devagar. As dispensas de inverno começam hoje.

Soube na mesma hora que havia conduzido mal o anúncio. Protestos ecoaram por todos os lados e vários homens falaram ao mesmo tempo. Eu deveria ter dado a notícia aos poucos, pensou. No entanto, não tinha

experiência naquele tipo de coisa. Fazia sete anos que era mestre e nesse tempo não houvera nenhuma crise financeira.

A voz que se destacou do burburinho foi a de Pierre Paris, um dos homens vindos de Saint-Denis. Apesar dos seis anos em Kingsbridge, seu inglês ainda não era perfeito e a raiva tornava seu sotaque carregado, mas mesmo assim ele tomou coragem para falar.

– Você não pode demitir numa terça-feira – falou.

– Isso mesmo – concordou Jack Blacksmith. – Precisa dar pelo menos até o final da semana.

Alfred, meio-irmão de Jack, entrou na conversa.

– Eu lembro quando meu pai estava construindo uma casa para o conde de Shiring e Will Hamleigh apareceu e mandou a equipe inteira embora. Meu pai disse que ele tinha de pagar a todos o salário de uma semana e segurou a cabeça do cavalo de Will até ele entregar o dinheiro.

Obrigado pela sua contribuição, Alfred, pensou Jack.

– É melhor vocês ouvirem o resto – continuou, obstinado. – De agora em diante, não haverá trabalho nos dias santos nem promoções.

Isso os deixou com mais raiva ainda.

– Inaceitável! – exclamou alguém, e vários outros repetiram. – Inaceitável, inaceitável.

Aquilo enfureceu Jack.

– Que história é essa? Se o priorado não tem dinheiro, vocês não vão receber. De que adianta ficar entoando “Inaceitável, inaceitável” como estudantes na aula de latim?

Edward Twonose tornou a falar:

– Nós não somos uma turma de estudantes. A guilda tem o direito de conceder promoções, e ninguém pode tirar isso dela.

– E se não houver dinheiro para o aumento de salário? – indagou Jack, alterado.

– Duvido que não haja – disse um dos pedreiros mais jovens.

Era Dan Bristol, um dos trabalhadores de verão. Apesar de não ser muito habilidoso em cantaria, sabia assentar pedras com grande precisão e rapidez.

– Como você pode dizer que duvida? O que sabe sobre as finanças do priorado?

– Eu sei o que vejo – respondeu Dan. – Os monges estão morrendo de

fome? Não. Há velas na igreja? Sim. Há vinho na despensa? Sim. O prior anda descalço? Não. O dinheiro existe. Ele só não quer dar para nós.

Vários dos presentes concordaram em voz alta. Na realidade, Dan estava enganado em relação a pelo menos um item: o vinho. Mas ninguém acreditaria em Jack agora: ele tinha virado o representante do priorado. Não era justo. Ele não era responsável pelas decisões de Philip.

– Olhem, estou só comunicando o que o prior me contou – disse. – Não garanto que seja verdade. Mas, se ele está dizendo que não há dinheiro suficiente e nós não acreditamos nele, o que podemos fazer?

– Podemos *todos* parar de trabalhar – respondeu Dan. – Agora.

– Isso mesmo – concordou outra voz.

Jack entendeu, com um princípio de pânico, que aquela situação estava fugindo ao controle.

– Esperem um instante – pediu. Desesperado, tentou encontrar algo para dizer que conseguisse acalmar os ânimos. – Vamos voltar ao trabalho agora e hoje à tarde eu tento convencer Philip a abrandar seus planos.

– Não acho que devemos trabalhar – falou Dan.

Jack não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Havia previsto muitas ameaças à igreja dos seus sonhos, mas não imaginara que os próprios trabalhadores a fossem sabotar.

– Por que não? – perguntou, incrédulo. – De que adianta?

– Na atual situação, metade de nós nem sequer sabe se vai receber pelo resto da semana – argumentou Dan.

– O que vai contra todos os usos e costumes – disse Pierre Paris.

A expressão *usos e costumes* era muito usada nos tribunais.

– Pelo menos trabalhem enquanto eu estiver tentando fazer Philip mudar de ideia – pediu Jack, desesperado.

– Se nós trabalharmos, você consegue garantir que todos receberão pela semana inteira? – indagou Edward Twonose.

Jack sabia que, na atual disposição de Philip, não podia dar essa garantia. Passou-lhe pela cabeça dizer sim de toda forma e, se fosse necessário, tirar o dinheiro do próprio bolso, mas percebeu que nem todas as suas economias bastariam para cobrir uma semana de salário de todos eles.

– Farei o melhor possível para convencê-lo e acho que ele vai aceitar – respondeu então.

– Para mim isso não é bom o bastante – disse Dan.

– Nem para mim – concordou Pierre.

– Sem garantia, sem trabalho – resumiu Dan.

Para consternação de Jack, eles entraram em consenso.

Ele viu que, caso continuasse a se opor aos trabalhadores, perderia o pouco de autoridade que ainda lhe restava.

– A guilda deve agir como um homem só – anunciou, empregando uma expressão muito usada. – Todos a favor de cessar o trabalho?

Um coro de vozes afirmou que sim.

– Que seja, então – disse ele, desanimado. – Vou avisar ao prior.



O bispo Waleran entrou a cavalo em Shiring seguido por uma comitiva que parecia um pequeno exército. O conde William o aguardava no pórtico da igreja na praça do mercado. William franziu o cenho, intrigado. Estava esperando um simples encontro, não uma visita oficial. O que aquele bispo ardiloso estaria tramando agora?

Um desconhecido montando um cavalo alazão castrado acompanhava Waleran. Era um homem alto e esguio, com pesadas sobrancelhas negras e um grande nariz adunco. Parecia exibir uma permanente expressão de desdém. Vinha ao lado de Waleran como se os dois fossem iguais, mas não usava roupas de bispo.

Quando todos apearam, Waleran apresentou o desconhecido.

– Conde William, este é Peter de Wareham, arcediago a serviço do arcebispo de Canterbury.

Nenhuma explicação do que Peter está fazendo aqui, pensou William. Waleran com certeza está tramando algo.

O arcediago fez uma mesura.

– Seu bispo me contou de sua generosidade com a Santa Madre Igreja, lorde William – disse.

Antes que William pudesse responder, Waleran apontou para a igreja paroquial.

– Esse edifício será demolido para dar lugar à nova igreja, arcediago – disse ele.

– Vocês já escolheram um mestre pedreiro? – quis saber Peter.

William se perguntou por que um arcediogo de Canterbury estava tão interessado assim na igreja paroquial de Shiring. Talvez ele estivesse apenas sendo educado.

– Não, ainda não encontrei um mestre – respondeu Waleran. – O que não falta são pedreiros atrás de emprego, mas não consigo ninguém de Paris. Pelo visto, o mundo inteiro quer construir igrejas como Saint-Denis, e os pedreiros que conhecem esse estilo são muito requisitados.

– Seria importante que fosse nesse estilo – disse Peter.

– Um pedreiro que talvez possa ajudar vai nos encontrar mais tarde.

Mais uma vez, William ficou um pouco intrigado. Por que Peter achava importante construir no estilo de Saint-Denis?

– A nova igreja será bem maior, claro – continuou Waleran. – Vai invadir um bom pedaço desta praça.

William não gostou da atitude de Waleran e decidiu intervir:

– Não posso deixar a igreja enfiada no meio da praça do mercado.

Waleran fez uma cara irritada, como se ainda não fosse a vez de William se pronunciar.

– E por que não? – indagou.

– Nos dias de mercado, cada centímetro da praça rende dinheiro.

Waleran parecia disposto a discutir, mas Peter falou com um sorriso:

– Não podemos atrapalhar a fonte de dinheiro!

– Isso mesmo – concordou William.

O conde estava pagando por aquela igreja. Felizmente, a quarta má safra seguida pouco influenciara sua renda. Os camponeses mais modestos pagavam aluguel em espécie, e muitos deles tinham lhe dado seu saco de cereal e seu casal de gansos, embora eles próprios estivessem vivendo à base de sopa de bolotas de carvalho. Além do mais, cada saco de cereal valia dez vezes o preço de cinco anos antes, e o aumento mais do que compensava o calote de alguns arrendatários e os servos que tinham morrido de fome. Ele ainda tinha recursos para financiar a nova construção.

Eles deram a volta até os fundos da igreja. Ali ficava uma área de habitação que gerava uma renda mínima.

– Podemos construir nesta ponta e derrubar todas essas casas – sugeriu William.

– Mas a maioria dessas casas é de residências de clérigos! – protestou Waleran.

– Encontraremos outras moradias para eles.

Apesar de parecer descontente, Waleran não disse mais nada sobre o tema.

No lado norte da igreja, um homem de ombros largos e com cerca de 30 anos fez uma medida. Pelas roupas, William calculou que fosse um artesão.

– Esse é o homem de quem falei, senhor meu bispo – disse o arcebispo Baldwin, que estava no séquito do bispo. – O nome dele é Alfred de Kingsbridge.

À primeira vista, o homem não parecia grande coisa: era um tipo bovino, grande, forte e burro. Mais de perto, porém, seu rosto tinha uma expressão ardilosa que mais lembrava uma raposa ou um cão dissimulado.

– Alfred é filho de Tom Builder, primeiro mestre construtor de Kingsbridge – prosseguiu o arcebispo Baldwin. – Ele próprio foi mestre por um tempo, até ser usurpado pelo meio-irmão.

O filho de Tom Builder. William se deu conta de que aquele era o homem que havia desposado Aliena, mas nunca consumara o casamento. Estudou-o com grande interesse. Jamais teria pensado que aquele homem fosse impotente. Ele parecia saudável e normal, mas Aliena podia ter um efeito estranho nos homens.

– Você trabalhou em Paris e aprendeu o estilo de Saint-Denis? – perguntou o arcebispo Peter.

– Não.

– Mas precisamos de uma igreja construída no novo estilo.

– Atualmente estou trabalhando em Kingsbridge, onde meu irmão é mestre. Ele trouxe o novo estilo de Paris e eu aprendi com ele.

William se perguntou como Waleran teria conseguido subornar Alfred sem despertar suspeitas, mas então lembrou que Remigius, o subprior, era um fantoche do bispo. Remigius devia ter feito a primeira abordagem.

Lembrou-se de mais uma coisa sobre Kingsbridge.

– Mas seu telhado desabou – falou.

– Não foi culpa minha – retrucou Alfred. – O prior Philip insistiu em mudar o projeto.

– Eu conheço Philip – falou Peter com a voz cheia de fel. – Um homem

teimoso e arrogante.

– Conhece como? – quis saber William.

– Muitos anos atrás, eu era monge no convento de St.-John-in-the-Forest quando Philip administrava o mosteiro – respondeu Peter com amargura. – Critiquei o regime frouxo dele e ele me nomeou esmolador para me tirar do caminho.

Estava claro que o ressentimento de Peter ainda era forte, o que sem dúvida havia contribuído para o plano que Waleran estava tramando.

– Em todo caso, não quero contratar um construtor cujos telhados desabam, sejam quais forem as desculpas – disse William.

– Com exceção de Jack Jackson, eu sou o único mestre construtor da Inglaterra que trabalhou em uma igreja do novo estilo – argumentou Alfred.

– Não estou nem aí para Saint-Denis – retrucou William. – Acredito que um projeto tradicional serve perfeitamente para a pobre alma da minha mãe.

O bispo Waleran e o arcediogo Peter se entreolharam. Segundos depois, Waleran se dirigiu a William em voz baixa.

– Um dia esta igreja pode ser a catedral de Shiring.

Tudo ficou claro para William. Muitos anos antes, Waleran havia manobrado para transferir a diocese de Kingsbridge para Shiring, mas o prior Philip frustrara seus planos. Agora, o bispo tinha ressuscitado esse projeto. Dessa vez, pelo visto, iria agir de modo mais dissimulado. Antes, contentara-se em solicitar ao arcebispo de Canterbury que acatasse o seu pedido. Agora, antes de refazer a solicitação, começaria construindo uma igreja nova, grande e prestigiosa o bastante para ser uma catedral, ao mesmo tempo que reforçava laços com aliados como Peter no círculo do arcebispo. Não havia nada de errado com isso, mas tudo o que William queria era construir uma igreja dedicada à memória da mãe para facilitar o trânsito de sua alma pelo fogo eterno, e a tentativa de Waleran de confiscar o plano para seus próprios objetivos lhe desagradava. Por outro lado, ter a catedral ali seria um incentivo tremendo para Shiring, e William poderia lucrar com isso.

– Tem mais uma coisa – disse Alfred.

– Pois não? – indagou Waleran.

William olhou para os dois. Alfred era maior, mais forte e mais jovem

do que o bispo e poderia tê-lo derrubado no chão com uma das enormes mãos amarrada nas costas. No entanto, agia como o adversário mais fraco em um confronto. Anos antes, William teria se zangado ao ver um padre afetado e branquelo intimidar um homem forte, mas ele não se aborrecia mais com esse tipo de coisa: o mundo era assim e pronto.

Alfred baixou a voz:

– Posso trazer comigo toda a força de trabalho de Kingsbridge.

De repente, seus três interlocutores ficaram interessados.

– Repita o que disse – pediu Waleran.

– Se vocês me contratarem como mestre construtor, trarei comigo todos os artesãos de Kingsbridge.

– E como sabemos que está dizendo a verdade? – indagou Waleran, desconfiado.

– Não estou pedindo que confiem em mim – argumentou Alfred. – Podem me contratar com essa condição. Se eu não fizer o que estou prometendo, irei embora sem receber.

Por diferentes motivos, todos os seus três interlocutores odiavam o prior Philip e foram imediatamente seduzidos pela possibilidade de lhe infligir tamanho golpe.

– Muitos dos pedreiros trabalharam em Saint-Denis – acrescentou Alfred.

– Mas como poderia trazê-los? – quis saber o bispo.

– Isso importa? Digamos apenas que eles me preferem a Jack.

William achava que Alfred estava mentindo em relação a isso, e Waleran parecia pensar a mesma coisa, pois inclinou a cabeça para trás, erguendo o nariz pontudo, e observou o artesão com um olhar demorado. No entanto, Alfred parecera dizer a verdade até ali. Qualquer que fosse o verdadeiro motivo, devia estar convencido de que conseguiria trazer consigo os artesãos de Kingsbridge.

– Se todos o seguirem até aqui, o trabalho em Kingsbridge vai cessar por completo – falou William.

– Sim – confirmou Alfred. – Vai.

William olhou para Waleran e Peter.

– Precisamos conversar mais sobre isso. É melhor ele almoçar conosco.

Waleran concordou com um meneio de cabeça.

– Acompanhe-nos até minha casa – disse a Alfred. – Fica do outro lado da praça do mercado.

– Eu sei – falou Alfred. – Fui eu quem a construiu.



Por dois dias, o prior Philip se recusou a falar sobre a greve. Estava mudo de raiva, e toda vez que via Jack se virava e saía andando para outro lado.

No segundo dia, três carroças de farinha chegaram de um dos moinhos distantes do priorado. Vieram escoltadas por homens de armas: ultimamente, a farinha era um bem tão precioso quanto ouro. As carroças foram recebidas pelo irmão Jonathan, que agora era assistente de despenseiro e trabalhava sob as ordens do velho Cuthbert Whitehead. Jack o observou contar os sacos. Achava que havia algo estranhamente familiar no semblante de Jonathan, como se o rapaz se parecesse com alguém que ele conhecesse bem. Jonathan era alto, desengonçado, e tinha cabelos castanho-claros. Era muito diferente de Philip, que era baixo, franzino e tinha cabelos pretos, mas, em todos os outros aspectos que não o físico, Jonathan parecia o homem que era seu pai substituto: um rapaz de temperamento forte e sólidos princípios, determinado e ambicioso. Apesar de sua atitude um tanto rígida com relação à moralidade, as pessoas gostavam dele, mais ou menos o mesmo sentimento que nutriam por Philip.

Enquanto o prior se recusasse a conversar, uma palavrinha com Jonathan seria a melhor opção.

Jack o observou pagar os homens de armas e os carroceiros. O rapaz foi discreto e eficiente e, quando os carroceiros pediram mais do que o valor a que tinham direito, como sempre faziam, recusou em tom calmo mas firme. Ocorreu a Jack que a educação monástica era um bom treinamento para a liderança.

Liderança. As falhas de Jack nesse departamento haviam se revelado de modo patente. Sua falta de jeito para lidar com os trabalhadores transformara um problema numa crise. Sempre que pensava naquela reunião, se culpava pela inépcia. Estava decidido a dar um jeito de consertar a situação.

Quando os carroceiros se foram, resmungando, Jack passou por Jonathan casualmente.

– Philip está muito bravo com a greve – disse para o rapaz.

Por alguns segundos, Jonathan, que obviamente estava bravo também, pareceu prestes a fazer algum comentário desagradável, porém seu rosto por fim relaxou.

– Ele parece zangado, mas no fundo está magoado – respondeu.

Jack aquiesceu.

– Ele está levando a questão para o lado pessoal.

– Sim. Acha que os artesãos se voltaram contra ele nesta hora difícil.

– Acho que, de certa forma, foi o que aconteceu – falou Jack. – Mas Philip cometeu um grave erro de julgamento ao tentar alterar as práticas de trabalho por decreto.

– O que mais ele poderia fazer? – indagou Jonathan.

– Conversar com eles primeiro sobre a crise. Os artesãos poderiam até ter sugerido algumas formas de economizar. Mas não estou em posição de culpar Philip, já que cometi o mesmo erro.

O comentário atçou a curiosidade do rapaz.

– Como? – perguntou Jonathan.

– Informei aos homens o cronograma de cortes da mesma forma insensível que Philip informou a mim.

Jonathan queria se mostrar indignado como Philip e jogar a culpa da greve na perfídia dos trabalhadores, mas com relutância estava começando a ver o outro lado da moeda. Jack decidiu não falar mais nada. Já havia plantado uma semente.

Deixou Jonathan e voltou para o local em que fazia seus desenhos. O problema, refletiu enquanto pegava suas ferramentas, era que quem garantia a paz da cidade era o prior. Em geral, era ele quem julgava os erros e arbitrava as disputas. Era desconcertante vê-lo agora como um dos lados de uma briga, zangado, amargurado e inflexível. Outra pessoa teria de garantir a paz dessa vez. E Jack só conseguia pensar em si próprio. Como mestre construtor, era ele o responsável por conversar com os dois lados, e sua motivação era inquestionável: ele queria prosseguir com a obra.

Passou o resto do dia pensando em como levar a cabo aquela tarefa, e não parava de se perguntar: o que Philip faria nesta situação?

No dia seguinte, sentiu-se pronto para enfrentar o prior.

O tempo estava frio e úmido. No início da tarde, Jack ficou zanzando pelo canteiro de obras deserto com a cabeça sob o capuz da capa para não se molhar, fingindo estudar as rachaduras do clerestório (problema que seguia sem solução), e esperou até ver Philip sair apressado do claustro em direção à sua casa. Quando o prior entrou, Jack foi atrás dele.

A porta de Philip sempre ficava aberta. Jack bateu e entrou. Encontrou-o ajoelhado diante do pequeno altar no canto. Imaginava que ele já rezasse o suficiente, pensou Jack, uma vez que passava a maior parte do dia e metade da noite na igreja, e não precisasse rezar em casa também. Não acendera o fogo. Fazia parte da economia de Philip. Jack aguardou em silêncio até ele se pôr de pé e se virar.

– Essa situação precisa acabar – disse Jack, então.

O rosto em geral afável de Philip exibia uma expressão dura.

– Não vejo dificuldade para isso acontecer – respondeu, hostil. – Eles podem voltar ao trabalho quando quiserem.

– Sob as suas condições.

Philip o encarou em silêncio.

– Eles não vão voltar se não for nas condições deles e não vão esperar para sempre até que o senhor entenda os motivos – disse Jack, emendando depressa: – Ou o que eles acham que são os motivos.

– Não vão esperar para sempre? – repetiu Philip. – Para onde eles irão quando se cansarem de esperar? Não vão arrumar trabalho em nenhum outro lugar. Por acaso eles acham que estamos sofrendo com a fome apenas aqui? Há fome por toda a Inglaterra. Todas as obras estão tendo de apertar os cintos.

– Quer dizer então que o senhor vai esperar que eles voltem rastejando e implorando perdão – falou Jack.

Philip desviou o olhar.

– Não farei ninguém rastejar. Não acredito que um dia lhe dei motivo para esperar esse comportamento de mim.

– Não, e foi por isso que vim procurá-lo – retrucou Jack. – Sei que o senhor na verdade não quer humilhar esses homens. Não é da sua natureza. Além do mais, se eles voltassem derrotados e ressentidos, passariam anos trabalhando mal. Assim, tanto do meu ponto de vista quanto do seu, precisamos deixar que eles saiam de cabeça erguida. Ou seja, temos que

fazer concessões.

Jack prendeu a respiração. Tinha feito seu grande discurso e aquele era o momento do tudo ou nada. Se Philip não permanecesse inflexível, o futuro seria pouco promissor.

O prior o encarou fixamente por vários segundos. Jack pôde ver em seu semblante a razão brigando com a emoção. Então, sua expressão por fim se suavizou.

– É melhor nos sentarmos – disse o prior.

Jack conteve um suspiro de alívio e se sentou. Havia planejado o que dizer a seguir. Não repetiria a falta de tato irrefletida da reunião com seus homens.

– Não é preciso mexer na suspensão da compra de material – começou.
– Da mesma forma, a moratória sobre as novas contratações pode ser mantida. Ninguém se opõe a isso. Também acho que eles podem ser convencidos a aceitar que não haverá trabalho nos dias santos caso obtenham concessões em outros pontos.

Ele fez uma pausa para deixar que Philip absorvesse as informações. Até então, estava dando tudo sem pedir nada.

Philip assentiu.

– Certo. Que tipo de concessões?

Jack inspirou fundo.

– Eles ficaram muito ofendidos com a proposta de proibir as promoções. Achem que está tentando usurpar um direito ancestral da guilda.

– Já expliquei que não foi essa minha intenção – argumentou Philip, irritado.

– Eu sei, eu sei – Jack se apressou a dizer. – É claro que explicou. E eu acreditei, mas eles não.

Philip pareceu magoado. Como alguém podia não acreditar nele?

– Mas isso tudo são águas passadas – continuou Jack, depressa. – Vou propor um meio-termo que não vai lhe custar nada.

Philip ficou interessado.

– Deixe que continuem a aprovar os pedidos de promoção, mas adie o aumento de salário por um ano – prosseguiu Jack.

E pensou: encontre uma objeção a isso se for capaz.

– Eles vão aceitar? – perguntou Philip, cético.

- Vale a pena tentar.
- E se daqui a um ano eu ainda não puder pagar os aumentos?
- Não coloque a carroça na frente dos bois.
- Devo renegociar daqui a um ano, você quer dizer.

Jack deu de ombros.

- Se for preciso.
 - Entendo – falou Philip, ainda indeciso. – Mais alguma coisa?
 - O maior obstáculo é a demissão imediata dos trabalhadores de verão.
- Jack agora falava com total franqueza. Não havia como disfarçar essa questão. – A demissão imediata nunca foi autorizada em nenhum canteiro de obras da cristandade. O final da semana é o prazo mais curto possível. – Para ajudar Philip a se sentir menos tolo, arrematou: – Eu deveria ter lhe avisado.

– Quer dizer que tudo o que preciso fazer é dar trabalho a eles por mais dois dias?

– Não acho que isso agora vá bastar – disse Jack. – Se tivéssemos lidado com a questão de outra forma desde o começo, talvez sim, mas agora eles vão querer um acordo melhor.

- Você sem dúvida tem algo específico em mente.

Jack tinha, e era a única concessão de verdade que ele viera pedir.

– Estamos agora no início de outubro. Em geral dispensamos os trabalhadores de verão no início de dezembro. Vamos propor um meio-termo e dispensá-los no início de novembro.

- Nesse caso eu só terei metade do que preciso.

– Mais da metade. Ainda vai se beneficiar do esgotamento dos estoques e do adiamento do aumento dos salários dos trabalhadores promovidos, além dos dias santos.

- Isso tudo são detalhes.

Jack se recostou no assento, abatido. Fizera o melhor que podia. Não tinha mais argumentos para apresentar a Philip, nenhum outro recurso para persuadi-lo, nada mais a dizer. Havia disparado sua flecha. E Philip continuava a resistir. Jack tinha se preparado para reconhecer a derrota. Olhou para o semblante duro do prior e aguardou.

Philip passou vários instantes em silêncio, olhando para o altar no canto. Por fim, tornou a encarar Jack.

- Terei de apresentar a questão ao capítulo – anunciou.

Jack sentiu o corpo relaxar de alívio. Não era uma vitória, mas chegava perto. Philip não pediria aos irmãos que concordassem com nada que ele próprio não aprovasse, e na maioria das vezes os monges faziam o que ele pedia.

– Tomara que eles aceitem – falou Jack, com uma voz débil.

Philip se levantou e pousou a mão no seu ombro. Pela primeira vez, sorriu.

– Se eu defender o caso de forma tão convincente quanto você, vão aceitar.

Jack ficou surpreso com aquela súbita mudança de atitude.

– Quanto antes isso terminar, menores os efeitos a longo prazo – disse Jack.

– Eu sei. Fiquei muito zangado, mas não quero brigar com você.

Inesperadamente, ele estendeu a mão. Jack a apertou, o que o fez se sentir bem.

– Posso dizer aos construtores para irem ao barracão pela manhã ouvir o veredito do capítulo? – indagou.

– Sim, por favor.

– Farei isso agora mesmo.

E se virou para sair.

– Jack – disse Philip.

– Sim?

– Obrigado.

Jack aquiesceu e saiu. Foi andando pela chuva sem levantar o capuz. Estava feliz.

Nessa tarde, foi à casa de todos os artesãos e avisou que pela manhã haveria uma reunião. Os que não estavam em casa, quase todos solteiros ou trabalhadores de verão, puderam ser encontrados na taberna. Estavam sóbrios, porém, pois o preço da cerveja tinha subido como o de todo o resto e ninguém podia se dar ao luxo de se embriagar. O único artesão que não conseguiu encontrar foi Alfred, que não era visto havia um ou dois dias. Por fim, ele reapareceu ao cair da noite. Entrou na taberna com uma estranha expressão de triunfo no rosto bovino. Não disse onde estava, e Jack não perguntou. Deixou-o lá bebendo com os outros e foi jantar com Aliena e os filhos.

Na manhã seguinte, deu início à reunião antes que o prior Philip

aparecesse no alojamento. Queria preparar o terreno. Mais uma vez, havia ensaiado o que dizer com muito cuidado para garantir que não estragaria tudo por falta de tato. Uma vez mais, tentou lidar com a situação da mesma forma que Philip teria lidado.

Todos os artesãos chegaram cedo. Era o ganha-pão deles que estava em jogo. Um ou dois dos mais jovens tinham os olhos vermelhos. Jack supôs que a taberna tivesse ficado aberta até tarde na noite anterior e alguns houvessem esquecido sua pobreza por um tempo. Os jovens e os trabalhadores de verão eram os que mais poderiam criar dificuldades. Os artesãos mais velhos tinham uma visão de longo prazo. Já a minoria composta por mulheres sempre se mostrava cautelosa e conservadora e apoiava qualquer tipo de acordo.

– O prior Philip vai nos pedir para voltar ao trabalho e vai nos oferecer algum tipo de acordo – começou Jack. – Antes de ele chegar, precisamos conversar sobre o que estamos dispostos a aceitar, o que definitivamente vamos rejeitar e o que nos dispomos a negociar. Precisamos nos mostrar ao prior como uma frente unida. Espero que todos concordem.

Alguns menearam a cabeça, assentindo.

– Na minha opinião – começou, obrigando-se a soar levemente zangado –, devemos recusar terminantemente qualquer demissão imediata.

Para enfatizar quão inflexível estava em relação a esse ponto, bateu com o punho fechado na bancada de trabalho. Vários dos presentes manifestaram em voz alta que concordavam. Jack sabia que aquela era uma exigência que Philip com certeza não faria. Queria que os mais esquentados se exaltassem para defender os usos e costumes ancestrais em relação a esse ponto, de modo que, quando Philip aceitasse sua argumentação, se acalmassem.

– Além disso, precisamos garantir o direito da guilda de conceder promoções, pois somente artesãos podem julgar se um homem é ou não qualificado.

Mais uma vez, estava sendo astuto. Chamava a atenção para os aspectos não financeiros das promoções, na esperança de que, quando aquele ponto fosse decidido a seu favor, se mostrassem dispostos a aceitar um meio-termo em relação aos pagamentos.

– Quanto a trabalhar nos dias santos, não tenho certeza. Os feriados costumam ser negociados. Até onde eu sei, não existem usos e costumes

padronizados. – Virou-se para Edward Twonose. – Edward, o que pensa em relação a isso?

– Os costumes variam dependendo da obra – respondeu Edward.

Estava satisfeito por ter sido consultado. Jack assentiu, incentivando-o a prosseguir. Edward começou a enumerar diversas maneiras de lidar com os dias santos. A reunião corria exatamente como Jack desejava. Uma longa discussão sobre um ponto não muito controverso deixaria os homens entediados e minaria sua energia para o confronto.

Mas o monólogo de Edward foi interrompido por uma voz vinda do fundo:

– Tudo isso é irrelevante.

Jack olhou para aquela direção e viu que quem havia falado era um dos trabalhadores de verão, Dan Bristol.

– Um de cada vez, por favor – pediu Jack. – Deixem Edward terminar.

Dan não se deteria tão fácil assim.

– Nada disso tem importância – insistiu. – O que nós queremos é um aumento.

– Aumento?

Jack ficou irritado com aquele comentário estúpido.

Para sua surpresa, contudo, Dan tinha apoio.

– Isso mesmo, um aumento – disse Pierre. – Olhe: um pão de 2 quilos custa 1 *penny*; uma galinha, que antes valia 8 *pence*, custa agora 24! Aposto que ninguém aqui bebe cerveja forte há semanas. Todos os preços estão subindo, mas a maioria ainda ganha o mesmo salário pelo qual fomos contratados, 12 *pence* por semana. Temos famílias para alimentar com esse dinheiro.

Jack sentiu o coração apertar. Conseguira iniciar bem a reunião, mas aquela interrupção tinha arruinado sua estratégia. No entanto, conteve-se para não se opor nem a Dan nem a Pierre, pois sabia que teria mais influência caso se mostrasse aberto.

– Concordo com vocês dois – disse, para surpresa evidente de ambos. – A questão é: que chance temos de convencer Philip a nos dar um aumento quando o priorado está ficando sem dinheiro?

Ninguém respondeu. Em vez disso, ouviu-se novamente a voz de Dan:

– Precisamos de 24 *pence* por semana para continuarmos vivos, e mesmo assim nossa situação vai ser pior do que antes.

Jack ficou consternado e atônito: por que a reunião estava fugindo ao seu controle?

– Vinte e quatro *pence* por semana – repetiu Pierre, e vários outros assentiram com a cabeça.

Algo então ocorreu a Jack: talvez ele não tivesse sido o único a chegar à reunião com uma estratégia montada.

– Vocês conversaram antes sobre isso? – perguntou, com um olhar duro na direção de Dan.

– Sim, ontem à noite, na taberna – respondeu o rapaz em tom de desafio. – Algum problema?

– Certamente não. Mas, em benefício daqueles que não tiveram o privilégio de participar, será que você poderia resumir as conclusões?

– Está bem.

Os homens que não estavam na taberna exibiram uma expressão ressentida, mas Dan não parecia se arrepender. Bem na hora em que ele abriu a boca, o prior Philip entrou. Jack lhe lançou um olhar rápido e inquisitivo. Ele tinha um ar feliz. Seus olhares se cruzaram e o prior deu um meneio de cabeça, quase imperceptível. Jack ficou radiante: os monges tinham aceitado o acordo. Abriu a boca para impedir que Dan falasse, mas chegou um segundo atrasado.

– Queremos 24 *pence* por dia para os artesãos – anunciou Dan bem alto. – Doze *pence* para os serventes e 48 para os mestres.

Jack tornou a olhar para Philip. Seu ar de satisfação tinha desaparecido e o rosto do prior exibia outra vez os contornos duros e zangados do confronto.

– Só um instante – interveio Jack. – Essa não é a opinião da guilda. É uma demanda tola inventada por um bando de beberrões na taberna.

– Não é, não – disse outra voz. Era Alfred. – Acho que você vai descobrir que a maioria dos artesãos apoia o pedido de dobrar o salário.

Jack o encarou, furioso.

– Meses atrás você me implorou que lhe desse um emprego – falou. – Agora está exigindo salário dobrado. Eu deveria ter deixado você morrer de fome!

– E é isso que vai acontecer com todos vocês se não forem sensatos! – disse o prior.

Jack queria desesperadamente evitar esses comentários belicosos, mas

agora não via outra alternativa. Sua estratégia tinha fracassado.

– Não vamos voltar a trabalhar por menos de 24 *pence*, é isso – declarou Dan.

– Nem pensar – rebateu o prior Philip, furioso. – Isso é um sonho bobo. Não vou nem discutir.

– Nós não vamos mais conversar sobre nada – insistiu Dan. – Não vamos trabalhar por menos do que isso, quaisquer que sejam as circunstâncias.

– Que burrice! – disse Jack. – Como você pode ficar aí sentado e dizer que não vai trabalhar por menos? Você não vai trabalhar e ponto final, seu estúpido. Não tem mais para onde ir!

– Ah, não? – perguntou Dan.

Um silêncio tomou conta do barracão.

Meu Deus, pensou Jack, desesperado. É isso: eles têm uma alternativa.

– Nós temos outro lugar para onde ir – disse Dan. Levantou-se. – Quanto a mim, estou partindo agora.

– Que história é essa? – indagou Jack.

Dan exibiu uma expressão triunfante.

– Recebi uma oferta de trabalho em outra obra, em Shiring. Para construir a nova igreja. A 24 *pence* por semana para os artesãos.

Jack olhou em volta.

– Alguém mais recebeu essa oferta?

Os trabalhadores fizeram uma cara contrita.

– Todos nós – respondeu Dan.

Jack estava arrasado. Aquilo tudo havia sido orquestrado. Ele fora traído. Além de injustiçado, sentiu-se um tolo. Interpretara a situação de modo inteiramente equivocado. A mágoa se transformou em raiva e ele começou a procurar alguém para culpar.

– Qual de vocês? – berrou. – Qual de vocês é o traidor?

Olhou em volta para cada um dos trabalhadores. Poucos o encararam. A vergonha deles não lhe serviu de consolo. Jack se sentia um amante rejeitado.

– Quem trouxe essa oferta de Shiring? – gritou. – Quem vai ser o mestre construtor de lá? – Seus olhos perscrutaram as pessoas reunidas e pousaram em Alfred. Claro. Ele sentiu nojo de tanto desgosto. – *Alfred?* – indagou, com desdém. – Estão me deixando para ir trabalhar para Alfred?

Silêncio.

– Sim, estamos – admitiu Dan, por fim.

Jack viu que tinha sido derrotado.

– Que seja, então – falou, com amargura. – Vocês me conhecem e conhecem meu irmão, e escolheram Alfred. Conhecem o prior Philip e conhecem o conde William, e escolheram William. Tudo o que me resta é dizer que vocês merecem o que vai lhes acontecer.

CAPÍTULO 15

I

— Conte uma história – pediu Aliena. – Você nunca mais me contou histórias. Lembra como era antigamente?

— Lembro, sim – respondeu Jack.

Os dois estavam na clareira secreta na floresta. Como era final de outono, em vez de se sentar à sombra junto ao regato, haviam acendido uma fogueira sob a proteção de uma saliência de uma pedra. A tarde estava nublada, fria e escura, mas o sexo os esquentara e o fogo crepitava alegremente. Estavam ambos nus por baixo das capas.

Jack abriu a capa de Aliena e tocou seu seio. Ela achava o próprio busto grande demais e ficava triste por ele não ser mais tão empinado e firme quanto antes de ter filhos, mas Jack parecia amar seus seios do mesmo jeito, o que era um grande alívio.

— A história de uma princesa que vivia no alto de um grande castelo – disse ele, e tocou-lhe o mamilo de leve. – E de um príncipe, que vivia no alto de outro grande castelo. – Tocou seu outro seio. – Todos os dias, eles se olhavam pelas janelas de suas prisões e ansiavam por cruzar o vale que os separava. – Ele pousou a mão no espaço entre os dois seios, então desceu de repente. – Mas todo domingo à tarde eles se encontravam na floresta!

Ela levou um susto e soltou um grito, mas logo riu de si mesma.

Aquelas tardes de domingo eram os instantes perfeitos de uma vida em rápida deterioração.

A safra ruim e a queda do preço da lã haviam devastado a economia. Comerciantes arruinados, moradores desempregados, camponeses morrendo de fome. Por sorte, Jack ainda ganhava um ordenado: junto com um punhado de artesãos, agora construía o primeiro tramo da nave. Mas

Aliena havia encerrado quase por completo a manufatura de tecido. E, por causa da reação de William à epidemia de fome, a situação no condado estava pior do que no restante do sul da Inglaterra.

Para Aliena, aquele era o aspecto mais doloroso da situação. William estava ávido por dinheiro para construir a nova igreja em Shiring, dedicada à memória da mãe cruel e meio louca. Despejara tantos arrendatários por falta de pagamento que algumas das melhores terras do condado estavam agora incultas, o que piorava a escassez de grãos. No entanto, ele vinha estocando grãos para que a inflação aumentasse mais ainda. Como tinha poucos empregados e ninguém para alimentar, na verdade a curto prazo ele lucrava com a fome. Por outro lado, estava causando danos futuros irreparáveis às terras e à sua capacidade de alimentar os habitantes. Aliena se lembrava do condado sob o domínio do pai, uma região de campos férteis e cidades prósperas, e aquilo lhe partia o coração.

Por alguns anos, quase esquecera os votos que ela e o irmão tinham feito ao pai à beira da morte. Desde que William Hamleigh fora nomeado conde e ela formara família, a ideia de Richard recuperar o condado parecera uma fantasia distante. O próprio Richard havia se acomodado no cargo de chefe da guarda. Tinha até se casado com uma moça de Kingsbridge, filha de um carpinteiro, mas infelizmente a saúde da coitada acabara se revelando frágil e ela morrera havia um ano sem lhe dar filhos.

Desde o início da fome, Aliena havia recomeçado a pensar no condado. Sabia que, se Richard fosse conde, com a ajuda dela poderia contribuir muito para aliviar o sofrimento causado pela escassez de comida. Mas tudo isso não passava de um sonho: William gozava de grande apreço junto ao rei Estêvão, que parecia estar vencendo a guerra civil, e não havia perspectiva de que isso fosse mudar.

Mas todos esses tristes anseios desapareciam ali na clareira secreta quando Aliena e Jack se deitavam na grama para se amar. Desde o princípio, tinham se mostrado ávidos pelo corpo um do outro. Aliena jamais se esquecera de como no começo tinha ficado chocada com a própria luxúria. Mesmo agora, aos 33 anos, depois de a maternidade alargar seu traseiro e deixar flácido seu ventre outrora firme, Jack ainda se mostrava tão consumido de desejo que os dois se amavam três ou quatro vezes a cada domingo.

Nesse dia, a brincadeira dele sobre a floresta se tornou uma deliciosa carícia, e Aliena puxou o rosto dele até junto do seu para beijá-lo. Foi então que ouviu uma voz.

Eles gelaram. A clareira ficava um pouco distante da estrada, escondida no meio de um bosque. Nunca eram interrompidos, a não ser por um ocasional cervo distraído ou uma raposa atrevida. Prenderam a respiração e aguardaram. Ouviram a voz de novo, seguida por outra diferente. Ao apurarem os ouvidos, discerniram um leve farfalhar, como se um grande grupo de pessoas estivesse andando pela floresta.

Jack encontrou suas botas, que estavam jogadas no chão. Sem fazer barulho, andou rapidamente até o regato a poucos passos dali, encheu uma das botas com água e apagou a fogueira. As chamas se extinguíram com um silvo e um filete de fumaça. Ainda em silêncio, engatinhou para o meio da vegetação rasteira e sumiu.

Aliena vestiu a roupa de baixo e a túnica, calçou as botas e tornou a se enrolar na capa.

Jack voltou tão em silêncio quanto havia partido.

– Vi um grupo de fora da lei – falou.

– Quantos? – sussurrou ela.

– Muitos. Não consegui ver todos.

– Para onde estão indo?

– Para Kingsbridge. – Ele ergueu uma das mãos. – Escute.

Aliena inclinou a cabeça. Ao longe, pôde ouvir o sino do priorado de Kingsbridge tocando depressa e incessante, dando o alerta de perigo. Sentiu o coração parar.

– Jack, as crianças!

– Podemos chegar antes deles se cruzarmos o charco e atravessarmos o rio perto do bosque de castanheiras.

– Então vamos, rápido!

Jack segurou seu braço para detê-la e escutou por alguns instantes. Por ter sido criado na floresta, ele sempre conseguia ouvir coisas na mata que ela não ouvia. Aliena aguardou.

– Acho que todos passaram – disse ele por fim.

Eles saíram da clareira. Em poucos minutos, chegaram à estrada. Não havia ninguém à vista. Atravessaram-na e cortaram caminho pela floresta seguindo uma trilha quase imperceptível. Aliena havia deixado Tommy e

Sally com Martha, jogando marel diante de um fogo reconfortante. Não tinha certeza de qual era o perigo, mas estava aterrorizada de que algo acontecesse antes de conseguir chegar aos filhos. Correram quando era possível, mas para a frustração de Aliena o terreno era difícil demais durante a maior parte do trajeto e o melhor que ela conseguiu foi trotar, enquanto Jack caminhava a passos largos. Aquela trilha era mais árdua do que a estrada, por isso raramente a usavam, mas servia de atalho.

Desceram escorregando o íngreme declive que conduzia ao charco. Às vezes forasteiros incautos morriam ali, mas não havia perigo para quem sabia atravessar. Mesmo assim, a lama encharcada pareceu agarrar os pés de Aliena, para diminuir seu ritmo e impedi-la de chegar até Tommy e Sally. Do outro lado do charco havia um vau no rio. A água fria chegou aos seus joelhos e lavou a lama dos pés.

Dali, o caminho era reto. À medida que se aproximavam de Kingsbridge, o retinir do sino ficava mais alto. Qualquer que fosse o perigo representado pelos fora da lei, pelo menos a cidade havia sido avisada, pensou Aliena, tentando se manter otimista. Quando saíram da mata mais densa para a campina na outra margem do rio em frente a Kingsbridge, vinte ou trinta jovens que estavam jogando bola em um povoado próximo apareceram ao mesmo tempo, soltando gritos roucos e suando apesar do frio.

Todos atravessaram a ponte correndo. O portão já estava fechado, mas os moradores nas ameias os viram chegar e os reconheceram e, quando eles se aproximaram, uma portinhola foi aberta. Jack usou seu prestígio e fez os rapazes deixarem que ele e Aliena passassem na frente. Abaixaram a cabeça e atravessaram a portinhola. Aliena sentiu profundo alívio por ter chegado à cidade antes dos fora da lei.

Ofegantes por causa do esforço, eles subiram depressa a rua principal. Os moradores se dirigiam aos muros com lanças, arcos e pilhas de pedra. As crianças estavam sendo reunidas e levadas para o priorado. Martha já devia ter ido com Tommy e Sally, calculou Aliena. Ela e Jack foram direto para lá.

No pátio da cozinha, para seu espanto, Aliena viu a mãe de Jack, Ellen, esguia e morena como sempre aos 44 anos, mas com fios grisalhos nos longos cabelos e rugas ao redor dos olhos. Ela conversava animadamente com Richard. O prior Philip se encontrava um pouco afastado, guiando as

crianças para dentro da sala do capítulo. Não parecia ter visto Ellen.

Em pé ali perto estavam Martha, Tommy e Sally. Aliena deu um suspiro de alívio e abraçou os filhos.

– Mãe! – exclamou Jack. – O que está fazendo aqui?

– Vim avisar que um bando de fora da lei está a caminho. Eles vão saquear a cidade.

– Nós os vimos na floresta – disse Jack.

Aquilo chamou a atenção de Richard.

– Viram? Quantos são?

– Não deu para ter certeza, mas pareciam muitos, no mínimo cem, talvez mais.

– Que tipo de armas?

– Porretes. Facas. Uma ou duas machadinhas. Mas principalmente porretes.

– Em que direção?

– A norte daqui.

– Obrigado! Vou dar uma olhada de cima dos muros.

– Martha, leve as crianças para a sala do capítulo – pediu Aliena.

Ela, Jack e Ellen foram atrás de Richard.

Enquanto eles seguiam apressados pelas ruas, as pessoas não paravam de abordar Richard.

– O que houve? – perguntavam.

– Um bando de fora da lei – respondia ele, sucinto, sem diminuir o passo.

Aquele era o tipo de ocasião na qual Richard se saía melhor, pensou Aliena. Se lhe pedissem para ganhar o pão de cada dia, ele não prestava para nada, mas em uma emergência militar se mostrava calmo, ponderado e competente.

Eles chegaram ao muro norte da cidade e subiram a escada que conduzia ao parapeito. Pilhas de pedra haviam sido montadas em intervalos regulares para serem atiradas nos invasores. Moradores com arcos e flechas já se posicionavam nas ameias. Algum tempo antes, Richard convencera a guilda de Kingsbridge a fazer simulações de emergência uma vez por ano. No início houvera muita resistência, mas o treinamento logo tinha virado um ritual, como a peça de teatro do solstício de verão, e todos se divertiam. Agora, quando todos reagiram com rapidez

e confiança ao som do alarme, seus benefícios reais haviam ficado evidentes.

Aliena espiou assustada a floresta depois dos campos. Não conseguiu ver nada.

– Vocês devem ter chegado bem na frente deles – comentou Richard.

– Por que eles estão vindo para cá? – quis saber Aliena.

– Os armazéns do priorado – respondeu Ellen. – Aqui é o único lugar num raio de muitos quilômetros em que há o que comer.

– Claro.

Os fora da lei eram uma gente faminta, arrancada de suas terras por William, sem outro modo de sobreviver a não ser roubando. Nos povoados indefesos havia pouco ou nada para roubar, já que a situação dos camponeses não era muito melhor do que a dos fora da lei. Somente nos celeiros dos senhores havia alimento em quantidade.

Enquanto refletia sobre isso, Aliena os viu.

Emergiram da floresta como ratos de uma pilha de feno em chamas. Avançaram pelo campo em direção à cidade, vinte, trinta, cinquenta, cem deles, um pequeno exército. Provavelmente tinham esperança de pegar a cidade desprevenida e entrar pelos portões, mas ao ouvirem o sino dando o alarme entenderam que tinham sido descobertos. Mesmo assim, desesperados pela fome, continuaram avançando. Um ou dois arqueiros dispararam suas flechas cedo demais.

– Esperem! Não desperdicem as flechas! – berrou Richard.

Na última vez em que Kingsbridge fora atacada, Tommy tinha 1 ano e meio de idade e Aliena estava grávida de Sally. Na ocasião, havia buscado refúgio no priorado, junto com os idosos e as crianças. Desta vez, ficaria nas ameias ajudando a combater o perigo. A maioria das mulheres também pensava assim: nas ameias, eram quase tão numerosas quanto os homens.

Mesmo assim, conforme os fora da lei foram se aproximando, Aliena se sentiu dividida. Estava perto do priorado, mas os invasores podiam entrar por outro ponto e chegar antes dela aonde estavam as crianças. Ou então ela poderia se ferir no combate e ficar incapacitada de ajudar os filhos. Jack estava ali com ela, e Ellen também. Se todos morressem, sobraria apenas Martha para cuidar de Tommy e Sally. Aliena hesitou, indecisa.

Os fora da lei estavam quase na muralha. Uma chuva de flechas se

abateu sobre eles, mas dessa vez Richard não pediu que os arqueiros esperassem. Os fora da lei foram dizimados. Não tinham armadura para se proteger, tampouco estavam organizados. Ninguém havia planejado aquele ataque. Eles pareciam animais desembestados, correndo direto em direção a um muro. Quando chegaram, não sabiam o que fazer. Das ameias, os moradores os bombardearam com pedras. Alguns fora da lei atacavam o portão norte com porretes. Aliena sabia como era grossa aquela porta de carvalho reforçada com ferro. Seria preciso a noite inteira para derrubá-la. Enquanto isso, Alf Butcher, o açougueiro, e Arthur Saddler, o seleiro, manobravam um caldeirão de água fervente da cozinha de alguém até o muro acima do portão.

Logo abaixo de onde Aliena estava, um grupo começou a formar uma pirâmide humana. Na mesma hora, Jack e Richard os alvejaram com pedras. Aliena pensou nos filhos e fez a mesma coisa, e logo Ellen os imitou. Desesperados, os fora da lei suportaram por algum tempo a chuva de pedras, até alguém ser atingido na cabeça, a pirâmide desmoronar e eles desistirem.

Segundos depois, gritos de dor vieram do portão norte quando a água fervente foi despejada sobre os homens que o atacavam.

Então alguns dos fora da lei se deram conta de que os companheiros mortos e feridos eram presas fáceis e começaram a despir os corpos. Aqueles que não estavam tão gravemente feridos resistiram, e saqueadores rivais se puseram a brigar pelos objetos dos mortos. Que caos, pensou Aliena, que caos nojento e degradante. Os moradores pararam de jogar pedras e o ataque perdeu força, enquanto os invasores seguiam brigando entre si como cães disputando um osso.

Aliena se virou para Richard.

– Eles são desorganizados demais para ser uma ameaça de verdade – disse ela.

O irmão aquiesceu.

– Com um pouco de ajuda, poderiam ser bem perigosos, pois estão desesperados. Mas desse jeito eles não possuem liderança.

Aliena teve uma ideia.

– Um exército à espera de um líder – falou.

Richard não reagiu, mas ela se animou com a ideia. Seu irmão era um bom líder sem exército. Os fora da lei eram um exército sem líder. E o

condado estava se desfazendo.

Alguns moradores continuaram a jogar pedras e disparar flechas nos invasores e mais saqueadores sucumbiram. Isso os desanimou de vez e eles começaram a recuar como uma matilha de cães com o rabo entre as pernas, olhando arrependidos por cima dos ombros. Alguém então abriu o portão norte e um grupo de rapazes atacou, brandindo espadas e machados, e foi atrás dos retardatários. Os fora da lei fugiram, mas alguns foram capturados e massacrados.

Ellen deu as costas, enojada.

– Você deveria ter impedido esses garotos de irem atrás deles – disse a Richard.

– Os jovens precisam ver um pouco de sangue depois de um combate assim – argumentou ele. – Além disso, quanto mais deles matarmos desta vez, com menos teremos de lidar na próxima.

Era a filosofia de um soldado, pensou Aliena. Na época em que sua vida corria perigo diariamente, ela decerto teria agido igual àqueles rapazes e saído correndo atrás dos fora da lei para matá-los. Agora queria acabar com tudo o que levava alguém a se tornar fora da lei, não com os fora da lei em si. Além do mais, tinha pensado em um jeito de usá-los.

Richard pediu a alguém que tocasse o sino do priorado avisando que o perigo havia passado e deu instruções para uma dupla sentinela naquela noite. Além dos vigias de sempre, haveria guardas patrulhando a muralha. Aliena foi até o priorado buscar Martha e os filhos. Todos se reencontraram na casa de Jack.

Aliena ficou feliz por estarem todos juntos: ela, Jack e os filhos, a sogra, o irmão, Richard, e Martha. Eram praticamente uma família normal, e ela quase esqueceu que o pai havia morrido em uma masmorra, que ela era legalmente casada com o meio-irmão de Jack, que Ellen era uma fora da lei e...

Balançou a cabeça. Não adiantava fingir que aquela era uma família normal.

Jack encheu uma jarra de cerveja do barril e a serviu em grandes canecas. Estavam todos tensos e exaltados depois do perigo. Ellen acendeu o fogo e Martha começou a fatiar nabos dentro de uma panela, preparando uma sopa para o jantar. Pouco tempo antes, em um dia como aquele, eles teriam colocado meio porco para assar na fogueira.

Richard tomou sua cerveja de uma golada só e limpou a boca.

– Vamos ver mais coisas desse tipo antes de o inverno acabar – afirmou.

– Eles deveriam atacar os armazéns do conde William, não os do prior Philip – falou Jack. – Foi William quem deixou na miséria a maioria dessas pessoas.

– Não terão mais sucesso contra William do que tiveram contra nós, a não ser que melhorem suas táticas. Parecem uma matilha de cães.

– Essas pessoas precisam de um líder – disse Aliena.

– Deus queira que nunca arrumem um! – exclamou Jack. – Aí seriam de fato perigosas.

– Um líder poderia guiá-las para atacar as propriedades de William em vez das nossas – insistiu ela.

– Não estou entendendo – falou Jack. – Um líder faria isso?

– Se fosse Richard, faria.

Todos se calaram.

A ideia havia amadurecido na mente de Aliena e ela agora estava convencida de que daria certo. Eles poderiam cumprir sua promessa, Richard poderia destruir William e se tornar conde, e o condado poderia voltar a ter paz e prosperidade... Quanto mais pensava nisso, mais ela se animava.

– Havia mais de cem homens nessa turba de hoje – continuou. Virou-se para Ellen. – Quantos mais existem na floresta?

– Não dá nem para contar – respondeu Ellen. – Centenas. Milhares.

Aliena se inclinou por cima da mesa da cozinha e cravou os olhos nos de Richard.

– Seja o líder deles – disse, enfática. – Organize-os. Ensine-os a lutar. Elabore planos de ataque. Então convença-os a agir contra William.

Conforme falava, percebeu que estava sugerindo ao irmão que pusesse a vida em risco e foi invadida pelo medo. Em vez de recuperar o condado, Richard poderia ser morto.

Ele, no entanto, não tinha qualquer escrúpulo desse tipo.

– Meu Deus, Allie, talvez você tenha razão! Eu poderia ter meu próprio exército e liderá-lo contra William.

Aliena viu surgir no rosto do irmão o rubor de um ódio muito antigo e notou mais uma vez a cicatriz na orelha esquerda, onde o lóbulo tinha sido

decegado. Repeliu a vil lembrança que ameaçava ressurgir.

Richard estava ficando animado com a ideia.

– Eu poderia atacar os rebanhos de William – falou, com deleite. – Roubar suas ovelhas, caçar seus cervos, invadir seus celeiros, assaltar seus moinhos. Meu Deus, se eu tivesse um exército, poderia fazer aquele verme sofrer.

Richard sempre tinha sido um soldado, pensou Aliena. Era essa sua sina. Apesar de temer pela segurança dele, empolgou-se com a possibilidade de ele ter outra chance de cumprir seu destino.

Ele pensou em um obstáculo.

– Mas como vou encontrar os fora da lei? – indagou. – Eles sempre se escondem.

– Isso eu posso responder – disse Ellen. – Saindo da estrada para Winchester existe uma trilha tomada pelo mato que vai até uma pedreira abandonada. É lá que eles se escondem. O lugar era conhecido como Pedreira de Sally.

– Mas eu não tenho uma pedreira! – protestou a menina de 7 anos.

Todos riram.

Então tornaram a se calar.

Richard exibia um ar entusiasmado e decidido.

– Muito bem – falou, tenso. – A Pedreira de Sally.



– Nós tínhamos trabalhado duro a manhã inteira, desenraizando um imenso toco de árvore no alto do morro – contou Philip. – Quando voltamos, meu irmão Francis estava em pé bem ali, no curral de cabras, segurando você no colo. Você tinha um dia de idade.

Jonathan tinha um ar grave. Aquele era um momento solene para ele.

Philip correu os olhos pelo convento de St.-John-in-the-Forest. Já não se via mais muito da antiga floresta: os monges haviam desmatado vários hectares ao longo dos anos e o convento era cercado por campos cultivados. Havia mais construções de pedra – a sala do capítulo, um refeitório e um dormitório –, além de vários celeiros e queijarias menores de madeira. Aquilo pouco se parecia com o lugar que ele havia deixado

dezessete anos antes. As pessoas também tinham mudado. Vários dos irmãos na época jovens agora ocupavam cargos de responsabilidade em Kingsbridge. William Beauvis, que tantos anos antes havia causado problemas ao jogar cera quente na careca do mestre-escola, era agora o prior do convento. Alguns irmãos tinham partido: o encenqueiro Peter de Wareham estava em Canterbury, trabalhando para um ambicioso e jovem arcediogo chamado Tomás Becket.

– Fico me perguntando como eles eram – disse Jonathan. – Meus pais, quero dizer.

Philip sentiu uma pontada de dor pelo rapaz. Ele próprio havia perdido os pais mas quando tinha já 6 anos, e recordava os dois bastante bem: a mãe calma e amorosa, o pai alto, de barba preta e, pelo menos para Philip, corajoso e forte. Jonathan não tinha nenhuma dessas lembranças. Tudo o que sabia sobre os pais era que eles não o quiseram.

– Podemos adivinhar bastante coisa sobre eles – falou Philip.

– É mesmo? – indagou o rapaz, interessado. – O quê?

– Eles eram pobres – começou Philip. – Gente rica não tem por que abandonar os filhos. Não tinham amigos: amigos sabem quando se está esperando um bebê e fazem perguntas se uma criança some. E estavam desesperados. Somente os desesperados suportam a perda de um filho.

Com o rosto contraído, Jonathan segurava as lágrimas. Philip queria chorar por Jonathan, por aquele menino que todos diziam ser tão parecido com ele. Desejava lhe proporcionar algum consolo, dizer algo afetuoso e positivo sobre os pais, mas como poderia fingir que eles haviam amado o menino quando o abandonaram para morrer?

– Mas por que Deus faz essas coisas? – perguntou Jonathan.

Philip viu sua oportunidade.

– Quando você começa a questionar isso, pode acabar confuso. Mas neste caso acho que a resposta é clara: Deus o quis para si.

– Você acha mesmo?

– Eu nunca lhe disse isso? Foi no que sempre acreditei. Foi o que falei aos irmãos daqui do convento no dia em que encontraram você. Disse que Deus havia mandado você para cá com um objetivo que só Ele conhecia e que era nosso dever criá-lo no serviço de Deus para torná-lo apto a desempenhar a tarefa que Ele lhe atribuiu.

– Acha que minha mãe sabe disso?

– Se estiver com os anjos, sabe.

– Qual você acha que pode ser minha missão?

– Deus precisa de monges para serem escritores, iluminadores, músicos e agricultores. Precisa de irmãos que assumam os cargos mais exigentes, como despenseiro, prior e bispo. E precisa de irmãos capazes de negociar a lã, curar os doentes, educar os jovens e construir igrejas.

– É difícil imaginar que Ele tenha um papel reservado para mim.

– Imagino que Ele não teria se dado todo esse trabalho caso não tivesse – retrucou Philip com um sorriso. – É possível que não seja nenhum papel grandioso ou proeminente segundo os critérios mundanos. Pode querer que você se torne um dos irmãos tranquilos, um homem humilde que dedica a vida à prece e à contemplação.

Jonathan pareceu decepcionado.

– Pode ser.

Philip riu.

– Mas acho que não é o caso. Deus não fabricaria uma faca de madeira nem uma camisola com couro de sapato. O material de que você é feito não é para uma vida tranquila, e Deus sabe disso. Meu palpite é que Ele quer que você lute por Ele, não que cante em Seu louvor.

– Eu certamente espero que assim seja.

– Mas no presente momento acho que Ele deseja que você vá falar com o irmão Leo e descubra quantos queijos ele tem para a despesa de Kingsbridge.

– Certo.

– Vou conversar com meu irmão no capítulo. E lembre-se: se algum dos outros irmãos lhe falar sobre Francis, diga o mínimo possível.

– Não direi nada.

– Pode ir.

Jonathan atravessou o pátio depressa. O humor soturno já o havia abandonado e sua exuberância natural retornou antes mesmo de ele chegar à queijaria. Philip o observou até ele desaparecer lá dentro. Eu era igualzinho, pensou, talvez só não tão inteligente.

Seguiu no sentido oposto, em direção ao capítulo. Francis havia mandado um recado pedindo que o irmão o encontrasse ali discretamente. Os monges de Kingsbridge achavam que Philip estava fazendo uma visita de rotina ao cenóbio. O encontro não podia ser escondido dos irmãos dali,

claro, mas eles viviam tão isolados que não tinham ninguém para quem contar. Apenas o prior do convento visitava Kingsbridge e Philip o fizera jurar segredo.

Ele e Francis tinham chegado naquela manhã e, como não seria plausível alegar que o encontro fora um acaso, fingiram que só o haviam organizado pelo prazer de se reunir. Ambos haviam assistido à missa solene, depois almoçaram com os irmãos. Aquela era a primeira oportunidade de conversar a sós.

Francis aguardava na sala do capítulo, sentado em um banco de pedra encostado na parede. Como no mosteiro não havia espelhos, Philip quase nunca via o próprio reflexo, de modo que media o próprio envelhecimento pelas mudanças no irmão, apenas dois anos mais novo. Aos 42, Francis exibia alguns fios prateados nos cabelos negros e um punhado de rugas de preocupação ao redor dos olhos azuis brilhantes. Tinha o pescoço e a cintura bem mais largos do que na última vez em que Philip o vira. Eu devo ter mais cabelos grisalhos e menos gordura, pensou ele, mas me pergunto qual de nós dois terá mais rugas.

Sentou-se ao lado de Francis e olhou para o cômodo octogonal vazio à sua frente.

– Como vão as coisas? – perguntou Francis.

– Os selvagens estão no controle outra vez – respondeu Philip. – O priorado está ficando sem dinheiro, nós quase paramos a construção da catedral, Kingsbridge está em declínio, metade do condado está passando fome e não é seguro viajar.

Francis assentiu.

– Por toda a Inglaterra é a mesma história.

– Talvez os selvagens vão sempre estar no controle – continuou Philip com melancolia. – Talvez a cobiça sempre vença a sabedoria nos conselhos dos poderosos; talvez na cabeça de um homem armado o medo sempre supere a compaixão.

– Você não costuma ser assim tão pessimista.

– Fomos atacados por fora da lei há algumas semanas. Foi de dar pena: bastou os moradores matarem uns poucos e eles começaram a brigar entre si. Quando bateram em retirada, porém, os rapazes da nossa cidade perseguiram os desgraçados e mataram todos os que conseguiram capturar. Foi de revirar o estômago.

Francis balançou a cabeça.

– É difícil entender.

– Eu acho que entendo. Eles estavam aterrorizados pelo ataque e o único jeito de exorcizar esse medo foi derramando o sangue de quem os havia assustado. Vi isso nos olhos dos homens que mataram nosso pai e nossa mãe. Eles mataram por medo. Mas o que pode acabar com o medo?

Francis suspirou.

– Paz, justiça, prosperidade. Coisas difíceis de obter.

Philip assentiu.

– Bem, o que você anda fazendo?

– Estou trabalhando para o filho da imperatriz Matilda. O nome dele é Henrique.

Philip já ouvira falar dele.

– Como ele é?

– Um rapaz muito inteligente e determinado. Como o pai já morreu, ele é o conde de Anjou. Por ser o neto mais velho do falecido Henrique, antigo rei da Inglaterra e duque da Normandia, também é duque da Normandia. E como é casado com Leonor da Aquitânia, agora é também duque da Aquitânia.

– Ele governa mais territórios do que o rei da França.

– Exato.

– Mas *como* ele é?

– Instruído, trabalhador, rápido, inquieto, decidido. Tem um temperamento de meter medo.

– Eu às vezes gostaria de ter um temperamento de meter medo – falou Philip. – Isso deixa as pessoas alertas. Mas, como todo mundo sabe que sou sensato, nunca sou obedecido com tanta rapidez quanto um prior que pode explodir a qualquer momento.

Francis riu.

– Continue como você é – falou. Então tornou a ficar sério. – Henrique me fez compreender a importância da personalidade de um rei. Observe Estêvão: sua capacidade de julgamento é pobre; tem breves arroubos de determinação, mas depois desiste; sua coragem beira a tolice, e ele vive perdoando os inimigos. Quem o trai arrisca muito pouco, pois sabe que pode contar com sua clemência. Consequentemente, luta há dezoito anos para governar uma terra que era um reino unido quando ele a assumiu.

Henrique já tem mais controle sobre aquele conjunto de ducados e condados antes independentes do que Estêvão jamais teve por aqui.

Uma ideia ocorreu a Philip.

– Por que Henrique o mandou vir à Inglaterra? – indagou ele.

– Para observar o reino.

– E o que você observou?

– Que isto aqui é um reino sem lei e assolado pela fome, castigado por tormentas e devastado pela guerra.

Philip assentiu, pensativo. O jovem Henrique era duque da Normandia por ser o primogênito de Matilda, única filha legítima do velho rei Henrique, que tinha sido duque da Normandia e rei da Inglaterra.

Segundo essa linhagem, o jovem Henrique também podia reclamar o trono da Inglaterra.

A mãe dele havia feito a mesma reivindicação, mas encontrara resistência por ser mulher e pelo fato de o marido ser angevino. O jovem Henrique, contudo, além de ser homem, era também normando pelo lado da mãe e angevino pelo do pai.

– Henrique vai tentar conquistar a coroa da Inglaterra? – perguntou Philip.

– Depende do meu relatório – respondeu Francis.

– E o que você vai dizer a ele?

– Que jamais haverá um momento melhor do que agora.

– Louvado seja Deus – falou Philip.

II

No caminho até o castelo do bispo Waleran, o conde William parou no moinho Cowford, de sua propriedade. O moleiro, um austero homem de meia-idade chamado Wulfric, tinha o direito de moer todos os grãos cultivados nos onze vilarejos ao redor. Como remuneração, ficava com dois sacos a cada vinte: um para si, outro para o conde.

William foi até lá coletar sua parte. Em tempos normais, não fazia isso ele próprio, mas aqueles não eram tempos normais. Ultimamente, tinha de providenciar uma escolta armada para toda carroça que transportasse

farinha ou qualquer outro item comestível. Para usar seu pessoal do modo mais econômico, havia adquirido o hábito de ter consigo uma carroça ou duas sempre que se locomovia com sua comitiva de cavaleiros, e assim coletava tudo o que podia.

O aumento dos crimes praticados por fora da lei era um efeito colateral desagradável de sua política firme com os maus pagadores. Quem ficava sem terra com frequência abraçava o crime. Em geral, não eram mais eficientes como ladrões do que antes como fazendeiros, e William imaginara que a maioria fosse morrer durante o inverno. No início, suas expectativas tinham se realizado: os fora da lei escolhiam como alvo viajantes solitários que pouco possuíam ou então armavam ataques mal-organizados a alvos protegidos. Nos últimos tempos, porém, suas táticas haviam melhorado. Agora, eles sempre atacavam com um contingente de pelo menos o dobro da força de defesa. Apareciam quando os celeiros estavam cheios, sinal de um cuidadoso trabalho de reconhecimento. Suas investidas eram súbitas e rápidas, e eles demonstravam a valentia dos desesperados. Apesar disso, não ficavam para lutar: cada homem fugia assim que conseguia agarrar uma ovelha, um presunto, um queijo, um saco de farinha ou uma bolsa de moedas. De nada adiantava persegui-los, pois eles eram absorvidos pela floresta, dividindo-se, correndo para todos os lados. Alguém os estava liderando – e fazendo exatamente como William teria feito.

Sentia-se humilhado pelo sucesso dos fora da lei. Fazia-o parecer um bufão incapaz de policiar o próprio condado. Para piorar, eles raramente roubavam de outra pessoa. Parecia que desafiavam William de modo deliberado. Não havia nada que detestasse mais do que ser feito de chacota pelos outros. Passara a vida forçando as pessoas a ter respeito por ele e por sua família, e aquele bando de salteadores estava arruinando todo o seu esforço.

Irritava-o especialmente o que as pessoas diziam pelas costas: que era bem feito, que ele havia tratado seus arrendatários de maneira implacável e por isso eles agora se vingavam, que ele próprio havia causado aquilo. Essa conversa o deixava à beira de uma apoplexia.

Quando William e seus cavaleiros entraram no vilarejo, os aldeões de Cowford pareceram levar um susto e ficaram com medo. William olhou de maneira ameaçadora para os rostos magros e apreensivos que espiaram

dos vãos de portas e logo tornaram a desaparecer. Aquelas pessoas pediram que o padre do lugarejo implorasse a William que as deixasse moer os próprios grãos naquele ano, dizendo que não tinham como pagar o dízimo do moleiro. William se sentira tentado a arrancar a língua do padre por tamanha insolência.

Fazia frio e havia gelo na margem do reservatório do moinho. A roda estava parada e a moenda silenciosa. Uma mulher saiu da casa que ficava ali do lado. Ao vê-la, William sentiu uma pontada de desejo. Era uma moça de seus 20 anos, dona de um rosto bonito e de uma nuvem de cachos escuros. Apesar da fome, tinha seios grandes e coxas fortes. Quando apareceu, exibia um ar atrevido, e quando viu William e seus cavaleiros, entrou de novo.

– Ela não gostou de nós – comentou Walter. – Deve ter visto Gervase.

Era uma piada velha, mas mesmo assim eles riram.

Amarraram os cavalos. Aquele não era o mesmo grupo que William tinha reunido no começo da guerra civil. Walter continuava com ele, claro, bem como Ugly Gervase e Hugh Axe, mas Gilbert, morto no confronto inesperadamente sangrento com os canteiros, fora substituído por Guillaume, e Miles, que havia perdido um braço em um duelo por causa de uma partida de dados em uma taberna de Norwich, fora substituído por Louis. Nenhum deles era mais garoto, mas todos falavam e agiam como se ainda fossem: riam e se embriagavam, jogavam e frequentavam prostíbulos. William perdera a conta de quantas tabernas haviam destruído, quantos judeus atormentado e quantas virgens deflorado.

O moleiro apareceu. Sua expressão amarga sem dúvida se devia à eterna impopularidade dos moleiros. Um nervosismo se somava a seu mau humor. Aquilo não era problema: William gostava quando as pessoas ficavam nervosas com a sua presença.

– Não sabia que você tinha uma filha, Wulfric – disse William com um sorriso lascivo. – Andou escondendo a menina de mim.

– Aquela era Maggie, minha esposa – respondeu o moleiro.

– Merda nenhuma. Sua esposa é uma bruxa velha e gasta. Eu me lembro dela.

– Minha May morreu ano passado, senhor, e eu me casei de novo.

– Seu velho cão tarado! – exclamou William, sorrindo. – Essa daí deve ser trinta anos mais nova que você!

– Vinte e cinco...

– Chega disso. Onde está a minha farinha? Um saco a cada vinte!

– Está toda aqui, senhor. Queira entrar, por favor.

Para chegar ao moinho era preciso passar por dentro da casa. William e os cavaleiros atravessaram com Wulfric o único cômodo. A jovem esposa do moleiro estava ajoelhada em frente ao fogo, colocando lenha na fogueira. Quando ela se curvou, sua túnica se esticou em volta do traseiro. A moça tinha ancas carnudas, observou William. Com certeza, a esposa do moleiro era a última a passar fome durante uma crise.

Demorou-se no traseiro dela. Os cavaleiros sorriram e o moleiro começou a ficar nervoso. A moça olhou em volta, percebeu que estava sendo observada e se levantou, encabulada.

– Traga-nos um pouco de cerveja, Maggie. Estamos sedentos – disse William, piscando para ela.

Eles passaram por uma porta que conduzia ao moinho. A farinha ensacada estava empilhada ao redor da eira circular onde era feita a debulha. Não era muita. Em geral, as pilhas eram mais altas do que um homem.

– Só isso? – perguntou William.

– A colheita foi muito ruim, senhor – disse Wulfric, nervoso.

– Onde está minha parte?

– Aqui, senhor. – Ele apontou para uma pilha de oito ou nove sacos.

– O quê? – William sentiu o rosto corar. – Essa é a minha parte? Estou com duas carroças lá fora e você me oferece isso?

A expressão de Wulfric foi se tornando cada vez mais aflita.

– Sinto muito, senhor.

William contou sua parte.

– Só nove sacos!

– É tudo o que há – afirmou Wulfric. Estava quase chorando. – Pode comparar a minha parte com a sua, é quase a mesma coisa.

– Seu cão mentiroso – esbravejou William, com raiva. – Você vendeu a minha parte.

– Não, milorde – insistiu Wulfric. – Só havia isso.

Maggie apareceu na porta com seis pequenas canecas de cerveja em uma bandeja. Apresentou a bandeja a cada um dos cavaleiros, que pegaram seu copo e beberam com vontade. William a ignorou. Estava alterado

demaís. Ela permaneceu aguardando, com o copo remanescente sobre a bandeja.

– E isso tudo, o que é? – indagou William a Wulfric, apontando para o resto dos sacos, uns 25 a 30 empilhados junto às paredes.

– Estão esperando que chegue para buscá-los, senhor. Dá para ver a marca do dono nos sacos...

Era verdade: todos os sacos estavam marcados com uma letra ou um símbolo. Podia ser um truque, claro, mas William não tinha como se certificar da verdade. Aquilo era enlouquecedor. Mas aceitar esse tipo de situação não era do seu feitio.

– Não acredito em você – disse ele. – Você andou me roubando.

Com a voz tremendo, Wulfric insistiu de maneira respeitosa.

– Eu sou honesto, senhor.

– Ainda está para nascer um moleiro honesto.

– Senhor – Wulfric engoliu em seco. – Meu senhor, eu nunca lhe roubei um grão de trigo sequer.

– Aposto que tem me roubado até as calças.

Apesar do frio, o suor começou a escorrer pelo rosto de Wulfric. Ele enxugou a testa com a manga da roupa.

– Estou disposto a jurar por Jesus e pelos santos...

– Cale essa boca.

Wulfric se calou.

William deixava que a raiva crescesse, mas ainda não havia decidido o que faria. Queria meter um baita medo em Wulfric, quem sabe mandando Walter bater nele com as luvas de cota de malha, ou talvez levando um pouco ou toda a sua farinha. Seus olhos então se detiveram em Maggie, que segurava a bandeja com o solitário copo de cerveja, o rosto bonito rígido de medo, os seios jovens e fartos fazendo volume sob a túnica suja de farinha, e encontrou a punição perfeita para o moleiro.

– Agarre a mulher – falou discretamente para Walter. Então se dirigiu a Wulfric: – Vou ensinar uma lição.

Maggie viu Walter se mover na sua direção, mas era tarde demais para escapar. Quando ela se virou, o laçao a segurou pelo braço e puxou. A bandeja caiu com um estrondo e a cerveja se derramou no chão. Walter torceu seu braço para trás e a segurou. A moça tremia de pavor.

– Não, por favor, deixem-na em paz! – pediu Wulfric, em pânico.

William deu um meneio de cabeça satisfeito. O moleiro veria sua jovem esposa estuprada por vários homens e não poderia fazer nada para salvá-la. Na próxima ocasião, iria se certificar de ter farinha suficiente para satisfazer ao seu senhor.

– Sua mulher está ficando roliça de tanto comer pão feito com farinha roubada, Wulfric, enquanto nós estamos todos apertando os cintos – falou.
– Vamos verificar quanto ela está gorda, que tal?

Fez um sinal com a cabeça para Walter.

Walter segurou a túnica de Maggie pela gola e puxou para baixo com força. A roupa rasgou, soltando-se do corpo. Por baixo, ela usava uma camisa de linho que ia até os joelhos. Tremia de medo, o que fazia os seios fartos subirem e descerem. William se postou na sua frente. Walter torceu o braço dela com mais força, obrigando-a a arquear as costas por causa da dor, o que destacou ainda mais os seios. William olhou para Wulfric, em seguida levou as mãos aos seios da moça e começou a apertá-los. Eram macios e pesados.

O moleiro deu um passo à frente.

– Seu demônio!

– Segurem-no – disparou William, e Louis segurou o homem pelos dois braços até imobilizá-lo.

William arrancou a camisa de baixo da moça.

Ao ver seu corpo branco voluptuoso, sentiu a garganta secar.

– Não, por favor... – pediu Wulfric.

William sentiu seu desejo aumentar.

– Deitem-na – ordenou.

Maggie começou a gritar.

William desafiou o cinto da espada e o deixou cair no chão enquanto os cavaleiros agarravam Maggie pelos braços e pelas pernas. Ela não tinha a menor chance de resistir a quatro homens fortes, mas não parou de se contorcer e de gritar. William gostou disso. Os seios se sacudiam quando ela se debatia e as coxas abriam e fechavam, ocultando e revelando seu sexo. Os quatro cavaleiros a imobilizaram no chão onde era feita a debulha.

William se ajoelhou entre as pernas dela e levantou a barra da própria túnica. Ergueu os olhos para o marido. Wulfric estava desesperado. Observava a cena horrorizado, murmurando súplicas de misericórdia que

eram abafadas pelos gritos. William saboreou aquele instante: a mulher aterrorizada, os cavaleiros a segurá-la, o marido que a tudo assistia.

Então os olhos de Wulfric relancearam para o lado.

William pressentiu o perigo. Todos no moinho tinham os olhos cravados nele e na garota. A única coisa que poderia desviar a atenção de Wulfric era um possível resgate. Virou-se para olhar na direção da porta.

Nessa hora, algo pesado e duro o acertou na cabeça.

Ele urrou de dor e desabou sobre a moça, batendo o rosto no dela. De repente, ouviu homens gritando, vários homens. Com o canto do olho, viu Walter cair como se ele também houvesse levado uma bordoadada. Os cavaleiros soltaram Maggie. William olhou para o rosto dela e leu na sua expressão espanto e alívio. Ela começou a se contorcer para sair de baixo dele. William a deixou ir e rolou depressa para o lado.

A primeira coisa que viu quando olhou para cima foi um homem de aparência selvagem empunhando um machado de lenhador, e pensou: pelo amor de Deus, quem é esse? O pai dela? Viu Guillaume se levantar e se virar, e no instante seguinte o machado se abateu com força no seu pescoço desprotegido e a lâmina afiada penetrou fundo na carne. Guillaume caiu morto sobre William. O sangue dele esguichou sobre sua túnica.

Ele afastou o cadáver. Quando conseguiu olhar para cima outra vez, viu que o moinho tinha sido invadido por um bando de homens maltrapilhos, sujos e de cabelos revoltos, armados com porretes e machados. Eram muitos. Entendeu que estava encercado. Os aldeões tinham vindo resgatar Maggie? Como se atreviam! Antes de aquele dia terminar, algumas pessoas seriam enforcadas naquele povoado. Irado, levantou-se atabalhoadamente e estendeu a mão para pegar a espada.

Não estava com ela. Havia tirado o cinto para violentar a moça.

Hugh Axe, Ugly Gervase e Louis combatiam bravamente o que parecia uma imensa turba de mendigos. Apesar de vários camponeses mortos pelo chão, os três cavaleiros estavam aos poucos sendo obrigados a recuar pelo moinho. William viu Maggie, nua e ainda aos gritos, abrindo caminho através do tumulto em direção à porta, e mesmo em meio à incompreensão e ao medo aquele traseiro branco e redondo lhe provocou uma fígada de desejo e decepção. Então viu que Wulfric lutava corpo a corpo com alguns dos atacantes. Por que o moleiro enfrentava os homens que haviam

resgatado sua esposa? Que diabo estava havendo ali?

Perplexo, William olhou em volta à procura do cinto da espada. Encontrou-o caído no chão, quase a seus pés. Pegou-o, sacou a arma e deu três passos para trás de modo a evitar a luta por mais alguns instantes. Olhou para além da confusão e percebeu que a maioria dos atacantes não estava lutando: eles pegavam sacos de farinha e saíam correndo com eles. William começou a entender. Aquilo não era uma operação de resgate organizada por aldeões indignados. Era um ataque externo. Eles não estavam interessados em Maggie, nem sabiam que ele e seus cavaleiros estavam ali dentro. Tudo o que queriam era assaltar o moinho e roubar a farinha.

E estava óbvio quem deviam ser: fora da lei.

Ele sentiu uma onda de calor. Aquela era sua chance de contra-atacar o bando selvagem que vinha aterrorizando o condado e esvaziando seus celeiros.

Seus cavaleiros estavam em forte desvantagem numérica. Havia pelo menos vinte atacantes. William ficou pasmo com a coragem dos fora da lei. Camponeses em geral se espalhavam feito galinhas diante de um grupo de cavaleiros, mesmo com uma vantagem numérica de dois para um ou dez para um. Aqueles, porém, combatiam com vontade e não desanimavam quando um dos seus sucumbia. Pareciam dispostos a morrer se preciso. Talvez porque iriam morrer de toda forma, mas de fome, caso não conseguissem roubar aquela farinha.

Louis enfrentava dois homens ao mesmo tempo quando um terceiro veio por trás e lhe deu uma bordoadada com a cabeça de ferro de um martelo de carpinteiro. Ele caiu e não se levantou mais. O homem largou o martelo e pegou a espada de Louis. Agora eram dois cavaleiros contra vinte fora da lei, mas Walter, que estava se recuperando do golpe na cabeça, sacou a espada e entrou na briga. William ergueu a sua e se juntou a ele.

Os quatro formavam uma equipe de combatentes formidável. Os fora da lei foram obrigados a recuar enquanto tentavam desesperadamente aparar com seus porretes e machados os golpes das espadas que luziam no ar. William começou a pensar que eles iriam esmorecer e fugir de modo desordenado. Então um deles gritou:

– O legítimo conde!

Era algum tipo de grito de incentivo. Outros o repetiram, e os fora da

lei começaram a lutar com mais afinco. Aquele grito de guerra – “O legítimo conde, o legítimo conde!” – fez o coração de William gelar enquanto ele lutava pela própria vida. Significava que o líder daquele exército de proscritos, fosse quem fosse, estava de olho no seu título de nobreza. Ele lutou com mais vontade, como se aquela briga pudesse determinar o futuro do condado.

Percebeu que apenas metade dos fora da lei de fato lutava. O restante estava carregando a farinha. O combate se transformou em uma troca constante de golpes e contragolpes, ataques e esquivas. Como soldados cientes de que em breve iriam receber a ordem para debandar, os fora da lei haviam começado a lutar de modo cauteloso e defensivo.

Por trás dos que combatiam, os demais retiravam do moinho os últimos sacos de farinha. Os fora da lei começaram a recuar e a sair de costas pela porta que conduzia do moinho para dentro da casa. William percebeu que agora, não importava mais o que acontecesse, eles haviam conseguido levar a maior parte da farinha. Em pouquíssimo tempo, o condado inteiro saberia que a tinham roubado bem debaixo do seu nariz. Ele seria motivo de chacota. Aquilo o deixou tão enfurecido que ele atacou seu oponente com uma selvageria renovada e cravou-lhe a espada no coração com um golpe clássico.

Então um fora da lei acertou Hugh com um golpe de sorte e o feriu no ombro, tirando-o de combate. Agora havia dois ladrões na porta, detendo os três cavaleiros remanescentes. Isso por si só já seria suficientemente humilhante, mas então, com uma arrogância monumental, um deles acenou para o outro proscrito. O homem desapareceu, e o último fora da lei recuou um passo para dentro do único cômodo da casa do moleiro.

Havia espaço para apenas um dos cavaleiros combater o fora da lei no vão da porta. William empurrou Walter e Gervase com os ombros e avançou. Queria aquele homem para si. Quando suas espadas se chocaram, percebeu na hora que não era nenhum camponês sem posses: era um soldado experiente, como ele próprio. Pela primeira vez, observou seu rosto, e o choque foi tão grande que quase largou a espada.

Seu oponente era Richard de Kingsbridge.

O rosto de Richard ardia de ódio. William pôde ver a cicatriz em sua orelha mutilada. A força do seu rancor o amedrontou mais do que a espada reluzente. William pensava que havia conseguido enfim derrotá-lo, mas

eis que Richard estava de volta, liderando um exército de indigentes que o fizera passar por bobo.

Richard o atacou com força, aproveitando o choque momentâneo do conde. William se esquivou de uma estocada, ergueu a espada, aparou um golpe lateral e deu um passo para trás. Richard continuou a avançar, mas William agora estava parcialmente protegido pela porta, que limitava o ataque do outro a golpes curtos. Mesmo assim, Richard o obrigou a recuar ainda mais, até ele chegar ao interior do moinho e Richard ficar no vão da porta. Agora, porém, Walter e Gervase acorreram para atacar Richard. Sob a pressão dos três, ele tornou a recuar. Assim que passou de costas pela porta, Walter e Gervase não puderam mais avançar e o combate se reduziu novamente a William contra Richard.

William entendeu que seu adversário estava em uma posição complicada. Assim que conseguia ganhar terreno, pegava-se tendo de enfrentar três homens. Quando William se cansasse, poderia ceder o lugar a Walter. Era quase impossível para Richard continuar a detê-los por tempo indeterminado. Ele estava travando uma batalha perdida. Talvez, no fim das contas, aquele dia não terminasse em humilhação. Talvez ele conseguisse matar seu mais antigo inimigo.

Richard devia estar pensando a mesma coisa e possivelmente havia chegado à mesma conclusão. No entanto, sua energia e sua determinação não pareciam arrefecer. Ele olhou para o oponente com um sorriso selvagem que William achou sinistro, e pulou para a frente com uma estocada longa. William se esquivou, perdendo o equilíbrio. Walter se projetou para a frente para defender o patrão do golpe fatal, mas, em vez de atacar, Richard deu meia-volta e fugiu.

William se levantou e Walter trombou nele enquanto Gervase tentava se espremer para passar. Os três levaram alguns segundos para se desembaralhar, dando tempo para que Richard atravessasse o pequeno cômodo, saísse da casa e batesse a porta com força. William partiu atrás dele e abriu a porta com um empurrão. Os fora da lei estavam escapando. Ainda por cima, numa derradeira humilhação, fugiam montando os cavalos dos homens de William. Quando ele irrompeu pela porta da casa, viu seu próprio animal, um estupendo cavalo de combate que havia lhe custado o resgate de um rei, montado por Richard. O cavalo obviamente havia sido desamarrado e já estava à espera, pronto para partir. William

pensou, mortificado, que aquela era a segunda vez que Richard roubava seu cavalo de combate. Richard esporeou o animal, que não gostava de desconhecidos e empinou, mas o líder dos fora da lei era bom cavaleiro e se manteve na sela. Forçou as rédeas e conseguiu fazer o cavalo abaixar a cabeça. Bem nesse instante, William correu e partiu para cima dele com a espada, mas o cavalo deu um pinote e ele errou, cravando a ponta da espada na madeira da sela. Então o animal partiu em disparada pela rua do vilarejo atrás dos outros fora da lei em fuga.

William os observou partir tomado por uma sanha assassina.

O legítimo conde, pensou. O legítimo conde.

Virou-se. Walter e Gervase estavam atrás dele. Hugh e Louis estavam feridos, ele não sabia com que gravidade, e o sangue de Guillaume, agora morto, tingia toda a frente da túnica de William. O conde havia sido completamente humilhado. Mal conseguia manter a cabeça erguida.

Felizmente, o vilarejo estava deserto: sem querer testemunhar a ira de William, os camponeses tinham fugido. O moleiro e sua esposa também haviam sumido, claro. Os fora da lei haviam levado todas as montarias dos cavaleiros, deixando apenas as duas carroças e os bois de carga.

William olhou para Walter.

– Você viu quem era aquele último?

– Vi.

Walter se acostumara a usar o mínimo de palavras possível quando o patrão estava enfurecido.

– Richard de Kingsbridge – disse William.

Walter aquiesceu.

– E eles o chamaram de legítimo conde – concluiu William.

Walter não disse nada.

William voltou a atravessar a casa até o moinho.

Sentado no chão, Hugh pressionava o ombro direito com a mão esquerda. Estava pálido.

– Como está se sentindo? – indagou William.

– Não foi nada – respondeu Hugh. – Quem eram aquelas pessoas?

– Fora da lei – respondeu William, sucinto.

Olhou em volta. Sete ou oito fora da lei jaziam mortos no chão. Viu Louis estatelado de barriga para cima, com os olhos abertos. Primeiro pensou que ele estivesse morto, mas então o viu piscar.

– Louis – chamou.

O homem ergueu a cabeça, mas tinha um ar confuso. Ainda não havia se recuperado.

– Hugh, ajude Louis a subir em uma das carroças – ordenou William. – Walter, ponha o corpo de Guillaume na outra.

Ele os deixou cumprindo as ordens e saiu.

Os aldeões não teriam cavalos, mas o moleiro tinha, um pequeno pedrês que pastava a grama esparsa à margem do rio. William encontrou a sela e a pôs no lombo do animal.

Pouco depois, foi embora de Cowford com Walter e Gervase conduzindo as carroças.

Sua fúria não arrefeceu durante o trajeto até o castelo do bispo Waleran. Na verdade, ele foi ficando com mais raiva à medida que pensava no que havia descoberto. Já era ruim o suficiente os fora da lei terem conseguido desafiá-lo, e pior ainda serem liderados por seu velho inimigo Richard, mas era intolerável que o chamassem de legítimo conde. Se eles não fossem contidos de forma definitiva, muito em breve Richard iria usá-los para lançar um ataque direto a William. É claro que seria totalmente ilegal tomar o condado dessa forma, mas William tinha a sensação de que qualquer reclamação sobre a ilegalidade de um ataque vinda dele não encontraria ouvidos muito compreensivos. O fato de ele ter sido pego numa emboscada, derrotado por fora da lei e roubado, e de que o condado inteiro em breve estaria rindo da sua humilhação, não era o pior dos seus problemas. De uma hora para outra, seu título corria sério risco.

Precisava matar Richard, claro. A questão era como encontrá-lo. Ficou matutando o problema durante todo o caminho até o castelo e ao chegar já havia entendido que a solução provavelmente estava nas mãos do bispo Waleran.

Eles entraram no castelo de Waleran como uma cômica procissão em uma feira, o conde montando um cavaleiro pedrês, seus cavaleiros conduzindo carros de boi. William bradou ordens peremptórias aos homens do bispo. Mandou um deles ir buscar alguém na enfermaria para cuidar de Hugh e Louis e outro chamar um padre para rezar pela alma de Guillaume. Gervase e Walter foram buscar cerveja na cozinha enquanto William entrava na torre de menagem e era conduzido até os aposentos particulares de Waleran. Detestava ter de pedir qualquer coisa ao bispo,

mas precisava da ajuda dele para localizar Richard.

Encontrou-o lendo um rolo de pergaminho com uma lista sem fim de números de contabilidade. Waleran ergueu o rosto e viu a raiva na expressão de William.

– O que houve? – indagou, com o tom levemente divertido que sempre enfurecia William.

Ele trincou os dentes.

– Descobri quem está organizando e liderando esses malditos fora da lei.

Waleran arqueou uma sobrancelha.

– Richard de Kingsbridge.

– Ah. – Waleran balançou a cabeça, indicando que entendia. – Claro. É previsível.

– É perigoso, isso sim – disse William, zangado. Detestava quando Waleran se mostrava calmo e ponderado. – Eles o estão chamando de “legítimo conde”. – Apontou um dedo para o bispo. – Você com certeza não vai querer aquela família de volta no comando deste condado. Eles o detestam e são amigos de Philip, seu velho inimigo.

– Está bem, acalme-se – falou Waleran, condescendente. – Tem razão, não posso deixar Richard de Kingsbridge tomar o condado.

William se sentou. Seu corpo estava ficando dolorido. Ultimamente, ele sentia os efeitos de um combate de um modo que não costumava sentir. Ficava com músculos cansados, as mãos doloridas e cheio de marcas nos pontos em que fora atingido ou que esbarrara em uma queda. Tenho só 37 anos, pensou. Será que a velhice começa agora?

– Preciso matar Richard – começou William. – Se ele morrer, os fora da lei vão virar uma turba impotente.

– Concordo.

– Matá-lo vai ser fácil. O problema é encontrá-lo. Você, porém, pode me ajudar com isso.

Waleran esfregou o nariz pontudo com o polegar.

– Não vejo como.

– Escute. Se eles estão organizados, devem se encontrar em algum lugar.

– Não estou entendendo. Eles devem ficar na floresta.

– Em geral não é possível encontrar fora da lei na floresta porque eles

ficam espalhados. A maioria não passa duas noites seguidas no mesmo lugar. Eles acendem uma fogueira em qualquer canto e dormem em cima das árvores. Mas, se alguém quiser organizar essa gente, precisa reunir todos no mesmo lugar. É necessário um esconderijo permanente.

– Então precisamos descobrir onde fica o esconderijo de Richard.

– Exato.

– E o que você sugere?

– É aí que você entra.

Waleran adotou um ar cético.

– Aposto que metade dos moradores de Kingsbridge sabe onde fica – afirmou William.

– Mas eles não vão nos dizer. Todo mundo em Kingsbridge nos odeia.

– Nem todo mundo – retrucou William. – Não exatamente.



Sally adorava o Natal.

As comidas natalinas eram quase todas doces: biscoitos de gengibre; um doce feito com trigo, ovos e mel; o vinho de pera que a fazia rir; e tripas fervidas por muitas horas que depois viravam o recheio de uma torta doce. Não havia tantos pratos esse ano por causa da fome, mas ela gostava mesmo assim.

Adorava decorar a casa com azevinho e de pendurar o ramo do beijo, embora beijos a fizessem rir mais ainda do que sidra de pera. O primeiro homem a cruzar a soleira da porta trazia sorte, contanto que tivesse cabelos pretos; seu pai tinha de passar toda a manhã de Natal em casa, pois seus cabelos ruivos dariam azar. Ela adorava a peça da Natividade encenada na igreja. Gostava de ver os monges vestidos de reis orientais, anjos e pastores, e quase morria de rir quando os falsos ídolos caíam no momento em que a sagrada família chegava ao Egito.

Mas o melhor de tudo era o menino bispo. No terceiro dia do Natal, os monges vestiam o mais jovem dos noviços com roupas de bispo e todos tinham de obedecê-lo.

A maioria dos moradores da cidade ficava esperando no pátio do priorado a aparição do menino bispo. Invariavelmente, ele ordenava aos

mais velhos e mais dignos dentre os cidadãos que realizassem tarefas subalternas, como buscar lenha ou limpar os chiqueiros. Também assumia um ar de superioridade e trejeitos exagerados, e insultava quem tivesse autoridade. No ano anterior, tinha feito o sacristão depenar uma galinha: o resultado fora hilariante, pois o sacristão não tinha a menor ideia de como proceder e fizera voar penas para todos os lados.

Ele surgiu muito solene, um menino de seus 12 anos com um sorriso travesso estampado no rosto, trajando vestes de seda púrpura e carregando um báculo de madeira, trepado no ombro de dois monges e seguido pelo restante dos irmãos. Todos aplaudiram e gritaram felizes. A primeira coisa que o menino fez foi apontar para o prior.

– Ei, você, rapaz! – disse ele. – Vá até o estábulo escovar o asno!

Todos urraram de tanto rir. O velho asno era notoriamente arredio e ninguém nunca o escovava.

– Sim, senhor meu bispo – falou o prior Philip.

E com um sorriso dócil se afastou para cumprir a tarefa.

– Sigam em frente! – ordenou o menino bispo.

Com os moradores em seu encalço, a procissão saiu do priorado. Algumas pessoas se escondiam e trancavam as portas por medo de serem escolhidas para desempenhar tarefas desagradáveis, mas também perdiam toda a diversão. A família de Sally inteira estava ali: sua mãe e seu pai, seu irmão Tommy, sua tia Martha, e até mesmo seu tio Richard, que reaparecera em casa inesperadamente na noite anterior.

O menino bispo os conduziu primeiro até a taberna, como era o costume. Lá pediu cerveja de graça para si e para todos os noviços. O cervejeiro os serviu sem reclamar.

Sally acabou se sentando em um banco ao lado do irmão Remigius, um dos monges mais velhos. Era um homem alto e antipático, com quem ela nunca tinha falado antes, mas nesse dia ele lhe sorriu e puxou assunto.

– Que bom que seu tio Richard voltou para passar o Natal em casa.

– Ele me deu um gatinho de madeira que ele próprio esculpiu com a faca – disse Sally.

– Que bom. Você acha que ele vai ficar muito tempo?

A menina franziu o cenho.

– Não sei.

– Imagino que deva voltar logo.

– É. Ele mora na floresta agora.
– Você sabe onde?
– Sei. Em um lugar chamado Pedreira de Sally. É o meu nome! – Ela riu.

– É mesmo – comentou o irmão Remigius. – Que interessante.
– E agora... – começou o menino bispo depois que os noviços tinham bebido – ... o sacristão Andrew e o irmão Remigius vão lavar a roupa da viúva Poll.

Sally deu uma gargalhada aguda e bateu palmas. A viúva Poll era uma mulher gorda de rosto vermelho que lavava roupa para fora. Os melindrosos monges detestariam o trabalho de lavar as camisas de baixo e meias malcheirosas que as pessoas só trocavam de seis em seis meses.

O grupo saiu da taberna e seguiu com o menino bispo em procissão até a casa de um cômodo onde Poll vivia perto do cais. A viúva teve um acesso de riso e ficou ainda mais vermelha quando lhe disseram quem iria lavar suas roupas.

Andrew e Remigius levaram um pesado cesto de roupa suja da casa dela até a beira do rio. Andrew abriu o cesto e Remigius, com uma expressão de puro nojo, pegou a primeira peça.

– Cuidado com essa daí, irmão Remigius – provocou a jovem –, é a minha camisa de baixo!

Ele enrubesceu e todos riram. Os dois monges de meia-idade aguentaram firme e começaram a lavar as roupas na água do rio enquanto os moradores gritavam conselhos e incentivos. Sally pôde ver que Andrew não tinha paciência para aquilo, mas Remigius exibia uma expressão de estranho contentamento.



Uma imensa bola de ferro pendia de uma corrente amarrada a uma armação de madeira como a corda de uma forca pendurada em um patíbulo. Havia também uma corda amarrada à bola. A corda passava por uma polia em uma das traves verticais do andaime e descia até o chão, onde dois serventes a seguravam. Quando eles puxavam a corda, a bola subia e tocava a polia, até a corrente ficar na horizontal, rente ao braço da

armação.

A maior parte da população de Shiring assistia.

Os homens soltaram a corda. A bola de ferro desceu, balançou e foi se chocar contra a parede da igreja. Ouviu-se um baque tremendo, a parede estremeceu, e William sentiu o impacto no chão sob seus pés. Pensou em como gostaria que Richard estivesse preso na parede bem no ponto em que a bola batia. Teria sido esmagado feito uma mosca.

Os serventes tornaram a puxar a corda. William percebeu que havia prendido a respiração enquanto a bola subia até o topo. Os homens soltaram, a bola balançou e dessa vez abriu um rombo na parede de pedra. A multidão aplaudiu.

Era um mecanismo engenhoso.

William estava feliz por ver o trabalho avançar no canteiro de obras onde iria construir a nova igreja, mas nesse dia tinha questões mais urgentes em que pensar. Olhou em volta à procura do bispo Waleran e o viu em pé ao lado de Alfred Builder. Foi até eles e puxou o bispo de lado.

– O homem já chegou?

– Talvez – respondeu Waleran. – Vamos até minha casa.

Eles atravessaram a praça do mercado.

– Trouxe os soldados? – perguntou Waleran.

– Claro. Duzentos homens. Estão esperando na mata logo antes da cidade.

Os dois entraram na casa. William sentiu cheiro de presunto cozido e, apesar da pressa, ficou com água na boca. A maioria das pessoas vinha sendo comedida na alimentação nos últimos tempos, mas parecia que, para Waleran, era uma questão de princípios não deixar que a fome mudasse seu estilo de vida. O bispo nunca comia muito, mas queria que todos soubessem que era rico e poderoso demais para ser afetado por simples colheitas.

A residência de Waleran era uma casa típica de cidade, com a fachada estreita, um salão na frente e uma cozinha atrás, além de um quintal nos fundos com uma fossa, uma colmeia e um chiqueiro. William ficou aliviado ao ver um monge sentado no salão.

– Bom dia, irmão Remigius – cumprimentou o bispo.

– Bom dia, senhor meu bispo – respondeu Remigius. – Bom dia, lorde William.

William observou o monge com uma expressão ansiosa. Era um homem nervoso, com um rosto arrogante e olhos azuis proeminentes. Tinha um semblante levemente conhecido, uma entre as muitas cabeças tonsuradas presentes nas missas em Kingsbridge. Havia anos que William ouvia falar no espião de Waleran no território do prior Philip, mas aquela era a primeira vez que lhe dirigia a palavra.

– Tem alguma informação para mim? – perguntou.

– Talvez – respondeu Remigius.

Waleran tirou a capa debruada de pele e foi até o fogo aquecer as mãos. Um criado trouxe taças de prata contendo um vinho de sabugo quente. William aceitou um e bebeu, esperando impaciente que o criado se retirasse.

Waleran bebericou seu vinho e encarou Remigius com um olhar duro.

– Que desculpa você deu para sair do priorado? – perguntou ao monge quando o criado saiu.

– Nenhuma – respondeu Remigius.

Waleran arqueou uma das sobrancelhas.

– Não voltarei para lá – falou o monge, desafiador.

– Como assim?

Remigius respirou fundo.

– Você está construindo uma catedral.

– É só uma igreja.

– Vai ser bem grande. Está planejando transformá-la numa catedral algum dia.

– Vamos supor – disse Waleran após hesitar por um instante –, para os fins desta conversa, que você esteja certo.

– A catedral terá de ser administrada por um capítulo, seja de monges ou de cônegos.

– E daí?

– Eu quero ser prior.

Fazia sentido, pensou William.

– E tem tanta certeza de que vai conseguir o cargo que saiu de Kingsbridge sem a autorização de Philip e sem pretexto – continuou Waleran, irônico.

Remigius pareceu constrangido. William entendia como ele devia estar se sentindo: quando Waleran decidia ser sarcástico, isso bastava para

deixar qualquer um incomodado.

– Espero não estar excessivamente confiante – falou Remigius.

– Imagino que consiga nos conduzir a Richard.

– Sim.

– Meu bom homem! – interrompeu William, animado. – Onde ele está?

Remigius permaneceu calado e olhou para Waleran.

– Vamos, Waleran, dê o cargo a ele, pelo amor de Deus! – pediu William.

O bispo ainda hesitava. William sabia que ele detestava se sentir coagido.

– Está bem – concordou o bispo por fim. – Você será o prior.

– Então, onde está Richard? – insistiu William.

Remigius não desgrudou os olhos do bispo.

– A partir de hoje?

– A partir de hoje.

O monge então se virou para William.

– Um mosteiro não é feito só de uma igreja e de um dormitório. São necessárias terras, fazendas, igrejas que paguem dízimos.

– Diga-me onde Richard está e eu lhe darei cinco povoados com suas igrejas paroquiais. Já é um bom começo – falou William.

– A fundação do mosteiro vai precisar de um documento oficial.

– E vai ter, não se preocupe – disse Waleran.

– Vamos lá, homem, tenho um exército esperando fora da cidade – insistiu William. – Onde fica o esconderijo de Richard?

– Em um lugar chamado Pedreira de Sally, perto da estrada para Winchester.

– Eu sei onde fica! – William teve de se conter para não soltar um grito de triunfo. – É uma pedreira abandonada. Ninguém mais vai lá.

– Estou lembrado – comentou Waleran. – Ela não é usada há anos. É um bom esconderijo. Só dá para saber que ela existe quando se entra na pedreira.

– Mas é também uma arapuca – disse William com uma alegria cruel.

– Os paredões são verticais em três dos lados. Ninguém vai conseguir escapar. E eu não farei prisioneiros. – À medida que imaginava a cena, foi ficando ainda mais animado. – Vou matar todos eles. Vai ser como dizimar

galinhas dentro de um galinheiro.

Os religiosos o encaravam com uma expressão estranha.

– Está se sentindo um pouco incomodado, irmão Remigius? – indagou William com desdém. – A ideia de um massacre revira o estômago do meu senhor bispo? – Pelo rosto de ambos, pôde ver que estava certo. Aqueles homens de Deus eram grandes maquinadores, mas quando chegava a hora do banho de sangue ainda precisavam confiar nos homens de ação. – Sei que estarão rezando por mim – concluiu, com sarcasmo, e se retirou.

Seu cavalo estava amarrado em frente à casa, um garanhão negro que substituíra mas não se comparava ao cavalo de combate que Richard havia roubado. Ele o montou e saiu da cidade. Tentou conter a empolgação e pensar com calma na tática que iria usar.

Perguntou-se quantos fora da lei poderia haver na Pedreira de Sally. Em cada ataque, os proscritos costumavam enviar mais de uma centena de homens. Deviam ser no mínimo duzentos, talvez até quinhentos. A força de William talvez estivesse em desvantagem numérica, de modo que ele precisaria aproveitar ao máximo as vantagens que tinha. Uma delas era a surpresa. Outra eram as armas: a maioria dos fora da lei tinha porretes, martelos ou, no melhor dos casos, machados, e nenhum usava armadura. Mas a vantagem mais importante era que os homens de William montariam cavalos. Os fora da lei tinham poucos, e era improvável que muitos estivessem selados e preparados na hora do ataque. Para aumentar ainda mais sua vantagem, decidiu mandar alguns arqueiros subirem as encostas do morro para alvejar a pedreira por um tempo antes da investida principal.

O mais importante era impedir que um fora da lei sequer escapasse, pelo menos até ter certeza de que Richard houvesse sido capturado ou morto. Decidiu escolher um punhado de homens de confiança para ficarem um pouco recuados em relação à força principal e abater qualquer um mais decidido que tentasse fugir.

Walter o aguardava com os cavaleiros e os homens de armas no local em que William os tinha deixado algumas horas antes. Estavam ávidos e com o moral elevado. Previam uma vitória fácil. Pouco depois, já avançavam a trote pela estrada de Winchester.

Walter seguiu ao lado de William sem dizer nada. Uma das suas maiores qualidades era a capacidade de ficar calado. O conde percebia que

a maioria das pessoas vivia falando com ele sem parar, mesmo quando não havia nada a dizer, decerto por ficarem nervosas. Walter respeitava seu senhor, mas não ficava nervoso na sua presença: os dois andavam juntos fazia muito tempo.

William sentiu uma conhecida mistura de ansiedade e medo mortal. Aquela era a única coisa no mundo que ele fazia bem, e sempre arriscava a própria vida. Mas aquele ataque era especial. Nesse dia, ele teria a chance de exterminar o homem que era uma pedra no seu sapato havia quinze anos.

Por volta do meio-dia, eles pararam em uma aldeia grande o suficiente para ter uma taberna. William comprou pão e cerveja para seus homens e eles deram de beber aos cavalos. Antes de prosseguirem, deu as instruções.

Alguns quilômetros mais à frente, saíram da estrada para Winchester. A trilha que pegaram era quase invisível, e William não a teria visto caso não estivesse procurando. Uma vez nela, precisou observar a vegetação para poder segui-la: havia uma faixa de 4 ou 5 metros sem árvores adultas.

Mandou os arqueiros partirem na frente e, para lhes dar uma vantagem, diminuiu o ritmo dos outros por alguns minutos. Era um dia de céu claro de janeiro, e as árvores sem folhas mal filtravam a luz fria do sol. Fazia muitos anos que ele não ia à pedreira e não tinha certeza de quanto tempo faltava. Depois de se afastarem da estrada cerca de 1 quilômetro, no entanto, começou a identificar sinais de que a trilha vinha sendo usada: vegetação pisoteada, mudas de árvores partidas, lama revirada. Ficou feliz por confirmar a informação de Remigius.

Estava tenso como a corda de um arco. Os sinais foram se tornando bem mais óbvios: grama muito pisoteada, esterco de cavalo, dejetos humanos. No interior da floresta, os fora da lei não tinham feito qualquer tentativa de ocultar sua presença. Não restava mais qualquer dúvida. Era ali que eles estavam. A batalha era iminente.

O esconderijo devia estar bem próximo. William apurou os ouvidos. A qualquer momento seus arqueiros começariam o ataque, haveria berros e imprecações, gritos de agonia e relinchos dos cavalos apavorados.

A trilha conduzia a uma ampla clareira, e William viu a entrada da pedreira centenas de metros mais à frente. Não ouvia barulho nenhum. Algo estava errado. Seus arqueiros não estavam disparando. Sentiu um arrepio de apreensão. O que tinha acontecido? Teriam os arqueiros sido

emboscados e mortos silenciosamente por sentinelas? Não todos, com certeza.

No entanto, não havia tempo para perguntas. Estava quase alcançando os fora da lei. Esporeou o cavalo para fazê-lo galopar. Seus homens o imitaram, e eles rumaram para o esconderijo com um estrondo. O medo de William evaporou na empolgação do ataque.

O caminho até a pedreira parecia um pequeno e sinuoso desfiladeiro, e ele não conseguiu ver a clareira durante a aproximação. Ao erguer os olhos, detectou alguns de seus arqueiros em pé no alto da ribanceira, olhando para baixo. Por que não estavam atirando? Pressentiu um desastre, e teria parado e dado meia-volta, só que agora era impossível deter os cavalos desembestados. Com a espada na mão direita, segurando as rédeas com a esquerda, e o escudo pendurado no pescoço, entrou galopando na pedreira abandonada.

Não havia ninguém lá.

O anticlímax o atingiu feito um tapa. Quase irrompeu em prantos. Todos os sinais estavam presentes. Ele tivera tanta certeza... A frustração lhe torceu as entranhas como uma dor física.

Conforme os cavalos foram diminuindo o passo, viu que aquele tinha sido o esconderijo dos fora da lei até pouco tempo antes. Havia abrigos improvisados feitos de galhos e juncos, resquícios de fogueiras, um monturo de esterco. Um dos cantos fora isolado com algumas estacas e usado para cercar os cavalos. Aqui e ali viu indícios de ocupação humana: ossos de galinha, bolsas vazias, um sapato gasto, uma panela quebrada. Uma das fogueiras parecia fumegar. William sentiu a esperança aumentar de repente: talvez eles houvessem acabado de sair, talvez ainda pudessem ser pegos! Então notou uma figura solitária agachada no chão junto ao fogo. Chegou perto. A figura se levantou. Era uma mulher.

– Ora, ora, William Hamleigh – disse ela. – Atrasado, como sempre.

– Sua vaca insolente, vou arrancar sua língua por isso – vociferou ele.

– Você não vai encostar a mão em mim – respondeu ela com calma. – Já amaldiçoei homens melhores do que você. – Ela levou a mão ao próprio rosto com o gesto de três dedos típico das bruxas. Os cavaleiros se encolheram e William fez o sinal da cruz para se proteger. A mulher o encarou sem medo com um par de espantosos olhos dourados. – Não está me reconhecendo, William? Você um dia tentou me comprar por 1 libra de

prata. – Ela riu. – Que sorte a sua não ter conseguido.

William se lembrou daqueles olhos. Aquela era a viúva de Tom Builder, mãe de Jack Jackson, a bruxa que vivia na floresta. De fato, estava grato por não ter conseguido comprá-la. Queria se afastar dela o mais depressa possível, mas primeiro precisava interrogá-la.

– Está certo, bruxa – disse ele. – Richard de Kingsbridge estava aqui?

– Até dois dias atrás.

– E para onde ele foi, pode me dizer?

– Ah, posso sim – respondeu ela. – Ele e seus fora da lei foram lutar ao lado de Henrique.

– Henrique? – repetiu William. Teve a terrível sensação de que sabia a que Henrique ela estava se referindo. – O filho de Matilda?

– Exato – disse ela.

William gelou. O impetuoso e jovem duque da Normandia talvez tivesse sucesso onde sua mãe fracassara, e se Estêvão fosse derrotado agora William poderia cair junto com ele.

– O que aconteceu? – indagou, ansioso. – O que Henrique fez?

– Atravessou o mar com 36 navios e desembarcou em Wareham – respondeu a bruxa. – Dizem que trouxe um exército de 3 mil homens. Nós fomos invadidos.

III

Winchester estava lotada, tensa e perigosa. Os dois exércitos estavam na cidade: as forças reais de Estêvão, ocupando o castelo, e os rebeldes do duque Henrique, entre eles Richard e seus fora da lei, acampados do lado de fora das muralhas na Saint Giles's Hill, onde ocorria a feira anual. Os soldados dos dois exércitos não podiam entrar na cidade em si, mas muitos ignoravam a proibição e passavam as noites nas tabernas, nas rinhas de galo e nos prostíbulos, onde se embriagavam, abusavam de mulheres, brigavam e matavam por causa de partidas de dados ou marel.

Estêvão tinha perdido toda a energia para lutar no verão com a morte de seu filho mais velho. Agora estava refugiado no castelo real, enquanto o duque Henrique ficava no palácio do bispo e as negociações de paz eram

conduzidas por seus representantes: o arcebispo Teobaldo de Canterbury do lado do rei e o velho e influente bispo Henrique de Winchester do lado do duque com quem compartilhava o prenome. Todo dia de manhã, o arcebispo e o bispo se reuniam para confabular no palácio episcopal. Ao meio-dia, o duque percorria as ruas da cidade acompanhado por seus tenentes, entre eles Richard, e ia almoçar no castelo.

Na primeira vez em que Aliena viu o duque Henrique, não conseguiu acreditar que aquele homem governasse um império do tamanho da Inglaterra. Devia ter cerca de 20 anos, com a tez bronzeada e sardenta de um camponês. Vestia uma túnica escura simples, sem bordados, e usava os cabelos ruivos curtos. Parecia o filho esforçado de um pequeno proprietário próspero. Em pouco tempo, porém, ela percebeu que ele possuía uma espécie de aura de poder. Atarracado e musculoso, tinha os ombros largos e a cabeça grande, mas a impressão de força física bruta era suavizada por olhos cinzentos atentos e penetrantes. Além disso, as pessoas à sua volta nunca se aproximavam muito dele e o tratavam com uma familiaridade cautelosa, como se temessem uma explosão a qualquer momento.

Pensou que os almoços no castelo deviam ser terrivelmente tensos, com os líderes dos exércitos adversários em volta da mesma mesa. Perguntou-se como Richard aguentava sentar ao lado do conde William. Fosse ela, teria usado nele a faca de desossar, não na carne de cervo. Ela própria só viu William de longe e por um breve instante. Ele parecia ansioso e mal-humorado, o que era bom sinal.

Enquanto condes, bispos e abades se reuniam na torre de menagem, a pequena nobreza se juntava no pátio do castelo: cavaleiros e representantes do rei, barões, ministros, castelães, gente que não podia ficar longe da capital enquanto o seu futuro e o futuro de seu reino estivessem sendo decididos. Aliena encontrava o prior Philip ali quase todas as manhãs. Corriam uns dez boatos diferentes por dia. Em determinado momento, todos os condes que apoiavam Estêvão seriam despojados de seus títulos (o que significaria o fim de William); no dia seguinte, todos seriam mantidos, o que arruinaria as esperanças de Richard. Todos os castelos de Estêvão seriam demolidos, depois todos os castelos dos rebeldes, então os castelos de todo mundo, por fim nenhum. Segundo um dos boatos, todos os defensores de Henrique seriam sagrados

cavaleiros e receberiam 100 acres. Mas não era isso que Richard queria: ele queria o condado.

Richard não tinha a menor ideia de quais boatos eram verdadeiros, se é que havia algum. Embora fosse um dos tenentes de confiança de Henrique no campo de batalha, não era consultado em relação aos detalhes das negociações políticas. Philip, no entanto, parecia saber o que estava acontecendo. Não revelava como obtinha suas informações, mas Aliena se lembrava de que ele tinha um irmão que visitara Kingsbridge algumas poucas vezes e que trabalhava para Robert de Gloucester e para a imperatriz Matilda. Agora talvez trabalhasse para o duque Henrique.

Segundo Philip, as negociações estavam próximas de um acordo. O combinado era que Estêvão continuaria rei até morrer, mas que Henrique o sucederia. Isso deixou Aliena aflita. Estêvão poderia viver por mais dez anos. O que aconteceria até lá? Seus condes com certeza não seriam depostos enquanto ele ainda estivesse no poder. De que maneira os partidários de Henrique, como Richard, ganhariam suas recompensas? Teriam de esperar?

Philip descobriu a resposta em um final de tarde, quando já fazia uma semana que se encontravam em Winchester. Mandou um noviço chamar Aliena e Richard. Enquanto atravessaram as ruas movimentadas em direção ao adro da catedral, Richard estava tomado por uma animação brutal, mas Aliena estava preocupada.

O prior os aguardava no cemitério, e os três conversaram entre as lápides enquanto o sol ia se pondo.

– Eles chegaram a um acordo – disse Philip sem preâmbulo. – Mas está tudo confuso.

Aliena não aguentou a tensão.

– Richard vai virar conde? – perguntou, ansiosa.

Philip girou a mão com a palma para cima e para baixo como quem diz talvez sim, talvez não.

– É complicado. Eles combinaram um meio-termo. As terras tomadas por usurpadores devem ser devolvidas aos donos da época do rei Henrique.

– Isso é tudo de que eu preciso! – exclamou Richard. – Meu pai era conde na época de Henrique.

– Fique quieto, Richard – disparou Aliena. Virou-se para Philip. – Qual é a complicação?

– Nada no acordo diz que Estêvão precisa aplicá-lo – respondeu Philip.
– Provavelmente não vai haver nenhuma mudança antes de ele morrer e Henrique tornar-se rei.

Richard ficou arrasado.

– Mas isso anula tudo!

– Não exatamente – continuou Philip. – O acordo significa que você é o legítimo conde.

– Mesmo assim, vou precisar viver como fora da lei até Estêvão morrer, enquanto William, aquele animal, ocupa meu castelo – disse Richard, com raiva.

– Fale mais baixo – protestou Philip quando um padre passou. – Isso tudo ainda é segredo.

Aliena estava furiosa.

– Eu não aceito – exclamou. – Não estou disposta a esperar Estêvão morrer. Já aguardei dezessete anos, estou farta.

– Mas o que vocês podem fazer? – indagou Philip.

Aliena se dirigiu ao irmão.

– O país quase inteiro aclama você como o legítimo conde. Tanto Estêvão quanto Henrique agora reconhecem que você é o legítimo conde. Você deveria tomar o castelo e *governar* como legítimo conde.

– Não posso tomar o castelo. William com certeza o deixou protegido.

– Você tem um exército, não tem? – retrucou ela, deixando-se levar pela força da própria raiva e frustração. – Tem direito ao castelo e poder para tomá-lo.

Richard balançou a cabeça.

– Em quinze anos de guerra civil, sabe quantas vezes vi um castelo ser tomado de assalto? Nenhuma. – Como sempre, ele parecia ganhar autoridade e maturidade assim que começava a discorrer sobre assuntos militares. – Isso quase nunca acontece. Uma cidade talvez, mas não um castelo. Eles podem se render depois de um cerco, ou então serem socorridos por reforços, e já vi castelos serem tomados por meio de covardia, engodo ou traição, mas não pela força bruta.

Aliena ainda não estava disposta a ceder. Aquele lhe parecia um recurso desesperado. Não conseguia se resignar a mais anos esperando e torcendo.

– E o que aconteceria se você levasse seu exército até o castelo de

William? – perguntou.

– Eles ergueriam a ponte levadiça e fechariam os portões antes de conseguirmos entrar. Ficaríamos acampados do lado de fora. Então William viria socorrê-los com seu exército e atacaria nosso acampamento. Mas, mesmo que conseguíssemos derrotá-lo, não teríamos o castelo. Castelos são difíceis de atacar e fáceis de defender. É para isso que servem.

Enquanto ele falava, a semente de uma ideia começou a brotar na mente agitada de Aliena.

– Covardia, engodo ou traição – disse ela.

– O quê?

– Você já viu castelos tomados por covardia, engodo ou traição.

– Ah, sim.

– Qual dos três William usou quando nos tirou o nosso, há tantos anos?

Philip os interrompeu:

– Eram outros tempos. O país tinha vivido 35 anos de paz sob o velho rei Henrique. William pegou seu pai de surpresa.

– Ele usou o engodo – respondeu Richard. – Entrou no castelo furtivamente, com poucos homens, antes de darem o alarme. Mas o prior tem razão: não daria para fazer isso hoje em dia. As pessoas são muito mais cautelosas.

– Eu poderia entrar – afirmou Aliena, confiante, mas sentiu o coração disparar de medo ao pronunciar as palavras.

– É claro que poderia. Você é mulher – retrucou Richard. – Mas, uma vez lá dentro, não teria como fazer nada. É por isso que eles permitiriam a sua entrada. Você é inofensiva.

– Deixe de ser tão arrogante – explodiu ela. – Eu matei para protegê-lo e isso foi mais do que você já fez por mim, seu porco ingrato, então não ouse me chamar de inofensiva.

– Está bem, você não é inofensiva – disse ele, zangado. – O que faria depois de entrar no castelo?

A raiva de Aliena evaporou. O que eu faria?, pensou, temerosa. Que inferno, eu tenho pelo menos tanta coragem e iniciativa quanto William, aquele porco.

– O que William fez?

– Manteve a ponte levadiça abaixada e o portão aberto por tempo

suficiente para a força principal entrar.

– Então é isso que eu vou fazer – disse Aliena, com o coração na boca.

– Mas como? – quis saber Richard, cético.

Aliena se lembrou de reconfortar uma menina de 14 anos com medo de uma tempestade.

– A condessa me deve um favor – respondeu –, e ela odeia o marido.



Eles passaram a noite inteira cavalgando, Aliena, Richard e cinquenta de seus melhores homens, e chegaram aos arredores de Earlscastle de madrugada. Pararam na floresta que margeava os campos em volta do castelo. Aliena apeou, tirou a capa de lã de Flandres e as botas de couro macio, vestiu um cobertor grosseiro de camponesa e calçou um par de tamancos. Um dos homens lhe passou um cesto de ovos frescos protegidos por palha, que ela pendurou no braço.

Richard a olhou de cima a baixo.

– Perfeito – disse ele. – Uma moça do campo levando mantimentos para a cozinha do castelo.

Aliena engoliu em seco. Na véspera, estava exaltada e valente, mas agora que havia chegado a hora de executar o plano, sentia medo.

Richard a beijou no rosto.

– Quando eu ouvir o sino, rezarei o pai-nosso uma vez só, devagar, e então o destacamento avançado vai partir – explicou. – Tudo o que você precisa fazer é instilar nos guardas uma falsa sensação de segurança, para que dez de meus homens possam atravessar os campos e entrar no castelo sem que deem o alarme.

Aliena aquiesceu.

– Só tome cuidado para o grupo principal não sair do esconderijo antes de o destacamento avançado atravessar a ponte levadiça.

Ele sorriu.

– Quem vai liderar o grupo principal sou eu. Não se preocupe. Boa sorte.

– Para você também.

Ela se afastou.

Saiu da mata e começou a atravessar os campos abertos em direção ao castelo que havia deixado naquele dia horrível dezesseis anos antes. Ao vê-lo de novo, teve uma lembrança vívida e aterrorizante daquela outra manhã, do ar úmido depois da chuva e dos dois cavalos saindo disparados pelo portão, galopando pelos campos encharcados de chuva, Richard no cavalo de combate e ela no menor, ambos mortos de medo. Ela tentara então negar para si mesma o que acabara de acontecer, esquecendo-se de propósito, entoando no mesmo ritmo das batidas dos cascos do cavalo: “Não posso *lembrar*, não posso *lembrar*, eu *não* posso, *não* posso, *não* posso.” Tinha dado certo: por muito tempo depois do estupro, não conseguira recordar nada. Lembrava que algo terrível havia acontecido, mas nunca se recordava dos detalhes. Só depois de se apaixonar por Jack é que tudo retornara, e a lembrança a deixara tão apavorada que ela não conseguira corresponder ao amor dele. Graças a Deus, ele tinha sido paciente. Fora assim que descobrira que o amor dele era forte, por ter aguentado tanto e continuado a amá-la.

Ao se aproximar do castelo, buscou algumas recordações boas para se acalmar. Tinha morado ali quando criança, com o pai e o irmão. Eles eram ricos e viviam em segurança. Brincara nas muralhas do castelo com Richard, se esgueirara na cozinha para roubar pedacinhos de doce e sentara junto do pai no salão principal. Eu não sabia que era feliz, pensou. Não fazia ideia da sorte que era não ter o que temer.

Esses tempos bons vão recomeçar hoje, falou para si mesma, é só eu fazer tudo certo.

Havia afirmado, convicta: *A condessa me deve um favor, e ela odeia o marido*, mas durante a viagem começara a pensar em todas as coisas que podiam dar errado. Primeiro, ela talvez nem conseguisse entrar no castelo: algo poderia ter deixado a guarnição em alerta, os guardas poderiam desconfiar, ou então ela talvez tivesse apenas o azar de encontrar um sentinela difícil. Segundo, quando estivesse lá dentro talvez não conseguisse convencer Elizabeth a trair o marido. Já fazia um ano e meio desde que a encontrara durante a tormenta. Com o tempo, as mulheres eram capazes de se acostumar com os mais cruéis dos homens, e a essa altura a moça talvez já tivesse se conformado com a própria sina. Terceiro, mesmo que Elizabeth se mostrasse disposta, talvez não tivesse autoridade nem sangue-frio para fazer o que Aliena queria. Quando as duas se

encontraram, ela era uma menininha assustada e o guarda do castelo podia se recusar a obedecê-la.

Foi em um estado de alerta além do normal que Aliena atravessou a ponte levadiça. Podia ver e ouvir tudo com uma clareza excepcional. A guarnição havia acabado de acordar. Alguns guardas de olhos injetados de sono bocejavam e tossiam estendidos nas muralhas, e um cão velho se coçava sentado na abertura do portão. Ela puxou o capuz para a frente de modo a esconder o rosto e evitar que a reconhecessem e passou por baixo do arco.

Uma sentinela preguiçosa estava a postos na guarita, sentada em um banco e comendo um grande naco de pão. Tinha as roupas desalinhadas e o cinto com a espada pendia de um gancho nos fundos da guarita. Com o coração na boca e um sorriso que disfarçava seu medo, Aliena lhe mostrou o cesto de ovos.

Com um gesto impaciente, ele acenou para ela passar.

Ela havia superado o primeiro obstáculo.

A disciplina no castelo era frouxa. Compreensível: aquilo era uma força simbólica, deixada para trás enquanto os melhores homens iam lutar. A ação estava em outro lugar.

Até agora.

Por enquanto, tudo bem. Aliena atravessou o pátio inferior com os nervos à flor da pele. Era estranho ser uma desconhecida entrando no lugar que um dia fora sua casa, estar infiltrada onde antigamente tinha o direito de ir ao lugar que quisesse. Olhou em volta, tomando cuidado para não se mostrar abertamente curiosa. A maioria das construções de madeira tinha mudado: os estábulos estavam maiores, a cozinha fora trocada de lugar e havia um novo arsenal de pedra. Tudo parecia mais sujo do que antes, mas a capela continuava ali, a mesma em que ela e Richard tinham ficado sentados durante aquela terrível tempestade, em choque, anestesiados e congelando. Um punhado de criados dava início às tarefas matinais. Um ou dois homens de armas andavam pelo pátio. Tinham um aspecto ameaçador, mas talvez ela tivesse essa impressão porque sabia que a matariam caso soubessem o que ela iria fazer.

Se seu plano desse certo, naquela mesma noite Aliena voltaria a ser a senhora daquele castelo. Pensar isso era emocionante mas irreal, como um sonho maravilhoso e impossível.

Entrou na cozinha. Um menino atiçava o fogo e uma jovem fatiava cenouras. Aliena abriu um sorriso radiante.

– Duas dúzias de ovos frescos – disse, e pousou o cesto sobre a mesa.

– A cozinheira ainda não chegou – retrucou o menino. – Vai ter de esperar seu dinheiro.

– Podem me dar um pedaço de pão para o desjejum?

– No salão.

– Obrigada.

Ela deixou o cesto ali e tornou a sair.

Atravessou a segunda ponte levadiça até o pátio superior. Sorriu para o guarda que vigiava o segundo portão. Tinha os cabelos bagunçados e os olhos injetados.

– E você, aonde vai? – perguntou, depois de olhá-la de cima a baixo, em um tom entre o desafio e a brincadeira.

– Comer o desjejum – respondeu ela sem se deter.

Ele a encarou, lascivo.

– Tenho uma coisa aqui para você comer – gracejou ele enquanto ela se afastava.

– Mas talvez eu arranque fora – disse ela por cima do ombro.

Ninguém desconfiou dela nem por um só instante. Não ocorreu a eles que uma mulher pudesse representar perigo. Como eram tolos. As mulheres podiam fazer quase tudo o que os homens faziam. Quem ficava no comando quando eles partiam para a guerra ou para as cruzadas? Havia mulheres carpinteiras, tingidoras, curtidoras de couro, padeiras,ERVEJEIRAS. A própria Aliena era uma das negociantes mais importantes do condado. Os deveres de uma abadessa à frente de um convento eram exatamente os mesmos de um abade. Ora, fora uma mulher, a imperatriz Matilda, quem instaurara a guerra civil que tinha durado quinze anos! No entanto, aqueles homens de armas burros não imaginavam que uma mulher pudesse ser um agente inimigo porque isso não era o normal.

Ela subiu correndo os degraus da torre de menagem e entrou no salão. Não havia um encarregado na porta, decerto devido à ausência do senhor. No futuro, vou me certificar de que haja sempre um, pensou ela, quer o senhor esteja em casa ou não.

Quinze ou vinte pessoas faziam o desjejum em volta de uma pequena mesa. Uma ou duas ergueram os olhos quando ela entrou, mas ninguém

lhe deu atenção. O salão estava bastante limpo, observou ela, e havia um ou dois toques femininos: paredes recém-caiadas e plantas misturadas à palha do chão davam um cheiro agradável ao ambiente. Elizabeth tinha imprimido sua marca, ainda que nos detalhes. Era um sinal promissor.

Sem se dirigir às pessoas ao redor da mesa, Aliena atravessou o salão até a escada no canto, tentando aparentar que tinha todo o direito de estar ali, mas esperando ser interrompida a qualquer momento. Chegou ao pé da escada sem chamar atenção. Então, quando começou a subir correndo em direção aos aposentos particulares do andar superior, ouviu alguém dizer:

– Ei, você! Não pode subir aí!

Ignorou a voz e ouviu alguém vir atrás dela.

Chegou ao topo da escada ofegante. Será que Elizabeth dormia no cômodo principal, que antes era ocupado pelo pai de Aliena? Ou teria uma cama só sua no quarto em que Aliena costumava dormir? Ela hesitou por alguns segundos, com o coração aos pulos. Imaginou que àquela altura William provavelmente tinha se cansado de dormir com Elizabeth todas as noites e lhe permitira ter um quarto só seu. Bateu na porta do quarto menor e abriu.

Tinha razão. Elizabeth estava sentada junto ao fogo, de camisola, escovando os cabelos. Ergueu os olhos, franziu o cenho, então reconheceu Aliena.

– Você! – exclamou. – Que surpresa!

Parecia contente.

Aliena ouviu passos pesados na escada atrás de si.

– Posso entrar? – perguntou.

– Claro! Seja bem-vinda!

Aliena entrou e fechou a porta depressa. Atravessou o aposento até onde Elizabeth estava sentada. Um homem irrompeu quarto adentro.

– Ei, você, quem pensa que é? – perguntou, indo atrás de Aliena para agarrá-la.

– Fique onde está – disse ela com a voz mais autoritária de que foi capaz. Ele hesitou. Aliena continuou: – Vim falar com a condessa e trazer um recado do conde William, e você teria descoberto isso antes se estivesse vigiando a porta em vez de enchendo a boca de pão.

O homem fez uma cara culpada.

– Está tudo bem, Edgar, eu conheço esta senhora – disse Elizabeth.

– Muito bem, condessa – cedeu o criado.

Então saiu e fechou a porta.

Consegui, pensou Aliena. Consegui entrar.

Olhou ao redor enquanto seus batimentos cardíacos voltavam ao normal. O quarto não estava muito diferente de quando era seu. Havia uma tigela de pétalas secas, uma bela tapeçaria na parede, alguns livros, um baú para roupas. A cama continuava na mesma posição, a mesma cama, aliás, e sobre o travesseiro havia uma boneca de pano igualzinha à que Aliena tinha quando menina. Aquilo a fez se sentir velha.

– Este era o meu quarto – falou.

– Eu sei – disse Elizabeth.

Aliena levou um susto. Não tinha contado à outra sobre seu passado.

– Descobri tudo sobre você depois daquela horrível tempestade – explicou a jovem. – Admiro muito você – arrematou.

Seus olhos exibiam o brilho de quem observa uma heroína.

Aquilo era um bom sinal.

– E William? – perguntou Aliena. – Está mais feliz vivendo com ele?

Elizabeth olhou para o outro lado.

– Bem – começou. – Tenho meu próprio quarto agora e ele passa muito tempo fora. Na verdade, está tudo bem melhor.

E desatou a chorar.

Aliena se sentou na cama e passou os braços em volta da condessa. Elizabeth chorava com soluços fundos e convulsos, e as lágrimas rolavam por seu rosto.

– Eu o odeio! Queria morrer! – balbuciava entre um soluço e outro.

Era angustiante vê-la daquele jeito, e ela era tão jovem que a própria Aliena quase chorou. Tinha uma dolorosa consciência de que o destino de Elizabeth poderia ter sido o seu. Afagou as costas dela como teria feito com Sally.

Por fim, Elizabeth se acalmou. Enxugou o rosto molhado com a manga da camisola.

– Tenho tanto medo de ter um bebê – falou, desolada. – Fico aterrorizada porque sei como ele iria maltratar a criança.

– Eu entendo – disse Aliena.

Ela também ficara aterrorizada no passado pensando que poderia estar grávida de William.

Elizabeth a encarou com os olhos arregalados.

– É verdade o que dizem sobre... sobre o que ele fez com você?

– Sim, é verdade. Eu tinha a sua idade quando aconteceu.

As duas passaram alguns instantes se encarando, aproximadas por um mesmo ódio. De repente, Elizabeth não parecia mais uma criança.

– Você pode se livrar dele, se quiser – disse Aliena. – Hoje mesmo.

Elizabeth continuou a encará-la.

– Verdade? – perguntou, com uma ânsia digna de pena. – Verdade mesmo?

Aliena assentiu.

– É por isso que estou aqui.

– Eu poderia ir para casa? – indagou Elizabeth, e novas lágrimas marejaram seus olhos. – Poderia voltar para a casa da minha mãe em Weymouth? *Hoje mesmo?*

– Sim. Mas vai ter de ser corajosa.

– Farei qualquer coisa. Qualquer coisa! É só me dizer o quê.

Aliena se lembrou de ter lhe explicado como poderia conquistar autoridade sobre os subordinados do marido e torceu para Elizabeth ter conseguido pôr os princípios em prática.

– Os criados ainda a maltratam? – indagou, com franqueza.

– Eles tentam.

– Mas você não deixa.

A moça pareceu envergonhada.

– Bom, às vezes eu deixo. Mas agora estou com 16 anos. Faz quase dois que sou condessa e venho tentando seguir seus conselhos. Eles realmente funcionam!

– Me deixe explicar – começou Aliena. – O rei Estêvão fez um pacto com o duque Henrique. Todas as terras terão de ser devolvidas a quem pertenciam na época do velho rei Henrique. Isso significa que meu irmão Richard vai virar conde de Shiring em algum momento. Mas ele quer que isso aconteça agora.

Elizabeth arregalou os olhos.

– Richard vai travar uma guerra contra William?

– Richard está aqui perto agora, com um pequeno grupo de soldados. Se ele conseguir tomar o castelo hoje, será reconhecido como conde e William estará acabado.

– Não consigo acreditar – falou Elizabeth. – Não consigo acreditar que seja mesmo verdade.

Seu súbito otimismo foi ainda mais comovente do que sua infelicidade minutos antes.

– Tudo o que você precisa fazer é permitir que Richard entre – explicou Aliena. – Então, quando estiver tudo acabado, nós a levaremos para casa.

Elizabeth tornou a adotar um ar temeroso.

– Não tenho certeza se os homens farão o que eu mandar.

Era essa preocupação de Aliena.

– Quem é o capitão da guarda?

– Michael Armstrong. Não gosto dele.

– Mande chamá-lo.

– Certo. – Elizabeth enxugou o nariz, levantou-se e foi até a porta. – Madge! – chamou, com um grito agudo. Aliena ouviu uma resposta distante. – Vá buscar Michael. Diga a ele para vir agora mesmo. Quero vê-lo com urgência. Rápido, por favor.

Ela tornou a entrar no quarto e começou a se vestir depressa: pôs uma túnica por cima da camisola e amarrou os cadarços das botas. Aliena a instruiu rapidamente.

– Diga a Michael para tocar o sino grande e reunir todo mundo no pátio. Diga que recebeu um recado do conde William e quer falar com a guarnição inteira, com os homens de armas e os criados e todo o restante. Quer que três ou quatro homens fiquem de guarda enquanto todos os outros se reúnem no pátio inferior. Diga também que está esperando um grupo de dez ou doze cavaleiros a qualquer momento com um novo recado e que eles devem ser trazidos até a sua presença assim que chegarem.

– Espero conseguir me lembrar de tudo – disse a condessa, nervosa.

– Não se preocupe. Se você esquecer, eu a ajudo.

– Assim fico mais tranquila.

– Que tipo de homem é Michael Armstrong?

– Fedido, antipático e forte como um touro.

– Inteligente?

– Não.

– Melhor ainda.

Instantes depois, o capitão da guarda entrou no quarto. Tinha uma

expressão mal-humorada, pescoço curto e ombros sólidos, e trouxe consigo um cheiro de pocilga. Olhou para Elizabeth com um ar intrigado, dando a impressão de não ter gostado de ser incomodado.

– Recebi um recado do conde – começou Elizabeth.

Michael estendeu a mão.

Aliena ficou horrorizada ao se dar conta de que não tomara a precaução de entregar uma carta a Elizabeth. A farsa poderia ruir logo no começo por causa de um erro bobo. Elizabeth lhe lançou um olhar desesperado. Aliena tentou pensar depressa em algo para dizer. Por fim, teve uma inspiração.

– Michael, você sabe ler?

O homem fez uma cara ressentida.

– O padre lerá para mim.

– Sua senhora sabe.

Elizabeth parecia assustada, mas continuou:

– Eu mesma darei o recado à guarnição, Michael – disse ela. – Toque o sino e mande todos se reunirem no pátio. Mas certifique-se de deixar três ou quatro homens de guarda nas muralhas.

Como Aliena temia, Michael não gostou de Elizabeth assumir o comando daquela forma. Parecia querer se rebelar.

– Por que não me deixa falar com eles?

Aliena entendeu, nervosa, que ela talvez não conseguisse convencer aquele homem: Michael talvez fosse burro demais para ouvir a voz da razão.

– Eu trouxe notícias importantes de Winchester para a condessa – interveio Aliena. – Ela quer transmiti-las pessoalmente aos moradores do castelo.

– Bom, qual é a notícia? – indagou ele.

Aliena não disse nada e olhou para Elizabeth. A moça exibia novamente um ar assustado. Como Aliena não tinha lhe revelado o conteúdo da mensagem fictícia, a condessa não tinha como responder à pergunta de Michael. No final das contas, simplesmente prosseguiu como se o capitão não tivesse dito nada.

– Diga aos guardas que fiquem atentos a um grupo de dez ou doze homens a cavalo. O líder deles trará notícias frescas do conde William e deverá ser trazido imediatamente à minha presença. Agora vá tocar o sino.

Michael estava claramente disposto a discutir. Ficou parado, com o cenho franzido, enquanto Aliena prendia a respiração.

– Mais mensageiros – comentou, como se fosse algo muito difícil de entender. – Esta senhora com um recado e doze cavaleiros com outro.

– Isso mesmo, e agora, por favor, pode ir tocar o sino? – pediu Elizabeth.

Aliena pôde ouvir um leve tremor em sua voz.

Michael fez uma cara derrotada. Não conseguia entender o que estava acontecendo, mas tampouco encontrou qualquer objeção a fazer. Por fim, disse um relutante “Pois não, senhora” e se retirou.

Aliena voltou a respirar.

– O que vai acontecer? – perguntou Elizabeth.

– Quando eles estiverem reunidos no pátio, você vai falar sobre a paz entre o rei Estêvão e o duque Henrique – instruiu Aliena. – Isso distrairá todo mundo. Enquanto estiver falando, Richard despachará um destacamento avançado de dez homens, mas os guardas vão pensar que são os mensageiros do conde que estão sendo aguardados, de modo que não entrarão em pânico na hora e não subirão a ponte levadiça. Você precisa tentar manter todo mundo interessado no que está dizendo enquanto o destacamento avançado estiver se aproximando. Combinado?

Elizabeth parecia nervosa.

– E depois? – indagou.

– Quando eu der o sinal, diga que você entregou o castelo ao legítimo conde, Richard. Então o exército do meu irmão sairá de onde estiver escondido e atacará. Nessa hora, Michael vai perceber o que está acontecendo, mas os homens dele não saberão a quem obedecer, porque você terá ordenado que se rendam e chamado Richard de legítimo conde. E o destacamento avançado estará dentro do castelo para impedir qualquer um de fechar os portões. – O sino começou a tocar. Aliena sentiu o estômago se contrair de medo. – Nosso tempo acabou. Como está se sentindo?

– Estou com medo.

– Eu também. Vamos lá.

Elas desceram a escada. O sino da torre do portão tocava como no passado, quando Aliena era uma menina despreocupada. O mesmo sino, o mesmo som, outra Aliena, pensou ela. Sabia que daria para escutá-lo por

todos os campos em volta, até a borda da floresta. Àquela altura, Richard já devia estar murmurando o pai-nosso devagar para calcular o tempo que precisava esperar antes de despachar seu destacamento avançado.

Aliena e Elizabeth andaram da torre de menagem até o pátio inferior, passando pela ponte levadiça interna. A condessa estava pálida de medo, mas seus lábios formavam uma linha decidida. Aliena sorriu para lhe dar coragem, em seguida tornou a puxar o capuz sobre a cabeça. Até então não tinha visto ninguém familiar, mas seu semblante era conhecido por todo o condado e certamente alguém mais cedo ou mais tarde iria reconhecê-la. Se Michael Armstrong descobrisse quem ela era, talvez pressentisse algo, por mais estúpido que fosse. Várias pessoas lhe lançaram olhares curiosos, mas ninguém falou com ela.

As duas foram até o centro do pátio inferior. Como o chão era um pouco inclinado, Aliena conseguia ver por cima das cabeças das pessoas o portão principal e parte dos campos lá fora. O destacamento avançado devia estar saindo da floresta mais ou menos naquele instante, mas ela não viu sinal dos homens. Meu Deus, tomara que não haja nenhum problema, pensou, com medo.

Elizabeth precisaria subir em alguma coisa para falar às pessoas. Aliena pediu a um criado que buscasse uma escadinha no estábulo. Enquanto estavam esperando, uma mulher mais velha olhou para Aliena.

– Ora, vejam só, lady Aliena! – exclamou ela. – Que prazer em vê-la!

Aliena sentiu um aperto no coração. Reconheceu a mulher: era uma cozinheira que trabalhava no castelo antes da vinda da família Hamleigh.

– Olá, Tilly, como vai? – respondeu, forçando um sorriso.

Tilly cutucou a vizinha.

– Ei, lady Aliena voltou depois de todos esses anos. A senhora vai voltar a ser a senhora?

Ela não queria que esse pensamento ocorresse a Michael Armstrong. Olhou em volta, aflita. Por sorte, de onde estava Michael não podia ouvir a mulher. No entanto, um de seus homens de armas tinha ouvido o diálogo e agora olhava para Aliena com o cenho franzido. Ela o encarou de volta com uma expressão fingida de despreocupação. O homem era caolho, o que sem dúvida era o motivo pelo qual tinha ficado para trás em vez de partir para a guerra com William, e de repente Aliena achou graça de ser encarada por um homem de um olho só e teve de reprimir uma gargalhada.

Percebeu que estava um pouco histérica.

O criado voltou com a escadinha. O sino parou de tocar. Aliena se forçou a ficar calma enquanto Elizabeth subia na escadinha e a multidão se calava.

– O rei Estêvão e o duque Henrique selaram a paz – começou Elizabeth.

Ela fez uma pausa, e a multidão comemorou. Aliena olhava em direção ao portão. Pensou: agora, Richard, agora é a hora, ou pode ser tarde demais!

Elizabeth sorriu e deixou as pessoas vibrarem por alguns instantes, então prosseguiu:

– Estêvão permanecerá rei até sua morte, e depois Henrique o sucederá.

Aliena estudou os guardas nas torres e acima do portão. Pareciam relaxados. Onde estava Richard?

– O tratado de paz trará muitas mudanças para nossas vidas – disse Elizabeth.

Aliena viu os guardas se retesarem. Um deles ergueu a mão para proteger os olhos e espiou por cima dos campos, enquanto outro se virou e olhou para o pátio lá embaixo como se quisesse chamar a atenção do capitão, mas Michael Armstrong estava atento escutando Elizabeth.

– O atual e o futuro rei acertaram que todas as terras devem ser devolvidas a quem as possuía na época do antigo rei Henrique.

A frase provocou um burburinho na multidão. As pessoas especulavam se aquela mudança afetaria o condado de Shiring. Aliena reparou na expressão pensativa do capitão. Pelo portão, finalmente viu os cavalos do destacamento avançado de Richard. Depressa, pensou, depressa! Mas eles se aproximavam em um trote regular, para não alarmar os guardas.

– Precisamos todos agradecer a Deus por esse tratado de paz – continuou Elizabeth. – Devemos rezar para que o rei Estêvão governe com sabedoria em seus últimos anos e para que o jovem duque mantenha a trégua até Deus decidir levar Estêvão...

Embora estivesse cumprindo magnificamente o seu papel, ela começava a parecer preocupada, como se estivesse prestes a esgotar seu estoque de coisas para dizer.

Todos os guardas olhavam para fora, na direção do grupo que se

aproximava. Tinham sido avisados da sua chegada e instruídos a levar o líder imediatamente até a presença da condessa, de modo que não precisavam fazer nada, mas estavam curiosos.

O soldado caolho se virou e olhou na direção do portão, depois se virou de volta e tornou a encarar Aliena, e ela supôs que estivesse se perguntando sobre o significado da sua presença ali e da aproximação de um grupo de homens a cavalo.

Um dos guardas na muralha pareceu tomar uma decisão e desapareceu por uma escada.

As pessoas começavam a parecer um pouco inquietas. Elizabeth as estava distraíndo de modo estupendo, mas elas tinham ficado impacientes por receber notícias concretas.

– Esta guerra começou um ano depois de eu nascer e, como muitos jovens por todo o reino, eu anseio por descobrir como é viver em paz – falou ela.

O guarda que havia descido da muralha emergiu do pé de uma torre, atravessou o pátio depressa e disse alguma coisa para Michael Armstrong.

Pelo portão, Aliena pôde ver que os cavaleiros ainda estavam a poucas centenas de metros de distância. Não era perto o suficiente. Sentiu tamanha frustração que teve vontade de gritar. Não conseguiria manter aquela situação por muito mais tempo.

Michael Armstrong se virou e olhou pelo portão com o cenho franzido. O caolho então o puxou pela manga e disse algo enquanto apontava para Aliena.

Ela temeu que Michael mandasse fechar os portões e erguer a ponte levadiça antes de Richard conseguir entrar, mas não soube o que poderia fazer para impedir isso. Pensou se teria coragem de se jogar em cima do capitão antes que ele desse a ordem. Ainda usava a adaga presa ao braço esquerdo: poderia matá-lo. Ele virou as costas, decidido. Aliena ergueu a mão e tocou o cotovelo de Elizabeth.

– Detenha Michael! – sussurrou.

A condessa abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu. Parecia petrificada de medo. Então sua expressão mudou. Ela inspirou fundo, ergueu um pouco a cabeça e bradou, com uma voz que ecoou de autoridade:

– Michael Armstrong!

O capitão se virou.

Agora já não era mais possível voltar atrás, percebeu Aliena. Richard ainda não estava perto o suficiente, mas o tempo dela havia se esgotado.

– Agora! Diga a eles agora! – disse para Elizabeth.

E Elizabeth então falou:

– Eu entreguei este castelo ao legítimo conde de Shiring, Richard de Kingsbridge.

Michael a encarou estupefato.

– A senhora não pode fazer isso! – gritou ele.

– Ordeno a todos vocês que deponham as armas – continuou ela. – Não deve haver derramamento de sangue.

Michael tornou a se virar.

– Ergam a ponte! – berrou o capitão. – Fechem os portões!

Os homens de armas correram para fazer o que o capitão mandava, mas ele hesitara por tempo demais. Bem na hora em que seus homens chegaram às imensas portas reforçadas com ferro que fechariam o arco da entrada, o destacamento avançado de Richard passou pela ponte em meio a um estrondo de cascos e entrou no castelo. Como a maioria dos homens de Michael não usava armadura e alguns nem sequer brandiam suas espadas, todos se afastaram diante dos invasores.

– Mantenham a calma! – gritou Elizabeth. – Esses mensageiros vão confirmar minhas ordens.

Ouviu-se um grito vindo da muralha. Um dos guardas levou as mãos em concha à boca e berrou para baixo:

– Michael! Ataque! Estamos sendo invadidos! São dezenas de homens!

– Traição! – rugiu o capitão da guarda, e sacou a espada.

No entanto, dois homens de Richard se abateram sobre ele na mesma hora, fazendo reluzir a lâmina das espadas. O sangue esguichou e Michael caiu. Aliena desviou os olhos.

Alguns dos invasores haviam ocupado a guarita e a sala do controle da ponte levadiça. Dois deles conseguiram subir até o alto das muralhas e renderam os guardas de Michael.

Pelo portão, Aliena viu a força principal galopando pelos campos em direção ao castelo e sentiu a animação ressurgir como o sol nascendo.

– Esta é uma rendição pacífica! – gritou Elizabeth a plenos pulmões. – Ninguém será ferido, eu juro! Basta ficarem onde estão.

Ninguém moveu um músculo sequer enquanto ouviam o estrondo do exército de Richard se aproximando. Os soldados de Michael pareciam confusos e em dúvida de como agir, mas nenhum deles fez nada: seu líder fora abatido e a condessa havia ordenado que eles se rendessem. Os criados do castelo estavam paralisados pela rapidez dos acontecimentos.

Então Richard cruzou o portão montando seu cavalo de combate.

Foi um momento de glória, e Aliena sentiu o coração se inflar de orgulho. Seu irmão estava belo, sorridente e vitorioso.

– O legítimo conde! – gritou Aliena.

Os que vinham entrando no castelo atrás de Richard ecoaram o grito, que foi repetido por algumas das pessoas reunidas no pátio: a maioria não nutria amor por William. Richard percorreu o espaço a passos lentos, acenando e agradecendo os aplausos.

Aliena pensou em tudo o que havia suportado em nome daquele instante. Tinha 34 anos agora, e passara metade deles lutando por aquilo. Foi isso que eu dei por este momento: toda a minha vida adulta, pensou. Lembrou-se de encher sacos de lã até ficar com as mãos vermelhas, inchadas e sangrando. Recordou os rostos na estrada, rostos gananciosos, cruéis e lascivos de homens que a teriam matado caso ela houvesse demonstrado o menor sinal de fraqueza. Pensou em como havia endurecido o coração contra seu querido Jack e casado com Alfred no seu lugar, e nos meses que passara dormindo no chão ao pé da cama do marido feito um cão. E tudo porque ele havia prometido pagar as armas e uma armadura para que Richard pudesse lutar e conquistar o castelo de volta.

– Pronto, pai – disse em voz alta. Ninguém a escutou: a comemoração era barulhenta demais. – Era isso que você queria – falou para o pai morto, e além de triunfo havia amargura em seu coração. – Foi isso que lhe prometi, e agora minha promessa está cumprida. Cuidei de Richard, ele passou todos esses anos lutando, e agora nós finalmente voltamos para casa e ele é o conde. E agora... – começou ela, erguendo a voz, mas todos estavam gritando também e ninguém percebeu as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. – Agora, pai, eu já não lhe devo mais nada, então vá para o seu túmulo e me deixe viver em paz!

CAPÍTULO 16

I

Mesmo na miséria, Remigius era arrogante. Entrou no casarão senhorial de madeira da aldeia de Hamleigh de cabeça erguida, observando do alto do nariz comprido as imensas e grosseiras toras inclinadas que sustentavam o telhado, as paredes de pau a pique e a fogueira sem chaminé acesa no meio do chão de terra batida.

William o observou entrar. Eu posso estar sem sorte, mas não caí tão baixo quanto você, pensou, reparando nas sandálias várias vezes remendada, no hábito ensebado, na barba por fazer e nos cabelos desgrehados. Remigius nunca tinha sido um homem gordo, mas agora estava mais magro do que nunca. A expressão de superioridade estampada em seu rosto não conseguia esconder as rugas de exaustão nem as olheiras arroxeadas da derrota sob os olhos. Remigius ainda não tinha se entregado, mas estava muito enfraquecido.

– Que Deus o abençoe, filho – disse para William.

William não estava com paciência para aquilo.

– O que você quer, Remigius? – perguntou, ofendendo o monge de propósito ao não chamá-lo nem de “padre” nem de “irmão”.

Remigius se retraiu como se houvesse levado um tapa. William imaginou que já tivesse escutado algumas provocações daquele tipo desde sua derrocada.

– As terras que você me deu como deão do capítulo em Shiring foram tomadas pelo conde Richard.

– Não me espanta – retrucou William. – Tudo deve ser devolvido aos donos da época do velho rei Henrique.

– Mas isso me deixou sem ter como me sustentar.

– Você e muitas outras pessoas – disse William, sem se comover. – Vai

ter de voltar para Kingsbridge.

O rosto do monge empalideceu de raiva.

– Não posso fazer isso – falou ele em voz baixa.

– Por que não? – perguntou William, para atormentá-lo.

– Você sabe por quê.

– Porque Philip diria que não se devem arrancar segredos de garotinhas? Ele por acaso acha que você o traiu ao me dizer onde ficava o esconderijo dos fora da lei? Será que vai ficar bravo por você ter virado o deão de uma igreja que deveria ter tomado o lugar da catedral dele? Bom, nesse caso eu acho que você não pode voltar mesmo.

– Me dê *alguma coisa* – implorou Remigius. – Um povoado. Uma propriedade rural. Uma pequena igreja!

– Não há recompensas para os perdedores, monge – disse William, duro. Estava saboreando aquilo. – No mundo fora do mosteiro, ninguém cuida de ninguém. Os patos engolem as minhocas, as raposas matam os patos, os homens caçam as raposas e o diabo persegue os homens.

A voz de Remigius se transformou num sussurro:

– Mas o que me resta fazer?

William sorriu.

– Mendigar – respondeu.

Remigius deu meia-volta e saiu da casa.

Você continua orgulhoso, pensou William, mas não por muito tempo. Ainda vai mendigar.

Agradava-lhe ver alguém cuja derrocada tinha sido mais feia do que a sua. Jamais esqueceria o excruciante sofrimento de chegar diante do portão do próprio castelo e ser impedido de entrar. Ficara desconfiado ao saber que Richard e alguns de seus homens tinham ido embora de Winchester. Depois que o pacto de paz foi anunciado, seu incômodo havia se transformado em alarme, e ele reunira seus cavaleiros e soldados e partira a toda a velocidade para Earlscastle. Como uma pequena força protegia o castelo, imaginou que fosse encontrar Richard acampado na campina em volta, conduzindo um cerco. Tudo parecia calmo e ele ficara aliviado, repreendendo-se por ter tido uma reação exagerada ao sumiço repentino do rival.

Ao chegar mais perto, viu que a ponte levadiça estava erguida. Na beira do fosso, puxou as rédeas e gritou:

– Abram para o conde!

Foi nessa hora que Richard apareceu no alto das muralhas.

– O conde está aqui dentro – disse ele.

Foi como se o chão houvesse sumido de baixo dos seus pés. Sempre temera Richard, sempre o havia considerado um rival perigoso, mas não se sentia especialmente vulnerável naquele momento específico. Pensara que o perigo de verdade fosse surgir quando Estêvão morresse e Henrique assumisse o trono, o que poderia levar uma década. Agora, sentado em um reles casarão de madeira remoendo os próprios erros, percebia amargurado que Richard tinha de fato sido muito esperto. Havia se espremido para passar por uma brecha bem estreita. Não poderia ser acusado de violar a paz do rei, uma vez que a guerra ainda não havia acabado. Sua reivindicação do condado fora legitimada pelas cláusulas do tratado de paz. E Estêvão, envelhecido, cansado e derrotado, não tinha mais energia para novas batalhas.

Magnânimo, Richard tinha liberado os homens de armas de William que desejavam continuar a seu serviço. Waldo One-eye, o caolho, lhe contara como o castelo fora invadido. A traição de Elizabeth o deixara furioso, mas para William o mais humilhante fora o papel desempenhado por Aliena. A menininha indefesa que ele havia estuprado, atormentado e expulsado de casa tantos anos antes tinha voltado para se vingar. Toda vez que pensava nisso, sentia o estômago queimar como se houvesse bebido vinagre.

Seu primeiro ímpeto fora enfrentar Richard. William poderia ter mantido seu exército, vivido à custa das propriedades rurais e extorquido taxas e mantimentos dos camponeses para travar uma batalha constante contra o rival. Mas Richard dominava o castelo e o tempo estava do seu lado, pois Estêvão, que defendia William, não tinha mais condições de fazer isso, enquanto Richard tinha o apoio do duque Henrique, que um dia se tornaria o segundo rei Henrique.

Assim, William optou por minimizar suas perdas. Retirou-se para a aldeia de Hamleigh e tornou a ocupar o casarão onde fora criado. Hamleigh e os vilarejos ao redor tinham sido dados a seu pai havia trinta anos. Nunca fizeram parte dos domínios do conde, de modo que Richard não podia reivindicá-los.

William torcia para que, caso se mantivesse discreto, Richard se

contentasse com a vingança já obtida e o deixasse em paz. Até então, tinha funcionado. Só que William detestava o vilarejo de Hamleigh. Detestava as casinhas arrumadas, os patos assustadiços no lago, a igreja de pedra cinza-clara, as crianças de bochechas rosadas, as mulheres de quadris largos e os homens fortes e ressentidos. Odiava aquele lugar por ser humilde, sem graça e pobre, e o odiava porque simbolizava a queda de sua família do poder. Observou os camponeses começarem a aradura da primavera, calculou qual seria o seu quinhão da colheita no verão e percebeu como seria reduzido. Foi caçar em seus poucos hectares de floresta e não conseguiu encontrar um único cervo.

– Hoje em dia só é possível caçar javalis, milorde – informou o guarda-florestal. – Os fora da lei comeram os cervos durante a fome.

William montava seu tribunal no grande salão do casarão, com o vento a assobiar pelas frestas das paredes de pau a pique, e ali dava vereditos duros, impunha multas altas e governava segundo seu capricho, mas isso lhe proporcionava muito pouca satisfação.

Naturalmente, abandonara a construção da grandiosa igreja de Shiring. Não tinha dinheiro sequer para construir uma casa de pedra para si, muito menos uma igreja. Os construtores haviam parado de trabalhar quando ele deixara de pagá-los e ele não sabia que fim tinham levado. Talvez houvessem todos retornado a Kingsbridge para trabalhar para o prior Philip.

Mas agora William dera para ter pesadelos.

Eram sempre iguais. Via a mãe no lugar dos mortos. Ela sangrava pelos ouvidos e pelos olhos, e quando abria a boca para falar mais sangue saía. A imagem o enchia de um terror mortal. À luz do dia, não sabia dizer o que naquele sonho o atemorizava, pois sua mãe não lhe fazia qualquer ameaça. À noite, porém, quando ela aparecia, o medo o dominava por completo, um pânico irracional, histérico e cego.

Certa vez, quando menino, ele havia entrado num lago que de repente ficava mais fundo, e acabara indo parar debaixo d'água sem conseguir respirar. A absoluta necessidade de ar que o possuía então era uma das lembranças indeléveis da sua infância, mas o sonho era dez vezes pior. Tentar escapar do rosto ensanguentado da mãe era como tentar correr na areia movediça. Acordava como se tivesse sido arremessado do outro lado do quarto, num choque profundo, suando e gemendo, com o corpo teso de

agonia devido à tensão acumulada. Encontrava Walter ao lado de sua cama com uma vela. Como não havia quartos, William dormia no salão, separado de seus homens por um biombo. “O senhor gritou, milorde”, murmurava Walter. Ofegante, William ficava encarando a cama real, a parede real e o verdadeiro Walter enquanto o poder do pesadelo aos poucos diminuía até ele não sentir mais medo, então dizia: “Não foi nada, só um pesadelo, pode ir.” Mas ficava com medo de voltar a dormir. E no dia seguinte os homens o olhavam como se ele estivesse enfeitiçado.

Poucos dias depois de sua conversa com Remigius, ele estava sentado na mesma cadeira dura junto ao mesmo fogo que enchia o ambiente de fumaça quando o bispo Waleran apareceu.

William se espantou. Tinha ouvido os cavalos, mas imaginara que fosse Walter voltando do moinho. Não soube o que fazer ao ver o bispo. Waleran sempre fora arrogante e superior, e repetidas vezes o fizera se sentir tolo, desajeitado e grosseiro. Era humilhante que visse o ambiente humilde no qual agora vivia.

Não se levantou para cumprimentá-lo.

– O que você quer? – indagou, curto e grosso.

Não tinha por que ser educado. Queria que Waleran fosse embora quanto antes.

O bispo ignorou a grosseria.

– O representante do rei morreu – contou.

No início, William não entendeu aonde ele queria chegar.

– E eu com isso?

– Vai haver um novo representante.

William quase perguntou “E daí?”, mas se deteve. Waleran estava preocupado com quem seria o novo representante do rei e tinha ido conversar com ele a respeito. Aquilo só podia significar uma coisa, não? Uma esperança brotou em seu peito, mas ele a reprimiu com força: quando se tratava de Waleran, grandes esperanças muitas vezes terminavam em frustração e desapontamento.

– Quem você tem mente? – perguntou.

– Você.

Não se atrevera a esperar por essa resposta. Queria poder acreditar naquilo. Um representante do rei inteligente e implacável podia ser quase tão importante e influente quanto um conde ou bispo. Aquele poderia ser

seu caminho de volta à riqueza e ao poder. Forçou-se a considerar os obstáculos.

– Por que o rei Estêvão me nomearia?

– Você o apoiou contra o duque Henrique e por isso perdeu o título de conde. Imagino que ele gostaria de recompensá-lo.

– Ninguém faz nada por gratidão – disse William, repetindo uma frase da mãe.

– Estêvão não deve estar feliz com o fato de o conde de Shiring ser um homem que lutou contra ele – continuou Waleran. – Ele talvez queira que o representante do rei seja uma força que contrabalance o poder de Richard.

Isso fazia mais sentido. Mesmo contra a própria vontade, William se animou. Começou a acreditar que talvez conseguisse sair daquele buraco chamado Hamleigh. Voltaria a ter uma força respeitável de cavaleiros e homens de armas, em vez do lamentável punhado de gatos-pingados que agora sustentava. Presidiria o tribunal do condado em Shiring e frustraria todas as vontades de Richard.

– O representante do rei mora no castelo de Shiring – falou, desejoso.

– Você voltaria a ser rico – acrescentou Waleran.

– Sim.

Se explorado adequadamente, o cargo de representante podia ser altamente rentável. William ganharia quase tanto dinheiro quanto na época em que era conde, mas se perguntou por que Waleran teria mencionado aquilo.

Instantes depois, o próprio bispo respondeu à pergunta:

– Poderia financiar a nova igreja, afinal.

Então era isso. Sempre havia um motivo oculto nas ações de Waleran. Queria que William virasse representante do rei para poder construir sua igreja. Mas William estava disposto a aceitar o plano. Se conseguisse terminar a igreja em homenagem à mãe, quem sabe os pesadelos desaparecessem.

– Acha mesmo possível? – indagou, ansioso.

Waleran assentiu.

– Vai custar dinheiro, claro, mas sim, acho possível.

– Dinheiro? – repetiu William com repentina aflição. – Quanto?

– Difícil dizer. Em lugares como Lincoln ou Bristol, a jurisdição

custaria 500 ou 600 libras, mas os representantes dessas cidades são mais ricos do que cardeais. Em um lugar pequeno como Shiring, se você for o candidato desejado pelo rei, coisa de que posso me encarregar, provavelmente poderia consegui-lo por 100 libras.

– Cem libras! – As esperanças de William evaporaram. Desde o começo tivera medo de se decepcionar. – Se eu tivesse 100 libras não estaria vivendo deste jeito! – falou, amargurado.

– Você pode consegui-las – disse o bispo, com suavidade.

– Com quem? – Algo lhe ocorreu. – Você vai me dar?

– Não seja idiota – respondeu Waleran com sua enfurecedora superioridade. – É para isso que existem judeus.

William entendeu, com uma mistura conhecida de esperança e ressentimento, que mais uma vez o bispo tinha razão.



Já fazia dois anos que as primeiras rachaduras tinham aparecido e Jack ainda não havia encontrado uma solução para o problema. Para piorar, rachaduras idênticas tinham surgido no primeiro tramo da nave. Havia algo de fundamentalmente errado em seu projeto. A estrutura era forte o suficiente para sustentar o peso das abóbadas, mas não para resistir aos ventos que sopravam com força contra as altas paredes.

No andaime suspenso bem alto acima do chão, observando de perto as rachaduras novas, Jack estava mergulhado no problema. Precisava bolar um jeito de reforçar a parte superior da parede para que esta não se movesse com o vento.

Refletiu sobre o modo como a parte inferior da parede era reforçada. Do lado externo da galeria lateral havia grossas colunas que se ligavam à nave por meios arcos escondidos no telhado sobre a galeria. Os meios arcos e as colunas sustentavam a parede de longe, como contrafortes remotos. Como os elementos de suporte ficavam escondidos, a nave tinha um aspecto leve e gracioso.

Ele precisava inventar um sistema semelhante para a parte superior da parede. Poderia construir uma galeria lateral de dois andares e simplesmente repetir o sistema de contrafortes remotos, mas isso

impediria a luz de entrar pelo clerestório, e o conceito daquele novo estilo de construção era justamente trazer mais luz para dentro da igreja.

Não era a galeria lateral propriamente dita que servia de escora, claro: o apoio vinha das grossas colunas na parede lateral e dos meios arcos ligados a elas. A galeria escondia esses elementos estruturais. Se ele conseguisse construir colunas e meios arcos que dessem sustentação ao clerestório *sem* incorporá-los a uma galeria, poderia resolver o problema num piscar de olhos.

Uma voz o chamou lá do chão.

Ele franziu o cenho. Estava perto de uma ideia quando foi interrompido, pensou, mas agora havia perdido a linha de raciocínio. Olhou para baixo. O prior o estava chamando.

Entrou na torre da escada em caracol e desceu. Philip o aguardava lá embaixo. Estava tão bravo que parecia estar fervendo.

– Richard me traiu! – disse, sem preâmbulo.

Jack ficou surpreso.

– Como?

Philip no início não respondeu à pergunta.

– Depois de tudo o que fiz por ele – vociferou. – Comprei a lã de Aliena quando todos a enganavam. Se não fosse por mim, ela talvez nunca houvesse começado. Depois, quando o negócio deu errado, arrumei um emprego para ele como chefe da guarda. E em novembro passado passei a dica sobre o tratado de paz, o que permitiu que ele tomasse Earlscastle. E agora que ele reconquistou o título e está reinando em todo o esplendor virou as costas para mim!

Jack nunca tinha visto o prior tão furioso. Sua cabeça raspada estava vermelha de indignação e ele cuspiu perdigotos ao falar.

– De que forma Richard o traiu? – quis saber Jack.

Mais uma vez, Philip ignorou a pergunta.

– Sempre soube que Richard era fraco de caráter. Ele apoiou Aliena muito pouco ao longo dos anos. Simplesmente pegava dela o que queria sem nunca considerar as necessidades da irmã. Mas não pensava que ele fosse tão mau-caráter.

– O que ele fez exatamente?

Por fim, Philip contou:

– Recusou-nos acesso à pedreira.

Jack ficou chocado. Era um ato de espantosa ingratidão.

– Como ele se justificou?

– Na teoria, tudo deve voltar aos donos da época do primeiro rei Henrique. E a pedreira nos foi cedida pelo rei Estêvão.

A cobiça de Richard era notável, mas Jack não conseguiu ficar tão zangado quanto Philip. Eles agora já haviam construído metade da catedral, a maior parte com pedras pelas quais tiveram de pagar, e dariam um jeito de seguir em frente.

– Bem, imagino que ele esteja no seu direito, estritamente falando – argumentou.

Philip ficou indignado.

– Como você pode dizer uma coisa dessas?

– É um pouco parecido com o que você fez comigo – disse Jack. – Depois de eu lhe trazer a Virgem que Chora, fazer um projeto maravilhoso para a catedral e construir um muro em volta da cidade para protegê-la de William, você anunciou que eu não poderia morar com a mulher que é mãe dos meus filhos. Uma ingratidão e tanto.

O prior ficou chocado com a comparação.

– Isso é completamente diferente! – protestou. – Eu não quero que vocês morem em casas separadas. Quem impediu a anulação foi Waleran. Mas a lei de Deus diz que não se deve cometer adultério.

– Tenho certeza de que Richard diria algo semelhante – insistiu Jack. – Não foi ele quem ordenou a devolução dos bens aos antigos donos. Ele está só aplicando a lei.

O sino do meio-dia soou.

– Existe uma diferença entre as leis de Deus e as leis dos homens – disse Philip.

– Mas nós precisamos viver segundo ambas – contrapôs Jack. – E agora vou almoçar com a mãe dos meus filhos.

Ele se afastou, deixando o prior parado com uma expressão transtornada. Na verdade, não achava que ele fosse tão ingrato quanto Richard, mas fingir que pensava assim tinha tirado um peso de suas costas. Decidiu que perguntaria a Aliena sobre a pedreira. Talvez, no fim das contas, Richard pudesse ser convencido a cedê-la. Ela saberia.

Saiu do priorado e percorreu as ruas até a casa onde vivia com Martha. Como sempre, Aliena e as crianças estavam na cozinha. A boa safra do

ano anterior pusera fim à fome e a comida já não era mais tão escassa: havia pão e carneiro assado na mesa.

Jack beijou os filhos. Sally lhe deu um beijo suave e infantil, mas Tommy, que tinha agora 11 anos e mal podia esperar para crescer, ofereceu a bochecha e pareceu encabulado. Jack sorriu e não disse nada: lembrava-se de quando também pensava que beijar era uma bobagem.

Aliena tinha um ar preocupado. Jack se sentou ao lado dela no banco.

– Philip está uma fera porque Richard não quer lhe ceder a pedreira – disse ele.

– Que horror – falou Aliena com desinteresse. – Quanta ingratidão de Richard.

– Você acha que ele pode ser convencido a mudar de ideia?

– Realmente não sei – respondeu ela.

Tinha um ar distraído.

– Você não parece muito interessada no problema.

Aliena o encarou, desafiadora.

– E não estou mesmo.

Ele conhecia aquele humor.

– É melhor me dizer em que está pensando.

Ela se levantou.

– Vamos para o quarto dos fundos.

Depois de lançar um olhar desolado em direção à perna de carneiro, Jack se levantou da mesa e a seguiu até o quarto. Deixaram a porta aberta, como sempre, para evitar suspeitas caso alguém entrasse na casa. Aliena se sentou na cama e cruzou os braços.

– Tomei uma decisão importante – começou ela.

Seu semblante estava tão sério que Jack se perguntou que assunto poderia ser tão grave.

– Passei a maior parte da minha vida adulta debaixo de duas sombras – começou ela. – Uma foi a promessa feita ao meu pai quando ele estava à beira da morte. A outra é meu relacionamento com você.

– Mas agora você cumpriu a promessa feita ao seu pai – disse Jack.

– Sim. E quero me livrar do outro fardo também: decidi deixar você.

Jack teve a sensação de que seu coração tinha parado. Sabia que ela não falava da boca para fora. Aquilo era sério. Encarou-a, mudo. Estava desorientado com aquele anúncio: jamais sonhara que ela pudesse

abandoná-lo. Como aquela coisa horrível tinha acontecido sem que ele pudesse prever?

– Existe outra pessoa? – foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Pare de ser bobo.

– Então por quê?

– Porque eu não aguento mais – respondeu ela, e seus olhos ficaram marejados. – Já faz dez anos que esperamos essa tal anulação. Ela nunca vai acontecer, Jack. Estamos condenados a viver assim para sempre, a não ser que nos separemos.

– Mas... – Ele tentou achar o que dizer. O anúncio era tão devastador que discutir parecia inútil, como tentar fugir de um furacão. Mesmo assim, ele tentou: – E não é melhor do que nada, melhor do que a separação?

– No fim das contas, não.

– O que vai mudar se você for embora?

– Pode ser que eu conheça outra pessoa, me apaixone outra vez e viva uma vida normal – disse ela, mas estava chorando.

– Você vai continuar casada com Alfred.

– Mas ninguém vai saber ou se importar. Poderia me casar diante de um padre de paróquia que nunca ouviu falar em Alfred Builder, ou que não consideraria o casamento válido caso ficasse sabendo.

– Não acredito que você está dizendo isso. Não posso aceitar.

– Dez anos, Jack! Estou esperando há dez anos para ter uma vida normal com você! Não consigo mais.

As palavras o atingiam como socos. Ela continuou falando, mas ele já não prestava atenção. Tudo em que conseguia pensar era na vida sem ela.

– É que eu nunca amei outra pessoa – interrompeu Jack.

Ela estremeceu, como se houvesse sentido uma dor, mas continuou:

– Preciso de algumas semanas para organizar tudo. Vou arrumar uma casa em Winchester. Quero que as crianças se acostumem com a ideia antes de começarem a vida nova...

– Você vai levar meus filhos – disse ele, atônito.

Ela aquiesceu.

– Sinto muito – falou. Pela primeira vez, pareceu fraquejar. – Sei que eles vão sentir sua falta, mas também precisam de uma vida normal.

Jack não conseguiu mais suportar. Deu-lhe as costas.

– Não me deixe falando sozinha – pediu Aliena. – Precisamos

conversar mais. Jack!

Ele saiu sem responder.

– Jack! – ouviu-a gritar atrás de si.

Atravessou a sala sem olhar para os filhos e saiu de casa. Atordoado, sem saber mais para onde ir, voltou para a catedral. Os construtores ainda estavam no almoço. Não conseguiu chorar: aquilo era doloroso demais para simples lágrimas. Sem pensar, subiu a escada do transepto norte até o final e saiu para o telhado.

O vento, quase imperceptível no chão, lá em cima estava forte. Jack olhou para baixo. Se caísse dali, aterrissaria sobre o telhado da galeria, quase sobre o transepto. Provavelmente morreria, mas não era uma certeza. Foi até o coro e parou no ponto em que o telhado terminava bruscamente em uma queda abrupta. Se a catedral não era estruturalmente forte e Aliena iria abandoná-lo, ele não tinha mais nada por que viver.

A decisão dela não era tão repentina quanto parecia, claro. Fazia anos que estava insatisfeita. Ambos estavam. Mas haviam se acostumado com a infelicidade. Recuperar Earls castle tirara Aliena do torpor e a fizera lembrar que a responsabilidade pela própria vida era só sua. Isso havia balançado uma situação já instável, mais ou menos como a tempestade havia causado rachaduras nas paredes da catedral.

Jack olhou para a parede do transepto e para o telhado da galeria. Podia ver os pesados contrafortes se projetando dali e imaginava sob o telhado o meio arco que ligava o contraforte à base do clerestório. Quando Philip o distraiu naquela manhã, estava pensando que o que resolveria o problema era um contraforte mais alto, talvez mais uns 6 metros, com um segundo meio arco preenchendo a distância até o ponto na parede em que as rachaduras estavam aparecendo. O arco e o contraforte alto reforçariam a metade superior da igreja e manteriam a parede rígida quando ventasse.

Isso devia resolver o problema. A questão era que, se ele construísse uma galeria lateral de dois andares para esconder o contraforte estendido e o segundo meio arco, perderia luminosidade. E se não construísse?

Se eu não construir, e daí?

Estava possuído pela sensação de que nada importava muito, agora que sua vida estava ruindo. Nesse estado de espírito não conseguia ver nada de errado com a ideia de contrafortes aparentes. Ali, em pé no telhado, pôde imaginar com facilidade como ficaria. Uma linha de sólidas colunas de

pedra se ergueria da parede lateral da galeria. No alto de cada coluna, um meio arco atravessaria o espaço vazio até o clerestório. Talvez ele pusesse um pináculo decorativo no alto de cada coluna, acima do ponto de onde partia o arco. Sim, ficaria melhor assim.

Construir grandes estruturas de reforço claramente visíveis era uma ideia revolucionária. Mas mostrar como o edifício se sustentava fazia parte do novo estilo.

Enfim, seu instinto lhe disse que era a opção certa.

Quanto mais ele pensava na solução, mais lhe agradava. Imaginou a igreja vista do oeste. Os meios arcos pareceriam as asas de uma revoada de pássaros, todos alinhados, prestes a levantar voo. Não precisavam ser imensos. Contanto que fossem bem-feitos, poderiam ser finos e elegantes, leves, porém fortes, como as asas de um pássaro. Contrafortes alados, pensou, para uma igreja tão leve que seria capaz de voar.

Será que daria certo?, pensou.

Uma rajada de vento de repente o desequilibrou. Ele titubeou na borda do telhado. Por um segundo, pensou que fosse cair e morrer. Então recuperou o equilíbrio e se afastou, com o coração disparado.

Lenta e cuidadosamente, foi retornando pelo telhado até o acesso à escada e desceu.

II

A construção da igreja de Shiring havia cessado por completo. O prior Philip se pegou sentindo certo contentamento com isso. Tantas vezes encarou, desconsolado, um canteiro de obras deserto, que não podia evitar sentir satisfação ao ver que a mesma coisa agora acontecia com seus inimigos. Alfred Builder só tivera tempo de demolir a igreja antiga e assentar os alicerces da nova chancela quando William foi deposto e o dinheiro acabara. Philip disse a si mesmo que era pecado rejubilar-se com a ruína de uma igreja, mas a vontade de Deus era evidente: a catedral deveria ser construída em Kingsbridge, não em Shiring, e a má sorte dos planos do obstinado Waleran parecia um sinal bem claro das intenções divinas.

Agora que a maior igreja da cidade tinha sido posta abaixo, as audiências do tribunal do condado aconteciam no salão nobre do castelo. Philip subiu o morro ladeado por Jonathan. Na dança das cadeiras que se seguira à saída de Remigius, havia nomeado o rapaz seu assistente particular. Philip ficara chocado com a perfídia do subprior, mas contente por ele ter ido embora. Desde que Philip o derrotara na eleição, Remigius era uma pedra no seu sapato. Agora que ele tinha partido, o priorado era um lugar melhor para viver.

Milius era o novo subprior, mas continuava a cumprir o papel de tesoureiro, com uma equipe de três subordinados para ajudá-lo nas finanças. Desde a saída de Remigius, ninguém conseguia entender o que ele ficava fazendo o dia inteiro.

Philip sentia uma profunda satisfação trabalhando com Jonathan. Gostava de explicar ao rapaz como o monastério era administrado, de ensinar a ele como o mundo funcionava e de mostrar a melhor maneira de lidar com as pessoas. Elas, em geral, gostavam de Jonathan, mas ele às vezes podia ser cáustico, e era comum pisar nos calos de gente insegura. O rapaz precisava aprender que havia quem o tratasse com hostilidade por compensar as próprias fraquezas. Ele reagia com raiva em vez identificar a fraqueza e proporcionar confiança ao outro.

Jonathan tinha um raciocínio rápido, e muitas vezes a velocidade com a qual compreendia as coisas surpreendia Philip. O prior às vezes se pegava cometendo o pecado do orgulho ao pensar como Jonathan era parecido consigo.

Trouxera o rapaz nesse dia para lhe ensinar como funcionava o tribunal do condado. O prior iria pedir ao representante do rei que mandasse Richard reabrir a pedreira para o priorado. Tinha quase certeza de que, legalmente, Richard estava errado. A nova lei sobre a devolução das propriedades aos antigos donos, da época do velho rei Henrique, não afetava os direitos do priorado. Seu objetivo era permitir que o duque Henrique substituísse os condes de Estêvão pelos seus, recompensando assim quem o houvesse apoiado. Evidentemente não deveria ser aplicada aos mosteiros. Philip estava seguro de ganhar a causa, mas havia um fator desconhecido: o velho representante do rei tinha morrido e seu substituto seria anunciado nesse mesmo dia. Ninguém sabia quem seria escolhido, mas todos imaginavam que o cargo fosse parar nas mãos de um dos três ou

quatro cidadãos mais importantes de Shiring: David Merchant, o vendedor de seda; Rees Welsh, um padre que trabalhara no tribunal do rei; Giles Lionheart, um cavaleiro com propriedades nos arredores da cidade; e Hugh, filho ilegítimo do bispo de Salisbury. Philip torcia para que Rees fosse o escolhido, não por ele ser um conterrâneo seu do País de Gales, mas porque era provável que favorecesse a Igreja. Não estava muito preocupado, porém. Achava que qualquer um dos quatro decidiria a seu favor.

Eles entraram cavalcando no castelo. O lugar não era muito fortificado. Como o conde de Shiring tinha um castelo fora da cidade, fazia muitas gerações que o condado não era palco de batalhas. O castelo era mais um centro administrativo, com escritórios e aposentos para o representante do rei e seus homens, e masmorras para os criminosos. Philip e Jonathan levaram seus animais para o estábulo e entraram na maior das construções, o salão nobre.

As mesas montadas sobre cavaletes, que em geral formavam um T, tinham sido rearrumadas. A parte superior do T continuava ali, erguida acima do nível das outras por um tablado, e as outras mesas se encontravam ao longo das paredes do salão para que solicitantes adversários pudessem se sentar bem afastados e evitar a tentação da violência física.

O salão já estava cheio. O bispo Waleran se encontrava no alto do tablado, com uma expressão malévola. Para surpresa de Philip, sentado com ele estava William Hamleigh, que conversava com o bispo pelo canto da boca, enquanto observavam as pessoas entrarem. O que William estaria fazendo ali? Passara nove meses sem chamar atenção, quase sem sair de seu vilarejo, e Philip, assim como grande parte do condado, havia acalentado a esperança de que ficasse lá para sempre. Ali estava ele, porém, sentado no banco como se ainda fosse o conde. Philip se perguntou que maquinação mesquinha, cruel e gananciosa o teria levado ao tribunal nesse dia.

Philip e Jonathan se sentaram na lateral e aguardaram o início da sessão. Reinava no tribunal uma atmosfera de atividade e otimismo. Agora que a guerra havia acabado, a elite do país tornara a se dedicar à tarefa de gerar riqueza. Aquelas terras eram férteis e tinham rapidamente recompensado seus esforços: previa-se uma safra excepcional aquele ano.

O preço da lã havia subido. Philip recontratara quase todos os construtores que tinham ido embora no auge da fome. Por toda parte, os sobreviventes eram os indivíduos mais jovens, mais fortes e mais saudáveis. Estavam agora cheios de esperança e ali, no salão nobre do castelo de Shiring, aquele otimismo se mostrava no porte de suas cabeças, no tom de suas vozes, nas botas novas dos homens e nos elegantes arranjos de cabeça das mulheres, e no fato de aquelas pessoas serem prósperas o suficiente para possuir algo valioso o bastante para disputar no tribunal.

Todos se levantaram quando o oficial entrou acompanhado pelo conde Richard. Subiram no tablado e então, ainda de pé, o oficial começou a ler a ordem real que nomeava o novo representante do rei. Enquanto ele declamava o palavrório inicial, Philip olhou em volta para os quatro supostos candidatos. Esperava que o vencedor fosse um homem de coragem: precisaria disso para defender a lei diante de poderosos locais da estirpe do bispo Waleran, do conde Richard e de lorde William. O candidato vitorioso provavelmente já sabia que tinha sido nomeado, pois não havia motivo para segredo, mas apesar disso nenhum dos quatro parecia muito animado. Em geral, o escolhido ficava em pé ao lado de seu oficial enquanto a ordem era lida, mas as únicas pessoas no tablado junto com ele hoje eram Richard, Waleran e William. Um pensamento aterrorizante cruzou a mente de Philip: o de que o bispo fosse nomeado representante. Ele ficou mais horrorizado ainda ao escutar o que era anunciado.

—... nomeio representante do rei em Shiring meu vassalo William Hamleigh, e ordeno a todos que lhe prestem assistência...

Philip olhou para Jonathan.

— William! — exclamou.

Os moradores da cidade emitiram ruídos de surpresa e reprovação.

— Como ele conseguiu? — indagou Jonathan.

— Deve ter pagado.

— E onde arrumou o dinheiro?

— Pegou emprestado, imagino.

Sorridente, William andou até o trono de madeira no meio da mesa principal. Tinha sido um rapaz bonito, recordava Philip. Ainda não chegara aos 40 anos, mas parecia mais velho. Era muito gordo e tinha uma tez avermelhada por causa do vinho. A força, a vivacidade e o otimismo

que tornam os rostos jovens atraentes haviam desaparecido, sendo substituídos por uma aparência deteriorada pelos excessos.

Quando William se sentou, Philip se levantou.

Jonathan levantou-se também.

– Estamos indo embora? – perguntou.

– Siga-me – sussurrou Philip.

O salão ficou em silêncio. Todos cravaram os olhos neles enquanto os dois atravessavam o tribunal. O público abriu caminho para deixá-los passar. Eles chegaram à porta e saíram. Um burburinho irrompeu quando a porta se fechou atrás dos padres.

– Não tínhamos nenhuma chance de sucesso com William como representante do rei – disse Jonathan.

– Pior – falou Philip. – Se tivéssemos apresentado nosso caso, poderíamos ter perdido outros direitos.

– Meu Deus, eu não tinha pensado nisso.

O prior assentiu com um ar sombrio.

– Com William como representante do rei, Waleran como bispo e o ímpio Richard como conde, agora é totalmente impossível o priorado de Kingsbridge conseguir justiça neste condado. Eles podem fazer conosco o que quiserem.

Enquanto um cavaleiro selava seus cavalos, ele prosseguiu:

– Vou solicitar ao rei que transforme Kingsbridge em um burgo independente. Assim teremos nosso próprio tribunal e pagaremos nossos impostos diretamente ao rei. Na prática, estaremos fora da jurisdição do representante.

– O senhor sempre foi contrário a isso no passado – lembrou Jonathan.

– Eu era contrário porque isso torna a cidade tão poderosa quanto o priorado. Mas agora acho que devemos aceitar isso como um preço a ser pago pela independência. A alternativa é enfrentar William.

– Estêvão vai nos elevar à condição de burgo?

– Talvez, mediante um preço. Se não for possível, porém, talvez Henrique o faça quando virar rei.

Eles montaram seus cavalos e cruzaram a cidade, desanimados.

Saíram pelo portão e passaram pelo depósito de lixo no terreno vazio logo depois da saída. Algumas pessoas miseráveis remexiam os dejetos à procura de qualquer coisa que pudessem comer, vestir ou usar como

combustível. Philip olhou para elas sem interesse, mas uma chamou sua atenção. Uma figura alta, debruçada sobre uma pilha de farrapos, lhe pareceu familiar. Philip puxou as rédeas do cavalo. Jonathan parou ao seu lado.

– Olhe – disse o prior.

Jonathan acompanhou a direção do seu olhar.

– Remigius – murmurou após alguns instantes.

Philip ficou observando. Pelo visto, Waleran e William tinham expulsado Remigius fazia algum tempo, quando o dinheiro para a nova igreja havia acabado. Não precisavam mais dele. Remigius traía Philip, traía o priorado e traía Kingsbridge, tudo na esperança de virar deão de Shiring, mas seu prêmio tinha virado pó.

Philip guiou seu cavalo para fora da estrada e atravessou o terreno até onde Remigius estava. Jonathan foi atrás. Um mau cheiro parecia emanar do chão feito uma névoa. Quando chegou bem perto, viu que Remigius estava esquelético. Usava um hábito imundo e estava descalço. Tinha 60 anos e passara toda a vida adulta no priorado de Kingsbridge. Ninguém nunca lhe ensinara a viver na penúria. Philip o viu retirar do lixo um par de sapatos de couro. As solas tinham grandes buracos, mas Remigius olhou para os sapatos como quem acaba de encontrar um tesouro enterrado. Quando estava prestes a experimentá-los, viu Philip.

Empertigou-se. Em seu rosto via-se o embate entre a vergonha e o desafio que se travava dentro de seu coração.

– Bem, vieram aqui tripudiar de mim? – disse após um tempo.

– Não – respondeu Philip, suavemente. Seu velho inimigo formava uma figura tão digna de pena que tudo o que Philip conseguiu sentir por ele foi compaixão. Apeou do cavalo e tirou um odre do alforje. – Vim lhe oferecer um pouco de vinho.

Remigius não queria aceitar, mas estava faminto demais para resistir. Hesitou só por alguns segundos, em seguida arrancou o odre da mão do prior. Cheirou o vinho, desconfiado, em seguida o levou à boca. Quando começou a beber, não conseguiu mais parar. Restava apenas um quarto de litro, que ele secou em segundos. Então baixou o odre, levemente tonto.

Philip pegou o odre de volta e tornou a guardá-lo no alforje.

– É melhor também comer alguma coisa – falou, e estendeu um pão pequeno.

Remigius pegou o pão que lhe era oferecido e começou a enfiá-lo na boca. Obviamente fazia dias que não comia nada, e era provável que não fizesse uma refeição decente havia semanas. Talvez ele morra em breve, pensou Philip com tristeza, se não de fome, então de vergonha.

O pão acabou depressa.

– Você quer voltar? – perguntou Philip.

Ouviu Jonathan inspirar com força. Como muitos outros irmãos, o rapaz esperava nunca mais tornar a ver Remigius. Devia achar o prior um louco por convidá-lo a voltar.

Algo do Remigius de antigamente ressurgiu.

– Voltar? Com que cargo? – indagou.

Philip balançou a cabeça com pesar.

– Você nunca vai ter cargo nenhum no meu priorado, Remigius. Volte como um simples e humilde monge. Peça a Deus que perdoe seus pecados e dedique o resto de seus dias à prece e à contemplação, preparando sua alma para o céu.

Remigius jogou a cabeça para trás e Philip pensou que fosse ouvir uma recusa cheia de desprezo, mas não foi o que aconteceu. O antigo subprior abriu a boca para falar, tornou a fechá-la e encarou o chão. Philip ficou parado sem dizer nada, observando, perguntando-se o que iria acontecer. O silêncio se prolongou. Philip reteve a respiração. Quando Remigius tornou a erguer o rosto, suas faces estavam banhadas em lágrimas.

– Sim, padre, por favor – disse ele. – Quero voltar para casa.

Philip sentiu uma onda de alegria.

– Então vamos – falou. – Monte o meu cavalo.

Remigius ficou boquiaberto.

– Padre! O que está fazendo? – perguntou Jonathan.

– Vamos, faça o que estou dizendo – disse Philip a Remigius.

Jonathan estava horrorizado.

– Mas, padre, como você vai viajar?

– A pé – respondeu Philip num tom alegre. – Um de nós tem de ir a pé.

– Remigius que vá! – exclamou Jonathan, indignado.

– Deixe-o ir montado – retrucou Philip. – Ele hoje agradou a Deus.

– E você? Não agradou mais a Deus do que ele?

– Jesus disse que um pecador que se arrepende causa mais alegria no céu do que 99 justos – respondeu Philip. – Não se lembra da parábola do

filho pródigo? Quando ele voltou para casa, seu pai matou o novilho gordo. Os anjos se rejubilam com as lágrimas de Remigius. O mínimo que eu posso fazer é ceder meu cavalo a ele.

Ele segurou o bridão e foi conduzindo o animal pelo depósito de lixo até a estrada, seguido por Jonathan. Quando chegaram à estrada, Jonathan apeou.

– Padre, por favor, então fique com meu cavalo e deixe que eu vá a pé!
– disse ele.

Philip virou-se para ele.

– Monte seu cavalo de novo, pare de discutir comigo e pense apenas no que está sendo feito e por quê – retorquiu, num tom levemente severo.

Jonathan parecia intrigado, mas tornou a montar e não disse mais nada.

Eles viraram na direção de Kingsbridge. A cidade ficava a mais de 30 quilômetros dali. Philip começou a caminhar. Sentia-se maravilhosamente bem. A volta de Remigius mais do que compensava a pedreira.

Eu perdi no tribunal, pensou, mas ali só se disputavam pedras. O que ganhei tem um valor infinitamente maior. Eu hoje ganhei a alma de um homem.

III

Maças frescas e maduras flutuavam no barril, e seus tons vermelhos e amarelos brilhavam quando o sol refletia na água. Sally, agora com 9 anos e toda animada, inclinou-se por cima da borda com as mãos unidas nas costas e tentou pegar uma das frutas com os dentes. A maçã boiou para longe, seu rosto mergulhou na água e ela se levantou engasgada e soltando uma gargalhada. Aliena deu um sorriso discreto e limpou o rosto da filha.

Era uma tarde tépida de final de verão, dia santo e feriado, e a maior parte dos moradores havia se reunido na campina do outro lado do rio para a brincadeira das maçãs. Aquele era o tipo de evento que Aliena sempre apreciava, mas não lhe saía da cabeça que era seu último dia santo em Kingsbridge, o que acabava com toda a sua animação. Continuava decidida a abandonar Jack, mas sentia de antemão a dor da perda desde o dia em que tomara essa decisão.

Tommy estava em pé próximo ao barril.

– Vamos lá, Tommy, tente você! – incentivou Jack.

– Agora não – respondeu o garoto.

Aos 11 anos, Tommy sabia que era mais inteligente do que a irmã e pensava também estar à frente da maioria das outras pessoas. Passou um tempo observando, estudando a técnica dos que conseguiam morder a maçã. Aliena viu que o filho observava os demais. Tinha uma adoração especial por ele. Jack tinha mais ou menos a mesma idade quando ela o havia conhecido, e Tommy era muito parecido com o pai quando menino. Olhar para o filho a deixava com saudades da própria infância. Jack queria que Tommy fosse construtor, mas o menino ainda não havia demonstrado interesse pelo ofício. Porém, ainda tinha muito tempo.

Por fim, Tommy se aproximou do barril. Curvou-se e baixou a cabeça devagar, com a boca bem aberta. Empurrou a maçã escolhida para debaixo da superfície, mergulhando o rosto inteiro, então subiu triunfante com a fruta entre os dentes.

Tommy teria sucesso em qualquer coisa que se propusesse a fazer. Seu temperamento tinha algo do avô, o conde Bartholomew. O menino era dono de uma personalidade muito forte, bem como de um conceito um tanto inflexível de certo e errado.

Era Sally quem havia herdado a natureza descontraída de Jack e seu desprezo pelas regras dos homens. Quando o pai lhes contava histórias infantis, ela sempre simpatizava com o desfavorecido, ao passo que Tommy era mais propenso a julgá-lo. Cada filho tinha a personalidade de um dos pais e a aparência do outro: a despreocupada Sally exibia os traços regulares e os cachos escuros e embaraçados da mãe e o determinado Tommy tinha os cabelos cor de cenoura, a pele branca e os olhos azuis do pai.

– Lá vem tio Richard! – gritou Tommy.

Aliena deu meia-volta e acompanhou a direção do olhar do filho. De fato, seu irmão, o conde, entrava a cavalo na campina acompanhado por um punhado de cavaleiros e escudeiros. Aliena ficou horrorizada. Como ele tinha coragem de dar as caras ali depois de ter sido tão injusto com Philip em relação à pedreira?

Richard se aproximou do barril sorrindo e apertando a mão de todos.

– Tente morder uma maçã, tio Richard! – pediu Tommy. – Você

consegue!

O conde mergulhou a cabeça no barril e voltou com uma fruta presa entre os dentes brancos e fortes e a barba loura toda molhada. Ele sempre foi melhor nos jogos do que na vida real, pensou Aliena.

Não iria deixar seu irmão se comportar como se não houvesse feito nada de errado. Os outros podiam ter medo de lhe dirigir a palavra porque agora ele era conde, mas para ela Richard era apenas seu tolo irmão caçula. Quando veio beijá-la, ela o empurrou para longe.

– Como você pôde roubar a pedreira do priorado? – disse Aliena.

Jack pressentiu uma briga, segurou os filhos pela mão e se afastou.

Richard pareceu ofendido.

– Todas as propriedades foram devolvidas a quem as possuía.

– Não me venha com essa conversa – interrompeu Aliena. – Depois de tudo o que Philip fez por você!

– A pedreira faz parte do que é meu por direito de berço – argumentou Richard. Puxou-a de lado e começou a sussurrar para que ninguém mais os escutasse. – Além disso, preciso do dinheiro que ganho vendendo as pedras, Allie.

– Porque passa a vida caçando e treinando falcões!

– Mas o que eu deveria fazer?

– Dar um jeito de produzir riqueza! Há tanta coisa a fazer! Consertar os estragos causados pela guerra e pela fome, introduzir novos métodos de cultivo, desmatar florestas, drenar charcos... É assim que você aumenta sua riqueza! Não roubando a pedreira que o rei Estêvão deu ao priorado de Kingsbridge.

– Eu nunca peguei nada que não fosse meu.

– Foi só isso que você fez a vida inteira! – explodiu Aliena. Estava brava o suficiente para dizer coisas que seria melhor não serem ditas. – Você nunca trabalhou por nada. Pegou meu dinheiro para comprar suas armas idiotas, pegou o emprego que o prior Philip ofereceu, pegou o título de conde quando eu lhe entreguei de bandeja. Agora não consegue sequer administrar o condado sem pegar coisas que não lhe pertencem!

Ela se virou e saiu pisando firme.

Richard tentou segui-la, mas alguém o distraiu fazendo uma mesura e perguntando como ele estava. Aliena o ouviu dar uma resposta educada e então ser enredado em uma conversa. Melhor assim: tinha dito o que

precisava e não queria mais bater boca com ele. Chegou à ponte e olhou para trás. Outra pessoa falava com Richard agora. Ele acenou para ela, indicando que a conversa ainda não tinha terminado, mas não podia sair dali. Aliena viu Jack, Tommy e Sally começando uma nova brincadeira com um graveto e uma bola. Ficou olhando para os três brincando sob o sol e sentiu que não suportaria separá-los. Mas de que outro jeito poderia levar uma vida normal?, perguntou-se.

Atravessou a ponte e entrou na cidade. Queria ficar um tempo sozinha.

Conseguira uma casa em Winchester, uma construção grande com uma loja no térreo, uma sala no andar de cima, um quarto de dormir separado e um depósito grande nos fundos do quintal para o tecido. Quanto mais perto o dia da mudança ficava, porém, menos ela queria ir.

As ruas de Kingsbridge estavam quentes e empoeiradas, o ar cheio das moscas que se reproduziam nos inúmeros monturos de esterco. Todas as lojas estavam fechadas e as casas trancadas. A cidade encontrava-se deserta. Todos os moradores tinham ido para a campina.

Ela foi até a casa de Jack. Era para lá que os outros iriam quando a brincadeira das maçãs terminasse. A porta estava aberta. Ela franziu o cenho, incomodada. Quem a teria deixado assim? Gente de mais tinha aquela chave: ela, Jack, Richard e Martha. Não havia grande coisa para roubar. Aliena não deixava seu dinheiro lá: já fazia anos que Philip permitia que ela o guardasse no tesouro do priorado. Mas a casa devia ter se enchido de moscas.

Ela entrou. O ambiente estava escuro e fresco. Moscas dançavam no ar no meio da sala, varejeiras rastejavam pelos tecidos e duas vespas brigavam nervosas em volta da rolha do pote de mel.

E sentado à mesa estava Alfred.

Aliena soltou um gritinho de medo, em seguida se controlou.

– Como entrou aqui? – perguntou ela.

– Eu tenho a chave.

Guardou essa chave por muito tempo, pensou ela. Olhou para ele com atenção. Seus ombros largos estavam ossudos e o rosto tinha um aspecto emaciado.

– O que está fazendo aqui? – quis saber Aliena.

– Vim falar com você.

Ela percebeu que tremia, não de medo, mas de raiva.

– Não quero falar com você, nem agora nem nunca mais – vociferou. – Você me tratou feito um cachorro e, quando Jack teve pena e o contratou, você traiu a confiança dele e levou todos os artesãos para Shiring.

– Preciso de dinheiro – disse ele, com um tom entre súplica e desafio.

– Então vá trabalhar.

– Ninguém está construindo em Shiring. E não consigo emprego aqui em Kingsbridge.

– Então vá para Londres. Ou para Paris!

Ele insistiu, teimoso feito uma mula:

– Pensei que você fosse me ajudar.

– Não tem nada para você aqui. É melhor ir embora.

– Você não tem piedade? – indagou ele.

O tom de desafio tinha sumido e agora havia apenas súplica em sua voz.

Aliena se apoiou na mesa para parar de tremer.

– Alfred, você não entende que eu o *odeio*?

– Por quê? – perguntou ele.

Tinha um ar magoado, como se aquilo fosse uma surpresa.

Meu Deus, como ele é burro, pensou ela. É a única desculpa que ele pode alegar.

– Se quiser caridade, vá ao mosteiro – falou, cansada. – A capacidade de perdão do prior Philip é sobre-humana. A minha não.

– Mas você é minha *mulher* – disse Alfred.

Aquilo foi a gota d'água.

– Eu não sou sua mulher – retrucou ela. – Você não é meu marido. Não é nem nunca foi. Agora ponha-se daqui para fora.

Para seu espanto, ele a agarrou pelos cabelos.

– É minha mulher, sim.

Puxou-a para si por cima da mesa e, com a mão livre, segurou-lhe o seio e o apertou com força.

Aliena foi pega totalmente de surpresa. Era a última coisa que esperava de um homem que havia dormido no mesmo quarto que ela por nove meses sem jamais conseguir consumir o ato sexual. Em uma reação automática, gritou e tentou se desvencilhar, mas ele a segurou firme pelos cabelos e a puxou de volta.

– Não tem ninguém aqui para ouvir seus gritos – falou. – Estão todos

do outro lado do rio.

De repente, Aliena sentiu um medo terrível. Estavam sozinhos, e Alfred era forte. Depois de todos os quilômetros percorridos em estradas, de todos os anos arriscando a vida em viagens, ela estava sendo atacada em casa pelo homem com quem tinha se casado!

Ele viu o temor nos olhos dela.

– Está com medo, é? – disse ele. – Então é melhor ser boazinha.

Então a beijou na boca. Ela mordeu seu lábio com a maior força de que foi capaz e ele deu um urro de dor.

Ela não viu o soco chegar. Sentiu-o explodir no rosto com tanta força que pensou, em pânico, que devia ter estilhaçado seus ossos. Por alguns segundos, perdeu a visão e o equilíbrio. Afastou-se da mesa, tonta, e caiu no chão. Os juncos amorteceram o impacto quando ela desabou. Sacudiu a cabeça para recobrar os sentidos e estendeu a mão para a faca presa ao braço esquerdo. Antes de conseguir sacá-la, seus dois pulsos foram imobilizados e ouviu Alfred dizer:

– Eu conheço essa pequena adaga. Já vi você tirar a roupa, lembra?

Ele soltou as mãos dela, desferiu outro soco e pegou a faca.

Aliena se contorceu, tentando fugir. Ele sentou em cima das suas pernas e levou a mão esquerda à sua garganta. Ela agitou os braços. De repente, a ponta da adaga chegou a 2 centímetros de seu globo ocular.

– Fique parada ou eu furo seus olhos – disse ele.

Ela gelou. Pensar em ficar cega a deixou apavorada. Já vira homens cegados como castigo por algum crime. Eles vagavam pelas ruas pedindo esmolas, com as assustadoras órbitas vazias a encarar os passantes. Os meninos os importunavam com beliscões e rasteiras até eles se descontrolarem e tentarem em vão agarrar os agressores, o que divertia ainda mais os garotos. Em geral, morriam em um ano ou dois.

– Pensei mesmo que isso fosse acalmá-la – falou Alfred.

Por que ele está fazendo isso?, perguntou-se Aliena. Ele nunca sentira desejo por ela. Seria só porque estava derrotado e zangado, e ela, vulnerável? Será que ela representava o mundo que o havia rejeitado?

Alfred se curvou para a frente e montou nela, sem tirar a faca do seu olho. Mais uma vez, aproximou o rosto do de Aliena.

– Agora seja boazinha.

E tornou a beijá-la.

A barba crescida arranhou a pele de Aliena. O hálito dele recendia a cerveja e cebola. Ela manteve a boca bem fechada.

– Isso não é ser boazinha – disse ele. – Me beije também.

Tornou a beijá-la e levou a ponta da adaga ainda mais para perto do olho. Quando o metal tocou a pálpebra, ela moveu os lábios. O gosto da boca dele lhe deu nojo. Ele enfiou a língua áspera entre seus lábios. Ela sentiu que ia vomitar e tentou desesperadamente se controlar, com medo de ele matá-la.

Ele tornou a se afastar, mas manteve a faca junto ao seu rosto.

– Agora sinta aqui – ordenou. Pegou a mão dela e a puxou até debaixo da túnica. Ela tocou seu sexo. – Segure – disse ele. Ela fez o que ele mandou. – Agora esfregue bem devagar.

Ela obedeceu. Ocorreu-lhe que, se desse prazer a ele daquela forma, talvez conseguisse evitar ser penetrada. Olhou com medo para o rosto de Alfred. Ele tinha o rosto vermelho e os olhos semicerrados. Ela o acariciou até a base do sexo, lembrando que isso levava Jack à loucura.

Teve medo de nunca mais conseguir sentir prazer com aquilo e lágrimas lhe brotaram dos olhos.

Ele deu um tranco perigoso com a faca.

– Não com tanta força! – falou.

Ela se concentrou.

Então a porta se abriu.

A esperança fez o coração de Aliena dar um pulo. Uma nesga de luz bateu na sala e refletiu, ofuscante, em suas lágrimas. Alfred gelou. Ela recolheu a mão.

Olharam na direção da porta. Quem seria? Aliena não conseguiu ver. Rezou: não um dos meus filhos, Deus, por favor, eu sentiria tanta vergonha! Então ouviu um urro de raiva. Era uma voz masculina. Piscou para afastar as lágrimas e reconheceu seu irmão.

Pobre Richard: era quase pior do que se tivesse sido Tommy. Richard, que tinha uma cicatriz no lugar do lóbulo da orelha esquerda para lembrá-lo da cena terrível que havia testemunhado aos 14 anos. E agora testemunhava outra. Como poderia suportar?

Alfred começou a se levantar, mas Richard era rápido demais para ele. Aliena viu, como se fosse um borrão, o irmão atravessar o pequeno cômodo e desferir um chute com o pé calçado com uma bota, acertando

Alfred bem na mandíbula. Alfred foi projetado para trás e caiu em cima da mesa. Richard investiu contra ele, pisando em Aliena sem perceber e golpeando o outro com os pés e as mãos. Ela rastejou depressa para longe. O rosto do irmão era uma máscara de fúria incontrolável. Nem mesmo olhou para Aliena. Ela entendeu que ele não se importava com ela. Estava uma fera, mas não com o que Alfred estava fazendo com a irmã, e sim com o que William e Walter tinham feito com ele, Richard, dezoito anos antes. Na época ele era jovem, fraco e indefeso, mas agora se tornara um homem grande e forte, um soldado experiente, e finalmente havia encontrado um alvo para a raiva insana que guardara dentro de si por tantos anos. Não parou de bater em Alfred, usando as duas mãos. Alfred recuou cambaleando em volta da mesa, tentando debilmente se defender com os braços erguidos. Richard o acertou no queixo com um gancho potente e ele caiu para trás.

Ficou deitado em cima da palha olhando para cima, aterrorizado.

– Chega, Richard! – gritou Aliena, assustada com a violência do irmão, mas ele a ignorou e deu um passo à frente para chutar Alfred.

O construtor então se deu conta de que ainda segurava a adaga de Aliena. Esquivou-se do chute, levantou-se depressa e brandiu a arma. Pego de surpresa, Richard deu um pulo para trás. Alfred tornou a atacá-lo, obrigando-o a recuar pela sala. Os dois tinham a mesma altura e o mesmo porte físico, observou Aliena. Richard era um lutador, mas Alfred estava armado: a disputa agora tinha ficado perturbadoramente equilibrada. Aliena de repente temeu pelo irmão. O que iria acontecer se Alfred conseguisse derrotá-lo? Ela própria teria de enfrentá-lo.

Olhou em volta à procura de uma arma. Seus olhos deram com a pilha de lenha ao lado da pedra do fogão. Ela pegou um pedaço de madeira pesado.

Alfred tornou a partir para cima de Richard. O conde se esquivou e então, quando o braço do outro estava inteiramente esticado, agarrou-o pelo pulso e puxou. Alfred cambaleou para a frente, desequilibrado. Richard desferiu diversos golpes rápidos, usando os dois punhos, massacrando o rosto e o corpo do outro. O rosto de Richard exibia um sorriso cruel, o sorriso de um homem vingativo. Alfred começou a gemer e ergueu os braços para se proteger outra vez.

Richard hesitou, ofegante. Aliena pensou que fosse acabar ali. De

repente, porém, Alfred tornou a desferir a faca, com uma velocidade surpreendente, e dessa vez a ponta da lâmina atingiu de raspão o rosto de Richard, que sentiu o corte e pulou para trás. Alfred avançou com a faca erguida no ar. Aliena percebeu que ele ia matar Richard. Correu na sua direção e brandiu o pedaço de madeira com toda a força. Errou a cabeça, mas acertou o cotovelo direito. Ouviu o estalo quando a madeira bateu no osso. O choque fez a mão de Alfred perder a força e a faca caiu de seus dedos.

O fim aconteceu terrivelmente depressa.

Richard se abaixou, recolheu a adaga de Aliena e, no mesmo movimento, a fez subir por baixo dos braços de Alfred e o apunhalou no peito com uma força descomunal.

A adaga foi enterrada até o cabo.

Aliena ficou olhando, horrorizada. Foi um golpe terrível. Alfred gritou feito um porco sendo abatido. Richard retirou a faca e o sangue esguichou do buraco no peito. Alfred abriu a boca para gritar outra vez, mas nenhum som saiu. Seu rosto ficou branco, depois cinza, seus olhos se fecharam e ele caiu no chão. O sangue encharcou a palha.

Aliena se ajoelhou ao seu lado. As pálpebras dele tremiam. Alfred ainda respirava, mas sua vida estava se esvaindo. Ela ergueu os olhos para Richard, que ofegava em pé ao seu lado.

– Ele está morrendo – disse ela.

Richard aquiesceu. Não estava muito comovido.

– Já vi homens melhores morrerem – falou. – Já matei homens que mereciam menos.

Aliena ficou chocada com sua dureza, mas não disse nada. Acabara de se lembrar da primeira vez que o irmão matara uma pessoa. Fora depois de William tomar o castelo, quando ela e Richard estavam na estrada para Winchester e dois ladrões os atacaram. Aliena esfaqueara um deles, mas obrigara Richard, então com apenas 15 anos, a dar o golpe de misericórdia. Se ele não tem coração, pensou, culpada, quem foi que o deixou assim?

Tornou a olhar para Alfred. Ele abriu os olhos e a encarou. Aliena quase sentiu vergonha por ter tão pouca compaixão por aquele homem moribundo. Enquanto o fitava nos olhos, pensou que ele próprio nunca havia demonstrado compaixão, nem perdão, tampouco generosidade. Cultivara seus ressentimentos e ódios a vida inteira, e tirava prazer de atos

de maldade e vingança. Sua vida *poderia* ter sido diferente, Alfred, pensou ela. Você poderia ter sido bom com sua irmã e perdoado seu meio-irmão por ser mais inteligente que você. Poderia ter se casado por amor, e não por vingança. Poderia ter sido leal ao prior Philip. Poderia ter sido feliz.

Os olhos dele se arregalaram de repente.

– Meu Deus, como *dói* – disse.

Ela desejou que ele se apressasse e morresse logo.

Os olhos dele se fecharam.

– Pronto – falou Richard.

Alfred parou de respirar.

Aliena se levantou.

– Agora sou viúva.



Alfred foi enterrado no cemitério do priorado de Kingsbridge. Foi um desejo de sua irmã, Martha, a única parente de sangue que lhe restava. Ela foi também a única a sentir tristeza. Alfred nunca tinha sido bom com ela, que sempre havia recorrido ao meio-irmão, Jack, em busca de amor e proteção, mas mesmo assim quis que ele fosse enterrado em algum lugar próximo para que pudesse visitar o túmulo. Quando eles baixaram o caixão, apenas Martha chorou.

Jack parecia tomado por um alívio sombrio com o fim de Alfred. Tommy, em pé junto de Aliena, mostrou-se muito interessado em tudo: era seu primeiro enterro de família, e os rituais da morte eram novidade para ele. Sally, pálida e assustada, segurava a mão de Martha.

Richard compareceu. Durante a missa, disse a Aliena ter ido lá pedir perdão a Deus por ter matado o cunhado. Não que sentisse ter feito algo de errado, apressou-se em esclarecer. Queria apenas estar a salvo.

Aliena, com o rosto ainda roxo e inchado por causa do último soco de Alfred, lembrou como ele era quando se conheceram. Alfred tinha chegado a Earls castle com o pai, Tom Builder, Martha, Ellen e Jack. Já era o valentão da família, grande, forte, burro, mas dono de uma astúcia dissimulada e algo cruel. Se Aliena houvesse pensado na época que acabaria casada com ele, teria cogitado se jogar das ameias do castelo.

Não imaginara que fosse tornar a ver aquela família depois de ela ter saído de lá, mas todos acabaram indo morar em Kingsbridge. Ela e Alfred tinham criado a guilda da paróquia, agora uma importante instituição na vida da cidade. Foi nessa época que Alfred a pediu em casamento. Ela jamais imaginara que a motivação dele fosse menos um desejo por ela do que a rivalidade com o irmão de criação. Recusara o pedido, mas depois ele havia descoberto um jeito de manipulá-la e a convencera a desposá-lo prometendo patrocinar seu irmão. Ao recordar tudo isso, ela sentiu que Alfred tinha merecido a frustração e a humilhação de seu casamento. Seus motivos eram cruéis, e sua recompensa tinha sido a falta de amor.

Ela não conseguia conter a própria felicidade. Agora, é claro, já não cogitava ir embora para Winchester: ela e Jack se casariam sem demora. Mantinha um semblante sério durante o enterro e até se forçava a pensamentos graves, mas seu coração explodia de alegria.

Philip, com sua capacidade aparentemente ilimitada de perdoar os que o haviam traído, aceitou enterrar Alfred.

Quando os cinco adultos e as duas crianças estavam em pé junto à cova aberta, Ellen apareceu.

Philip ficou incomodado. Ellen havia amaldiçoado um casamento cristão e não era bem-vinda no priorado, mas ele não podia impedi-la de assistir ao enterro do próprio enteado. De toda forma, o ofício já havia acabado, então ele simplesmente se afastou.

Aliena ficou chateada. Tanto Philip quanto Ellen eram boas pessoas, e era uma pena que os dois não fossem amigos. Mas eram bons de um jeito diferente e nenhum deles tolerava a ética do outro.

Ellen parecia mais velha, com mais rugas no rosto e fios grisalhos nos cabelos, mas seus olhos dourados continuavam bonitos. Vestia uma túnica de couro de costura grosseira e mais nada, nem mesmo sapatos. Tinha os braços e as pernas bronzeados e musculosos. Tommy e Sally correram para beijá-la. Jack seguiu os filhos e lhe deu um abraço apertado.

Ellen ergueu a bochecha para o beijo de Richard.

– Você fez a coisa certa – disse ela. – Não se culpe.

Postou-se na beira da cova e olhou para baixo.

– Eu era madrasta dele. Queria ter sabido como fazê-lo feliz.

Quando deu as costas para o túmulo, Aliena a abraçou.

O grupo foi se afastando devagar.

– Vai ficar um pouco, almoçar conosco? – perguntou Aliena a Ellen.

– Com prazer. – Ela bagunçou os cabelos ruivos de Tommy. – Quero conversar com meus netos. Eles crescem tão rápido... Quando conheci Tom Builder, Jack tinha a idade de Tommy agora. – Eles estavam perto do portão do priorado. – Quando você envelhece, as coisas parecem acontecer mais depressa. Eu acho... – Ela interrompeu a frase no meio e estacou.

– O que foi? – perguntou Aliena.

Ellen encarava o portão do priorado. As duas folhas de madeira estavam abertas. A rua do lado de fora estava vazia, com exceção de umas poucas crianças pequenas, em pé muito juntas, encarando algo que não conseguiam ver de dentro do priorado.

– Richard! – exclamou bruscamente Ellen. – Não saia!

Todos pararam. Aliena então viu o que deixara Ellen alarmada. As crianças pareciam olhar para algo ou alguém à espera bem ao lado do portão, escondido pelo muro.

Richard reagiu depressa.

– É uma armadilha! – gritou, e imediatamente se virou e saiu correndo.

Segundos depois, uma cabeça com capacete olhou por cima do umbral do portão. Pertencia a um homem de armas grandalhão. O homem viu Richard sumir na direção da igreja, deu um grito de alarme e correu para dentro do priorado. Foi seguido por três, quatro, cinco outros.

O grupo que havia comparecido ao enterro se dispersou. Os homens de armas os ignoraram e foram atrás de Richard. Aliena sentiu medo e incompreensão: quem ousaria atacar o conde de Shiring abertamente, ainda mais dentro de um priorado? Prendeu a respiração enquanto os via perseguir Richard pelo adro. Seu irmão pulou por cima do muro baixo que os pedreiros estavam construindo. Os perseguidores também saltaram em seu encalço, sem se importar de estarem em uma igreja. Os artesãos congelaram, com as colheres de pedreiro e os martelos erguidos, e ficaram olhando primeiro Richard e depois os soldados passarem correndo. Um dos aprendizes mais jovens e de raciocínio mais rápido estendeu uma pá para derrubar um dos soldados, que saiu voando, mas ninguém mais interveio. Richard chegou à porta que conduzia ao claustro. O homem mais próximo dele ergueu a espada acima da cabeça. Por um terrível instante, Aliena pensou que a porta estivesse trancada e Richard não fosse conseguir entrar. O homem de armas tentou acertar Richard, mas ele

conseguiu abrir e entrou, e a espada se cravou na madeira da porta fechada.

Aliena respirou outra vez.

Os homens de armas se reuniram ao redor da porta do claustro, então começaram a olhar em volta, sem saber o que fazer. Pareceram perceber subitamente onde estavam. Os artesãos lançaram olhares hostis na direção deles, segurando com força seus martelos e machados. Eram quase cem construtores contra apenas cinco homens de armas.

– Quem são essas pessoas? – indagou Jack, irritado.

Foi respondido por uma voz vinda de trás:

– São homens do representante do rei.

Horrorizada, Aliena se virou. Conhecia aquela voz bem demais. Logo ali no portão, montando um garanhão negro arisco, estava William Hamleigh. Ela sentiu um arrepio ao vê-lo.

– Saia daqui, seu inseto odioso – disse Jack.

O insulto fez William enrubescer, mas ele não se moveu.

– Vim efetuar uma prisão.

– Fique à vontade. Os homens de Richard vão picá-lo em pedacinhos.

– Na cadeia ele não vai ter homem nenhum.

– Quem você acha que é? Um representante do rei não pode prender um conde.

– Por assassinato, pode, sim.

Aliena tomou um susto. Entendeu na hora como era o raciocínio perverso de William.

– Não houve assassinato nenhum! – explodiu ela.

– Houve, sim – retrucou William. – O conde Richard assassinou Alfred Builder. E agora preciso explicar ao prior Philip que ele está abrigando um assassino.

William esporeou o cavalo, passou por eles e cruzou a extremidade oeste da nave inacabada até o pátio da cozinha, onde eram recebidos os laicos. Aliena ficou olhando, incrédula. Era difícil acreditar que alguém pudesse ser tão mau. O pobre Alfred, que eles haviam acabado de enterrar, tinha feito muita coisa errada por sua visão tacanha da vida e sua fraqueza de caráter; sua maldade era antes de tudo trágica. Mas William realmente servia ao diabo. Quando vamos nos livrar desse monstro?, pensou ela.

Os homens de armas foram se juntar a William no pátio, e um deles

bateu na porta da cozinha com o cabo da espada. Os construtores deixaram a obra e se agruparam, observando os intrusos. Com seus pesados martelos e cinzéis afiados, tinham um aspecto ameaçador. Aliena pediu a Martha que levasse as crianças para casa, e ela e Jack foram se juntar aos construtores.

O prior apareceu na porta da cozinha. Era mais baixo do que William, e com seu hábito leve de verão parecia muito pequeno em comparação com aquele homem corpulento a cavalo usando cota de malha. No entanto, a expressão de ira indignada no rosto de Philip o fazia parecer mais desafiador do que William.

– O senhor está abrigando um fugi... – começou o representante do rei. Philip o interrompeu com um rugido:

– Saia já daqui!

William tentou novamente:

– Houve um assassi...

– Saia já do meu priorado! – berrou Philip.

– Eu sou o representante do rei...

– Nem mesmo o rei pode trazer homens violentos para dentro de um mosteiro! Fora daqui! Saiam!

Os construtores começaram a trocar murmúrios zangados. Os soldados olharam apreensivos para eles.

– Até mesmo o prior de Kingsbridge deve obediência ao representante do rei – disse William.

– Não nesses termos! Tire seus homens do priorado. Deixe suas armas no estábulo. Quando estiver pronto para se comportar como um humilde pecador na casa de Deus, poderá entrar aqui, e então o prior responderá a suas perguntas.

Philip deu um passo para trás e bateu a porta.

Os construtores comemoraram.

Aliena se pegou aplaudindo também. Durante toda a sua vida, William tinha sido um símbolo de poder e de medo, e ver Philip desafiá-lo enchia seu coração de alegria.

William, porém, ainda não estava pronto para reconhecer a derrota. Apeou o cavalo. Bem devagar, desafiou o cinto da espada e a entregou a um de seus homens. Disse algumas palavras em voz baixa aos soldados, que tornaram a cruzar o priorado levando sua espada. William os observou

até eles chegarem ao portão, então se virou outra vez e tornou a ficar de frente para a porta da cozinha.

– Abram para o representante do rei! – gritou.

Após alguns instantes, a porta da cozinha se abriu e Philip apareceu outra vez. Olhou para William, agora em pé no pátio, desarmado; em seguida olhou para os homens de armas reunidos em volta do portão, na outra extremidade; por fim, tornou a fitar William.

– O que foi? – indagou.

– O senhor está abrigando um assassino dentro do priorado. Entregue-o a mim.

– Não houve assassinato nenhum em Kingsbridge – respondeu Philip.

– O conde de Shiring assassinou Alfred Builder há quatro dias.

– Errado – retrucou Philip. – Richard matou Alfred, mas não foi assassinato. Alfred foi flagrado em uma tentativa de estupro.

Aliena estremeceu.

– Estupro? – repetiu William. – Quem ele estava tentando estuprar?

– Aliena.

– Mas ela era mulher dele! – exclamou William em tom de triunfo. – Como pode um homem *estuprar* a própria mulher?

Aliena viu para onde a argumentação dele estava indo e sentiu a fúria ferver dentro de si.

– O casamento nunca foi consumado e ela pediu anulação – disse Philip.

– Uma anulação que nunca foi concedida. Eles se casaram na igreja. Pela lei, continuam casados. Não houve estupro. Pelo contrário. – De repente, William se virou e apontou para Aliena. – Ela vem tentando se livrar no marido há anos e finalmente conseguiu convencer o irmão a ajudá-la a tirar Alfred do caminho matando-o com a adaga *dela*!

A mão fria do medo apertou o coração de Aliena. Aquela versão da história era uma mentira ultrajante, mas para alguém que não tivesse visto o que acontecera de verdade condizia com os fatos de um modo tão plausível quanto a realidade. Richard estava em apuros.

– O representante não pode prender o conde – insistiu Philip.

Era verdade, entendeu Aliena. Tinha esquecido isso.

William sacou um pergaminho.

– Eu trouxe uma ordem real. Estou aqui para prendê-lo a mando do rei.

Aliena ficou arrasada. Ele havia pensado em tudo.

– Como ele conseguiu uma coisa dessas? – murmurou.

– Ele agiu bem depressa – respondeu Jack. – Deve ter ido a cavalo até Winchester falar com o rei assim que soube da notícia.

Philip estendeu a mão.

– Mostre-me o documento.

William lhe estendeu o pergaminho. Vários metros os separavam. Houve um impasse e por um momento nenhum dos dois se moveu, então William acabou cedendo e deu alguns passos para entregar o documento ao prior.

Philip o leu e devolveu.

– Isto aqui não lhe dá o direito de atacar um mosteiro.

– Mas me dá o direito de prender Richard.

– Ele pediu asilo.

– Ah. – William não pareceu surpreso. Meneou a cabeça como se confirmasse algo inevitável e deu dois ou três passos para trás. Quando tornou a falar foi em voz alta, para todos em volta poderem ouvir bem: – Pois saiba ele que será preso assim que sair do priorado. Meus oficiais vão ficar de plantão na cidade e em frente ao seu castelo. Lembrem-se... – Ele olhou em volta para as pessoas ali reunidas. – Lembrem-se de que qualquer um que atacar o oficial estará agredindo um funcionário do rei. – Ele se virou de volta para Philip. – Diga a ele que pode ficar dentro do mosteiro quanto quiser, mas que se desejar sair terá de enfrentar a justiça.

Fez-se silêncio. William desceu os degraus bem devagar e atravessou o pátio da cozinha. Para Aliena, aquelas palavras haviam soado como uma sentença de prisão. As pessoas abriram caminho para ele. Ao passar por Aliena, ele lhe lançou um olhar triunfante. Todos o observaram andar até o portão e montar seu cavalo. Ele então deu uma ordem e partiu a trote, deixando dois de seus homens postados junto ao portão olhando para dentro do priorado.

Quando Aliena se virou, viu Philip em pé junto a ela e Jack.

– Vão até minha casa – disse o prior, baixinho. – Precisamos conversar sobre isso.

Ele tornou a entrar na cozinha.

Aliena teve a impressão de que, no seu íntimo, ele estava satisfeito.

O espetáculo acabou. Os construtores voltaram ao trabalho

conversando animadamente. Ellen foi até a casa ficar com os netos. Aliena e Jack atravessaram o cemitério, deram a volta no canteiro de obras e entraram na casa de Philip. O prior ainda não tinha chegado. Eles se sentaram em um banco para esperar. Sentindo como Aliena estava nervosa por causa do irmão, Jack a reconfortou com um abraço.

Aliena olhou em volta e percebeu que, com o passar dos anos, a casa de Philip havia ficado aos poucos mais confortável. Comparado com os aposentos particulares de um conde, digamos, ainda era espartano, mas não tão austero quanto já havia sido. Em frente ao pequeno altar no canto agora havia um pequeno tapete, para poupar os joelhos do prior durante as longas noites de oração, e na parede atrás do altar estava pendurado um crucifixo cravejado de pedras preciosas que devia ter sido um presente bem caro. Não faria mal Philip ser um pouco mais condescendente consigo mesmo conforme envelhecia, pensou Aliena. Talvez assim ele fosse mais condescendente com os outros também.

Alguns instantes depois, Philip entrou, seguido por um Richard agitado.

– William não pode fazer isso, é uma loucura! – começou Richard imediatamente. – Encontrei Alfred tentando estuprar minha irmã. Ele estava com uma faca na mão e quase me matou!

– Acalme-se – pediu Philip. – Vamos falar sobre isso tranquilamente e tentar identificar quais são os perigos, se é que existem. Por que não nos sentamos?

Richard obedeceu, mas continuou falando:

– Perigos? Não existem perigos. Um representante do rei não pode prender um conde por motivo nenhum, nem mesmo assassinato.

– Ele vai tentar – disse Philip. – Deixou homens de guarda em frente ao priorado.

Richard fez um gesto de quem descarta a questão.

– Até vendado eu consigo passar pelos homens dele. Isso não é um problema. Jack pode me esperar fora da cidade com um cavalo.

– E quando chegar a Earls castle? – quis saber Philip.

– Mesma coisa. Posso passar pelos homens de William. Ou mandar meus próprios homens saírem para me encontrar.

– Parece uma solução satisfatória – disse Philip. – E depois?

– Depois nada – respondeu Richard. – O que ele pode fazer?

– Bem, ele ainda tem uma ordem real exigindo que você responda a uma acusação de assassinato. Vai tentar prendê-lo toda vez que você sair do castelo.

– Sairei sempre escoltado.

– E quando estiver em audiência no tribunal, em Shiring e em outros lugares?

– Mesma coisa.

– Mas alguém respeitará suas decisões sabendo que você mesmo é um fugitivo da lei?

– É bom que respeitem – falou Richard, sombrio. – Todos devem se lembrar de como William fazia valer suas decisões quando era conde.

– Talvez não tenham tanto medo de você quanto tinham de William. Podem pensar que você não é tão mau ou sanguinário, e espero que tenham razão.

– Não conte com isso.

Aliena franziu o cenho. Mostrar-se tão pessimista não era do feitio de Philip, a menos que ele tivesse um motivo oculto. Desconfiava de que ele estivesse preparando o terreno para algum plano guardado na manga. Aposto que a pedreira vai entrar nessa história de algum jeito, pensou ela.

– Minha principal preocupação é o rei – continuou Philip. – Se você se recusar a responder à acusação, estará desafiando a coroa. Um ano atrás eu teria dito para ir em frente e desafiá-lo. Mas agora que a guerra acabou não vai ser tão fácil para os condes fazerem o que quiserem.

– Parece que você vai ter de encarar a acusação, Richard – falou Jack.

– Ele não pode fazer isso – disse Aliena. – Não existe a menor esperança de ser tratado com justiça.

– Aliena tem razão – concordou Philip. – O caso seria levado à corte real. Os fatos já são conhecidos: Alfred tentou violar Aliena, Richard apareceu, os dois brigaram e Richard matou Alfred. Tudo depende da interpretação. E se quem apresentar a queixa for William, um fiel defensor do rei Estêvão, e como Richard é um dos maiores aliados do duque Henrique, o veredito provavelmente será culpado. Por que Estêvão assinou aquela ordem? Provavelmente porque resolveu se vingar de Richard por ter lutado contra ele. A morte de Alfred é uma desculpa perfeita.

– Precisamos pedir a intervenção do duque Henrique – sugeriu Aliena.

Foi a vez de Richard duvidar:

– Não gostaria de depender dele. Henrique está na Normandia. Ele talvez escreva uma carta de protesto, mas o que mais poderia fazer? Seria até possível ele atravessar o canal à frente de um exército, mas nesse caso estaria violando o pacto de paz, e não acho que ele correria esse risco por mim.

Aliena estava aflita e com medo.

– Ah, Richard, em que situação você foi parar, e tudo porque me salvou...

Ele abriu seu sorriso mais encantador.

– E salvaria de novo, Allie.

– Eu sei.

Era verdade. Apesar de todos os seus defeitos, Richard era valente. Parecia injusto ele ter de lidar com um problema tão complicado pouco tempo depois de conquistar o condado. Como conde, havia decepcionado Aliena, decepcionado muito, mas nem assim merecia aquilo.

– Bem, que dilema – disse Richard. – Ou eu fico aqui no priorado até o duque Henrique virar rei ou sou enforcado por assassinato. Se vocês não comessem tanto peixe, eu até viraria monge.

– Talvez haja outra saída – falou Philip.

Aliena o encarou, ansiosa. Já desconfiava de que ele estivesse bolando um plano e ficaria agradecida se ele conseguisse resolver aquele beco sem saída.

– Você poderia fazer penitência por ter matado Alfred – continuou o prior.

– Isso envolveria comer peixe? – indagou Richard, irreverente.

– Estou pensando na Terra Santa – disse Philip.

Todos se calaram. A Palestina era governada por um cristão de origem francesa, Balduíno III de Jerusalém, e vivia sendo atacada por países muçulmanos vizinhos, sobretudo o Egito pelo sul e Damasco pelo leste. Ir até lá, numa viagem de seis meses a um ano, e se unir aos exércitos para defender o reino cristão era de fato o tipo de penitência que um homem deveria fazer para expiar a culpa por um assassinato. Aliena foi invadida pela ansiedade: nem todo mundo voltava da Terra Santa, mas já fazia muitos anos que ela se preocupava com o destino de Richard em guerras, e a Terra Santa não devia ser mais perigosa do que a Inglaterra. Era apenas mais uma aflição. Já estava acostumada.

– O rei de Jerusalém sempre precisa de homens – falou Richard. De tantos em tantos anos, enviados do papa percorriam o país contando histórias de batalhas e glórias em defesa da cristandade para tentar inspirar os jovens a irem lutar na Terra Santa. – Mas eu acabei de conquistar o condado – disse ele. – Quem ficaria responsável pelas minhas terras enquanto eu estivesse fora?

– Aliena – respondeu Philip.

Ela ficou sem ar de repente. Philip estava sugerindo que ela substituísse o conde e governasse como seu pai havia feito. A proposta a deixou atordoada por alguns instantes, mas assim que recobrou os sentidos entendeu que era a coisa certa a fazer. Quando um homem ia para a Terra Santa, suas propriedades em geral ficavam sob a responsabilidade da esposa. Não havia motivo para uma irmã não desempenhar o mesmo papel no caso de um conde solteiro. E ela administraria o condado como sempre soube que deveria ser administrado: com justiça, visão e criatividade. Faria todas as coisas em que Richard havia falhado tão miseravelmente. Sentiu o coração disparar enquanto assimilava a proposta. Experimentaria novas ideias, araria as terras com cavalos em vez de bois e plantaria aveia e ervilhas nos campos para colher na primavera. Desmataria novas terras para o plantio, criaria novos mercados e abriria a pedreira para Philip depois de tanto tempo.

Ele havia pensado nisso, claro. De todos os planos criativos que Philip bolara ao longo dos anos, aquele era provavelmente o mais engenhoso. De uma tacada só, ele resolvia três problemas: tirava Richard da enrascada, punha uma governante competente à frente do condado e conseguia enfim sua pedreira.

– Não tenho dúvida de que o rei Balduíno o receberia bem, principalmente se você fosse com seus cavaleiros e homens que quisessem acompanhá-lo. Essa seria sua pequena cruzada particular. – Ele fez uma pausa curta para deixá-los absorver aquelas palavras. – William não poderia atingi-lo na Palestina, claro – retomou. – E você voltaria um herói. Ninguém mais se atreveria a tentar enforcá-lo.

– A Terra Santa – disse Richard, e em seus olhos brilhava a luz de quem estava disposto a ignorar todos os riscos em troca da glória.

Era a coisa certa para ele, pensou Aliena. Seu irmão não prestava para administrar um condado. Era um soldado e queria lutar. Ela viu a

expressão distante em seus olhos. Richard já devia estar se imaginando lá, defendendo uma fortaleza cercada de areia, de espada na mão, com uma cruz vermelha no escudo, combatendo uma horda de infiéis sob o sol escaldante.

Estava feliz.

IV

A cidade inteira foi ao casamento.

Aliena ficou surpresa. A maioria das pessoas os tratava como se já fossem praticamente casados, e ela achava que fossem considerar a cerimônia uma simples formalidade. Esperava um pequeno grupo de amigos, quase todos da mesma idade que ela ou então colegas de Jack, mas todos os homens, as mulheres e as crianças de Kingsbridge compareceram. Aquilo a deixou comovida. E pareciam todos muito felizes por ela. Entendeu que, embora tivessem evitado abordar a questão, eles lamentaram sua difícil situação durante aqueles longos anos e agora compartilhavam sua alegria por enfim desposar o homem que amava havia tanto tempo. Ela percorreu as ruas de braços dados com o irmão, encantada com os sorrisos que a acompanhavam, embriagada de felicidade.

Richard partiria para a Terra Santa no dia seguinte. O rei Estêvão havia aceitado aquela solução. Na verdade, parecera aliviado por se livrar de Richard com tanta facilidade. William ficou uma fera, claro, pois seu objetivo era tirar o título de Richard, e agora não tinha a menor chance de conseguir. Richard, por sua vez, ainda exibia nos olhos a mesma expressão distante: mal podia esperar para partir.

Aquela não era a maneira como seu pai pretendia que as coisas se resolvessem, pensou Aliena ao entrar no priorado: Richard combatendo em uma terra distante e ela no papel que cabia ao conde. No entanto, já não se sentia obrigada a levar a vida segundo os desejos dele. Fazia dezessete anos que ele morrera, e de toda forma Aliena sabia algo que o pai jamais entendera: ela governaria o condado muito melhor do que o irmão.

Já havia assumido as rédeas do poder. Após anos de administração frouxa, os criados do castelo estavam preguiçosos, e ela os havia corrigido. Tinha reorganizado os depósitos, mandado pintar o salão, limpado a padaria e a cervejaria. A cozinha estava tão imunda que ela mandara queimá-la e construir uma nova. Para mostrar que estava no comando, começara ela mesma a distribuir os ordenados semanais e havia dispensado três homens de armas por estarem constantemente embriagados.

Também mandara construir um novo castelo, a uma hora a cavalo de Kingsbridge. Earlscastle ficava longe demais da catedral. Jack havia desenhado um projeto para o novo castelo. Eles se mudariam para lá assim que a torre de menagem ficasse pronta. Enquanto isso, dividiriam seu tempo entre Earlscastle e Kingsbridge.

Já haviam passado várias noites juntos no antigo quarto de Aliena em Earlscastle, bem distantes do olhar desaprovador de Philip. Eram como um casal em lua de mel, engolfado por uma paixão física insaciável, talvez porque, pela primeira vez na vida, tinham um quarto com uma porta que podiam trancar. A privacidade era uma extravagância dos senhores: todos os outros dormiam e faziam sexo lá embaixo, no salão comunitário. Mesmo os casais que moravam em casas corriam sempre o risco de ser vistos pelos filhos, por parentes ou por vizinhos que aparecessem sem avisar. As pessoas trancavam a porta ao sair, não quando estavam em casa. Aquilo nunca tinha incomodado Aliena, mas agora ela havia descoberto a emoção toda especial de poder fazer o que quisesse sem o perigo de ser vista. Pensou em algumas das coisas que ela e Jack tinham feito nas últimas semanas e ficou vermelha.

Ele a esperava dentro da nave ainda inacabada da catedral, junto com Martha, Tommy e Sally. Nos casamentos, os noivos em geral trocavam votos no pórtico da igreja, depois entravam para a missa. Nesse dia, o primeiro tramo da nave faria as vezes de pórtico. Aliena estava feliz por se casar na igreja que Jack estava construindo. O edifício fazia tão parte dele quanto as roupas que ele usava ou seu jeito de fazer amor. A catedral seria como ele: graciosa, criativa, alegre e completamente diferente de tudo já visto até então.

Ela o encarou com um olhar amoroso. Jack estava com 30 anos. Era um homem muito bonito, com sua vasta cabeleira ruiva e seus olhos azuis

cintilantes. Tinha sido um menino muito feio, ela ainda recordava, e o julgara de certa forma indigno de sua atenção. Mas ele dizia ter se apaixonado por ela desde o primeiro instante e ainda se envergonhava ao recordar como todas as crianças tinham zombado dele por ter dito que não tinha pai. Isso fazia quase vinte anos. Vinte anos!

Poderia nunca mais ter visto Jack não fosse o prior Philip, que nesse exato momento entrou na igreja vindo do claustro e pisou na nave com um sorriso estampado no rosto. Parecia genuinamente feliz por finalmente casar os dois. Aliena pensou em seu primeiro encontro com ele. Lembrava-se com clareza do desespero que sentira quando o negociante de lã tentara enganá-la depois de todo o esforço e de todos os desgostos por que passara para juntar aquele saco de velos, e de sua gratidão sem tamanho pelo jovem monge de cabelos pretos que a havia salvado e depois dissera: “Comprarei sua lã sempre que quiser.” Os cabelos dele agora estavam grisalhos.

Ele a havia salvado, depois quase a destruía forçando Jack a escolher entre ela e a catedral. Era um homem rígido em seu conceito de certo e errado, um pouco como o antigo conde, seu pai. Mesmo assim, quis celebrar o matrimônio.

Ellen amaldiçoara o primeiro casamento de Aliena, e a maldição havia funcionado. Ainda bem, pensou Aliena. Se seu casamento com Alfred não tivesse sido totalmente insuportável, talvez ainda estivesse morando com ele. Era estranho imaginar o que teria acontecido. Sentia calafrios, como quando se tem pesadelos ou devaneios terríveis. Recordou a bela e sensual moça árabe de Toledo que havia se apaixonado por Jack: e se ele tivesse se casado com ela? Aliena teria chegado a Toledo com seu bebê no colo e o encontrado imerso na vida conjugal, compartilhando o corpo e a mente com outra pessoa. Imaginar isso lhe causava pavor.

Escutou-o murmurar o pai-nosso. Parecia-lhe incrível agora pensar que, ao chegar a Kingsbridge, havia prestado tão pouca atenção nele quanto no gato do vendedor de grãos. Jack, no entanto, tinha reparado nela. Passara todos aqueles anos amando-a em segredo. Quanta paciência! Ele havia assistido aos filhos mais novos dos nobres das redondezas virem cortejá-la, um a um, e ir embora decepcionados, ofendidos ou obstinados. Como era muito, muito esperto, percebera que uma corte não bastaria para conquistá-la, e se aproximou de maneira dissimulada, mais

como amigo do que como pretendente, encontrando-se com ela na floresta, contando-lhe histórias e fazendo-a se apaixonar por ele sem perceber. Aliena se lembrava daquele primeiro beijo, tão leve e casual, mas que deixara seus lábios ardendo por muitas semanas. Lembrava-se ainda melhor do segundo. Sempre que ouvia o ronco do moinho da fula, recordava a escura, desconhecida e imprevisível onda de desejo em que havia submergido.

Um dos maiores arrependimentos de sua vida era o modo como havia ficado fria depois disso. Jack a amava total e sinceramente, mas ela ficara tão assustada que se afastara e fingira não sentir nada por ele. Aquilo o havia magoado muito e, embora ele não tivesse deixado de amá-la e a ferida houvesse sarado, restara uma cicatriz, como acontece com as feridas profundas, e ela às vezes via essa cicatriz no modo como ele a olhava quando os dois brigavam e ela lhe falava com frieza e os olhos dele pareciam dizer: sim, eu a conheço, você sabe ser fria, sabe me magoar, preciso ficar atento.

Haveria uma expressão de cautela nos olhos dele agora, ao lhe jurar amor e fidelidade eternos? Ele tem motivo suficiente para duvidar de mim, pensou. Eu me casei com Alfred, e que traição maior poderia existir? Mas depois me redimi percorrendo metade da cristandade à sua procura.

Decepções, traições e reconciliações como essas faziam parte da vida de casado, mas ela e Jack já as haviam experimentado antes da cerimônia. Agora, pelo menos, Aliena tinha certeza de que o conhecia. Dificilmente algo poderia surpreendê-la. Era um jeito engraçado de fazer as coisas, mas talvez fosse melhor do que primeiro pronunciar votos e só depois conhecer o cônjuge. Os padres não concordariam, claro. Na verdade, Philip teria um ataque se soubesse o que estava passando pela cabeça dela, mas os padres, afinal, eram as pessoas que menos sabiam do amor.

Ela pronunciou os votos, repetindo as palavras ditas por Philip e pensando em como era linda a promessa *Com meu corpo eu a ti venero*. Philip jamais poderia entender isso.

Jack pôs uma aliança em seu dedo. Passei a vida inteira esperando isso, pensou ela. Os dois se encararam. Algo nele havia mudado, ela percebeu. Deu-se conta de que, até aquele instante, ele nunca tivera plena certeza de que ela fosse sua. Agora exibia um ar de profundo contentamento.

— Eu amo você — disse ele. — Vou amar para sempre.

Era esse o seu juramento. O resto era religião, mas ele agora tinha feito sua própria promessa, e Aliena entendeu que tampouco ela tivera certeza de que ele fosse seu até ali. Dali a pouco, eles avançariam até o coro para assistir à missa, depois receberiam os cumprimentos e os votos de felicidades dos moradores da cidade, que então levariam para casa e a quem ofereceriam comida, cerveja e diversão. Mas aquele pequeno instante era só deles. O olhar de Jack dizia: *Eu e você, juntos, para sempre*, e Aliena pensou: *Até que enfim*.

Foi uma sensação de grande paz.



PARTE VI
1170-1174

capítulo 17

I

Kingsbridge continuava a crescer. Havia muito já ultrapassara os limites do muro original, que agora abarcava menos de metade das casas. Uns cinco anos antes, a guilda construía uma muralha nova, que incluía os bairros fora da cidade antiga, mas agora já existiam novos bairros fora do muro novo. A campina do outro lado do rio, onde os moradores tinham a tradição de comemorar a primeira colheita e o solstício de verão, era agora um pequeno povoado chamado Newport.

Em um frio domingo de Páscoa, o representante do rei, William Hamleigh, passou por Newport e atravessou a ponte de pedra que conduzia à parte agora conhecida como cidade velha de Kingsbridge. Era o dia em que a nova catedral seria consagrada. Ele cruzou o imenso portão da cidade e subiu a rua principal, que fora calçada recentemente. De ambos os lados, as casas eram de pedra, com oficinas no térreo e moradias no primeiro andar. Kingsbridge era agora maior, mais movimentada e mais rica do que Shiring já tinha sido, pensou ele com amargura.

Chegando ao fim da rua, dobrou para dentro do priorado, e lá, diante de seus olhos, estava o motivo da ascensão de Kingsbridge e do declínio de Shiring: a catedral.

Era de tirar o fôlego.

A nave de altura descomunal era sustentada por uma fileira de graciosos arcobotantes. A extremidade oeste tinha três pórticos imensos, que mais pareciam portas de um gigante, e sobre eles havia filas de janelas ogivais altas e estreitas, ladeadas por finas torres. O conceito já estava presente nos transeptos, concluídos dezoito anos antes, mas aquela era a espantosa consumação da ideia. Jamais houvera um edifício como aquele em qualquer outro lugar da Inglaterra.

O mercado seguia acontecendo, todo domingo, e o gramado em frente à entrada da igreja estava lotado de barracas. William apeou e deixou os cavalos aos cuidados de Walter. Atravessou mancando o gramado até a igreja: aos 54 anos, era um homem pesado e padecia com dores constantes nas pernas e nos pés devido à gota. Por causa da dor, passava praticamente o tempo todo irritado.

Por dentro, a igreja era ainda mais impressionante. A nave seguia o mesmo estilo dos transeptos, mas o mestre construtor tinha refinado seu projeto e tornado as colunas ainda mais finas e as janelas ainda mais amplas. Havia ainda outra inovação. William ouvira falar no vidro colorido fabricado por artesãos que Jack Jackson encomendara de Paris. Tinha se perguntado o motivo de tamanha comoção, pois imaginava que uma janela colorida fosse igual a uma tapeçaria ou a um quadro. Foi nessa hora que entendeu do que as pessoas estavam falando. Quando atravessava o vidro colorido, a luz o fazia brilhar, criando um efeito mágico. A igreja estava cheia de gente com o pescoço esticado para olhar as janelas. Os desenhos representavam histórias da Bíblia, do Paraíso e do Inferno, santos, profetas e discípulos, e alguns dos moradores de Kingsbridge que decerto haviam pagado pelas janelas nas quais apareciam: um padeiro carregando sua bandeja de pães, um curtidor e seus couros, um pedreiro com seus compassos e seu prumo. Aposto que Philip conseguiu lucrar bastante com essas janelas, pensou William, cáustico.

A igreja estava lotada para a missa pascal. O mercado, como sempre, tinha invadido o interior da igreja e, ao subir a nave, William recebeu ofertas de cerveja gelada, biscoito de gengibre quentinho e sexo no muro por 3 *pence*. O clero vivia tentando expulsar os ambulantes das igrejas, mas era uma tarefa impossível. William trocou cumprimentos com os cidadãos mais importantes do condado. Apesar das distrações sociais e comerciais, constatou que seus olhos e seu pensamento não paravam de ser atraídos para cima, pelas altas linhas da arcada. Os arcos e as janelas, as colunas com seus feixes de fustes, as nervuras e os segmentos do teto abobadado, tudo parecia apontar para o céu, como um lembrete onipresente da finalidade daquele edifício.

O piso era calçado com pedra e as colunas pintadas, e todas as janelas tinham vitrais: Kingsbridge e seu priorado eram ricos, e a catedral alardeava essa prosperidade. As pequenas capelas dos transeptos tinham

castiçais de ouro e crucifixos cravejados de pedras preciosas. Os cidadãos também exibiam sua riqueza com túnicas de cores vivas, broches e fivelas de prata e anéis de ouro.

Os olhos de William encontraram Aliena.

Como sempre, sentiu o coração parar. Embora devesse agora passar dos 50 anos, ela estava linda como sempre. Ainda tinha fartos cabelos encaracolados, agora mais curtos e de um tom de castanho mais claro, como se houvessem desbotado um pouco. Rugas atraentes apareciam nos cantos dos olhos. Estava um pouco mais gorda do que antes, mas não menos desejável. Usava uma capa azul com forro de seda vermelha e sapatos de couro também vermelhos. Uma multidão respeitosa a rodeava. Embora ela não fosse sequer condessa, apenas irmã de um conde, seu irmão tinha fixado residência na Terra Santa e todos a tratavam como o conde de fato. Tinha o porte de uma rainha.

Vê-la fez o ódio brotar feito bile no ventre de William. Ele causara a ruína do pai dela, a tinha violentado, tomado seu castelo, queimado sua lã e exilado seu irmão, mas toda vez que pensava tê-la aniquilado ela tornava a se erguer, superando a derrota rumo a novos píncaros de poder e riqueza. Agora envelhecido, gordo e atormentado pela gota, William se deu conta de que passara a vida inteira sob o domínio de um terrível feitiço.

Ao lado dela estava um ruivo alto que ele de início tomou por Jack. Ao olhar mais de perto, contudo, percebeu que o homem era jovem demais e entendeu que devia ser o filho. O rapaz se vestia como cavaleiro e portava uma espada. Ao lado dele estava o próprio Jack, 3 a 5 centímetros mais baixo, com os cabelos ruivos já recuando nas têmporas. Era mais jovem do que Aliena, claro, uns cinco anos, se a memória de William não falhava, mas também já apresentava rugas em volta dos olhos. Conversava animado com uma jovem que com certeza era sua filha. Parecida com Aliena e igualmente bonita, a moça tinha os fartos cabelos trançados, puxados com firmeza para trás, e usava roupas pouco chamativas. Se havia um corpo voluptuoso por baixo daquela túnica cor de terra, ela não queria que ninguém soubesse.

Ele sentiu o estômago arder de ressentimento ao contemplar a família próspera, digna e feliz de Aliena. Tudo o que era deles devia ter sido seu. Mas ele ainda não tinha desistido de se vingar.

Centenas de monges começaram a cantar, abafando as conversas e os

gritos dos vendedores, e o prior Philip entrou na igreja à frente de uma procissão. Nunca houvera tantos monges assim, pensou William. O priorado havia crescido junto com a cidade. Philip, agora com mais de 60 anos, estava quase totalmente calvo e um tanto corpulento, o que deixara seu rosto antes fino bastante redondo. Como esperado, parecia satisfeito consigo mesmo: a consagração de sua catedral era o objetivo que ele havia estabelecido para si ao chegar a Kingsbridge havia 44 anos.

Um burburinho se fez ouvir quando o bispo Waleran entrou trajando suas vestes mais luxuosas. Seu rosto pálido e anguloso estava imobilizado numa expressão rígida e inescrutável, mas William sabia que por dentro ele fervia de raiva. Aquela igreja era o símbolo triunfal da vitória de Philip sobre Waleran. William também odiava o prior, mas mesmo assim lhe agradava ver o orgulhoso bispo posto no seu devido lugar, para variar um pouco.

Era raro ver Waleran ali em Kingsbridge. Uma igreja nova fora enfim construída em Shiring, com uma capela dedicada à memória da mãe de William, e, embora não fosse nem de longe tão grande e impressionante quanto aquela catedral, Waleran havia feito dela seu quartel-general.

No entanto, apesar de todos os seus esforços, Kingsbridge continuava a ser a igreja catedral. Em uma guerra que já durava três décadas, Waleran tinha feito tudo o que podia para destruir Philip, mas este no final saíra vencedor. A relação dos dois era parecida com a relação de William e Aliena. Em ambos os casos, a fraqueza e os valores derrotaram a força e a impiedade. William tinha a sensação de que jamais iria entender isso.

O bispo fora obrigado a comparecer à cerimônia de consagração, pois teria causado estranhamento se não fosse acolher todos os convidados importantes. Vários bispos de dioceses vizinhas estavam presentes, bem como alguns abades e priores de prestígio.

O arcebispo de Canterbury, Tomás Becket, não viria. Estava no meio de uma disputa com seu velho amigo, o rei Henrique, um embate tão amargo e feroz que o arcebispo se vira forçado a fugir do país e se refugiar na França. O conflito se devia a toda uma série de questões jurídicas, mas o cerne da questão era simples: o rei podia fazer o que bem entendesse ou precisava obedecer a restrições? Era a mesma disputa que o próprio William já travara com o prior Philip. Na sua opinião, o conde podia fazer qualquer coisa; era isso que significava ser conde. Henrique pensava o

mesmo sobre a realeza. Tanto Philip quanto Tomás Becket defendiam a imposição de limites ao poder dos governantes.

O bispo Waleran era um membro do clero que tomava partido dos governantes. Para ele, poder existia para ser usado. As derrotas ao longo dessas três décadas não haviam abalado sua crença de que ele era o instrumento da vontade divina, e tampouco a determinação implacável de cumprir seu dever sagrado. William tinha certeza de que, no exato momento em que celebrava o ofício de consagração da catedral de Kingsbridge, o bispo devia estar pensando em um jeito de estragar o momento de glória de Philip.

Durante a missa, William andou pela igreja. Ficar parado era pior para suas pernas do que caminhar. Em Shiring, quando ia à igreja, Walter levava uma cadeira, assim ele podia cochilar um pouco. Ali, porém, havia pessoas com quem socializar, e boa parte da congregação aproveitava aquele tempo para fazer negócios. Ele prosseguiu, bajulando os poderosos, intimidando os fracos e reunindo informações sobre os mais variados assuntos. Não instilava mais terror nos corações das pessoas como nos bons e velhos tempos, mas na condição de representante do rei no condado ainda inspirava medo e deferência.

A missa não acabava nunca. Houve um longo intervalo durante o qual os monges deram a volta por fora da igreja aspergindo as paredes com água benta. Já perto do fim, Philip anunciou a nomeação de um novo subprior: o escolhido foi o irmão Jonathan, o órfão do priorado. Agora com 30 e poucos anos e de uma altura incomum, Jonathan fazia William pensar no velho Tom Builder, que também tinha sido uma espécie de gigante.

Quando a missa enfim terminou, os convidados mais importantes ainda se demoraram no transepto sul, enquanto os pequenos nobres do condado se juntavam em volta para falar com eles. William foi mancando até lá. Antigamente tratava os bispos como seus iguais, mas agora tinha de fazer medidas e salamaleques junto com os cavaleiros e pequenos proprietários de terras. Waleran o chamou de lado.

– Quem é esse novo subprior? – perguntou.

– O órfão do priorado – respondeu William. – Ele sempre foi um dos protegidos de Philip.

– Parece jovem para o cargo.

– É mais velho do que Philip quando ele se tornou prior.

Waleran refletiu.

– O órfão do priorado. Relembre-me os detalhes.

– Philip trouxe um bebê quando chegou aqui.

O rosto de Waleran se iluminou quando ele se lembrou.

– Pela santa cruz, claro! Tinha me esquecido do bebê de Philip. Como pude deixar uma coisa assim me fugir à memória?

– Foi há trinta anos. Que importância tem isso?

Waleran lançou o olhar desdenhoso que William tanto detestava, o olhar que dizia: *Seu idiota, será que não consegue entender uma coisa tão simples?* Ele sentiu uma fígada no pé e passou o peso do corpo para a outra perna numa vã tentativa de alívio.

– Bem, de onde veio o bebê? – retomou Waleran.

William engoliu a mágoa.

– Foi abandonado perto do antigo convento de Philip na floresta, se bem me lembro.

– Só vai melhorando – disse Waleran, animado.

William continuava sem entender aonde ele estava querendo chegar.

– E daí? – indagou, emburrado.

– Você diria que Philip criou o menino como se fosse seu filho?

– Sim.

– E agora o nomeou subprior.

– Ele deve ter sido eleito pelos monges. Acho que é bem querido.

– Qualquer um que vira subprior aos 35 anos deve estar na fila para um dia assumir o cargo de prior.

Como não quis repetir *E daí* outra vez, William apenas aguardou a explicação de Waleran, sentindo-se um aluno estúpido.

– É óbvio que Jonathan é filho de Philip – disse por fim o bispo.

William deu uma gargalhada. Estava esperando um raciocínio complexo e Waleran fizera uma afirmação totalmente absurda. Para sua satisfação, a zombaria provocou um leve rubor no rosto pálido do bispo.

– Ninguém que conheça Philip jamais acreditaria numa coisa dessas – disse William. – Ele já nasceu velho e imprestável. Que ideia!

Ele tornou a rir. Waleran podia até se achar muito esperto, mas dessa vez tinha perdido a noção da realidade.

O bispo continuou, com uma arrogância hostil:

– Pois eu digo que Philip tinha uma amante quando administrava aquele pequeno priorado na floresta. Ele então virou prior de Kingsbridge e foi obrigado a abandonar a mulher. Ela não queria que o bebê ficasse sem pai, de modo que deixou a criança com ele. Philip, que é um homem sensível, sentiu-se na obrigação de cuidar dele e, portanto, o fez passar por uma criança abandonada.

William balançou a cabeça.

– Inacreditável. Qualquer outro, sim. Mas Philip não.

– Se o bebê foi abandonado, como ele pode provar sua origem? – insistiu Waleran.

– Não pode – reconheceu William. Olhou para o transepto sul, onde Philip e Jonathan conversavam com o bispo de Hereford. – Mas eles nem se parecem.

– Você não se parece com sua mãe – rebateu Waleran. – Graças a Deus.

– De que adianta tudo isso? O que você vai fazer a respeito?

– Acusá-lo diante de um tribunal eclesiástico – respondeu Waleran.

Aquilo, sim, era alguma coisa. Ninguém que conhecesse Philip acreditaria por um segundo sequer na acusação de Waleran, mas um juiz sem familiaridade com Kingsbridge talvez a considerasse mais plausível. Com relutância, William entendeu que a ideia do bispo não era tão estúpida assim. Como de hábito, ele era mais esperto do que William. Waleran, claro, exibia uma irritante expressão de superioridade, mas o representante do rei se entusiasmou com a perspectiva de derrubar Philip.

– Por Deus – falou, ansioso –, você acha isso possível?

– Depende de quem for o juiz. Mas talvez eu consiga arranjar algo nesse sentido. Fico pensando...

William tornou a olhar para o prior, triunfante e sorridente, ladeado pelo monge alto que era seu protegido. Os imensos vitrais das janelas lançavam sobre os dois uma luz encantada, fazendo-os parecer personagens de um sonho.

– Fornicação e nepotismo – disse ele, satisfeito. – Meu Deus.

– Se conseguirmos fazer vingar essa acusação, será o fim desse maldito prior – arrematou Waleran com deleite.



Nenhum juiz sensato consideraria Philip culpado.

A verdade era que ele nem mesmo tivera de se esforçar muito para resistir à tentação de fornicar. Sabia, por ter escutado suas confissões, que alguns monges travavam uma luta desesperada contra o desejo da carne, mas ele não era assim. Houvera um tempo, por volta dos 18 anos, em que fora acometido por sonhos impuros, mas essa fase não tinha durado muito. Na maior parte da sua vida, foi fácil manter a castidade. Ele nunca havia consumado o ato sexual e agora provavelmente estava velho demais para isso.

A Igreja, porém, estava levando muito a sério a acusação. Philip seria julgado por um tribunal eclesiástico. Um arcediogo de Canterbury estaria presente. Waleran queria que o julgamento acontecesse em Shiring, mas o prior se opusera, com sucesso, e ele iria ocorrer em Kingsbdirge, que era, afinal, a cidade onde ficava a catedral. Philip agora tirava seus pertences da casa do prior de modo a abrir espaço para o arcediogo, que ficaria hospedado lá.

Sabia que era inocente de fornicação, e a consequência lógica disso era que não podia ser culpado de nepotismo, pois um homem não tem como favorecer filhos que nunca teve. Mesmo assim, examinou seu coração para ver se havia cometido um erro ao promover Jonathan. Assim como os pensamentos impuros eram uma espécie de sombra de um pecado mais grave, talvez favorecer um órfão querido fosse a sombra do nepotismo. Os monges supostamente deviam abrir mão das alegrias da vida familiar, mas Jonathan tinha sido para ele como um filho. Philip o nomeara despenseiro muito jovem e agora o promovera a subprior. Será que fiz isso em nome do meu próprio orgulho e prazer?, perguntou a si mesmo.

Bem, fiz, sim, concluiu.

Ensinar Jonathan tinha sido para ele uma enorme satisfação, bem como observá-lo crescer e aprender a cuidar das questões do priorado. No entanto, mesmo que essas coisas não houvessem lhe proporcionado um prazer tão intenso, ainda assim Jonathan teria sido o jovem mais apto a administrar o priorado. Era inteligente, devoto, criativo e cuidadoso. Criado no mosteiro, não conhecia outra vida e nunca ansiara por ser livre. O próprio Philip tinha sido criado em uma abadia. Nós, órfãos de mosteiros, somos os melhores monges, pensou.

Enfiou um livro numa bolsa: a sabedoria do Evangelho segundo São

Lucas. Tratara Jonathan como um filho, mas não tinha cometido nenhum pecado digno de julgamento em um tribunal eclesiástico. A acusação era absurda.

Infelizmente, a acusação por si só já causaria danos. Ela solapava sua autoridade moral. Algumas pessoas se lembrariam disso e esqueceriam o veredito. Da próxima vez que Philip se levantasse e dissesse: “O mandamento proíbe um homem de cobiçar a mulher do próximo”, alguém na congregação poderia pensar: *Mas o senhor se divertiu quando era jovem.*

Jonathan irrompeu pela porta, ofegante. Philip franziu o cenho. O subprior não devia entrar esbaforido nos lugares. Philip estava a ponto de iniciar uma preleção sobre a dignidade dos monges graduados quando Jonathan exclamou:

– O arcediogo Peter já chegou!

– Certo, certo – disse Philip, tentando acalmá-lo. – Estou quase acabando mesmo. – Ele entregou a bolsa ao rapaz. – Leve isto para o dormitório, e não corra por aí: um mosteiro é um lugar de paz e tranquilidade.

Jonathan pegou a bolsa e aceitou a reprimenda.

– Não gostei da cara do arcediogo – comentou.

– Tenho certeza de que ele será um juiz justo, e isso é tudo o que nós queremos – falou Philip.

A porta tornou a se abrir e o arcediogo entrou. Era um homem alto e esguio mais ou menos da idade de Philip, com cabelos grisalhos ralos e uma expressão de superioridade. Pareceu vagamente conhecido.

Philip estendeu a mão.

– Sou o prior Philip – apresentou-se.

– Eu conheço o senhor – disse o arcediogo, sarcástico. – Não está lembrado de mim?

Philip reconheceu a voz rascante. Sentiu um peso no coração. Aquele era seu mais antigo inimigo.

– Arcediogo Peter – falou, sombrio. – Peter de Wareham.



– Ele era um encenqueiro – explicou Philip a Jonathan minutos depois, quando deixaram o arcediogo a sós para se acomodar na casa do prior. – Ficava reclamando que não trabalhávamos o suficiente, ou que comíamos bem demais, ou então que os ofícios eram muito curtos. Dizia que eu era indulgente. Tenho certeza de que ele próprio queria ser o prior. Teria sido um desastre, claro. Eu o nomeei esmolador para que passasse metade do tempo fora. Fiz isso apenas para me livrar dele. Era o melhor para o priorado e o melhor para ele também, mas sei que mesmo 35 anos depois ele ainda me odeia por isso. – Ele deu um suspiro. – Quando você e eu fomos visitar St.-John-in-the-Forest depois da grande fome, ouvi dizer que Peter tinha ido para Canterbury. E agora é ele quem vai me julgar.

Chegaram ao claustro. O tempo estava ameno e o sol brilhava suavemente. Cinquenta meninos, divididos em três classes diferentes, aprendiam a ler e a escrever na galeria norte, e o burburinho abafado de suas lições ecoava pelo pátio quadrado. Philip se lembrou de quando a escola se resumia a cinco alunos e um mestre-escola já senil. Pensou em tudo o que realizara ali: a construção da catedral, a transformação de um priorado pobre e dilapidado em uma instituição rica, atuante e influente, o crescimento de Kingsbridge. Na igreja, mais de cem irmãos cantavam a missa. De onde ele estava sentado, podia ver os esplendorosos vitrais do clerestório. Às suas costas, depois da galeria leste do claustro, ficava uma biblioteca de pedra que abrigava centenas de livros sobre teologia, astronomia, ética, matemática e todos os outros ramos do conhecimento. Do lado de fora, as terras do priorado, administradas por irmãos graduados esclarecidos e interessados, alimentavam não apenas os monges, mas centenas de camponeses. Será que aquilo tudo seria tirado dele por causa de uma mentira? Aquele priorado próspero e devoto seria entregue a outra pessoa, um assecla do bispo Waleran como o subserviente arcediogo Baldwin ou um tolo cheio de si como Peter de Wareham, para ser reconduzido à penúria e à depravação com a mesma rapidez com que Philip o resgatara? Será que os vastos rebanhos de ovelhas se reduziriam a um punhado de animais ossudos, as propriedades voltariam à antiga ineficiência, invadidas pelas ervas daninhas, a biblioteca ficaria deserta e empoeirada e a linda catedral sucumbiria à umidade e ao abandono? Deus me ajudou a conquistar tanta coisa, pensou, não posso acreditar que seja sua intenção permitir que tudo tenha sido em vão.

– Seja como for, o arcediago Peter não tem como considerá-lo culpado – afirmou Jonathan.

– Acho que é isso que ele vai fazer – disse Philip, desanimado.

– Em sã consciência, como?

– Acho que ele passou a vida inteira cultivando uma raiva contra mim e esta é a oportunidade de provar que, desde o começo, eu era o pecador e ele o justo. Waleran deu um jeito de descobrir essa raiva e garantiu que Peter fosse nomeado para julgar o caso.

– Mas não há provas!

– Ele não precisa de provas. Vai ouvir a acusação e a defesa, rezar pedindo orientação e então anunciar seu veredito.

– Deus pode guiá-lo para o caminho certo.

– Peter não ouve Deus. Ele nunca soube escutar.

– E o que vai acontecer?

– Serei deposto – respondeu Philip, melancólico. – Talvez me deixem continuar aqui como um monge comum, para me penitenciar pelo meu pecado, mas é improvável. Devem me expulsar da ordem para impedir minha influência.

– E o que aconteceria então?

– Haveria uma eleição, claro. Infelizmente, a política real agora pode influenciar o resultado. O rei Henrique está no meio de uma disputa com Tomás Becket, arcebispo de Canterbury, que se exilou na França. Metade dos seus arcediagos está lá com ele. A outra metade, os que ficaram aqui, tomou partido do rei contra o arcebispo. Peter evidentemente faz parte desse grupo. O bispo Waleran também ficou do lado do rei. Ele vai recomendar o prior de sua preferência, apoiado pelos arcediagos de Canterbury e pelo rei. Será difícil para os irmãos daqui contestarem a decisão dele.

– E quem você acha que ele vai escolher?

– Waleran já pensou em alguém, pode ter certeza. Talvez o arcediago Baldwin ou mesmo Peter de Wareham.

– *Precisamos* fazer alguma coisa para impedir isso! – exclamou Jonathan.

Philip assentiu.

– Mas tudo está contra nós. Não há nada que possamos fazer para mudar a situação política. A única possibilidade...

– O quê? – indagou Jonathan, impaciente.

O caso parecia tão perdido que Philip sentiu que de nada adiantava acalentar ideias desesperadas: isso apenas aticaria o otimismo de Jonathan para decepcioná-lo em seguida.

– Nada – respondeu.

– O que o senhor ia dizer?

Philip ainda refletia a respeito.

– Se houvesse um jeito de provar minha inocência sem qualquer margem para dúvida, seria impossível Peter me considerar culpado.

– Mas o que poderia servir de prova?

– É esse o problema. Não se pode provar uma negativa. Teríamos de encontrar seu pai de verdade.

Jonathan se animou na mesma hora.

– Sim! É isso! É isso que vamos fazer!

– Calma – falou Philip. – Eu tentei na época. Não vai ser mais fácil agora, depois de tantos anos.

Jonathan não se deixou abater.

– Não havia nenhum indício de onde eu poderia ter vindo?

– Nada, infelizmente.

Philip agora temia ter despertado em Jonathan esperanças que não poderiam se realizar. Embora não se lembrasse dos pais, o fato de ter sido abandonado sempre o atormentava. Agora ele pensava que talvez pudesse solucionar o mistério e encontrar alguma explicação que provasse que eles o haviam amado de verdade. Philip tinha certeza de que aquilo poderia ser muito frustrante.

– O senhor interrogou as pessoas que moravam por perto? – perguntou Jonathan.

– Ninguém morava por perto. O convento fica no meio da floresta. Seus pais provavelmente vinham de muito longe, talvez de Winchester. Já examinei todas essas possibilidades.

Jonathan insistiu:

– Não viu nenhum viajante na floresta por volta daquele dia?

– Não. – Philip franziu o cenho. Seria mesmo verdade? Um pensamento desgarrado lhe veio à mente. No dia em que o bebê fora encontrado, ele saíra do priorado para ir ao palácio do bispo e no caminho encontrara algumas pessoas. De repente, a lembrança lhe voltou. – Ora,

sim, na verdade Tom Builder e a família dele passavam pela área.

Jonathan ficou pasmo.

– O senhor nunca me contou isso!

– Nunca me pareceu importante. E até hoje não parece. Eu os encontrei um ou dois dias depois. Interroguei-os e eles disseram não ter visto ninguém que pudesse ser mãe ou pai de um bebê abandonado.

Jonathan ficou arrasado. Philip temia que toda aquela linha de raciocínio acabasse se relevando duplamente decepcionante para o rapaz: ele não descobriria nada sobre os pais e tampouco conseguiria provar a inocência de Philip. Agora, porém, não havia como detê-lo.

– Mas o que eles faziam na floresta? – insistiu ele.

– Tom estava indo para o palácio do bispo. Procurava trabalho. Foi assim que eles acabaram vindo parar aqui.

– Quero interrogá-los de novo.

– Bem, Tom e Alfred já morreram. Ellen vive na floresta e só Deus sabe quando vai reaparecer. Mas você poderia conversar com Jack ou Martha.

– Vale a pena tentar.

Talvez Jonathan esteja certo, pensou. O rapaz tinha a energia da juventude. Philip havia se mostrado pessimista e desencorajador.

– Vá em frente – disse para Jonathan. – Estou ficando velho e cansado, caso contrário teria eu mesmo pensado nisso. Converse com Jack. É só um fiapo de esperança, mas é o melhor que temos.



O projeto da janela tinha sido traçado em tamanho real e pintado sobre uma imensa mesa de madeira lavada com cerveja para impedir que as cores borrassem. O desenho mostrava a Árvore de Jessé, uma representação pictórica da genealogia de Cristo. Sally pegou um pedacinho de vidro grosso cor de rubi e o posicionou sobre o corpo de um dos reis de Israel, Jack não sabia ao certo qual, já que nunca fora capaz de recordar o complexo simbolismo das imagens teológicas. Sally então mergulhou um pincel fino em um recipiente cheio de água com pó de giz e desenhou no vidro o formato do corpo do rei: ombros, braços e a barra da roupa.

Na fogueira acesa no chão junto à mesa havia uma haste de ferro com cabo de madeira. Ela retirou a haste do fogo e com gestos rápidos porém cuidadosos traçou com a ponta em brasa da haste o contorno que havia desenhado. O vidro rachou exatamente na linha traçada. Seu aprendiz recolheu o pedaço de vidro e começou a alisar as bordas com uma lima de ferro.

Jack adorava ver a filha trabalhar. Era rápida, precisa e econômica em seus movimentos. Quando pequena, ficara fascinada pelo trabalho dos vitralistas que ele mandara vir de Paris, e sempre dizia que era aquilo que desejava fazer quando crescesse. Havia se aferrado a essa decisão. Quando as pessoas visitavam a catedral de Kingsbridge pela primeira vez, ficavam mais impressionadas com os vitrais de Sally do que com a arquitetura de Jack, pensou ele com tristeza.

O aprendiz devolveu o vidro, agora com as bordas lisas, a Sally, que começou a desenhar na superfície as dobras da roupa usando uma tinta feita com minério de ferro, urina e goma arábica para aderir. O vidro plano de repente começou a adquirir o aspecto de um tecido macio e descuidadamente drapeado. Sally era muito habilidosa. Terminou o desenho depressa, então colocou o pedaço de vidro pintado junto com vários outros dentro de uma panela de ferro cujo fundo estava coberto de cal. Quando a panela estivesse cheia, seria posta no forno. O calor faria a tinta se fundir ao vidro.

Ela ergueu os olhos para o pai, abriu-lhe um sorriso breve e radiante e pegou outro pedaço de vidro.

Jack se afastou. Poderia passar o dia inteiro observando Sally, mas precisava trabalhar. Como diria Aliena, ele era um bobo com relação à filha. Quando olhava para ela, muitas vezes ficava espantado por ser ele o responsável pela existência daquela moça inteligente, independente e madura. Ficava emocionado por ver que ela era uma artesã tão talentosa.

Por ironia, sempre insistira para que Tommy abraçasse a construção. Na realidade, chegara a obrigar o rapaz a trabalhar na obra por uns dois anos, mas Tommy se interessava por agricultura, equitação, caça e esgrima, coisas que não importavam a Jack. Por fim, ele aceitara a derrota. Tommy tinha virado escudeiro de um dos senhores feudais da região e depois de um tempo fora sagrado cavaleiro. Aliena lhe concedera uma pequena propriedade com cinco povoados. E quem se revelara a mais

talentosa havia sido Sally. Tommy agora estava casado com a filha caçula do conde de Bedford, e o casal tinha três filhos. Jack era avô. Mas Sally, aos 25 anos, continuava solteira. Havia nela muito da avó, Ellen. Era uma moça agressivamente independente.

Jack deu a volta até a extremidade oeste da catedral e ergueu os olhos para as torres gêmeas. Estavam quase prontas, e um imenso sino de bronze já estava a caminho desde a fundição em Londres. Nos últimos tempos, não havia muito que ele pudesse fazer. Enquanto antigamente chefiava um exército de vigorosos canteiros e carpinteiros, que assentavam fileiras de pedras quadradas e construíam altos andaimes, agora tinha apenas um punhado de escultores e pintores encarregados de tarefas precisas e meticulosas em pequena escala: esculpir estátuas para nichos, construir pináculos ornamentais, folhear a ouro as asas dos anjos de pedra. Não havia muito para projetar, com exceção de um ou outro edifício novo para o priorado: a biblioteca, a sala do capítulo, novas acomodações para os romeiros, uma nova lavanderia ou queijaria. Entre uma pequena tarefa e outra, Jack pela primeira vez em muitos anos voltara a fazer ele próprio alguns entalhes. Estava impaciente para demolir a velha chancela de Tom Builder e erguer uma nova extremidade leste que seguisse um projeto seu, mas o prior queria usar a igreja pronta por um ano antes de iniciar uma nova fase de construção. Philip já sentia o peso da idade. Jack temia que o prior não vivesse para ver a chancela reconstruída.

Mas o trabalho prosseguiria depois da morte de Philip, pensou Jack, e nessa hora viu, vindo do pátio da cozinha, a silhueta altíssima do irmão Jonathan avançando a passos largos na sua direção. Jonathan daria um ótimo prior, quem sabe tão bom quanto o próprio Philip. A garantia da sucessão deixava Jack satisfeito, pois lhe permitia fazer planos para o futuro.

– Jack, estou preocupado com esse tribunal eclesiástico – começou Jonathan, sem preâmbulo.

– Pensei que fosse tudo uma tempestade em copo d’água – disse Jack.

– Eu também, mas o arcediogo que apareceu é um velho inimigo de Philip.

– Inferno. Mesmo assim não há como considerá-lo culpado, não é?

– Ele pode fazer o que quiser.

Jack balançou a cabeça, enojado. Às vezes ficava se perguntando como

homens como Jonathan podiam continuar a acreditar na Igreja quando ela era tão desavergonhadamente corrupta.

– O que vocês vão fazer?

– O único jeito de provar a inocência dele é descobrindo quem são meus pais.

– Agora é meio tarde para isso!

– É nossa única esperança.

Jack ficou um pouco abalado. Eles estavam bastante desesperados.

– Por onde vão começar?

– Por você. Você estava perto de St.-John-in-the-Forest quando eu nasci.

– Estava? – Jack não entendeu aonde Jonathan queria chegar. – Morei lá até os 11 anos, e devo ter uns onze a mais do que você...

– Padre Philip disse que encontrou você com sua mãe, Tom Builder e os filhos dele um dia depois de eu ser resgatado.

– Disso eu me lembro. Comemos toda a comida dele. Estávamos famintos.

– Pense bem. Você viu alguém com um bebê ou alguma moça grávida em qualquer lugar ali perto?

– Espere um instante. – Jack estava intrigado. – Está me dizendo que você foi encontrado perto de St.-John-in-the-Forest?

– Sim. Você não sabia?

Jack mal pôde acreditar no que ouvia.

– Não, não sabia – respondeu, devagar. Sentia a cabeça girar com o significado daquela revelação. – Quando chegamos a Kingsbridge você já estava aqui, e eu naturalmente pensei que tivesse sido encontrado na floresta aqui perto.

De repente, sentiu necessidade de se sentar. Havia uma pilha de entulho ali perto e ele se jogou em cima dela.

– Enfim, você viu alguém na floresta? – perguntou Jonathan, impaciente.

– Ah, vi, sim – respondeu Jack. – Jonathan, não sei como lhe dizer isso.

O monge empalideceu.

– Você sabe alguma coisa sobre essa história, não sabe? O que você viu?

– Você, Jonathan. Eu vi você.

O monge ficou de queixo caído.

– O quê... Como assim?

– O dia tinha acabado de nascer. Eu estava caçando patos. Ouvi um choro. Encontrei um recém-nascido enrolado num pedaço de capa, deitado ao lado das brasas de uma fogueira quase apagada.

Jonathan o encarou.

– Mais alguma coisa?

Jack assentiu devagar.

– Sim, o bebê estava em cima de uma cova recente.

Jonathan engoliu em seco.

– Minha mãe?

Jack assentiu.

Jonathan começou a chorar, mas continuou fazendo perguntas:

– O que você fez?

– Fui chamar a minha mãe. Mas, quando estávamos voltando para o local, vimos um padre que montava um palafrém levando o bebê embora.

– Francis – disse Jonathan, com a voz engasgada.

– O quê?

O rapaz tornou a engolir em seco.

– Fui encontrado pelo irmão de Philip, Francis, o padre.

– O que ele estava fazendo lá?

– Indo visitar Philip em St.-John-in-the-Forest. Foi para lá que ele me levou.

– Meu Deus.

Jack encarou aquele monge alto, cujo rosto estava banhado em lágrimas. E você ainda não ouviu tudo, pensou.

– Você viu alguém que pudesse ser meu pai? – indagou Jonathan.

– Vi – respondeu Jack, com gravidade. – Eu sei quem era seu pai.

– Me fale! – sussurrou Jonathan.

– Tom Builder.

– Tom Builder? – Jonathan se deixou cair no chão. – *Tom Builder era meu pai?*

– Sim. – Jack balançou a cabeça, assombrado. – Agora eu sei quem você me lembrava. Vocês são as duas pessoas mais altas que já conheci.

– Ele sempre foi bom comigo quando eu era pequeno – disse Jonathan,

atordado. – Sempre brincava comigo. Gostava de mim. Eu o via com tanta frequência quanto via o prior Philip. – As lágrimas não paravam de rolar. – Era ele meu pai. Meu pai. – Jonathan ergueu os olhos para Jack. – Por que ele me abandonou?

– Eles pensavam que, não importava o que fizessem, você fosse morrer. Não tinham leite para lhe dar. Eles próprios morriam de fome, eu sei. A quilômetros de qualquer lugar. Não sabiam que o priorado ficava ali perto. Só tinham nabos para comer, e os nabos teriam matado você.

– Eles me amavam, no fim das contas.

Jack reviu a cena como se tivesse acabado de acontecer: a fogueira quase apagada, a terra recém-revirada do túmulo recente e o minúsculo bebê rosado agitando as pernas e os braços dentro da velha capa cinza. Aquele pedacinho de gente havia se transformado no homem alto sentado ali na sua frente, aos prantos.

– Ah, sim, eles o amavam.

– E como ninguém nunca falou sobre isso?

– Tom sentia vergonha, claro – disse Jack. – Minha mãe devia saber, e nós, filhos deles, desconfiávamos, acho. Enfim, era um assunto difícil de abordar. E nunca fizemos a ligação entre aquele bebê e *você*.

– Tom deve ter feito – falou Jonathan.

– Sim.

– Fico me perguntando por que ele nunca me pegou de volta.

– Minha mãe o deixou pouco depois de irmos para cá – explicou Jack. Ele abriu um sorriso melancólico. – Ela era difícil de agradar, como Sally. Enfim, isso significava que Tom teria de contratar uma ama-seca para cuidar de você. Então imagino que ele tenha pensado: por que não deixar o bebê no mosteiro? Lá você foi bem cuidado.

Jonathan aquiesceu.

– Pelo querido Johnny Eightpence, que Deus o tenha.

– Tom provavelmente pensou que ficaria mais perto de você desse jeito. Você passava o tempo inteiro correndo pelo priorado, todos os dias, e ele trabalhava lá. Se tivesse tirado você dos monges e o deixado em casa com uma ama-seca, na verdade seria mais ausente. E imagino que, com o passar dos anos, à medida que você foi crescendo como o órfão do priorado, e como você era feliz assim, pareceu cada vez mais natural deixá-lo ali. De todo modo, é comum as pessoas darem um filho a Deus.

– E eu que passei todos esses anos me perguntando quem eram meus pais – falou Jonathan. Jack sentiu pena dele. – Tentei imaginar como eles eram, pedi a Deus que me permitisse conhecê-los, perguntei se me amavam, questionei por que tinham me abandonado. Agora sei que minha mãe morreu me dando à luz e que meu pai passou o resto da vida ao meu lado. – Ele sorriu por entre as lágrimas. – Nem sei dizer quanto estou feliz.

O próprio Jack sentiu que estava à beira das lágrimas.

– Você se parece com Tom – disse ele, para disfarçar o constrangimento.

– É mesmo?

Jonathan ficou feliz com isso.

– Não se lembra de como ele era alto?

– Todos os adultos eram altos naquela época.

– E o rosto dele tinha bons traços, como os seus. Bem-feitos. Se você algum dia tivesse deixado a barba crescer, as pessoas teriam percebido.

– Eu me lembro do dia em que ele morreu – disse Jonathan. – Tinha me levado para passear pela feira. Assistimos à rinha do urso. Então eu subi na parede da chancela. Fiquei assustado demais para descer e ele teve de subir e me carregar no colo. Aí viu os homens de William chegando. Tom me levou para dentro do claustro. E foi a última vez que o vi com vida.

– Eu lembro – falou Jack. – Eu o vi descer com você no colo.

– Ele quis ter certeza de que eu estava em segurança – disse Jonathan, nostálgico.

– E depois foi cuidar dos outros – completou Jack.

– Ele me amou de verdade.

Algo ocorreu a Jack.

– Isso vai fazer diferença no julgamento de Philip, não é?

– Tinha me esquecido – disse Jonathan. – Sim, vai fazer. Meu Deus.

– Será que temos provas irrefutáveis? – ponderou Jack. – Eu vi o bebê e o padre, mas nunca cheguei a ver o bebê ser entregue no pequeno priorado.

– Francis viu. Mas ele é irmão de Philip, então vão suspeitar do testemunho dele.

– Minha mãe e Tom saíram juntos naquele dia – falou Jack, puxando pela memória. – Disseram que iam procurar o padre. Aposto que foram ao

priorado se certificar de que o bebê estava bem.

– Se ela revelar isso no tribunal, o caso será encerrado – afirmou Jonathan, animado.

– Philip a considera uma bruxa – lembrou Jack. – Será que permitiria que ela testemunhasse?

– Poderíamos pegá-lo de surpresa. Mas ela também o odeia. Será que vai aceitar?

– Não sei – respondeu Jack. – Vamos perguntar a ela.



– Fornicação e nepotismo? – gritou a mãe de Jack. – Philip? – Ela começou a rir. – É absurdo demais!

– Mãe, isso é sério – disse Jack.

– Philip não seria capaz de fornicar nem se entrasse num barril com três prostitutas – continuou ela. – Não saberia o que fazer!

Jonathan exibiu um ar constrangido.

– Mesmo que a acusação seja absurda, Philip está encrencado de verdade – disse ele.

– E por que eu o ajudaria? – indagou ela. – Ele só me trouxe desgosto.

Era o que Jack temia. Sua mãe nunca havia perdoado Philip por tê-la separado de Tom.

– Philip fez comigo o mesmo que fez com você. Se eu posso perdoá-lo, você também pode.

– Não sou o tipo de pessoa que perdoa – teimou ela.

– Que não seja por Philip, então. Faça por mim. Quero continuar a construir em Kingsbridge.

– Por quê? A igreja está pronta.

– Gostaria de demolir a chancela de Tom e reconstruí-la no estilo novo.

– Ah, pelo amor de Deus...

– Mãe. Philip é um bom prior, e quando ele se for, Jonathan vai assumir seu posto. Basta você ir a Kingsbridge e dizer a verdade no julgamento.

– Odeio tribunais – disse ela. – Nada de bom vem deles.

Era de enlouquecer. Ellen tinha a solução para o julgamento de Philip.

Podia garantir que ele fosse inocentado, mas era uma velha teimosa. Jack teve medo de não conseguir convencê-la.

Decidiu tentar provocá-la.

– Imagino que seja uma viagem longa demais para alguém da sua idade – falou, astuto. – Com quantos anos você está? Sessenta... e oito?

– Sessenta e dois, e não tente me provocar – disparou ela. – Estou em melhor forma física do que você, filho.

Podia até ser, pensou Jack. Os cabelos de Ellen estavam agora brancos como a neve e seu rosto tinha rugas fundas, mas aqueles impressionantes olhos dourados enxergavam tanto quanto sempre: assim que os pusera em Jonathan, adivinhara quem ele era. “Bom, não preciso nem perguntar o que vocês vieram fazer aqui. Você descobriu de onde veio, não foi? Meu Deus, é tão alto quanto seu pai, e quase tão largo”, dissera. Ela também continuava independente e decidida como sempre.

– Sally é parecida com você – comentou Jack.

Ellen ficou satisfeita.

– É mesmo? – Ela sorriu. – Em que sentido?

– Teimosa feito uma mula.

– Sei. – A mãe pareceu ficar brava. – Então ela não vai ter problemas.

Jack decidiu que só lhe restava implorar:

– Mãe, por favor... Volte para Kingsbridge conosco e diga a verdade.

– Não sei.

– Quero lhe pedir mais uma coisa – disse Jonathan.

Jack se perguntou o que ele tinha em mente. Teve medo de Jonathan dizer algo que desagradasse à sua mãe – o que não era difícil, sobretudo para um membro do clero. Prendeu a respiração.

– Poderia me mostrar onde minha mãe está enterrada? – pediu Jonathan.

Jack soltou o ar em silêncio. Não havia nada de errado com *aquilo*. Na verdade, Jonathan não poderia ter pensado em nada melhor para amolecer o coração de sua mãe.

Ela deixou imediatamente de lado a atitude desdenhosa.

– É claro que posso – falou. – Tenho quase certeza de que consigo achar o lugar.

Jack relutou em gastar aquele tempo. O julgamento iria começar pela manhã e eles tinham uma longa viagem pela frente. No entanto, achou

melhor deixar o destino seguir seu curso.

– Quer ir lá agora? – perguntou Ellen a Jonathan.

– Sim, por favor, se for possível.

– Está bem.

Ela se levantou. Pegou uma capa curta de pele de coelho e a jogou sobre os ombros. Jack quase falou que ela iria ficar com calor, mas se conteve: os idosos sempre sentiam mais frio.

Os três saíram da caverna, que recendia a maçãs guardadas e fumaça da fogueira, e abriram caminho pela vegetação cerrada que protegia a entrada até o sol de primavera. Ellen partiu sem hesitar. Jack e Jonathan soltaram os cavalos e foram atrás dela. Tiveram de conduzi-los pelas rédeas, pois a vegetação era alta demais para cavalgar. Jack notou que sua mãe agora andava mais devagar do que antes. Sua forma física não estava tão boa quanto ela afirmava.

Jack não teria achado o lugar sozinho. Houvera um tempo em que conseguia encontrar o caminho na floresta com a mesma facilidade com que hoje passeava por Kingsbridge. Agora, porém, todas as clareiras se pareciam muito, assim como as casas de Kingsbridge eram iguais aos olhos de um forasteiro. A mãe foi seguindo uma sequência de rastros de animais pela mata densa. De vez em quando, Jack reconhecia um ponto de referência associado a uma lembrança infantil: um imenso carvalho velho onde ele um dia havia se refugiado de um javali selvagem; uma toca de coelho que havia lhe proporcionado várias refeições; um riacho de trutas onde, se sua memória não o enganava, conseguia capturar peixes gordos em pouquíssimo tempo. Ora sabia onde estava, ora se perdia outra vez. Era incrível pensar que um dia se sentira totalmente em casa no que hoje lhe era um lugar estranho, cujos regatos e bosques tinham para ele tão pouco significado quanto suas aduelas e seus modelos tinham para os camponeses. Se na época houvesse se perguntado que rumo sua vida iria tomar, nem mesmo seu melhor palpite teria chegado perto da verdade.

Eles percorreram vários quilômetros. Era um dia quente de primavera e Jack se pegou suando, mas a mãe não tirou a pele de coelho. Por volta do meio da tarde, ela parou no meio de uma clareira sombreada. Jack notou que ela estava ofegante e um pouco pálida. Com certeza estava na hora de ela deixar a floresta e ir morar com ele e Aliena. Decidiu fazer um grande esforço para convencê-la.

- Você está bem? – perguntou.
- É claro que estou – respondeu ela, ríspida. – Chegamos.
- Jack olhou em volta. Não reconheceu o lugar.
- É aqui? – quis saber Jonathan.
- Sim – respondeu Ellen.
- Para que lado fica a estrada? – perguntou Jack.
- Para lá.

Depois de ele se orientar pela estrada, a clareira começou a lhe parecer familiar e ele foi invadido por uma poderosa nostalgia. Ali estava o grande castanheiro-da-índia: na ocasião não tinha folha nenhuma e suas castanhas se espalhavam por todo o chão da floresta, mas agora estava florido, repleto de grandes flores brancas que pareciam velas. As flores já haviam começado a cair e a todo instante uma nuvem de pétalas flutuava até o chão.

– Martha me contou o que aconteceu – disse Jack. – Eles pararam aqui porque sua mãe não conseguiu mais continuar. Tom acendeu uma fogueira e cozinhou alguns nabos para o jantar. Não havia carne. Sua mãe pariu você aqui mesmo, no chão. Você nasceu perfeito e saudável, mas algo deu errado e ela morreu. – A poucos metros da base do castanheiro havia um leve aclive no solo. – Olhe. – Jack apontou. – Está vendo aquele montinho?

Jonathan aquiesceu, com o rosto contraído de emoção reprimida.

– É o túmulo.

Enquanto Jack falava, uma chuva de flores caiu da árvore e pousou no montinho como um tapete de pétalas.

Jonathan se ajoelhou junto ao túmulo e começou a rezar.

Jack ficou parado sem dizer nada. Lembrou-se de quando havia encontrado seus parentes em Cherbourg: fora uma experiência estarrecedora. Jonathan devia estar passando por algo ainda mais intenso.

Depois de um tempo, o monge se levantou.

– Quando eu for prior, vou mandar construir um pequeno mosteiro aqui mesmo, com uma capela e uma hospedaria, para que no futuro nenhum viajante que cruzar este trecho da estrada precise passar uma noite fria de inverno dormindo ao relento – falou, solene. – Vou dedicar a hospedaria à memória da minha mãe. – Ele olhou para Jack. – Imagino que você não tenha chegado a saber o nome dela.

– Agnes – respondeu Ellen baixinho. – O nome da sua mãe era Agnes.



O bispo Waleran foi persuasivo na defesa do caso.

Começou narrando ao tribunal o desenvolvimento precoce de Philip: despenseiro de seu mosteiro com apenas 21 anos, prior do cenóbio de St.-John-in-the-Forest aos 23, prior de Kingsbridge com a impressionante idade de 28 anos. Não parou de insistir na juventude de Philip e ainda sugeriu que havia algo de arrogante em qualquer um que aceitasse responsabilidades tão cedo na vida. Então descreveu St.-John-in-the-Forest, distante e isolado, e discorreu sobre a liberdade e a independência de quem quer que fosse o prior de lá.

– Quem pode se espantar se depois de cinco anos sendo praticamente seu próprio senhor, apenas com uma supervisão muito leve e distante, esse rapaz inexperiente e de sangue quente tenha tido um filho? – indagou ele.

Aquilo soava quase inevitável. Era enlouquecedor o modo como Waleran soava verossímil. Philip quis esganá-lo.

O bispo prosseguiu dizendo como Philip levava Jonathan e Johnny Eightpence consigo ao chegar a Kingsbridge. Os irmãos tinham se espantado, afirmou, ao ver seu novo prior chegar acompanhado de um bebê e de uma ama-seca. Era verdade. Por alguns segundos, Philip esqueceu a tensão e teve de reprimir um sorriso de nostalgia.

Ele havia brincado com Jonathan quando menino, dado aulas a ele e mais tarde feito dele seu assistente pessoal, continuou Waleran, da mesma forma que qualquer homem faria com o próprio filho, só que monges não deveriam ter filhos.

– Assim como Philip, Jonathan foi precoce – disse ele. – Quando Cuthbert Whitehead morreu, Philip o nomeou despenseiro, embora o rapaz contasse apenas 21 anos. Será que não havia mesmo mais ninguém que pudesse ser despenseiro nesse mosteiro de mais de cem irmãos, ninguém a não ser um menino de 21 anos? Ou estaria Philip dando preferência ao sangue do seu sangue? Quando Milius partiu para ser prior em Glastonbury, Philip fez de Jonathan tesoureiro. Ele tem 34 anos. Será o mais sábio e o mais devoto de todos os irmãos que vivem aqui? Ou será apenas o favorito de Philip?

O prior correu os olhos pelo tribunal. O julgamento estava acontecendo

no transepto sul da catedral de Kingsbridge. O arcediogo Peter presidia sentado em uma grande cadeira entalhada que mais parecia um trono. Todos os subordinados de Waleran estavam presentes, bem como a maioria dos irmãos de Kingsbridge. Não haveria muito trabalho no mosteiro enquanto durasse o julgamento do prior. Estavam presentes todos os religiosos importantes do condado e mesmo alguns humildes padres de paróquia. Havia também representantes de dioceses vizinhas. Toda a comunidade eclesiástica do sul da Inglaterra aguardava o veredito. Ninguém se interessava muito pela virtude ou falta de virtude de Philip, claro: todos queriam assistir ao derradeiro embate de forças entre o prior Philip e o bispo Waleran.

Quando o bispo se sentou, Philip jurou dizer a verdade e começou a contar a história daquela manhã de inverno tão distante. Começou com os problemas causados por Peter de Wareham. Queria que todos soubessem da parcialidade de Peter em relação a ele. Então chamou Francis para contar como o bebê tinha sido encontrado.

Jonathan havia saído após deixar um recado dizendo que estava seguindo novas pistas sobre suas origens. Jack também tinha sumido, levando Philip a concluir que a excursão tinha algo a ver com a bruxa Ellen, mãe de Jack, e que Jonathan temera que, se explicasse aonde ia, Philip teria proibido. Eles deveriam ter voltado pela manhã, mas ainda não haviam aparecido. Philip não pensava que Ellen tivesse algo a acrescentar à história contada por Francis.

Depois de seu irmão terminar, foi a vez de ele próprio retomar a palavra.

– Aquele bebê não era meu – disse ele apenas. – Juro que não era, juro pela minha alma imortal. Nunca tive conhecimento carnal de mulher nenhuma e até hoje me conservo no estado de castidade pregado pelo apóstolo Paulo. Nesse caso, pergunta o senhor bispo, por que tratei o menino como se fosse meu filho?

Ele olhou em volta para os presentes. Decidira que sua única chance era contar a verdade e torcer para que Deus falasse alto o suficiente a ponto de superar a surdez espiritual de Peter.

– Quando eu tinha 6 anos, meu pai e minha mãe foram mortos por soldados do velho rei Henrique no País de Gales. Meu irmão e eu fomos salvos pelo abade de um mosteiro próximo e desse dia em diante fomos

criados pelos monges. Eu mesmo fui um órfão de mosteiro. Sei o que é isso. Entendo quanto o órfão anseia pelo contato da mãe, ainda que ame os monges que cuidam dele. Sabia que Jonathan se sentiria diferente, esquisito, ilegítimo. Eu já havia experimentado essa mesma sensação de isolamento, o sentimento de que sou diferente de todos os outros porque todo mundo tem pai e mãe, menos eu. Como ele, senti vergonha de mim mesmo por ser um fardo e depender da caridade alheia. Perguntei-me o que havia de errado comigo para que eu fosse privado do que os outros consideravam natural. Sabia que, à noite, Jonathan iria sonhar com o peito quente e cheiroso e com a voz suave da mãe que jamais conheceu, de alguém que tivesse por ele um amor total e irrestrito.

O semblante do arcediogo Peter parecia de pedra. Ele era o pior tipo de cristão, entendeu Philip: abraçava todos os aspectos negativos, aplicava todas as proibições, insistia em todas as formas de negação e exigia punições severas para qualquer ofensa. No entanto, ignorava a compaixão da cristandade, negava sua clemência, desobedecia de maneira flagrante à sua ética de amor e desconsiderava abertamente as leis bondosas de Jesus. Assim eram os fariseus, pensou Philip. Não era de espantar que o Senhor preferisse comer na companhia de taberneiros e pecadores.

Continuou a falar, embora já houvesse entendido, com um peso no coração, que nada do que dissesse poderia penetrar a armadura do moralismo de Peter.

– Ninguém era capaz de cuidar daquele menino como eu, exceto seus próprios pais, que não conseguimos encontrar. Qual indicação mais clara da vontade de Deus...

Ele não terminou a frase. Jonathan havia acabado de entrar na igreja junto com Jack. Entre os dois vinha a bruxa, Ellen.

Ela tinha envelhecido: seus cabelos estavam brancos feito neve e o rosto tinha rugas profundas. Apesar disso, entrou na igreja como uma rainha, com a cabeça bem erguida e os estranhos e desafiadores olhos dourados brilhando. Philip estava assustado demais para protestar.

O tribunal ficou em silêncio quando ela entrou no transepto e se postou em frente ao arcediogo Peter. Falou com uma voz que ressoou como uma trombeta e ecoou pelo clerestório da igreja que seu filho construía:

– Eu juro por tudo o que é sagrado que Jonathan é filho de Tom Builder, meu finado marido, e da primeira mulher dele.

Um clamor de espanto percorreu os clérigos ali reunidos. Durante um tempo, ninguém conseguiu se fazer ouvir. Philip estava totalmente atônito. Encarava Ellen com o queixo caído. Tom Builder? Jonathan era filho de Tom Builder? Quando olhou para o subprior, viu na mesma hora que era verdade: os dois eram parecidos, não só na estatura, mas também nos traços do rosto. Se Jonathan usasse barba, isso teria ficado evidente.

Sua primeira reação foi uma sensação de perda. Até então, ele era o mais próximo que Jonathan tinha de um pai. Mas seu verdadeiro pai era Tom e, embora Tom estivesse morto, essa descoberta mudava tudo. Philip não poderia mais secretamente se considerar um pai; Jonathan não se sentiria mais seu filho. Ele agora era filho de Tom. Philip o havia perdido.

Sentou-se pesadamente. Quando a multidão começou a se acalmar, Ellen contou a história de como Jack tinha ouvido um choro de criança e encontrado um recém-nascido. Philip escutou, atordado, a bruxa narrar como ela e Tom se esconderam nos arbustos, observando o prior e os monges voltarem do trabalho da manhã e encontrarem Francis à sua espera com um bebê recém-nascido, e depois Johnny Eightpence tentando alimentá-lo com um trapo mergulhado em um balde de leite de cabra.

Então Philip recordou com muita clareza como o jovem Tom tinha se mostrado interessado, um dia depois ou algo assim, quando os dois se encontraram por acaso e Philip lhe contara sobre a criança abandonada. Imaginara que fosse o interesse de um homem bom diante de uma história comovente, mas na verdade Tom queria se informar sobre o destino do próprio filho.

Philip então lembrou como Tom havia se afeiçoado a Jonathan em seus últimos anos de vida, conforme o bebê ia virando um menininho e logo um garoto travesso. Ninguém tinha prestado atenção: na época, o mosteiro todo tratava Jonathan como um mascote e, como Tom passava o tempo inteiro no priorado, seu comportamento passou totalmente despercebido. Em retrospecto, porém, Philip percebia que a atenção que Tom dedicava a Jonathan era especial.

Quando Ellen se sentou, entendeu que sua inocência havia sido provada. As revelações foram tão devastadoras que ele quase se esqueceu de que estava sendo julgado. A história por ela contada, de nascimento e morte, desespero e esperança, segredos antigos e amor perene, fez a questão da castidade do prior parecer banal. Não era, claro: dela dependia

o futuro do priorado, e Ellen agora tinha resolvido a questão de modo tão dramático que parecia impossível o julgamento prosseguir. Nem mesmo Peter de Wareham pode me considerar culpado depois de uma prova dessas, pensou Philip. Waleran perdera outra vez.

Mas o bispo ainda não estava disposto a reconhecer a derrota. Ele apontou um dedo acusador para Ellen.

– Você afirma que Tom Builder lhe disse que o bebê levado para o convento era filho dele?

– Sim – respondeu Ellen, desconfiada.

– Mas as duas outras pessoas que poderiam ter confirmado isso, as crianças Alfred e Martha, não os acompanharam até o convento.

– Não.

– E Tom está morto. De modo que só temos a sua palavra para testemunhar o que Tom lhe disse. Sua história não pode ser verificada.

– De quanta verificação você precisa? – perguntou ela, exaltada. – Jack viu o bebê abandonado. Francis o recolheu. Jack e eu encontramos Tom, Alfred e Martha. Francis levou o bebê para o priorado. Tom e eu espionamos o priorado. Quantas testemunhas bastariam?

– Não acredito em você – afirmou Waleran.

– Não acredita em mim? – repetiu Ellen, e de repente Philip pôde ver que ela estava com raiva, uma raiva profunda e arrebatada. – *Você* não acredita em mim? Você, Waleran Bigod, que eu sei que cometeu perjúrio?

Que diabo de história era essa agora? Philip pressentiu uma catástrofe. Waleran estava branco. Tem mais alguma coisa nessa história, pensou Philip, alguma coisa de que Waleran tem medo. Sentiu a barriga contrair de animação. Waleran de repente pareceu vulnerável.

– Como você sabe que o bispo cometeu perjúrio? – perguntou Philip a Ellen.

– Quarenta e sete anos atrás, neste mesmo priorado, houve um prisioneiro chamado Jack Shareburg – disse ela.

Waleran a interrompeu:

– Este tribunal não está interessado em fatos ocorridos há tanto tempo.

– Está, sim, senhor meu bispo – contrapôs Philip. – A acusação contra mim se refere a um suposto ato de fornicação ocorrido há 35 anos. O senhor exigiu que eu provasse minha inocência. O tribunal agora espera a mesma coisa do senhor. – Ele se virou para Ellen. – Prossiga.

– Ninguém sabia por que ele estava preso, muito menos ele próprio, mas chegou um dia em que foi libertado e lhe entregaram um cálice cravejado de pedras preciosas, talvez como recompensa pelos anos que ele havia passado encarcerado injustamente. Ele não queria cálice nenhum, claro: um objeto desses não serviria para nada e, além do mais, era muito precioso para ser vendido em um mercado. Então o deixou para trás, na antiga catedral aqui de Kingsbridge. Pouco depois, ele foi preso. Por Waleran Bigod, na época um simples padre de condado, humilde mas ambicioso. E o cálice reapareceu misteriosamente na sua bolsa. Jack Shareburg foi falsamente acusado de ter roubado o cálice. Foi condenado pelo testemunho de três pessoas: Waleran Bigod, Percy Hamleigh e o prior James de Kingsbridge. E morreu na forca.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio perplexo, e Philip então perguntou:

– Como você sabe tudo isso?

– Eu era a única amiga de Jack Shareburg, e tive um filho com ele: Jack Jackson, mestre construtor desta catedral.

Armou-se um tumulto. Waleran e Peter tentavam falar ao mesmo tempo, mas nenhum dos dois conseguia se fazer ouvir por causa do alarido estupefato dos clérigos. Eles tinham comparecido ali para assistir a um confronto final, pensou Philip, mas jamais poderiam ter imaginado uma coisa daquelas.

Por fim, Peter conseguiu se fazer ouvir.

– Por que três cidadãos obedientes à lei conspirariam para acusar falsamente um desconhecido inocente? – indagou, cético.

– Para obter vantagens – respondeu Ellen. – Waleran Bigod foi nomeado arcediogo. Percy recebeu a propriedade de Hamleigh e vários outros povoados, tornando-se um homem de posses. Não sei qual foi a recompensa do prior James.

– Isso eu posso responder – disse outra voz.

Philip se virou, espantado. Era Remigius. Ele já passava muito dos 70, tinha os cabelos inteiramente brancos e uma tendência a divagar toda vez que falava, mas agora, quando se levantou com a ajuda de uma bengala, tinha os olhos brilhantes e uma expressão alerta. Era raro ouvi-lo falar em público. Desde sua derrocada e seu retorno ao mosteiro, Remigius levava uma vida tranquila e humilde. Philip se perguntou o que estaria por vir.

Qual lado Remigius iria defender? Será que aproveitaria aquela última oportunidade para apunhalar seu velho inimigo Philip pelas costas?

– Posso revelar qual foi a recompensa do prior James – falou Remigius. – O priorado recebeu os povoados de Northwold, Southwold e Hundredacre, mais a floresta de Oldean.

Philip ficou pasmo. Seria mesmo verdade que o antigo prior havia prestado falso testemunho sob juramento em troca de uns poucos povoados?

– O prior James nunca foi um bom administrador – prosseguiu Remigius. – O priorado estava em péssima situação e ele pensou que a renda extra poderia nos ajudar. – Ele fez uma pausa antes de prosseguir, em tom incisivo: – Essa renda nos trouxe poucas coisas boas e muitas ruins. Foi útil durante um tempo, mas o prior James jamais recuperou o respeito por si mesmo.

Enquanto escutava Remigius, Philip recordou o ar abatido e derrotado do antigo prior e finalmente o compreendeu.

– Na verdade James não cometeu perjúrio ele próprio, pois jurou apenas que o cálice pertencia ao priorado – explicou Remigius. – Mas ele sabia que Jack Shareburg era inocente e mesmo assim se calou. Arrependeu-se pelo resto da vida desse silêncio.

É claro que se arrependeu, pensou Philip. Era um pecado muito venial para um monge. O testemunho de Remigius confirmava a história de Ellen e condenava Waleran.

Mas ele ainda não havia terminado.

– Alguns dos irmãos mais velhos aqui presentes devem se lembrar de como era o priorado quarenta anos atrás: dilapidado, miserável, decrépito, desmoralizado. Tudo isso por causa do peso da culpa que o prior carregava. Em seu leito de morte, ele finalmente me confessou seu pecado. Eu quis... – Remigius se interrompeu. A catedral permaneceu em silêncio, à espera. O velho então suspirou e retomou: – Quis assumir o cargo dele e consertar os danos. Mas Deus escolheu outro homem para essa tarefa. – Ele fez uma nova pausa e seu rosto se contorceu dolorosamente enquanto ele se esforçava para concluir. – Eu deveria dizer: Deus escolheu um homem melhor.

Então se sentou abruptamente.

Philip estava chocado, perplexo e agradecido. Dois antigos inimigos,

Ellen e Remigius, tinham vindo em seu socorro. A revelação daqueles segredos lhe deu a sensação de ter vivido com um dos olhos fechados. O bispo Waleran estava lívido de raiva. Depois de tantos anos, devia ter certeza de que estava seguro. Curvado junto a Peter, falava no ouvido do arcediogo enquanto um burburinho emanava da plateia.

Peter se levantou.

– Silêncio! – gritou, e a igreja se calou. – Este julgamento está encerrado!

– Espere um instante! – Era Jack Jackson. – Isso não basta! – falou, arrebatado. – Eu quero saber *por quê*.

Peter ignorou Jack e caminhou até a porta que conduzia ao claustro, e Waleran foi atrás.

Jack os seguiu.

– Por que fez isso? – gritou para o bispo. – Você mentiu sob juramento e um homem morreu. Vai sair daqui sem explicar mais nada?

Waleran manteve os olhos fixos à frente, pálido, com os lábios contraídos. Seu rosto era uma máscara de raiva contida.

– Me responda – berrou Jack quando o bispo atravessou a porta –, seu corrupto mentiroso, seu covarde inútil! Por que você matou meu pai?

Waleran saiu da igreja e a porta bateu atrás dele.

capítulo 18

I

A carta do rei Henrique chegou quando os irmãos estavam no capítulo.

Jack havia construído uma nova sala do capítulo, grande o suficiente para acomodar os 150 monges, número maior do que de qualquer outro mosteiro da Inglaterra. A sala redonda tinha um teto de pedra abobadado e uma arquibancada para que os irmãos pudessem se sentar. Os graduados se acomodavam em bancos de madeira colados às paredes, um pouco acima do nível dos outros, e Philip e Jonathan ficavam em tronos de pedra escavados na parede em frente à porta.

Um jovem irmão lia o sétimo capítulo da Regra de São Benedito.

– “O sexto passo da humildade é alcançado quando um monge se contenta com tudo o que é mesquinho e vil.” – Philip se deu conta de que não sabia o nome do irmão que fazia a leitura. Estava ficando velho ou o mosteiro tinha crescido demais? – “O sétimo passo da humildade é alcançado quando um homem não apenas confessa com a própria língua ser mais vil e inferior aos outros, mas quando no mais íntimo de seu coração acredita ser essa a verdade.”

O prior sabia que ainda não havia alcançado aquele estágio de humildade. Conquistara muita coisa em seus 62 anos de vida, e tivera de empregar coragem, determinação e raciocínio para isso. Precisava sempre lembrar a si mesmo que o verdadeiro motivo de seu sucesso era ter tido a ajuda de Deus, sem a qual nenhum de seus esforços daria em nada.

Ao seu lado, Jonathan se remexeu, inquieto. Tinha ainda mais dificuldade do que Philip com a virtude da humildade. A arrogância é o vício dos bons líderes. Jonathan estava agora pronto para assumir o priorado e isso o deixava impaciente. Vinha conversando com Aliena e estava ansioso por testar as técnicas agrícolas dela, como os arados

puxados a cavalo e o plantio de lavouras de primavera, como ervilhas e aveia, em parte das terras cansadas. Há 35 anos, eu tinha a mesma postura em relação à criação de ovelhas para obter lã, pensou Philip.

Sabia que deveria se retirar e deixar Jonathan assumir o cargo de prior e passar ele próprio seus últimos anos orando e meditando. Era um caminho que já havia recomendado muitas vezes a outros. No entanto, agora que tinha idade para se aposentar, essa perspectiva o deixava consternado. Sua constituição continuava sólida, e sua mente, arguta como sempre. Passar a vida orando e meditando o levaria à loucura.

Mas Jonathan não podia esperar para sempre. Deus lhe dera as habilidades para administrar um mosteiro importante e ele não pretendia desperdiçar seu talento. Tinha visitado várias abadias ao longo dos anos e deixado boa impressão por onde passara. A qualquer momento, quando um abade morresse, os monges pediriam a Jonathan que se candidatasse ao cargo e seria difícil para Philip negar permissão.

O jovem monge cujo nome Philip não recordava acabava a leitura do capítulo quando alguém bateu à porta e o vigia entrou. Irmão Steven, o inspetor, fez uma cara de reprovação: ele não devia incomodar os monges durante o capítulo. O inspetor era o responsável pela disciplina e, como todos os homens desse tipo, Steven obedecia às regras à risca.

– Chegou um mensageiro do rei! – disse o vigia num sussurro alto.

– Cuide disso, sim? – pediu Philip a Jonathan. O mensageiro insistiria para entregar seu recado a um monge graduado. Jonathan saiu da sala. Os irmãos cochichavam entre si. – Vamos prosseguir com o necrológio – disse Philip com firmeza.

Enquanto começavam as orações pelos mortos, perguntou-se o que o segundo rei Henrique teria a dizer ao priorado de Kingsbridge. Não era provável que fossem boas notícias. Henrique vinha travando uma queda de braço com a Igreja havia seis longos anos. A contenda tinha começado com a jurisdição dos tribunais eclesiásticos, mas a teimosia do rei e o zelo de Tomás Becket, arcebispo de Canterbury, tinham impedido um acordo, e a disputa se transformara em crise. Becket fora forçado a se exilar.

Infelizmente, o apoio da Igreja da Inglaterra a Becket não era unânime. Bispos como Waleran Bigod haviam tomado partido do rei para conseguir vantagens. No entanto, o papa vinha pressionando Henrique a chegar a um acordo com Becket. A pior consequência de toda essa disputa talvez fosse

que, devido à necessidade de apoio de Henrique na Igreja inglesa, a influência na corte de bispos ávidos por poder como Waleran havia aumentado. Era por isso que, para Philip, uma carta do rei era um prenúncio ainda pior do que o normal.

Jonathan voltou e lhe entregou um rolo de pergaminho lacrado com cera, na qual estava impressa a marca de um imenso selo real. Todos os irmãos voltaram a atenção para o prior. Philip concluiu que pedir que eles se concentrassem na oração pelos mortos era de mais quando tinha em mãos uma carta como aquela.

– Está bem – falou. – Continuaremos as orações mais tarde. – Ele rompeu o lacre e abriu a correspondência. Passou os olhos pela saudação, em seguida entregou a missiva para Jonathan, cujos olhos jovens enxergavam melhor. – Por favor, leia para nós.

Após as saudações costumeiras, o rei havia escrito: “Como novo bispo de Lincoln, nomeei Waleran Bigod, atual bispo de Kingsbridge...” A voz de Jonathan foi engolfada pelo burburinho. Philip balançou a cabeça com repulsa. Waleran tinha perdido qualquer credibilidade na região após as revelações no julgamento de Philip. Não havia como ele continuar bispo de Kingsbridge. Assim, convencera o rei a nomeá-lo bispo de Lincoln, um dos bispados mais ricos do mundo. Lincoln era a terceira diocese mais importante do reino, atrás apenas de Canterbury e York. De lá para o arcebispado era apenas um pulo. Henrique talvez estivesse até preparando Waleran para assumir o lugar de Tomás Becket. A ideia de Waleran como arcebispo de Canterbury, líder da Igreja na Inglaterra, era tão aterradora que Philip percebeu que tremia de medo.

Quando os irmãos se acalmaram, Jonathan retomou a leitura:

– “... e recomendei ao deão e ao capítulo de Lincoln que o elegessem.”

Bem, pensou Philip, era mais fácil falar do que fazer. Uma recomendação do rei era quase uma ordem, mas não apenas quase: se o capítulo de Lincoln se opusesse a Waleran, ou se tivesse seu próprio candidato, causaria dificuldades para o rei. O monarca provavelmente acabaria conseguindo o que queria, mas não era um desfecho inevitável.

– “Ordeno a vocês” – prosseguiu Jonathan – “que formam o capítulo do priorado de Kingsbridge que procedam à eleição do novo bispo de Kingsbridge, e recomendo que elejam como bispo meu servo Peter de Wareham, arceidiago de Canterbury.”

Os monges emitiram um grito coletivo de protesto. Philip ficou paralisado de horror. O arrogante, ressentido e moralista arcediogo Peter era a escolha do rei para novo bispo de Kingsbridge! Peter era exatamente como Waleran. Ambos eram genuinamente fiéis e tementes a Deus, mas não tinham a menor noção da própria falibilidade, de modo que viam seus desejos como a vontade divina e por isso perseguiram seus objetivos sem qualquer escrúpulo. Com Peter como bispo, Jonathan passaria a vida de prior lutando por justiça e decência em um condado governado com mão de ferro por um homem sem coração. E se Waleran virasse arcebispo não haveria a menor perspectiva de alento.

Philip previa um longo período de escuridão, igual à pior fase da guerra civil, quando condes como William faziam o que queriam enquanto padres arrogantes negligenciavam seu povo e o priorado se transformava novamente na sombra empobrecida e enfraquecida do que um dia havia sido. Sentiu-se tomado pela raiva.

Ele não era o único furioso. Steven, o inspetor, se levantou, com o rosto vermelho, e, apesar da regra imposta por Philip de que todos deviam falar com calma e dignidade no capítulo, gritou a plenos pulmões:

– Isso não vai acontecer!

Os irmãos aplaudiram, mas Jonathan demonstrou sua sensatez fazendo a pergunta crucial:

– O que podemos fazer?

– Temos de recusar o pedido do rei! – opinou Bernard Kitchener, mais gordo do que nunca.

Vários irmãos se manifestaram a favor.

– Devemos escrever para o rei dizendo que vamos eleger quem quisermos! – disse Steven. Após alguns instantes, arrematou em tom contrito. – Com a orientação de Deus, claro.

– Não concordo que devamos bater de frente com o rei tão depressa – disse Jonathan. – Quanto mais cedo o desafiarmos, mais cedo ele fará cair sua ira sobre as nossas cabeças.

– Jonathan está certo – concordou Philip. – Um homem que perde uma batalha com o rei pode até ser perdoado, mas um homem que vence estará condenado.

– Mas não podemos nos entregar! – explodiu Steven.

Philip estava tão preocupado e temeroso quanto os outros, mas tinha de

aparentar calma.

– Steven, por favor, controle-se – pediu. – Precisamos lutar contra essa terrível indicação, é claro. Mas faremos isso de modo cuidadoso e inteligente, sempre evitando um confronto aberto.

– Mas o que você vai *fazer*? – insistiu Steven.

– Não tenho certeza – respondeu o prior.

A princípio, tinha ficado desanimado, mas agora já começava a se sentir combativo. Já travara aquela batalha inúmeras vezes, durante toda a sua vida. Travara ali mesmo no priorado ao derrotar Remigius e se eleger prior; travara no condado contra William Hamleigh e Waleran Bigod; e agora iria travá-la no reino. Iria se opor ao rei.

– Acho que terei de ir à França – concluiu. – Falar com o arcebispo Tomás Becket.



Em todas as outras crises ao longo de sua vida, Philip sempre conseguiu bolar um plano. Sempre que ele, seu priorado ou sua cidade foram ameaçados pelas forças selvagens e sem lei, havia pensado em alguma forma de defesa ou contra-ataque. Nem sempre tivera certeza do sucesso, mas nunca ficara sem saber o que fazer... até agora.

Ainda estava perplexo quando chegou à cidade de Sens, a sudeste de Paris, no reino da França.

A catedral de Sens era o maior edifício que ele já vira. A nave devia ter 15 metros de largura. Em comparação com a catedral de Kingsbridge, Sens dava uma sensação não tanto de luz, mas de espaço.

Ao viajar pela França, ele havia percebido pela primeira vez que existiam mais variedades de igrejas no mundo do que imaginava e entendeu o efeito revolucionário das viagens no pensamento de Jack Jackson. Fizera questão de visitar a igreja da abadia de Saint-Denis ao passar por Paris e vira de onde Jack havia tirado algumas de suas ideias. Também vira duas igrejas com arcobotantes como os de Kingsbridge: era óbvio que outros mestres pedreiros haviam sido confrontados com o mesmo problema de Jack e encontraram a mesma solução.

Philip foi prestar sua homenagem a Guilherme de Blois, o jovem e

brilhante arcebispo de Sens, sobrinho do falecido rei Estêvão. O arcebispo convidou Philip para almoçar. Embora lisonjeado, ele recusou: tinha feito uma longa viagem para falar com Tomás Becket e agora que estava tão perto ficara impaciente. Depois de assistir à missa na catedral, seguiu o rio Yonne em direção ao norte e deixou a cidade.

Seu séquito era modesto para o prior de um dos mosteiros mais ricos da Inglaterra: levava consigo apenas dois homens de armas para sua proteção, um jovem irmão chamado Michael de Bristol para lhe servir de ajudante e um cavalo de carga para transportar os livros santos copiados e ricamente ilustrados no *scriptorium* de Kingsbridge para dar de presente aos abades e aos bispos que encontrasse durante o trajeto. Os livros caros constituíam presentes impressionantes e contrastavam drasticamente com a modéstia da comitiva. Era proposital: ele queria que as pessoas respeitassem o priorado, não o prior.

Logo após sair de Sens pelo portão norte, em uma campina ensolarada junto ao rio, ele chegou à venerável abadia de Sainte-Colombe, onde o arcebispo Tomás residia havia três anos. Um dos padres do arcebispo o recebeu calorosamente, chamou criados para cuidarem de seus cavalos e sua bagagem e o conduziu até a casa de hóspedes, onde o sacerdote morava. Ocorreu a Philip que exilados deviam ficar contentes ao receber visitas de sua terra natal, não só por motivos sentimentais, mas por serem um sinal de apoio.

Philip e seu ajudante receberam comida e vinho e foram apresentados ao círculo de Tomás. Seus homens eram todos padres, em sua maioria jovens e, na opinião de Philip, bastante inteligentes. Em pouco tempo, Michael já travava com um deles um debate sobre a transubstanciação. Philip bebericou seu vinho e ficou escutando sem participar.

– Qual é a sua opinião, padre Philip? – perguntou um dos padres depois de um tempo. – O senhor ainda não disse nada.

Philip sorriu.

– Questões espinhosas de teologia são para mim os problemas menos importantes.

– Por quê?

– Porque serão todas resolvidas na vida após a morte e enquanto isso podem ser deixadas de lado tranquilamente.

– Bem falado! – disse uma nova voz, e ao erguer os olhos Philip se

deparou com o arcebispo Tomás de Canterbury.

Teve consciência imediata de estar na presença de um homem formidável. Tomás era alto, esbelto e excepcionalmente bonito: testa larga, olhos brilhantes, pele clara, cabelos escuros. Era uns dez anos mais novo do que Philip, na casa dos 50 ou 51. Apesar dos infortúnios, parecia animado e contente. Philip percebeu na hora que ele era um homem muito *atraente*, o que explicava em parte sua ascensão a partir de origens humildes.

Philip se ajoelhou e beijou a mão do arcebispo.

– Que prazer conhecê-lo! – falou Tomás. – Sempre quis visitar Kingsbridge. Ouvi falar muito do seu priorado e da sua maravilhosa catedral nova.

Philip ficou encantado e lisonjeado.

– Vim ter com o senhor porque tudo o que conquistamos foi posto em risco pelo rei – disse ele.

– Quero saber de tudo agora mesmo – ordenou Tomás. – Venha até meus aposentos.

Ele se virou e saiu.

Philip foi atrás, sentindo-se ao mesmo tempo satisfeito e apreensivo.

Tomás o conduziu até um cômodo menor. Lá havia uma cama cara de couro e madeira coberta com lençóis de linho de boa qualidade e uma colcha bordada, mas Philip notou um colchão fino enrolado num canto e recordou as histórias segundo as quais Tomás nunca usava os móveis luxuosos fornecidos por seus anfitriões. Ao lembrar sua própria cama confortável em Kingsbridge, Philip sentiu uma pontada de culpa ao pensar que tinha todo o conforto enquanto o primaz de toda a Inglaterra dormia no chão.

– Falando em catedrais, o que achou da de Sens? – quis saber o arcebispo.

– Incrível – respondeu Philip. – Quem é o mestre construtor?

– Guilherme de Sens. Espero conseguir atraí-lo para Canterbury um dia. Sente-se. Diga-me o que está acontecendo em Kingsbridge.

Philip contou a Tomás sobre o bispo Waleran e o arcediogo Peter. O arcebispo pareceu muito interessado em todas as informações e fez várias perguntas pertinentes. Além de charmoso, era inteligente. Precisara de ambas as características para alcançar aquela posição, da qual era capaz de

frustrar as vontades de um dos reis mais fortes que a Inglaterra já tivera. Diziam que, sob as vestes de arcebispo, Tomás usava um cilício, e Philip lembrou a si mesmo que por baixo daquele exterior cativante havia uma força de vontade férrea.

Quando ele terminou sua história, Tomás adquiriu um semblante grave.

– Não podemos permitir que isso aconteça – falou.

– Não mesmo – disse Philip. O tom firme do arcebispo era encorajador.

– O senhor pode impedir?

– Só se retornar ao meu cargo em Canterbury.

Não era a resposta que Philip esperava ouvir.

– Mas mesmo agora não pode escrever para o papa?

– Vou escrever – respondeu Tomás. – Hoje mesmo. O papa não vai reconhecer Peter como bispo de Kingsbridge, isso eu lhe prometo. Mas não podemos impedi-lo de se instalar no palácio do bispo. E não podemos nomear outro bispo.

Philip ficou chocado com o caráter peremptório da recusa de Tomás e sentiu seu ânimo se esvaír. Durante toda a viagem, acalentara a esperança de que o arcebispo fosse fazer o que ele não tinha conseguido: encontrar um jeito de frustrar o plano de Waleran. Mas o brilhante Tomás também estava de mãos atadas. Tudo o que podia oferecer era a esperança de um dia voltar a ocupar seu cargo em Canterbury, quando, claro, teria o poder de vetar as indicações episcopais.

– Existe alguma esperança de o senhor voltar logo? – insistiu Philip, desanimado.

– Alguma, se você for otimista – respondeu Tomás. – O papa elaborou um tratado de paz insistindo que eu e Henrique acatemos. Para mim, os termos são aceitáveis: o tratado me dá o que venho tentando obter. Henrique também diz que não vê problema. Eu insisti que ele provasse sua sinceridade me dando o beijo da paz. Ele se recusou.

Conforme Tomás ia falando, sua voz mudava. O tom natural da conversa, com seus altos e baixos, nivelou-se e se transformou em um timbre monótono e insistente. Toda a vivacidade sumiu de seu rosto e ele assumiu o ar de um padre que faz um sermão de abnegação para uma congregação desatenta. Philip pôde ver nessa expressão a teimosia e o orgulho que o tinham feito seguir lutando por tantos anos.

– Recusar o beijo é um sinal de que ele planeja me atrair de volta para

a Inglaterra e depois renegar os termos do acordo.

Philip aquiesceu. O beijo da paz, que fazia parte do ritual da santa missa, era o símbolo da confiança, e nenhum contrato, do matrimônio à trégua, estava completo sem ele.

– O que posso fazer? – indagou Philip, tanto para si mesmo quanto para Tomás.

– Voltar à Inglaterra e fazer campanha para mim – respondeu o arcebispo. – Escrever cartas para seus colegas priores e abades. Mandar uma delegação de Kingsbridge falar com o papa. Redigir uma petição ao rei. Pregar sermões na sua célebre catedral dizendo ao povo do condado que seu mais graduado sacerdote foi repudiado pelo rei.

Philip aquiesceu. Não iria fazer nada disso. Tomás pedia que ele se unisse à oposição a Henrique. Isso poderia ser bom para o moral do arcebispo, mas para Kingsbridge não teria nenhuma consequência benéfica.

Philip tinha uma ideia melhor. Se Henrique e Tomás estavam tão próximos, talvez não fosse preciso muita coisa para fazê-los se unir. Devia haver algo que ele pudesse fazer, pensou, esperançoso. A ideia o deixou otimista. Era uma chance remota, mas ele não tinha nada a perder.

Afinal, eles estavam discutindo apenas por um beijo.



Philip ficou chocado ao constatar quanto seu irmão havia envelhecido.

Francis tinha os cabelos completamente grisalhos e bolsas enormes sob os olhos, e a pele de seu rosto parecia ressecada. Mas ele estava com 60 anos, então não era de surpreender tanto assim. Além do mais, Francis tinha os olhos brilhantes e parecia cheio de energia.

Philip se deu conta de que na verdade estava incomodado com a própria idade. Como sempre, ver o irmão o tornava consciente de como ele também tinha envelhecido. Fazia anos que não se olhava no espelho. Pensou se teria olheiras. Levou a mão ao rosto. Era difícil dizer.

– Como é trabalhar para Henrique? – indagou, curioso como todos para saber como se comportavam os reis em particular.

– Melhor do que para Matilda – respondeu Francis. – Ela era mais

inteligente, mas dissimulada demais. Henrique é muito franco. Sempre dá para saber o que ele está pensando.

Os irmãos estavam sentados no claustro de um mosteiro em Bayeux, onde Philip havia se hospedado. A corte de Henrique encontrava-se instalada ali perto. Francis trabalhava para o rei havia duas décadas. Era agora chefe da chancelaria, o escritório responsável por redigir todas as cartas e os documentos reais. Um cargo importante e poderoso.

– Franco? – repetiu Philip. – Henrique? O arcebispo Tomás não pensa assim.

– Mais um grande erro de julgamento de Tomás – retrucou Francis com desdém.

Philip pensou que o irmão não deveria demonstrar tamanho desprezo pelo arcebispo.

– Tomás é um grande homem – falou.

– Tomás quer ser rei – disparou Francis.

– E Henrique parece querer ser arcebispo – rebateu Philip.

Eles passaram alguns instantes se encarando. Se nós dois já estamos discutindo, pensou Philip, não era de espantar que Henrique e Tomás estivessem travando uma briga tão acirrada.

– Bem – disse, com um sorriso –, eu e você não deveríamos brigar por causa disso, de qualquer forma.

O semblante de Francis se suavizou.

– Não, claro que não. Lembre-se: já faz seis anos que essa disputa envenena minha vida. Não consigo ser tão indiferente quanto você em relação a ela.

Philip aquiesceu.

– Mas por que Henrique não aceita o plano de paz do papa?

– Ele vai aceitar – disse Francis. – Estamos a um passo da reconciliação. Mas Tomás quer mais. Está insistindo no beijo da paz.

– Se o rei for sincero, porém, deveria dar o beijo da paz como garantia, não?

Francis levantou a voz.

– O beijo não está nos planos! – argumentou, irritado.

– Por que não dá-lo mesmo assim? – insistiu Philip.

Francis suspirou.

– Ele daria de bom grado. O problema é que ele um dia jurou, em

público, jamais dar o beijo da paz em Tomás.

– Muitos reis já quebraram promessas – argumentou Philip.

– Reis fracos. Henrique não vai voltar atrás quando se trata de um juramento público. É esse tipo de coisa que o torna diferente do infeliz rei Estêvão.

– Nesse caso, a Igreja não deveria tentar convencê-lo a ceder – admitiu Philip com relutância.

– Então por que Tomás está insistindo tanto no beijo? – indagou Francis num tom exasperado.

– Porque ele não confia no rei. O que impede Henrique de renegar o acordo? O que Tomás poderia fazer caso isso acontecesse? Exilar-se de novo? Seus partidários têm sido leais, mas estão cansados. Tomás não pode passar por tudo isso outra vez. Então, antes de ceder, ele precisa ter garantias muito sólidas.

Francis balançou a cabeça com tristeza.

– Mas agora isso virou uma questão de orgulho – explicou. – Eu sei que Henrique não tem a intenção de trair Tomás. No entanto, ele não vai se deixar convencer. Odeia se sentir coagido.

– O mesmo vale para Tomás, creio eu – disse Philip. – Ele pediu o ato simbólico e agora não pode recuar.

Philip balançou a cabeça, cansado. Pensava que Francis teria em mente algum jeito de juntar os dois homens, mas a tarefa parecia impossível.

– A ironia disso tudo é que Henrique beijaria Tomás de bom grado *depois* que os dois se reconcilhassem – explicou Francis. – Só não aceita isso como pré-condição.

– Ele disse isso? – perguntou Philip.

– Disse.

– Mas isso muda tudo! – exclamou Philip, animado. – O que ele falou exatamente?

– Ele falou: “Eu beijarei sua boca, beijarei seus pés e o escutarei rezar a missa depois que ele voltar.” Eu mesmo ouvi.

– Vou dizer isso a Tomás.

– Acha que ele pode aceitar? – indagou Francis, animado.

– Não sei. – Philip mal se atrevia a ter esperança. – Parece uma concessão bem pequena. Ele vai ter o beijo só um pouco mais tarde do que desejaria.

– E para Henrique também seria uma pequena concessão – disse Francis, cada vez mais otimista. – Ele dá o beijo, mas voluntariamente, e não sob pressão. Por Deus, talvez dê certo!

– Eles poderiam se reconciliar em Canterbury. O acordo seria anunciado de antemão, para que nenhum dos dois pudesse mudá-lo na última hora. Tomás rezaria a missa e Henrique lhe daria o beijo lá mesmo, na catedral.

E então, pensou, Tomás frustraria os planos malignos de Waleran.

– Vou fazer essa proposta ao rei – disse Francis.

– E eu a Tomás.

O sino do mosteiro tocou. Os dois irmãos se levantaram.

– Seja persuasivo – falou Philip. – Se der certo, Tomás poderá voltar para Canterbury... E se Tomás voltar, será o fim de Waleran Bigod.



Os dois se encontraram numa bela campina na margem de um rio, na fronteira da Normandia com o reino da França, perto das cidades de Fréteval e Vievry-le-Rayé. O rei Henrique já estava lá com sua comitiva quando Tomás chegou acompanhado pelo arcebispo Guilherme de Sens. Philip, que estava no grupo de Tomás, viu seu irmão Francis acompanhando o rei do outro lado da campina.

Henrique e Tomás tinham chegado a um acordo... em teoria.

Ambos aceitaram o meio-termo, segundo o qual o beijo da paz seria dado durante a missa de reconciliação quando Becket voltasse à Inglaterra. Mas o acordo só seria válido depois que os dois se encontrassem.

Tomás fez seu cavalo avançar até o meio da campina, deixando seus acompanhantes para trás, e Henrique o imitou. Todos que observavam prendiam a respiração.

Eles passaram horas conversando.

Ninguém mais ouviu o que foi dito, mas todos puderam adivinhar. Eles falavam sobre as ofensas do rei Henrique à Igreja, o modo como os bispos ingleses tinham desobedecido a Tomás, as controversas Constituições de Clarendon, o exílio do arcebispo, o papel do papa... No início, Philip temeu que eles fossem ter uma briga feia e se separassem como inimigos

ainda mais ferozes. Os dois já haviam chegado perto de um acordo e se encontrado em situação semelhante. Então algo surgira, algum detalhe que feria o orgulho de um ou de ambos, fazendo-os trocar palavras duras e se retirar com raiva, cada qual culpando a intransigência do outro. Quanto mais conversavam, contudo, mais otimista Philip ficava. Se um deles estivesse inclinado a se retirar com raiva, sentia que aquilo teria acontecido logo no início.

A tarde quente de verão começou a esfriar e as sombras dos olmos se espicharam por cima do rio. A tensão era insuportável.

Então, por fim, algo aconteceu. Tomás se mexeu.

Será que ele iria embora? Não. Estava apeando. O que aquilo significava? Philip observou, sem respirar. Tomás desceu do cavalo, foi até Henrique e se ajoelhou aos pés do rei.

O rei desceu do cavalo e abraçou Tomás.

Os seguidores de ambos os lados comemoraram e lançaram seus chapéus para o alto.

Philip sentiu as lágrimas nos olhos. O conflito fora solucionado, graças à razão e à boa vontade. Era assim que as coisas deviam ser.

Talvez fosse um presságio para o futuro.

II

Era o dia de Natal, e o rei estava uma fera.

William Hamleigh estava com medo. Só havia conhecido uma pessoa com um temperamento igual ao do rei Henrique: sua mãe. O rei era quase tão aterrorizante quanto ela. Seria um homem intimidador de toda forma, com seus ombros largos, peito forte e cabeça imensa, mas, quando sentia raiva, seus olhos azuis acinzentados se injetavam, o rosto sardento ficava vermelho e sua agitação habitual se transformava no nervosismo furioso de um urso aprisionado.

Eles estavam em Bur-le-Roi, um pavilhão de caça de Henrique num parque próximo ao litoral da Normandia. Henrique deveria estar feliz. Caçar era o que ele mais gostava de fazer e aquele era um de seus lugares preferidos. Mas ele estava furioso. E tudo por causa do arcebispo Tomás

de Canterbury.

– Tomás, Tomás, Tomás! É só isso que eu ouço de vocês, seus prelados pestilentos! Tomás está fazendo isso, Tomás está fazendo aquilo... Tomás o ofendeu, Tomás foi injusto com o senhor. Estou farto de Tomás!

Discretamente, William observou o rosto dos condes, bispos e outros dignatários ao redor da mesa em que era servido o almoço natalino no salão nobre. Quase todos pareciam nervosos. Somente um exibia um ar satisfeito: Waleran Bigod.

Waleran tinha previsto que Henrique logo tornaria a se desentender com Tomás. Sua vitória fora muito evidente, dizia ele. O plano de paz do papa forçava o rei a ceder demais e haveria novos embates conforme Tomás tentasse fazer cumprir as promessas reais. Mas Waleran não esperara sentado para ver o que iria acontecer: havia se esforçado bastante para que suas previsões virassem realidade. Com a ajuda de William, não parava de trazer a Henrique reclamações sobre o que Tomás vinha fazendo desde que voltara à Inglaterra: o arcebispo percorria a zona rural a cavalo com um exército de cavaleiros, visitando seus asseclas e bolando planos de traição variados, e punia os membros do clero que haviam apoiado o rei durante o exílio. Waleran exagerava esses relatos antes de repassá-los ao rei, mas tudo o que ele contava tinha um fundo de verdade. No entanto, ele atiçava as chamas de um fogo que já estava bem vivo. Todos aqueles que tinham abandonado Tomás durante os seis anos da disputa e agora viviam com medo do castigo estavam prontos para difamá-lo diante do rei.

Portanto, Waleran exibia um ar feliz diante da ira de Henrique. Era natural que fosse assim. Ele devia sofrer mais do que a maioria com a volta de Tomás. O arcebispo se recusara a aprovar a indicação de seu nome para bispo de Lincoln. Mais do que isso, ele mesmo indicara: o prior Philip. Se Tomás conseguisse o que queria, Waleran perderia Kingsbridge e ainda por cima não ganharia Lincoln. Seria a sua ruína.

O próprio William também seria prejudicado. Com Aliena atuando como conde, se Waleran caísse, Philip se tornasse bispo e Jonathan fosse eleito prior de Kingsbridge, como não havia dúvida de que ocorreria, ele ficaria isolado, sem um único aliado no condado. Por isso se juntara a Waleran na corte real, para colaborar com a sabotagem do frágil acordo entre o rei e o arcebispo.

Ninguém tinha comido muito dos cisnes, gansos, pavões e patos sobre

a mesa. William, que em geral comia e bebia com vontade, mordiscava pão e bebericava uma mistura de leite, cerveja, ovos e noz-moscada, para apaziguar a bile.

O motivo da atual fúria de Henrique era a notícia de que Tomás tinha despachado uma delegação para Tours, onde o papa Alexandre se encontrava, para reclamar que o rei não cumprira sua parte do tratado de paz.

– Não haverá paz até o senhor mandar executar Tomás – disse Enjurer de Bohun, um dos mais antigos conselheiros do rei.

William ficou chocado.

– Isso mesmo! – rugiu Henrique.

William percebeu que Henrique havia interpretado o comentário mais como uma expressão de pessimismo do que como uma proposta séria. No entanto, teve a sensação de que Enjurer não tinha falado da boca para fora.

– Quando eu estava em Roma, na volta de Jerusalém – comentou distraidamente Guilherme de Malvoisin –, ouvi falar de um papa que foi executado por sua insuportável insolência. Maldição! Não consigo me lembrar do nome!

– Parece que não há mais nada a fazer com Tomás – disse o arcebispo de York. – Enquanto ele estiver vivo, vai fomentar a divisão, tanto aqui quanto no exterior.

Para William, os três comentários soaram orquestrados. Ele olhou para Waleran, que falou nesse exato momento:

– Com certeza de nada adianta recorrer à noção de decência de Tomás...

– Calados, todos vocês! – rugiu o rei. – Já ouvi o suficiente! Vocês só sabem reclamar! Quando é que vão mexer esses traseiros e tomar alguma providência? – Ele tomou um gole de cerveja. – Esta cerveja está com gosto de mijo! – bradou, enfurecido.

Empurrou a cadeira para trás e, enquanto todos se colocavam de pé às pressas, levantou-se e saiu do salão pisando duro.

No silêncio nervoso que se seguiu, Waleran se fez ouvir:

– O recado não poderia ter sido mais claro, milordes. Precisamos nos mexer e tomar uma providência em relação a Tomás.

– Acho que uma delegação nossa deveria ir falar com ele e colocá-lo na linha – opinou Guilherme de Mandeville, conde de Essex.

– E o que vocês vão fazer se ele não quiser ouvir a voz da razão? – indagou Waleran.

– Acho que deveríamos prendê-lo em nome do rei.

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo e se dividiram em grupos menores. Os que cercavam o conde de Essex começaram a planejar a delegação que enviariam a Canterbury. William viu Waleran conversando com dois ou três cavaleiros mais jovens. O bispo olhou para William e acenou para que se aproximasse.

– A delegação de Guilherme de Mandeville não vai funcionar – disse Waleran. – Tomás consegue lidar com eles com o pé nas costas.

Reginald Fitzurse encarou William com um olhar duro.

– Alguns de nós pensam que chegou a hora de medidas mais drásticas – disse ele.

– Como assim? – perguntou William.

– Você ouviu o que Enjurer falou.

– Execução – disse num impulso Richard le Breton, um rapaz com cerca de 18 anos.

O coração de William gelou ao ouvir isso. Então era sério. Ele encarou Waleran.

– Vocês vão pedir a bênção do rei?

Quem respondeu foi Reginald:

– Impossível. Ele não pode autorizar uma coisa dessas antecipadamente. – Ele abriu um sorriso mau. – Mas pode recompensar seus fiéis servidores depois.

– Bem, William você está conosco? – perguntou o jovem Richard.

– Não tenho certeza – respondeu o representante do rei. Sentia-se ao mesmo tempo animado e amedrontado. – Vou ter de pensar.

– Não há tempo para pensar – disse Reginald. – Temos de ir agora. Precisamos chegar a Canterbury antes da comitiva de Guilherme de Mandeville, senão eles vão nos atrapalhar.

– Eles precisam de um homem mais velho que os guie e planeje a operação – falou Waleran a William.

O representante estava desesperado para aceitar. Aquilo não apenas resolveria todos os seus problemas, como o rei decerto lhe daria um condado em troca.

– Mas matar um arcebispo deve ser um pecado terrível! – observou.

– Não se preocupe com isso – retrucou Waleran. – Eu o absolverei.



A seriedade do que estavam prestes a fazer pairou acima de William como uma pesada nuvem durante a viagem do grupo de assassinos até a Inglaterra. Ele não conseguia pensar em mais nada, não era capaz de comer nem de dormir, agia de modo confuso e falava sem prestar atenção. Quando o navio alcançou Dover, estava pronto para desistir do projeto.

Eles chegaram ao castelo de Saltwood, em Kent, três dias depois do Natal, na noite de uma segunda-feira. O castelo pertencia ao arcebispo de Canterbury, mas durante seu exílio havia sido ocupado por Ranulfo de Broc, que se recusara a devolvê-lo. Na verdade, uma das reclamações de Tomás para o papa era que o rei Henrique não havia lhe restituído o castelo.

Ranulfo renovou a energia de William.

Na ausência do arcebispo, ele havia saqueado Kent, refestelando-se na falta de autoridade mais ou menos como William em tempos idos, e estava disposto a fazer qualquer coisa para conservar a liberdade de fazer o que quisesse. Ficara entusiasmado com o plano de assassinato e animado com a oportunidade de participar, e começou na hora a debater com empolgação os detalhes. A abordagem prática de Ranulfo dispersou a bruma de medo e superstição que obscurecia a visão de William, que começou mais uma vez a imaginar como seria voltar a ser conde, sem ninguém para lhe dizer o que fazer.

Eles passaram a maior parte da noite acordados planejando a operação. Ranulfo desenhou uma planta do adro da catedral e do palácio do arcebispo, riscando a mesa com uma faca. As instalações monásticas ficavam do lado norte da igreja, algo bastante incomum. Em geral, como em Kingsbridge, eram construídas ao sul. O palácio do arcebispo se interligava com o canto noroeste da igreja, e o acesso era pelo pátio da cozinha. Enquanto o plano era discutido, Ranulfo despachou mensageiros para suas guarnições em Dover, Rochester e Bletchingley com ordens para seus cavaleiros o encontrarem pela manhã na estrada para Canterbury. Por volta do nascer do sol, os conspiradores foram para a cama tentar dormir

por uma hora ou duas.

Depois da longa viagem, as pernas de William ardiam como se estivessem em brasa. Ele torceu para que aquela fosse a última operação militar de sua vida. Se os seus cálculos estivessem corretos, não demoraria a completar 55 anos, e estava ficando velho demais para aquele tipo de coisa.

Apesar do cansaço e da influência animadora de Ranulfo, William não conseguiu dormir. Embora já tivesse sido absolvido de seu pecado, a ideia de matar um arcebispo era aterradora demais. Temia ter pesadelos caso pegasse no sono.

Eles haviam bolado um bom plano de ataque. Não sairia exatamente como planejado, claro: havia sempre *alguma coisa* que dava errado. O importante era ser flexível o suficiente para lidar com o inesperado. Acontecesse o que fosse, porém, não seria muito difícil para um grupo de soldados profissionais sobrepujar um punhado de monges efeminados.

A luz mortiça da manhã cinzenta de inverno vazou para dentro do quarto pelas estreitas seteiras. Depois de um tempo, William se levantou. Tentou rezar, mas não conseguiu.

Os outros também acordaram cedo. Fizeram o jejum juntos no salão. Além de William e Ranulfo, havia Reginald Fitzurse, que William nomeara líder do grupo de ataque, Richard le Breton, o mais jovem do bando, William de Tracy, o mais velho, e Hugh de Morville, o mais nobre.

Todos vestiram as armaduras e partiram montados nos cavalos de Ranulfo. Fazia um frio intenso, e o céu negro estava tomado por nuvens cinzentas e baixas, como se fosse nevar. Seguiram a antiga estrada chamada Stone Street. Ao longo da viagem de duas horas e meia, foram se juntando a vários outros cavaleiros.

Seu principal ponto de encontro era a abadia de Santo Agostinho, do lado de fora da cidade. Ranulfo tinha garantido a William que o abade era um velho inimigo de Tomás, mas, mesmo assim, William decidiu lhe dizer que estavam ali para prender o arcebispo, não para matá-lo. Era uma farsa que iriam manter até o último instante. Ninguém deveria conhecer o verdadeiro objetivo da operação a não ser o próprio William, Ranulfo e os quatro cavaleiros vindos da França.

Chegaram à abadia ao meio-dia. Os homens convocados por Ranulfo os aguardavam. O abade lhes serviu o almoço. O vinho era muito bom e

todos beberam bastante. Ranulfo deu as instruções aos seus homens de armas, que iriam cercar o adro da catedral para impedir qualquer um de fugir.

Mesmo postado ao lado da lareira da casa de hóspedes, William não parava de tremer. Aquela deveria ser uma operação simples, mas a penalidade para o fracasso provavelmente seria a morte. O rei daria um jeito de justificar o assassinato de Tomás, mas jamais poderia apoiar uma *tentativa* de assassinato: teria de alegar total desconhecimento e mandar enforcar os responsáveis. Como representante do rei em Shiring, William já enforcara muita gente, mas pensar no próprio corpo dependurado na ponta de uma corda ainda o fazia tremer.

Forçou-se a pensar no condado que talvez fosse a recompensa para o sucesso. Seria bom voltar a ser conde na velhice e ser respeitado, temido e obedecido sem qualquer questionamento. Talvez Richard, irmão de Aliena, morresse na Terra Santa e o rei Henrique devolvesse a William suas antigas propriedades. Essa ideia o aqueceu mais do que o fogo.

Ao saírem da abadia, eles eram um pequeno exército. Mesmo assim, não tiveram dificuldade para entrar em Canterbury. Ranulfo havia controlado aquela região por seis anos e ainda não renunciara a sua autoridade. Era mais poderoso do que o arcebispo, sem dúvida o motivo pelo qual Tomás havia reclamado tanto com o papa. Assim que entraram, os homens de armas se espalharam pelo adro da catedral e bloquearam todas as saídas.

A operação havia começado. Até aquele momento, ainda era teoricamente possível cancelar tudo sem qualquer consequência, mas agora, pensou William com um arrepio de apreensão, a sorte estava lançada.

Deixou Ranulfo responsável pelo bloqueio e manteve consigo um pequeno grupo de cavaleiros e soldados. Posicionou a maior parte dos cavaleiros dentro de uma casa em frente ao portão principal do terreno, em seguida entrou pelo portão com os remanescentes. Reginald Fitzurse e os outros três conspiradores entraram a cavalo no pátio da cozinha como se fossem visitas oficiais, e não intrusos armados, mas William correu para dentro da guarita do portão e ameaçou a sentinela apavorada com a espada.

O ataque estava em curso.

Com o coração na boca, William ordenou que um homem de armas

amarrasse a sentinela, em seguida chamou o resto de seus homens para dentro da guarita e fechou o portão. Agora, ninguém mais podia entrar ou sair. Ele havia assumido pelas armas o controle de um mosteiro.

Seguiu os quatro conspiradores até o pátio da cozinha. Ao norte ficavam os estábulos, mas os quatro amarraram seus cavalos numa amoreira no meio do pátio. Tiraram os cintos das espadas e os capacetes: iriam manter por mais algum tempo a fachada de uma visita de paz.

William os alcançou e deixou suas armas debaixo da árvore. Reginald o encarou para saber como ia o plano.

– Está tudo bem – disse William. – O lugar está isolado.

Eles atravessaram o pátio na direção do palácio e chegaram diante do pórtico. William destacou um cavaleiro da região chamado Richard para ficar ali de guarda. Os outros entraram no salão nobre.

Os criados do palácio estavam se sentando para almoçar, ou seja, já haviam servido Tomás e os padres e monges que o acompanhavam. Um dos criados se levantou.

– Somos homens do rei – disse Reginald.

Todos no salão se calaram, mas o criado que havia se levantado disse:

– Bem-vindos, milorddes. Sou William Fitzneal, o encarregado do salão. Entrem, por favor. Gostariam de almoçar?

Ele estava se mostrando muito simpático, pensou William, levando em conta que seu senhor travava uma queda de braço com o rei. Provavelmente poderia ser subornado.

– Não, obrigado – respondeu Reginald.

– Uma caneca de vinho depois da viagem?

– Trouxemos um recado do rei para seu senhor – disse Reginald, impaciente. – Por favor, anuncie-nos agora mesmo.

– Muito bem.

O encarregado fez uma mesura. Como eles estavam desarmados, não via motivo para lhes negar acesso. Afastou-se da mesa e foi até o outro canto do salão.

William e os quatro cavaleiros foram atrás. Silenciosos, os criados os acompanharam com os olhos. William tremia como acontecia antes de uma batalha e desejou que o combate começasse logo, pois sabia que então ficaria bem.

Todos subiram uma escada até o andar de cima.

Foram dar em uma antessala espaçosa, margeada por bancos. No meio de uma das paredes havia um trono grande. Sentados nos bancos estavam vários padres vestidos de preto, mas o trono estava vazio.

O encarregado atravessou a antessala até uma porta aberta.

– Mensageiros do rei, senhor meu arcebispo – anunciou.

Não houve resposta audível, mas o arcebispo deve ter assentido, pois o encarregado acenou mandando que eles entrassem.

Os monges e os padres observaram com os olhos arregalados os cavaleiros que atravessaram o vestíbulo a passos decididos e entraram nos aposentos particulares.

Tomás Becket estava sentado na cama, trajando suas vestes de arcebispo. Havia uma única pessoa com ele: um monge, que o escutava sentado aos seus pés. William olhou nos olhos no monge e levou um susto ao reconhecer o prior Philip de Kingsbridge. O que ele estava fazendo ali? Bajulando para obter favores, sem dúvida. Philip fora eleito bispo de Kingsbridge, mas ainda não fora confirmado. Agora nunca vai ser, pensou William com uma alegria cruel.

Philip ficou igualmente espantado ao reconhecê-lo. Tomás, porém, seguiu falando, fingindo não ter notado os cavaleiros. Foi um ato de descortesia calculado, pensou William. Os cavaleiros se sentaram nos bancos baixos em volta da cama. William preferia que não tivessem se sentado: aquilo fazia a visita parecer social, e ele sentiu que de alguma forma eles haviam perdido o ímpeto. Talvez fosse essa a intenção de Tomás.

Por fim, o arcebispo olhou para eles. Não se levantou para cumprimentá-los. Conhecia todos menos William, e seu olhar se deteve em Hugh de Morville, o mais nobre do grupo.

– Ah, Hugh – disse ele.

William tinha encarregado Reginald daquela parte da operação, de modo que foi ele, e não Hugh, quem falou com o arcebispo.

– Estávamos com o rei na Normandia. Quer ouvir o recado dele em público ou em particular?

Tomás olhou com irritação para Reginald, depois para Hugh e novamente para Reginald, como se lhe desagradasse lidar com um integrante menos graduado da delegação.

– Deixe-nos a sós, Philip – falou por fim, depois de dar um suspiro.

Philip se levantou e passou pelos cavaleiros com um ar preocupado.

– Mas não feche a porta – acrescentou Tomás antes de ele sair.

– Em nome do rei, exijo que o senhor vá a Winchester responder às acusações que lhe foram feitas – disse Reginald depois que Philip se retirou.

William teve a satisfação de ver Tomás empalidecer.

– Então é assim que vai ser – disse o arcebispo calmamente. Ele ergueu os olhos. O encarregado aguardava junto à porta. – Mande entrar todo mundo – ordenou Tomás. – Quero que todos ouçam isso.

Os monges e os padres entraram um por um, entre eles o prior Philip. Alguns se sentaram e outros ficaram em pé junto às paredes. William não viu objeção, pelo contrário: quanto mais pessoas estivessem presentes, melhor, pois o objetivo daquele encontro desarmado era demonstrar, diante de testemunhas, que Tomás se recusava a obedecer a um comando real.

Uma vez que todos tinham se acomodado, o arcebispo encarou Reginald.

– Pode repetir?

– Em nome do rei, exijo que o senhor vá a Winchester responder às acusações que lhe foram feitas – disse Reginald.

– Que acusações? – indagou Tomás.

– De traição!

Tomás balançou a cabeça.

– Não serei julgado por Henrique – respondeu ele, calmo. – Deus sabe que não cometi crime nenhum.

– Você excomungou funcionários do rei.

– Não fui eu quem fez isso, foi o papa.

– Você suspendeu outros bispos.

– E propus reintegrá-los sob condições muito generosas. Eles recusaram. Minha proposta continua de pé.

– Você ameaçou a sucessão ao trono invalidando a coroação do filho do rei.

– Não fiz nada disso. O arcebispo de York não tem o direito de coroar ninguém e o papa o repreendeu por esse atrevimento. Mas ninguém sugeriu que a coroação fosse inválida.

– Uma coisa decorre da outra, seu tolo maldito – exclamou Reginald,

exasperado.

– Já chega! – falou Tomás.

– E para nós já chega de você, Tomás Becket! – gritou Reginald. – Pelas chagas divinas, já estamos fartos de você, da sua arrogância, das suas confusões e da sua traição!

Tomás se levantou.

– Os castelos do arcebispo estão ocupados por homens do rei! – gritou ele. – Os aluguéis do arcebispo foram coletados pelo rei! O arcebispo recebeu ordens para não sair da cidade de Canterbury! E você vem aqui me dizer que *vocês* estão fartos?

– Meu senhor – tentou intervir um dos padres –, vamos conversar sobre essa questão em particular...

– De que adianta? – disparou Tomás. – Eles estão exigindo algo que não sou obrigado a fazer e não farei.

Os gritos haviam atraído todos no palácio, e William percebeu que o vão da porta do quarto estava abarrotado de espectadores de olhos arregalados. O bate-boca já havia durado o suficiente: agora, ninguém poderia negar que Tomás houvesse recusado uma ordem real. William fez um sinal para Reginald. Foi um gesto discreto, mas o prior Philip notou e arqueou as sobancelhas, surpreso ao perceber que o líder do grupo não era Reginald, e sim William.

– Arcebispo Tomás, o senhor não goza mais da paz e da proteção do rei – disse Reginald, formal. Virou-se para se dirigir aos espectadores. – Esvaziem este recinto – ordenou.

Ninguém se mexeu.

– Monges, eu ordeno, em nome do rei, que vigiem o arcebispo e impeçam sua fuga – disse Reginald.

É claro que eles não fariam nada disso, e William tampouco queria que fizessem. Pelo contrário, preferia que Tomás tentasse fugir, pois assim seria mais fácil matá-lo.

Reginald se virou para o encarregado William Fitzneal, tecnicamente o guarda-costas do arcebispo.

– O senhor está preso – falou.

Segurou o homem pelo braço e o levou para fora do quarto. O encarregado não resistiu. William e os outros cavaleiros saíram atrás deles.

Eles desceram a escada em disparada e atravessaram o salão. Richard, o cavaleiro da região, continuava de guarda no pórtico. William se perguntou o que fazer com o encarregado.

– Está do nosso lado? – quis saber.

O homem estava aterrorizado.

– Se vocês estiverem com o rei, sim! – respondeu.

Qualquer que fosse seu lado, aquele homem estava assustado demais para representar qualquer perigo, concluiu William.

– Fiquem de olho nele – disse para Richard. – Ninguém sai daqui. Deixe a porta de entrada fechada.

Junto com os outros, ele atravessou correndo o pátio até a amoreira. Às pressas, começaram a pôr os capacetes e os cintos com as espadas. É agora que vai acontecer, pensou William, receoso. Meu Deus, nós vamos voltar lá e matar o arcebispo de Canterbury. Fazia muito tempo que ele não punha um capacete e a franja de cota de malha que protegia o pescoço e os ombros atrapalhava o encaixe na cabeça. Ele amaldiçoou seus dedos desajeitados. Não tinha tempo para se atrapalhar naquele momento. Viu um menino encará-lo com a boca aberta.

– Ei! Você! Qual é o seu nome? – gritou para o garoto.

O menino olhou de volta na direção da cozinha, sem saber se respondia a William ou se fugia.

– Robert, senhor – falou após alguns segundos. – As pessoas me chamam de Robert Pipe.

– Venha cá, Robert Pipe, e me ajude com isto.

O menino tornou a hesitar.

A paciência de William se esgotou.

– Venha cá, ou eu juro pelo sangue de Jesus que corto suas mãos com esta espada!

Com relutância, o menino avançou. William lhe mostrou como segurar a cota de malha enquanto ele colocava o capacete. Finalmente conseguiu e Robert Pipe saiu correndo. William pensou: ele vai contar isso aos netos.

O capacete tinha uma barbeira, uma aba diante da boca que podia ser amarrada com uma tira. Os outros haviam fechado as barbeiras de seus capacetes, escondendo o rosto para que não fossem reconhecidos. William deixou a sua aberta por mais alguns instantes. Cada um deles segurava uma espada em uma das mãos e um machado na outra.

– Prontos? – indagou William.

Todos aquiesceram.

A partir dali, haveria pouca conversa. Não era preciso dar mais nenhuma ordem nem tomar mais nenhuma decisão. Simplesmente entrariam lá outra vez e matariam Tomás.

William levou dois dedos à boca e deu um assobio agudo.

Então prendeu a barbeira do capacete.

Um homem de armas saiu correndo da guarita e abriu o portão principal.

Os cavaleiros que William havia deixado na casa em frente saíram, avançaram até o pátio e, conforme tinham sido instruídos, começaram a gritar:

– Homens do rei! Homens do rei!

William correu de volta até o palácio.

O cavaleiro Richard e o encarregado William Fitzneal abriram a porta do salão.

Quando ele entrou, dois criados do arcebispo aproveitaram que Richard e William Fitzneal estavam distraídos e bateram a porta que conduzia para o salão.

William se jogou contra a porta com todo o seu peso, mas chegou tarde: os criados a haviam trancado com uma barra. Ele praguejou. Um contratempo assim tão cedo! Os cavaleiros começaram a golpear a porta com seus machados, mas com pouco sucesso. A porta tinha sido feita para resistir a ataques. William sentiu que o controle lhe escapava das mãos. Lutando contra um princípio de pânico, saiu correndo do pórtico e olhou em volta à procura de outra entrada, acompanhado por Reginald.

Não havia nada naquele lado do edifício. Deram a volta correndo pelo lado oeste do palácio e passaram pela cozinha, uma construção separada da casa principal, até chegar ao pomar do lado sul. William deu um grunhido satisfeito: ali, na parede sul, uma escadaria conduzia ao andar de cima. Parecia uma entrada particular para os aposentos do arcebispo. A sensação de pânico desapareceu.

William e Reginald correram até o pé da escadaria. No meio dela, os degraus estavam danificados, e ferramentas e uma escada avulsa indicavam que estavam sendo consertados. Reginald apoiou a escada avulsa na lateral da escadaria e subiu, passando por cima dos degraus

danificados. Conseguiu chegar ao topo. Ali, uma porta dava para uma pequena sacada fechada. William o viu tentar abri-la. Estava trancada. Logo ao lado havia uma janela com as venezianas fechadas. Reginald destruiu a veneziana com um golpe do machado. Esticou a mão lá para dentro, tateou, então abriu a porta e entrou.

William começou a subir a escada.



Philip sentiu medo assim que viu William Hamleigh, mas os padres e os monges do séquito do arcebispo no início se mostraram complacentes. Então, ao ouvirem os golpes na porta do salão, se assustaram, e vários sugeriram buscar refúgio na catedral.

Tomás reagiu com desdém.

– Refúgio? De quê? Desses cavaleiros? Um arcebispo não pode fugir de uns poucos valentões.

Philip pensou que, até certo ponto, ele tinha razão: o título de arcebispo nada significava se a pessoa se assustasse com cavaleiros. O homem de Deus, seguro do perdão de seus pecados, considera a morte uma feliz passagem para um lugar melhor e por isso não teme a espada. No entanto, nem mesmo um arcebispo deveria ser tão descuidado em relação à própria segurança a ponto de se expor ao ataque. Além do mais, Philip conhecia na pele a maldade e a brutalidade de William Hamleigh. Assim, quando ouviu a veneziana da sacada ser destruída, decidiu assumir o comando.

Pelas janelas, pôde ver que o palácio estava cercado por cavaleiros. Essa visão o deixou ainda mais assustado. Estava claro que aquilo era um ataque cuidadosamente planejado e que os responsáveis estavam preparados para atos de violência. Ele fechou depressa a porta do quarto e a trancou com a barra. Os outros religiosos o observaram, satisfeitos por alguém ter decidido assumir o comando da situação. O arcebispo manteve o ar desdenhoso, mas não tentou deter Philip.

Philip se postou junto à porta e apurou os ouvidos. Escutou um homem passar pela sacada e entrar na sala de audiência. Perguntou-se quão sólida era a porta do quarto. No entanto, em vez de atacar a porta, o homem

atravessou a sala de audiência e começou a descer a escada. Philip supôs que estivesse indo abrir a porta do salão para permitir que o restante dos cavaleiros entrasse.

Isso deu a Tomás alguns instantes de trégua.

Do lado oposto do quarto havia outra porta, parcialmente oculta pela cama. Philip apontou para ela.

– Onde vai dar aquilo? – perguntou, tenso.

– No claustro – respondeu alguém. – Mas está trancada.

Philip atravessou o quarto e tentou abrir a porta. Estava de fato trancada.

– Você tem a chave? – perguntou a Tomás, e acrescentou, com certo atraso: – Senhor meu arcebispo?

Tomás balançou a cabeça.

– Que eu me lembre, essa passagem nunca foi usada – disse ele, com uma calma angustiante.

A porta não parecia muito sólida, mas Philip tinha 63 anos e a força bruta nunca fora sua especialidade. Ele recuou um pouco e lhe deu um chute. Sentiu o pé doer. A porta tremeu de leve. Ele cerrou os dentes e chutou com mais força. A porta se escancarou.

Philip olhou para Tomás. O arcebispo ainda parecia relutar em fugir. Talvez não houvesse se dado conta, como Philip, que a quantidade de cavaleiros e a organização do ataque indicavam uma séria intenção de violência. Mas Philip soube instintivamente que de nada adiantaria tentar assustar Tomás para convencê-lo a fugir. Assumiu outra tática.

– Está na hora das vésperas. Não devemos deixar um punhado de brutamontes perturbarem nossa rotina de devoção.

Tomás sorriu ao perceber que seu próprio argumento fora usado contra ele.

– Muito bem – falou, e levantou-se.

Philip seguiu na frente, aliviado por ter conseguido fazer o arcebispo se mexer, mas temendo não ser rápido o bastante. A passagem levou a uma escada comprida. Não havia luz senão a que vinha do quarto do arcebispo. No final da passagem havia outra porta. Philip tentou abri-la como fizera com a primeira, mas essa era mais forte e ele não conseguiu. Começou a esmurrá-la.

– Socorro! – começou a gritar. – Abram! Depressa, depressa!

Notou o pânico na própria voz e se esforçou para ficar calmo, mas seu coração estava disparado e ele sabia que os cavaleiros de William deviam estar bem no seu encalço.

Os outros religiosos os alcançaram. Philip continuou a bater na porta e gritar.

– Dignidade, Philip, por favor – disse Tomás, mas o bispo não lhe deu ouvidos.

Queria preservar a dignidade do arcebispo, a sua não tinha a menor importância.

Antes que Tomás pudesse protestar outra vez, ouviu-se o barulho de uma barra sendo retirada e de uma chave girando na fechadura; em seguida a porta se abriu. Philip suspirou de alívio. Dois despenseiros espantados apareceram.

– Nem sabia que essa porta dava em algum lugar – comentou um deles.

Impaciente, Philip abriu caminho entre eles. Viu que estava dentro da despensa do palácio. Foi se esgueirando entre os tonéis e os sacos até a outra porta e saiu para o ar aberto.

Escurecia. Estava na galeria sul do claustro. Na outra ponta, para seu imenso alívio, viu a porta que conduzia ao transepto norte da catedral de Canterbury.

Eles estavam quase seguros.

Precisava levar Tomás para a catedral antes que William e seus cavaleiros os alcançassem. O restante do grupo saiu da despensa.

– Para a igreja, depressa! – falou.

– Não, Philip, depressa não – retrucou Tomás. – Entraremos com dignidade na minha catedral.

Philip quis dar um grito, mas se controlou.

– Claro, senhor meu arcebispo.

Já podia ouvir o barulho ameaçador de passos pesados na passagem desativada: os cavaleiros tinham arrombado o quarto e encontrado a porta. Sabia que a melhor proteção do arcebispo era sua dignidade, mas não custava nada se afastar do perigo.

– Onde está o crucifixo do arcebispo? – perguntou Tomás. – Não posso entrar na igreja sem meu crucifixo.

Philip grunhiu, desesperado.

Então um dos padres se adiantou.

– Eu trouxe o crucifixo. Aqui está.

– Carregue-o na minha frente como sempre, por favor – pediu Tomás.

O padre ergueu o crucifixo e seguiu andando com uma pressa contida em direção à porta da igreja.

Tomás foi atrás.

O séquito do arcebispo o precedeu, como exigia a etiqueta. Philip foi o último a entrar e segurou a porta para ele. Assim que Tomás entrou, dois cavaleiros irromperam da despensa e correram na direção da galeria sul.

Philip fechou a porta do transepto. Em um buraco na parede ao lado do batente havia uma barra. Philip a usou para travar a porta.

Virou-se, bambo de tanto alívio, e apoiou as costas na porta.

Tomás já atravessava o estreito transepto em direção aos degraus que conduziam à galeria lateral norte da chancela, mas ao ouvir a barra bloquear a porta parou de repente e deu meia-volta.

– Não, Philip – falou.

Philip sentiu um aperto no coração.

– Senhor meu arcebispo...

– Isto aqui é uma igreja, não um castelo. Destrave essa porta.

A porta foi sacudida violentamente quando os cavaleiros tentaram abri-la.

– Temo que eles queiram matar o senhor! – exclamou Philip.

– Então provavelmente vão conseguir, quer você trave a porta ou não. Você sabe quantas outras portas esta igreja tem? Retire a barra.

Ecoou uma série de baques altos, como se os cavaleiros estivessem golpeando a porta com machados.

– O senhor poderia se esconder – disse Philip, desesperado. – Há dezenas de lugares possíveis... A entrada da cripta fica logo ali. Está escurecendo...

– Me esconder, Philip? Na minha própria igreja? Você faria isso?

Philip observou o arcebispo por um longo instante.

– Não, não faria – respondeu por fim.

– Abra a porta.

Com o coração pesado, Philip obedeceu.

Os cavaleiros irromperam igreja adentro. Eram cinco. Tinham o rosto oculto por capacetes. Portavam espadas e machados. Pareciam emissários do inferno.

Philip sabia que não deveria sentir medo, mas as lâminas afiadas de suas armas o fizeram estremecer.

– Onde está Tomás Becket, traidor do rei e do reino? – berrou um deles.

– Onde está o traidor? – gritaram os outros. – Onde está o arcebispo?

Agora já estava bem escuro e a grande igreja era debilmente iluminada por velas. Todos os monges trajavam preto e os visores dos capacetes limitavam um pouco a visão dos cavaleiros. Philip sentiu uma súbita onda de esperança: no escuro, talvez eles não conseguissem acertar Tomás. Mas o arcebispo destruiu na hora essa esperança ao descer os degraus na direção de onde os cavaleiros se encontravam.

– Estou aqui... – disse. – Não sou um traidor do rei, mas sim um sacerdote de Deus. O que vocês querem?

Enquanto o arcebispo enfrentava os cinco homens de espada em riste, Philip teve certeza de que Tomás iria morrer ali.

Os religiosos do seu séquito devem ter tido a mesma sensação, pois de repente a maioria fugiu. Alguns desapareceram na penumbra da chancela, uns poucos se espalharam pela nave em meio aos moradores da cidade que aguardavam a missa e um deles abriu uma portinha e subiu correndo uma escada em espiral. Philip sentiu repulsa.

– Vocês devem rezar, não fugir! – gritou para eles.

Ocorreu-lhe que ele também poderia morrer se não fugisse, mas não conseguiu abandonar o arcebispo.

– Renegue sua traição! – disse um dos cavaleiros.

Philip reconheceu a voz de Reginald Fitzurse, que havia falado mais cedo.

– Não tenho nada a renegar – retrucou Tomás. – Não cometi traição.

A calma do arcebispo era impressionante, mas seu rosto estava pálido e Philip entendeu que ele, assim como os demais, percebera que ia morrer.

– Fuja, você é um homem morto! – gritou Reginald.

Tomás não saiu do lugar.

Eles *querem* que ele fuja, pensou Philip. Não têm peito para matá-lo a sangue-frio.

Talvez Tomás também tivesse entendido isso, pois se manteve impassível na frente dos cavaleiros, desafiando-os a tocá-lo. Por alguns segundos, ficaram todos congelados naquele quadro sinistro, os cavaleiros

hesitando em fazer o primeiro movimento, o sacerdote orgulhoso demais para fugir.

Foi o arcebispo quem, num gesto fatal, rompeu o feitiço:

– Estou pronto para morrer, mas vocês não devem tocar nenhum de meus homens, padres, monges ou laicos.

Reginald foi o primeiro a se mover. Brandiu a espada na direção de Tomás, aproximando a ponta cada vez mais de seu rosto, como se desafiasse a si mesmo a tocar o arcebispo com a lâmina. Tomás ficou parado feito uma estátua, com os olhos cravados no cavaleiro, não na espada. De repente, com um gesto rápido do pulso, Reginald derrubou no chão a mitra do arcebispo.

De repente, Philip foi novamente invadido pela esperança. Eles não têm coragem de fazer isso, pensou. Estão com medo de tocá-lo.

Mas ele estava errado. A decisão dos cavaleiros pareceu reforçada pelo gesto bobo de derrubar no chão a mitra do arcebispo, quase como se esperassem ser abatidos pela mão de Deus e o fato de nada ter acontecido tivesse dado coragem para ir em frente.

– Levem-no daqui – disse Reginald.

Os outros cavaleiros embainharam as espadas e se aproximaram do arcebispo.

Um deles segurou Tomás pela cintura e tentou levantá-lo.

Philip se desesperou. Eles finalmente o haviam tocado. No fim das contas, estavam dispostos a pôr as mãos em um servo de Deus. Foi tomado por uma sensação de repulsa ao notar como era profunda a maldade deles, como se estivesse olhando pela borda de uma vala sem fundo. Bem lá no fundo, eles devem saber que vão para o inferno, mas isso não os impede.

Tomás perdeu o equilíbrio, agitou os braços e começou a se debater. Os outros cavaleiros vieram ajudar a carregá-lo. Os únicos que restavam do séquito do arcebispo eram Philip e um padre chamado Edward Grim, e ambos se precipitaram para socorrê-lo. Edward segurou seu manto e não largou. Um dos cavaleiros se virou e socou Philip com o punho coberto de cota de malha. O golpe o acertou na lateral da cabeça e ele caiu, atordoado.

Quando recobrou os sentidos, os cavaleiros tinham soltado Tomás, que agora estava em pé com a cabeça baixa e as mãos unidas em postura de oração. Um dos cavaleiros ergueu a espada.

Ainda no chão, Philip soltou um longo e desesperado uivo de protesto:

– Nãããão!

Edward Grim estendeu o braço para impedir o golpe.

– Eu me entrego a De... – disse o arcebispo.

A espada desceu.

Tomás e Edward foram atingidos pelo mesmo golpe. Philip se ouviu gritar. A espada rachou o crânio do arcebispo e decepou o braço do padre. Enquanto o sangue esguichava do ferimento de Edward, Tomás caiu de joelhos.

Perplexo, Philip ficou encarando a medonha ferida na cabeça do arcebispo.

Tomás caiu para a frente devagar sobre as próprias mãos, sustentando-se apenas por um instante, em seguida desabou com a cara no chão de pedra.

Outro cavaleiro ergueu a espada e golpeou. Philip soltou um uivo involuntário de lamento. O segundo golpe acertou no mesmo lugar do primeiro e arrancou a tampa do crânio do sacerdote. Foi um golpe tão forte que a espada bateu no chão e se partiu ao meio. O cavaleiro largou o que restava dela.

Um terceiro cavaleiro cometeu então um ato que ficaria gravado na memória de Philip para o resto de sua vida: enfiou a ponta da espada no crânio aberto do arcebispo e espalhou seus miolos pelo chão.

As pernas de Philip fraquejaram e ele caiu de joelhos, tomado de horror.

– Ele não vai se levantar mais – disse o cavaleiro. – Vamos embora daqui!

Os assassinos se viraram e saíram correndo.

Philip os viu descer a nave da igreja, brandindo as espadas ao seu redor para afastar os fiéis.

Depois que os cavaleiros saíram, houve um instante de silêncio e imobilidade. O cadáver do arcebispo jazia de bruços no chão, e o crânio decepado, ainda com cabelos, repousava junto à cabeça como a tampa de uma panela. Philip enterrou o rosto nas mãos. Aquilo era o fim de qualquer esperança. Não parava de pensar: os selvagens venceram, os selvagens venceram. Sentiu-se anestesiado, como se seu corpo não tivesse mais peso ou se afundasse aos poucos num lago bem fundo, afogando-se em desespero. Não havia nada mais em que se segurar. Tudo o que antes

parecia fixo de repente se tornara instável.

Ele havia passado a vida lutando contra o poder arbitrário de homens maus e agora, no confronto derradeiro, fora derrotado. Lembrou-se de quando William Hamleigh fora incendiar Kingsbridge pela segunda vez e os moradores construíram um muro num dia único. Que vitória! A força pacífica de centenas de pessoas comuns havia derrotado a crueldade ilimitada do conde William. Lembrou-se de quando Waleran Bigod tentara fazer a catedral ser construída em Shiring para poder usá-la para os próprios objetivos. Philip havia mobilizado o povo do condado inteiro. Centenas de pessoas, mais de mil, lotaram Kingsbridge naquele maravilhoso domingo de Pentecostes, havia 33 anos, e a simples força da sua energia tinha derrotado Waleran. Mas agora não havia mais esperança. Nem todos os moradores comuns de Canterbury, nem mesmo a população da cristandade inteira bastaria para trazer Tomás de volta à vida.

Ajoelhado nas lajotas do transepto norte da catedral, tornou a ver os homens que haviam irrompido em sua casa e assassinado sua mãe e seu pai diante de seus olhos, 56 anos antes. A emoção que o dominou agora, a mesma daquele menino de 6 anos, não era medo nem tristeza. Era *raiva*. Impotente para deter aqueles homens imensos, afogueados e sanguinários, ele havia desenvolvido uma feroz ambição de deter todos esses soldados, cegar o fio de suas espadas, aleijar seus cavalos de combate e forçá-los a se submeter a outra autoridade, mais alta do que a monarquia da violência. E segundos depois, quando seus pais jaziam mortos no chão de casa, o abade Peter aparecera para lhe mostrar o caminho. Desarmado e indefeso, imediatamente pusera fim ao banho de sangue, apenas com a autoridade da Igreja e com a força da sua bondade. Essa cena inspirara Philip durante toda a vida.

Até aquele momento, acreditava que ele e as pessoas como ele estivessem vencendo. Eles conquistaram vitórias notáveis no último meio século. Mas agora, no fim da vida, seus inimigos haviam mostrado que nada tinha mudado. Seus triunfos tinham sido temporários, seu progresso, ilusório. Ele vencera algumas batalhas, mas no fim aquela era uma causa perdida. Homens iguais aos que mataram sua mãe e seu pai tinham agora assassinado um arcebispo dentro de uma catedral, como para provar, além de qualquer dúvida possível, que não existia autoridade capaz de prevalecer contra a tirania de um homem com uma espada na mão.

Nunca poderia cogitar que eles se atrevessem a matar o arcebispo Tomás, sobretudo dentro de uma igreja. Mas nunca havia pensado que pudessem matar seu pai, e os mesmos homens sedentos de sangue, com suas espadas e seus capacetes, tinham lhe mostrado a horrenda verdade nos dois casos. E agora, aos 62 anos, olhando para o cadáver mutilado de Tomás Becket, ele foi possuído pela mesma fúria infantil, irracional e ampla de um menino cujo pai morrera na sua frente.

Levantou-se. A atmosfera na igreja ia ficando carregada de emoção à medida que as pessoas se reuniam em volta do cadáver do arcebispo. Padres, monges e moradores da cidade se aproximavam devagar, pasmos e atemorizados. Philip sentiu que por trás das expressões chocadas havia uma raiva igual à sua. Um ou dois murmuravam preces, ou apenas gemiam de modo quase inaudível. Uma mulher se curvou depressa e tocou o corpo do morto, como para ter boa sorte. Vários outros seguiram seu exemplo. Então Philip viu a primeira mulher recolher furtivamente um pouco de sangue dentro de um pequeno odre, como se Tomás fosse um mártir.

Os clérigos começaram a recobrar os sentidos. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Osbert, camareiro do arcebispo, sacou uma faca, cortou uma tira da própria roupa, então se abaixou junto ao corpo e, num gesto desajeitado e repugnante, prendeu a tampa do crânio de Tomás de volta à cabeça, numa tentativa patética de restituir alguma dignidade ao corpo do arcebispo, violentado de modo tão terrível. Ao assistir a isso, a multidão soltou um gemido baixo.

Alguns monges trouxeram uma maca. Tomás foi colocado em cima dela com toda a delicadeza. Muitas mãos se ergueram para ajudá-los. Philip viu que o belo rosto do arcebispo estava em paz e que o único sinal de violência era um filete de sangue que saía da têmpora direita, passava pelo nariz e ia até a face esquerda.

Enquanto erguiam a maca, Philip recolheu a metade quebrada da espada que havia matado Tomás. Não parava de pensar na mulher que tinha coletado o sangue do arcebispo dentro de um frasco como se ele fosse um santo. Aquele pequeno ato tinha um significado imenso, mas Philip ainda não sabia exatamente qual era.

Atraídos por uma força invisível, os fiéis começaram a seguir a maca. Philip foi atrás, sentindo o mesmo estranho impulso que os dominava. Os monges carregaram o cadáver pela chancela e o baixaram lentamente no

chão em frente ao altar-mor. A multidão em volta, boa parte da qual rezava em voz alta, ficou observando um padre trazer um pano limpo e amarrar bem a cabeça do arcebispo, em seguida cobrir quase toda a atadura com uma nova mitra.

Um monge cortou o manto negro sujo de sangue do arcebispo e o tirou. Pareceu não saber o que fazer com a roupa ensanguentada e virou-se como se fosse descartá-la. Um dos moradores se adiantou depressa e a pegou de suas mãos como se fosse um objeto precioso.

O pensamento que vinha pairando incerto no fundo da mente de Philip então se revelou num clarão. Os moradores da cidade tratavam Tomás como um mártir, ávidos por recolher seu sangue e suas roupas como se tivessem os poderes sobrenaturais das relíquias de um santo. Philip havia considerado o assassinato uma derrota política da Igreja, mas as pessoas ali não pensavam assim: o que viam era um martírio. E a morte de um mártir, embora pudesse parecer uma derrota, no final sempre proporcionava inspiração e força para a Igreja.

Tornou a pensar nas centenas de pessoas que haviam acorrido a Kingsbridge para construir a catedral e nos homens, nas mulheres e nas crianças que tinham trabalhado juntos metade de uma noite para erguer a muralha da cidade. Se essas pessoas pudessem ser mobilizadas agora, pensou, mais animado, talvez o grito coletivo de indignação soasse tão alto que o mundo inteiro escutaria.

Ao olhar para os homens e as mulheres reunidos em volta do cadáver, seus rostos cheios de tristeza e horror, Philip entendeu que eles só queriam um líder.

Seria possível?

Havia algo familiar nessa situação, percebeu. Um cadáver mutilado, uma multidão de espectadores e alguns soldados ao longe. Onde ele vira isso antes? O que deveria acontecer agora, sentiu, era um pequeno grupo de seguidores do morto se unir contra o poder e a autoridade de um portentoso império.

Mas claro. Era assim que tinha nascido o cristianismo.

E quando ele entendeu isso, soube o que precisava fazer.

Foi até a frente do altar e se virou para a multidão. Ainda segurava a espada quebrada. Todos voltaram a atenção para ele. Por alguns instantes, ele duvidou de si mesmo. Será que consigo?, pensou. Será que consigo,

aqui e agora, dar início a um movimento que irá abalar o trono da Inglaterra? Olhou para os rostos das pessoas. Além de tristeza e raiva, detectou em um ou dois semblantes uma tênue esperança.

Ergueu a espada bem alto.

– Esta espada matou um santo – começou.

Ouviu-se um murmúrio de concordância.

– Nós aqui esta noite testemunhamos um martírio – continuou Philip, encorajado.

Os padres e os monges pareceram surpresos. Assim como Philip, não tinham percebido na hora o real significado do assassinato que haviam testemunhado, mas os moradores da cidade tinham, e expressaram sua aprovação.

– Cada um de nós deve sair daqui e contar o que viu. – Várias pessoas aquiesceram vigorosamente. Elas estavam escutando, mas Philip queria mais. Queria inspirá-las. Pregar nunca tinha sido seu forte. Ele não era um daqueles homens capazes de enfeitiçar uma plateia, de fazê-la rir ou chorar e convencê-la a segui-lo aonde ele fosse. Não sabia fazer a voz vibrar e a luz da glória emanar de seus olhos. Era um homem prático, pé no chão, e naquele momento precisava falar como um anjo.

– Em breve, cada homem, cada mulher e cada criança de Canterbury saberão que os homens do rei assassinaram o arcebispo na catedral. Mas isso é só o começo. A notícia se espalhará por toda a Inglaterra, depois por toda a cristandade.

Percebeu que estava perdendo o interesse das pessoas. Algumas das expressões indicavam insatisfação e desapontamento.

– Mas o que devemos *fazer*? – indagou um homem.

Philip entendeu que eles precisavam tomar uma atitude concreta imediatamente. Era impossível conclamar uma cruzada e em seguida mandar as pessoas para a cama.

Uma cruzada, pensou. Boa ideia.

– Amanhã levarei esta espada até Rochester – continuou Philip. – Depois de amanhã, até Londres. Vocês virão comigo?

A maioria manteve um semblante impassível, mas alguém no fundo gritou: “Sim!”, então uma ou duas vozes manifestaram seu acordo.

Philip falou um pouco mais alto:

– Contaremos nossa história em cada cidade e cada povoado da

Inglaterra. Mostraremos às pessoas a espada que matou São Tomás. Faremos com que vejam as manchas de sangue de suas santas vestes. – Ele começou a se embalar e deixou a raiva que sentia transparecer um pouco. – Lançaremos um brado que irá se espalhar por toda a cristandade, sim, até chegar a Roma. Faremos o mundo civilizado inteiro se voltar contra os selvagens que perpetraram esse crime terrível e blasfemo!

Dessa vez, a maioria dos presentes manifestou sua aprovação. Estavam esperando alguma forma de expressar suas emoções, e ele agora lhes proporcionava isso.

– Este crime... – falou devagar, erguendo a voz até transformá-la num grito –... nunca, jamais será esquecido!

Ouviu-se um rugido de assentimento.

De repente, ele soube como devia continuar.

– Vamos começar agora nossa cruzada! – falou.

– Sim!

– Vamos carregar esta espada por todas as ruas de Canterbury!

– Sim!

– E vamos dizer a todos os moradores dentro de suas casas o que testemunhamos hoje aqui!

– Sim!

– Tragam velas e me sigam!

Segurando a espada bem alto, ele saiu marchando em linha reta pelo meio da catedral.

As pessoas o seguiram.

Exultante, Philip passou pela chancela e pelo coro e começou a descer a nave. Alguns dos monges e dos padres caminhavam ao seu lado. Não foi preciso olhar para trás: ele podia ouvir os passos de uma centena de pessoas marchando atrás de si. Saiu pela porta principal da igreja.

Ali, foi acometido por um instante de pânico. Do outro lado do pomar escuro, pôde ver homens de armas saqueando o palácio do arcebispo. Se os seguidores de Tomás os confrontassem, a cruzada poderia degenerar em briga quando mal havia começado. Subitamente assustado, ele se virou para o lado com um movimento abrupto e conduziu a multidão pelo portão mais próximo até a rua.

Um dos monges começou a entoar um hino. Por trás das venezianas das casas via-se a luz de lampiões e fogueiras, mas assim que a procissão

passava todos abriam as portas para ver o que estava acontecendo. Alguns fizeram perguntas aos integrantes do grupo e outros se juntaram à procissão.

Philip dobrou uma esquina e viu William Hamleigh.

Em pé diante de um estábulo, ele parecia ter acabado de tirar a cota de malha e estava prestes a montar o cavalo para sair da cidade. Um punhado de homens o acompanhava. Tinham o rosto erguido numa expressão de expectativa. Deviam ter escutado o canto e perguntavam-se o que estaria acontecendo.

Quando a procissão iluminada pelas velas foi se aproximando, William no início pareceu não entender. Então viu a espada partida na mão de Philip e compreendeu o que estava acontecendo. Ainda passou mais alguns segundos em silêncio, estarecido.

– Parem com isso! – gritou finalmente. – Ordeno que se dispersem!

Ninguém lhe deu atenção. Os homens de William pareciam nervosos. Mesmo com suas espadas, estariam vulneráveis se enfrentassem uma turba de mais de cem fiéis fervorosos.

– Em nome do rei – disse William, dirigindo-se a Philip –, ordeno que pare com isso!

Philip passou por ele impelido pela força da multidão.

– Agora é tarde, William! – gritou por cima do ombro. – Agora é tarde!

III

Os garotos chegaram cedo ao enforcamento.

Já estavam lá, na praça do mercado de Shiring, jogando pedras em gatos, maltratando mendigos e brigando entre si, quando Aliena apareceu sozinha e a pé, usando uma capa barata com capuz para ocultar sua identidade.

Manteve-se um pouco afastada e observou o patíbulo. Não tivera a intenção de ir. Havia presenciado muitos enforcamentos ao longo dos anos em que fizera o papel de conde. Agora que não tinha mais essa responsabilidade, pensava que ficaria feliz se nunca mais, até o fim da

vida, visse alguém ser enforcado. Mas aquele caso era diferente.

Ela não desempenhava mais o papel de conde porque seu irmão, Richard, havia morrido na Síria. Não em combate, mas, por ironia, durante um terremoto. A notícia levava seis meses para chegar. Ela não o via fazia quinze anos, e agora nunca mais o veria.

No alto do morro, os portões do castelo se abriram e o prisioneiro saiu com sua escolta, seguido pelo novo conde de Shiring: Tommy, filho de Aliena.

Como Richard não tivera filhos, o sobrinho era seu herdeiro. O rei, aturdido e enfraquecido pelo escândalo de Becket, optava por resistir o mínimo e rapidamente confirmara Tommy como conde. Aliena cedera a vez à geração mais jovem de bom grado. Já realizara tudo o que queria no condado. Voltara a ser uma terra rica e próspera, de ovelhas gordas, pastos verdes e sólidos moinhos. Alguns dos proprietários maiores e mais progressistas haviam seguido seu exemplo e usavam agora arados puxados por cavalos, alimentados com a aveia cultivada no sistema de rotação de três culturas. Consequentemente, a região era capaz de alimentar ainda mais pessoas do que sob o domínio esclarecido de seu pai.

Tommy seria um bom conde. Nascera para aquilo. Jack tinha se recusado a reconhecer a vocação do filho por muito tempo, pois queria que ele fosse construtor, mas no final fora forçado a aceitar a realidade. Tommy nunca fora capaz de talhar uma pedra em linha reta, mas era um líder nato, e aos 28 anos tinha um temperamento decidido, determinado, inteligente e justo. As pessoas agora o chamavam de Thomas.

Quando ele assumiu o título, todos imaginavam que Aliena fosse permanecer no castelo, reclamar da nora e brincar com os netos. Ela rira dessa ideia. Gostava da esposa de Tommy, uma moça bonita, uma das filhas mais novas do conde de Bedford, e adorava os três netos, mas aos 52 anos não estava pronta para se aposentar ainda. Ela e Jack tinham se mudado para uma grande casa de pedra perto do priorado de Kingsbridge, numa área próspera onde antes ficava o bairro pobre, e ela voltara a trabalhar com lã: comprava, vendia e negociava com a mesma energia de antes, e ganhava rios de dinheiro.

O prisioneiro entrou escoltado na praça, e Aliena despertou do devaneio. Observou atentamente o condenado, que cambaleava amarrado a uma corda e com as mãos atadas às costas. Era William Hamleigh.

Alguém na fila da frente cuspiu nele. A praça encontrava-se lotada, pois muitas pessoas estavam felizes por testemunhar o fim de William e, mesmo para quem não tinha rancor específico em relação a ele, o fato de um antigo representante do rei ser enforcado era por si só um acontecimento. William havia participado do mais célebre assassinato que qualquer um era capaz de recordar.

Aliena jamais tinha ouvido falar ou imaginado algo parecido com a reação ao assassinato do arcebispo Tomás. A notícia havia se espalhado como um incêndio descontrolado por toda a cristandade, de Dublin a Jerusalém, de Toledo a Oslo. O papa ficara de luto. A metade continental do reino de Henrique fora posta sob interdito, ou seja, tivera suas igrejas fechadas e seus ofícios suspensos, com exceção dos batismos. Na Inglaterra, as pessoas tinham começado a fazer romaria até Canterbury, como se a cidade fosse um santuário como Santiago de Compostela. Houvera também milagres. Água misturada com o sangue do mártir e retalhos do manto que ele usava ao ser morto haviam curado doentes não só em Canterbury, mas em toda a Inglaterra.

Os homens de William tentaram roubar o cadáver da catedral, mas os monges foram avisados de antemão e o esconderam, e agora o morto estava protegido num cofre de pedra. Os romeiros tinham de passar a cabeça por um buraco na parede para beijar o caixão de mármore.

Foi o último crime de William. Ele voltou correndo para Shiring, mas Tommy mandou prendê-lo e o acusou de sacrilégio, e ele foi condenado pelo tribunal do bispo Philip. Em outra situação, ninguém se atreveria a condenar um representante do rei, pois ele era funcionário da coroa, mas nesse caso aconteceu justamente o contrário: ninguém, nem mesmo o rei, se atreveria a defender um dos assassinos de Becket.

William iria ter um fim terrível.

Ele exibia um olhar nervoso e fixo e babava pela boca aberta. Gemia de modo incoerente, e na frente de sua túnica era possível ver a mancha onde ele havia urinado.

Aliena viu seu velho inimigo cambalear às cegas em direção ao cadafalso. Lembrou-se do rapaz jovem, arrogante e impiedoso que a havia estuprado 35 anos antes. Era difícil acreditar que ele houvesse virado aquela criatura sub-humana aterrorizada que gemia na sua frente. Nem mesmo o cavaleiro gordo, velho, doente e amargurado que tinha sido no

fim da vida se parecia com aquilo. Ao se aproximar do cadafalso, ele começou a se debater e a gritar. Os homens de armas o puxaram como um porco levado para o abatedouro. Aliena não encontrou compaixão em seu coração. Tudo o que conseguia sentir era alívio. William nunca mais iria aterrorizar ninguém.

Ele chutou e berrou ao ser erguido e posto sobre o carro de boi. Parecia um animal, com o rosto vermelho, descontrolado e imundo, mas seus balbucios, gemidos e gritos eram como os de uma criança. Foi preciso que quatro homens o segurassem para um quinto passar a corda em volta do seu pescoço. Ele se debateu tanto que o nó apertou antes mesmo de ele cair, e William começou a se enforcar por causa dos próprios movimentos. Os homens de armas se afastaram. William se contorceu, engasgado, e seu rosto gordo começou a ficar roxo.

Aliena assistia à cena horrorizada. Nem mesmo no auge da raiva e do ódio havia lhe desejado uma morte assim.

Agora que ele estava sufocando, não havia mais barulho, e a multidão não se mexia. Até mesmo os garotos pequenos se calaram diante da medonha visão.

Alguém usou uma vara para fustigar o boi atrelado à carroça e o animal avançou. William finalmente caiu, mas a queda não partiu seu pescoço e ele ficou pendurado e foi sufocando aos poucos. Seus olhos continuaram abertos. Aliena teve a sensação de que ele a encarava. O esgar em seu rosto enquanto se contorcia em agonia lhe pareceu conhecido, e ela se deu conta de que era a mesma expressão de quando ele a estava estuprando, logo antes de atingir o orgasmo. A lembrança a apunhalou feito uma faca, mas ela não se permitiu desviar os olhos.

Demorou bastante, mas a multidão permaneceu em silêncio até o final. O rosto dele foi ficando cada vez mais escuro. As contorções de agonia viraram meros espasmos. Por fim, os olhos se reviraram nas órbitas, as pálpebras se fecharam, ele parou de se mexer e então, numa horrenda conclusão, a língua saiu por entre os dentes, negra e inchada.

Ele estava morto.

Aliena se sentiu esgotada. William tinha mudado sua vida. Por um longo tempo, teria dito que ele a havia estragado. Agora estava morto, e nunca mais poderia machucá-la nem a qualquer outra pessoa.

A multidão começou a se dispersar. Os meninos se puseram a imitar os

estertores da morte, revirando os olhos e pondo a língua para fora. Um homem de armas subiu no patíbulo e cortou a corda que sustentava William.

Aliena encontrou o olhar do filho. Tommy pareceu surpreso ao vê-la. Foi na mesma hora até onde ela estava e se curvou para beijá-la. Meu filho, pensou ela, meu filho tão grande. O filho de Jack. Lembrou-se de como ficara apavorada de ter um filho de William. Bem, algumas coisas acabam dando certo.

– Pensei que não quisesse vir aqui hoje – disse Tommy.

– Eu tinha de vir – respondeu ela. – Tinha de vê-lo morto.

Ele pareceu espantado. Não entendia aquilo, não por completo. Ela ficou grata. Torceu para ele nunca precisar entender aquele tipo de coisa.

Tommy passou o braço à sua volta e, juntos, os dois saíram da praça.

Aliena não olhou para trás.



Em um dia quente no auge do verão, Jack almoçava com Aliena e Sally no frescor da galeria da tribuna do transepto norte, sentado no gesso todo riscado em que fazia seus desenhos. Ao fundo, o murmúrio baixo dos monges entoando a sexta na chancela parecia uma cascata distante. Eles comiam costeletas de cordeiro frias com pão fresco e bebiam cerveja dourada de uma jarra de pedra. Jack havia passado a manhã esboçando o projeto da nova chancela, que começaria a construir no ano seguinte. Sally examinava o desenho enquanto devorava uma costeleta com seus belos dentes brancos. Dali a pouco, ele sabia, sua filha faria alguma crítica. Olhou de relance para Aliena. Ela também tinha lido a expressão da filha e sabia o que estava por vir. Trocaram um olhar cúmplice de pais e sorriram.

– Por que você quer que a extremidade leste seja arredondada? – perguntou Sally.

– Usei como base o projeto de Saint-Denis – respondeu Jack.

– Mas isso tem alguma vantagem?

– Tem. Assim os romeiros circulam melhor.

– Então vai ter só esta fileira de janelinhas.

Jack sabia que as janelas não iam demorar a surgir na conversa, pois

Sally era vitralista.

– *Janelinhas?* – repetiu ele, fingindo indignação. – Essas janelas são enormes! Quando coloquei janelas desse tamanho nesta igreja pela primeira vez, as pessoas pensaram que o edifício inteiro fosse desabar por falta de apoio estrutural.

– Se a chancela tivesse a extremidade quadrada, você teria uma imensa parede plana – insistiu Sally. – Daria para pôr janelas grandes *de verdade*.

Sua filha tinha certa razão, pensou Jack. Com o projeto arredondado, a chancela deveria ter a mesma elevação contínua dividida nos três níveis tradicionais – arcada, galeria e clerestório –, em toda a volta. Uma extremidade quadrada possibilitaria modificar o projeto.

– Pode haver outro jeito de fazer os romeiros circularem – falou, pensativo.

– E o sol nascente entraria pelas grandes janelas – disse Sally.

Jack começou a imaginar como seria.

– Poderia haver uma fileira de janelas estreitas e altas, como lanças em um cavalete.

– Ou então uma grande janela redonda como uma rosa – sugeriu Sally.

Era uma ideia esplêndida. Para quem estivesse em pé na nave olhando a extensão da igreja na direção leste, a janela redonda pareceria um enorme sol explodindo em incontáveis cacos de cores deslumbrantes. Jack conseguiu visualizar cada detalhe.

– Fico me perguntando que tema os irmãos vão escolher.

– A Lei e os Profetas – respondeu Sally.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Sua danadinha... Já apresentou essa ideia ao prior Jonathan, não foi?

Sally assumiu um ar de culpa, mas foi poupada de responder pela chegada de Peter Chisel, um jovem entalhador. Era um rapaz tímido e desengonçado, com cabelos claros que caíam na frente dos olhos, mas seus entalhes eram bonitos e Jack estava feliz por trabalhar com ele.

– Pois não, Peter? – falou.

– Na verdade vim procurar Sally – respondeu o rapaz.

– Bom, já encontrou.

Sally se levantou e limpou as migalhas de pão da túnica.

– Nos vemos mais tarde – despediu-se, e então ela e Peter passaram pela porta baixa e começaram a descer a escada em espiral.

Jack e Aliena se entreolharam.

– Ela ficou com o rosto vermelho? – indagou Jack.

– Tomara que sim – respondeu Aliena. – Meu Deus, já está mais do que na hora de ela se apaixonar por alguém. Ela já tem 26 anos!

– Ora, vejam só. Eu já havia perdido as esperanças. Pensei que ela planejasse virar solteirona.

Aliena balançou a cabeça.

– Sally? Não. Ela sente tanto desejo quanto qualquer outra pessoa. Só é seletiva.

– É mesmo? – disse Jack. – As moças do condado não estão fazendo fila para se casar com Peter Chisel.

– As moças aqui do condado se apaixonam por homens grandes e atraentes como Tommy, que fazem uma bela figura a cavalo e usam capas com forro de seda vermelha. Sally é diferente. Ela quer alguém inteligente e sensível. Peter é perfeito para ela.

Jack assentiu. Nunca havia pensado na questão por esse prisma, mas sentia que Aliena tinha razão.

– Ela é igual à avó – comentou ele. – Minha mãe se apaixonou por um esquisito.

– Sally é igual à sua mãe e Tommy igual ao meu pai – disse Aliena.

Jack sorriu. Ela estava mais linda do que nunca. Tinha os cabelos riscados de cinza e a pele do pescoço já não era mais lisa feito mármore como antigamente, mas, à medida que ela envelhecia e perdia as formas arredondadas da maternidade, os ossos bem-feitos de seu belo rosto iam ficando mais proeminentes e ela adquiria uma beleza pura, quase estrutural. Jack estendeu a mão e acompanhou a linha de seu maxilar.

– Parece meus contrafortes alados – falou.

Ela sorriu.

Ele desceu a mão pelo pescoço até seu colo. Seus seios também haviam mudado. Lembrava-se de quando saltavam do peito como se não tivessem peso, com os mamilos empinados. Depois, quando ela havia engravidado, tinham ficado ainda maiores, e os mamilos, mais largos. Agora estavam mais caídos e mais macios, e balançavam deliciosamente de um lado para outro quando ela andava. Ele os havia adorado ao longo de todas essas fases. Perguntou-se como eles ficariam quando ela envelhecesse. Será que se tornariam murchos e enrugados? Provavelmente

vou amá-los mesmo assim, pensou. Sentiu o mamilo dela endurecer sob seu toque. Inclinou-se para beijá-la na boca.

– Jack, você está na igreja – murmurou ela.

– Não importa – disse ele, e desceu a mão pela barriga dela até a virilha.

Passos soaram na escada.

Ele se afastou, culpado.

Aliena sorriu do seu embaraço.

– É Deus julgando você – falou, brincalhona.

– Nos vemos mais tarde – sussurrou ele, fingindo uma ameaça.

Os passos chegaram ao alto da escada e o prior Jonathan apareceu. Cumprimentou os dois com formalidade. Tinha o semblante grave.

– Jack, quero que você escute uma coisa – disse ele. – Pode vir até o claustro?

– Claro.

Jack se levantou.

Jonathan caminhou de volta até a escada em espiral.

Jack parou no vão da porta e apontou para Aliena um dedo ameaçador.

– Mais tarde – falou.

– Promete? – rebateu ela com um sorriso.

Jack desceu a escada atrás de Jonathan e cruzou a igreja até a porta no transepto sul que conduzia ao claustro. Eles percorreram a galeria norte, passaram pelos meninos que estudavam em suas tabuletas de cera, até chegarem à extremidade. Jonathan indicou com a cabeça um monge sentado sozinho em um parapeito de pedra na metade da galeria oeste. Seu capuz lhe cobria a cabeça, mas quando eles pararam o homem se virou, ergueu o rosto e então desviou os olhos depressa.

Jack deu um passo involuntário para trás.

O monge era Waleran Bigod.

– Que diabo ele está fazendo aqui? – perguntou, irritado.

– Preparando-se para ir ao encontro do Criador – respondeu Jonathan.

Jack franziu o cenho.

– Não estou entendendo.

– Ele é um homem arruinado – explicou Jonathan. – Não tem cargo, nem poder, nem amigos. Entendeu que Deus não quer que ele seja um bispo importante e poderoso. Percebeu os erros do caminho que escolheu.

Ele veio até aqui, a pé, e implorou para ser aceito como um humilde irmão e passar o resto de seus dias pedindo perdão a Deus pelos seus pecados.

– Não consigo acreditar – falou Jack.

– No início eu também não consegui – disse Jonathan –, mas depois me dei conta de que ele sempre foi um homem genuinamente temente a Deus.

Jack continuava cético.

– Acho mesmo que ele era devoto – argumentou Jonathan. – Só cometeu um erro crucial: acreditou que, no serviço de Deus, o fim justifica os meios. Isso lhe permitiu fazer qualquer coisa.

– Inclusive conspirar para assassinar um arcebispo!

Jonathan ergueu as mãos num gesto defensivo.

– Quem deve puni-lo por isso é Deus, não eu.

Jack deu de ombros. Era o tipo de coisa que Philip teria dito. Não via motivos para deixar Waleran morar no priorado, mas era assim que os monges agiam.

– Por que quis que eu o visse?

– Ele quer lhe contar por que seu pai foi enforcado.

De repente, Jack sentiu um calafrio.

Waleran estava sentado imóvel feito uma pedra, com o olhar perdido. Estava descalço. Os frágeis tornozelos brancos de um velho apareciam por baixo da barra de seu hábito grosseiro. Jack se deu conta de que ele não era mais assustador. Era um homem debilitado, derrotado e triste.

Avançou devagar e se sentou no banco de pedra a 1 metro de Waleran.

– O velho rei Henrique era forte demais – começou Waleran sem preâmbulo. – Alguns dos grandes nobres não gostavam disso. Sentiam-se muito limitados. Queriam que o sucedesse um rei mais fraco. Porém Henrique tinha um filho, Guilherme.

Tudo aquilo era história antiga.

– Isso foi antes de eu nascer – disse Jack.

– Seu pai morreu antes de você nascer – rebateu Waleran, com um leve resquício da antiga superioridade.

Jack assentiu.

– Continue, então.

– Um grupo de nobres decidiu matar Guilherme, filho de Henrique. Segundo o raciocínio deles, se pairassem dúvidas sobre a sucessão, eles

teriam mais influência na escolha do novo rei.

Jack estudou o semblante pálido e magro de Waleran à procura de algum sinal de dissimulação. O velho lhe pareceu apenas cansado, abatido e arrependido. Se estava aprontando alguma, Jack não conseguia ver qualquer indício.

– Mas Guilherme morreu no naufrágio do *Navio Branco*.

– Esse naufrágio não foi um acidente – afirmou Waleran.

Jack ficou surpreso. Seria mesmo possível? O herdeiro do trono assassinado só porque um grupo de nobres desejava uma monarquia fraca? Mas não era mais chocante do que o assassinato de um arcebispo.

– Continue – falou.

– Os homens dos nobres abriram lombos no navio e fugiram em um bote. Todos os outros morreram afogados, com exceção de um que se agarrou num mastro e flutuou até a praia.

– Meu pai – disse Jack.

Estava começando a entender para onde aquela história caminhava.

O rosto de Waleran estava pálido, e seus lábios, exangues. Ele falava sem emoção e sem encarar Jack.

– Ele foi dar perto de um castelo que pertencia a um dos conspiradores e eles o capturaram. O homem não tinha nenhum interesse em denunciá-los. Na verdade, nunca percebeu que o navio tinha sido afundado. No entanto, vira coisas que teriam revelado a verdade a outros caso lhe houvessem permitido ficar livre e falar sobre o ocorrido. Por isso o sequestraram, trouxeram-no para a Inglaterra e o deixaram aos cuidados de pessoas em quem podiam confiar.

Jack sentiu uma profunda tristeza. Segundo lhe dissera sua mãe, tudo o que seu pai sempre quisera fazer fora divertir os outros. Mas havia algo estranho na história de Waleran.

– Por que eles não o mataram logo? – perguntou ele.

– Deveriam ter matado – respondeu Waleran, impassível. – Mas ele era um homem inocente, um menestrel, alguém que proporcionava prazer aos outros. Não conseguiram fazer isso. – Ele deu um sorriso triste. – Até mesmo as pessoas mais impiedosas têm algum escrúpulo, afinal.

– Então por que mudaram de ideia?

– Porque depois de algum tempo ele se tornou perigoso, mesmo aqui. No início não ameaçava ninguém. Nem inglês ele falava. Mas depois

aprendeu, claro, e começou a fazer amizades. Então eles o trancaram na cela que fica debaixo do dormitório. As pessoas começaram a perguntar por que ele estava preso. Ele virou um estorvo. Perceberam que nunca ficariam tranquilos enquanto ele vivesse. Por isso, acabaram nos dizendo para matá-lo.

Tão fácil, pensou Jack.

– Mas por que vocês obedeceram?

– Éramos ambiciosos, os três – respondeu Waleran, e pela primeira vez seu rosto exibiu uma emoção, a boca contorcida num esgar de remorso. – Percy Hamleigh, o prior James e eu. Sua mãe disse a verdade. Todos nós fomos recompensados. Eu virei arcediogo, um esplêndido começo para minha carreira eclesiástica. Percy Hamleigh virou um proprietário de terras importante. O prior James conseguiu um acréscimo providencial de bens para o priorado.

– E os nobres?

– Depois do naufrágio, Henrique foi atacado nos três anos seguintes por Fulk de Anjou, por William Clito na Normandia e pelo rei da França. Durante algum tempo, pareceu muito vulnerável. Mas derrotou os inimigos e reinou por mais dez anos. No entanto, a anarquia que os nobres queriam acabou chegando depois que o rei morreu sem herdeiro homem e Estêvão subiu ao trono. Nas duas décadas seguintes, enquanto durou a guerra civil, os nobres governaram como reis em seus territórios, sem nenhuma autoridade central para freá-los.

– E meu pai morreu por isso.

– Até mesmo isso deu errado. A maioria desses nobres morreu na guerra, assim como alguns de seus filhos. E as pequenas mentiras que contamos aqui nesta região para que seu pai fosse morto acabaram voltando para nos assombrar. Sua mãe nos amaldiçoou depois do enforcamento, e a maldição deu certo. O prior James foi destruído pela consciência, como contou Remigius no julgamento de Philip. Percy Hamleigh morreu antes de a verdade vir à tona, mas seu filho foi enforcado. E olhe só para mim: meu perjúrio me alcançou quase cinquenta anos depois e pôs fim à minha carreira. – Waleran tinha o semblante pálido e exausto, como se aquele rígido autocontrole fosse um esforço terrível. – Todos nós temíamos sua mãe, pois não tínhamos certeza do que ela sabia. No fim das contas não era grande coisa, mas foi suficiente.

Jack se sentia tão exaurido quanto Waleran aparentava estar. Finalmente havia descoberto a verdade sobre o pai, algo que passara a vida inteira perseguindo. Não conseguia sentir raiva nem desejo de vingança. Jamais conhecera seu verdadeiro pai, mas tivera Tom, que lhe dera a segunda grande paixão da sua vida: o amor pelas construções.

Levantou-se. Aqueles acontecimentos eram remotos demais para fazê-lo chorar. Muitas coisas haviam se sucedido desde então, a maioria boa.

Olhou para o pobre velho sentado no banco de pedra. Por ironia, agora quem sofria as agruras do arrependimento era Waleran. Jack sentiu pena dele. Que coisa terrível, pensou, estar velho e saber que desperdiçou toda a sua vida. Waleran ergueu o rosto e seus olhares se cruzaram pela primeira vez. Waleran estremeceu e virou a cara como se tivesse levado um tapa. Por alguns instantes, Jack pôde ler seu pensamento e entendeu que ele tinha percebido a pena em seu olhar.

E para Waleran a pior humilhação de todas era a pena de seus inimigos.

IV

Philip estava em pé no portão oeste da antiga cidade cristã de Canterbury. Paramentado com as cores suntuosas das vestes de um bispo inglês, segurava um báculo cravejado de joias que valia uma fortuna. Chovia copiosamente.

Contava 64 anos de idade e a chuva congelava seus velhos ossos. Aquela era a última vez que iria se aventurar tão longe de casa, mas não teria perdido aquele dia por nada neste mundo. De certa forma, aquela cerimônia iria coroar a obra de toda a sua vida.

Fazia três anos e meio desde o histórico assassinato do arcebispo Tomás. Nesse curto período, o culto místico a Tomás Becket havia corrido o mundo. Philip não fazia ideia do que estava iniciando ao conduzir aquela pequena procissão, à luz de velas, pelas ruas de Canterbury. O papa havia santificado Tomás com uma velocidade quase indecente. Fora até criada uma nova ordem de monges-cavaleiros na Terra Santa chamada Cavaleiros de São Tomás de Acre. O rei Henrique não conseguira combater um

movimento popular de tal magnitude. Aquilo era poderoso demais para ser contido por um único indivíduo.

Para Philip, a importância de todo aquele fenômeno era o que demonstrava em relação ao poder do Estado. A morte de Tomás tinha revelado que, em um conflito entre Igreja e Coroa, o monarca sempre podia fazer sua vontade prevalecer por meio da força bruta. O culto a São Tomás, porém, provou que uma vitória conseguida por esses meios seria sempre vazia. No fim das contas, o poder de um rei não era absoluto: podia ser contido pela vontade do povo. Essa mudança havia ocorrido durante a vida de Philip. Ele não a havia apenas testemunhado, mas também ajudado a provocá-la. E a cerimônia desse dia iria comemorar esse fato.

Um homem atarracado e de cabeça grande surgiu da névoa de chuva caminhando em direção à cidade. Não calçava botas nem usava chapéu. Um pouco atrás dele vinha um grande grupo de pessoas a cavalo.

O homem era o rei Henrique.

Enquanto o rei encharcado percorria o chão lamacento até o portão da cidade, a multidão se manteve silenciosa como em um funeral.

Conforme fora combinado, Philip entrou na estrada, começou a andar na frente do rei descalço e caminhou na frente em direção à catedral. Henrique o seguiu com a cabeça baixa e o passo enérgico rigidamente controlado. Sua postura era a imagem da penitência. Os moradores da cidade assistiam pasmos e calados ao rei da Inglaterra fazendo aquela demonstração de humildade bem diante de seus olhos. A comitiva real o acompanhava de longe.

Philip conduziu Henrique lentamente pelo portão da catedral. As portas imensas da esplêndida igreja estavam abertas de par em par. Eles entraram, uma solene procissão de duas pessoas que representava o ápice da crise política do século. A nave estava lotada. A multidão abriu caminho para deixá-los passar. As pessoas cochichavam, estarrecidas com a visão do rei mais orgulhoso da cristandade entrando encharcado na igreja como se fosse um mendigo.

Os dois avançaram pela nave devagar e desceram os degraus até a cripta. Ali, junto ao túmulo recente do mártir, os monges de Canterbury aguardavam, acompanhados dos maiores e mais poderosos bispos e abades do reino.

O rei se ajoelhou no chão.

Seus cortesãos entraram na cripta atrás dele. Na frente de todos, Henrique II da Inglaterra confessou seus pecados e afirmou ter sido a causa involuntária do assassinato de São Tomás.

Depois de confessar, despiu a capa. Por baixo usava uma túnica verde e um cilício. Tornou a se ajoelhar e se curvou.

O bispo de Londres envergou uma vara.

O rei iria ser castigado.

Receberia cinco golpes de cada padre e três de cada monge ali presentes. Vergastadas simbólicas, naturalmente: como havia oitenta monges na cripta, se todos batessem de verdade eles o teriam matado.

O bispo de Londres tocou de leve as costas do rei com a vara cinco vezes. Então se virou e passou a vara para Philip, bispo de Kingsbridge.

Philip deu um passo à frente para castigar o rei. Ficou feliz por ter vivido para ver aquilo. Depois desse dia, pensou, o mundo nunca mais seria o mesmo.

agradecimentos

Devo agradecimentos especiais a Jean Gimpel, Geoffrey Hindley, Warren Hollister e Margaret Wade Labarge por me permitirem usar seu conhecimento enciclopédico sobre a Idade Média.

Agradeço também a Ian e Marjory Chapman pela paciência, pelo incentivo e pela inspiração.

Sobre o autor

© Olivier Favre



KEN FOLLETT irrompeu no cenário da literatura aos 27 anos, com *O buraco da agulha*, thriller premiado que chegou ao topo das listas de mais vendidos em vários países. Depois de outros sucessos do gênero, surpreendeu a todos com *Os pilares da terra*, que ficou na lista de mais vendidos do *The New York Times* por dezoito semanas em seu lançamento e voltou a liderá-la em 2007. Também foi a obra mais vendida no Canadá, no Reino Unido, na Itália e na Alemanha – nesta, ao longo de seis anos. A minissérie baseada no livro foi ao ar em 2010, com produção de Ridley Scott.

As obras de Ken Follett já venderam mais de 150 milhões de exemplares. Seu livro mais recente, *Eternidade por um fio*, último volume da trilogia “O Século” (composta também por *Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*), foi direto para a primeira posição das listas de mais vendidos de vários países.

No Brasil, além dessa trilogia, a Editora Arqueiro publicou *Mundo sem fim*, ambientado em Kingsbridge dois séculos depois de *Os pilares da terra*, *Um lugar chamado liberdade* e *As espiãs do Dia D*. O autor vive na Inglaterra com a mulher, Barbara Follett.

Para mais informações, visite o site ken-follett.com/br

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR



Mundo sem fim

Uma guerra que dura cem anos. Uma praga que devasta um continente. Uma rivalidade que pode destruir tudo.

Na Inglaterra do século XIV, quatro crianças se esgueiram da multidão que sai da catedral de Kingsbridge e vão para a floresta. Lá, elas presenciam a morte de dois homens. Já adultas, suas vidas se unem numa trama feita de determinação, desejo, cobiça e retaliação. Elas verão a prosperidade e a fome, a peste e a guerra. Apesar disso, viverão sempre à sombra do inexplicável assassinato ocorrido naquele dia fatídico.

Ken Follett encantou milhões de leitores com *Os pilares da terra*, um épico magistral e envolvente com drama, guerra, paixão e conflitos familiares sobre a construção de uma catedral na Idade Média.

Agora *Mundo sem fim* leva o leitor à Kingsbridge de dois séculos depois, quando homens, mulheres e crianças da cidade mais uma vez se

digladiam com mudanças devastadoras no rumo da História.

“Um maravilhoso épico sobre a Inglaterra medieval. Altamente estimulante.” – *The Washington Post*

“Um imenso elenco de personagens realmente memoráveis. Apesar de ser tentador, este não é um livro para ser devorado de uma vez só, mas saboreado por todo o drama, profundidade e riqueza.” – *Library Journal*



Um lugar chamado Liberdade

Desde pequeno, Mack McAsh foi obrigado a trabalhar nas minas de carvão da família Jamisson e sempre ansiou por escapar. Porém, o sistema de escravidão na Escócia não possui brechas e a mínima infração é punida severamente. Sem perspectivas, ele se vê sozinho em seus ousados ideais libertários.

Durante uma visita dos Jamissons à propriedade, Mack acaba encontrando uma aliada incomum: Lizzie Hallim, uma jovem bela e bem-nascida, mas presa em seu inferno pessoal, numa sociedade em que as mulheres devem ser submissas e não têm vontade própria.

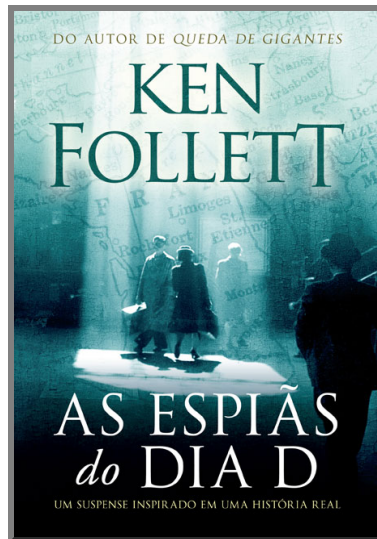
Apesar de separados por questões políticas e sociais, os dois estão ligados por sua apaixonante busca pela liberdade e verão o destino entrelaçar suas vidas de forma inexorável.

Das fervilhantes ruas de Londres às vastas plantações de tabaco da Virgínia, passando pelos porões infernais dos navios de escravos, Mack e Lizzie protagonizam uma história de paixão e inconformismo em meio a lutas épicas que vão marcá-los para sempre.

Com 8 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, *Um lugar chamado Liberdade* é mais uma prova de que Ken Follett é um mestre absoluto em criar tramas complexas e emocionantes.

“Uma aventura arrebatadora, que deixará o leitor obcecado.” – *Today*

“História e romance em uma jornada inegavelmente prazerosa.” –
Kirkus Reviews



As espiãs do Dia D

Segunda Guerra Mundial. Na fúria expansionista do Terceiro Reich, a França é tomada pelas tropas de Hitler. Os alemães ignoram quando e onde, mas estão cientes de que as forças aliadas planejam libertar a Europa.

Para a oficial inglesa Felicity Clairret, nunca houve tanto em jogo. Ela sabe que a capacidade de Hitler repelir um ataque depende de suas linhas de comunicação. Assim, a dias da invasão pelos Aliados, não há meta mais importante que inutilizar a maior central telefônica da Europa, alojada num palácio na cidade de Sainte-Cécile.

Porém, além de altamente vigiado, esse ponto estratégico é à prova de bombardeios. Quando Felicity e o marido, um dos líderes da Resistência francesa, tentam um ataque direto, Michel é baleado e seu grupo, dizimado.

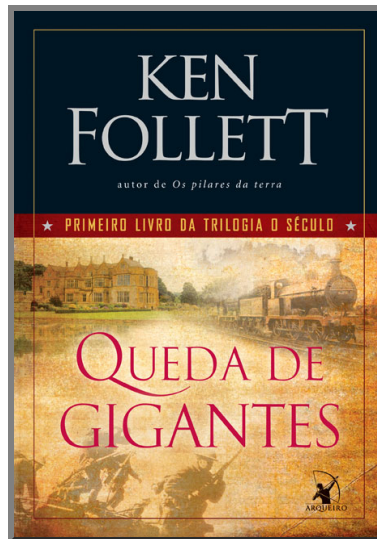
Abalada pelas baixas sofridas e com sua credibilidade posta em questão por seus superiores, a oficial recebe uma última chance. Ela tem nove dias para formar uma equipe de mulheres e entrar no palácio sob o disfarce de faxineiras.

Arriscando a vida para salvar milhões de pessoas, a equipe Jackdaws tentará explodir a fortaleza e aniquilar qualquer chance de comunicação

alemã – mesmo sabendo que o inimigo pode estar à sua espera.

As espiãs do Dia D é um thriller de ritmo cinematográfico inspirado na vida real. Lançado originalmente como *Jackdaws*, traz os personagens marcantes e a narrativa detalhada de Ken Follett.

“Uma visão empolgante do perigoso mundo de pessoas corajosas que confrontaram os monstros nazistas em seu covil.” – *Library Journal*



Queda de gigantes

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia O Século, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns, que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.

Ao descrever a saga de famílias de diferentes origens – uma inglesa, uma galesa, uma russa, uma americana e uma alemã –, o autor apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista.

Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos

aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos em busca de um futuro melhor. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos.

O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz.

Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.

Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, *Queda de gigantes* retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.



Inverno do mundo

Depois do sucesso de *Queda de gigantes*, Ken Follett dá sequência à trilogia histórica O Século com um magnífico épico sobre o heroísmo da Segunda Guerra Mundial e o despertar da era nuclear.

Inverno do mundo retoma a história do ponto exato em que termina o primeiro livro. As cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa – que tiveram seus destinos entrelaçados no alvorecer do século XX embarcam agora no turbilhão social, político e econômico que começa com a ascensão do Terceiro Reich. A nova geração terá de enfrentar o drama da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, culminando com a explosão das bombas atômicas.

A vida de Carla von Ulrich, filha de pai alemão e mãe inglesa, sofre uma reviravolta com a subida dos nazistas ao poder, o que a leva a cometer um ato de extrema coragem. Woody e Chuck Dewar, dois irmãos americanos cada qual com seu segredo, seguem caminhos distintos que levam a eventos decisivos – um em Washington, o outro nas selvas sangrentas do Pacífico.

Em meio ao horror da Guerra Civil Espanhola, o universitário inglês Lloyd Williams descobre que tanto o comunismo quanto o fascismo têm de ser combatidos com o mesmo fervor. A jovem e ambiciosa americana

Daisy Peshkov só se preocupa com status e popularidade até a guerra transformar sua vida mais de uma vez. Enquanto isso, na URSS, seu primo Volodya consegue um cargo na inteligência do Exército Vermelho que irá afetar não apenas o conflito em curso, como também o que está por vir.

Como em toda obra de Ken Follett, o contexto histórico pesquisado com minúcia é costurado de forma brilhante à trama, povoada por personagens que esbanjam nuance e emoção. Com grande paixão e mão de mestre, o autor nos conduz a um mundo que pensávamos conhecer e que a partir de agora não parecerá mais o mesmo.



Eternidade por um fio

Durante toda a trilogia O Século, Ken Follett narrou a saga de cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa. Neste livro que encerra a série, o destino de seus personagens é selado pelas decisões dos governos, que deixam o mundo à beira do abismo durante a Guerra Fria.

Esta inesquecível história de paixão e conflitos acontece numa das épocas mais tumultuadas da história: a enorme turbulência social, política e econômica entre as décadas de 1960 e 1980, com o Muro de Berlim, assassinatos, movimentos políticos de massa, a crise dos mísseis de Cuba, escândalos presidenciais e... rock 'n' roll!

Na Alemanha Oriental, a professora Rebecca Hoffmann descobre que durante anos foi espionada pela polícia secreta e comete um ato impulsivo que afetará para sempre a vida de sua família, principalmente a de seu irmão Walli, que anseia atravessar o muro e fazer carreira como músico no Ocidente.

Nos Estados Unidos, o jovem advogado George Jakes, filho de um casal mestiço, abre mão de uma carreira promissora para trabalhar no Departamento de Justiça do governo Kennedy e acaba se vendo no turbilhão pela luta em prol dos Direitos Civis.

Na Rússia, Dimka Dvorkin, jovem assessor de Nikita Krushev, torna-

se um agente primordial no Kremlin, enquanto os atos subversivos de sua irmã gêmea, Tanya, a levarão de Moscou para Cuba, Praga, Varsóvia – e para a História.

Do extremo sul dos Estados Unidos à vastidão da Sibéria, da isolada Cuba ao ritmo das ruas da Londres dos anos 1960, *Eternidade por um fio* encerra com maestria a história de pessoas que acreditaram em seus sonhos e, assim, mudaram o mundo.

“Esta hipnotizante conclusão da trilogia é uma leitura gratificante, de temática densa, mas com ritmo e trama envolventes, grandes façanhas dos personagens, dramas familiares e intriga internacional.” – *Publishers Weekly*

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate e O milagre, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução e Lições do desejo, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência de investigações holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prefácio à nova edição brasileira

Introdução

Prólogo

PARTE I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

PARTE II

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

PARTE III

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

PARTE IV

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

PARTE V

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

PARTE VI

Capítulo 17

Capítulo 18

Agradecimentos

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros livros do autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)